



GIOVANNI BOCCACCIO
O DECAMERÃO



GIOVANNI BOCCACCIO

O DE CAME RÃO



Volume 1

Volume 2

Tradução RAUL DE POLILLO

Introdução EDOARDO BIZZARRI

3ª EDIÇÃO



Título original: Il Decamerone

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B643d

3. ed.

Boccaccio, Giovanni, 1313-1375

O Decamerão [recurso eletrônico]: volumes I e II / Giovanni Boccaccio; tradução Raul de Polillo; introdução Edoardo Bizzarri. – 3. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
recurso digital

Tradução de: Il Decamerone

Formato: ebook

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788520943083 (recurso eletrônico)

1. Novela italiana. 2. Livros eletrônicos. I. Polillo, Raul de. II. Bizzarri, Edoardo. III. Título.

18-51227

CDD: 853

CDU: 82-32(450)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

SUMÁRIO

VOLUME 1

Introdução à leitura de *O Decamerão*
O critério normativo desta tradução
Proêmio

PAMPINEIA — PRIMEIRA JORNADA

Primeira novela
Segunda novela
Terceira novela
Quarta novela
Quinta novela
Sexta novela
Sétima novela
Oitava novela
Nona novela
Décima novela
Despedida

FILOMENA — SEGUNDA JORNADA

Primeira novela
Segunda novela
Terceira novela
Quarta novela
Quinta novela
Sexta novela

Sétima novela
Oitava novela
Nona novela
Décima novela
Despedida

NEIFILE — TERCEIRA JORNADA

Primeira novela
Segunda novela
Terceira novela
Quarta novela
Quinta novela
Sexta novela
Sétima novela
Oitava novela
Nona novela
Décima novela
Despedida

FILÓSTRATO — QUARTA JORNADA

Primeira novela
Segunda novela
Terceira novela
Quarta novela
Quinta novela
Sexta novela
Sétima novela
Oitava novela
Nona novela
Décima novela
Despedida

FIAMMETTA — QUINTA JORNADA

Primeira novela

Segunda novela
Terceira novela
Quarta novela
Quinta novela
Sexta novela
Sétima novela
Oitava novela
Nona novela
Décima novela
Despedida

VOLUME II

ELISA — SEXTA JORNADA

Primeira novela
Segunda novela
Terceira novela
Quarta novela
Quinta novela
Sexta novela
Sétima novela
Oitava novela
Nona novela
Décima novela
Despedida

DIONEIO — SÉTIMA JORNADA

Primeira novela
Segunda novela
Terceira novela
Quarta novela
Quinta novela
Sexta novela

Sétima novela
Oitava novela
Nona novela
Décima novela
Despedida

LAURINHA — OITAVA JORNADA

Primeira novela
Segunda novela
Terceira novela
Quarta novela
Quinta novela
Sexta novela
Sétima novela
Oitava novela
Nona novela
Décima novela
Despedida

EMÍLIA — NONA JORNADA

Primeira novela
Segunda novela
Terceira novela
Quarta novela
Quinta novela
Sexta novela
Sétima novela
Oitava novela
Nona novela
Décima novela
Despedida

PÂNFILO — DÉCIMA JORNADA

Primeira novela

Segunda novela
Terceira novela
Quarta novela
Quinta novela
Sexta novela
Sétima novela
Oitava novela
Nona novela
Décima novela
Despedida

Conclusão do autor



GIOVANNI BOCCACCIO

O DE CAME RÃO



Volume 1

Tradução RAUL DE POLILLO

Introdução EDOARDO BIZZARRI

3ª EDIÇÃO





INTRODUÇÃO À LEITURA DE O DECAMERÃO

Edoardo Bizzarri

Giovanni Boccaccio, filho natural do mercador florentino, Boccaccio di Chellillo, pode, por direito, considerar-se o pai da narrativa europeia.

Naturalmente, antes de Boccaccio (que viveu de 1313 a 1375), e de *O Decamerão* (escrito entre os anos de 1348 e 1353), encontra-se, em alguns países da Europa, sobretudo na França e na Itália, uma produção novelística. Primordial e invencível é, no homem, a necessidade de contar e ouvir histórias. Mas a produção novelística anterior a Boccaccio, mais do que expressar e satisfazer, documenta essa necessidade, que no plano artístico permanece completamente inarticulada; as novelas, ou correspondem a uma exclusiva finalidade de edificação moral e religiosa, ou registram, esquematicamente, frases espirituosas e fatos notáveis de homens ilustres, ou, enfim, nos melhores casos, resolvem-se na transposição do fato humano para a lenda e para a fábula.

Com Boccaccio, porém, a novela sai do limbo em que artisticamente se encontrava circunscrita, pois, pela primeira vez, na literatura europeia, é concebida e realizada como obra de arte. Não queremos com isto aludir, simplesmente, ao fato de que, pela primeira vez em *O Decamerão*, a novela é construída segundo um critério eminentemente artístico de narração, evidenciando-se os acontecimentos pela progressiva construção do ambiente e dos personagens. Nem queremos acentuar, tampouco, que, pela primeira vez, o estilo da narração seja fruto de cuidada elaboração artística, dando vida ao primeiro grande monumento da prosa de arte, em língua vulgar.

O ponto fundamental (e do qual deriva qualquer outra inovação) é que, pela primeira vez, em Boccaccio, a novela se apresenta como realidade

autônoma, cuja finalidade se resolve por completo na própria narrativa, finalidade esta que é provocar o riso ou o sorriso do leitor, comovê-lo ou fazê-lo estremecer diante da infinita variedade de fatos humanos, dos inexauríveis aspectos da natureza humana.

Essa radical novidade de atitude, em face da matéria a narrar, se reflete não só em cada uma das novelas, mas também na concepção total de *O Decamerão*, particularmente harmoniosa, inteiriça e una. O título da obra (formado do grego, segundo um costume caro de Boccaccio) significa “as dez jornadas”, e *O Decamerão* é, de fato, a narração de como um alegre grupo, constituído de sete mulheres e três homens, transcorre o tempo, entre outras coisas, contando histórias, durante os dias terríveis da peste de 1348.

Já em anteriores coletâneas, notadamente de origem oriental (*As mil e uma noites* e *O livro dos sete sábios*), encontramos as novelas apresentadas em esquema de ficção, compostas, como se costuma dizer, dentro de uma “moldura”. Mas enquanto naquele caso a “moldura” não passa de superficial expediente, ou artifício exterior, em *O Decamerão* corresponde a bem diferentes intenções e se traduz numa diversa realidade de arte: é narração, ela mesma, no sentido mais amplo, isto é, criação de ambiente e de caracteres; dá a particular atmosfera, serena e afastada do cotidiano, na qual vive, e só na qual se pode compreender o mundo de Boccaccio; finalmente, faz parte integrante, ela mesma, daquela vasta representação humana em que se projetam, se resolvem, e encontram a sua superior unidade, todas as novelas de *O Decamerão*.

As novelas de *O Decamerão* apresentam os mais diferentes tipos de narração; vão do conto complexo, rico de enredo, à simples anedota e à piada; obedecem às mais variadas inspirações, do cômico ao trágico, do burlesco ao heroico; tratam dos mais diferentes assuntos. Tanto é assim que nelas se reflete toda a sociedade contemporânea, nos seus múltiplos aspectos, do plebeu ao cavalheiresco, da burguesia culta àquela exclusivamente mercantil. Boccaccio — ao que parece — não inventa o material de suas novelas (embora de poucas se tenha podido encontrar fonte segura); e é certo, em todo caso, que ele quer dar ao conto o aspecto de um fato realmente ocorrido. Na realidade — e aqui se encontra outro aspecto novo, fundamental e fecundo de consequências no escritor —, a Boccaccio não interessa tanto o fato, como a criação do ambiente e dos personagens; não o enredo, mas o caráter; não os acontecimentos, mas o desenvolvimento psicológico.

Na observação e na representação da realidade humana, Boccaccio procede com espírito de absoluta liberdade, desconhecido à mentalidade medieval, anunciando, implicitamente, a reconquista completa da personalidade humana. Livre de limites exteriores, seu interesse se encaminha, com um realismo que poderia parecer irreverência, para os homens de todas as camadas sociais, não excluindo os religiosos e a Igreja. É livre, também, de limites interiores; não há nele intenções, propósitos, ideais pessoais de caráter extra-artístico, que se sobreponham ao conto. Pode-se-lhe notar instintiva complacência pelo cômico, como também se podem individualizar, da livre variedade de sua inspiração, dois motivos principais, o amor e a inteligência, ambos na infinita gama de suas manifestações, das mais imediatas, instintivas, e até ignóbeis, às mais refinadas e gentis. Mas nestes dois motivos — como se vê — podem reagrupar-se as próprias forças que agitam e guiam a humanidade, quando considerada (e Boccaccio a considera) no plano da pura realidade natural, fora de qualquer valor histórico e ambiental. Na verdade, os motivos de inspiração de Boccaccio são múltiplos e sutis, fugindo a qualquer tentativa de catalogação.

A riqueza do mundo e da fantasia de Boccaccio, isto é, a capacidade do escritor de ajustar-se a qualquer estado de alma e a qualquer situação humana, de fato não tem limites senão naquela visão naturalística da vida, de que é o fruto. *O Decamerão*, portanto, vai muito além da colorida representação da sociedade da época, e constitui, como tem sido notado, uma grande “comédia humana”, não em contraste, porém, relativamente à “comédia divina” de Dante, mas, diríamos, como sua necessária integração; uma, fixando, na imaginária viagem do Além, a épica eterna, a eterna aventura interior do homem; a outra, fixando, na moldura da imaginária vida fiesolana, as cotidianas aventuras dos homens.

É fundamental, por outro lado, não esquecer que o mundo boccacciano vive além de qualquer postulado e de qualquer intenção moral, além da sátira, como da exaltação — no puro prazer da representação humana. Querer ver, no riso de Boccaccio, o escárnio, ou vislumbrar a sátira com certo irreverente realismo, é extremamente perigoso. Pode-se acabar perdendo completamente de vista o sentido e o sabor da arte de Boccaccio. Arte extremamente sutil e profunda. As suas características essenciais são: naturalismo, que nele é o resultado de uma poética assimilação do mundo clássico; realismo, amparado por uma aguda penetração psicológica, expressão da civilização burguesa, florescida na Itália comunal; puro intento narrativo. E como este último nasce

da harmônica fusão dos dois primeiros elementos (depois das várias e laboriosas experiências literárias da juventude), assim a prosa de Boccaccio, na expressão madura de *O Decamerão*, nasce da compenetração do culto clássico da retórica e do gosto instintivo da linguagem popular. Certamente, numa tradução para outra língua, perdem-se certos valores fundamentalmente poéticos do estilo de Boccaccio. Nem poderia ser de outra forma. Mas se o autor da presente tradução, quebrando o ritmo inimitável do período boccacciano, conseguir — como cremos — tornar mais facilmente acessível, aos leitores brasileiros de hoje, um texto fundamental como *O Decamerão*, sua árdua tarefa merecerá incondicionais elogios.

A influência exercida por Boccaccio sobre o posterior desenvolvimento da literatura foi enorme; e não se limitou apenas ao gênero da novela, da qual *O Decamerão* constituiu modelo e exemplo, dentro e fora da Itália, durante mais de dois séculos.

Na sua pátria, Boccaccio foi elevado à categoria de mestre do estilo e considerado “o pai da prosa italiana”, definição que, compreendida nos limites já indicados, permanece válida ainda hoje. Fora da Itália, e no seu mesmo século, Boccaccio influenciou e estimulou a poesia do primeiro grande poeta inglês, Geoffrey Chaucer. E, no século XVI, com imitações e traduções de Boccaccio, tem origem, propriamente, a literatura novelística da França, da Inglaterra e da península Ibérica.

A importância histórica de Boccaccio, porém, excede, repetimos, os limites de um gênero literário, e abrange todo o campo da literatura e da arte, no seu mais amplo sentido. Não menos que Petrarca, Boccaccio rompe, de fato, os últimos vínculos medievais, antecipando a idade moderna e abrindo caminho à arte nova.

Se Petrarca teve o mérito de intuir a divisão entre o mundo clássico e o mundo medieval, precipitando o Humanismo, Boccaccio tem o mérito de haver colhido, por instinto superior de artista, fora de qualquer sistematização crítica, tudo quanto de mais poético e vivo se encontrava no mundo clássico e no mundo medieval, fundindo-o e renunciando, conseqüente e diretamente, a arte da Renascença, precisamente inspirada por um naturalismo no qual realismo e psicologismo se equilibram no puro gosto da representação humana. Isto explica o sucesso e a influência das obras de Boccaccio, mesmo das menores, em toda a literatura europeia do período renascentista.

Enquanto Petrarca amplia, desmedidamente, o horizonte da poesia, elevando todo estado de alma, toda fugaz atitude do sentimento, à categoria de

arte, que tem em si mesma a sua justificação, Boccaccio novelista, implicitamente, libera a arte dos últimos resíduos medievais e dos derradeiros vínculos conceitualísticos, erguendo todo o fato humano, na sua essencial naturalidade, à categoria de criação artística. O amor da criada, não menos do que aquele da senhora, as aventuras rueiras, como aquelas da corte, a vida do povo, como a da aristocracia, são elevados à dignidade de arte.

É assim, com Giovanni Boccaccio, com o autor de *O Decamerão*, também chamado “Giovanni della Tranquillità”, que se afirma e se realiza, pela primeira vez, ao menos na cultura europeia, a absoluta liberdade da fantasia criadora do artista.



O CRITÉRIO NORMATIVO DESTA TRADUÇÃO

Raul de Polillo

Ao contrário do que talvez possa parecer à primeira vista, o critério normativo, para a realização desta tradução de *Il Decamerone*, de Giovanni Boccaccio, não nasceu ao acaso. Como se verá pela leitura que se fizer, do trabalho vertido, no Brasil, para o português, esse critério surgiu e se formou partindo de raciocínios bem definidos e claros, todos de ordem puramente cultural.

O PORTUGUÊS QUE SE ADOTOU

O primeiro de tais raciocínios se elaborou em torno do problema que consistiu em se determinar qual o português que se adotaria nesta tradução. E, para se optar, finalmente, pelo português em que esta tradução está consubstanciada, o mencionado raciocínio evoluiu da seguinte maneira:

Giovanni Boccaccio nasceu em 1313 e morreu em 1375. Os 62 anos de sua vida se passaram, pois, em pleno século XIV. Em 1350, quando Boccaccio, atingindo os 37 anos de idade, chegou à maturidade do seu espírito, ainda faltavam 150 anos (ou um século e meio) para a ocorrência do descobrimento do Brasil. Naquele ano, ainda faltavam 222 anos (ou dois séculos e um quarto) para o aparecimento da primeira edição de *Os Lusíadas* (que ocorreu em 1572).

No século XIV, que foi o de Boccaccio, ainda não havia, propriamente, literatura portuguesa; e o português que então se escrevia seria hoje ilegível, como facilmente se verifica por estes trechos da “Batalha do Salado”: “Disserõ a grâdes vozes...” — “Os iiijo mogotes dos iiijo mil caualeiros que estauã...” — “... como uos iá ei mostrado, uirõ que os cristãaos yam...” — etc.

Nestas condições, tornar-se-ia inteiramente absurda a tradução de Boccaccio para o português primitivo do seu tempo, tradução essa que, ainda que se fizesse, num gigantesco esforço de reconstrução arcaica da nossa língua, de nada valeria, porque ninguém, hoje, a poderia ler.

Ora: por força das circunstâncias cronológicas da formação do nosso idioma, em relação à formação do linguajar de Boccaccio, nenhum outro português, de nenhum outro século, proporcionaria margem para uma tradução dotada de fidelidade sintática, ou mesmo de correspondência histórica de vocábulos, no caso de *Il Decamerone*.

Se nenhum português, portanto, é melhor do que o atual, pela sintaxe e pela história, nós preferimos, então, adotar o atual, que, pelo menos, pode ser compreendido pelo leitor moderno, e pode ser utilizado sem infidelidade para com o original italiano. Nesta tradução em português atual, há fidelidade rigorosa ao espírito e à equivalência intelectual, tanto dos vocábulos, como das frases, em confronto com aquilo que Boccaccio escreveu.

Não se trata, aqui, de “tradução para o grande público”, no sentido pejorativo que a expressão implica. Trata-se, ao contrário, de tradução integral da obra, sem reconstruções, nem reelaborações, nem depurações; apenas, uma ou outra vez, adotamos alguns circunlóquios destinados a tornar legíveis, sem se melindrar o pudor de quem quer que seja, determinadas passagens que o autor apresentou com vocábulos cujos equivalentes seriam inadmissíveis em português de letra de forma. Fizemos, pois, uma tradução para ser lida e entendida por todo aquele que possa ler e entender Boccaccio, e que, por isso mesmo, revela a posse de um espírito de escol.

○ ITALIANO DE BOCCACCIO

O que impressiona, em Giovanni Boccaccio, do ponto de vista do estilo, é, ao lado da vetustez da frase, sempre formosa, a vetustez da sintaxe, sempre ornada de uma complexidade eficaz, mas desconcertante.

Quanto aos vocábulos, importa assinalar que cerca de uns 90% das palavras usadas pelo autor ainda hoje se usam correntemente, com as mesmas acepções, na língua italiana escrita e falada. Apenas umas poucas mudaram sensivelmente de acepção, como é o caso, por exemplo, da palavra “prigioniero” (em português, “prisioneiro”); esta palavra, em Boccaccio, é usada para designar o homem que constrói prisão, ou que toma conta de prisão, e não — como no italiano e no português atuais — o homem que está encerrado na prisão. E apenas umas poucas caíram em desuso total, como, por exemplo, se vê nesta frase: — “... a otta a otta la presentava” — para significar “de quando em quando a presenteava” (segunda novela da oitava jornada). A palavra “otta” está inteiramente cancelada do idioma italiano, em qualquer das suas acepções.

De todos os vocábulos empregados por Boccaccio, em *O Decamerão*, só um não existe em dicionário algum, antigo ou moderno, da língua italiana. É o vocábulo “casesi”, que, em algumas edições, se modifica para “cassesì”. Aparece na segunda novela da quarta jornada. É palavra que, segundo os melhores comentaristas, resultou de erro de escrita, feito por algum copista manual antigo, e depois transmitido de edição em edição, até aos nossos dias.

Quanto à sintaxe, porém, seria impossível tornar agradável a leitura, em português, se se acompanhasse a usada por Boccaccio, na sua língua, que é irmã mais velha da nossa.

Para ilustrar o caso, o melhor é exemplificar com a realidade. Assim:

1º exemplo — Na primeira novela da quarta jornada, Boccaccio tem este período, que aqui vai textualmente reproduzido:

“E certi altri in altra guisa essere state le cose da me raccontate, che come io vi porgo, s’ingegnano, in detrimento della mia fatica, di dimostrare.”

Isto, na sintaxe corrente do italiano atual, seria escrito assim, com as mesmas palavras:

“E certi altri s’ingegnano di dimostrare, in detrimento della mia fatica, essere state in altra guisa, che come io vi porgo, le cose da me raccontate.”

Como se vê, afora a sintaxe, o italiano de Boccaccio é ainda o de hoje.

Isto, em tradução portuguesa, que acompanhasse a sintaxe boccacciana, daria o seguinte:

“E certos outros, de outra maneira terem sido as coisas por mim contadas, não como eu as apresento, se esforcam, em detrimento do meu trabalho, por

demonstrar.”

Em português corrente, porém, sem prejuízo algum, e com legibilidade infinitamente maior, a tradução justa, e que adotamos, dá:

“Há, ainda, certos outros que se esforçam por demonstrar, em detrimento do meu trabalho, que as coisas por mim contadas transcorreram de outra maneira, e não como eu as apresento.”

O nosso “Há, ainda” — em lugar do “E”, do início do período original de Boccaccio — decorre da harmonia da sequência prosódica da tradução, onde o “Há, ainda” nos pareceu ficar melhor do que o “E”.

2º exemplo — Na segunda novela da oitava jornada, Boccaccio escreveu:

Ora avvenne che, tra l’altre sue popolane che prima gli eran piaciute, una sopra tutte ne gli piacque che aveva nome monna Belcolore, moglie d’un lavoratore che si facea chiamare Bentivegna del Mazzo, la qual nel vero era pure una piacevole e fresca foresozza, bruonzza e ben tarchiata et atta a meglio saper macinar che alcuna altra: et oltre a ciò, era che meglio sapeva sonare il cembalo e cantare “L’acqua corre alla borrana” e menare la ridda e il ballonchio, quando bisogno facea, che vicina che ella avesse, con un bel moccichino e gentile in mano.

Este enorme período seria escrito assim, na sintaxe corrente do italiano atual, com as mesmas palavras:

Ora: avvenne che, tra l’altre sue popolane, che prima gli eran piaciute, ne gli piacque sopra tutte una che aveva nome monna Belcolore, moglie d’un lavoratore che si facea chiamare Bentivegna del Mazzo; la qual, nel vero, era pure una foresozza piacevole e fresca, brunazza e ben tarchiata, et atta a saper macinar meglio che alcuna altra; et oltre a ciò, era che sapeva, meglio che vicina che ella avesse, sonare il cembalo, e cantare “L’acqua corre alla borrana”, e, quando bisogno facea, menare la ridda e il ballonchio, con un moccichino, bello e gentile, in mano.

Percebe-se, de novo, que, a despeito de um ou outro modo algo antiquado, mas não em desuso, o italiano de Boccaccio se compunha das mesmas palavras do italiano atual — mas com outra sintaxe, irreconhecivelmente diversa.

Vamos, agora, à tradução do mesmo período. Se quiséssemos acompanhar a sintaxe boccacciana, teríamos, em português, isto:

Ora aconteceu que, entre as outras suas paroquianas, de que antes ele havia gostado, de uma, sobre todas as outras, ele gostou, que tinha por nome monna Belcolore, esposa de um trabalhador que se fazia chamar Bentivegna del Mazzo, a qual, na verdade, era também uma agradável e fresca camponesinha, morenota e robusta, e mais apta a melhor saber moer do que qualquer outra; e além disto era a que melhor sabia tocar o címbalo e cantar “A água corre para o rego”, e conduzir a roda e o balancê, quando se fazia necessário, do que vizinha que tivesse, com um pequeno lenço, bonito e delicado, na mão.

Na tradução que fizemos, o resultado é este, por certo muito mais compreensível, sem prejuízo sequer de uma palavra do original:

Ora: aconteceu que, entre as outras suas paroquianas, de que antes ele havia gostado, ele gostou, mais do que de todas as outras, de uma que tinha o nome de Monna Belcolore; era esposa de um trabalhador que se fazia chamar Bentivegna del Mazzo. Em verdade, ela era também uma camponesinha agradável e fresca, morenota e robusta, mais indicada, do que qualquer outra, para dar ao moinho. Além disso, era a que mais bem sabia tocar o címbalo e cantar “A água corre para o rego”; era, igualmente, a que, quando necessário, sabia conduzir, melhor do que qualquer vizinha que tivesse, a roda e o balancê; e o fazia levando, na mão, um pequeno lenço, bonito e delicado.

Pensamos que bastam estes esclarecimentos e estes exemplos para pôr em relevo o fato de havermos feito uma tradução certa, da obra completa, do imortal novelista Giovanni Boccaccio.

PROÊMIO

Começa o livro chamado O DECAMERÃO, cognominado PRÍNCIPE GALEOTTO, no qual se contém cem novelas, contadas em dez jornadas, por sete mulheres e três homens moços.¹

É humano ter a gente compaixão dos aflitos. Fica bem esse sentimento a qualquer pessoa; entretanto, mais ainda se exige que dele deem mostras as criaturas que já precisaram de conforto, e o tenham recebido da parte de quem quer que seja. Eu figuro entre estas criaturas, se é que alguém já teve necessidade de compaixão — se este sentimento já foi caro a alguém —, se alguém dele já auferiu prazer. E isso porque, desde a minha primeira juventude, até o tempo presente, sempre me senti inflamado por um amor altíssimo e nobre. Narrando-o, talvez dê a impressão de haver sido esse amor mais ardoroso do que devera ser, em face da minha humilde condição social. Contudo, por pessoas que eram discretas, e a cujo conhecimento o fato chegou, fui louvado por isso.

Apesar de haver conquistado a fama devido a esse amor, ainda assim muito sofri por o ter alimentado. Certo, não padeci por via de crueldade da mulher amada. Padeci em consequência de excessivo ardor concebido em espírito, por força de uma ansiedade desordenada. Não permitia essa ansiedade que eu me detivesse dentro dos limites convenientes; e, por isso, causava-me, frequentemente, mais aborrecimentos do que o que poderia ter sido razoável. Para esses aborrecimentos, muito refrigerio e louvável consolo me proporcionaram os raciocínios de algum amigo; tanto é assim que estou firmemente convencido de que foi por virtude de tais raciocínios que não morri.

Aquele que, sendo infinito, determinou, por lei irrevogável, que todas as coisas terreas tenham fim, aprovou, entretanto, que o meu amor, mais fervoroso do que qualquer outro, por si mesmo acabasse reduzindo a própria intensidade, pelo simples efeito do correr o tempo. Era um amor que nenhuma

força de argumentação, nem de conselho, nem de vergonha, nem mesmo de perigo, havia podido dobrar, e menos ainda dissipar.

De si, o mencionado amor só me deixou, no espírito, presentemente, o prazer que a paixão costuma proporcionar a quem, navegando, não se engolfa muito nos pélagos sombrios. Visto que se tornara penoso, e uma vez que se dissipou, aquele amor me deixou apenas uma sensação de deleite.

Ainda assim, embora cessado o sofrimento, nem por isso se desvaneceu a memória dos benefícios recebidos da parte daqueles aos quais, em virtude de benevolência manifestada para comigo, as minhas angústias fizeram injustamente padecer. Nem essa memória se apagará jamais, ao que presumo, a não ser por obra da morte.

A gratidão, no meu modo de entender, deve ser colocada entre as virtudes; e a ingratidão deve ser lamentada. Para não ser ingrato, propus-me, a mim mesmo, agora, que me considero livre, a tarefa de oferecer algum alívio, dentro do que me é possível, em troca daquilo que recebi. Se não o presto àqueles que me ajudaram, presto-o, ao menos, àqueles aos quais possa valer. Sem embargo de ser muito pouco o alívio, ou o conforto, ou o que quer que seja, aos que disso precisam, ainda assim me parece que ele deve ser oferecido àqueles para os quais a necessidade é maior, seja porque a eles mais bem fará, seja porque, assim, mais carinhosamente será compreendido.

E quem negará, por importante que seja, que convém dar este alívio, este conforto, mais às mulheres belas, do que aos homens? Elas conservam ocultas, dentro do seu seio delicado, as labaredas amorosas. Temem envergonhar-se; retraem-se. As labaredas escondidas têm mais vigor do que as ostentadas; e disto sabem os que já as provaram. Além do que, elas, as mulheres, constrangidas pelos desejos, pelos caprichos e pelas determinações dos pais, das mães, dos irmãos e dos maridos, se mantêm a maior parte do tempo fechadas em seus aposentos; ali se ficam, ociosas, sentadas, querendo e não querendo; na mesma hora, alimentam pensamentos diversos, e não é possível que tais pensamentos sejam sempre alegres. Se, devido a esses pensamentos, alguma melancolia, provocada por anseios ardorosos, sobrevém ao espírito delas, do seu espírito convém que se trate, com o maior cuidado, se por novos raciocínios a melancolia não se remove. Sem isto, as mulheres são muito menos fortes do que os homens, e requerem amparo.

Estas coisas não acontecem aos homens enamorados, como podemos abertamente ver. Os homens, ao sentirem-se acossados pela melancolia ou pelo desânimo, encontram muitas formas de alívio, ou de entretenimento. Em

querendo, não lhes faltam ocupações, como a de ir de uma parte a outra, a de ouvir, a de ver coisas, a de armar alçapões aos pássaros, a de caçar, a de pescar, a de cavalgar, a de jogar, a de barganhar. Nestas atividades, cada qual possui força de prender, no todo ou em parte, o pensamento, afastando-o da preocupação mais dolorosa, ainda que mais não seja do que por breve espaço de tempo. Depois deste espaço de tempo, de uma ou de outra maneira, ou o consolo sobrevém, ou o sofrimento se faz menor.

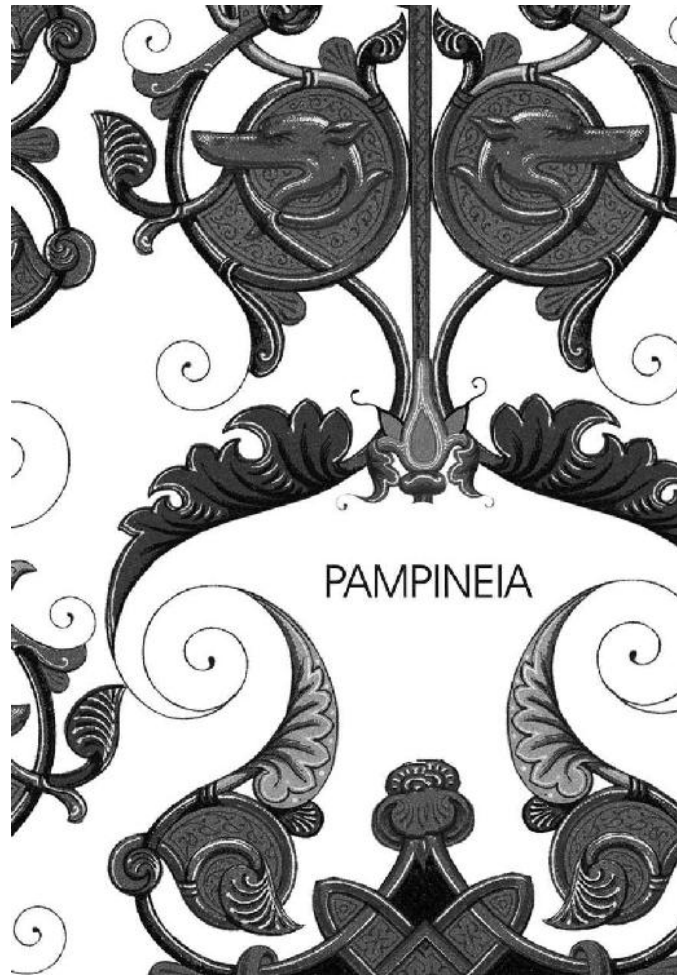
Portanto, a fim de que para mim se corrija o pecado da Sorte, pretendo contar cem novelas, ou fábulas, ou parábolas, ou histórias, ou o que quer que sejam. A Sorte foi menos favorável, como vemos, para as delicadas mulheres, e mais avara se lhes mostrou de amparo. Em socorro e refúgio daquelas que amam, é que escrevo (porquanto, para as outras, bastam a agulha, o fuso e a roca). O que escrevo são coisas contadas, em dez dias, por um grupo honrado de sete mulheres e de três moços, na época pestilenta da passada mortandade levada a cabo. Acrescentam-se algumas cantigas das mulheres antes referidas, cantadas a seu gosto. Nas mencionadas novelas, aparecerão casos de amor. Uns serão agradáveis; outros escabrosos. Registrar-se-ão outros acontecimentos felizes, ocorridos tanto nos tempos modernos, como nos antigos.

As mulheres já mencionadas, que lerem estas novelas, poderão colher deleite e conselho útil, das coisas reconfortantes mostradas através das narrativas. Elas ficarão sabendo aquilo de que convém fugir, e aquilo que, semelhantemente, se deve seguir. Não creio que deleite, conselho e exemplo possam obter-se sem que se sofram aborrecimentos. Se forem conseguidos sem aborrecimentos (e Deus queira que assim seja), elas, aquelas mulheres, rendam graças ao Amor que, libertando-me dos próprios vínculos, me permitiu que atendesse aos prazeres delas.

Nota

¹ DECAMERÃO é palavra formada por dois vocábulos gregos: **deca**, dez, e **imera**, dias, ou jornadas. É título que vem a calhar a estas cem novelas que foram contadas precisamente em dez dias. Giovanni Boccaccio, que foi o restaurador do prestígio da língua grega em Florença, Itália, escolheu este título, da composição grega, por mero capricho literário. Como segundo título, aplicou-lhe o de **Príncipe Galeotto**, em memória do verso de Dante: **Galeoto fu il libro e chi lo scrisse**. De acordo com o romance da Távola Redonda, o cavaleiro Galeotto favoreceu os amores de Lancelote e da rainha Genebra. Boccaccio deu, pois, este segundo título ao seu livro, para indicar que a sua leitura se indica no sentido de predispor ao amor o ânimo dos gentis-homens e das mulheres de classe.







PRIMEIRA JORNADA

Começa a primeira jornada de O DECAMERÃO. Nesta jornada, há, primeiro, a demonstração, feita pelo autor, do motivo pelo qual aquelas pessoas, que adiante se indicam, se reuniram e juntas passaram a conversar, sob o reinado de PAMPINEIA. Vem, depois, a palestra sobre aquilo que mais agrada a cada uma.



Muitas vezes, minhas graciosas mulheres, eu, pensando comigo mesmo, tomo em consideração o quanto vocês são piedosas por natureza. Conheço inúmeras mulheres para as quais, a seu juízo, esta obra terá começo triste e aborrecido. Triste e aborrecida é a dolorosa recordação da pestífera mortandade há pouco verificada. A cada um, e a todos, que a viram, ou dela tiveram conhecimento, ela foi prejudicial. E é essa recordação que esta obra traz em seu proêmio. Mas não desejo que isto as espante e as leve a desistir de ler até mais adiante, quase que entre suspiros e entre lágrimas, este proêmio. Não seja este horrível começo, para vocês, se não o que é uma montanha inóspita e íngreme, para os caminhantes; junto à montanha, imagine-se uma planície bela e encantadora; esta planície se fará, aos seus olhos, tanto mais agradável, quanto maior tiver sido a dificuldade da subida e da descida pelas encostas.

Visto que a dor se situa na extremidade oposta àquela em que a alegria se encontra, evidencia-se que os sofrimentos se concluem no instante em que começa a satisfação superveniente. A este breve aborrecimento — digo **breve** porque se contém em poucas palavras — se seguem solicitamente a doçura e o prazer. É isto o que pouco antes lhes prometi. Se não o dissesse, esse prazer não seria talvez esperado, em consequência do mencionado início.

A dizer a verdade, se eu pudesse, honestamente, conduzir vocês àquilo a que desejo, por outro caminho que não fosse árduo, como este o é, eu o teria feito. Entretanto, seja qual for a causa pela qual aconteceram as coisas que adiante se vão ler, essa causa nunca poderá ser demonstrada sem rememoração. E é por isto que me vejo quase coagido pela necessidade a escrever sobre ela.

Digo, pois, que já havíamos chegado ao ano profícuo da Encarnação do Filho de Deus, de 1348, quando, na egrégia cidade de Florença, mais bela do que qualquer outra cidade itálica, sobreveio a mortífera pestilência. Por iniciativa dos corpos superiores, ou em consequência das nossas ações iníquas, esta pestilência, lançada sobre os mortais por justa ira de Deus e para nossa expiação, começara nas plagas orientais, alguns anos antes. Essa pestilência privara aquelas plagas de inumerável quantidade de pessoas vivas. Sem tréguas, passara de um lugar a outro; e expandira-se miseravelmente para o Ocidente.

Naquela cidade de Florença, cuidado algum valeu, nem importou qualquer providência humana. A praga, quase no início da primavera do ano referido, começou, a despeito de tudo, a mostrar, horivelmente, e de modo miraculoso, os seus efeitos. De muita imundície a cidade se purificou, por obra de funcionários para tal fim admitidos. Proibiu-se a entrada, nela, de qualquer enfermo. Muitos conselhos se distribuíram, para a conservação do bom estado sanitário. De nada valeram as súplicas humildes, feitas em grande número, ora por pessoas devotas isoladas, ora por procissões humanas alinhadas, e ora por outras formas dirigidas a Deus.

A peste não se comportou, em Florença, como se comportara no Oriente. No Oriente, a saída do sangue, pelo nariz, fosse lá de quem fosse, constituía sinal manifesto de morte inevitável. Em Florença, no começo, apareciam, tanto nos homens como nas mulheres, seja na virilha, seja na axila, determinadas inchações. Destas, algumas cresciam como maçãs; outras, como ovo; umas cresciam mais; outras, menos; o vulgo dava-lhes a denominação de bubões. Das duas partes mencionadas do corpo, dentro em breve o citado tumor mortífero passava a repontar e a surgir por toda parte. Logo após, o aspecto da enfermidade começou a modificar-se; ela passou a pôr manchas negras ou lívidas nos doentes. Estas manchas se faziam presentes nos braços, nas coxas e em outras partes do corpo. Em algumas pessoas, as manchas se faziam grandes e raras; em outras, pequenas e abundantes. E, assim como, primeiro, o bubão fora, e ainda continuava a ser, indício fatal de futura morte, assim também as manchas se tornaram mortíferas, depois, para aqueles em que elas se instalavam.

No tratamento das referidas enfermidades, nem conselho de médico, nem virtude de remédio algum, parecia proporcionar cura, nem proveito. Ao contrário. Ou a natureza do mal nada disso tolerava, ou a ignorância dos curandeiros não sabia de onde partir e, por conseguinte, não se aplicava o remédio devido. Dos curandeiros, além dos cientistas, a quantidade se havia tornado enorme. Entre eles figuraram mulheres e homens que não tinham recebido, jamais, qualquer instrução sobre Medicina. Não somente é exato que eram poucos os que saravam, mas também é verdade que, ao contrário desses, quase todos, ao terceiro dia do aparecimento dos sinais acima apontados, morriam. Uns morriam mais cedo; outros, mais tarde; a maioria expirava sem qualquer febre, nem outra complicação.

Esta peste foi de grande violência; porque ela se lançava contra os sãos, partindo dos enfermos, desde que enfermos e sãos ficassem juntos. A peste

procedia, assim, de maneira não diversa da maneira pela qual procede o fogo; o fogo passa às coisas secas, ou untadas, quando elas lhe ficam muito próximas. O mal foi ainda além. Não somente o falar e o tratar com os enfermos davam, aos sãos, a enfermidade, por causa da morte comum, mas também o ato de se bulir na roupa, ou em qualquer outra coisa que houvesse sido tocada, ou usada por aqueles doentes, parecia transferir, a quem bulisse, a enfermidade mencionada.

É coisa que causa maravilha o ouvir o que devo dizer. Se o que se passou não fosse visto pelos olhos de muitos, bem como pelos meus, mal eu me afoitaria a crer na ocorrência, e menos ainda a escrever, por mais digna que fosse, de fé, a pessoa pela qual eu o ouvisse narrar. Asseguro que foi de tanta potência a peste descrita, no capricho de passar de um mortal a outro, que não somente de homem a homem ela se transferia; chegou muitas vezes a fazer, visivelmente, o que adiante se afirma, e que é muito mais: a coisa do homem enfermo, ou morto de tal enfermidade, quando tocada por outro ser, animal, fora da espécie do homem, não somente o contaminava, mas também o matava dentro de muito breve espaço de tempo. Deste fato, os meus olhos (como pouco antes se disse) tiveram, certo dia, entre outras vezes, a seguinte experiência: os trapos de um pobre homem, morto de tal enfermidade, foram atirados à rua. Dois porcos, segundo o seu costume, primeiro os sacudiram com o focinho, e depois o apanharam com os dentes, esfregando-os cada qual na própria cara. Uma breve hora depois, após algumas convulsões, como se houvessem tomado veneno, os dois porcos caíram mortos, por terra, sobre os farrapos em tão mau instante atirados à via pública.

Destas circunstâncias, e de muitas outras suas semelhantes, ou ainda piores, originavam-se muitos pavores e muitos lances de imaginação, nos que continuavam vivos.

E quase tudo se orientava para um fim assaz cruel: o de se ter nojo e de se fugir dos enfermos e das coisas deles. Assim procedendo, cada qual admitia estar assegurando a saúde para si próprio.

Havia pessoas que advertiam que o viver moderado e o evitar toda superfluidade muito contribuía para se resistir àquele mal. Estas pessoas, compondo o seu grupo exclusivista, viviam separadas de todas as outras. Recolhiam-se e fechavam-se em casas onde nenhum enfermo houvesse estado. Não procuravam viver melhor. Faziam uso temperado de alimentos delicados, bem como de vinhos excelentes. Fugiam a todo ato de luxúria. Não se entregavam a conversas com quem quer que fosse, nem queriam ouvir qualquer caso de morte, ou de enfermidade, dos que se encontravam do lado

de fora da casa que ocupavam. Entretinham-se com músicas e com os prazeres que pudessem auferir.

Outras pessoas, induzidas a formar opinião contrária a esta, afirmavam que eram remédios eficazes, para tamanho mal, o beber em abundância, o gozar intensamente, o ir cantando de um lado para outro, o divertir-se por todas as formas, o satisfazer o apetite fosse lá do que fosse, e o rir e o zombar do que acontecesse, ou pudesse acontecer. Como diziam, assim faziam, da maneira que se lhes tornasse possível, de dia e de noite. Ora iam a uma taverna, ora a outra; bebiam sem modos e sem comedimento. E mais ainda o faziam na casa dos outros, obrigando-os a ouvir o que eles tivessem vontade ou gosto de dizer. E podiam fazer isto sem maiores cuidados, porque cada qual — quase como se não tivesse mais de viver — já havia deixado ao abandono as suas coisas, assim como havia deixado ao abandono a própria pessoa. Em consequência, a maior parte das casas passou a ser de morada em comum; usava-as o estranho, que nelas entrasse, como as teria usado o próprio dono delas. E, com todo este comportamento bestial, estas pessoas sempre fugiam dos enfermos, na medida do possível.

Em meio a tanta aflição e a tanta miséria da nossa cidade, a reverenda autoridade das leis, tanto divinas, como humanas, caíra e dissolvera-se. Os ministros e os executores das leis, assim como os outros homens, estavam todos mortos, ou enfermos, ou tinham perdido os seus familiares, de modo que não podiam desempenhar função alguma. Por decorrência deste estado, era lícito, a todos, fazer o que bem lhes agradasse.

Muitas outras pessoas seguiam o caminho do meio, entre os dois acima referidos. Não se recusavam a si mesmos os bons pratos, como os primeiros, nem se abandonavam, como os segundos, à bebida e a outras formas de dissolução. Ao contrário. Faziam uso de todas as coisas, com suficiência e moderação, conforme o apetite. Não se fechavam. Iam de um lugar para outro, uns carregando flores nas mãos, outros ervas odoríferas, e outros, ainda, diversos tipos de especiarias; as ervas eram levadas ao nariz, por se considerar ótima coisa o confortar o cérebro com os seus odores. Era como se todo o ar se afigurasse tomado e infectado pelo mau cheiro dos corpos mortos, das enfermidades e dos remédios.

Alguns manifestavam sentimento mais cruel (como se, por acaso, esse sentimento fosse o mais seguro), dizendo que nenhum outro remédio era melhor, nem tão bom, contra as pestilências, como o ato de fugir do lugar em que se encontravam, antes que as mesmas pestilências ali se fizessem notar.

Levados por este raciocínio, não se preocupando fosse lá com que fosse, a não ser consigo mesmos, numerosos homens e mulheres abandonaram a própria cidade, as próprias casas, os seus lugares, os seus parentes e as suas coisas, e partiram em busca daquilo que era de outrem, ou, pelo menos, do seu condado. Era, para estes, como se a ira de Deus se destinasse, não a punir a iniquidade dos homens com aquela pestilência, onde eles estivessem, e sim a oprimir, comovida, apenas aqueles que se demorassem dentro dos muros de sua cidade. Ou como se tal ira não passasse de um aviso no sentido de que nenhuma pessoa deveria permanecer numa determinada cidade, por haver chegado a última hora dessa mesma cidade. Visto que, destes opinadores, nem todos morriam, e que, por isso mesmo, nem todos continuavam a viver, muitos indivíduos, de cada cidade, e por toda parte, enfermavam, e, quase abandonados à sua sorte, languiam de todo. Eles mesmos, quando sãos, haviam dado o exemplo àqueles que continuavam a ser sãos, para que fugissem dos que caíam nas garras do mal.

Deixemos de lado a circunstância de um cidadão ter repugnância de outro; de quase nenhum vizinho prestar cuidados a outro; de os parentes, juntos, raras vezes, ou nunca, se visitarem, e, quando se visitavam, ainda assim só o fazerem de longe. Esta atribulação tinha entrado, com tamanho espanto, no peito dos homens e das mulheres, que um irmão abandonava outro; o tio abandonava o sobrinho; a irmã, a irmã; e, com frequência, a esposa desertava do seu marido. Os pais e as mães sentiam repugnância de visitar e de servir os filhos, como se estes não fossem seus (e esta é a pior coisa, quase inacreditável).

Em consequência destas condições, àqueles para os quais a multidão era inestimável, aos homens e às mulheres que enfermavam, nenhum outro recurso restava, além da caridade dos amigos (e destes havia poucos), ou da avareza dos criados. Aos serviçais domésticos se pagavam vultosos salários, e se dispensava tratamento superior ao devido, embora, a despeito de tudo isto, muitos patrões não adocessem. Boa parte dos patrões se compunha de homens e mulheres de grande talento, e a maioria de tais serviços não era utilizada. Os criados quase que para nada mais serviam do que para apresentar alguma coisa que fosse pedida pelos enfermos, ou para os contemplar, quando eles morriam. Ao prestar tais serviços, muitas vezes eles se perdiam a si próprios, como o lucro obtido.

Devido ao fato de os enfermos serem abandonados pelos vizinhos, pelos parentes e pelos amigos, bem como à circunstância de haver escassez de serviçais, surgiu um costume talvez nunca praticado antes. O costume foi o de

mulher alguma, por mais recatada, bela ou nobre que fosse, se sentir molestada, por ter a seu serviço, no caso de enfermar, um homem, mesmo desconhecido; pouco importava que homem fosse, jovem ou não. A ele, sem o menor pudor, ela expunha qualquer parte do próprio corpo, tal como se a expusesse a outra mulher, desde que a necessidade da sua doença o exigisse. Para as mulheres que se salvaram, isto foi, talvez, causa de deslizes e de desonestidades, no tempo que se seguiu à peste.

Além disto, ocorreu a morte de muitas pessoas que, por certo, se houvessem sido ajudadas, teriam sobrevivido. Em consequência da escassez de serviços oportunos, de que os enfermos precisavam mas não conseguiam obter, e também em consequência da violência da peste, era tamanha a multidão dos que morriam, de dia e de noite, na cidade, que causava estupor ouvir dizer, e mais ainda contemplar, o que se passava. Porque, por imposição das circunstâncias, muitas coisas, contrárias aos costumes fundamentais de todo cidadão, passaram a existir entre os que continuavam vivos.

Era costume (como ainda hoje vemos fazer) reunirem-se as mulheres, parentes e vizinhas, na casa do morto. Ali, juntamente com as mulheres mais chegadas ao defunto, choravam. De outro lado, em frente à casa do morto, os vizinhos e muitos outros cidadãos se agrupavam com os seus próximos; conforme a categoria do falecido, fazia-se presente o clérigo. Assim, o extinto era levado à igreja por ele escolhida pouco antes de morrer. Ia aos ombros dos seus pares, com pompa fúnebre de velas e de cantos. Estas cerimônias quase cessaram, no todo ou em parte, assim que começou a aumentar a ferocidade da peste. E coisas novas advieram, em seu lugar. Não somente morriam as pessoas, sem ter muitas mulheres ao redor, mas também eram inúmeras as que se retiravam desta vida sem qualquer testemunha. Pouquíssimos se faziam aqueles para os quais se concediam os prantos piedosos e as lágrimas amargas dos seus próprios familiares. No lugar dos prantos e das lágrimas, passaram a ser usados, para a maioria, as risadas, os motejos e as festas em boa camaradagem. Este costume foi de muito bom grado adotado pelas mulheres, em grande parte, depois de elas postergarem a piedade feminina; e diziam fazer isto para salvação da alma dos que se haviam ido. Tornava-se raro o caso daqueles cujos corpos tinham, ao ir para a igreja, o acompanhamento de uns dez ou 12 dos seus vizinhos. O féretro destes era carregado, não por honrados e prestimosos cidadãos, e sim por uma espécie de padioleiros, procedentes da gente mais miúda, que se faziam chamar de coveiros, e que só prestavam serviços a troco de preço previamente ajustado. Estes padioleiros levavam os caixões, com

passos apressados, não à igreja que os mortos houvessem escolhido pouco antes de morrer, e sim, as mais das vezes, ao templo mais próximo. Iam os padioleiros atrás de quatro ou cinco clérigos, com poucas velas; com frequência, iam mesmo sem clérigo algum. Os clérigos, quando os havia, não se cansavam muito em seus ofícios solenes; com o auxílio dos referidos coveiros, punham os caixões, de preferência, na primeira sepultura desocupada que encontravam.

O tratamento dispensado à gente mais modesta, e a grande parte dos elementos da classe média, se imbuía de muito maior miséria. Esta gente, em sua maior parte, era retida nas respectivas residências, seja pela esperança, seja pela pobreza. Permanecendo assim nas vizinhanças dos enfermos e dos mortos, os sobreviventes adoeciam aos milhares por dia; e, não sendo cuidados, nem ajudados, fosse lá no que fosse, todos eles morriam, quase sem redenção. Inúmeros eram os que terminavam os dias na via pública, de dia ou de noite. Muitos, embora morressem em casa própria, faziam com que os seus vizinhos não dessem sinal de vida, mais devido ao mau cheiro dos próprios corpos apodrecidos, do que devido a qualquer outra circunstância. Destes indivíduos e de outros, que por toda parte morriam, todas as casas se apresentavam cheias.

Uma só conduta, sempre igual, era posta em prática pela maior parte dos vizinhos. Estes agiam movidos não menos pelo terror de que a corrupção dos corpos lhes fizesse mal, do que pela caridade que nutriam em relação aos trespassados. Sozinhos, ou com o auxílio de alguns portadores, quando conseguiam encontrá-los, tiravam das casas os cadáveres; punham os corpos diante da porta da residência, onde, principalmente de manhã, eram vistos, em quantidade incontável, pelos que andavam perambulando pela cidade, e que, ao vê-los, tomavam providências quanto ao preparo e à remessa dos caixões.

Eram tantos os mortos que, por escassez de caixões, os cadáveres se punham sobre simples tábuas. Não foi um só o caixão que recebeu dois ou três mortos ao mesmo tempo. Também não aconteceu apenas uma vez o fato de esposa com marido, ou dois ou três irmãos, ou pai com filho, serem contidos no mesmo féretro. Inúmeras destas ocorrências poderiam ter sido contadas. E vezes infinitas se verificou que, indo dois padres, com uma cruz, para alguém, se puseram três ou quatro caixões, carregados pelos respectivos portadores, atrás do primeiro; desta maneira, onde os padres julgavam ter um morto para sepultar, tinham sete ou oito; às vezes, mais. Estes mortos a mais eram, por isto, homenageados, às vezes com alguma lágrima, ou com alguma vela, ou com alguma companhia.

A coisa tinha chegado a tal ponto que já não se tratava dos homens que morriam com mais carinho do que agora se trata de cabras. Porque muito claramente pareceu ter de se passar, com paciência, por aquilo que o curso natural dos acontecimentos não havia conseguido mostrar, aos mais cultos, com danos pequenos e raros. Em regra, a grandeza de um mal costuma transformar os simples como que em peritos e negligentes.

Para se sepultar a enorme quantidade de corpos que se levava, a toda igreja, todos os dias, quase a toda hora, não bastava a terra já sagrada; e menos bastaria se se quisesse dar, a cada corpo, lugar próprio, de acordo com o costume antigo. Então, passou-se a construir igrejas nos cemitérios, porque todos os sítios estavam cheios, embora alguns fossem bem grandes; nessas igrejas se punham, às centenas, os cadáveres supervenientes; e estes eram empilhados como se empilham mercadorias nos navios; cada caixão se cobria, no fundo da cova, com pouca terra; sobre ele se colocava outro, que, por sua vez, se recobria, até que se chegava à boca da vala, ao nível do chão. E, a fim de que não se rebusque por trás de cada particularidade das nossas passadas misérias, ocorridas no âmbito da cidade, digo que, embora uma quadra adversa haja perpassado por ela, nem por isso a peste deixou de poupar alguma coisa ao condado.

No condado — deixemos de lado os castelos, que, na sua pequenez, se assemelhavam às cidades — os trabalhadores, míseros e pobres, morriam. Caíam sem vida, pelas vilas esparsas e pelos campos, juntamente com suas famílias, sem qualquer auxílio de médico, nem ajuda de serviçal; morriam não como homens, e sim como animais, pelas ruas, pelas plantações, pelas casas, de dia e de noite, indiferentemente. Em consequência, os operários do campo, perturbados nos seus costumes, e como que transformados em habitantes lascivos da cidade, não se preocupavam com coisa alguma, nem coisa alguma desejavam fazer. Todos, como se esperassem pelo dia em que se veriam levados pela morte, se esforçavam, com o máximo de diligência, não no sentido de ajudar a produção dos frutos futuros dos animais e das terras, bem como das passadas canseiras, e sim no sentido de consumir os frutos que se achavam presentes. Aconteceu, assim, que os bois, os muares, as ovelhas, as cabras, os porcos, as galinhas e até os cães, que são tão fiéis ao homem, passaram a vagar pelos campos a seu bel-prazer, por se verem expulsos da casa dos respectivos donos. Nos campos, as forragens abandonadas não só não haviam sido recolhidas, mas também nem sequer haviam sido ceifadas. Muitos animais, quase como seres pensantes, engordavam, porque pasciam bem durante o dia,

passavam a noite em suas casas, e não sofriam restrições impostas por pastor algum.

Que mais se poderá dizer — deixando-se de lado o condado, para se voltar a tratar da cidade — a não ser que a crueldade do céu foi tal e tanta — e talvez em parte o haja sido também a crueldade dos homens — que, entre março e julho, mais de cem mil criaturas humanas se tem por certo que foram tolhidas da vida, dentro dos muros da cidade de Florença? Nesse total se incluem tanto os indivíduos levados pela força da pestífera enfermidade, como os que, enfermos, foram mal atendidos, ou se viram abandonados às suas contingências, devido ao medo que os sãos nutriam.

Antes da ocorrência do episódio mortífero, ninguém teria dito que tanta gente houvesse dentro da cidade. Quantos grandes palácios, quantas lindas casas, quantas nobres residências, anteriormente repletos de famílias, de senhores e de senhoras, ficaram vazios, perdendo até o último pajem! Quantas estirpes memoráveis, quantas heranças de vulto, quantas riquezas famosas ficaram sem sucessor legítimo! Quantos homens de valor, quantas lindas mulheres, quantos moços galhardos — que teriam sido considerados mais do que sãos por Galeno, Hipócrates ou Esculápio, além de outros — almoçaram pela manhã, com os respectivos parentes, os companheiros, os amigos, e, depois, na tarde que se lhe seguiu, foram jantar no outro mundo, com os respectivos antepassados!

Pesa-me, a mim mesmo, o ato de me revolver tanto entre tantas misérias. Mas, desejando, já agora, deixar de lado a parte de tais misérias que eu, decorosamente, posso deixar, digo que, nestes termos, a nossa cidade se achava quase vazia de habitantes. E aconteceu (como depois ouvi, de pessoa digna de fé) que, na venerável igreja de Santa Maria Novella,¹ numa terça-feira, pela manhã, se encontraram sete jovens mulheres. Não havia quase mais ninguém no templo. Elas tinham acabado de ouvir, em trajes lúgubres, como para aquela quadra se indicava, os ofícios divinos. Todas estavam ligadas umas às outras, ou por amizade, ou por vizinhança, ou por parentesco. Delas, nenhuma havia transposto o 28º ano de idade, nem era menor de 18. Todas eram ajuizadas e de sangue nobre; belas de formas, prendadas de costumes, e de comportamento honesto.

Eu revelaria, pela devida forma, os seus nomes, se justa causa não me impedisse de o fazer. A causa é esta: não quero que, pelas coisas que se seguem, e que foram por elas contadas, ou ouvidas, alguma delas deva, em tempo futuro, envergonhar-se. Hoje, as leis sobre o prazer são restritas; naquela época,

pelas razões acima apontadas, essas leis eram extremamente tolerantes, seja para a idade delas, seja para idades muito mais maduras; não desejo, também, proporcionar motivo para que os invejosos, prontos a morder toda vida digna de louvor, diminuam, por qualquer aspecto, com falatórios escusos, a honestidade das dignas mulheres. Assim, para que se possa compreender, sem confusão, aquilo que cada uma disse, pretendo designá-las, mais adiante, por nomes supostos, porém adequados, no todo ou em parte, às qualidades de cada qual.

Delas, a primeira, a que mais idade tinha, chamaremos **Pampineia**; a segunda, **Fiammetta**; **Filomena**, a terceira; a quarta, **Emília**; depois, por **Laurinha** designaremos a quinta; a sexta, por **Neifile**; e a última, não sem razão, chamaremos **Elisa**.

Reunidas, não por entendimento prévio, e sim por acaso, numa das dependências da igreja, elas se sentaram quase em círculo. Depois de vários suspiros, e de terminada a recitação dos padre-nossos, puseram-se a conversar entre si, sobre as condições do tempo e sobre outras coisas mais. Após algum intervalo, vendo que as outras se calavam, Pampineia assim começou a falar:

— Minhas queridas mulheres: vocês podem ter ouvido dizer, muitas vezes, como eu, que a pessoa que faz uso honesto do seu direito a ninguém prejudica. Direito natural, de todo aquele que nasce, é o de ajudar a própria vida; de conservá-la e de defendê-la, na medida do possível. Reconhece-se isto. Tanto é verdade que, algumas vezes, já aconteceu que, para preservar a vida, muitos homens se mataram sem qualquer culpa. Reconhecem isto as leis, em cuja observância reside o viver honrado de todo mortal. Com maior justiça, e sem ofensa para quem quer que seja, nos cabe, a nós, como a quaisquer outras pessoas honestas, o direito de tomar as providências que pudermos, a bem da conservação da nossa vida. Sempre que bem medito sobre os nossos modos desta manhã, e também sobre os de outras manhãs já passadas, sempre que penso em quantas e quais são as nossas trocas de ideias, percebo, como vocês igualmente poderão perceber, que cada uma de nós duvida de si mesma. Disto, não me admiro. Entretanto, admiro-me, e muito (convencida como estou de que cada uma de nós tem sentimentos de mulher), de não recebermos, para nós, qualquer compensação por aquilo que cada uma de nós teme, e com razão. Nós ficamos aqui, ao que parece, como se quiséssemos, ou desejássemos, ser testemunhas do número de corpos mortos que se levam à sepultura, ou de que os frades daqui de dentro (cujo número ficou reduzido a quase nada) cantam o seu ofício nas horas devidas. Ou, então, como se aspirássemos a

mostrar, através das nossas roupas, a quem quer que nos apareça, as condições e a quantidade das nossas misérias. Se sairmos daqui, veremos, por toda parte, corpos mortos, ou enfermos, no ato de serem transportados; ou então nos defrontaremos com os que, pelos seus desmandos, já foram condenados ao exílio pela autoridade das leis públicas; tais indivíduos, como que escarnecendo das leis, por saberem que os seus executores estão mortos, ou doentes, andam pela nossa região, pondo em prática os seus impulsos mais desagradáveis; ou, ainda, nos encontraremos com a ralé da nossa cidade; transtornados pelo nosso sangue, os elementos dessa ralé se dão a si mesmos a denominação de coveiros; cavalgam e correm por toda parte, para nossa angústia; e censuram-nos os nossos sofrimentos por meio de canções desonestas. Nenhuma outra notícia ouvimos, a não ser “Fulanos e fulanos morreram”, e “Sicranos e sicranos estão para morrer”. Por toda parte ouviríamos prantos, se existissem os que chorassem. Se regresso ao meu lar, apavoro-me de nele não encontrar nenhuma outra pessoa da minha numerosa família, afora a minha aia. (Não sei se com vocês acontece o mesmo que comigo ocorre). Ainda agora, sinto arrepiarem-se quase todos os meus cabelos. Seja por onde for que eu vá, ou me demore, em casa, parece-me ver a sombra dos que morreram; as sombras assustam-me, não com os rostos que eu conheci, e sim com outros semblantes, horríveis, que não sei de onde procedem. Por estes motivos, afigura-se-me incômodo o ficar por aqui, fora daqui, ou mesmo em casa. E tanto mais incômodo se me afigura, quanto mais me parece que nenhuma pessoa, dentre as que possuam alguma coragem e tenham para onde ir, como nós temos, haja ficado por aqui, além de nós mesmas. Ouvi dizer e fiquei sabendo, mais de uma vez, que tais pessoas (se é que algumas existem), sem reconhecer qualquer distinção entre os atos honestos e os que não o sejam, porque só se orientam pelas solicitações do próprio apetite, fazem, tanto quando estão sós como quando se encontram acompanhadas, de dia e de noite, apenas as coisas que mais deleites lhes proporcionam. Não somente as pessoas livres, mas também as reclusas em conventos, dão a entender que isso lhes convém, e só causa desdouro às outras. Portanto, infringem as leis da obediência e entregam-se aos enlevos carnavais. Assim procedendo, elas admitem que conquistam condições para sobreviver. Tornam-se lascivas e dissolutas. Se assim é (e que é assim claramente se vê), que é que fazemos nós aqui? Que é que esperamos? Que é que sonhamos? Por que é que somos mais preguiçosas e lentas do que todos os outros cidadãos restantes, na defesa da nossa saúde? Será que nós nos consideramos menos queridas do que todas as outras? Ou será que nós julgamos que a nossa vida está ligada ao

nosso corpo com cadeias mais robustas do que a dos outros ao corpo deles, e que, assim, não precisamos nos preocupar com coisa alguma, ainda que alguma coisa tenha força para a destruir? Nós erramos. Estamos enganadas. Que estupidez a nossa, se acreditamos que assim é! Sempre que desejarmos recordar quantos e quais foram as moças e os jovens derrubados por esta cruel pestilência, encontraremos excelentes argumentos a nosso favor. Por isto, e para que nós, por nojo ou negligência, não caiamos naquilo que, de uma forma ou de outra, se quisermos, poderemos escapar, considero ótima a ideia de sairmos desta terra, assim mesmo como nos encontramos, e assim como muitas outras, antes de nós, fizeram, ou estão fazendo. Não sei se parece a vocês o que a mim se afigura. Fugindo dos exemplos desonestos dos outros, como se foge da morte, iremos instalar-nos honestamente nos nossos lugares, nos arredores da cidade, onde, para cada uma de nós, há abundância do que possa ser indispensável. Ali teremos aquela festa, aquela alegria, aquele prazer que pudermos conseguir, sem ultrapassar, em ato algum, os limites da razão. Lá se ouvem os pássaros a cantar; veem-se verdejar as colinas e as planícies; contemplam-se os campos, cheios de cereais, ondulando exatamente como o mar ondula; existem árvores de mil formas; descortina-se o céu mais abertamente; o céu, embora ainda enfurecido, nem por isso nos nega as suas belezas eternas; essas belezas são muito mais dignas de contemplação do que os muros vazios da nossa cidade. Ademais, lá o ar é muito mais fresco; das coisas necessárias à vida, nestes tempos, lá existe maior quantidade; e é menor o número dos aborrecimentos. Porque, muito embora também lá morram os trabalhadores do campo, como aqui morrem os habitantes da cidade, tanto menor é o desprazer, lá, quanto mais raros são, do que na cidade, as casas e os seus moradores. De outro lado, não abandonaremos por aqui, se bem o vejo, pessoa alguma. Ao contrário. Bem podemos dizer, em verdade, que fomos até nós as abandonadas. Porque os nossos, ou morrendo, ou fugindo à morte, nos deixaram sós, e em tamanha aflição, como se não fôssemos deles. Nenhuma censura pode caber ao ato de se seguir este meu conselho. Se não o seguirmos, poderão advir-nos dor, aborrecimento e talvez a morte. Por isto, quando bem parecer a vocês, cada qual tomará a sua aia; faremos com que nos sigam as coisas mais indispensáveis. Iremos hoje a este lugar; amanhã, àquele; gozaremos a alegria e a festa que este tempo nos puder proporcionar; penso que será de bom aviso ter o que fazer. Permaneceremos nesse estado o bastante para vermos (se antes não formos alcançadas pela morte) qual o fim que o céu reservará a estas circunstâncias. Recordo-lhes que o ato de nos retirarmos

honestamente desta cidade não nos desdoura mais do que, a grande parte das outras mulheres, o de permanecerem desonestamente.

As outras mulheres do grupo, depois de ouvirem Pampineia, não somente lhe louvaram o conselho dado, mas também esclareceram que, desejosas de seguir esse conselho, já haviam começado a tratar, entre si, mais pormenorizadamente, da maneira de o fazer; era quase como se, erguendo-se da posição de sentadas, uma a uma, tivessem todas de sair imediatamente a caminho. Filomena, porém, que era extremamente discreta, disse:

— Moças: embora tenha sido otimamente dito o que Pampineia pensa, nem por isso se trata de a gente sair correndo, como parece que vocês querem fazer. Lembro-lhes que nós somos todas mulheres. Não existe mulher alguma tão ingênua, a ponto de não saber bem como as mulheres, quando juntas, são pouco ajuizadas, e mal sabem governar-se sem o concurso de qualquer homem. Nós somos volúveis, briguentas, desconfiadas, pusilânimes e medrosas; por isto, se não tivermos outra orientação, além da nossa, duvido muito que o nosso grupo deixe de se dissolver logo, com menos honra para nós do que fora justo. Consequentemente, é de bom aviso providenciar, antes de dar começo a seja lá o que for.

Disse, então, Elisa:

— Em verdade, os homens são a cabeça das mulheres; sem a ordem deles, raras vezes alguma obra nossa chega a fim digno de louvor. Como poderemos, porém, ter esses homens? Cada uma de nós sabe que, dos seus, a maior parte está morta. Os outros, que continuam vivos, uns por aqui, outros por lá, em diversos grupos, vão fugindo, sem que saibamos para onde, àquilo de que nós também procuramos fugir. De resto, não seria recomendável estar suplicando a estranhos. Assim, pois, se quisermos correr em busca da nossa salvação, será conveniente que encontremos o modo de nos preparar por tal forma, que não haja tédio, nem surja escândalo, no lugar para o qual nos dirigirmos, por falta de outro, e também para nosso repouso.

Enquanto estas conversações se desenrolavam entre as mulheres, eis que três moços entraram na igreja. Não eram tão moços assim, a ponto de ser de menos de 25 anos a idade do mais jovem deles. Neles, a perversidade do tempo, a perda dos amigos, o desaparecimento dos parentes, o medo de si próprios, não tinham conseguido, já não digo apagar, mas sequer esfriar, os impulsos do amor. Dos moços, um se chamava **Pânfilo**; **Filóstrato** o segundo; e o último **Dioneio**. Cada um deles era agradável e bem-educado; os três andavam procurando, para seu supremo consolo, em meio a tamanha

perturbação de todas as coisas, as respectivas amadas; por acaso, todas as três se encontravam entre as sete já mencionadas. Como algumas pertenciam à mesma família de outras, essas algumas se tornavam parentes de um ou de outro dos moços. Estes foram vistos pelas mulheres, antes que sobre elas se pousassem os olhos deles. Por essa razão, Pampineia então começou a falar, sorrindo:

— Estão vocês vendo que a sorte boa é favorável aos nossos começos. Tanto é assim que ela pôs, à nossa frente, jovens discretos e valorosos, que de boa vontade serão nossos guias e nossos servidores, se não tivermos inconvenientes em os tomar para tal fim.

Então, Neifile, com o rosto todo ruborizado de pudor, porque ela era uma das amadas por um daqueles moços, advertiu:

— Pampineia, por Deus! Atente bem no que diz! Eu não conheço coisa alguma que não seja boa, e que não se possa dizer abertamente, de qualquer destes jovens. Julgo-os capazes de empreendimentos ainda mais elevados do que este possa ser. Da mesma forma, esclareço que eles devem fazer boa e honesta companhia, não somente a nós, mas também a mulheres muito mais bonitas e mais queridas do que somos. Visto, porém, que é fato sabido e claro o de eles estarem enamorados de algumas que aqui se encontram, receio que, se os levarmos conosco, infâmia e censura se originem, sem culpa nossa, nem deles.

Argumentou, então, Filomena:

— Isto não importa. Onde eu estiver vivendo honestamente, sem que coisa alguma me doa na consciência, quem quiser que fale o contrário. Deus e a verdade empunharão armas por mim. Oxalá já estivessem eles dispostos a ir conosco! Nesse caso, sim, é que poderíamos dizer que, na verdade, a Sorte é favorável à nossa ida.

As outras, ouvindo Filomena falar desse modo, não somente não se calaram, mas também, por via de consenso unânime, concordaram que os moços deviam ser chamados para junto delas; em que a eles se deveria revelar a intenção delas; e em que se deveria pedir-lhes para que fizessem o obséquio de consentir em servir-lhes de companhia na mencionada saída para fora da cidade.

Em consequência, sem mais palavras, Pampineia se pôs de pé; era parente de algum dentre eles, por consanguinidade; e caminhou na direção dos rapazes, os quais estavam parados, já agora contemplando-as todas, de longe. Depois de os saudar, com semblante alegre, Pampineia manifestou-lhes as intenções suas e das suas companheiras. Suplicou-os, em nome de todas, a fim de que se dispusessem a fazer-lhes companhia, com ânimo fraternal.

De início, os moços julgaram que elas estavam zombando deles; mas, quando observaram que a mulher falava a sério, responderam, com prazer, que se encontravam preparados para o que elas desejavam. Sem perda de tempo, e para que logo elas se retirassem dali, eles deram ordens quanto ao que se devia fazer para partir. Todas as coisas oportunas foram metodicamente preparadas e enviadas, com precedência, ao lugar para onde todos projetavam ir.

Na manhã seguinte, isto é, na quarta-feira, logo ao dealbar do dia, as mulheres, acompanhadas por algumas de suas aias, e os três homens, com três dos seus serviçais domésticos, saíram da cidade, pondo-se a caminho. Não se afastaram mais do que três quilômetros, chegando logo ao lugar anteriormente avisado da sua ida. Ficava o dito lugar numa pequena montanha, bem distante, por todos os lados, das estradas. A região apresentava-se cheia de vários tipos de arbustos e de árvores, todas de fronde verde, muito agradáveis à vista. No topo da montanha, havia um palácio, em cuja parte central existia um pátio grande e belo. O palácio possuía balcões, salas e quartos; cada dependência era por si mesma muito bonita, decorada com pinturas de valor. Ao redor do palácio, viam-se pequenos prados, grandes jardins de aspecto maravilhoso, e poços de água extremamente fresca. No palácio,² havia adegas de arcadas, com vinhos preciosos. Isto mais se indicava a bebedores curiosos do que a mulheres sóbrias e honestas.

Tudo, por ali, fora varrido. Nos quartos, arrumaram-se as camas. Nos vasos, puseram-se as flores que, naquela estação do ano, se puderam obter; e as flores foram amparadas com juncos. Tudo isto foi encontrado pronto pelo grupo visitante.

Estando todos sentados na primeira sala, Dioneio, que era moço muito mais agradável e mais cheio de espírito do que se pudesse desde logo imaginar, disse:

— Mulheres, foi o bom senso de vocês, mais do que a nossa cautela, o que nos guiou até aqui. Não sei o que vocês pretendem fazer, com as suas preocupações. Quanto às minhas, deixei-as à porta da cidade, há pouco, quando, na companhia de vocês, de lá saí. Por isto, ou vocês se dispõem a aliviar o espírito, a rir e a cantar, comigo (na medida, por certo, que à sua dignidade se coaduna), ou vocês me dão licença para que eu regresse às minhas preocupações e continue permanecendo na cidade atribulada.

A isto, Pampineia, exatamente como se, da mesma forma, houvesse dissipado do próprio espírito todas as próprias preocupações, respondeu, com visível satisfação:

— Dioneio: você falou muito bem. O que é preciso, aqui, é viver festivamente. Não foi outro o propósito que nos induziu a fugir das tristezas. É claro, porém, que as iniciativas sem objetivo não podem durar muito. Eu, que fui a que deu início às conversações, de que resultou este grupo tão agradável, estou pensando no prosseguimento do nosso prazer. Considero necessário convir em que haja um chefe. Um chefe, que honraremos, e ao qual obedeceremos, como nosso mentor. A ele caberão todas as preocupações, quanto ao dispor tudo de forma tal que possamos viver prazerosamente. É preciso que cada qual por sua vez prove o peso das exigências e o carinho do agrado da maioria. Quem não os provar, e não for levado, por essas preocupações, de um lado para outro, não poderá manifestar qualquer ressentimento. Assim, caibam as responsabilidades e as honras a cada um de nós, vez por vez, durante um dia. O primeiro chefe terá de sair da eleição de nós todos. Quanto aos chefes que se seguirem, o procedimento será o seguinte: assim que se aproximar a hora do aparecimento de Vênus, no céu, à tarde, o chefe será, vez por vez, escolhido por aquele, ou por aquela, que tiver tido o comando do dia. O que for assim escolhido dirá, de acordo com o seu arbítrio, o tempo que a sua chefia deverá durar; dirá, igualmente, o lugar e o modo pelo qual deveremos viver, dando, a tal propósito, as suas ordens, e tomando as suas providências.

Estas palavras causaram ótima impressão; e, unanimemente, o grupo elegeu Pampineia para ser a chefe do primeiro dia. Filomena correu em direção a um loureiro. Muitas vezes ouvira falar da honra de que as folhas daquela planta eram dignas, e de como tais folhas tornavam digno de honra o ser que por elas fosse merecidamente coroado. Colheu alguns ramos da árvore; fez, com eles, uma grinalda, simbólica e de grande efeito. Essa grinalda, posta à cabeça, foi depois, enquanto durou o grupo, sinal manifesto, para cada qual e para todos, da real senhoria, bem como do consenso da maioria.

Pampineia, eleita Rainha, chamou à sua presença os domésticos dos três homens, bem como as aias das mulheres, que eram quatro. Ordenou que todos os homens se calassem. E, quando todos se calaram, disse:

— Quero dar, em primeiro lugar, o exemplo, a todos vocês. Por tal exemplo, e procedendo de maneira cada vez melhor, o nosso grupo poderá viver, com ordem, sem ter de envergonhar-se de si mesmo, por todo o tempo que for de seu agrado. Assim, eu, de início, constituo **Parmeno**, doméstico de Dioneio, em meu mordomo. Entrego-lhe o cuidado e a responsabilidade por toda esta nossa família. Relativamente ao serviço da sala, quero que **Sirisco**,

doméstico de Pânfilo, seja pagador e tesoureiro, cumprindo as determinações de Parmeno. **Tíndaro**, que se encontra a serviço de Filóstrato e dos outros dois, prestará assistência nos quartos deles, sempre que os outros serviçais, eventualmente impedidos de exercer as respectivas funções, não o puderem prestar. **Mísia**, minha aia, e **Licisca**, aia de Filomena, encarregar-se-ão da cozinha; prepararão diligentemente os pratos que Parmeno lhes ordenar. Desejo que **Quimera**, aia de Laurinha, e **Stratilla**, aia de Fiammetta, se ocupem com a governança dos quartos das mulheres, bem como com o asseio dos lugares onde estivermos. A cada um e a todos, em geral, pelo que possam querer honrar a nossa graça, ordeno que tomem cuidado para que, dos lugares aonde forem e de onde voltarem, bem como do que ouvirem ou virem, nenhuma notícia nos tragam que não seja agradável.

Depois de sumariamente dadas estas ordens, que foram apreciadas por todos, Pampineia, satisfeita, pôs-se de pé e disse:

— Aqui existem jardins; aqui há prados; aqui se veem outros lugares, todos muito aprazíveis; por eles, cada qual, distraíndo-se a seu gosto, pode passear. Assim que a hora terceira³ soar, estejam todos de volta, para a refeição ao ar livre.

O grupo recebeu, da nova Rainha, ordem de se dispersar. Com passo lento, os moços, conversando com as moças, sobre coisas agradáveis, entraram num jardim. Fizeram belas grinaldas de ramos de várias árvores. Cantaram canções de amor. Depois de se demorarem nisto durante todo o tempo para o qual haviam tido permissão da Rainha, voltaram para casa. E ali verificaram que Parmeno tinha, com muito empenho, dado começo ao exercício das suas funções. Com efeito, entrando numa sala térrea, ali encontraram as mesas postas, cobertas por toalhas alvíssimas, e ostentando copos que pareciam de prata. Tudo estava coberto de flores de giesta. Passada uma água nas mãos, como quis a Rainha, de acordo com a orientação de Parmeno, todos se sentaram às mesas. Os pratos, delicadamente preparados, foram servidos; vinhos finíssimos se distribuíram. Os três domésticos atenderam, em silêncio, os comensais. Estas coisas, por serem belas e ordenadas, alegraram a todos; e todos comeram, em meio a ditos agradáveis e a ar festivo.

Quando se retiraram as mesas, a Rainha ordenou que se apresentassem os instrumentos musicais. (Foi como se todas as mulheres soubessem dançar, e como se também os homens o soubessem, além de parte deles saber tocar e cantar com primor). Por ordem da Rainha, Dioneio tomou de um alaúde;

Fiammetta, de uma viola; e os dois começaram, suavemente, a desenvolver o tema de uma dança.

Pampineia mandou que os serviçais domésticos fossem comer. Depois, ela, com as outras mulheres, juntamente com os dois moços, deu início a um bailado, com passo lento. Concluído o bailado, todos passaram a cantar canções sentimentais e amenas.

Por esta forma se entretiveram tanto tempo que, ao fim, pareceu, à Rainha, que era hora de se ir dormir. Uma vez dada a todos a permissão, os três homens se dirigiram aos respectivos quartos, separados dos aposentos das mulheres. Encontraram os mencionados quartos tão cheios de flores como a sala; o mesmo aconteceu com as mulheres, em relação aos seus aposentos. Despindo-se, todos foram repousar.

Não havia muito tempo que a hora nona⁴ soara. E já a Rainha, levantando-se, fez com que todas as outras mulheres saíssem dos seus leitos; ordenou que o mesmo ocorresse com os homens; e afirmou ser nocivo o ato de dormir em excesso durante o dia.

Assim, o grupo se dirigiu para um prado, onde a grama era verde e alta, e onde não batia o sol. Ali, gozando a carícia de uma brisa suave, todos se sentaram, em círculo, em cima da relva fofa, de acordo com o desejo manifestado pela Rainha. Aos membros do grupo, a Rainha assim falou:

— Como vocês veem, o sol vai alto e o calor é intenso; não se ouve outra coisa, além das cigarras trepadas nas oliveiras. Assim, seria, sem dúvida, tolice ir a gente, agora, a algum lugar. É gostoso ficar aqui, à sombra. Aí estão, como veem, tabuleiros de xadrez; cada qual pode divertir-se de acordo com aquilo que mais prazer lhe dá ao espírito. Contudo, se nisto se pretendesse seguir o meu modo de pensar, passaríamos esta parte quente do dia fazendo narrativas. Não se jogaria, porque, no jogo, o ânimo de uma das partes é constrangido a perturbar-se, sem grande prazer para a outra parte, nem de quem se fica a assistir. Narrar-se-iam episódios (o que pode proporcionar deleite a todo o grupo que escuta enquanto um fala). Antes de cada um de nós completar a própria narrativa, o sol já terá declinado e o calor diminuído. E então poderemos ir em busca de entretenimento onde melhor nos parecer. Por isto, se lhes agrada, façamos o que digo (pois, de qualquer maneira, estou disposta a seguir a preferência que vocês manifestarem); e, se não lhes agrada, cada qual que faça o que mais lhe der prazer, até ao cair da noite.

Tanto as mulheres como os homens louvaram a ideia do novelar verbalmente.

— Então — disse a Rainha — se isto lhes agrada, desejo que, neste primeiro dia, cada qual tenha a liberdade de narrar o que for de sua preferência.

Voltando-se para Pânfilo, que estava sentado à sua direita, pediu-lhe amavelmente que, com uma de suas novelas, desse começo às outras. A isto, Pânfilo, obedecendo à ordem, com presteza, e sendo por todos ouvido, principiou assim:

Notas

¹ Templo de Florença, do século XIII. É uma das mais belas igrejas católicas da Itália e do mundo.

² Boccaccio imagina que os moços e as moças tenham escolhido, para seu refúgio, primeiro, uma vila, que se pensa seja Poggio Cherardi; depois, entretanto, para não serem incomodados por visitantes inoportunos, eles preferiram um palácio suntuoso, que parece ter sido uma vila então denominada Vila de Schifanoia, e, mais tarde, Vila Palmieri, situada no topo de uma pequena colina próxima da margem do rio Mugnone. Desta segunda escolha, Boccaccio faz uma descrição na Introdução da Terceira Jornada.

³ Hora terceira (ou terça, simplesmente): Uma das horas canônicas. Vem depois das matinas e da primeira; esta hora canônica correspondia às nove horas da manhã.

⁴ Uma das horas em que os romanos e, depois, por longo tempo, todos os italianos, dividiram o dia: correspondia às 15 horas da atualidade. Nessa hora se concluía, em geral, a sesta.

PRIMEIRA NOVELA

O sr. Ciappelletto, com uma falsa confissão, engana um santo frade; e morre. Tendo sido péssimo homem em vida, é reputado santo na morte, passando a ser chamado São Ciappelletto.



conveniente, mulheres caríssimas, que, a todas as coisas que o homem leva a termo, se dê princípio com o admirável e santo nome d'Aquele que de tudo foi o Criador. Devendo eu dar início à nossa série de narrativas, pretendo, na qualidade de primeiro a falar, começar a falar de um das Suas coisas maravilhosas. Assim, ouvida a novela, a nossa esperança n'Ele se fixará, como que apoiada em algo impermutável. E sempre o Seu nome será, pelo nosso grupo, carinhosamente louvado.

É manifesto que, como as coisas temporais são todas transitórias e mortais, assim também elas estão cheias de tédio, de angústia e de fadiga; encontram-se elas, ademais, sujeitas a perigos. Não poderíamos, por certo, suportar estas coisas, nós, que vivemos entre elas, e que até fazemos parte delas, se uma especial graça de Deus não nos proporcionasse força e descortino. Não se deve crer que tal graça desça sobre nós por qualquer mérito nosso. Ela procede da própria bondade Sua, bem como das súplicas a Ele dirigidas por aqueles que, como nós agora somos, também foram mortais. Enquanto viveram, seguiram os ditames do prazer; agora, com Ele, se fizeram eternos e se tornaram beatos. A eles, como a procuradores bem informados, por experiência, da nossa fragilidade, nos entregamos, para o trato das coisas que julgamos oportunas. (Talvez não sejamos suficientemente audaciosos para apresentar nossas súplicas na presença de tão alto juiz, que é Deus). E ainda mais a Ele, tão cheio de piedosa liberalidade para conosco, nós nos entregamos. Não pode a agudeza da vista mortal entrar, de maneira alguma, no segredo da mente divina. E acontece, por vezes, por isso, que, enganados por opiniões falíveis, guindamos à categoria de nossos procuradores, no céu, perante a Sua majestade, alguém que, por via de eterno exílio, foi expulso da presença dessa

majestade. Não obstante, Ele, a quem coisa alguma se oculta, acede aos que Lhe dirigem preces; porque Ele leva mais em consideração a pureza do suplicante, do que a sua ignorância, ou o exílio do suplicado. Isto poderá ressaltar flagrantemente da novela que pretendo narrar. Flagrantemente, quero dizer, seguindo, não o juízo de Deus, e sim o dos homens.

Conta-se, pois, que Musciatto Franzesi,¹ grande e riquíssimo comerciante da França, se tornou cavaleiro. Teve ele de rumar para a Toscana, em companhia do sr. Carlos Senterra,² irmão do rei de França, que fora chamado pelo papa Bonifácio,³ e que se prontificara a responder ao apelo. Percebeu, porém, que os seus negócios, como muitas vezes acontece com os assuntos dos comerciantes, se achavam muito atrapalhados, ora aqui, ora acolá; não era possível resolvê-los com rapidez, e menos ainda de supetão. Pensou, pois, em entregá-los a várias pessoas. E para todos os assuntos encontrou saída e solução. Em dúvida, somente lhe ficou o caso da pessoa a quem pudesse deixar procuração suficiente para recuperar os empréstimos por ele feitos a numerosos borgonheses. A causa da dúvida residia no fato de ele saber que os borgonheses eram homens briguentos, de má condição, e sobretudo desleais. Não lhe ficara na memória homem algum que fosse tão malvado, (e no qual ele pudesse depositar alguma confiança), a ponto de valer a pena de o opor à malvadez dos borgonheses.

Depois de pensar longamente sobre isto, ocorreu-lhe ao espírito a existência de um sr. Ciappelletto,⁴ de Prato, que costumava abrigar-se constantemente em sua casa, em Paris. O sr. Ciappelletto era homem de pequena estatura, mas muito bem-proporcionado e bem-posto. Os franceses, não sabendo o que **ciapperello** significava, e supondo que quisesse dizer chapéu, isto é, guirlanda, de acordo com o linguajar comum deles, passaram a chamá-lo, não Ciappello, e sim Ciappelletto. E por Ciappelletto ele se tornou conhecido por toda parte, ao passo que bem poucos o identificavam como sendo o sr. Ciapperello.

Ciappelletto era desta vida. Sendo notário, sentia enorme vergonha quando um dos seus documentos era considerado outra coisa que não falso (como se fossem poucos os que assim fazia). De tais documentos falsos, ele sentia-se capaz de fazer tantos quantos lhe fossem pedidos; e com mais prazer ainda fazia os que dava de graça, do que aqueles pelos quais o pagavam, mesmo generosamente. Prestava depoimentos falsos em juízo, com enorme deleite, quando era e também quando não era solicitado.

Naquele tempo, na França, dava-se fé indiscutível aos juramentos. E, como ele não se importava de jurar falso, acabava ganhando, por esperteza, tantas questões quantas fossem aquelas em que o chamavam para dizer a verdade, sobre a sua fé de notário. Sentia prazer extraordinário em provocar, entre amigos e parentes, e entre quaisquer outras pessoas, desavenças, inimizades e escândalos. E nisto se empenhava com verdadeiro afinco. Quanto maiores eram os males que aos atos se seguiam, tanto maior se tornava a sua alegria. Se o convidavam a participar de um homicídio, ou de qualquer outra forma de delinquência, nunca deixava de aceder; aliás, de muito boa vontade é que participava. Muitas e muitas vezes se viu, de bom grado, ferindo e matando homens com as próprias mãos.

Fizera-se incorrigível blasfemador de Deus e dos santos. Por qualquer nonada, mostrava-se tão iracundo, como os que mais o fossem. Não costumava ir à igreja. Escarnecia de todos os seus sacramentos, com palavras abomináveis, como se se tratasse de coisa mais do que vil. Em contraposição, visitava e frequentava, de muito boa vontade, tavernas e outros lugares desonestos. Gostava de mulheres como os cães gostam de bengalas. Do contrário é que, mais do que qualquer outro viciado, obtinha deleite. Podia enlear e roubar, com a consciência tão tranquila como a de um santo homem. Guloso, grande bebedor, por vezes até chegava a mostrar-se contrariado com semelhante conduta dele próprio, de tal ordem eram os exageros a que se deixava arrastar. Jogava aos dados, e todos sabiam que lançava à mesa dados viciados. Mas por qual razão me estendo eu tanto a este propósito? Ele era o pior homem jamais vindo à luz. Foi a perversidade dele que, por longo tempo, sustentou o poderio e os bens do sr. Musciatto. Por esta razão, muitas vezes se viu recompensado, tanto pelas pessoas às quais muito frequentemente prejudicara, como pela corte, à qual continuava a prejudicar.

Assim, caindo este sr. Ciapperello nas graças do sr. Musciatto, que tão bem lhe conhecia a vida, o referido sr. Musciatto pensou: “Ele deve ser tal e qual como convém à malvadez dos borgonheses.” Por isso, mandou chamá-lo, e disse-lhe:

— Sr. Ciappelletto: como você sabe, estou para me retirar definitivamente daqui. Tendo, entre outras coisas, de lidar com os borgonheses, que são homens enganadores, não sei de pessoa melhor do que você, a quem eu possa deixar o encargo de receber o que me devem. Em consequência, como é verdade que você nada tem a fazer, agora — e queira você compreender bem

isto — eu pretendo esforçar-me para que você obtenha favores da corte, a fim de lhe dar, daquilo que conseguir resgatar, a parte que se combinar.

O sr. Ciappelletto sentiu-se, assim, desempregado e mal servido das coisas do mundo. Vendo retirar-se aquele que por longo tempo fora o seu sustentáculo e o seu apoio, decidiu-se pela afirmativa, sem hesitação alguma, e até quase constrangido a isso pela necessidade. E disse que aceitava de bom grado. Estabeleceu-se, pois, o acordo. Depois de receber a procuração e as cartas favoráveis do rei, o sr. Ciappelletto rumou para a Borgonha, assim que o sr. Musciatto partiu. Na Borgonha, quase ninguém o conhecia. Ali, contrariando a própria índole, começou, com atitudes bondosas e mansas, a querer receber e a fazer aquilo que lá fora realizar. Era quase como se estivesse reservando a ira para o fim.

Aconteceu que, assim fazendo, e acolhendo-se em casa de dois florentinos, irmãos entre si, ele, o sr. Ciappelletto, adoeceu. Os dois irmãos florentinos faziam empréstimos de usurários, e manifestavam grande respeito para com o sr. Ciappelletto, por amor do sr. Musciatto. A bem do sr. Ciappelletto, os dois irmãos mandaram sollicitamente chamar médicos para o curar, domésticos para o servir, e tudo o mais que se tornasse oportuno, para a recuperação da sua saúde. Todo auxílio, porém, foi baldado. O pobre homem, que já era velho e tinha vivido desregradamente, ia — ao que os médicos diziam — de mal a pior, dia após dia. Era como se tivesse, no corpo, o mal da morte. Disto, os dois irmãos se condoíam profundamente. E, um dia bem perto do quarto dentro do qual o sr. Ciappelletto jazia enfermo, eles, entre si, começaram a raciocinar da seguinte maneira:

— Que é que vamos fazer — dizia um irmão ao outro — com este homem? Temos, em nossas mãos, um péssimo negócio, no que se relaciona com ele. Mandá-lo embora desta casa, doente como está, seria o mesmo que provocar as gerais reprovações: seria, além disso, sinal manifesto de pouco juízo. O povo viu que nós o recebemos antes, e que o fizemos servir e medicar sollicitamente. Agora, sem ter ele feito coisa alguma que nos pudesse desagradar, não acharia justo mandá-lo embora, assim de súbito, da nossa casa, estando ele enfermo de morte. De outra banda, ele tem sido homem tão mau, que não poderá confessar-se, nem receber qualquer sacramento da Igreja. Se, porém, ele morrer sem confissão, nenhuma igreja quererá receber-lhe o corpo. Ora: não sendo absolvido, por não se confessar, ele será da mesma forma atirado às valas comuns. Se isto acontecer, o povo desta terra se erguerá em clamor e gritará: “Estes cães de lombardos,⁵ que não quiseram comparecer à igreja, não a

querem mais sustentar.” Os elementos do povo correrão às nossas casas, e, sem dúvida, não somente nos roubarão os haveres, mas também nos tomarão, além disso, as pessoas. Isto ocorrerá porque a nossa ocupação se afigura, ao povo, extremamente iníqua; tanto é assim que o dia todo as gentes falam mal dela. Ademais, o povo tem vontade de nos roubar. Portanto, nós estaremos em maus lençóis, em qualquer alternativa, se este sujeito morrer.

O sr. Ciappelletto — que, como dissemos, se encontrava deitado perto do lugar onde os dois irmãos conversavam — tinha ouvido apurado, como várias vezes vemos que os enfermos têm. Ouviu, pois, o que os dois irmãos diziam dele. Por isto, mandou chamá-los. E disse-lhes:

— Não quero que vocês duvidem seja lá do que for, que se refira a mim; nem que vocês tenham receio de sofrer qualquer prejuízo, por minha causa. Ouvi o que vocês falaram a meu respeito. Estou certíssimo de que aconteceria o que vocês temem que aconteça, se as coisas corressem como vocês presumem. As coisas, porém, correrão de maneira diversa. Em vida, pratiquei tantas injúrias a Deus Nosso Senhor que, se eu Lhe fizer mais uma, agora, no momento da minha morte, nenhuma diferença isso constituirá. Portanto, tratem de fazer vir para cá um frade, santo e valoroso — o mais santo e valoroso que puderem encontrar, se é que algum existe nessas condições. E deixem o caso entregue a mim. Eu arrumarei, com firmeza, os negócios de vocês; e os meus também; e o farei por tal forma, que tudo ficará bem, e que vocês passarão a sentir-se contentes.

Os dois irmãos não depositaram muita esperança neste plano. Mesmo assim, dirigiram-se a um mosteiro de frades, onde pediram que algum homem, santo e sábio, fosse ouvir a confissão de um lombardo que se achava doente em sua residência. Foi-lhes apresentado um frade antigo, de vida bondosa e santa, grande intérprete das Escrituras, religioso muito venerável, para com o qual todos os cidadãos manifestavam devoção especial e enorme. E os irmãos florentinos o levaram consigo.

Em chegando ao quarto onde o sr. Ciappelletto jazia, e sentando-se ao lado do enfermo, o frade, de início, passou a confortá-lo. A seguir, perguntou-lhe quanto tempo se havia passado desde que fizera a sua confissão anterior. A isto, o sr. Ciappelletto, que nunca se confessara, respondeu:

— Meu padre! O meu costume é o de confessar-me pelo menos uma vez, todas as semanas; são numerosas as semanas em que me confesso mais vezes. É verdade que, depois que adoeci, há coisa de uns oito dias, não me tenho

confessado. Pense o senhor em quanto aborrecimento esta enfermidade me vem causando!

Disse o frade:

— Meu filho. Muito bem fez você, e assim deverá fazer daqui por diante. Vejo que, uma vez que com tanta frequência costuma confessar-se, pouco trabalho terei ao ouvir e ao perguntar.

Esclareceu o sr. Ciappelletto:

— Senhor frade! Não diga isso! Eu nunca me confessei tantas vezes, nem com tanta frequência, como eu sempre teria gostado de me confessar, em sentido geral, de todos os pecados que cometi e de que consigo recordar-me, desde o dia em que nasci até àquele em que me confessei pela última vez. Por isto, suplico-lhe, meu bom frade, que me pergunte meticulosamente a respeito de tudo. Faça como se eu nunca me houvesse confessado. Não tenha contemplações, por estar eu enfermo. Prefiro impor desprazeres a estas minhas carnes, a praticar qualquer ato que, dando-lhes vantagem, possa constituir perdição para a minha alma, que o meu Salvador redimiu com o seu sangue precioso.

Estas palavras agradaram muito ao santo homem, afigurando-se-lhe que resultassem de espírito bem disposto. Depois de louvar, ao sr. Ciappelletto, este seu costume de confessar-se, começou perguntando-lhe se ele alguma vez pecara por luxúria, com alguma mulher. Ao que o sr. Ciappelletto, suspirando, respondeu:

— Meu padre! Quanto a isto, envergonho-me de lhe dizer a verdade, pois temo pecar por vanglória.

Ao que o santo frade disse:

— Fale com segurança, porque, dizendo a verdade, nem na confissão, nem em qualquer outro ato, ninguém pecou jamais.

Disse, então, o sr. Ciappelletto:

— Uma vez que o senhor assim me assegura, di-lo-ei. Eu sou tão virgem como saí do corpo de minha mãe.

— Oh! Bendito seja você a Deus! — exclamou o frade. — Como você procedeu bem! Assim procedendo, tanto mais você mereceu quanto mais, se o quisesse, você teria podido dispor do arbítrio de fazer o contrário, coisa de que nós, os frades, não dispomos, e de que nem dispõem os outros homens que se encontram sujeitos a alguma disciplina.

Depois disto, o frade perguntou ao enfermo se, pelo pecado da gula, havia desagradado a Deus. A isto, suspirando profundamente, o sr. Ciappelletto

respondeu que sim. Pecara muitas vezes. Porque, além dos jejuns das quaresmas, que as pessoas devotas fazem todos os anos, ele, pelo menos três dias por semana, costumava jejuar, alimentando-se apenas de pão e água. Mas bebia água com aquele leite e com aquele apetite que os grandes bebedores de vinho manifestam. Este leite se tornava ainda mais acentuado, principalmente depois da realização de alguma tarefa extenuante, ou depois de adorar, ou depois de peregrinar. Muitas vezes desejara ter pequenas saladas modestas, de ervas, como as que fazem as mulheres, quando vão à vila. Algumas vezes, o ato de comer se lhe afigurara muito mais gostoso do que deveria parecer a quem jejua por devoção, como ele jejuava. Ao que o frade observou:

— Estes pecados são coisa natural, e, de resto, são muito brandos. Não quero que você os faça pesar, na sua consciência, mais do que deve. A todo homem, por mais santo que seja, acontece parecer-lhe, depois do jejum, muito gostoso o ato de mastigar; e, depois da fadiga, o ato de beber.

— Oh! — exclamou o sr. Ciappelletto. — Meu frade! Não me diga isso apenas para me consolar. Bem sabe que eu sei que as coisas que se fazem a serviço de Deus devem ser todas feitas com pureza, e sem qualquer hesitação da alma. Seja quem for que proceda de modo diverso, peca.

Contentíssimo, o frade declarou:

— E eu me sinto satisfeito pelo fato de assim serem as coisas compreendidas por sua alma. Agrada-me imensamente a sua consciência, boa e pura, a tal respeito. Diga-me, porém: por avareza, não terá você pecado, desejando mais do que o conveniente, ou retendo aquilo que você não deveria reter?

Ao que o sr. Ciappelletto disse:

— Meu padre! Eu não apreciaria que o senhor me perguntasse o motivo pelo qual eu me encontro em casa desses usurários. Nada tenho com eles. Ao contrário. Eu até viera por dever de admoestá-los e de castigá-los, a fim de os tolher desta ganância abominável. Creio que teria conseguido o meu intento, se Deus não me houvesse visitado por esta maneira. Contudo, o senhor precisa saber que meu pai me deixou rico; dos meus haveres, assim que ele faleceu, dei a maior parte a Deus. Depois, para o sustento da minha vida, bem como para poder ajudar os pobres de Cristo, fiz as minhas pequenas barganhas; nelas, desejei ganhar alguma coisa; o que ganhei, sempre reparti, meio a meio, com os pobres de Deus. Apliquei a minha metade nas minhas necessidades; a outra

metade, dava-a aos pobres. Por isto, o Criador me ajudou tanto que eu sempre fiz os meus negócios em condições cada vez melhores.

— Fez você muito bem — aprovou o frade. — Mas com que frequência se tem você deixado inflamar pela ira?

— Oh! — esclareceu o sr. Ciappelletto. — É preciso que eu bem lhe diga que muito me deixei levar pela ira. Mas quem poderia conter-se, vendo, todo dia, que os homens fazem mal todas as coisas? Que eles não observam os mandamentos de Deus? Que não temem os Seus juízos? Muitos e muitos foram os dias em que eu teria preferido estar morto, a estar vivo, por ver os moços a correr atrás de vaidades, a jurar e a perjurar, a frequentar tavernas, a não visitar igrejas, a seguir, de preferência, os caminhos do mundo, aos caminhos de Deus.

Disse, então, o frade:

— Meu filho: essa é a boa ira. Eu não saberia impor a você qualquer penitência por isso. Mas, será que, ainda que por acaso, a ira o terá induzido a praticar algum homicídio, ou a proferir vilanias contra alguém, ou a provocar alguma outra forma de dano?

Ao que o sr. Ciappelletto respondeu:

— Ai de mim, senhor frade! Oh! O senhor... O senhor me parece homem de Deus! Como é que o senhor profere semelhantes palavras? Oh! Se eu tivesse tido ainda que fosse um pensamentozinho de fazer qualquer das coisas que o senhor agora disse, crê o senhor que Deus me haveria amparado tanto? Tais coisas são praticadas apenas por vilões e por delinquentes. A estes, sempre que algum se me depara, tenho dito: “Vá, e que Deus o converta!”

Então, disse o frade:

— Diga-me agora, meu filho, que bendito seja você a Deus: nunca deu você qualquer testemunho falso, contra quem quer que fosse? Nunca falou mal de ninguém? Nunca tirou, dos outros, coisas alheias, sem prazer nem consentimento do seu dono?

— Sim, senhor frade — respondeu o sr. Ciappelletto. — Eu já falei muito mal dos outros! O caso foi que eu tive um vizinho que, com a maior sem-razão do mundo, nada mais fazia do que bater na esposa; assim, uma vez eu falei mal dele, aos parentes da mulher, de tão grande que foi a piedade que senti daquela pobrezinha; sempre que ele bebia em excesso, punha-a em condições que só Deus lhe poderia dizer.

Observou, então, o frade:

— Pois bem! Você me diz que foi comerciante. Já enganou você alguém, como costumam fazer os comerciantes?

— Pela minha fé — respondeu o sr. Ciappelletto —, pela minha fé que sim. Não sei quem foi. Sei que foi um indivíduo que me entregou um dinheiro que me era devido, por uma peça de pano que eu lhe vendera. Botei o dinheiro numa gaveta, sem o contar. Ali, um mês depois, verifiquei que havia quatro centavos a mais do que o certo. Assim, não tornando a encontrar aquele indivíduo, e depois de reter os referidos centavos durante um ano, para lhos devolver, dei-os pelo amor de Deus.

Disse o frade:

— Esta falta foi pequena; você andou bem, ademais, fazendo o que disse que fez.

Além disto, o santo frade formulou perguntas sobre muitas outras coisas; a todas elas, o enfermo respondeu sempre pela mesma forma. Desejando, pois, o frade proceder à absolvição do sr. Ciappelletto, este disse:

— Meu frade! Tenho ainda um pecado de que não lhe falei.

O frade perguntou qual era. E o enfermo respondeu:

— Recordo-me de que mandei o meu serviçal doméstico varrer a casa, num sábado,⁶ depois da hora nona; não manifestei, pois, para com o santo domingo, aquela reverência que deveria ter manifestado.

— Oh! — exclamou o frade. — Esta é uma falta leve!

— Não — redarguiu o sr. Ciappelletto. — Não diga falta leve! O domingo é dia que se deve honrar. Porque foi num dia de domingo que o Senhor ressuscitou da morte!

Disse, então, o frade:

— Oh! Fez mais alguma coisa?

— Senhor frade, fiz — respondeu o sr. Ciappelletto. — De uma feita, sem que o percebesse, cuspi na igreja de Deus.

O frade começou a sorrir, e disse:

— Meu filho: isto não é coisa que possa preocupar; nós, que somos religiosos, ali cuspimos todos os dias.

Disse, então, o sr. Ciappelletto:

— Os senhores perpetram grande vilania, porque nada deve ser conservado tão limpo como o santo templo, dentro do qual se rende sacrifício a Deus!

Em breve tempo, o sr. Ciappelletto disse muitas destas palavras ao frade. Por fim, começou a suspirar; depois, a chorar copiosamente, como quem muito bem soubesse chorar quando o quisesse. Então, perguntou o santo frade:

— Meu filho: que é que você tem?

Respondeu o sr. Ciappelletto:

— Ai de mim, senhor frade! Ficou-me ainda um pecado por dizer. Deste, nunca me confessei, de tanta vergonha que tenho de dever dizê-lo! Toda vez em que dele me recordo, choro como o senhor está vendo. E parece-me absolutamente certo que Deus nunca terá misericórdia de mim, por tal pecado.

Então, o santo frade disse:

— Vamos, vamos, meu filho! Que é que você está dizendo? Se todos os pecados que jamais foram praticados pelos homens, ou que todos os homens ainda estão por praticar, enquanto durar o mundo, fossem praticados por um único homem, e este homem se sentisse arrependido e contrito, como eu vejo que você se sente, é tanta a bondade de Deus que, em esse homem se confessando, o perdoaria generosamente. Por isto, pode você dizer o seu pecado.

Disse, então, o sr. Ciappelletto, sempre chorando copiosamente:

— Ai de mim, meu frade! O meu pecado é excessivamente grande; e mal eu poderia crer, se as suas palavras não me ajudassem, que ele possa, um dia, ser perdoado por Deus.

Ao que o frade disse:

— Diga-o com segurança; prometo suplicar a Deus por você.

O sr. Ciappelletto continuava a chorar, sem dizer o pecado que cometera. E o frade continuava a incitá-lo a dizer. Mas, depois que o sr. Ciappelletto, chorando, manteve o frade em suspenso durante um tempo enorme, ele emitiu um grande suspiro, e disse:

— Meu frade: uma vez que o senhor promete suplicar a Deus por mim, eu o direi. Saiba o senhor que, quando eu era pequenino, blasfemei, certa ocasião, contra minha mãe!

Depois de dizer isto, o sr. Ciappelletto recomeçou a chorar copiosamente. Disse o frade:

— Oh! meu filho! Então lhe parece que isso seja um grande pecado? Os homens blasfemam o dia todo contra Deus; e Ele perdoa de bom grado quem se arrepende de haver blasfemado; e você não crê, então, que lhe perdoe isto? Não chore! Tranquelize-se. Porque, com franqueza, mesmo que você fosse um dos que O crucificaram, e manifestasse a contrição que vejo você manifestar, não há dúvida que Ele o perdoaria.

Disse, então, o sr. Ciappelletto:

— Ai de mim, meu frade! Que é que o senhor está dizendo? Oh! minha doce mãe, que me teve no seu ventre durante nove meses, dia e noite, e que me

carregou nos braços mais de cem vezes! Muito mal eu fiz em blasfemar contra ela. Isto foi pecado enorme. E se o senhor não pedir a Deus por mim, não me será perdoado.

Vendo o frade que nada mais restava para que o sr. Ciappelletto dissesse, deu-lhe a absolvição, e concedeu-lhe a bênção. Considerou-o homem santíssimo, como confessor que acreditasse plenamente ser verdade o que o sr. Ciappelletto dissera. E quem não acreditaria, vendo aquele homem na iminência da morte? Por fim, depois de tudo isto, disse-lhe:

— Sr. Ciappelletto: com a ajuda de Deus, você logo ficará bom. Mas, se acontecer que Deus chame a Si a sua alma bendita e bem-disposta, agradecer-lhe-ia que o seu corpo fosse sepultado em lugar sagrado para nós?

Ao que o sr. Ciappelletto respondeu:

— Meu santo frade, sim! Aliás, não desejarei ser enterrado em outro lugar, uma vez que o senhor me prometeu pedir a Deus por mim. Ademais, sempre tive particular devoção para com a sua Ordem. Por isto, peço-lhe que, quando o senhor chegar àquele seu lugar, faça com que venha a mim o veracíssimo Corpo de Cristo, que o senhor, pela manhã, consagra no seu altar. Embora eu não seja digno d'Ele, pretendo recebê-Lo, com sua permissão. Depois, quero a santa e extrema-unção, para que, se vivi como pecador, ao menos possa morrer como cristão.

O santo frade assegurou que tudo isso lhe dava muita alegria, e que o sr. Ciappelletto falava com acerto. Faria, pois, com que o que ele pedia lhe fosse oportunamente proporcionado. E assim foi.

Os dois irmãos florentinos, os quais muito duvidavam de que o sr. Ciappelletto não acabasse enganando-os, puseram-se junto a um biombo. Este biombo dividia em dois setores a sala em que o sr. Ciappelletto se encontrava. Ali, pondo-se à escuta, os dois ouviram de leve, e entenderam, o que o sr. Ciappelletto disse ao frade. Sentiam, por vezes, tamanha vontade de rir, ao ouvirem o que ele confessava ter praticado, que quase explodiam; e, de si para consigo, raciocinavam: “Que espécie de homem é este, que nem a velhice, nem a enfermidade, nem o medo da morte, da qual se vê bem perto, nem também o temor de Deus, perante Cujo juízo dentro de poucas horas se presume que deva comparecer, conseguiram demover da habitual malvadez? Será que nem ao menos ele deseja morrer de maneira diversa daquela pela qual viveu?” Vendo, porém, que se havia assentado que o seu corpo seria recebido em sepultura consagrada, na Igreja, de nada mais os dois irmãos se preocuparam. Que ocorresse o que tivesse de ocorrer.

O sr. Ciappelletto comungou logo depois. Como piorasse a olhos vistos, ministrou-se-lhe a extrema-unção. Pouco depois do cair da noite, naquele mesmo dia em que fez a confissão, morreu. Por isto, os dois irmãos florentinos tudo providenciaram, de acordo com o que o enfermo dissera, para que o seu corpo fosse honrosamente sepulto. Comunicaram a morte do enfermo ao mosteiro dos frades. Pediram, aos frades, que fossem, durante a noite, fazer o velório, de conformidade com o costume local, e que tomassem, pela manhã, as disposições oportunas, quanto ao destino a dar ao corpo. O santo frade, que o havia confessado, quando soube que o sr. Ciappelletto falecera, foi ter com o prior do mosteiro. Mandou que se tocasse a capítulo. Depois, aos frades reunidos em capítulo, demonstrou que o sr. Ciappelletto fora homem santo, a julgar pelo que, através da confissão, ficara sabendo, e do que se convencera. Acreditava o frade que, através do sr. Ciappelletto, Deus realizaria muitos milagres. E acabou persuadindo os religiosos seus companheiros, no sentido de que aquele corpo deveria ser recebido, no mosteiro, com grande reverência e devoção. Concordaram com isto o prior e os outros frades, porque tinham fé na sinceridade das palavras do confessor. À noite, os religiosos dirigiram-se à casa onde jazia o corpo do sr. Ciappelletto; e ali fizeram grande e solene vigília. Pela manhã, envergando túnicas e pluviais, todos aqueles religiosos, de livros à mão e com as cruzes na frente, foram buscar o corpo, cantando. Levaram-no, com grande pompa e solenidade, à própria igreja, no que se viram acompanhados por quase todo o povo da cidade, homens e mulheres. Depositado o corpo na igreja, o santo frade, que havia confessado o sr. Ciappelletto, subiu ao púlpito e começou a falar. Falou do sr. Ciappelletto — da sua vida — dos seus jejuns — da sua virgindade — da sua simplicidade — da sua inocência — da sua santidade — coisas por certo maravilhosas, dignas de serem pregadas. Entre outros episódios, o frade narrou aquilo que, chorando, o sr. Ciappelletto confessara como sendo o seu maior pecado. Disse como foi que ele, frade, mal conseguira pôr, na cabeça do enfermo e moribundo, a convicção de que Deus o perdoaria. Depois, o frade, dirigindo-se ao povo, que o ouvira, exclamou:

— E vocês, malditos de Deus, a cada fio de palha que se embaraça entre os seus pés, blasfemam contra Deus e contra a Mãe, e bem assim contra toda a corte do paraíso!

Além destas, disse o frade muitas outras coisas quanto à lealdade e à pureza do sr. Ciappelletto. Em pouco tempo, por meio das suas palavras, às quais toda a gente do lugar prestava fé absoluta, o frade fez com que a

memória do defunto entrasse no espírito e se impusesse à devoção de quantos ali se encontravam. Assim que o ofício fúnebre se concluiu, os presentes, no maior tumulto deste mundo, correram a beijar os pés e as mãos do morto; todas as roupas de que o defunto se achava vestido foram rasgadas; consideravam-se beatos os que conseguiam possuir ainda que fosse um pedacinho de tais roupas. Concordou-se em que o defunto fosse conservado ali na igreja o dia todo, para que pudesse ser visitado e contemplado por todos. Depois, ao cair da noite, o corpo foi sepulto com todas as honras, numa arca de mármore, numa capela da igreja.

No dia seguinte, a pouco e pouco, o povo começou a dirigir-se àquela sepultura, a acender velas e a adorar o morto; começou, igualmente, a fazer votos e a dependurar, na capela, imagens de cera, cada qual de acordo com a promessa feita. Enquanto isto, foi crescendo a fama da devoção e da santidade do sr. Ciappelletto. Quase ninguém se mostrou contrário à formação desta fama, nem a que a ele se fizessem votos, ao invés de os fazer a outro santo. Chamaram, e chamam ainda, ao sr. Ciappelletto, São Ciappelletto. Afirmou-se que muitos milagres Deus fez, por intermédio e através dele; e prossegue fazendo-os, todos os dias, a quem devotadamente se coloca sob a sua proteção.

Assim, pois, viveu e morreu o sr. Ciappelletto, de Prato; e tornou-se santo, como acabam de ouvir.

Não quero negar que seja possível ser esse homem beato, na presença de Deus. Embora sua vida tenha sido celerada e perversa, bem pode ele ter sentido, na quadra extrema da existência, tamanha contrição, que, em consequência, Deus manifestou misericórdia para com ele, recebendo-o no Seu reino. Considerado, porém, que isto é circunstância oculta, a nós desconhecida, eu só raciocino de acordo com aquilo que as aparências sancionam. Digo, pois, que este sr. Ciappelletto deveria encontrar-se, de preferência, nas mãos do diabo, e não no paraíso. Se assim é, enorme se pode dizer que é a bondade de Deus, para conosco. A bondade se manifesta, não para com o nosso erro, e sim em consideração à pureza da fé. Fazendo do sr. Ciappelletto, que foi inimigo de Deus, nosso mediador perante Ele, por o julgarmos amigo de Deus, o Todo-poderoso nos ouve, como se recorrêssemos, para a tarefa de mediador, na consecução da Sua graça, a um santo verdadeiro. Por isto, louvando o nome de Deus, com o qual demos início a esta conversação, prestamos-Lhe reverência. Recomendamo-nos a Ele, nas nossas necessidades, certíssimos de sermos ouvidos, e também para que, pela Sua graça, sejamos conservados são e salvos nas adversidades presentes, bem como nesta tão agradável companhia.

E neste ponto se calou.

Notas

¹ Deste personagem, diz o historiador Dino Compagni que, tornando-se riquíssimo, deixou a vida de negociante; armado cavaleiro, acompanhou Carlos de Valois, apelidado Carlos Senterra, na expedição à Itália, para onde fora chamado pelo papa Bonifácio VIII.

² Carlos de Valois, também denominado Carlos Senterra: Chegou a Florença em 1301. É citado por Dante, *Divina Comédia*, Inferno, canto VI, verso 69, e Purgatório, canto 20, verso 71.

³ Nasceu em 1217; morreu em 1303; cardeal, em 1281; papa, em 1294, após a abdicação de Celestino V.

⁴ Ciapperello, nome depois transformado em Ciappelletto: era da família dos Cepperelli, de Prato, que se extinguiu em fins do século XVIII.

⁵ Naquela época, os franceses denominavam lombardos todos os italianos, principalmente os que comerciavam na França. Lourenço dos Médici, que tinha casas comerciais na França, era chamado o grande lombardo. Deve-se recordar que os usurários eram excomungados pelos cânones sagrados, e, por isso, não eram recebidos na Igreja.

⁶ Naquele tempo, era costume, em Florença, repousar o povo na tarde do sábado, em honra do domingo sucessivo. Como se vê, o que hoje se denomina sábado inglês teria sido, antes, sábado florentino.

SEGUNDA NOVELA

O judeu Abraão, instigado por Giannotto di Civigni, vai à corte de Roma. Vendo a malvadeza dos clérigos, regressa a Paris, onde se torna cristão.



novela de Pânfilo foi atentamente ouvida, e chegou ao seu fim. Provocou risos, em algumas das suas passagens, sendo comentada, em todos os seus trechos, pelas mulheres. Como Neifile se encontrava sentada ao lado de Pânfilo, a Rainha ordenou que ela, fazendo uma narrativa própria, desse seguimento à cadeia do entretenimento que se havia começado. Neifile, como pessoa que não era menos dotada de maneiras cortesias do que de beleza, alegremente respondeu que o faria de muito boa vontade. E começou desta forma:

— Pânfilo demonstrou, em sua narrativa, a bondade de Deus, através da circunstância de Ele não se incomodar com os nossos erros, quando estes resultam de dados básicos que não possam ser deslindados por nós. Eu, na minha novela, pretendo demonstrar o quanto aquela mesma bondade, sustentando os defeitos daqueles que dela deveriam dar verdadeiro testemunho, por meio de obras e de palavras, dá de si mesma prova de verdade infalível; e isto ocorre para que nós prossigamos acreditando naquilo em que nós acreditamos, e o façamos ainda com mais firmeza de ânimo.

Como eu, minhas graciosas mulheres, já ouvi dizer, existiu, em Paris, um grande comerciante. Era um bom homem, que se chamava Giannotto di Civigni. Tinha a virtude de ser extremamente leal e correto. Comercia à grande, com artigos de tecelagem. Mas tinha relações de singular amizade com um homem riquíssimo, judeu, chamado Abraão.¹ Também este era, como ele, comerciante muito correto e leal. Giannotto, vendo-lhe a correção e a lealdade, começou a sentir-se pesaroso pelo fato de a alma de um homem tão digno, tão esclarecido e tão bondoso, ser lançada à perdição, devido à sua falta de fé cristã. Por isto, passou a solicitar-lhe, amistosamente, que abandonasse os erros da fé

judaica e abraçasse a religião de Cristo. Abraão — argumentava Giannotto — bem podia ver esta religião, santa e generosa, prosperar e expandir-se, ao passo que a religião judaica, ao contrário, ao que ele também podia discernir, diminuía e se reduzia a nada. O judeu costumava responder que nenhuma religião era por ele julgada santa e generosa, afora a judaica. Argumentava que tinha nascido nessa religião, e que nela desejava continuar a viver e, afinal, morrer. Nem poderia jamais haver circunstância que o demovesse de tal propósito. Giannotto nunca se deu por vencido. Durante uns poucos dias, não dirigiu palavra alguma, a Abraão, quanto a isto. Mais tarde, entretanto, procurou mostrar-lhe, sumariamente embora, como faz a maior parte dos comerciantes, as razões pelas quais a nossa religião tinha de ser melhor do que a judaica. O judeu, que se havia instruído grandemente na lei de Israel e nela se fizera mestre, começou a gostar muito das demonstrações de Giannotto. Apesar disto, obstinado como se achava na sua crença, não se deixava afastar dela. Assim como ele se fazia pertinaz, assim também Giannotto não se cansava de o aliciar. E tanto insistiu, em tal sentido, que o judeu, abalado por tão contínua perseverança, disse:

— Olhe, Giannotto, a você agrada que eu me torne cristão; e eu estou disposto a fazer isso. Quero-o com tanta sinceridade que tenciono ir primeiro a Roma, e ver, ali, aquele que você diz que é o vigário de Deus na terra; desejo analisar os modos, os costumes, tanto dele como dos irmãos dele, os cardeais. E se tudo me parecer de ordem capaz de me levar, por meio das suas palavras e dos costumes deles, a compreender que a sua fé é melhor do que a minha, exatamente como você se tem esforçado por me demonstrar, então farei o que já lhe disse. Se isto não acontecer, continuarei a ser judeu, como sou.

Quando Giannotto ouviu isto, ficou extremamente penalizado. E disse de si para consigo: “Perdi todo o meu esforço, que me parecia tão bem empregado; julgava que este judeu já estivesse convertido. Se ele for a Roma — se ele visitar a corte de lá — e se tomar conhecimento da vida celerada e suja dos clérigos,² não só não se transformará, de judeu, em cristão, mas bem se pode dizer que, se já fosse cristão consumado, sem dúvida alguma voltaria a ser judeu!” Depois, dirigindo-se a Abraão, tentou raciocinar assim:

— Ouça, meu bom amigo. Por qual motivo quer você dar-se a trabalho tão cansativo e a tão grande despesa, como o trabalho e a despesa dessa sua ida daqui a Roma? Acresce que, para um homem rico como você, essa viagem, seja por terra, seja por mar, está cheia de perigos. Pensa você que não encontrará, aqui, quem lhe dê o batismo? Se, talvez, você ainda nutre alguma dúvida,

quanto à pureza da fé que eu lhe demonstro, onde é que existem, mais do que aqui mesmo, homens sábios, capazes de responder ao que você perguntar, e de esclarecer as inseguranças que você sentir? Por estas razões, o meu parecer é o de que esta sua ida a Roma se torna supérflua. Pense em que os prelados, lá, são os mesmos que pode ver que são aqui. Serão, por certo, tanto melhores quanto mais perto se encontrarem do pastor principal. Por isto, ao meu modo de ver, é melhor que você reserve essa viagem para outra vez, quando tiver de obter algum perdão.³ Então, provavelmente, eu lhe farei companhia.

Ao que o judeu respondeu:

— Creio, Giannotto, que seja assim como você me fala; mas, retribuindo-lhe as muitas palavras em uma frase, digo-lhe que me acho inteiramente decidido a ir a Roma (se é que você deseja que eu faça aquilo que tanto me vem pedindo para fazer); do contrário, não farei coisa alguma.

Giannotto, percebendo a vontade inabalável do outro, disse:

— Então vá, e seja feliz!

E convenceu-se, intimamente, de que o judeu nunca mais se faria cristão — principalmente depois de ver o que se passava na corte de Roma. Entretanto, como nada perdia com isso, concordou.

O judeu montou a cavalo, e, tão rapidamente quanto lhe foi possível, rumou para a corte de Roma. Ali chegando, foi condignamente recebido pelos seus correligionários israelitas. Demorando-se em Roma, sem revelar a ninguém o motivo pelo qual a ela se dirigira, tratou, cautelosamente, de examinar as maneiras do papa, dos cardeais e dos outros prelados, bem como de todos os cortesãos. Somando o que pessoalmente observou, como homem conhecedor dos homens que era, àquilo de que alguém o informou, o judeu concluiu que, desde o mais categorizado, até ao mais humilde, todos, em geral, em Roma, pecavam desonestissimamente por luxúria; pecavam não somente por luxúria natural, mas também por atos de sodomia; e tudo isto se fazia sem qualquer freio representado pelo remorso, ou pela vergonha. Não era pequeno o poderio das meretrizes e dos rapazes efeminados, no sentido de impetrar fosse lá o que fosse que se revestisse de importância. Além disto, verificou, publicamente, que todos se mostravam universalmente gulosos, bebedores, ébrios — cuidando mais do próprio ventre, à maneira de animais irracionais, inclinados à luxúria, do que de qualquer outra coisa. Observando mais profundamente, viu-os a todos avaros e ansiosos de possuir dinheiro. Vendiam o sangue humano, e, principalmente, o sangue cristão; vendiam coisas divinas, quaisquer que elas fossem, mesmo que pertencessem aos sacrifícios e

aos benefícios; vendiam e compravam dinheiro, para produzir mais lucro. Havia, em Roma, muito mais lojas de fazendas e de inúmeras outras coisas, do que em Paris. À manifesta simonia, os romanos haviam dado a denominação de procuradoria; à gula, chamavam subsistência. Como se Deus, mesmo deixando-se de parte o significado dos vocábulos, não conhecesse sequer a intenção dos péssimos espíritos, e pudesse ser enganado, à maneira dos homens, através do disfarce vulgar do nome dado às coisas.

Estes fatos juntamente com vários outros, sobre os quais é dever a gente calar, desagradaram sumamente o judeu. Ele era homem sóbrio e modesto. Afigurando-se-lhe, pois, que já havia visto o bastante, tratou do seu regresso a Paris. E assim fez.

Quando Giannotto soube que o amigo regressara, foi ter com ele; e os dois se fizeram grandes festas, por se encontrarem de novo. Giannotto esperava tudo — menos que o judeu se houvesse tornado cristão.

Depois que Abraão repousou alguns dias, Giannotto perguntou-lhe pelo juízo que fizera do santo padre, dos cardeais e dos cortesãos de Roma. Ao que o judeu respondeu, sem hesitar:

— Afigura-se-me coisa má que Deus dê felicidade a todos quantos eles são! Digo-lhe isso porque, se eu soube examinar bem os fatos, não me pareceu ver, ali, qualquer santidade, nem qualquer devoção, nem qualquer boa obra, nem qualquer exemplo de vida decente, em pessoa que fosse de clérigo. Só vi luxúria, avariza e gula, além de outras coisas a essas semelhantes, e mesmo muito piores, se é que podem existir coisas piores, praticadas por alguém. Pareceu-me ver tanta gente vivendo plenamente satisfeita, que passei a considerar aquilo mais uma oficina de operações diabólicas do que um templo de atos divinos. Pelo que pude estimar, com o máximo de solicitude, de inteligência e de arte, afigurou-se-me que o seu pastor e, por conseguinte, todos os outros se esforçam no sentido de reduzir a nada, e até de eliminar do mundo, a religião cristã, ao invés de serem, como deveriam ser, os seus alicerces, os seus sustentáculos. Mas, pelo que verifico, com prazer, não virá para essa religião, o futuro que eles se esforçam por proporcionar-lhe; essa religião, ao contrário, aumentará; expandir-se-á; tornar-se-á cada vez mais luminosa e mais radiante. Nessas condições, pareceu-me discernir que é o Espírito Santo, merecidamente, o seu alicerce e o seu sustentáculo, como convém a uma religião mais verdadeira e mais santa do que qualquer outra. Por estes motivos, eu, que me fazia rígido e duro, em face dos argumentos por você apresentados, e que não me inclinava a tornar-me cristão, agora francamente

lhe digo que não deixaria, por coisa alguma deste mundo, de me tornar cristão. Vamos, pois, à igreja; e, ali, mande que me batizem, de acordo com a tradição de sua santa fé.

Giannotto, que esperava desfecho diametralmente oposto a este, ao ouvir o judeu falar por essa forma, tornou-se o homem mais contente que jamais houve no mundo. Dirigiu-se, com o amigo, à Nossa Senhora de Paris; pediu, aos clérigos lá de dentro, que ministrassem o batismo a Abraão. Os clérigos, vendo que o amigo também o pedia, batizaram-no sem perda de tempo. Giannotto foi quem levou Abraão à fonte sagrada, dando-lhe o nome de João.

A seguir, preparou o amigo, por meio e obra de grandes mestres, na doutrina da nossa fé — doutrina esta que ele não tardou a aprender. Daí por diante, João viveu como homem bondoso e digno — e de santa fé.

Notas

¹ O fato que serviu de base a esta novela de Boccaccio é dado como sendo autêntico, por Benvenuto da Imola, no seu comentário à *Divina Comédia*, de Dante. Deve ter ocorrido, porém, antes de 1304, porquanto, nesta data, no pontificado do papa Clemente V, a corte pontifícia foi transferida para Avinhão, França.

² Por este juízo severo sobre a corte papal, alguns pensaram que Boccaccio estivesse zombando impiamente da religião; mas um douto prelado, o monsenhor Bottari, sustentou que a intenção de Boccaccio não era irreverente; e demonstrou que todas as crônicas do tempo concordam com o que Boccaccio diz. De resto, também Petrarca, que nada tinha de ímpio, escreveu três sonetos, que se tornaram célebres, deplorando a corrupção da corte de Roma.

³ Chamava-se perdão a peregrinação a Roma, que se fazia por ocasião do Jubileu e também em outras circunstâncias; concediam-se indulgências especiais aos seus participantes.

TERCEIRA NOVELA

O judeu Melquisedeque elimina, com uma narrativa de três anéis, um grande perigo que lhe fora armado por Saladino.



epois de ter sido por todos louvada a narrativa de Neifile, ela calou-se. E, como a Rainha determinou, Filomena assim começou a falar:

— A novela dita por Neifile me faz voltar à memória o episódio duvidoso, outrora acontecido a outro judeu. Visto que já se falou bastante, e bem, de Deus, bem como da verdade da nossa fé, o que eu vou contar-lhes, descendo aos acontecimentos e aos atos dos homens, nada desmentirá. Depois de ouvirem a minha novela, talvez vocês se façam mais cautelosas nas respostas às perguntas que lhes forem formuladas.

Vocês, minhas adoradas companheiras, devem ficar sabendo que, assim como a estupidez afasta, por vezes, o homem do seu estado de felicidade, para o lançar em grande desgraça, assim também a consciência de enormes perigos o coloca em posição de grande e seguro repouso. Através de muitos exemplos se verifica que a estupidez conduz a criatura da boa para a má situação. Neste momento, não importa desenrolar tais exemplos, uma vez que, todos os dias, mil deles se põem de manifesto. Tratarei, porém, de mostrar, brevemente, com uma novelazinha, que a consciência, o juízo, é causa de consolo.

Saladino¹ foi homem cujo enorme valor não somente o transformou, de criatura humilde, que era, em sultão da Babilônia, mas também o levou a conseguir muitas vitórias contra reis sarracenos e cristãos. Tendo ele consumido o seu tesouro em diversas guerras e em opulentas magnificências — e tendo ele passado, por um acidente que lhe aconteceu, a precisar de boa quantidade de dinheiro, lembrou-se de um rico judeu. Não viu outra maneira de conseguir o de que precisava, com a urgência que o oprimia. O nome do judeu era Melquisedeque. Ele emprestava dinheiro, como agiota, em Alexandria. Saladino pensou que o judeu tivesse o suficiente para poder servi-lo, desde que

servi-lo quisesse. Mas o judeu era tão avarento, que, por livre e espontânea vontade, não o serviria nunca; e Saladino não desejava empregar, neste caso, a força. Em consequência, limitando-se ao estritamente necessário, e empenhando-se com afínco em encontrar a maneira pela qual o judeu pudesse ser induzido a servi-lo, teve a ideia de impor-lhe uma coação colorida por algum motivo. Aladino mandou, pois, que o judeu fosse levado à sua presença; recebeu-o com ampla familiaridade; fê-lo sentar-se ao seu lado; e depois disse:

— Homem digno: ouvi dizer, por várias pessoas, que você é extremamente sábio, e que, quanto às coisas de Deus, as percebe com muita antecedência; por isto, eu gostaria de saber, de você, qual das três leis religiosas você considera verdadeira: a judaica, a sarracena ou a cristã.

O judeu, que era sábio de fato, percebeu claramente que Saladino estava procurando colhê-lo em falso, nas palavras, para poder, depois, apresentar-lhe uma ou outra imposição. Convenceu-se de que não conseguiria louvar nenhuma das três leis referidas, mais do que as outras duas, sem que Saladino tomasse pé para levar a efeito a sua intenção. O judeu aguçou a inteligência; e, como pessoa que precisava de resposta que não o prejudicasse, logo entreviu aquilo que deveria dizer. E disse:

— Meu senhor: a pergunta que o senhor me formula é muito bela; e, para dizer-lhe o que sinto, afigura-se-me de bom aviso contar uma novelazinha, que o senhor ouvirá. Se não me engano, recordo-me de ter muitas vezes ouvido dizer que já existiu um homem, grande e rico. Entre as joias mais queridas, das existentes no seu tesouro, figurava um anel magnífico, lindo e precioso. Desejando corresponder ao valor e à beleza de tal joia, e deixá-la para todo o sempre aos seus descendentes, o rico homem ordenou que aquele, dentre os seus filhos, em cujo poder fosse encontrado o mencionado anel, por ele deixado, é que seria o seu herdeiro; por isso, esse filho deveria ser honrado e obedecido por todos os outros, como se fosse o maior e o mais velho.

Aquele ao qual a joia foi deixada manteve ordem semelhante, quanto aos seus descendentes; e, assim, fez como o seu predecessor fizera. Em pouco tempo, o anel chegou às mãos de um descendente que tinha três filhos, todos belos e virtuosos, muito obedientes ao pai; por isto, o pai os amava por igual. Os jovens sabiam do costume da herança do anel. E como cada qual desejava ser o mais honrado dentre os filhos, cada qual suplicava, por sua vez, ao pai, que já era velho, para que este, ao sobrevir da morte, lhe legasse o anel.

O digno ancião, que amava por igual os seus três filhos, não sabia como escolher aquele ao qual deixar a joia. Como, entretanto, prometeu dá-la a cada

um que a pediu, quis satisfazer os três. Secretamente, ordenou que um mestre da ourivesaria lhe fizesse dois outros anéis iguais. Os anéis encomendados ficaram tão iguais aos original que ele mesmo, que os mandara fazer, mal e mal conseguia distinguir, dentre eles, o verdadeiro.

Em chegando a morte, o pai deu, secretamente, a cada filho, o seu anel. Os filhos, depois do passamento do pai, disputaram, entre si, a posse da herança e da honra. Cada qual negou, aos outros dois, todo direito. E, em testemunho de que podia proceder, conscienciosamente, por essa forma, cada qual apresentou o seu anel. Verificando-se que os anéis eram tão iguais que se tornava impossível identificar o que servira de modelo, consubstanciou-se a questão de se saber quem deveria ser o autêntico herdeiro do pai. A questão ficou em suspenso — e ainda está pendente.

É isso o que lhe digo, meu senhor, a respeito das três leis religiosas, dadas aos três povos, por Deus, Nosso Pai. A seleção de uma dessas leis é o que o senhor me propõe. Cada povo admite estar de posse da Sua herança, da Sua verdadeira Lei, e dos Seus mandamentos. Mas quem é que está com isso? Como no caso dos anéis, a questão é ainda questão aberta.

Saladino reconheceu que o judeu soubera sair-se otimamente do laço que lhe preparara. Em consequência, resolveu revelar-lhe as suas necessidades, a fim de certificar-se sobre se o judeu queria ou não servi-lo. Assim fez, comunicando-lhe o que teria intenção de levar a efeito, se o judeu não houvesse respondido tão hábil e discretamente como respondeu. O judeu pôs, à disposição de Saladino, generosamente, a quantia que o sultão da Babilônia lhe pediu. E Saladino, depois, o reembolsou inteiramente. Além disto, deu, a Melquisedeque riquíssimos presentes; daí por diante, sempre o teve na qualidade de seu amigo, conservando-o ao seu lado, em posição honrosa e elevada.

Nota

¹ Sultão do Egito e da Síria; nasceu em 1137; morreu em 1193; ocupou Jerusalém em 1187.

QUARTA NOVELA

Um monge, caído em pecado merecedor de gravíssima punição, livra-se da pena repreendendo, ao seu abade, culpa idêntica.



ilomena já se havia calado, depois de dizer a sua novela. Dioneio, que se sentava junto dela, não esperou por outra indicação da parte da Rainha. Sabia que, pela ordem por que se iniciara, era a ele, agora, que cabia falar. E desta maneira ele começou:

— Amáveis mulheres: se bem compreendi a intenção de vocês todas, nós aqui estamos para nos agradar uns aos outros, narrando episódios. Considero, por isto, salvo melhor juízo, que é lícito, a cada um de nós (como a Rainha, faz pouco tempo, bem o esclareceu), contar a novela que julga mais própria para nos deleitar. Acabo de ouvir que Giannotto di Civigni salvou a alma de Abraão, por meio de bons conselhos. E que Melquisedeque defendeu as suas riquezas contra as armadilhas preparadas por Saladino; e defendeu-as por meio do comedimento e da sabedoria. Sem esperar pela solicitação de vocês, pretendo contar, brevemente, a esperteza com que um monge livrou o próprio corpo de gravíssima penalidade.

Existiu, em Lunigiana, localidade não muito distante desta, um mosteiro que já foi, outrora, mais rico, de santidade e de monges, do que hoje o é. Nesse mosteiro havia, entre outros, um monge ainda jovem, cujo vigor nem o frio, nem os jejuns, nem as vigílias, conseguiam macerar. De uma feita, lá pelo meio-dia, quando todos os outros monges dormiam a sesta, o jovem monge, por mero acaso, se pôs a passear, sozinho, pelas vizinhanças de sua igreja. Situava-se o templo em lugar muito solitário.

Aconteceu, ao monge, ver uma jovem muito bonita. Talvez fosse filha de algum dos trabalhadores da região. A moça andava colhendo certas ervas, pelos campos. Mal o monge acabou de a contemplar, e já se sentiu acometido pela concupiscência carnal. Por isto, aproximou-se mais da moça. Travou conversa

com ela. E tanto ele pulou, de uma palavra a outra, que acabou estabelecendo um acordo com ela. Devido ao acordo, levou-a para a sua cela, sem que pessoa alguma desse por isso. Impelido por excessivo desejo, ele brincou com ela, fazendo-o, porém, com menos cautela do que a conveniente.

Aconteceu que o abade do mosteiro, saindo de sua cama, onde estivera a dormir, e passando, pé ante pé, em frente à sala do mencionado monge, ouviu a barulheira que ele e a moça estavam fazendo, juntos, lá dentro. A fim de identificar, com mais precisão, as vozes, o abade aproximou-se bem da porta da cela; aproximou-se quietamente, com o propósito de ouvir. Percebeu, sem sombra de dúvida, que, dentro da cela, se encontrava uma mulher. E sentiu a tentação de ordenar que a porta se abrisse. Depois, entretanto, pensou que seria melhor proceder por outra forma, naquele caso. Voltou para o seu quarto. E esperou que o monge saísse da cela.

O monge, embora ocupado com aquela jovem, e embora disso auferisse prazer enorme, não deixou de suspeitar de alguma coisa; parecera-lhe, em certa altura, ouvir um arrastar de pés, pela ala dos dormitórios; por isso, lançou a vista através de um pequeno orifício; e viu, com a mais perfeita clareza, que o abade lá estava ouvindo o que se passava em sua cela; compreendeu, muito bem, que o abade devia saber que a moça se encontrava em sua companhia. Sabendo o monge que, por tudo isto, grave penalidade se seguiria contra ele próprio, mostrou-se sinceramente contrariado. Entretanto, sem dar mostras da contrariedade à moça que se achava em sua cela, revolveu, em seu espírito, muitas e muitas coisas, na esperança de encontrar algo que o ajudasse a sair-se bem daquela entalada. Ocorreu-lhe, por fim, uma nova malícia, que se adequava à finalidade por ele desejada. Depois, fazendo como se já houvesse ficado o bastante em companhia da moça, disse-lhe:

— Desejo procurar a maneira pela qual você possa sair daqui de dentro, sem ser vista; por isso, fique aqui mesmo, tranquilamente, até que eu volte.

Saiu da cela. Fechou-lhe a porta com chave. E dirigiu-se diretamente ao quarto do abade. Apresentando-lhe a chave, de acordo com o costume a que todo monge prestava obediência quando saía do mosteiro, disse, com fisionomia serena e amiga:

— Senhor abade: esta manhã, não me foi possível mandar trazer, ao mosteiro, toda a lenha que consegui preparar; por isto, com sua licença, quero ir ao bosque, a fim de ordenar que a tragam.

O abade, no propósito de se informar plenamente quanto ao erro praticado por este monge, mostrou-se satisfeito com o seu procedimento. De

bom grado recebeu a chave, dando, ao monge, licença para que ele fosse ao bosque. Convenceu-se, como se vê, de que o monge nada percebera quanto ao fato de ele, abade, o haver estado escutando à porta de sua própria cela.

Assim que o monge se retirou, o abade tratou de pensar no que seria preferível fazer em primeiro lugar: se abrir-lhe a cela, em presença de todos os monges do mosteiro, a fim de que ninguém encontrasse motivo de queixa contra ele, quando, em sua autoridade de abade, punisse o monge pecador, ou se ouvir, primeiro, da própria moça, a sós, como era que o fato se havia desenrolado. Pensando, porém, que a jovem bem podia ser esposa ou filha de homem que ele não gostaria de submeter a semelhante vergonha, resolveu que seria melhor tratar, em primeiro lugar, de ver quem era aquela criatura, para depois tomar partido. Quietamente, encaminhou-se para a cela do monge; abriu-lhe a porta; entrou; e tornou a fechá-la por dentro, naturalmente. A jovem, vendo o abade entrar, sentiu-se desnorteada. Envergonhada e espavorida, pôs-se a chorar. O senhor abade contemplou-a longamente; vendo-a tão linda e tão apetitosa, sentiu, de súbito, embora já fosse um pouco idoso, os estímulos da carne. Eram estímulos não menos ardentes do que os que haviam sido sentidos pelo jovem monge. E, de si para consigo, começou a dizer:

— Afinal, por qual razão devo eu deixar de gozar um prazer, quando posso gozá-lo, se, de outro lado, os aborrecimentos e os tédios se encontram sempre prontos para serem por mim provados, quer eu os queira, quer não? Esta que aqui está é uma bela moça; acha-se nesta cela, sem que pessoa alguma, no mundo, o saiba. Se eu posso induzi-la a proporcionar-me os prazeres que almejo, nenhuma razão há para que eu não a induza. Quem é que virá a saber? Ninguém, jamais, o saberá! Pecado oculto é pecado meio perdoado. Uma ocorrência destas talvez não se verifique nunca mais. Acredito que seja de boa norma colher o bem que Deus Nosso Senhor manda à gente.

Assim dizendo, e tendo mudado completamente de propósito em relação àquele para o qual ali fora ter, aproximou-se mais da moça. Com voz mansa, começou a confortá-la e a suplicá-la, para que não chorasse. Passando de uma palavra a outra, chegou ao ponto em que pôde manifestar-lhe, à moça, o seu desejo. A jovem, que não era feita de ferro, nem de diamante, curvou-se muito cômoda e amavelmente aos prazeres do abade. O sacerdote abraçou-a; beijou-a vezes e vezes seguidas; lançou-se, com ela, na cama do monge. Talvez por dedicar grande consideração, seja ao enorme peso da própria dignidade, seja à idade tenra da moça — ou, então, receando fazer-lhe mal, por pesar

excessivamente — o abade, ao invés de se colocar sobre o peito da moça, colocou a moça sobre o seu próprio peito. E, por longo espaço de tempo, se entreteve com ela.

O monge, que fingira ir ao bosque, mas que, na realidade, se ocultara na ala dos dormitórios, viu o abade entrar em sua cela. Assim, inteiramente tranquilizado, deduziu que o seu plano tinha surtido efeito; quando notou que o abade fechou a porta por dentro, teve, desse efeito, certeza absoluta. Saindo de onde se encontrava escondido, quietamente se foi para um orifício pelo qual ouviu e viu o que o abade fez e disse.

Afigurando-se, ao abade, que ele já se havia demorado o suficiente em companhia da moça, deixou-a encerrada na cela, e regressou ao seu quarto. Depois de algum tempo, ouvindo chegar o monge, e julgando que ele estivesse regressando do bosque, resolveu prendê-lo e mandar que o encarcerassem; com isto, pretendia ficar sozinho na posse da presa conquistada. Mandou, pois, chamar o monge à sua presença; com fisionomia carrancuda e palavras graves, repreendeu-o, ordenando que fosse levado ao cárcere. O monge, sem hesitar um instante, respondeu:

— Senhor abade: eu ainda não estou na Ordem de São Bento o tempo suficiente para aprender todas as particularidades da sua disciplina. O senhor ainda não me havia mostrado que os monges devem fazer-se mortificar pelas mulheres, como devem fazê-lo pelos jejuns e pelas vigílias; agora, porém, que acaba de me mostrar, prometo-lhe, se me perdoar por esta vez, não pecar jamais por essa forma; ao contrário, farei sempre como vi o senhor fazer.

O abade, que era homem astuto, reconheceu prontamente que o monge conseguira não somente saber a seu respeito muito mais do que o suposto, mas também ver tudo o que ele fizera. Em consequência, o abade sentiu remorsos pela sua própria culpa; e envergonhou-se de aplicar, ao monge, a pena que ele, exatamente como o seu subordinado, havia merecido. Perdoou-o, impondo-lhe silêncio a respeito do que havia visto. A seguir, os dois conduziram a moça para fora do mosteiro; e, depois, ao que se deve presumir, muitas vezes para ali a fizeram voltar.

QUINTA NOVELA

A marquesa de Monferrato, com um banquete de galinhas e com algumas palavrinhas amáveis, reprime o amor louco do rei de França.



novela contada por Dioneio feriu, primeiro, com uma ponta de vergonha, o coração das mulheres ouvintes; e disto houve sinal, através do rubor pundonoroso que apareceu no rosto delas. Depois, umas das moças olhou para as outras, mal podendo conter o riso; e todas, sorrindo com leve ar de zombaria, se puseram a ouvir com atenção. Assim, porém, que se chegou ao fim da narrativa, elas dirigiram, ao narrador, umas tantas palavras, doces e mordentes ao mesmo tempo. Quiseram, por esta forma, pôr em relevo que as novelas de tal ordem não se destinavam a ser contadas entre mulheres. A seguir, a Rainha voltou-se para Fiammetta, que se encontrava sentada junto a Dioneio, sobre a relva; e ordenou-lhe que prosseguisse na sequência iniciada. Fiammetta, faceira e de semblante alegre, começou:

— Agrada-me a circunstância de havermos entrado a demonstrar, com as novelas, a força que as respostas justas e prontas possuem. Agrada-me, igualmente, salientar como é grande, nos homens, o impulso no sentido de procurar amar mulher de linhagem mais ilustre do que a sua. Da mesma forma, nas mulheres, constitui acautelamento indispensável o saberem impedir que o coração se tome de amores para com homens de expressão social maior do que a própria.

Por tudo isto, veio-me ao espírito, minhas lindas mulheres, a oportunidade de mostrar-lhes, na novela que agora me cabe desenvolver, como foi que, com obras e com palavras, uma nobre mulher evitou de se apaixonar por homem de categoria mais elevada do que a dela; ao mesmo tempo, ela afastou esse homem da circunstância de se perder de amores por mulher de estirpe inferior à dele.

O marquês de Monferrato era homem de grande valor; fizera-se gonfaloneiro da Igreja; fora para além-mar, numa travessia efetuada à mão armada, pelos cristãos. Do seu valor se falou na corte do rei Filipe, o Vesgo, quando este soberano se preparava para a mencionada travessia. Por um cavaleiro, foi dito, certa vez, que não havia, sob as estrelas, casal mais feliz do que o composto pelo referido marquês e sua mulher. Assim como, entre os cavaleiros, o marquês se fizera famoso, pela posse de todas as virtudes, assim também sua esposa, entre todas as esposas do mundo, se pusera em relevo, por sua beleza e por sua dignidade.

O que se disse entrou por tal forma no espírito do rei de França que este, sem nunca ter visto a marquesa, começou, de súbito, a amá-la fervorosamente. Manifestou, pois, a sua decisão, que foi a de, numa viagem que estava para empreender, só viajar por mar a partir de Gênova. Assim, iria a Gênova por terra firme, E encontraria, por esta forma, razão plausível de visitar a marquesa. Aliás, o rei nutria o propósito de, se o marquês não se encontrasse ao lado da esposa, pôr em prática determinados desejos seus.

De acordo com este desígnio, o rei mandou que tudo se executasse. Ordenou que todos os homens fossem à frente, precedendo-o de muito; e ele, com pequena comitiva, composta de alguns guerreiros e de alguns gentis-homens, se pôs a caminho. Aproximou-se das terras do marquês. Entretanto, um dia antes de entrar nelas, mandou dizer, à mulher, que o esperasse, no dia seguinte, para o jantar.

A mulher, precavida e astuta, respondeu, com visível satisfação, que isso constituía para ela graça mais elevada do que qualquer outra, e que o soberano de França seria bem-vindo. Logo depois, fez-se pensativa; sentiu-se preocupada com aquilo que poderia significar o fato de um rei tão poderoso a visitar durante a ausência de seu marido. Não se iludiu com a possibilidade de a fama da sua beleza o haver atraído desinteressadamente. Ainda assim, como mulher digna, dispôs-se a prestar-lhe as honras devidas. Mandou chamar vários dos homens que haviam permanecido em suas terras; e, com o concurso do conselho discreto da parte deles, determinou que tudo o que fosse oportuno se pusesse em ordem.

Decidiu que se reunissem, sem perda de tempo, todas as galinhas que existissem na região; e mandou que os seus cozinheiros preparassem, apenas com tais galinhas, e só com galinhas, os pratos para o banquete real.

O rei chegou, no dia marcado, sendo recebido pela marquesa com grande festa e muitas homenagens. O soberano, contemplando a ilustre dama, achou

que ela era ainda mais linda, mais digna e mais educada do que o que havia imaginado, com base nas palavras do cavaleiro que sobre ela o informara, em sua corte. Sentiu-se extremamente maravilhado, e louvou-a com entusiasmo. Tanto mais ele se enlevou, com o desejo de a possuir, quanto mais achou que ela era dona de beleza muito maior do que a que havia suposto.

Depois de algum repouso, auferido em salas ricamente decoradas de tudo quanto se indicava para receber um rei tão opulento, soou a hora do jantar. O rei e a marquesa sentaram-se a uma das mesas. Os outros, de acordo com as respectivas categorias, foram dispostos em outras mesas. O rei viu-se servido de muitos pratos, todos magníficos, bem como de vinhos ótimos e preciosos. Além do prazer da mesa, sentia enorme encanto ao contemplar, de espaço a espaço, a belíssima senhora marquesa.

Contudo, mesmo passando de um prato maravilhoso a outro, o rei começou a sentir-se um tanto intrigado pelo fato de as iguarias, sendo embora diversas umas das outras, nunca serem confeccionadas com outra coisa se não com galinhas. Sabia o rei que o lugar em que se encontrava devia ser abundante em caça. Sabia, igualmente, que, tendo mandado, com alguma antecipação, o aviso de sua chegada, tempo devera ter havido, e de sobra, para caçar. Não obstante, e mesmo apesar de se admirar daquela circunstância, não quis induzi-la a conversar a não ser sobre as suas galinhas. E, pois, com fisionomia sorridente, dirigindo-se a ela, disse:

— Senhora: será que, nesta região, nascem apenas galinhas, sem galo algum?

A marquesa entendeu muitíssimo bem a pergunta. Pareceu-lhe que, de acordo com o seu desejo, Deus Nosso Senhor a houvesse enviado, na ocasião oportuna, para que ela pudesse demonstrar as suas intenções ao rei perguntador. Por isto, voltando-se para o soberano, respondeu, toda segura de si:

— Majestade, não. Ao contrário. As mulheres daqui, embora difiram um pouco das outras, quanto às vestes e às honrarias, são todas feitas exatamente como em qualquer outra parte.

O rei, ao ouvir estas palavras, compreendeu bem a causa determinante daquele banquete de galinhas; compreendeu, igualmente, o virtuoso sentido oculto nas palavras por ela proferidas. Percebeu que, com semelhante mulher, inutilmente se desperdiçariam palavras; além do mais, contra ela, nenhuma força poderia ser aplicada.

Assim como ele, impensadamente, se pusera a arder de desejos por ela, assim também, com sabedoria e prudência, se viu levado, a bem da sua própria honra, a extinguir o fogo amoroso tão mal concebido. Sem provocar mais a marquesa, por temor de suas hábeis respostas, o rei continuou a jantar, completamente alheio a toda esperança. Terminado o banquete, quis fazer com que, através de uma partida imediata, se acobertasse a desonesta intenção da sua visita. Agradeceu, pois, à marquesa, pelas honras recebidas da parte dela. Ela desejou que Deus o acompanhasse. E ele rumou para Gênova.

SEXTA NOVELA

Um homem digno confunde, com uma boa resposta, a perversa hipocrisia dos religiosos.



mília achava-se sentada perto de Fiammetta. Depois de todos comentarem e louvarem o valor da marquesa, bem como o elegante castigo por ela imposto ao rei de França, Emília de acordo com a ordem da Rainha, começou, graciosamente, a dizer:

— Eu não deixarei de comunicar uma lambada que um homem secular vibrou contra um religioso avaro, por meio de uma frase mais merecedora de riso do que de louvor.

Existiu, pois, oh! minhas queridas moças, faz ainda pouco tempo, na nossa cidade, um frade menor, inquisidor de heréticas infâmias. Este frade se esforçou muito, no sentido de parecer santo e enternecido devoto da fé cristã, como fazem todos os frades. Contudo, não era menos bom investigador de quem tinha cheia a bolsa, do que de quem se mostrava indiferente à fé. Em consequência desse seu comportamento solícito, um dia se deparou com um bom homem, muito mais rico de dinheiro do que de prudência. Este homem, não por ausência de fé, mas apenas por falar com simplicidade, dissera, aos seus companheiros, talvez desnortado pelo vinho, ou por uma emoção de alegria transbordante, que possuía um vinho tão bom, mas tão bom, que até Cristo o beberia. Isto foi levado, como informação, ao inquisidor. Este, percebendo que a sua autoridade era grande, e que a bolsa do outro se apresentava bem recheada, tratou, *cum gladiis et fustibus*, de mover gravíssimo processo contra o bom homem.

O que o inquisidor tinha em mente não era que disso resultasse o alívio da infidelidade religiosa do processado, e sim o enchimento de sua própria mão, com os florins dele; e assim agiu. Mandou chamar o bom homem à sua presença. E perguntou-lhe se era verdade aquilo que contra ele fora formulado.

O bom homem disse que era. E esclareceu como o fato ocorrera. Ao que o inquisidor santíssimo, devoto de São João Barba-de-Ouro,¹ disse:

— Então, você transformou Cristo em bebedor, em apreciador de vinhos raros, como se ele fosse Cinciglione,² ou algum outro elemento da sua turma de ébrios, de frequentadores de tabernas? E, agora, falando de modo aparentemente humilde, pretende você demonstrar que isso foi falta leve? Pois fique sabendo que a falta não é o que lhe parece. Você se fez merecedor do fogo, para, quando quisermos, e como devemos, agirmos contra a sua pessoa.

Com estas e com muitas outras palavras, continuou o inquisidor a falar; armou semblante feroz, como se aquele homem fosse Epicuro a negar a eternidade da alma.

Dentro de pouco tempo, o inquisidor assustou tanto o infeliz, que este, por via de certos intermediários, se viu constrangido a untar-lhe as mãos, com boa quantidade da graxa de São João Barba-de-Ouro. Esta graxa é muito indicada para tratamento da enfermidade da pestilenta avareza dos clérigos, e, principalmente, dos frades menores, os quais não ousam tocar diretamente em dinheiro. A referida graxa se destinou a fazer com que o inquisidor usasse de misericórdia para com o bom homem. A mencionada graxa é altamente virtuosa; admira que Galeno dela não fale em parte alguma dos seus escritos sobre remédios. Ela produziu tamanho efeito, que o fogo anteriormente ameaçado se transformou na graça de uma cruz. O que é mais é que, como se o bom homem tivesse de atravessar o oceano, o próprio inquisidor, para fazer do episódio uma como que solenidade embandeirada, ofertou-lhe uma cruz amarela, engastada em fundo preto.

Além disto, depois de recebido o dinheiro, o frade manteve o bom homem ao seu dispor, ao seu lado, por vários dias; deu-lhe, a título de penitência, a obrigação de ir, todas as manhãs, ouvir uma das missas em Santa Cruz,³ e de, à hora da primeira refeição, se apresentar a ele, inquisidor; durante o resto do dia, podia fazer o que bem entendesse.

O homem entregou-se, pois, a esses deveres. Aconteceu, certa manhã, que ele ouviu, na missa, um Evangelho em cujo desenvolvimento se cantavam estas palavras: “Vocês receberão, por cada um, cem, e possuirão a vida eterna.” O bom homem guardou firmemente estas palavras na memória, e, de acordo com a ordem que recebera, apresentou-se à hora da refeição, perante o inquisidor; encontrou-o almoçando. O inquisidor perguntou-lhe se tinha ouvido missa naquela manhã. Ao que o bom homem prontamente respondeu:

— Senhor frade, sim.

Então, o inquisidor indagou:

— Ouviu você, na missa, alguma coisa de que duvida, ou sobre a qual deseja qualquer esclarecimento?

— Por certo, não duvido de coisa alguma que tenha ouvido; ao contrário; creio, decididamente, que tudo é verdade. Bem que ouvi determinadas coisas que me fizeram e ainda me fazem ter enorme compaixão, seja do senhor, seja dos outros frades; essas coisas me levaram a pensar na péssima situação em que o senhor e seus frades deverão encontrar-se lá na outra vida.

Perguntou, então, o inquisidor:

— E qual foi a palavra que o induziu a ter tamanha compaixão de nós?

O bom homem respondeu:

— Senhor frade: foi a palavra do Evangelho, que diz: “Vocês receberão, por cada um, cem, e possuirão a vida eterna.”

O inquisidor comentou:

— Isso é verdade. Mas por quê foi que essa passagem o comoveu?

— Senhor frade — respondeu o bom homem —, vou dizer-lhe. Depois que passei a viver aqui, por sua ordem, vi, todos os dias, dar, a muitos pobres, ali de fora, ora um, ora dois caldeirões de sopa. Esta sopa é tomada do senhor e dos frades deste mosteiro, como se, de antemão, fosse considerada supérflua. Assim, se, para cada caldeirão, forem devolvidos cem, na outra vida, os senhores receberão tantos que todos poderão afogar-se neles!

Como se rissem das palavras do bom homem todos os outros frades que se achavam à mesa do inquisidor, este, percebendo que o que estava sendo atingido era a água chilra da sua hipocrisia, se sentiu perturbado. Se não fosse pelo fato de lamentar o que ele próprio fizera, o frade teria movido outro processo contra o bom homem; e isto porque este bom homem arranhara, com a criação proposital de uma situação ridícula, os brios, tanto dele como de todos os outros poltrões. Por estranho capricho, o frade menor ordenou que o bom homem fizesse, no futuro, o que bem lhe agradasse, sem mais aparecer diante dos seus olhos.

Notas

¹ Frase figurada para significar pessoa gananciosa, louca por dinheiro.

² Assegura-se que foi um famoso beerrão da época.

³ Igreja de Florença; pertenceu aos franciscanos; é o panteão dos florentinos; foi começada em 1294, de acordo com a planta de Arnolfo di Cambio; concluída em 1302; a torre foi feita em 1847. Entre outros, ali estão sepultos Michelangelo, Vittorio Alfieri, Nicolau Maquiavel, Galileu, Cherubini e Rossini.

SÉTIMA NOVELA

Com uma novela de Primasso e do abade de Cligni, Bergamino critica honestamente uma nova avareza aparecida no sr. Cane della Scala.



novela de Emília, bem como a graça com que ela a contou, fizeram com que a Rainha e todos os outros se rissem e comentassem a nova decisão do inquisidor. Entretanto, depois que os risos cessaram e que cada qual de novo se aquietou, Filóstrato, a quem cabia, agora, dizer a sua novela, começou a falar desta maneira:

— Coisa muito agradável, minhas dignas moças, é o acertar num alvo que nunca se modifica. Mas é ocorrência quase maravilhosa a de alguma coisa insólita aparecer, de repente, se for, de súbito, atingida por um arqueiro. A vida viciosa e nada limpa dos clérigos, que, por muitos aspectos, é sinal indubitável de cativo, oferece, sem dificuldade, assunto de que falar, criticar e repreender, a qualquer pessoa que deseje fazer isso. Foi assim que o bom homem, processado pelo inquisidor, feriu a hipócrita caridade dos frades, que dão aos pobres o que deveriam lançar aos porcos, ou jogar fora. Prefiro, porém, louvar aquele de quem, impelido pela novela precedente, pretendo falar. Esse de quem vou falar criticou uma súbita e desusada avareza nova, aparecida em Cane della Scala, senhor magnífico. Fez a crítica por meio de uma graciosa novela, em cujo contexto atribuiu, a outras pessoas, o que de si mesmo e do avarento desejava dizer.

A novela é esta:

Como o celebra a fama límpida que corre pelo mundo todo, o sr. Cane della Scala¹ — a quem a Fortuna se mostrara favorável em muita coisa — foi um dos senhores mais notáveis e mais opulentos, de cuja existência se possui notícia, na Itália, do tempo do imperador Frederico II para cá. O sr. Della Scala resolveu, de uma feita, realizar uma festa, esplêndida e maravilhosa, em Verona, a que comparecessem muitas pessoas procedentes de muitas cidades, e,

principalmente, homens e mulheres de corte,² de todas as categorias. De súbito (fosse qual fosse a razão), desistiu desse propósito; hospedou, em parte, os que já haviam ocorrido ao seu convite; e, depois, despediu-os a todos. Somente um deles, chamado Bergamino, que não foi hospedado, nem despedido, ali permaneceu, na esperança de que o seu caso não ocorrera sem qualquer finalidade futura.

No julgar dos que nunca o tinham ouvido, Bergamino era considerado homem cheio de espírito e de linguajar floreado.

Infiltrara-se, na convicção do sr. Cane, que tudo quanto ele oferecia passava a ser considerado ainda mais perdido do que se fosse atirado ao fogo. Disto, porém, não se dizia palavra, nem se fazia com que outros dissessem.

Depois de uns poucos dias, Bergamino observou que não o chamavam, nem o solicitavam para algo que com o seu mister se relacionasse. Visto que ele fazia despesas, na locanda, com os seus cavalos e com os seus fâmulos, passou a deixar-se abater pela melancolia. Mesmo assim, continuou na espera, porque não se lhe afigurava coisa decorosa retirar-se em semelhantes condições. Levara consigo três trajes, muito belos e de confecção muito rica, que lhe haviam sido dados de presente por outros senhores; e lhe haviam sido dados, precisamente, para que pudesse comparecer, condignamente, àquela gorada festa do sr. Cane. O locandeiro quis ser pago. Bergamino lhe deu, primeiro, um daqueles trajes. Depois, como ainda restasse muita coisa a pagar, concordou em entregar, ao mesmo locandeiro, o segundo traje; e esta foi uma condição a que teve de obedecer, por desejar falar de novo ao dono da estalagem a que se abrigara. Assim, Bergamino começou, afinal, a comer por conta do terceiro traje, estando, como de fato estava, disposto a ver até quando aquela situação duraria; só depois de ver isso é que se retiraria dali.

Ora: enquanto ele comia por conta do terceiro traje, aconteceu que, um dia, se encontrou, com ar profundamente melancólico, diante do sr. Cane, que, nessa ocasião, estava jantando. O sr. Cane, mais com a intenção de lhe dilacerar a alma, do que com a de deleitar-se conversando com ele, disse a Bergamino:

— Bergamino: que é que você tem? Vejo-o tão melancólico! Diga-me o que há.

Então Bergamino, sem pensar em coisa alguma, como se sobre o caso houvesse meditado desde longa data, contou, de imediato, a seguinte novela, para remédio dos seus assuntos pessoais:

— Meu senhor: o senhor talvez saiba que Primasso³ foi homem de enorme valor em questões de gramática; ademais, foi, mais do que qualquer

outro, grande e rápido versificador. Estas qualidades o tornaram respeitado e famoso. Tanto foi assim que, embora não fosse conhecido pessoalmente por toda parte, quase ninguém existia que não soubesse quem Primasso era. Ora: aconteceu, certa vez, que ele, encontrando-se em Paris, em condições muito precárias, ouviu falar do abade de Cligni. Demorara-se na cidade mais do que deveria, em consequência de virtude que não é bem do agrado dos que muito podem. E ficara sabendo que se acreditava que o mencionado abade fosse o prelado mais rico de rendas próprias, que a Igreja de Deus possuía, do papa para baixo.

Primasso ouviu que se diziam coisas maravilhosas e magníficas, a respeito do abade; este abade mantinha constantemente a sua corte; não negava, jamais, de comer e de beber, a quem quer que se dirigisse ao lugar onde ele se encontrasse; era bastante pedir, quando o abade estivesse comendo. Ouvindo isto, Primasso, que era criatura que gostava de contemplar homens nobres e de costumes senhoriais, desejou, por isso, ir ver a magnificência do referido abade; e indagou a que distância ele, o abade, poderia ser encontrado, nas vizinhanças de Paris. Foi-lhe respondido que a seis milhas, numa região de sua propriedade. A esse lugar Primasso pensou que poderia chegar na hora de comer, desde que partisse de Paris pela manhã, bem cedo. Depois de pedir que lhe ensinassem o caminho, e não encontrando ninguém que para lá se dirigisse, sentiu receios. Temeu que, por desgraça, lhe acontecesse perder-se, e, portanto, encaminhar-se para lugar onde não encontraria tão cedo o de que comer. Prevenindo-se contra esta probabilidade, e para não ter de sofrer desconforto quanto à alimentação, pensou Primasso em levar consigo três pães; quanto à água (embora esta fosse pouco do seu agrado), admitiu que a acharia por toda parte. Com esta convicção, pôs-se a caminho. As coisas correram-lhe tão bem, que, antes da hora de comer, chegou aonde o abade se encontrava. Contemplando a grande quantidade de mesas postas, bem como a enorme aparelhagem da cozinha, além de outras coisas preparadas para a refeição, disse, de si para consigo: “Em verdade, este abade é tão munificente como por aí se diz!”

O mordomo do abade, conservando-se atento a todas as coisas, ordenou (por ser hora de comer) que se lavassem as mãos. Lavadas as mãos, cada qual se pôs à mesa. Por acaso, aconteceu que a Primasso se deu assento precisamente em frente à porta da sala, de onde o abade teria de sair, para comparecer ao salão de jantar.

Naquela corte, mandava o costume que nunca se pusessem, às mesas, vinho, pão e outras coisas, seja para comer, seja para beber, antes de o abade se

sentar à sua mesa particular. Tendo, pois, o mordomo preparado todas as mesas, mandou dizer ao abade que, à hora que lhe aprouvesse, poderia dar começo, porque a refeição estava pronta. O abade mandou abrir a porta da sala, a fim de passar para o salão; caminhando, olhou para a frente. Ocasionalmente, o primeiro homem que seus olhos viram foi Primasso, que, na verdade, se encontrava muito mal vestido, e a quem o abade não conhecia pessoalmente. Assim que o abade viu Primasso, um pensamento mau, jamais pensado por ele, abade, lhe perpassou pelo espírito. E disse, de si para consigo: “Vejam a quem dou de comer o que é meu!” Voltando, então, para trás, mais para dentro da sala de que estivera para sair, ordenou que a porta fosse fechada. Depois, perguntou, aos que lhe estavam ao redor, se alguém conhecia aquele maltrapilho insolente, que se achava sentado à mesa fronteira à porta da sala. Todos responderam que não. Primasso estava com muita fome, primeiro por haver caminhado longamente, e, depois, por não se haver habituado nunca ao jejum. Depois de esperar um pouco, e notando que o abade não comparecia, puxou, de dentro da jaqueta, à altura do peito, um dos três pães que levava consigo; e começou a comer.

O abade, após permanecer em sua sala algum tempo, ordenou, a um dos seus domésticos, que observasse se aquele tal Primasso já se havia retirado. O doméstico respondeu: “Não, meu senhor; ao contrário; está comendo pão, o que mostra que ele o trouxe consigo.” Disse o abade: “Ele que coma o que é dele, se o tem, porque do que é nosso não comerá hoje.”

O abade teria desejado que Primasso partisse de lá por sua própria decisão, pois não lhe parecia correto mandar despedi-lo. Primasso, porém, depois de comer um dos pães, e vendo que o abade não aparecia no salão, começou a comer o segundo pão. Também isto foi comunicado ao abade, pois mandara observar, novamente, se aquele desconhecido se havia retirado dali. Por fim, não aparecendo o abade, Primasso resolveu comer o terceiro pão, depois de haver comido o segundo. E assim fez. Também isto foi dito ao abade. Em face de semelhante circunstância, o abade começou a pensar e a dizer: “Meu Deus! Que novidade é esta? Que foi que hoje me aconteceu ao espírito? Que avareza! Quanto desprezo! E para quê? Venho dando de comer o que é meu desde muitos anos, a toda pessoa que o tenha desejado. Nunca levei em consideração o fato de ser essa pessoa nobre ou plebeia, pobre ou rica, comerciante ou dada à barganha. Ademais, nunca me veio ao espírito este pensamento que tive para com o desconhecido que aí está! Sem dúvida alguma, a avareza não deve ter assaltado o meu espírito por causa de um homem de pouca importância.

Alguma personalidade notável deve ser esse indivíduo que me está parecendo insolente, uma vez que, agora, se infiltrou, no meu cérebro, a ideia de o homenagear!” Depois de dizer isto, o abade quis saber quem era aquele indivíduo. E veio a saber que se tratava de Primasso, que lá fora para contemplar a magnificência do abade, impelido a isso pelo que a tal respeito havia ouvido dizer. O abade conhecia o nome de Primasso, desde muito tempo antes, devido à sua grande fama. Envergonhou-se, pois, do que fizera; e, desejoso de remediar o erro, empenhou-se em honrá-lo por todas as maneiras.

Depois da refeição, de acordo com o exigido pelo sentimento de suficiência de Primasso, o abade mandou que o vestissem nobremente; proporcionou-lhe dinheiro e palafrém; e deixou ao arbítrio dele a decisão sobre se devia partir ou permanecer no lugar. Satisfeito com tudo isto, Primasso, depois de apresentar os maiores agradecimentos que pôde, voltou a cavalo para Paris, de onde havia partido a pé.

O sr. Cane, que era pessoa compreensiva e arguta, percebeu muitíssimo bem, sem necessidade de qualquer outra demonstração, o que Bergamino pretendia significar; e, sorrindo, disse-lhe:

— Bergamino: muito habilmente, você me revelou os seus prejuízos; revelou-me, igualmente, a sua virtude e a minha avareza; e também aquilo que de mim você deseja. Em verdade, nunca me senti tão acometido de avareza como o fui agora, para com você. Mas eu a afugentarei de mim, com aquele bastão que você mesmo concebeu.

Depois de mandar pagar o locandeiro de Bergamino, e de ordenar que o próprio Bergamino fosse vestido com um traje seu, proporcionou-lhe dinheiro e um palafrém; e, por aquela vez, deixou ao arbítrio dele o retirar-se e o permanecer mais tempo por ali.

Notas

¹ Nasceu em 1291; morreu em 1329, representou na Itália os imperadores Henrique VII, de Luxemburgo, e Ludovico, o Bávaro; foi capitão-geral dos gibelinos da Lombardia (Itália); honrou e hospedou Dante no exílio; enriqueceu Verona com muitos monumentos.

² Nos tempos de Boccaccio, assim se designavam os bufões, os jograis e todos os que, por ofício, entretinham os príncipes e seus convidados com pantomimas, acrobacias e piadas.

³ É, talvez, Primas, de Colônia, que viveu no século XII, e que foi autor de cantos universitários.

OITAVA NOVELA

Guilherme Borsiere fere, com palavras nobres, a avareza do sr. Ermino dos Grimaldi.



Logo depois de Filóstrato, sentava-se Laurinha. Esta, após ouvir louvar o expediente de Bergamino, e de perceber que era conveniente que ela também dissesse alguma coisa, resolveu não esperar por ordem alguma. Com todo o prazer, assim começou a falar:

— A novela precedente, minhas queridas companheiras, me leva a desejar dizer como foi que um homem digno, e também de corte, puniu, e não sem resultado, a ganância de um riquíssimo negociante. Embora o efeito desta minha novela se assemelhe ao da anterior, ela nem por isso deverá ser menos apreciada, uma vez que atinge o fim colimado.

O caso aconteceu, pois, em Gênova, há muito tempo. Um gentil-homem chamado sr. Ermino dos Grimaldi¹ ultrapassava, e de muito (ao que todos acreditavam), por suas enormes propriedades e pelo dinheiro que acumulara, a riqueza de qualquer outro cidadão abastado que, naquela época, existisse em toda a Itália. Assim como ele, por sua riqueza, se punha à frente de tudo quanto fosse itálico, assim também, por sua avareza e por sua miserabilidade, sobrepujava, e de muito, qualquer outro ser, miserável e avarento, que se pudesse encontrar no mundo. Não apertava a bolsa somente nas ocasiões em que devia prestar homenagem aos outros. Apertava-a, também, quando se tratava de coisas necessárias à sua própria pessoa. Procedia, como se vê, contra o costume da generalidade dos genoveses, que tem o hábito de vestir-se bem. Para não despendar dinheiro, suportava parcimônias enormes, tanto no comer, como no beber. Por esta razão — e muito merecidamente —, caíra-lhe, do nome, a expressão “dos Grimaldi”; por todos, ele era conhecido como sendo o senhor Ermino Avareza.

Ocorreu que, naqueles tempos em que Ermino, não despendendo coisa alguma, multiplicava o que era seu, chegou, a Gênova, um digno homem de

corte, bem educado e bem falante. Chamava-se este homem Guilherme Borsiere.² Em nada se assemelhava aos indivíduos que, hoje, desejam ser chamados gentis-homens, denominados senhores e considerados bem reputados, embora constituam vergonha para os costumes da época presente. Em nada se assemelhava a esses que a gente pode designar por imbecis, e que cultivam a indecência, bem como toda a malvadez dos vilíssimos processos postos em prática nas cortes. Naquele tempo, o ofício dos cortesãos, em cujo desempenho eles punham todo o seu esforço, consistia na entabulação de negociações de paz, quando guerras e vinganças se declaravam entre gentis-homens; ou no encaminhamento de matrimônios, de parentescos e de amizades; ademais, procuravam, com frases belas e galantes, proporcionar entretenimento aos espíritos fatigados, e divertir as cortes; além disto, como se fossem pais, puniam, com repreensões azedas, os defeitos dos maus; e recebiam, por tudo isso, compensações bem pouco apreciáveis. Nos dias de agora, eles aplicam-se em falar mal de um a outro, em semear discórdias, em difundir maldades e tristezas, e (o que é ainda pior) em proferir perversidades na presença dos homens; censuram os males, as vergonhas e as misérias, existentes e não existentes, um do outro; procuram induzir, com lisonjas cavilosas, os gentis-homens, à prática de atos vis e celerados; e nisso fazem o possível para empregar o tempo.

Hoje, o que se faz muito estimado, o que mais honrado se vê pelos senhores grosseiros e mal-educados, o que é exaltado com prêmios de grande valor, é precisamente aquele que mais palavras abomináveis profere, ou que atos mais vergonhosos perpetra. Isto constitui grande e lamentável vergonha do tempo presente; e é prova bastante convincente de que as virtudes, desaparecendo da terra que habitamos, abandonaram os míseros mortais na lama dos vícios.

Voltemos, porém, àquilo com que havia começado. Um justo desdém me desviou um pouco mais do que eu pensava poder desviar-me. Esclareço que o já mencionado Guilherme tinha sido homenageado por todos os gentis-homens de Gênova; e era, por todos eles, muito bem-visto.

Demorando-se uns tantos dias na cidade, e tendo ouvido muitas coisas sobre a miserabilidade e a avareza de Ermino, Guilherme fez questão de vê-lo. O sr. Ermino já estava informado de que este tal Guilherme Borsiere era pessoa digna. Possuindo, em seu espírito, apesar de avarento, algumas pequenas fagulhas de gentileza, recebeu-o com palavras muito amistosas e com fisionomia bastante alegre. Palestrou com ele sobre muitos e variados assuntos.

Conversando, conduziu-o, juntamente com os outros genoveses que ali se achavam, para uma sua casa, toda nova. Mandara que a construíssem com requintes de beleza. Depois de lhe mostrar a casa inteira, o sr. Ermino disse:

— Então, sr. Guilherme: o senhor que viu e ouviu muitas coisas, poderá indicar-me seja lá o que for que nunca haja sido visto, e que eu possa mandar pintar na sala desta minha casa?

A isto, Guilherme, examinando-lhe o falar, que era incorreto e inconveniente, respondeu:

— Senhor: não penso que poderei indicar-lhe alguma coisa que jamais haja sido vista, afora a esternutação e atos semelhantes; mas, se isso lhe agrada, indicar-lhe-ei uma coisa que tenho por certo que o senhor nunca viu.

O sr. Ermino suplicou:

— Pelo amor de Deus! Peço-lhe que me indique! Diga-me qual é.

Não esperava, naturalmente, que o outro fosse responder o que depois efetivamente respondeu.

A isto, Guilherme disse, prontamente:

— Mande pintar cortesia!

Quando o sr. Ermino ouviu esta palavra, uma vergonha enorme se apoderou dele, subitamente; a vergonha foi tamanha, que teve a força de o obrigar a mudar de inclinação, passando a ser quase o contrário daquilo que fora até àquele momento. E disse:

— Sr. Guilherme: mandarei que a pintem, e que o façam por tal forma, que nunca mais, nem o senhor, nem qualquer outra pessoa, possa, com razão, dizer que eu não vi, nem conheci, a cortesia.

Daí por diante (tal foi a virtude de que se revestira a palavra dita por Guilherme) o sr. Ermino passou a ser o mais liberal e o mais atencioso gentil-homem — e o que mais homenagens prestou a forasteiros e a cidadãos locais — dentre quantos gentis-homens existiram em Gênova, no seu tempo.

Notas

¹ A família Grimaldi foi uma das mais nobres de Gênova; a ela se prende a família dos príncipes de Mônaco; não há notícia, porém, de membro dessa família que tenha tido o nome de Ermino.

² Este homem existiu, realmente; foi louvado como galanteador e bom conversador. Dante menciona-o na *Divina Comédia*, Inferno, canto XVI, verso 70, colocando-o entre os violentos.

NONA NOVELA

O rei de Chipre, ao ver-se melindrado por uma mulher da Gasconha, transforma-se, de mau que era, em homem de real valor.



estinava-se a Elisa a última ordem da Rainha. Elisa, todavia, sem esperar por essa ordem, começou a falar, com disposição festiva:

— Minhas jovens mulheres: já aconteceu, em muitas ocasiões, que uma palavra, dita acidentalmente, ou mesmo *ex proposito*, opera, no espírito de uma pessoa, o que, muitas vezes, várias repreensões e inúmeros sofrimentos não conseguem operar. Isto transparece muito bem, através da novela contada por Laurinha. E eu, com outra novela, de resto muito breve, também desejo demonstrá-lo. Porque é certo que as boas coisas, que sempre podem fazer bem, devem ser aproveitadas com ânimo atento, seja quem for que as diga.

Esclareço, pois, que, no tempo do primeiro rei de Chipre, depois da conquista da Terra Santa, efetuada por Godofredo de Bulhões,¹ aconteceu que uma nobre dama da Gasconha se dirigiu, em peregrinação, ao Santo Sepulcro. Na viagem de regresso, chegou à ilha de Chipre, onde foi grosseiramente ofendida por alguns homens de maus costumes. Lamentando esta ocorrência, e não obtendo satisfação alguma, nem consolo, ela pensou em ir apresentar queixa ao rei. Entretanto, foi-lhe comunicado, por alguém, que perderia o tempo e o esforço, porque o soberano era de vida tão desregrada, e tão pouco amigo de fazer o bem, que não se daria ao trabalho de, com um ato de justiça, reivindicar o direito de quem houvera sido alvo de injustiça. Ao contrário: a pessoa informante chegara mesmo a sustentar que o rei era capaz de apoiar, com vileza e vitupério, a injustiça praticada. Em tendo algum ressentimento, o rei desafogava-se aumentando a humilhação de quem lhe apresentasse qualquer queixa.

Ao tomar conhecimento disto, a mulher, já sem esperar vingança, nem emenda, e sem aspirar a qualquer consolo para o seu aborrecimento, se propôs a tarefa de ferir fundo a miserável sandice do mencionado rei. Apresentando-se, portanto, perante o soberano, disse:

— Meu senhor: não venho à sua presença por esperar vingança pela ofensa que se me fez; aquilo a que venho, e que, como compensação por aquela ofensa, desejo, é que o senhor me ensine — suplico-o — como é que o senhor mesmo tolera as ofensas que, ao meu modo de entender, se perpetram contra a sua pessoa. Assim, aprendendo de sua boca, poderei tolerar pacientemente toda ofensa que me for feita. E não há dúvida que de bom grado lhe transmitiria a ofensa que sofri, por ser o senhor tão bom suportador!

O rei, que até então se mostrara displicente e preguiçoso, como se acabasse de sair de um sono, transformou-se em rigoroso perseguidor de todos aqueles que, contra a honra de sua coroa, ou de qualquer pessoa dos seus domínios, praticasse, dali por diante, qualquer ato de ofensa ou injúria. E começou a aplicação do rigor punindo a ofensa feita àquela mulher, ofensa esta que foi terrivelmente vingada.

Nota

¹ Capitão que comandou a primeira Cruzada. Esta novela de Boccaccio deriva do *Novellino*, onde figura no Cap. XLVIII.

DÉCIMA NOVELA

O professor Alberto, de Bolonha, faz, com elegância, envergonhar-se a mulher que pretendeu vexá-lo por ele se haver apaixonado por ela mesma.



alando-se Elisa, coube à própria Rainha a tarefa de contar a última novela da jornada. A Rainha, pois, começando a falar com garbo mulheril, disse:

— Dignas moças: assim como, nas noites serenas, as estrelas constituem o ornamento do céu, e, assim como, na primavera, as flores o são dos verdes prados, assim também as nobres frases integram a beleza dos costumes louváveis e das conversações prazerosas. As nobres frases, por serem breves, ficam melhor nos lábios das mulheres do que na boca dos homens. Desaconselha-se mais às mulheres, do que aos homens, o falar muito e prolixamente, quando se pode evitá-lo. É provável que mulher nenhuma (ou bem poucas) tenha restado, capaz de entender algum galanteador, ou de dar-lhe resposta, se o entender. E isto representa uma vergonha geral, tanto para nós, como para todas as criaturas femininas que vivem. Aquela virtude, que era ornamento do espírito, e que já existiu nas mulheres do passado, foi transferida, pelas mulheres modernas, para os ornamentos do corpo. A mulher que se vê envergando os vestidos das cores mais variegadas, ostentando maior número de listas e de frisos, julga que deve ser a mais admirada, e portanto, que deve, mais do que as outras, receber homenagens. Não pensa ela que mesmo um asno, se encontra quem o vista com vestidos listados, pode envergar muitos mais trajes do que qualquer mulher; e que nem por isso, entretanto, o animal merece mais homenagens do que as que um asno possa merecer. Envergonho-me de o dizer, porque não posso dizer, contra outrem, o que contra mim mesma não digo.

As mulheres da ordem a que agora me refiro, tão ornadas, tão pintadas, tão coloridas, ou tão semelhantes a estátuas de mármore, são mudas e insensíveis; ou, quando respondem, ao serem perguntadas, melhor seria que se

calassem. Pretendem elas, com isso, fazer crer que a pureza de espírito derive, para as mulheres, da circunstância de elas não saberem conversar com homens de valor; à sensaboria, dão o apelido de honestidade, como se nenhuma mulher honesta existisse, afora aquela que só se entretém com a sua aia, ou com a sua lavadeira, ou com a sua entregadora de pão. Se a natureza houvesse querido que assim fosse, como as mencionadas mulheres aspiram a fazer crer, ela teria limitado, por outra forma, a capacidade que a mulher tem, de ser tagarela.

É verdade que, exatamente como acontece em outras coisas, também nesta se devem levar em consideração o tempo, o lugar e a pessoa com quem se conversa. Às vezes, ocorre que uma mulher, ou um homem, julga poder induzir outra pessoa a ruborizar-se, por efeito de uma frase galante; mas não mede, antes, as suas forças, com as da aludida pessoa; em consequência, o rubor, que acredita poder provocar nessa pessoa, em si mesma sente produzir-se. Por tudo isto, desejo que esta novela, que é a última das do dia de hoje, e que cabe a mim narrar, faça com que vocês fiquem bem informadas. Assim, vocês saberão precaver-se; assim, também, não será com base em vocês que se poderá aplicar, a todas as mulheres, o ditério que comumente se repete, isto é, que as mulheres, em todas as coisas, levam sempre a pior; assim, finalmente, uma vez que vocês se distinguem das outras, por nobreza de alma, poderão igualmente mostrar que estão separadas das outras, além do mais, pela excelência dos costumes.

Não há ainda muitos anos, viveu, em Bolonha, um grande médico, de fama luminosa em quase todo o mundo; talvez ainda lá viva. Seu nome era professor Alberto. Era já velho, de cerca de setenta anos; contudo, era tão acentuada a nobreza do seu espírito que, a despeito de já se haver dissipado, do seu corpo, todo calor natural, nem por isso se negava a receber e a nutrir labaredas de amor.

Numa festa, ele viu uma linda mulher, viúva, chamada, ao que alguns informam, sra. Margarida dos Ghisolieri. Agradou-lhe infinitamente aquela criatura, como se ele ainda fosse rapazola. Recebeu, pois, no peito maduro, as chamas do amor. Foi tal a paixão que ele estava certo de não poder dormir, de noite, se, no dia que a precedesse, não tivesse visto o rosto belo e delicado da referida mulher. Por esta razão, começou a passar, ora a pé, ora a cavalo, conforme lhe dava na veneta, em frente à casa da mencionada viúva.

Em consequência, ela e outras mulheres perceberam o motivo pelo qual ele passava. Muitas e muitas vezes se riram pelo fato de ver um homem, tão carregado de anos e de experiência, enamorar-se daquele jeito. Parecia que elas

julgavam que a agradável paixão de amor só podia caber e existir nas almas atoleimadas dos moços, e não nas outras.

O professor Alberto prosseguiu passando. E aconteceu, num dia feriado, que a referida viúva se pusera a sentar, em companhia de muitas outras mulheres, diante da porta da sua casa. As mulheres, vendo, de longe, o professor Alberto encaminhar-se, em companhia de amigos, na sua direção, combinaram, com a viúva, que o receberiam e lhe prestariam todas as homenagens, para, por fim, zombar dele, devido àquele namoro. Assim, de fato, fizeram. Todas elas se ergueram; convidaram o professor e seus amigos para irem juntos a um pátio ensombrado; ali, serviram-lhes doces e vinhos finos. Ao concluir-se o encontro, elas, com frases muito estudadas e bonitas, perguntaram, ao professor Alberto, como era possível estar ele enamorado da aludida mulher, mesmo sabendo que ela era amada por muitos moços, vistosos e elegantes. O professor, sentindo-se ferido, embora muito cortesmente, assumiu expressão agradável, e, dirigindo-se à viúva, respondeu:

— Senhora: o fato de eu amar não deve causar maravilha a nenhuma pessoa esclarecida; e menos ainda à senhora, porque a senhora o merece. É verdade que, em homens idosos, se tolfem, naturalmente, as forças que são exigidas pelos exercícios amorosos; mas nem por isso se lhes tolhe a boa vontade, nem a capacidade de entender o que deve ser amado. Ao contrário. Aos homens idosos, por conhecerem mais a natureza, cabe a vantagem de possuir mais experiência do que os moços. A esperança que me anima a, mesmo velho, amar a senhora, que é amada por muitos jovens, é esta: muitas vezes estive onde as mulheres merendam; vi-as enquanto comiam tremoços e alho silvestre. No alho silvestre, como nada nele presta, o que de menos desagradável há é a cabeça; as senhoras, em geral, induzidas por um apetite errado, conservam a cabeça na mão, e comem as folhas; essas folhas não somente não valem coisa alguma, mas até acusam péssimo sabor. Como posso eu saber, minha senhora, se, ao escolher os seus namorados, a senhora não faz o mesmo que faz com o alho silvestre? Se fizer, eu serei o seu eleito, ao passo que os outros serão repelidos.

A nobre viúva envergonhou-se, juntamente com todas as outras, do que havia feito, e disse:

— Professor: muito o senhor nos castigou, e com grande cortesia o fez, pelo nosso atrevimento presunçoso. Todavia, o seu amor me é precioso, como deve ser o amor de um homem digno e esclarecido. Por isto, exceto a minha

honestidade, o senhor pode exigir, de mim, com firmeza, o prazer que preferir, como se o exigisse de uma coisa sua.

O professor, erguendo-se com os seus companheiros, agradeceu à viúva; todo sorridente, com ar festivo, despediu-se e retirou-se.

Assim, aquela mulher, não tomando cuidado com a pessoa de quem desejou zombar, ao invés de vencer, foi vencida. Do que vocês, se forem prudentes, estarão galhardamente a salvo.

DESPEDIDA



sol já se havia inclinado para o Vésper; e, em grande parte, o calor diminuía, quando as novelas das sete moças e dos três moços chegaram ao fim. Por isso, disse a Rainha, a todos os que compunham o seu grupo; e disse-o com ânimo bem-disposto:

— Já agora, queridas companheiras, nada mais resta a fazer, ao meu reinado, na presente jornada, a não ser o ato de indicar-lhes a nova Rainha. A ela caberá dispor, para honesto deleite, a vida dela própria, e também a nossa, de acordo com o seu melhor arbítrio. Parece-me que a minha jornada dure, e continue durando, desde este momento até ao cair da noite. Mas quem não se adianta um pouco, longe está de poder tomar as providências indispensáveis para o futuro. Para que, pois, essas providências possam ser adotadas, e para que se possa preparar aquilo que a nova Rainha deliberar que seja feito amanhã cedo, julgo que é esta a hora em que as jornadas que se seguirem deverão ser começadas. Por isto, em reverência àquele por quem todas as coisas vivem, e em ato de consolo para conosco, Filomena, jovem extremamente discreta, guiará, como Rainha, para a próxima jornada, o nosso reino.

Ao dizer isso, Pampineia ergueu-se; tirou a grinalda de louro da própria cabeça, pondo-a, reverente, à cabeça de Filomena. Esta foi saudada como Rainha, primeiro por Pampineia, e depois, do mesmo modo, por todas as outras moças; e todas de bom grado se ofereceram para obedecer-lhe às ordens.

Filomena, ligeiramente ruborizada pela emoção, por se ver coroada e tornada responsável pelo reino, lembrou-se das palavras proferidas, pouco antes, por Pampineia; e, para que aquilo não se afigurasse manifestação de fraqueza de sua parte, retomou o ânimo. Confirmou, em primeiro lugar, todas as medidas adotadas por Pampineia; enumerou as providências para o que se

deveria fazer, tanto na manhã seguinte, como na ceia futura; mas todos continuaram onde se encontravam. Depois, Filomena, já Rainha, assim começou a falar:

— Queridas companheiras: muito embora Pampineia, mais por sua gentileza do que por minha virtude, me tenha feito Rainha de vocês todas, nem por isso me sinto disposta a fazer com que, na forma do nosso viver, se siga tão somente o meu critério. Desejo que, ao meu critério, o critério de vocês se una. A fim de que vocês fiquem sabendo aquilo que me parece que deve ser executado, e, por conseguinte, a fim de que vocês possam, a seu gosto, aumentá-lo ou reduzi-lo, vou apresentar, em poucas palavras, o meu programa.

Se bem observei, hoje, as maneiras de Pampineia, afigura-se-me que elas foram dignas de encômios, e muito agradáveis a todos nós. Por isto, enquanto estas maneiras não se nos tornarem tediosas, seja devido à longa repetição delas, seja por outra causa, não nutro a menor intenção de as alterar. Depois de determinada, pois, a ordem daquilo que já começamos a fazer, pôr-nos-emos de pé, e iremos entretendo-nos um pouco. Quando o sol estiver bem baixo, na iminência de desaparecer, jantaremos ao ar livre, à fresca; a seguir, após algumas canções e outros entretenimentos, será do bem aviso irmos dormir. Amanhã, pela manhã, levantar-nos-emos bem cedo. Iremos a algum lugar, brincando e divertindo-nos sempre; cada qual fará o que mais lhe agrada. Como fizemos hoje, também amanhã voltaremos à hora devida, para a refeição. A seguir dançaremos. Após, iremos fazer a sesta. Quando nos levantarmos, voltaremos a este lugar, como fizemos hoje, para prosseguir novelando; em contar novelas, ao que me parece, consiste considerável parte do prazer e da utilidade. É verdade que aquilo que Pampineia não pôde fazer, por haver sido eleita Rainha do reino em hora muito adiantada do dia, eu quero começar a realizar.

Desejo, em primeiro lugar, restringir a termos bem definidos aquilo sobre o que devemos contar novelas. Será de bom aviso especificar em que consiste a restrição, a fim de que cada qual tenha tempo de pensar numa bela narrativa relacionada com o tema proposto. O tema, se lhes agrada, será este: desde o princípio do mundo, a criatura tem sido conduzida a diversos episódios pela Sorte; e o será no futuro, até o fim dos séculos. Em consequência, cada um de nós deverá falar sobre isto: **de pessoa que, acossada por diversos acontecimentos, além de o ser também pela esperança, tenha chegado a um fim agradável.**

Tanto as mulheres quanto os homens comentaram e aprovaram esta ordem, declarando prestar-lhe obediência. Somente Dioneio, depois que todos

se calaram, falou:

— Senhora: assim como todos os aqui presentes disseram, assim também eu digo que é imensamente agradável e digna de louvor a ordem que acaba de ser emitida. Contudo, por obséquio especial, peço permissão para observar algo; desejo que tal permissão me seja confirmada por todo o tempo em que a nossa companhia durar. A permissão que desejo é a seguinte: a de que eu, por tal ordem, não seja constrangido a contar novelas condizentes com o tema proposto, desde que eu não me sinta disposto a isso; se não estiver disposto, falarei de acordo com aquilo que mais me agradar. E, para que ninguém pense que eu desejo obter este obséquio, como o desejaria qualquer homem que não tivesse, ao seu alcance, narrativas disponíveis para desenvolver, desde já me declaro contente se for eu o último a falar.

A Rainha, que sabia ser Dioneio homem divertido e animado, percebeu, com acerto, que ele não pedia o que estava pedindo, a não ser pela consciência de dever alegrar o grupo com alguma novela cômica, no caso de o grupo se sentir fatigado das narrativas dos outros. Por isso, com o consentimento de todos, concedeu o obséquio solicitado.

Todos se puseram de pé. Encaminharam-se, com passo lento, para um regato de água cristalina, que descia, por entre pedras e ervas rasteiras, de uma colina, para um vale umbroso, rico de árvores. Ali, as mulheres, pondo-se descalças e de braços nus, caminharam pela água, brincando entre si.

Como se aproximasse a hora do jantar, foram todos para o palácio, onde se puseram à mesa, com prazer. Depois do jantar, os instrumentos musicais foram postos à disposição do grupo. A Rainha ordenou que se dançasse, sob o comando de Laurinha; Emília cantaria uma canção, sendo acompanhada, ao alaúde, por Dioneio. Dando cumprimento à ordem, Laurinha não tardou a iniciar uma dança, comandando-a; enquanto isso, Emília cantou, encantadoramente, a seguinte canção:

*Amo tanto a minha beleza
Que nunca me preocuparei jamais
Com outro amor, nem penso
Que outro amor possa existir.*

*Vejo, na minha beleza, toda vez que me contemplo ao espelho,
O bem que torna contente o intelecto.
Nenhuma ocorrência nova, nenhum pensamento velho,
Me pode privar de tão querida satisfação.
Que outro objeto, pois, igualmente agradável,
Poderei eu ver jamais,
E que seja capaz de pôr outro amor no meu coração?*

*Este bem não foge, quando desejo
Contemplá-lo de novo, para meu consolo;
Ao contrário: vindo ele ao encontro do meu prazer,
Faz-se sentir tão suavemente
Que nenhuma palavra existe que o possa descrever.
Nem este bem poderia proceder
De qualquer mortal
Que não ardesse de semelhante amor.*

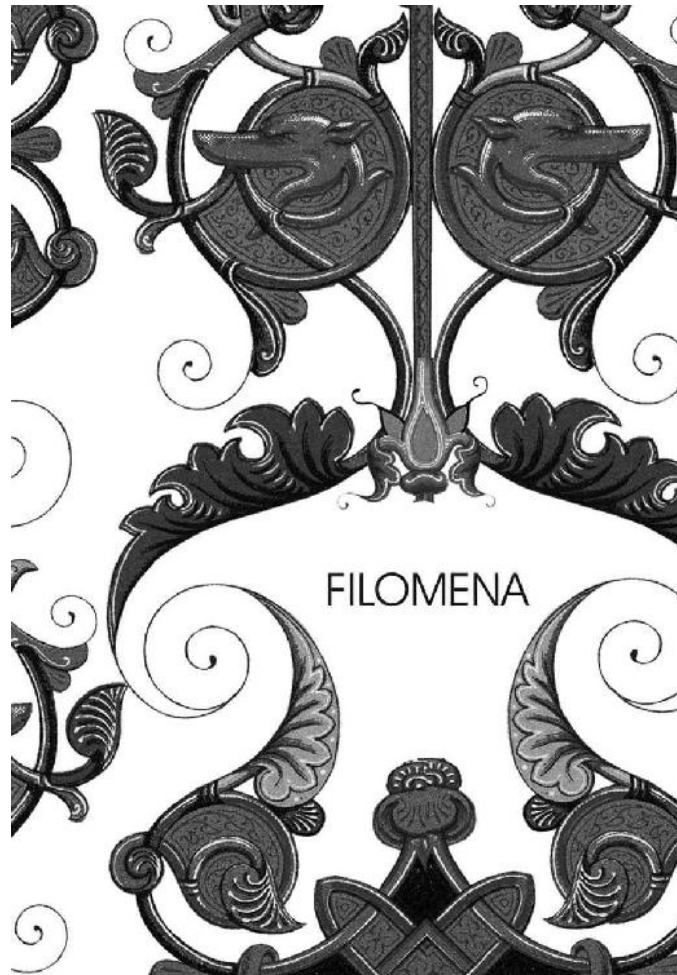
*E eu, que a cada hora ainda mais me inflamo
Quanto mais fixo os olhos nesse bem,
Entrego-me toda a ele; toda me ofereço,
Prelibando aquilo que ele me prometeu.
Maior prazer, maior alegria, espero ter depois;
Uma alegria tão grande, que nunca
Se soube que uma alegria igual
Pudesse ser sentida por amor.*

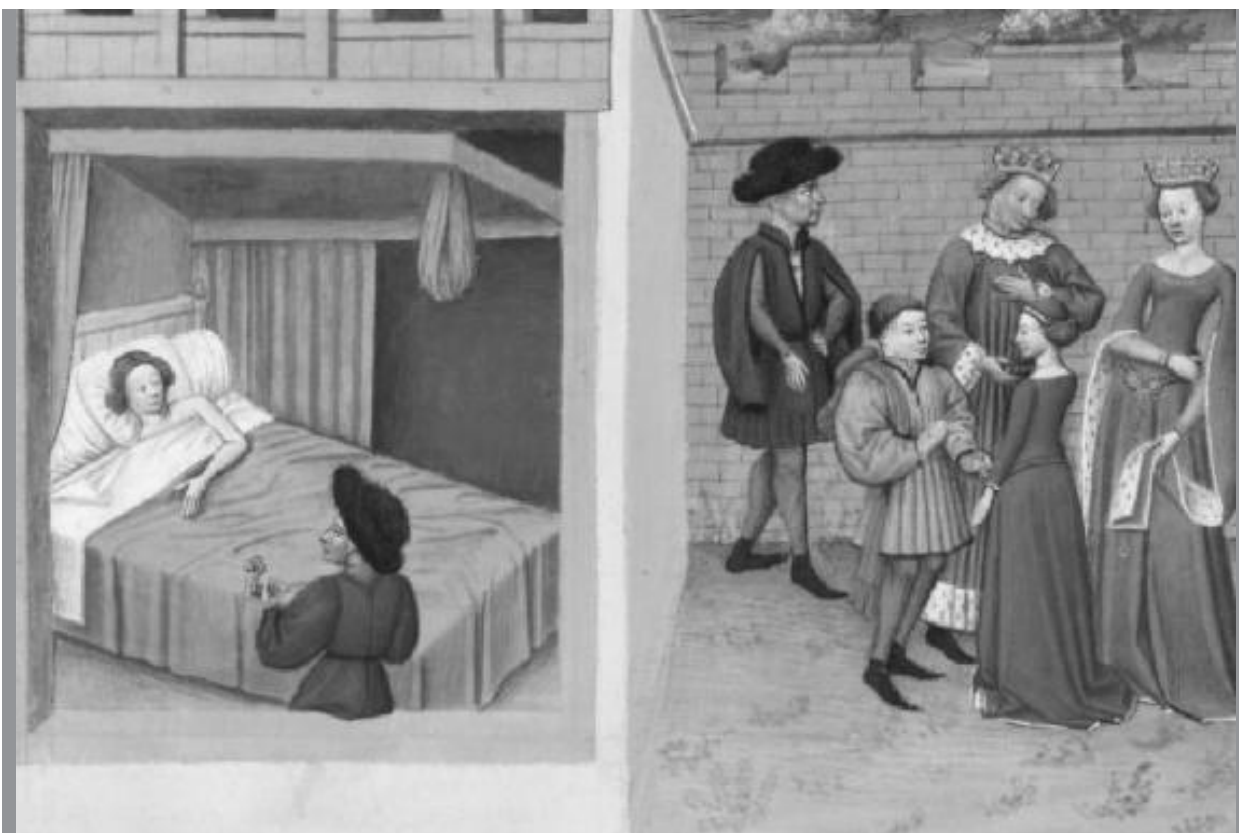
Desta canção-bailado, todos participaram com prazer. Suas palavras induziram alguns dos presentes a pensar muito. Algumas outras carolas se cantaram e se dançaram. Afinal, boa parte da noite transcorreu. Então, aprouve à Rainha dar por finda a jornada. Mandou ela que se acendessem as tochas; e ordenou que cada qual fosse repousar, até à manhã seguinte. E cada qual, dirigindo-se ao próprio dormitório, assim procedeu.

Termina a primeira jornada de O DECAMERÃO.

Começa a segunda, na qual, sob o reino de FILOMENA, se fala de quem, acossado por muitos contratempos, chegou a fim tão feliz que lhe excedeu as esperanças.







SEGUNDA JORNADA

O sol já havia levado, por toda parte, com a sua luz, o novo dia. E, aos ouvidos, os pássaros davam testemunho disso. Eles cantavam, pelos ramos verdes, os seus cantos gárrulos. Nessa altura, todas as mulheres e os três moços, que se tinham levantado cedo, entraram no jardim. Longo tempo elas e eles estiveram por ali, divertindo-se, formando belas grinaldas e pisando, com passo lento, as ervas orvalhadas que se espalhavam, de um lado e de outro. Assim como haviam feito no dia anterior, assim também fizeram no dia presente. Tomaram refeição ao ar livre. Dançaram um pouco, e, depois, foram repousar. Concluíram a fase do repouso depois da hora nona. E, como a Rainha houve por bem estabelecer, encaminharam-se todos para o prado fresco, onde se sentaram ao redor da soberana. A Rainha, que era formosa e de aspecto muito agradável, demorou-se um pouco em silêncio, com a cabeça coroada pela coroa de louros. A seguir, fitou o rosto de cada pessoa do seu grupo; e, por fim, ordenou a Neifile que desse início às futuras novelas. Neifile, sem qualquer preâmbulo, e com muito boa disposição, assim começou a falar:

PRIMEIRA NOVELA

Fingindo-se aleijado, Martelino comporta-se como pessoa que se cura por intervenção de Santo Arrigo. Depois, descoberta a burla, Martelino é apupado, e entra, em certa altura, em perigo de ser dependurado a uma corda pelo pescoço. Por fim, salva-se.



Muitas e muitas vezes, minhas queridas mulheres, acontece que a pessoa que se empenha em burlar os outros, principalmente a respeito de assuntos e de coisas que devem ser alvo de reverência, acaba sendo, ela própria, objeto de burla e, numa ou noutra ocasião, também vítima da ira alheia.

A fim de obedecer à ordem da Rainha, e de dar começo ao tratamento do tema proposto, com uma novela minha, pretendo contar-lhes aquilo que, primeiro infelizmente e depois muito mais felizmente do que o que pudesse ter sido pensado, aconteceu a um nosso concidadão. Ainda não se passou muito tempo, a contar do que ocorreu. Havia, em Treviso, um alemão chamado Arrigo.¹ Sendo homem pobre, servia de carregador a quem lho pedisse e lho pagasse. À vista disto, era considerado, por todos, como sendo homem de vida limpa e santa. Um dia — seja ou não seja isso verdade — esse pobre homem morreu. Ao que os trevisanos afirmam, verificou-se que, na hora da morte, todos os sinos da maior igreja de Treviso, sem ser tocados por pessoa alguma, começaram a dobrar. O povo interpretou o fato como sendo um milagre; passou a dizer que aquele Arrigo se fizera santo. As gentes da cidade acorreram, em massa, à casa onde jazia o corpo do falecido; e conduziram o referido corpo à igreja maior. Para a igreja, também, se encaminharam coxos, aleijados, cegos e muitos outros infelizes que sofriam de toda espécie de enfermidade, ou de qualquer gênero de defeito. E para lá se encaminharam como se tivessem possibilidade de se tornarem sãos com o simples ato de tocar naquele corpo.

Em meio ao tumulto e à correria do povo, apareceram, em Treviso, três nossos concidadãos. Deles, um se chamava Stecchi; o outro, Martelino; e o

terceiro, Marchese. Os três eram homens que visitavam as cortes dos senhores; consistiam as suas habilidades em imitarem-se uns aos outros, bem como em imitarem qualquer outro homem; com isto, divertiam os espectadores. Nenhum dos três homens tinha estado, antes, em Treviso. Vendo eles que toda a gente corria, sentiram-se admirados; ao saberem do motivo de tamanha afluência de povo à igreja, tiveram vontade de ir também ao templo, a fim de ver o que realmente se passava. Deixaram suas coisas numa hospedaria. E Marchese disse:

— Nós queremos ir ver este santo; mas eu, por mim, não percebo como é que vocês poderão chegar lá, uma vez que ouvi dizer que a praça está cheia de alemães, bem como de outra gente armada. Esta gente armada tem ordem de permanecer aqui, por determinação do senhor desta terra, a fim de evitar perturbações públicas. Além disto, a igreja, ao que por aí se diz, está tão cheia de gente, que quase ninguém mais consegue entrar nela.

Então, Martelino, que desejava muito ver aquilo, disse:

— Não se preocupe com coisa alguma; eu bem que encontrarei a maneira de chegar até o ponto onde se acha o corpo do santo.

Disse Marchese:

— Como?

Martelino explicou:

— Vou explicar como. Fingir-me-ei aleijado; você irá de um lado e o Stecchi do outro, como se me estivessem amparando e como se eu não pudesse caminhar. Vocês me darão apoio, com ares de querer levar-me até o altar, a fim de que o santo me cure. Não haverá pessoa que, vendo-nos, não nos abra caminho e não nos deixe passar.

Agradou a ideia, tanto a Marchese como a Stecchi. E, sem qualquer delonga, saíram os três da hospedaria. Dirigiram-se a um lugar solitário, onde Martelino torceu propositadamente, como contorcionista que era, as próprias mãos, os dedos, os braços e as pernas; além disto, entortou a boca, os olhos e o rosto inteiro; e o fez a tal ponto, que se transformou num espetáculo doloroso de se contemplar. Ninguém, que o visse, deixaria de convencer-se de estar ele com o corpo todo aleijado e perdido. Martelino foi, dessa maneira, carregado, por Marchese e por Stecchi, em direção à igreja; diante dos olhos de todos, cheios de piedade, eles passaram, humildes, pedindo pelo amor de Deus, a cada pessoa que se encontrasse à sua frente, que lhes abrisse caminho. O pedido, sem dúvida, era sempre atendido e satisfeito. Dentro de pouco, contemplados por todos, e provocando por toda parte exclamações solícitas de “abram caminho!

abram caminho!”, os três chegaram ao ponto em que se achava colocado o corpo de Santo Arrigo. Martelino foi prontamente auxiliado por vários gentis-homens que por ali se encontravam; estes gentis-homens o ergueram, colocando-o por cima do corpo do santo, a fim de que recebesse o benefício do regresso ao bom estado de saúde.

Toda a gente se fez atenta, na expectativa do que pudesse acontecer ao aleijado. Martelino, depois de permanecer algum tempo onde o puseram, começou a fingir (como quem sabia maravilhosamente fingir, por arte) que ia conseguindo estender um dos dedos; depois, a mão; a seguir, o braço; e, assim, acabou por esticar o corpo todo. Ao assistir a isto, o povo fez tamanha barulheira, em louvor de Santo Arrigo, que, na ocasião, nem os trovões, se os houvesse, teriam sido ouvidos ali.

Por acaso, andava, por aquela região, um florentino que conhecia muito bem a especialidade imitativa de Martelino; como, porém, Martelino, ao ser inicialmente carregado para o templo, se apresentara tão transfigurado, aquele florentino não o reconheceu. Entretanto, ao contemplá-lo já ereto, como que miraculado, reconheceu-o de pronto; e, no mesmo instante, começou a rir e a dizer:

— Deus meu! Castigue-o! Quem é que, ao vê-lo chegar à igreja, não teria acreditado que ele fosse, realmente, um homem aleijado?

Alguns trevisanos ouviram estas palavras; e perguntaram ao florentino:

— Como? Então esse homem não era aleijado?

Ao que o florentino respondeu:

— Não, praza a Deus! Aquele homem sempre foi ereto como qualquer de nós; mas sabe, melhor do que qualquer outro, como os senhores tiveram oportunidade de ver, levar a efeito chanchadas desta ordem, contorcendo-se quando bem entende e imitando a quem bem lhe parece.

Os trevisanos, assim que ouviram esta explicação, deixaram de precisar de qualquer novo esclarecimento. Forçaram o caminho; foram para a frente; e começaram a gritar:

— Prenda-se este traidor e burlador de Deus e dos Santos! Não sendo paralítico, nem aleijado, apresentou-se como paralítico e como aleijado, para zombar do nosso santo e de nós!

Assim dizendo, os trevisanos agarraram Martelino; arrancaram-no do lugar onde ele se encontrava; puxaram-lhe os cabelos; rasgaram-lhe todas as roupas; e passaram a aplicar-lhe socos e pontapés. Pareceu até que nenhum

homem, de quantos ali se achavam, deixou de acorrer, para lhe aplicar murros e caneladas.

Martelino gritava:

— Tenham piedade, em nome de Deus!

E fazia o possível para se defender. Mas nada conseguia. A multidão multiplicava, de momento a momento, as pancadas. Vendo isto, Stecchi e Marchese começaram a dizer, entre si, que as coisas iam indo muito mal. Duvidando de suas próprias possibilidades, não se arriscaram a ajudar o companheiro; ao contrário: chegaram mesmo a gritar, juntamente com a turba, que Martelino deveria ser morto; não obstante, embora procedendo por esta forma, cuidaram de imaginar a maneira pela qual lhes fosse possível arrancar o companheiro das garras da multidão.

O povo, por certo, o teria matado, se não surgisse uma ocorrência, subitamente provocada por Marchese. A ocorrência foi esta: encontrando-se, lá fora do templo, a família toda dos senhores de Treviso, Marchese, com a pressa que lhe foi dada, se apresentou a quem estava fazendo as vezes de podestade. E disse-lhe:

— Pela mercê de Deus! Há, por aqui, um meliante que me roubou a bolsa contendo cem florins de ouro. Suplico-o para que o mande prender, bem como para que me seja devolvido o que é meu!

Ouvida a queixa, 12 sargentos, sem a menor perda de tempo, correram para o ponto onde Martelino estava sendo penteado sem pente; depois de abrirem caminho por entre a multidão que se comprimia, os militares, julgando que o ladrão fosse o homem que estava sendo apupado, trataram, e conseguiram, de puxá-lo para fora, todo roto e todo pisado; de lá, conduziram-no ao palácio. Muitos indivíduos, que se julgavam pessoalmente atingidos pela zombaria de Martelino, o seguiram. E, tendo ouvido dizer que era ele o batedor de carteira, e que por tal motivo estava sendo preso, acharam que não se requeria título mais justo do que esse para lhe promoverem a desventura. Em consequência, cada qual e todos passaram a dizer que ele lhes havia roubado a carteira.

O juiz do podestade era homem rústico. Ao ouvir a formulação das queixas, mandou que Martelino fosse logo conduzido para um lado, e, pouco depois, deu início ao interrogatório sobre a ocorrência. Martelino, porém, respondia-lhe motejando, como se não se incomodasse com aquela situação e com aquele exame. O juiz ficou perturbado em face de semelhante descaso. Por isto, mandou que amarrassem Martelino à máquina de tortura; ordenou que

lhe aplicassem alguns puxões enérgicos aos membros inferiores e superiores, a fim de o induzir a confessar aquilo de que estava sendo acusado; pretendia, na verdade, depois dessa confissão, sentenciar que ele fosse pendurado pelo pescoço. Entretanto, após ser ele novamente posto em pé, no chão, o juiz perguntou-lhe se era verdade o que contra ele diziam. Percebendo que de nada valeria dizer que não, Martelino declarou:

— Meu senhor: estou pronto a confessar a verdade. Peço-lhe, porém, que mande que cada um que me acusa diga quando e onde lhe tomei a bolsa; assim, poderei especificar o que, em cada caso, eu tiver furtado, bem como aquilo que não fiz.

Disse o juiz:

— Isto me agrada!

Mandou chamar à sua presença uns tantos queixosos. Um dizia que a bolsa lhe havia sido tomada, por Martelino, oito dias antes; outro, seis; outro, quatro; e alguns diziam que fora naquele mesmo dia. Ouvindo estas declarações, Martelino argumentou:

— Meu senhor juiz: todos eles estão mentindo desbragadamente. De que eu estou dizendo a verdade, posso dar uma prova irrefutável. É tão verdade que eu não deveria nunca ter vindo a esta terra, como é verdade que eu nunca nela estive, antes de agora; e que só a ela cheguei há poucas horas. Assim que cheguei, fui, por minha desventura, contemplar aquele corpo santo na igreja, onde me vi maltratado, como o senhor bem pode constatar. De que é verdade o que lhe digo, podem dar testemunho o oficial do senhor desta cidade, encarregado dos registros de apresentação; o livro em que ele faz os assentamentos; e o dono da hospedaria onde fiquei. Assim, se o senhor verificar que tudo ocorreu como estou dizendo, será justo que não me queira torturar e matar, por instâncias destes indivíduos perversos.

Enquanto as coisas se punham nestes termos, Marchese e Stecchi passaram a sentir-se receosos. Tinham ouvido dizer que o juiz do podestade estava agindo severamente contra Martelino; souberam, igualmente, que o mesmo juiz já o havia torturado. Medrosos, assim se manifestaram entre si:

— Muito mal fizemos, ao agir desta forma. Afinal de contas, foi como se tirássemos Martelino da panela para o deixar cair no fogo!

Por assim pensar, Marchese e Stecchi puseram-se em atividade; encontraram-se com o dono da hospedaria; contaram-lhe o que havia acontecido; e o dono da hospedaria, rindo-se de bom grado, os conduziu a um tal Sandro Agolanti. Este indivíduo morava em Treviso, e gozava de grande

prestígio junto ao senhor da cidade. O dono da hospedaria referiu-lhe tudo, em boa ordem; e, juntamente com Marchese e Stecchi, suplicou-lhe para que empregasse os seus bons ofícios a favor de Martelino, no caso em apreço. Sandro, depois de muita risada, foi ter com o senhor da cidade, solicitando-lhe a liberdade do infeliz; e assim se fez.

Aqueles que o foram buscar encontraram Martelino ainda em camisa, diante do juiz, todo desorientado, a tremer, agora, de medo, porque o magistrado não se mostrara disposto a aceitar qualquer desculpa a seu favor. Ao contrário. Alimentando, até, algum ódio contra os florentinos, mostrava-se francamente inclinado a determinar que Martelino fosse enforcado. De maneira alguma aquiesceu em entregar o acusado ao senhor da cidade. Só o entregou depois de se ver a isso obrigado, e, ainda assim, o fez de má vontade.

Quando Martelino foi levado à presença do senhor da cidade, contou-lhe, sempre na devida ordem, o que havia acontecido. A seguir, apresentou-lhe solicitação para que, a título de graça máxima, o deixasse partir. Queria ir-se de Treviso, porque, enquanto não chegasse de volta a Florença, haveria sempre de lhe parecer que estivesse com o baraço ao pescoço. O senhor da cidade riu-se a valer, em face de semelhante episódio. Mandou que se desse, a cada um dos três homens, um traje novo, além da certeza de eles se saírem ilesos de tão grande perigo. Sãos e salvos, os três regressaram à própria casa.

Nota

¹ Santo Arrigo: na *História trevisana*, Livro VIII, o historiador Giovanni Bonifazio fala deste santo.

SEGUNDA NOVELA

*Rinaldo d'Asti é roubado; aparece em Castel Guglielmo, onde é hospedado por uma viúva.
Ressarcido dos seus prejuízos, regressa, são e salvo, à própria casa.*



as peripécias de Martelino, contadas por Neifile, riram-se as mulheres, sem medida alguma. Entre os moços, quem mais se riu foi Filóstrato. E visto que era ele que se sentava mais perto de Neifile, a Rainha ordenou-lhe que prosseguisse, contando a história seguinte. Filóstrato, sem hesitar um instante, começou:

— Minhas lindas mulheres: sinto-me impelido a narrar-lhes um episódio em que se misturam coisas católicas, desventuras e amor. Por sorte, não é senão útil ouvir-lhe o desenvolvimento, principalmente para aqueles que costumam viajar pelas regiões inseguras da paixão. Nessas regiões, com frequência, aquele que não tiver dito o padre-nosso de São Juliano¹ muitas vezes se aloja sempre mal, ainda que disponha de bom leito.

Existiu, pois, no tempo do marquês Azzo, de Ferrara,² um mercador chamado Rinaldo d'Asti, que, por seus negócios, teve de viajar para Bolonha. Acabando de solucionar os seus assuntos, resolveu regressar à própria casa.

Aconteceu, todavia, que, depois de sair de Ferrara, e já cavalgando na direção de Verona, se encontrou com alguns homens que lhe pareceram ser mercadores também. Entretanto, eram ladrões de estrada, homens de vida perversa e de péssimas condições. Conversando com eles, Rinaldo fez-lhes, incautamente, companhia. Os salteadores, verificando que se tratava de um mercador, e admitindo que deveria ter dinheiro em seu poder, deliberaram, entre si, roubá-lo, assim que se lhes apresentasse a primeira oportunidade. A fim de que Rinaldo de nada suspeitasse, os malfeitores prosseguiram conversando com ele, sobre coisas interessantes e honestas, como se eles fossem homens modestos e de boa condição social. Fizeram o possível para se apresentarem, a si próprios, aos olhos dele, como pessoas humildes e bondosas. À vista disto, Rinaldo passou a considerar grande sorte a circunstância de os haver

encontrado, pois viajava só, apenas seguido por um serviçal doméstico a cavalo. Cavalgando, todos a conversar ora sobre isto, ora sobre aquilo, como acontece nas palestras em que se pula de um tema a outro, a conversa caiu sobre as orações que os homens dirigem a Deus. Um dos malfeitores, que eram três, disse, dirigindo-se a Rinaldo:

— E o senhor, meu gentil-homem, qual é a oração que costuma fazer quando viaja?

Ao que Rinaldo respondeu:

— Para dizer a verdade, sou homem leigo em tais coisas; e muito rústico, também. Assim, poucas são as orações que me aparecem para que as aprenda. Sou criatura que se deixa viver à moda antiga; por vezes, faço vista grossa e tolero que passem dois níqueis por 24 dinheiros. Não obstante, sempre tive o costume de, caminhando, dizer, pela manhã, quando saio da estalagem, um padre-nosso e uma ave-maria por intenção da alma do pai e da mãe de São Juliano. Depois disto, suplico a Deus e a São Juliano para que me façam encontrar, a fim de nela passar a noite seguinte, uma boa estalagem. Muitas e muitas vezes, nos dias de minha vida, nas viagens que empreendi, tenho encontrado grandes perigos; de todos eles consegui escapar; e sempre me aconteceu que, depois de uma situação perigosa, encontrei bom lugar e boa estalagem, para ali passar a noite sucessiva. Por esta razão, tenho fé inabalável em que São Juliano, em cuja honra conto estas coisas, me haja conseguido esta graça de Deus. Não penso que eu poderia transcorrer bem o dia nem chegar bem, na noite seguinte, sem dizer, na manhã desse dia, aquele padre-nosso e aquela ave-maria.

Aquele companheiro de viagem que lhe fizera, antes, a pergunta, tornou a perguntar:

— E disse o senhor a sua oração também esta manhã?

Ao que Rinaldo respondeu:

— Sim, naturalmente.

Então, o outro, que já sabia como é que as coisas deveriam transcorrer, monologou, de si para consigo:

— Bem que o senhor deve ter precisado dessa oração. Porque, se o senhor não está completamente sem dinheiro, o que é certo é que, ao meu modo de ver, o senhor também irá passar mal a noite.

Depois, em voz alta, comentou:

— Eu, da mesma forma, também já viajei muito; e nunca disse essa sua oração, embora tenha ouvido muita gente recomendá-la. Nem por isso, porém,

me aconteceu de deixar de me hospedar muito bem. Esta noite, por exemplo, o senhor bem poderá ver quem é que irá hospedar-se melhor: se o senhor mesmo, que disse a oração; ou se eu, que não a disse. É bem verdade, entretanto, que, no lugar da sua oração, eu costumo pôr o *Dirupisti*, ou a *Intemerata*, ou o *De Profundis*, que são, ao que uma das minhas avós tinha o hábito de dizer, dotadas de enorme virtude.

Assim, continuaram falando de coisas variadas; e prosseguiram no seu caminho. Os malfeitores estiveram sempre à espera do lugar e da hora em que deveriam levar a efeito o seu plano perverso. Mas aconteceu que, sendo já tarde, os três bandoleiros, ao transpor um rio, logo adiante de Castel Guglielmo, acharam que o dia já ia bem avançado; acharam, igualmente, que o lugar era solitário e isolado. Portanto, assaltaram e roubaram o mercador. Deixaram-no a pé e em camisa; e retiraram-se dizendo-lhe:

— Vá, e trate de verificar se o seu São Juliano lhe dará, esta noite, boa hospedaria; a nós, o nosso santo no-la proporcionará, e muito boa.

Transpondo o rio, os bandoleiros se foram. O serviçal de Rinaldo, como indivíduo ruim que era, ao ver o seu amo assaltado, nada fez em seu favor — nem tentou fazer; ao contrário: virando o cavalo que montava, não parou de galopar, em fuga, enquanto não voltou a Castel Guglielmo. Como já era muito tarde, entrou no castelo e, sem maiores preocupações, acomodou-se numa das dependências de dentro das suas muralhas.

Rinaldo lá ficou, em camisa e descalço. Fazia muito frio, e continuava a nevar abundantemente. Não sabendo o que fazer, e vendo que a noite já havia chegado, Rinaldo, todo a tremer e a bater os dentes, tratou de verificar se por ali não existia algum abrigo onde pudesse passar a noite sem morrer de frio. Não viu abrigo algum. O motivo era o de que, pouco tempo antes, houvera guerra na região. Todas as residências tinham sido incendiadas. Impelido pelo frio, correu de volta, a caminho de Castel Guglielmo. Não sabia que o seu serviçal se havia acolhido ali, nem em qualquer outro lugar. Pensou, pois, que, se pudesse entrar no interior das muralhas do castelo, Deus lhe mandaria algum socorro. Entretanto, o adensamento da escuridão da noite o surpreendeu muito longe do castelo; mais ou menos um quilômetro e meio. Em consequência, Rinaldo só chegou ao castelo muito tarde; tão tarde, que as portas se encontravam fechadas e as pontes levadiças já se haviam levantado. Assim, não pôde entrar. Por isto, triste, desconsolado, e chorando, olhou ao redor do ponto em que se achava, à procura de um cantinho onde pudesse meter-se, para que ao menos a neve não lhe caísse bem em cima do corpo.

Por acaso, viu uma casa, como que dependurada nas muralhas do castelo. Projetava-se um pouco para fora. Rinaldo resolveu abrigar-se por baixo do corpo saliente formado pela construção, e lá permanecer até que o dia raiasse. Dirigiu-se, pois, para aquele lugar. Por baixo da saliência, viu uma porta, que parecia estar fechada à chave. Ao pé desta porta, como que enrolado sobre si mesmo, em cima de um colchão que achara ali por perto, Rinaldo, acabrunhado e lamentoso, se acomodou.

Muitas e muitas vezes proferiu queixas, dirigidas a São Juliano; dizia que semelhante sina não fazia parte da fé que ele tinha nele. São Juliano, porém, tomando Rinaldo sob sua guarda, sem tardança lhe preparou boa estalagem.

Vivia, numa das dependências de dentro do mencionado castelo, certa mulher viúva, tão bela de corpo como as que mais belas o fossem. O marquês Azzo amava esta mulher como se ela fosse a sua própria vida; e ali, para seu prazer, fazia com que ela morasse. A referida mulher morava, com efeito, naquela casa que se projetava para fora das muralhas, e sob cujo corpo saliente Rinaldo acabara acomodando-se.

Por sorte de Rinaldo, o marquês tinha mandado, àquela casa, o aviso de que formara o propósito de passar a noite lá, em companhia da viúva. Pediu à viúva que lhe preparasse, ela própria, de antemão, um banho, e providenciasse para que se lhe servisse uma ceia magnífica. Em certa hora, todas as coisas ficaram prontas; nada mais era preciso esperar, além da chegada do marquês. Aconteceu, todavia, que, em vez do marquês, apareceu um seu serviçal doméstico, que bateu na porta. O serviçal-mensageiro comunicou à mulher que seu amo, o marquês, havia recebido informações extremamente graves; em consequência, tivera de partir imediatamente, a cavalo, do castelo. Com mil escusas, o marquês mandara dizer à mulher, por meio dele, seu serviçal, que não o esperasse mais naquela noite.

A viúva, um pouco desconsolada e não sabendo o que fazer, resolveu entrar no banho preparado para o marquês; depois, ao que projetava, cearia sozinha, e sozinha iria para a cama. De fato, entrou no banho. O banheiro situava-se perto da porta onde o infeliz Rinaldo, do lado de fora, se havia acomodado. Assim, estando a mulher no banho, ela ouviu o pranto, as queixas e os tremores de Rinaldo. Àquela hora, Rinaldo já parecia estar transformado numa cegonha. Por ouvir-lhe os gemidos, a mulher chamou a aia e disse:

— Vá lá para cima e olhe para fora da muralha, ao pé desta porta; veja quem é que lá se encontra. Pergunte de quem se trata e o que é que está fazendo.

A aia foi. Ajudada pela claridade do ar noturno, ela viu Rinaldo que, em camisa e descalço, lá se encontrava, sentado e encolhido. Como já se disse, ele tremia de frio a mais não poder. A aia perguntou-lhe quem era. Tremendo, ele mal conseguira proferir as palavras; mesmo assim, disse-lhe tudo, com o menor número possível de frases: quem era, como e por que lá se achava. Depois, com modos de inspirar piedade, passou a suplicar-lhe para que, se lhe fosse possível, não o deixasse morrer de frio ao relento daquela noite.

A aia, comovendo-se e fazendo-se caridosa, voltou à presença de sua dona, referindo-lhe tudo o que lhe fora dito pelo homem. Também a viúva se sentiu apiedada; recordou-se de que estava de posse da chave daquela porta, que, algumas vezes, servira para as entradas ocultas do marquês; e disse:

— Vá abrir-lhe a porta. Ali está a ceia, sem pessoa alguma para dela se servir: quanto a acomodá-lo, há lugar mais do que bastante nesta casa.

A aia, depois de louvar muito a sua senhora, por tão belo gesto humanitário, saiu; foi abrir a porta. Fez o homem entrar. E a viúva, vendo-o quase gelado, disse-lhe:

— Depressa, bom amigo. Entre naquele banho, que ainda está quente.

Sem esperar por outro oferecimento, Rinaldo foi para o banho, com o maior gosto deste mundo. Reconfortou-se por meio da quentura voluptuosa da água. Pareceu-lhe até estar voltando da morte à vida. A viúva mandou que lhe fossem preparados trajes outrora pertencentes ao seu marido, falecido pouco tempo antes. Uma vez envergados, os trajes pareceram haver sido feitos sob medida para o comerciante Rinaldo.

Enquanto esperava, num quarto, que a mulher lhe desse ordens, ele, de si para consigo, começou a agradecer a Deus e a São Juliano. Deus e São Juliano o haviam, como ele esperava, livrado daquela noite de inferno; ademais, tinham-no conduzido, ao que ele próprio presumia, a bom abrigo.

A viúva tratou de repousar um pouco, pois se cansara ajudando a acender o fogo na lareira. Ao cabo de uns instantes, reapareceu na sala e perguntou, à aia, que é que se estava passando com o homem lá no quarto. Ao que a aia respondeu:

— Senhora: ele já está vestido. É um belo homem. Parece pessoa de bem; além disto, penso que é de boa educação.

— Vá chamá-lo, então — ordenou a viúva —, e diga-lhe que venha para perto do fogo, junto à lareira. Precisarás cear, pois eu sei que não ceou ainda.

Rinaldo, ao entrar na sala onde havia a lareira, viu a viúva. Esta lhe pareceu mulher de grande distinção. Por isto, saudou-a com elegante

reverência. E apresentou-lhe os seus agradecimentos, com as mais belas palavras que para o caso lhe ocorreram, pela bondade que ela manifestara para com ele. A viúva, depois de o ver e ouvir, achou que a aia tinha razão no louvor que fizera ao homem. Recebeu-o de muito bom grado, e fez com que ele, muito familiarmente, se sentasse ao seu lado, diante do fogo. Formulou-lhe perguntas sobre a infelicidade que o atingira pouco antes. E Rinaldo narrou coisa por coisa, na devida ordem. Ela tinha tido vagas notícias a propósito do incidente, devido à chegada, no interior das muralhas do castelo, do serviçal de Rinaldo. Por isto, aceitou como sendo autêntica e honesta a narrativa que o homem lhe fez. Ela comunicou-lhe o que sabia quanto ao destino do serviçal, e indicou-lhe a maneira pela qual, na manhã seguinte, logo cedo, Rinaldo poderia encontrá-lo.

Entretanto, depois que a mesa foi posta, como a viúva ordenara, Rinaldo lavou as mãos e pôs-se a cear na companhia dela. O homem era de estatura alta, de aspecto agradável, seja quanto ao porte, seja quanto à fisionomia; suas maneiras eram finas e cativantes; o ar geral era todo o de um homem de meia-idade, porém ainda jovem. Vezes e vezes seguidas, a viúva se comprazeu em contemplá-lo, sem dar mostras disso; e apreciou-o, em seu íntimo. Aliás, como o marquês deveria aparecer e não aparecera, para passar a noite em companhia dela, a mulher se encontrava com o apetite concupiscente bem desperto. Em consequência, já se havia unido, em sua mente, ao belo Rinaldo.

Depois da ceia, a mesa foi desfeita e retirada. A viúva foi consultar a aia, para saber se, uma vez que o marquês a havia burlado, não seria justo que ela tirasse o maior e o mais agradável proveito possível da companhia que a sorte lhe havia por aquela forma oferecido. A aia, sabendo do desejo íntimo de sua senhora, aconselhou-a a satisfazê-lo tanto quanto fosse do seu agrado. Assim, a viúva, regressando à sala da lareira, onde havia deixado Rinaldo a sós, começou a fitá-lo amorosamente; e disse:

— Então, Rinaldo? Por que é que você está assim pensativo? Não acredita, pois, que poderá ser ressarcido de um cavalo e de umas poucas roupas que perdeu? Tranquelize-se; mostre-se mais alegre! Você está como se fora em sua casa. Aliás, quero dizer-lhe que vendo-o com esses trajes, que foram do meu falecido marido, você até passou a parecer-me ser ele em pessoa. Por isto, esta noite, já por mais de cem vezes tive vontade de abraçá-lo e de beijá-lo; e está claro que, se eu não temesse desagradá-lo, por certo que já o teria feito.

Ao ouvir estas palavras, e ao ver os lampejos sensuais que fulguravam nos olhos daquela mulher, Rinaldo, como homem que nada tinha de idiota, correu

ao encontro dela, com os braços abertos, dizendo:

— Mulher magnífica! Penso que poderei sempre dizer que é por sua causa que me encontro ainda vivo! Contemplo o estado de onde você me tirou e comparo-o com o estado em que você me pôs. Grande vilania seria a minha, se eu não me empenhasse em fazer tudo quanto vier a ser do seu maior agrado. Assim sendo, dê largas ao seu desejo, satisfazendo-o; abrace-me; beije-me; porquanto eu a abraçarei e a beijarei com grande e sincero entusiasmo.

Depois destas, eles não precisaram mais proferir palavras. A mulher, toda ardendo em amoroso enleio, imediatamente se lançou aos braços dele. Mil vezes o beijou, ansiosa, apertando-o contra o peito; mil vezes ela foi por ele beijada com veemência. Saindo da sala da lareira, os dois se dirigiram para o quarto de dormir; não tardaram a deitar-se; e muitas vezes satisfizeram os respectivos desejos, antes que o novo dia raiasse.

Depois que a aurora começou o seu dealbar, a mulher determinou que os dois deveriam levantar-se, para que ninguém suspeitasse daquilo que ali ocorrera. Deu-lhe, propositadamente, roupas bastante más; encheu-lhe a bolsa de dinheiro; pediu-lhe que conservasse em sigilo a noite que passara em sua companhia; mostrou-lhe o caminho que deveria percorrer, para, saindo daquela casa, voltar e entrar no castelo, a fim de lá se encontrar com o seu serviçal doméstico; e pô-lo para fora, por aquela mesma pequena porta pela qual ele entrara.

Rinaldo, fingindo, então, chegar de muito longe, esperou que o dia clareasse e que as portas das muralhas do castelo se abrissem. Entrou na área do castelo; reencontrou o serviçal. Assim, vestiu os trajes que eram realmente seus, e que estavam nas malas, em poder do criado; e desejou montar no cavalo deste serviçal.

Nesta altura, aconteceu que, como por obra de milagre divino, os três malfeitores, que o haviam roubado na noite anterior, estavam sendo levados, presos, para aquele mesmo castelo. Tinham praticado outro delito, igual àquele de que Rinaldo fora vítima. Por força da confissão dos próprios meliantes, o cavalo roubado a Rinaldo lhe foi devolvido; também lhe restituíram as roupas e o dinheiro; o comerciante não perdeu, como se vê, mais do que um par de cintas, de que os salteadores não sabiam o que haviam feito.

Por tudo isto, Rinaldo tornou a agradecer a Deus e a São Juliano. Montou a cavalo. E, são e salvo, voltou à própria casa.

No dia seguinte, os três malfeitores foram enforcados.

Notas

¹ Aconteceu-lhe matar, sem os reconhecer, o próprio pai e a própria mãe; para penitenciar-se de semelhante pecado, abandonou riquezas e honras; retirou-se para a margem de um rio; construiu, ali, uma casinhola, onde abrigava gratuitamente os viandantes durante a noite; conduzia-os de uma margem à outra do rio, por meio de um pequeno bote; por isso, fez-se santo; na Idade Média, era invocado com padre-nossos, na qualidade de protetor dos viajantes.

² Houve vários senhores com este nome, na dinastia dos Estenses, que dominou Ferrara. Aqui se trata, provavelmente, de Azzo VII, que, em 1258, comandou uma cruzada contra Ezzelino da Romano.

TERCEIRA NOVELA

Três moços empobrecem, por despenderem mal os seus haveres. Um sobrinho deles, fazendo-se acompanhar por um abade, regressa à sua casa, levado pelo desespero. E verifica que esse abade era, sob disfarce, a filha do rei da Inglaterra, a qual se casa com ele e paga os prejuízos sofridos pelos tios, devolvendo-os a uma situação econômica muito boa.



s peripécias de Rinaldo d'Asti foram ouvidas com admiração, tanto pelas mulheres como pelos moços. A devoção do comerciante mereceu muitos aplausos. Deus e São Juliano receberam agradecimentos calorosos por haverem prestado socorro a Rinaldo na sua hora de maior apuro. Por seu lado, a viúva não foi considerada tola, por haver sabido aproveitar o bem que Deus mandara à sua casa. É verdade que, no princípio, se começara a pensar de maneira oposta, porém às ocultas.

Enquanto se falava, sorrindo, da boa noite que a viúva obtivera, Pampineia, que se via colocada ao lado de Filóstrato, percebeu que a sua vez tinha chegado, como de fato chegara. Por isto, reconcentrou-se. Tratou de pensar no que deveria dizer. E, depois de emitida a ordem da Rainha, ela, não menos audaciosa do que contente, assim se pôs a falar:

— Dignas mulheres: quanto mais se fala das vicissitudes da Fortuna, tanto mais resta para delas se falar, desde que se queira examinar bem o que acontece. Disto, porém, ninguém deve maravilhar-se, se pensa, discretamente, que todas as coisas se encontram nas mãos dela. Nós dizemos que tais coisas são nossas. Na verdade, entretanto, elas são manipuladas, incessantemente, sem qualquer ordem lógica por nós conhecida, e sim de acordo com um oculto arbítrio da Fortuna; é ela que transforma umas coisas em outras, reconvertendo estas outras naquilo que foram antes. Embora esta realidade haja sido demonstrada em algumas novelas ditas anteriormente, e desde que agrade à nossa Rainha que sobre isto se converse, eu acrescentarei, às novelas já contadas — e não sem

utilidade para os ouvintes — uma novela minha. O contexto desta novela será, por certo, bem apreciado.

Existiu, outrora, na nossa cidade, um cavalheiro cujo nome era o de sr. Tebaldo. Ao que alguns afirmam, ele descendia dos Lamberti; outros asseguram que procedia dos Agolanti.¹ Talvez isto aconteça, mais do que por outra coisa, por causa da profissão abraçada, mais tarde, pelos seus filhos, que foi a profissão abraçada, no passado, e ainda hoje o é, pelos Agolanti.²

Deixemos de lado, porém, o problema da casa a que, dentre as duas citadas, ele pertencia. Asseguro que ele foi, no seu tempo, riquíssimo cavalheiro. Teve três filhos. Destes, o primeiro se chamava Lamberto; o segundo, Tebaldo; e Agolante o terceiro.

Os três filhos eram já moços belos e garbosos, embora o mais velho ainda não houvesse chegado aos 18 anos, quando esse riquíssimo sr. Tebaldo faleceu. Nessa ocasião, o pai deixou-lhes todos os bens móveis e imóveis, como a herdeiros legítimos que eram. Os jovens, vendo que tinham ficado riquíssimos, por sua vez, tanto em bens concretos como em dinheiro, começaram a gastar generosamente. Não tiveram outro governo, nas despesas, que não fosse o próprio prazer, sem qualquer freio e também sem qualquer restrição. Passaram a manter enorme criadagem; a possuir muitos e bons cavalos, ao lado de ótimos cães e de pássaros vistosos; a dar recepções contínuas; a fazer doações; a promover justas e torneios entre homens de armas; a realizar não somente aquilo que normalmente os gentis-homens costumam levar a efeito, mas também aquilo que lhes dava na telha juvenil que era preciso executar.

Está claro que não viveram longamente esse gênero de vida. O tesouro deixado pelo pai logo se exauriu. Como as rendas, agora, não bastavam sequer para cobrir as despesas iniciais de cada festa, os três filhos trataram de hipotecar e de vender os bens de raiz. Vendendo uma propriedade hoje, outra amanhã, já haviam chegado a zero quando deram pelo fato. Foi a pobreza que lhes abriu os olhos que a riqueza conservara fechados. Por isto, um dia, Lamberto mandou chamar os outros dois irmãos à sua presença; contou-lhes o que fora a dignidade do pai e expôs-lhes a que estava reduzida a dignidade deles, seus filhos; esclareceu-lhes qual fora a riqueza por eles recebida e qual era a pobreza a que haviam descido, em consequência dos gastos desordenadamente feitos. Com as palavras que melhores lhe pareceram, aconselhou-os a vender o pouco que lhes havia restado; e era preciso vendê-lo antes que a sua miséria mais em evidência se pusesse. Lamberto explicou que, depois da venda, o melhor seria retirarem-se para outra cidade. E, sem apresentar despedidas a quem quer que

fosse, nem realizar qualquer cerimônia, não permaneceram mais tempo em Florença. Saíram de lá, rumando para a Inglaterra.

Em Londres, constituíram um pequeno fundo; e, fazendo despesas mínimas, logo principiaram a realizar empréstimos de usurário. Nisto lhes foi favorável a Sorte. Em poucos anos, reuniram considerável quantidade de dinheiro. Com estes recursos, os três irmãos, alternadamente, ora um, ora outro, sucessivamente, voltaram à cidade de Florença; readquiriram grande parte dos seus antigos bens; além disto, acrescentaram muitos bens novos ao patrimônio conjunto, por via de compra; e casaram-se. Prosseguiram emprestando dinheiro na Inglaterra; e, para cuidar dos negócios nesse país, mandaram para lá um jovem sobrinho, chamado Alexandre.

Os três irmãos que ficaram em Florença se esqueceram da situação a que, da outra feita, o esbanjamento da riqueza os havia reduzido. Não obstante o fato de se encontrarem reunidos como se constituíssem uma única família, passaram a esbanjar mais extravagantemente ainda. Todos os mercadores lhes davam crédito; punha-se à disposição deles qualquer quantidade de dinheiro. Durante uns poucos anos, os fundos remetidos da Inglaterra, por Alexandre, ajudaram a sustentar as enormes despesas. Alexandre dera de emprestar dinheiro a barões, sob hipoteca de castelos e de outros rendimentos; estes empréstimos lhes proporcionavam grandes vantagens.

Os três irmãos despendiam sempre largamente, lançando mão de outros processos quando precisavam de mais dinheiro; tinham esperança firme, baseada nas remessas da Inglaterra. Mas aconteceu que, contrariamente à previsão de todos, surgiu, naquele país, um conflito armado entre o rei e seu filho. Devido a essa guerra, a ilha dividiu-se, ficando uma parte do povo desta banda e outra parte daquela. Em consequência, todos os castelos foram tomados dos respectivos proprietários e de Alexandre; e nenhuma renda ficou para responder pelas hipotecas. Esperando que, de um dia para outro, se fizessem as pazes entre filho e pai, e que, por decorrência disso, tudo lhe fosse restituído, inclusive capital e juros, Alexandre não se retirou da Inglaterra; e os três irmãos, que se achavam em Florença, não limitaram, de maneira alguma, suas enormes despesas; prosseguiram sacando cada vez mais.

Todavia, quando se verificou que, ao longo de vários anos, nenhuma satisfação se seguiu à esperança alimentada, os três irmãos não somente perderam a fé nos próprios negócios, mas foram até presos, de uma hora para outra, porque os credores queriam ser reembolsados. Os bens que ainda lhes restavam não bastaram para pagar tudo; por força da dívida não resgatada,

ficaram na prisão. Quanto às três esposas, bem como aos filhos, todos menores, uns se retiraram para as aldeias, outros se dispersaram por aqui e por acolá; todos se viram postos em más condições de pecúnia; nenhum deles sabia mais o que esperar; afigurava-se-lhes que, dali por diante, só teriam vida miserável.

Alexandre esperara, na Inglaterra, durante muitos anos, que a paz se fizesse. Vendo, porém, que ela não se fazia, e parecendo-lhe ter motivos tanto para duvidar da segurança de sua própria vida como para não depositar mais confiança no bom êxito de sua permanência ali, resolveu regressar à Itália. Assim, sozinho, deu começo à viagem.

Por acaso, ao sair de Bruges, notou que, como ele, de lá também saía um abade de branco, acompanhado de muitos monges. Grande número de criados e considerável quantidade de malas e caixas lhe iam à frente. Atrás dele, viam-se dois cavaleiros idosos, parentes do rei. Alexandre uniu-se a estes cavaleiros, como a pessoas conhecidas — e foi por eles muito bem recebido. Caminhando em companhia desta gente, Alexandre perguntou, com brandura, quem eram os monges que cavalgavam com tamanha comitiva à frente; e indagou, também, para onde iam. Ao que um dos cavaleiros respondeu:

— Esse que cavalga na frente é um mocinho nosso parente, que acaba de ser eleito abade de uma das maiores abadias da Inglaterra. Visto, porém, que ele tem menos idade do que o indispensável, por lei, para tão alta dignidade, nós vamos, com ele, a Roma, a fim de impetrar, do Santo Padre, que, em face da sua pouca idade, revogue, em relação a ele, a exigência desse requisito, e, mais tarde, na época oportuna, o confirme na mesma dignidade. Sobre isto, porém, é preciso que não se fale muito.

Cavalgando o novo abade, ora adiante, ora atrás do grupo dos seus fâmulos — assim como todos os dias vemos que os grão-senhores fazem, quando viajam —, aconteceu-lhe ver Alexandre, bem perto de si. Alexandre era muito moço; bem-apessoado de corpo; muito bonito de rosto; finamente educado; e tão agradável por suas boas maneiras, a ponto de, nisso, ninguém o exceder. Logo à primeira vista, Alexandre caiu na simpatia do jovem abade que, por vê-lo, se sentiu contente como se houvesse visto a criatura mais esperada do mundo. Chamou-o mais para junto de si; e com ele começou a conversar, como que encantado; perguntou-lhe quem era; de onde vinha; para onde ia. Alexandre respondeu francamente a cada uma das perguntas feitas; a seguir, esclareceu que, embora fosse pouco o que podia fazer, punha tudo o que podia fazer, e de muito bom grado, a serviço do abade.

O jovem religioso, ouvindo-lhe as frases belas e bem-ordenadas, e tomando em consideração, mais particularmente, os seus costumes, ainda mais se sentiu preso de simpatia para com ele. Imaginara, de início, que se tratasse de pessoa que tivesse ofício servil; mas via, agora, que estava diante de um gentil-homem. Enchendo-se de pena em face das desventuras ocorridas a Alexandre, confortou-o muito fraternalmente, dizendo-lhe que seria interessante alimentar novas esperanças. Em sendo homem de valor, Deus lhe devolveria mais e melhor o que a má sorte lhe havia tolhido. Disse-lhe o abade que, uma vez que viajava na direção da Toscana, agradar-lhe-ia que ele, Alexandre, também se encontrasse em viagem para lá. Alexandre esclareceu que viajava para o mesmo destino; agradeceu-lhe o conforto moral proporcionado; e disse que estava às ordens do abade. Mais satisfeito cavalgou, pois, o abade, em cujo peito novas coisas se desenvolviam a propósito de Alexandre.

Aconteceu que, passados vários dias, todos chegaram a uma vila que não era muito ricamente dotada de hotéis. Desejando o abade pernoitar nessa vila, Alexandre o fez apear em casa de um hospedeiro muito seu conhecido; e mandou que a cama fosse preparada, para o abade, no lugar menos incômodo da casa. Assim, Alexandre quase que se transformou em mordomo do abade, por ser homem prático e de sólida experiência; coube-lhe tratar do alojamento de toda a comitiva pela vila, da melhor maneira imaginável no caso. Uns se hospedaram numas casas, outros foram recebidos em outras. Por fim, tendo o abade jantado — já sendo tarde da noite — e havendo todos ido dormir —, Alexandre indagou, ao hospedeiro, onde poderia ele ir dormir por sua vez. A isto, o hospedeiro respondeu:

— Em verdade, não sei. Você bem vê que todas as casas estão cheias; e pode também ver que eu e toda a minha família vamos dormir em cima de arcas e de baús. Entretanto, na sala em que o abade se encontra, existe certo número de caixas que servem de celeiro. Posso conduzir você até essas caixas. Porei, por cima delas, uma pequena cama; e ali, se lhe agradar, você tratará de passar esta noite da melhor maneira que lhe for possível.

A isto Alexandre observou:

— Como poderei eu ir à sala do abade? Sabe você que ela é pequena; de tão estreita que é, não pudemos pôr lá nenhum dos seus monges, recorda-se? Se eu tivesse notado a existência das caixas-celeiros, quando se estenderam as cortinas, eu teria posto por cima delas os monges, para que ali dormissem; e eu, então, me poria onde agora dormem os monges.

Então, o hospedeiro argumentou:

— O que está feito está feito; e você pode, se quiser, ficar por aqui, da melhor maneira do mundo. O abade está dormindo, e as cortinas ficam na frente; porei, ali, sem fazer barulho, uma colchazinha; e você poderá dormir.

Alexandre, vendo que se podia fazer o que o hospedeiro aconselhava, sem dar qualquer aborrecimento ao abade, concordou. Afinal, acomodou-se do modo mais silencioso que pôde.

O abade, todavia, não estava dormindo. Ao contrário. Pensava, até com afínco, nos seus novos desejos. Ouviu, pois, o que o hospedeiro e Alexandre falaram. Da mesma forma, ficou sabendo onde Alexandre se acomodou, para passar aquela noite. Então, começou a dizer, de si para consigo: “Deus deu tempo aos meus desejos; se eu não o agarro, não penso que uma circunstância como esta volte a apresentar-se em minha vida.” Deliberou, em definitivo, agarrá-lo. Como tudo lhe pareceu estar em silêncio, na estalagem, chamou Alexandre, em voz baixa; pediu-lhe que se deitasse ao seu lado. Após muitas recusas, Alexandre, já despido, lá foi deitar-se. O abade pôs-lhe a mão sobre o peito e começou a bulir-lhe no corpo, de maneira carinhosa, não diversa da que as moças apaixonadas usam para com os seus namorados. Disto Alexandre se maravilhou profundamente. E duvidou que fosse o abade, tomado de amor impulsivo e desonesto, quem se estava arriscando a tocar-lhe no corpo por aquela forma. Desta dúvida, seja por presunção, seja por qualquer ato praticado por Alexandre, o abade logo formou ideia clara. E sorriu. Despiu, prontamente, uma camisola que na hora vestia; tomou a mão de Alexandre; pô-la sobre o próprio peito; e disse:

— Alexandre: dissipe esse tolo pensamento; procure por aqui... assim... Tome conhecimento daquilo que aqui esconde.

Alexandre, pondo a mão sobre o peito do abade, encontrou dois seios, pequenos e redondos, consistentes e delicados, tal como se fossem feitos de marfim. Imediatamente, depois de os encontrar e de os apalpar, percebeu que a pessoa que ali se encontrava era uma mulher. Sem esperar por novo convite, procurou imediatamente abraçá-la, apertá-la e beijá-la. E foi então que ela disse:

— Antes que você se aproxime ainda mais de mim, ouça o que desejo dizer-lhe. Como você pode verificar, eu sou mulher, não homem. Sou pucela; saí virgem, de minha casa. Tencionava apresentar-me, em Roma, ao papa, a fim de que ele me desse marido. Seja para sua ventura, seja para minha desventura, o certo é que vi você um dia desses; assim que o vi, inflamei-me de amor, por tal forma, que acredito que mulher alguma jamais amou tanto um homem.

Em consequência, deliberei ter você por marido, antes e em lugar de qualquer outra pessoa. Se você não me quer por esposa, então saia logo daqui e volte para o seu lugar.

Embora não a conhecesse, Alexandre, por via de estudo da comitiva que a acompanhava, inferiu que ela devia ser moça nobre e rica. Que era lindíssima, bem que o estava vendo. Sem, pois, pensar muito, respondeu que, se o casar-se com ele agradava a ela, casar-se com ela seria muito do agrado dele. Ela, então, ergueu-se e pôs-se a sentar, na cama, diante de uma tábua em que havia a efígie de Nosso Senhor; pôs, na mão de Alexandre, um anel. E os dois, assim, se consideraram desposados. Logo depois, abraçaram-se, e, com enorme prazer para ambas as partes, se deleitaram o tempo todo que ainda restava daquela noite. Combinaram, entre si, o modo e a ordem dos seus assuntos pessoais. Quando o dia raiou, Alexandre ergueu-se e saiu da sala para onde havia entrado e onde passara a noite. Ninguém veio a saber em que lugar, na realidade, ele dormiu. Extraordinariamente feliz, retomou a viagem em companhia do abade e de sua comitiva.

Ao cabo de muitos dias, chegaram todos a Roma. Ali, depois de se demorarem alguns dias em visitas aos lugares da cidade, o abade, os dois cavaleiros e Alexandre se apresentaram ao papa, sem mais preâmbulos. Feita a devida reverência, assim começou o abade a falar:

— Santo Padre: assim como Vossa Santidade sabe, muito mais do que qualquer outra pessoa, todo aquele que pretende viver honrada e honestamente deve, na medida do possível, fugir de toda circunstância que o possa induzir a proceder de outra maneira. Para que eu possa viver dessa forma, isto é, honrada e honestamente, como é o meu desejo, fugi secretamente de casa. Fugi envergando o hábito com que Vossa Santidade me vê agora. Eu trouxe comigo parte enorme dos tesouros do rei da Inglaterra, que é meu pai. Queria ele obrigar-me a casar com o rei da Escócia, embora sendo este rei homem de idade muitíssimo avançada e sendo eu moça tão jovem como Vossa Santidade pode verificar. Por isto, vim para cá, na esperança de que Vossa Santidade faça o meu casamento. Não foi bem a velhice do rei da Escócia que me fez fugir. O que me induziu a tal passo foi o medo de perpetrar algum ato contrário aos ditames das leis divinas e em desacordo com a honra do real sangue de meu pai. Talvez o cometesse, se não fugisse e se com ele me casasse, dada a fragilidade da minha juventude. Vindo eu com o espírito assim disposto, Deus, que sabe magnificamente bem o que se faz mister a cada um de nós, pôs, diante de meus olhos, creio que por Sua misericórdia, o homem que a Ele agrada que seja meu

marido. O homem é este moço — e, assim dizendo, apontou para Alexandre — que Vossa Santidade está vendo, aqui, ao meu lado. Deles, os costumes e o valor são dignos de qualquer grande dama, muito embora a nobreza do seu sangue não seja, talvez, tão clara como a do sangue real. Foi a ele, pois, que escolhi; é a ele que eu quero. Nem desejarei, jamais, ter outro homem, queira-o ou não o queira o meu pai, ou qualquer outra pessoa. Assim, está explicado o motivo principal pelo qual me pus em viagem. Entretanto, aprouve-me aproveitar o percurso para visitar lugares venerados e santos, de que está cheia esta cidade, bem como para me apresentar a Vossa Santidade. Fiz tudo isto para que o matrimônio contraído entre Alexandre e mim, somente perante Deus, se faça público em presença de Vossa Santidade, e, portanto, em presença de todos os outros homens. Suplico a Vossa Santidade para que receba com agrado aquilo que a Deus e a mim agradou. Imploro, outrossim, a bênção de Vossa Santidade, para que, com ela, tendo eu ainda maior certeza de agradar Àquele de que é vigário na terra, nós possamos, para honra de Deus e de Vossa Santidade, viver juntos, e finalmente morrer.

Alexandre maravilhou-se, ao ouvir a revelação de que a moça era filha do rei da Inglaterra; mas nem por isso deixou de encher-se de intenso júbilo. Muito mais do que ele, porém, se maravilharam os dois cavaleiros; estes se perturbaram tanto, que, se estivessem em outro lugar, e não na presença do papa, praticariam algum ato provavelmente violento contra Alexandre, e talvez também contra aquela mulher. De outra banda, o papa muito se maravilhou, por sua vez, tanto do hábito de monge, usado pela moça, como pela escolha do marido que ela fizera. Percebendo, todavia, que não era mais possível voltar atrás, quis aquiescer às suas súplicas. Em primeiro lugar, porém, tranquilizou os cavaleiros, que continuavam a mostrar-se profundamente perturbados; recolocou-os em boa paz, tanto com Alexandre como com a filha do rei; e deu ordens quanto àquilo que então se deveria fazer.

Em chegando o dia marcado pelo papa, este mandou que se apresentasse ao seu conspecto a moça, que apareceu imperialmente vestida. A cerimônia desenrolou-se na presença de todos os cardeais e de muitas outras grandes personalidades, todos os quais ocorreram como convidados para uma festa grandiosa promovida por ele, papa. A moça estava tão linda e tão amável, que se tornou objeto do comentário elogioso de todos os presentes. Também Alexandre apareceu esplendidamente vestido; nem no aspecto, nem nas maneiras, dava mostras de ser moço que houvesse vivido apenas a fazer empréstimos de usurário; afigurava-se, ao contrário, pessoa de ambiente real; e

foi, por isso, muito homenageado pelos dois cavaleiros. A esta altura, o papa ordenou que se celebrassem os esponsais. A seguir, efetuadas as núpcias, com pompa, beleza e magnificência, o papa despediu os recém-casados, dando-lhes a bênção.

Aprouve a Alexandre, e também à sua esposa, ir a Florença, partindo de Roma. A fama já havia levado a Florença a notícia do ocorrido. Os recém-casados foram recebidos com grandes honras pelos concidadãos de Alexandre. A esposa determinou que os três irmãos, tios de seu marido, fossem postos em liberdade; mandou que se pagassem todas as dívidas contraídas por eles; e recolocou os homens, as respectivas esposas e os respectivos filhos na posse dos bens que lhes haviam anteriormente pertencido.

Depois, Alexandre e sua mulher, levando consigo Agolante, partiram de Florença, dirigindo-se a Paris, onde foram recebidos pelo rei, sempre com grande pompa. Pouco mais tarde, os dois cavaleiros viajaram para a Inglaterra; e tanto insistiram junto ao rei, que este, afinal, concedeu o seu perdão; recebeu a filha de volta, e o genro, também com brilhantes festividades. Pouco tempo após, elevou o genro à dignidade de cavaleiro, numa cerimônia imponente; e deu-lhe o condado de Cornualha.

Alexandre soube conduzir por tal forma todos os assuntos, que acabou pacificando filho e pai. Disto decorreu um grande bem para a ilha; e com isto Alexandre ganhou o amor e a benquerença de todos os ingleses. Agolante recuperou tudo de quanto ele e seus irmãos eram credores; e regressou a Florença, incalculavelmente rico. Antes da sua partida, o conde Alexandre fê-lo cavaleiro.

O conde, a seguir, viveu gloriosamente com sua mulher. Alguns pretendem poder assegurar que ele, combinando o próprio bom senso e o próprio valor com a ajuda do sogro, conquistou a Escócia e foi coroado seu rei.

Notas

¹ Os Lamberti e os Agolanti foram famílias antiquíssimas da nobreza florentina.

² A profissão era a de fabricante de agulhas. Agulha, em italiano, é *ago*; daí, Agolanti.

QUARTA NOVELA

Depois de empobrecer-se, Landolto Ruffolo torna-se corsário. Capturado pelos genoveses, foge para o mar. Salva-se em cima de uma caixa repleta de joias caríssimas. Em Corfu, é salvo por uma mulher; e regressa à própria casa, novamente rico.



entava-se Laurinha depois de Pampineia. Vendo que esta chegara ao fim glorioso de sua novela, nada mais esperou; e por esta forma se pôs a falar:

— Graciosíssimas mulheres: ao meu modo de pensar, não existe ato algum, da Fortuna, que seja maior do que aquele que eleva alguém, da mais ínfima miséria, às alturas da realeza, exatamente como a novela de Pampineia nos mostrou que aconteceu a Alexandre. Será, pois, conveniente, que toda pessoa que daqui por diante se puser a novelar, de acordo com o tema proposto, se mantenha dentro de tal espírito. Assim sendo, não me envergonharei de fazer uma narrativa que, embora descreva sofrimentos e privações ainda maiores, nem por isso consegue chegar a desfecho igualmente esplêndido. Sei muito bem que, em comparação com aquela, a minha narrativa será ouvida com muito menor atenção; mas, não podendo eu fazer mais do que fizer, estarei desculpada.

Acredita-se que a faixa litorânea que fica entre Reggio e Gaeta seja, talvez, a parte mais aprazível da Itália. Num recanto dessa faixa, bem perto de Salerno, há uma encosta que olha para o mar. Os habitantes locais dão, àquilo, a designação de Costa de Amalfi. O setor é cheio de cidadezinhas, de jardins e de fontes; e por ali residem muitos homens ricos, numerosos mercadores prósperos e outras gentes abastadas. Entre as referidas pequenas cidades, há uma que se denomina Ravello. Nela existem, hoje, homens muito ricos; mas viveu, outrora, um homem que era riquíssimo, chamado Landolfo Ruffolo.¹ Este homem não se dava por satisfeito com a riqueza que possuía; desejava dobrar o que já integrava o seu patrimônio; e, na tentativa de satisfazer esse desejo, perdeu tudo o que tinha, e quase lhe aconteceu perder também a si mesmo.

Este homem, como eu ia dizendo, difundiu seus proclamas, de acordo com o que constituía costume entre os mercadores; e comprou um grande barco. Carregou a embarcação com todo o seu dinheiro, bem como com grande quantidade de mercadorias; e rumou para Chipre.

Ali chegando, verificou que outros barcos haviam chegado antes; e que todos eles apareceram carregados de mercadorias iguais, na qualidade, àquelas que ele transportara. Por tal motivo, afigurou-se-lhe conveniente não apenas vender à larga o que possuía, mas também liquidar tudo por baixo preço, quase de graça mesmo, a fim de resolver com rapidez os seus assuntos. Em consequência, muito se aproximou da ruína completa. Sentiu-se grandemente aborrecido com este fato; chegou a ponto de não mais saber o que fazer consigo mesmo. Tendo passado a ser, em breve tempo, uma criatura quase pobre, de homem riquíssimo que era, pensou até em morrer. Pensou, igualmente, em roubar, para se ressarcir dos danos que sofrera. E tudo no propósito de não voltar pobre ao lugar de onde partira rico.

Encontrou comprador para o seu grande barco. Com o dinheiro assim obtido, e com outros poucos recursos que a venda de suas mercadorias lhe rendera, comprou outro barco, de pequenas dimensões, esguio, próprio para corsear. Armou a nova embarcação com tudo o que lhe pareceu oportuno; guarneceu-a otimamente; e passou a fazer sua a propriedade alheia no mar. Foi contra os turcos, porém, que ele atuou de modo mais acentuado.

Nesta nova atividade, a Fortuna mostrou-se-lhe muito mais propícia do que na de mercadejar o que havia levado para Chipre. Dentro do espaço de um ano, talvez, Landolfo roubou muito, capturando considerável número de embarcações mercantes turcas. Tanto foi assim que, quando procedeu ao balanço daquilo que levava a efeito, verificou que não somente já tinha readquirido o que perdera mercadejando, mas até conseguira dobrar, com grande margem, o seu patrimônio anterior. Em face desta circunstância — e como já se sentisse suficientemente castigado pela dor da primeira derrocada — reconheceu que estava de posse de algo que deveria ser por ele considerado bastante.

A fim de não errar pela segunda vez, demonstrou, a si mesmo, e convenceu-se, de que não seria sensato ambicionar mais. Consequentemente, dispôs-se a regressar com isso à residência antiga. Receando, porém, a desvalorização das mercadorias, não se interessou em aplicar nelas os seus recursos pecuniários. Entrou no pequeno barco, com o qual havia ganhado a nova riqueza; deu de remos na água; e pôs-se a caminho do regresso.

Tinha chegado ao arquipélago, certa tarde, quando, de súbito, o siroco começou a soprar; este vento quente, de sueste, no Mediterrâneo, era contrário ao seu rumo; além disto, provocava a formação de mar grosso, que o seu pequeno barco estava longe de poder enfrentar. Diante de tal fato, recolheu-se a uma enseada do mar, onde havia uma pequena ilha; e ali se protegeu contra a violência do vento. Projetou permanecer naquele lugar até que as condições de navegação melhorassem.

Pouco depois, entretanto, duas chalupas de genoveses, que procediam de Constantinopla, procurando fugir justamente das intempéries de que Landolfo escapara, conseguiram abrigar-se, com grande custo, naquela mesma enseada. Os tripulantes das mencionadas chalupas viram o pequeno barco e, de caso pensado, lhe barraram o caminho de saída; trataram de saber, e ficaram sabendo, a quem a embarcação pertencia; conheciam o nome do seu dono, devido à fama de homem riquíssimo que conquistara. Como homens naturalmente vorazes de pecúnia, e extremamente rapaces, resolveram arrancar-lhe o dinheiro. As chalupas passaram parte dos seus tripulantes para bordo de pequenos botes de abordagem, todos munidos de balestras e de outras armas; estes homens se dispuseram por tal forma, que nenhuma pessoa poderia sair da embarcação de Landolfo, a menos que quisesse arriscar-se a ser atingida por flecha. Outros chalupeiros passaram para bordo de botes a remo, e, ajudados pelo mar, se aproximaram do barco corsário. Deste barco os assaltantes se apoderaram, por meio de pequeno esforço desenvolvido, durante pouco tempo, pela chusma toda. Não perderam sequer um homem. Tudo o que havia no barco de Landolfo se transferiu para as chalupas. Os chalupeiros arrebutaram o fundo da embarcação corsária, para que ela afundasse; e capturaram Landolfo, que foi mantido apenas com algumas roupas de baixo.

No dia seguinte, o vento mudou; as chalupas rumaram para o poente, armaram a vela e, durante o dia todo, singraram de modo promissor, retomando, com rapidez, a viagem interrompida. Aconteceu, todavia, que, ao cair da tarde, ergueu-se um vento de tempestade, que tornou o mar extremamente encapelado e separou uma da outra as duas chalupas. Por força deste vento de tempestade, ocorreu que a chalupa, a cujo bordo o pobre e infeliz Landolfo se encontrava, foi bater, com enorme ímpeto, nos rochedos da costa da ilha de Cefalônia, detendo-se em cima de um banco de areia; e, como se fora uma chapa de vidro golpeada por um muro, a chalupa abriu-se toda — e se estilhaçou. O mar ficou coalhado de mercadorias, bem como de caixas e tábuas, que boiavam, como é costume verificar-se em casos semelhantes. A

noite estava escuríssima; o mar apresentava-se volumoso e corcovado; mas, a despeito disto, os náufragos da chalupa, que sabiam nadar, vendo aquelas coisas a flutuar, agarraram-se àquelas que o acaso lhes punha ao alcance da mão.

Entre estes náufragos que se apegaram a caixas e tábuas, figurou Landolfo. Embora ele houvesse, ainda pouco tempo antes, invocado a morte, preferindo morrer a voltar para casa pobre, ao ver a morte à sua frente sentiu medo. Como os outros, assim que uma tábua lhe chegou ao alcance das mãos, a ela se agarrou. Era possível — pensou ele, talvez — que, se retardasse o ato de morrer afogado, Deus lhe mandasse algum auxílio para o salvar. Pondo-se, pois, a cavaleiro da tábua, como melhor conseguiu, viu-se erguido e atirado, ora para cá, ora para lá, tanto pelo mar como pelo vento; mas pôde sustentar-se nessa situação até clarear o dia. Quando o dia se fez, Landolfo olhou ao redor; nada mais viu, além de nuvens e de ondas; mas viu também uma caixa, que flutuava sobre o dorso do mar; por vezes, receou muitíssimo que aquela caixa o golpeasse e lhe fizesse mal; assim, sempre que a mencionada caixa se aproximava, ele, embora fossem poucas as forças que lhe restavam, tratava de a afastar de si, tanto quanto lhe era dado afastá-la.

Verificou-se, entretanto, que se ergueu, de súbito, no ar, um golpe de vento; o turbilhão repercutiu sobre as águas do mar; e vibrou uma sacudida tão violenta àquela caixa, que ela foi por cima da tábua a cavaleiro da qual se encontrava Landolfo; a tábua virou sobre si mesma, devido à violência da pancada; Landolfo afundou entre as ondas; mas voltou à tona, nadando, mais por efeito do medo do que por decorrência da força posta em prática; e viu que a tábua estava muito longe dele. Receando não poder chegar até onde ela teimava em permanecer, Landolfo agarrou-se à caixa, que agora se encontrava muito perto; apoiou o peito na tampa; como pôde, segurou a caixa em posição reta. Por esta forma, atirado pelas vagas, ora para cá, ora para lá, sem comer, como homem que não tinha com que se alimentar, mas bebendo muito mais do que teria desejado beber — sem saber onde estava nem ver mais do que o mar —, atravessou o dia inteiro e a noite sucessiva.

No dia seguinte, seja por vontade de Deus, seja devido ao vento que soprava, Landolfo, quase que transformado em esponja — e segurando firmemente, com as duas mãos, os cantos da caixa, àquela maneira que sabemos ser a posta em ação pelos que estão para se afogar, quando conseguem agarrar alguma coisa —, chegou à praia da ilha de Corfu, onde uma pobre mulher, por acaso, se encontrava lavando e embelezando os seus utensílios de cozinha com areia e água salgada. A mulher, assim que viu Landolfo aproximar-se, sobre as

vagas, não lhe reconhecendo forma alguma, recuou, duvidando e gritando. Landolfo, lá adiante, por sua vez, não podia gritar, e, de resto, pouco via; por isto, nenhum sinal lhe deu. Como, porém, o mar o ia atirando continuamente para a praia, a mulher distinguiu, primeiro, a forma da caixa; depois, olhando com mais firmeza, reconheceu plenamente que se tratava de braços humanos estendidos sobre a caixa. Logo após, ela percebeu o rosto, e então imaginou do que se tratava. Movida pela compaixão, entrou um pouco mar adentro, pois as águas já estavam novamente tranquilas; apanhou o homem pelos cabelos; puxou-o para a terra firme, com caixa e tudo; desvencilhou-lhe, com grande esforço, os braços, soltando a caixa; pôs a caixa à cabeça de uma sua filhinha, que estava em sua companhia; e, quanto a Landolfo, conduziu-o para a terra firme, como se fora uma criança; pô-lo, em sua casa, num banho quente; esfregou-lhe o corpo; lavou-o com água tépida; e tanto fez que devolveu ao homem o dissipado calor do corpo, juntamente com as forças que se haviam exaurido. Quando lhe pareceu oportuno, ela, retirando-o daquela sala cheia de vapores quentes, reconfortou-o com algum vinho de boa qualidade e com algumas iguarias.

Durante alguns dias, como lhe foi possível, a mulher conservou Landolfo ao seu lado; e ele, já com as energias recuperadas, reconheceu o lugar em que se achava. A bondosa mulher achou que deveria devolver-lhe a caixa que o havia salvo; achou, também, que lhe caberia, agora, deixar que ele fosse em busca do seu próprio destino. E assim fez.

Landolfo não se recordava de caixa nenhuma; ainda assim, por insistência da mulher, tomou-a em suas mãos, quando ela lha apresentou; percebeu que a caixa não podia valer tão pouco, a ponto de algum dia não lhe bastar para as despesas. Verificando, contudo, que a caixa era extremamente leve, sentiu desvanecerem-se as suas esperanças. Não obstante, em certa altura, como a mulher não se encontrava em casa no momento, abriu a caixa, a fim de ver o que havia dentro dela. Encontrou, no seu interior, muitas pedras preciosas, umas amarradas, outras soltas. Landolfo entendia um pouco do assunto. Vendo as pedras, e sabendo serem elas de grande valor, louvou a Deus, que ainda não o havia abandonado de todo; e sentiu-se reconfortado.

Contudo, à maneira de homem que fora terrivelmente flechado pela Fortuna, por duas vezes, em breve lapso de tempo, duvidou da terceira vez; achou que seria recomendável o máximo de cautela no transporte daquelas coisas todas para a sua casa. Em consequência, embrulhou as pedras em alguns trapos, da melhor maneira que pôde; disse, à mulher, que não estava mais

precisando ser abrigado; mas que, se ela pudesse ainda fazer-lhe um favor, lhe desse uma sacola e ficasse com a caixa esvaziada. A bondosa mulher fez, de bom grado, o que ele pediu. E ele, depois de lhe apresentar os mais sinceros agradecimentos, pelos benefícios dela recebidos, dependurou a sacola ao pescoço e de lá partiu. Tomando uma barca, passou para Bríndisi; daí, acompanhando a orla litorânea, chegou a Trani. Ali, encontrou alguns concidadãos, que eram negociantes de tecidos, e que, pelo amor de Deus, o vestiram de novo. E isto porque ele lhes narrou todas as suas peripécias, menos a que se relacionava com a caixa. Aqueles concidadãos, além de o vestirem, emprestaram-lhe um cavalo e proporcionaram-lhe companhia até Ravello, para onde ele lhes disse que desejava regressar.

Em Ravello, julgando-se já são e salvo, agradeceu a Deus o havê-lo reconduzido até lá. Depois, desatou a sacola. Passando tudo em revista, com muito mais diligência do que antes, verificou que havia tantas e tais pedras, que, se as vendesse ao preço da época, ou ainda por menos, sempre lhe ficaria nas mãos o equivalente a duas vezes mais do que tivera ao partir de lá para Chipre. Encontrando a forma de negociar as pedras, mandou boa quantidade de dinheiro a Corfu, em sinal de gratidão pelo serviço que a bondosa mulher de lá lhe prestara, ao retirá-lo do mar e ao abrigá-lo em sua própria casa. Fez o mesmo com aqueles que, em Trani, o haviam vestido de novo. O resto, não desejando mais mercadejar, conservou consigo, vivendo honradamente até o fim.

Nota

¹ Cognome de antiga família napolitana; não se tem notícia, porém, de algum membro dela que se tenha chamado Landolfo, parecendo tratar-se, aqui, de personagem imaginado por Boccaccio.

QUINTA NOVELA

Andreuccio, de Perúcia, indo a Nápoles, a fim de comprar cavalos, é surpreendido, numa noite, por três graves acidentes; escapando com vida de todos, regressa à própria casa com um rubi.



— s pedras achadas por Landolfo — começou a dizer Fiammetta, de quem chegara a vez de novamente novelar — me fizeram voltar à memória uma novela por certo não menos intercalada de perigos do que a narrada por Laurinha. Contudo, difere da referida por ela, porque Landolfo passou por suas peripécias talvez ao longo de vários anos, ao passo que o meu protagonista o fez numa única noite, como vocês verão.

Ao que vim a saber, existiu, em Perúcia, um moço cujo nome era Andreuccio di Pietro, mercador de cavalos. Ouviu ele dizer que havia, em Nápoles, bom mercado desses animais; então, pôs na bolsa quinhentos florins de ouro; e, como nunca houvesse saído sozinho de casa, para lá viajou em companhia de vários outros negociantes. Chegou a Nápoles num domingo, à tarde. Informado pelo seu hospedeiro, dirigiu-se ao mercado na manhã seguinte; viu muitos cavalos; muitos daqueles animais correspondiam às suas exigências; mas pechinhou quanto mais pôde pechinchar, sem chegar a fechar negócio com ninguém. Todavia, para mostrar que tinha viajado disposto a efetuar aquisições, e sendo rústico e pouco cauteloso, puxou para fora, muitas e muitas vezes, aos olhos de quem ia e de quem vinha, aquela bolsa dentro da qual pusera os florins.

Encontrando-se ele nestas manobras, e tendo já mostrado muito a bolsa, aconteceu que uma siciliana, jovem e muito bonita — mas disposta a proporcionar prazer a qualquer homem, por pouco preço —, passou perto dele, sem que ele desse por isso; e viu-lhe a bolsa. Ela, então, logo disse, de si para consigo: “Quem estaria melhor do que eu, se aquele dinheiro fosse meu?” E prosseguiu no seu caminho.

Na companhia desta moça estava uma velha, também siciliana; quando ela viu Andreuccio, deixou que a jovem fosse para diante, e correu a abraçar o moço, com demonstrações de grande afeto. A jovem, ao ver aquilo, de longe, não disse palavra; pôs-se de um lado e tratou de seguir, com os olhos, os movimentos da velha. Andreuccio voltou-se para a anciã; reconheceu-a; e fez-lhe grandes festas. Ela prometeu visitá-lo no hotel, sem prolongar muito a sua palestra ali no mercado; e retirou-se. Andreuccio entregou-se, outra vez, à procura de pechinchas; mas nada comprou naquela manhã.

A moça percebera, primeiro, a bolsa de Andreuccio; e, depois, a conversação da velha com o rapaz. Pensou, pois, em verificar se havia algum meio de fazer com que aqueles florins, no todo ou em parte, fossem parar nas suas próprias mãos. Cautelosamente, começou a indagar, da velha, quem era o rapaz — de onde procedia, o que é que estava fazendo ali e como é que ela o tinha conhecido. A velha contou-lhe tudo o que sabia a respeito dos assuntos de Andreuccio; e o fez com tantos pormenores, como se fosse ele mesmo quem falasse pela sua boca. A velha tinha morado longo tempo nas vizinhanças do pai dele, primeiro na Sicília, depois em Perúcia; contou-lhe, igualmente, para onde o moço voltaria e para o que tinha ido a Nápoles.

A moça, perfeitamente informada tanto sobre a sua parentela como sobre os respectivos nomes, deliberou satisfazer os próprios anseios com sutil astúcia; e nisto baseou a sua intenção. Regressando à sua casa, pôs a velha a trabalhar o dia inteiro, a fim de que não pudesse ir encontrar-se com Andreuccio. Tomou consigo a sua pequena aia, que havia preparado muito bem para a prestação de tais serviços; e, à tardezinha, mandou que ela se dirigisse ao hotel onde Andreuccio se hospedava. Chegando ao hotel, a pequena aia, por puro acaso, encontrou-se com o próprio Andreuccio, logo à porta. E a ele mesmo perguntou por ele mesmo. Quando ele disse que era ele mesmo, ela puxou-o para um lado e disse:

— Senhor: uma nobre dama desta cidade virá falar consigo, quando isso lhe der prazer.

Ao ouvir aquilo, Andreuccio imaginou que, sendo ele um belo moço, seja quanto à pessoa, seja quanto ao semblante, aquela nobre dama deveria ter se apaixonado por ele. Exatamente como se, em Nápoles, não existisse nenhum outro moço bem-apeado. Sem demora, Andreuccio declarou que estava pronto a recebê-la; e perguntou onde e quando a mulher lhe quereria falar. A isto, a pequena aia explicou:

— Senhor: seja quando for que lhe agrade aparecer, ela o esperará em sua própria casa.

Andreuccio, sem perder tempo, e sem comunicar coisa alguma ao hotel, disse:

— Então, vamos! Vá você na frente. Eu a seguirei de perto.

A pequena aia o conduziu à casa da moça siciliana; ela morava num subúrbio chamado Malpertugio;¹ o nome põe em relevo o quanto era honesto aquele subúrbio. Andreuccio, porém, nada disto percebia; de nada suspeitava; julgava dirigir-se a lugar honestíssimo; pensava ir à residência de uma dama muito amável; e, tendo à frente a pequena aia, entrou, de ânimo bem-disposto, naquela casa. A pequena aia chamou a sua dona, dizendo-lhe: “Aqui está Andreuccio”; e o moço, subindo as escadas, viu a mulher aparecer no patamar superior, para lhe dar as boas-vindas. A mulher era ainda muito moça; tinha corpo bem desenvolvido e rosto muito bonito; mas estava vestida e adornada de modo simplesmente horrível. Assim que Andreuccio se aproximou dela, ela desceu três degraus, com os braços abertos; e, dependurando-se-lhe ao pescoço, assim permaneceu, apertando-o, sem dizer palavra, como se estivesse impedida de falar por excesso de ternura. Depois, com a lágrimas nos olhos, ela beijou-lhe a fronte, e, com a voz entrecortada de soluços, disse-lhe:

— Oh! meu Andreuccio! Seja você o meu bem-vindo!

Ele, maravilhando-se em presença de carícias tão enternecidas, declarou, estupefato:

— Senhora: seja a senhora a bem encontrada.

Ela tomou-o por uma das mãos e levou-o para a sua própria sala, lá em cima; desta sala, sem dizer mais palavras, passou, com ele, para o seu quarto de dormir. O quarto estava fortemente perfumado, cheirando a rosas, a flores de laranjeira e a outros perfumes. Ali, ele viu um lindo leito rodeado de cortinas, com muita roupa dependurada pelas traves, conforme era o costume local, e muitas outras coisas mais, todas variadas, ricas e bonitas. Com base em tais coisas, ele, novato, julgou que ela deveria ser grande dama. Sentando-se os dois, juntos, numa arca que se encontrava ao pé da cama, ela começou a dizer-lhe:

— Andreuccio: estou convencida de que você se sente admirado, tanto das carícias que lhe faço como das minhas lágrimas; e isto porque você não me conhece, e, por acaso, nunca ninguém fez com que você se recordasse de mim. Agora, contudo, você vai ouvir a notícia que mais ainda o fará maravilhar-se, porque a verdade é que eu sou sua irmã. E digo-lhe que não mais morrerei em hora que não seja confortada; porquanto Deus me proporcionou uma grande

graça, uma vez que permitiu que, antes da minha morte, eu encontrasse pelo menos um dos meus irmãos (como, aliás, desejo vê-los a todos). Se você talvez nunca ouviu dizer nada a este respeito, eu lhe direi o porquê. Pedro, meu pai e seu pai também, residiu, como penso que você tenha conseguido saber, longo tempo na cidade de Palermo; por sua bondade, e pelo trato agradável que a todos dispensava, ele foi muito amado, como já houve e ainda há inúmeras testemunhas que o podem atestar. Mas, entre as outras mulheres que muito o amaram, minha mãe, que foi nobre dama e na época era viúva, foi a que mais o amou. Amou-o tanto que, superando o medo que nutria pelo pai dela, e pelos próprios irmãos, desprezou a própria honra, e por tal forma se tornou íntima de Pedro, que eu nasci e vim a ser esta que você aqui vê. Depois, sobreveio uma causa que induziu Pedro a partir de Palermo e a regressar a Perúsia; deixou-me ainda criança, em companhia de minha mãe. Daí por diante, que eu saiba, Pedro não se recordou mais de mim nem de minha mãe. Se ele não fosse meu pai, forte motivo teria eu para o repreender, devido à ingratidão manifestada para com a minha progenitora. Deixemos de lado o amor que ele devera ter sentido e mostrado para comigo, sua filha, nascida não de uma criada nem de mulher vil. Note que minha mãe se entregou de corpo e alma às mãos de Pedro; deu-lhe os seus bens e a sua pessoa, sem mesmo saber quem ele era; e fê-lo movida exclusivamente por fidelíssimo amor. Mas, enfim, que se há de fazer? As coisas malfeitas, e há muito tempo passadas, são mais passíveis de censura do que de emenda; foi assim que as coisas transcorreram. Ele deixou-me pequena, em Palermo. Ali, quando me fiz moça, mais moça do que sou agora, minha mãe, que era mulher muito rica, me casou com um senhor de Agrigento, gentil-homem, criatura de bem-fazer, que, por amor de minha mãe e de mim, foi morar em Palermo. Como pessoa muito partidária dos guelfos,² começou a negociar um tratado com o nosso rei Carlos.³ Esta notícia chegou ao conhecimento do rei Frederico,⁴ antes de o tratado poder produzir qualquer efeito; e isto foi o que nos obrigou a fugir da Sicília, justamente quando eu esperava ser a mais nobre dama que jamais houvesse existido naquela ilha. Em consequência, juntamos as poucas coisas que pudemos juntar. Eram poucas, digo-o, em relação às muitas que possuíamos. Abandonamos as fazendas e os palácios; e a estas paragens viemos ter. Aqui, verificamos que o rei Carlos se mostrava grato a nós, pelo que havíamos feito por ele; compensou-nos, em parte, os danos que tínhamos sofrido por causa dele; deu-nos casas e bens; e continua a dá-los sempre ao meu marido e seu cunhado, que é ótima pessoa, como você ainda poderá verificar. Desta maneira,

aqui estou, onde eu, pela boa mercê de Deus, não de você, meu doce irmão, o vejo.

Depois de dizer isto, tornou a abraçá-lo; e sempre lacrimejando, beijou-lhe a fronte.

Andreuccio ouviu esta fábula, dita com tanta ordem e com tanta compostura por aquela moça; nada conseguia fazer com que ela deixasse a palavra morrer entre os dentes; nada lhe fazia a língua balbuciar. Lembrou-se de que era verdade que o pai estivera em Palermo; por experiência própria, Andreuccio conhecia os costumes dos moços, que amam, de bom grado, a juventude. Viu as lágrimas enternecidas; sentiu os abraços e os beijos castos. E aceitou como sendo mais do que verdade o que ela lhe disse. Quando ela se calou, chegou a vez de ele dizer:

— Senhora: não lhe deve parecer coisa estranha o fato de eu me maravilhar; em verdade, seja devido a meu pai nunca me falar do que fez com sua mãe, ou consigo, seja devido à circunstância de, se ele falou, nada haver chegado ao meu conhecimento, eu não sabia coisa alguma da existência da senhora; era como se a senhora não estivesse neste mundo. É-me muito agradável o episódio de haver encontrado aqui a minha irmã, tanto mais que é verdade que aqui estou sozinho, e que era isto o que menos eu poderia esperar. Com efeito, não sei de homem de tão altos negócios ao qual a senhora não deva ou não possa ser cara; e mais ainda o é para mim, que não passo de mercador muito modesto. Contudo, peço-lhe que me esclareça um ponto: como foi que a senhora soube que eu chegara a esta cidade?

A isto ela respondeu:

— Esta manhã, a sua presença me foi comunicada por uma pobre mulher que costuma ficar boa parte dos dias comigo; ela esteve longo tempo, ao que me afirmou, com o nosso pai, seja em Palermo, seja em Perúsia. Se não fosse o fato de eu julgar mais honesto o ato de fazer você vir à minha casa do que o de ir eu ter consigo, em casa dos outros, há muito tempo que eu já teria ido ao seu encontro.

Depois destas palavras, ela começou a pedir notícias, com minúcia e destaque, de todos os parentes, cujos nomes mencionou um por um; a todas as perguntas, Andreuccio respondeu; e, por tais perguntas, mais ainda acreditou naquilo que menos deveria acreditar.

Como a conversa foi longa e o calor era intenso, ela mandou que servissem vinho branco e doces; e insistiu para que Andreuccio bebesse. Depois de beber, o moço quis despedir-se; era hora do jantar. Ela não fez esforço

algun para o reter; apenas mostrou, pela expressão do semblante, que se sentia fortemente perturbada por isso; e, abraçando-o, disse-lhe:

— Ai! Pobre de mim! Bem claramente vejo como sou pouco querida por você! Pensar que você se acha em companhia de uma sua irmã nunca vista por você; que está em casa dela; na casa em que você deveria ter se hospedado ao chegar a esta cidade; e que deseja, agora, sair, para ir jantar no hotel! Na verdade, você deve jantar comigo. Como meu marido não se encontra em casa (coisa que muito lamento) saberei, como mulher, fazer um pouco das honras da residência.

A isto, não sabendo o que responder, Andreuccio observou:

— Eu quero bem à senhora, como se deve querer bem a uma irmã; entretanto, se eu não me for, serei esperado a noite toda, no hotel, para jantar; e isso será grosseria da minha parte.

Ela, então, emendou:

— Deus seja louvado! Pois então eu não tenho em minha casa pessoa alguma por quem mandar dizer, no hotel, que não o esperem? Em todo caso, será a maior gentileza que você fará, e será também seu dever, se você quiser comunicar aos seus companheiros que podem vir para cá, para o jantar; depois, se for seu desejo retirar-se para o seu hotel, vocês todos poderão ir juntos.

Andreuccio respondeu que não queria companheiros naquela noite; mas que, uma vez que era do agrado da moça, ela que fizesse o que bem entendesse com ele. Ela, então, fingiu mandar alguém avisar aos homens do hotel para que não o esperassem para o jantar. A seguir, depois de muitas outras conversas, os dois se puseram à mesa, sendo-lhes servidos numerosos pratos, todos esplêndidos; astutamente, a mulher prolongou a demora de cada prato, à espera de que a noite se fizesse bem escura. Quando deixaram a mesa, Andreuccio fez menção de se retirar; mas ela disse que de maneira nenhuma o deixaria partir, porquanto Nápoles não era cidade de a gente andar só, altas horas da noite, pelas ruas, principalmente em se tratando de um forasteiro. Disse-lhe, ademais, que, uma vez que mandara comunicar que não o esperassem para o jantar, mandara dizer, igualmente, que ele não voltaria naquela noite. Andreuccio acreditou nisto, e, gostando de permanecer ao lado dela, enganado como estava por sua boa-fé, ali se deixou ficar.

Depois do jantar, as conversas foram muitas e longas; e não se travaram sem razão. A seguir, como uma parte da noite já se havia passado, ela permitiu que Andreuccio dormisse no seu quarto, em companhia de um menino

incumbido de lhe mostrar onde estava aquilo de que, por acaso, ele viesse a precisar. Ela, com as mulheres da casa, foi para outro quarto.

O calor era intenso; por isto, assim que se viu só, Andreuccio logo se despiu, ficando em roupas de baixo; tirou as roupas das pernas, estendendo-as na cabeceira da cama. Atendendo ao costume natural de se dispor do peso supérfluo que trazia no ventre, indagou, do menino, onde é que aquela tarefa se fazia. O menino mostrou-lhe uma portinhola, que havia em um dos cantos do quarto; e disse:

— Entre por ali.

Andreuccio entrou, com toda a segurança; por acaso, porém, pôs um dos pés sobre uma tábua; a parte da tábua, em que ele se firmou, ficava do lado de lá da trave de apoio da própria tábua; assim, a tábua empinou-se no ar e virou de ponta-cabeça; e, juntamente com ele, foi lá para baixo. Deus amava tanto o rapaz que, caindo, nenhum mal ele sofreu, embora caísse de bem alto; entretanto, emporcalhou-se todo com a imundície de que o lugar estava cheio.

Para que vocês entendam com mais clareza aquilo que se disse e aquilo que se dirá a seguir, vou indicar como o lugar se encontrava.

Havia um vão estreito, como esses que frequentemente se veem entre duas casas. Sobre duas pequenas traves, que iam de uma casa à outra, viam-se algumas tábuas pregadas; e nelas ficava o lugar de a gente se sentar. A tábua, com a qual Andreuccio caiu, era uma dessas duas. Vendo-se, pois, lá embaixo, no desvão, ele tratou de chamar o menino; mas o menino, assim que percebeu a queda, correu a informar a mulher; esta, sem perder tempo, correu para o quarto dele; tratou de ver se as roupas do moço estavam por ali; encontrando-as, acabou por achar, com essas roupas, o dinheiro que ele, por não confiar em ninguém, levava sempre estupidamente consigo. Por esta forma, a mulher entrou na posse daquilo para cuja consecução ela, de Palermo, fingindo-se irmã de um moço de Perúsia, armara o laço. Não se incomodando mais com o rapaz, a mulher correu a fechar a porta pela qual ele saíra do quarto, logo antes de cair.

Como o menino não lhe respondia, Andreuccio passou a clamar ainda mais alto; mas não obteve resultado melhor. Por fim, já suspeitando, mas tarde se convencendo, do logro de que estava sendo vítima, trepou na mureta que fechava e separava, da rua, aquele recinto. Descendo pelo outro lado da mureta, na rua, dirigiu-se à porta da casa, porta esta que ele muito bem conhecia; ali, longa e inutilmente chamou; gritou, ameaçou e bateu. A seguir,

pôs-se a chorar, como pessoa que bem percebia a própria desventura; e começou a exclamar:

— Ai! Pobre de mim! Muito breve foi o tempo em que perdi, simultaneamente, os quinhentos florins e uma irmã!

Depois de proferir muitas outras palavras, na mesma ordem de expressão, recomeçou a bater na porta e a gritar. Tanto fez que muitos dos vizinhos despertaram; e, não podendo suportar aquele aborrecimento, levantaram-se das respectivas camas. Uma das empregadas domésticas da mulher que o enganara, fingindo-se ainda cheia de sono, assomou à janela e, com toda a solenidade, perguntou:

— Quem é que está batendo?

— Oh! — exclamou Andreuccio. — Então você não me reconhece? Sou Andreuccio, irmão da sra. Fiordaliso.

Ao que ela objetou:

— Homem bondoso! Se você bebeu demais, trate de ir dormir e volte amanhã cedo! Não conheço nenhum Andreuccio, nem sei dessas tolices que você está proferindo. Vá com Deus! E deixe-nos dormir em paz!

— Como? — fez Andreuccio. — Então você não sabe o que digo? Mas não há dúvida que você sabe muito bem! Em todo caso, se todos os parentes da Sicília são dessa ordem, e em tão breve espaço de tempo se esquecem, devolva-me, pelo menos, as minhas roupas; as roupas que aí deixei; e depois me retirarei de bom grado, em companhia de Deus!

A isto, quase rindo, ela comentou:

— Homem bondoso: a mim, parece-me que você está sonhando.

Dizer isto, recolher-se e fechar a janela foram uma coisa só para aquela empregada doméstica. Em face desta circunstância, Andreuccio, já certíssimo do prejuízo sofrido, e a ele resignado, se viu levado, pela mágoa, a converter em raiva a sua grande ira; e, por meio de injúrias, tentou reaver aquilo que as palavras de outro gênero não haviam conseguido recuperar. De novo, tomando de uma grande pedra, e com pancadas ainda mais violentas do que antes, começou a percutir selvagememente aquela porta. À vista de semelhante atitude, muitos dos vizinhos despertaram e saíram de suas camas, julgando que Andreuccio fosse um valentão desprezado pela amásia, a fazer uso fingido de tais expressões e de tais manifestações apenas para aborrecer aquela mulher. Entediando-se com a barulheira por ele provocada, os que assomaram às janelas procederam de maneira típica: assim como todos os cães de um lugarejo

passam a ladrar contra um cão forasteiro, assim também eles se puseram a vozear contra o moço; e disseram:

— É uma grande vilania vir você, a esta hora, à casa das bondosas mulheres para dizer tais sandices. Ora, vá com Deus, moço! Deixe-nos dormir, se faz favor. Se você tiver algo a tratar com essa mulher, volte amanhã; não é preciso estar aborrecendo-nos esta noite.

Talvez estimulado por estas palavras, um indivíduo, que se encontrava dentro da casa da mulher — mas que Andreuccio não vira nem ouvira — apareceu à janela; e, com voz grossa, horrível e hostil, indagou:

— Quem é que está aí embaixo?

Àquela voz, Andreuccio ergueu a cabeça; e viu um homem que, pelo pouco de que pôde formar noção, dava mostras de dever ser personagem muito importante; trazia o rosto todo envolto em basta e longa barba negra; parecia ter sido retirado da cama ainda sonolento; bocejava e esfregava os olhos. Diante desta visão, Andreuccio, não sem medo, respondeu:

— Sou irmão da mulher aí de dentro.

O indivíduo barbudo, porém, não esperou que o moço terminasse a explicação; ao contrário: fez-se ainda mais ríspido do que antes; e disse:

— Não sei o que é que me segura e que não me deixa ir aí embaixo para lhe dar tanta bordoadada quanta for necessário para você não se mover mais, asno tedioso e bêbado que você é, e que não está nos deixando dormir esta noite!

Retirando-se para dentro da casa, o indivíduo fechou a janela.

Alguns vizinhos, que conheciam melhor as condições daquele indivíduo, aconselharam Andreuccio, falando de maneira humilde:

— Por Deus! Bom rapaz! Retire-se com os anjos! Não queira ser assassinado esta noite, neste lugar; vá embora, para seu próprio bem.

Diante disto, Andreuccio sentiu-se deveras assustado pela voz e pelo aspecto do indivíduo barbudo, e, ao mesmo tempo, reanimado pela solidariedade dos vizinhos, que lhe parecia que estivessem falando impelidos por sentimentos de caridade, mostrou-se mais pesaroso do que qualquer outra pessoa pelo aborrecimento que estava causando; mas ficou de todo desesperado pelo desaparecimento irremediável dos seus florins de ouro; e acabou encaminhando-se para os lados da cidade pelos quais acompanhara, de longe, durante o dia, a pequena aia; na verdade, nem sabia para onde ir; tomou, contudo, a direção certa para voltar ao hotel.

Andreuccio começou a desgostar de si mesmo, devido aos olores nauseabundos que dele se emanavam para ele mesmo. Com o propósito de ir

para o mar, a fim de se lavar, virou à esquerda, entrando por uma rua acima, que se chamava rua Catalana;⁵ rumando para o alto da cidade, viu, de súbito, dois homens que caminhavam em sentido contrário ao seu, com uma lanterna na mão. Receou que fossem da questura, ou que, ao contrário, estivessem preparados para praticar o mal. Desejou fugir deles; e, para isto, abrigou-se num casario que viu a pouca distância dali. Os dois homens, entretanto, como se rumassem precisamente para aquele lugar, entraram por aquele mesmo casario; ali, um deles, depois de descarregar algumas ferramentas que trazia a pender da cintura, começou a examiná-las, falando a respeito delas com o seu companheiro. Enquanto palestravam, um deles, interrompendo o curso da conversa, disse:

— Que é que isto quer dizer? Estou notando o mais horrível mau cheiro de que tenho memória.

Assim falando, ergueu a lanterna; e os dois homens viram o infeliz Andreuccio. Estupefatos, perguntaram-lhe:

— Quem é que está aí?

Andreuccio ficou calado; mas os homens, aproximando-se com o lume, indagaram, dele, o que é que produzia tamanho mau cheiro. Então, o rapaz narrou-lhes tudo o que lhe havia acontecido. Os homens, imaginando onde aquilo poderia ter ocorrido, disseram entre si:

— Em verdade, este moço esteve na casa do soldado mercenário Atirafogo.

Depois, dirigindo-se a Andreuccio, um deles falou:

— Bom moço: embora você haja perdido o seu dinheiro, muitas razões tem você para louvar a Deus, porque lhe aconteceu também essa história de cair de muito alto; bem seria provável que você, por tamanha queda, não pudesse voltar à sua casa, se a vontade de Deus nisso não interferisse a seu favor. Pode ter certeza de que, se você não caísse, ou se, antes de cair, houvesse adormecido, aquela gente o mataria; e então, com o seu dinheiro, você teria perdido também a vida. Afinal, porém, que importa chorar agora? Chorando você não conseguiria recuperar um níquel, como não poderá conseguir estrelas do céu. E tome nota: é bem possível que você venha a ser morto, se aquele indivíduo souber que você anda falando sobre o que lhe aconteceu.

Dito isto, os dois homens confabularam entre si; ao fim, disseram a Andreuccio:

— Olhe: nós estamos tendo compaixão de você. Por isto, se quiser fazer, em nossa companhia, o que vamos levar a efeito, estamos absolutamente certos

de que o que lhe caberá na partilha terá muito mais valor do que tudo quanto você perdeu.

Andreuccio sentia-se desesperado; e respondeu que estava pronto a aquiescer. Naquele dia, fora sepultado um arcebispo de Nápoles;⁶ o cadáver fora vestido com paramentos riquíssimos; num de seus dedos, pusera-se um rubi que valia mais de quinhentos florins de ouro. Era este morto o que aqueles dois malfeitores queriam despojar. Os homens comunicaram o plano todo a Andreuccio. E este, mais ansioso de ganho do que convencido pelo conselho, pôs-se a caminho na companhia deles.

Enquanto se dirigiam à igreja maior, um dos homens disse, ao ver que Andreuccio cheirava tão fortemente mal:

— Será que não encontramos a forma de este moço se lavar um pouco, seja lá onde for? É preciso que ele deixe de cheirar tão mal!

Observou o outro:

— Encontramos, sim. Nós estamos aqui perto de um poço, no qual se acham a nora e o balde; vamos para lá; e assim o lavaremos com toda a comodidade.

Em chegando ao referido poço, verificaram que a corda ali estava, mas que o balde fora retirado. Deliberaram, pois, amarrar Andreuccio com a corda e descê-lo dentro do poço, para que ele, lá embaixo, se lavasse; combinaram que, quando ele se houvesse lavado, deveria sacudir a corda, para que os dois o puxassem para cima, retirando-o de lá. E assim se fez.

Aconteceu que, depois de os dois homens descerem o moço dentro da cisterna, algumas pessoas armadas, do serviço de questura da Senhoria da cidade, se dirigiram ao poço. Fosse devido ao calor, fosse por haverem corrido no encalço de alguém, essas pessoas estavam com sede; e queriam beber água. Os dois homens, assim que viram aquelas pessoas aproximando-se do poço, trataram de fugir. As pessoas, que desejavam beber água, não os viram. Entrementes, lá no fundo do poço, Andreuccio acabou de se lavar; e, como se combinara, sacudiu a corda. Aquelas pessoas, ansiosas por beber, depuseram no chão os seus escudos e as suas armas, bem como as suas sobrevestes; e começaram a puxar a corda do poço, na certeza de que um grande balde se encontrasse preso à sua extremidade, lá embaixo. Quando Andreuccio se viu perto da boca do poço, deixou a corda e agarrou-se à beirada do peitoril, na tentativa de pular para fora. Aquelas pessoas, ao verem isto, foram logo tomadas de medo; não disseram palavra; largaram a corda que tinham estado a puxar e puseram-se a correr tanto quanto as suas pernas permitiam. De tudo

isto, muito se admirou Andreuccio; tanto que, se não se houvesse segurado bem, teria caído de volta no fundo da cisterna. A queda não lhe aconteceria, provavelmente, sem ferir-se, ou mesmo sem morrer. Por fim, Andreuccio acabou saindo do poço; encontrou as armas no chão, e sabia que não tinham sido os seus companheiros a pô-las ali; e, então, mais ainda se maravilhou. Duvidando de tudo, sem saber no que se apegar para raciocinar claramente, lamentou a própria sorte; não buliu em coisa alguma; e resolveu retirar-se daquele lugar. Assim, começou a andar, sem saber para onde ir.

Caminhando, reencontrou-se com aqueles seus dois companheiros, que iam de volta ao poço, no propósito de o retirarem de lá. Quando o viram, estes companheiros muito se admiraram, e quiseram saber quem o havia retirado do fundo da cisterna. Andreuccio respondeu que não sabia; e contou-lhes, na devida ordem, aquilo que encontrara no chão, fora do poço. Então, os dois companheiros, informados do que havia ocorrido, riram muito, e, rindo, contaram, por sua vez, a razão pela qual tinham fugido, e quais eram as pessoas que o haviam puxado do poço para fora.

Sem trocar mais palavras, e como já era meia-noite, os três rumaram para a igreja maior; entraram muito cuidadosamente, encaminhando-se, sem preâmbulos, para o túmulo, que era de mármore e de grandes dimensões. Com uma barra de ferro, que tinham, ergueram a tampa, que era extremamente pesada; ergueram-na o suficiente para que um homem pudesse entrar; e escoraram-na. Feito isto, um dos homens disse:

— Quem é que vai entrar?

Ao que o outro respondeu:

— Eu, não!

— Nem eu! — retorquiu o primeiro. E ordenou: — Entre você, Andreuccio!

— Isso é que não farei! — exclamou Andreuccio.

Voltando-se para o moço, os dois homens impuseram:

— Como é que você não vai entrar? Por nossa fé em Deus! Se você não entrar, nós lhe daremos tanta pancada na cabeça, com estas barras de ferro, até você cair lá dentro morto.

Temendo que a ameaça se executasse, Andreuccio entrou no túmulo. E, entrando, pensou, de si para consigo: “Estes dois me obrigam a entrar para melhor poderem me enganar; quando eu tiver dado tudo o que eles desejam, e estiver tratando de sair desta sepultura, eles se retirarão, a fim de tratar dos próprios negócios; e eu ficarei sem coisa alguma.” Assim raciocinando, pensou

que deveria ser de bom aviso procurar pôr de lado, antes de mais nada, a parte que lhe deveria caber. Lembrou-se, então, do precioso anel de que lhe haviam falado. Logo ao descer ao fundo do sepulcro, tirou-o do dedo do cadáver do arcebispo e pô-lo no seu. A seguir, entregou, lá de baixo, aos companheiros que se encontravam em cima, o báculo, a mitra e as luvas; despiu o cadáver até à camisa; depois de dar tudo aos companheiros, disse-lhes que nada mais havia, ali, para retirar. Os companheiros, afirmando que deveria haver ainda o anel, ordenaram-lhe que o procurasse por toda parte, no túmulo. Mas Andreuccio declarou que não o encontrava; fingiu, porém, que estava prosseguindo na procura; e, com isto, obrigou-os a perder longo tempo na espera, lá em cima. Os companheiros, porém, que, como Andreuccio, também eram espertos e desconfiados, renovaram a ordem para que ele, lá embaixo, tornasse a procurar bem o anel; por esta forma, eles, por sua vez, ganharam tempo, e retiraram a escora que sustinha a tampa do sepulcro; depois, fugindo, abandonaram Andreuccio encerrado no túmulo de mármore.

Qualquer pessoa pode imaginar o que o moço de Florença sentiu, quando percebeu aquilo. Seja com a cabeça, seja com os ombros, tentou erguer a tampa; mas tudo foi em vão. Andreuccio, já sem forças, pela fadiga, e tomado de profundo desespero, perdeu os sentidos, caindo sobre o corpo morto do arcebispo. Quem contemplasse, então, os dois corpos, teria dificuldade em distinguir qual deles mais morto se encontrava: se o do arcebispo ou se o de Andreuccio. Assim, porém, que o moço voltou a si, pôs-se a chorar copiosamente; notou que teria fatalmente de chegar a um destes dois fins — ou acabaria naquele túmulo, se ninguém mais fosse abri-lo ainda em tempo de o socorrer; e então morreria de fome e de mau cheiro, entre os vermes do cadáver que já ali se achavam; ou acabaria nas mãos de alguém que abrisse o túmulo, que ali o visse e o encontrasse, e que achasse que ele, Andreuccio, na qualidade de ladrão de sepulturas, deveria ser enforcado. Pensando estes pensamentos, e sentindo-se profundamente adolorado, o infeliz ouviu rumores indicativos de que, pelo âmbito da igreja, alguma gente passava e repassava; pessoas falavam; e todos os que falavam lhe davam a entender que pretendiam fazer, naquele túmulo, o que ele, com os seus antigos companheiros, já haviam feito. Por isto, mais apavorado ainda ficou. Quando, porém, os novos ladrões abriram a sepultura, e aplicaram uma escora à tampa, eles se puseram a discutir sobre quem se encontrava na obrigação de entrar; mas ninguém se mostrava animado a semelhante demonstração de audácia. Contudo, depois de longa altercação, um padre disse:

— De que é que vocês têm medo? Pensam vocês que o morto os possa morder? Os mortos não comem os vivos. Pois eu mesmo entrarei neste túmulo.

Assim falando, pôs o peito na orla do sepulcro; virou a cabeça para o lado de fora; e atirou para dentro as pernas, a fim de descer em pé no interior do jazigo. Ao notar isto, Andreuccio ergueu-se, agarrou o padre por uma das pernas e fez menção de o puxar para baixo. O padre, ao defrontar-se com semelhante imprevisto, emitiu um grito estridente; e, rápido, atirou-se para fora da sepultura. Em face desta circunstância, todos os outros se espavoriram; abandonaram a tumba aberta; e puseram-se a correr como se estivessem sendo perseguidos por mil diabos. Assistindo a este efeito da sua esperteza, Andreuccio, muito mais alegre do que esperava poder estar, não perdeu tempo; lançou-se para fora do túmulo; logo depois, saiu da igreja por onde tinha entrado.

Aproximava-se o raiar do dia. Com aquele anel no dedo, Andreuccio caminhou ao deus-dará; chegou à praia; e, de lá, rumou para o seu hotel. Verificou, então, que os seus companheiros de hospedagem e o dono do hotel haviam passado a noite toda à sua procura. Andreuccio contou-lhes tudo quanto lhe acontecera; e, de acordo com conselho do próprio hoteleiro, afigurou-se-lhe que melhor seria partir incontinentemente de Nápoles. E foi isto o que Andreuccio fez, sem perder tempo. Voltou, pois, a Perúsia, tendo, como se vê, invertido todo o seu capital num anel, quando partira, ao contrário, com o propósito de comprar cavalos.

Notas

¹ Literalmente, Mauburaco, ou Buracomau. Ali havia uma rua mal-afamada, que recebera esse nome devido a uma abertura rasgada no muro de cinta da cidade de Nápoles, perto da atual rua Catalana.

² Um dos grandes partidos políticos da Europa, da última fase da Idade Média; o outro era o dos guibelinos, ou gibelinos. Os guelfos representavam a burguesia e apoiavam o poder temporal do papa; os gibelinos apoiavam a nobreza feudal, sendo a favor do poder do Sacro Império Romano. As rivalidades dos dois grupos duraram do século XII ao século XV.

³ Carlos II, de Anjou, chefe guelfo na Itália; foi para a Itália em 1265, tornando-se senhor de Nápoles e da Sicília.

⁴ Frederico II, de Aragão; proclamado rei da Sicília, em 1296.

⁵ Ruga Catalana, que ainda hoje existe, em Nápoles; tem a designação de “rua” (não de “*via*” nem de “*strada*”) por influência do francês “*rue*”.

⁶ Filipe de Minutolo foi, de fato, arcebispo de Nápoles e morreu em 1301. Filiberto Campanile, historiador napolitano, assegura que ele “foi sepultado com riquíssimos ornamentos”.

SEXTA NOVELA

A sra. Berítola é encontrada, com dois cabritos, numa ilha. Por haver perdido dois filhos, ela parte para Lunigiana. Ali, um dos filhos briga com o empregado dela; e enamora-se da filha dele, empregador, sendo, por isto, atirado ao cárcere. A Sicília revolta-se contra o rei Carlos. O filho, reconhecido pela mãe, casa-se com a filha do empregador. A seguir, o moço encontra-se com seu irmão; e regressa à vida abastada de anteriormente.



anto as mulheres como os moços muito já se haviam rido daquelas peripécias de Andreuccio, contadas por Fiammetta, quando Emília assim começou a falar:

— Os movimentos variáveis da Fortuna constituem coisas graves e preocupantes. Sempre que de tais variações se fala, muitos acontecimentos se despertam na nossa memória, onde se encontravam levemente adormecidos pelo engodo da Sorte. Acho, por isso, que nunca se deve lamentar a circunstância de se ter de ouvir os casos tanto dos felizes como dos desventurados; os primeiros tornam a gente precavida; os segundos nos consolam. Por isto, embora se hajam dito grandes narrativas, antes de mim, pretendo contar-lhes uma novela que não é menos verdadeira do que inspiradora de piedade. Ainda que ela tivesse desfecho feliz, não penso que alguma amenidade, que se lhe seguisse, pudesse adoçá-la, de tanto e de tão longo que foi o seu amargor.

Mulheres caríssimas: vocês devem ficar sabendo que, após a morte de Frederico II, imperador, Manfredi foi coroado rei da Sicília. À sombra dos favores deste soberano, subiu à situação de enorme opulência um homem de Nápoles, chamado Arrighetto Capece.¹ Este homem tinha por esposa uma nobre dama, muito bonita, napolitana como ele, chamada sra. Berítola Caracciola. Arrighetto tinha em suas mãos o governo da ilha. Todo o reino, ao receber notícia de que o rei Carlos I² vencera e matara Manfredi, em Benevento, voltou suas vistas para Arrighetto. Este, porém, não alimentando qualquer segurança quanto à fé dos sicilianos, que presumia ser curta e pouco

profunda, e não desejando tornar-se súdito de inimigo de seu antigo senhor, preparou-se para fugir. Os sicilianos tiveram conhecimento desta sua resolução. E, sem perda de tempo, tanto Arrighetto como inúmeros dos seus amigos e serviçais, bem como os amigos e serviçais do rei Manfredi, foram entregues, na qualidade de prisioneiros, ao rei Carlos; depois, também a posse da ilha foi entregue a este rei.

A sra. Berítola, em meio a tantas reviravoltas, ficou sem saber onde seu marido se encontrava; receou sempre que o pior pudesse acontecer a Arrighetto; temeu que se impusessem, a ela própria, vergonha e desonra; e, por isso, abandonou todos os seus haveres; com um filhinho, que teria talvez uns oito anos de idade, chamado Jusfredo, tomou uma pequena barca, fugindo para a ilha de Lípari. Partiu grávida e sem recursos. Na ilha, deu à luz outro filho, ao qual passou a chamar pelo nome de Expulso. Admitiu a seu serviço uma nutriz; e tomou um naviozinho, juntamente com todos, com o propósito de regressar a Nápoles e ir viver com os seus parentes. Entretanto, as coisas correram contrárias aos seus planos. Por força do vento, o navio, que deveria dirigir-se a Nápoles, foi arrastado para a ilha de Ponza; abrigando-se o barco ali, numa enseada do mar, os passageiros se puseram a esperar condições de tempo que fossem boas para a sua viagem. A sra. Berítola desceu, com todos os outros, à ilha. Na ilha, encontrou um lugar solitário e remoto. E ali, inteiramente só, pôs-se a lamentar a ausência de Arrighetto. Todos os dias, ela fazia a mesma coisa, indo para aquele lugar e lamentando aquela ausência.

Um dia, aconteceu que, estando ela ocupada com as suas lamentações, surgiu, na enseada, uma galé de corsários. Ninguém dera pela sua aproximação — nem os marinheiros nem os outros que no naviozinho viajavam. Os piratas tomaram tudo, e aprisionaram todos, sem a menor luta. E retiraram-se.

A sra. Berítola, concluindo a sua lamentação daquele dia, voltou à praia da enseada, a fim de rever seus filhos, como costumava fazer; mas não encontrou viva alma. Desde logo, surpreendeu-se; depois, a pouco e pouco, passou a suspeitar o que havia acontecido; olhou para o mar; viu a galé, ainda não muito distante da enseada, que se afastava arrastando, atrás de si, o navio em que viajara. Em face de semelhante realidade, bem que se convenceu de que havia perdido também os filhos, como perdera o marido. Pobre, só e abandonada, sem saber para onde ir, a fim de se encontrar fosse lá com quem fosse, percebeu que suas forças físicas se esvaíam; transtornada, murmurando sempre os nomes dos filhos e do esposo, caiu desacordada na areia da praia. Não existia, ali, pessoa que pudesse favorecer-lhe a recuperação dos sentidos e das energias

perdidas, seja por meio de borrifos de água fresca, seja com emprego de outros recursos; em consequência, os seus espíritos puderam vagar folgadoamente por onde mais lhes agradou vagar. Entretanto, depois que as forças esvaídas se reconstituíram no pobre corpo, acompanhadas pelas lágrimas e pelo pranto, ela chamou longamente pelos filhos; e procurou-os ansiosamente, durante longo tempo, pelas cavernas. Quando, porém, se convenceu da inutilidade do seu esforço, e notou que a noite começara a descer, voltou da praia à caverna onde mais chorara e mais se lamentara. Como não soubesse ao certo o que fazer, pensou em tratar de sua própria pessoa.

A noite transcorreu em meio a muito medo e a sofrimento indizível. Depois, surgiu novo dia. A hora terceira já se havia passado; e ela, que na tarde anterior não jantara, se viu forçada, pela fome, a comer ervas do mato, coisa que começou a fazer. Alimentada por essa forma, e sempre chorando, entregou-se a lucubrações relativas à sua própria vida. Enquanto elaborava seu possível plano de vida, viu uma cabrita aproximar-se, entrando em outra caverna, ali por perto; depois de algum tempo, o animal saiu de lá, rumando para o bosque. A mulher ergueu-se e entrou na caverna da qual a cabrita saíra. E viu, no seu interior, dois cabritinhos, talvez nascidos naquele mesmo dia. Os pequenos animais lhe pareceram a coisa mais linda e mais carinhosa do mundo. Como o leite do parto recente ainda não se havia exaurido nos próprios seios, a sra. Berítola tomou os dois cabritinhos e pô-los ao peito. Os cabritinhos não recusaram o serviço; mamaram, dela, como teriam mamado de sua verdadeira mãe, a cabrita. Dali por diante, os lindos filhotes da cabrita não fizeram mais distinção alguma entre a mulher e a cabra. Em vista disto, a nobre senhora se convenceu de que havia encontrado alguma companhia, mesmo naquele lugar deserto de gente. Acostumou-se a alimentar-se de ervas e a beber a água das fontes. Chorava todas as vezes em que lhe surgiam, dos fundos da memória, o marido e os filhos, bem como certos instantes da vida passada. Dispôs-se, assim, a viver e a morrer naquela ilha, tornando-se não menos carinhosa para com os cabritinhos do que para com seus filhos.

Assim vegetando naquelas condições, a nobre senhora se tornou selvagem.

Depois de muitos meses, aconteceu que, também por mero acaso, aportou à ilha um pequeno barco de pisanos, exatamente no ponto em que ela desembarcara. O barco permaneceu vários dias ali. Havia, no barco, um gentil-homem chamado Conrado, da família dos marqueses de Malespini,³ em companhia de sua esposa, digna e santa. Os dois procediam de peregrinação feita a todos os lugares sagrados que existem no reino das Apúlias; agora,

voltavam para o seu castelo. Conrado pusera-se a atravessar os canais que conduziam à ilha, com o propósito de ali passar apenas um dia; seria bastante esse tempo, ao que imaginou, para a dissipação da melancolia; e aproveitaria a oportunidade para descer a terra firme com sua mulher, com alguns seus familiares e com os seus cães.

Não muito longe do lugar em que a sra. Berítola se encontrava, os cães de Conrado começaram a perseguir os dois cabritinhos que, já grandotes, estavam pastando por ali. Os cabritinhos, espavoridos à vista dos cães, não fugiram senão para a caverna onde a sra. Berítola se abrigava. A mulher, notando o que se passava, ergueu-se depressa; tomou de um bastão; e fez com que os cães recuassem. Aí, Conrado e sua esposa, que de longe seguiam os cães, se aproximaram da caverna; viram a mulher que se tornara morena, magra e peluda; sentiram-se surpresos; e mais surpresa ainda foi a sra. Berítola quem ficou.

Entretanto, aos rogos da selvagem, Conrado ordenou aos seus cães que se afastassem; e suplicou, à desconhecida, para que dissesse quem era e o que fazia na ilha. A selvagem prestou informações a respeito das suas condições sociais, dos seus contratempos políticos e da sua destemida resolução de ali viver e de ali morrer. Conrado, que tudo ouviu com a devida atenção, conhecia muito bem Arrighetto Capece; chorou de compaixão; e, com palavras carinhosas, procurou demover a mulher daquela decisão desesperada; ofereceu-se para a conduzir à casa dos parentes que tinha, ou, então, para a manter ao seu lado, como se fora sua irmã. E muito pediu para que Deus, dali por diante, lhe proporcionasse destino mais ameno. A mulher não se curvou a estes oferecimentos. Conrado, então, deixou a esposa em companhia da sra. Berítola. Ordenou, à esposa, que tomasse providências no sentido de se mandar uma boa refeição àquela mulher; que a ela, que estava com as vestes todas rasgadas, proporcionasse roupas suas, para ela vestir; e que fizesse o possível para levá-la dali consigo. A nobre dama permaneceu na companhia da sra. Berítola; chorou muito, juntamente com ela, os infortúnios de que fora objeto; mandou que lhe proporcionassem roupas e refeições; com grande esforço, conseguiu fazer com que, depois, a sra. Berítola, em sua companhia, as fosse buscar no navio. Por fim, a esposa de Conrado, após muita súplica — porque a sra. Berítola insistia em nunca mais se dirigir a lugar onde fosse conhecida — induziu-a a ir consigo para Lunigiana,⁴ levando os dois cabritinhos e a cabrita. A cabrita, naquele meio-tempo, voltara à gruta; e, não sem grande maravilha da parte da nobre dama, fizera-lhe muita festa.

Assim, logo que o tempo bom se firmou, a sra. Berítola, com Conrado e a esposa deste, embarcou em seu navio, levando, com efeito, os dois cabritinhos e a cabrita. Como nem todos, a bordo, lhe sabiam o nome, a sra. Berítola foi cognominada “Cavriuola”.

Soprando bom vento, o navio logo singrou até a foz do Magra,⁵ onde todos os passageiros desembarcaram, rumando em seguida para os castelos de Conrado. A sra. Berítola, vestindo hábitos de viúva, permaneceu ao lado da esposa de Conrado, como se fosse dama de honra, honesta, humilde e obediente. Conservou sempre junto de si os seus cabritinhos, tratando-os com grande amor e fazendo com que fossem muito bem nutridos.

Os corsários que haviam aprisionado, na ilha de Ponza, o barco a cujo bordo a sra. Berítola inicialmente viajara, e que a haviam abandonado na ilha, por não a terem visto, rumaram para Gênova, com toda a outra gente. Ali, dividiram a presa entre os patrões da galé. Por simples acaso, a nutriz da sra. Berítola, com os dois meninos desta, coube, por sorteio, entre outras coisas, ao sr. Guasparrino d’Oria. Este ordenou que a nutriz e as crianças se alojassem em sua própria casa, a fim de os ter a todos como servos, aplicados na realização de tarefas domésticas.

A nutriz, lamentando profundamente a perda de sua dona, bem como a situação a que ela própria e os dois meninos haviam sido atirados, chorou longamente. Entretanto, acabou por verificar que as lágrimas não adiantavam coisa alguma. Embora pobre, a nutriz era prudente e precavida; vendo-se transformada em serviçal, juntamente com as crianças, desde logo tratou de consolar-se da melhor forma que pôde; depois, examinando o lugar para onde os três haviam sido mandados, teve a intuição de que, se a identidade das duas crianças fosse conhecida, elas poderiam ser alvo de aborrecimento; e tratou de evitar, pois, que sofressem humilhação. Além disto, a nutriz admitiu que, mais cedo ou mais tarde, a sorte poderia modificar-se. Nestas condições, todos poderiam, em sendo vivos, regressar à antiga situação perdida. Pensou, então, que seria melhor não dizer quem eram as crianças, enquanto não considerasse oportuna a época para semelhante revelação. Passou, assim, a dizer, a toda a gente que sobre isso a interrogava, que os meninos eram seus filhos. Ao mais velho, chamou Giannotto di Prócida, e não mais Jusfredo; ao menor, não se preocupou em mudar o nome. Com grande delicadeza, revelou, a Jusfredo, o motivo pelo qual lhe trocara o nome; revelou-lhe, igualmente, o perigo a que ele ficaria exposto, se soubessem quem ele de fato era. Não apenas uma vez, e sim muitas e muitas vezes, a breves intervalos, tornou a recordar-lhe esta

circunstância. O menino, que já então era capaz de compreender as imposições da vida, passou a agir, de bom grado, exatamente como o determinara o precavido ensinamento da nutriz.

Os três se aplicaram, pois, embora malvestidos e mais mal calçados ainda, na realização de todas as tarefas; juntamente com a nutriz, e auxiliados por incrível paciência, os dois meninos serviram vários anos na casa do sr. Guasparrino. Giannotto, porém, ao atingir a idade de 16 anos, e tendo mais ânimo do que seria próprio para um serviçal doméstico, passou a manifestar desdém para com aquela condição servil. Em consequência, desertou do serviço do sr. Guasparrino; embarcou em galés que iam para Alexandria; e muitos outros lugares visitou, sem nunca poder dizer coisa alguma quanto à sua verdadeira identidade.

Por fim, talvez depois de três ou quatro anos, a contar de quando saíra do serviço do sr. Guasparrino, fez-se um belo jovem, de estatura alta. Ficou sabendo que seu pai, que julgava morto, ainda se encontrava vivo; mas estava na prisão e no cativeiro, por ordem do rei Carlos, cujos esbirros lhe montavam guarda. Quase que desesperou do destino.

Errando pelo mundo, foi dar em Lunigiana. Ali, por acaso, entrou no castelo de Conrado Malespina, na qualidade de familiar; e passou a servir a este senhor com muito critério, conquistando inegável agrado. Como raras vezes se defrontava com sua mãe, que estava sempre em companhia da esposa de Conrado, não chegou a reconhecê-la; nem ela, por sua vez, o reconheceu, de tanto que a idade os havia transformado, em relação ao que tinham sido, desde a última vez em que se haviam visto.

Estando, pois, Giannotto a serviço de Conrado, aconteceu que uma filha deste senhor, que se chamava Spina, ficou viúva de um senhor Niccolò da Grignano; e regressou à casa paterna. A filha, sendo ainda muito jovem, bonita e agradável, não contando mais do que 16 anos, pousou, por acaso, os olhos em Giannotto. O mesmo aconteceu com ele, em relação a ela. E os dois se enamoraram fervorosamente. Este amor não ficou muito tempo sem consequências; mas vários meses se passaram, antes que qualquer pessoa desse pelo fato. Excessivamente confiantes, os dois passaram a comportar-se de modo menos discreto do que o aconselhável em tais casos. Passeando, um dia, por um belo bosque, denso de árvores, a moça e Giannotto se separaram de todos os outros companheiros, colocando-se bem adiante. Afigurando-se-lhes, em certa altura, que se haviam distanciado consideravelmente dos outros, os dois rumaram para um recanto agradável, cheio de ervas e de flores, protegidos por

grandes frondes. Ali, começaram a entreter-se reciprocamente com os prazeres amorosos. Longo tempo estiveram assim, juntos; foi um tempo efetivamente dilatado, muito embora o encantamento da volúpia lhes fizesse parecer breve. Em consequência, os dois acabaram sendo surpreendidos, primeiro pela mãe da moça, e, depois, pelo próprio Conrado. Este ficou profundamente magoado pelo que viu. Sem dizer palavra, ao par amoroso, mandou que três dos seus serviçais agarrassem os dois amantes e os conduzissem, amarrados, a um castelo de sua propriedade. Todo a tremer de fúria e de despeito, mostrou-se disposto a fazê-los morrer de modo vergonhoso.

A mãe da moça, conquanto muito perturbada, e embora julgasse a filha merecedora de qualquer penitência cruel, devido àquele deslize, não manifestou disposição para tolerar que Conrado efetuasse o seu intento, de que ela teve conhecimento através de algumas palavras por ele proferidas. Adiantou-se, pois, e foi ter com o enfurecido esposo. Esclareceu-lhe que não poderia constituir, para ele, prazer algum o ato de tornar-se, já na velhice, por força de um ímpeto de fúria, carrasco da própria filha; nem lhe parecia, a ela, decoroso, que ele manchasse as mãos no sangue de um dos seus infantes. Suplicou-lhe para que procurasse outra forma de satisfazer a própria ira; poderia, por exemplo, encarcerá-los, fazendo-os chorar e lamentar, na prisão, o pecado cometido. A santa mulher tanto lhe disse e lhe repetiu estas e outras palavras, que removeu, do ânimo de Conrado, o propósito de os matar. Conrado, pois, ordenou que cada um dos dois amantes fosse encarcerado em lugar diferente; os dois deveriam ser bem guardados, mantidos com pouco alimento e tratados com muito desconforto, até que ele dispusesse coisa diversa quanto ao destino de ambos. E assim foi feito.

Qualquer pessoa pode imaginar o que foi a vida dos dois amantes no cárcere, em celas separadas, em pranto contínuo e em jejuns mais longos do que aqueles que talvez condissessem com os seus corpos.

Giannotto e Spina assim permaneceram, neste sofrimento, um ano inteiro, sem que Conrado parecesse recordar-se mais deles. Aconteceu que o rei Pedro, de Aragão, por força do tratado que assinara com Gian di Prócida,⁶ promoveu a rebelião na ilha da Sicília, arrancando-a ao domínio do rei Carlos. Conrado, como guibelino que era, comemorou festivamente o acontecimento. Giannotto soube disto por meio de alguns daqueles que montavam guarda ao seu cárcere. E, emitindo um fundo suspiro, exclamou:

— Ai! Infeliz de mim! Já lá se vão 14 anos, durante os quais tenho andado pelo mundo, sem esperar que outra coisa acontecesse, além desta que agora

aconteceu, e que é a derrubada do rei Carlos, da Sicília! E, para que eu não espere ter, nunca, mais do que tenho, esse fato me encontra na prisão, da qual nenhuma esperança tenho de sair, a não ser morto!

— Mas como? — indagou o carcereiro. — Que é que pode importar a você o que fazem os grandes reis?

Ao que Giannotto replicou:

— Afigura-se-me que o meu coração arrebenta dentro de mim, ao recordar o que meu pai teve que fazer por lá! Embora eu fosse ainda muito criança, quando de lá fugi, nem por isso deixo de me recordar de que vi meu pai na posição de grão-senhor, ao tempo do rei Manfredi.

Prosseguiu o carcereiro:

— E quem foi seu pai?

— Meu pai — esclareceu Giannotto —, posso agora, com segurança, dizer quem era, uma vez que me encontro exatamente no mesmo perigo que receava, se o tivesse revelado antes. Meu pai se chamou, e se chama ainda, se estiver vivo, Arrighetto Capece. Eu não sou Giannotto; meu nome é Jusfredo. E não duvido de que, se eu conseguisse sair daqui, e regressasse à Sicília, passaria a desfrutar magnífica posição.

O carcereiro, bom homem, não hesitou nem perdeu tempo; assim que lhe foi possível, contou o caso a Conrado. Ao ter conhecimento disto, Conrado, embora dando mostras de não prestar atenção ao que o carcereiro lhe comunicava, foi ter com a sra. Berítola. Com bons modos, perguntou-lhe se tinha tido algum filho de Arrighetto, batizado com o nome de Jusfredo. A mulher, chorando, respondeu que o maior dos seus dois filhos, se estivesse vivo, assim se chamaria; e teria a idade de 22 anos. Baseando-se nisto, Conrado admitiu que o encarcerado devia ser o mencionado filho. Entrou-lhe no ânimo que, se assim fosse, poderia fazer, em determinada hora, um ato de grande misericórdia, cancelando, de uma só vez, a sua humilhação e a vergonha de sua filha, dando-lha como esposa.

Com este projeto, mandou que Giannotto fosse levado à sua presença, secretamente; interrogou-o, de maneira minuciosa, sobre todos os pormenores de sua vida; e, verificando, por vários índices mais do que evidentes e concordantes, que Giannotto era, de fato, Jusfredo, filho de Arrighetto Capece, disse-lhe:

— Giannotto: você sabe qual foi a grande e grave injúria que me fez, através da pessoa de minha filha. Pois eu o tratava muito bem, e com muita amizade, como se deve tratar a todo familiar; você deveria, por isso, procurar,

sempre, enaltecer tanto a minha honra como a das minhas coisas e a das minhas gentes. São numerosos os grão-senhores que o teriam levado a morrer na ignomínia, se você lhes fizesse o que me fez. Os meus sentimentos de piedade, porém, não me permitiram ir a esse extremo. Agora, pois, que as coisas são como você diz, isto é, que você é filho de gentil-homem e de nobre dama, desejo, se você também o deseja, pôr fim às suas angústias. Quero tirá-lo da miséria e do cativeiro em que se encontra. E, ao mesmo tempo, quero colocar na devida luz tanto a sua honra como a minha. Como você sabe, Spina é viúva; a ela você se prendeu por amorosa amizade, embora praticando atos indecorosos para consigo mesmo e para com ela. O dote dela é grande e bom. Você bem sabe como ela foi educada, e bem conhece tanto o pai como a mãe dela. Nada digo do estado em que você presentemente se acha. Quando você quiser, estou disposto a fazer com que ela, depois de haver sido desonestamente sua amiga, se torne honestamente sua esposa; farei, pois, com que, à guisa de filho, aqui, comigo e com ela, você passe a residir, quando isso lhe agradar.

A prisão macerara as carnes de Giannotto; mas o espírito generoso, recebido de sua origem, a prisão não conseguira, de forma alguma, diminuir; nem lhe apagara o grande amor que havia alimentado para com a sua amada. Muito embora desejasse aceitar, ansiosamente, aquilo que Conrado lhe oferecia, e se visse na plenitude de suas forças, não se curvou; não deixou de dizer aquilo que a sua grandeza de ânimo lhe ordenou que devia ser dito; e respondeu:

— Conrado: nem ambição de grão-senhor, nem desejo de receber dinheiro, nem qualquer outro motivo menos digno, fez com que eu armasse insídias, como traidor, seja à sua vida, seja às suas coisas. Amei sua filha; amo-a; amá-la-ei sempre, por eu a reputar digna do meu amor. Se procedi de modo menos próprio, segundo a opinião dos espíritos grosseiros, nada mais fiz do que cometer aquele pecado que se tornou inseparável da juventude; para se eliminar esse pecado, será preciso que se elimine, primeiro, a própria juventude. Se os velhos quisessem recordar-se de ter sido jovens; se eles se dispusessem a comparar os defeitos dos outros com os próprios, e os próprios com os dos outros, o pecado que eu cometi não seria tão grave como o senhor e muitos outros querem acentuar que seja. Foi como amigo, não como inimigo, que eu o cometi. O que o senhor me diz que deseja fazer é aquilo a que sempre aspirei. Se eu tivesse imaginado que isso me seria concedido, há muito tempo o teria implorado. Isso, porém, me é agora tornado tanto mais caro quanto menor é a esperança. Se o senhor não tem em mente os propósitos que as suas palavras fazem pressupor que tenha, não promova o aparecimento de vãs

esperanças no meu espírito; mande que me devolvam à prisão; e ordene que me façam sofrer quanto for do seu agrado. Enquanto eu amar Spina, sempre terei estima para com o senhor, por causa dela; e seja o que for que o senhor me faça, sempre lhe manifestarei a minha reverência.

Conrado ouviu isto; sentiu-se surpreso; achou que Giannotto, aliás Jusfredo, deveria ser pessoa de grande nobreza de alma; julgou sincero e fervoroso o seu amor para com Spina; e apreciou muitíssimo o que acabava de verificar. Por isto, ergueu-se; endireitou o corpo; abraçou e beijou o infante; e, sem mais delongas, ordenou que, sem estardalhaço, Spina fosse levada à sua presença.

A moça fizera-se magra e pálida, na prisão; estava também muito fraca; era quase outra mulher, em relação àquela que havia sido. Também Giannotto parecia outro homem.

Giannotto e Spina, na presença de Conrado, contraíram suas núpcias, por via de mútua aquiescência, de acordo com os usos e os costumes locais.

Depois de se haverem passado vários dias, sem que pessoa alguma houvesse apresentado qualquer objeção à união de Giannotto e Spina, e depois de lhes proporcionar tudo quanto fosse da conveniência deles, ou de seu gosto, Conrado achou que era chegado o tempo de dar alegria às duas mães. Mandou chamar à sua presença a sua esposa e Cavriuola.

— Que é que a senhora diria, sra. Berítola, se eu lhe fizesse reaver o seu filho mais velho, e se o apresentasse como sendo marido de uma das minhas filhas?

Ao que Cavriuola respondeu:

— Nada mais lhe poderia dizer, a tal respeito, se não que eu lhe seria ainda mais grata do que já sou, porque o senhor me daria uma coisa que me é muito mais cara do que eu mesma; dando-me essa coisa, à maneira pela qual o senhor diz, faria despertar novamente, em mim, até certo ponto, a já perdida esperança.

Chorando, calou-se. Então, Conrado falou à sua esposa:

— E a você, que é que lhe pareceria, minha esposa, se eu lhe desse um genro de tão nobre espécie?

Ao que a esposa anuiu:

— Que fosse filho deles, que são nobres, ou mesmo de um desordeiro, se agradasse a você, me agradaria também.

Então, Conrado falou:

— Espero fazê-las felizes dentro de bem poucos dias.

Dias após, vendo os dois moços devolvidos à antiga aparência, e vestidos com gala, perguntou a Jusfredo:

— Acima da alegria que você agora sente, gostaria você de ver sua mãe?

Jusfredo respondeu:

— Não se me afigura que a dor das suas desventuradas peripécias a tenha deixado viver até agora. Mas, se ela estiver viva, ser-me-á infinitamente agradável revê-la, porquanto acredito que, por via de sua orientação, eu poderia recuperar grande parte da nossa antiga situação na Sicília.

Então, Conrado mandou que se levassem à sua presença as duas mães. Elas fizeram grandes manifestações festivas à nova esposa; sentiram-se profundamente surpresas; ficaram-se a indagar qual teria sido a inspiração que havia induzido Conrado a um ato de tamanha bondade, como esse de unir Giannotto a Spina.

Por força das palavras proferidas por Conrado, a sra. Berítola começou a examinar a pessoa de Giannotto. Alguma oculta virtude despertou, no espírito dela, a lembrança dos lineamentos do rosto do filho, do tempo em que era ainda criança; e, sem esperar por outras evidências ou demonstrações, correu-lhe ao encontro, com os braços abertos, dependurando-se-lhe ao pescoço. A transbordante alegria maternal não lhe permitiu dizer palavra; ao contrário; embotou-lhe por tal forma a sensibilidade, que foi quase morta que ficou a pender dos braços do filho.

Embora se sentisse enormemente surpreso, o filho recordou-se de a ter visto muitas vezes, naquele castelo, sem a reconhecer. Ainda assim, reconheceu-a, agora, incontinentemente, pelo aroma materno. Censurou a si mesmo, devido à desatenção manifestada anteriormente; e recebeu-a com carinho em seus braços. Chorando enternecidamente, beijou-a.

Ajudada piedosamente pela esposa de Conrado e por Spina, que lhe aplicaram água fria, e outras suas artes lhe fizeram, a sra. Berítola voltou a si do desmaio; depois que ela recuperou as forças perdidas, começou novamente a abraçar o filho, derramando muitas lágrimas e proferindo muitas palavras doces. Toda cheia de maternal enlevo, beijou-o mil e uma vezes; e ele, reverentemente, muito a contemplou e muito a mimou.

Entretanto, depois que a acolhida, sincera e amena, se repetiu três ou quatro vezes, não sem agrado e encanto dos circunstantes, mãe e filho narraram, cada qual por sua vez, as próprias peripécias.

Conrado já havia comunicado, aos seus amigos, o novo parentesco travado por ele; e os amigos se haviam mostrado muito satisfeitos com isso.

Ordenou, então, que se realizasse uma festa magnífica. E Jusfredo lhe disse:

— Conrado: o senhor me tem feito feliz, por muitos aspectos; e por longo tempo houve por bem honrar minha mãe. Agora, a fim de que não fique por fazer nada daquilo que por sua obra possa ser levado a termo, peço-lhe que alegre minha mãe, a sua festa, e também a mim, com a presença de meu irmão, que o sr. Guasparrino d’Oria tem em sua casa, na forma de serviçal doméstico. Como já lhe disse, o sr. Guasparrino tomou, a ele e a mim, em operação corsária. Depois, suplico-lhe que mande alguém à Sicília, para que obtenha informações completas sobre as condições e o estado da ilha, e para que obtenha notícias relativas a Arrighetto, meu pai, a fim de ficar sabendo se ele está vivo ou morto, e em que situação social; depois de se informar plenamente sobre cada coisa, o emissário deverá regressar a nós.

O pedido de Jusfredo agradou a Conrado; e este, sem demora alguma, ordenou que pessoas extremamente discretas seguissem para Gênova e para a Sicília.

O homem que rumou para Gênova se encontrou com o sr. Guasparrino; em nome de Conrado, pediu-lhe, com muito tato, que lhe mandasse Expulso e a respectiva nutriz; e narrou-lhe, na devida ordem, o que Conrado fizera para com Jusfredo, bem como para com a mãe deste. O sr. Guasparrino muito se maravilhou ao ouvir semelhante narrativa; e disse:

— É verdade que eu faria, para Conrado, tudo o que eu pudesse, e que fosse do agrado dele. Tive, em minha casa, já lá se vão 14 anos, o mancebo de que o senhor me fala, e também a mulher que se dizia mãe dele. Mas o senhor dirá a Conrado, de minha parte, que será de bom aviso verificar se não acreditou demais, e daqui por diante não acreditar muito, nas fábulas de Giannotto, esse mesmo que, hoje, se faz chamar Jusfredo; porque esse indivíduo é muito mais perverso do que Conrado possa imaginar.

A seguir, mandou chamar a nutriz à sua presença, em segredo; e interrogou-a minuciosamente a tal respeito. A nutriz já ouvira falar da rebelião da Sicília, e tinha tido notícias de que Arrighetto vivia; dissipou, pois, o medo que anteriormente sentia; e, em boa ordem, contou-lhe tudo, explicando-lhe também o motivo pelo qual se conduzira da maneira por que se conduziu. O sr. Guasparrino viu que as declarações da nutriz concordavam plenamente com as informações prestadas pelo embaixador de Conrado; e, então, começou a depositar fé nas palavras; por outras formas, como homem arguto que era, investigou a veracidade das informações; a todo instante, encontrou novas coisas que mais fé o induziam a depositar nos fatos que lhe haviam sido

revelados; e envergonhou-se das más referências feitas quanto ao rapaz. Tinha uma linda filha de 11 anos de idade; sabia muito bem quem Arrighetto era, e quem tinha sido; e, para se penitenciar de tudo, deu a filha a Expulso, como esposa, com um riquíssimo dote. Depois de realizar grande festa em decorrência disto, embarcou numa galeota com o rapaz, a filha, o embaixador de Conrado e a nutriz: a galeota estava muito bem armada; e viajou para Lerici. Ali, o sr. Guasparrino foi recebido, com toda a sua comitiva, pelo sr. Conrado; hospedou-se num castelo deste senhor, não muito longe dali, onde a grande festa se encontrava preparada.

Não se poderiam explicar com palavras o que foram a alegria da mãe ao rever o filho; a alegria dos dois irmãos; as festas que a mãe e os dois filhos fizeram à nutriz; as homenagens que todos prestaram ao sr. Guasparrino e à sua filhinha; as homenagens do sr. Guasparrino a todos os outros; e as honras de todos os outros, juntos, a Conrado e à sua esposa, aos seus filhos e aos seus amigos.

A tudo isto, para que o caso se completasse, Deus Nosso Senhor, que é generosíssimo doador quando começa a dar, fez com que se acrescentassem notícias agradáveis da vida e da boa situação de Arrighetto Capece. Com efeito, quando a festa já se desenvolvia amplamente, e quando os convidados, homens e mulheres, à mesa, ainda se encontravam no primeiro prato, chegou aquele emissário que havia ido à Sicília. Entre outras coisas, contou ele que Arrighetto se achava na prisão, guardado por homens fiéis ao rei Carlos, quando a rebelião contra o mencionado rei se difundiu pela ilha. Então, o povo, enfurecido, correu ao cárcere; matou os guardas; arrancou Arrighetto de lá de dentro; e, por ter sido Arrighetto um dos principais inimigos do referido rei, o povo rebelado o fez seu capitão; seguiu-lhe as ordens, na tarefa de expulsar e matar os franceses. Por estas circunstâncias, Arrighetto caíra nas graças do rei Pedro, que, por isso, o restaurara na posse dos seus antigos bens, bem como na situação social anterior, com todas as honras. O enviado acrescentou que Arrighetto o recebera com muita simpatia; e que se alegrara infinitamente ao ter notícias da esposa e do filho, dos quais nunca, depois da sua prisão, soubera mais coisa alguma; além disto, mandara, para eles, um brigue, de corrida, muito veloz, tendo a bordo certo número de gentis-homens; estes gentis-homens já estavam chegando. O emissário, assim, foi recebido com imensa alegria e grandes festas, sendo ouvido com reconcentrada atenção. Sem perda de tempo, Conrado, acompanhado por vários dos seus amigos, foi ao encontro dos gentis-homens, que chegavam para homenagear a sra. Berítola e Jusfredo. Recebeu-os com

satisfação; e os apresentou à sua festa, que ainda não se encontrava a meio. Ali, a mulher e Jusfredo, e, além destes, todos os outros, os contemplaram com tanta alegria, que nunca se ouviu dizer de festa alguma em que alegria semelhante houvesse reinado. Os gentis-homens, antes de se porem à mesa, para comer, saudaram e agradeceram a todos, em nome de Arrighetto, da melhor forma que souberam e puderam fazer; e agradeceram particularmente a Conrado e à sua esposa, pela proteção e pelas honras prestadas à mulher e ao filho; depois, disseram que eles e Arrighetto se punham à sua disposição, para os servir no que fosse do seu agrado. A seguir, dirigiram-se ao sr. Guasparrino, cujo bem-fazer não fora, nem poderia ser, esperado; disseram-lhe, por si, estar certíssimos de que Arrighetto lhe mandaria agradecimentos iguais e ainda maiores, se houvesse sabido do que ele fizera por Expulso. Depois disto, os gentis-homens comeram lautissimamente na festa das duas novas esposas e em companhia dos novos maridos.

Não foi só naquele dia, mas também em muitos outros, que Conrado promoveu festas ao genro e aos outros seus parentes e amigos. Quando a série de festividades se concluiu, e quando todos descansaram delas, a sra. Berítola, Jusfredo e os outros acharam que era tempo de partir. Com muitas lágrimas se despediram de Conrado, de sua esposa e do sr. Guasparrino; embarcaram no brigue, levando consigo Spina. Como soprou vento favorável, não tardaram a chegar à Sicília. Em Palermo, todos, filhos e mulheres, foram recebidos por Arrighetto com festas tão opulentas, que nunca se tivera notícia de outras tão brilhantes e ricas.

Acredita-se que, depois, na Sicília, todos viveram felizes, e, como pessoas gratas pelos benefícios recebidos, sempre se conservaram amigos de Deus Nosso Senhor.

Notas

¹ Filiberto Campanile, historiador de Nápoles, diz que Arrighetto foi, pelo rei Manfredi, feito vice-rei da Sicília, governando esse reino até a morte daquele rei, que se deu na batalha de Benevento, infeliz para as armas dos guibelinos. O mesmo historiador confirma que Arrighetto se casou com Berítola, da família Caracciolo, que é a protagonista desta novela.

² É Carlos I, de Anjou: viveu de 1228 a 1285; era filho de Luís VIII, rei de França, e de Branca de Castela: era, pois, irmão do rei Luís IX (são Luís). Foi chamado à Itália pelo papa Clemente IV; combateu contra Manfredi, rei de Nápoles e da Sicília, vencendo-o e matando-o na batalha de Benevento, em 1266; assim, passou a dominar o reino da Sicília, substituindo a dinastia dos Svevi, que tinha reinado até então, pela dos anjuvinos.

³ A família Malaspina foi uma das mais poderosas das famílias feudais italianas: dominou, principalmente, a Lunigiana. Pertencia ao grupo guibellino. Um dos seus membros foi amigo de Dante, que, no Purgatório, Canto VIII, versos 18 e 124, louva a família de Conrado Malaspina, marquês de Villafranca, morto em 1294, aqui mencionado por Boccaccio.

⁴ Antiga Luna, hoje Luni. Antiga cidade da Etrúria, no norte da Itália; destruída pelos sarracenos em 1016; a moderna cidade deste nome fica a oeste de Apuânia, na Toscana, perto das famosas montanhas de mármore de Carrara.

⁵ Rio de cerca de oitenta quilômetros de curso, na região noroeste da Itália: nasce perto do Passo de Cisa, assinalando, aproximadamente, a divisa entre os Apeninos lígures e toscanos; desemboca no mar, perto de La Spezia.

⁶ Amigo dos Svevi e de Manfredi, quando o reino da Sicília caiu em mãos dos anjuvinos; conspirou para livrar esse reino do domínio dos Anjou; a conjura resultou nas famosas “vésperas sicilianas”, e isto deu motivo para que Pedro de Aragão (que se casara com Constança, filha de Manfredi) interferisse nos destinos da Sicília, como chefe dos guibelinos, e a conquistasse para a sua dinastia, separando a Sicília do reino de Nápoles; este reino, entretanto, continuou sendo dos anjuvinos.

SÉTIMA NOVELA

O sultão da Babilônia pôe uma filha em viagem, para ela se casar com o rei do Garbo. Através de numerosas peripécias no decorrer de quatro anos, a moça cai nas mãos de nove homens diferentes, em lugares diversos. Finalmente, restituída ao pai, ainda como pucela, vai a moça para junto do rei do Garbo, como tencionara antes, para ser sua esposa.



provável que, se a novela de Emília se estendesse um pouco mais, a compaixão sentida pelas suas jovens companheiras, em face das desventuras da sra. Berítola, as teria levado ao pranto. Mas, depois que se pôs fim àquela narrativa, aprouve à Rainha ordenar que Pânfilo prosseguisse na série, contando a sua novela. Por isto, ele, que era muito obediente, começou:

— Muito difícil se torna, amáveis mulheres, reconhecer aquilo que nos convém. Grande número de vezes se viu que muitos homens, achando que poderiam viver sem ansiedades e com segurança, desde que conquistassem riquezas, não somente imploraram tais riquezas a Deus, mas também, sem medir fadiga, nem recear perigos, procuraram, com grande afinco, conquistá-las. Esses homens, depois de satisfazer as suas aspirações, encontraram quem os matasse. Os que os mataram, por nada mais o fizeram do que por via de cobiça para com enormes heranças, e também por via da inveja com que, antes de se enriquecerem, amaram a vida que aqueles homens viviam. Outros homens, de baixa condição social, subiram à altura dos reinos, através de mil batalhas perigosas, e por meio do sangue tanto dos seus irmãos como dos seus amigos. Acreditaram que nos reinos se encontrava a suprema felicidade, sem as infinitas preocupações e sem os intermináveis receios de que a própria vida anda sempre cheia. Mas ficaram sabendo, não sem sacrifício de morte deles mesmos, que, em pleno ouro, nas mesas reais, era veneno o que se bebia. Muita gente existiu, que desejou, ardorosamente, a força física, a beleza do corpo e vários outros predicaos de ordem material. E não percebeu, antes, que havia desejado mal, por lhe poderem ser essas coisas causa de morte, ou, então, de vida dolorosa. A

fim de que eu não tenha de falar, esmiuçadamente, de todas as ambições humanas, afirmo que não existe ambição alguma que, com pleno entendimento, possa ser escolhida pelos vivos, como sendo isenta de peripécias aventurosas. Se quiséssemos agir corretamente, deveríamos dispor-nos a só tomar e possuir aquilo que nos fosse dado por Aquele que é o único que sabe o de que nós precisamos, e que no-lo pode proporcionar. Entretanto, os homens pecam desejando várias coisas, ao passo que vocês, graciosas mulheres, pecam infinitamente desejando uma só, isto é, desejando ser bonitas; não lhes bastando as belezas que a Natureza lhes concedeu, vocês procuram, com artes maravilhosas, acrescentar-lhes outras. Por isto, agrada-me contar-lhes quão infelizmente bela foi uma sarracena, à qual, em talvez quatro anos, aconteceu contrair novas núpcias por nove vezes.

Já se passou muito tempo, desde quando, na Babilônia, existiu um sultão cujo nome era Beminedab. Nos seus dias, muitas coisas aconteceram de acordo com a sua vontade. Tinha o sultão, entre os seus outros muitos filhos, masculinos e femininos, uma filha chamada Alatiel; a julgar pelo que diziam todos os que a contemplavam, era a mais linda mulher que se pudesse encontrar, naquela época, no mundo. O sultão havia infligido importante derrota a uma grande multidão de árabes que se lançara sobre ele; e nisso fora maravilhosamente ajudado pelo rei do Garbo. Tendo este rei pedido, como se fora graça especial, o sultão deu-lhe aquela filha por esposa. Embarcou-a num navio bem armado e bem equipado; deu-lhe companhia ilustre e numerosa, de homens e de mulheres; muitos objetos, nobres e ricos, foram também postos a bordo; e, enviando tudo ao rei, o sultão entregou a filha aos cuidados de Deus.

Os marinheiros observaram que o vento era favorável; armaram as velas e partiram do porto de Alexandria. Por vários dias, o navio navegou com plena felicidade. Depois de passada a Sardenha, admitiram os marinheiros que o fim da viagem não deveria tardar. Aí, porém, num só dia, diversos ventos sopraram; cada um destes ventos se fez desmesuradamente impetuoso; e todos eles esforçaram por tal forma o navio, a cujo bordo se achavam a mulher e os marinheiros, que várias vezes os navegantes se deram por perdidos. Contudo, como homens valorosos, puseram em ação toda a arte e toda a força, com o que conseguiram fazer permanecer o navio à tona, durante dois dias, combatendo contra mar grosso e indomável. Surgia já, da tempestade, a terceira noite; mas a tempestade, ao invés de cessar, parecia aumentar cada vez mais. Não sabiam os marinheiros onde se encontravam; e não conseguiam, por meio da navegação estimada, e menos ainda pelo reconhecimento dos pontos

visuais de referência, compreender a própria posição. O céu estava escuríssimo de nuvens; a noite era densa de trevas.

Estando nas alturas de Maiorca, perceberam que o navio se dismantelava; em consequência, ninguém viu modo algum de salvar-se; cada qual passou a ter em mente a própria pessoa, e não a dos outros; atirou-se, então, ao mar, um pequeno barco de remos: a este barco se transferiram os patrões, que não confiavam mais em que a descosida nave oferecesse qualquer segurança; atrás dos patrões, uns após outros, todos os homens que se encontravam no navio desceram àquele mesmo barco, apesar de os que haviam descido primeiro tentarem impedir que isso ocorresse — e o tentassem de punhal na mão. Por esta forma, julgando fugir da morte, todos a ela se arremessaram. O pequeno barco a remos não podia conter tanta gente; havia, ademais, a desvantagem do tempo adverso. O barco, pois, naufragou; e todos morreram.

O navio grande, embora dismantelado e já quase inundado, foi sustentado à tona por um vento impetuoso; a seu bordo não permaneceram mais do que a mulher, filha de Beminedab, e as suas aias. Estas criaturas, seja devido à tempestade, seja em consequência do medo, estenderam-se, vencidas, quase mortas, pela coberta. O navio correu velozmente, e foi bater numa praia da ilha de Maiorca; foi tamanha a violência do arremesso, que a nave se enfiou quase toda pela areia adentro, à distância de uma pedrada, da enseada. Ali o navio permaneceu, durante a noite, combatido pelo mar, porém sem mais poder ser movido pelo vento. Quando se fez dia claro, e a tempestade amainou um pouco, a mulher, que estava quase como morta, ergueu a cabeça; e, fraca como se encontrava, começou a chamar ora uma, ora outra pessoa do seu grupo de familiares; mas inutilmente chamou: as pessoas chamadas estavam muito longe. Não ouvindo resposta de quem quer que fosse, e não vendo viva alma, muito admirada se sentiu aquela mulher; e começou a ter um medo enorme. Endireitou-se como melhor pôde; viu que jaziam por ali, ao léu, as mulheres e todas as aias que tinham encetado a viagem em sua companhia. Depois de longamente chamar umas e outras, poucas encontrou que ainda se mostravam capazes de ouvir. A maioria, seja por grave angústia do estômago, seja por pavor, estava como se fosse já morta. A necessidade de conselho, porém, se fazia imperiosa para a filha do sultão; ela via-se inteiramente só; não conhecia o lugar; não sabia onde se achava; por isso, estimulou tanto as mulheres que ainda se encontravam vivas, que fez com que elas se erguessem. As mulheres verificaram que não sabiam para onde os homens tinham ido. Viram o navio encalhado na areia e inundado de água; e todas juntas

começaram a chorar. A hora nona já estava para soar, e ainda nenhuma pessoa havia passado pela enseada, nem de qualquer outra parte havia avistado o navio, para lhes poder prestar, por piedade, algum auxílio.

À hora nona, voltando, por acaso, de um ponto qualquer, por lá passou um gentil-homem, cujo nome era Pericão de Visalgo, em companhia de vários dos seus familiares, todos a cavalo. Este gentil-homem, ao ver o navio, logo imaginou do que se tratava. Ordenou, pois, a um dos seus familiares, que procurasse ir para dentro do barco, a fim de verificar o que tinha acontecido, e de voltar para lhe prestar informações. O familiar, embora com muita dificuldade, conseguiu entrar no barco; lá encontrou a nobre moça, com a pouca companhia que lhe sobrava. Ela estava como que aninhada, de medo, por baixo do bico da proa da embarcação. Assim que as mulheres viram aquele homem, imploraram, chorando, misericórdia. Perceberam, porém, que não eram entendidas por ele, e que também elas não o entendiam. Procuraram, pois, explicar, por meio de atos, a sua desventura. O familiar examinou tudo, da melhor maneira que pôde; e foi contar a Pericão o que havia no interior do navio. Pericão ordenou que se retirassem de lá, imediatamente, as mulheres e as coisas mais valiosas que pudessem ser transportadas; com tudo isso, rumou para o seu castelo. Ali, reconfortou as damas, com refeições e repouso. Observando o rico enxoval, compreendeu que a mulher que encontrara devia ser grande e nobre dama; e isto logo lhe foi confirmado pelas honras que viu as outras prestarem somente a ela.

Embora a filha do sultão estivesse pálida, e muito mal apresentada quanto à pessoa, devido ao cansaço e aos maus-tratos do mar bravio, ainda assim os seus lineamentos fisionômicos se afiguraram belíssimos a Pericão. Em consequência, Pericão deliberou, de si para consigo, que, se ela não tivesse marido, ele a desejaria para esposa; se não conseguisse tê-la por esposa, apreciaria obter-lhe a amizade. Pericão era homem de aspecto severo e de grande corpulência. Durante alguns dias, ele fez com que a mulher fosse magnificamente servida; assim, ela recompôs-se toda. E vendo-a linda, além de toda expectativa, ele ficou profundamente pesaroso pelo fato de não conseguir entendê-la, e também ela de não o entender. Por essa forma, ele não poderia vir a saber quem ela era. Não obstante, apaixonado pela sua beleza — e apaixonado fora de todo propósito —, Pericão tratou, com atos agradáveis e atenciosos, de induzi-la a satisfazer, sem constrangimento, os seus propósitos. Mas tudo em vão. Ela recusava-se, de modo absoluto, a entrar na intimidade dele; e, por isto, ainda mais se inflamava o ardor do cavaleiro.

A mulher percebeu o que ocorria; como já ali se encontrava havia vários dias, observara que, pelos costumes, devia estar entre cristãos; assim, pouco lhe teria importado dar-se a conhecer, ainda que o houvesse sabido antes. Notou, entretanto, que, com o correr do tempo, lhe seria conveniente, por força ou por amor, acabar satisfazendo os anseios amorosos de Pericão. Nestas condições, propôs, a si mesma, com elevação de espírito, sobrepujar a infelicidade da sua Sorte. Às suas companheiras e às suas aias, de que não lhe haviam restado mais do que três, ordenou que não revelassem, a pessoa alguma, a própria identidade, salvo se estivessem em lugar onde fosse manifesto que obteriam ajuda para a sua reconquista da liberdade. Além disto, exortou-as a observar as boas normas da castidade, e afirmou estar decidida a fazer com que nenhum homem, a não ser aquele que viesse a ser seu marido, auferisse, dela, o gozo do amor. As três mulheres muito a louvaram por tudo isto, e disseram que prestariam obediência às suas determinações.

Pericão exacerbava os próprios anseios amorosos, de dia para dia. E tanto mais se exacerbava quanto mais próxima se encontrava e mais negada ele via a pessoa desejada. Notando que as atenções prodigalizadas de nada lhe valiam, pôs em ação engenho e artimanhas, reservando a aplicação da força para o fim. Uma ou outra vez, observou que a mulher gostava de vinho, exatamente como criatura que não está habituada a beber, por força de religião que proíba o seu uso. Com o vinho, pois, que atua na qualidade de ministro de Vênus, Pericão admitiu que poderia fazê-la ceder. Dando mostras de não se incomodar com aquilo de que ela se fazia esquiva, ordenou que, certa noite, se realizassem festividades solenes, com uma ceia opulenta, à qual a mulher compareceu. No decorrer da ceia, em que muitas coisas agradáveis se serviram, Pericão determinou, ao serviçal que estava encarregado de a atender, que lhe proporcionasse vários vinhos, a fim de que ela os misturasse ao bebê-los. O serviçal cumpriu esta ordem, à risca. E a mulher, que contra isto não podia precaver-se, sentiu-se arrastada pela agradabilidade do paladar de cada vinho; e tomou mais vinho do que seria aconselhável para a conservação da sua honestidade. A mulher tornou-se alegre; esqueceu-se de toda adversidade passada; e, vendo algumas mulheres dançar à maneira de Maiorca, achou que deveria bailar à maneira de Alexandria.

Quando Pericão contemplou este espetáculo, afigurou-se-lhe que estava muito perto daquilo que desejava; insistiu para que a ceia se prolongasse, mantendo-se sempre rica de iguarias e de vinhos; assim, a festa entrou pela noite adentro. Por fim, já quando os convidados se haviam retirado, Pericão

penetrou em sua própria alcova, exclusivamente acompanhado pela referida mulher. Esta, mais exaltada pelo vinho do que temperada pela honestidade, quase como se Pericão fosse não um homem e sim apenas uma das suas serviçais, despiu-se diante dele, sem qualquer constrangimento de vergonha; e deitou-se na cama. Pericão não perdeu tempo; seguiu-a de imediato. Apagou o lume e entrou habilmente por baixo das cobertas, do outro lado da cama. Envolveu-a em seus braços, sem que ela oferecesse qualquer resistência; e começou a ter prazeres de amor na companhia dela. Depois que ela provou tais prazeres — não tendo sabido nunca, antes disso, com o que é que os homens agridem —, arrependeu-se de não haver acedido às solicitações anteriores de Pericão. Sem esperar que ele a convidasse para outras noites tão doces como aquela, muitas vezes ela mesma se convidou, mas não com palavras, porquanto não sabia falar idioma que o homem entendesse, e sim por meio de fatos.

A Fortuna, porém, não se deu por satisfeita com a circunstância de a reduzir, de prometida esposa de rei, que era, a amante de simples castelão, que passara a ser. E, naquele grande prazer, dele e dela, interpôs uma amizade ainda mais cruel. Pericão, com efeito, tinha um irmão, da idade de 25 anos; era belo e fresco como uma rosa; chamava-se Marato. Este moço viu aquela mulher, cuja figura muitíssimo lhe agradou; e pareceu-lhe, pelo que lhe era dado compreender através dos atos dela, que ele também lhe caíra nas graças. Imaginando que aquilo que ele desejava não lhe era vedado a não ser pela guarda que Pericão montava junto à pessoa da mulher, entrou a pensar um pensamento impiedoso; e ao pensamento se seguiu, sem tardança, o ato criminal.

Encontrava-se, então, por acaso, no porto da cidade, um navio já carregado de mercadorias, pronto para se fazer de vela com destino a Clarença,¹ na România; deste navio, os patrões eram dois jovens genoveses; a vela já estava desferrada, para que, assim que soprasse bom vento, se pudesse partir. Com esses dois moços Marato se entendeu, assestando-se a maneira pela qual ele seria recebido, em companhia da mulher, na noite seguinte.

Tudo ficou combinado. A noite caiu. O que se deveria efetuar já estava disposto. Então, Marato dirigiu-se ao castelo de Pericão, que, de nada suspeitando, contra nada se punha em guarda, relativamente ao seu irmão. Dirigiu-se para lá em segredo, na companhia de uns poucos amigos da máxima confiança, cujo auxílio solicitara para executar o que planejava. No castelo, ocultou-se de conformidade com a ordem preestabelecida. Depois de haver transcorrido parte da noite, Marato abriu o castelo aos seus companheiros; e

todos foram para o aposento onde Pericão e a mulher dormiam. Abriram o aposento. Mataram Pericão, que não se despertou; ameaçaram de morte a mulher, triste e chorosa, se ela produzisse algum barulho; e agarraram-na. Com boa parte das coisas mais preciosas de Pericão, todos se retiraram para a praia, sem ser percebidos por ninguém. Ali, sem a menor perda de tempo, Marato e a mulher subiram para bordo do navio; e os seus companheiros regressaram aos respectivos lugares.

Soprando vento bom e fresco, os marinheiros armaram a vela para a viagem.

A mulher lamentou enormemente, seja a sua primeira desventura, seja este seu segundo episódio de malfadada sorte. Marato, porém, com os recursos que Deus lhe deu, começou por tal forma a consolá-la, que ela, esquecendo-se de si mesma na companhia dele, se esqueceu completamente também de Pericão.

Já se lhe afigurava estar bem, quando a sorte lhe preparou nova tristeza, como se não se houvesse dado por satisfeita com as amarguras anteriores. Sendo ela mulher belíssima de formas, como várias vezes dissemos, e possuindo maneiras muito agradáveis, os dois jovens donos do navio se apaixonaram tanto pela filha do sultão, que por ela esqueceram todas as outras coisas; passaram a nada mais fazer que não fosse servi-la e agradá-la, embora procurando sempre evitar que Marato percebesse a verdadeira causa disso.

Um dos dois moços genoveses bem que notou o que ocorria com o outro — e o mesmo aconteceu com este em relação àquele. Sobre isto, estabeleceram um entendimento secreto; combinaram ir juntos à aquisição daquele amor em comum, mais ou menos como se o amor pudesse tolerar semelhante hipótese, à maneira do que se faz com as mercadorias e os lucros. A mulher era vigiada muito de perto por Marato; e isso impedia que eles, os dois moços, levassem a efeito as próprias intenções. Um dia, singrava o navio com vela panda e veloz. Marato encontrava-se na popa, olhando para o mar. De coisa alguma suspeitava, da parte dos dois moços, e, por isso, não se mantinha em guarda em relação a eles. Assim, agindo de mútuo acordo, os dois patrões correram, rápidos, para perto de Marato, agarraram-no por trás e atiraram-no ao mar. Mais de uma milha de distância o navio percorreu, antes que qualquer pessoa de fato notasse o que acontecera, isto é, que Marato caíra ao mar.

Ao saber disto, e não vendo maneira alguma de o salvar, a mulher começou nova série de lamentações a bordo. Os dois moços correram, incontinente, a confortá-la; seja com palavras doces, seja com promessas de grande vulto, embora disso bem pouco ela conseguisse compreender, eles

esforçaram-se por aquietá-la; não perceberam que não era propriamente o homem perdido, mas principalmente a sua repetida desventura, o de que ela se lamentava. De longos e suaves sermões se fez uso, até que pareceu, aos dois moços, que ela se havia tranquilizado. Então, entraram a discutir entre si, para saberem qual dos dois deveria, por primeiro, levar a mulher consigo para a cama. Como cada qual queria ser o primeiro, e como não era possível encontrar a maneira de se harmonizarem os arroubos, os dois começaram a exaltar-se. Fizeram, de início, uso de palavras violentas; travaram, depois, dura luta corporal; por fim, inflamando-se de ira, os dois tomaram dos respectivos cutelos e se arremessaram furiosamente um contra o outro. Os que se encontravam a bordo do navio não conseguiram separá-los. Vários golpes eles vibraram um no outro, e vários um do outro recebeu. Em certa altura, um deles tombou morto, na coberta do navio. O outro, embora atingido gravemente em diversas regiões da própria pessoa, permaneceu em vida.

Isto desagradou profundamente à mulher. Ela via-se ali, sozinha, sem poder socorrer-se da ajuda ou do conselho de quem quer que fosse. Receou muito, e com carradas de razão, que se desencadeasse contra ela a fúria dos parentes e dos amigos dos dois patrões. Contudo, os rogos do sobrevivente ferido e a circunstância de o barco chegar logo a Clarença a livraram do perigo da morte. Em Clarença, ela desceu com o ferido a terra firme, passando a morar com ele num hotel.

Com enorme rapidez, correu, pela cidade, a fama da grande beleza da filha do sultão; tal fama chegou aos ouvidos do príncipe da Moreia,² que, no momento, se encontrava em Clarença. O príncipe quis vê-la; ela afigurou-se-lhe ainda mais bela do que dela dizia a vasta reputação; ele apaixonou-se subitamente pela mulher; e apaixonou-se de tal forma que, afinal, já nem sequer podia pensar em outra coisa. Conseguindo saber de que maneira ela havia chegado à cidade, imaginou que lhe seria lícito tratar de possuí-la. Procurou pôr em execução os seus propósitos. Os parentes do ferido, ao terem notícia de tais propósitos, não esperaram coisa alguma; enviaram a mulher ao príncipe. O nobre senhor apreciou extraordinariamente esta circunstância; e a mulher também a considerou valiosa, uma vez que, através dela, se pôde considerar salva de um perigo enorme. O príncipe contemplou-a; viu que, além da beleza, ela se exornava de costumes reais; não podendo, de forma alguma, saber quem ela era, achou que deveria considerá-la mulher de grande nobreza; e, por isso, o seu amor por ela se redobrou. Tendo-a junto de si, e prestando-lhe grandes honras, não a tratava como amante, e sim como se ela

fora sua própria esposa. A mulher nutria algum respeito para com os próprios sofrimentos passados; agora, parecia-lhe estar tudo muito bem; sentiu-se reconfortada; fez-se alegre; sua beleza refloresceu; e pareceu que a România inteira não tivesse outro assunto para comentar, afora essa beleza.

Por esta razão, o duque de Atenas, jovem belo de rosto e bem-conformado de físico, amigo e parente do príncipe, manifestou desejo de vê-la. Fingindo ir em visita ao príncipe, como por vezes costumava fazer, viajou para Clarença, com brilhante e honrosa comitiva. Ali, foi recebido com todas as homenagens e com grande festa. Dias após, conversando juntos, o duque e o príncipe, sobre a beleza da referida mulher, o primeiro perguntou, ao segundo, se ela era tão maravilhosa como a fama dava a entender. Ao que o príncipe respondeu:

— Muito mais; disto, entretanto, sejam testemunhas, não as minhas palavras, e sim os seus próprios olhos.

Por solicitação do duque, foram, juntos, aonde ela se encontrava. A mulher fora informada, com antecedência, da visita; recebeu-os, pois, com maneiras elevadas e semblante amável. Os dois fizeram com que ela se sentasse entre eles; mas não se pôde auferir prazer da conversação, porque ela quase nada entendia do idioma que eles usavam. Tanto o duque como o príncipe a contemplavam como visão de maravilha; e mais ainda a contemplava assim o duque, que mal conseguia crer que ela fosse criatura mortal. Imaginou que, olhando-a, daria satisfação ao seu prazer de contemplar uma linda mulher; mas não percebeu que, na realidade, contemplando-a, ia bebendo, com os olhos, o veneno do amor. Assim, enleou-se, e acabou enamorando-se ardentemente daquela mulher. Depois, em companhia do príncipe, o duque retirou-se da presença dela; mais tarde, teve tempo de pensar por sua própria conta. Achou que o príncipe era homem mais feliz do que todos os outros, por ter mulher tão maravilhosa à sua disposição. Após muito meditar, e por várias formas o fazer, o que acabou por pesar mais do que a sua honestidade foi o seu amor. Deliberou que, acontecesse o que acontecesse, privaria o príncipe de tamanha felicidade, a fim de fazer a si mesmo feliz. Convenceu-se de que era preciso adiantar-se; pôs de lado toda a razão e todo o critério de justiça; predis pôs o espírito à prática de enganos. E, um dia, de acordo com uma determinação perversa por ele tomada, entrou em combinação com um camareiro secretíssimo do príncipe. O camareiro chamava-se Curiaci. Em segredo, com a cumplicidade desse serviçal de confiança do príncipe, mandou que se

preparassem todos os seus cavalos e todas as suas coisas, como se fora para partir dali.

Na noite seguinte, juntou-se a um companheiro; os dois, armados, foram conduzidos, silenciosamente, por Curiaci, ao dormitório do príncipe. Viram que, no aposento, a mulher dormia; e que o príncipe, devido ao calor, estava todo nu, a uma janela que dava para o mar, a fim de aproveitar o refrigério de uma brisa que soprava das bandas marinhas. O duque havia informado o seu companheiro, com antecipação, sobre aquilo que deveria fazer; quanto a si próprio, atravessou, quietamente, a sala, indo até à janela. Ali, com um punhal, golpeou o príncipe, por trás, à altura dos rins, fazendo com que a ponta da arma reaparecesse do outro lado do corpo. A seguir, sem perda de tempo, agarrou-o e atirou-o para o lado de fora. O palácio fora construído no mar, em cima das águas; e seu piso estava muito alto. A janela pela qual o príncipe olhava naquela noite, dava para certas casas que o ímpeto das vagas fizera ruir. Raramente aquelas casas eram visitadas por alguém. Assim, aconteceu, como o duque previra, que a queda do corpo do príncipe não foi, nem poderia ser, percebida por quem quer que fosse. O companheiro do duque estava com um laço à mão. E, vendo o duque levar a termo a parte que lhe cabia, fingiu brincar amistosamente com o camareiro Curiaci; em determinado momento, atirou o laço ao pescoço desse serviçal e traidor do príncipe; e o fez por tal forma, que Curiaci não produziu rumor algum. Quando o duque voltou da janela, para perto do seu companheiro, os dois, combinando forças, estrangularam o camareiro. O corpo deste foi atirado para fora, como o havia sido o do príncipe.

O duque e o seu companheiro se certificaram, de modo absoluto, de que não haviam sido notados, nem pela mulher, que dormia, nem por qualquer outra pessoa. Então, o duque tomou de um lume e levou-o para junto da cama; em silêncio, descobriu o corpo todo da mulher, que continuava em sono profundo. Contemplando-a por inteiro, louvou-lhe a beleza; se, vestida, ela já era do seu agrado, nua se lhe afigurava encantadora além de todo termo de comparação. Sentiu-se, pois, tomado de impetuoso desejo; e, sem ser perturbado pelo recente assassinio por ele mesmo posto em prática poucos momentos antes, deitou-se ao lado dela. Estava com as mãos ainda cheias de sangue. A mulher despertou-se a meio, mas continuou tomada de sono; julgando que era o príncipe quem ali estava, deixou-se ficar. Depois que se entreteve com ela, disso auferindo enormíssimo prazer, ele saiu do leito. Mandou que vários dos seus homens entrassem na alcova. Ordenou que

agarrassem a mulher, de modo que ela não pudesse fazer barulho algum; e, por uma porta falsa, por onde entrara, mandou que a levassem de lá. Puseram-na no dorso de um cavalo, numa atmosfera em que reinou tanto silêncio quanto possível. A seguir, o duque, em companhia de todos os seus, se pôs a caminho, regressando a Atenas. Como, porém, ele era casado, não rumou propriamente para Atenas, mas sim para um belíssimo lugar que possuía, e que ficava um pouco fora da cidade, sobre o mar. Ali, alojou a mulher, que se mostrava, no momento, extremamente pesarosa. O duque determinou que ela ali se conservasse, em sigilo; mas dispôs que lhe prestassem todas as honras, e que a servissem com tudo quanto ela houvesse por bem ser servida.

Na manhã seguinte, os cortesãos do príncipe esperaram, até a hora nona, que ele saísse de seus aposentos. Entretanto, não ouvindo rumor algum, empurraram as portas das salas, pois encontraram todas apenas cerradas. Não deram com pessoa alguma. Admitiram que, às escondidas, o príncipe houvesse partido para algum lugar, a fim de lá permanecer uns dias, à vontade, com aquela esplêndida mulher. Por isto, ninguém se preocupou mais com a sua ausência.

Estavam as coisas nesta situação. No dia seguinte, aconteceu que um louco, passando pelas ruínas onde haviam tombado os corpos do príncipe e de Curiaci, viu a ponta do laço; pelo laço, puxou o cadáver de Curiaci para fora; e começou a andar, arrastando-o atrás de si. Não sem surpresa, o cadáver foi reconhecido por muita gente; esta gente tratou de fazer com que o louco a levasse para o ponto onde havia encontrado aquele corpo. Ali, com grande dor da cidade inteira, foi achado o corpo do príncipe, que depois se sepultou com todas as honras. Os notáveis da cidade procederam a investigações, para identificar os perpetradores de tão estúpido delito. Verificaram que o duque de Atenas ali não mais se achava — e que havia partido furtivamente; concluíram, por aí, que deveria ser ele o autor dos crimes, no propósito de raptar e levar consigo a mulher. Imediatamente, os cortesãos substituíram o príncipe morto por outro príncipe, irmão do falecido; e o incitaram à vingança.

O novo príncipe certificou-se de que todas as coisas tinham transcorrido como foram presumidas. Chamou, pois, a si, amigos, parentes, mercenários e servil de diversos pontos do país. Congregou, assim, um exército grande, poderoso e aguerrido; e ergueu-se para mover guerra ao duque de Atenas. Ao saber disto, também o duque envidou esforços a fim de se aparelhar para a sua defesa. Em seu auxílio, muitos senhores acorreram. Entre estes, figuraram, enviados pelo imperador de Constantinopla, os moços Constanço, seu filho, e

Manovello, seu sobrinho, ambos à testa de gente muito bem armada. Todos foram recebidos, pelo duque, com grandes honras; e, com honras maiores ainda, o foram pela verdadeira duquesa, porquanto esta era irmã de Constanço.

Precipitando-se as coisas cada vez mais, no sentido da deflagração da guerra, a cada dia que se passava, a duquesa, a seu tempo, chamou para os seus aposentos os dois enviados de Constantinopla. Ali, com muitas lágrimas e palavras bastantes, narrou-lhes a história toda, expondo a causa real daquela guerra. Apontou o ludíbrio de que estava sendo vítima, da parte do duque e da amante deste, que o duque ainda pensava que conservava em segredo. Queixou-se amargamente disto. E suplicou-lhes que tratassem, da melhor maneira que lhes fosse possível, tanto da honra do duque, como do consolo dela própria. Os dois moços sabiam como aquilo tudo tinha acontecido. Assim, sem fazer mais perguntas, confortaram a duquesa com as palavras mais amigas que encontraram; animaram-na com boas esperanças; e, informados, por ela, quanto ao lugar em que a amante do duque se ocultava, despediram-se. Tendo ouvido dizer, muitas e muitas vezes, que aquela amante era mulher de maravilhosa beleza, manifestaram o desejo de vê-la; e rogaram, ao duque, que a mostrasse.

O duque mal se recordava do que havia acontecido ao príncipe, por ter mostrado aquela mulher a ele mesmo, duque. E prometeu mostrá-la. Para apresentá-la, mandou servir um almoço magnífico no belíssimo jardim que havia no lugar em que aquela mulher se ocultava. No dia seguinte, pela manhã, para lá se dirigiu o duque, na companhia dos dois moços e de mais uns poucos amigos. Constanço, sentando-se ao lado da mulher, começou a examiná-la, maravilhado; afirmou, de si para consigo, que jamais vira criatura tão bela; e reconheceu que, por certo, se deveria escusar o duque, como se escusaria qualquer outra pessoa que, para tomar posse de tão estupenda mulher, praticasse ato de traição, ou não importa que outro ato desonesto. Contemplando-a vezes e vezes seguidas, e louvando-a cada vez mais, aconteceu a ele, Constanço, o que havia acontecido ao duque. Dali, Constanço se retirou profundamente enamorado; abandonou todo pensamento que com a guerra se relacionasse; e pôs-se a meditar sobre como lhe seria possível tolher aquela maravilha de mulher das mãos do duque. Ocultou, todavia, habilmente, o seu amor aos olhos de todos.

Contudo, enquanto Constanço ardia neste fogo de amor, chegou o dia em que era preciso marchar contra o príncipe, que já se aproximava das terras do duque. Por esta razão, o duque, Constanço e todos os outros saíram de Atenas,

de acordo com uma ordem predeterminada. As forças foram postar-se na linha de certas fronteiras, a fim de que o príncipe não pudesse avançar para muito perto de Atenas. Ali estiveram as hostes vários dias. Constanço andou com o espírito e o ânimo voltados para aquela mulher. Imaginou que, agora, quando o duque não mais se encontrava ao lado dela, poderia, com facilidade, satisfazer as suas aspirações e os seus prazeres. E, para ter motivo de regressar a Atenas, mostrou-se fortemente adoentado. Com permissão do duque, transferiu toda a sua autoridade a Manovello; e partiu de regresso a Atenas. Lá se encontrou com a duquesa, sua irmã. Dias após, conversou com ela, sobre a desfeita que ela sofria, da parte do duque, pelo fato de o duque, seu marido, prosseguir mantendo a amante. Disse-lhe que, quando o quisesse, ele bem que poderia ajudá-la, mandando retirar a amante do lugar onde se encontrava e remetendo-a para longe. A duquesa imaginou que Constanço fazia semelhante coisa por amor a ela, sua irmã, e não por entusiasmo para com aquela mulher, que aspirava a possuir. Por isto, a duquesa respondeu ao irmão que gostaria que tal coisa se fizesse, desde que tudo fosse feito de tal forma que o duque nunca soubesse haver ela consentido no rapto. Constanço prometeu que assim seria. Então, a duquesa consentiu em que ele agisse como melhor entendesse.

Em sigilo, Constanço mandou que se armasse uma barca esguia; certa noite, mandou que essa barca fosse levada para perto do jardim da residência daquela mulher. Deu instruções, a todos os que se achavam a bordo da barca, sobre o que cada um deveria fazer. A seguir, com outros companheiros, rumou para o palácio onde a mulher vivia. Constanço foi bem recebido por todos os que se achavam a serviço da mulher; e também a mulher o recebeu com alegria. A mulher encaminhou-se para o jardim, acompanhada pelos próprios serviços domésticos, pelo nobre Constanço e pelos amigos deste. Fingindo desejar falar com a mulher, a sós, da parte do duque, Constanço dirigiu-se, com ela, para perto de uma porta que se abria para o mar. A porta já havia sido aberta por um dos companheiros de Constanço. Ali, ele chamou a barca, com o sinal combinado; deixou que a mulher fosse rapidamente agarrada e levada para bordo. Depois, voltando-se para a criadagem dela, disse:

— Quem não quiser morrer, que não se mova, nem diga palavra; eu não quero roubar, ao duque, a mulher que ele possui; o que desejo é retirar a vergonha que ele impõe à minha irmã.

Ninguém ousou responder.

Constanço, embarcando com os seus e com a mulher, aproximou-se da amante do duque, que chorava; e ordenou que se desse com os remos na água e

se partisse. O barco, mais do que singrar, voou; e, quase ao raiar do dia seguinte, chegou a Egina. Ali, todos desceram para a terra firme. Repousando, Constanço entreteve-se amorosamente com a mulher que chorava as vicissitudes a que se via atirada, devido à sua desventurada beleza. Depois, regressaram todos à barca, e, dentro de poucos dias, chegaram a Quios. Ali, aprouve a Constanço que a mulher se acolhesse em lugar seguro; temia ele que o imperador de Constantinopla, seu pai, o repreendesse, e também que a mulher por ele roubada lhe fosse arrancada das mãos. Em Quios, a linda mulher chorou a sua triste sina durante vários dias. Mas também nessa ilha, reconfortada, como foi, frequentemente, por Constanço, começou, como fizera todas as outras vezes, a tomar gosto para com aquilo que a sorte lhe havia preparado.

Enquanto estas coisas corriam por esta forma, Osbeque, então rei dos turcos, que se encontrava em guerra contra o imperador de Constantinopla, surgiu, nesta época, por acaso, em Esmirna. Ali ficou sabendo como Constanço permanecia em Quios, sem cautela alguma, todo entregue a uma vida de lascívias, com a bela mulher que havia raptado. O rei armou, então, alguns pequenos barcos; certa noite, rumou, com eles, para Quios, onde desembarcou, com sua gente, em terra firme. Muita gente, do lado de Constanço, foi surpreendida ainda na cama, antes de perceber que eram os inimigos que tinham chegado. Por fim, uns poucos homens, que, percebendo o que acontecera, tentaram pegar em armas, foram mortos; a terra toda foi devastada; as coisas saqueadas e os prisioneiros capturados foram remetidos para bordo dos barcos; e tudo rumou de regresso a Esmirna.

Osbeque era homem moço. Ao chegar a Esmirna, e ao examinar a presa, deparou com a bela mulher; soube que se tratava daquela que fora apanhada enquanto dormia, na cama, em companhia de Constanço. Mostrou-se extremamente satisfeito por vê-la ali. Sem a menor perda de tempo, fê-la sua esposa; celebrou as núpcias; e com ela dormiu no mesmo leito, durante vários meses.

Antes que estas coisas ocorressem, o imperador de Constantinopla havia concluído um tratado com Basano, rei da Capadócia, a fim de que este descesse contra Osbeque, com suas forças, por um lado, enquanto ele, imperador, o assaltaria pela outra banda. O imperador ainda não havia equipado a tropa de Basano com todo o equipamento que este solicitava, por julgar pouco conveniente fazer o que ele pedia. Ao saber, porém, do que se passara com o próprio filho, sentiu-se profundamente magoado. Sem mais demora alguma,

satisfez todos os pedidos do rei da Capadócia, ao qual solicitou que descesse, o mais cedo possível, contra Osbeque; e preparou-se, ele próprio, para efetuar o assalto pelo lado oposto.

Ao ouvir tais coisas, Osbeque reuniu o próprio exército e, antes que ele ficasse imprensado entre os dois senhores extremamente poderosos, marchou contra o rei da Capadócia. Deixou, em Esmirna, a sua bela mulher, sob a guarda de um familiar amigo, reconhecidamente fiel. Combateu contra o rei da Capadócia, ao enfrentá-lo, algum tempo depois. Osbeque morreu na batalha; seu exército, depois de derrotado, foi disperso. Assim, Basano, vitorioso, começou a marchar desobstruídamente na direção de Esmirna. Enquanto marchava, toda a gente, pelo caminho, lhe prestava obediência, como ocorre a quem é vencedor.

O familiar de Osbeque, que se chamava Antíoco, e sob cuja guarda a bela mulher ficara, era homem de idade bem madura; ainda assim, vendo-a tão linda, deixou de ser fiel ao seu amigo e senhor; enamorou-se dela. Sabia o idioma que a filha do sultão falava. E isto agradou muito à moça, porquanto ela, durante vários anos, vivera como se fora surda e muda; não entendera pessoa alguma, nem por pessoa alguma fora entendida. Instigado pelo amor, Antíoco começou a usar de grande familiaridade com ela, logo ao cabo de uns poucos dias. Não muito depois, sem a menor contemplação para com o seu senhor, que se encontrava de armas na mão e em plena guerra, os dois tornaram a familiaridade não somente amistosa, mas também amorosa. Passaram a obter, um do outro, prazeres maravilhosos, sob os lençóis. Certo dia, Antíoco e a moça ouviram a notícia de que Osbeque fora vencido e morto. A notícia acrescentava que Basano estava procedendo à pilhagem de todas as coisas. O velho e a moça resolveram não esperar por Basano em Esmirna. Tomaram consigo muitas e muitas coisas de Osbeque, que ali se achavam; e, juntos, às ocultas, partiram a caminho de Rodes. Nessa ilha, dentro de pouco tempo, Antíoco adoeceu muito gravemente. Por acaso, apareceu, em casa de Antíoco, um mercador cipriota, muito amado por ele, e, de fato, seu grande amigo. Antíoco, notando que a morte se aproximava, pensou em deixar, a esse amigo, os seus bens e a sua querida amante. Quando se viu bem perto do fim, chamou o amigo e a amante e disse-lhes:

— Percebo, sem dúvida nenhuma, que minhas forças se vão. Isto me magoa muito, porque nunca me foi tão agradável viver como nestes últimos tempos. É verdade que morro satisfeito com uma coisa: mesmo tendo de morrer, vejo-me morrer nos braços das duas pessoas que amo muito mais do

que quaisquer outras que existem no mundo; isto é, nas suas mãos, meu caro amigo, e nas desta mulher, que amei mais do que a mim mesmo, depois que a conheci. Não há dúvida que muito me pesa ver que, após a minha morte, ela por aqui fica, na qualidade de forasteira, sem auxílio e sem conselho. Mas muito mais me pesaria esse fato, se eu aqui não tivesse você. Estou certo de que você cuidará dela, por amor a mim, como se de mim mesmo cuidasse. Peço-lhe, pois, com o máximo de minhas forças, que os meus bens e ela lhe sejam objeto de atenção, fazendo você, de uma e de outra coisa, o que melhor julgar que possa servir de consolo à minha alma. A você, querida moça, peço que, depois de minha morte, não se esqueça de mim; assim, poderei, do lado de lá da vida, vangloriar-me de ser, do lado de cá, amado pela mulher mais bela que a Natureza já formou. Se destas coisas vocês me derem inteira esperança, não há dúvida que me irei desta vida confortado.

Tanto o amigo mercador como a mulher choravam ao ouvir estas palavras. Depois que Antíoco concluiu, o amigo e a moça o confortaram, prometendo-lhe, pela fé de cada qual, fazer o que ele pedia que se fizesse, se acontecesse vir ele a falecer. Antíoco pouco durou; morreu e foi por eles sepultado com todas as honras.

Poucos dias após, o mercador cipriota liquidou os seus negócios em Rodes. Desejou regressar a Chipre, numa escuna de catalães, que no porto se encontrava. Perguntou, à moça, o que é que ela preferia fazer, embora fosse conveniente, para ele, voltar a Chipre. A mulher respondeu que de bom grado partiria com ele; esperava que, por amor de Antíoco, seria por ele tratada e respeitada como irmã. O mercador esclareceu que com qualquer coisa se contentava, desde que lhe desse prazer, a ela. A fim de que a pudesse defender de toda injúria que viesse a ocorrer, disse, a todos, que a mulher era sua esposa. Afinal, embarcaram. Foi-lhes dada uma saleta, na popa. Com o propósito de evitar que os fatos desmentissem as palavras, ele com ela passou a dormir numa cama relativamente pequena. Em consequência disto, aconteceu aquilo que nenhum dos dois tivera em mente, ao partir de Rodes. O que aconteceu, sob o estímulo da escuridão noturna, da comodidade da situação e do calor do leito (cujas forças não são pequenas), foi que os dois se esqueceram da amizade e do amor do falecido Antíoco. Os dois se sentiram atraídos um pelo outro, por apetite quase igual; começaram a cutucar-se; e, antes de chegar a Bafa, para onde o cipriota se dirigia, já haviam experimentado as delícias do novo parentesco. Em chegando a Bafa, a moça continuou a viver com o mercador.

Ocorreu, por simples acaso, que apareceu, em Bafa, por um motivo qualquer, um gentil-homem, que se chamava Antígono. A idade dele era grande; mas o ânimo era ainda maior; e a riqueza, pequena. Imiscuíra-se excessivamente nos negócios do rei de Chipre; e a Fortuna fora-lhe adversa. Este gentil-homem passou, de uma feita, pela casa onde a linda mulher morava; o mercador cipriota havia partido, com suas mercadorias, para a Armênia; e Antígono viu a mulher assomada a uma janela da casa. Como a mulher era belíssima, o ancião começou a fitá-la; e tratou, de si para consigo, de recordar-se de que já a vira outra vez; mas não conseguiu lembrar-se onde. A linda moça, que por longo tempo se vira transformada em brinquedo da Sorte, achou que se aproximava a época em que os seus males deveriam encontrar o fim. Ao ver Antígono, logo se recordou de o haver encontrado em Alexandria, a serviço de seu próprio pai, em muito boa posição social. Nova esperança de súbito se inflamou no ânimo da moça; sempre seria possível regressar ao estado de realeza em que se encontrava quando partira, desde que não lhe faltasse o conselho daquele homem. Assim, pois, que o seu mercador se ausentou, ela mandou chamar Antígono. Ele compareceu. Com demonstrações de pundonor, ela perguntou-lhe se ele era Antígono, de Famagusta, como ela julgava que fosse. Antígono respondeu que sim; e, além disso, acrescentou:

— Senhora: parece-me que a estou reconhecendo; mas de forma alguma consigo recordar-me onde a vi antes. Por isto, peço-lhe que, se não for de seu desagrado, me ajude a memória quanto à sua identidade.

A mulher, passando a saber que ele era, mesmo, quem ela supusera, atirou-se-lhe ao pescoço e começou a chorar; depois de alguns momentos, perguntou-lhe, a ele, que se sentia completamente estupefato, se não se recordava de a haver visto em Alexandria. Ao ouvir esta pergunta, Antígono reconheceu, incontinente, a moça; ela era Alatiel, filha do sultão, que se acreditava que houvesse morrido no mar; e quis fazer-lhe a devida reverência; ela, porém, não o permitiu; e pediu-lhe que se sentasse alguns momentos ao seu lado. Antígono sentou-se. Com toda a reverência, ele perguntou-lhe como, quando e de onde ela chegara a Chipre; e informou-a de que, por toda a terra do Egito, se tinha por certo que ela perecera afogada no mar, vários anos passados. Ao que a mulher comentou:

— Bem desejaria eu que assim fosse, ao invés de ter eu tido a vida que tive; e acredito que meu pai também pensará dessa forma, se algum dia o souber.

Depois de dizer isto, recomeçou a chorar com arte maravilhosa; e, por esta razão, Antígono lhe disse:

— Senhora: não se desconsole antes que se torne necessário. Se lhe agrada, conte-me as suas peripécias; diga-me que espécie de vida foi a sua. Por acaso, tudo poderá ser levado avante por tal forma, que recebamos, com a ajuda de Deus, boa compensação.

— Antígono — disse a linda mulher —, afigurou-se-me, assim que o vi, ver meu pai; foi por aquele amor, por aquela ternura que nutro por ele, que resolvi revelar-me, embora pudesse prosseguir ocultando-me. De bem poucas pessoas posso dizer que, ao vê-lo, me senti tão contente como de fato me senti, ao ter você diante dos meus olhos. Assim, aquilo que, no decorrer da minha má Fortuna, sempre oculte, vou tratar de revelar-lhe, como se você fosse meu pai. Se você achar, depois de tudo ouvir, que poderá, por alguma forma, fazer-me voltar à antiga situação, suplico-lhe que o faça; se não achar, imploro-o para que nunca diga, a ninguém, que me viu, nem que alguma coisa sobre mim ouviu.

Dito isto, e sempre chorando, contou-lhe o que lhe acontecera, desde o dia em que o seu navio encalhou em Maiorca até àquele ponto em que agora se achava. De piedade, Antígono começou a chorar; mas, depois de pensar um pouco, disse:

— Senhora: uma vez que se manteve oculta a sua identidade, através de todos os seus infortúnios, não há dúvida que eu a tornarei mais cara do que nunca a seu pai, e, depois, ao rei do Garbo, para que este a receba como esposa.

Depois de perguntar, a ela, como acharia melhor agir, expôs, em boa ordem, o que deveria ser feito. E, para que nova peripécia não interferisse, por delonga, Antígono regressou a Famagusta; apresentou-se ao rei, ao qual disse:

— Senhor meu: se vos agrada, podeis, ao mesmo tempo, conquistar grande e nova honra, para vós, e praticar, para mim, que sou pobre por vossa glória, grande e útil serviço, sem qualquer custo de vossa parte.

O rei perguntou como. Antígono, então, disse:

— Chegou a Bafa a bela e jovem filha do sultão, de quem dizia a fama que há muito tempo se tinha afogado no mar. Para conservar a sua honestidade, ela sofreu enormes privações, por longo tempo; no momento, encontra-se em estado de extrema pobreza; deseja regressar para junto de seu pai. Se vos aprouvesse remetê-la à casa paterna, sob minha guarda, isto faria grande honra a vós e grande bem a mim. E penso que tal serviço nunca se apagaria da memória do sultão.

O rei, impelido por sentimento de genuína honradez, respondeu, sem hesitar, que lhe agradaria fazer o que lhe estava sendo sugerido. Mandou que fossem buscar a moça e a levassem para Famagusta, onde foi recebida, por ele e pela rainha, com festas magníficas e com honrarias excepcionais. Interrogada, depois, pelo rei e pela rainha, a propósito da vida que estivera vivendo, ela, de acordo com as instruções dadas por Antígono, a tudo respondeu e tudo contou. Poucos dias após, a pedido da moça, o rei a enviou ao sultão, acompanhada de brilhante e honrosa comitiva composta de homens e mulheres, tudo sob a direção geral de Antígono.

Ninguém pergunte se ela foi recebida com festas pelo sultão, seu pai. O mesmo se diga quanto a Antígono e a toda a comitiva.

Depois que a moça repousou o suficiente, o sultão quis saber, dos lábios dela, como foi que aconteceu ela continuar viva. Perguntou-lhe, igualmente, onde estivera, sem nunca lhe comunicar coisa alguma quanto à situação em que se encontrava. A moça, que conservava muito bem, na memória, as instruções dadas por Antígono, junto do pai assim começou a falar:

— Meu pai: aquilo aconteceu, talvez, no vigésimo dia depois da minha partida; em consequência de violenta tempestade, o nosso navio, desconjuntado, foi bater em certas praias, lá pelo Poente, perto de um lugar chamado Aguamorta. O episódio ocorreu à noite. Não sei, nem jamais soube, o que aconteceu com os homens que se encontravam a bordo. O de que me recordo é que, quando repontou o dia, eu, que estava quase morta, ressurgi para a vida. O navio já havia sido avistado pelos habitantes locais; estes habitantes da região acorreram todos, prontos para roubar. Eu e duas das minhas damas fomos desde logo largadas numa praia. Sem perda de tempo, fomos agarradas pelos moços, os quais trataram de fugir, uns com umas, outros com outras. O que com elas aconteceu, nunca eu o soube. A mim, sei que dois moços me agarraram; que me puxaram pelas tranças; que eu me pus a chorar cada vez mais copiosamente. Aconteceu que estes moços que me arrastavam passaram por uma estrada, a fim de entrar num bosque enorme. Por essa estrada passavam, no momento, quatro homens a cavalo. Assim que os que me arrastavam viram estes homens, ali mesmo me abandonaram, pondo-se a fugir. Os quatro homens que, pela fisionomia, me pareceram de grande autoridade, perceberam o que se passava. Correram para onde eu me encontrava; e muita coisa me perguntaram; eu respondi muita coisa; mas nem eu fui compreendida por eles nem eu os compreendi. Os quatro homens, depois de longo conciliábulo, me puseram em cima de um dos cavalos e me levaram a um

convento de mulheres, de acordo com suas leis religiosas. Ali, talvez por efeito do que os homens disseram, fui generosissimamente recebida e sempre muito homenageada. Daí por diante, e com grande devoção, servi, juntamente com elas, a determinado símbolo ao qual as mulheres daquele país querem muito bem. Entretanto, depois de permanecer entre elas por algum tempo, e de aprender alguma coisa da língua delas, elas me perguntaram quem eu era e de onde procedera. Eu bem sabia de onde procedia; contudo, temi que, se dissesse a verdade, seria expulsa de entre elas, na qualidade de inimiga de sua religião; respondi, pois, que era filha de um grande gentil-homem de Chipre, que me havia enviado a Creta, para que eu ali me casasse. Por má sorte, acrescentei, fôramos todos perseguidos no mar, sendo desmantelado o nosso barco. Muitas vezes, em muitas coisas, por temer imposição pior, observei os costumes das minhas companheiras. Sendo-me perguntado, pela mais importante das mulheres do convento, que as outras chamavam “abadessa”, se me agradaria regressar a Chipre, respondi que nada eu desejava com mais ardor. Ela, porém, preocupada com a minha honra, nunca se resolveu a me confiar a qualquer pessoa que viajasse a caminho de Chipre. Aconteceu que, há coisa de uns dois meses, apareceram, por lá, certos homens bondosos, de França, com as respectivas esposas; entre estas pessoas, havia uma ou outra parenta da abadessa. Vindo ela a saber que aqueles homens se dirigiam a Jerusalém, a fim de visitar a sepultura onde foi colocado o corpo d’Aquele que julgavam ser seu Deus, e que foi morto pelos judeus, recomendou-me a esses homens, pedindo-lhes que me entregassem a meu pai, em Chipre. Seria longo contar quanto aqueles gentis-homens me homenagearam, e com quanta alegria as respectivas esposas me receberam. Embarcamos, pois, num navio; depois de alguns dias, chegamos a Bafa. Ali, eu não conhecia pessoa alguma; não sabia o que dizer aos gentis-homens que queriam entregar-me a meu pai; era isso o que lhes havia sido recomendado e imposto pela veneranda mulher abadessa. Deus me ajudou, porém, pois talvez a minha situação Lhe inspirasse piedade; e fez com que, naquela hora, Antígono passasse pela praia, justamente quando desembarcávamos. Chamei, portanto, o velho Antígono, sem perda de tempo; no nosso idioma, para não ser compreendida pelos gentis-homens, nem pelas mulheres deles, pedi-lhe que me recebesse como se eu fora sua filha. Ele compreendeu tudo, desde logo; fez-me grandes festas; prestou homenagens aos gentis-homens e às respectivas damas, de acordo com as suas pobres possibilidades; e apresentou-me ao rei de Chipre. Este rei me recebeu com grandes honras, e de tal ordem, que nunca me seria possível descrevê-las.

Depois, mandou-me para cá, para junto do senhor. Se alguma coisa resta a dizer, que a conte Antígono, que muitas vezes ouviu esta narrativa de tudo quanto me aconteceu.

Então, Antígono, voltando-se para o sultão, disse:

— Meu senhor: como sua filha me narrou várias vezes, e como aqueles gentis-homens, com os quais ela me apareceu, me contaram, foi assim que as coisas se passaram. Somente, ela deixou por dizer uma parte; creio que, como não fica bem a ela fazer referência ao caso, por isso se calou a tal respeito. É o que aqueles gentis-homens e aquelas nobres damas, com as quais ela desceu em Bafa, me disseram da vida honesta que sua filha viveu na companhia daquelas religiosas; falaram-me todos da sua virtude, dos seus louváveis costumes, por entre as lágrimas e o pranto que tanto os homens como as mulheres choraram quando, entregando-a a mim, se despediram dela. Se eu desejasse referir tudo o que me contaram, não só não me bastaria o dia de hoje, mas também a noite sucessiva não chegaria. Contudo, desejo apenas dizer o que baste para que o senhor compreenda que, ao que as palavras deles patentearam, e, ainda, ao que eu pude verificar, o senhor pode gloriar-se de possuir a filha mais bela, mais honesta e mais virtuosa de quantas filhas possuem os homens que hoje existem e que tragam coroa à cabeça.

Por tais coisas, o sultão promoveu uma festa maravilhosa; várias vezes pediu a Deus que lhe concedesse a graça de poder agradecer, com benefícios, a todos quantos houvessem prestado homenagens e honras à sua filha; mais ainda, esclareceu, gostaria de agradecer ao rei de Chipre, que com tantas honras a havia enviado para junto de si. Depois de vários dias, mandou oferecer presentes riquíssimos a Antígono; e deu-lhe licença para que regressasse a Chipre. Ao rei de Chipre, mandou, por meio de cartas, e também por meio de embaixadores especiais, os mais profusos agradecimentos, pelo muito que fizera em favor da filha.

Depois disto, o sultão quis que aquilo que havia sido começado fosse levado a efeito; por outras palavras: quis que a filha passasse a ser esposa do rei do Garbo. Explicou tudo a este rei; escreveu-lhe dizendo que, se tivesse prazer em tê-la por esposa, mandasse buscá-la. Devido a isto, o rei do Garbo promoveu grandes festas; mandou buscar, com todas as honras, a filha do sultão; recebeu-a com grande alegria. E ela, que, com outros oito homens, talvez dez mil vezes dormira, deitou-se ao lado do rei do Garbo, como se fora pucela; fê-lo crer que assim realmente era; e com ele amenamente viveu muitos

anos. Por isso se passou a dizer: “Boca beijada não perde sabor; ao contrário, renova-se, como faz a lua.”

Notas

¹ Na verdade, esta cidade se encontra na Moreia; ao tempo das Cruzadas, deu o título ao “duque de Clarence”, da casa real inglesa. Existe, ainda hoje, Clarence House, em Londres, que é residência de membros da família real britânica.

² Moreia é a península do Peloponeso, ao sul da Grécia; antigamente dividia-se em Aqueia, Arcádia, Corinto, Elis, Lacônia, Messênia e Siciônia; sob o domínio dos romanos, constituiu a maior parte da Província de Aqueia, desde 146 antes de Cristo até o século IV da era cristã; a partir do século XII, ao tempo do império bizantino, chamou-se Moreia, devido à semelhança de sua forma com a da amora (do latim *morus*).

OITAVA NOVELA

O conde de Antuérpia, falsamente acusado, vai para o exílio; deixa dois filhos seus em lugares diferentes, na Inglaterra; ele, desconhecido, voltando à Irlanda, encontra esses filhos em boas condições. Vai, na qualidade de cavaleiro, para o exército da França. Reconhecido inocente, volta às condições sociais anteriores.



uito suspirada foi, da parte das mulheres, a narrativa dos vários episódios da bela moça. Quem sabe, porém, quais os motivos que determinaram aqueles suspiros? É provável que, entre as ouvintes, algumas houvesse que mais suspirasse pelo encanto de núpcias tão frequentes do que por piedade para com a filha do sultão. Deixando-se, porém, de lado, estas coisas, no momento, diga-se que todos riram muito das últimas palavras proferidas por Pânfilo. Vendo a Rainha que a novela de Pânfilo chegara ao fim, voltou-se para Elisa, ordenando-lhe que, com uma das suas narrativas, prosseguisse na série. Elisa, obedecendo alegremente, assim começou:

— Campo infinitamente vasto é este que, hoje, estamos palmilhando. Não existe pessoa que não possa percorrer esse campo, não apenas uma, e sim dez e mais vezes, de tão rico que a Fortuna o fez das suas coisas novas e graves. Assim, dentre o infinito número das narrativas, que poderiam ser contadas, vou apresentar uma. Digo, pois, que, tendo sido o Império Romano transferido, pelos franceses, a terras de alemães, surgiu, entre uma nação e outra, profunda inimizade, acompanhada de guerra azeda e contínua. Por esta razão, seja para defesa do seu país, seja para ofensiva contra o outro, o rei de França e um seu filho prepararam grandíssimo exército, com o propósito de marchar contra os seus inimigos. Para organizar esse exército, desenvolveram todo o esforço possível do seu reino; e solicitaram a colaboração dos amigos e parentes. Antes, porém, de marchar, formularam o propósito de não deixar o reino sem governo. Sabiam que Válter, conde de Antuérpia,¹ era homem educado e prudente, e que, além disso, figurava na lista dos seus amigos e servidores mais

fiéis. Sabiam, igualmente, que era treinado nas artes da guerra, muito embora parecesse mais adequado às delicadezas de salão do que às canseiras da luta armada. Por isso, nomearam-no, em seu próprio lugar, vigário-geral, com autoridade sobre o governo do reino de França; e partiram para o seu destino.

Válter começou, pois, a exercer, com equilíbrio e sensatez, a função que lhe fora atribuída. Realizava, com frequência, consultas à Rainha e à nora desta. Embora estas duas damas houvessem sido deixadas sob sua custódia, ele prestava-lhes homenagens como se elas fossem suas damas, e dispusessem de autoridade ainda maior do que a sua.

Válter era belíssimo, quanto ao físico; tinha, talvez, uns quarenta anos de idade; era mais agradável ao trato, e mais bem-educado, do que o pudesse ser qualquer outro gentil-homem. Além de tudo isto, era o mais galante e o mais atencioso dos cavaleiros que naqueles tempos se conheciam. Era, também, o que com mais virtudes exornava a própria pessoa.

Aconteceu, um dia, que estavam na referida guerra o rei de França e seu filho. A esposa de Válter havia falecido. Dela lhe ficaram um filho e uma filha, ambos muito pequenos. Costumava ele ir à corte das mulheres antes apontadas; com elas, frequentemente falava das necessidades do reino. De uma feita, a esposa do filho do rei pôs os olhos em cima dele. Essa esposa tomou em consideração, com enorme afeto, a pessoa e os costumes de Válter; e, assim, apaixonou-se fervorosamente por ele. Sentindo-se jovem e fresca, e vendo-o sem mulher alguma, pensou, levianamente, que o seu desejo poderia ser satisfeito. Admitiu que nada a impediria, a não ser a vergonha; por isso, resolveu manifestar-lhe tudo quanto com ela acontecia, e, por essa forma, dissipar aquela vergonha. Estando ela um dia sozinha, e parecendo-lhe chegado o tempo oportuno, mandou chamá-lo, fingindo que com ele desejava falar sobre outras coisas.

O conde, cujo pensamento andava muito longe dos projetos da nora do rei, foi ter com ela, sem demora alguma. Como ela desejou, os dois se puseram sentados numa cama, numa sala, sem outra companhia. O conde já lhe havia perguntado, por duas vezes, quanto ao motivo pelo qual o mandara chamar. E ela continuava a calar-se. Por fim, impelida pelo amor, ela ficou toda vermelha de vergonha; sentiu-se trêmula e quase chorosa; e, com palavras hesitantes, assim começou a abrir-se:

— Meu caro e doce amigo, e senhor meu. O senhor sabe, como homem experimentado que é, até que ponto vai a fragilidade dos homens e das mulheres; sabe, também, que, por várias causas, essa fragilidade pode ser maior

ora numa pessoa, ora noutra. Assim, diante de juiz justo, o mesmo pecado, cometido por diversas qualidades de pessoas, não deve receber a mesma pena. E quem poderia dizer que não seriam muito mais merecedores de repreensão um homem pobre, ou uma mulher pobre, os quais tivessem de ganhar, com o próprio esforço, aquilo de que a sua vida precisasse, se fossem estimulados pelo amor, e se seguissem os ditames do amor, do que uma mulher bem rica e ociosa, à qual nada faltasse daquilo que pudesse satisfazer os seus desejos? Por certo, não creio que haja alguém que assim não pense. Por essa razão, acredito que grande atenuante a referida fragilidade deva representar, a favor da pessoa que a possui, se essa pessoa, por acaso, se deixa induzir a amar. Outra parte da escusa deve ser representada pelo fato de ela, a mulher, eleger um amante prudente e valoroso, se tem a certeza de o amar. Esta fragilidade e este fato, ao meu modo de ver, se encontram em mim; além destas duas coisas, outras há que me induziram a amar, devido à minha juventude e à ausência do meu marido. Assim sendo, convém que tais condições se coloquem a meu serviço, na defesa do meu ardoroso amor, aos seus olhos. Se tais circunstâncias podem, perante o seu espírito, meu senhor, o que devem poder na presença dos homens esclarecidos, peço-lhe que me aconselhe e me ajude para aquilo que lhe vou expor. É verdade que, pela distância em que meu marido se encontra em relação a mim, eu não posso resistir aos estímulos da carne nem à força do amor. Estes estímulos e esta força se animam de tamanha potência, que já muitas vezes venceram, e continuam a vencer, todos os dias, homens fortíssimos — e isso sem falarmos de frágeis mulheres. Eu vivo no conforto e no ócio em que o senhor me vê. Deixei-me levar aos prazeres do amor, e consenti em enamorar-me. Sei que isso, se fosse sabido por terceiros, não seria considerado honesto. Mesmo assim, como disto ninguém sabe nada, por ter sido feito às ocultas, parece que não se pode dizer que seja coisa desonesta. Contudo, o amor me foi generoso; não somente não me desviou do acerto, na eleição do meu amante, mas também me auxiliou muito ao mostrar-me que o senhor seria digno de ser amado por uma mulher do meu feitio. Se o meu espírito não me engana, acho que o senhor é o mais belo, o mais agradável, o mais elegante e o mais esclarecido cavaleiro que, no reino de França, se possa encontrar. Assim como eu posso dizer que me vejo sem marido, assim também o senhor pode dizer que se vê sem mulher. Por esta razão, peço-lhe, por todo o amor que pelo senhor sinto, que não negue o seu amor a mim; tenha compreensão da minha juventude — desta juventude que pelo senhor se consome, como se consome o gelo perto do fogo.

Ao dizer a moça estas palavras, as lágrimas afloraram-lhe aos olhos, em grande abundância; embora ela pretendesse apresentar outros rogos, não o pôde, devido ao pranto, que não lhe permitia prosseguir falando. Ela baixou o rosto, e, quase vencida, sempre chorando, deixou-se cair sobre o peito do conde.

O conde era um belo cavaleiro. Com graves palavras, começou a censurar aquele amor tão insensato, e a repelir a mulher para trás, pois ela já se lhe ia enlaçando ao pescoço. Jurou o conde, por todos os sacramentos, que preferiria ser esquartejado a perpetrar semelhante traição à honra do seu senhor, ou a consentir em que tal traição fosse perpetrada por terceiros. Ao ouvir isto, a mulher esqueceu-se do amor. E, tomada de sincera fúria, de ilimitada indignação, disse:

— Pois então devo eu ser escarnecida no meu desejo, pelo senhor, e desta maneira? Pois a Deus não praza que eu o faça morrer, ou o mande eliminar deste mundo, uma vez que o senhor deseja fazer com que eu morra!

Assim dizendo, pôs as mãos nos cabelos, puxando-os e desarrumando-os todos; a seguir, levou as mãos ao peito; rasgou as próprias vestes; e começou a gritar, com o máximo de suas forças:

— Socorro! Socorro! O conde de Antuérpia quer possuir-me a viva força!

O conde, ao ver isto, reconheceu que duvidava mais da poderosa inveja dos cortesãos do que da própria consciência; receou, pois, que mais fé fosse dada à perversidade da mulher do que à sua inocência. Ergueu-se tão depressa quanto lhe foi possível; saiu do aposento e do palácio real; fugiu para a sua própria casa. Ali, sem se servir de outro conselho, pôs os filhos a cavalo; também ele montou; e, com a velocidade de marcha que pôde, partiu na direção de Calais.

Muita gente correu aos gritos da mulher. Os cortesãos, vendo-a naquele estado de desalinho, e tomando conhecimento da causa dos pedidos de socorro, não somente prestaram fé às palavras da nora do rei, mas até concordaram que o conde, desde muito tempo antes, vinha pondo a sua elegância e as suas maneiras a serviço dos seus propósitos, na consecução do amor da mencionada mulher. Todos correram, enfurecidos, às várias residências do conde, para o prender. Não o encontrando, roubaram as referidas residências, em primeiro lugar; depois, arrasaram-nas até os alicerces.

A notícia, muito embora se dissesse que era mal alinhavada, chegou aos ouvidos do rei e de seu filho, no lugar em que suas hostes se encontravam. O rei e o filho sentiram-se fortemente perturbados; desde logo, condenaram a

exílio perpétuo o conde e seus descendentes. Ademais, prometeram enormes recompensas a quem o apresentasse, vivo ou morto.

O conde lamentou a circunstância de se transformar, de inocente que era, em culpado, pelo fato de fugir. Chegou a Calais, com seus filhos, sem que ninguém o reconhecesse. Dali, passou imediatamente para a Inglaterra; e, metido em roupagens bem pobres, rumou para Londres. Antes, porém, de entrar em Londres, deu instruções, com abundância de palavras, aos dois filhos. Esclareceu-os, principalmente, sobre duas coisas: primeiro, que suportassem, com paciência, a condição de pobres, à qual, sem culpa dele, a Sorte os havia atirado aos três; segundo, que, com a maior sagacidade, evitassem de manifestar, fosse lá a quem fosse, o nome do lugar de que procediam e o nome do pai de que eram filhos. Isto seria importante, se quisessem conservar a própria vida.

O filho, que se chamava Luís, tinha, talvez, uns nove anos de idade; e a filha, que respondia pelo nome de Violante, contava, provavelmente, sete anos. Os dois, embora sempre de acordo com as possibilidades da pouca idade, bem compreenderam as instruções dadas pelo pai. Mais tarde, mostraram, por seus atos, que assim fora. Achou o pai que, para que as coisas corressem com mais normalidade, seria melhor mudar os nomes dos filhos. E assim fez. Deu ao menino o nome de Perotto; à menina, o de Giannetta. Os três chegaram a Londres pobremente vestidos, como se fossem mendigos franceses; ali, puseram-se a pedir esmolas.

Por acaso, certa manhã, eles estavam pedindo esmolas à porta de uma igreja; e aconteceu que uma grande dama — que era esposa de um dos mordomos do rei da Inglaterra —, ao sair da igreja, viu o conde e os seus dois filhos a pedir esmolas. A ele, ela perguntou quem era; e indagou também se os filhos eram dele. Ao que ele respondeu que era da Picardia, e que, por deslize de um seu filho maior, dado a ferrabrás, tivera de partir de lá, em companhia dos dois filhos menores. A dama, que era piedosa, pousou o olhar na menina; e logo se tomou de afeição por ela, pois a pequena era bonita, de boas maneiras e expansiva. E disse:

— Homem bondoso: se você se contenta em deixar comigo esta sua filhinha, eu a tomarei de bom grado comigo, porque ela tem muito bom aspecto. Se ela se fizer moça de valor, casá-la-ei, em tempo oportuno, de modo que a situarei bem na vida.

Ao conde, este pedido muito agradou; sem hesitar, respondeu que sim; com lágrimas nos olhos, entregou-lhe a menina, fazendo um mundo de

recomendações. Assim, tendo colocado a filha, bem sabendo em casa de quem, resolveu não permanecer mais em Londres. Pedindo esmolas, atravessou a ilha. Chegou com Perotto a Gales, não sem grandes canseiras, porque não estava acostumado a viajar a pé. Ali, havia outro mordomo do rei, que dispunha de ótima situação e possuía grande família. Na casa deste mordomo, o conde e seu filho muitas vezes se acolheram, principalmente para receber o que comer. Havia, naquela casa, alguns filhos do mordomo; havia, também, outros meninos, filhos de outros gentis-homens. Participando de brincadeiras infantis, tais como correr e saltar, Perotto começou a misturar-se aos outros pirralhos; passou a fazer, com tanta destreza, e até com destreza maior ainda, todas as brincadeiras que os outros faziam. O mordomo percebeu isto, uma ou outra vez. Agradaram-lhe muito a maneira e os modos do meninote. Perguntou, a alguém, quem ele era. Foi-lhe dito que o menino era filho de um homem pobre que, de vez em quando, em busca de esmola, por lá aparecia. O mordomo resolveu solicitar, ao pobre pedinte, que lhe entregasse o filho; o conde, como criatura que outra coisa não implorava a Deus, imediatamente acedeu à solicitação, muito embora lhe fosse doloroso separar-se de Perotto.

O conde, assim, acomodou a filha e o filho. Pensou, pois, que seria melhor não prolongar sua permanência na Inglaterra. E, como melhor lhe foi possível, rumou para a Irlanda. Chegou a Stanford; na qualidade de infante, colocou-se a serviço do cavaleiro de um conde da nobreza rural; coube-lhe fazer todos os trabalhos que normalmente se atribuem a infantes, ou a mancebos. Ali, sem nunca ser reconhecido por ninguém, permaneceu longo tempo, enfrentando grandes incômodos e suportando intermináveis canseiras.

Violante, que passara a chamar-se Giannetta, foi crescendo na companhia da nobre senhora, em Londres; cresceu em anos, em formas e em beleza; caiu nas graças da mulher, do marido dessa mulher, e de todos quantos passaram a conhecê-la. Vê-la era, de fato, coisa maravilhosa. Não havia pessoa que lhe contemplasse os costumes e as maneiras, e que não dissesse ser ela merecedora de todos os bens e de todas as honras. Por este motivo, a nobre senhora, que a havia recebido das mãos do pai, achou que deveria casá-la muito honrosamente. Nunca tivera, sobre o pai dela, outras informações, além daquelas que ele mesmo lhe comunicara. Ainda assim, achou que a moça deveria ser de boa condição social; e, de acordo com o que presumiu, tratou de levá-la ao altar.

Deus, porém, é bom protetor dos méritos da gente. Deus sabia que a moça era mulher muito nobre; sabia que ela não tinha culpa alguma; e resolveu

que ela não deveria submeter-se a penitência, por pecado alheio. A fim de que a linda moça não fosse parar às mãos de homem vil, deve-se crer que aquilo que aconteceu só aconteceu por permissão da bondade de Deus.

A nobre senhora, em cuja casa Giannetta passara a residir, tivera um único filho, de seu marido. Este filho era por ela e pelo pai extremamente amado. E era amado tanto por ser filho como — e mais ainda — por suas virtudes e por seus méritos. O moço era bem-educado e valoroso. Ademais, tinha boa aparência, quanto à pessoa. Este filho era uns seis anos mais velho do que Giannetta. Vendo-a ele tão bela e tão graciosa, enamorou-se dela com verdadeiro ardor, a ponto de nada mais ver, se não ela, quando ela se achava presente. Imaginava que ela fosse de condição social baixa. Por isto, não somente não ousava pedi-la, ao pai e à mãe, para sua esposa, mas também, temendo ser repreendido por se haver posto a amar pessoa muito modesta, manteve o seu amor oculto, tanto quanto pôde. E isto lhe aumentava o apaixonado ardor, muito mais do que se houvesse amado às claras. Aconteceu, naturalmente, que, por excesso de angústias, ele enfermou-se gravemente. Para a cura do seu mal, vários médicos foram convocados. Depois de observarem todos os sinais da doença, e não conseguindo reconhecer completamente aquela enfermidade, os médicos todos se mostraram desenganados quanto ao seu restabelecimento. O pai e a mãe do moço passaram a sentir uma dor tão grande, e uma melancolia tão profunda, que não seria possível senti-las maior. Perguntaram, ao moço, muitas vezes, com rogos piedosos, pela causa do seu mal. À pergunta, o moço dava, em resposta, apenas suspiros, ou dizia que sentia consumir-se-lhe a vida toda.

Ocorreu, um dia, que um médico muito jovem, mas muito profundo na ciência, se sentou ao lado do moço enfermo. O médico tomou-lhe o braço por aquela região onde os facultativos procuram o pulso. Nesse momento, Giannetta, que, por um sentimento de respeito para com a mãe dele, se pusera a servir solicitamente o mancebo, entrou, por qualquer motivo, no dormitório em que o doente jazia. Quando ele viu Giannetta, não disse palavra nem fez gesto algum; mas sentiu, no coração, com muito mais força, o ardoroso amor. Em consequência, o pulso passou a bater mais fortemente do que de costume. O médico percebeu imediatamente o acontecido. Maravilhou-se. E ficou quieto, para verificar quanto o batimento duraria. Quando Giannetta saiu do dormitório, o batimento normal restabeleceu-se. O médico pensou ter, com isto, encontrado parte da causa da enfermidade do moço. Demorou-se por ali algum tempo, quase como se desejasse perguntar alguma coisa a Giannetta.

Assim, sempre segurando o braço do enfermo, mandou que chamassem a moça. Ela apareceu incontinente; até mesmo antes de ela entrar no dormitório, o batimento excessivo do pulso voltou ao moço. Depois de ela sair, de novo o batimento acelerado cessou. Com base nisto, afigurou-se, ao médico, ter plena certeza; ergueu-se; mandou chamar à sua presença o pai e a mãe do moço, com os quais se pôs a falar, a um canto. E disse-lhes:

— A saúde de seu filho não está ao alcance dos médicos; reside nas mãos de Giannetta; ao que verifiquei, indubitavelmente, por certos sinais, o moço ama ardentemente essa moça; entretanto, ela não deu por isso, ao que noto. Agora, os senhores sabem o que devem fazer, se lhes é cara a vida do rapaz.

Ao ouvirem isto, o gentil-homem e sua esposa se sentiram contentes, mesmo porque, de algum modo, se tornava possível salvar o filho. Muito lhes doía, entretanto, aquilo de que desconfiavam, isto é, de ter de entregar Giannetta ao filho, na qualidade de esposa. Assim que o médico se retirou, pai e mãe se dirigiram ao enfermo; e a mãe desta maneira lhe falou:

— Meu filho: nunca pensei que você algum dia me ocultasse algum desejo seu. E mais ainda por você se sentir morrer, à vista da ausência de satisfação de tal desejo. Você devia estar certo de que nada há que eu não faça por você, como se fora para mim mesmo, ainda que se trate de algo de menos honesto. Mas, uma vez que você procedeu por essa forma, aconteceu que Deus Nosso Senhor foi mais misericordioso para com você mesmo. Para que você não morra desta enfermidade, Deus me apontou a causa desta sua doença. A causa nada mais é do que o extravasante amor que você está sentindo por alguma jovem, seja ela quem for. Na verdade, você não deveria ter tido vergonha de manifestar esse seu sentimento. É isso o que a sua idade solicita. Se você não estivesse enamorado, em bem pouca conta eu o teria. Nestas condições, meu filho, não esconda coisa alguma a mim; revele-me, com confiança, tudo o que você deseja. Dissipe a melancolia e a preocupação que você está sentindo, e das quais procede essa enfermidade; conforte-se. Fique certo de que nada há que eu negue, e que esteja em meu poder fazer, desde que eu o faça para satisfação sua. Bem sabe que mais amo a você do que à minha própria vida. Expulse de sua alma a vergonha e o medo. Diga-me se posso fazer alguma coisa a favor do seu amor; e se você verificar, em mim, falta de solicitude, no sentido de lhe dar aquilo a que você aspira, considere-me sendo a mais cruel das mães que jamais hajam dado um filho à luz.

O moço, ouvindo as palavras da mãe, em primeiro lugar se sentiu envergonhado. Depois, pensou que nenhuma outra pessoa, mais do que a sua

própria mãe, poderia satisfazer os seus anseios. Expulsou, pois, a timidez; e disse-lhe:

— Senhora: nada mais me levou a ocultar-lhe o meu amor do que o fato de eu verificar que as pessoas mais idosas não gostam de ser lembradas de que foram jovens. Contudo, uma vez que vejo a senhora bem disposta para o caso, não lhe negarei coisa alguma; direi daquilo que a senhora já percebeu; e direi também de quem se trata, desde que se ponha em efeito a sua promessa de tudo fazer a meu favor, uma vez que se encontre em seu poder; assim a senhora poderá ter-me de novo são.

A mãe, confiando em que nada lhe seria pedido pela forma que estava receando que fosse adotada, respondeu, generosamente, que sim; e pediu-lhe que lhe revelasse qualquer desejo seu, com toda a segurança. Assegurou, ao moço, que faria, sem hesitação, tudo quanto lhe proporcionasse prazer.

— Senhora — disse então o moço —, é grande a beleza e são agradáveis as maneiras da nossa Giannetta; coube-me o dever de fazer com que ela não percebesse a existência do meu amor, e de evitar que ela, por piedade, a ele correspondesse. Ademais, não ousei nunca manifestar este amor a quem quer que fosse; e foi tudo isto o que me conduziu a esta situação em que a senhora me vê. Assim, se a senhora não me der, de um modo ou de outro modo, aquilo que me prometeu, fique certa de que a minha vida será breve.

A mãe, que mais parecia inclinada ao conforto do que à repreensão, disse, sorrindo:

— Ai, meu filho! Mas então foi por isto que você se deixou enfermar? Console-se. Deixe o caso comigo, pois logo estará você curado.

O moço, cheio de boa esperança, em tempo extremamente breve passou a apresentar sinais de melhoras extraordinárias. Assim, a mãe, muito satisfeita, dispôs-se a tentar aquilo que pudesse corresponder ao que havia prometido. Um dia, chamou Giannetta à sua presença; e, por meio de palavras muito cautelosas, perguntou-lhe se ela já tinha algum namorado. Giannetta, fazendo-se toda vermelha, respondeu:

— Senhora: a uma pobre donzela que foi expulsa de sua casa, como eu sou, e que se encontra a serviço de terceiros, como eu me encontro, não é preciso, nem fica bem, pensar em coisas de amor.

Ao que a mulher disse:

— Se você não tem namorado, nós queremos dar-lhe um; com ele, você viverá toda feliz; e mais ainda você se deleitará com a sua própria beleza; não é

conveniente que uma donzela tão bonita, como você é, fique sem homem que a ame.

A isto, Giannetta respondeu:

— Senhora: arrancando-me à pobreza de meu pai, a senhora me criou como filha; por isto, devo concordar com tudo quanto lhe proporcione prazer. Mas não é por julgar fazer bem a mim mesma que procurarei agradá-la. Se lhe agradar arranjar-me marido, a esse marido eu tratarei de amar, e não a qualquer outro homem; de todas as virtudes dos meus antepassados, nada mais me resta, a não ser a honestidade; e eu pretendo conservá-la, a esta honestidade, enquanto a minha vida durar.

Estas palavras pareceram contrariar a mulher, naquilo a que ela pretendia chegar, a fim de cumprir a promessa feita ao filho; mesmo assim, como pessoa cheia de tato que era, louvou muito, de si para consigo, a conduta da donzela. E disse:

— Como, Giannetta? Se nosso senhor, o rei, que é cavaleiro jovem, quisesse algum prazer de amor de você, que é donzela belíssima, você lho negaria?

Ao que ela, sem hesitar, respondeu:

— O rei poderá forçar-me; mas, com o meu consentimento, nunca obterá ele, nada, de mim, a não ser o que for honesto.

A mulher, compreendendo o ânimo da donzela, deixou de lado as palavras. Tratou de pôr a moça à prova. Aconselhou, pois, ao filho, que, assim que se restabelecesse, se fechasse com a moça num quarto; que se esforçasse por obter, dela, o prazer de amor que desejava; que lhe dissesse que se lhe afigurava, a ele, desonesto, que ela, sua mãe, estivesse procedendo à maneira de rufiã, e pedisse, para o filho, suplicando à donzela. O moço não se deu por satisfeito, de forma alguma, com este plano; de súbito, seu estado de saúde piorou.

A mãe, vendo o que acontecia, revelou suas intenções a Giannetta. Encontrou-a, porém, mais decididamente apegada do que nunca aos seus princípios. Contou, pois, ao marido, o que fizera. E, embora lhes parecesse, ao pai e à mãe, grave o caso, deliberaram, por mútuo consenso, dar a moça, como esposa, ao filho. Pai e mãe amavam mais o filho vivo, embora com esposa que não lhe conviesse, do que se ele fora morto e sem esposa alguma. Assim, depois de muitas vicissitudes, se fez. Giannetta ficou muito contente com a circunstância; com o coração a transbordar de devoção, agradeceu a Deus o fato de Ele não a esquecer. Nada disto, entretanto, a levou a dizer-se mais do que simples filha de um picardo. O moço restabeleceu-se. Foi às núpcias mais

contente do que qualquer outro homem; e começou a viver boa quadra da vida com ela.

Perotto, que ficara com o mordomo do rei da Inglaterra, em Gales, também cresceu bastante; caiu nas boas graças do seu senhor; fez-se muito bonito, quanto à pessoa, levando vantagem sobre tudo quanto era moço que na ilha existisse; fosse nos torneios, fosse nos encontros, fosse em qualquer outro feito de armas, ninguém, em todo o país, valia mais do que ele. Em consequência, Perotto passou a ser chamado Perotto, o Picardo. Tornou-se conhecido e famoso. E assim como Deus não se havia esquecido de sua irmã, assim também mostrou que o tinha, a ele, Perotto, na lembrança.

Surgiu, naquela região da Inglaterra, uma pestilenta mortalidade, que levou consigo quase metade dos habitantes locais; não é preciso que se diga que grande parte da gente que sobreviveu se refugiou, de medo, em outras regiões. Em consequência, aquela região ficou como que totalmente abandonada. Naquela mortandade, pereceram o mordomo, senhor de Perotto; a mulher dele; um dos filhos seus; e muitos outros familiares, irmãos e parentes; do mordomo, só restou uma filha donzela, já casadoura; e, com alguns poucos familiares, restou, igualmente, Perotto.

Assim que a pestilência começou a amainar, a donzela tomou Perotto por marido, por ser ele homem digno e valoroso; isto foi feito com prazer e a conselho de uns poucos contrerrâneos que lá haviam sobrevivido. Perotto foi pela esposa transformado em senhor de tudo quanto por herança passara à propriedade dela.

Pouco tempo depois disto se passou. O rei da Inglaterra teve notícia de que o mordomo falecera. Sabendo do valor de Perotto, o Picardo, fez com que este substituísse o mordomo falecido. Nomeou-o, pois, seu mordomo.

Em poucas palavras, foi isto o que aconteceu aos dois inocentes filhos do conde de Antuérpia, por ele deixados como se fossem perdidos.

Já se estava no 18º ano, a contar de quando o conde de Antuérpia, fugindo, saíra de Paris. O conde passara a viver na Irlanda. Em vida muito pobre, muitas misérias e muitas circunstâncias adversas ele padeceu. Quando, pois, se viu velho, sentiu desejo de verificar se seria possível saber o que havia acontecido com os dois filhos. Observou que havia mudado profundamente de aspecto, em relação à aparência que tivera antes; sentia-se, devido ao longo exercício, ainda mais vigoroso, quanto ao físico, do que o era quando moço e quando se entregava a ócios. Separou-se, muito pobre e sob péssimas condições, daquele com o qual vivera longamente; rumou para a Inglaterra,

indo para o lugar onde havia deixado Perotto. Verificou que seu filho era mordomo e grão-senhor; viu-o sadio, galhardo e de aparência agradável. Isto muito o satisfez. Mas não quis dar-se a conhecer, pelo menos enquanto não soubesse o que ocorrera com Giannetta. Pôs-se, assim, a caminho. E não repousou antes de chegar a Londres. Ali, com cautela, indagou da mulher com a qual havia deixado a filha, bem como da condição em que esta se encontrava. Teve notícia de que Giannetta era esposa do ele daquela dama. Isto o satisfez imensamente. Considerou pouca toda a sua adversidade passada, uma vez que tornava a encontrar os filhos vivos e em boas condições sociais. Desejoso de ver a filha, começou, como homem pobre, mendigo mesmo, a postar-se perto da casa dela. Ali, certo dia, foi visto por Giacchetto Lamiens (que assim se chamava o marido de Giannetta). Giacchetto sentiu compaixão para com ele, por vê-lo pobre e avançado em anos. Ordenou, a um dos seus familiares, que o levasse para a sua casa, e mandasse dar-lhe de comer, em nome de Deus. O familiar executou de bom grado a ordem.

Giannetta já tinha tido, de Giacchetto, vários filhos, dos quais o maior não contava mais de oito anos de idade. Eram as crianças mais belas e mais graciosas do mundo. Estes seus filhos, quando viram o ancião a comer, se lhe puseram todos ao redor, fazendo-lhe muitas festas, quase como se, impelidos por oculta virtude, houvessem sentido que aquele homem era seu avô. O conde, reconhecendo os seus netos, começou a manifestar-lhes amor e a fazer-lhes carícias. Por tal razão, as crianças não queriam separar-se do conde, muito embora fossem chamadas à atenção, pelo homem que tomava conta delas. Giannetta ficou sabendo disto. Saiu de um seu aposento, e foi para onde o velho se achava. Ameaçou as crianças, prometendo surrá-las, se não fizessem o que lhes fosse ordenado pelo preceptor. As crianças começaram a chorar e a dizer que gostariam de ficar perto daquele senhor que dava mostras de as amar, muito mais do que o seu mestre. Disto, Giannetta e o conde riram. O conde se havia posto de pé, não à maneira de pai; e sim de homem pobre, para prestar reverência à filha, não como filha, e sim como dama. Ao vê-la, naquelas condições, sentiu maravilhosa alegria na alma. Ela, porém, não o reconheceu, nem naquele momento nem depois, porquanto o conde se apresentava extraordinariamente mudado de aspecto, em relação àquilo que fora; estava velho, encanecido e barbudo; fizera-se magro e moreno; mais parecia outro homem, do que o conde. Giannetta, vendo que seus filhos não queriam separar-se daquele homem, e que choravam quando se tentava afastá-los dele, disse, ao preceptor, que os deixasse permanecer ali, por algum tempo.

Estavam as crianças com o bondoso ancião. Aconteceu, nessa altura, que o pai de Giacchetto voltou a casa, e ouviu, do preceptor, o que estava acontecendo. O pai de Giacchetto sempre manifestava desprezo para com Giannetta; e disse:

— Deixe que as crianças fiquem com a má ventura que Deus lhes deu; elas são o retrato daquilo de que nasceram. Pela mãe, essas crianças descendem de mendigos; por isso, não admira que gostem de estar perto de mendigos.

O conde ouviu estas palavras; e ficou profundamente magoado. Mesmo assim, constrangido pelas circunstâncias, suportou aquela afronta, como muitas outras já tivera de suportar.

Giacchetto, que observara a alegria dos filhos na companhia daquele velho, isto é, do conde, ficou algo desagradado. Não obstante, amava-os tanto que, para não os ver chorar, ordenou que, se o velho quisesse morar em sua mansão, encarregando-se de algum serviço, fosse admitido ao corpo de servidores. O velho respondeu que ali permaneceria de bom grado. Esclareceu, porém, que nada mais sabia fazer do que tratar de cavalos, coisa a que — disse — se havia habituado ao longo de toda a sua vida. Foi-lhe dado, pois, um cavalo; e ele imaginou que, depois de cuidar do animal, poderia entreter-se com as crianças.

Enquanto a Sorte conduzia, pela forma que aqui se indica, o conde de Antuérpia e os seus filhos, aconteceu que o rei de França, depois de muitas tréguas feitas com os alemães, faleceu. Em seu lugar, foi coroado o filho do rei morto — aquele mesmo filho de quem era esposa a mulher por causa da qual o conde tivera de fugir. Ao concluir-se a última trégua combinada com os tudescos, este novo rei começou a guerra, com grande violência. Em auxílio deste rei, o rei da Inglaterra, como seu novo parente, mandou muitos homens, sob o comando de Perotto, seu mordomo, e de Giacchetto Lamiens, filho do outro mordomo. Com os homens de Giacchetto, seguiu também o velho, isto é, o conde. Este, sem ser reconhecido por pessoa alguma, permaneceu longo tempo nas hostes, à guisa de cavalaria. Nessa condição, como homem de valor que era, deu conselhos e realizou trabalhos, pondo em evidência uma operosidade maior e melhor do que aquela que de um cavaliço se poderia esperar.

Ocorreu que a rainha de França enfermou gravemente. Percebendo, ela própria, que estava aproximando-se da morte, arrependeu-se de todos os seus pecados; devotadamente, confessou-se ao arcebispo de Ruão, que era tido, por todos, na conta de homem bondoso e santo. Entre outros pecados, contou, ao

arcebispo, a grande injustiça que, por sua obra, recaíra sobre o conde de Antuérpia. Não se satisfez em contar o caso somente ao arcebispo; contou-o perante outros homens de indiscutível valor, sem omitir pormenor algum; e pediu a todos que se empenhassem junto ao rei, a fim de que o conde, se ainda vivesse, fosse restaurado na sua condição social anterior; se não estivesse mais vivo, que algum dos seus filhos fosse beneficiado em seu lugar. Pouco tempo depois, a rainha desapareceu desta vida, sendo sepultada com todas as honras. Sua confissão foi levada ao conhecimento do rei. Após alguns dolorosos suspiros, pelas injustiças feitas sem motivo ao nobre homem, mandou difundir, por todo o exército e por muitas partes mais, uma proclamação: que se porventura o conde de Antuérpia, ou algum dos seus filhos, se apresentasse, tanto o conde como os filhos — ou aqueles que os apontassem — seriam maravilhosamente galardoados, desde que tanto o conde como os filhos o considerassem inocente, a ele, rei, quanto ao exílio a que o conde se vira obrigado; que tudo ficara sendo sabido por força da confissão feita pela rainha; e que pretendia restaurar o conde, ou os seus descendentes, na situação social anterior, ou elevá-los a situação ainda mais alta.

O conde, que trabalhava na qualidade de cavalariaço, ouviu a proclamação; verificou que as coisas assim eram, de verdade. E, sem perder tempo, dirigiu-se a Giacchetto; suplicou-lhe para que fosse, juntamente com ele e com Perotto, perante o rei de França, pois que gostaria de lhes mostrar o que o mencionado rei estava procurando. Reuniram-se, pois, os três; e o conde disse a Perotto, estando já na iminência de se revelar:

— Perotto: Giacchetto, que aqui está, recebeu sua irmã na qualidade de esposa, e nunca teve dote algum por isso; em consequência, e para que sua irmã não fique sem dote, desejo que ele, e não outra pessoa, receba este grande prêmio que o rei promete a quem nos apontar. Assim, por meio de Giacchetto, você se apresentará ao rei, como sendo filho do conde de Antuérpia; apresentar-se-á em nome de Violante, sua irmã e esposa de Giacchetto, bem como no meu nome, pois sou eu o conde de Antuérpia, pai de vocês.

Perotto ouviu isto; fitou o conde, reconcentradamente; reconheceu-o; chorando, atirou-se-lhe aos pés; e, abraçando-o, disse-lhe:

— Meu pai: seja o senhor bem-vindo.

Giacchetto ouviu, primeiro, o que o conde disse; depois, viu o que Perotto fez; e sentiu-se, ao mesmo tempo, tão dominado pela surpresa e pela alegria que mal sabia o que lhe cabia fazer. Mas, mesmo dando fé às palavras, e envergonhando-se profundamente pelas expressões injuriosas que usara em

relação ao conde, quando cavaliário, também se deixou cair, chorando, aos pés do nobre ancião; e pediu perdão, humildemente, de toda ofensa por ele praticada no passado. O conde, generosamente, deu-lhe o perdão pedido, erguendo-o e fazendo com que ele se pusesse de novo em pé. Depois, os três trocaram informações sobre episódios pelos quais cada um havia passado; muito choraram e muito se rejubilaram. Perotto e Giacchetto desejaram vestir nobremente o conde; mas o conde não o permitiu de forma alguma; quis que, primeiro, Giacchetto tivesse a certeza de receber o galardão prometido; e desejou, depois, que ele o apresentasse ao rei naqueles trajes de cavaliário, a fim de que Giacchetto se envergonhasse.

Assim, Giacchetto, seguido pelo conde e por Perotto, apresentou-se perante o rei, a quem se ofereceu para apresentar o conde e os filhos, desde que, de acordo com a proclamação, que fora difundida, lhe fosse confirmado o galardão prometido. O rei mandou, sem demora, que o galardão lhe fosse apresentado; uma coisa maravilhosa, aos olhos de Giacchetto. E ordenou que o levasse consigo, desde que, com absoluta segurança, apontasse onde se encontravam o conde e seus filhos, como dizia poder apontar. Giacchetto, então, voltou-se; pôs, à sua frente, o conde, seu cavaliário, e Perotto, seu companheiro; e disse:

— Meu senhor: aqui estão o pai e o filho; a filha, que é minha esposa, e que aqui não se encontra, logo lhe será apresentada, com a ajuda de Deus.

O rei, ao ouvir isto, fitou o conde; embora o conde estivesse profundamente mudado, em relação ao que fora, mesmo assim o rei, depois de o contemplar por algum tempo, reconheceu-o. Quase com os olhos cheios de lágrimas, ergueu o conde, que se encontrava de joelhos, pondo-o de pé; beijou-o e abraçou-o; e recebeu muito amistosamente a Perotto. Ordenou o soberano que o conde fosse recolocado na devida posição de vestimentas, de família, de cavalos e de equipagem, de acordo com o que se fazia condigno com a sua nobreza. Isto foi feito imediatamente. Além disto, o rei prestou muitas homenagens a Giacchetto; desejou saber tudo o que ocorrera no passado. Quando Giacchetto recebeu os nobres galardões, por haver apontado ao rei o conde e seu filho, o conde disse-lhe:

— Receba tudo isto, da magnificência de nosso senhor, o rei; lembre-se de dizer, a seu pai, que os seus filhos, que são netos dele e meus, não descendem, por parte de mãe, de mendigos!

Giacchetto recebeu as recompensas; mandou que viajassem para Paris tanto a esposa como sua mãe, sogra dela; para Paris também viajou a esposa de

Perotto. Ali, todos, em enorme festa, se reuniram ao conde, ao qual o rei já havia devolvido todos os antigos bens, dando-lhe nobreza ainda maior do que jamais tivera. Depois, cada qual, com licença do conde, regressou à própria casa; e o conde, até a morte, viveu em Paris, mais gloriosamente do que nunca.

Nota

¹ Crê-se que Boccaccio tenha criado este seu protagonista baseando-se no Canto VI, verso 22, do Purgatório, de Dante, e que o conde de Antuérpia seja Pietro della Broccia, que foi secretário e conselheiro de Filipe, o Belo.

NONA NOVELA

Barnabé, de Gênova, é enganado por Ambrosinho; perde o que é seu; manda que sua esposa, inocente, seja morta. Ela escapa, e, em trajes masculinos, serve ao sultão. Encontra o enganador, e atrai Barnabé a Alexandria. Ali, ao enganador é punido. A esposa retorna aos trajes femininos; e volta, com o marido, ambos ricos, a Gênova.



om a sua novela, inspiradora de compaixão, Elisa cumpriu seu dever. Então, Filomena, que era a Rainha, bela de rosto e alta de estatura, e que tinha fisionomia extremamente agradável e sorridente, reconcentrou-se toda; depois, disse:

— Devemos observar o pacto feito com Dioneio; assim, não restando mais do que eu e ele, para novelar, eu direi, em primeiro lugar, a minha narrativa; e ele, que, como graça especial, assim pediu, por último falará.

Dito isto, Filomena começou:

— Entre gente vulgar, sói dizer-se um provérbio segundo o qual o enganador permanece aos pés do enganado. Não se afigura, por nenhuma razão, que se possa mostrar que esse ditério seja verídico, a menos que se demonstre a sua veracidade pelos acidentes que acontecem. Acompanhando, pois, o tema proposto, veio-me à ideia o propósito de demonstrar-lhes, mulheres caríssimas, que é verdade o que nesse provérbio se contém; e não lhes será inútil ouvir o que eu disser, porque ficarão sabendo como defender-se dos enganadores.

Encontravam-se em Paris, num hotel, alguns grandes mercadores italianos; uns lá se achavam por certos assuntos; outros, por certos outros, de acordo com os seus hábitos. Certa noite, depois de jantar alegremente, todos juntos, eles começaram a conversar sobre diversas coisas. Passando de um assunto a outro, chegaram a falar das respectivas esposas, que eles haviam deixado em suas casas. E, brincando, um deles principiou a dizer:

— Eu não sei o que acontece com minha mulher; mas o que eu sei muito bem é que, quando me vem às mãos alguma juvenzinha que me agrade, eu deixo de lado o amor que nutro para com a minha mulher e trato de obter, da moça, o prazer que me é possível conseguir.

O outro esclareceu:

— Eu procedo de forma semelhante, porque, se acredito que minha esposa se entrega a alguma aventura, ela se entrega mesmo; se não acredito, ela se entrega de igual maneira; por isto, o que se deve fazer, que se faça; imbecil que bate com a cabeça contra a parede, golpe recebe.

O terceiro mercador, quase fazendo sua esta mesma sentença, interferiu. Em poucas palavras, pareceu que todos concordassem com uma coisa: com que as respectivas esposas, deixadas em casa, não queriam perder tempo. Somente um deles, que se chamava Barnabé Lomellin, de Gênova, disse o contrário; afirmou que, por graça especial de Deus, tinha uma esposa que era, entre as que existiam na Itália, a mais adornada das virtudes que se convinham a dama ou a cavaleiro, ou, em grande parte, mesmo a donzela. Era bela de corpo; muito jovem ainda; ágil e forte, de físico; não havia coisa cuja confecção coubesse a mulheres — como, por exemplo, trabalhos em seda e semelhantes — que ela não fizesse muito melhor do que qualquer outra. Além disto, não se encontrava nenhum escudeiro, ou familiar, se assim se preferir, que melhor e mais habilmente do que ela conseguisse apresentar e servir à mesa de um grande senhor. E isto porque ela era extremamente bem-educada, muito esclarecida e muito atenciosa. Depois disto, Barnabé contou que sua esposa sabia, muito melhor do que se fosse um mercador, montar um cavalo, tratar de um pássaro, ler e escrever, bem como apresentar suas razões.

Após muitos outros louvores, Barnabé chegou ao ponto sobre o qual ali se conversava; afirmou, por todos os sacramentos, que não seria possível encontrar mulher mais honesta, nem mais casta, do que a sua. Por isto, ele acreditava, com absoluta certeza, que, se ele permanecesse fora de casa dez anos, ou por todo o sempre, ela nunca se entenderia amorosamente com outro homem.

Havia, entre estes mercadores que conversavam, um jovem mercador chamado Ambrosinho, de Piacenza; este moço começou a dar as maiores risadas do mundo, ao ouvir o último louvor que Barnabé fizera de sua esposa. Zombando, perguntou-lhe se o imperador lhe havia concedido tal privilégio, mais do que a quaisquer outros homens. Barnabé, um pouco perturbado, disse que não o imperador, e sim Deus, que podia um pouco mais do que o imperador, lhe havia concedido tal graça. Então, Ambrosinho disse:

— Barnabé: eu não duvido nada de que você acredita estar dizendo a verdade; mas, pelo que se me afigura, você tomou pouco em consideração a natureza das coisas. Se você a tomasse na devida conta, não seria preciso ter excesso de inteligência para entrar no conhecimento de circunstâncias que o levariam a falar com mais moderação sobre tais assuntos. E, para que você não pense que nós, que já falamos longamente das nossas esposas, acreditamos ter esposa que seja mulher diversa, ou feita diferentemente, em relação à sua, quero conversar contigo, um pouco, sobre esta matéria. Verá você, então, que o que dissemos, dissemos movidos por uma compreensão natural. Sempre ouvi dizer que o homem é, entre os mortais, o mais nobre dos animais criados por Deus; vem depois dele a mulher. O homem, porém, como geralmente se crê, e se vê por suas obras, é mais perfeito. Tendo mais perfeição, deve ter, sem dúvida alguma, maior firmeza; e tem maior firmeza. As mulheres são universalmente mais instáveis; o motivo disso poderia ser demonstrado por via de muitas razões naturais, razões estas que pretendo deixar de lado. Se o homem é, pois, dotado de maior firmeza, e não se pode, ainda assim, exigir que ele deixe de condescender, já não dizemos a uma mulher que lhe suplique, mas até a uma mulher que lhe agrade e que ele renuncie a desejar; se, além de manifestar o desejo, ele se inclina a fazer o que se encontra ao seu alcance, para conseguir estar com a mulher a que aspira; se isto lhe pode acontecer, não uma vez por mês, e sim mil vezes num dia; e se assim é, com o homem, que é que se deve desejar que uma mulher, que é naturalmente instável, seja capaz de fazer, em presença dos rogos, das lisonjas e de outros mil processos que venham a ser empregados por um homem esclarecido que a ame? Acredita você que a mulher consiga conter-se? Por certo, por mais que você o afirme, eu não acredito que nisso você creia. Você mesmo está convencido de que sua mulher é mulher, e de que ela é feita de carne e osso, como as outras. Assim sendo, ela deve ter os mesmos desejos das outras, e possuir as mesmas forças que as outras possuem, para resistir à tentação dos seus apetites naturais. É possível — embora ela seja honestíssima — que ela faça o que as outras fazem. Nada é mais difícil, de negar, do que isso, nem de afirmar, do que o contrário disso, como você faz.

A isto, Barnabé respondeu, dizendo:

— Eu sou mercador, e não filósofo; responderei, pois, como mercador; e digo que sei que isso que você diz pode acontecer às mulheres desassissadas, nas quais não existe vergonha alguma; as mulheres conscienciosas, porém, têm tamanho cuidado para com a própria honra que se tornam ainda mais fortes do

que os homens, na defesa dessa mesma honra, de que os homens não se importam; desta maneira é feita a minha esposa.

Objetou Ambrosinho:

— Em verdade, se, de cada vez que a mulher se entrega a uma aventura, lhe nascesse um corno à frente, para dar testemunho do que houvesse feito, creio que seriam poucas as mulheres que às aventuras se entregariam. Mas não só não nasce o corno, como até não se vê, nas mulheres que são prudentes, nem vestígio nem pegada. A vergonha e a ruína da honra não se consubstanciam senão nos atos ostensivos. Por isto, quando elas podem, ocultamente prevaricam; ou deixam de prevaricar, por desfastio. E fique você certo do que lhe digo: que somente é casta a mulher que nunca foi solicitada, ou que, se alguma coisa a alguém solicitou, não foi por esse alguém atendida. Embora eu saiba que assim é, por motivos naturais e justificados, não falaria disso, com tanta clareza, como agora estou fazendo, se eu não tivesse feito a prova, muitas vezes, e com muitas mulheres. Afirmo-lhe que, se eu me encontrasse perto dessa sua santíssima esposa, acredito que em breve espaço de tempo a conduziria àquilo a que já conduzi várias outras.

Barnabé, perturbado, argumentou:

— O ato de discutir, com palavras, poderia estender-se em demasia; você diria; eu diria; e, afinal, a nada se chegaria. Mas uma vez que você assegura que todas as mulheres são assim acessíveis, e que o seu engenho é tão extraordinário, quero que você se certifique da honestidade de minha esposa. Estou disposto a permitir que me seja cortada a cabeça, se você algum dia conseguir induzi-la a um ato dessa ordem, que lhe agrada; se você não conseguir, não quero que você perca mais do que mil florins de ouro.

Ambrosinho, já com o espírito lançado à aventura, esclareceu:

— Não sei, Barnabé, o que eu faria do seu sangue, se vencesse; mas, se você tem vontade de ver a prova do que acabei de explicar, aposte cinco mil florins de ouro, dos seus, que devem ser-lhe menos caros do que a cabeça, contra mil dos meus. E, se você nenhuma objeção levanta, obrigar-me-ei a ir a Gênova; dentro de três meses, a contar do dia em que eu partir daqui, conseguirei que sua esposa faça a minha vontade. Como prova disso, comprometo-me a trazer, comigo, as coisas que lhe sejam mais caras; trarei testemunhos de tal ordem, e indícios de tamanha monta, que você mesmo confessará ser verdadeira a prevaricação de sua esposa; mas também é indispensável que você me prometa, por sua fé, que, em todo esse tempo, não viajará para Gênova nem escreverá para ela coisa alguma sobre este assunto.

Barnabé disse que a aposta lhe agradava muito. Embora os outros mercadores, que ali se encontravam, se empenhassem em impedir que semelhante episódio ocorresse, porque sabiam que daí grande mal poderia nascer, os ânimos dos dois discutidores estavam tão exaltados que, contrariamente à vontade dos demais, eles se obrigaram um ao outro, por meio de documentos escritos de próprio punho.

Uma vez estabelecida a obrigação, Barnabé ficou em Paris; e Ambrosinho, tão cedo quanto lhe foi possível, viajou para Gênova. Ali se demorou alguns dias. Com grande cautela, informou-se quanto ao nome do condado e quanto aos costumes da mulher. Ficou sabendo aquilo e muito mais do que aquilo que ouvira do próprio Barnabé. Afigurou-se-lhe, pois, que empreendera tarefa de louco. Mesmo assim, entrou em combinação com uma pobre mulher, que frequentava a casa da esposa de Barnabé, e à qual essa esposa queria um grande bem. Não conseguindo obter-lhe a cumplicidade por outra forma, corrompeu-a por meio de dinheiro. Por seu intermédio, fez com que ele, dentro de uma caixa preparada a seu modo, fosse levado não somente à casa, mas também ao quarto de dormir da nobre dama. Fingindo ter de se dirigir a algum lugar, a pobre mulher, de acordo com a ordem dada por Ambrosinho, pediu, à nobre dama, que deixasse a sua caixa, por alguns dias, ali no dormitório. A caixa ficou, pois, no quarto de dormir. Em chegando a noite, Ambrosinho, no momento em que pressupôs que a mulher estivesse dormindo, abriu a caixa, do lado de dentro, com suas ferramentas. Assim, quietamente, saiu da caixa e passou para o ambiente do quarto, onde havia um lume aceso. Àquela luz, Ambrosinho começou a examinar a disposição da sala, as suas pinturas e todas as outras coisas dignas de menção que ali se encontravam; e tratou de fixar tudo na memória. Depois, aproximou-se da cama. Notou que a mulher e uma menina que com ela se achava dormiam a sono solto. Devagar, descobriu o corpo todo da mulher; viu que era tão bela nua como vestida; mas não viu sinal algum que se pudesse apresentar como prova, afora uma pequena marca escura, por baixo da mama esquerda; tratava-se de um sinalzinho, de uma pinta de nascimento, ao redor do qual repontavam uns poucos pelos louros como ouro. Depois de contemplar isto, tornou a cobrir a mulher, bem devagarinho, muito embora, ao vê-la tão bela, sentisse o desejo de arriscar a própria vida e deitar-se ao seu lado. Ainda assim, não se arriscou; tinha notícia de que ela era ríspida e refratária às aventuras. Ficou, pois, à vontade, naquele dormitório, durante a noite toda; retirou, de um cofre, uma bolsa e uma veste, além de alguns anéis e de algumas cintas. Pôs tudo dentro da sua caixa; para dentro da caixa ele

também voltou; e assim a fechou, por dentro, para que ela ficasse como estava antes.

Por esta forma agiu duas noites consecutivas, sem que a mulher percebesse coisa alguma. Ao chegar o terceiro dia, de acordo com a ordem dada, a pobre mulher, sua cúmplice, regressou à sua casa; e para lá levou a caixa, de onde a havia mandado para o dormitório da nobre dama. Ambrosinho saiu da caixa; satisfaz o compromisso de pagamento à pobre mulher, conforme a promessa feita.

Com aquelas coisas, dirigiu-se, tão depressa quanto possível, a Paro, onde chegou antes de expirado o prazo concedido. Ali, chamou os mercadores que haviam estado presentes às discussões e ao casamento das apostas. Na presença de Barnabé, declarou que havia ganhado o prêmio por eles apostado, uma vez que apresentava aquilo que havia assumido o compromisso de apresentar. Para dar cunho de veracidade a tudo, começou, primeiro, a descrever o ambiente do quarto de dormir, bem como as suas pinturas; depois, mostrou as coisas que tinha transportado consigo, desde Gênova; afirmou que as havia recebido das mãos dela. Barnabé confessou que o quarto de dormir era tal como Ambrosinho dizia; além disso, reconheceu que aqueles objetos tinham pertencido, de fato, à sua esposa. Argumentou, porém, que Ambrosinho poderia ter obtido a descrição do quarto por meio dos familiares da casa, e que de forma semelhante poderia ter conseguido os objetos. Assim, se Ambrosinho não dissesse mais coisa alguma, não parecia que aquilo bastasse para lhe dar a categoria de vencedor. Então, Ambrosinho disse:

— Em verdade, isto deveria bastar. Mas, uma vez que você quer que eu diga mais coisas ainda, eu as direi. Digo-lhe que a senhora Genebra, sua mulher, tem, por baixo da mama esquerda, um sinal de nascimento bem grandezinho, ao redor do qual há, talvez, uns seis pelinhos, louros como o ouro.

Quando Barnabé ouviu isto, pareceu-lhe que lhe haviam vibrado uma punhalada no coração, tamanha foi a dor que sentiu; sua fisionomia se transformou completamente; embora não haja proferido palavra, deu mostras evidentes de reconhecer que era verdade o que Ambrosinho acabava de dizer; e, depois de um momento, disse:

— Meus senhores: o que Ambrosinho diz corresponde à verdade; por isso, tendo ele ganhado a aposta, que se apresente quando for de seu agrado, para que se lhe pague.

Assim, no dia seguinte, Ambrosinho foi inteiramente pago.

Barnabé partiu de Paris; com ânimo revoltado contra a esposa, rumou para Gênova; contudo, não quis entrar na cidade; deteve-se umas vinte milhas, ou cerca de trinta quilômetros, antes, numa sua propriedade. Mandou um seu familiar, em quem muito confiava, a Gênova; o familiar para lá se dirigiu com dois cavalos e com cartas do seu amo; nas cartas, dizia Barnabé, à sua esposa, que tinha regressado, e que desejava que ela, com o familiar, fosse ter com ele; ao mesmo familiar, ele impôs, secretamente, que, assim que se encontrasse com ela no lugar que melhor lhe parecesse para tal caso, a matasse sem misericórdia, e voltasse, a seguir, à sua presença.

Em chegando, pois, a Gênova, o familiar, ao entregar as cartas e ao transmitir suas informações, foi recebido, pela mulher, com grandes atenções. A mulher, no dia seguinte, montou a cavalo; e tomou o caminho da sua propriedade, onde o marido se encontrava. Cavalgando em companhia do familiar, e com ele conversando sobre várias coisas, ela chegou a um vale muito profundo e solitário, fechado por muitas árvores e cheio de grotões. O familiar achou que aquele era lugar propício para a realização segura da ordem dada pelo amo. Puxou para fora, então, a faca; tomou a mulher por um braço; e disse:

— Senhora: recomende sua alma a Deus, porque a senhora, sem dar mais um passo à frente, vai morrer.

A mulher, vendo a faca e ouvindo as palavras, ficou toda assustada; e suplicou:

— Por mercê de Deus! Antes que você me mate, diga-me no que foi que ofendi a você, para que você se veja na contingência de me eliminar.

— Senhora — disse o familiar —, a mim a senhora não ofendeu de modo algum; mas não sei de que maneira foi que a senhora ofendeu o seu marido; pois foi ele quem me ordenou que, sem qualquer sentimento de misericórdia para consigo, eu a mate neste lugar. Declarou-me ele, ainda mais, que, se eu não o fizer, me mandará pendurar a uma corda, pelo pescoço. Bem sabe a senhora quanto eu me sinto apegado a ele, e que não posso dizer “não” ao que ele me impõe. Deus sabe quanto me dói esta circunstância, pela senhora; mas não posso agir de outra maneira.

Ao que a mulher, chorando, implorou:

— Ah! Pelo amor de Deus! Não queira tornar-se assassino de quem nunca lhe praticou ofensa alguma, só para servir a seu amo! Deus, que tudo sabe, sabe que eu nunca fiz ato algum, em relação ao meu marido, pelo qual eu deva receber, dele, semelhante tratamento. Enfim, deixemos isto de lado, por ora.

Você pode, se o quiser, agradar, ao mesmo tempo, a Deus, ao seu amo e a mim, por esta forma: apanhe estas minhas vestes; dê-me apenas a sua sobreveste e o seu capuz; com as minhas vestes, você pode regressar à presença do senhor meu e seu, dizendo-lhe que me matou; e eu juro a você, pela vida que assim você me der, que desaparecerei, indo para lugar de onde nunca possa chegar qualquer notícia a meu respeito, nem a ele nem a você, a esta região.

O familiar, que nunca a poderia matar de bom grado, tornou-se logo piedoso; tomou as vestes dela; deu-lhe uma sua sobreveste muito usada, mais um capuz; deixou com ela algum dinheiro, que ela tinha; suplicou-lhe para que desaparecesse daquela região; abandonou-a naquele grotão, a pé; e voltou à presença de seu amo, ao qual disse não somente que a sua ordem fora executada, mas também que o corpo da mulher morta fora abandonado entre numerosos lobos.

Depois de algum tempo, Barnabé rumou para Gênova; sabendo-se do desaparecimento de sua esposa, muito lamentada foi a sua sorte.

Entretanto, a esposa, deixada só e sem consolo, no grotão, esperou que a noite chegasse; e, disfarçando-se tanto quanto possível, encaminhou-se para uma vila vizinha, onde encontrou uma velha; pagou, a esta, o que ela pediu; e a velha lhe ajustou a sobreveste ao corpo; fê-la mais curta; com sua camisa, fez uns panos de uso comum; cortou-lhe os cabelos; transformou-a toda, dando-lhe o aspecto de um marinheiro. A esposa tomou, então, o caminho do mar, onde, por acaso, encontrou um gentil-homem catalão, cujo nome era sr. En Cararch; este senhor descera, em Alba, de um seu navio, que se encontrava um pouco distante, a fim de se refrescar em uma fonte. Entrando em conversação com o referido senhor, ela se pôs a serviço dele, na qualidade de servidor; foi para bordo do navio dele; fez-se chamar Sicurano da Finale. Ali, Sicurano recebeu roupagens melhores, da parte do catalão; e começou a servi-lo, tão bem e tão corretamente, que ele se tomou de simpatia para com quem supunha que fosse seu servidor.

Aconteceu que, dentro de pouco tempo, este senhor catalão navegou, com carga importante, para Alexandria; levou alguns falcões raros ao sultão, a quem os deu de presente. O sultão convidou várias vezes o catalão, para que este fizesse refeições em sua companhia; notou, assim, os costumes de Sicurano, que estava a servi-lo a todo instante; agradou-lhe o modo de proceder daquele servidor; pediu, por isso, ao catalão, que o deixasse com ele; e o catalão, embora isso muito lhe pesasse, o deixou. Em pouco tempo, Sicurano

conquistou as graças e a estima do sultão, pela excelência do seu trato, exatamente como conquistara, anteriormente, as do senhor catalão.

Com o correr do tempo, aconteceu isto: todos os anos, numa determinada época, realizava-se, à guisa de feira, uma grande reunião de mercadores, de cristãos e de sarracenos, em Acre, cidade que, naquele tempo, se encontrava sob a soberania do sultão. A fim de que os mercadores e suas mercadorias ficassem a salvo de surpresas desagradáveis, o sultão costumava mandar, a Acre, além de outros oficiais seus, alguns dos seus grandes homens, com gente bastante, que pudesse tratar dos afazeres da guarda. Para esta finalidade, quando chegou o tempo oportuno, o sultão resolveu mandar também Sicurano, que, por essa época, já sabia falar otimamente a língua do país; e assim fez. Nestas condições, Sicurano chegou a Acre na qualidade de capitão da guarda dos mercadores e das mercadorias; levou a efeito, ali, com correção e solicitude, tudo quanto com a sua incumbência se relacionava.

Andando de um lado para outro, viu inúmeros mercadores sicilianos, pisanos, genoveses, venezianos e outros italianos; entreteve-se de bom grado com eles, por assim se recordar de sua terra natal. Ora: aconteceu que, entre outras vezes, Sicurano apeou em meio a um grupo de mercadores venezianos; dessa feita, foram-lhe apresentadas, entre outras joias, uma bolsa e uma cinta, que imediatamente reconheceu como sendo coisas que lhe haviam pertencido; muito se maravilhou em presença desta circunstância; mas, sem dar mostras de surpresa, perguntou, com maneiras agradáveis, a quem aqueles objetos pertenciam, e se o seu proprietário nutria o propósito de os vender. Lá se encontrava Ambrosinho, de Piacenza; tinha chegado, com grande quantidade de mercadorias, a bordo de um navio de venezianos. Ao saber que o capitão da guarda indagava a quem pertenciam aquelas joias, apresentou-se e disse, rindo:

— Senhor: esses objetos são meus; não os vendo; mas, se lhe agradam, dou-lhos de presente, com muito prazer.

Sicurano, ao ver Ambrosinho rir, suspeitou que ele desconfiasse de alguma coisa; mesmo assim, fez fisionomia severa, e disse:

— Você ri, talvez porque vê um homem de armas, como eu, indagar a respeito de coisas de uso feminino, como estas.

Ambrosinho explicou:

— Senhor: não é disso que me rio. Estou rindo por me lembrar do modo pelo qual obtive esses objetos.

Ao que Sicurano solicitou:

— Vamos lá! Se Deus lhe deu boa ventura, e se essa ventura não é inconfessável, explique como foi que você os obteve.

— Senhor — disse Ambrosinho —, isto me foi dado, com alguma outra coisa, por uma nobre dama de Gênova, chamada senhora Genebra, esposa de Barnabé Lomellin, numa certa noite em que me deitei com ela; e ela me suplicou para que, por seu amor, eu ficasse com estas joias. Agora, ri-me porque esta circunstância me fez voltar à memória a tolice de Barnabé. Imagine que ele agiu tão aloucadamente, a ponto de apostar cinco mil florins de ouro, contra mil, em que eu não conseguiria induzir a esposa dele a fazer o que mais prazer me proporcionasse. Aceitei a aposta e ganhei o prêmio. E ele, que deveria mais punir a si mesmo, pela própria estupidez, do que a ela, por fazer aquilo que todas as mulheres fazem, regressou de Paris a Gênova; e, ao que vim saber mais tarde, mandou matá-la.

Sicurano, ao ouvir tais revelações, logo compreendeu a causa da ira de Barnabé para com ela; reconheceu, com absoluta inegabilidade, que aquele indivíduo, que ali estava diante de seus olhos, fora a causa de toda a sua desgraça; pensou, pois, de si para consigo, em não permitir que o seu ato permanecesse impune.

Sicurano deu mostras de se interessar muito pela narrativa da aventura de Ambrosinho; com muita habilidade, travou, com ele, relações íntimas de camaradagem. A camaradagem foi a tal ponto que, ao terminar a feira, Ambrosinho, para maior conforto próprio, rumou, com Sicurano, para Alexandria, onde o capitão da guarda organizou um bazar de vendas, entregando, nas mãos do mercador, tanto o bazar como grande quantidade de dinheiro. Ambrosinho, vendo-se considerado tão útil, e tratado com tanta grandeza, por ali permaneceu de muito boa vontade.

Sicurano, no propósito de comprovar a sua inocência, aos olhos de Barnabé, não repousou um instante, enquanto, com o auxílio de alguns mercadores genoveses que se encontravam em Alexandria, não conseguiu fazer com que Barnabé, induzido por novas razões, viajasse para aquela cidade. Barnabé estava reduzido a uma condição de evidente pobreza; por isso, Sicurano fez com que ele, sem saber do que se tratava, fosse recebido cordialmente em casa de um seu amigo, à espera do tempo que lhe parecesse oportuno para fazer o que projetava realizar. Sicurano já havia induzido Ambrosinho a repetir a narrativa da sua aventura em presença do sultão, proporcionando-lhe, com isso, grande divertimento. Entretanto, depois de saber que Barnabé havia chegado a Alexandria, Sicurano convenceu-se de que

não era preciso perder mais tempo; esperou a hora mais conveniente; pediu, ao sultão, que ordenasse que Ambrosinho fosse levado à sua presença, em companhia de Barnabé; pediu mais: que, em presença de Barnabé, Ambrosinho fosse levado, se não com bons modos, por certo com alguma severidade, a contar a exata verdade a respeito de como acontecera aquilo de que ele se gloriava de haver feito com a esposa de Barnabé.

Atendendo ao pedido do capitão da guarda, o sultão mandou que Ambrosinho e Barnabé comparecessem à sua presença; com a assistência de muita gente, o sultão, fazendo semblante severo, ordenou, a Ambrosinho, que contasse toda a verdade a propósito da maneira pela qual ganhara os cinco mil florins de ouro de Barnabé. A esta cerimônia Sicurano esteve presente. Ambrosinho tinha grande confiança em Sicurano; mas este, naquela hora, se apresentou com a fisionomia perturbada, ameaçando-o de dolorosas torturas, se não dissesse a verdade. Ambrosinho se sentiu amedrontado de todos os lados; embora a isso constrangido, em presença de Barnabé e de todos os outros personagens, achou que nenhuma outra pena lhe viria a ser imposta, afora a restituição dos cinco mil florins de ouro e dos objetos. Por isso, narrou, com clareza, sem mentir, e com todos os pormenores, como tudo acontecera. Depois de Ambrosinho falar, Sicurano, que se transformara quase em executor das ordens do sultão naquele caso, voltou-se para Barnabé, perguntando:

— E que foi que você fez à sua esposa, com base nesta mentira?

Ao que Barnabé explicou:

— Vencido pela ira da perda do meu dinheiro e da enorme vergonha que julgava ter recebido da minha esposa, mandei que um meu familiar a matasse; e, ao que esse familiar me comunicou, o corpo dela foi logo devorado por muitos lobos.

Estas coisas foram todas ditas na presença do sultão, e por ele ouvidas e compreendidas. Mas o sultão ainda não sabia ao que Sicurano desejava chegar, pois fora ele quem solicitara e ordenara o desenvolvimento do episódio todo. Então, Sicurano disse ao sultão:

— Senhor meu: muito claramente podeis perceber como aquela bondosa senhora poderia gloriar-se quanto ao amante e quanto ao marido; o amante a priva da honra, com mentiras, arruinando-lhe, ao mesmo tempo, a reputação e afastando-lhe o marido; e o marido, dando mais fé à falsidade alheia do que à verdade por ele longamente experimentada e conhecida, manda-a matar e deixa-lhe o corpo entregue à voracidade dos lobos. Além disto, são de tal ordem o bem e o amor que o amigo e o marido sentem por ela que, a despeito

de com ela se conservarem por muito tempo, como dizem, nenhum deles na verdade a conhece. Entretanto, em face daquilo que vós tão bem agora conheceis, a propósito do que cada um destes dois homens mereceu, desejo que me concedais a graça especial de mandar punir o enganador e perdoar o enganado; assim sendo, eu farei com que aquela esposa venha à vossa presença, bem como à presença deles.

O sultão, disposto a satisfazer em tudo os propósitos de Sicurano, disse que a graça estava concedida e que ele fizesse comparecer a mencionada mulher. Barnabé sentia-se profundamente maravilhado, pois estava certo de que a esposa fora morta; e Ambrosinho, como que já adivinhando o próprio castigo, de muito mais tinha medo do que de devolver o dinheiro; aliás, não tinha a menor ideia do que deveria esperar, ou temer, pelo fato de a mulher ali comparecer; mas esperava o aparecimento dela com sentimento de intensa e confusa maravilha. Dado, pois, o assentimento do sultão a Sicurano, este, chorando e atirando-se de joelhos aos pés do sultão, como se ao mesmo tempo lhe desaparecessem a voz masculina e o desejo de parecer másculo, disse:

— Senhor meu: eu sou a infeliz e desventurada Genebra; há seis anos que ando vagando pelo mundo na forma exterior de homem, por haver sido vituperada falsa e criminosamente por este traidor que é Ambrosinho, bem como por este marido, homem cruel e iníquo, que entregou a esposa a um familiar, para que ela fosse assassinada e dada de comer aos lobos.

E, rasgando as vestes militares, na parte dianteira do peito, e mostrando os seios, tornou evidente, aos olhos do sultão e de quantos ali se achavam presentes, que era mulher, e não homem. Voltando-se, em seguida, para Ambrosinho, perguntou-lhe, com enérgica decisão, quando foi que ele, de acordo com o que se jactava de haver feito, se havia deitado com ela. Ambrosinho já estava reconhecendo a mulher. De vergonha, emudeceu; e nada dizia.

O sultão, que sempre considerara Sicurano homem, ficou estupefato, ao ver e ao ouvir tudo aquilo; era tanta a sua estupefação que várias vezes pensou que tudo aquilo que via e ouvia não passava de sonho. Afinal, quando as coisas voltaram à realidade normal, a verdade se pôs em evidência. O sultão louvou muitíssimo a vida, a constância, os costumes e as virtudes de Genebra, que, para ele, até aquele momento se chamara Sicurano. Mandou o soberano que lhe proporcionassem riquíssimos trajes femininos; ordenou que se nomeassem damas de companhia, e que lhe prestassem honras; perdoou, a Barnabé, a morte bem merecida. Barnabé reconheceu a esposa; atirou-se aos pés dela,

chorando e pedindo-lhe perdão. Embora ele mal merecesse qualquer perdão por parte dela, ela bondosamente o perdoou; fê-lo ficar novamente em pé; e abraçou-o enternecidamente, como seu marido que realmente era.

Logo depois, o sultão mandou, incontinentemente, que Ambrosinho fosse amarrado a um poste, em algum lugar da cidade, ao sol, untado de mel; e que de lá não fosse retirado, enquanto por ausência total de forças próprias ele não caísse. E assim foi feito. A seguir, determinou que tudo quanto houvesse pertencido a Ambrosinho fosse entregue à mulher; o que lhe havia pertencido não era tão pouco, a ponto de valer mais do que dez mil dobrões¹ de ouro. O sultão mandou organizar uma lindíssima festa, durante a qual prestou grandes homenagens a Barnabé, como marido de Genebra, e à sra. Genebra, como dama de maravilhoso valor. Deu, a ela, de presente, joias, vasos de ouro e de prata e dinheiro, tudo no valor de mais do que outros dez mil dobrões de ouro. Ademais, mandou que se preparasse um barco, para que nele o casal viajasse. Quando a festa terminou, o sultão mandou todos embora e permitiu que Barnabé e Genebra regressassem a Gênova, quando melhor lhes parecesse. Com efeito, regressaram a Gênova, alegres e riquíssimos; ali, foram recebidos por todos com grandes honras; as honras se dirigiram principalmente a Genebra, que todos acreditavam que estivesse morta.

Daí por diante, sempre, enquanto viveu, ela gozou de inabalável reputação de grande virtude.

Ambrosinho, no mesmo dia em que foi amarrado ao poste e untado de mel, se viu, com enorme angústia, atacado pelas moscas, pelas vespas e pelos tavões, insetos que naquele país existem em enorme abundância. Por essa forma, Ambrosinho não somente foi morto, mas também devorado até os ossos. Estes ossos, depois, brancos e presos aos nervos, ali permaneceram por longo tempo, sem que ninguém neles bulisse; deram, assim, testemunho, a quem os contemplasse, da sua própria malvadeza. E assim ficou o enganador prostrado aos pés do enganado.

Nota

¹ Moeda antiga, ora de ouro, ora de prata, variando de peso de acordo com os povos que a adotavam; valia, entretanto, sempre e em toda parte, o dobro de um escudo de ouro, ou de prata; daí seu nome.

DÉCIMA NOVELA

Paganino da Mônaco rouba a esposa do sr. Ricardo de Quinzica; este, sabendo onde ela se encontra, vai para lá e se faz amigo de Paganino. Pede-lhe a devolução da esposa, e ele, desde que ela o queira, lha concede. Ela, porém, não quer voltar à companhia dele; por morte do sr. Ricardo, torna-se esposa de Paganino.



odos os membros do honesto grupo louvaram sumamente, considerando-a de fato bela, a novela contada pela sua Rainha. Mais ainda a louvou Dioneio, que, agora, era o único que restava, na jornada, para novelar. Depois de muitos comentários elogiosos à narrativa de Filomena, Dioneio disse:

— Lindas mulheres: uma parte da novela da Rainha me induziu a mudar de orientação, fazendo-me desistir de contar o que estava no meu espírito, para narrar outra coisa. O que me levou a isso foi a estupidez de Barnabé; foi bem merecido o que lhe aconteceu, como o é a todos os outros que são induzidos a crer naquilo que ele deu mostras de acreditar. Viajando pelo mundo, e divertindo-se ora com esta, ora com aquela mulher, muitos homens imaginam que suas mulheres, deixadas em casa, se conservem com as mãos na cintura, como se eles não soubessem, apesar de nascerem, crescerem e permanecerem no meio delas, do que é que elas gostam. Dentro de uma hora, mostrar-lhes-ei como é enorme a estultície de tais homens, e como ainda maior é a imbecilidade daqueles que se julgam mais poderosos do que a própria Natureza, que acreditam, por meio de demonstrações puramente cerebrinas, poder mais do que realmente podem, e que se esforçam por convencer os outros daquilo que eles próprios pretendem ser, porque de outra forma não o tolera a natureza daqueles aos quais eles desejam impor-se.

Existiu, pois, em Pisa, um juiz, dotado mais de inteligência do que de força física. Seu nome era sr. Ricardo de Quinzica. Acreditava ele que poderia satisfazer uma esposa com as mesmas tarefas com que satisfazia o seu gosto para com o estudo. Sendo muito rico, procurou, para sua esposa, com uma busca

intensa e ativa, uma mulher bela e jovem. Era um casamento daqueles de que, se ele soubesse aconselhar a si mesmo, como aconselhava aos outros, um e outro deveriam fugir. E foi isto que lhe aconteceu. O sr. Lotto Gualandi¹ lhe deu, para esposa, uma sua filha, cujo nome era Bartolomeia, uma das mais lindas e das mais encantadoras moças de Pisa; poucas existiam que, como ela, tanto se parecessem a lagartixa, no talhe e no movimento.

O juiz levou esta jovem para a sua casa, em meio a grandes festas; realizou cerimônia nupcial bonita e magnífica. Na primeira noite, esforçou-se uma vez para entrar em contato ítimo com ela e assim consumir o matrimônio; e pouco faltou para que ele, nessa vez, acabasse fracassando. Na manhã seguinte, o juiz, como homem magro, seco e de pouco espírito que era, achou que, por meio de vinho branco e doce, bem como de confeitos restauradores e de outros recursos, seria possível voltar ao mundo da normalidade. Este senhor juiz se tornou, por isso, melhor calculador das próprias forças do que o fora antes daquela primeira noite. Como precaução, começou a ensinar, à mulher, um calendário muito bom apenas para crianças que estão aprendendo a ler, talvez já preparado em Ravenna. De acordo com o que o juiz mostrava à esposa, não havia dia algum que não fosse, não de uma só festividade, e sim de várias ao mesmo tempo. Em reverência a essas festividades, ao que ele por diversas formas argumentava e justificava, o homem e a mulher deveriam abster-se de relações mais íntimas. Às referidas festividades, o juiz acrescentou jejuns, quatro têmperas, várias vigílias dos apóstolos e de mil e um santos, bem como várias Sextas-Feiras Santas, numerosos sábados de observância, o domingo do Senhor, toda a Quaresma, certos aspectos da lua e algumas outras normas de exceção. Afigurava-se-lhe que seria possível proceder, com as mulheres, na cama, da mesma forma pela qual ele procedia em relação às causas civis que iam parar-lhe nas mãos. Desta maneira passou ele a viver com a esposa, não sem profunda melancolia da parte dela. De raro em raro, talvez apenas uma vez, num ou noutro mês, ele a tocava. Contudo, passou também a vigiá-la muito de perto, a fim de evitar que algum outro homem fosse ensinar, à esposa, os dias de trabalho, como ele lhe havia ensinado os dias de férias.

Aconteceu que, sendo, de uma feita, muito intenso o calor, o sr. Ricardo teve o desejo de ir praticar alguns esportes num lugar muito bonito, perto de Montenero. Queria tomar, ali, um pouco de ar fresco, e repousar alguns dias. Levou consigo a esposa. E, para proporcionar-lhe algum entretenimento, organizou, certo dia, uma pescaria. Lá se foram todos em duas barcas separadas: ele, numa, com os pescadores; ela, em outra, com outras mulheres,

para assistir à pesca. Deixando-se levar pelo encanto do passeio, penetraram todos várias milhas no mar, quase que sem dar por isso.

Enquanto se pescava, de um lado, e, de outro, se contemplava a tarefa dos pescadores, surgiu, de súbito, no horizonte, uma galeota, que era de Paganino da Mare,² então corsário famoso; o pirata viu as barcas; rumou na direção delas; as barcas não puderam fugir com rapidez tão grande que impedisse Paganino de as alcançar; Paganino alcançou, primeiro, aquela em cujo bordo se encontravam as mulheres. Nesta barca, ele viu a linda mulher de Pisa. O pirata não quis mais saber de outra coisa. Viu que a barca, na qual o sr. Ricardo se achava, já havia chegado à praia. Assim, transferiu a bela esposa para a sua galeota, e retirou-se de lá, mar em fora.

O senhor juiz assistiu a tudo aquilo. Como era tão ciumento, que até do próprio ar desconfiava, nem é preciso esclarecer quanto ele sofreu em face de semelhante circunstância. Tanto em Pisa como em outros lugares, o juiz queixou-se abertamente da malvadeza dos corsários; e continuou sem saber quem lhe havia roubado a esposa, e menos ainda para onde a havia conduzido.

A Paganino, quando viu que a mulher era tão linda, tudo pareceu correr às mil maravilhas. Como não era casado, pensou em conservar para sempre a mulher agora roubada no mar; por isso, vendo-a chorar copiosamente, tratou de confortá-la. Ao fazer-se noite fechada, o calendário caiu da cinta do corsário, e toda festividade, ou feriado, se lhe dissipou da mente; começou, pois, a confortá-la, não mais por meio de palavras, e sim por meio de fatos, porque lhe pareceu que, durante o dia, de pouco haviam valido as palavras. E confortou-a por tal forma, que, antes de o barco chegar a Mônaco, já o juiz, seu marido, e as leis dele, com os respectivos feriados, tinham desaparecido da memória da bela mulher. Assim, ela começou a viver, da maneira mais agradável do mundo, com Paganino. Levando-a para Mônaco, Paganino, além das consolações que proporcionava, tanto de dia como de noite, fez com que todos a honrassem como sua esposa.

Ao cabo de algum tempo, chegou, ao conhecimento do sr. Ricardo, a notícia de que sua esposa se encontrava onde de fato se encontrava. O juiz verificou que ninguém lhe sabia sugerir, ao certo, o que é que era preciso fazer; por isso, ele mesmo, animado por ardoroso anseio, se preparou para ir ter com a esposa, disposto a despende, para resgate dela, qualquer quantia em dinheiro. Fez-se ao mar, navegando para Mônaco. Ali a viu; e ela também o viu. Nessa mesma tarde, ela contou tudo a Paganino, informando-o quanto às intenções do marido.

Na manhã seguinte, o sr. Ricardo, encontrando-se com Paganino, dele se aproximou, travando, com ele, em poucas horas, grande intimidade, em mansidão amiga. Paganino fingiu, o tempo todo, que o conhecia, a fim de verificar até onde ele pretendia ir. Quando pareceu oportuno, ao arbítrio do sr. Ricardo, este, da maneira que melhor se lhe afigurou, e com as palavras mais agradáveis que escolheu, lhe revelou a razão pela qual fora ter a Mônaco. Suplicou-lhe para que recebesse, em dinheiro, o que bem lhe agradasse, contanto que lhe devolvesse a mulher. A isto, Paganino, com fisionomia cordial, respondeu:

— Senhor: seja bem-vindo. Para responder-lhe, em breves palavras, digo o seguinte: é verdade que tenho uma jovem em minha casa; não sei se ela é esposa sua, ou de quem quer que seja; o exato é que não conheço o senhor; nem a ela eu conheci, a não ser depois de ficar comigo algum tempo. Se o senhor é marido dela, como diz, eu o conduzirei à presença da mulher, porque o senhor me parece homem de boa educação e maneiras delicadas; estou convencido de que ela o reconhecerá se ela disser que as coisas são como o senhor afirma, e se ela quiser voltar a viver contigo, concordarei, pelo amor dos modos agradáveis que o senhor tem, em receber, para resgate dela, a quantia pecuniária que o senhor mesmo houver por bem determinar. Se ela não quiser voltar para a sua companhia, o senhor perpetraria uma brutalidade, se pretendesse tirá-la das minhas mãos; porque eu sou homem ainda moço, e posso, como qualquer outro, amparar uma mulher, principalmente a ela, que é a mulher mais a meu gosto que já encontrei.

O sr. Ricardo afirmou, então:

— Não há dúvida que ela é minha mulher; e, se o senhor me levar para onde ela se encontra, logo o verificará. Ela se lançará incontinentemente ao meu pescoço; por isto, não peço que as coisas corram de maneira diversa daquela que o senhor mesmo concebeu.

— Então — disse Paganino — vamos para lá.

Encaminharam-se, pois, para a casa de Paganino. Detendo-se numa sala, Paganino mandou que chamassem a mulher; ela, toda vestida e muito bem-arrumada, saiu de um quarto, e compareceu à sala onde o sr. Ricardo se encontrava, na companhia de Paganino; mas não fez, para com o sr. Ricardo, qualquer movimento que não fosse o que ela faria para com qualquer pessoa estranha que em sua casa recebesse. O juiz, que esperava ser recebido por ela com grandes festas, muito se admirou; e, de si para consigo, começou a dizer: “É possível que a melancolia e o longo sofrimento, que padeci depois de a

perder, me transfiguraram tanto, que ela nem sequer me reconhece.” Depois disse, em voz alta:

— Mulher: muito caro me custou o conduzir você à pescaria. Nunca sofri dor semelhante a esta que venho padecendo, desde o momento em que a perdi; e parece que você, agora, não me reconhece, uma vez que me trata por esta forma tão diversa da habitual. Pois então você não percebe que eu sou o seu sr. Ricardo? Não percebe que aqui vim para pagar, a este gentil-homem, em cuja casa nos encontramos, o que ele quiser que eu pague, para que você volte para junto de mim e eu a leve comigo? Não percebe que ele, por sua bondade, me devolve você, a troco da quantia que eu preferir dar-lhe?

A mulher, dirigindo-se a ele, com um leve sorriso irônico, disse:

— Senhor, é isso o que me diz? Note bem que o senhor talvez me esteja tomando por outra pessoa, pois, quanto a mim, não me recordo de o ter visto jamais.

O sr. Ricardo insistiu:

— Pense no que diz; contemple-me bem; se você conseguir lembrar-se de todas as coisas, verá que eu sou o seu Ricardo de Quinzica.

A mulher escusou-se:

— Senhor: o senhor me perdoará; talvez não seja coisa que se condiga com a minha dignidade o contemplá-lo pela forma que o senhor agora imagina e pede; mesmo assim, já o contemplei o suficiente para convencer-me de que jamais o vi.

Imaginou o sr. Ricardo que ela estivesse procedendo por esta forma, devido a receio quanto ao comportamento de Paganino; talvez não quisesse reconhecê-lo na presença do corsário. Por tal motivo, pensou algum tempo; e, depois, pediu, a Paganino, que, por graça especial, o deixasse a sós, com ela, em outra sala, a fim de melhor poder falar-lhe. Paganino concordou, pois achava que não deveria nunca beijar aquela mulher contra a vontade dela; por isto, ordenou, à mulher, que fosse para o quarto, com aquele homem, a fim de ouvir o que ele desejava dizer-lhe, e de responder, ao que ele dissesse, como muito bem entendesse. Indo, pois, para um quarto, a mulher e o sr. Ricardo ficaram a sós; puseram-se a sentar; e o sr. Ricardo começou a dizer:

— Ah! Coração do meu corpo, alma doce de minha alma, minha grande esperança; pois então você não me reconhece? Eu sou o seu Ricardo, que a ama bem mais do que a si mesmo! Como pode ser isto? Estarei eu tão transfigurado assim? Ah, minha rica visão; olhe um pouco para mim!

A mulher começou a rir; e, sem deixar que ele continuasse a falar, disse:

— Você bem sabe que eu não sou tão desmemoriada assim, a ponto de não reconhecer que você é o sr. Ricardo de Quinzica, meu marido. O que há é que você, enquanto vivi em sua companhia, mostrou que muito mal me conhecia. Se você era homem esclarecido, ou se de fato é como realmente deseja ser considerado, devia ter tal conhecimento, da minha pessoa, a ponto de perceber que eu era jovem, fresca e robusta; por conseguinte, devia saber o que é que as mulheres moças desejam, além do vestir e do comer, muito embora por pudor não o digam. Você bem sabe a forma pela qual, a tal respeito, você agia. Se lhe agrada mais o estudo das leis do que a própria esposa, não devia tê-la desposado. A mim, nunca pareceu que você fosse juiz; ao contrário: você sempre me pareceu um promotor de sagas e de festas, de tão bem que você sabia os dias feriados, os dias santos, os dias de jejum e os dias de vigília. Asseguro-lhe que, se você induzisse os trabalhadores das terras que você possui a observarem tantos dias feriados, como você a isso induzia àquele que deveria cultivar o meu pequeno campo íntimo, você não teria tido, nunca, sequer um único grão de colheita. Vim parar nas mãos deste homem, com o qual vivo neste quarto, de acordo com o que desejou Deus, piedoso amparador da minha juventude; neste quarto, não se sabe nunca o que vem a ser feriado, à maneira daqueles que você observava. Repito: daqueles feriados que você, mais devoto de Deus do que posto a serviço das mulheres, tão frequentemente celebrava. Daquela porta para dentro deste quarto nunca entrou, sábado, nem sexta-feira, nem vigília, nem têmpera alguma, nem Quaresma, que é tão longa; ao contrário: tanto de dia como de noite, aqui se trabalha e se carda a lã; ademais, quando, depois desta noite, soaram as matinas, eu é que sei bem como as coisas transcorreram, a contar de uma vez para cima. Por todas estas coisas, desejo ficar com ele, e com ele trabalhar enquanto sou moça; quero deixar as festividades, os perdões, os jejuns, para quando eu for velha. Quanto a você, acho que deve retirar-se com a sua boa ventura; retire-se tão cedo quanto possível; e, sem mim, observe quantos feriados quiser observar.

O sr. Ricardo, ao ouvir estas palavras, sofreu dor incomparável; e disse, depois que ela se calou:

— Ah, alma doce de minha alma! Que significam essas palavras que você está proferindo? Então você não leva em consideração a honra sua e dos seus parentes? Prefere você ficar aqui, como criada de prazer deste homem, e em regime de pecado mortal, a viver em Pisa, como minha esposa? Este homem, quando se cansar de você, a expulsará de sua casa, com grande vitupério de você mesma; ao passo que eu a quererei sempre, e, embora eu possa vir a não

querer mais, você será sempre dona da minha casa. Será que, por causa deste seu apetite desordenado e desonesto, pretende deixar de lado a sua honra — deixar de lado a mim, que a amo ainda mais do que a minha própria vida? Ah, minha grande esperança! Não fale assim! Queira vir comigo. Daqui por diante, agora que conheço os seus desejos, eu me esforçarei; mas mude de ideia, meu doce bem; mude de ideia, e venha comigo. Nunca mais me senti bem, depois que você me foi roubada.

Ao que a mulher argumentou:

— Quanto à minha honra, não sei de pessoa que, agora que não há mais remédio, possa cuidar mais do que eu cuido. Tivessem dela cuidado os meus parentes, quando me entregaram a você! Eles, naquela época, não se incomodaram com a minha honra; não tenho intenção de me incomodar, agora, com a deles. Se me encontro, neste momento, em pecado mortal, também o estarei com a mão de pilão engolida. Não seja mais sentimental do que eu. Digo-lhe isto porque, aqui, tenho a impressão de ser a esposa de Paganino; em Pisa, parecia-me ser sua escrava; ficava sempre pensando que era por pontos de lua e por esquadros de geometria que os planetas tinham de se unir, entre mim e você; aqui, ao contrário, Paganino me toma em seus braços a noite toda; aperta-me; morde-me; e, quanto ao estado em que ele me deixa, Deus que lho diga. Você diz também que se esforçará; para quê? Para fazer a paz depois de três, e para erguer-se a pauladas? Bem sei que você se tornou um ótimo cavalheiro, depois que deixei de vê-lo! Vá embora, e esforce-se por viver; aliás, o que me está parecendo é que você se encontra em regime, de tão delgadinho e de tão tristezinho que se me apresenta. Digo-lhe mais ainda: quando este Paganino me deixar, embora não me pareça disposto a isso, poderei ir para onde eu quiser; mas é certo que não pretendo jamais voltar para junto de você. Com tudo o que obtive de você, não se faria sequer uma xicarazinha de molho; ainda assim, com enorme prejuízo para a minha pessoa, bem que permaneci a seu lado uma vez; essa é a razão pela qual procurarei sempre em outro lugar a minha acomodação. Portanto, de novo lhe digo que aqui não há feriado nem dia de vigília; e é aqui que faço questão de permanecer. Por isto, tão cedo quanto lhe seja possível, retire-se com Deus; do contrário, gritarei, como se você tentasse forçar-me.

O sr. Ricardo, vendo-se mal colocado, e reconhecendo, então, a sua loucura, de se haver casado com mulher moça e exigente, saiu daquele quarto, pesaroso e triste; disse muitas palavras a Paganino, que, no conjunto, não significavam coisa alguma. Por fim, sem haver conseguido nada, deixou lá a

mulher; voltou a Pisa; ali, foi tamanho o desequilíbrio mental em que caiu, devido à dor que sentia, que, indo pelas ruas da cidade, só respondia, a todos quantos o saudavam, ou alguma coisa lhe perguntavam, com as seguintes palavras:

— O mau buraco não quer saber de feriado!

Depois de não muito tempo, o sr. Ricardo morreu. Paganino recebeu informação quanto a isto. Sabendo do amor que a mulher nutria por ele, com ela se casou, fazendo-a sua legítima esposa; nunca se preocuparam, os dois, com a observância de feriados, nem de vigílias, nem de quaresmas; trabalharam enquanto as pernas aguentaram; e muitos bons quartos de hora atravessaram. Por esta razão, minhas caras mulheres, quer parecer-me que o sr. Barnabé, ao disputar com Ambrosinho, se pôs a cavalo sobre a cabra, para a cavalgar encosta abaixo, que é a pior maneira de montar esse animal.

Notas

¹ Uma das mais antigas famílias nobres de Pisa; é lembrada por Dante, no Inferno, Canto 33, verso 32.

² No preâmbulo da novela, o autor diz Paganino da Mônaco. Uma denominação completa a outra. Muitos piratas genoveses tinham sede em Mônaco; o principado de Mônaco era a base do navio corsário de Paganino. Da Mare era o cognome da família dele. Existiu, com efeito, em Gênova, uma família, antiga e nobre, que tinha este cognome.

DESPEDIDA



sta novela provocou tanta risada, no grupo, que a nenhuma das pessoas presentes deixaram de doer os maxilares. Por via de consenso unânime, disseram as mulheres que Dioneio afirmava uma verdade, e que Barnabé havia sido uma besta. Mas, depois que a novela chegou ao fim, e que os risos cessaram, a Rainha verificou que a hora já ia adiantada — que todos haviam novelado — e que o termo da sua soberania tinha chegado. De conformidade com a ordem começada, ela tirou da própria cabeça a grinalda; pô-la na cabeça de Neifile, dizendo, com semblante sorridente:

— Já agora, querida companheira, o governo deste pequeno povo passa a você.

E tornou a sentar-se.

Neifile ruborizou-se um pouco, pela emoção da honra recebida; assim, tornou-se, no semblante, parecida a uma rosa fresca de abril, ou de maio, logo ao despontar do dia. Quanto aos olhos, lindos e cintilantes, como se fossem estrelas matutinas, ela conservou-os ligeiramente abaixados. Quando, porém, cessou o animado palavrear dos circunstantes, que manifestavam prazerosamente a sua aprovação para com a escolha feita pela Rainha, ela retomou a firmeza do espírito; sentou-se um pouco mais alto do que era do seu costume; e disse:

— Uma vez que assim é — que eu passo a ser a Rainha de vocês —, não desejo afastar-me da conduta seguida por aquelas que, antes de mim, tiveram a governança deste grupo; esta conduta, de resto, já foi aprovada por vocês. Em poucas palavras, darei conhecimento da minha opinião. Se esta opinião for bem aceita por vocês, será de acordo com ela que agiremos. Como vocês sabem, amanhã é sexta-feira; o dia seguinte é sábado; são dias mais ou menos

tediosos para a maior parte das pessoas, devido ao tipo de comida que para eles se reserva. Note-se, porém, que a sexta-feira foi o dia em que morreu Aquele que por nossa vida se sacrificou; foi o dia da paixão; e é digno de especial reverência. Por justa razão, pois, considero honesto que, por amor e honra de Deus, reservemos esse dia às orações, em vez de o fazer às novelas. No sábado que se segue, é costume, entre as mulheres, o lavarem a própria cabeça, a fim de retirar dela todo pó, toda sujidade, que, no transcurso da semana superada, nela se haja depositado. As mulheres costumam, igualmente, nesse dia, jejuar, em reverência à Virgem Mãe do Filho de Deus; daí por diante, em homenagem ao domingo que se segue, elas têm o hábito de repousar de tudo quanto possam haver feito. Nesse dia, não poderemos obedecer plenamente à ordem dada ao nosso modo de viver; acredito, pois, que será bem-feito, se nele deixarmos de novelar. Depois, como então já teremos estado por aqui quatro dias, precisamos evitar que gente nova sobrevenha; reputo, pois, de bom aviso, mudarmo-nos daqui e irmos para outro lugar. Já pensei e já tomei providências quanto a esse novo lugar. Ali, quando estivermos reunidos, depois de dormir, no domingo, desejo que se façam narrativas em torno de um dos muitos fatos da Fortuna. Hoje, tivemos longo tempo para contar e raciocinar. Vocês terão, agora, mais tempo para pensar; será igualmente aconselhável que se restrinja um pouco a licença que se vem usando no novelar. Assim, acabei pensando que o tema da futura jornada pode vir a ser o de uma coisa muito desejada, que se adquire, ou dessa mesma coisa, perdida, que se recupera. Em torno desse tema, cada qual pense no que prefere dizer, mas que o diga de maneira que possa ser útil, ou, pelo menos, agradável, salvo, sempre, o privilégio de Dioneio.

Cada qual comentou e louvou a fala e a sugestão da Rainha; e assim se estatuiu que fosse. A Rainha mandou que se lhe apresentasse o mordomo, primeiro, para indicar o lugar onde as mesas deveriam ser postas, naquela tarde, e, depois, para dar as diretrizes plenas e gerais do que deveria ser levado a termo durante todo o tempo da sua soberania. Feito isto, a Rainha se pôs de pé, com todo o seu grupo; e cada qual teve licença para fazer aquilo que mais lhe agradasse.

As mulheres e os homens tomaram, pois, o caminho de um pequeno jardim; ali, depois de brincar um pouco, notaram que havia chegado a hora do jantar; com grande prazer e grandes festas, todos jantaram. Ao deixarem as mesas, aprouve à Rainha que Emília comandasse a carola. E a seguinte canção foi cantada por Pampineia, respondendo as outras em coro:

*Qual a mulher que cantará, se eu não canto,
que estou contente com todos os meus desejos?*

*Venha, pois, Amor, única razão do meu bem,
De toda esperança e de todo efeito agradável;
Cantemos um pouco, todas juntas.
Não os suspiros, nem as amargas penas,
Que agora o seu afeto mais doce tornam,
E sim o sol de fogo claro,
No qual, ardendo em festa, vivo e brinco,
Adorando você, como se você fora o meu Deus.*

*Você pôs, Amor, diante dos meus olhos,
No primeiro dia que eu no seu fogo entrei,
Um jovem de tal beleza,
Que nem de beldade, nem de audácia, nem de valor,
Se encontraria quem mais notável fosse.
Nem mesmo sequer quem igual seja.
Desse jovem me apaixonei tanto, que, agora,
Alegre eu o canto, com você, meu senhor.*

*E aquilo em que sumo prazer encontro
É que eu agrado a ele quanto ele me agrada,
Amor, por sua mercê.
Uma vez que, neste mundo, possuo o que quero,
Espero, no outro mundo, ter paz,
Em virtude daquela fé inteira
Que a ele dedico. Deus, que vê isto,
Do seu reino ainda fará misericórdia.*

Depois desta, muitas outras canções se cantaram, e inúmeras danças se dançaram, tocando-se diversos instrumentos. Contudo, a Rainha julgou que era

chegado o tempo de irem todos repousar; com os portadores de tachas à frente, cada qual se dirigiu ao seu aposento. Todos dedicaram os dois dias seguintes àquelas coisas que, antes, a Rainha havia sugerido; e com grande ansiedade esperaram pelo domingo.

Termina a segunda jornada de O DECAMERÃO. Começa a terceira, na qual se trata, sob o reinado de NEIFILE, de algo muito desejado, que se consegue, ou de algo que, sendo muito caro, e estando perdido, se recupera.







TERCEIRA JORNADA

O sol apressava-se; e a aurora, que era vermelha, começava a tornar-se laranja, quando, no domingo, a Rainha se levantou, e fez com que toda a sua gente igualmente se levantasse. O mordomo já havia, desde muito tempo, remetido, para o lugar para onde o grupo deveria encaminhar-se, todas as coisas que se faziam oportunas, a fim de ali preparar tudo o que fosse necessário. Ao ver a Rainha a caminho, o mordomo ordenou que tudo o mais para lá se transportasse, tão depressa quanto possível. Depois de levantado o acampamento, ele partiu com as caixas e os baús, bem como com o grupo de familiares, que ficara para seguir após a saída das damas e dos senhores. A Rainha, pois, com passo lento, acompanhada e seguida pelas moças e pelos moços, fez-se guiar pelo canto de talvez vinte rouxinóis e de outros pássaros por uma vereda não muito usada, mas cheia de ervas rasteiras e de flores; estas flores começavam a abrir-se, por efeito do sol que nelas batia. Todos tomaram o rumo do ocidente. Conversando, motejando e rindo, a Rainha os conduziu a um palácio lindo e rico, que se situava um pouco acima do nível da planície, no topo de um cabeço. Lá chegaram muito depois de soar a meia da terceira hora, ao cabo de uma caminhada que não contava mais de dois mil passos.

O grupo entrou no palácio; andou por todas as suas dependências; encheu as grandes salas, bem como os quartos aseados e belamente decorados, com tudo quanto a salas e quartos se condiz; manifestou-se satisfeitíssimo com o que assim foi feito; e achou que deveria ser homem magnífico o senhor do palácio. A seguir, com calma, todos desceram. Contemplaram o átrio amplo e agradável; visitaram a adega, cheia de ótimos vinhos; provaram a água fresquíssima e abundante que lá havia; e mais ainda louvaram a ideia de para lá ir. Depois, sentiram vontade de repousar. Foram para um balcão que dominava a vista daquele átrio; tudo ali se achava repleto de flores da estação do ano, bem como de verdes frondes. Os membros do grupo puseram-se a sentar; e o discreto mordomo recebeu-os e confortou-os com doces preciosos e vinhos raros.

A seguir, mandou a Rainha que se abrisse um jardim que ficava por trás do palácio; o jardim era cercado, por todos os lados, por muros muito altos; todos entraram nele; e visto que o panorama, logo à primeira vista, se lhes afigurou coroado de maravilhosa beleza, eles se puseram a examinar, muito

atentamente, pormenor a pormenor. O jardim tinha largas veredas ao redor, pelo meio, e cruzando e recruzando o conjunto. Todas as veredas se apresentavam retas como estradas, e ostentavam pérgolas e latadas que anunciavam, para aquele ano, enorme abundância de uvas. As vinhas e as plantas ornamentais, floridas, difundiam um aroma intenso pelo âmbito do jardim; misturando-se este aroma a outros cheiros de outras coisas que pelo jardim recendiam, tinha-se a impressão era de se estar em meio a todas as especiarias que jamais surdiram no Oriente.

Os lados das veredas se encontravam quase fechados de roseiras brancas e vermelhas, bem como de jasmims; por isto, podia-se estar ou passear por elas, tanto de manhã como quando o sol se encontrava mais alto, permanecendo-se sempre em zona de sombra odorífera e agradável, sem nunca se ser atingido pelos raios solares. Seria demorado dizer quantas e quais plantas ali se encontravam, e de que modo elas estavam dispostas; mas nenhuma planta existe, que ao nosso clima se adapte, e que ali não estivesse representada com louvável abundância.

No meio da vasta área do jardim, havia um relvado de erva bem rasteira, tão verde que chegava a parecer negra; pintalgava-se de mil variedades de flores; cercava-se de laranjeiras verdes e de limoeiros, nos quais ainda se viam os frutos velhos, os frutos novos e também as novas flores; tudo isto não somente produzia vista agradável aos olhos, mas também ocasionava grande prazer ao olfato.

A existência daquele relvado não era a coisa menos recomendável que por lá havia; ao contrário; era das mais dignas de encômios. No meio do relvado se erguia uma grande fonte, de mármore branquíssimo, trabalhado com entalhes maravilhosos. Dali de dentro, não sei se por veio natural ou artificial, saía tanta água, e esta era atirada tão alto, na direção do céu, que depois tornava a cair na área da fonte, com um rumor muito agradável. Água em quantidade bem menor seria suficiente para acionar um moinho. O jorro fazia-se através de uma figura esculpida, posta sobre uma coluna que se erigia no centro da bacia da fonte. A água que transbordava, devido a estar cheia a bacia da fonte, saía por um rego oculto no relvado; dali, por via de pequenos canais, muito bonitos, feitos pela mão do homem, punha-se para fora do relvado; e, então, tornando-se visível, circundava-o todo. Depois, também por meio de outros pequenos canais, escorria por quase todos os recantos do jardim, reunindo-se, finalmente, em uma área por onde saía fora do âmbito do jardim; dali seguia,

límpida, para a planície; mas, antes de chegar a ela, girava dois moinhos, com força enorme e não pequena utilidade para o senhor do palácio.

Contemplar este jardim, a sua linda disposição, as plantas que nele havia, a fonte, e os riachos que procediam da fonte, foi ato que agradou muito a cada uma das mulheres e aos três moços; por isto, eles começaram a afirmar que, se se pudesse construir o paraíso na terra, não saberiam que outra forma se lhe poderia dar, a não ser aquela que aquele jardim ostentava, nem que outra beleza se lhe poderia acrescentar, além daquelas que ali se ofereciam aos olhos.

Caminhando, pois, contentíssimos, ao redor do jardim; fazendo lindas grinaldas de ramos de várias árvores; e sempre ouvindo talvez vinte cantos diversos de pássaros diferentes — quase como se um pássaro quisesse competir com outro, quanto à riqueza canora —, eles acabaram por descobrir outra beleza encantadora, que ainda não tinham notado, provavelmente pelo fascínio que as anteriores haviam exercido sobre eles. Consistia esta nova beleza em estar o jardim povoado por talvez cem variedades de lindos animais; um apontava ao outro, ora este, ora aquele bicho. De um lado saíam coelhos; de outro, corriam lebres; lá adiante, deitavam-se cabritinhos; mais além, pasciam corças; afora estas, muitas outras espécies de animais não nocivos, cada qual deixada à sua vontade, como se fosse domesticada, andavam por ali, despreocupadamente, ao léu. Estas coisas acrescentaram, a todos os outros encantos, um encanto ainda maior.

Todavia, depois que andaram longo tempo, vendo ora esta coisa, ora aquela, os componentes do grupo mandaram que se pusessem as mesas ao redor da fonte. Ali, cantaram-se, primeiro, seis cançonetas, e dançaram-se alguns bailados. A seguir, quando isso aprouve à Rainha, todos foram à refeição. Foram servidos, em ordem perfeita, em atmosfera de nobreza e calma, pratos de iguarias boas e delicadas. Todos se fizeram satisfeitos. Ergueram-se das mesas. E entregaram-se de novo à delícia dos cantos e das danças. Isto durou até que, devido ao calor, a Rainha esclareceu que era hora de ir fazer a sesta, a quem a sesta agradasse. Alguns foram dormir; outros, fascinados pela beleza do lugar, passaram por onde bem entenderam; depois, puseram-se uns a ler romances, outros a jogar xadrez, outros a jogar dominó, enquanto os demais repousavam em suas camas.

Entretanto, depois que se levantaram, bem após a hora nona, e depois que refrescaram o rosto com a água límpida, voltaram ao relvado, como agradou à Rainha que se fizesse. Reuniram-se junto à fonte. De acordo com a maneira de

costume, sentaram-se, e puseram-se a esperar o momento em que deveriam novelar sobre o tema proposto pela Rainha.

O primeiro a quem a Rainha entregou a incumbência de falar foi Filóstrato. E este começou desta maneira:

PRIMEIRA NOVELA

Masetto de Lamporecchio faz-se mudo e torna-se hortelão de um convento para mulheres; e elas competem entre si para se deitarem com ele.



elíssimas damas: muitos homens existem e muitas também são as mulheres, tão dotadas de estupidez que chegam a acreditar firmemente nisto: que, desde que se ponha, à cabeça de uma jovem a branca touca monacal, e se lhe envolve o corpo no negro burel, ela deixa de ser mulher, passando a não sentir mais os apetites femininos, exatamente como se, ao fazer-se monja, ela se transformasse em pedra. Quando, por acaso, ouvem alguma coisa contrária a este conceito, as mencionadas pessoas se perturbam, como se alguém houvesse cometido um enorme pecado contra a Natureza. Os que assim procedem não pensam nem desejam ter algum respeito para consigo próprios, pois a eles a simples licença de poderem fazer o que bem entendem não basta para promover a saciedade; e também não pensam nas grandes forças do ócio e da solidão irrequieta. Da mesma forma, muitos são os indivíduos que acreditam, com igual firmeza, que a enxada e a pá, bem como as comidas pesadas e os desconfortos, tolhem, aos trabalhadores da terra, os apetites concupiscentes, tornando-os obsoletos quanto ao intelecto e à astúcia. Mas, uma vez que a Rainha me ordenou, e não saindo dos limites propostos por ela, agradar-me-á demonstrar-lhes, com mais clareza, através de uma pequena novela, o quanto estão enganadas as pessoas que daquela forma acreditam.

Por estas nossas bandas existiu, e existe ainda, um convento para mulheres, muito famoso por sua santidade, cujo nome não direi para não diminuir, sob aspecto algum, a sua reputação. Não faz muito tempo, não se encontravam, nesse convento, mais do que oito mulheres com uma abadessa, todas jovens, mais um bondoso homenzinho que era o hortelão de um belíssimo jardim que ali havia. Este homenzinho, não se contentando com o salário, apresentou suas razões ao mordomo das mulheres, e regressou a Lamporecchio, sua terra natal.

Ali, entre as outras pessoas que o receberam alegremente, havia um moço, trabalhador, forte e robusto; quanto à beleza do aspecto pessoal, era o segundo homem da vila; e chamava-se Masetto; este moço perguntou, ao homenzinho, onde tinha estado. E o homenzinho, que se chamava Nuto, contou-lhe; então, Masetto indagou o que era que ele fazia no convento. A isto, Nuto respondeu:

— Eu tratava de um jardim, belo e grande, do convento; além disto ia, uma ou outra vez, ao bosque, em busca de lenha; tirava água do poço e fazia outros serviçozinhos parecidos. As mulheres, porém, me pagavam salário tão reduzido que, com ele, eu mal conseguia pagar o calçado. Ademais, aquelas mulheres são todas moças; parece-me que têm o diabo no corpo; nunca se consegue fazer coisa alguma que lhes agrade. Às vezes, quando eu trabalhava no horto, uma delas dizia: “Ponha isto aqui”; mas outra ordenava: “Ponha aquilo aqui”; e uma terceira me tirava a enxada da mão, dizendo: “Isto não está direito.” Enfim, aquelas mulheres me irritavam tanto que eu abandonava o trabalho e saía do horto; desta maneira, um pouco por uma coisa, outro pouco por outra, não quis mais ficar lá; e por isto vim para aqui. Aliás, o mordomo do convento me pediu, quando me despedi, que, se soubesse de alguém que servisse para trabalhar em seu horto, lhe mandasse. Eu prometi assim fazer. Deus que dê saúde aos rins do trabalhador que eu encontrar, ou então não o mandarei.

Masetto, ouvindo as palavras de Nuto, sentiu perpassar, pela própria alma, um desejo tão grande de ir ter com aquelas monjas que mal conseguiu conter-se; compreendera, pelas palavras de Nuto, que a ele poderia caber o destino de ser enviado ao convento. Percebendo que nada, entretanto, aconteceria se nada dissesse a Nuto, esclareceu-o:

— Ah! Como você fez bem em vir! Qual é o homem que pode trabalhar em meio a mulheres? Será sempre melhor trabalhar com os diabos; em seis vezes, sobre sete, elas mesmas não sabem o que querem.

Todavia, depois de concluída a sua fala, Masetto passou a pensar no caminho que deveria tomar, para ir ter com aquelas monjas. Convencido de que sabia fazer, muito bem, aqueles serviços a que Nuto se referira, teve a certeza de que não perderia a oportunidade por isso; temeu, entretanto, não ser admitido, por ser muito moço e muito bem apessoado. Por isto, depois de muito pensar, imaginou, de si para consigo: “O lugar fica muito longe daqui; lá, ninguém me conhece; se consigo dar mostras de ser mudo, não há dúvida que serei por elas admitido.” Deteve-se nesta ideia. Pôs um machado ao ombro; não disse a ninguém para onde se dirigia; saiu, à maneira de pobre mendigo, a

caminho do convento. Lá chegou; entrou e encontrou, por acaso, o mordomo, logo no átrio. Dirigiu-se a ele; fez-lhe gestos, como os mudos costumam fazer, para significar que estava pedindo algo que comer, pelo amor de Deus; explicou igualmente, que, se fosse preciso, racharia lenha. O mordomo deu-lhe, de bom grado, algo para comer. A seguir, pôs, diante de Masetto, vários troncos que Nuto não conseguira rachar. Masetto, que era fortíssimo, rachou-os todos, em breve espaço de tempo. O mordomo, que estava precisando ir ao bosque, levou Masetto consigo; fê-lo cortar lenha; depois, apresentou-lhe um burrico e, com gestos e sinais, deu a entender que era preciso levar o animal à casa dele. Masetto fez tudo direitinho, por tal forma que o mordomo achou conveniente retê-lo vários dias, para a realização de tarefas que eram de sua própria incumbência.

Um dia, a abadessa viu Masetto; e perguntou, ao mordomo, quem ele era. E o mordomo explicou:

— Senhora: este é um mendigo, mudo e surdo, que há poucos dias por aqui apareceu pedindo esmola; assim, fiz-lhe o bem, e pedi-lhe que realizasse algumas tarefas que estavam pendentes. Se ele soubesse trabalhar no horto, e quisesse ficar por aqui, penso que teríamos um bom serviçal; ele precisa trabalhar; é forte, e poderia bem fazer o que fosse necessário; além disto, sendo ele mudo, a gente não teria de se preocupar com possíveis observações dele às moças que a senhora supervisiona.

Ao que a abadessa concordou:

— À fé de Deus! Você está dizendo a verdade. Procure saber se ele quer ficar por aqui, e empenhe-se em retê-lo conosco. Dê-lhe um par de sapatos, um ou outro capuz velho; lisonjeie-o; trate-o com carinho; dê-lhe bastante o que comer.

O mordomo disse que faria. Masetto não se encontrava longe dali. Mas, fingindo estar varrendo o átrio, ouviu toda esta troca de palavras; e, alegre, disse, de si para consigo: “Se vocês me deixarem entrar aí, eu tratarei do horto por tal forma que verão que nunca ele foi tratado assim.”

Ora: o mordomo verificou que ele sabia trabalhar muito bem; por meio de gestos, perguntou-lhe se desejava ficar no convento; Masetto, também por meio de gestos, respondeu que estava disposto a fazer o que ele, mordomo, quisesse. Assim, admitiu-o. Impôs-lhe que tratasse do horto; e mostrou outras coisas que ele deveria fazer. Depois, foi cuidar de outros aspectos da vida do convento; e deixou-o só.

Masetto trabalhou um dia depois de outro; as monjas começaram a aborrecê-lo e pô-lo em maus lençóis, como frequentemente acontece que os outros fazem com os mudos; atiravam-lhe as palavras mais perversas do mundo, na certeza de não serem por ele entendidas. A abadessa, que talvez achava ótimo não ter ele cauda, como não tinha língua, pouco se incomodava com o tratamento que as monjas davam ao moço. Aconteceu, de uma feita, que Masetto trabalhou muito e, cansado, foi repousar; duas jovens monjas, que andavam pelo jardim, apressaram-se a dirigir-se para o lugar onde ele se encontrava; e começaram a contemplá-lo, enquanto ele fingia estar dormindo. Assim, uma delas, que era um pouco mais atrevida, disse à outra:

— Se eu tivesse certeza de que você me desse crédito, eu lhe diria um pensamento que já tive diversas vezes; e esse pensamento poderia fazer algum bem também a você.

A outra esclareceu:

— Pode falar com segurança; tenha a certeza de que não o revelarei a ninguém.

Então, a atrevida começou:

— Eu não sei se você já observou o rigor da nossa disciplina, aqui dentro; nunca homem algum entra neste recinto, a não ser o mordomo, que é velho, e, agora, este mudo. Várias vezes ouvi dizer, por mulheres que têm vindo a este convento, que todas as outras doçuras do mundo são apenas uma tolice, em confronto com as delícias que a mulher usufrui em companhia do homem. Por esta razão, várias vezes me veio à ideia o propósito de verificar se assim é, com este mudo, uma vez que não o posso fazer com outro homem. Este homem, para o caso, é o melhor do mundo, porque, ainda que o quisesse, não poderia nem saberia contar o que acontecesse; bem vê você que ele é moço boçal, que cresceu mais do que a própria inteligência. De bom grado eu ouviria o que você pensa a tal respeito.

— Ai de mim! — exclamou a outra. — Que é que você está dizendo? Pois então não sabe que prometemos nossa virgindade a Deus?

— Oh! — comentou a outra. — Quantas contas Lhe prometem todos os dias, sem que nenhuma promessa seja cumprida? Se nós Lhe prometemos, procurem-se outras, ou outra, que Lhe deem.

A isto, a companheira observou:

— E se ficarmos grávidas, como correrão as coisas?

A mais audaciosa respondeu:

— Você começa a pensar no mal antes que ele se manifeste; se isso acontecer, na ocasião oportuna se pensará; há mil modos de fazer; assim, nunca ninguém o saberá, contanto que nós mesmas não o revelemos.

A mais tímida, ao ouvir isto, e sentindo, já, desejo ainda maior do que a outra, para provar que espécie de animal era o homem, indagou:

— Muito bem; mas como vamos fazer?

Ao que a mais atrevida respondeu:

— Você vê que já estamos na nona hora; creio que todas as freiras estejam dormindo, afora nós; vamos dar uma espiada pelo horto, a fim de ver se há alguém por ali: se não houver ninguém, nada mais teremos a fazer do que tomar este homem pela mão e conduzi-lo àquele caramanchão, onde ele se abriga da chuva. Ali, uma fica lá dentro com ele, e a outra monta guarda. Ele é tão idiota, que fará como nós quisermos.

Masetto estava ouvindo toda esta conversa; dispôs-se logo a obedecer; e nada mais esperava, senão ser tomado pela mão por uma delas. As duas moças olharam bem, por todos os lados; verificaram que não podiam ser vistas de lugar nenhum; a mais atrevida, que havia começado a conversa sobre Masetto, acordou-o; e ele se pôs imediatamente de pé; a freira tomou-o por uma das mãos; fez-lhe algum carinho; e ele rindo, de quando em quando, como se fosse verdadeiro idiota, deixou-se levar ao caramanchão, onde, sem se fazer muito rogado, agiu como ela desejou que ele agisse. A moça, como companheira leal, assim que teve o que queria, cedeu o lugar à outra; e Masetto, mesmo continuando a mostrar-se simplório, obedeceu à vontade das duas; porque, antes de se retirarem dali, mais de uma vez elas quiseram verificar como o mudo sabia cavalgar. Depois, as duas, falando entre si, reconheceram que aquilo era, de fato, coisa deliciosa — e ainda mais deliciosa do que tinham ouvido dizer. Por isso, dali por diante, esperando sempre o momento oportuno, passaram a ir divertir-se com o mudo.

Aconteceu, de uma feita, que uma companheira delas, olhando por uma janelinha de sua cela, notou o que elas faziam, e apontou o caso a duas outras moças. Em primeiro lugar, armaram um conselho, resolvendo que era dever acusar o caso à abadessa; depois, mudaram de opinião, concordando, unanimemente, em que seria melhor compartilharem elas do generoso poder de Masetto. Deste poder, outras três moças, por circunstâncias diversas, em épocas diferentes, passaram a tirar proveito. Por fim, a abadessa, que ainda não tinha percebido coisa alguma daquilo, se pôs a andar, sozinha, pelo jardim; o calor era intenso; em determinado ponto, defrontou-se com Masetto, o qual

sentia calor excessivo, menos pelo trabalho do dia, do que pelo cavalgar da noite; o mudo pusera-se a dormir, estendido à sombra de uma amendoeira. Como o vento lhe houvesse agitado e atirado para trás os panos da frente, tudo se encontrava a descoberto. A abadessa contemplou aquilo. Vendo-se só, animou-se do mesmo apetite de que as suas monjazinhas se haviam animado. Acordou Masetto. Levou-o para a sua cela, onde o manteve por vários dias, provando e tornando a provar aquela doçura que ela mesmo, antes, no altar, costumava maldizer. Houve, porém, grande movimentação entre as monjas, pelo fato de o hortelão não ir tratar do horto. Afinal, a abadessa remeteu-o, da sua cela para o quarto dele; mas com muita frequência ela quis, dali por diante, entreter-se com ele; além disto, não era nada moderada em suas exigências.

Masetto, não podendo satisfazer a tantas, percebeu que o fato de ser mudo lhe poderia causar grande prejuízo, se continuasse a ficar no convento. Por isto, certa noite, estando com a abadessa, rompeu os imaginários ligamentos que lhe prendiam a língua; e começou a dizer:

— Senhora: eu sempre ouvi dizer que um só galo chega muito bem para dez galinhas; e também ouvi dizer que dez homens não conseguem, ou mal conseguem, e com grande esforço, satisfazer uma mulher. Ora: eu tenho de servir nove. Nesta situação, pela própria Natureza, não poderei prosseguir; aliás, por tudo o que já fiz, cheguei a um tal estado que não posso mais fazer muito, nem pouco. Nestas condições, ou a senhora me deixa ir com Deus, ou vê o arranjo que pode dar ao caso.

A mulher ficou estupefata ao ouvir falar o homem que julgava mudo; e disse:

— Que é isso? Eu pensei que você fosse mudo!

— Senhora — explicou Masetto —, eu era mudo, na verdade, mas não por natureza, e sim por uma doença que me inibia de falar; foi somente esta noite que verifiquei que a fala já me havia sido restituída, pelo que louvo a Deus, com todas as minhas forças.

A mulher acreditou na explicação; e perguntou-lhe o que é que ele queria dizer com aquilo de servir nove. Masetto contou-lhe o fato. Ao saber, a abadessa percebeu que não havia, no convento, monja que não fosse mais esperta do que ela.

Discreta como era, não deixou que Masetto partisse. Preferiu tratar de encontrar, com as suas monjas, uma forma de harmonizar tudo, a fim de que o convento não fosse desprestigiado por Masetto. Naqueles dias, morrera o mordomo. Então, por via de mútuo assentimento, pondo-se às claras, aos olhos

de todas, aquilo que por todas havia sido praticado às ocultas, com prazer as monjas concordaram quanto ao destino que deviam dar ao ex-mudo. Os habitantes das vizinhanças acreditaram que, por força das orações das monjas, bem como por mérito da intervenção do santo cujo nome fora dado ao convento, o pobre Masetto, que por tanto tempo fora mudo, teve a fala restituída. Acreditaram que, por causa disso, as monjas resolveram elevá-lo ao posto de mordomo. Lá dentro, as monjas se entenderam quanto à divisão dos esforços de Masetto, de modo que ele os pôde comportar dali por diante. Naquelas funções, muitos mongezinhos Masetto originou; mas as coisas transcorreram tão discretamente, que nada disto se soube, a não ser depois da morte da abadessa, quando Masetto era já homem quase velho, e alimentava o desejo de regressar bem rico à sua casa.

Sabendo-se disto no convento, logo as monjas trataram de satisfazê-lo. Assim, pois, Masetto, feito velho, pai e rico, sem ter tido qualquer trabalho, nem despesa, para tratar dos filhos, voltou ao lugar de onde tinha partido com um machado ao ombro. Sentiu-se recompensado pela sua esperteza, que o levara a aplicar bem a própria juventude. E passou a afirmar que era assim que Cristo tratava aos que o traíam por aquela forma.

SEGUNDA NOVELA

Um palafrenero se deita com a mulher do rei Agilulfo; tacitamente, Agilulfo dá pela coisa; encontra o culpado e tosa-o; o tosado, tosa todos os outros; e assim foge à própria desgraça.



hegou ao seu termo a novela de Filóstrato. Durante o seu desenvolvimento, ora as mulheres se sentiram ruborizar, ora riram de muito bom grado. Ao fim, aprouve à Rainha que Pampineia prosseguisse na série, dizendo a sua novela. E Pampineia, com semblante sorridente, começou a falar:

— Algumas pessoas são muito pouco discretas, no ato de procurar demonstrar que sabem e sentem aquilo que nem sabem, nem sentem; por isto, acham que, censurando os despercebidos defeitos de terceiros, diminuem a própria vergonha, quando, na verdade, a aumentam ao infinito. De que isto é verdade, pretendo dar provas, lindas mulheres, com um episódio contrário, mostrando-lhes a astúcia de um homem considerado talvez de menor valor do que Masetto, astúcia esta encarnada na pessoa de um rei de grande nobreza.

Agilulfo,¹ rei dos lombardos, fez como os seus predecessores tinham feito: fixou em Pavia, cidade da Lombardia, a capital do seu reino. Tomara, como esposa, Teodolinda, que ficara viúva de Autari, que também fora rei dos lombardos. Teodolinda era mulher esclarecida, infinitamente bela e muito honesta, mas não muito afortunada quanto a amantes.

Pela virtude e pela inteligência deste rei Agilulfo, as condições de vida dos lombardos se tornaram bastante prósperas e tranquilas. Aconteceu, assim, que um palafrenero da rainha se apaixonou desmesuradamente por ela; ele era homem de humilíssima condição de nascimento — mas por outros títulos muito mais digno do que o faria crer o seu modesto ofício. Pessoalmente, o palafrenero era belo e grande, como o próprio rei. A sua condição humilde não impedia que ele percebesse que o seu amor ficava fora de todo propósito. Prudente, não o revelou a pessoa alguma; e muito menos, naturalmente, ousou

erguer os olhos diante da rainha, para lhe manifestar o seu sentimento. Vivia sem qualquer esperança de um dia conseguir agradar a soberana; mesmo assim, sempre se vangloriava de haver situado os próprios pensamentos em posição muito elevada; e, como todo homem tomado pelo ardente fogo do amor, fazia, com o máximo capricho, e com muito maior perfeição do que qualquer dos seus companheiros, todas as tarefas que devessem ser do agrado da rainha. Por tal razão, acontecia que a rainha, sempre que cavalgava, montava com muito mais prazer o palafrém tratado por ele, do que o tratado por qualquer outro cavaliário. Quando isto se dava, o homem se considerava bafejado por graça extraordinária; não saía nunca de perto do estribo dela; e tinha-se na conta de criatura infinitamente feliz, toda vez que podia tocar, ainda que fosse de leve, nas roupas da soberana.

À maneira, porém, do que nós vemos frequentemente ocorrer, isto é, que a esperança se faz cada vez menor, quanto maior o amor se torna, assim aconteceu com aquele pobre palafreireiro. Muito lhe custava conter o enorme desejo, e conservá-lo oculto como fazia, sem ser auxiliado por nenhuma esperança. Muitas vezes, nas suas meditações solitárias, o homem, não podendo livrar-se de tamanho amor, cogitou morrer. Pensando no modo de se eliminar desta vida, adotou a ideia de enfrentar a morte por alguma coisa através da qual se tornasse depois patente que ele tivesse morrido pelo amor que nutria, e nutria ainda, para com a rainha. Resolveu que essa coisa deveria ser de tal ordem, que ele, por meio dela, tentaria a sorte, no propósito de conseguir, no todo ou em parte, satisfazer o seu desejo de amor. Não se importou com o dizer palavras à rainha; nem se interessou em fazer-lhe sentir, através de cartas, o seu afeto; sabia que inutilmente diria, ou escreveria. Decidiu, assim, aplicar a inteligência ao caso, a fim de verificar se, por obra do engenho, conseguiria deitar-se com a rainha. O que lhe pareceu ser preciso foi fingir ser o rei em pessoa; tinha conhecimento de que o soberano não se deitava frequentemente com a mulher; seria, pois, questão de conseguir aproximar-se dos seus aposentos e de penetrar no seu dormitório. Havia, no palácio do rei, uma grande sala, que se situava entre a alcova do soberano e a alcova da rainha. Nesta sala o palafreireiro se ocultou várias vezes, a fim de verificar de que modo e com que roupas o rei se encaminhava ao leito da esposa, quando para lá se dirigia.

Certa noite, entre outras, viu o rei sair dos seus próprios aposentos, envolto num grande manto; levava, numa das mãos, um pedaço de vela aceso; na outra, uma varinha; encaminhou-se para a alcova da rainha; sem dizer

palavra, bateu, uma ou duas vezes, à porta daquela alcova, com aquela varinha; a porta foi-lhe aberta de imediato; e retiraram-lhe logo, da mão, o pedaço de vela.

O palafrenero tomou nota de tudo isto: viu o rei voltar, nas mesmas condições; e pensou que deveria proceder também por essa forma. Tratou de obter, e obteve, um manto semelhante àquele que vira o rei usar; e preparou um coto de vela e uma vareta. Em primeiro lugar, lavou-se muito bem, numa estufa, a fim de que o cheiro do estrume não aborrecesse a rainha, ou não permitisse que ela desse pelo engano. Depois disto, e com aquelas coisas, ocultou-se na grande sala. Notou que todo o palácio já dormia. Afigurou-se-lhe chegado o tempo, ou de pôr em execução o seu projeto e satisfazer o seu desejo, ou de se entregar, por altos motivos, à almejada morte.

Fez fogo, com a pedra e com o aço que tinha consigo, para acender a vela; acendeu-a; envolveu-se no manto, fechando toda a sua figura; rumou para a porta da alcova da rainha, que golpeou duas vezes com a vareta. A alcova foi aberta por uma camareira a cair de sono; o lume foi-lhe tolhido da mão e escondido; e ele, sem dizer palavra, depois de atravessar a cortina e de despir o manto, entrou no leito em que a soberana se encontrava. Tomou-a ansiosamente nos braços; mostrou-se perturbado; sabia que era costume do rei não desejar ouvir coisa alguma, quando se encontrava nervoso; nessas ocasiões, nada dizia, nem queria que lhe fosse dito; e assim várias vezes conheceu carnalmente a rainha. Embora lhe parecesse lamentável ter de se retirar de lá, ainda assim receou que o excesso de permanência naquela cama poderia ser capaz de transformar em tristeza o seu deleite; por isto, ergueu-se, retomou o manto e o lume, e, sem dizer palavra, retirou-se. Voltou à sua cama, o mais depressa que lhe foi possível.

Mal se havia acomodado, quando o rei, erguendo-se, rumou para a alcova da rainha; e disto ela se mostrou fortemente surpresa. Visto que ele entrou no leito com bons modos, e que a cumprimentou com alguma alegria, ela tomou coragem em face desta sua boa disposição, para lhe dizer:

— Oh! Meu senhor! Que novidade é esta, nesta noite? O senhor se separou de minha pessoa ainda há poucos instantes, e recebeu prazer, de mim, mais do que é seu costume receber; e já se encontra de novo aqui? Tome cuidado com o que está fazendo.

O rei, ouvindo este discurso, presumiu, desde logo, que a rainha fora enganada por semelhança de costumes e de pessoa; mas, julgando-se esclarecido, pensou, imediatamente, que, visto que a rainha não havia

percebido o logro, e que o episódio não fora notado por nenhuma outra pessoa, o melhor seria continuar deixando que ela nada percebesse. Muitos homens tolos não teriam agido assim; ao contrário; teriam exclamando: “Eu não estive aqui! Quem foi o atrevido que aqui esteve? Como foi que o caso aconteceu? Como foi que entrou?” De um comportamento destes, muitas complicações teriam surgido; ele entristeceria, sem razão, a mulher, e lhe abriria a porta, à esposa, para desejar outra vez aquilo que já havia sentido. O episódio de que ele, calando-se, nenhuma vergonha receberia, transformar-se-ia em vitupério, se ele falasse. Assim, o rei respondeu, mais perturbado em espírito do que no rosto e nas palavras:

— Mulher: não lhe pareço eu homem capaz de aqui ter estado uma vez, e de aqui voltar depois disso?

Ao que a mulher observou:

— Não há dúvida, senhor meu; mesmo assim, peço-lhe que tenha cuidado com a sua saúde.

Então o rei disse:

— Olhe: agrada-me seguir o seu conselho; desta vez, vou-me embora, sem lhe proporcionar aborrecimento algum.

O rei estava com o espírito inflamado de ira e de capacidade de fazer o mal, em face daquilo que via que já tinha sido levado a cabo; retomou o manto, saiu da alcova, e tratou de verificar quem poderia ter agido por aquela forma; imaginou que deveria ser alguém da casa real; fosse quem fosse, não teria podido sair ainda do palácio. Tomou, pois, um lume extremamente pequeno; encaminhou-se para uma longa série de casas que havia no seu palácio, por cima dos estábulos dos cavalos; nessas casas, em diferentes camas, dormia quase todo o seu pessoal de serviço. Pensou que o indivíduo que tinha feito aquilo a que a mulher se referira não poderia estar, ainda, com o pulso calmo, nem com o batimento do coração repousado. Assim, em perfeito silêncio, começou a pesquisa por uma das extremidades da série de casas; de todos os serviços, tratou de apalpar o peito, a fim de verificar se o batimento do coração estava agitado ou não.

Todos dormiam profundamente; mas aquele que estivera na alcova da rainha não poderia estar ainda dormindo. Precisamente por não estar dormindo, o palafrenero, ao ver o rei, logo percebeu o que era que ele andava procurando. Sentiu, por isto, um grande medo; em consequência, ao batimento agitado do coração, devido ao esforço realizado, novo impulso foi acrescentado pelo pavor. O palafrenero convenceu-se de que, se o rei

percebesse o seu estado, mandaria matá-lo, sem hesitação alguma. Seu pensamento andou vagando por muitas coisas que achava que deveria e que não deveria fazer. Entretanto, vendo que o rei estava desarmado, o palafrenero deliberou fingir estar dormindo, e esperar por aquilo que o rei em primeiro lugar fizesse. O rei revistou várias casas, não encontrando homem algum que pudesse considerar como sendo o culpado; por fim, chegou perto do palafrenero; viu que o coração lhe batia acelerado; e disse, de si para consigo: “É este!”

O rei, porém, queria que ninguém ficasse sabendo o que tinha em mente levar a efeito. Por isto, nada de mal fez ao homem; apenas, com um par de tesouras, que tinha consigo, tosou-lhe umas partes da cabeleira; naquele tempo, os familiares dos soberanos costumavam ter os cabelos longuíssimos. Por aquele sinal, bem poderia o rei reconhecer o culpado, na manhã seguinte. Cortados os cabelos, o rei saiu de lá e voltou aos próprios aposentos.

O palafrenero, que havia observado tudo, era homem malicioso; percebeu claramente o motivo pelo qual fora marcado por aquela forma. Sem esperar por coisa alguma, ergueu-se de sua cama; procurou um par de tesouras; por acaso, havia várias nos estábulos, para o tratamento dos cavalos; pé ante pé, percorreu a série toda de casas; aproximou-se de todos quantos nelas dormiam; e cortou os cabelos de todos, de maneira absolutamente igual, um pouco acima das orelhas. Feito isto, sem que ninguém desse pela circunstância, o palafrenero voltou para a sua cama, e tratou de dormir.

O rei, logo ao levantar-se, na manhã seguinte, ordenou que, antes que as portas do palácio se abrissem, todos os serviçais lhe fossem apresentados; e assim foi feito. Todos os serviçais, pois, foram levados à presença do soberano, com a cabeça descoberta. O soberano começou a examinar um a um, para identificar o que fora tosado por ele; vendo que a maior parte dos serviçais estava com os cabelos cortados da mesma maneira, sentiu-se surpreso, e disse, de si para consigo: “Este indivíduo, que eu estou procurando, bem que mostra ser de alta inteligência.” Afinal, verificando que, sem provocar escândalo, não conseguiria encontrar o que procurava, achou que não seria conveniente passar grande vergonha, através de uma pequena vingança; pensou, pois, em admoestar o culpado, e de mostrar-lhe que a sua culpa fora notada. Por isto, dirigindo-se a todos, disse:

— Quem o fez, não o faça mais; podem vocês ir com Deus.

Qualquer outro soberano teria desejado torturar o culpado por meio de giros de cordas; teria querido martirizá-lo; examiná-lo; inquirir; e, assim

procedendo, conseguiria tornar notório aquilo que toda gente deve procurar ocultar; depois de revelado a todos o episódio, ainda que ele se vingasse, a sua vergonha não se reduziria; ao contrário: aumentaria; e a honestidade de sua esposa ficaria maculada. Os serviçais que ouviram a admoestação do rei, ficaram surpresos; durante longo tempo esforçaram o próprio cérebro, na esperança de adivinhar o que o rei teria querido significar; mas ninguém adivinhou; a advertência só foi compreendida por aquele a quem exclusivamente se dirigia.

O palafrenero, enquanto o rei viveu, nunca revelou coisa alguma, porque era homem precavido; mas também nunca mais deixou que a sua vida ficasse ao léu de aventura semelhante àquela.

Nota

¹ Rei lombardo, sucessor de Autari; reinou de 590 a 615; casou-se com a viúva de Autari, Teodolinda. Por influência da esposa, favoreceu a propagação do catolicismo entre os lombardos. O historiador Giannone assegura não ser verdadeiro o episódio narrado nesta novela de Boccaccio.

TERCEIRA NOVELA

Imprimindo à sua manobra o aspecto de confissão e de puríssima consciência, certa mulher, enamorada de um jovem, induz um frade circunspecto (sem que ele se dê por isso) a fazer com que a vontade dela seja satisfeita.



ampineia já se havia calado; a audácia e a cautela do palafrenero já tinham sido louvadas pela maioria dos componentes do grupo; da mesma forma se aprovara a sensatez do rei. A essa altura, a Rainha, dirigindo-se a Filomena, ordenou-lhe que prosseguisse; em obediência à ordem, Filomena, com muita graça, começou a falar:

— Tenho o propósito de contar-lhes uma burla que foi realmente praticada por uma bela mulher, em relação a um religioso circunspecto. A burla daria prazer de ser feita contra todo secular, tanto mais quanto é verdade que os religiosos, em sua maioria, são tolos. Homens de maneiras estranhas e de costumes extravagantes, julgam que de tudo sabem mais do que os outros, e que mais do que os outros valem. Na verdade, porém, eles valem muito menos, uma vez que, por vileza de ânimo, não possuindo estímulos para se encaminharem na vida, como os outros homens, se refugiam, como os porcos, onde sabem que lhes está assegurado o de que comer. Contarei a referida burla, oh! agradáveis mulheres, não somente para prosseguir na ordem encetada, mas também para torná-las precavidas; com frequência, os religiosos — nos quais nós, extremamente crédulas, depositamos fé excessiva — podem ser, e uma ou outra vez realmente são, habilmente enganados, não apenas por homens, mas também por algumas de nós.

Na nossa cidade, que está mais cheia de enganos, do que de amor ou de fé, existiu, há não muitos anos, uma nobre mulher, tão adornada de belezas e de bons costumes, de elevação de espírito e de sagacidades sutis, como qualquer outra mulher favorecida pela Natureza. Não tenho intenção de lhe mencionar o nome, como não o farei, que eu saiba, de nenhuma outra pessoa que nesta

novela aparecer; e isto porque ainda vivem criaturas que, devido a esta burla, se encheriam de ódio, quando seria melhor deixar que o episódio se mantivesse em atmosfera de riso.

A mencionada mulher, pois, levando em consideração que nascera de alta linhagem, e vendo-se casada com um tecelão de lã, não conseguia dissipar o desdém que nutria para com ele, por ser ele simples artesão; achava que nenhum homem, de baixa condição social, embora riquíssimo quanto a dinheiro, poderia ser digno de mulher nobre. Observando, ademais, que o marido, com todas as suas riquezas, não percebia coisa alguma adiante do nariz, além de um tecido mescla, ou da preparação da urdidura de um pano, ou da disputa de um páreo de fiação por uma fiandeira, resolveu o seguinte: não aceitar mais os abraços dele, de maneira alguma, a não ser na medida em que não pudesse negar-se a aceitá-los; e, por outro lado, procurar, para satisfação de si mesma, um homem que lhe parecesse mais digno dela, do que o era o tecelão.

Enamorou-se de um homem de meia-idade, de grande valor; e enamorou-se por tal forma que, se num dia não o visse, não conseguia transcorrer sem tédio a noite seguinte. Todavia, o homem de grande valor, nada percebendo disto, de nada se preocupava. Sendo ela muito cautelosa, não se arriscava a fazê-lo tomar conhecimento das suas intenções, nem por meio de recados, nem por meio de cartas. Tinha receios quanto aos possíveis perigos para o futuro.

Notando que o homem do qual se enamorara se dava muito cordialmente com um religioso, achou que este bem poderia servir de mediador entre ela e o objeto dos seus anseios. O religioso, embora fosse homem gorducho e volumoso, nem por isso deixava de ser criatura de vida santa; e gozava reputação de ser frade de indiscutível caráter. Depois de meditar sobre a maneira pela qual seria melhor agir, ela se dirigiu, em hora que se lhe afigurou conveniente, à igreja onde o frade oficiava. Mandou solicitar-lhe que a recebesse; disse-lhe que, quando lhe agradasse, a ele, frade, ela gostaria de confessar-se. Vendo-a e considerando-a mulher nobre, o frade ouviu-a de bom grado; e ela, depois da confissão, pormenorizou:

— Padre meu: sinto-me impelida a recorrer ao senhor, a fim de obter o auxílio e o conselho para aquilo que o senhor vai agora ouvir. Sei que o senhor sabe, porque eu os revelei, quais são os meus parentes e quem é o meu marido; este meu marido me ama ainda mais do que a própria vida; nunca desejo coisa alguma, dele, que é homem riquíssimo, e que tudo pode muito bem fazer, que

não me seja proporcionada imediatamente. Por isto, amo-o mais do que a mim mesma. Se eu pensasse, e já não digo que fizesse, fosse lá o que fosse, contra a sua honra ou o seu prazer, nenhuma mulher criminosa seria mais merecedora, do que eu, do fogo do inferno. Pois bem: há um homem, do qual, na verdade, não sei o nome; afigura-se-me, todavia, ser pessoa de bem; e, se não me engano, costuma andar em sua companhia, senhor padre; é bonito, e de estatura alta; veste roupas escuras, muito distintas; é possível que ele, por não perceber que eu tenho as intenções que de fato alimento, haja começado a assediar-me; já não posso aparecer à minha porta, nem à minha janela, nem me é dado sair de casa, pois imediatamente ele surge à minha frente. Até chego a maravilhar-me do fato de ele não se encontrar já aqui. Muito me pesa tudo isto, porque, com frequência, fatos como este levam as mulheres honestas, sem culpa alguma, a adquirir má reputação. Já formei, por vezes, o propósito, de contar o caso a meus irmãos; depois, porém, lembrei-me de que os homens se desempenham, de certas tarefas e recados, por tal maneira, que as respostas não podem deixar de ser más; de tais respostas nascem palavras, e, das palavras, vias de fato. Assim, para que do caso não resultem males e escândalos, preferi manter-me calada. Resolvi, então, que seria melhor narrar o caso ao senhor, senhor padre, por me parecer que o senhor é amigo dele, e também por lhe ser próprio o incumbir-se de coisas de tal ordem, bem como o chamar a atenção de amigos e de estranhos. Por esta razão, suplico-lhe, pelo amor de Deus, que o repreenda e lhe peça que não continue a agir por esta forma. Muitas mulheres existem, de outra categoria, as quais por espírito de aventura, se dispõem a agradar aos homens; não há dúvida que estas terão prazer, se forem contempladas e solicitadas por ele, ao passo que, a mim, a insistência dele me causa graves aborrecimentos, como causaria a toda mulher que não esteja com o ânimo preparado para fazer concessões em tal matéria.

Depois de dizer isto, quase como se estivesse prestes a chorar, ela abaixou a cabeça. O santo frade compreendeu, de imediato, qual era o homem a quem ela fazia referência; louvou muito a mulher por esta sua atitude de bondade e honradez, por acreditar firmemente na sinceridade do que ela havia exposto; e prometeu-lhe agir por tal forma, que ela nunca mais seria molestada por aquele senhor. Ademais, sabendo que ela era rica, o frade fê-la sentir a beleza dos atos de caridade, bem como da esmola; e esclareceu-a quanto às suas próprias necessidades. A isto, a mulher confirmou:

— Suplico-lhe, por Deus! Se ele se negar a atender ao seu pedido, diga-lhe, com franqueza, que fui eu que solicitei a sua interferência no caso,

precisamente pelo pesar que o comportamento dele me inspira.

A seguir, feita a confissão e recebida a penitência, a mulher lembrou-se das recomendações formuladas pelo frade, a propósito dos confortos proporcionados pelos atos de caridade e pela doação de esmolas; encheu-lhe, pois, as mãos, de dinheiro, fazendo isso como que às escondidas; pediu-lhe que dissesse missas por intenção de seus mortos; e, erguendo-se de ao pé do frade, voltou à própria casa.

O homem de valor, ao qual ela aludira, não tardou muito a aparecer junto do padre, como era seu costume fazer. Depois de os dois conversarem um pouco sobre esta e aquela coisa, o frade puxou-o para um lado, e, com maneiras extremamente corteses, censurou-o por olhar e por assediar aquela mulher — coisa que ele acreditava ser verdade, porque fora isso o que ela dera a entender. O homem maravilhou-se, pois nunca tinha olhado para ela, e raríssimas vezes havia passado à frente da casa em que ela morava. Desejou, portanto, apresentar explicações. O frade, porém, não lhe deu oportunidade de falar, dizendo-lhe:

— Bem. Não me venha, agora, fingir que se surpreende; nem é preciso que desperdice palavras, tentando negá-lo; você não pode negar o que é flagrante. Não foi por meio de vizinhos que vim a saber de tais coisas. Foi ela mesma, aquela nobre mulher que, profundamente pesarosa, me contou. Embora uma conduta destas já não fique bem a você, o que eu posso assegurar-lhe é que, se jamais houve mulher que nutrisse horror para com atos desta ordem, ela é essa mulher. Por isto, seja para honra de você mesmo, seja para consolo dela, rogo-lhe que se contenha, e que a deixe em paz.

O homem, muito mais ladino do que o santo frade, compreendeu, sem grande demora, a sagacidade da mulher; fingiu, pois, envergonhar-se de haver feito aquilo de que era acusado; disse que não se comportaria mais por aquela forma, dali por diante. Despediu-se do frade e dirigiu-se à casa da mulher.

Note-se que ela se mantinha atenta a tudo, por trás de um postigo, a fim de poder vê-lo, se porventura ele por lá passasse.

Vendo-o aproximar-se, mostrou-se tão alegre e tão ansiosa que ele claramente percebeu que tinha acertado com a verdade, através das palavras do frade. Daquele dia em diante, muito cautelosamente, fingindo que o fazia por outros motivos, continuou a passar por ali, com grande prazer de sua parte, bem como enorme satisfação e indizível consolo da parte dela.

Após algum tempo, a mulher notou que ele gostava dela, como ela dele; sentiu vontade de o inflamar mais ainda, e de dar-lhe a certeza do amor que

nutria por ele; e, assim, depois de escolher o lugar e o tempo, voltou à presença do santo frade; na igreja, sentou-se humildemente aos pés do religioso, e começou a chorar. Ao ver isto, o frade perguntou-lhe, piedosamente, pela notícia que ela talvez tivesse para comunicar. E a mulher esclareceu:

— Padre meu: as notícias que eu tenho são as de que aquele seu amigo, maldito de Deus, de quem me queixei ao senhor, outro dia, não mudou de conduta; acredito, agora, que ele teve ter nascido para meu tormento, a fim de me induzir a fazer uma coisa que, se eu a fizer, não terei mais coragem, nem audácia, para vir aqui ajoelhar-me aos seus pés.

— Como!? — exclamou o frade. — Então não deixou ele de lhe causar aborrecimentos?

— Absolutamente não — disse a mulher. — Ao contrário. Depois que me queixei ao senhor, acho que, para cada vez que passava antes, à frente de minha casa, resolveu passar sete. Talvez o faça por despeito; provavelmente, levou a mal o fato de eu me queixar. Agora, quisesse Deus que ele apenas passasse e olhasse! Foi tão audacioso e desavergonhado, que ainda ontem mandou uma mulher à minha casa, com suas notícias e suas coisas; por meio dela, como se eu não tivesse bolsas e cintas, me mandou uma bolsa e uma cinta. Levei e levo isto tão a mal, que, se não fosse pelo receio de cometer um pecado, e também pelo respeito que tenho para consigo, senhor padre, teria feito o diabo. Contudo, contive-me; não quis fazer, nem dizer coisa alguma, antes de a trazer primeiro ao seu conhecimento. Além disto, aconteceu esta série de fatos: devolvi a bolsa e a cinta à mulher que as tinha levado à minha casa; ordenei-lhe que as tornasse a levar a ele; e despedi-a com a máxima rispidez. Entretanto, depois disto, receei que ela se apoderasse da cinta e da bolsa, e fosse dizer, a ele, que eu ficara com elas; ouvi contar que é assim que, por vezes, essas mulheres procedem; em consequência, tornei a chamá-la, e, cheia de fúria, tirei tudo outra vez das mãos dela; e trouxe a bolsa e a cinta ao senhor, meu padre, a fim de que o senhor lhes devolva e lhe diga que eu não preciso de presentes da parte dele, uma vez que, por mercê de Deus e de meu marido, possuo tantas bolsas e tantas cintas, que bastariam para eu me afogar no meio delas. Depois de tudo isto, digo-lhe, ao senhor, como se fosse meu pai, que, se esse homem não desiste de fazer o que vem fazendo, eu o direi ao meu marido, bem como aos meus irmãos; então, aconteça o que acontecer; acho que é muito melhor ser ele punido, se punição merece, do que ser eu alvo de queixas, por causa dele; meu frade, isso bem lhe ficará!

Após proferir estas palavras, a mulher, chorando copiosamente, puxou para fora, da parte interna de uma de suas vestes, uma bolsa belíssima e rica, e uma graciosa cinturinha, atirando tudo no regaço do padre. Este, acreditando piamente no que a mulher dizia, se sentiu profundamente perturbado; e disse:

— Filha minha: se você se lamenta de tais coisas, nem eu me surpreendo, nem vejo maneira de a censurar; ao contrário: louvo-a muito, porque, nisto, você segue os meus conselhos. Na verdade, eu repreendi esse homem, anteontem; vê-se que ele observou mal o que me prometeu. Pelo que ele fez, no passado, e pelo que de novo acaba de fazer, tenho a intenção de lhe aquecer por tal forma as orelhas, que acabará deixando de a molestar. Quanto a você, minha filha, com a bênção de Deus, não se deixe dominar pela ira; se revelar, a alguns dos seus, o que se passa, muito mal se poderá seguir. Não receie nunca que algum mal possa acontecer a você, pelo comportamento deste homem; eu serei sempre, diante de Deus e perante os homens, firmíssima testemunha da sua honestidade.

A mulher fez como quem se sentisse reconfortada por tais explicações; e, como criatura que bem conhecia a própria avareza, como a dos outros, esclareceu:

— Meu frade: estas noites, vários dos meus parentes me apareceram; afigura-se-me que se encontram em grandes necessidades, não procurando mais do que esmolas; isto acontece principalmente com minha mãe. Ela me parece tão aflita, tão ruinzinha, que dá pena vê-la; acho que ela sofre muito, notando que me encontro em tamanha tribulação por causa deste inimigo de Deus. Em consequência, eu gostaria que o senhor dissesse, em benefício da alma deles, as quarenta missas de São Gregório e as orações de sua particular predileção, a fim de que Deus os tire de semelhante sofrimento.

Dito isto, depôs, na mão do frade, um florim. O santo frade recebeu-o com alegria; com boas palavras e com muitos exemplos, confirmou a devoção dela; deu-lhe a bênção; e fê-la retirar-se. Quando a mulher saiu, o frade, que não percebera que fora ludibriado, mandou chamar o amigo. O amigo apresentou-se; vendo o religioso tão perturbado, imaginou, de imediato, que ele devia ter novas notícias a respeito daquela mulher. E esperou que ele dissesse o que tinha em mente.

O frade, repetindo-lhe palavras já proferidas outras vezes, falou-lhe, de novo, com ar de zanga; e censurou-o sinceramente, por ter ele feito o que a mulher dissera que ele fizera. O bom homem, que ainda não percebia ao que o frade pretendia chegar, foi negando, com muita brandura, tudo quanto podia

negar; negou que houvesse mandado a bolsa e a cinta; e, para que o frade não imaginasse que ele estivesse mentindo, insistiu nisto, com o propósito de verificar se a mulher havia dado, ao religioso, uma bolsa e uma cinta. O frade, então, muito exasperado, exclamou:

— Como pode você negar, homem malvado? Elas aqui estão! A própria mulher, em pessoa, chorando, veio trazê-las a mim! Contemple-as! Veja se as reconhece!

O homem, fingindo envergonhar-se muito, explicou:

— Não há dúvida que eu as reconheço; confesso-lhe que fiz mal; mas lhe juro que, uma vez que vejo que esta mulher está com esse ânimo, nunca mais o senhor ouvirá palavra alguma a tal respeito.

As palavras trocadas foram muitas; por fim, o frade ingênuo entregou a bolsa e a cinta ao amigo, depois de muito o admoestar e de muito suplicar para que não prosseguisse fazendo aquilo de que a mulher se queixava. E, uma vez que o amigo prometeu assim fazer, despediu-o.

O bravo senhor ficou contentíssimo, seja com a certeza que agora parecia ter do amor daquela mulher, seja com o belo presente. Assim que se separou do frade, foi a um lugar onde, com as devidas cautelas, fez com que a mulher visse que tanto a bolsa como a cinta se encontravam em seu poder; ao notar isto, também a mulher se sentiu muito satisfeita; e mais satisfeita ainda se mostrou, por observar que o seu modo de agir produzia resultados cada vez melhores. Assim, para dar cumprimento cabal ao seu desejo, nada mais esperou, a não ser que o marido viajasse para algum lugar.

Aconteceu, de fato, que, por qualquer motivo, o marido, não muito depois destas ocorrências, teve necessidade de viajar para Gênova. Certa manhã, após haver ele montado a cavalo e encetado a viagem, a mulher dirigiu-se ao santo frade, ao qual, depois de muitos circunlóquios, disse:

— Padre meu: quero dizer-lhe que, já agora, não posso mais tolerar; como, porém, anteontem lhe prometi nada fazer sem o consultar antes, aqui vim para me desculpar. Para que o senhor creia que eu tenho razões, tanto para chorar, como para me queixar, desejo contar-lhe o que o seu amigo, que até parece o diabo do inferno, me fez, esta manhã, pouco antes das matinas. Não sei por qual má sorte ele chegou a saber que meu marido partiu ontem, cedo, para Gênova. Certo é que, esta manhã, na hora que lhe contei, ele entrou no meu jardim, subiu por uma árvore e foi ter à janela do meu quarto, pois esta janela dá para o jardim; ele conseguiu abrir a janela; pretendeu mesmo entrar no meu quarto; nesse momento, eu acordei; ergui-me e comecei a gritar; e

mais ainda me dispunha a gritar; ele, porém, que ainda não havia entrado, me pediu perdão, por mercê de Deus e por amor ao senhor, dizendo-me quem ele era. Ao ouvir aquilo, eu, por amor ao senhor, me calei; mas, nua como nasci, corri a fechar a janela na cara dele. Penso que ele, na sua má ventura, se haja retirado depois disto, porque nada mais ouvi. Ora: diga-me o senhor, meu frade, se isto é coisa que se faça, ou que se tolere. Por mim, não pretendo continuar tolerando semelhante coisa; aliás, da parte dele, só por amor ao senhor é que já tolerei inúmeros aborrecimentos.

O frade, ao ouvir isto, ficou profundamente perturbado; não sabia o que dizer; mas perguntou, à mulher, se ela havia reconhecido perfeitamente a pessoa de que se tratava, e se, por acaso, não seria outro o homem. Ao que ela respondeu:

— Deus seja louvado! Pois então eu não havia de ser ainda capaz de o distinguir de outro homem? Afirmo-lhe que foi ele; e não lhe dê crédito, só pelo fato de ele poder vir a negar.

Disse, então, o frade:

— Filha: agora, nada mais tenho a dizer, a não ser que o que ele fez foi excessivamente audacioso e muito malfeito; você, de sua parte, fez o que convinha que se fizesse, mandando-o embora. Contudo, quero pedir a você que faça como agora lhe vou recomendar, uma vez que Deus a protegeu contra toda humilhação, e visto que já por duas vezes concordou em seguir o meu conselho. O que eu lhe recomendo é que, sem se queixar a qualquer dos seus parentes, você deixe o caso entregue a mim; quero ver se posso refrear este diabo desacorrentado, que eu acreditava que fosse um santo. Se eu conseguir detê-lo, ou se eu conseguir desviá-lo para longe de semelhante bestialidade, muito bem; se não conseguir, desde já, com a minha bênção, lhe dou permissão para que você então faça o que no seu espírito você julgar que deva ser feito.

— Agora, meu padre — disse a mulher —, por esta vez, eu não desejo perturbá-lo, nem desobedecer à sua recomendação; empenhe-se, porém, tanto quanto possível, para que ele deixe de me aborrecer; assim, prometo-lhe não voltar mais à sua presença, por este motivo.

Sem dizer outras palavras, como se fosse devido à perturbação do seu espírito, a mulher despediu-se do frade. Mas nem bem tinha ela saído para fora da igreja, quando o bravo senhor apareceu no templo e foi chamado pelo frade. O religioso puxou o homem para um lado, e disse-lhe as piores palavras que lhe poderiam ser ditas: que era desleal, perjuro e traidor. O homem, que já por duas vezes ficara sabendo o que significavam os furores daquele frade,

manteve-se calmo e imóvel; depois, com respostas cheias de perplexidade, disse-lhe, no propósito de o induzir a falar mais:

— Mas por qual razão está o senhor assim irritado, meu frade? Será que fui eu quem crucificou Cristo?

E o frade respondeu:

— Olhe, sem vergonha! Ouça o que você mesmo diz! Você fala exatamente como se já se houvesse passado um ano, ou talvez dois, e como se a distância, no tempo, lhe houvesse feito esquecer as tristezas e a desonestidade. Pois então, a contar desta manhã para cá, já lhe saiu do espírito a lembrança de ter praticado o mal contra terceiros? Por onde andou você, esta manhã, um pouco antes do raiar do dia?

O bravo homem respondeu:

— Não sei onde estive; muito cedo lhe chegou o recado.

— É verdade — confirmou o frade —, a mensageira veio a mim. Estou convencido de que você acreditou que, pelo fato de o marido dela não estar em casa, ela deveria recebê-lo imediatamente em seus braços! Que ideia, meu apressado amigo! Aí está um homem honesto! Transformou-se em caminhador noturno, em abridor de jardins, em escalador de árvores! Será que você pretende, por meio de manobras improvisadas, sobrepujar a santidade daquela mulher, a ponto de ir ter à sua janela, pelas árvores, durante a noite? Nada existe, neste mundo, que mais desagrade a ela, do que isso que você está fazendo; entretanto, você continua a insistir. Na verdade, deixemos de lado a circunstância de ela lhe haver mostrado muita coisa; o que é exato é que você se preparou muito bem para os meus castigos! Uma coisa, todavia, desejo dizer-lhe. Ela tem vindo até aqui, mas não por amor a você; é devido às minhas instâncias e solicitações que ela se tem calado quanto àquilo que você lhe faz; agora, porém, não se calará mais, uma vez que lhe dei licença para que ela revele tudo aos seus irmãos e aos seus parentes, se você lhe fizer algo que a desagrade. Que fará você se ela disser aos irmãos?

O bravo senhor, compreendendo muito bem o que tinha a fazer, tranquilizou o frade, da melhor forma que pôde, e com as promessas mais amplas que imaginou; e despediu-se. Na manhã seguinte, bem cedo, entrou no jardim da casa da mulher; trepou pela árvore acima; encontrou a janela aberta; entrou no quarto; e, tão depressa quanto lhe foi possível, aconchegou-se nos braços da linda criatura. Esta, que o havia esperado com enorme desejo, alegremente o recebeu. E disse:

— Tudo por mercê do senhor frade, que com tanta precisão ensinou a você o caminho para vir até aqui.

Depois, cada qual saboreou, em relação ao outro, as delícias do amor. Os dois se riram muito da simplicidade do frade pouco esclarecido. Lamentaram a existência de flocos de lã, de pentes e de cardadores. E juntos, com intenso deleite, tornaram a satisfazer-se. Os dois puseram em ordem as suas relações; e o fizeram por tal forma que, sem nenhuma necessidade de ela voltar à presença do frade, muitas outras noites, com igual encantamento, tornaram a encontrar-se e a sentir-se felizes.

A delícias semelhantes eu rogo a Deus que, por Sua santa misericórdia, logo me conduza, a mim, e a todas as almas cristãs que a elas aspirem.

QUARTA NOVELA

Dom Félix ensina, ao frade Puccio, como é que pode tornar-se beato, submetendo-se a uma sua penitência. O frade Puccio submete-se; nesse entrementes, Dom Félix passa bons quartos de hora com a mulher do frade.



Quando Filomena, ao terminar a sua novela, se calou, Dioneio louvou muito, com palavras doces, a engenhosidade daquela mulher; louvou, igualmente, os votos formulados, no fim, por Filomena. A seguir, a Rainha, rindo, olhou para Pânfilo, dizendo-lhe:

— Agora, a seguir, Pânfilo, continue com alguma coisinha agradável, de sua preferência.

Pânfilo respondeu, de pronto, que o faria de bom grado; e começou:

— Senhora: muitas pessoas há que, enquanto se esforçam, elas próprias, no sentido de ir ao paraíso, o que conseguem é mandar, para lá, os outros. Foi isto o que aconteceu a uma nossa vizinha, ainda não há muito tempo, como se poderá ouvir.

De acordo com o que eu ouvi dizer, houve, perto de São Pancrácio,¹ um homem bondoso e rico, que se chamava Puccio di Rinieri;² este senhor, todo dado às coisas do espírito, se fez irmão da Ordem Terceira de São Francisco,³ passando a chamar-se frade Puccio. Embora pudesse seguir a sua vida espiritual, por não ter outra família além de sua mulher e uma aia, nem por isto deixava de atender a alguns negócios, para os quais se utilizava frequentemente da Igreja. Visto que era homem rústico, de casca grossa, dizia os seus padre-nossos, ia aos sermões, assistia às missas, e nunca acontecia deixar ele de estar presente às laudes que os seculares cantavam. Jejuava e disciplinava-se; dizia-se, até, que era flagelador.⁴

Sua esposa, que tinha o nome de Isabetta, era ainda jovem; contava entre 28 e trinta anos. Fresca, bela, rechonchuda, parecia uma maçã casolana.⁵ Em consequência da santidade do marido, e talvez também devido à idade dele, ela

fazia, em geral, abstenções muito mais prolongadas do que talvez desejasse. Quando ela queria dormir, ou então brincar com ele, o marido, longe de concordar com ela, lhe contava a vida de Cristo, ou os sermões feitos pelo frade Anastácio, ou o lamento de Madalena, ou coisas dessa ordem.

Por aqueles tempos, regressou de Paris um monge chamado Dom Félix, conventual de São Pancrácio, muito jovem, muito bem apessoado, de espírito arguto e de ciência muito profunda. Com este monge, o frade Puccio travou amizade íntima. Dom Félix resolvia, com rapidez e habilidade, toda dúvida que o frade Puccio formulava; além disto, tomando conhecimento das suas condições, o monge seguia, aos olhos do frade, uma conduta inegavelmente santa. Assim, o frade Puccio começou a levar o monge Dom Félix para a sua casa, e a oferecer-lhe, de quando em quando, almoço ou jantar, conforme a ocasião.

A esposa de Puccio, por amor a este, se mostrava muito cordata, e de boa vontade fazia as honras de dona de casa. O monge continuou, pois, a frequentar a casa do frade; vendo-lhe a esposa, tão jovem, tão fresca, tão rechonchuda, logo percebeu qual devia ser aquela coisa de que ela sofria maior falta. Pensou, então, que, se lhe fosse permitido, pouparia trabalho ao frade Puccio, proporcionando-lhe, a ela, o de que ela precisava. Pôs, então, os olhos nela, vezes e vezes seguidas, com fina astúcia. Tanto fez que acabou acendendo, no espírito da mulher, aquele mesmo desejo que ele nutria; o monge percebeu esta realidade; e, assim, na primeira oportunidade que se lhe ofereceu, com ela conversou sobre aquilo a que aspirava.

Embora, porém, a encontrasse bem disposta a dar cumprimento à tarefa, não lhe parecia possível encontrar a maneira de pôr a obra em execução, porque a moça não queria saber de estar com o monge em nenhum lugar, a não ser em sua própria casa, porque nenhum lugar lhe inspirava confiança; em sua própria casa, todavia, nada se podia fazer, porque Puccio não saía nunca da cidade. Por isto, grande pesar sentia o monge. Depois de muito meditar, ele imaginou uma forma de poder estar com a mulher, na casa dela e sem despertar suspeitas, não obstante o frade Puccio se encontrar no próprio lar. Foi, pois, certo dia, ter com o frade Puccio, ao qual assim falou:

— Muitas e muitas vezes eu compreendi, frade Puccio, que todo o seu desejo é o de tornar-se santo. Contudo, quer parecer-me que você o tenta pelo caminho mais longo. Há um caminho, que é muito mais breve — que o Papa e os outros prelados maiores conhecem e usam; não querem eles, entretanto, que se mostre esse caminho, porque a ordem clerical, que na sua maioria vive de

esmolas, logo se dissolveria; porque, então, os seculares, não lhe atenderiam às necessidades, nem com esmolas, nem com qualquer outra coisa. Uma vez, porém, que você é meu amigo, e que muito você me tem honrado, eu lhe ensinaria o mencionado caminho, se tivesse a certeza de que você não falaria dele a ninguém, e de que você o seguiria.

O frade Puccio, desejoso de conhecer o aludido caminho, começou, primeiro, a rogar, ao monge, com grande interesse, que lhe ensinasse, e, depois, a jurar que nunca, a não ser quando isso desse prazer ao monge, diria palavra sobre isso, a quem quer que fosse; e afirmou que, em lhe sendo possível seguir aquele caminho, segui-lo-ia.

— Visto que você o promete — concordou o monge —, eu lhe mostrarei. Você deve ficar sabendo que os santos Doutores têm por certo que o religioso que deseja tornar-se beato deve submeter-se à penitência que você agora vai ouvir; mas é preciso que você a entenda com espírito sadio. Não digo que, depois da penitência, você deixa de ser o pecador que já é; mas acontecerá que os pecados, que você tiver cometido até à hora da penitência, ficarão purgados, e, devido à mesma penitência, lhe serão perdoados; assim, os pecados que forem cometidos, depois, não serão inscritos para a sua danação; ao contrário; dissipar-se-ão com a água benta, como agora se dissipam os pecados veniais. É importante, pois, que o homem se confesse, com grande diligência, principalmente, dos pecados, quando vem dar começo à penitência; depois disto, é preciso que ele encete um jejum perfeito e uma abstinência completa; é indispensável que esta abstinência dure quarenta dias; nesse tempo, não só você deixará de se aproximar de outra mulher, mas também evitará ainda que seja tocar em sua própria esposa. Além disto, convém ter, em sua própria casa, um lugar de onde, de noite, você possa contemplar o céu; ao chegar a hora das completas,⁶ você irá para esse lugar. Nesse lugar, você colocará uma tábua, muito larga, posta de maneira que, ficando você de pé, nela possa apoiar as costas, à altura dos rins; é preciso que possa, também, conservando os pés no chão, estender os braços, à guisa de crucifixo. Se você quiser apoiar os braços num cravelho, poderá fazê-lo. Desta forma, contemplando o céu, você ficará, sem se mover nada, até à manhã. Se você fosse espírito cultivado, seria conveniente, no interregno, dizer certas orações que eu lhe proporcionaria; mas, uma vez que não o é, será oportuno dizer trezentos padre-nossos, com trezentas ave-marias, por um sentimento de reverência para com a Trindade; contemplando o céu, você terá sempre, na memória, a lembrança que foi Deus o criador do céu e da terra; terá, igualmente, no espírito, a paixão de Cristo,

ficando naquela posição que Ele ficou na cruz. Depois, ao soar das matinas, você poderá, se o quiser, sair de lá, e, vestido como estiver, ir atirar-se à cama, a fim de dormir. Na manhã seguinte, é obrigação ir à igreja e lá ouvir, pelo menos, três missas, além de dizer cinquenta padre-nossos, com igual número de ave-marias. A seguir, com grande simplicidade, você poderá ir tratar dos seus negócios, se é que você os tem; depois, irá fazer a sua refeição; à tarde, deverá estar outra vez na igreja, e lá dizer certas orações que eu lhe darei escritas, e sem as quais ninguém pode passar. Afinal, lá pelas completas, deverá voltar ao lugar mencionado, na posição referida. Fazendo isto, como eu já fiz, acredito que, antes do fim da penitência, e se a fizer com verdadeira devoção, você sentirá a coisa maravilhosa que é a beatitude eterna.

O frade Puccio observou, então:

— Isto não é coisa muito pesada, nem muito longa, e é bem possível conduzi-la a cabo. Por isto, em nome de Deus, quero começar no domingo.

Despediu-se do monge. Rumou para a própria casa, onde, com perfeita ordem, e com permissão de Dom Félix, contou tudo à esposa.

A mulher compreendeu muitíssimo bem o que o monge queria significar com aquela história de ele ficar parado, sem se mover, até à madrugada; assim, julgando ela que aquela seria uma forma excelente para se livrar da vigilância do marido, disse, ao marido, que isso, ou qualquer outra coisa que ele fizesse, pelo bem da própria alma, a ela só poderia proporcionar satisfação. Assegurou-lhe que, para que Deus lhe fizesse proveitosa a penitência, ela jejuaria com ele; a preço nenhum concordaria em proceder de outra forma. Os dois entraram em entendimento sobre isto.

No domingo seguinte, o frade Puccio deu início à penitência; e o senhor monge, de combinação com a mulher, e em horas nas quais não podia ser visto pelo marido dela, passou a ir jantar com ela a maior parte das noites; levava sempre, consigo, algo para comer e algo para beber; depois, punha-se no leito em companhia dela, até à manhãzinha, quando então, erguendo-se, se retirava; a essa hora, o frade Puccio ia para a mesma cama.

O lugar que o frade Puccio escolhera para fazer a sua penitência ficava ao lado do quarto no qual a mulher dormia. Separava-se desse quarto por uma parede nada espessa. Como o monge se movia excessivamente, sem controle algum, com a mulher, e como acontecia o mesmo com ela em relação a ele, pareceu, ao frade Puccio, que havia movimento demais em sua casa. Uma noite, depois de já haver dito cem dos seus padre-nossos, fez ponto nessa altura; chamou pela mulher, sem se mover; e perguntou-lhe o que é que ela estava

fazendo. A mulher, que era muito brincalhona, talvez estivesse cavalgando, àquela hora, a fera de São Bento, ou, melhor, de São João Gualberto; e disse:

— Arre! Marido meu! Eu me remexo quanto posso.

Observou, então, o frade:

— Como? Você se remexe? Que quer dizer esse remexer?

A mulher, rindo, porque era divertida e senhora de si, e talvez também por ter motivos para rir, respondeu, perguntando por sua vez:

— Como? Pois você então não sabe o que isso quer dizer? Pois foi de sua boca que eu ouvi o provérbio que assegura que a pessoa que à noite não janta, a noite toda se remexe.

O frade Puccio admitiu que o jejum fosse a causa de ela não conseguir dormir, e que era por isso que ela se agitava na cama; assim, falou-lhe, de boa fé:

— Mulher: bem que eu lhe disse que não jejuasse; mas, uma vez que você quis jejuar, não pense mais nisso; trate de repousar. Você se remexe tanto, na cama, que a casa toda estremece consigo.

— Não se preocupe, não; eu sei o que estou fazendo; faça você bem-feito o que tem de fazer, que eu farei o que me cabe, da melhor forma que puder.

O frade Puccio calou-se e retomou a recitação dos seus padre-nossos; daquela noite em diante, o monge e a mulher arrumaram outra cama, em outro lugar da casa, e passaram a entreter-se ali, com grandes festas, e sem qualquer interrupção, durante todo o tempo que ia durando a penitência do frade Puccio. A uma hora da madrugada, o monge retirava-se, e a mulher voltava ao próprio leito; dali a pouco, concluindo a penitência daquela noite, para o mesmo leito se dirigia o frade Puccio. As coisas prosseguiram por esta forma — o frade com a sua penitência — e a mulher amorosamente entretida pelo monge. De uma feita, ela disse ao monge:

— Você manda que o frade Puccio faça penitência; com isso, somos nós que ganhamos o Paraíso.

A mulher achou que tudo isto estava muito bem. Acostumou-se tanto, ao alimento que o monge lhe dava, que, mesmo depois da longa abstinência passada relativamente ao marido, e mesmo depois de se concluir a penitência do frade Puccio, encontrou a maneira de se alimentar com ele, em outro lugar, onde, por longo tempo, continuou a auferir prazer.

Para que as últimas palavras não fiquem em desacordo com as primeiras, aconteceu que o frade Puccio, fazendo penitência, acreditou ganhar o Paraíso; entretanto, o que ele fez foi introduzir, nesse Paraíso, o próprio monge, que lhe

ensinara o caminho para lá chegar mais depressa; nesse Paraíso ele introduziu, também, a mulher, que, por sua conduta, vivia em grande necessidade daquilo que o senhor monge, como homem misericordioso, com grande abundância lhe proporcionava.

Notas

¹ Era um convento de monges em Florença, Itália.

² Afigura-se que este personagem existiu, de fato; numa memória do Hospital de Santa Maria Nova, de Florença, lê-se que este personagem emancipou um filho, que também se chamava Rinieri. Note-se, todavia, que Boccaccio diz que ele não tinha filhos.

³ Nos tempos de Boccaccio, a palavra italiana “bizzoco”, por ele usada neste ponto — e que significa “beato”, “irmão religioso” —, indicava o homem que vivia fora do convento, mas que envergava hábito e exercia funções de religioso. Isto se referia, principalmente, aos terciários da Ordem, instituída por São Francisco, os quais, portanto, como leigos que eram, podiam muito bem ter mulher e filhos.

⁴ Assim se designava o membro de uma confraria secreta de gente que, por devoção ou por penitência, se flagelava reciprocamente.

⁵ Espécie de maçã, redonda e colorida; chamava-se, na Itália, casolana, por proceder de Casoli.

⁶ Últimas horas canônicas dos ofícios divinos.

QUINTA NOVELA

O Zima dá, ao sr. Francisco Vergellesi, um seu palafrém; por isto, com licença dele, fala à sua mulher; visto que ela se cala, ele mesmo responde, como se fora a pessoa dela que respondesse; e, de acordo com a sua resposta, segue-se o devido efeito.



ânfilo tinha concluído a sua novela do frade Puccio, não sem muita risada da parte das mulheres, quando, senhorialmente, a Rainha ordenou, a Elisa, que prosseguisse. E Elisa, um pouquinho acerba, não por malícia, mas por antigo costume, assim começou a falar:

— Muita gente, porque muito sabe, julga que os outros não sabem nada; entretanto, essa gente, com frequência, pensa enganar os outros, verificando, porém, depois dos fatos consumados, que foi pelos outros enganada. Por esta razão, considero grande loucura a cometida pelos que, sem necessidade, se põem a tentar as forças da inteligência alheia. Visto, porém, que é possível que nem todos os homens sejam da minha opinião, agrada-me contar-lhes, em prosseguimento à ordem dada à nossa conversa, aquilo que aconteceu a um cavaleiro de Pistoia.

Existiu, em Pistoia, no seio da família dos Vergellesi,¹ um cavaleiro chamado sr. Francisco, homem muito rico, esclarecido, astuto, mas excessivamente avaro. Tendo de assumir o posto de podestade² de Milão, o sr. Francisco munuiu-se de todas as coisas oportunas, a fim de se apresentar honrosamente; mas não encontrou palafrém que fosse suficientemente belo para seu uso. Como não encontrasse animal algum que lhe agradasse, mostrou-se preocupado.

Vivia, nessa época, em Pistoia, um moço, cujo nome era Ricardo, de origem humilde, porém muito rico; era costume deste moço andar tão enfeitado e tão limpo, quanto à sua pessoa, que por isso o haviam alcunhado de O Zima.³ Por longo tempo ele amou e desejou possuir, mas sem êxito, a esposa do sr. Francisco, que era muito bonita e honesta. Ora: este jovem possuía um

dos mais belos cavalos da Toscana; e estimava-o muito, devido à extraordinária beleza do animal.

Toda gente sabia que Ricardo amava a mulher do sr. Francisco; por isto, apareceu quem se animasse a dizer, a este cavaleiro, que, se ele pedisse aquele palafrém, a Ricardo, obteria o que pedisse, devido ao amor que O Zima nutria para com a sua esposa. O sr. Francisco, levado pela avareza, solicitou a presença d'O Zima, e disse-lhe que desejava comprar o seu palafrém, na esperança de que O Zima lhe oferecesse de presente. Muita satisfação sentiu O Zima, ao ouvir as palavras do sr. Francisco; e respondeu-lhe:

— Senhor: se o senhor me desse, em troca, tudo o que o senhor possui no mundo, não conseguiria, em operação de compra e venda, entrar na posse do meu palafrém; contudo, o senhor o poderá receber de presente, quando isso lhe agradar, desde que observe esta condição: que eu, antes que o senhor assuma a propriedade do animal, possa, com sua permissão, e na sua presença, proferir umas poucas palavras dirigidas à sua esposa, ficando, porém, ela e eu, tão separados de qualquer outra pessoa, de modo a não serem as minhas palavras ouvidas senão por ela.

O cavaleiro, induzido pela avareza e acreditando que poderia ludibriar o moço, respondeu que concordava, e que isso poderia ser feito quando bem O Zima julgasse oportuno. Deixou Ricardo no salão do seu palácio; dirigiu-se aos aposentos da esposa; disse-lhe, a ela, como é que poderia, com extrema facilidade, obter o palafrém; e impôs-lhe que fosse ouvir as palavras d'O Zima, embora tomando o cuidado de não responder, nem pouco, nem muito, ao que ele lhe dissesse. A mulher lamentou sinceramente semelhante acordo; mesmo assim, convindo-lhe satisfazer as vontades do marido, declarou que faria o que ele a mandasse fazer. Assim, depois do marido, passou para o salão, a fim de ouvir o que O Zima tinha para lhe dizer.

O Zima havia reconfirmado o pacto com o cavaleiro; em consequência, dirigiu-se, com a mulher do outro, a um canto, longe de toda pessoa. Ali, em companhia dela, sentou-se, e começou a falar:

— Virtuosa senhora: tenho a convicção de que a senhora é tão inteligente, a ponto de haver podido, desde muito tempo, perceber quanto amor a sua beleza despertou no meu coração. A sua beleza, sem favor algum, supera a de qualquer outra mulher que jamais eu tenha visto. Deixo de lado os seus costumes louváveis e as suas virtudes singulares; tais costumes e tais virtudes teriam força bastante para prender e entusiasmar o ânimo de qualquer homem. Por isto, não é preciso que eu lhe demonstre, com palavras, que o meu amor

tem sido o maior e o mais fervoroso que jamais homem algum nutriu para com alguma mulher; e assim será sempre, enquanto a minha mísera vida sustentar estes membros; mais ainda: se, do lado de lá da vida, se ama, como acontece do lado de cá, por toda a Eternidade eu amarei a senhora. Por esta razão, a senhora pode ter a certeza de que, de tudo quanto a senhora possui, seja de grande valor, seja de expressão humilde, nada é tão seu como eu sou, nem com coisa alguma poderá fazer tanto o que deseja, como comigo, enquanto eu for eu mesmo. A fim de que a senhora se convença disto, e tenha provas de que é verdade, digo-lhe que eu gostaria, e levaria à conta de grande graça de sua parte, que a senhora me ordenasse fazer fosse lá o que fosse, que lhe agradasse, e que estivesse ao meu alcance; se eu pudesse, e se eu estivesse no comando, faria com que o mundo inteiro imediatamente me obedecesse. Portanto, se sou seu, como sou e como a senhora ouve, não é imerecidamente que ouse apresentar os meus rogos à sua alteza, única fonte, com exclusão de qualquer outra, da qual a minha paz, o meu bem e a minha salvação poderão vir. Desta forma, como humílimo servidor, asseguro-lhe que a senhora é o meu grande bem e a única esperança da minha alma, que se nutre de amoroso fogo por esperar na senhora; e suplico-lhe para que a sua bondade seja tanta, e para que a sua outrora dureza para comigo seja tão amolecida, a ponto de eu, reconfortado pela sua piedade, poder dizer que, assim como estou enamorado da sua beleza, assim também dessa bondade recebo a vida. Se aos meus rogos o seu ânimo altivo não for sensível, não há dúvida que a minha vida se extinguirá. Morrerei; e a senhora poderá ser considerada minha assassina. Deixemos de lado a circunstância de a minha morte não constituir honra alguma para a senhora; ainda assim, creio que, se alguma vez lhe doer a consciência, a senhora lamentará ter feito o que fez; e, talvez, um dia, mais bem disposta, de si para consigo mesmo dirá: “Meu Deus! Que grande mal eu fiz por não manifestar misericórdia para com o meu Zima!” Se este arrependimento não ocorrer, ainda assim sempre haverá motivo para lamentações; antes que isto aconteça, e agora que a senhora pode valer-me, procure compreender; antes que eu morra, tenha misericórdia de mim; está na senhora, e somente na senhora, o fazer, de mim, o mais feliz, ou o mais desgraçado, dos homens. Espero que a sua gentileza seja tanta, a ponto de não lhe permitir que tolere que eu, por tanto amor, receba a morte como galardão. Acredito que, com uma agradável resposta, cheia de graça, a senhora reconfortará o meu espírito, que, apavorado, treme todo, à sua presença.

A esta altura, calou-se o moço, e fez com que algumas lágrimas, por entre profundos suspiros, lhe saíssem para fora dos olhos; depois, pôs-se a esperar que a gentil senhora lhe respondesse. Observe-se, entretanto, que as longas divagações, as ameaças, os madrigais e as outras várias coisas semelhantes, que o moço fizera anteriormente, para com a mulher que ele amava, não haviam conseguido comover a bela dama; ela, porém, muito se reconheceu sensibilizada com as palavras afetuosas, proferidas desta vez pelo apaixonado Zima; e começou a sentir o que nunca, antes, havia sentido, isto é, a grandeza daquele amor. E muito embora, para obedecer à ordem do marido, se conservasse calada, não pôde conter alguns suspirozinhos, com o que pôs de manifesto aquilo que, de boa vontade, teria respondido ao Zima.

O Zima, depois de esperar alguns instantes, e vendo que nenhuma resposta da parte dela se seguia, muito se admirou. E então começou a perceber qual fora a artimanha usada pelo cavaleiro. Mesmo assim, ele a contemplou no rosto; viu-lhe os olhos brilhando, quando o olhar dela se dirigia para ele; recolheu-lhe os suspiros que ela deixava sair do peito, com toda a força que eles por sua natureza tinham; animou-se, por isso, de alguma esperança; e, ajudado por ela, tomou outra orientação: começou a responder a si mesmo, como se fosse ela que lhe falasse, e continuando ela a ouvi-lo. E falou desta maneira:

— Meu caro Zima: não há dúvida alguma; há muito tempo que me convenci de que o seu amor para comigo é enorme e perfeito; agora, através de suas palavras, mais ainda me convenço disso. Sinto-me contente, como é justo que esteja. Todavia, se, aos seus olhos, pareci dura e cruel, não desejo que você creia que eu, no meu íntimo, tenha sido aquilo que pelo meu rosto demonstrei ser. Ao contrário. Sempre o amei; sempre o quis, mais do que a qualquer outro homem. Entretanto, foi assim que me conveio agir, seja por medo dos outros, seja para conservar a reputação da minha honestidade. Agora, porém, chegou o tempo em que lhe poderei mostrar se o amo ou não; chegou o tempo de lhe proporcionar o galardão do amor que você teve e ainda tem por mim. Por isto, tranquilize-se e tenha esperança. O sr. Francisco está para rumar, dentro de poucos dias, para Milão, a fim de ser o seu podestade; disto você sabe, pois, por amor para comigo, você lhe deu o palafrém. Assim que ele se retirar, prometo-lhe, infalivelmente, pela minha fé, bem como pelo grande amor que eu alimento para consigo, que você se encontrará comigo; nessa ocasião, daremos inteiro e cabal cumprimento ao nosso amor. A fim de que eu não o obrigue a falar outra vez sobre este assunto, fica assentado o seguinte: na noite do dia em que você ver duas toalhas estendidas à janela do meu quarto, que dá para o

nosso jardim, trate de chegar a mim, entrando pela porta do jardim; cuide de não ser visto; ali você me encontrará à sua espera; depois, passaremos a noite toda juntos, recebendo carinhos e prazeres um do outro, exatamente como desejamos fazer.

Depois de O Zima falar por essa forma, como se fosse a mulher que falasse, tornou de novo a dizer, em seu próprio nome; e assim respondeu:

— Mulher querida: devido ao extraordinário prazer, proporcionado pela sua bela resposta, a minha atenção se concentrou tanto na sua pessoa, que mal consigo formar sentenças de resposta, para lhe render as devidas graças. Se, entretanto, eu pudesse falar, como desejo, nenhum tempo seria longo de mais para eu lhe agradecer, como eu quereria e como me caberia fazer. Por isto, deixo entregue à sua discreta consideração o compreender aquilo que eu, embora querendo dizer, não posso formular. Digo-lhe apenas que, como você me impôs, assim tratarei de agir, sem falta; então, talvez, mais tranquilizado pela dádiva que me tiver concedido, farei o possível para render-lhe as maiores graças que se encontrarem ao meu alcance. No momento, nada mais resta a dizer. Deus que lhe dê, mulher queridíssima, aquela alegria e aquele bem-estar que você mais intensamente deseja; e a Deus eu a recomendo.

Em tudo isto, a mulher não proferiu sequer uma palavra; O Zima ergueu-se; voltou para junto do cavaleiro; este, vendo-o de pé, foi-lhe ao encontro, e, rindo, disse:

— Que é que o senhor acha? Cumpri corretamente a minha promessa?

— Sr. Francisco, não — respondeu O Zima. — O senhor prometeu permitir que eu falasse com sua esposa; entretanto, me apresentou uma estátua de mármore.

Esta expressão agradou muito ao cavaleiro, que, por ter muito boa opinião já formada, quanto à esposa, reforçou-a ainda mais; e disse:

— Já agora, é bem meu o palafrém que foi seu.

Ao que O Zima respondeu:

— Sr. Francisco, sim; entretanto, se eu imaginasse que iria obter, desta sua graça, semelhante fruto, que foi o que na verdade obtive, eu lhe teria dado o palafrém mesmo sem pedir para falar com ela. Se a Deus agradasse que eu assim fizesse, não aconteceria o que aconteceu: que o senhor comprou o palafrém, sem que eu o tenha vendido.

O cavaleiro riu-se disto. Tomando posse do palafrém, dali a poucos dias se pôs a caminho de Milão, a fim de assumir o posto de podestade.

A mulher, ficando livre em sua casa, pensou e tornou a pensar sobre as palavras d'O Zima, sobre o amor que ele para com ela nutria, e sobre o palafrém que por seu amor ele havia dado de presente. E disse de si para consigo: “Que é que estou fazendo? Por qual motivo devo eu perder a minha juventude? Meu marido lá se foi para Milão, e não voltará dentro destes próximos seis meses; e, quando voltar, que é que ele me devolverá? E quando eu já for velha, que é que acontecerá? Além disto, quando é que eu irei encontrar outro amante que tanto me queira como me quer O Zima? Sou só, e não tenho medo de quem quer que seja. Não sei por qual motivo eu não deva aproveitar este bom tempo, enquanto posso; não terei sempre os lazeres que agora tenho. Do que eu fizer, ninguém saberá jamais coisa alguma; e ainda que ele viesse a saber dela, é melhor fazer e arrepender-se, do que não fazer e mesmo assim ter de se arrepender.”

Aconselhando-se a si mesma por esta forma, ela pôs, certo dia, duas toalhas à janela do seu quarto, que dava para o jardim, como O Zima dissera. O homem viu o sinal convencionado; sentiu-se infinitamente satisfeito; e, assim que a noite desceu, sozinho, às escondidas, tomou o caminho da porta daquele jardim; encontrou-a aberta; dali, rumou para outra porta, que dava entrada para a casa; e lá encontrou a mulher que se achava à sua espera. Vendo-o aproximar-se, a mulher pôs-se de pé; ele abraçou-a e beijou-a mil e uma vezes; e seguiu-a, escadas acima. Sem demora alguma, os dois se puseram na cama, e ali travaram conhecimento com os prazeres extremos do amor.

Esta vez foi a primeira, mas não foi a última; enquanto o cavaleiro esteve em Milão, e mesmo depois do seu regresso, O Zima foi ter com ela, vezes e vezes seguidas, com enorme prazer de ambas as partes.

Notas

¹ Também este personagem de Boccaccio parece ter sido tirado da realidade. Um sr. Francisco Vergelli, ou Vergiolesi, foi enviado, em 1315, pela cidade de Pistoia, a Paris, na qualidade de embaixador, como se lê na *Istorie di Pistoia*, de Michelangelo Sulvi.

² Designação com que se indicava o primeiro magistrado, nas cidades do centro e do norte da Itália, na época medieval.

³ Dizia-se, em Florença, de quem se vestia rebuscadamente e fazia uso de perfumes muito intensos.

SEXTA NOVELA

Ricardo Minutolo ama a mulher de Filipinho Sighinolfo; esta se sente enciumada, porque Filipinho lhe revela que deve ir, no dia seguinte, a um banho, com a esposa de Ricardo; por isto, Ricardo faz com que ela vá a esse banho; e, julgando estar com o marido, ela verifica, depois, que foi com Ricardo que esteve.



Elisa, nada mais restava dizer; assim, depois de ser louvada a sagacidade d'O Zima, a Rainha determinou que Fiammetta deveria prosseguir, fazendo outra das suas narrativas. E Fiammetta, toda risonha, respondeu:

— Senhora minha, de muito bom grado.

E começou:

— É conveniente que saia um pouco da nossa cidade, que, como é cheia de todas as outras coisas, também o é de exemplos a propósito de todos os assuntos. Como Elisa fez, convém que se fale um pouco das coisas que têm acontecido pelo mundo em fora. Assim, transferindo-nos em espírito para Nápoles, vou dizer como foi que uma destas fingidas beatas, que se mostram tão refratárias ao amor, se viu levada, pela astúcia de um seu namorado, a conhecer o fruto do amor, antes mesmo de lhe conhecer as flores. A qualquer momento, isto poderá mostrar, a vocês, as coisas que podem acontecer, proporcionando-lhes prazer pelas que já tiverem acontecido.

Em Nápoles, cidade antiquíssima e talvez tão aprazível, ou ainda mais, do que qualquer outra que exista na Itália, viveu um moço ilustre por nobreza de sangue, e esplêndido devido às suas inúmeras riquezas. Chamava-se ele Ricardo Minutolo. Embora tivesse, por esposa, uma linda mulher, moça e encantadora, ele enamorou-se de certa jovem que, de acordo com a opinião de todos, superava, de muito, todas as outras mulheres napolitanas. Esta jovem se chamava Catella; e era casada com um moço igualmente distinto, chamado Filipinho Sighinolfo. Catella amava, acima de todas as outras coisas, o seu marido Filipinho.

Ora: como Ricardo Minutolo amava esta Catella, ele passou a fazer tudo quanto se pode imaginar que se faça para a conquista de uma mulher; e visto que, mesmo assim, não conseguiu dar satisfação ao seu desejo, ficou quase desesperado. Não sabia, ou não podia, desinteressar-se do amor; mas também não sabia, nem lhe era agradável, sem amor viver.

Encontrando-se Ricardo neste estado de espírito, algumas mulheres, que eram suas parentas, lhe asseguraram que ele deveria, afinal, abster-se e desistir do amor de Catella; inutilmente ele se esforçava no sentido de a conquistar; porque a moça nada mais amava, neste mundo, afora o seu Filipinho; e era tão ciumenta dele, que chegava mesmo a recear que qualquer pássaro, que passasse voando, lhe roubasse.

Ricardo, ao saber do ciúme de Catella para com o marido, de pronto obedeceu ao impulso dos seus próprios prazeres; mostrou-se, pois, desesperançado do amor de Catella e fingiu passar a interessar-se por outra nobre mulher; por amor desta outra mulher, começou a fazer uso de armas e a tomar parte em justas e torneios, bem como a levar a efeito tudo quanto costumava realizar por amor a Catella. Dentro de pouco tempo, quase todos os napolitanos, e também a própria Catella, se convenceram, em espírito, de que não era mais a Catella que Ricardo amava, e sim a mencionada segunda mulher. Nesta conduta, o moço persistiu; e fê-lo por tal forma, que todos, e também Catella, tiveram por certo, que ele se tornara solitário, devido ao amor que por ela nutria.

Assim, como simples vizinho, indo e vindo, Ricardo saudava amistosamente Catella, como faziam os outros. Aconteceu que, nesse entremeses, chegou o tempo do calor; muitos grupos de damas e de cavalheiros, de acordo com a tradição dos napolitanos, foram divertir-se e entreter-se nas praias do mar; os grupos costumavam jantar e cear ali. Ricardo soube que Catella fora à praia, com um grupo de amigas suas; semelhantemente, para lá também ele foi, sendo recebido pelo grupo de mulheres. Antes, porém, fez-se de rogado, como quem não tivesse desejo algum de ali permanecer.

Na praia, as damas, e Catella na companhia delas, começaram a zombar do novo amor de Ricardo; fingindo-se seriamente melindrado com isto, ele mais assunto ainda proporcionava à exploração daquelas mulheres. Com o correr das horas, umas mulheres foram para cá, outras para lá, como sempre acontece em tais lugares. Catella ficou, com umas poucas amigas, no ponto em que Ricardo se encontrava. Então, Ricardo lançou, a Catella, uma indireta,

sobre um certo amor de Filipinho, seu marido, para com outra mulher. Catella sentiu-se de imediato tomada pelo ciúme; e sentiu-se loucamente ansiosa de ouvir o que Ricardo tivesse para lhe dizer a tal propósito. Conteve-se por alguns momentos; depois, não cabendo mais em si, suplicou a Ricardo que, por amor daquela mulher que ele mais amava, lhe fizesse o favor de a esclarecer sobre o que havia referido a respeito de Filipinho. E Ricardo disse:

— A senhora me suplicou em nome de uma pessoa pela qual nada lhe posso negar, do que me vier a pedir. Por isto, estou pronto a dizer tudo. É preciso, todavia, que me prometa que não proferirá palavra, a tal respeito, nem a ele, nem a qualquer outra pessoa, a não ser quando, pelas circunstâncias, se convencer de que é verdade aquilo que lhe vou revelar. Aliás, quando quiser, eu mesmo lhe ensinarei como poderá verificar os fatos.

À mulher, agradou esta exigência formulada pelo moço; por isto, mais ainda se inclinou a acreditar nele; jurou-lhe que nunca diria nada a ninguém. Retirando-se, pois, os dois para um recanto, onde não podiam ser ouvidos pelos outros, Ricardo começou a falar assim:

— Senhora: se eu a amasse, como já a amei, não teria a afoiteza de dizer-lhe coisa que eu julgasse que pudesse causar-lhe aborrecimento; visto, porém, que aquele amor passou, nenhum receio tenho de lhe revelar tudo. Não sei se alguma vez Filipinho se queixou do amor que eu tive para com a senhora; também não sei se já teve a certeza de eu nunca haver sido amado pela senhora. Seja, porém, como for, à minha pessoa ele nunca tornou patente fosse lá o que fosse. Agora, porém, talvez por ter esperado o tempo em que pode pensar que eu possa alimentar menos suspeitas, dá mostras de querer fazer, para mim, aquilo que não receava que eu fizesse para ele. Por outras palavras: ele aspira a ter prazeres de amor com minha esposa. Por aquilo que vim a saber, ele a vem solicitando, sob rigoroso sigilo, desde muito tempo, por meio de recados de messageiras de sua confiança; destas coisas eu vim a saber pela boca de minha própria esposa; ademais, ela deu as respostas de acordo com aquilo que eu lhe impus. Ainda esta manhã, antes de vir para cá, encontrei, em minha casa, conversando com minha esposa, uma mulher que parecia estar falando bem baixinho. Julguei, de pronto, que se tratasse, como de fato se tratava, de uma das messageiras. Chamei à minha presença a minha esposa, e perguntei-lhe o que era que aquela mulher lhe estava comunicando. E ela me disse:

“— É a insistência de Filipinho, que você, com as respostas que ordena que eu dê, faz com que recaia sobre mim. Ele manda dizer que quer saber, a todo custo, o que é que eu tenho intenção de levar a efeito. Diz ele que,

quando eu quizer, poderá fazer-me estar presente, em segredo, em uma casa de banhos, nesta cidade; pede-me para que eu queira, e insiste em que eu o devo querer. Se não fosse pelas ordens que você me dá, não sei por qual razão, eu já o teria afastado definitivamente de mim, por tal forma, que nunca mais ele olharia para o lugar onde eu me encontrasse.

“Diante disto, pareceu-me que Filipinho se havia adiantado excessivamente, e que já não era mais possível tolerar aquilo. Resolvi, pois, contar-lhe o que se passava, para que a senhora veja a recompensa que recebe a troco da sua inteira fé, devido à qual eu já estive até bem perto da morte. A fim de que a senhora não pense que se trate de meras palavras, ou de patranha, e possa, quando o quizer, verificar francamente a verdade, mandei que a minha esposa desse, àquela mensageira, esta resposta: que ela, minha esposa, estava disposta a comparecer, amanhã, lá pela hora nona, quando todos dormem, à referida casa de banhos; a mensageira, contentíssima com esta resposta, retirou-se. Muito bem. Não creio que a senhora imagine que eu vou mandar minha esposa para lá. Entretanto, se eu estivesse na sua situação, faria com que ele ali se encontrasse comigo, ao invés de se encontrar com a mulher que julga que irá. Assim, a senhora apareceria por lá. Depois de demorar-se algum tempo em companhia dele, a senhora lhe faria ver com quem ele, na verdade, havia estado; e então lhe renderia aquelas homenagens de que o considerasse digno. Procedendo a senhora por esta forma, ele passaria pela vergonha que merece; ao mesmo tempo, e com um só ato, ficariam vingadas as ofensas que ele pretende fazer à senhora e a mim.”

Ao ouvir isto, Catella não se deteve em considerações especiais sobre quem o moço era, nem sobre o engano que ele estava armando. De conformidade com o costume dos ciumentos, prestou fé imediata às palavras dele; e várias coisas, que imaginava ter notado, agora se lhe afiguravam ligadas à traição revelada. Inflamou-se de fúria; respondeu que agiria, por certo, como Ricardo lhe aconselhava, e que, se Filipinho de fato aparecesse no mencionado estabelecimento de banhos, ela o faria passar por tal vergonha, que, dali por diante, sempre que ele visse uma mulher, viraria imediatamente a cabeça para o lado oposto. Ricardo mostrou-se contente com isto; pareceu-lhe ser muito bom o conselho; com muitas outras palavras, induziu-a a confirmar aquele propósito; e tornou ainda maior a convicção dela, insistindo para que ela nada dissesse, jamais, a quem quer que fosse, a propósito do que acabara de ouvir da parte dele. E ela o prometeu, pela sua fé.

Na manhã seguinte, Ricardo foi ter com uma bondosa mulher que mantinha aquela casa de banhos a que aludira quando falara com Catella. Explicou-lhe o que pretendia levar a cabo. E pediu-lhe que, a tal respeito, agisse tanto quanto possível a seu favor. A bondosa mulher, que era muito dedicada a Ricardo, disse que assim agiria, de muito boa vontade; e concertou, com ele, tudo quanto era preciso que fizesse, ou que dissesse. Esta mulher tinha, na casa onde funcionava o seu estabelecimento de banhos, uma sala muito escura; nela, não havia janela alguma que lhe proporcionasse qualquer iluminação. A bondosa mulher arrumou devidamente esta sala, de conformidade com as instruções de Ricardo. Pôs, nela, uma cama — a melhor que possuía. Nessa cama Ricardo se deitou, logo depois do jantar; e começou a esperar que Catella aparecesse.

Depois de ouvir as palavras de Ricardo, na praia, e de lhes prestar fé absoluta, Catella, tomada de ódio, voltou para a sua casa, à tardinha; por acaso, também Filipinho, tomado por outros pensamentos, para lá regressou; e não lhe fez aqueles carinhos que costumava fazer. Diante disto, ela passou a desconfiar ainda mais da conduta do marido; e disse, de si para consigo: “Não há dúvida que este meu marido está com o espírito preso àquela mulher com a qual pensa que terá prazeres e encantos, no dia de amanhã; mas é absolutamente certo que isto não acontecerá.” Com esta ideia fixa no cérebro, ela passou a noite toda imaginando aquilo que deveria dizer, ao marido, quando, na casa de banhos, depois de estar com ele, lhe mostrasse quem era. Mas que mais? Em chegando a hora nona, Catella fez-se acompanhar da aia e, sem modificar de forma alguma o seu propósito, rumou para aquela casa de banhos, que Ricardo lhe havia indicado. Ali, encontrou a bondosa mulher. Perguntou-lhe se Filipinho havia passado por ali, naquele dia. A isto, a bondosa mulher, agindo de acordo com as instruções de Ricardo, esclareceu, perguntando:

— É a senhora a mulher que deve vir falar com ele?

— Sim, sou eu.

— Então — disse a bondosa mulher — pode ir ter com ele.

Catella, que estava procurando o que não desejava encontrar, deixou-se conduzir ao quarto em que Ricardo se achava. Com a cabeça coberta, entrou nesse quarto, e fechou-se dentro dele. Ricardo, vendo-a chegar, pôs-se imediatamente de pé, cheio de alegria; recebeu-a nos braços; e disse, baixinho:

— Seja bem-vinda a alma da minha alma!

Catella, a fim de dar mostras de ser outra mulher, que não era, abraçou e beijou o homem, fazendo-lhe carinhos, sem dizer palavra. Receava ser por ele reconhecida, se por acaso falasse. O quarto estava muito escuro, com o que as duas partes se sentiam satisfeitas. Aliás, mesmo habituando-se àquelas trevas, os olhos não ganhavam maior capacidade de ver. Assim, Ricardo conduziu a mulher para o leito, e, ali, também sem proferir verbo algum, a fim de evitar que sua voz fosse identificada, longo tempo com ela se demorou. Os dois auferiram, um do outro, grande deleite e intenso prazer. Quando, porém, pareceu, a Catella, que havia chegado a hora de dar largas ao ódio contido, ela, inflamada de ira violenta, assim começou a falar:

— Meu Deus! Como é triste o destino das mulheres, e como é mal empregado o amor que muitas delas dedicam aos respectivos maridos! Quanto a mim, veja o que acontece: há oito anos que amo, a você, muito mais do que à minha própria vida; e você, como vim a saber, arde de amor, e de amor se consome, por outra mulher, por uma estranha, homem criminoso e perverso que você é! Pois bem! Com quem pensa você que acaba de estar? Você esteve com aquela que enganou, faz já muito tempo, com falsas lisonjas, fingindo amor para com ela, embora estivesse enamorado de outra mulher. Eu sou Catella; não sou a mulher de Ricardo, traidor desleal que você é! Ouça-me, se é que você reconhece a minha voz; eu não sou ela; e parece-me que faltam mil anos para voltarmos à luz, a fim de que eu possa fazê-lo envergonhar-se como você merece, cão porco que você é. Ai de mim! Infeliz de mim! A quem foi que eu dediquei tantos anos de tanto amor! Dediquei-os a este cão desleal que, julgando ter em seus braços uma mulher estranha, me fez mais carinhos e mais coisas amorosas, neste breve tempo que aqui estive com ele, do que em todo o tempo anterior da vida em que tenho sido sua. Hoje você mostrou que é valente e galhardo, ao passo que, em casa, você costuma fingir-se fraco e sem forças! Mas Deus seja louvado, porque foi no seu próprio campo, não no campo dos outros, que você esteve trabalhando hoje — ao contrário do que você pensava. Não me admira que, na noite passada, você não se esforçasse por me satisfazer; você estava esperando para descarregar as somas em outro lugar, e pretendia chegar à batalha, com ela, como se fosse cavaleiro bem descansado. Entretanto, Deus seja louvado, e seja louvada também a minha esperteza! Ainda desta vez, a água continuou a correr para baixo, como devia! E por que é que você não responde, homem delinquente? Por qual razão não diz seja lá o que for? Será que você ficou mudo, ao me ouvir? por Deus, que eu não sei quem é que me contém e que não me deixa enfiar as mãos nos seus

olhos, para arrancá-los de lá! Bem que você acreditou que poderia, muito às escondidas, praticar esta traição! Por Deus! Tanto sabem uns, quanto outros; nenhuma vantagem você levou; os cães de caça que mantive no seu encalço eram melhores do que você julgava.

No seu íntimo, Ricardo saboreava estas acrimônias; sem responder palavra alguma, abraçava-a e beijava-a, redobrando a ternura dos carinhos que fazia. Devido a isto, ela, continuando suas invetivas, dizia:

— Sim. Agora você pensa que, com suas carícias, vai conseguir iludir-me outra vez, cão nojento que você é! Pensa que, com isso, vai tornar fazer as pazes, ou vai poder consolar-me. Mas você está enganado. Nunca me consolarei da sua traição, enquanto eu não o envergonhar na presença de todos os parentes, amigos e vizinhos que temos. Pois então, homem malvado, eu não sou tão bela como a mulher de Ricardo Minutolo? Então não sou eu tão nobre quanto ela? Por que não responde, cão imundo? Que é que ela tem, mais do que eu? Afaste-se de mim! Não me toque! Muito combate você já levou a termo no dia de hoje. Muito bem eu sei, já agora, que, agora que você sabe quem sou, fará somente com muito esforço o que fizer. Entretanto, se Deus me der a Sua graça, ainda farei com que você sofra de vontade de me possuir; nem sei que é que me segura e me impede de mandar chamar Ricardo, aquele Ricardo que me tem amado mais do que a si mesmo, e que nunca pôde gloriarse de eu o haver sequer contemplado uma vez; e não sei que mal haveria, se o tivesse contemplado. Você pensou que conseguiria ter a mulher dele aqui; e é como se a tivesse tido, porquanto não foi por sua causa que ela não veio; portanto, se eu tivesse a ele, você não me poderia condenar.

Ora: as palavras foram muitas, e grande a lamentação da mulher. Mesmo assim, em chegando ela ao termo de suas arengas e de suas queixas, Ricardo começou a pensar em que não seria conveniente deixá-la retirar-se de lá na firme convicção em que se encontrava; se ela assim se retirasse, grande mal poderia seguir-se; deliberou, pois, revelar-se, desfazendo o engano em que ela se enredara. Tomou-a nos braços; segurou-a bem, de modo que ela não lhe pudesse fugir; e disse:

— Doce alma de minha alma, não se perturbe tanto! Amando-a simplesmente, nunca me foi possível perturbá-la assim. Foi com engano que obtive aquilo que, por amor, não me foi dado obter. Eu sou o seu Ricardo.

Ao ouvir isto, e ao reconhecer a voz de quem falava, Catella quis pular imediatamente para fora do leito; mas não lhe foi possível fazer isso. Tentou gritar; mas Ricardo, com uma das mãos, fechou-lhe a boca, explicando:

— Querida! Já agora, é impossível que deixe de ter sido aquilo que foi. Não importa que você grite todo o resto de sua vida. Se você gritar, ou, se, de qualquer forma, fizer com que alguém venha a saber disto, duas coisas acontecerão. Uma de tais coisas é a de que não lhe deve agradar a circunstância de a sua honra e a sua boa reputação se desfazerem; sua honra e sua boa reputação ficarão desfeitas porque, se é verdade que você dirá que eu usei de artimanha, para induzir você a vir para cá, eu direi que isso é exato; direi até que foi por meio de dinheiro e de presentes prometidos que você concordou em entregar-se, e que, depois, por eu não lhe dar o combinado, de acordo com o que você esperava, você perdeu o sentido das coisas e se pôs a falar dessa maneira. Ora: você sabe que a criatura humana se inclina muito mais a acreditar no mal do que no bem, e que, portanto, você será menos acreditada do que eu. Depois disto, entre seu marido e mim, mortal inimizade se seguirá; as coisas poderão correr por tal forma, que ele tombe abatido por mim, ou que eu caia prostrado por ele. Disto, afinal, nunca você poderá sentir-se alegre, nem satisfeita. Portanto, coração do meu coração, não queira, ao mesmo tempo, lançar o vitupério contra você mesma, e pôr em perigo ao seu marido e a mim. Você não é a primeira, nem será a última das mulheres enganadas. Ademais, eu não a enganei para tolher o que é seu, e sim pelo excessivo amor que nutro para consigo, que estou disposto a nutrir sempre, e que me torna o seu mais humilde servidor. Como faz muito tempo que eu desejo que aquilo que eu posso, valho e possuo, se coloquem a seu serviço, espero que, daqui por diante, mais ainda passem a lhe pertencer. Ora: você é esclarecida e precavida em outras coisas; espero, pois, que o seja também nesta.

Catella chorava, enquanto Ricardo dizia estas coisas. Sentindo-se muito perturbada, e lamentando profundamente o seu destino, nem por isso deixou de permitir que a razão lhe mostrasse o acerto das palavras de Ricardo; reconheceu ser possível tudo o que o homem dizia. Por isto, esclareceu:

— Ricardo: não sei como Deus Nosso Senhor procede, para que eu possa tolerar a injúria e o engano que você acaba de praticar contra mim. Não quero gritar aqui, para onde a minha simplicidade de espírito e o meu excesso de ciúme me trouxe, confundindo-me. Todavia, tenha a certeza disto: nunca mais me sentirei satisfeita enquanto, de uma forma ou de outra, não obtiver vingança do que você me fez. Por isto, deixe-me; não continue a segurar-me. Você já teve o que desejava, e já me desgraçou tanto quanto pôde; agora, é tempo de me deixar em paz; deixe-me, peço-lhe.

Ricardo, que percebia que o espírito dela ainda se encontrava excessivamente perturbado, formou o propósito de não a deixar, enquanto ela não readquirisse a própria tranquilidade. Por isto, tratou de reanimá-la, com palavras dulcíssimas; e tanto disse, e tanto suplicou, e tanto esconjurou, que ela, vencida, se apaziguou e com ele se harmonizou; em consequência, por vontade de ambos, outro longo tempo ali se demoraram, com enorme deleite para cada qual. Então, a mulher percebendo como eram mais saborosos os beijos do amante, do que aqueles do marido, transformou a dureza anterior em ternura para com Ricardo; daquele dia em diante, amou-o enternecidamente; e ambos, agindo com o máximo de prudência, muitas vezes gozaram o seu amor.

E Deus que nos faça assim gozar o nosso.

SÉTIMA NOVELA

Tedaldo, perturbado por uma mulher, sai de Florença; para ali regressa na qualidade de peregrino, depois de algum tempo; fala com aquela mulher, dando-lhe conhecimento do erro em que incorrera; livra da morte o marido dela, que se havia provado que o matara; pacifica-o com os irmãos; e, depois, sabiamente, saboreia prazeres com a mulher que ama.



or todos louvada, Fiammetta calou-se; a Rainha, para não perder tempo, logo ordenou que Emília novelasse; e ela começou:

— A mim, agrada-me regressar à nossa cidade, de onde as duas narradoras anteriores se afastaram; agrada-me, igualmente, mostrar-lhes como foi que um nosso concidadão reconquistou a mulher amada, que perdera.

— Existiu, pois, em Florença, um nobre moço, cujo nome era Tedaldo degli Elisei.¹ Este moço se enamorou de uma mulher, que se chamava sra. Ermelina, e que era esposa de um tal Aldobrandino Palermini; dela ele se enamorou, além de toda medida, devido aos seus costumes louváveis; e mereceu gozar do desejo dessa mulher. A este prazer, a Fortuna, inimiga dos felizes, se opôs; fosse qual fosse a razão, o certo é que a mulher, depois de se haver comprazido com os carinhos de Tedaldo, por algum tempo, desistiu de todo de continuar a comprazer-se; deixou, até, de querer ouvir qualquer recado, e mesmo de receber qualquer mensageira. Por isto, Tedaldo caiu em severa e desagradável melancolia; mas este seu amor havia sido tão bem oculto, que ninguém admitiu que fosse ele a causa de semelhante transformação. Tedaldo, depois de, por várias maneiras, muito se empenhar na reconquista do amor que sem culpa sua lhe parecia ter sido perdido, considerou inútil todo novo esforço; achou, pois, que melhor seria desaparecer da cidade; assim, não daria, à mulher que era a causa dos seus padecimentos, a satisfação de o ver sofrer. Tomou do dinheiro que pôde conseguir; e, secretamente, sem dizer palavra a amigo ou a parente — a não ser a um seu companheiro, que de tudo

sabia —, foi embora. Rumou para Ancona, onde, logo ao chegar, se fez chamar Filipe de São Lodécio. Ali pondo-se em contato com um rico mercador, colocou-se a seu serviço, dirigindo-se, num seu navio, e em sua companhia, para o Chipre. Os costumes e as maneiras de Filipe agradaram tanto ao mercador, que este não somente lhe concedeu bom salário, mas até o fez, em parte, seu companheiro, entregando-lhe a responsabilidade por apreciável soma dos seus negócios. Filipe desempenhou tão bem, e com tanta solicitude, as suas novas funções que, em poucos anos, se tornou também mercador de fama, rico e generoso.

A despeito de se recordar, com frequência, da sua cruel amada, e de se sentir duramente ferido pelo amor, bem como de desejar profundamente revê-la, sustentou tamanha constância no trato dos seus negócios, que, em sete anos, ganhou aquela batalha.

Aconteceu, porém, que ele ouviu, no Chipre, certo dia, alguém cantar uma canção feita por ele mesmo; nessa canção, contavam-se o amor que ele nutria para com a sua amada, o amor que ela sentia para com ele, e o gozo de prazeres que dela ele recebia. Concluiu, então, que não devia ser possível que ela o tivesse esquecido. Assim, inflamou-se tanto do desejo de a rever que, não podendo mais suportar aquela ânsia, se preparou para regressar a Florença. Pôs em ordem todas as suas coisas. Em companhia de apenas um seu familiar, viajou, primeiro, para Ancona; quando tudo o que era seu chegou a Ancona, enviou-o a Florença, destinado a algum amigo do seu companheiro anconense; e ele, secretamente, na qualidade de peregrino que regressasse de visita feita ao Santo Sepulcro, apareceu logo depois em Florença, em companhia do doméstico. Ao chegar à cidade, rumou para um hotelzinho dirigido por dois irmãos, que ficava perto da casa de sua amada. Não se dirigiu a lugar nenhum, antes de ir postar-se em frente à casa dela, para vê-la, se fosse possível; mas ele viu que as janelas e as portas, bem como tudo o mais, estavam fechadas. Passou, pois, a admitir que talvez ela tivesse morrido, ou, em todo caso, se mudado dali. Em consequência, ficou profundamente pensativo; encaminhou-se para o hotel dos dois irmãos; diante deste hotel, viu os quatro seus irmãos, todos vestidos de preto, em sinal de luto. Muito ele se espantou, em presença disto; sabia que estava muito mudado, tanto quanto à pessoa, como quanto aos costumes, de modo que, assim à primeira vista, não poderia ser reconhecido; portanto, recolheu-se à porta de um sapateiro e perguntou, ao sapateiro, a razão pela qual aqueles senhores se encontravam vestidos de negro. Ao que o sapateiro respondeu:

— Aqueles homens estão vestidos de negro porque ainda não se passaram 15 dias de quando um irmão deles, desaparecido há muito desta cidade, e chamado Tedaldo, foi assassinado. Parece-me ter ouvido dizer que eles conseguiram provar, perante o tribunal, que o assassino é um senhor que se chama Aldobrandino Palermini, que se encontra preso. Dizem que o morto amava a esposa de Palermini, e tinha voltado a esta cidade, como um desconhecido, a fim de estar com ela.

Tedaldo ficou surpreso ao saber que existia alguém que se assemelhasse a ele, a ponto de ser considerado ele mesmo; ficou penalizado em face da infelicidade de Aldobrandino. Tendo sabido, então, que a mulher estava viva e sã, e sendo já noite, regressou ao hotel, com o espírito repleto de inúmeros pensamentos. Depois de cear, na companhia do seu infante, foi levado, para dormir, em um quarto que ficava quase no lugar mais alto do edifício. Ali, seja devido aos muitos pensamentos que o agitavam, seja devido à péssima qualidade da cama, e seja, talvez, também à ceia, que fora magra, Tedaldo não conseguiu adormecer; e metade da noite já se havia passado em claro. Estando desperto, pareceu-lhe que, lá pela meia-noite, algumas pessoas estivessem descendo do telhado para o interior da casa; depois, pelas frestas da porta do seu quarto, notou que de lá de cima surgia uma luz. Então, afastou-se, quietamente, das frestas da porta; começou a tratar de verificar o que aquilo poderia querer dizer; e viu uma moça, muito bonita, aparecer, tendo um lume na mão; na direção dela, encaminharam-se três homens, que tinham descido do teto para ali; depois de alguns cumprimentos alegres e cordiais, um dos homens disse à moça:

— Nós podemos, já agora, louvado seja Deus, ficar tranquilos; sabemos, com absoluta segurança, que a morte de Tedaldo Elisei foi provada, pelos irmãos do próprio Tedaldo, e lançada à responsabilidade de Aldobrandino Palermini. Ele já confessou, e a sentença já está escrita; mas é preciso, não obstante, que nos mantenhamos calados, porque, se se vier a saber, algum dia, que fomos nós, estaremos naquele mesmo perigo em que Aldobrandino agora se encontra.

Dito isto, os homens desceram com a moça, que muito satisfeita se mostrou em face da notícia; e foram dormir. Ao ouvir tais coisas, Tedaldo ficou refletindo em quais e quantos erros podem ocorrer na mente dos homens; pensou, primeiro, nos irmãos, que haviam chorado a morte de um estranho, e lhe haviam enterrado, como se se esse estranho fosse irmão deles; pensou, depois, no inocente que, acusado por suspeita sem fundamento, se via levado à

iminência de ser punido com a pena de morte; pensou, afinal, na cega severidade das leis e dos reitores, isto é, dos aplicadores dessas leis, os quais, muitas vezes, na ânsia da investigação da verdade, se tornam cruéis e conseguem fazer com que se prove o falso como se fosse o verdadeiro, e, ainda assim, se dizem ministros da justiça de Deus, quando o são, apenas, executores da iniquidade e da vontade do diabo. Depois disso, o pensamento de Tedaldo se concentrou na necessidade de salvar Aldobrandino; assim, de si para consigo, pôs em ordem aquilo que deveria fazer.

Na manhã seguinte, logo depois de se levantar, quando lhe pareceu conveniente a hora, deixou o infante no hotel, e rumou, sozinho, para a casa da sua amada. Por acaso, encontrou a porta aberta; entrou e viu a sua amada sentada no chão, numa saleta do andar térreo, que ali havia; ela estava toda banhada em pranto e toda cheia de amargura; e ele, de compaixão, quase chorou também. Aproximando-se da mulher, Tedaldo disse:

— Senhora: não se atribule assim; a sua tranquilidade está próxima.

A mulher, ao ouvir tais palavras, ergueu o rosto e, chorando, perguntou:

— Homem bondoso; o senhor me parece ser um peregrino forasteiro; que é que o senhor sabe de paz e da minha aflição?

Então, o peregrino respondeu:

— Senhora: sou de Constantinopla; acabo de aqui chegar, mandado por Deus, a fim de converter as suas lágrimas em risos, bem como para livrar o seu marido da morte.

— Como? — indagou a mulher. — Se o senhor é de Constantinopla, e se acaba agora de chegar a esta cidade, como sabe quem eu e meu marido somos?

O peregrino, começando pelo começo, narrou toda a história da angústia de Aldobrandino; e disse a ela quem ela mesma era; disse-lhe quanto tempo ela tinha estado casada; e falou muitas outras coisas, que ele muito bem sabia, a respeito da vida da mulher. Esta muito se admirou; considerou-o como sendo um profeta; ajoelhou-se-lhe aos seus pés; e pediu-lhe, pelo amor de Deus, que, se tinha aparecido para salvar Aldobrandino, era preciso que ele se apressasse, pois o tempo que restava era breve. O peregrino, dando mostras de ser homem muito santo, falou:

— Senhora: erga-se e não chore mais. Preste atenção àquilo que lhe vou dizer; e tome o cuidado de jamais dizer palavra sobre isto, a quem quer que seja. Com base no que Deus me revela, a tribulação pela qual a senhora neste momento passa se deve a um pecado que a senhora já cometeu; foi esse pecado que Deus, em parte, desejou purgar com este seu sofrimento, desejando,

ademaís, que tudo se corrija; do contrário, a senhora teria de passar por uma angústia ainda maior.

Concordou então a mulher:

— Senhor: eu tenho muitos pecados, e não sei qual é o pecado que Deus Nosso Senhor deseja que eu corrija; se, pois, o senhor o sabe, queira dizê-lo; e eu farei o que estiver ao meu alcance, para o corrigir.

— Senhora — disse então o peregrino —, eu bem sei qual é o pecado; nada lhe perguntarei, a tal respeito, na tentativa de saber ainda mais; contudo, é preciso que a senhora mesma o diga, para dele ter mais pronunciado remorso. Mas, vamos aos fatos. Diga-me: recorda-se de ter tido algum amante?

A mulher, ao ouvir esta pergunta, emitiu um grande suspiro e sentiu-se muito surpresa; não acreditava que alguém jamais houvesse sabido disto, muito embora, nos dias em que fora morto o indivíduo que depois se sepultara como sendo Tedaldo, se dissesse algo a tal respeito, devido a certas palavrinhas pouco prudentemente proferidas pelo companheiro de Tedaldo, que de tudo tinha conhecimento; e respondeu:

— Estou vendo que Deus lhe põe a descoberto todos os segredos das criaturas humanas; por isto, sinto-me disposta a não lhe ocultar os meus. É verdade que, na minha juventude, amei extraordinariamente um jovem infeliz, cuja morte é atribuída ao meu marido; lamentei essa morte, e chorei-a, porque infinitamente me doeu; porque, embora eu tenha sido rígida e brutal para com ele, antes da sua partida, nem a sua partida, nem a sua longa ausência, e nem também a sua morte infortunada, conseguiram tirá-lo do meu coração.

A isto, o peregrino observou:

— O moço infeliz, que foi morto, a senhora nunca o amou; amou, sim, a Tedaldo Elisei. Mas diga-me: qual foi o motivo por que a senhora se desentendeu com ele? Será que ele alguma vez a ofendeu?

A mulher explicou:

— Por certo, não; ele nunca me ofendeu. A razão do desentendimento foram as palavras de um frade maldito, com o qual eu, uma vez, me confessei; de uma feita, eu disse, a este frade, do amor que eu nutria para com Tedaldo, e da intimidade em que eu vivia com ele; então, o frade desencadeou tamanha arenga sobre a minha cabeça, que ainda hoje me sinto apavorada; afirmou-me ele que, se eu não renunciasses àquelas relações, iria para a boca do diabo, nas profundidades do inferno, e que seria, depois, posta no fogo perpétuo. Isto provocou tamanho medo em minha alma, que me decidi a não querer mais, definitivamente, saber da intimidade dele; para não prevaricar, deixei de

receber qualquer carta da parte dele, e recusei-me a ouvir todo recado; penso que, sentindo-se desesperado por essa razão, ele desapareceu da cidade; mas creio que, se houvesse perseverado, eu, vendo-o consumir-se como a neve se consoma ao sol, teria modificado a minha dura resolução; pois nenhum maior desejo, neste mundo, eu alimentava.

Disse, então, o peregrino:

— Senhora: este é, agora, o único pecado que a atribula. Eu sei, com absoluta segurança, que Tedaldo não fez esforço algum. Quando a senhora se enamorou dele, a senhora o fez de sua própria e espontânea vontade, uma vez que gostava da pessoa dele; como a senhora mesma quis, ele foi ter consigo, e entrou na intimidade de sua vida, intimidade na qual a senhora lhe mostrou, com palavras e com atos, usufruir enorme prazer; por esta razão, se ele já a amava antes, a senhora o levou a multiplicar por mil e mil vezes o amor que ele sentia. E se assim foi, como eu sei que foi, que motivo poderia demovê-la daquela intimidade, e fazer com que a senhora se lhe negasse tão rigidamente? Estas coisas deveriam ter sido pensadas antes do fato consumado; e, se delas achasse que poderia arrepender-se, como a gente se arrepende do que é malfeito, não as deveria praticar. Assim como aconteceu ser ele seu, assim a senhora aconteceu tornar-se dele. Se ele não fosse seu, poderia a senhora entregar-se a qualquer seu prazer, por ser o prazer seu; mas o querer a senhora negar-se a ele, sendo já dele, equivaleu a roubo, e, portanto, a ato desaconselhável, uma vez que a vontade dele nisso não tomou parte alguma. Ora: a senhora deve ficar sabendo que eu sou frade, e que, portanto, conheço todos os costumes de tais religiosos; e se desses costumes lhe falo, com alguma amplitude, a favor da senhora, isto não me desabona, como desabonaria a qualquer outro. Muito me desagrade falar disto; mas o faço para que a senhora os conheça, para o futuro, melhor do que parece que os conheceu no passado. Os frades já foram religiosos santíssimos e valentes; mas os que agora se dizem frades, e assim querem ser considerados, nada mais têm de frade, afora a capa; de resto, essa mesma também não é de frade; os inventores dos frades ordenaram que as suas capas fossem apertadas, pobres, feitas de pano grosso, reveladoras da humildade da alma que já havia desprezado as coisas temporais quando se resolveu a embrulhar o corpo em tão obscura roupa; os frades de hoje, ao contrário, fazem suas capas amplas, duplas, brilhantes, de pano finíssimo; dão, à sua forma, elegância pontifical, a fim de poderem pavonear, dentro delas, pelas igrejas e pelas praças; não se envergonham de fazer como fazem os seculares, com as suas roupagens; e assim como o pescador trata de,

com uso de certa rede, prender muitos peixes, de uma só vez, no rio, assim estes frades, envolvendo-se com suas vestes amplíssimas, fazem o possível para nelas apanhar muitas beatas, muitas viúvas, muitas outras mulheres tolas, e também muitos homens; e esta tarefa lhe merece maior solicitude do que qualquer outro exercício. Por isto, para que eu lhe fale com mais veracidade, não são as capas dos frades o que eles agora têm; são apenas as cores daquelas capas. Os frades antigos desejavam a salvação dos homens; os de hoje desejam as mulheres e as riquezas; concentram todo o seu estudo e todo o seu esforço na tarefa de espantar, com arengas, sermões e figuras, o espírito dos ingênuos; dão a entender que os pecados se purguem com esmolas e missas; desta forma, aqueles que, por vileza, e não por devoção, se decidiram a ser frades, não precisam trabalhar: uns lhes levam pão; outros, vinho; outros preparam os pratos; e tudo em nome da alma dos próprios antepassados. Por certo, é verdade que as esmolas e as orações purgam os pecados; mas, se as pessoas que recorrem a isso vissem a quem o fazem, ou conhecessem o indivíduo que lhes solicita, prefeririam guardar esmolas e orações para si mesmas, ou atirá-las a outros tantos porcos. Os frades de hoje sabem que, quanto menor o número das pessoas que possuem riquezas, tanto mais folgadoamente eles vivem; assim, eles procuram assustar toda gente com arengas e sermões, a fim de que os outros se afastem, ou se desprendam, daquilo que eles desejam que fique só para eles. Gritam os frades contra a luxúria dos homens, a fim de que, abandonando os homens os atos a que se entregam, aos frades fiquem com as mulheres; condenam a usura e os lucros perversos a fim de que, tornando-se os receptadores dos resultados da usura e dos lucros ilícitos, possam fazer mais amplas as capas, e proporcionar, aos bispados e noutras prelazias maiores, os bens que dizem que conduziriam à perdição os indivíduos que os possuíssem. E, quando se veem repreendidos por estas coisas, bem como por muitas outras que fazem e que não deveriam fazer, eles se consideram inteiramente desobrigados, e despojados de toda grave culpa, dizendo “façam o que nós dizemos, e não o que nós fazemos”. Como se fosse mais possível às ovelhas, do que aos pastores, o serem constantes e de ferro... Boa parte dos frades sabe perfeitamente como são numerosas as pessoas às quais se dá aquela resposta, mas não a compreendem pelo modo em que ela é dada. Querem os frades hodiernos que vocês façam o que eles dizem, isto é, que vocês lhes encham de dinheiro a bolsa; que vocês confiem a eles os seus segredos; que vocês observem as normas da castidade; que vocês sejam pacientes; que vocês perdoem as injúrias; que vocês se afastem da prática de maledicência. Tudo isto é bom; é

honesto; é santo. Mas, tudo isto para quê? Para que eles, os frades, possam fazer aquilo que, se os seculares fizerem, eles não poderão fazer. Quem é que não sabe que, sem dinheiro, a poltronaria não pode durar? Se você despender o seu dinheiro com os seus prazeres, o frade não poderá viver como poltrão no seu mosteiro; se o homem andar à cata das mulheres que lhe estão ao redor, os frades não teriam por onde andar; se alguém não for paciente e perdoador de injúrias, o frade não ousará ir à casa dele e contaminar-lhe a família. Por qual motivo corro eu atrás de todas as coisas? Os frades se acusam tantas vezes quantas, na presença dos que são entendidos, formulam aquela resposta. Mas então, por que razão não ficam eles, de preferência, em casa, uma vez que não se julgam capazes de abstinência e de santidade? Ou, então, se querem entregar-se aos prazeres, por qual razão não seguem aquela outra santa palavra do Evangelho: “Cristo começou a fazer e a ensinar”? Que façam eles, em primeiro lugar; e que só depois disso tratem de ministrar ensinamentos aos outros. Entre os meus companheiros, vi milhares que são ambiciosos, mulherengos, visitantes não somente das mulheres seculares, mas também daquelas que se encontram em conventos; entretanto, são eles os que maior escarcéu promovem do púlpito. E será a palavra dos que assim agem que iremos ouvir? Quem a ouve, que faça o que bem entende; mas Deus é que sabe se o faz com sabedoria. Contudo, admitamos que com isto se deva concordar, isto é, que se deva conceder que é verdade aquilo que o frade lhe disse, quando lhe mostrou que é culpa gravíssima romper a fé conjugal; mas então não é culpa muito maior roubar um homem? Não é culpa muito maior assassiná-lo, ou remetê-lo ao exílio, a fim de que mendigue pelo mundo? Com isto, ninguém concordará. Se uma mulher entra na intimidade de um homem, isto é pecado natural; se o rouba, ou se o mata, ou se o expulsa, isto é ato que procede da perversidade do coração. Que a senhora roubou Tedaldo, já lhe demonstrei, porque a senhora se negou a ele, depois de tornar-se dele por sua espontânea vontade. A seguir, digo-lhe que, naquilo que estive ao seu alcance, a senhora o matou, uma vez que a senhora não impediu, por se mostrar cada vez mais cruel para com ele, que ele se matasse por suas próprias mãos. Quer a lei que a pessoa que é causa do mal que se pratica seja considerada tão culpada como a pessoa que o pratica. Torna-se impossível negar que a senhora tenha sido a causa de ele ter partido para o exílio, e de ele ter andado a mendigar pelo mundo durante sete longos anos. Deste modo, a senhora, praticando qualquer destes três atos, muito maior pecado cometeu, do que qualquer pecado que possa ter cometido na intimidade dele. Todavia, vejamos: será que Tedaldo mereceu estas coisas? Por

certo que não; a senhora mesma já o confessou; ademais, eu sei que ele a ama muito mais do que a si mesmo. Nunca nada foi tão dignificado, tão exaltado, tão magnificado, como a senhora o foi, acima de qualquer outra mulher, por ele, desde que ele se encontrasse em lugar onde pudesse falar honrada e sinceramente, sem despertar suspeitas contra a senhora. Em suas mãos ele depôs todo o seu bem, toda a sua honra, toda a sua liberdade. Não era ele um jovem nobre? Não era ele belo, entre os seus concidadãos? Não era ele valoroso, no tocante àquilo que é próprio dos moços? Não era amado, não era considerado querido, não era de bom grado visto por toda gente? Também a isto a senhora não poderá dizer “não”. Portanto, como foi que, por causa das palavras de um fradezinho mentecapto, bestial e invejoso, a senhora pôde tomar uma resolução cruel contra Tedaldo? Não sei que erro é esse das mulheres: elas fogem dos homens, e pouco os apreciam, ao passo que, pensando bem no que são, e meditando sobre qual e quanta nobreza Deus deu ao homem, mais do que a qualquer outro ser vivo, elas deveriam sentir-se glorificadas quando amadas por algum homem; deveriam querê-lo infinitamente; deveriam tratar de agradá-lo, com o máximo de solícitude, para que ele não deixasse nunca de as amar. Entretanto, a senhora bem sabe o que foi que a senhora fez, impelida pelas palavras de um frade que não passava de um baboso comedor de bolos. É provável que ele desejasse colocar-se a si mesmo no lugar de que procurava expulsar Tedaldo. Foi, portanto, este o pecado que a justiça divina, que conduz a termo todas as operações por meio de justa balança, não quis deixar impune. Assim como a senhora procurou tolher-se a si mesma de Tedaldo, assim também o seu marido, sem causa alguma, porém por circunstância ligada a Tedaldo, esteve e ainda está em perigo, encontrando-se a senhora, por sua vez, em fase de tribulações. Se a senhora quiser livrar-se dessas tribulações, o que a senhora deve prometer, e com muito mais ardor fazer, é isto: se, porventura, Tedaldo voltar para cá, do seu longo exílio, devolva-lhe o seu amor, a sua benevolência, a sua intimidade; recoloque-o naquela situação em que ele se encontrava antes que a senhora desse, estupidamente, ouvidos àquele mau frade.

O peregrino havia concluído as suas palavras; a mulher tinha ouvido atentissimamente aquelas palavras, porque verdadeiras se lhe afiguraram as razões nelas contidas; considerou-se, portanto, realmente atribulada, em consequência do mencionado pecado; e disse:

— Amigo de Deus: bem reconheço que são verdadeiras as razões que o senhor apresenta; e, em grande parte através da sua demonstração, tomo

conhecimento do que são os frades, que até agora sempre foram por mim considerados santos. Por certo, confesso que o meu erro foi grande, no que se relaciona com o que eu fiz a Tedaldo; se pudesse, de muito bom grado eu o corrigiria pela forma que o senhor acaba de referir. Mas, como é que se poderá fazer isso? Tedaldo não poderá voltar jamais; está morto; e uma vez que se trata de coisa que não se pode fazer, não vejo necessidade de eu lhe prometer levar a efeito.

A isto, o peregrino esclareceu:

— Senhora: Tedaldo não está morto, não, a julgar por aquilo que Deus me demonstra. Está vivo e são, em perfeito gozo de sua saúde; e estaria também feliz, se tivesse a sua graça.

A mulher, então, observou:

— Tome cuidado com o que diz; eu o vi, morto, diante de minha porta; fora abatido por várias pontas de punhal; tive-o nestes braços e com muitas lágrimas dos meus olhos lhe banhei o rosto morto; foram talvez estas lágrimas que deram margem a que se falasse tudo o que desonestamente se falou.

Então, o peregrino contestou:

— Senhora: seja lá o que for que a senhora diga, eu lhe asseguro que Tedaldo está vivo; e se a senhora quiser prometer o que lhe pedi que promettesse, a fim de o reaver, espero que não tardará muito a revê-lo.

A mulher concordou:

— Prometo, e cumprirei a promessa, de bom grado; nem seria possível existir qualquer coisa que me causasse maior alegria, do que ver o meu marido livre e Tedaldo vivo.

A esta altura, pareceu, a Tedaldo, que era tempo de se revelar, bem como de confortar a mulher com uma esperança mais substancial da salvação do marido dela; e disse:

— Senhora: a fim de que eu a console, quanto ao seu marido, torna-se-me indispensável revelar-lhe um segredo; e é preciso que, por toda a sua vida, a senhora evite de falar a tal respeito.

Os dois se encontravam em lugar muito remoto, e sós, porque a mulher adquirira confiança na santidade do homem que lhe parecia que fosse um peregrino. Assim, Tedaldo puxou para fora um anel que guardara com extremada diligência; era o anel que a mulher lhe havia dado na última noite que ele estivera com ela; mostrando-lhe, ele disse:

— Senhora: reconhece isto?

Assim que o viu, a mulher o reconheceu imediatamente; e disse:

— Senhor, sim. Eu o dei, há tempos, a Tedaldo.

Então, o peregrino ergueu-se; pôs-se de pé; retirou dos próprios ombros a esclavina; tirou da cabeça o chapéu; e, falando florentino, disse:

— E a mim: reconhece-me a senhora?

Quando a mulher o viu, e quando percebeu que ele era Tedaldo, ficou atônita; teve medo dele, como se tem medo das pessoas mortas, quando a gente as vê, depois, caminhar como se fossem vivas; assim, ao invés de correr ao encontro de Tedaldo, recém-chegado de Chipre, para o receber, desejou mesmo fugir dele, como se ele fosse Tedaldo a regressar da sepultura. Em face disto, Tedaldo falou:

— Senhora: não duvide; eu sou o seu Tedaldo, vivo e são; nunca morri, nem estive morto, pouco importando o que a senhora e os meus irmãos tenham acreditado.

A mulher, um tanto tranquilizada, reconheceu-lhe a voz; contemplou-o mais demoradamente; de si para consigo, afirmou que ele era Tedaldo, sem dúvida alguma; e, logo após, chorando, atirou-se-lhe ao pescoço; beijou-o muito e carinhosamente, enquanto dizia:

— Meu doce Tedaldo! Seja você bem-vindo!

Depois de a beijar e a abraçar, Tedaldo aconselhou:

— Querida: por enquanto não chegou a hora de acolhidas mais íntimas; quero ir fazer com que Aldobrandino seja devolvido à liberdade, são e salvo; a este propósito, espero que, antes da tarde de amanhã, você ouvirá notícias que serão do seu agrado. Em verdade, se eu receber essas boas notícias, como acredito que receberei, quanto à sua salvação, quero voltar a esta sua casa, esta noite, para lhe contar, com mais comodidade, o que no momento não me é possível dizer-lhe.

Tedaldo retomou a esclavina e o chapéu; beijou outra vez a mulher, tornando a confortá-la com redobrada esperança; depois despediu-se dela e retirou-se, indo para o lugar onde Aldobrandino se encontrava preso, mais preocupado com a morte iminente, que o apavorava, do que animado por qualquer esperança de salvação futura. À maneira de confortador, para tranquilidade de prisioneiros, Tedaldo entrou na prisão de Aldobrandino; sentou-se ao seu lado; e disse:

— Aldobrandino: eu sou um seu amigo; vim mandado por Deus, para a sua salvação, porque Ele teve piedade de você, pela sua inocência; se, pois, em reverência a Deus, você quiser conceder-me um pequeno favor, que lhe pedirei, é absolutamente certo que, antes da tarde de amanhã, quando você

espera a execução da sentença de morte, você ouvirá a sentença da sua absolvição.

A isto, Aldobrandino respondeu:

— Bondoso homem: uma vez que o senhor se preocupa com a minha salvação, embora eu não o conheça, nem me recorde de jamais o haver visto, não há dúvida que deve ser um amigo, como diz. Em verdade, ademais, eu nunca pratiquei o pecado pelo qual se clama que eu deva ser punido com a morte; é provável que muitos outros pecados eu tenha cometido; e foram talvez esses que me conduziram a esta situação. Digo-lhe, porém, com a máxima reverência de Deus, que, se Ele, nesta conjuntura, tem misericórdia de mim, qualquer ato grande, e não somente qualquer ato pequeno, de bom grado, mais do que prometer, eu farei. Assim sendo, diga o que é que o senhor pede, porque, certamente, se acontecer que eu me salve disto, observarei o que ficar estabelecido.

Então, o peregrino disse:

— O que eu peço não é nada mais do que isto: que você perdoe, aos quatro irmãos de Tedaldo, o haverem conduzido você a esta situação, por acreditarem ser você culpado pela morte do irmão deles; desejo que você os passe a ter na qualidade de irmãos e de amigos, desde que eles, quanto à acusação que lhe fizeram, solicitem o seu perdão.

A isto, Aldobrandino observou:

— Ninguém sabe, a não ser quem recebe ofensas, como é doce a vingança, e com quanto ardor a deseja; todavia, a fim de que Deus cuide da minha salvação, de muito bom grado os perdoarei, e desde já os perdoo; e, se consigo sair vivo daqui, farei questão de agir da maneira pela qual o senhor agora pede.

Estas palavras agradaram ao peregrino; e este, sem querer dizer-lhe mais palavras, pediu-lhe, encarecidamente, que se conservasse com o coração tranquilo, uma vez que, por certo, antes que o dia seguinte se concluísse, ele, condenado, ouviria a notícia absolutamente positiva da sua salvação. Despedindo-se de Aldobrandino, Tedaldo rumou diretamente para a Senhoria; e, em segredo, a um cavaleiro que tomava conta dessa mesma Senhoria, disse:

— Meu senhor: todos devem esforçar-se, de bom grado, no sentido de fazer com que a verdade seja conhecida; mais ainda devem esforçar-se as pessoas que, como o senhor, ocupam o lugar que o senhor ocupa; e isto para que não se apliquem penas àqueles que não cometeram pecado algum, bem como para que os pecadores autênticos sejam punidos. É para que isto

aconteça, em honra do senhor, e para mal de quem tenha merecido a punição, que vim ter consigo. Como bem sabe, o senhor agiu severamente contra Aldobrandino Palermini, porque lhe pareceu, ao senhor, absolutamente certo, que ele matou Tedaldo Elisei; agora, o senhor está na iminência de o condenar. Mas é falso que ele seja o assassino; antes da meia-noite de hoje, pondo-lhe nas mãos os matadores daquele moço, creio que lhe demonstrarei a veracidade do que afirmo.

O bondoso homem, que se sentia penalizado pela sorte de Aldobrandino, escutou, de bom grado, às palavras do peregrino; os dois conversaram sobre muitas coisas. Depois, para introdução dos seus atos, aquele bondoso homem da Senhoria mandou prender, logo no primeiro sono, os dois irmãos, donos do hotel, bem como o seu doméstico; pretendeu submetê-los à tortura, para que dissessem como as coisas haviam transcorrido; eles, porém, não tiveram ânimo para enfrentar a tortura; cada qual por si, e depois todos juntos, confessaram, abertamente, que haviam sido os assassinos de Tedaldo Elisei, que era alguém que nem sequer conheciam. Interrogados sobre os motivos, disseram que o morto havia causado muitos aborrecimentos à mulher de um deles, tendo-a procurado em hora que eles não se encontravam no hotel. Além de a tentar, havia procurado forçá-la a satisfazer-lhe os desejos.

Ao saber disto, o peregrino, com permissão do homem da Senhoria, saiu dali; dirigiu-se, ocultamente, à residência de d. Ermellina, onde ela o esperava, sozinha, pois todas as demais pessoas da casa tinham ido dormir. Também ela se encontrava ansiosa, tanto de ouvir boas notícias relativas ao marido, como de se reconciliar plenamente com Tedaldo. Em chegada àquela casa, o peregrino, com semblante alegre, disse:

— Querida amada minha: alegre-se, porque não há dúvida que você terá de novo, amanhã, o seu Aldobrandino, são e salvo.

E, para fazer com que ela depositasse fé inteira no que ele dizia, contou-lhe tudo o que havia feito. A mulher abraçou e beijou afetosamente o peregrino, de tão alegre que se sentiu, em face daqueles dois acontecimentos tão extraordinários e inesperados: o de reaver o seu Tedaldo vivo, que na verdade chegara a chorar por julgá-lo morto, e o de ver novamente livre de todo perigo o seu marido, Aldobrandino, marido este que, pouco antes, ela julgava que deveria chorar por morto dentro de poucos dias. Depois dos abraços e dos beijos, os dois rumaram juntos para a cama, onde, com imenso agrado, fizeram e sancionaram as pazes, recebendo cada qual, um do outro, infinito prazer. Quando o novo dia se fez, Tedaldo ergueu-se, depois de dizer, à

mulher amada, o que pretendia levar a efeito; pediu-lhe que deixasse permanecer tudo em segredo impenetrável; sempre em roupas de peregrino, saiu daquela casa, a fim de, assim que chegasse a hora conveniente, tratar da liberdade de Aldobrandino. Quando surgiu o novo dia, e quando a Senhoria julgou possuir informações plenas quanto ao crime, Aldobrandino saiu da prisão, inteiramente livre de qualquer sentença. A mesma Senhoria mandou decapitar os verdadeiros assassinos, poucos dias após, no mesmo lugar em que eles haviam perpetrado o homicídio. Aldobrandino, pois, regressou à liberdade, para grande felicidade dele próprio, de sua esposa, bem como de todos os seus amigos e parentes.

Todos ficaram sabendo que a salvação de Aldobrandino se deveu à iniciativa do peregrino; por isto, Aldobrandino e a esposa conduziram o peregrino à sua casa, para que ali permanecesse hospedado por todo o tempo que lhe agradasse demorar-se na cidade. Nenhum dos dois se cansava de prestar homenagens ao salvador, e menos ainda a mulher, que bem sabia a quem as estava prestando.

Contudo, depois de alguns dias pareceu a Tedaldo que chegara o momento de estabelecer a concórdia entre seus irmãos e Aldobrandino; os referidos irmãos, sabendo da inocência de Aldobrandino, se sentiram constrangidos; ademais, como receavam represálias, passaram a andar armados. Por isto, Tedaldo pediu, a Aldobrandino, o cumprimento de sua promessa. Aldobrandino respondeu, com franqueza, que se encontrava pronto. Em consequência, o peregrino mandou preparar, para o dia seguinte, um grande banquete; disse, a Aldobrandino, que queria que ele e seus parentes, com as respectivas esposas, comparecessem à mesa, e ali recebessem os quatro irmãos e suas mulheres. Acrescentou que ele, em pessoa, iria, sem perda de tempo, convidar os irmãos, em seu nome, para o banquete da paz. Como Aldobrandino se manifestou satisfeito com tudo quanto fosse do agrado do peregrino, este rumou para a residência dos quatro irmãos; usou, com eles, muitas das palavras que a respeito do assunto se tornavam indispensáveis. Por fim, com apresentação de razões irrefutáveis, conduziu-os, com muita elegância, ao cumprimento do seu dever, dever este que consistia em pedir perdão e em reconquistar a amizade de Aldobrandino. Feito isto, convidou-os, a eles, irmãos, e também as respectivas esposas, para o banquete da manhã seguinte, em companhia de Aldobrandino. Os irmãos, tranquilizados pela fé do peregrino, acederam ao convite.

Na manhã seguinte, lá pela hora do almoço, os quatro irmãos de Tedaldo, assim vestidos de preto como se encontravam, e na companhia de alguns dos seus amigos, compareceram, em primeiro lugar, à casa de Aldobrandino, que os esperava. Ali, diante de todos quantos haviam sido convidados por Aldobrandino, para lhe fazerem companhia, os referidos irmãos atiraram por terra as armas, apertaram as mãos de Aldobrandino, e pediram-lhe perdão daquilo que, induzidos por erro, haviam praticado contra ele. Aldobrandino recebeu-os com os olhos cheios de lágrimas; beijou-os a todos, na boca, proferindo umas poucas palavras; e cancelou toda injúria recebida. Depois disto, as irmãs e as esposas dos quatro irmãos, inteiramente vestidas de luto, compareceram à mesma casa, onde foram cordialmente acolhidas por d. Ermellina e pelas outras mulheres.

Todos foram magnificamente servidos durante o banquete, tanto os senhores como as damas; não houve, no banquete, coisa alguma que não fosse digna de encômios; apenas uma sombra ali pairava; era a nota taciturna, consubstanciada na dor, ainda recente, que no momento se representava pelas vestimentas escuras dos parentes de Tedaldo; por este motivo, houve alguém que opôs observações ao critério adotado nos convites feitos pelo peregrino. O peregrino percebeu claramente esta circunstância. Entretanto, de acordo com aquilo que havia planejado, esperou que chegasse a hora oportuna, para desfazer o fundamento do uso daquelas vestimentas. A essa hora, pôs-se de pé, quando os outros ainda estavam comendo frutas, e disse:

— Nada faltou a este banquete, para o tornar agradável e feliz, a não ser a pessoa de Tedaldo. Como, porém, vocês tiveram continuamente a Tedaldo em sua companhia, sem o reconhecer, eu o quero mostrar-lhes.

Tirou dos ombros a esclavina, e tudo o mais que compunha a sua roupagem de peregrino; permaneceu apenas com uma veste de tafetá; para grande surpresa geral, foi por todos contemplado minuciosamente, e afinal reconhecido; mas muito o examinaram, antes de se arriscarem a acreditar que o peregrino fosse realmente Tedaldo. O peregrino, já agora de novo Tedaldo, percebeu a situação criada; e, por isto, contou episódios relacionados com os seus parentes; disse das coisas que lhes haviam acontecido; e falou das próprias ocorrências pessoais. À vista desta comprovação, tanto os irmãos como os outros homens, chorando de alegria, correram a abraçar Tedaldo; o mesmo fizeram as mulheres, tanto as que eram como as que não eram suas parentas — menos d. Ermellina. Ao ver que sua esposa assim se conduzia, Aldobrandino disse:

— Que é isto, Ermellina? Por que não faz você como fazem todas as outras mulheres, que homenageiam Tedaldo?

A isto, que todos ouviram, a mulher explicou:

— Não há, aqui, mulher alguma, que o haja homenageado, e que o tenha feito com mais prazer do que eu o faria, uma vez que eu o estimo muito mais do que o possa estimar qualquer outra mulher aqui presente; pois foi através da iniciativa dele que você voltou a mim; todavia, as palavras desonestas, que se proferiram, nos dias em que choramos a morte daquele que julgávamos ser Tedaldo, forçam-me a retrain-me.

A estas palavras, Aldobrandino estimulou-a:

— Ora, vamos! Mas então você pensa que eu acredito nos ladradores? Tedaldo, ao promover a minha salvação, demonstrou sobejamente que o que se disse é falso; acresce que, de resto, eu nunca havia acreditado em semelhante coisa. Depressa! Erga-se e vá abraçá-lo.

A mulher, que não desejava outra coisa, não foi lenta a obedecer ao marido nisto. Ergueu-se e, como as outras haviam feito, assim também ela o abraçou e lhe fez carinhos. Esta liberalidade de Aldobrandino agradou muito aos irmãos de Tedaldo; assim se dissipou, do espírito de quantos ali se achavam, homens e mulheres, toda possível malquerença que houvesse nascido, na mente de alguns, em consequência das palavras de suspeita proferidas tempos atrás.

Depois de cada um prestar homenagem a Tedaldo, ele mesmo rasgou as vestimentas negras que os irmãos envergavam, e também as vestes escuras das irmãs e das cunhadas; mandou que outras vestimentas e outras vestes fossem apresentadas ali; e, depois que estas foram vestidas, houve cantos, bailes e outras diversões, em grande abundância.

Por isto, o banquete, que tivera começo quieto e reservado, acabou tendo fim sonoro e expansivo. Depois, com grande alegria, todos foram, assim como se achavam, à casa de Tedaldo; ali cearam; e prosseguiram nesta maneira de viver ao longo de vários dias, prolongando a festa. Durante muitos dias, os florentinos contemplaram Tedaldo, como se ele fosse um ressuscitado, ou como se integrasse uma real maravilha.

No espírito de muitos, porém, inclusive no dos irmãos de Tedaldo, permaneceu uma ligeira dúvida quanto ao fato de ser ele, realmente, Tedaldo degli Elisei; não se acreditava nisso com muita firmeza, e talvez não se acreditaria firmemente nunca; se um acaso não esclarecesse a identidade daquele que fora morto e passara por ser Tedaldo. O acaso foi este:

Um dia, passaram, diante da casa dos irmãos de Tedaldo, vários infantes de Lunigiana; e, ao verem Tedaldo, foram ao seu encontro dizendo:

— Desejamos-lhe bem-estar, Faziuolo!

A isto, na presença de seus irmãos, Tedaldo respondeu:

— Os senhores estão pensando que eu sou outra pessoa.

Os infantes, ouvindo-o falar, sentiram-se constrangidos; pediram desculpas, e disseram:

— Na verdade, o senhor muito se parece com um nosso companheiro que se chama Faziuolo da Pontriemoli; nunca vimos um homem parecer-se tanto a outro, como o senhor a ele. Faziuolo, há coisa de uns 15 dias, veio a esta cidade, e nunca mais tivemos notícias dele. É verdade que, desde logo, nós lhe estranhamos as roupas, porque ele era, como nós o somos, militar a soldo.

O irmão mais velho de Tedaldo, ao ouvir isto, adiantou-se e perguntou de que maneira estava vestido aquele Faziuolo, de que falavam. Eles disseram-no. E aconteceu que se verificou que era realmente como eles afirmaram ser. Em consequência, à vista deste e de outros indícios, ficou plenamente acertado que o homem que fora assassinado era Faziuolo e não Tedaldo; assim, dissipou-se por completo toda desconfiança, tanto do espírito dos irmãos, como do espírito de todos os outros.

Tedaldo, pois, que regressara riquíssimo, perserverou no seu amor; a mulher nunca mais se sentiu constrangida; portanto, como agiram sempre muito discretamente, os dois gozaram longamente o próprio amor.

E Deus faça com que nós gozemos o nosso.

Nota

¹ Pelas histórias de Ricordano Malespini e de Giovanni Villani, sabe-se que tanto os Elisei, como os Palermini, eram famílias nobres e muito antigas de Florença. Entretanto, ao fato aqui narrado, não se encontra referência alguma em qualquer fonte histórica.

OITAVA NOVELA

Ferondo, depois de comer determinado pó, é enterrado como se fora morto. O abade, que aufere prazeres de amor da esposa dele, tira-o da sepultura e o põe na prisão, fazendo-o crer que se encontra no Purgatório. Depois, ressuscitado, considera como sendo seu um filho nascido dos amores do abade com sua mulher.



hegara ao fim a longa novela de Emília, que a ninguém desagradou pelo seu comprimento; ao contrário; todos acharam que fora narrada com brevidade, à vista da quantidade e da variedade dos casos nela compreendidos. Assim, a Rainha, manifestando o seu desejo à Laurinha, por meio de um simples sinal feito com a cabeça, deu motivo para que ela assim

começasse:

— Queridíssimas mulheres: deparo-me com a contingência de contar uma verdade que tem muito mais aparência de mentira, do que de fato autêntico, que efetivamente foi. O caso voltou-me à memória, por eu ter ouvido, há pouco, que se sepultou e se chorou um homem por outro. Direi, pois, como foi que um homem vivo acabou sendo sepultado, e como, depois, ele próprio e muitos outros o tiveram em conta de ressuscitado, egresso da sepultura, e não de vivo. Direi, por fim, como foi que esse homem passou a ser adorado como santo, quando, ao contrário, deveria ter sido condenado por sua própria culpa.

Existiu, pois, na Toscana, uma abadia, que ainda hoje existe. Situava-se, como vemos várias outras, em lugar não muito frequentado pelos homens. Nessa abadia se fez abade um monge santíssimo sob todos os aspectos, menos no que se relacionava com as mulheres. Sabia, porém, agir com tamanha cautela, neste setor, que quase ninguém suspeitava, e muito menos tinha conhecimento; e isto porque, como se disse, era considerado santíssimo e justo em todas as coisas.

Ora: aconteceu que um aldeão riquíssimo travou amizade muito íntima com este abade. O aldeão chamava-se Ferondo; era homem desmesuradamente rústico e ignorante. De resto, a sua amizade se fazia agradável ao abade apenas porque este se divertia, de quando em quando, com a simplicidade dele. No intercurso desta amizade, o abade notou que Ferondo tinha, por esposa, uma mulher muito bonita. Enamorou-se dessa mulher, por tal forma, que passou a não pensar, dia e noite, em outra coisa. O abade veio a saber, contudo, que, embora Ferondo fosse simplório e obtuso, por todos os outros aspectos, se mostrava muito esperto na tarefa, tanto de amar, como de vigiar, a mencionada esposa. E por isso se desesperava. Mesmo assim, sabido como era, o abade conseguiu inspirar confiança a Ferondo; e este, juntamente com a esposa, começou a ir entreter-se, às vezes, no jardim da abadia. Ali, ao marido e à esposa, o abade falava, com modéstia e humildade, da beatitude da vida eterna, bem como de obras santíssimas de muitos homens e de muitas mulheres de tempos já passados. Tanto falou o abade, que, certo dia, a mulher sentiu o desejo de se confessar com ele; pediu, para isto, licença a Ferondo; e obteve-a. A mulher, pois, foi confessar-se com o abade, com enormíssimo prazer deste último. A mulher sentou-se aos pés do religioso e, antes de mais nada, começou a dizer:

— Senhor abade: se Deus me tivesse dado um marido, ou se marido nenhum me houvesse dado, talvez me seria mais fácil seguir os ensinamentos que o senhor difunde, a fim de enveredar pelo caminho de que o senhor tem falado e que conduz a gente à vida eterna; entretanto, se se considera quem é Ferondo, e se se leva em conta a sua estultícia, posso dizer que sou viúva, sendo, infelizmente, desposada. Enquanto ele viver, não posso casar-me de novo; e, entretanto, não posso viver com ele. Louco como é, fez-se tão enciumado de mim, sem razão alguma, que eu não consigo mais do que tribulações e má ventura. Por isto, antes que eu volte para outra confissão, rogo-lhe humildemente que a este respeito se compraza em dar-me alguns conselhos. Porque, se aqui não começa a razão de eu poder agir da melhor forma possível, de nada me adiantará a confissão, nem qualquer outro ato considerado bom.

Este raciocínio proporcionou grande prazer à alma do abade; pareceu-lhe até que a Fortuna houvesse aberto o caminho para a realização do seu maior desejo. E disse:

— Minha filha: acredito que constitua aborrecimento deveras intolerável, para uma linda e delicada mulher, como a senhora é, o fato de possuir, na qualidade de marido, um mentecapto. Muito pior, porém, é viver ao lado de

um ciumento. Visto, pois, que a senhora tem um e outro, isto é, o mentecapto e o ciumento, facilmente me inclino a crer nas tribulações que afirma estar sofrendo. Para isto, porém, para se falar com brevidade, não vejo conselho, nem remédio, afora um só. O remédio é este: Ferondo deve curar-se da sua ciumeira. O remédio para o curar, bem que eu o sei fazer; mas é preciso que a senhora conserve, como verdadeiro segredo, isto que lhe vou dizer.

A mulher concordou:

— Padre meu: não duvide disso. Preferirei morrer a dizer, seja lá a quem for, coisa que o senhor me afirme que eu não deva revelar. Entretanto, como se poderá chegar ao que desejo?

O abade respondeu:

— Se quisermos que ele se cure, será absolutamente necessário que ele vá para o Purgatório.

— Mas como — indagou a mulher — poderá ele ir ao Purgatório conservando-se em vida?

O abade explicou:

— Será indispensável que morra, e assim irá para lá. Depois de lá sofrer tanta pena quanta for a necessária para que ele se considere castigado por este ciúme, nós, por meio de determinadas orações, pediremos a Deus para que devolva Ferondo a esta vida; e Ele, por certo, o fará.

— Então — perguntou a mulher — deverei eu tornar-me viúva?

— Sim — respondeu o abade —, por algum tempo; e, durante esse período, será conveniente que a senhora tome cuidado para não ser induzida a casar-se de novo, pois Deus não veria com bons olhos um gesto dessa ordem. Se a senhora se casar com outro, no interregno, Ferondo, ao voltar ao nosso convívio, se fará ainda mais ciumento do que é agora.

Resignou-se a mulher:

— Contanto que ele se cure desta má ventura, e que eu não seja obrigada a permanecer sempre em reclusão, considerar-me-ei satisfeita. Faça o senhor como lhe agradar mais.

O abade, então, afirmou:

— Tenha a certeza de que o farei. Mas que galardão receberei eu da senhora, por semelhante serviço?

— Meu padre — consentiu a mulher —, o senhor receberá o que lhe agradar, desde que eu o possa dar. Mas que é que pode fazer uma mulher como eu, e que valha a pena de ser feita para um homem como o senhor é?

Ao que o abade esclareceu:

— Senhora: a senhora não poderá empenhar-se menos, por mim, do que eu me empenharei pela senhora. Assim como eu me disponho a fazer o que for preciso para o seu bem e para o seu consolo, assim a senhora deve dispor-se a fazer aquilo que representar felicidade e salvação de minha vida.

Confirmou, então, a mulher:

— Se assim é, estou pronta.

— Então — esclareceu o abade — a senhora me dará o seu amor, e me fará feliz ao seu lado, uma vez que pela senhora ardo e me consumo de paixão.

A mulher, ao ouvir estas palavras, ficou atônita, e falou:

— Céus! Padre meu! Que é que o senhor está pedindo? Eu sempre julguei que o senhor fosse um santo! Mas então é justo que os santos homens façam solicitações desta ordem às mulheres que a eles se dirigem para pedir conselho?

Ao que o abade explicou:

— Linda alma de minha alma: não se admire, porquanto a santidade não se faz menor em consequência disso; a santidade reside na alma; o que lhe estou pedindo é pecado do corpo. Seja, porém, como for, o certo é que a sua grande beleza teve tamanha força, que o amor me obriga a proceder como estou procedendo. Digo-lhe, de resto, que a senhora pode, mais do que qualquer outra mulher, vangloriar-se de sua beleza, uma vez que a sua beleza agrada aos santos, habituados a contemplar as belezas do céu. Além disto, embora eu seja abade, nem por isso deixo de ser homem como os outros; como vê, ainda não sou velho. Não deve ser-lhe muito difícil comprazer-me; ao contrário: a senhora até o deve desejar, visto que, enquanto Ferondo estiver no Purgatório, eu lhe proporcionarei, fazendo-lhe companhia durante as noites, aquele consolo que ele deveria proporcionar-lhe. Disto, ninguém jamais se dará conta, pois todos pensam, de mim, aquilo que a senhora há pouco pensava. Não recuse a graça que Deus agora lhe manda, pois muitas são as mulheres que desejam, e que não têm, o que a senhora poderá ter, e terá, se for bastante esclarecida para aceitar o meu conselho. Além disto, possuo lindas e preciosas joias, que não desejo que pertençam a outra pessoa que não seja a senhora. Faça, pois, doce esperança minha, por mim, o que eu pela senhora farei de muito bom grado.

A mulher conservava o rosto abaixado; não sabia como negar o que lhe era pedido, e não lhe parecia direito concedê-lo. O abade, vendo que ela tinha ouvido tudo e que hesitava em responder, acreditou que ela já estivesse meio convertida a seu favor; disse, pois, muitas outras palavras, em continuação às anteriores, antes de se convencer de que havia inculcado, no espírito da mulher,

a certeza de que seria certo fazer aquilo. Por fim, ela, como que tolhida pelo pudor, declarou que estava disposta a obedecer a toda ordem dada pelo abade, mas que não o faria antes que Ferondo rumasse para o Purgatório. A isto, o abade, contentíssimo, se apressou a dizer:

— Nós faremos com que ele vá imediatamente; diga-lhe que amanhã, ou qualquer outro dia, venha ter aqui comigo.

Dizendo isto, o abade introduziu, discretamente, na mão da mulher, um belíssimo anel; e deu-lhe as despedidas. A moça ficou muito satisfeita com o presente, e formou esperança de receber ainda outros; assim que se encontrou com as suas companheiras, contou-lhes coisas maravilhosas quanto à santidade do abade; e voltou com elas para casa.

Dali a poucos dias, Ferondo encaminhou-se para a abadia; quando o abade o viu, logo resolveu mandá-lo ao Purgatório. Tornou a encontrar um pó,¹ dotado de virtude maravilhosa, e que recebera, no Levante, de um grande príncipe. O doador do pó dissera-lhe que o Velho da Montanha é que costumava fazer uso daquilo, nas ocasiões em que desejava mandar alguém, dormindo, ao seu paraíso, ou em que, depois de o mandar, desejava retirá-lo de lá. Aquele pó, conforme a quantidade ministrada, fazia a pessoa dormir, ora menos, ora mais, sem lhe produzir lesão alguma. O sono era de tal ordem, que, enquanto durava a virtude do pó ministrado, ninguém jamais diria que o corpo da pessoa adormecida ainda estivesse vivo. O abade pegou, deste pó, a quantidade necessária para que, misturada com água ou vinho, um homem dormisse três dias. E deu-o de beber a Ferondo, em sua cela, num copo de vinho ainda não muito claro; Ferondo não percebeu do que se tratava. Depois disto, o abade conduziu o rico aldeão ao claustro, onde ele próprio e outros monges começaram a divertir-se com as suas ingenuidades e as suas tolices.

A diversão não durou longo tempo, porque, fazendo o pó o efeito que dele se esperava, o aldeão foi acometido por um sono súbito e pesado; por um sono tal, que, mesmo estando ainda em pé, o homem adormeceu — e caiu no chão adormecido. O abade, fingindo aborrecer-se com o incidente, desapertou as roupas do aldeão, mandou que lhe trouxessem água fria, e borrifou-lhe com ela o rosto; depois, recorreu a outros meios, como se o homem houvesse caído em consequência de alguma enfermidade do estômago, ou do que pudesse ter o acometido; e agiu como se pretendesse reanimar-lhe a vida do sentimento, que se afigurava dissipada. O abade e os outros monges verificaram que nada disto reanimava o adormecido; apalpam-lhe o pulso, e nenhum sentimento ali perceberam; em consequência, todos, por unanimidade, o consideraram

morto. Mandaram, pois, comunicar o fato à mulher do aldeão e aos seus parentes, os quais todos compareceram logo à abadia. A mulher e os parentes choraram o falecido, por algum tempo; depois do que o abade determinou que o corpo, assim vestido como se encontrava, fosse posto numa tumba.

A mulher voltou para a sua casa, e disse que não pretendia jamais separar-se de um meninote que do marido tivera. Ficando, pois, na casa, tratou de governar tanto o filho como a riqueza que fora de Ferondo.

O abade, com um monge bolonhês com o qual entrava muito em confidências, e que tinha chegado de Bolonha naquele dia, ergueu-se durante a noite. Os dois, agindo quietamente, retiraram Ferondo da sepultura, e levaram-no para um calabouço, onde não se via luz alguma, e que fora preparado para receber monges merecedores de punição; retiraram, do corpo, as suas roupas, e vestiram-no com hábitos de monge; colocaram-no sobre um monte de palha; e lá o deixaram permanecer, até que ele acordasse.

Nesse entremetentes, o monge bolonhês, devidamente instruído pelo abade, e sem que nenhuma outra pessoa tivesse conhecimento do fato, cuidou da volta de Ferondo ao estado desperto. No dia seguinte, o abade, em companhia de alguns dos seus monges, foi à casa da mulher, à guisa de visitaçāo de condolências. Encontrou a mulher vestida de preto e toda entregue ao seu pesar. Confortou-a como lhe foi possível, e, com voz amiga, bem baixa, lhe pediu o cumprimento da promessa. A mulher, vendo-se livre, sem o obstáculo representado por Ferondo, ou por qualquer outra pessoa, e percebendo que o abade trazia ao dedo outro lindo anel, disse que estava pronta. E combinou que ele iria ter com ela, naquela casa, na noite seguinte.

A noite caiu. O abade, metido nas roupas de Ferondo, e acompanhado pelo seu monge confidente, para lá se dirigiu, e lá permaneceu até de manhã cedo, com enorme prazer e indizível encantamento. Depois, regressou à abadia. Posteriormente, tornou a percorrer o mesmo caminho, para o mesmo deleite, com muita frequência; indo e vindo, foi visto por algumas pessoas; mas os que o viram imaginaram que fosse o espírito de Ferondo a vagar por aquelas regiões, à guisa de penitência; a seguir, muitas bisbilhotices começaram a correr de boca em boca, entre a ralé da aldeia; e tais bisbilhotices muitas vezes chegaram aos ouvidos da mulher, que bem sabia do que realmente se tratava.

Quando Ferondo despertou, no calabouço, e ali se viu, não pôde entender onde se encontrava; nessa altura, o monge bolonhês entrou; com voz de meter medo, pôs-se a admoestar; agarrou Ferondo, e com um feixe de vergas, que

trazia na mão, aplicou-lhe tremenda surra. O aldeão, chorando e gritando, não fazia mais do que perguntar:

— Onde é que me encontro?

Ao que o monge respondia:

— Você está no Purgatório!

— Como? — indagou Ferondo. — Pois então eu estou morto?

O monge esclareceu:

— Naturalmente que está.

Então Ferondo começou a chorar a ausência de sua mulher e do seu filho, dizendo as coisas mais inesperadas do mundo. O monge deu-lhe algo para comer e beber. Mas, ao ver isto, Ferondo perguntou:

— Será que os mortos comem?

O monge respondeu:

— Comem, sim. E isto que aqui lhe trago é o que a mulher que foi sua mandou, esta manhã, à igreja, a fim de que fossem ditas missas por intenção da sua alma; e Deus Nosso Senhor quis que lhe fosse apresentado.

Ferondo suplicou:

— Meu Deus! Dê-lhe um bom ano! Eu queria muito bem a ela, antes de morrer; tanto é assim que eu a conservava a noite inteira nos meus braços, não fazendo mais do que beijá-la; mas às vezes fazia mais do que isso, quando a vontade vinha.

A seguir, sentindo fome, começou a comer e a beber. Como o vinho não se lhe afigurasse muito bom, vituperou:

— Meu Deus! Dê-lhe grandes tristezas! Porque ela não levou, ao padre, o vinho da pipa que fica ao longo da parede.

Entretanto, depois da refeição, o monge bolonhês tornou a agarrá-lo e, com aquelas mesmas vergas, lhe aplicou outra surra. A isto, Ferondo, após muito gritar, indagou:

— Pelo amor de Deus! Por que é que me surra tanto?

O monge explicou:

— Porque foi assim que Deus Nosso Senhor determinou; é preciso que isto se faça duas vezes por dia.

— Mas por qual razão? — perguntou Ferondo.

O monge respondeu:

— Porque você foi ciumento, embora possuísse, por esposa, a melhor mulher da sua terra.

— Meu Deus! — exclamou Ferondo. — O senhor está dizendo a verdade; além de ser a melhor, era a mais doce; mais adoçada do que um confeito. Mas eu não sabia que Deus Nosso Senhor levasse a mal o fato de um homem ser ciumento; do contrário, eu não o teria sido.

Advertiu o monge:

— Destas coisas você deveria ter noção quando se encontrava do lado de lá, para se emendar; e se acontecer que um dia para lá você volte, faça o possível para ter sempre em mente a surra que agora lhe aplico, precisamente para que você nunca mais seja ciumento.

Ferondo indagou:

— Mas pode voltar para lá alguém que já morreu?

O monge afirmou:

— Sim. Desde que Deus o queira.

— Oh! — exclamou Ferondo. — Se um dia eu regressar à vida anterior, serei o melhor marido do mundo; nunca baterei nela; nunca lhe direi palavrões, a não ser por causa do vinho que ela nos mandou esta manhã. De resto, ela também não nos mandou vela alguma e, por isso, tive de comer no escuro.

O monge tranquilizou-o:

— Bem que ela mandou as velas, mas arderam nas missas.

— Oh! — disse Ferondo. — O senhor fala a verdade. Sem dúvida, se eu voltar para aquela vida, deixarei que ela faça o que bem entender. Mas, diga-me: quem é o senhor, que me aplica estas surras?

O monge disse:

— Eu também estou morto; vivi na Sardenha. Visto que, de uma feita, louvei muito um meu senhor, por ser ele ciumento, fui condenado por Deus a esta pena; a pena é a de que eu lhe devo dar de comer e de beber, aplicando-lhe também estas surras, até quando Deus entender que se faça outra coisa com você e comigo.

Ferondo perguntou:

— Não há pessoa alguma, aqui, além de nós dois?

O monge explicou:

— Há, aos milhares; mas você não pode ver nem ouvir ninguém, assim como eles também não o conseguem ver.

Ferondo, então, tornou a perguntar:

— A que distância nos encontramos da nossa terra?

— Chi! — fez o monge. — Estamos a muitas milhas de distância.

— Credo! Não há dúvida que estamos muito longe! — exclamou Ferondo. — Ao que me parece, devemos estar fora do mundo, de tão longe que estamos.

Ora: com discussões deste gênero, e semelhantes, bem como com comidas e surras, Ferondo foi mantido naquelas condições uns dez meses, durante os quais o abade, muito aventurosamente, continuou visitando a linda mulher, e entregando-se ao mais encantador dos prazeres deste mundo.

Como, porém, as desventuras acontecem, a mulher ficou grávida; percebendo imediatamente o fato, comunicou-o ao abade; os dois acharam que seria então conveniente que Ferondo, sem mais demora, fosse retirado do Purgatório e devolvido à vida, a fim de regressar para junto de sua esposa, a qual, oportunamente, lhe diria estar grávida. O abade, pois, com voz contrafeita, mandou chamar Ferondo, que se encontrava no calabouço; e mandou também que lhe dissessem:

— Ferondo, rejubile-se! Aprouve a Deus que você volte ao mundo; regressando ao mundo, você terá um filho que lhe será dado por sua mulher. Faça com que ele receba o nome de Bento, porque foi em virtude das preces do seu santo abade e da sua mulher, bem como por amor de São Bento, que Deus lhe concedeu esta graça.

Ao ouvir isto, Ferondo sentiu-se grandemente satisfeito; e disse:

— Muito me agrada. Que Deus dê bom ano ao Senhor Deus Nosso Senhor, ao abade, a São Bento e à minha mulher polvilhada de queijo, untada de mel, infinitamente adoçada.

O abade mandou ministrar, a Ferondo, apreciável quantidade daquele pó, no vinho que determinou que lhe fosse oferecido; a quantidade era bastante para que ele dormisse umas quatro horas; ordenou que o vestissem com as suas antigas roupas; juntamente com o monge bolonhês, tornou a levá-lo, em sigilo, para a sepultura na qual havia sido encerrado inicialmente. Na manhã seguinte, logo ao clarear do dia, Ferondo voltou a si e viu, por um orifício que existia na tumba, que havia luz do lado de fora; dez meses se haviam passado, sem que ele visse luz alguma; assim, teve a intuição de que se encontrava novamente vivo; e começou a gritar:

— Abram! Abram!

Ele mesmo fez tanta força, com a cabeça, contra a tampa do túmulo, que a moveu, pois era pequeno o movimento que se tornava preciso; e passou, depois, a afastá-la. Quando os monges, depois de dizer as matinas, correram para lá, reconheceram a voz de Ferondo e o viram sair da sepultura; vendo isto,

assustaram-se, devido à absoluta novidade do acontecimento; e trataram de fugir; foram ter com o abade; e este, fingindo ser arrancado de suas orações, disse:

— Meus filhos, não tenham medo! Tomem da cruz e da água benta; depois, venham ter comigo; e então veremos o que o poder de Deus nos quer mostrar.

E assim se fez. Ferondo já tinha saído do sepulcro; e apresentava-se pálido, como indivíduo que, de fato, estivera tanto tempo sem ver o céu. Quando ele viu o abade, correu a atirar-se-lhe aos pés, dizendo:

— Padre meu! Ao que me foi revelado, foram as suas orações, juntamente com as de São Bento e da minha esposa, que me tiraram das penas do Purgatório, fazendo-me voltar à vida. Por isto, peço a Deus que lhe dê bom ano e boas calendas, agora e sempre.

O abade disse:

— Louvado seja o poder de Deus! Siga o seu caminho, pois, uma vez que Deus o mandou de novo para junto de nós; trate de confortar sua esposa, que tem estado sempre banhada em lágrimas, desde que você desta vida se foi; e seja, daqui por diante, amigo e servidor de Deus.

Ferondo esclareceu:

— Senhor abade, está muito bem dito o que o senhor diz; deixe o caso comigo; assim como eu a encontrar, assim a deixarei, de tanto bem que lhe quero.

Ficando com os seus monges, o abade fingiu sentir grande emoção em face deste episódio; e mandou, por isso, que se cantasse o “Miserere”. Ferondo regressou à sua aldeia, onde todos que o viam fugiam dele, como se costuma fugir das coisas horríveis; ele, porém, chamando para perto de si os que fugiam, afirmava que tinha ressuscitado. Também a mulher chegou a ter medo da presença dele; entretanto, depois que o povo se tranquilizou em relação a ele, e notou que ele estava realmente vivo, passou a perguntar-lhe muitas coisas, como se Ferondo tivesse regressado sábio do outro mundo. A todos ele respondia, e dava notícia das almas dos respectivos parentes; elaborava, por sua própria conta, as mais belas fábulas deste mundo, a respeito dos fatos do Purgatório; e contava, em público, a revelação que lhe fora feita pela boca do Arcanjo Gabriel, antes da sua ressurreição.

Por tudo isto, Ferondo voltou para a sua casa, para a companhia de sua esposa; retomou a posse dos seus bens; fê-la grávida à sua maneira; por acaso, aconteceu que, no tempo conveniente, de acordo com a opinião dos tolos, que

acreditam que a mulher deve trazer seus filhos durante nove meses precisos, a mulher deu à luz um menino, que se chamou Bento Ferondi. Toda gente acabou acreditando que o aldeão havia ressuscitado; assim, o seu regresso, juntamente com as palavras que proferiu, aumentou ao infinito a santidade do abade.

E Ferondo, que muita surra tinha recebido, devido ao seu ciúme, ficou curado disso, de conformidade com a promessa em tal sentido feita pelo abade à mulher; e nunca mais se mostrou ciumento. Por isto, a mulher se sentiu muito satisfeita; e, honestamente, como fora anteriormente seu costume, com ele voltou a viver; e voltou de bom grado; tanto é assim que, depois, sempre que lhe era decorosamente possível, de boa vontade ia encontrar-se outra vez com o santo abade, que tão bem e tão diligentemente a havia servido nas suas maiores necessidades.

Nota

¹ Era o ópio, ou o haxixe, com o qual o Velho da Montanha adormecia os seus sequazes, para os tornar dóceis à sua vontade. Depois de os adormecer com ópio, conduzia-os a um lindíssimo jardim; e, quando se despertavam, inculcava-lhes a convicção de que se encontravam no paraíso. Quanto ao Velho, Marco Polo denomina-o Alodyn, ou como diríamos nós, Aladino. Os modernos comentadores de Boccaccio, porém, acreditam que podem identificá-lo com Hassan ibn Sabbah, príncipe árabe da Pérsia, nascido em 1050 e falecido em 1124.

NONA NOVELA

Giletta de Narbona cura o rei de França de uma fistula; pede-lhe, para seu marido, Beltrão de Rossilhão, o qual, casando-se com ela contra a própria vontade, vai, só de raiva, para Florença; ali, apaixona-se por uma jovem; na pessoa dela, Giletta tem relações com ele, dando-lhe dois filhos; por esta razão ele, depois, começa a querê-la bem; e como esposa passa a tratá-la.



omo não se desejava cancelar o privilégio concedido a Dioneio,¹ só a Rainha restava para novelar, uma vez que a narrativa de Laurinha já havia chegado ao fim. Por este motivo, ela, a Rainha, sem esperar ser solicitada pelos seus, assim, toda cheia de graça, começou a falar:

— Já agora, quem é que dirá novela que possa parecer bonita, depois de ter ouvido a narrada por Laurinha? A nossa vantagem foi a de ela não ter sido a primeira a falar, porquanto, do contrário, poucas novelas, ditas pelas outras pessoas, teriam agradado. E é isto o que receio que aconteça, pelo menos, às que, nesta jornada, ainda estão para ser ditas. Mesmo assim, seja lá como for, contar-lhes-ei a narrativa que, de acordo com o tema proposto, me ocorre.

No reino de França, existiu um gentil-homem, que se chamou Isnardo, conde de Rossilhão. Por ser doente, este senhor tinha sempre, junto de si, um médico, chamado mestre Gerardo de Narbona. O dito conde tinha um filho pequeno, chamado Beltrão, que era muito bonito e muito agradável ao trato. Com este pequeno, os outros meninos e meninas de sua idade brincavam; entre estes, figurava uma menina, filha do mencionado médico, chamada Giletta. Esta menina passou a amar Beltrão com um amor muito mais fervoroso do que o que seria normal para a sua idade ainda tenra.

Entretanto, quando o conde morreu, o filho foi deixado às mãos do rei, e, por isto, teve de rumar para Paris. E a menina ficou profundamente desconsolada. Não muito tempo depois, também o pai dela faleceu; e ela, se encontrasse razão honesta para tal fim, de muito bom grado teria viajado para

Paris, a fim de ver Beltrão; sendo, porém, muito vigiada, porque ficara neste mundo rica e só, não encontrou nenhuma razão honesta. Mas também não conseguiu esquecer-se de Beltrão; e, por isto, ao chegar à idade de casar-se, já havia, aparentemente sem causa, recusado muitos dos seus parentes, os quais se tinham proposto para celebrar núpcias com ela.

Ora: aconteceu que ela teve notícia de que, ao rei de Franca, surgira, no peito, uma excrescência, que fora malcuidada; ficara-lhe, pois, uma fístula, que lhe causava enorme aborrecimento e que lhe provocava desmesurada angústia; nenhum médico fora encontrado — embora muitos houvessem tentado — que tivesse a capacidade de curar o soberano. Todos lhe haviam piorado as condições. Em face disto, o rei, desesperado, já não queria mais saber nem do conselho, nem do auxílio, de ninguém.

Ao saber desta circunstância, a mocinha se sentiu extraordinariamente satisfeita. E achou ser esta uma razão legítima para ir a Paris; ao mesmo tempo, achou que, se aquela fosse a enfermidade que ela imaginava, lhe seria possível, através da sua cura, obter Beltrão para marido.

Nestas condições, como criatura que muitas coisas aprendera do próprio pai, ela preparou, por meio de certas ervas úteis, um pó destinado ao trato da enfermidade que julgava que fosse aquela de que o rei sofria. Depois, montou a cavalo e lá se foi rumo a Paris. Ali, a primeira coisa que fez foi tratar de ver Beltrão, por quem mais do que nunca se sentia apaixonada, pois soubera que ele se fizera moço extremamente belo. Depois, compareceu à presença do rei, ao qual pediu que lhe fizesse a graça de lhe mostrar o mal de que padecia. O soberano, vendo-a bonita, jovem e atraente, não soube negar-lhe o que ela pediu; mostrou-lhe o peito. Assim que contemplou a fístula, a moça percebeu, imediatamente, que poderia curá-la; e disse:

— Senhor: quando lhe agradar, sem que disso decorra qualquer aborrecimento ou esforço para a sua pessoa, tenho esperança em Deus de que, dentro de oito dias, eu o curarei desta enfermidade.

De si para consigo, o rei riu-se das palavras da moça, pensando: “O que os maiores médicos do mundo não puderam, nem souberam, como poderá ser sabido por esta jovem mulher?” Agradeceu-lhe, pois, pela sua boa vontade; e esclareceu que havia resolvido não mais seguir conselho médico algum. Então, a moça retorquiu:

— Senhor: o senhor despreza a minha arte, porque sou jovem e mulher. Quero, porém, recordar-lhe, que não medico com a minha ciência, mas sim

com a ajuda de Deus e com a ciência de mestre Gerardo Narbonense, que foi meu pai e médico famoso, enquanto viveu.

A isto, o rei raciocinou, de si para consigo: “Talvez esta moça me foi mandada por Deus. Por qual razão não devo eu provar o que ela sabe fazer, uma vez que diz poder curar-me, sem aborrecimento para mim, e dentro de breve tempo?” Decidindo-se, pois, a provar, disse-lhe:

— Senhorita: se não conseguir curar-me, depois de me induzir a mudar de resolução, que é que deseja que ocorra?

— Senhor — respondeu a moça —, mande que me aprisionem; e, se, dentro de oito dias, eu não o curar, ordene que me queimem viva. Entretanto, se eu o curar, qual é a recompensa que terei?

A isto, o rei respondeu:

— Afigura-se-me que ainda não tem marido; se, pois, conseguir a cura, nós a casaremos muito bem e com elevada dignidade.

Ao que a moça concordou:

— Senhor: em verdade me agrada que o senhor me case; mas eu quero um marido tal e qual o que lhe vou pedir, sendo certo que não lhe pedirei qualquer dos seus filhos, nem da casa real.

O rei prometeu imediatamente agir por essa forma.

A moça começou o seu tratamento; dentro de poucos dias, antes do prazo estabelecido, reconduziu o soberano a perfeito estado de saúde. O rei, sentindo-se curado, confessou:

— Senhorita: não há dúvida que muito bem ganhou direito a um marido.

Ao que ela especificou:

— Então, senhor, eu ganhei Beltrão de Rossilhão, a quem, desde a minha mais tenra infância, comecei a amar, e a quem, depois disso, continuei a amar enormemente.

O rei teve a impressão de que concordar com isso seria conceder muita coisa; uma vez, porém, que havia prometido, e não desejando faltar à palavra dada, mandou chamar Beltrão, a quem explicou:

— Beltrão: você é, já agora, grande e robusto; desejamos que você volte a governar o seu condado e que leve, consigo, uma senhorita que nós resolvemos dar-lhe por esposa.

Beltrão perguntou:

— E quem é a senhorita, meu senhor?

Ao que o rei respondeu:

— Ela é a moça que, com os seus remédios, me devolveu a boa saúde.

Beltrão, que conhecia a moça e a havia visto, considerava-a muito bonita; mas, sabendo que ela não tinha linhagem correspondente à nobreza dos Rossilhões, sentiu-se indignado e objetou:

— Senhor: pois então quer dar-me uma médica por esposa? Não queira Deus que jamais eu receba semelhante mulher, nessa qualidade!

O rei então perguntou:

— Quer você então que falte eu à palavra empenhada, à promessa que, para recuperar a minha saúde, fiz à senhorita, que, como única recompensa, o pediu para marido?

— Senhor: o senhor pode — esclareceu Beltrão — tirar-me tudo o que tenho, e pode, também, dar, a mim, como seu homem que sou, a quem mais lhe agradar. De uma coisa, porém, lhe dou segurança: de que nunca me darei por satisfeito com este casamento.

— Dar-se-á, sim, por satisfeito — esclareceu o rei —, porque a senhorita é bela e sábia; além do mais, muito o ama. Por isto, espero que você viva, com ela, vida muito mais agradável do que com qualquer dama de alta linhagem.

Beltrão calou-se. E o rei mandou que se fizessem grandes preparativos para a festa de núpcias. Chegado o dia para esse fim escolhido, Beltrão, embora o fizesse de acentuada má vontade, desposou, na presença do rei, aquela moça que o amava mais do que a si mesma. Feito isto, Beltrão agiu como homem que já havia, de si para consigo, projetado o que deveria fazer. Disse que desejava regressar ao seu condado, para ali consumir o matrimônio; e, por isto, apresentou despedidas ao rei. Montou a cavalo e, ao invés de rumar para o seu condado, viajou para a Toscana. Soube que os florentinos se achavam em guerra com os sienenses; e resolveu manifestar-se a favor dos primeiros; em consequência, foi recebido com alegria e muitas honras; viu-se elevado a capitão de certa quantidade de gente; e recebendo, deles, boas provisões, ao seu serviço se entregou, permanecendo longo tempo nestas condições.

A nova esposa, pouco satisfeita com esta circunstância, viajou para Rossilhão. Acreditou que, por bem operar, ali, faria com que seu marido fosse encontrar-se com ela. No condado, foi por todos recebida como sua senhora. Em suas terras, verificou que tudo estava gasto e maltratado, devido à prolongada ausência do conde. Como mulher expedita que era, pôs de novo tudo em ordem, com grande diligência e solicitude; os seus súditos muito se alegraram com o fato, passando a estimá-la, e chegando mesmo a amá-la com sinceridade. Todos passaram a lamentar que o conde não se desse por satisfeito com ela. Depois de implantar a prosperidade na região, a moça mandou

notícia disto, por intermédio de dois cavaleiros, ao conde; e acrescentou que, se o conde, só por causa da presença dela, se conservava longe de suas herdades, que o dissesse — e ela, então, para lhe ser agradável, de lá se retiraria. O conde, impassível, respondeu aos cavaleiros:

— Ela que faça o que mais for de seu agrado. Quanto a mim, só regressarei ao condado, e só estarei com ela, quando ela tiver este anel no dedo, e quando trouxer, nos braços, um filho ganho de mim.

O conde tinha grande estima para com aquele anel. Nunca se separava dele, devido a alguma virtude que lhe haviam dito que a joia possuía. Os cavaleiros compreenderam a dura condição contida nas duas coisas quase impossíveis. Vendo, pois, que, com as suas palavras, não podiam remover o conde da resolução que adotara, regressaram à presença da mulher, à qual comunicaram a resposta obtida. A mulher sentiu-se profundamente pesarosa; e, depois de longa meditação, decidiu procurar saber se e onde aquelas duas coisas poderiam ser feitas. Com isso, acreditava que conseguiria reaver o marido.

Em consequência, assentou tudo quanto seria preciso fazer. Reuniu uma parte dos maiores e melhores homens do seu condado; com palavras inspiradoras de piedade, porém bem ordenadas, contou-lhes o que já havia levado a termo por amor ao conde; apontou o que daí se seguiria. Por fim, ela explicou que não era sua intenção fazer com que, devido à sua presença no condado, o conde permanecesse em perpétuo exílio; ao contrário: nutria o propósito de passar o restante da vida em peregrinações e em serviços misericordiosos, para salvação de sua própria alma. Rogou-lhes, pois, que assumissem a guarda e a governança do condado, e que comunicassem, ao conde, que ela deixara vaga e acéfala a propriedade, acrescentando que ela desapareceria, com a intenção de nunca mais voltar ao Rossilhão. A esta altura, enquanto ela falava, muitas lágrimas aqueles bondosos homens derramaram; muitas súplicas lhe foram dirigidas, para que ela mudasse de resolução e continuasse no condado; mas nada se conseguiu. Ela recomendou-os a Deus. Depois, tomou, para companhia, um primo e uma camareira; e todos, em roupagens de peregrinos, bem munidos de dinheiro e de joias caras, sem sequer saber para onde se dirigiam, se puseram em caminho; não se detiveram enquanto não entraram em Florença. Ali, a moça chegou, por acaso, a um pequeno hotel, de propriedade de uma bondosa senhora já viúva; e nesse hotel ela permaneceu, à maneira de pobre peregrina, sempre desejosa de receber notícias do seu senhor.

Aconteceu que, no dia seguinte, ela viu Beltrão passar à frente do hotel; ia no comando de sua companhia; bem que ela sabia quem ele era; mas, mesmo assim, perguntou à dona do hotel. Ao que a hoteleira respondeu:

— Esse é um gentil-homem forasteiro; chama-se conde Beltrão; é muito agradável e cortês, sendo bastante amado nesta cidade. É o homem mais enamorado do mundo de uma nossa vizinha, que é de boa linhagem, mas pobre. É verdade que se trata de moça honestíssima, e que, só por sua pobreza, ainda não se casou; ela vive em companhia de sua mãe, que é mulher esclarecida e bondosa. Se não fosse pela assistência da mãe, é provável que ela já teria concordado com aquilo que mais agradasse ao conde.

A condessa entendeu o sentido destas palavras, e guardou-as em seu espírito; examinou minuciosamente todas as peculiaridades do caso; compreendeu tudo e fixou a sua resolução. Tratou de saber onde ficava a casa, e qual era o nome da mulher, bem como da filha amada pelo conde; e, sem dizer coisa alguma a ninguém, para lá se dirigiu, em roupagens de peregrina. Encontrou a mulher e a filha em condições de grande pobreza; saudou-as e disse, à mulher, que, quando bem lhe agradasse, ela desejaria falar-lhe. A nobre mulher ergueu-se, dizendo que estava pronta para ouvi-la. As duas entraram, a sós, numa sala; sentaram-se e a condessa começou:

— Senhora: afigura-se-me que a senhora pertence ao número das que são inimigas da Fortuna, exatamente como eu sou. Entretanto, se a senhora estiver disposta, poderemos favorecer-nos, tanto à senhora como a mim.

A mulher respondeu que nada desejava com mais ansiedade do que acomodar-se na vida, honestamente. Então, a condessa prosseguiu:

— Eu preciso da sua palavra e da sua fé, porque, se eu me ponho nessa aventura, e se a senhora me enganar, a senhora arruinará a sua vida e a minha.

— Sem dúvida alguma — confirmou a nobre mulher. — Diga-me o que for de seu agrado; por mim, a senhora nunca será enganada.

Então, a condessa passou a narrar tudo; começou pelo seu primeiro namoro; indicou quem ele era; contou o que se havia passado até àquele dia; e procedeu por tal forma, que a nobre mulher, prestando fé às suas palavras, principiou a sentir compaixão para com a peregrina. Aliás, já conhecia, em parte, as suas vicissitudes, por ouvi-las dizer. Depois de expor os seus casos, a condessa continuou:

— Agora, pois, a senhora já ouviu quais são os meus aborrecimentos, e já ficou sabendo quais são as duas coisas que devo conseguir, para reaver o meu marido. Não conheço pessoa alguma, além da senhora, que possa fazer com

que eu o reconquiste, se é verdade o que tenho ouvido dizer, isto é, que o conde, meu marido, ama extraordinariamente a sua filha.

Ao que a nobre mulher esclareceu:

— Senhora: se o conde ama minha filha, isso é coisa que não sei. É certo, porém, que dá mostras disso. Mas como posso eu agir, nestas circunstâncias, no sentido que a senhora deseja?

— Senhora — respondeu a condessa —, eu lhe direi. Antes, porém, quero indicar-lhe o que eu desejo que se siga, no caso de a senhora me ajudar. Eu vejo que sua filha é linda e já crescida, pronta para ter marido. Pelo que vim a saber, e pelo que me parece compreender, o que faz a senhora tê-la em sua casa é o fato de não possuir bens para a desposar. Como recompensa pelo serviço que a senhora me prestar, pretendo dar-lhe, dos meus recursos, o dote que a senhora mesma julgar conveniente para a casar com a indispensável dignidade.

O oferecimento agradou à nobre mulher, que vivia premida por necessidades. Todavia, possuindo ela alma bem formada, opôs uma reserva:

— Senhora: diga-me o que eu devo fazer em seu favor; se o que me pedir for honesto para mim, fá-lo-ei de bom grado; depois, a senhora fará o que for de sua vontade fazer.

A condessa exemplificou:

— O que eu preciso é de que a senhora, por meio de pessoa de sua confiança, mande dizer, ao conde, meu marido, que sua filha está disposta a fazer o que for do gosto dele, desde que ele lhe dê provas de que realmente a ama; o conde ficaria sabendo que sua filha não acreditará nunca no amor dele, enquanto ele não lhe mandar, de presente, o anel que ele traz ao dedo, e que ela sabe que ele muito estima. Se ele lhe mandar o anel, a senhora me entregará. Depois disto, a senhora mandará dizer-lhe que sua filha se encontra pronta a satisfazer os desejos dele; a senhora mandará que ele venha ter a esta casa, em sigilo; depois, às escondidas, em lugar de sua filha, a senhora me porá ao lado dele, na cama. Deus talvez me dê a graça de mandar que eu fique grávida. Assim, depois, tendo o seu anel no dedo e, nos braços, o filho gerado por ele, eu o reconquistarei; passarei, então, a morar com ele como toda mulher deve morar com o seu marido; e disso será a senhora a causa.

Grande coisa pareceu este plano à nobre mulher; mas receou que algum prejuízo se seguisse à reputação da filha. Contudo, considerando ser tarefa honesta ajudar a bondosa mulher a reconquistar o próprio marido, e considerando que se entregaria a cada tarefa com fins honestos, prometeu tomá-la a peito. Teve confiança na condessa; uma confiança já misturada com

alguma afeição sincera. Dentro de poucos dias, por meio de recursos cautelosos e secretos, de acordo com a determinação estabelecida pela condessa, a nobre mulher obteve o anel do conde. Não há dúvida que não foi fácil, ao conde, separar-se daquela joia. Por fim, a nobre mulher trocou de pessoa e, ao invés de sua filha, pôs, com muita habilidade, na cama, ao lado do conde, a condessa.

Logo nas primeiras relações, mantidas com extraordinário afeto pelo conde, aprouve a Deus que a mulher ficasse grávida e gerasse dois filhos ao mesmo tempo, como se tornou manifesto através do parto que a seu tempo ocorreu. Não foi apenas uma vez que a nobre mulher satisfez os propósitos da condessa, quanto às suas relações íntimas com o marido. Muitas vezes ela fez isso. Mas agiu com tamanho sigilo, que nunca se soube coisa alguma a tal respeito.

O conde acreditou, sempre, ter relações, não com a própria esposa, e sim com a filha da nobre mulher, que muito amava. A esta filha deixou joias muito bonitas e muito preciosas, todas as manhãs, ao retirar-se daquela casa, ao romper da aurora. As joias foram todas guardadas, com o maior cuidado, pela condessa. Esta, percebendo estar grávida, não quis que a nobre mulher prosseguisse com o difícil encargo de lhe prestar serviços. E disse-lhe:

— Senhora: por mercê de Deus e da senhora, já tenho o que eu desejava ter. Por isto, chegou o tempo de eu fazer aquilo que for de seu agrado, a fim de que eu me retire.

A nobre mulher disse-lhe que, se ela, condessa, quisesse fazer alguma coisa a seu favor, que fizesse; mas que não levara avante aquela tarefa na esperança de recompensa, e sim porque se lhe afigurara um dever fazer aquilo, e, ademais, fazer uma boa ação.

Nisto, a condessa complementou:

— Senhora: muito me agrada ouvir o que estou ouvindo; de outra banda, não é a título de recompensa que desejo proporcionar-lhe tudo o que me pedir; também eu quero praticar uma boa ação, por se me afigurar que é dever agir por essa maneira.

A nobre mulher, premida pela necessidade, pediu-lhe, então, com enorme constrangimento, cem libras, que bastariam para casar a filha. A condessa, percebendo-lhe o constrangimento e ouvindo o pedido cortês e moderado, doou-lhe quinhentas libras, acompanhadas de numerosas joias, lindas e preciosas, que valiam, provavelmente, outro tanto. À vista de tais coisas, a nobre mulher se mostrou mais do que satisfeita; e apresentou os seus agradecimentos, com as palavras mais generosas que conseguiu proferir.

A condessa, despedindo-se, regressou ao hotel. Para evitar que Beltrão continuasse a mandar coisas à sua casa, e nela prosseguisse aparecendo, a nobre mulher se retirou da cidade com a filha, indo para a zona rural, onde se instalou em casa de parentes. Beltrão, pouco depois, foi chamado pelos seus homens; e, ao saber que a condessa havia desaparecido de lá, regressou ao seu condado.

Quando a condessa recebeu a notícia de que Beltrão havia partido de Florença, para regressar às suas propriedades, ficou muito contente. Ela, porém, permaneceu em Florença, até à chegada da época do parto. Deu à luz dois meninos, muitíssimo parecidos com o pai, e os fez alimentar com o máximo cuidado. Quando lhe pareceu oportuno o momento, ela pôs-se a caminho; sem ser reconhecida por pessoa alguma, chegou a Montpellier, onde repousou por vários dias. Obteve notícias do conde, bem como do lugar em que ele se encontrava. Ficou sabendo que ele iria promover uma grande festa, de damas e de cavalheiros, no dia de Todos os Santos, em Rossilhão. E, então, em roupagens de peregrina, com as quais se havia habituado, para lá se dirigiu. Verificou que as mulheres e os cavalheiros, reunidos no palácio pelo conde, se aprontavam para ir à mesa. Então, sem mudar de roupa, e tendo sempre os dois filhinhos ao braço, subiu para o salão; passando entre um homem e outro, encaminhou-se para onde o conde se encontrava; atirou-se-lhe aos pés; e disse-lhe, chorando:

— Senhor meu: eu sou a sua desventurada esposa, a qual, para que o senhor voltasse e permanecesse em sua própria casa, andou peregrinando longamente pelo mundo. Agora, peço-lhe, em nome de Deus, que o senhor observe a condição apresentada aos dois cavalheiros que de uma feita lhe mandei: aqui vê, nos meus braços, não apenas um só filho seu, e sim dois; e aqui está o seu anel. Chegou, pois, o tempo de eu ser recebida, pelo senhor, como mulher, de acordo com a sua promessa.

O conde, ao ouvir isto, ficou atônito; reconheceu o anel; reconheceu a semelhança dos filhos, que tão iguais eram a ele próprio; mesmo assim, indagou:

— Mas como foi que isto pôde acontecer?

A condessa, para grande maravilha do conde e de todos os que ali se achavam presentes, narrou, na devida ordem, o que havia acontecido, e como aquilo pudera acontecer. À vista disto, o conde reconheceu que ela dizia a mais absoluta verdade; sentiu-se edificado pela sua perseverança, bem como pela sua sensatez; contemplou os dois lindos filhinhos; e resolveu observar a promessa

feita, bem como aceder aos rogos de todos os homens e de todas as mulheres, que lhe suplicavam para que recebesse a condessa na qualidade de sua esposa legítima, honrando-a e homenageando-a como tal.

Então, o conde desistiu da sua obstinada severidade; fez com que a condessa se pusesse de pé; abraçou-a e beijou-a; reconheceu-a como sua mulher legítima, reconhecendo igualmente como legitimamente seus aqueles filhos. Ordenou que para ela se preparassem as vestimentas convenientes à sua posição social. E, com enorme alegria de quantos ali se encontravam, bem como de todos os vassalos que disto vieram a saber, promoveu grandes festas, não somente no resto daquele dia, mas durante vários dias seguintes. Daquele dia em diante, o conde passou a honrar sempre a condessa, como sua esposa e mulher,² amando-a e querendo-a sinceramente.

Notas

¹ Recorde o leitor que Dioneio tinha o direito de contar sua novela sempre por último, não sendo obrigado a seguir o tema central sugerido pela Rainha.

² Note-se a diferença que Boccaccio vê entre esposa e mulher. Para ele, é esposa aquela à qual, em cerimônia civil ou religiosa, se jurou fidelidade; mulher, aquela com a qual, depois do juramento referido, houve coabitação efetiva.

DÉCIMA NOVELA

Alibeque torna-se eremita, e a ela o monge Rústico ensina como se faz para reenviar o diabo ao inferno; a seguir, ela, já liberta, se faz mulher de Neerbal.



ioneio, que ouvira atentamente a novela dita pela Rainha, notou que ela havia chegado ao fim, e que somente ele restava para falar. Assim, sem esperar ordem alguma, e sorrindo, começou:

— Graciosíssimas mulheres: é provável que vocês nunca tenham ouvido falar de como se reenvia o diabo ao inferno; por isto, sem me afastar, de maneira alguma, do tema central em torno do qual todos os membros do nosso grupo novelaram durante o dia de hoje, eu vou dizer-lhes em que consiste o processo. Talvez que ainda vocês poderão salvar a sua alma, aprendendo-o; e poderão também ficar sabendo que, embora o Amor prefira morar em grandes palácios e em alcovas macias, ao invés de o fazer em cabanas, nem por isso deixa ele, por vezes, de fazer sentir as suas enormes forças por entre os bosques espessos, ou nas montanhas inóspitas, ou nas espeluncas desérticas. E é fácil compreender o porquê; todas as coisas estão sujeitas ao seu poderio.

Entrando, pois, no assunto, digo que, na cidade de Capsa, na Berberia, outrora existiu um homem riquíssimo. Tinha este homem, entre alguns outros filhos, uma filhinha, linda e delicada, cujo nome era Alibeque. A moça não era cristã; mas, ouvindo, dos cristãos que existiam na cidade, grandes louvores à fé cristã e à tarefa de servir a Deus, resolveu, certo dia, perguntar a alguém de que forma e com menor impedimento poderia servir a Deus. A pessoa respondeu-lhe que os que mais bem serviam a Deus eram os que fugiam das coisas do mundo, e que faziam como aqueles que tinham ido para a solidão desértica da Tebaida. A mocinha, que era simplória, e que talvez não contava mais de 14 anos de idade, sentiu-se impelida, não por um desejo ordenado e sensato, e sim por uma curiosidade juvenil; dir-se-ia mesmo por um apetite menineiro; e, sem

dizer palavra a quem quer que fosse, começou, logo na manhã seguinte, às escondidas e sozinha, a sua caminhada, com o propósito de atingir o deserto da Tebaida.

Depois de superar enorme cansaço, de passar fome, e de caminhar vários dias, ela chegou àquela solidão; viu, de longe, uma casinhola, e para ela se dirigiu; ali, a meninota encontrou um santo homem, logo à porta. O homem sentiu-se maravilhado por vê-la em semelhante paragem; e perguntou-lhe o que é que ela estava procurando. Ela respondeu que, inspirada por Deus, andava em busca da possibilidade de se colocar ao serviço d'Ele; andava à procura, também, de quem lhe ensinasse como é que se poderia servir a Deus, da melhor maneira possível. O bondoso homem, vendo-a muito nova e muito bonita, receou que, se ele a detivesse em sua cabana, o diabo o enganaria; por isto, louvou a boa disposição da moça; deu-lhe algo para comer, na forma de raízes de ervas, de frutos silvestres e de tâmaras; deu-lhe, igualmente, água para beber; e, depois, disse:

— Minha filha: não muito longe daqui, mora um santo homem que, disse que você anda à procura, é mestre muito melhor do que eu; e com ele você irá ter.

O bondoso homem pô-la de novo a caminho, na direção certa; e ela, chegando ao ponto de destino, recebeu, do homem santo que lá se encontrava, palavras semelhantes; por isso, foi mais para diante; assim, chegou à cela de um jovem eremita, que era pessoa assaz devota e bondosa, e que se chamava Rústico; a este eremita, a rapariga dirigiu a mesma pergunta que já havia formulado aos homens anteriormente encontrados.

Este jovem, porém, no propósito de dar uma grande prova de sua firmeza, não mandou, como os outros, a moça embora; conservou-a, ao contrário, em sua cela. Quando caiu a noite, preparou-lhe, a um canto, uma espécie de cama, feita de frondes de palmeiras; e disse-lhe que se pusesse a repousar ali. Feito isto, as tentações não tardaram muito a mover batalha contra as forças de resistências do moço. Este moço, considerando-se enganado desde muito tempo, afastou-se da firmeza que supusera ter; e rendeu-se, vencido, logo aos primeiros arroubos das tentações. Deixou, de um lado, os pensamentos santos; de outro, as orações e as disciplinas; e começou a recompor, de memória, a juventude e a beleza da mocinha; além disto, passou a meditar sobre os processos e modos que deveria pôr em prática, em relação a ela, a fim de que ela não o considerasse homem dissoluto, sem impedir, entretanto, que ele chegasse àquilo a que desejava obter. Tentou, de início,

saber, com várias perguntas, se ela nunca havia conhecido homem algum; e ficou sabendo isso; confirmou a certeza de que ela era, de fato, tão simples como parecia ser; e então ficou pensando em como lhe seria possível induzi-la a satisfazer os seus próprios prazeres, na convicção de estar, com isso, servindo a Deus.

Em primeiro lugar, com muitos rodeios de palavras, lhe mostrou até que ponto o diabo é inimigo de Deus Nosso Senhor. Depois, deu-lhe a entender que o serviço que mais grato era a Deus, e que mais bem se podia levar a efeito, consistia em reenviar o diabo ao inferno, ao qual Deus Nosso Senhor o havia condenado. A mocinha perguntou-lhe como é que se conseguia fazer aquilo. Ao que Rústico explicou:

— Logo você o saberá; mas é preciso que você faça o que eu fizer.

Rústico começou a despir-se das poucas vestes que envergava; ficou inteiramente nu; a moça procedeu de igual maneira; o eremita pôs-se de joelhos, como quem se preparasse para rezar; à sua frente, mandou que ela também se pusesse de joelhos. Estando ambos nessa situação, Rústico sentiu-se no auge do ardor do seu desejo, por vê-la tão linda; assim, ocorreu-lhe a ressurreição da carne. Alibeque contemplou aquela ressurreição; e, maravilhando-se, disse:

— Rústico: que coisa é essa que vejo em você, que tanto se projeta para fora, e que eu não tenho?

— Oh! Minha filha! Isto é o diabo, de que lhe falei; e veja você, agora; ele me provoca enorme aborrecimento; a tal ponto que mal o posso tolerar.

Então, a moça exclamou:

— Oh! Louvado seja Deus, porque vejo que estou em melhores condições do que você, uma vez que não tenho esse diabo.

Rústico comentou:

— Você está dizendo a verdade; mas você tem outra coisa, que eu não tenho; e você a tem em troca disto.

Alibeque indagou:

— E o que é?

Ao que Rústico explicou:

— O que você tem é o inferno; e eu digo-lhe que acredito que Deus mandou você ter comigo, aqui, a bem da salvação da minha alma. Este diabo me produz tamanho aborrecimento; mas, se você tiver piedade de mim, e permitir que eu reenvie este diabo ao inferno, grande consolo você me dará,

além de prestar enorme prazer e serviço a Deus; e isto acontecerá, se é verdade que você veio para este deserto, a fim de fazer o que você disse que veio fazer.

A moça, de boa fé, respondeu:

— Oh! Padre meu! Uma vez que eu tenho o inferno, assim se faça, quando for do seu agrado.

Rústico, então, disse:

— Minha filha: seja você abençoada! Vamos, pois, pôr o diabo no inferno, a fim de que, depois, ele me deixe em paz.

Dito isto, Rústico conduziu a moça para um dos seus pequenos leitos, onde lhe ensinou como devia ficar para encarcerar o maldito de Deus. A moçoila, que nunca havia posto diabo algum no inferno, sofreu, da primeira vez, alguns aborrecimentos; e, por isto, disse a Rústico:

— Por certo, padre meu, esse diabo deve ser coisa muito má; deve ser, de fato, inimigo de Deus; pois, ainda que posto no inferno, além de fazer mal aos outros, dói quando é reenviado lá para dentro.

Rústico acalmou-a:

— Minha filha: isto não acontecerá sempre assim.

E, para evitar que aquilo se repetisse, pôs o diabo no inferno por seis vezes, antes de se retirarem do pequeno leito; da última vez, dissiparam-lhe da cabeça toda soberba; tanto foi assim que o diabo, então, permaneceu de bom grado em paz. Voltando-lhe, porém, a soberba, várias vezes, no tempo que se seguiu, e continuando a moça obediente, na tarefa de lhe dissipar de novo, aconteceu que aquilo começou a agradar; e, então, ela disse a Rústico:

— Bem estou vendo eu que aqueles valorosos homens de Capsa diziam a verdade, quando falavam que doce coisa era o servir a Deus; por certo, não me recordo de ter jamais feito qualquer outra coisa que tanto deleite e tanto prazer me proporcionasse, como me proporciona a tarefa de recolocar o diabo no inferno. Por isto, asseguro que é estúpida toda pessoa que se incumba de outros afazeres que não sejam os de servir a Deus.

Em virtude destas circunstâncias, muitas e muitas vezes ela se dirigia a Rústico, dizendo-lhe:

— Padre meu! Eu para aqui vim, com o propósito de servir a Deus, e não com o de permanecer em ócio; vamos recolocar o diabo no inferno.

Algumas vezes, fazendo isto, ela dizia:

— Rústico! Eu não sei por que é que o diabo foge do inferno; pois, se ele ficasse no inferno, com boa vontade, igual à boa vontade com a qual o inferno o recebe e o conserva, ele nunca sairia de lá.

Assim, pois, a moça com frequência convidava Rústico; e, servindo a Deus, confortava-o. E por tal forma procedeu, que acabou exaurindo-lhe as forças e induzindo-o a sentir frio em horas em que qualquer outro homem teria suado. Devido a isto, ele tratou de explicar à moça que o diabo só precisava ser castigado e reenviado ao inferno quando, por soberba, erguesse a cabeça.

— E nós — concluiu ele a explicação —, por graça de Deus, já o castigamos tanto, que agora é ele que roga a Deus que lhe permita ficar em paz.

Por esta forma, impôs moderação e silêncio à rapariga; esta, entretanto, observando que Rústico deixava de a chamar para o dever de reenviar o diabo ao inferno, disse-lhe um dia:

— Rústico: se o seu diabo já está castigado, e já não lhe ocasiona aborrecimentos, o caso é que, a mim, o meu inferno não me deixa em paz; assim, bem avisado você andarás se fizer com que o seu diabo ajude a dissipar a raiva do meu inferno, exatamente como eu, com o meu inferno, ajudei a dissipar a soberba do seu diabo.

Rústico, que vivia de água e de raízes de ervas, mal conseguia corresponder às exigências; disse-lhe que muitos diabos gostariam de poder acalmar o inferno; em todo caso, ele faria o que estivesse ao seu alcance. Assim, algumas vezes a satisfazia; mas isto acontecia tão raramente, que era o mesmo que atirar uma fava em boca de leão. Em face desta circunstância, a moça teve a impressão de não estar servindo a Deus quanto queria, nem como devia; e passou a resmungar.

Todavia, enquanto perdurava esta questão entre o diabo de Rústico e o inferno de Alibeque, da parte deste último por excesso de desejo, da parte do primeiro por deficiência de forças, algo aconteceu: declarou-se um incêndio, em Capsa, que carbonizou, em sua própria casa, o pai de Alibeque, com todos os filhos e todos os familiares que tinha. Em consequência, Alibeque se tornou herdeira de todos os bens por ele deixados. Um moço chamado Neerbal, que havia consumido todas as suas posses em atos de cortesia, acabou sabendo que Alibeque estava viva; pôs-se, então, a procurá-la; encontrou-a antes que o tribunal entrasse na posse dos bens que haviam sido do pai dela, como acontece para com os homens que morrem sem deixar herdeiro. Com grande prazer de Rústico e muito contra a vontade dela, o moço levou-a de volta a Capsa, tomando-a por esposa e tornando-se, com ela, herdeiro do grande patrimônio dela.

Alibeque, porém, foi interrogada, pelas mulheres que a cercavam, sobre a maneira por que servia a Deus no deserto; a essa altura, Neerbal ainda não se havia deitado com ela; e ela respondeu que servia reenviando o diabo ao inferno, e que, portanto, Neerbal praticara grande pecado retirando-a de semelhante serviço. As mulheres perguntaram:

— E como é que se reenvia o diabo ao inferno?

Um pouco por palavras, e outro pouco por meio de gestos, a moça mostrou-lhes como. As mulheres então caíram em gargalhadas; até parece que gargalham ainda. E disseram:

— Não se entristeça por causa disso, mocinha; não se entristeça; essa coisa se faz muito bem também por aqui; Neerbal, juntamente com você, servirá perfeitamente a Deus Nosso Senhor.

A seguir, uma mulher foi repetindo, a outra, o que tinha ouvido de Alibeque; por fim, tudo ficou reduzido a um dito popular que significava que o serviço mais gostoso que se podia prestar a Deus consistia em recolocar o diabo no inferno; este dito, passando para o lado de cá do mar, ainda perdura.

Por isto, vocês, jovens mulheres, que estão precisando da graça de Deus, tratem de aprender a recolocar o diabo no inferno, porque tal serviço é muito do agrado de Deus e do gosto das partes, podendo muito bem ser praticado e repetido.

DESPEDIDA



il e mais vezes as honestas mulheres haviam sido levadas ao riso, pela novela dita por Dioneio; aliás, dita com as palavras mais próprias para o caso. Assim que Dioneio chegou ao termo de sua narrativa, a Rainha, sabendo que havia chegado também ao ponto final da sua soberania, tirou, da própria cabeça, a coroa de louros; colocou-a à cabeça de Filóstrato; e disse:

— Logo saberemos se o lobo consegue guiar as ovelhas melhor do que as ovelhas conseguiram guiar os lobos.

Ouvindo isto, Filóstrato disse, rindo:

— Se me houvessem prestado fé, os lobos teriam ensinado, às ovelhas, a arte de recolocar o diabo no inferno; e isso de maneira não pior daquela pela qual Rústico a pôs em prática com Alibeque. Por isto, não nos chamem de lobos, porque também vocês não são ovelhas. Em todo caso, de acordo com o que me foi concedido, tomarei conta do reino que me está sendo entregue.

Ao que Neifile respondeu:

— Ouça, Filóstrato: vocês, homens, se quisessem ensinar-nos, poderiam ter aprendido a fazer uso do bom senso, como Masetto de Lamporecchio aprendeu, das monjas, a recuperar a fala, numa hora tal que, nela, até os ossos teriam aprendido a assobiar, sem necessidade de professor.

Filóstrato, percebendo que se rebatiam, com vivacidade, as tiradas que ele proferia, deixou de motejar; e começou a tratar da governança do reino pelo qual se tornara responsável. Mandou chamar o mordomo; quis tomar conhecimento do ponto a que haviam chegado todas as coisas; além disto, deu, discretamente, suas ordens, para que se fizesse tudo aquilo que julgou que ficaria bem e que daria satisfação a todos do seu grupo, durante todo o tempo que a sua soberania teria de durar. A seguir, dirigindo-se às mulheres, disse:

— Amorasas mulheres: para minha desventura, depois que eu acabei conhecendo o bem, através do mal, sempre me vi sujeito ao Amor, por virtude da beleza de alguma de vocês; de nada me valeu o ser humilde, nem o ser obediente, nem o ser fiel; naquilo que, pela minha experiência, se ficou sabendo, e de acordo com todos os seus costumes, sempre aconteceu que, primeiro, fui abandonado por outro, e, depois, nunca deixei de ir de mal a pior. Penso que é por essa forma que irei indo, daqui até à minha morte. Nestas condições, agradar-me-á que, amanhã, não se converse a não ser sobre aquilo que se harmonize com os meus episódios e com o meu estado de alma; por outras palavras, novelaremos em torno daqueles cujos amores tiveram fim infeliz, uma vez que eu, ao longo do tempo, não espero mais do que um fim infelicíssimo; não foi por nada que o nome pelo qual vocês me chamam¹ me foi imposto, por alguém que soube muito bem o que queria significar.

Dito isto, Filóstrato se pôs em pé, e, até a hora do jantar, deu folga a todos.

O jardim estava tão lindo, e tão encantador, que ninguém quis sair dali, para ir gozar prazer maior em outro lugar. Ao contrário: como o sol, já tépido, não molestava a quem o quisesse acompanhar, algumas das mulheres se puseram a perseguir os cabritinhos, os coelhos e os outros animais que havia pelo jardim; estes animais, enquanto elas se encontravam sentadas, durante o novelar de cada membro do grupo, tinham saltado mais de cem vezes no meio delas, causando-lhes aborrecimentos.

Dioneio e Fiammetta começaram a cantar os episódios do sr. Guilherme e da Dama do Vergiú; Filomena e Pânfilo se entregaram a uma partida de xadrez; assim, uns fazendo uma coisa, outros algo diferente, o tempo transcorreu; a hora do jantar, assim que começou a ser esperada, soou. As mesas foram postas ao redor da fonte; e todos, ali, com enorme deleite, jantaram até à noite.

Filóstrato, para não sair da norma estabelecida pelas pessoas que haviam reinado antes dele, esperou que as mesas fossem retiradas; logo depois, mandou que Laurinha iniciasse uma dança e recitasse uma canção. E Laurinha disse:

— Meu senhor: nada sei das canções dos outros; de resto, mesmo das minhas, não sei se me recordo de alguma que mereça ser ouvida por tão agradável companhia; se vocês, pois, quiserem canções daquelas que eu sei, de muito bom grado as cantarei.

Ao que o rei disse:

— Nada do que é seu pode deixar de ser belo e agradável; por isto, assim como você sabe, assim você deve recitar.

Laurinha, então, com voz muito suave, mas com cadência de queixume, assim começou:

*Nenhuma mulher desconsolada
Tem tanto do que se queixar como eu tenho;
Pois em vão eu suspiro, ai de mim!, enamorada.*

*Aquele que move o céu e toda estrela²
Me fez a seu gosto,
Encantadora, elegante, graciosa e bela,
Para proporcionar, aqui embaixo, a todo intelecto elevado,
Alguma indicação daquela
Beleza que sempre está no Seu conspecto;
Mas o mortal, ignaro,
Como mal me conheceu,
Não se agradou de mim; aliás, até me desprezou.*

*Já existiu quem me quis bem e que, de bom grado,
Ainda novinha me tomou
Em seus braços, e me pôs dentro dos seus pensamentos;
Pelos meus olhos se entusiasmou todo;
E o tempo, que rapidamente voa,
Ele o empregou todo em me contemplar;
E eu, como mulher sensível,
Fi-lo digno de mim.
Agora, porém, triste, ai de mim!, não o tenho mais.*

*Apresentou-se-me aos olhos, depois, presunçoso,
Um juvenzinho altivo,
Que se reputava nobre e valoroso.
Conserva-me presa a ele; e, com ideia falsa,
Tornou-se ciumento.
Em consequência, eu, infeliz, quase me desespero
Porque, em verdade,*

*Sei que vim ao mundo para o bem de muitos,
Mas vivo por um só escravizada.*

*Eu maldigo aquela minha desventura,
Ocorrida quando, ao mudar de vestido,
Eu disse: Já me vi tão bela e tão alegre,
Em vida mais obscura; ao passo que, agora,
Vivo vida dura,
Reputada muito menos honesta do que a outra.
Oh! Dolorosa alegria!
Tivesse eu morrido antes
Que neste caso eu te provasse!*

*Oh! Caro amante, com quem, outrora,
Me senti mais contente do que qualquer outra mulher;
Agora que você está no céu, diante d'Aquele
Que nos criou, pelo amor de Deus tenha piedade
De mim, que não consigo esquecer você
Por outro homem; faça com que eu sinta
Que aquela flama extinta
Só por mim no seu peito ardeu,
E, aí em cima, rogue para que eu te alcance.*

Aqui, Laurinha pôs fim à sua canção; enquanto a recitou, foi notada por todos; e suas palavras foram interpretadas de forma variada, conforme a pessoa que as ouviu. Houve quem as quis entender à maneira milanesa, acreditando ser melhor um bom porco do que uma bela moça; outros deram mostras de possuir intelecto melhor, mais franco e mais sublime; mas disto não cabe falar no presente momento.

Depois desta canção, o rei mandou que, sobre a grama e sobre as flores, se acendessem muitas tochas duplas; solicitou que outras canções fossem cantadas, e assim se fez até que todas as estrelas, que haviam subido, começaram a cair.

Em consequência, e augurando-se-lhe hora de se ir dormir, ele determinou, com o seu “boa-noite”, que cada qual se retirasse para os respectivos aposentos.

Termina a terceira jornada de O DECAMERÃO, e começa a quarta jornada, na qual, sob o reinado de FILÓSTRATO, se fala daqueles cujos amores tiveram final infeliz.

Notas

¹ Filóstrato é nome derivado do grego: significa, literalmente, “amigo da guerra”, ou seja, de luta, de dificuldades, de dores.

² Esta linha recorda, não sem propósito, o último verso da *Divina comédia*, de Dante: “l’amor che move il sole e l’altre stelle.”







QUARTA JORNADA

Mulheres caríssimas: tanto pelas palavras dos homens esclarecidos, que ouvi, como pelas coisas muitas vezes por mim vistas, ou lidas, afigurou-se-me que o vento impetuoso e queimante da inveja não deveria açoitar senão as altas torres, ou os cimos mais elevados das árvores. Verifico, porém, que laborei em erro; porque, tendo eu fugido, e tendo-me sempre empenhado em fugir, do ímpeto brutal deste espírito raivoso, procurei andar não somente pelas baixadas, mas também pelos vales mais profundos. Isto se manifestará aos olhos de quem prestar atenção às pequenas novelas aqui presentes.

Estas novelas não somente foram por mim escritas em florentino vulgar, em prosa e sem título,¹ mas também o foram em estilo humilíssimo, tão modesto como o que mais o seja. Nem pude deixar de escrever, embora severamente vergado, talvez mesmo quase desenraizado, e todo lacerado pelas mordidas da inveja. Por tudo isto, muito claramente posso compreender aquilo que os sábios dizem ser verdade, isto é, que somente a miséria não é invejada, dentre as coisas presentes.

Apareceram, pois, minhas discretas mulheres, alguns indivíduos que, depois de ler estas pequenas novelas, disseram que eu gosto excessivamente de vocês, e que não é coisa honesta a circunstância de eu auferir tanto deleite do ato de agradar e de consolar a vocês. Alguns até disseram coisa pior: do ato de as recomendar, como as recomendo. Outros, mostrando que procuraram falar mais maduramente, disseram que, na minha idade, não fica bem, já agora, a gente entregar-se a tarefa semelhante, isto é, a falar de mulheres e a agradá-las. Muitos, mostrando que são muito zelosos da minha fama, afirmam que eu agiria mais prudentemente se ficasse com as Musas, no Parnaso, ao invés de misturar-me entre vocês, com este prostrar. Por fim, existem os que, falando mais por despeito, do que por clareza de espírito, alardearam que eu procederia com mais sensatez levando a termo algo que me proporcionasse pão, do que pascendo o meu espírito de vento, por entre estas ramagens. Há, ainda, certos outros que se esforçam por demonstrar, em detrimento do meu trabalho, que as coisas por mim contadas transcorreram de outra maneira, e não como eu as apresento.

Assim, pois, minhas queridas mulheres, enquanto eu milito ao seu serviço, vejo-me suspenso, molestado e até ferido em carne viva, por vociferações desta

ordem, e por dentes assim agudos e assim atrozes. Todas estas coisas, Deus o sabe, ouço e entendo com ânimo cordial. Embora caiba a vocês toda a minha defesa, não pretendo, mesmo assim, poupar minhas forças; ao contrário: sem responder, até ao ponto em que seria conveniente fazê-lo, pretendo tirar tudo isto dos meus ouvidos com o recurso de uma leve resposta — e isto sem mais demora.

A razão é esta: eu ainda não cheguei ao terço de meu trabalho, e já os críticos, além de serem muitos, são por demais presunçosos; tenho a impressão de que, antes que eu chegue ao fim, eles, não sofrendo, de início, repulsa alguma, se multiplicarão por tal forma, que depois poderão derrubar-me até com o mais fraco dos empurrões; e a esta altura, para nenhuma resistência serviriam, minhas queridas mulheres, as suas forças, por maiores que elas viessem a ser.

Antes, porém, que eu dê resposta a alguém, apraz-me contar, a meu favor, não uma novela inteira, mas apenas parte de uma, a fim de que a sua própria estrutura inacabada mostre que ela não é igual às outras. Não desejo que pareça que eu pretenda misturar as minhas novelas com as proferidas por um grupo tão brilhante como aquele que lhes mostrei.

Falando aos meus detratores, digo que na nossa cidade existiu, há muito tempo, um cidadão que se chamava Filipe Balducci; era homem de condições pouco apreciáveis, mas rico, bem encaminhado, e perito em todas as coisas, na medida em que o seu estado social o exigia. Tinha, por esposa, uma mulher que ele amava profundamente; e ela lhe correspondia em igual medida; os dois viviam vida tranquila; em nada punham tanto empenho como no esforço recíproco de um agradar ao outro.

Aconteceu, entretanto, como a todos acontece, que a bondosa mulher se foi desta vida; de si, nada deixou a Filipe, afora um só filho dele concebido, e que talvez contasse uns dois anos de idade. Em consequência da morte de sua esposa, Filipe ficou tão desconsolado, como seria possível que qualquer outro homem ficasse, se perdesse um ser amado.

Vendo-se privado daquela companhia, que era a coisa que mais amava, Filipe resolveu não querer mais pertencer ao mundo, preferindo, pois, entregar-se ao serviço de Deus. Fez o mesmo com o seu filho pequeno. Assim, doou todos os seus bens a Deus; rumou, sem demora, para o monte Asinário,² e ali se abrigou numa cela minúscula, com o seu filhinho. Viveu, com o pirralho, de esmolas, de jejuns e de orações.

Não falava, ao menino, de coisa alguma que se prendesse a interesses terrenos; nem permitia que ele contemplasse qualquer objeto dessa ordem, a fim de que nada o afastasse do serviço de Deus; ao contrário: Filipe falava ao pequeno somente da glória da vida eterna e de Deus, bem como dos Santos; e nada mais lhe ensinava do que santas orações. Por esta forma, conservou-o nesta vida durante muitos anos, sem nunca deixar que ele sáísse da cela, e sem lhe mostrar fosse lá o que fosse, afora a sua própria pessoa.

O bondoso homem costumava ir de quando em quando a Florença; dali, socorrido pelos amigos de Deus, de acordo com as oportunidades, regressava à sua cela. Ora: aconteceu que já tendo seu filho 18 anos de idade, e sendo Filipe já velho, o filho perguntou ao pai para onde ele se dirigia. O pai respondeu. Ao que o rapaz questionou:

— Meu pai: o senhor já está velho, e mal pode tolerar o cansaço; por qual motivo não me leva uma vez, consigo, a Florença, para que eu, tornando-me conhecido dos amigos e dos devotos tanto de Deus como do senhor, possa, depois, ir tratar das nossas necessidades em Florença, quando lhe agradar que eu vá, e o senhor fique descansando aqui? Eu sou moço, e posso expor-me à fadiga muito mais do que o senhor.

O bondoso homem admitiu, de si para consigo, que seu filho já estava crescido, e que, ademais, se havia habituado tanto ao serviço de Deus, que dificilmente as coisas do mundo já agora o poderiam fascinar. E disse, com os seus botões: “Este rapaz tem razão.” E, quando teve de ir a Florença, levou o filho em sua companhia.

Em Florença, o filho viu os palácios, as casas, as igrejas, e todas as outras coisas de que a cidade se vê cheia; como alguém que não se recordava de ter visto jamais coisa semelhante, o rapaz maravilhou-se, passando a fazer, ao pai, perguntas sobre o que aquilo era e como se chamava. O pai ia dizendo; e o moço, ouvindo, ficava contente, passando a formular outra pergunta. E assim se passaram os momentos — o filho perguntando e o pai respondendo. Por acaso, em certa altura, os dois encontraram um grupo de mulheres bonitas, que eram moças e muito enfeitadas; as mulheres voltavam de dois casamentos. Quando o rapaz viu aquelas moças, perguntou, ao velho, o que eram. Ao que o pai explicou:

— Meu filho: abaixe os olhos para o chão; não as contemple; porque elas são coisas más.

O filho, então, perguntou:

— Mas como é que se chamam?

O pai, com o propósito de não despertar, no apetite concupiscível do moço, nenhum desejo indecoroso e menos do que útil, achou melhor não dar, a elas, a denominação própria, isto é, de mulheres; preferiu dizer:

— Elas chamam-se marrecas.

Coisa maravilhosa de se dizer! Aquele rapaz, que nunca vira mulher alguma, não se incomodou mais com os palácios, nem com o boi, nem com o cavalo, nem com o jumento, nem com o dinheiro, nem com qualquer outra coisa que se lhe apresentasse aos olhos; e disse, de súbito:

— Meu pai: peço-lhe que faça com que eu ganhe uma daquelas marrecas.

— Ai de mim, meu filho! — exclamou o pai. — Cale-se. Elas são coisas más.

Ao que o jovem perguntou:

— Mas então as coisas más são feitas dessa maneira?

— São — respondeu o pai.

E o moço, então, disse:

— Eu não sei o que o senhor está dizendo, nem a razão pela qual estas possam ser coisas más. Quanto a mim, eu ainda nem sequer vi coisa tão bela, nem tão agradável, como estas o são. Elas são muito mais bonitas do que os anjos pintados que o senhor me mostrou várias vezes. Por quem é, meu pai; se o senhor se interessa por mim, faça com que levemos uma destas marrecas lá para cima; e eu darei, a ela, algo que debicar.

Retrucou o pai:

— Eu não quero. Você não sabe onde é que elas debicam.

E percebeu, imediatamente, que a Natureza tinha mais força do que o seu empenho em preservar o filho para o serviço de Deus. Arrependeu-se, pois, de o haver levado para Florença.

Quero, entretanto, que baste a parte da novela que contei até este ponto; assim, passarei a dirigir-me àqueles para os quais a narrei.

Dizem, pois, alguns dos meus críticos, que eu faço mal, oh! jovens mulheres!, empenhando-me, como me empenho, no sentido de agradar a vocês; e acrescentam que eu gosto muito de vocês. Confesso, abertissimamente, estas coisas, isto é, que eu gosto de vocês e que me empenho por agradar a vocês.

Pergunto eu, aos referidos censores, se eles se maravilham diante do fato narrado naquela novela. Deixemos de lado os que possam ter conhecido os beijos amorosos, os abraços agradáveis e as relações íntimas que de vocês, doces mulheres, tenham podido conseguir. Tomemos em consideração somente os

que viram e continuam vendo os costumes elegantes, a beleza encantadora, o porte senhorial e a honradez feminina. Se estes não deixam de agradar a vocês, nem de gostar de vocês, não se pode pretender que o deixe um moço nutrido, crescido e formado no topo de um monte silvestre e solitário, dentro dos limites de uma cela pequena, sem outra companhia, a não ser a do pai. Assim que ele viu as moças, elas passaram a ser as únicas coisas por ele desejadas, por ele solicitadas, por ele exigidas com afeto.

Ora: se vocês, lindas mulheres, se tornaram desejadas ansiosamente por um eremitazinho, por um mocinho sem sentimentos claros, que bem se pode dizer que era um animal das selvas, que erro há na circunstância de eu gostar de vocês, e de me empenhar em agradar a vocês? Repreendem-me, mordem-me, laceram-me os críticos; mas eu tenho um corpo que Deus fez todo aparelhado para amar vocês; aliás, desde a infância, predispus o ânimo nesse sentido, por perceber a virtude da luz dos seus olhos, a suavidade das suas palavras melífluas, e a labareda acesa pelos seus suspiros densos de desejos. Não há dúvida que quem não ama a vocês, nem aspira a ser por vocês amado, age como pessoa que não sente, nem conhece, os prazeres do amor, nem a virtude da afeição natural. É por assim agir que me censuram; e eu pouco me incomodo.

Há os que falam contra a minha idade; esses mostram que mal sabem a razão pela qual o alho-porro tem a cabeça branca, apesar de possuir cauda verde. A esses, deixando os motejos de lado, respondo que eu, até ao extremo final de minha vida, nunca reputarei ser vergonha a aspiração de agradar às mulheres; a elas, Guido Cavalcanti³ e Dante Alighieri já idosos, e o sr. Cino da Pistoia, já velhíssimo, prestaram honras e homenagens; e eles todos muito quiseram agradar às mulheres. Se eu não fizesse questão de não sair da maneira comumente usada na argumentação, apresentaria, de permeio, histórias cheias de episódios em que homens, antigos e valorosos, mesmo nos seus anos mais maduros, se requintaram no esforço de agradar às mulheres. Se os meus críticos não sabem disto, leiam — e aprendam que assim é. O de que eu deveria permanecer com as Musas do Parnaso, afirmo que é bom conselho; entretanto, nem nós podemos residir em companhia das Musas, nem elas podem ficar conosco. Se, quando o homem se separa das Musas, se encanta ao contemplar os seres que a elas se assemelham, nada há a lamentar. As Musas são mulheres. E, embora as mulheres não valham o que valem as Musas, mesmo assim elas têm, no aspecto, semelhanças com estas. De modo que, ainda que das mulheres por outros títulos eu não gostasse, teria de gostar delas por este. Acresce que as mulheres já foram, para mim, causa de composição de mil e um versos, ao

passo que as Musas nunca se constituíram em motivo de ato semelhante. Não há dúvida que as Musas me ajudaram, mostrando-me como compor aqueles mil e um. É provável, igualmente, que, para eu escrever estas coisas, embora elas sejam humílimas, tenham vindo várias vezes estar comigo, talvez a serviço e em honra da semelhança que as mulheres têm com elas. Tecendo tudo isto, não me distancio, nem do monte Parnaso, nem das Musas, tanto quanto muitos dos meus censores se aventuram a admitir.

Entretanto, que é que vamos dizer àqueles que manifestam tanta compaixão para com a minha fome, e que me aconselham a tratar de ganhar meu pão? Por certo, não sei. Todavia, estive pensando na resposta que eles me dariam, se eu, por necessidade, lhes pedisse; e creio que então diriam: “Vá; procure entre as fábulas!” A verdade é que mais pão encontraram os poetas, entre seus escritos, do que muitos ricos entre seus tesouros. Muitos autores, a correr atrás de fábulas, fizeram com que a sua idade florisse; ao passo que muitos ricos, ao contrário, procurando conseguir mais pão do que precisavam, morreram como frutos azedos que murcham. Que mais? Ponham-me da porta para fora estes indivíduos, se por acaso eu lhes pedir algo. Contudo, por mercê de Deus, de nada ainda preciso. E mesmo que sobreviesse a necessidade, eu sei, conforme o Apóstolo, limitar-me e padecer privações. Por isso, ninguém se compadeça mais de mim, do que eu mesmo.

Aos que afirmam que as coisas aqui narradas não se passaram como aqui são apresentadas, digo que muito gostaria que exibissem os dados originais. Se os originais discordassem daquilo que escrevo, então eu proclamaria como sendo justa a repreensão que eles formulam; e eu procuraria emendar-me. Todavia, enquanto não aparecerem mais do que palavras, eu os deixarei com a opinião que formaram, e continuarei sustentando a minha, com o direito de dizer, deles, o que eles de mim dizem. Acho que, por esta vez, já respondi o bastante. E digo que, armado da ajuda de Deus, em quem espero, e da ajuda de vocês, gentis mulheres, bem como de grande e boa paciência, prosseguirei no meu trabalho, dando as costas a este vento, e deixando que ele sopra. Porque eu não vejo o que pode acontecer comigo, além daquilo que acontece com a poeira miúda; quando o turbilhão revolteia, ou ele não move a poeira, ou, se a move, a leva para o alto; por vezes a leva tão alto, que ela se sobrepõe à cabeça dos homens, às coroas dos reis e dos imperadores, e, de quando em quando, também aos palácios e às torres excelsas. Se a poeira depois cai de tais alturas, não pode descer mais baixo do que o ponto de que foi removida. Se, pois, sempre me dispus, com todas as minhas forças, a com prazer a vocês,

lindas mulheres, agora, mais do que nunca, a isso me disponho; porque sei que ninguém poderá dizer nada, com razão, a não ser que diga que os outros e eu, que amamos a vocês, agimos de acordo com as leis da Natureza. Para alguém se opor às leis da Natureza, de muita força terá de fazer uso; com frequência, porém, não só o esforço é inútil, mas também enorme dano ele acarreta a quem o despende. Confesso que não possuo a mencionada força, nem teria o desejo de a possuir, neste caso; se eu tivesse tal força, preferiria emprestá-la a outrem, do que utilizá-la para mim. Assim sendo, calem-se os mordedores; se eles não conseguem aquecer-se, que vivam atormentados pelo frio, e que permaneçam nos seus prazeres, ou melhor, nos seus apetites corrompidos. Deixem-me ficar, porém, no meu prazer, ao longo desta breve vida que nesse prazer está posta.

Devemos agora voltar ao ponto em que nos encontrávamos, porque dele já nos afastamos muito, oh! lindas mulheres! Temos de prosseguir na ordem começada.

O sol já havia expulsado do céu todas as estrelas, e da terra úmida a sombra da noite, quando Filóstrato, logo depois de se levantar da cama, fez com que todos os membros do grupo também se levantassem. Todos se encaminharam para o belo jardim, e ali começaram a fazer jogos florais. Depois, soou a hora da refeição; almoçaram no lugar em que, na noite anterior, haviam ceado. Entregaram-se à sesta, enquanto o sol esteve na fase da sua maior intensidade; a seguir, puseram-se novamente de pé, e, pela forma costumeira, foram sentar-se perto da fonte. Ali, Filóstrato ordenou a Fiammetta que desse começo às novelas. Fiammetta, sem esperar que a ordem fosse repetida, de forma delicada começou:

Notas

¹ Com efeito, o título *O Decamerão* é mais uma alusão à divisão da obra em dez partes, ou jornadas, do que um título propriamente dito.

² É o monte Senário, perto de Florença, ao qual Boccaccio, aqui, se refere brejeira e pejorativamente.

³ Poeta que se tornou famoso e que seguiu a tendência do “dolce stil novo”, que era revolucionária e de vanguarda, ao tempo em que viveu. Nasceu em Florença, em 1250, e ali morreu em agosto de 1300. Era amigo de Dante, que lhe dedicou a “Vita Nova”, e que, nesta obra, III, 14, diz, referindo-se a Guido: “À quem eu chamo o primeiro dos meus amigos.”

PRIMEIRA NOVELA

Tancredi, príncipe de Salerno, mata o amante da filha; e manda à filha o coração dele, numa taça de ouro. A filha põe água envenenada, na taça, sobre o coração, e bebe. E assim morre.



— **D**eu-nos o nosso Rei, hoje, um tema cruel, para que em torno disso conversemos; pensou ele que, a despeito de nos havermos reunido com o propósito de nos alegrarmos, seja conveniente falar das lágrimas alheias, daquelas que não podem ser narradas sem que os que narram e os que ouvem sintam compaixão. Talvez tenha ele procedido por essa forma, com a intenção de temperar um pouco a alegria usufruída nos dias passados. Seja qual for, porém, o motivo que o induziu a isso, e uma vez que não me cabe modificar a sua determinação, vou contar um episódio piedoso, desaventurado mesmo, e digno das lágrimas de vocês.

Tancredi, príncipe de Salerno,¹ teria sido, por outros títulos, senhor muito humano e de coração bondoso, se não houvesse, já na sua velhice, manchado as próprias mãos em sangue de pessoas enamoradas. Em todo o tempo de sua vida, o príncipe não teve mais do que uma filha; e mais feliz teria sido, se não a tivesse tido. A filha foi amada tão enternecidamente, pelo pai, que bem se pode dizer que nenhuma outra filha o foi tanto, pelo seu progenitor. Em consequência deste enternecido amor, ele não queria nem pensava em separar-se dela; e, embora ela já houvesse passado, de vários anos, a idade de casar-se, ele não a induzia a escolher marido. Por fim, entregou-a a um filho do duque de Cápua; pouco tempo ela ficou com ele; fez-se viúva e regressou à casa paterna.

A moça era tão linda como as que mais o fossem; ademais, era jovem, dona de si e esclarecida, sendo ainda mais esclarecida do que, para uma mulher, se pudesse exigir. Passou ela, pois, a morar na casa do pai, como grande dama, em meio a infinitos requintes de delicadeza. Vendo, contudo, que o pai, devido ao amor que para com ela nutria, nem sequer pensava em tornar a casá-la — e

considerando que não era direito que ela lhe pedisse —, pensou que seria justo conseguir, se lhe fosse possível, um amante digno.

Viu que muitos homens, nobres e plebeus, frequentavam a corte de seu pai; esteve tomando em consideração as maneiras de muitos deles; entre outros, agradou-lhe sobremaneira um jovem valete de seu próprio pai, que se chamava Guiscardo. Era pessoa de origem muito humilde, mas mais nobre do que qualquer outro homem, pelas virtudes e pelos costumes. Vendo-o com grande frequência, enamorou-se fortemente dele, embora sempre conservando oculto o amor que sentia, apesar de lhe louvar cada vez mais as maneiras. O moço, que, ademais, não era pouco esperto, bem percebeu o que ocorria com ela; e recebeu-a por tal forma no coração que quase afastou a própria mente de todas as outras coisas, de tanto a amar.

Desta maneira, pois, passaram a querer-se um ao outro, em segredo. Nada mais a moça desejava senão encontrar-se a sós com ele. Não desejando, porém confiar este amor a ninguém, imaginou uma nova astúcia, que lhe permitisse falar com ele. Escreveu-lhe uma carta, na qual indicou o que ele deveria fazer, para se encontrar com ela, no dia seguinte. Pôs a missiva dentro de um pedaço de bambu, desses que ficam entre um nó e outro; depois, como se estivesse brincando, deu-a a Guiscardo, dizendo:

— Faça com isto um tubo de assoprar, para a sua criada, a fim de que ela com isto acenda o fogo.

Guiscardo pegou o bambu; percebeu que a moça não lhe daria aquilo, nem lhe falaria por aquela forma, se não tivesse um motivo de ordem particular. Despediu-se e, com o pedaço de bambu, rumou para a sua casa. Examinou o bambu; verificou que estava fendido; abriu-o e encontrou, dentro, a carta que ela ali ocultara; leu a missiva; compreendeu perfeitamente o que tinha a fazer; e, mais contente do que qualquer outro homem do mundo, entregou-se à tarefa necessária para ir encontrar-se com ela de acordo com a forma por ela indicada.

Havia, nas proximidades do palácio do príncipe, uma gruta cavada na montanha; fora feita muitíssimo tempo antes. A gruta fora mais ou menos iluminada por meio de uma perfuração laboriosamente aberta, em vertical, através da montanha. A perfuração já se encontrava quase totalmente obstruída por ervas e raízes, que nela nasceram, e de lá não foram removidas, devido ao fato de a gruta permanecer abandonada. Podia-se ir a esta gruta por meio de uma escada secreta, existente numa das salas do andar térreo do palácio; a sala era ocupada pela moça, e por isso estava fechada por uma porta robustíssima.

Esta escada saía inteiramente para fora da lembrança de todas as pessoas, porque, desde muitíssimo tempo antes, não vinha sendo mais usada; quase ninguém mais tinha recordação da sua existência. O Amor, porém, a cujos olhos nada que seja secreto deixa de se revelar, tinha feito com que a lembrança da existência daquela escada voltasse à memória da moça enamorada. A fim de que ninguém desse pelas suas manobras, a moça penou muitos dias, sozinha, com suas ferramentas, até conseguir abrir aquela porta. Por fim, a porta abriu-se. A mulher desceu à gruta; e viu a perfuração existente. Escrevera a Guiscardo, pedindo-lhe que fizesse o possível para ir ter com ela, através daquela passagem vertical; e comunicara-lhe a altura que deveria haver, entre a base da perfuração e o chão da gruta. Em consequência, Guiscardo ordenou que lhe preparassem com urgência uma corda munida de nós e de laços, a fim de poder subir e descer por meio dela. Vestiu-se de peças de couro, para se proteger dos espinhos e das raízes; e, sem dizer a ninguém fosse lá o que fosse, dirigiu-se para a perfuração, na noite seguinte; fixou uma das extremidades da corda a um tronco robusto, que nascera junto à boca da perfuração; desceu ao longo da perfuração até à gruta; e ali esperou pela mulher.

No dia seguinte àquela noite, a mulher, fingindo querer fazer a sesta mais cedo, dispensou logo as suas aias; fechou-se sozinha na sala; abriu a porta que dava para a escada; e desceu até à gruta. Ali, encontrou-se com Guiscardo; e os dois, então, realizaram entre si uma festa maravilhosa. A seguir, os dois subiram para a sala da moça, onde se demoraram, com extraordinário prazer, durante boa parte daquele dia. Estabeleceram uma certa ordem para os seus futuros encontros amorosos, a fim de que tudo permanecesse em segredo. Depois, Guiscardo voltou para a gruta; ela tornou a fechar a pesada porta, e, a seguir, foi ter de novo com as suas aias. Guiscardo, na noite seguinte, subiu pela perfuração, com auxílio da corda; e saiu por onde havia entrado, rumando, em seguida, para a sua residência. Tendo aprendido muito bem este trajeto, muitas e muitas vezes tornou a percorrê-lo, com o transcorrer do tempo.

A Sorte, entretanto, invejosa de tão longo amor e de tão intenso prazer, provocou um acontecimento que transformou a delícia dos dois amantes em tristes lágrimas. Tancredi acostumara-se a dirigir-se sozinho, à tardinha, à sala da filha, ali se demorando algum tempo com ela, em conversação; depois, retirava-se. Um dia, depois da refeição, ele desceu àquela sala; àquela hora, a mulher, que se chamava Guismunda, encontrava-se num dos seus jardins, com todas as suas aias. Tancredi chegou à sala sem ter sido visto, nem ouvido, por ninguém; depois de entrar, não quis afastar a filha da companhia das aias, que a

divertiam; encontrou fechadas as janelas da sala, e descidas as cortinas do dossel do leito; em consequência, pôs-se a um canto ao pé da cama, sentado numa pequena poltrona. Depois, apoiou a cabeça na cama; puxou sobre si mesmo a cortina, quase como se ele se houvesse deliberadamente escondido por essa forma; e acabou adormecendo.

Guismunda, por infelicidade, combinara encontro com Guiscardo naquele dia. Deixou as aias no jardim; entrou silenciosamente na sala e fechou a porta; não percebeu que alguém se encontrava ali; abriu a pesada porta secreta, para que Guiscardo, que a esperava na gruta, pudesse entrar no dormitório. Os dois foram para a cama, como costumavam fazer; ali, brincaram e usufruíram prazeres. Aconteceu que Tancredi despertou; viu e ouviu o que Guiscardo e a filha faziam. Profundamente pesaroso com isto, teve, primeiro, o desejo de ralhar; depois, todavia, tomou a resolução de calar-se e de continuar oculto, se lhe fosse possível, a fim de, posteriormente, e com menor probabilidade de vergonha pessoal, poder agir com a cautela que julgasse oportuna, levando a efeito aquilo que no seu ânimo já havia decidido realizar.

Os dois amantes lá permaneceram longo tempo, como era de seu costume; não deram pela presença de Tancredi; quando lhes pareceu chegada a hora, saíram da cama. Guiscardo voltou para a gruta; e Guismunda saiu da sala. Tancredi, embora já fosse idoso, pulou de uma janela daquela sala para o jardim; não foi visto por ninguém; mortificado pelo que assistira, voltou aos próprios aposentos.

Por ordem de Tancredi, Guiscardo foi preso por dois homens, logo no começo da noite seguinte, quando saía da perfuração; encontrava-se, no momento, todo embaraçado pelas vestimentas de couro, com as quais se protegia dos espinhos e das raízes. Depois de preso, o amante foi secretamente levado à presença de Tancredi. E este, quando o viu, assim falou, chorando:

— Guiscardo: a minha generosidade para consigo não devia ser retribuída com o ultraje e a vergonha que você atirou sobre mim e sobre tudo o que é meu. E que você atirou, eu vi, ontem, com os meus próprios olhos.

Ao que Guiscardo nada mais disse, senão isto:

— O Amor pode muito mais do que o senhor ou eu podemos.

Tancredi ordenou, então, que Guiscardo fosse encerrado silenciosamente numa das salas do palácio, sob rigorosa guarda. E assim se fez. No dia seguinte, Guismunda ainda nada sabia destas coisas que tinham acontecido. Tancredi, porém, tinha pensado na realização de várias novidades. E, depois da refeição, de acordo com os seus costumes, dirigiu-se à sala da filha. Mandou chamar

Guismunda à sua presença; fechou-se com ela na sala; e, chorando, começou a dizer-lhe:

— Guismunda: sempre tive a impressão de conhecer a sua virtude e a sua honestidade; por isto, nunca me passaria pelo espírito, ainda que me dissessem ser verdade, e se eu não o visse com os meus próprios olhos, que você se entregaria a um homem que não fosse seu marido; aliás, nunca eu poderia imaginar que você pensasse, sequer, em semelhante coisa. Em consequência, durante o pouco tempo que a velhice ainda me reserva de vida, sempre me sentirei pesaroso, ao recordar-me desta circunstância. E quisesse Deus, ainda assim, que, uma vez que você se conduziu com essa desonestidade, pelo menos escolhesse um homem à altura da sua nobreza! Entretanto, no meio de tantos homens que frequentam a minha corte, você elegeu Guiscardo, moço de humílima condição, e que foi criado no nosso palácio, desde criança, até ao dia de hoje, quase que por esmola feita a Deus. Por tudo isto, você lançou profunda perturbação no meu espírito; a tal ponto, que não sei como acabarei procedendo consigo. Quanto a Guiscardo, que mandei prender esta noite, quando saía daquela perfuração, já resolvi o que fazer. Quanto a você, porém, sabe Deus que eu não sei o que fazer. De um lado, é o amor que me puxa — o amor que sempre nutri para consigo, e que foi maior do que aquele que jamais pai algum dedicou a uma filha; de outro lado, impele-me o justíssimo ódio, nascido da sua grande loucura; o amor quer que eu a perdoe; e o ódio exige que eu, contra a minha índole, me faça cruel para com você. Antes, porém, que eu resolva seja lá o que for, desejo ouvir o que você tiver para dizer sobre isto.

Depois de dizer estas palavras, Tancredi baixou os olhos, chorando tão sentidamente como o poderia fazer uma criança maltratada. Guismunda, após ouvir o pai, teve certeza de que o seu amor secreto já havia sido descoberto, e de que, além disso, Guiscardo se achava preso; sentiu, por isto, dor inexprimível; e bem perto esteve de acusar essa dor através de gritos e de lágrimas, como a maioria das mulheres costuma fazer. Esta vileza, porém, foi superada pelo seu espírito ativo. Com força maravilhosa, ela ergueu o rosto, olhando para a frente; antes de suplicar fosse lá o que fosse, a seu favor, decidiu não continuar a viver; presumiu que o seu amado Guiscardo já se encontrava morto; e, em consequência, preferiu agir, não como mulher queixosa, e menos ainda como criatura repreendida por alguma falta, mas sim como ser desprezador do perigo e cheio de valor; com semblante franco e sem lágrimas, em nada e por nada perturbado, assim falou ao pai:

— Tancredi: não estou disposta a negar, e menos ainda a implorar; de nada me valeria negar, nem eu quero que o implorar me venha a valer. Ademais, não desejo, por via de ato algum, tornar benévolos para comigo a sua mansuetude e o seu amor. Prefiro confessar a verdade, primeiro para defender, com boas razões, a minha reputação, e, depois, para seguir, com os fatos, a conduta que a grandeza do meu espírito manda. É exato que amei e amo Guiscardo; por todo o tempo que eu viver, que será breve, eu o amarei. Se, depois da morte, a gente ama, não cessarei de o amar. Mas a isto me induziu menos a minha fragilidade feminina, do que a pouca solicitude que o senhor manifestou, quanto a me casar outra vez, ou do que a virtude de Guiscardo. Sendo o senhor de carne, Tancredi, deveria ter noção clara de que havia gerado uma filha também de carne, e não de pedra, e menos ainda de ferro; embora o senhor seja agora velho, deveria recordar-se, como ainda deve, com quais e com quantas forças se manifestam as leis da juventude. Uma vez que o senhor, sendo homem, se exercitou, em parte, nas armas, nos melhores anos, nem por isso poderia desconhecer aquilo que podem os ócios e as delicadezas, tanto em relação aos velhos, como em relação aos moços. Sou, pois, de carne, como ser gerado pelo senhor; e vivi tão pouco, que ainda sou jovem. Por uma coisa e por outra, enchi-me de desejo concupiscente; a este desejo, proporcionou forças maravilhosas o fato de eu, por haver sido casada, já haver conhecido o prazer que resulta, quando a esse desejo se dá satisfação. Não pude resistir a tais forças; em consequência, enamorei-me, dispondo-me a seguir o caminho para o qual essas forças me puxavam, como criatura moça e mulher, que sou. Certo, pus o máximo dos meus esforços no sentido de não permitir que, sobre o nome do senhor, nem sobre o meu, recaísse qualquer sombra de vergonha, através daquilo que o pecado natural me impelia a fazer. Para isto, tanto o Amor, piedoso, como a Sorte, benigna, descobriram e me mostraram um caminho oculto; por esse caminho, eu consegui dar satisfação aos meus desejos, sem que ninguém o percebesse. Não nego haver encontrado este caminho, seja lá quem for que o tenha mostrado ao senhor; nem me importo com a forma pela qual o senhor veio a ter conhecimento dele. Não foi por acaso, como fazem muitas mulheres, que fiquei com Guiscardo; ao contrário: escolhi-o, com espírito deliberado, antes e acima de qualquer outro homem; por via de manobra claramente premeditada, introduzi-o nos meus aposentos; e, com prudente perseverança, tanto da parte dele, como da minha, longamente gozei o prazer da satisfação do meu desejo. Afigura-se-me que você me esteja repreendendo, por eu haver pecado por amor; quer-me parecer, entretanto, que,

acompanhando a opinião do vulgo, o senhor me repreenda com mais dureza por eu me haver entregado, como o senhor diz, a homem de baixa condição social; e isto, como se o senhor não se perturbaria, se eu houvesse escolhido, para o mesmo fim, um homem que fosse nobre. Nestas condições, o senhor não percebe que está repreendendo, não o meu pecado, mas apenas o capricho da Sorte. Ora: a Sorte muitas vezes eleva os que não são dignos, deixando nas condições mais humildes precisamente os que são digníssimos. Ponhamos, porém, de lado, tudo isto; e passemos ao princípio das coisas; se assim fizermos, verá o senhor que todos nós, como seres de carne, temos as inclinações da carne; e que todos nós fomos criados, pelo mesmo Criador, com almas dotadas de iguais forças, de iguais possibilidades e de iguais virtudes. Como nós todos nascemos e continuamos a nascer iguais, é a virtude que nos distingue uns dos outros; os que, no passado, tiveram maior quantidade de virtude, e dela melhor uso fizeram, foram chamados nobres; e a parte restante ficou sendo não nobre. Embora o uso contrário haja, posteriormente, escondido esta lei, esta lei nem por isto desapareceu de todo, por não ter sido desgastada pela Natureza, nem prejudicada pelos bons costumes; portanto, todo aquele que virtuosamente se comporta, mostra publicamente que é nobre; se, pois, alguém lhe dá outra classificação, quem comete o erro não é o assim classificado, e sim quem assim o classifica. Examine o senhor todos os seus nobres homens; analise-lhes a virtude, os costumes, as maneiras; depois, examine os mesmos aspectos de Guiscardo; se o senhor quiser proceder a julgamento, sem animosidade, terá de concluir que ele é nobilíssimo, e que todos estes seus nobres não passam de vilões. Quanto à virtude e ao valor de Guiscardo, não prestei ouvidos a qualquer outra pessoa; prestei-os às palavras proferidas pelo senhor mesmo, e aos meus olhos. Quem mais o louvou, do que o senhor mesmo, quando lhe louvava todas aquelas virtudes pelas quais um homem de valor deve ser enaltecido? Por certo, o senhor não o louvou sem razão; porque, se os meus olhos não me enganaram, nenhuma virtude o senhor lhe louvou que eu não visse ser muito mais admiravelmente praticada por ele, do que louvada pelas palavras que o senhor conseguisse proferir. E ainda que, neste particular, eu tivesse incorrido em algum equívoco, seria da parte do senhor, não da dele, que o equívoco procederia. Dirá, então, o senhor, que eu me entreguei a homem de baixa condição? Se assim disser, não dirá a verdade! Se, entretanto, o senhor quisesse significar que eu me entreguei a homem pobre, para vergonha do senhor se poderia concordar com isso, pois é dessa forma que o senhor vem recompensando um serviçal que é homem de grandes méritos. Todavia, a

pobreza não desdoura a ninguém, nem tolhe nobreza a quem quer que seja; o que desdoura e tolhe é a riqueza. Muitos reis e muitos grandes príncipes foram pobres outrora; e muitos dos homens que cavam a terra, ou montam guarda às ovelhas, se fizeram e ainda se fazem riquíssimos. A última dúvida que o senhor alimentava era quanto ao que deveria fazer comigo; dissipe-a do seu espírito, se é que o senhor está disposto, nesta sua velhice extrema, a fazer o que não ousou fazer quando jovem, isto é, tornar-se cruel. Aplique contra mim a sua crueldade; nem mesmo diante dela me sentirei disposta a apresentar qualquer súplica ao senhor, por não considerar que a causa inicial haja sido o meu pecado, se é que pecado se pode dizer que foi o que fiz. Por tudo isto, asseguro-lhe que aquilo que o senhor fez, ou fará, de Guiscardo, terá de fazer de mim; se não o fizer, as minhas próprias mãos o farão. Pois bem, vamos! Trate de ir derramar essas lágrimas em companhia de mulheres; faça-se cruel; com um mesmo golpe, golpeie a ele e a mim; e, se lhe parece que foi isso o que merecemos, mate-nos.

O príncipe percebeu a grandeza de alma de sua filha; mas não julgou que a moça estivesse tão resolutamente disposta a tudo, como as palavras por ela proferidas pudessem fazer crer. Assim, ele despediu-se dela; dissipou, de si mesmo, toda inclinação a praticar a sua crueldade contra ela; achou que poderia arrefecer o fervoroso amor que ela nutria, através do malefício praticado contra outras pessoas. Por isso, ordenou, aos dois homens que montavam guarda à pessoa de Guiscardo, que, na noite seguinte, sem produzir o menor barulho, o estrangulassem; ordenou ainda que, depois do estrangulamento, retirassem o coração do corpo morto e o levassem à sua presença, dele, príncipe. Os dois homens agiram como lhes foi ordenado. Por isso, no dia seguinte, o príncipe mandou que lhe preparassem uma grande e linda taça de ouro; pôs, na taça, o coração de Guiscardo; por meio de um seu familiar secretíssimo, remeteu a taça com o coração à filha; e mandou que o familiar, quando lhe entregasse aquilo, lhe dissesse: “Seu pai lhe manda isto, para a consolar por aquela coisa que você mais ama, como você o consolava por aquela coisa que ele mais amava.”

Guismunda não se removera da sua altiva resolução. Assim que o pai se retirou de sua sala, ela mandou que lhe proporcionassem ervas e raízes venenosas; espremeu-as, vertendo-lhes o sumo em água; e ficou com a água envenenada pronta, para o caso de acontecer o que ela presumia que acontecesse. Quando o familiar apareceu, com o presente e com as palavras do príncipe, ela recebeu a taça com fisionomia serena e trágica. Descobriu a taça;

ao ver ali dentro o coração, e ao ouvir as palavras recitadas, teve certeza absoluta de que aquele deveria ter sido o órgão vital de Guiscardo. Nessa convicção, ergueu o rosto, e, dirigindo-se ao familiar, disse:

— Não seria digno dar sepultura que não fosse de ouro a um coração como este. Neste ponto, meu pai procedeu com justiça.

Assim dizendo, aproximou o coração da própria boca e beijou-o; depois esclareceu:

— Em todas as coisas, e desde a mais tenra idade, até este momento extremo da minha vida, sempre achei ser grande o amor de meu pai para comigo; mas nunca me pareceu esse amor ser tão grande como me parece ser agora; por isso, leve-lhe os derradeiros agradecimentos que jamais lhe formularei, por ele me haver mandado um tão magnífico presente.

Depois de dizer isto, voltou-se para a taça, que conservava apertada contra o próprio peito; e, contemplando o coração, murmurou:

— Oh! dulcíssimo objeto de todos os meus prazeres! Seja maldita a crueldade daquele que agora faz com que eu te veja com os olhos da frente! Bastava-me contemplar-te, a toda hora, com os olhos do espírito! Tu já chegaste ao fim do teu curso; viveste como a Sorte permitiu que vivesses. E assim tu atingiste o fim para o qual todos correm. Deixaste as misérias e as fadigas do mundo; e recebeste, das mãos do teu próprio inimigo, a sepultura que o teu valor mereceu. Nada faltava, para que tivesses exéquias condignas e completas, senão as lágrimas daquela que, em vida, tanto amaste; para que tu recebesses essas lágrimas, Deus pôs, no espírito de meu pai impiedoso, a ideia de enviar-te a mim. Eu te darei as lágrimas, embora eu houvesse formado o propósito de morrer de olhos enxutos e com o semblante sereno, não atemorizado por fosse lá o que fosse. Depois de dar-te as lágrimas, farei, sem a menor demora, com que a minha alma vá juntar-se àquela que tão caramente guardaste dentro de ti. E com que outra companhia, a não ser com a dela, poderia eu ir mais satisfeita, ou mais tranquila, aos lugares não conhecidos? Estou certa de que aquela alma ainda se encontra aqui, dentro de ti, contemplando o ambiente dos seus prazeres e dos meus. Também estou convencida de que essa alma, que me ama, se encontra à espera da minha, pela qual é profundamente amada.

Após murmurar isto, e como se tivesse recebido, de chofre, sobre a cabeça, uma catadupa de água, ela inclinou o rosto para a boca da taça; sem fazer qualquer barulho, pôs-se a chorar, começando, assim, a verter tantas lágrimas, que teriam constituído maravilhosa coisa para quem as contemplasse; e beijou infinito número de vezes aquele coração.

As aias, que se conservavam ao seu redor, não percebiam de que coração se tratava; nem entendiam o sentido daquelas palavras; ainda assim, vencidas pela compaixão, todas elas se puseram a chorar também; perguntaram-lhe, mas em vão, pelo motivo de tamanho pranto; mas, muito mais do que perguntar, fizeram o possível, nos limites do que sabiam e podiam, para confortá-la. Guismunda, depois de muito chorar, ergueu a cabeça; enxugou os olhos; e disse:

— Oh! coração muito amado! Toda a minha amargura para contigo chegou ao fim; nada mais me resta a levar a termo, a não ser ir, com a minha alma, fazer companhia à tua.

Dito isto, Guismunda mandou que lhe entregassem o vaso de terracota, no qual se encontrava a água envenenada que ela havia preparado desde o dia anterior. Verteu a água na taça, sobre o coração que havia sido banhado por muitas das suas lágrimas; a seguir, sem o menor medo, aplicou os lábios à taça, e bebeu a água toda. Depois de beber, e ainda com a taça na mão, subiu para a sua cama; ali, ajeitou o próprio corpo, da maneira mais nobre e solene que conseguiu; encostou, ao seu coração, o coração do amante morto; e, sem dizer palavra, esperou que a morte chegasse.

As aias ouviram e viram todas estas coisas; não sabiam que água era aquela que ela tinha bebido; e mandaram comunicar tudo a Tancredi. O príncipe, receando que iria acontecer o que depois de fato aconteceu, desceu rapidamente à sala da filha, aonde chegou precisamente no momento em que a filha acomodava o próprio corpo sobre o leito. Percebeu que havia chegado tarde para confortar a moça; compreendeu os termos nos quais ficara imobilizado; e começou a chorar. A isto, a moça disse:

— Tancredi: guarde o senhor essas lágrimas, para vertê-las por um acontecimento menos desejado do que este; nem importa vertê-las por mim, que não as quero. Quem jamais viu alguém chorar, a não ser o senhor, por aquilo que ele quis? Entretanto, se alguma coisa resta, daquele amor que o senhor por mim sentiu outrora, conceda-me, como último presente, o seguinte: como não foi de seu agrado que eu vivesse tacitamente, às escondidas, com Guiscardo, permita, ao menos, que, publicamente, o meu corpo repouse junto ao dele, seja lá onde for que o senhor o tenha mandado atirar depois de morto.

A angústia do pranto não deixou que o príncipe respondesse. A moça, sentindo que o fim se aproximava, apertou ainda mais, de encontro ao seu coração, aquele coração extinto; e disse:

— Fiquem todos com Deus, que eu parto.

Fechou os olhos; perdeu os sentidos; e desta vida dolorosa se foi.

Este foi o fim amargurado que tiveram os amores de Guiscardo e de Guismunda, como vocês acabaram de ouvir. Tancredi, depois de muito chorar, e arrependendo-se muito tarde da crueldade que praticara, mandou que os dois amantes fossem condignamente sepultados num mesmo sepulcro; o que foi feito, em meio à emoção geral de todos os salernitanos.

Nota

¹ Vários príncipes, da dinastia normanda dos Altavilla, usaram este título; entre eles, figurou o que tomou parte na Primeira Cruzada, em companhia de seu primo Boemundo, e que é louvado na “Jerusalém Libertada”, de Torquato Tasso. Quase todos os comentaristas, porém, preferem considerar esta novela como sendo pura ficção de Boccaccio, por não se encontrar, para ela, a despeito do nome do personagem (de resto não bem identificado), qualquer fundamento histórico.

SEGUNDA NOVELA

Frei Alberto convence determinada mulher de que o anjo Gabriel está apaixonado por ela; e, na forma desse anjo, deita-se muitas vezes com ela. A seguir, com medo dos parentes dela, atira-se da janela da sua casa, e vai restabelecer-se na residência de um pobre homem. Este, no dia seguinte, conduz o frade à praça pública, na forma de homem selvagem. Ali, frei Alberto é reconhecido e preso pelos seus frades, sendo depois encarcerado.



novela contada por Fiammetta fizera com que muitas vezes as lágrimas subissem até aos olhos de suas companheiras. Uma vez, porém, terminada a sua narrativa, o Rei, com fisionomia severa, disse:

— Pouco preço me pareceria o ato de dar a vida para conseguir ainda que fosse apenas a metade do deleite que Guiscardo recebeu de Guismunda. E nenhuma das mulheres aqui presentes deve maravilhar-se pela circunstância de eu, vivendo, sentir que morro mil mortes, sem receber, a troco delas todas, sequer uma única partícula de semelhante prazer. Todavia, deixando que os meus assuntos particulares permaneçam, por ora, nos termos em que se encontram, desejo que Pampineia prossiga novelando, sempre em torno de temas emocionantes, que são, em parte, parecidos com os que me dizem respeito. E não há dúvida que, se ela acompanhar a trajetória a que Fiammetta deu início, será como se eu sentisse o orvalho cair sobre o fogo que me consome.

Pampineia, ouvindo que a ordem se dirigia a ela, ficou conhecendo mais, pelo afeto, o ânimo de suas companheiras do que, pelas palavras, o estado de espírito do Rei. Por isto, sentindo-se mais disposta a divertir as amigas, do que a sair fora das normas anteriores, para satisfazer apenas o Rei, deu início a uma narrativa que, sem sair do tema proposto, induzisse os ouvintes a rir. E disse:

— O vulgo faz uso deste provérbio: “Quem é réu, mas bondoso considerado, pode fazer o mal, e não ser acreditado.” Este provérbio me proporciona ampla substância para novelar, a propósito do que me foi

solicitado. Serve-me, igualmente, para demonstrar até que ponto chega a hipocrisia dos religiosos. Com vestes largas e longas, com o semblante artificialmente pálido, eles fazem uso de voz humilde e mansa, para pedir o que é dos outros; mas a tornam altíssima e robusta, para censurar, nos outros, os seus próprios vícios. Da mesma forma agem, quando querem mostrar que eles tomam o caminho da salvação, quando tiram o que é dos outros, mas que os outros só se salvam quando dão, a eles, religiosos, o que possuem. Além disto, não se comportam como criaturas que devem conquistar o Paraíso, isto é, como nós; comportam-se como se fossem donos e senhores do céu; e dão, do céu, a cada mortal que morre, uma parte que corresponde à quantidade de dinheiro deixada a eles pelo morto; ademais, essa parte fica em lugar ora melhor, ora pior, também na proporção daquela quantidade de dinheiro. Com isto, os religiosos procuram enganar, em primeiro lugar, a si mesmos, quando acreditam no que eles próprios dizem, e, em segundo lugar, àqueles que às suas palavras emprestam fé. Se me fosse lícito pôr em evidência tudo quanto se torna conveniente, sem dificuldade eu revelaria, a muitos espíritos simples, aquilo que os mencionados religiosos conservam oculto por baixo de suas larguíssimas capas. Aprouvesse, porém, a Deus, que acontecesse, com as mentiras desses religiosos, o mesmo que se passou com as de um frade menor, nada jovem, mas daqueles que, em Vinegia,¹ eram considerados como sendo dos mais prestigiosos e atendidos.² Agrada-me sobremaneira falar do caso deste frade, a fim de aliviar, com risos e prazeres, o ânimo dos que me ouvem, ânimo esse que se encheu de compaixão ouvindo a narrativa da morte de Guismunda.

Existiu, pois, nobres mulheres, na cidade de Ímola, um homem de vida desregrada e corrupta, que se chamou Berto della Massa. Seus atos reprováveis se fizeram muito conhecidos dos imolenses, a tal ponto que não somente na mentira, mas também na própria verdade, quando dita por ele, ninguém mais acreditava.

Percebendo que as suas maroteiras não davam mais resultado, Berto ficou desesperado e mudou-se para Vinegia, que é cidade receptora de todas as fealdades. Ali, tratou de encontrar nova forma para a realização dos seus atos malvados, coisa que não fizera em outra parte. E quase como pessoa que estivesse sentindo remorso pelas más ações perpetradas no passado, mostrou-se acometido de infinita humildade; fingiu tornar-se mais católico do que qualquer outro homem; apresentou-se e conseguiu fazer-se frade menor, passando a chamar-se frei Alberto da Ímola. Nesta qualidade, começou a acentuar as aparências de vida áspera, praticando e recomendando ao extremo a

penitência e a abstinência. Não admitia, nem mesmo quando não lhe era servido o que lhe agradava dentro de tal critério, que se pensasse que ele passaria a comer carne, ou a beber vinho. Ninguém jamais observou que, ele de ladrão, de rufião, de falsário e de homicida, que era, se transformara subitamente em grande pregador, sem haver, entretanto, abandonado os vícios anteriores, desde que os pudesse pôr em prática às escondidas. Além disto, fazendo-se padre, passou a proceder da seguinte forma: sempre que se encontrava no altar, e que celebrava os ofícios divinos, procurava observar bem; se havia muita gente olhando para ele, chorava copiosamente a Paixão do Salvador, pois pouco lhe custavam as lágrimas, quando ele queria derramá-las. Em pouco tempo, ele, com suas prédicas e com suas lágrimas, soube enganar por tal forma os vinegianos, que se tornou fiel comissário e depositário de todo testamento que ali se fazia. Tornou-se, igualmente, guardador do dinheiro de muita gente, confessor e conselheiro da quase totalidade dos homens e das mulheres do local. Procedendo desta maneira, transformou-se de lobo em pastor; e sua fama de santidade, por aquelas bandas, se fez ainda maior do que jamais fora a fama de São Francisco de Assis.

Ora: aconteceu que uma jovem mulher, tola e tonta, que se chamava sra. Lisetta de Cà Quirino,³ esposa de um grande mercador que tinha viajado com as galeras para as Flandres, foi, em companhia de outras mulheres, confessar-se com este santo frade. Lisetta ajoelhou-se aos pés do religioso, como boa vinegiana que era, porque todos os vinegianos são beatos; e contou grande parte dos casos de sua vida; depois disto, ela foi interrogada, por frei Alberto, se tinha algum amor. Ao que ela, com semblante de poucos amigos, respondeu:

— Ai de mim! Senhor frade! Pois então o senhor não tem olhos na cabeça? Será que as minhas belezas parecem, ao senhor, como as belezas das outras? Muitos amantes eu poderia ter, se os quisesse. Entretanto, as minhas belezas, por serem grandes, não devem ser deixadas para que este, ou aquele, as ame. Quantas são as mulheres cujas belezas se comparam às minhas? E ainda não tem noção de que eu seria bela até no paraíso?

Além disto, Lisetta disse tantas coisas, a respeito das suas belezas, que foi uma verdadeira tortura ouvi-las. Frei Alberto percebeu, imediatamente, que a mulher transpirava estupidez; parecendo-lhe que, por isso, ela seria bom terreno para as suas patifarias, logo se enamorou dela — e o fez de modo fora do comum. Reservou, porém, as lisonjas, para ocasião mais oportuna, ainda que mais não fosse do que para mostrar-se santo pelo menos daquela vez. Tratou, pois, de repreendê-la, assegurando-lhe que aquilo que ela dizia não

passava de vanglória, e acrescentando outras insinuações deste gênero. A mulher, então, declarou-lhe que ele era uma besta e que não sabia discernir uma beleza, mais pronunciada, de outra que o fosse menos. Frei Alberto, não desejando perturbá-la muito, procedeu à confissão e deixou que ela se retirasse com as outras.

Ao cabo de uns poucos dias, o frade, acompanhado por um fiel amigo, dirigiu-se à casa da d. Lisetta; retirou-se para um canto da sala, com ela, e, como não podia ser visto por outras pessoas, atirou-se-lhe de joelhos aos pés, exclamando:

— Senhora: peço-lhe, por Deus, que me perdoe pelo que eu, no domingo, quando a senhora me falou da sua beleza, lhe disse. Perdoe-me, porque, na noite seguinte, eu já fui severamente castigado. Foi tamanho o castigo, que não mais consegui levantar-me da cama, a não ser no dia de hoje.

Perguntou, então, a mulher idiota:

— Mas quem foi que o castigou assim?

Frei Alberto explicou:

— Eu lhe direi. Encontrava-me, à noite, entregue às minhas orações, como, de resto, é do meu costume. De súbito, vi, dentro da minha cela, um enorme esplendor; e, antes que eu pudesse voltar-me, para verificar do que se tratava, deparei, já bem perto de mim, com um jovem belíssimo, que trazia grosso porrete à mão; agarrando-me pela capa e atirando-me ao chão, me deu tantas pancadas, que parece que me quebrou o corpo todo por dentro. Depois, perguntei ao moço o motivo pelo qual ele me fazia aquilo; e ele respondeu: “Você apanhou porque, hoje, teve a insolência de repreender as belezas celestiais da sra. Lisetta, que é mulher que eu amo, depois de Deus, acima de todas as outras coisas do mundo.” E eu, então, perguntei: “Quem é o senhor?” Ao que ele respondeu que era o anjo Gabriel. “Oh! Meu Senhor!”, exclamei eu; “suplico-lhe para que me perdoe.” E ele então disse: “Eu o perdoarei desde que observe esta condição: que você irá, assim que lhe for possível, à casa dela e pedirá que ela o perdoe; se ela não o fizer, eu voltarei e lhe aplicarei tantas pancadas que você ficará como que aleijado por todo o tempo em que viver.” Aquilo que ele, depois disto, me disse, não me afoito a repetir, se a senhora primeiro não me perdoar.

A sra. Cabeça-de-Vento, que, na verdade, era um pouco mais doce do que salgada, babou-se toda, ao ouvir o que o frade lhe contava; acreditou que todas as palavras por ele proferidas concretizavam um ato autêntico; e, depois de pensar um momento, concordou:

— Bem lhe dizia eu, frei Alberto, que as minhas belezas são celestiais; mas, desde que Deus me ajude, bem que tenho pena do que o senhor sofreu; e, a partir deste momento, para que nenhum mal a mais lhe seja feito, eu o perdoo com tanta sinceridade que desejo que me diga o que foi que o anjo, depois, lhe declarou.

Frei Alberto prosseguiu:

— Senhora: uma vez que a senhora me perdoou, de bom grado lhe direi; antes, porém, quero adverti-la: de tudo o que lhe vou dizer, evite comunicar seja lá o que for, a quem quer que seja deste mundo, se não desejar arruinar o seu destino, pois a senhora é a mais afortunada de todas as mulheres que hoje existem no mundo. Foi isto o que o anjo Gabriel me pediu que lhe comunicasse: que a senhora é mulher tão do agrado dele, que muitas vezes ele teria descido do céu, para transcorrer a noite em sua companhia, no leito, se não receasse assustá-la. Agora, ele manda que eu diga, em nome dele, que deseja vir ter consigo uma noite, a fim de se demorar algumas horas em sua companhia. Visto, porém, que ele é anjo, e que, se ele vier em forma de anjo, a senhora não poderá tocar nele, esclareceu que, para encantamento e prazer da senhora, ele pretende vir na forma de homem; por isto, pede à senhora que lhe mande dizer, por meu intermédio, quando é que deseja que ele venha, e sob que forma; e assim ele virá. Em consequência disto, a senhora poderá considerar-se mais beata do que qualquer outra mulher que hoje vive.

A sra. Idiota então disse que muito lhe agradava saber que o anjo Gabriel a amava, porque ela também o amava, e muito; nunca deixara de acender-lhe uma vela de um mattapan⁴ diante de sua imagem, fosse onde fosse que a tivesse visto pintada; acrescentou que, em qualquer momento que lhe apossasse aparecer, o anjo seria sempre bem-vindo; encontrá-la-ia inteiramente só, em seu quarto; mas, tudo isto, com o seguinte acordo: que ele, Anjo, depois, não resolvesse deixá-la em troca da Virgem Maria; ouvira dizer que ele queria muito bem a Ela, e que Ela, ademais, se parecia muito com Lisetta; explicou que sempre via o Anjo, de joelhos, aos pés da Virgem, por toda parte em que o pintavam. Concluiu dizendo que o Anjo poderia aparecer-lhe sob a forma que mais lhe agradasse, desde que não fosse forma que lhe inspirasse medo.

Então, frei Alberto comentou:

— Senhora: a senhora está falando com muito critério; tratarei de explicar bem, ao anjo, isso que a senhora quer significar. Mas a senhora me poderá conceder uma grande graça, que, de resto, nada lhe custará; a graça é a de que a senhora deseje que o anjo lhe apareça com este meu corpo. Agora, ouça em que

consistirá a graça: o anjo retirará a minha alma do meu corpo, e a porá no paraíso; ele entrará no meu corpo; e o tempo que ele estiver com a senhora será o tempo em que, eu, por minha alma, permanecerei no paraíso.

Concordou, então, a mulher nada sutil:

— Agrada-me que seja assim; quero que, em compensação pelas pancadas que lhe deu, por minha causa, o anjo lhe proporcione este consolo.

Então, frei Alberto fez a seguinte recomendação:

— A senhora fará com que, esta noite, ele encontre aberta a porta de sua casa, de modo que ele possa entrar; vindo em forma de corpo humano, como virá, não poderá entrar a não ser pela porta.

A mulher esclareceu que faria isso. Frei Alberto retirou-se. E Lisetta ficou tão cheia de si, que já nem sequer queria permitir que a própria camisa lhe tocasse nas partes mais íntimas do seu corpo, e menos ainda naquelas onde não bate o sol; um instante depois da saída de frei Alberto, já lhe parecia que mil anos se haviam passado, sem que o anjo Gabriel lhe aparecesse. Frei Alberto convenceu-se de que, naquela noite, se veria obrigado a ser cavaleiro, não anjo; por isto, tratou de fortalecer-se com confeitos e com outras coisas muito boas, a fim de não ser facilmente cuspidado para longe do cavalo. Obtendo a necessária licença, tornou a sair, assim que a noite se fechou; fez-se, de novo, acompanhar do seu amigo; entrou, primeiro, em casa de uma sua amiga, de quem, em outros tempos, havia acariciado as formas, quando saía para satisfazer os seus instintos. Dali, quando lhe pareceu chegada a hora oportuna, saiu, transformado, a fim de rumar para a casa de Lisetta; entrou na casa dela, e, com os petrechos que levara consigo, se transfigurou em anjo munido de asas; subiu as escadas; e entrou no dormitório da mulher. Lisetta, assim que viu aquela figura toda branca, ajoelhou-se-lhe aos pés; o anjo abençoou-a; fê-la ficar novamente de pé; e indicou, com um sinal, que ela deveria ir para a cama. Ela, desejosa de obedecer, pulou imediatamente para o leito; e, logo depois, o anjo se deitou ao lado de sua diva. Frei Alberto era homem belo e robusto, quanto ao corpo; e muito bem ficavam as pernas femininas ao redor da sua pessoa; por isto, encontrando-se com Lisetta, que era mulher fresca e macia, procurou outra posição, diferente daquela que o marido usava; e muitas vezes, por essa forma, voou, sem asas; devido a esta circunstância, ela declarou-se extremamente satisfeita. Além do mais, o frade muita coisa lhe disse, a respeito da glória celeste. Depois, como o dia se aproximava, e obedecendo à ordem de regressar, saiu daquela casa, com todo o seu equipamento, indo ter, de novo, com o companheiro, ao qual a bondosa dona da casa fizera amigável

companhia, para que ele não se assustasse nem tivesse medo — medo este que teria se dormisse só.

Assim que Lisetta, naquela manhã, completou a sua primeira refeição, levou uma amiga como companheira, e foi falar com frei Alberto; deu-lhe notícias do anjo Gabriel; disse-lhe o que dele ouvira sobre as glórias da vida eterna; explicou como o anjo Gabriel era feito; e acrescentou, a tudo isto, mentiras maravilhosas. Ao que frei Alberto esclareceu:

— Senhora: não sei como foi que a senhora se comportou com ele; o que muito bem sei é que, esta noite, ele veio a mim, e eu lhe comuniquei o que a senhora me pediu que lhe comunicasse; depois, ele, de súbito, levou a minha alma para um lugar onde ela ficou entre flores e rosas; eram tantas as flores e as rosas, que nunca se viu tamanha quantidade aqui pela terra; e ali minha alma ficou, num dos lugares mais agradáveis que se possam imaginar, até esta manhã bem cedo. Daquilo que aconteceu ao meu corpo, não sei coisa alguma.

— Pois não é isso o que lhe estou dizendo, frei Alberto? — respondeu a mulher. — O seu corpo esteve a noite toda nos meus braços, com o anjo Gabriel; e, se o senhor não crê, olhe um pouco para baixo do mamilo esquerdo, que foi o lugar em que eu dei um beijo enorme, no anjo; foi um beijo tão grande, que o sinal dele deverá ficar por vários dias.

Então o frade explicou:

— Hoje, vou fazer uma coisa que há muito tempo não faço; vou despir-me, para verificar se a senhora está dizendo a verdade.

Depois de muito conversar, a mulher voltou para casa; a essa casa, a seguir, na forma do anjo, o frade Alberto muitas vezes se dirigiu, sem encontrar qualquer obstáculo.

Contudo, surgiu um dia em que Lisetta deu com a língua nos dentes. Estava ela com uma sua comadre, conversando a respeito de belezas femininas; e, para colocar as suas próprias belezas adiante e acima das de todas as outras mulheres, exatamente como poderia fazer uma mulher que fosse um pouco cabeça-oca, esclareceu:

— Se você soubesse a quem é que a minha beleza agrada, não há dúvida que você nunca mais falaria das outras.

A comadre, ansiosa de ouvir a revelação, como criatura que bem conhecia Lisetta, comentou:

— Você poderá dizer a verdade; mas, mesmo assim, enquanto ninguém souber de quem se trata, ninguém se convencerá de coisa alguma.

Então, Lisetta, que tinha poucas luzes, disse:

— Comadre: é preciso manter segredo; mas aquele com quem tenho relações é o anjo Gabriel, que me ama ainda mais do que a si mesmo, por achar que eu sou a mulher mais linda que existe no mundo, ou além dele. E é ele mesmo quem o diz.

A comadre teve, então, vontade de rir; contudo, conteve-se, a fim de a induzir a falar ainda mais; e comentou:

— À fé de Deus, Lisetta; se o anjo Gabriel mantém relações consigo e lhe diz isso, então deve ser verdade; mas eu não sabia que os anjos fizessem coisas dessa ordem.

A mulher esclareceu:

— Comadre: você está enganada, pelas chagas de Deus; ele faz isso ainda melhor do que meu marido; e assegura que isso se leva a efeito também lá em cima; como, entretanto, eu pareço, aos olhos dele, mais linda do que qualquer outra que esteja no céu, ele enamorou-se de mim, e vem estar comigo com bastante frequência; está percebendo agora?

Assim que Lisetta se retirou, a comadre teve a impressão de que mil anos estavam transcorrendo, antes de ela poder chegar ao primeiro lugar em que pudesse contar aquelas coisas. Numa festa, reuniu-se a um grande grupo de mulheres, contando, então, na devida ordem, a grande nova. As mulheres do referido grupo contaram o caso aos respectivos maridos e a outras mulheres; e estas o disseram a outras ainda. Desta maneira, em menos de apenas dois dias, toda Vinegia se encheu de informações a tal respeito.

Entretanto, entre as pessoas, a cujos ouvidos a notícia chegou, figuraram os cunhados de Lisetta; e estes cunhados, sem lhe dizer coisa alguma, resolveram descobrir a identidade deste anjo, e verificar se ele sabia voar. Por isto, várias noites se puseram de atalaia.

Aconteceu que, desta resolução, alguma nota foi recolhida pelas orelhas de frei Alberto. Certa noite, o frade se dirigiu à casa da mulher, a fim de a repreender, por haver dado com a língua nos dentes; logo que ele acabou de se despir, já os cunhados, que o haviam visto chegar, se encontravam ao pé da porta do quarto, prontos para a abrir. Frei Alberto ouviu o rumor que eles fizeram; teve intuição do que se tratava; ergueu-se da cama; não vendo outra saída, abriu uma janela, que dava para o canal maior; e dali se atirou à água. A profundidade era grande, e o frade sabia nadar muito bem, de modo que nenhum mal lhe aconteceu. Nadou para a outra margem do canal; entrou, às pressas, numa casa que encontrou aberta; e suplicou, pelo amor de Deus, a um homem bondoso, que lá dentro se achava, que o ajudasse a salvar a própria

vida; e contou as mentiras que a sua fantasia arquitetou, para explicar a razão pela qual ali se apresentava, nu e àquela hora.

O bondoso homem, impelido pela piedade, permitiu que o frade se deitasse na sua cama, enquanto ele foi tratar de assuntos seus; e disse-lhe que ali permanecesse até à sua volta. Fechou-o, pois, em seu quarto, e retirou-se para liquidar os seus negócios.

Os cunhados de Lisetta entraram no dormitório dela, e verificaram que o anjo Gabriel, abandonando ali as asas, tinha voado; por isto, profundamente contrariados, proferiram fortes impropérios contra a mulher; depois, abandonaram-na ali, de todo desconsolada; e retiraram-se para as respectivas residências, levando o equipamento do anjo.

Nesse entretanto, fez-se dia claro; o bondoso homem da casa em que o frade se havia refugiado passou pelo Rialto, onde ouviu dizer que o anjo Gabriel tinha ido, naquela noite, deitar-se com d. Lisetta; ouviu, também, que o anjo fora ali encontrado pelos cunhados da mulher, e que, de medo, se atirara ao canal; nada mais se conseguira saber, a respeito do anjo, depois disso. O bondoso homem, então, percebeu imediatamente que o indivíduo que se encontrava fechado em sua casa era o anjo. Voltou, pois, à sua residência; reconheceu o indivíduo; e, depois de muita conversa, determinou que, se aquele indivíduo não quisesse ser entregue às mãos dos cunhados de Lisetta, deveria encontrar a forma de lhe pagar cinquenta ducados. E assim se fez. Depois disto, o frade quis retirar-se daquela casa; e o bondoso homem lhe disse:

— Não vejo saída alguma daqui, a não ser que você queira concordar comigo. Hoje, nós, desta cidade, fazemos uma festa; nesta festa, um homem conduz outro homem, que vai fantasiado de urso; outro, leva outro ainda, que vai fantasiado de selvagem; as fantasias não têm limite; ora são de um jeito, ora de outro. Depois, lá na praça de São Marcos, realiza-se uma caça; quando encerrada, a festa chega ao fim. Depois, cada qual vai para onde mais lhe agrada, sempre conduzindo o homem que para lá levou fantasiado. Se, pois, você quiser, antes que se venha a saber que você se encontra aqui, eu posso conduzi-lo daqui para fora, num desses modos; depois, poderei levá-lo para onde você quiser que eu o leve; a não ser assim, não vejo como você poderá sair daqui, sem ser reconhecido; note que os cunhados da mulher, convencidos de que você se encontra em algum lugar da cidade, puseram guardas por toda parte; o que desejam é agarrá-lo.

Embora se afigurasse penoso, a frei Alberto, sair fantasiado daquela maneira, concordou com isso, devido ao medo que tinha dos parentes de Lisetta; e disse, ao bondoso homem, para onde queria ser conduzido depois da festa; e, desde que o conduzisse para lá, se sentiria contente.

O bondoso homem untou de mel o corpo todo do frade, cobrindo-o, a seguir, com plumas; depois, aplicou-lhe uma corrente ao pescoço e uma máscara à cabeça; deu-lhe, a uma das mãos, um grande porrete; a outra, dois enormes cães que retirara do açougue. Por fim, mandou que um homem fosse ao Rialto e lá proclamasse que os que desejassem ver o anjo Gabriel deveriam dirigir-se à praça de São Marcos. E esta foi lealdade veneziana.⁵ Feito isto, o bondoso homem saiu com o homem emplumado, e fê-lo caminhar à sua frente; ele ia logo atrás, segurando-o pela corrente, e ouvindo a barulheira de muitos populares que perguntavam: “Quem é aquele? Quem é aquele?” Por esta forma, e nestas condições, o bondoso homem conduziu o frade à praça referida; ali, reunindo-se os que tinham caminhado atrás do fantasiado e os que tinham ocorrido devido à proclamação feita no Rialto, havia gente sem fim. O bondoso homem, ao chegar à praça, conduziu o seu selvagem a um ponto bem elevado, e lá o amarrou a uma coluna; e fingiu permanecer por ali, à espera que a caça tivesse início. O selvagem passou a sofrer enorme aborrecimento, porque as moscas e os tavões não lhe davam paz, uma vez que estava untado de mel. Quando, porém, o bondoso homem viu que a praça estava cheia de gente, que parecia querer desacorrentar o homem selvagem, tirou a máscara de frei Alberto, dizendo:

— Meus senhores: uma vez que o porco não vem à caça; uma vez que a caça não se faz; e como não desejo que os senhores tenham vindo inutilmente, quero que contemplem o anjo Gabriel... O anjo que, de noite, desce do céu à terra, para consolar as mulheres venezianas.

Logo que a máscara foi retirada, frei Alberto foi reconhecido por todos. Contra ele se ergueram os gritos de toda gente; contra ele se proferiram as palavras mais ofensivas e mais indecorosas que já foram ditas por qualquer pessoa a alguém; além disto, uns lhe atiraram à cara uma imundície; outros, uma diferente. Por esta forma, longo tempo a multidão castigou frei Alberto. O castigo durou tanto, que, por acaso, houve tempo para que a sua notícia chegasse aos ouvidos dos frades seus correligionários. Em consequência, seis frades do mosteiro rumaram para a praça; atiraram uma capa sobre o corpo de Alberto; desacorrentaram-no; e, não sem enorme algazarra feita pela turba que

os seguia, reconduziram o fantasiado ao mosteiro, onde o encarceraram, e onde se diz que frei Alberto haja morrido, depois de viver vida miseranda.

Desta maneira, este indivíduo, considerado como sendo bondoso, mas agindo muito mal, ousou fazer-se passar pelo anjo Gabriel; ninguém acreditou nele; converteu-se, pois, em selvagem; com o correr do tempo, exatamente como acabou merecendo, viu-se objeto de vitupérios; e, sem defesa nem consolo, teve de chorar os pecados cometidos.

E assim praza a Deus que a todos os outros possa acontecer.

Notas

¹ É outra forma para dizer Veneza. Alguns intérpretes admitem que esta palavra, nesta e em outras novelas de Boccaccio, indique lugares não discriminados dos arredores de Florença. Entretanto, pelo menos nesta novela, é indubitável que se trata de Veneza, uma vez que se fala de Rialto, de praça de São Marcos, do canais etc., coisas estas que, assim reunidas, só são características de Veneza propriamente dita.

² Neste ponto, Boccaccio usou a palavra *casesi* (ou *cassesi*, em algumas edições). Trata-se de palavra que não existe no idioma italiano; não é encontrada em nenhum dicionário da língua, nem em qualquer outro autor, e nem mesmo em outro ponto de qualquer obra de Boccaccio. Talvez se trate de erro de copista, de tempos anteriores à invenção da imprensa. Alguns intérpretes sugerem que pode ser neologismo, para designar caseiro; outros, que o seja para designar que o mencionado frade tinha ascendência, ou era muito ouvido, em Assis, a cuja ordem religiosa pertencia.

³ Em Veneza, usa-se o monossílabo *Cà* para designar casa, no sentido de família. Lisetta era, então, da família Quirino.

⁴ Antiga moeda divisionária veneziana, de prata, introduzida em 1193, e abolida no século XV. Seu valor era pequeno.

⁵ Não se sabe por qual motivo, Boccaccio patenteia, em toda esta novela, profunda hostilidade de ânimo contra os venezianos.

TERCEIRA NOVELA

Três jovens amam três irmãs, e com elas fogem para Creta. A mais velha mata, por ciúme, o seu amante; a segunda entregando-se ao duque de Creta, poupa a vida da primeira; o amante da segunda mata-a, e foge com a primeira. Do crime, é acusado o terceiro amante com a terceira irmã; os dois são presos e, de medo de morrer, subornam com dinheiro a guarda do cárcere; depois, fogem, pobres, para Rodes, onde vão morrer na miséria.



uvindo o fim da narrativa de Pampineia, Filóstrato reconcentrou-se por alguns momentos; depois, dirigindo-se a ela, disse:

— Algo de bom, e que me agradou, apareceu no fim da sua novela; mas, antes disso, muita coisa se disse para provocar o riso; e eu preferia que não se houvesse dito.

Depois, voltando-se para Laurinha, ordenou:

— Mulher: prossiga com uma narrativa melhor, se for possível.

Laurinha, rindo, comentou:

— Você é excessivamente cruel com os amantes, uma vez que só deseja que eles tenham fim doloroso. Para obedecer à sua ordem, contarei uma novela de três amantes, os quais foram igualmente desgraçados, porque pouco puderam gozar do seu amor.

Dizendo isto, começou:

— Minhas jovens mulheres: como vocês podem abertamente verificar, todo vício pode transformar-se em motivo de aflição e de angústia, seja para quem é viciado, seja também, muitas vezes, para os que lhe ficam próximos. Entre as coisas que concorrem para isso, afigura-se-me que a que o faz com as rédeas mais soltas seja a ira, que nos transporta para os maiores perigos. A ira nada mais é do que um movimento súbito e inconsiderado, que resulta de impulso determinado pela amargura sentida. É ela que expulsa toda razão; que ofusca os olhos da mente; e que acende ebullientes furores na nossa alma. Embora isto aconteça mais frequentemente na alma dos homens, menos na de

uns e mais na de outros, nem por isso se deixou de ver que também ocorre, com danos ainda maiores, na das mulheres; é nelas que a ira mais se inflama, ali ardendo com labareda mais clara, e erguendo-as com menos possibilidades de comedimento. Nem há, nisto, do que a gente se admirar. Porque, se quisermos analisar bem, veremos que o fogo da ira, por sua própria natureza, se ateia mais facilmente nas coisas leves e macias, do que nas coisas duras e pesadas. Afinal, nós, as mulheres, somos mais delicadas do que os homens; (não levem os homens a mal este esclarecimento). Somos, também, mais volúveis. Em consequência, vendo-nos naturalmente inclinadas a isso; tomando em consideração que a nossa mansuetude e a nossa bondade constituem grande prazer e grande repouso para os homens com os quais temos de nos entreter; admitindo que a ira e o furor consubstanciam enorme aborrecimento e inegável perigo, e que, por isto, precisamos nos precaver contra a ira, com firmeza de alma — pretendo mostrar-lhes, com esta novela, como foi que o amor de três moços e de três mulheres, à maneira do que antes ficou dito, se tornou infelicíssimo (de feliz que era), por causa da ira de uma delas.

Marselha, como vocês sabem, fica na Provença, à beira-mar; é cidade antiga e nobilíssima; outrora, apresentava-se mais abundante do que hoje em homens ricos e grandes mercadores; entre estes, houve um que se chamou N'Arnald Civada, homem de origem ínfima, mas de grande fé; era mercador leal, imensuravelmente rico de bens e de dinheiro; tinha, com sua mulher, vários filhos; destes, três eram mulheres, e muito mais velhas, quanto à idade, do que os outros, que eram homens. Das mulheres, duas, nascidas gêmeas, já tinham a idade de 15 anos; a terceira, 14. Para casá-las com os seus parentes, nada mais se esperava do que o regresso de N'Arnald, que tinha ido, com suas mercadorias, para a Espanha. Das duas primeiras moças, uma se chamava Ninetta; outra, Madalena; a terceira tinha por nome Bertinha.

Um jovem gentil-homem, embora pobre, e que se chamava Restagnone, se apaixonou, tanto quanto possível, por Ninetta; e esta também se enamorara dele; ambos, porém, agiam tão prudentemente, que, sem que ninguém deste mundo o percebesse, gozavam o próprio amor. Havia já longo tempo que o gozavam, quando dois jovens companheiros, dos quais um se chamava Folco e o outro Ughetto, se enamoraram, um de Madalena, outro de Bertinha. Os dois moços se haviam tornado riquíssimos, devido à morte dos respectivos progenitores. Restagnone percebeu este fato que, ademais, lhe foi apontado por Ninetta; pensou, pois, encobrir os próprios atos com o amor deles; conquistou-lhes a amizade; fez-se íntimo; e passou a conduzir, ora um, ora outro, e por

vezes, os dois, em visita às mulheres deles, e também à sua. Quando se fez bastante amigo dos jovens e lhe pareceu que a intimidade era suficiente, Restagnone convidou-os, um dia, para que comparecessem à sua casa. E disse-lhes:

— Meus caros jovens: a nossa camaradagem já deve ter mostrado, a vocês, como é grande a amizade que lhes dedico; por vocês, serei capaz de fazer tudo quanto faço, ou viria a fazer, por mim mesmo; pelo fato de muita amizade eu dedicar a vocês, desejo revelar-lhes o que me entrou no espírito; depois, vocês e eu adotaremos o partido que melhor se nos afigurar. Se as suas palavras não mentem, e pelo que julgo haver compreendido através dos seus atos, tanto de dia como de noite, vocês amam, com amor enorme, as duas moças pelas quais são amados. Dá-se o mesmo comigo e com a outra das irmãs. Se vocês quiserem concordar comigo, penso, de todo o coração, que encontrei, para o nosso episódio, remédio doce e agradável. O remédio é este: vocês são moços riquíssimos, coisa que eu não sou. Se, pois, vocês quiserem reunir as suas riquezas numa só, e permitir que eu me torne terceiro compartilhador dela; e se quiserem, também, deliberar em que parte do mundo será melhor ir viver em alegre companhia, com as nossas moças, eu posso fazer infalivelmente, com que elas partam conosco. Farei com que as três irmãs nos sigam, levando os bens do pai delas. Com elas, iremos onde nos aprouver. Ali, poderemos viver, cada qual à sua maneira, à guisa de três irmãos; aliás, à guisa dos três irmãos mais contentes e felizes que possam existir no mundo. Está com vocês a decisão de tomar partido, para tirar proveito desta ideia, ou de abandonar o caso.

Os dois moços, que se encontravam imensamente apaixonados, ficaram, assim, sabendo que poderiam possuir as suas amadas. Por isto, não se demoraram muito em discussões; declararam logo que estavam dispostos a agir por aquela forma, desde que fosse para não perderem mais tempo.

Poucos dias depois de obter esta resposta, Restagnone avistou-se com Ninetta, a cujo encontro só podia ir enfrentando longa série de obstáculos; ao cabo de algum tempo passado na companhia dela, conversou sobre aquilo que com os dois moços ficara decidido. Com muita sutileza de tato, esforçou-se por fazer com que ela simpatizasse com o empreendimento. Pouca dificuldade lhe foi oferecida, porém, porquanto ela, muito mais do que ele, desejava passar a viver a seu lado, inteiramente livre de qualquer suspeita. Ninetta respondeu francamente que a ideia lhe agradava, e que as irmãs, principalmente neste sentido, fariam o que ela quisesse. Pediu-lhe para que preparasse tudo quanto fosse preciso, a fim de que a ideia se concretizasse.

Restagnone voltou à presença dos dois moços, os quais ansiavam por saber o que é que ele havia combinado com as irmãs; disse-lhes que, da parte das moças, tudo estava disposto na devida ordem. Os três, então, resolveram rumar para Creta. Venderam bens que possuíam, fazendo supor que, com o dinheiro assim obtido, iriam negociar; tudo o mais que tinham foi transformado em dinheiro; compraram um barco de três mastros, com velas latinas, que armaram com grande vantagem; e esperaram pela data marcada. De outra banda, Ninetta, que sabia muita coisa quanto ao desejo das suas duas irmãs, usou, para com elas, de palavras doces; incendiou-lhes tanto o espírito, com a vontade de realizar o plano sugerido, que elas até tiveram medo de não conseguir viver o tempo necessário para o pôr em prática. Assim, quando chegou a noite em que deveriam embarcar no veleiro, as três irmãs abriram uma caixa enorme, que pertencia ao seu pai; e retiraram, do seu interior, considerabilíssima quantidade de dinheiro e de joias. Sem fazer barulho, as três irmãs saíram de casa, com todas aquelas coisas, de acordo com o combinado; e foram encontrar-se com os seus três amantes, que as esperavam. Sem qualquer demora, elas, na companhia deles, embarcaram no navio, deram com os remos na água, e partiram.

Não pararam em lugar algum, de modo que, na tarde seguinte, chegaram a Gênova. Nesta cidade, os novos amantes gozaram, pela primeira vez, a alegria e o prazer dos seus respectivos amores. Reabastecendo-se, a seguir, daquilo de que precisavam, tornaram a partir; de porto em porto, antes de transcorrido o oitavo dia, chegaram a Creta, sem encontrar o menor impedimento.

Ali, compraram possessões grandes e muito bonitas, nas quais construíram lindas e agradáveis residências, bem perto de Cândia.¹ Ali os moços começaram a viver alegremente, com as respectivas mulheres, à guisa de barões, como se fossem, e realmente eram, os homens mais felizes do mundo. Tinham extensa criadagem, cães, pássaros e cavalos; realizavam banquetes e festas.

Vivendo por esta forma, ainda assim lhes aconteceu aquilo que nós vemos acontecer todos os dias: por mais que as coisas agradem, quando são demais aborrecem. Restagnone amava muitíssimo a sua Ninetta; entretanto, podendo possuí-la, agora, sem provocar suspeitas, e à vontade, começou a sentir-se entediado; conseqüentemente, passou a deixar de proporcionar, ao amor da moça, a satisfação a que ela aspirava. Numa festa, encontrou uma moça local, que muito lhe agradou; era mulher muito bonita e muito gentil; e, para satisfazê-la, ele fez-lhe cortesias maravilhosas, promovendo, igualmente, festas estupendas. Ninetta percebeu aquilo que se passava. Tomou-se, pois, de

tamanho ciúme que ele já não podia dar nem sequer um passo sem que ela, por meio de pessoas que pagava, acabasse sabendo de tudo. Depois, com base no que descobria, ela o atribulava por meio de palavras e de resmungos.

Todavia, assim como a abundância das coisas gera o tédio, assim também, quando as coisas desejadas são negadas, o apetite por elas se multiplica. Por esta forma, as ciúmeiras de Ninetta aumentavam a intensidade das chamas do novo amor de Restagnone.

Depois, aconteceu o que, no curso do tempo, mais cedo ou mais tarde teria de acontecer; ou Restagnone conquistou de fato a amizade da mulher por ele amada; ou não a conquistou mas, por qualquer circunstância, informada por quem quer que fosse, Ninetta acreditou que havia conquistado; o certo é que ela teve isso por indubitável. Consequentemente, caiu em fase de tristeza; desta fase, passou para a de ira e de furor; e por tal forma isto aconteceu, que ela transformou o amor, que nutrira para com Restagnone, em amargo ódio; a seguir, cega de dor e de violência, achou que só com a morte de Restagnone poderia vingar a vergonha que supunha que lhe havia sido imposta. Foi, pois, ter com uma velha grega, que era mestra na arte de compor venenos; com promessas e com presentes, induziu-a a preparar uma água mortífera; e, sem tratar de se aconselhar com outras pessoas, Ninetta, certa noite, deu de beber essa água a Restagnone, irritado, mas que nem por isso se pusera em guarda contra a possível conduta da mulher. O poder da referida água foi tão grande, que, antes da chegada da manhã seguinte, Restagnone estava morto.

Folco e Ughetto, com as respectivas mulheres, quando souberam da morte de Restagnone, nem sequer suspeitaram que ele tivesse morrido por efeito de veneno; em companhia de Ninetta, choraram-lhe amargamente o falecimento, e o sepultaram com todas as honras.

Não muitos dias depois, aconteceu que, por haver praticado outro delito, foi presa a velha grega que havia preparado a água envenenada, a pedido de Ninetta. A mulher foi torturada; e, entre os males que praticou, confessou, plenamente, o ato de haver manipulado a referida água, esclarecendo o que acontecera em consequência do seu uso. O duque de Creta não divulgou coisa alguma. Quietamente, rumou para as proximidades do palácio de Folco; ali, sem fazer o menor barulho, e sem encontrar resistência alguma, prendeu Ninetta, e levou-a consigo. De sua boca, o duque, sem aplicar qualquer tortura, logo ouviu o que desejava ouvir, a propósito da morte de Restagnone.

Folco e Ughetto acabaram sabendo, em confiança, da parte do duque, o motivo pelo qual Ninetta fora presa; as mulheres de Folco e de Ughetto

tomaram conhecimento do caso por meio dos respectivos maridos. Isto causou profunda amargura em todos; e todos passaram a empenhar-se no sentido de evitar que Ninetta fosse condenada a morrer queimada viva; presumiam que ela seria julgada e condenada, e que muito bem teria merecido tal condenação. Todos os esforços, porém, eram baldados; o duque mantinha-se firme em querer fazer justiça.

Madalena, que era uma linda jovem, e que desde muito tempo vinha sendo desejada pelo duque, sem jamais concordar em fazer o que lhe agradasse, imaginou que, concordando, poderia salvar a irmã da morte pelo fogo. Consequentemente, por via de um intermediário secreto, mandou dizer, ao duque, que estava disposta a ceder a todo desejo seu, sob duas condições: a de que ela receberia a irmã, livre e salva; e a de que o assunto todo permanecesse em sigilo. O duque ouviu o recado, e gostou. Pensou demoradamente no caso, para depois resolver se concordava ou não; por fim, concordou; e mandou responder que sim.

Em combinação com a mulher, o duque mandou que Folco e Ughetto fossem retidos na prisão, por uma noite, como se ele os quisesse interrogar a propósito do crime de Ninetta; e, nessa noite, foi deitar-se, secretamente, com Madalena. Antes disso, porém, fingiu pôr Ninetta num saco, para que, naquela mesma noite, ela fosse atirada ao mar;² na verdade, entretanto, levou-a em sua companhia, para a casa de Madalena, sua irmã, a quem a entregou como preço dos prazeres daquela noite. Na manhã seguinte, ao despedir-se, o duque pediu a Madalena que aquela noite, a primeira do seu amor, não ficasse sendo a última. Além disto, exigiu que mandasse para outro lugar a irmã culpada, para não provocar queixas, e também para ele não se ver obrigado a tornar-se novamente severo para com ela.

Naquela mesma manhã, Folco e Ughetto, antes de sair da prisão, ficaram sabendo que Ninetta fora jogada ao mar na noite anterior; depois, foram soltos. Dirigiram-se para a sua residência, com a intenção de consolar as respectivas mulheres pela morte da irmã. Entretanto, embora Madalena se esforçasse por ocultar a verdade, Folco percebeu que Ninetta ali se achava. Sentiu-se profundamente surpreso; suspeitou algo, porque já tinha ouvido dizer que o duque amava Madalena, sua mulher; e perguntou-lhe como se tornara possível a presença de Ninetta em sua casa. Madalena urdiu uma longa mentira para explicar o caso; a mentira não foi muito acreditada por ele, que era malicioso, e que, na verdade, a obrigou a confessar tudo. Afinal, depois de inúmeras palavras, Madalena contou o que se havia passado.

Folco, tomado pela dor e pela ira, puxou a espada e matou a mulher, que inutilmente lhe suplicava perdão. Depois, por temer a fúria e a justiça do duque, ele, Folco, deixou a mulher morta no quarto em que ela caíra; foi ter com Ninetta; e, com semblante infinitamente tranquilo, disse-lhe:

— Vamo-nos, depressa, para onde sua irmã determinou que eu conduza você, a fim de que você não torne a cair nas mãos do duque.

Ninetta acreditou nestas palavras; aliás, cheia de pavor, nada mais desejava senão partir. Por isto, na companhia de Folco, se pôs a caminho, à noite, sem nem sequer procurar despedir-se da irmã Madalena; partiu com o dinheiro de que pôde lançar mão, e que era pouco. Os dois rumaram para a praia; tomaram lugar numa barca, e nunca mais se soube onde aportaram.

Ao surgir o dia seguinte, verificou-se que Madalena havia sido assassinada. Determinadas pessoas, que nutriam inveja e ódio de Ughetto, logo levaram a notícia ao duque; este, que amava muito a infeliz Madalena, correu, furiosamente, para a casa dele; prendeu Ughetto e a sua mulher; e estes dois — que ainda nada sabiam da partida de Folco em companhia de Ninetta, nem da morte de Madalena — foram obrigados, pelo duque, a confessar que haviam sido os assassinos da sua amada. Em consequência desta confissão, Ughetto e a mulher passaram a recluir-se, e com razão, que seriam condenados à morte. Com grande cautela e muito engenho, subornaram os guardas da prisão em que se achavam, dando-lhes certa quantidade de dinheiro, que conservavam à mão, mas às ocultas, para as ocasiões oportunas. Não houve tempo para que reunissem alguns bens, a fim de os levar consigo; os dois e os guardas subornados tomaram uma barca, durante a noite, e fugiram para Rodes, onde viveram pouco tempo, sempre na pobreza e na miséria.

A este triste fim é que o amor louco de Restagnone e a ira de Ninetta conduziram tanto estes dois amantes como outras pessoas mais.

Notas

¹ É outro nome pelo qual também se conhece a ilha de Creta, no mar Mediterrâneo. Boccaccio estabelece diferença, porém, entre a ilha, que chama Creta, e sua capital, que chama Cândia, hoje Caneia.

² Houve, com efeito, na Idade Média, uma pena que consistia em se pôr o condenado, de mãos e pés atados, dentro de um saco; ao saco, amarrava-se uma pedra; e o conjunto era lançado ao mar. Dante fala desta forma de punição capital, na *Divina comédia* (Inferno, Canto XXVIII, verso 80).

QUARTA NOVELA

Contrariando a fé jurada pelo rei Guilherme, seu avô, Gerbino dá combate a um navio do rei de Túnis, para dali retirar uma filha deste soberano. A moça é assassinada pelos tripulantes do navio, os quais, por sua vez, são mortos por Gerbino e seus companheiros. E Gerbino, depois, é decapitado.



concluída a sua narrativa, Laurinha calou-se; dos membros do grupo, ora este, com aquele, ora aquele, com aqueloutro, se puseram a condoer-se em face da desgraça acontecida aos amantes; uns lastimaram a ira de Ninetta; outros diziam uma coisa; outros ainda, mais outra. Em certa altura, o Rei, quase como se houvesse sido afastado de pensamentos em que se havia mergulhado, ergueu o rosto; e fez sinal a Elisa, para que esta falasse em seguida. E ela, humildemente, começou:

— Agradáveis mulheres: são muitos os que acreditam que o Amor lança as suas flechas somente quando é a isso estimulado pelos olhos; e que escarnecem daqueles que sustentam que alguém possa enamorar-se por via de oitiva. Os que assim pensam estão muito enganados. E é isto que se porá de manifesto, com uma novela que pretendo contar. Nesta novela, vocês verão, não só que a fama operou seus efeitos (induzindo à paixão dois seres que nunca se viram), mas também que ela os conduziu à morte infeliz.

Guilherme II,¹ rei da Sicília, como os sicilianos desejam, teve dois filhos; um, menino, chamado Rogério; outro, menina, chamada Constança. Rogério morreu antes de seu pai; e deixou um filho batizado com o nome de Gerbino. Este, criado como foi com diligência pelo seu avô, fez-se moço muito bonito, famoso por seu heroísmo e por sua cortesia. Sua fama não se limitou às fronteiras da Sicília; ressoou, ao contrário, por várias partes do mundo, tornando-se famosa na Barbaria, região que, naqueles tempos, era tributária do rei da Sicília.

No elenco das pessoas a cujos ouvidos chegou a magnífica fama das virtudes e da cortesia de Gerbino, figurou uma filha do rei de Túnis; esta moça, ao que dizia toda criatura que a tinha visto, era uma das mais lindas mulheres jamais formadas pela Natureza; era, ademais, a mais bem-educada, e, além disto, dotada de espírito grande e nobre. A jovem sempre se punha a ouvir, de bom grado, o que se dizia dos homens de valor; por essa forma, reuniu, com enorme afeição, todas as coisas que uns e outros contavam, a propósito dos feitos levados a termo por Gerbino; tanto lhe agradaram as informações, que acabou imaginando, por sua conta, o aspecto que o herói deveria ter; enamorou-se fervorosamente dele; passou a ouvir com muito mais prazer os que falavam de Gerbino; e, aos que dele falavam, ouvia atenciosamente.

De outro lado, a grandíssima fama da beleza, bem como do valor espiritual da moça, chegara à Sicília, como havia chegado a outras partes do mundo; e não foi sem intenso encantamento, nem em vão, que ela penetrou nos ouvidos de Gerbino. Assim, não menos intensamente do que a moça se havia enamorado dele, ele, por sua vez, se inflamou de paixão por ela. Por isto, Gerbino adotou um modo de conduta. Sentia-se ansioso por ver a moça; mas não podia ir encontrar-se com ela, enquanto não surgisse um motivo adequado que lhe justificasse o pedido de licença, ao seu avô, para ir a Túnis. Em consequência, impunha, a todo amigo seu que se dirigisse àquele reino, a tarefa de, a seu arbítrio, difundir, tanto quanto possível, a notícia do seu grande e secreto amor; ao mesmo tempo, essa tarefa complementava-se com a de levar, de Túnis para a Sicília, notícias relativas à filha do mencionado rei.

Alguns dos referidos amigos agiram com extrema sagacidade, levando, como os mercadores costumam fazer, esplêndidas joias, para que a moça as contemplasse. Um deles contou francamente, à mulher, o ardor que ela inspirava a Gerbino; e colocou, à disposição dela, tanto ele próprio, como as suas coisas. A mulher recebeu, com semblante alegre, tanto o embaixador, como a mensagem enviada por seu intermédio; respondeu que ardia de igual amor; e, em prova disto, mandou, a Gerbino, uma das suas joias mais queridas. Gerbino recebeu esta joia com alegria igual à maior alegria com a qual se possa receber a coisa mais querida deste mundo. Depois, várias vezes escreveu à moça, enviando as missivas pelo mesmo embaixador; mandou-lhe presentes riquíssimos; estabeleceu, com ela, determinados pactos, no sentido de um dia se verem e se tocarem, se a sorte lhes concedesse essa oportunidade.

As coisas, porém, se mantiveram nestas condições, prolongando-se esta situação um pouco mais do que o que seria conveniente. Ora: de um lado, a

moça vivia ansiosa; de outro, o mesmo acontecia com Gerbino; mas aconteceu que o rei de Túnis, pai da moça, a prometeu em casamento ao rei de Granada.

A moça sentiu-se profundamente pesarosa por isso; pensou que, dessa forma, se afastava muito, criando enorme distância entre ela própria e o objeto do seu amor; e observou, igualmente, que, assim, ficava quase que totalmente afastada de Gerbino; se encontrasse a maneira de fazer o que imaginava, para evitar que isto acontecesse, de bom grado seria capaz de fugir da casa paterna, a fim de ir unir-se a Gerbino. Semelhantemente, ao ouvir a notícia daquele noivado, Gerbino ficou tristíssimo, passando a viver amargurado; com frequência se pôs a pensar que, se encontrasse a possibilidade, seria capaz de ir raptá-la, ou tomá-la por meio da força, se se desse o caso de ela ser mandada por mar ao soberano de Granada.

O rei de Túnis teve conhecimento deste amor e dos planos de Gerbino; duvidou, porém, do seu valor e do seu poderio; e, assim, quando chegou o tempo de mandar a filha ao seu futuro esposo, enviou mensagem ao rei Guilherme, explicando o que desejava fazer. Esclareceu que faria o que desejava, mas somente se recebesse, do rei Guilherme, a segurança de que não seria impedido, nisso, nem por Gerbino, nem por qualquer outra pessoa. O rei Guilherme, que era senhor idoso, não tinha tido a menor notícia da paixão de Gerbino; não imaginou, pois, que era por causa de tal paixão que aquela segurança lhe era solicitada; e não teve dúvida em conceder aquilo que o rei de Túnis lhe pedia; em sinal de sua fé, mandou, ao rei de Túnis, uma sua luva. O soberano tunisino, depois de receber a garantia desejada, mandou que se aprestasse um navio enorme e muito bonito, no porto de Cartago; ordenou que o dotassem de tudo quanto pudesse ser necessário, bem como de tantos homens quantos fossem mais do que os indispensáveis; determinou que o barco fosse decorado e mobiliado; tudo para mandar a filha a Granada. Quando ficou pronto, nada mais ele esperou, a não ser o bom tempo.

A moça, que sabia de tudo e tudo via, mandou a Palermo um serviçal seu; impôs-lhe o dever de saudar, em seu nome, o belo Gerbino, e de lhe dizer que, dentro de poucos dias, estava para rumar com destino a Granada; nestas condições, agora veria se ele realmente era valoroso como se dizia, e se ele a amava tanto quanto vezes e vezes seguidas lhe comunicara. O serviçal, que recebeu esta incumbência, desempenhou-se dela magnificamente; depois, regressou a Túnis.

Gerbino, ao tomar conhecimento destes fatos, e tendo notícia de que o rei Guilherme, seu avô, tinha dado a garantia de sua fé ao rei de Túnis, ficou sem

saber o que fazer. Mesmo assim, sentiu-se impelido pelo amor; compreendeu perfeitamente as palavras que a mulher lhe mandara dizer; e, para não parecer covarde, rumou para Messina; ali, mandou que se armassem rapidamente duas galeras esguias; tripulou-as com homens valentes; com eles, navegou para a Sardenha, por estar convencido de que por ali deveria passar o navio conduzindo a filha do soberano de Túnis.

Não tardou a evidência do fundamento de realidade da sua convicção. Depois de estar Gerbino uns poucos dias nas costas da Sardenha, aquele navio, levado por pouco vento, apareceu, não muito longe do ponto em que o neto do rei Guilherme se havia postado, à sua espera. Vendo-o, Gerbino disse, aos seus companheiros:

— Senhores: se os senhores são, de fato, tão valorosos como eu os considero, é certo que já souberam, ou que estão sabendo, o que é o amor. Ao que eu penso, de mim para comigo, nenhum mortal pode ter, em si, qualquer virtude, ou mesmo algum bem, desde que não tenha amor. Se os senhores já estiveram enamorados, ou ainda o estão, coisa fácil lhes será o compreender o meu desejo. Eu amo; e o amor me induziu a proporcionar-lhes o presente esforço; o que eu amo se encontra no navio que os senhores estão vendo ali adiante. Aquele navio, trazendo aquilo que eu mais desejo, está cheio de enormes riquezas; se os senhores são homens valorosos, e se combaterem virilmente, com pouco trabalho poderão conquistar os seus tesouros. Da vitória, não quero parte alguma, a não ser uma mulher; é pelo amor dela que me lanço à luta; tudo o mais que no navio houver será de livre propriedade dos senhores. Vamos, pois; assaltemos aquele navio, e que a boa sorte nos favoreça. Deus se mostra propício ao nosso empreendimento, porquanto, uma vez que não faz o vento soprar, obriga o navio a ficar parado.

O belo Gerbino não tinha necessidade de proferir tantas palavras, porque os messinenses, que se encontravam em sua companhia, ansiosos de pilhagem, já estavam fazendo, com o espírito, aquilo que ele lhes solicitava com loquacidade. Todos irromperam em aplausos, produzindo enorme barulheira ao fim do discurso de Gerbino; soaram as trombas; pegaram-se as armas; deu-se com os remos na água; e o grupo de abordagem chegou junto ao navio a ser assaltado.

Os que se encontravam a bordo do navio viram, de longe, que as galeras se aproximavam; mas não tinham possibilidade alguma de movimento; e, por isto, correram para se defender. O belo Gerbino, em chegando ao lugar da luta, esclareceu que os patrões do navio deviam descer para as galeras, se não

quisessem travar batalha. Os sarracenos certificaram-se do que se tratava; verificaram quem eram e o que desejavam os assaltantes; e clamaram que estavam sendo abordados contrariamente à fé dada pelo rei da Sicília; como sinal de que estavam dizendo a verdade, apresentaram a luva do rei Guilherme. Acrescentaram que jamais se renderiam, nem nunca entregariam coisa alguma de bordo do navio, a não ser depois da luta e após a derrota.

Gerbino, nesse entrementes, havia visto a mulher na popa do navio; notou que ela era muito mais bonita do que jamais imaginara; inflamou-se de amor, ainda mais do que antes; e quando mostraram a luva do rei, respondeu que não havia falcões ali, de modo que também não havia lugar para luvas;² acrescentou que, por isso, se não lhe quisessem dar a mulher, os tripulantes do navio deviam aprontar-se para receber o assalto. Sem mais demora, as duas partes começaram a lançar, uma contra a outra, flechas e pedras; durante longo tempo, com grandes danos para os dois contendores, eles combateram por essa forma.

Por fim, Gerbino observou que pouco se conseguiria, daquela maneira. Tomou de uma barquinha, que os seus homens haviam levado a Sardenha; pôs fogo nela; e, com o concurso das duas galeras, conseguiu encostá-la ao costado do navio. Os sarracenos, vendo esta manobra e não podendo impedi-la, compreenderam que estavam sendo colocados na necessidade de render-se ou morrer. Em consequência, mandaram levar para a coberta do navio a filha do rei de Túnis, que tinha ido para o interior do seu bojo, e que lá se havia posto a chorar. Depois, conduziram a moça para a proa; chamaram Gerbino pelo nome; e, diante dos seus olhos, cortaram as veias da linda criatura, que gritava pedindo piedade e ajuda; a seguir, atiraram-na ao mar, e disseram:

— Tome lá; nós lhe damos a mulher, como podemos dá-la, e como a sua fé mereceu!

Gerbino assistiu à crueldade daqueles homens; sentiu algo assim como uma vontade de morrer; não se preocupou mais nem com as pedras, nem com as flechas; mandou que encostassem a sua galera no navio; subiu pelo costado acima, a despeito da oposição de quantos se encontravam a bordo; e agiu da mesma forma que um leão voraz em pleno curral de novilhas; no curral, o leão, impelido pela fome, vai prostrando ora este, ora aquele animal, servindo-se dos dentes e das garras; sacia, primeiro, a sua ira; depois, a sua fome. Assim procedeu Gerbino; com uma espada na mão, prostrou ora este, ora aquele sarraceno; como que levado por um vendaval de crueldade, matou muitos deles.

A essa altura, já o fogo se havia ateado ao navio. Gerbino mandou, pois, que os seus marinheiros retirassem, do navio, o que fosse possível retirar, para pagamento do serviço que lhe haviam prestado; depois, retirou-se de lá; foi pouco alegre a vitória que impôs aos seus adversários. Posteriormente, mandou que se recolhesse, do mar, o corpo da mulher assassinada; chorou por longo tempo, e com muitas lágrimas, sobre ele; e, regressando para a Sicília, fê-lo sepultar, com todas as honras, em Ustica, pequena ilha, que fica quase em frente a Trápani. E voltou para a sua casa, mais entristecido do que qualquer outro homem.

O rei de Túnis, ao saber da ocorrência, mandou os seus embaixadores, todos vestidos de preto, à presença do rei Guilherme; os embaixadores apresentaram-lhe as queixas do soberano, pela fé que fora dada e mal observada; e contaram-lhe como tudo se havia passado. O rei Guilherme ficou profundamente perturbado, ao ouvir a narrativa. Não viu maneira alguma de negar a justiça, que os embaixadores pediam; mandou, pois, que prendessem Gerbino; e ele próprio, o velho rei Guilherme, o condenou à decapitação; nenhum dos seus barões conseguiu removê-lo desse propósito, nem com súplicas, nem com admoestações. O rei mandou que a cabeça de Gerbino fosse cortada em sua presença; preferiu deixar de ter neto, a ser reputado homem sem honra nem fé.

Assim, pois, no curso de poucos dias, os dois amantes, como eu lhes disse, morreram miseravelmente de má morte, sem haver provado o fruto do seu amor.

Notas

¹ Guilherme II (denominado O Bom): filho de Guilherme I, rei da Sicília, a partir de 1166, e que se casou com Joana, filha de Henrique II da Inglaterra. É possível que esta novela não seja pura ficção, devido ao cenário histórico em que se desenvolve.

² Quem ia à caça com falcão, calçava a mão direita com uma luva; com essa mão, segurava a ave de rapina; a luva servia para evitar ferimentos na mão, causados pelas unhas da ave. Isto explica a frase irônica de Gerbino, que aparece na novela.

QUINTA NOVELA

Os irmãos de Lisabetta matam o amante dela; o morto aparece-lhe em sonho, e mostra-lhe o lugar onde está soterrado. Às escondidas, a moça desenterra a cabeça do amante; coloca-a num vaso de terracota de manjerição; sobre esse vaso, passa a chorar todos os dias, durante uma hora cada dia; os irmãos tiram-lhe o vaso; e, pouco depois, ela morre de dor.



concluiu-se a novela de Elisa, que mereceu alguns louvores do Rei; e, então, deu-se a Filomena o encargo de novelar. Filomena, ainda cheia de compaixão para com o infeliz Gerbino e para com a moça que ele amava, emitiu um suspiro de piedade; depois, começou:

— A minha novela, graciosas mulheres, não será de gente de condição social tão elevada como a das pessoas cuja sorte Elisa acaba de contar; mas nem por isto deixará de inspirar igual compaixão. O que me trouxe esta novela à lembrança foi Messina, há poucos momentos recordada, pois foi por lá que o episódio final se passou.

Viviam, pois, em Messina, três jovens irmãos, que eram também três mercadores, e três homens muito ricos, principalmente depois da morte do pai, que procedera de San Gimignano. Estes irmãos tinham uma irmã, chamada Lisabetta, que era moça muito bonita e muito bem-educada; fosse lá por que razão fosse, eles ainda não a haviam casado. Além disto, aqueles irmãos tinham, num seu armazém, um mocinho pisano,¹ chamado Lourenço, que lhes orientava e fazia todos os negócios. Este Lourenço era muito bem-apeado e de maneiras galantes. Lisabetta observou-o inúmeras vezes; e, muito estranhamente, começou a gostar do rapaz. Lourenço percebeu o fato, em várias oportunidades; por isto, deixou as outras namoradas de lado e, começou a concentrar seus anseios na pessoa de Lisabetta.

As coisas correram por tal forma, que, gostando-se os dois, um do outro, dentro de pouco tempo, com a devida prudência, passaram a fazer e a gozar aquilo a que mais aspiravam fazer e gozar. Prosseguiram nessas condições.

Auferiram, assim, bons tempos e intensos prazeres; mas não souberam conservar em segredo as suas relações. Tanto que, certa noite, quando Lisabetta se dirigia para o lugar onde Lourenço dormia, o mais velho dos seus irmãos, de tudo teve conhecimento, sem que ela desse por isso. Este irmão era moço comedido e ponderado; ficou muito aborrecido, por certo, ao descobrir o que descobriu; mas se viu levado por um raciocínio honrado; não fez, nem disse, coisa alguma a tal respeito, naquela hora; várias coisas andou imaginando e pensando, em torno do fato; e assim se manteve até à manhã seguinte.

Quando o novo dia despontou, contou, aos seus irmãos, o que havia visto passar-se, na noite anterior, entre Lisabetta e Lourenço. Os três irmãos trocaram ideias por longo tempo; por fim, deliberaram calar-se a propósito do que sabiam, para que nenhuma vergonha, ou infâmia, recaísse sobre eles, nem sobre a irmã; resolveram fingir que não haviam visto, nem sabido, fosse lá o que fosse, até que chegasse a hora em que eles, sem dano algum, nem inconveniência, pudessem limpar do próprio rosto esta mancha; mas decidiram que essa hora deveria chegar antes que o mal perdurasse por mais tempo.

Com esta disposição de espírito, os três irmãos saíram da cidade, levando em sua companhia o jovem Lourenço, como costumavam fazer; brincando e rindo, lá se foram todos. Ao chegar num lugar muito distante e solitário, os irmãos julgaram apropriado o momento; mataram Lourenço, que, de nada suspeitando, não se pusera em guarda; e enterraram-lhe o corpo, de modo que ninguém pudesse notar o que acontecera.

Voltaram os irmãos para Messina; ali, fizeram correr a notícia de que haviam mandado Lourenço a algum lugar, para tratar de negócios. A isto se deu crédito, sem dificuldade, porque se haviam habituado, a mandar, com muita frequência, aquele moço para as redondezas.

Lourenço não voltou mais; como não voltasse, Lisabetta passou a perguntar por ele, com muita insistência, aos seus irmãos; era evidente que a longa ausência do moço lhe causava preocupações. Um dia, aconteceu que, por ela interrogar com persistência ainda maior, um dos irmãos lhe disse:

— Que quer dizer esta sua insistência? Que é que você tem que fazer com Lourenço, para perguntar por ele com tanta frequência? Se continuar a perguntar, nós lhe daremos a resposta a que você faz jus.

À vista disto, a moça, aflita e triste, passou a não perguntar mais coisa alguma; contudo, receava, embora não soubesse o quê. Muitas e muitas vezes, durante a noite, chamou o rapaz, e suplicou-lhe que regressasse à sua companhia. De quando em quando, chorava, derramando muitas lágrimas,

devido à prolongada ausência do amante; e, sem alegrar-se nunca, prosseguiu esperando que Lourenço, um dia, lhe reaparecesse.

Aconteceu, certa noite, que Lisabetta chorou muito a ausência de Lourenço, que não voltava; por fim, mesmo chorando, acabou por adormecer. E Lourenço, então, lhe apareceu em sonho; surgiu pálido, em completo desalinho, com a roupa toda rasgada e molhada; e pareceu, a ela, que ele dissesse:

— Oh! Lisabetta! Você não faz mais do que chamar-me; entristece-se, devido à minha longa ausência; e, com as suas lágrimas, me acusa severamente; por isto, é bom que saiba que eu não posso mais voltar; no último dia em que você me viu, os seus irmãos me mataram.

A aparição indicou o lugar onde seu corpo havia sido enterrado; e recomendou que não o chamasse mais, nem o esperasse de maneira alguma; e dissipou-se.

A moça despertou; deu crédito à visão que tivera; e tornou a chorar amargamente. Na manhã seguinte, ergueu-se; não ousou dizer coisa alguma aos irmãos; e resolveu ir ao lugar indicado, a fim de verificar se era verdade aquilo que no sono lhe aparecera. Obteve permissão para ir um pouco além dos limites da cidade, como que para fazer exercício; e, em companhia de uma aia, que já estivera a seu serviço e que conhecia todos os seus segredos, saiu de casa, o mais cedo que pôde, dirigindo-se para aquele lugar. Ali, retirou as folhas secas, que se haviam depositado no chão; e cavou a terra onde lhe pareceu que ela era menos consistente. De resto, não precisou cavar muito, pois logo encontrou o corpo do seu infeliz amante; esse corpo não estava ainda desfeito, nem decomposto; em consequência, convenceu-se de que era verdade o que a visão lhe dissera.

Sentiu-se, pois, profundamente entristecida; percebeu que, já então, de nada mais adiantava chorar; se lhe houvesse sido possível, de bom grado teria levado consigo, dali, o corpo todo, a fim de lhe dar sepultura mais decorosa. Verificando, porém, que isto não podia dar-se, separou, por meio de uma faca, e da melhor forma que pôde, a cabeça daquele busto; envolveu a cabeça numa toalha; tornou a atirar terra por cima do resto do corpo; pôs a cabeça nos braços da aia; em tudo isto, não foi vista por pessoa alguma; retirou-se dali, regressando à própria casa.

Em casa, fechou-se, em seu quarto, com aquela cabeça; sobre ela, chorou longa e amargamente; chorou tanto que, com as suas lágrimas, a lavou; e beijou-a com mil beijos por toda parte. Depois, pegou um belo vaso grande, de

terracota, daqueles nos quais se planta o manjerição, ou o basilicão; colocou, dentro deste vaso, a cabeça de Lourenço, envolta em rico tecido; depois, lançou terra por cima; e, afinal, ali plantou vários pés de basilicão de Salerno, que nunca regava com outra água que não fosse de rosas, ou de flores de laranjeira, ou com as suas lágrimas. Acostumou-se a sentar-se sempre perto deste vaso, e a contemplá-lo com uma expressão que traduzia todo o seu desejo, como se ele contivesse o seu Lourenço escondido. Em regra, depois de contemplar longamente o vaso, aproximava-se mais dele, recomeçava a chorar, e por longo tempo continuava chorando, a tal ponto que banhava todo o basilicão. E o basilicão, seja devido ao longo e contínuo trato, seja pela fertilidade da terra, decorrente da cabeça putrefata que no seu interior se encontrava, tornou-se uma planta belíssima e fortemente odorífera.

Agindo continuamente por esta forma, a moça foi várias vezes vista pelos seus vizinhos. A estes vizinhos, os irmãos de Lisabetta haviam manifestado a sua estranheza, devido à beleza dela, que desaparecia, parecendo até que os olhos se lhe houvessem fugido da cabeça; e os vizinhos, então, disseram, àqueles irmãos:

— Nós notamos que ela se comporta desta maneira.

Os irmãos ouviram isto; perceberam do que se tratava; aliás, já a haviam repreendido por aquele comportamento, embora sem resultado; e, certo dia, sem que ela o notasse, retiraram o vaso. A moça, depois, não encontrando o vaso no respectivo lugar, pediu a sua restituição, inúmeras vezes e com grande insistência. Como o vaso não lhe era devolvido, e como não cessavam o seu pranto e as suas lágrimas, ela enfermou; durante toda a doença, nada mais pediu do que a restituição do vaso. Os irmãos muito se admiraram de tamanha insistência na recuperação do vaso; por isto, quiseram verificar o que havia dentro dele. Retiraram-lhe a terra; encontraram o rico tecido, e, envolta por este, a cabeça; esta já estava decomposta, mas ainda não ao ponto de tornar impossível reconhecer, pelos cabelos crespos, que pertencera a Lourenço. Os moços ficaram surpresos, em face daquela descoberta; recearam que se viesse a saber o que haviam feito; cautelosamente, pois, puseram seus assuntos em ordem e saíram de Messina, rumando para Nápoles.

A moça nunca deixou de chorar; continuou sempre a pedir que lhe restituíssem o vaso; e, sempre chorando, morreu. Assim, o seu desventurado amor teve termo.

Depois, porém, o episódio se tornou conhecido de muita gente; e, então, alguém compôs aquela canção que ainda hoje se canta, isto é:

*Quem foi o mau cristão
Que me roubou o vaso
etc.²*

Notas

¹ Natural da cidade de Pisa, Itália.

² Esta novela parece relatar um fato realmente acontecido, pois a canção, a que Filomena alude, ao fim da sua narrativa, a respeito do vaso, ainda era cantada pelo povo nos tempos de Boccaccio.

SEXTA NOVELA

Andreuola ama Gabriotto; ela conta-lhe um sonho; ele, conta-lhe outro, e morre, subitamente, nos braços dela. Enquanto ela, em companhia de uma sua aia, procura levar-lhe o corpo para a casa dele, é presa pela Senhoria; e ela narra como o fato se deu. O podestade quer forçá-la; ela não o tolera. O pai dela toma conhecimento disto, e, depois de ela ser considerada inocente, faz com que a ponham em liberdade. A moça, recusando-se terminantemente a continuar no mundo, se faz monja.



novela narrada por Filomena agradou imensamente às mulheres, pois elas tinham ouvido cantar muitas vezes a mencionada canção; mas nunca souberam, embora o perguntassem, qual fora o motivo que determinara a sua composição. O Rei, contudo, ao notar que se havia chegado ao fim da novela de Filomena, ordenou a Pânfilo que prosseguisse a série. E Pânfilo, então, disse:

— O sonho, referido na novela precedente, estimula-me a proceder a uma narrativa na qual se faz menção de dois sonhos; estes entretanto, aludiam a coisas que estavam para acontecer, ao passo que aquele se referira a fato já acontecido; assim que os dois sonhos acabaram de ser contados por aqueles que os haviam tido, a sua transformação em fato se seguiu.

Vocês devem saber, amorosas mulheres, que é inclinação de toda pessoa que vive a de querer ver várias coisas no sono; estas coisas se afiguram todas verdadeiras, a quem dorme, enquanto dorme; quando acorda, algumas parecem verossímeis, e uma parte é considerada fora de toda realidade; ainda assim, verifica que muitas se transformam em fatos. Por este motivo, muita gente presta, a cada um dos próprios sonhos, fé igual à que prestaria às coisas vistas em estado desperto. Essa gente se entristece e se alegra, de acordo com os sonhos que tem; e por eles se anima de receios, ou de esperanças. Outras pessoas há que, ao contrário, em nenhum sonho acreditam, a não ser depois que se veem atingidas pelo perigo visto durante o sono.

Não louvo o comportamento de uns, nem o de outros, porque os sonhos nem sempre dizem a verdade, e nem deixam sempre de a dizer. De que eles não são todos verdadeiros, cada um de nós já teve muitas vezes conhecimento; e de que eles não são todos falsos, já foi visto através da novela de Filomena; e eu também, na minha, como já anunciei, pretendo demonstrar.

Eu julgo que, quando se vive e se age virtuosamente, não se deve temer o sentido contrário de sonho algum; e nem, por causa dos sonhos, se deve abandonar qualquer bom propósito; entretanto, quando se trata de ações más e perversas, mesmo que os sonhos se afigurem favoráveis a elas, e mesmo que os sonhos confortem e estimulem, com segundas demonstrações, os que os sonham, em nenhum deles se deve acreditar; quanto a sonhos, só se deve prestar fé àqueles que se manifestam contrariamente à prática do mal.

Passemos, todavia, à novela.

Existiu, na cidade de Bréscia, um gentil-homem chamado sr. Negro de Pontecarraro; entre vários outros filhos, tinha ele uma filha, chamada Andreuola, que era jovem muito bonita e sem marido. Esta moça se enamorou, por acaso, de um seu vizinho, que tinha o nome de Gabriotto, e que era homem de humilde condição social, embora fosse possuidor de costumes louváveis, e, quanto à pessoa, de aspecto belo e agradável. Por obra e ajuda da aia, tanto fez a moça, que Gabriotto não somente veio a saber que era amado por Andreuola, mas também se viu conduzido várias vezes a um lindo jardim do pai dela, para deleite e prazer de ambas as partes.

A fim de que nada, afora a morte, pudesse perturbar, nunca, este encantamento de amor, os dois se fizeram, em segredo, marido e mulher. Assim, os seus furtivos encontros prosseguiram; mas aconteceu, certa noite, que a moça, dormindo, teve a impressão de se ver, a si mesma, naquele jardim, em companhia de Gabriotto, e de o apertar em seus braços, com enorme prazer de cada um. Enquanto assim se demoravam, parecia-lhe a ela ver sair do corpo dele uma coisa escura e terrível, cuja forma não conseguia identificar; afigurava-se-lhe que esta coisa agarrava Gabriotto, e que, a despeito dos esforços dela, lhe arrancava dos braços, com força prodigiosa, e com ele se refugiava por baixo da terra; havia no sonho, a sugestão de que, dali por diante, não mais se puderam ver um ao outro. Por isto, ela sentira uma dor profunda e inenarrável.

Por efeito desta dor, despertou do sonho; ao acordar, sentiu-se aliviada por verificar que as coisas não corriam, na realidade, como as havia sonhado; mesmo assim, teve medo do sonho. Em consequência, visto que Gabriotto desejava encontrar-se com ela na noite seguinte, a moça fez o possível para

evitar que ele aparecesse. Todavia, observando a insistência de Gabriotto, e não desejando que ele suspeitasse fosse lá do que fosse, recebeu-o no seu jardim, na noite que se seguiu.

Os dois colheram, no jardim, muitas rosas brancas e vermelhas, porque essas eram as flores da estação; depois, foram sentar-se ao pé de uma belíssima fonte, de água muito clara, que no jardim havia. Ali, depois de longo tempo transcorrido entre beijos e carinhos recíprocos, Gabriotto perguntou, a Andreuola, pela razão do seu comportamento, no sentido de evitar que ele aparecesse no jardim na noite do dia anterior. A moça contou, ao jovem, o sonho que tivera duas noites antes; e explicou-lhe a suspeita que lhe entrara no espírito.

Gabriotto, ao ouvir isto, muito se riu; e esclareceu que grande tolice constituía o ato de se prestar fé aos sonhos, uma vez que os sonhos ocorriam ou por excesso de ingestão de alimentos, ou por falta de alimentação; ademais, fácil era ver, todos os dias, que os sonhos eram todos destituídos de significado; a seguir, o moço assim falou:

— Se eu tivesse querido acreditar nos sonhos, não teria vindo hoje aqui; e isto não tanto pelo seu sonho, e sim por causa de outro sonho, que eu sonhei na noite passada. Durante este sonho, pareceu-me estar numa floresta linda e agradável, e andar caçando no seu interior. Afigurou-se-me que eu havia apanhado uma cabrita, tão bonita e tão graciosa como a mais bonita e a mais graciosa que já se houvesse visto. Parecia-me que ela era branca como a neve. Em breve espaço de tempo, o animalzinho se tornou tão meu amigo, que já não desejava mais separar-se de mim. De minha parte, eu passara a querer tanto a cabritinha, que, para que ela não se afastasse de mim; eu lhe pusera um colar de ouro ao pescoço; ao colar, eu prendera uma corrente também de ouro; e assim eu a conservava sempre ao meu alcance, segurando-a com as minhas mãos. Depois disto, no sonho, pareceu-me que o animalzinho se pusera, certa vez, a descansar; e que sua cabeça repousava sobre o meu peito. Nisto, começou a sair, não sei de onde, um galgo negro como carvão; o galgo estava faminto e tinha aspecto espantoso; caminhou na minha direção; a isto, pareceu-me que nenhuma resistência eu poderia opor. Pareceu-me, igualmente, que o galgo ia afundando o seu focinho no meu peito, do lado esquerdo; depois, passou a roer o interior do meu peito, até chegar ao coração; e afigurou-se-me que desejava arrancar-me o coração, para levá-lo embora consigo. Em consequência disto, senti tamanha dor, que o sono se interrompeu; acordando, pus logo a mão sobre o lado esquerdo do peito, para verificar se não havia

acontecido nada. Não encontrando coisa alguma de anormal, zombei de mim mesmo, por haver procurado essa coisa. Mas que é que pode querer dizer um sonho desta ordem? Fatos desta natureza, e muito mais espantosos ainda, eu já os vi; nem por isto me aconteceu fosse lá o que fosse, neste mundo. Por isto, deixemos de lado os sonhos; pensemos em entreter-nos tão agradavelmente quanto possível.

A moça, que já estava muito assustada com o sonho que tivera, mais assustada ainda ficou, ao ouvir o sonho tido por Gabriotto; contudo, para não se tornar causa de desagrado ao moço, ocultou, tanto quanto pôde, o medo que sentia. Abraçou-o e beijou-o, sentindo-se abraçada e beijada por ele; embora, porém, tivesse grande prazer com isso, prosseguiu suspeitando alguma coisa, mas sem saber o quê. Em consequência, contemplou o rosto do homem amado, mais vezes do que do costume, e com mais fixidez do que lhe era habitual. De quando em quando, lançava um olhar intenso pelo jardim todo, como se o fizesse para verificar se alguma coisa sombria estivesse surgindo de algum lugar.

Encontrando-se os dois nesta situação, Gabriotto emitiu um grande suspiro; depois abraçou-a e disse:

— Ai de mim, alma minha! Ajude-me, que estou morrendo!...

Depois de dizer isto, Gabriotto caiu no chão, sobre a relva do canteiro. Ao ver isto, a moça recolheu-o no seu colo, e, quase chorando, exclamou:

— Oh! senhor meu, querido! Que é que você está sentindo?

Gabriotto não respondeu; começou a respirar com dificuldade, e a suar muito; e, depois de poucos momentos, desapareceu da vida presente. Todos podem imaginar como foi doloroso e comprometedor aquele episódio, para a moça que amava o moço muito mais do que a si mesma. Ela chorou muito a morte do rapaz; e muito o chamou, embora em vão.

Quando, porém, verificou que ele se encontrava, de fato, morto, apalpou-lhe o corpo por toda parte, e em tudo encontrou contato frio; ficou, pois, sem saber o que fazer e o que dizer. Toda banhada em lágrimas como estava, e dominada por indescritível angústia, foi chamar a aia, que já tinha conhecimento do seu amor; e a ela comunicou a sua infelicidade e a sua angústia. Depois de chorarem, juntas, sobre o rosto de Gabriotto, a moça disse à aia:

— Uma vez que Deus me tolheu o homem que eu amava, não desejo continuar vivendo; contudo, antes que eu me mate, gostaria de acomodar as coisas por tal forma, que a minha honra nada sofra, e que não se viole o

segredo do amor que existiu entre ele e mim. É preciso, pois, que o corpo, do qual se partiu a alma cheia de encantos, seja sepultado.

Ao isto, a aia disse:

— Minha filha: não diga que deseja matar-se, porque, se você perdeu Gabriotto neste mundo, também no outro você o perderá, se se matar; porque quem se mata vai para o inferno; estou certa de que a alma de Gabriotto não rumou para lá, porque ele sempre foi moço muito bondoso. É melhor você pensar em confortar-se com orações, ou com outras coisas que façam bem à alma dele, se é que, por algum pecado cometido, tenha disso necessidade. Quanto a sepultá-lo, o modo mais rápido será fazer isso neste mesmo jardim; disto, pessoa alguma jamais saberá seja lá o que for, pois ninguém sabe que ele por aqui tenha estado alguma vez. Se você não quiser que assim se faça, ponhamos o corpo fora do jardim, e o deixemos estar ali; será encontrado amanhã cedo; depois, será levado à casa dele, e dado à sepultura pelos seus parentes.

Embora cheia de amargura e chorando incessantemente, a moça nem por isso deixou de ouvir os conselhos da aia; não concordou com a primeira parte; mas, quanto à segunda, respondeu, dizendo:

— Não queira Deus que um moço tão caro, tão amado por mim, e meu marido, seja por mim sepultado à guisa de um cão, ou deixado estendido por terra, à beira da estrada. Ele já recebeu as minhas lágrimas; e, no que estiver ao meu alcance, farei com que ele receba também aquelas dos seus parentes. Aliás, já está passando pelo meu espírito o que nós devemos fazer para tal fim.

Sem perda de tempo, mandou que a aia fosse buscar uma faixa de seda, que conservava guardada num cofre. Quando a aia voltou, estendeu a faixa no chão; sobre a faixa, as duas mulheres puseram o corpo de Gabriotto; fizeram com que a cabeça do morto repousasse sobre uma almofada; com muitas lágrimas, cerraram-lhe os olhos e a boca; compuseram uma grinalda de rosas e derramaram rosas ao redor do corpo todo.

E, depois, Andreuola disse à aia:

— Daqui à porta da casa dele, o trajeto é breve; por isto, você e eu poderemos levá-lo para lá, assim como ele está disposto agora; depositaremos o corpo diante daquela porta. Não se passará muito tempo, antes que o novo dia surja; então, ele será recolhido. É verdade que isto não vai constituir consolo algum, para os membros da família dele; contudo, será uma satisfação para mim; pois foi nos meus braços que ele morreu.

Depois de dizer isto, Andreuola se pôs de novo de joelhos, e, com lágrimas abundantes, tornou a banhar o rosto do homem morto, continuando a chorar assim por longo tempo. A seguir, muito solicitada pela aia, porque o dia não tardava a clarear, Andreuola ergueu-se; tirou de seu dedo o anel com o qual Gabriotto se havia casado com ela; pô-lo no dedo da mão do moço falecido; e, sempre banhada em lágrimas, disse:

— Meu caro senhor: se a sua alma vê, agora, as minhas lágrimas; e ainda que nenhum sentimento, que nenhum conhecimento, reste ao corpo, depois da partida da alma, receba benevolmente a última oferenda daquela que você, em vida, tanto amou.

Ao terminar de dizer isto, caiu, desmaiada, sobre o corpo morto. Depois de algum tempo, voltou a si; ergueu-se; e, juntamente com a aia, pegou a faixa de seda, sobre a qual o corpo jazia; carregando-o, as duas mulheres saíram do jardim, e rumaram na direção da casa de Gabriotto. Enquanto caminhavam por essa forma, aconteceu que os membros da guarda do podestade, passando por ali, por acaso, em consequência de algum episódio qualquer, as surpreenderam; foram por eles encontradas e presas com o corpo do morto. Andreuola, mais ansiosa de morrer do que de viver, percebeu que se tratava de gente da guarda da Senhoria; e disse, com franqueza:

— Eu sei quem os senhores são, e sei também que de nada valeria pretender fugir; estou pronta a ir, com os senhores, perante a Senhoria, a fim de contar o que foi que aconteceu. Contudo, nenhum dos senhores tenha a ousadia de tocar em mim, uma vez que me mostro obediente; também não ousem remover seja lá o que for deste corpo, se não quiserem ser acusados por mim.

Assim, sem ser tocada por quem quer que fosse, sempre carregando o corpo de Gabriotto, Andreuola rumou para o palácio. O podestade, ouvindo o que ela dizia, ergueu-se; fez com que encerrassem a mulher numa sala; e tratou de se informar de tudo quanto havia realmente ocorrido. Mandou que alguns médicos verificassem se o moço havia sido assassinado por meio de veneno, ou de outro recurso; todos os médicos, porém, concluíram pela negativa; disseram que não se empregara veneno, mas que, ao contrário, alguma veia, ou artéria, perto do coração, se havia rompido, sufocando o infeliz.

Ao ouvir isto, o podestade decidiu que Andreuola era culpada apenas em pequena monta; empenhou-se, pois, no sentido de mostrar que lhe daria aquilo que não lhe poderia vender; e acrescentou que, desde que ela concordasse em proporcionar-lhe, a ele, o prazer que ele queria, ele a poria em liberdade.

Como as palavras do podestade de nada valeram, ele, abusando, pretendeu fazer uso da força. Andreuola, porém, inflamada pelo ódio, e tornada fortíssima pelo sentimento de reação, defendeu-se virilmente; repeliu o podestade, com palavras violentas e altivas.

Entretanto, tendo já clareado o dia, todas estas coisas foram levadas ao conhecimento do sr. Negro; este, profundamente entristecido, rumou para o palácio da Senhoria, em companhia de muitos dos seus amigos; ali, foi informado de todos os pormenores, pelo próprio podestade; e, amargurado, pediu que a filha lhe fosse devolvida. O podestade, desejando acusar-se a si mesmo, por haver pretendido empregar a força, antes de ser por ela acusado, louvou, em primeiro lugar, a constância do sentimento de amor da jovem; e esclareceu que foi para pôr em prova esta constância, que agira por aquela forma, procurando obter-lhe os favores.

Em consequência da conduta da moça, toda feita de retidão e de firmeza, ele, o podestade, ao que declarou, se sentiu apaixonado por Andreuola. Se, pois, fosse do agrado dele, sr. Negro, que era o pai da moça, e desde que ela, embora tivesse tido por marido um homem de humilde condição social, com isso concordasse, ele, o podestade, de bom grado a receberia como esposa.

Enquanto os dois homens assim falavam, Andreuola foi à presença do pai; atirou-se de joelhos aos seus pés; e disse:

— Meu pai: não penso que seja indispensável que eu torne a contar a história da minha afoiteza e da minha desgraça; tenho a certeza de que o senhor já a ouviu e já a conhece. Por isto, com o máximo das minhas forças, peço-lhe perdão da minha falta, isto é, de ter, sem o seu conhecimento, recebido por marido o homem que mais me agradou. Não lhe peço este perdão, para obter, através dele, o perdão da minha vida; peço-o, ao contrário, para morrer como sua filha, e não como sua inimiga.

Assim dizendo, ela estendeu-se no chão, aos pés dele, chorando. O sr. Negro, que era homem já idoso, mas de índole bondosa e afetuosa, ouviu aquelas palavras; e, por sua vez, começou a chorar; em lágrimas, ergueu do chão a filha; pô-la enternecidamente de pé; e disse:

— Minha filha: muito me agradaria que você houvesse recebido, para marido, um homem que, na minha opinião, merecesse você; entretanto, se você recebeu como esposo o homem que mais lhe agradava, também a mim isso deveria ser agradável. Como, porém, você me ocultou o fato, isto me penaliza, porque comprova pouca confiança de sua parte; e mais ainda me penaliza, agora, que vejo que você o perdeu muito antes que eu o houvesse

sabido. Contudo, uma vez que as coisas aconteceram por essa forma, quero que se faça, por ele, na morte, aquilo que, para contentar a você, eu teria feito por ele, quando vivia; quero que seja honrado como meu genro.

Voltou o ancião para os outros filhos e para os parentes; ordenou-lhes que tomassem as providências para as exéquias de Gabriotto, que deveriam ser honrosas e imponentes.

Neste entrementes, tinham aparecido, no palácio, os parentes e as parentas de Gabriotto, que já haviam recebido notícia da infausta ocorrência; além deles, para lá acorreram quase todos os homens e mulheres que havia na cidade. Assim, o corpo de Gabriotto foi posto no meio do pátio, sempre em cima da faixa de seda de Andreuola, e sempre rodeado das rosas que ela lhe pusera ao redor. Ali, o corpo não foi chorado somente por Andreuola e pelos parentes; foi chorado, em público, por quase todas as mulheres da cidade, bem como por grande número de homens; não foi ele chorado à guisa de plebeu, e sim de senhor.

Depois de retirado do pátio público, o corpo foi transportado para a sua sepultura, aos ombros dos mais nobres cidadãos do lugar, e com enormes honrarias. Depois de vários dias, a contar destas ocorrências, o podestade insistiu no pedido que havia feito, antes, ao sr. Negro; este conversou com a filha; mas a filha de nada quis saber. Como o pai quisesse fazer o que mais ela desejasse, concordou em que ela, com a sua aia, entrasse para um mosteiro muito famoso por sua santidade, e ali se fizesse monja; e as duas mulheres, dali por diante, durante muito tempo, e honestamente, naquele mosteiro viveram.

SÉTIMA NOVELA

Simona ama Pasquino; os dois se encontram juntos, num horto. Pasquino esfrega, nos próprios dentes, uma folha de salva; e morre. Simona é presa; e, desejando mostrar ao juiz como foi que Pasquino morreu, também esfrega nos dentes uma daquelas folhas; e, semelhantemente, morre.



Pânfilo já se havia desincumbido da tarefa de dizer a sua novela. O Rei, não manifestando qualquer compaixão para com Andreuola, olhou para Emília; e fez sinal de que era de seu agrado que ela, procedendo à sua narrativa, prosseguisse na série daqueles que vinham novelando. Emília, então, sem qualquer demora, assim começou:

— Queridas companheiras: a novela contada por Pânfilo me incentiva a dizer outra, em nada semelhante à dele, a não ser na circunstância de Andreuola haver perdido no jardim o homem que amava, coisa que também aconteceu àquela de quem vou falar. Aliás, a minha personagem, igualmente presa, como aconteceu a Andreuola, não se livrou do tribunal por meio da força, nem da virtude, mas sim da morte inopinada.

Já por várias vezes foi dito, entre nós, que o amor mora, de bom grado, nas casas dos homens nobres; nem por isso, porém, ele se recusa a imperar nas casas dos pobres; ao contrário: de quando em quando, ele revela por tal forma as suas forças, nestas casas, que se faz temer, pelos mais ricos, como senhor potentíssimo que é. Esta verdade, não no seu todo, mas em grande parte, ficará evidenciada na minha novela, com a qual me apraz voltar à cidade de vocês. Lembremo-nos de que hoje, falando sobre coisas diversas, de modos diferentes, andamos vagando por várias partes do mundo, distanciando-nos, portanto, desta cidade de Florença.

Existiu, pois, ainda não há muito tempo, em Florença, uma jovem muito bela e elegante, no quadro da sua condição social; era filha de pai pobre; e tinha o nome de Simona. Embora se visse obrigada a ganhar com os próprios braços o pão que quisesse comer, e se sustentasse fiando lá, nem por isso era a sua alma

tão pobre, a ponto de não ousar receber o Amor. E o Amor, transformado nos atos e nas palavras agradáveis de um mocinho, de posição social não superior à dela, durante longo tempo andou dando mostras de querer entrar em seu espírito.

O mocinho distribuía, por determinação do seu senhor, a lã que este desejava que fosse fiada. Recebeu ela, pois, o Amor, na própria alma, com o agradável aspecto do moço que amava, e cujo nome era Pasquino; passou a desejar ansiosamente o jovem; mas não ousava tomar a iniciativa de ir mais adiante; por isto, quando fiava, a cada passo de lã fiada que enrolava no fuso, emitia mil suspiros mais ardentes do que o fogo; e, assim fazendo, recordava-se daquele que lhe havia levado a lã para fiar.

De outro lado, o rapaz se tornara solícito, mostrando-se interessado em que bem se fiasse a lã do seu senhor; era como se somente a lã fiada por Simona, e não a fiada por outras fiandeiras, tivesse de ser empregada na confecção dos tecidos; era a Simona, mais do que às outras, que ele ia levar lã para fiar. Assim, ele solicitando, e ela gostando de ser solicitada, aconteceu que ele criou mais coragem do que lhe era habitual, e que ela pôs de lado muito do medo e da vergonha que costumava ter; por essa forma, uniram-se os dois, no gozo de prazeres simples e comuns. Estes prazeres agradaram muito, tanto a uma das partes, como à outra. De tal maneira isto ocorreu, que, ao invés de um esperar ser convidado pelo outro, cada qual se adiantava para formular o convite. Nestas condições, o gozo dos prazeres comuns prosseguiu, indo de um dia a outro, e ganhando intensidade da sua própria continuação.

De uma feita, Pasquino disse, a Simona, que gostaria, sinceramente, que ela descobrisse a maneira de poder ir a um jardim, para onde ele desejava conduzi-la; o propósito era o de ali ficarem juntos, com mais comodidade e com menos probabilidade de suspeitas. Simona disse que lhe agradaria fazer isso.

Num domingo, depois do jantar, ela deu a entender, ao próprio pai, que desejava ir às indulgências de São Galo; e, em companhia de uma amiga chamada Lagina, rumou para o jardim que lhe fora indicado por Pasquino; nesse jardim, encontrou-se com o amante, que, por sua vez, para lá se havia encaminhado na companhia de um amigo que tinha o nome de Puccino, mas que todos chamavam Stramba. Ali, travaram-se novas relações de amor entre Stramba e Lagina; enquanto isto, Pasquino e Simona se recolheram a um canto do jardim, para gozar mais intimamente os seus prazeres, deixando Stramba e Lagina em outro recanto.

No canto do jardim, para o qual Simona e Pasquino haviam rumado, havia uma sebe enorme e muito bonita de salva. Foi ao pé desta sebe que os dois se sentaram, e onde muito tempo ficaram, auferindo um do outro os mais deliciosos prazeres. Depois, os dois se puseram a falar de certa merenda que, naquele horto, e com o espírito repousado, projetavam realizar.

Enquanto falavam, Pasquino voltou-se para a sebe; colheu uma folha de salva e com ela começou a esfregar os próprios dentes e as próprias gengivas; dizia que a salva limpava muito bem os dentes e as gengivas, retirando tudo quanto pudesse ali haver ficado depois de qualquer refeição. Depois de proceder àquele comportamento por alguns minutos, Pasquino voltou à conversação relativa à merenda, de que se havia falado pouco antes. Não prosseguiu conversando muito tempo, porque logo começou a mudar de aspecto no rosto; depois da mudança, pouco tempo se passou; logo após, ele perdeu a vista e a palavra; e, dentro de pouco tempo, morreu.

Simona, ao ver tudo se passar, começou a chorar e a gritar; chamou Stramba e Lagina; estes dois acorreram imediatamente; viram que Pasquino já estava não somente morto, mas também inchado e todo recoberto de manchas escuras, tanto no rosto como no resto do corpo. De súbito, ao contemplar este quadro, Stramba gritou para Simona:

— Ah! Mulher perversa! Foi você que o envenenou!

Stramba promoveu uma enorme barulheira, que foi ouvida por muita gente que morava nas proximidades do jardim; estes vizinhos acudiram aos gritos; dirigiram-se ao jardim; encontraram Pasquino morto e inchado; viram Stramba queixando-se da perda do amigo e acusando Simona de haver atraído Pasquino por meio de engano, a fim de o envenenar; viram, igualmente, que Simona, surpreendida pela dor do acidente súbito e desconcertante, que lhe havia roubado o homem que amava, se encontrava como que fora de si, não sabendo nem sequer desculpar-se; por isto, todos acharam que, como Stramba clamava, fora ela, Simona, a envenenadora de Pasquino.

Em consequência, aqueles vizinhos a agarraram, muito embora ela continuasse a chorar cada vez mais convulsivamente e a levaram para o palácio do podestade. Ali, devido às insistências de Stramba, de Atticciato e de Malagevole — que eram companheiros de Pasquino, e que apareceram no palácio —, um juiz, sem dar margem a delongas, se pôs a interrogar Simona sobre o que tinha acontecido.

Não podendo compreender como é que ela poderia haver agido com malícia, ou ser culpada, naquele episódio, o juiz quis ver, na presença dela, o

corpo morto e o lugar da ocorrência; fez reconstruir a cena, de acordo com o que ela dizia, uma vez que, só pelas palavras que ela proferia, não era possível perceber bem tudo quanto se havia passado. Ordenou pois, que, sem tumulto, Simona fosse levada de novo ao jardim, onde ainda jazia o corpo de Pasquino; o corpo estava inchado como um barril. O juiz também para lá se dirigiu; maravilhou-se ao ver o morto naquelas condições; e indagou como aquilo podia ter acontecido.

Simona aproximou-se da sebe de salva; e, depois de contar, com pormenores, todos os antecedentes do caso, quis demonstrar, plenamente, com fatos, como foi que o acidente se deu; para isto, fez exatamente como Pasquino fizera: tomou uma daquelas folhas e esfregou-a nos próprios dentes. Todos os atos por ela praticados, em presença do juiz, foram considerados frívolos e inúteis, e até escarnecidos, por parte de Stramba, de Atticciato e de outros amigos e companheiros de Pasquino; e todos estes amigos e companheiros passaram a acusá-la de perversidade, com mais violência ainda; chegaram mesmo a clamar que nada, a não ser o fogo, poderia punir devidamente semelhante malvadeza.

A pobrezinha da Simona, que se mantinha intimidada, seja pela dor de haver perdido o amante, seja pelo medo da pena de morte na pira que se clamava para a punir, caíra, afinal, no mesmo acidente que tolhera a vida a Pasquino; pois também ela esfregara, ali, na presença de todos, aos seus dentes, a folha de salva; e, não sem grande surpresa de quantos ali se achavam presentes, foi vítima do veneno daquela planta.

Oh! Almas felizes, às quais é dado terminar, num mesmo dia, o amor fervoroso e a vida mortal; e mais felizes ainda, se todas a um mesmo lugar se dirigirem depois da morte; e felicíssimas, se na outra vida se ama, continuarem a amar-se como aqui se amaram. Mas muito mais feliz foi a alma de Simona, de acordo com o juízo que a respeito dela fazemos, nós, os que continuamos vivos depois dela. Porque o destino não quis que a sua inocência ficasse ao léu dos depoimentos de Stramba, de Atticciato e de Malagevole, que talvez fossem cardadores de lá, ou homens mais vis ainda.

O destino, pois, encontrou, para a alma de Simona, um caminho mais adequado, fazendo-a morrer de modo igual à do seu amado, desvencilhando-a assim da infâmia tecida por eles, e permitindo-lhe acompanhar a alma por ela tão amada do infeliz Pasquino.

O juiz, estupefato como todos os outros que ali se achavam, em face de tal acidente, nem sequer soube o que dizer; pensou longo tempo; depois,

readquirindo a serenidade, disse:

— Isto mostra que esta salva é venenosa, coisa que não é comum em se tratando desta planta. Mas, a fim de que ela não possa fazer mal a mais ninguém, por esta forma, ordeno que ela seja cortada até as raízes, e queimada.

A ordem foi cumprida pelo guardião do jardim, em presença do juiz; mas muito antes que ele acabasse de cortar a sebe toda, tornou-se evidente a causa da morte dos dois infelizes amantes. Havia, por baixo daquela sebe de salva, um sapo de maravilhosa grandeza; concluiu-se, então, que a planta se tornara venenosa por efeito do bafo venenoso daquele animal.

Ninguém teve coragem o suficiente para se aproximar daquele sapo; então, resolveu-se armar, ao seu redor, uma pilha enorme de lenha; e, ali, juntamente com os ramos, os troncos e as folhas de salva, tudo foi queimado.

Concluiu-se, por esta forma, o processo do senhor juiz, a propósito da morte do infeliz Pasquino. Os corpos deste moço e de Simona, inchados como se encontravam, foram levados, por Stramba, Atticciato, Guccio Imbratta e Malagevole, para a Igreja de São Paulo, onde receberam sepultura; por acaso, eram paroquianos daquele templo.

OITAVA NOVELA

Girólamo ama Salvestra; obrigado pelos rogos da mãe, vai a Paris; regressa, e encontra casada a moça dos seus amores; ele entra, às escondidas, na casa dela, e morre ao seu lado; seu corpo é levado para uma igreja; e lá Salvestra morre ao lado dele.



novela de Emília teve o seu fim; então, por ordem do Rei, Neifile assim começou:

— Nobres mulheres: ao meu juízo, existem pessoas que julgam saber mais do que as outras, quando, na verdade, sabem menos; por isto, não somente se opõem ao conselho das criaturas sensatas, mas também presumem que podem opor, à natureza das coisas, as próprias convicções. Desta presunção, males enormes já decorreram; nenhum bem, entretanto, ela produziu. Dentre todas as coisas naturais, aquela que menos aceita conselho, e menos tolera atos contrários, é o Amor; a natureza do Amor é de tal ordem, que ele prefere consumir-se por si mesmo, a ser desfeito pelo conselho de quem quer que seja.

Foi por isto que me veio à lembrança a oportunidade de lhes contar a novela de uma certa mulher; ela tentou mostrar-se mais sábia do que era, e também do que lhe cabia ser; apesar disso, não sentia, sinceramente, no seu coração, aquilo que patenteava sentir; julgou que poderia remover o amor de dentro de um coração apaixonado, onde, talvez, havia sido posto pelas estrelas; mas acabou por expulsar, de uma só vez, o amor e a alma do corpo do próprio filho.

Existiu, pois, na nossa cidade, ao que narram os antigos, um mercador infinitamente rico e de grande projeção, cujo nome foi Leonardo Sighieri. Este mercador teve, de sua mulher, um filho, que chamou Girólamo; depois do nascimento do menino, pôs em ordem todos os seus assuntos, e passou desta para outra vida. Os tutores da criança, juntamente com a mãe, conduziram, com competência e com lealdade, os assuntos relacionados com a sua fortuna.

O menino, crescendo em companhia dos filhos dos seus vizinhos, tomou-se de simpatia especial, mais do que para com qualquer outra pessoa, para com uma linda menina de sua idade, filha de um alfaiate. Com o avançar da idade, a simpatia se converteu em amor; em amor tão forte e sincero que Girólamo nunca se sentia tão bem como quando a via; e era certo que ela não o amava menos do que era amada por ele.

A mãe do rapazola, percebendo o que acontecia, muitas vezes lhe falou mal deste amor, e muitas vezes também o castigou. A seguir, queixou-se, junto aos tutores do meninote, por não poder controlar-lhe o destino. E, como mulher que julgava que, devido à grande riqueza do filho, podia transformar ameixa em laranja, a fim de melhorar algo que a Natureza não melhorava, disse-lhes:

— Este nosso rapazola, que ainda nem sequer completou 14 anos, está profundamente enamorado de uma das filhas de um alfaiate nosso vizinho; a moça chama-se Salvestra; a paixão é tamanha que, se nós não o tolhermos da presença dela, um dia ele a tomará por esposa, sem que alguém o saiba; assim, nunca mais me sentirei feliz; por outro lado, ele se consumirá de amor por ela, se a vir casar-se com outro homem. Nestas condições, me parece que, para evitarmos tudo isto, vocês deveriam mandá-lo a algum lugar, bem longe daqui, a serviço do estabelecimento comercial; assim, transcorrendo ele longo tempo sem ver a moça, deixará que ela lhe saia da lembrança; a seguir, poderemos fazer com que ele se case com alguma rapariga bem-nascida.

Os tutores acharam sensato o que a mulher falava e disseram que fariam o que ela sugeria, até o ponto em que isso lhes fosse possível. Mandaram chamar o rapaz, para que comparecesse ao estabelecimento; e, ali, um dos tutores começou a falar de forma amigável:

— Meu filho: você já está grandinho; é justo que você mesmo comece a tomar conta de sua própria vida; assim sendo, muito satisfeitos ficaremos nós se você quiser embarcar para Paris, a fim de lá permanecer algum tempo; lá você verá como se movimenta grande parte da sua riqueza. Além disto, viajando, você se tornará muito melhor, mais bem-educado e mais requintado, pois terá oportunidade de ver os senhores, os barões e os gentis-homens, que lá existem em grande número; poderá, pois, aprender, observando-lhes os costumes; depois, você poderá voltar a Florença.

O rapaz ouviu atentamente, e, ao cabo de uns poucos minutos, respondeu que não queria fazer coisa alguma; julgava que podia ficar, tão bem como qualquer outro rapaz, em Florença. Os tutores, ouvindo esta decisão, tornaram

a insistir, com argumentos novos; mas, não conseguindo arrancar outra resposta, levaram o fato ao conhecimento da mãe. Esta se zangou seriamente, por não querer o filho ir a Paris; disse, a Girólamo, palavras extremamente ásperas, quanto ao seu namoro; depois, procurou dominá-lo com palavras doces, passando a lisonjeá-lo e a suplicá-lo suavemente, para que ele fizesse aquilo que os seus tutores queriam; tanto a mulher falou, que o rapazola concordou em ir a Paris, a fim de ali permanecer um ano, mas não mais do que isso; e assim se fez.

Girólamo foi então a Paris; partiu fortemente enamorado; com promessas de hoje para amanhã, e com adiamentos sucessivos do seu regresso, a mãe e os tutores conseguiram mantê-lo por dois anos naquela capital. Em consequência, quando de lá regressou, Girólamo estava mais apaixonado do que nunca; mas encontrou a sua Salvestra já casada com um bom moço que fazia barracas; e isto lhe causou pesar profundo. Entretanto, vendo que as coisas não podiam ser modificadas, esforçou-se por dar paz ao próprio espírito. Tratou de verificar onde ela passara a morar; e, de acordo com o costume dos jovens namorados, começou a passar diante de sua casa, na convicção de que ela não o houvesse esquecido, como ele não a esquecera.

Os fatos, porém, se haviam disposto de modo diverso. Ela não se recordava dele; era como se nunca o tivesse visto; se, entretanto, de alguma coisa se lembrava, quanto a ele, dava mostras do contrário. Dentro de um tempo extremamente breve, o rapaz percebeu isto; e não o fez sem uma grande dor. Mesmo assim, prosseguiu realizando o possível para tornar a entrar na alma da moça. Quando, todavia, notou que nada mais lhe podia valer, dispôs-se a falar diretamente com ela, ainda que tivesse que morrer fulminado.

Por meio de um vizinho, ficou informado sobre a disposição interna da residência de Salvestra; e certa noite, em que ela e o marido tinham saído em companhia de vizinhos, entrou, às escondidas, naquela casa; ali, foi para o dormitório dela, onde se ocultou por trás de lonas de barracas que estavam amontoadas. Esperou longo tempo; em certa altura, marido e mulher voltaram à própria casa e foram para a cama. Quando percebeu que o marido já se havia adormecido, Girólamo encaminhou-se para o ponto da sala onde vira Salvestra deitar-se; pousou-lhe sobre o peito uma das mãos; e disse, levemente:

— Oh! Alma de minha alma! Está você dormindo ainda?

A moça, que não estava dormindo, quis gritar; mas o moço logo lhe falou:

— Por Deus! Não grite! Porque eu sou o seu Girólamo.

Ao ouvir isto, Salvestra, toda a tremer, exclamou:

— Pelo amor de Deus! Girólamo, vá-se embora daqui. Já se passou aquele tempo da nossa meninice, em que não era desonra estarmos enamorados. Agora, como você vê, eu estou casada; por isto, não me fica mais bem dar atenção a qualquer outro homem, que não seja o meu marido, peço-lhe, em nome de Deus, para que se retire. Se meu marido perceber a sua presença aqui, ainda que nenhum outro mal se passasse, sempre se seguiria que eu nunca mais conseguiria viver com ele, em paz e em repouso; ao passo que, agora muito amada por ele; com ele moro em atmosfera de bem-estar e de serenidade.

O rapaz, ouvindo estas palavras, sentiu uma dor profunda e abominável; lembrou a ela, os tempos passados, bem como o seu amor, que a distância e o tempo não haviam diminuído; misturou, no que dizia, muitos rogos e muitas promessas; mas nada obteve. Em consequência, já com o desejo de morrer, dirigiu-lhe uma última súplica; consistiu a súplica em que ela, em atenção a tão grande amor, permitisse que ele se deitasse ao lado dela, ali naquela cama, a fim de aquecer-se um pouco, pois se havia enregelado enquanto a esperara; prometeu-lhe que não lhe diria coisa alguma, nem lhe tocaria no corpo; assim que se sentisse um pouco aquecido, retirar-se-ia.

Salvestra, sentindo, naturalmente, alguma compaixão por ele, e à vista das condições por ele expressas, consentiu. O moço, então, deitou-se ao lado da moça, sem tocá-la; ali, reuniu, num único pensamento, o longo amor por ele alimentado para com ela, a dureza por ela manifestada agora, e a esperança definitivamente perdida. E, então, resolveu não viver mais; conteve os próprios ímpetos; reteve a respiração; sem dizer palavra, nem fazer qualquer movimento, cerrou os punhos; e morreu ao lado dela.

Depois de algum tempo, a moça, admirando-se do bom comportamento do rapaz, e receando que o marido se despertasse, começou a falar:

— E então, Girólamo! Você não se retira?

Como não ouvisse resposta, pensou que Girólamo se houvesse adormecido; por isto, ela estendeu a mão, e passou a sacudi-lo, a fim de que ele acordasse; ao tocar no corpo dele, verificou que ele estava frio como gelo; e muito se espantou, diante desta circunstância. Sacudindo-o com mais força, e notando que ele não se movia, tornou a apalpar-lhe o corpo, e reconheceu que o rapaz estava morto. Sentiu-se profundamente entristecida por isto, e longo tempo ficou sem saber o que fazer. Por fim, tomou a decisão de tentar fazer, aos olhos de outras pessoas, aquilo que o marido aconselhasse.

Acordou, pois, o marido; disse-lhe que havia acontecido a outra mulher aquilo que, de fato, estava acontecendo com ela; e perguntou-lhe, depois, o que ele lhe aconselharia fazer, a ela, se aquilo acabasse acontecendo com ela própria. O bondoso homem, seu marido, respondeu que lhe parecia que o homem que morresse nessas condições deveria ser transportado, quietamente, à própria residência, e ali abandonado; acrescentou que não havia motivos de malquerença para com a mulher, pois não lhe parecia que, naquele caso, ela houvesse prevaricado.

Então, Salvestra adiantou:

— E é assim que nós temos que fazer.

Salvestra tomou da mão do marido; e fê-lo tocar no corpo de Girólamo. O marido, completamente desorientado, ergueu-se; acendeu o lume; sem entabular nova conversação com a esposa, envolveu o corpo morto em suas próprias roupas; e, sem qualquer demora, ajudado pela própria inocência, pôs o cadáver aos ombros, carregando-o até à porta da casa onde Girólamo havia residido; ali, pousou-o no chão e o abandonou.

Quando rompeu o dia, o povo viu o corpo morto diante daquela porta; a notícia difundiu-se e transformou-se em clamor; o clamor era produzido principalmente pela mãe de Girólamo.

Os médicos procederam ao exame do corpo; não encontraram chaga, nem sinal de percussão; e admitiram, por unanimidade, que o moço deveria ter morrido de sentimento, como de fato acontecera. O corpo, então, foi transladado para uma igreja; ali compareceram a mãe acabrunhada, algumas mulheres suas parentas, várias vizinhas; e todas, conforme os costumes de Florença, começaram a chorar copiosamente e a proferir lamentos em voz alta.

Enquanto isto acontecia, o bondoso marido de Salvestra, em cuja casa Girólamo havia falecido, disse à esposa:

— Olhe cá. Ponha um manto à cabeça e vá àquela igreja para onde transladaram o corpo de Girólamo; meta-se por entre as mulheres, e procure verificar o que por lá se diz deste episódio; eu farei o mesmo por entre os homens; assim, ficaremos sabendo se alguma coisa se profere contra nós.

À moça, que muito tarde se tornou piedosa, agradou esta proposta; agora, sentia-se ansiosa por ver o cadáver do moço, ao qual, em vida, se recusara a dar sequer um único beijo; e foi para o templo. É coisa maravilhosa o pensar como são difíceis de investigar as forças do Amor! Aquele coração, que a sorte de Girólamo não havia conseguido abrir, a má sorte o abriu. No peito de Salvestra, ressuscitaram de súbito as antigas labaredas amorosas; essas labaredas

se transformaram em sentimento de compaixão, quando a moça, com a fisionomia oculta pelo manto, e acotovelando-se por entre as mulheres que na igreja se achavam, conseguiu chegar ao ponto em que o corpo estava exposto, e contemplou o rosto morto do seu apaixonado.

Então, ela emituiu um grito altíssimo; atirou-se sobre o cadáver do moço; começou a acariciar-lhe o rosto; mas não banhou de muitas lágrimas esse rosto, porque, assim como a dor havia tolhido a vida de Girólamo, assim também tolheu a dela. As mulheres presentes procuraram confortá-la, dizendo-lhe que devia erguer-se dali; nenhuma delas havia notado, ainda, de quem se tratava; quando, porém, viram que ela não se erguia, fizeram esforços para erguê-la; verificaram, contudo, que ela se mantinha imóvel; realizaram outro esforço; então, ao mesmo tempo, reconheceram que ela estava morta, e que era de Salvestra que se tratava.

À vista disto, todas as mulheres que se encontravam na igreja, emocionadas por um duplo sentimento de piedade, recomeçaram a chorar um choro ainda maior.

A notícia do ocorrido espalhou-se por entre os homens, do lado de fora da igreja; chegou aos ouvidos do marido de Salvestra, que se encontrava entre aqueles homens; e ele, sem dar ouvidos a consolo nem a conforto algum, por longo espaço de tempo chorou.

Depois, o marido contou, ali mesmo, a muitos dos presentes, o que se havia passado, naquela noite, com o moço e com a esposa; assim, pôs-se de manifesto, e ficou publicamente sabido, aquilo que constituíra a causa da morte, tanto do moço, como da moça. E isto causou profunda consternação em todos.

O povo, então, tomou do corpo morto da moça; ornou-lhe o corpo, como se costumam ornar os corpos mortos; depô-lo sobre o mesmo leito, ao lado do corpo de Girólamo; ali, sua morte foi longamente chorada. Depois, os dois corpos, juntos, foram dados a uma única sepultura. Assim, Girólamo e Salvestra, que o Amor não havia conseguido reunir, foram reunidos pela morte, numa inseparável companhia.

NONA NOVELA

O sr. Guilherme Rossilhão dá de comer, à sua mulher, o coração do sr. Guilherme Guardastagno, assassinado por ele e amado por ela. A mulher vem a saber disto; então, atira-se de uma alta janela ao chão e morre; depois, é sepultada com o seu amante.



concluiu-se por esta forma a novela de Neifile, não sem inspirar grande compaixão a todas as suas companheiras; e o Rei, que não desejava transgredir o privilégio concedido a Dioneio, começou a falar, por não restar mais ninguém para novelar naquele dia:

— Deparou-se-me ao espírito, piedosas mulheres, uma novela que lhes inspirará mais compaixão ainda do que a novela passada, uma vez que vocês se sentem comovidas pelos episódios desafortunados de amor. E isto porque de maior importância foram as pessoas às quais aconteceu o que eu vou dizer; e também porque houve, no seu desenvolvimento, circunstâncias ainda mais severas do que aquelas de que se acaba de falar.

Vocês devem, pois, saber, que, ao que contam os provençais, existiram, em outros tempos, na Provença, dois nobres cavaleiros, cada um dos quais tinha castelos e vassalos sob seu comando. Um deles se chamava sr. Guilherme Rossilhão;¹ e o outro, sr. Guilherme Guardastagno.² Os dois cavaleiros eram homens muito valorosos nas armas; estimavam-se bastante, reciprocamente, e tinham o costume de ir sempre juntos aos torneios, às justas e a outros encontros de armas; e iam ambos vestidos com um mesmo tipo de uniforme. Cada qual morava num castelo seu próprio; e a residência de um ficava distante da do outro bem umas dez milhas, ou uns 16 quilômetros.

Mesmo assim, aconteceu que sendo o sr. Guilherme Rossilhão casado com uma mulher belíssima e elegante, o sr. Guilherme Guardastagno por ela se apaixonou perdidamente, a despeito da amizade e da camaradagem que existia entre os dois cavaleiros. E tanto Guardastagno fez, ora com um ato, ora com outro, que a mulher acabou prestando atenção aos seus sentimentos; sabendo

ela que ele era cavaleiro de grandes méritos, muito lhe agradou aquela situação; ela começou, pois, a dedicar-lhe amor, pois, na verdade, nada mais desejava, nem amava, neste mundo, afora aquele cavaleiro; e também nada mais esperava do que ser solicitada por ele. Esta solicitação não tardou muito a ser feita; assim, ela e ele estiveram juntos, uma primeira vez, e depois outras vezes, passando a amar-se extraordinariamente.

Por não procederem de modo muito discreto, aconteceu que o marido percebeu o que se passava, e enfureceu-se além de toda medida; ao mesmo tempo, converteu em ódio mortal a estima que nutria para com Guardastagno. Entretanto, Rossilhão soube conservar o seu ódio em segredo, muito mais do que os dois amantes haviam sabido fazer com o seu amor. E, de si para consigo, planejou matar o rival.

Encontrando-se Rossilhão nesta disposição de espírito, aconteceu que um grande torneio de armas se promoveu na França. Rossilhão levou imediatamente esta notícia a Guardastagno; e mandou dizer-lhe que, se fosse de seu agrado, aparecesse em seu castelo, a fim de deliberar sobre se iriam ou não àquela festa. Guardastagno, muito satisfeito, respondeu que, no dia seguinte, sem falta, iria jantar com ele. Rossilhão, ao ouvir esta resposta, decidiu que havia chegado o tempo de o matar. No dia seguinte, armou-se, e, em companhia de alguns fâmulos, montou a cavalo, indo pôr-se de atalaia num bosque que havia à distância de cerca de uma milha, ou de um quilômetro e meio, do seu castelo, por onde Guardastagno deveria passar. Ali, esperou durante bom tempo; depois, viu-o aproximar-se, desarmado, com dois serviçais atrás de si, também sem armas. Era como se, de fato, Guardastagno nada tivesse que recear, da parte de Rossilhão, não se pondo, por isso, em guarda em relação a ele. Quando os viu chegar ao ponto ao qual desejava que chegassem, Rossilhão, furioso e cheio de perversidade, correu de encontro a Guardastagno, de lança à mão; e gritou:

— Você está morto!

Dizer-lhe isto e atravessar-lhe o peito com a lança foram uma coisa só. Guardastagno, não podendo defender-se, nem dizer uma única palavra, por ser atravessado pela lança, caiu ao chão; e, pouco depois, morreu. Os serviçais de Guardastagno, sem mesmo reconhecer o cavaleiro que havia procedido por esta forma, viraram para o outro lado a cabeça dos respectivos cavalos, e fugiram, com a maior velocidade que puderam, na direção do castelo do seu amo. Rossilhão apeou. Com um punhal, abriu o peito de Guardastagno; e, com as próprias mãos, arrancou de lá o coração; depois, mandou que

envolvessem aquele órgão num pano de lã; ordenou, a um dos seus fâmulos, que o carregasse; e, depois de advertir a todos que nenhum deles deveria ser tão afoito a ponto de proferir sequer uma só palavra sobre o ocorrido, tornou a montar a cavalo; e, sendo já noite, voltou para o seu castelo.

A mulher, que soubera que Guardastagno deveria estar presente ao jantar, naquela noite, animou-se de enorme desejo de o ver; notando, porém, que ele não chegava, muito se admirou; e disse, ao marido:

— Que foi que aconteceu, senhor, para impedir que Guardastagno viesse?

A isto o marido respondeu:

— Mulher: recebi notícia, da parte dele, dizendo que ele não poderá aparecer por aqui antes de amanhã.

Diante disto, a mulher ficou um pouco perturbada.

Rossilhão, depois de apear, já no seu castelo, mandara chamar o cozinheiro, para lhe dizer:

— Tome aquele coração de javali; faça, com ele, um bom prato; a melhor e mais agradável iguaria que você souber fazer, para que se coma; e, quando eu estiver à mesa, mande-a dentro de uma tigela de prata.

O cozinheiro tomou aquele coração em suas mãos; pondo na tarefa toda a arte e o máximo de solicitude, picou-o; acrescentou-lhe inúmeras especiarias; e acabou fazendo um petisco extremamente saboroso. Quando chegou a hora, o sr. Guilherme de Rossilhão, em companhia de sua esposa, sentou-se à mesa. O jantar foi servido; mas ele pouco comeu, porque, em consequência do mal que havia praticado, se viu impedido pelo pensamento do que fizera. Em certa altura, o cozinheiro mandou para a mesa aquele petisco peculiar; Rossilhão mandou que o petisco fosse colocado diante da mulher; mostrou-se destituído de fome; mas louvou extraordinariamente aquele prato. A mulher, que não estava sem vontade de comer, começou a alimentar-se; aquilo lhe pareceu muito bom; e, por isto, comeu tudo. Quando Rossilhão viu que a mulher já havia devorado o petisco todo, perguntou:

— Mulher: que é que lhe pareceu essa iguaria?

A esposa respondeu:

— Senhor: na verdade, ela me agradou muito.

— Se Deus me ajuda — esclareceu o cavaleiro —, devo acreditar no que você diz; e não me admira que o diga, nem que lhe agrade, morto, aquilo que, vivo, lhe agradou mais do que qualquer outra coisa.

A mulher, ao ouvir isto, ficou pensativa um instante; depois, disse:

— Como? Que foi que você me fez comer?

O cavaleiro respondeu:

— O que você comeu foi, na verdade, o coração do sr. Guilherme Guardastagno, o mesmo que, você, como esposa infiel, tanto amava. E fique sabendo, com absoluta certeza, que se trata do coração dele mesmo, porque fui eu, pessoalmente, com estas mãos, quem lhe arrancou do peito, pouco antes de voltar ao castelo.

Não se deve perguntar se a mulher ficou sentida, ao ouvir estas notícias a respeito daquele que amava acima de todas as coisas neste mundo. Depois de alguns momentos, ela disse:

— Você fez aquilo que só um cavaleiro desleal e malvado pode fazer; fui eu que, sem que ele me forçasse a isso, o tornei senhor do meu amor; e você o puniu por essa razão; mas não era ele, e sim eu, quem deveria receber a pena. Deus não queira, entretanto, que outra carne seja ingerida depois de tão nobre alimento, como acaba de ser esse que se constituiu do coração de um cavaleiro tão valoroso e cortês, como foi o sr. Guilherme Guardastagno!

Pôs-se de pé; aproximou-se de uma janela que lhe ficava atrás; e, sem qualquer hesitação, por ela se deixou cair. A janela ficava a grande altura, a contar do chão; assim, quando a mulher caiu, não somente morreu, mas também se desconjuntou quase toda.

O sr. Guilherme, assistindo a isto, ficou fortemente atordoado, afigurou-se-lhe que havia agido mal; por isso, receou a vingança dos campestinos e do conde de Provença; ordenou, pois, que se arreassem os cavalos; e foi-se embora.

Na manhã seguinte, tornou-se sabido, por toda a região, o modo pelo qual as coisas haviam corrido. Em consequência, os dois corpos — o do sr. Guilherme Guardastagno e o da sua amante — foram recolhidos, sendo depois sepultados, com grande consternação e muitas lágrimas choradas pela gente do castelo do sr. Guilherme Guardastagno, e também pela gente do castelo da mulher. O sepultamento ocorreu na igreja do próprio castelo da mulher, depositando-se os dois corpos numa única sepultura. Sobre a sepultura se inscreveram versos que esclareciam quem eram os seres que ali se encontravam sepultados, relatando, igualmente, o modo e a causa da morte deles.

Notas

¹ Personagem histórico; o verdadeiro nome era Raimundo Rossilhão, senhor de Rossilhão (França), comuna de Perpignan.

² Personagem histórico: vassalo de Rossilhão: combateu contra os árabes, na Espanha, em 1212. Esta novela é baseada na realidade. É contada na Vida de Guilherme Capestain, que o historiador Crescimbeni traduziu do provençal. Guardastagno, como Boccaccio o denomina, ou Cabestano, como o chama Crescimbeni italianizando-lhe o nome, foi poeta provençal; chamou-se Guilherme Capestain, ou Cabestain. Foram os seus versos que provocaram a paixão da mulher de Rossilhão, e depois lhe ocasionaram a morte. Também Petrarca se refere a ele.

DÉCIMA NOVELA

A mulher de um médico põe, numa arca, um seu amante, por julgá-lo morto, quando, na verdade, ele apenas havia ingerido ópio. A arca com ele dentro é levada por dois usurários para a casa deles. O amante volta a si; e é preso como ladrão. A criada da mulher do médico declara, na Senhoria, ter sido ela a pessoa que pôs o homem dentro da arca roubada pelos usurários. Em consequência, o amante escapa da forca, ao passo que os agiotas são condenados a uma multa em dinheiro, por haverem roubado a arca.



Como o Rei pôs fim ao seu falar, somente a Dioneio restava desempenhar a sua tarefa. Dioneio, então, sabendo disto, e obedecendo à ordem que já lhe fora dada pelo Rei, começou:

— Os sofrimentos dos amores infelizes, que acabam de ser narrados, contristaram não apenas a vocês, mulheres, mas também me inundaram os olhos e me angustiaram o peito. Por esta razão, imensamente desejei que se chegasse ao fim desta jornada. Agora, Deus seja louvado, porque tais narrativas já se concluíram, a não ser que eu quisesse fazer um péssimo acréscimo a esta matéria já por si atormentadora. Disto, livre-me Deus. Sem correr atrás de assunto tão doloroso, tratarei de começar abordando episódios mais amenos e melhores; por esta forma, talvez eu dê bom início àquilo que na próxima jornada se deve desenvolver.

Vocês devem saber, belíssimas jovens, que ainda não faz muito tempo que, em Salerno, existiu um cirurgião extraordinário, cujo nome foi o de mestre Mazzeo della Montagna;¹ já tinha ele chegado à extrema velhice; mas tomara, por esposa, uma linda e delicada moça da sua cidade; e pusera-lhe à disposição vestimentas nobres e ricas, muitas joias e tudo o mais que pode agradar a uma mulher; tanto que ela possuía, dessas coisas, mais do que qualquer outra moça da cidade. É verdade que ela passava a maior parte do tempo resfriada, porquanto era sempre mantida mal coberta, na cama pelo mestre. Assim como o sr. Ricardo di Chinzica, de quem já falamos, ensinava, à sua dona, como é que se faziam as festas, assim também Mazzeo della Montagna procurava demonstrar, à sua esposa, que, por se deitar uma vez com uma mulher, o

homem penava não sei quantos dias, com o propósito de se restaurar; e outras lorotas mais lhe dizia. Em consequência, ela vivia muito mal satisfeita.

Sendo mulher esclarecida e de ânimo generoso, ela, para poder poupar o homem que tinha em casa, dispôs-se a sair à rua, a fim de desgastar os homens das outras; examinou muitos e muitos moços; por fim, um lhe simpatizou; e nele concentrou todas as suas esperanças, todo o seu entusiasmo, todo o seu bem. Disto, o moço formou noção clara; muito lhe agradou a circunstância; e, semelhantemente, concentrou nela todo o seu amor.

O moço chamava-se Rogério d'Aieroli, descendente de família nobre, mas de má vida e de lastimável condição social; nenhum parente, nenhum amigo restara, que lhe quisesse bem, ou que o desejasse ver; por toda Salerno, corria a fama das suas ladroeiras, bem como de outras suas vilíssimas perversidades.

Com isto, porém, a mulher pouco se incomodou; por outras coisas, o moço lhe agradava muito. Tanto falou, desta sua afeição, à sua criada, que as duas foram juntas ter com o moço. Depois de ela e ele auferirem prazeres recíprocos, a mulher começou a queixar-se da vida passada do rapaz, e a suplicá-lo para que, por amor a ela, deixasse de praticar aquelas más ações; a fim de que ele aquiescesse, passou a proporcionar-lhe ora uma determinada quantidade de dinheiro, ora outra.

Por esta forma continuaram, os dois, agindo sempre muito discretamente.

Aconteceu, contudo, que, em certo dia, foi entregue, às mãos do médico, um enfermo que tinha uma das pernas em péssimas condições. O médico verificou o mal que nessa perna havia; e disse, aos parentes do enfermo, que, se não se retirasse um osso podre, que na perna se encontrava, ou seria preciso amputar a perna toda, ou o doente morreria. Acrescentou que, se se retirasse o osso, a cura se tornaria possível; mas que ele, médico, só receberia o enfermo considerando-o já morto. Aqueles aos quais o enfermo pertencia se puseram de acordo; e nessa qualidade o entregaram ao médico. Este levou em justa consideração o fato de que o enfermo não suportaria a dor, nem se deixaria tratar, se não fosse insensibilizado por meio de ópio. Devendo, pois, tratá-lo na tarde de um dia, determinou que lhe fosse ministrada, pela manhã desse mesmo dia, uma certa água destilada de uma poção que continha aquele entorpecente; o enfermo beberia, daquilo, a quantidade que o médico julgasse o suficiente para o fazer dormir durante o tempo necessário à intervenção de tratamento e de cura.

A poção foi, pois, levada à casa do médico; ele depositou-a em seu próprio quarto, sem dizer a ninguém do que se tratava. Em chegando, porém, a tarde,

soou a hora em que o mestre deveria ir acudir ao enfermo.

Nessa hora, entretanto, apareceu um mensageiro enviado por alguns amigos seus, muito queridos, de Amalfi; disse o mensageiro que ele, mestre, deveria abandonar tudo e rumar para Amalfi incontinentemente; havia ocorrido, na referida cidade, um tumulto enorme, de que resultara ficar muita gente ferida. O médico, pois, adiou, para a manhã seguinte, a cura da perna. Tomou uma barca e seguiu para Amalfi.

Sua esposa, sabendo que ele não voltaria para casa naquela noite, determinou, como era de seu costume, que Rogério fosse vê-la; fê-lo entrar em seu quarto; e dentro desse quarto o fechou, até quando certas outras pessoas de sua casa fossem dormir. Rogério ficou, pois, no quarto, esperando pela moça; nesse entrementes, sentiu grande sede, talvez devido ao cansaço decorrente dos trabalhos do dia, talvez por haver ingerido alimento muito salgado, ou, ainda, talvez pelo hábito de beber muita água. Estando, pois, com sede, viu, à janela, aquela garrafinha de água, que o médico havia preparado para o enfermo; julgando que fosse água comum, levou-a à boca, e bebeu-a toda. Antes que muito tempo se passasse, um fortíssimo sono o dominou; e ele adormeceu.

Assim que lhe foi possível, a mulher dirigiu-se para o quarto; encontrou Rogério dormindo; começou, então, a tentá-lo e a dizer-lhe, em voz baixa, que poderia erguer-se; mas Rogério não se movia; não respondia, nem fazia gesto algum. Vendo isto, a mulher sentiu-se perturbada; aplicando mais força, ergueu-o, dizendo:

— Acorde, dorminhoco! Se você queria mesmo dormir, devia ir para a sua casa, e não vir para cá.

Rogério, depois de ser assim erguido, caiu ao chão, de cima de uma caixa sobre a qual se encontrava; e não deu mostras de sentimento algum, exatamente como se fosse um corpo morto. A mulher, bastante assustada, tentou outra vez erguê-lo, bater-lhe, puxá-lo pelo nariz, segurá-lo pela barba; mas tudo foi inútil; ele tinha ferrado num sono profundo. Só então é que a mulher passou a recear que ele estivesse morto; ainda assim, tratou de apertar-lhe energicamente as carnes, e a queimá-lo com uma vela acesa; e tudo em vão. Ela não era médica, nem poderia tornar-se médica simplesmente pelo fato de ser médico o seu marido; acreditou firmemente que Rogério estivesse morto; e visto que o amava, realmente, acima de todas as coisas, nem é preciso perguntar se ela se sentiu amargurada. Não ousando fazer barulho, começou a chorar silenciosamente sobre o corpo do moço, e a lamentar-se de semelhante infortúnio.

Todavia, a mulher ficou com medo de que, à sua infelicidade, se acrescentasse a vergonha; e pensou em como seria possível fazer com que o corpo fosse imediatamente retirado de sua casa. Não sabendo como resolver o assunto, chamou quietamente a criada; mostrou-lhe a desventura que lhe havia acontecido; e pediu-lhe conselho. A criada maravilhou-se; ainda assim, puxou os membros do moço; apertou-o em seus braços; depois, vendo que ele não dava aparência alguma de vida, concordou, com a sua patroa, dizendo que, de fato, Rogério estava morto; reconheceu, também, que era preciso pô-lo fora de casa. Ao que a mulher do médico disse:

— E onde podemos deixá-lo, para que meu marido não suspeite amanhã cedo, quando vier para casa, que Rogério tenha sido retirado daqui?

Ao que a criada respondeu:

— Senhora: eu vi hoje de tarde, diante da oficina do carpinteiro nosso vizinho, uma arca não muito grande; se o carpinteiro não tornou a pô-la dentro de casa, aquela arca virá a calhar para o nosso caso; poderemos colocar, dentro dela, este corpo; aplicaremos, a este corpo, dois ou três golpes de punhal; e o abandonaremos. Quem o encontrar na arca, não terá motivos para deduzir que foi retirado daqui de dentro, ou de qualquer outro lugar; ao contrário; como ele tem sido moço perverso, o povo acreditará que ele, indo à prática de algum delito, tenha sido morto por algum inimigo, e depois posto naquela arca.

À mulher, agradou o conselho da criada; mas ela não concordou com aquela ideia de lhe ocasionar ferimentos de faca; por nenhuma coisa deste mundo, o seu espírito poderia permitir que isso fosse feito. Mandou, pois, que a criada fosse verificar se a arca ainda se encontrava no lugar em que ela a havia visto; a criada voltou e disse que sim. A criada, então, que era jovem e robusta, ergueu o corpo de Rogério aos ombros, sendo nisso ajudada pela patroa; esta se pôs a caminhar na frente, a fim de ver se alguém se aproximava; as duas chegaram à arca; puseram o corpo dentro dela; fecharam-na; e abandonaram tudo ao léu da sorte.

Por aqueles dias, a uma casa um pouco mais adiante, haviam regressado dois moços que emprestavam dinheiro com usura; tinham ânsia de ganhar muito e gastar pouco; como precisavam de móveis, e como haviam visto, no dia anterior, aquela arca naquele lugar, combinaram que, se ela ainda lá estivesse, à noite, a levariam para casa. Em chegando a meia-noite, saíram de casa; encontraram a arca; sem entrar em maior exame, carregaram-na imediatamente para a própria residência, muito embora lhes parecesse que o

peso fosse excessivo; puseram a caixa ao lado de uma sala em que as respectivas mulheres dormiam; mas não se preocuparam em arrumá-la muito bem, àquela hora. Deixando-a ali, foram dormir.

Rogério, depois de dormir longuissimamente, e de digerir a beberagem que tinha tomado, deixou de sofrer os efeitos da droga e acordou, lá pela madrugada. Com a dissipação do sono e com a recuperação da virtude dos sentidos, recobrou a consciência; permaneceu-lhe, porém, no cérebro, uma intensa estupefação, que o manteve como que atordoado durante vários dias após. Ao abrir os olhos, o moço não viu coisa alguma; notou que suas mãos estavam abandonadas, uma aqui, outra acolá; percebeu que se encontrava dentro de uma arca; então começou a recordar, e a dizer, de si para consigo:

— Que é isto? Onde estou eu? Estou dormindo ou acordado? Contudo, bem me recordo de que entrei no quarto de dormir da minha amante; agora, porém, me parece que estou dentro de uma arca. Que quer dizer isto? Será que o médico voltou, ou que algum outro acidente aconteceu, para induzir a mulher a esconder-me nesta caixa, enquanto eu estava dormindo? É isto o que penso que seja. Decididamente, deve ter acontecido isto.

Por esta razão, tratou de ficar quieto e de verificar se conseguia ouvir alguma coisa; muito tempo permaneceu nesta condição, embora, dentro da arca, se sentisse mais em situação de desconforto do que de comodidade. A caixa era pequena. Começou a doer-lhe o lado sobre o qual o haviam deitado; quis virar-se, para se deitar do outro; moveu-se, porém, com tamanha felicidade, que, aplicando, com uma das ancas, violento golpe a um dos lados da arca, fez com que a caixa, que não havia sido posta sobre um lugar bem nivelado, se inclinasse e depois caísse. Caindo, a arca produziu uma barulheira infernal. Por isto, as mulheres, que dormiam no quarto ao lado, acordaram; tiveram medo; e, assustadas, ficaram caladas.

Rogério duvidou muito que a queda da arca houvesse passado sem ser ouvida; percebendo, contudo, que a caixa, pelo fato de cair, se havia aberto, achou ser preferível, dali por diante, encontrar-se fora dela, a estar dentro. Como não sabia onde se achava; como se sentia embaraçado; e como estava indeciso sobre a maneira pela qual devia agir, começou a andar, cambaleando, pela casa, a fim de verificar se havia escada, ou porta, por onde, encontrando-a, pudesse ir-se embora. As mulheres do quarto ao lado notaram o andar cambaleado, porque estavam acordadas; e começaram a dizer:

— Quem é que está aí?

Por não reconhecer a voz, Rogério não respondia; em consequência, as mulheres trataram de chamar os dois moços; estes, por haverem trabalhado muito, dormiam profundamente; nada ouviam, de todas estas coisas. Por isto, as moças, tornando-se ainda mais medrosas, ergueram-se da cama; foram para as janelas; e ali se puseram a gritar:

— Pega o ladrão! Pega o ladrão!

Em consequência de tais gritos, muitos vizinhos se despertaram, e, pondo-se a correr, ora pelos telhados, ora por este lado, ora por aquele, entraram na casa.

Devido à barulheira decorrente de tudo isto, também os moços usurários acordaram, erguendo-se das respectivas camas.

Rogério, vendo que se encontrava naquela casa, quase que enlouqueceu de atordoamento; não viu brecha por onde pudesse fugir de semelhante situação; os outros o prenderam, e o entregaram, preso, às mãos da família do reitor da cidade, por onde já se havia difundido a notícia daquela ocorrência. Rogério foi, pois, levado perante o reitor, uma vez que era considerado homem extremamente perverso; e, sem demora, foi submetido a torturas; torturado, confessou que entrara na casa dos emprestadores de dinheiro com o propósito de roubar. Assim, o reitor pensou que devia, sem demora, fazer com que ele fosse levado à força.

A notícia que correu, pela manhã, por toda a cidade de Salerno, foi a de que Rogério fora preso enquanto roubava, na casa dos usurários. A esposa do médico e sua criada ouviram isto; espantaram-se profundamente, em face do rumo que as coisas haviam tomado; e maravilharam-se tanto, que quase estiveram na iminência de acreditar que não tinham feito o que haviam feito durante a noite anterior, e que, ao contrário só haviam sonhado fazer aquilo. Ademais, a amante de Rogério ficou tão impressionada, pelo perigo em que ele se encontrava, que quase enlouqueceu de dor.

Não muito tempo depois da meia da terceira hora, o médico, regressando de Amalfi, ordenou que lhe fosse apresentada a sua garrafinha de água, porque queria medicar o seu enfermo; verificando, porém, que a garrafinha estava vazia, o médico provocou tamanha balbúrdia, em sua casa, que nada pôde ficar como se achava. A mulher, estimulada pela dor do outro episódio, respondeu-lhe, furiosa, dizendo:

— Que diria você, mestre, de uma grande coisa, uma vez que provoca tanto barulho só por causa de uma miserável garrafinha de água? Pois então não há mais dessa coisa no mundo?

Ao que o mestre respondeu:

— Mulher: você está pensando que aquela era água da fonte; mas não é assim; ao contrário; era uma água preparada para fazer a pessoa dormir.

Em seguida, contou-lhe por qual motivo havia mandado compor aquela água.

Ao ouvir esta explicação, a mulher logo teve ideia de que Rogério a houvesse bebido, assim se esclarecendo o mistério de ele lhe haver parecido morto. E disse:

— Mestre: nós não sabíamos disso; assim sendo, trate de preparar outra água.

O Mestre, percebendo que não havia outro recurso, mandou preparar outra água. Pouco depois, a criada, que, por ordem de sua patroa, tinha saído, a fim de observar o que se estava dizendo de Rogério, voltou para casa, e disse-lhe:

— Senhora: toda gente fala mal de Rogério; por aquilo que consegui ouvir, acho que não há parente algum, nem amigo, que se haja apresentado para o ajudar, ou que pretenda apresentar-se para tanto; tem-se por certo que, amanhã, o *stradico*² o condenará à forca. Além disto, quero dizer-lhe uma nova coisa: parece-me que compreendi como foi que ele acabou encontrando-se dentro da casa dos usurários; ouça como deve ter sido. Bem sabe a senhora quem é o carpinteiro, em frente a cuja oficina se achava a arca dentro da qual nós pusemos o corpo de Rogério; esse carpinteiro estava brigando, agora há pouco, com um homem, a quem parece que a arca pertencia; em torno disso se tinha armado a maior questão do mundo; o homem exigia que lhe fosse dado o dinheiro de sua arca; e o carpinteiro respondia que ele não tinha vendido a arca; ao contrário: a arca lhe havia sido roubada, naquela noite; ao que o reclamante gritava:

— Não é verdade; você a vendeu aos dois usurários, pois foi isso o que eles me disseram esta noite, quando vi a arca em casa deles, na hora em que Rogério foi preso.

Ao que o carpinteiro afirmou:

— Eles mentem, porque eu nunca a vendi a eles; foram eles que, na noite passada, me roubaram. Vamos à casa deles.

— E assim se dirigiram, de mútuo acordo, à residência dos usurários; e eu vim para cá — concluiu a criada. — Como a senhora pode ver, eu compreendo que Rogério, por essa forma, tenha sido transportado, do lugar

em que foi encontrado, para a casa dos emprestadores de dinheiro. O que não sei explicar é a maneira pela qual ele acabou ressuscitando naquela casa.

A mulher, então, compreendeu muitíssimo bem o que havia acontecido. Disse, à criada, o que havia ouvido da boca do médico, seu marido; e suplicou-lhe que fosse em ajuda de Rogério, porquanto ela, a criada, querendo, poderia salvar Rogério e, ao mesmo tempo, salvar a honra dela, esposa do médico. A criada pediu:

— Senhora: ensine-me como posso fazer isso; e eu farei, de boa vontade, tudo o que me ordenar.

A mulher do médico, que muito se interessava pelo caso, explicou, com improvisado golpe de imaginação, o que era preciso fazer; e prestou, na devida ordem, todas as instruções à criada. Esta se dirigiu, em primeiro lugar, ao médico, ao qual, chorando, disse:

— Senhor: cumpre-me pedir-lhe humildemente perdão por uma grande falta que cometi para com o senhor.

Indagou o mestre:

— Do que é que se trata?

E a criada, sem deixar de lacrimejar, esclareceu:

— Senhor: o senhor sabe que espécie de moço é esse Rogério d'Aieroli; aconteceu que ele se tomou de simpatias para comigo; e eu, um pouco por medo, outro pouco por amor, senti a conveniência de me tornar amiga dele, há já um ano. Ele sabia que o senhor não estaria em casa na noite de ontem; e tanto insistiu, que eu o levei para o meu quarto, a fim de que ele dormisse ali comigo. Em certa hora, ele teve sede; eu não tinha para onde recorrer, nem por água, nem por vinho, pois eu não queria que sua senhora, que se encontrava na sala, me visse; de súbito, recordei-me de que, no quarto de dormir do senhor, havia uma garrafinha de água; corri, a fim de ir buscá-la; então, dei de beber a Rogério; e tornei a pôr a garrafinha no mesmo lugar. Verifico, agora, que o senhor ficou zangadíssimo por isso. Sem dúvida, confesso que agi mal; mas qual é a pessoa que uma ou outra vez não age mal? Sinto-me profundamente arrependida de haver feito o que fiz. E sinto-o tanto por isto, como por aquilo que depois se seguiu. Rogério está para perder a vida. Por isto, da maneira mais sincera e encarecida que me é possível, peço-lhe que me perdoe e que me dê licença para ir ajudar aquele moço, naquilo em que pela minha explicação se puder ajudá-lo.

O médico, depois de ouvir a criada, embora ainda se sentisse impellido pela zanga, disse, gracejando:

— Você mesma já ganhou o perdão por suas próprias mãos; pois você imaginou que teria, em sua companhia, esta noite, um moço que lhe aquecesse bem os lençóis, mas acabou tendo apenas um dorminhoco. Por isto, vá tratar da salvação do seu amante. Daqui por diante, tome cuidado e não o traga mais à minha casa; do contrário, farei você pagar por esta vez e por aquela.

A criada achou que o primeiro golpe, por ela aplicado, tinha saído bem. Assim que lhe foi possível, dirigiu-se à prisão em que Rogério se encontrava; e tanto lisonjeou o carcereiro, que este deixou que ela falasse com o moço. A criada informou o prisioneiro sobre aquilo que ele deveria responder, quando fosse interrogado pelo *stradicò*. Só assim poderia salvar a própria vida. Depois disto, ela tanto fez e tanto mexeu, que acabou sendo admitida à presença do mesmo *stradicò*. Este funcionário viu que a moça era fresca e robusta; por isto, antes de a ouvir, quis apalpar, com suas próprias mãos, aquelas belezas de Deus; e ela, com o propósito de ser ouvida com mais atenção, não se mostrou esquiva; depois de se erguer da cama, disse:

— Senhor: o senhor está aqui com um preso, chamado Rogério d'Aieroli; ele foi agarrado como ladrão; mas a verdade não é essa.

Começando pelo início, a criada contou, àquela autoridade, a história toda, até ao fim; explicou como fora que ela, amante de Rogério, o havia levado à casa do médico, e como lhe dera para beber a água opiada, sem saber do que se tratava; por fim, disse como o pusera na arca, depois de o considerar morto. A seguir, contou o que ouvira dizer das relações entre o carpinteiro e o dono da arca, assim demonstrando o processo pelo qual Rogério acabara sendo levado à casa dos usurários.

O *stradicò* viu que seria fácil verificar se era verdade o que a criada dizia; indagou, primeiro, do médico, se era autêntica aquela história da água; e verificou que assim era; mais tarde, requereu a presença do carpinteiro, do homem a quem a arca havia pertencido, e dos usurários; após várias peripécias, o *stradicò* verificou que os usurários haviam roubado e levado para a própria casa, na noite anterior, a arca em questão. Finalmente, pediu a presença de Rogério, a quem perguntou onde se havia abrigado na noite passada; o prisioneiro respondeu que não sabia onde se havia abrigado; recordava-se, porém, de que tinha ido encontrar com a criada de mestre Mazzeo, em cujo quarto bebera água, devido à sede que sentira; declarou que, depois disso, não sabia o que havia sido do seu destino, a não ser a partir de quando, acordando em casa dos emprestadores de dinheiro, se encontrara dentro da arca.

O *stradicò* ouviu tudo isto, e muito satisfeito se sentiu; com suas piadas, fez rir, muitas vezes, a criada, Rogério, o carpinteiro e os usurários. Por fim, reconhecendo a inocência do Rogério, deu-lhe liberdade, condenando, porém, os usurários à multa de dez onças,³ por haverem roubado a arca.

Ninguém pergunte o quanto agradou este desfecho a Rogério; à sua amante, esposa do médico, este epílogo causou enorme contentamento. Esta amante, algum tempo depois, muito se riu, em companhia de Rogério e da criada, ao lembrar-se da circunstância de ela haver querido aplicar umas tantas facadas àquilo que pensava que fosse o cadáver do rapaz. A mulher e o seu amante muito se acariciaram; o seu amor e os seus prazeres continuaram sempre de vento em popa; e eu gostaria que isto acontecesse também a mim, excluindo-se, porém, a circunstância de ser posto dentro de uma arca.

Notas

¹ Viveu em Salerno, de 1309 a 1342; compôs, a pedido do rei Roberto, as *Pandectas da Medicina*, obra que foi traduzida para vários idiomas; parece que o seu nome verdadeiro era Matteo Montano.

² Juiz criminal, no linguajar napolitano da época.

³ Moeda siciliana da época.

DESPEDIDA



e as primeiras novelas da quarta jornada haviam consternado o coração das encantadoras mulheres, esta última novela, dita por Dioneio, fez com que elas rissem a valer, principalmente quando disse que o *stradicò* quis apalpar, com as próprias mãos, aquelas belezas de Deus; desta maneira, elas se restauraram da compaixão sentida no decorrer das outras narrativas. O Rei, porém, vendo que o sol começava a tornar-se amarelo, e que o término da sua soberania havia chegado, dirigiu palavras muito bonitas às mulheres, pedindo desculpas pelo que fizera, isto é, por haver determinado que se novelasse em torno de tema tão triste como é o da infelicidade dos amantes. Apresentada a desculpa, pôs-se de pé; retirou, da própria cabeça, a coroa de louros; as mulheres ficaram em ansiosa expectativa, a fim de verem em que cabeça ele a pousaria; com muito prazer, ele pousou-a na cabeça louríssima de Fiammetta, dizendo:

— Ponho-lhe à cabeça esta coroa, por ser você aquela que saberá conduzir as nossas companheiras, com mais habilidade do que qualquer outra, da árdua jornada de hoje, para aquela de amanhã.

Fiammetta era dona de cabelos crespos, longos e dourados, que lhe caíam sobre as espáduas imaculadas e delicadas; tinha o rosto redondo, da cor verdadeira dos lírios brancos e das rosas vermelhas, tudo misturado num matiz esplêndido; seus olhos pareciam os de um falcão peregrino; e sua boca pequenina era dotada de lábios que pareciam dois preciosos rubis. Sorrindo, Fiammetta disse:

— Filóstrato: eu a recebo de muito bom grado; e para que você melhor considere o que fez, desde já quero e ordeno que cada um de nós se prepare para novelar, no dia de amanhã, sobre aquilo que, a pessoas que se tenham

amado, possa ter acontecido, de feliz, depois de alguns episódios difíceis e desafortunados.

Esta ordem agradou a todos. Fiammetta mandou que o mordomo se apresentasse; com ele, combinou a forma pela qual deveriam ocorrer as coisas. A seguir, o grupo todo se pôs de pé. A Rainha dispensou-os a todos, alegremente, até a hora do jantar.

Os membros do grupo, então, se dispersaram; uns foram para o jardim, cujas belezas não seriam tão cedo esquecidas; outros rumaram para os moinhos, que moíam fora dos limites do jardim; outros, ainda, preferiram ir por aqui; outros, afinal, por ali; cada qual tratou, de acordo com as suas inclinações, de obter o entretenimento mais agradável, até que chegasse a hora do jantar. Quando esta hora chegou, todos se reuniram, como já se haviam acostumado a fazer, perto da linda fonte; ali, com enorme prazer, e muito bem servidos, jantaram. Terminada a refeição, levantaram das mesas, e, também como já se haviam acostumado a fazer, se puseram a dançar e cantar. Quem conduzia a dança era Filomena. E a Rainha disse:

— Filóstrato: eu não pretendo desviar-me da conduta dos que me antecederam; ao contrário; assim como eles agiram, assim quero agir; desejo, pois, que, por minha ordem, se cante uma canção. Visto, porém, que estou certa de que as suas canções são do mesmo espírito das suas novelas, queremos que você cante uma canção que seja a do seu maior agrado; e isto, para que os outros dias não sejam perturbados pelos seus infortúnios.

Filóstrato respondeu que cantaria de bom grado; e, sem mais demora, desta maneira começou:

*Lacrimejando, demonstro
O quanto o coração se amargura, com razão,
Por ser traído em sua fé, quanto ao Amor.
Amor: quando, pela primeira vez,
Você pôs, no meu coração, aquela por quem suspiro,
Sem esperar paz, nem salvação,
Você a mostrou tão cheia de virtudes,
Que eu considerei leve todo martírio
Que, por você, sobre o meu espírito,
Que se tornou dolente,*

*Pudesse desencadear-se. Mas agora percebo o meu erro;
E não o faço sem amargura.*

*O que me tornou ciente do equívoco
Foi o fato de me ver abandonado por aquela
Que era a única em quem eu depusera a minha esperança;
Quando eu mais convencido estava
De me encontrar em suas graças, e de a servir,
Eu, sem levar em consideração o mal
Do meu futuro sofrimento,
Percebi que ela havia acolhido, dentro do seu coração,
O mérito de outrem, e o meu atirado fora.*

*Assim que percebi ter sido expulso,
Irrompeu, no meu coração, um pranto doloroso,
Que ainda hoje persiste.
Com frequência maldigo o dia e a hora,
Em que, pela primeira vez, o seu rosto me apareceu,
Ornado de alta beleza,
E mais do que nunca flamejante;
Da minha fé, da esperança e do ardor,
Vai blasfemando a alma que morre.*

*Como é sem conforto o meu sofrimento,
Senhor, Tu o podes sentir, de tanto que Te chamo,
Com voz dolorida;
Digo-Te que isto tanto e por tal forma me tortura,
Que, por martírio muito menor, desejo a morte.
Que venha, pois, a morte; e que a minha vida,
Cruel e infeliz,
Se conclua, juntamente com o meu furor, com o seu golpe;
Por onde quer que eu vá, sofrerei menos.*

*Nenhuma outra saída, nenhum outro conforto
Me resta, a não ser a morte, à minha dor;*

*Dá-me a morte, pois, já agora;
Põe fim, Amor, com ela, aos meus males,
E destitui de vida tão infeliz o meu coração.
Pelo amor de Deus, faz isto, pois sem razão alguma
A alegria me foi tolhida; aquela mulher
Se sente feliz, vendo-me morrer, Senhor,
Como feliz a fizeste com o novo amor.*

*Balada minha: se alguém não te aprecia,
Por isso não me incomodo, porque ninguém,
Como eu, te pode cantar;
Uma tarefa, apenas, vou dar-te:
Torna a encontrar o amor; e a ele, que é um só,
Mostra o quanto me é desagradável
Esta triste vida amarga;
E implora-o para que me leve,
Pelos meus méritos, a melhor porto.*

Lagrimando, demonstro... etc.

As palavras desta canção puseram em relevo, com bastante clareza, o estado de espírito de Filóstrato, bem como a sua causa; talvez em maior relevo o teria posto o aspecto da mulher causadora daquele sofrimento, e que naquela dança se encontrava, se as trevas da noite sobrevinda não houvessem ocultado o rubor que lhe subira às faces. Entretanto, depois que Filóstrato pôs fim à sua canção, muitas outras foram cantadas, até chegar a hora de se ir dormir. Quando esta hora chegou, a Rainha ordenou que cada qual se recolhesse aos seus aposentos.

Conclui-se a quarta jornada de O DECAMERÃO; começa a quinta, na qual, sob a soberania de FIAMMETTA, se fazem narrativas sobre aquilo que, a pessoas que se tenham amado, possa ter acontecido, de feliz, depois de alguns episódios difíceis e desafortunados.







QUINTA JORNADA

Estava já o oriente todo branco; e os raios que surgiam já haviam tornado claro todo o nosso hemisfério quando Fiammetta se despertou, acordada que foi pelo doce canto dos pássaros. As lindas avezinhas andavam cantando pelos ramos das árvores já desde a primeira hora do dia. Fiammetta, erguendo-se, mandou que se acordassem todas as outras moças e também os três moços. Depois, ela desceu, com passo tranquilo, para os campos, acompanhada por todos os membros do grupo; andou pela vasta planície, pisando em cima de ervas orvalhadas, até que o sol se ergueu; com todos os seus companheiros, conversou, ora sobre isto, ora sobre aquilo; e também brincou. Todavia, ao sentir que os raios solares se aqueciam, orientou os passos para o lugar de onde havia partido.

Em chegando todos à residência palaciana, ela fez com que se restaurassem, com vinhos ótimos e saborosos confeitados, as energias consumidas no breve passeio; depois, o grupo se entreteve pelo jardim encantador até a hora da refeição. Quando essa hora chegou, todas as coisas já haviam sido prontadas pelo discretíssimo mordomo. Assim, depois de se recitar alguma poesia acompanhada por música, e de se cantarem duas ou três baladas, os componentes do grupo, obedecendo à ordem dada pela Rainha, se puseram à mesa. E o fizeram com grande alegria.

Após o almoço, feito com ordem e prazer, não se esqueceu o costume adquirido das danças; assim, bailaram-se algumas danças, acompanhadas por músicas de instrumentos e por várias canções. Em seguida a isso, e sobrevindo a hora da sesta, a Rainha deu licença a cada um. Deles, uns foram dormir; outros permaneceram no belo jardim para sua diversão. Mas todos, logo depois de passada a hora nona, se reuniram novamente junto à fonte, como a Rainha determinara e também de acordo com o hábito estabelecido.

A Rainha sentou-se *pro tribunali*; olhou, sorrindo, para Pânfilo; e impôs-lhe que desse começo às novelas de assuntos felizes.

Pânfilo de bom grado se prontificou a novelar; e assim disse:

PRIMEIRA NOVELA

Amando, Cimone torna-se esclarecido; e rapta, no mar, Efigênia, sua amada; em Rodas, é posto na cadeia, de onde é retirado por Lisímaco; de novo, em sua companhia, rapta Efigênia e Cassandreia durante as respectivas núpcias; os dois fogem, com as mulheres mencionadas, para Creta; ali, elas se tornam suas esposas; e, com elas, eles são chamados para as próprias casas.



— Encantadoras mulheres: muitas novelas se me apresentam ao espírito para que com elas eu dê começo a uma jornada tão agradável como esta deverá ser; entre elas, uma há que particularmente me agrada. Por meio dela, vocês poderão não somente compreender o fim feliz em torno do qual começamos a novelar, mas também perceber como são santas, como são poderosas e como estão cheias de bens as forças do Amor; muita gente existe que condena e vitupera essas forças, sem saber o que diz; e o faz sem razão alguma; se não me engano — porque penso que vocês, mulheres, estão enamoradas —, muito lhes deverá agradar que tais forças sejam santas, poderosas e cheias de bens.

Como, pois, já lemos, nas antigas histórias dos cipriotas, existiu, na ilha de Chipre, um homem nobilíssimo, que respondia pelo nome de Aristipo. Mais do que qualquer outro seu conterrâneo, era homem extremamente rico de todas as coisas temporais; e não há dúvida de que, se o destino não o houvesse golpeado em uma única coisa, mais do que qualquer outro homem ele poderia se dar por satisfeito. Essa única coisa era que, entre outros filhos seus, ele contava um que superava, em grandeza e beleza do corpo, todos os outros moços, mas que era quase louco; e já não havia esperança da sua volta à razão normal. O verdadeiro nome do moço era Galeso.

Nunca se havia conseguido pôr, na cabeça desse rapaz — nem por labuta de professor, nem por adulação ou por surras do pai, nem pela inteligência de qualquer outra pessoa —, qualquer instrução, e menos ainda qualquer educação. Por ter voz grossa e antipática, e modos mais convenientes a animal

do que a homem, todos o chamavam, por escárnio, Cimone; isso, na língua deles, equivalia, na nossa, a “animalão”.

O pai aborrecia-se infinitamente com a vida desregrada do filho; e, como já se lhe havia dissipado do coração toda esperança, esse pai, para não ter sempre diante dos próprios olhos a causa da sua dor, ordenou a Cimone que fosse para a zona rural e que ali permanecesse em companhia dos seus trabalhadores. Cimone recebeu com grande prazer essa ordem, porque os costumes e os usos dos homens do campo lhe eram mais agradáveis do que os dos homens da cidade.

Rumando, pois, para a zona rural, Cimone ganhou experiência nas coisas relacionadas com aquela vida. E aconteceu que, um dia, bem depois do meio-dia, ao passar de uma propriedade a outra com um bordão ao ombro, ele entrou num bosque muito bonito que havia por aquelas paragens; por se estar no mês de maio, as árvores se apresentavam todas frondosas. Andando pelo interior do bosque, aconteceu que Cimone, guiado apenas pela sua sorte, foi dar com um pequeno prado circundado por plantas altíssimas; a um dos cantos do prado, via-se uma fonte extremamente encantadora, de água múrmura e fresca; ao lado da fonte, ele viu, dormindo sobre a relva verde, uma jovem muito bonita; a jovem estava coberta por uma vestimenta tão sutil que quase nada lhe escondia das cândidas formas; somente da cintura para baixo é que ela se apresentava protegida por uma colcha branca e leve; junto a essa jovem, dormiam, como ela, duas mulheres e um homem, que eram os seus servidores. Assim que Cimone viu a moça, sentiu-se como se nunca tivesse visto forma de mulher; deteve-se, apoiando-se no seu bordão; e, sem dizer palavra, mas todo imbuído de enorme admiração, começou a contemplá-la reconcentradamente.

No seu peito grosseiro, no qual nunca entrara impressão alguma de prazer civilizado, a despeito de mil esforços e ensinamentos do pai e dos educadores, ele sentiu despertar um sentimento. Ao seu espírito rústico e pesadão, esse sentimento sugeriu que aquela era a mais linda mulher até então contemplada por olhos mortais. Ao cabo de algum tempo, começou a distinguir as partes do corpo da moça; louvou-lhe os cabelos, que considerava de ouro; apreciou-lhe a fronte, o nariz, a boca, a garganta, os braços e, de modo particular, o peito, ainda dotado de pouco relevo; transformando-se, assim, repentinamente, de trabalhador do campo em juiz de beleza, sentiu-se desejoso de lhe contemplar os olhos, que ela, devido ao sono, conservava fechados; para vê-los, várias vezes teve vontade de acordá-la. Contudo, não a acordou, porque, parecendo-lhe ela muito mais linda do que todas as outras mulheres anteriormente vistas por ele,

Cimone passou a duvidar: talvez que ela fosse uma deusa. A despeito de tudo, o rapaz ainda tinha sentimento bastante para julgar que as coisas divinas eram mais dignas de reverência do que as coisas terrenais; por isso, conteve-se, esperando que aquela moça por si mesma se despertasse. Embora se lhe afigurasse excessiva a demora, mesmo assim, por se sentir dominado por um prazer desconhecido, não sabia sair de lá.

Depois de longo espaço de tempo, a moça, cujo nome era Efigênia, acordou; mas os seus servidores continuaram mergulhados no sono; ela ergueu a cabeça; abriu os olhos; e, vendo que Cimone lá estava, à sua frente, de pé, apoiado ao bordão, muito se surpreendeu; e disse:

— Cimone: que é que você anda procurando a esta hora por este bosque?

Cimone era conhecido por quase todas as pessoas da região tanto pela sua forma quanto pela sua rudeza, bem como pela nobreza e pela riqueza do pai. O moço não respondeu palavra à pergunta formulada por Efigênia; mas, assim que viu abertos os olhos dela, passou a fitá-los intensamente; parecia-lhe que, daqueles olhos, se irradiasse uma suavidade infinita, que lhe enchia a alma de um prazer jamais experimentado. Vendo-o em semelhante atitude, a moça começou a duvidar: sempre seria possível que aquela contemplação tão reconcentrada impelisse a rusticidade do rapaz a algum ato que poderia transformar-se, para ela, em vergonha. Por isso, Efigênia chamou as mulheres suas servidoras; ergueu-se; e disse:

— Cimone: fique você com Deus.

Ao que, então, Cimone respondeu:

— Eu irei consigo.

Por mais que a moça lhe recusasse a companhia, porque continuava a temê-lo, ele nunca se separou dela enquanto não chegou, acompanhando-a à porta da casa em que ela morava. Dali, Cimone rumou para a casa paterna, afirmando que não desejava, de forma alguma, regressar ao campo; o episódio tornou-se embaraçoso para o pai e para os seus; mesmo assim, todos deixaram que ele agisse como entendesse, à espera de verificar a causa que o havia induzido a mudar de ideia.

No coração de Cimone, no qual não tinha entrado doutrina alguma, entrara, como se vê, a flecha do Amor, por virtude da beleza de Efigênia; dentro de pouco tempo se averiguou esse fato; e isso, levando o espírito de um pensamento a outro, causou maravilha ao pai, bem como a todos os seus e a cada uma das pessoas que o conheciam.

Em primeiro lugar, Cimone pediu ao pai que lhe proporcionasse recursos para que ele pudesse andar com roupas aparatosas e com outros ornamentos, como os seus irmãos andavam. O pai acedeu a esse pedido com enorme satisfação. Depois, Cimone passou a frequentar moços de valor; viu e ouviu os modos que ficavam bem a pessoas educadas; observou como se comportavam os moços enamorados; e, com enorme surpresa de toda gente, ele, dentro de pouco tempo, não somente aprendeu as primeiras letras, mas até se tornou notável entre os pensadores. A seguir, não apenas transformou a voz áspera e rústica em voz citadina e educada mas também se fez professor de canto e de instrumentos musicais. Tornou-se, igualmente, perito na equitação, bem como nos empreendimentos belicosos, tanto de marinha quanto de terra firme. De tudo isso, a causa foi o amor que ele nutria para com Efigênia.

Em poucas palavras, para que eu não enumere cada aspecto, em particular, das suas virtudes, digo que, antes de se completar o quarto ano, a contar do dia do seu primeiro enamoramento, ele acabou sendo o moço mais elegante, mais bem-educado e mais ornado de méritos, do que qualquer outro que existisse na ilha de Chipre.

Que devemos, pois, dizer, mulheres caríssimas, de Cimone? Por certo, não devemos dizer coisa alguma, a não ser que as altas virtudes, postas pelo céu na valorosa alma do moço, haviam sido comprimidas, por uma sorte invejosa, num pequeníssimo canto do seu coração; ali essas virtudes permaneciam, ligadas e presas por vínculos fortíssimos; esses vínculos, porém, foram partidos e despedaçados pelo Amor, por ser o Amor muito mais poderoso do que a Fortuna invejosa. Como força despertadora de capacidades adormentadas, o Amor, com a sua potência, ergueu à luz clara aquelas virtudes que se achavam ofuscadas pela cruel obumbração; com isso, o Amor mostrou abertamente de que lugar ele retira os espíritos que dele se animam e de que modo os conduz com os seus raios luminosos.

Entretanto, embora amasse Efigênia, Cimone, como costumam fazer os moços enamorados, de quando em quando praticava um desregramento; mesmo assim, Aristipo, seu pai, levando em consideração que o amor o havia transformado de brutamontes em criatura humana, passou a ajudá-lo pacientemente. Estimulava-o, mesmo, a prosseguir na satisfação de todos os seus prazeres. Cimone, porém, recusava-se a ser novamente chamado Galeso; recordava-se de que fora chamado “Cimone” por Efigênia. Um dia, Cimone quis pôr fim honesto ao seu desejo: tentou várias vezes a Cipseu, pai de Efigênia, para que concordasse em lhe dar a moça por esposa. Cipseu, todavia,

respondeu sempre que havia prometido a filha a Pasimunda, nobre moço de Rodes, para com o qual não desejava faltar à palavra dada.

Quando chegou o tempo da realização das núpcias contratadas de Efigênia, e quando o noivo mandou buscá-la, Cimone disse de si para consigo:

— Chegou o tempo de mostrar, oh! Efigênia, quanto você é por mim amada. Por você, eu me tornei homem; se eu conseguir possuir você, não duvido que me tornarei ainda mais glorioso do que um deus. E não há dúvida de que eu a possuirei. Ou então morrerei.

Assim dizendo, chamou à sua presença, em segredo, alguns nobres moços que eram seus amigos. Depois, mandou armar um pequeno barco, também sob sigilo; o barco ficou, assim, aprestado com tudo o que poderia ser oportuno para o caso de se travar uma batalha naval; e foi posto no mar. Nesse barco, Cimone ficou esperando o navio a cujo bordo Efigênia deveria ser transportada para Rodes, para os braços do seu marido.

Depois de muitas festas e honrarias promovidas pelo pai da moça aos amigos do futuro marido, Efigênia se fez ao mar; os marinheiros puseram a proa do navio na direção de Rodes; e partiram. Cimone, que não dormia, alcançou, com o seu barco, aquele navio logo no dia seguinte. E gritou, com voz poderosa, para os que estavam na proa daquele navio a cujo bordo Efigênia se encontrava:

— Parem! Ferrem as velas! Ou então nada mais terão a esperar do que ser vencidos e submersos no mar!

Os adversários de Cimone puseram na cobertura do navio as suas armas; e prepararam-se para a defesa. Cimone, porém, depois de proferir aquelas palavras, tomou de um ferro uncinado; atirou-o à popa do navio dos rodenses, que procuravam fugir navegando a toda; e, aplicando grande força, uniu, por meio daquele ferro, a popa daquele navio à proa do seu barco; depois, enfurecido como um leão, sem esperar pela companhia de nenhum dos seus amigos, saltou para bordo do navio dos rodenses quase como se não atribuisse valor algum a nenhum deles, em separado ou em conjunto. Espicaçado pelo Amor, Cimone atirou-se em meio aos seus inimigos com um punhal na mão; sentia-se dotado de força prodigiosa; e assim avançou ora contra este, ora contra aquele, abatendo-os a todos como se fossem cabras.

Ao ver semelhante portento, os rodenses restantes atiraram as armas ao chão e, quase que a uma voz, se declararam prisioneiros. A eles, então, Cimone disse:

— Moços: não foi ambição de pilhagem nem ódio contra vocês o que me fez partir de Chipre para assaltar o seu navio, à mão armada, em pleno mar. O que me impeliu a esse gesto é uma coisa importantíssima para mim, a ponto de merecer ser conquistada; mas é também muito fácil, a vocês, entregar-ma em paz. O que pretendo é Efigênia, mulher por mim amada acima de todas as coisas; como não me foi possível obtê-la do pai dela na qualidade de amigo e em paz, vi-me obrigado, pelo Amor, a conquistá-la a vocês por meio das armas e na qualidade de inimigo. Eu aspiro a ser, para ela, aquilo que o seu Pasimunda deveria ser. Deem-me essa moça e poderão vocês ir embora com a graça de Deus.

Os moços, mais constrangidos pela força do que pelo sentimento de generosidade, entregaram Efigênia, toda chorosa, a Cimone. Este, vendo-a em lágrimas, disse:

— Nobre moça: não se desconsolle. Eu sou o seu Cimone; por grande e longo amor, muito mais eu a mereci do que Pasimunda por meio de fé prometida.

Mandou que transferissem Efigênia do navio para o seu barco; não buliu em coisa alguma que pertencesse ao navio dos rodenses; voltou, depois, para junto dos seus companheiros e deixou que os rodenses fossem embora. Nessas condições, Cimone ficou mais contente do que qualquer outro homem pela conquista da sua querida presa.

Após algum tempo, que passou tentando consolar a moça banhada em lágrimas, Cimone deliberou com os seus companheiros que não seria de bom aviso regressar logo a Chipre. Todos se manifestaram de igual opinião. E o barco rumou, então, para Creta, onde cada um dos amigos, mas em especial Cimone, dispunha de muitas amizades, devidas a vínculos e a parentescos antigos e recentes. Ali, pois, todos, com Efigênia, julgavam estar a salvo de surpresas. Para Creta, consequentemente, foi orientada a proa do barco.

A Fortuna, entretanto, que com tanta espontaneidade havia favorecido a Cimone com a conquista da moça, não tem estabilidade; por isso, mudou, de súbito, em pranto triste e amargo, a incalculável alegria do moço enamorado. Antes de se completarem quatro horas, a contar de quando Cimone deixara que os rodenses fossem embora, sobreveio a noite. Cimone previa que essa noite deveria ser, para ele, a mais agradável das noites que um mortal pudesse atravessar. Com a noite, todavia, surgiu um tempo mau e tempestuoso que encheu o céu de nuvens, e o mar de ventos enfurecidos. Em consequência,

ninguém no barco conseguiu ver nem fazer coisa alguma; ninguém sabia para onde ir, nem que serviço efetuar, nem em que lugar se conservar.

Não é preciso perguntar quanto isso deu razão de queixas a Cimone. Até parecia que Deus lhe havia concedido a satisfação do seu desejo de conquista precisamente para que mais dolorosa lhe fosse a perspectiva de morrer logo depois; antes dessa conquista, pouco lhe teria importado morrer. Queixaram-se do tempo e das circunstâncias também os seus companheiros. Quem mais se queixava, porém, era Efigênia, que continuava a chorar copiosamente, mostrando-se receosa de cada sacudida infligida ao barco pelo movimento das ondas. No seu pranto, ela maldizia, asperamente, o amor de Cimone; queixava-se da audácia do rapaz; afirmava que aquela noite de tempestade só tinha uma razão de ser. Essa razão de ser era a de que Deus (não querendo que ele, que a desejava por esposa, contra os desígnios do céu a tivesse como tal) tratava de impedir que ele chegasse ao seu presunçoso prazer; assim, Deus forçava-o a vê-la morrer primeiro para que depois ele também morresse miseramente.

Em face de lamentos dessa ordem e de outros mais graves ainda, os marinheiros já não sabiam o que fazer. Tomava-se o vento cada vez mais forte; ninguém mais sabia por onde ia nem conhecia o lugar em que se encontrava; por fim, chegaram todos à ilha de Rodes. Contudo, não perceberam, desde logo, que se tratava dessa ilha; assim que a avistaram, fizeram o possível para aproar em terra firme a fim de que as pessoas se salvassem. A essa tentativa a sorte foi favorável; o barco chegou a uma pequena enseada do mar, precisamente ao lugar onde, um pouco antes, os marinheiros rodenses, aos quais Cimone havia atacado e depois dado liberdade, tinham chegado com o seu navio. Ninguém notou que havia aportado à ilha de Rodes.

Ao surgir da aurora, porém, e ao se tornar o céu mais claro, todos se viram a uma flechada de distância do navio que haviam deixado livre no dia anterior. Cimone lamentou muitíssimo essa circunstância, pois receou que lhe acontecesse o que havia acontecido aos rodenses daquele navio; ordenou, pois, que se aplicasse o máximo da força para sair dali; que os transportasse a sorte a todos para onde ela bem quisesse, porquanto não poderiam encontrar lugar pior do que aquele. Todas as forças se empregaram para a saída; mas tudo foi em vão. O vento, fortíssimo, soprava em sentido contrário; a tal ponto que, além de os impedir de sair daquela pequena enseada, lhes suspendeu o barco, lançando-o à praia.

Quando puseram pé em terra, foram reconhecidos pelos marinheiros rodenses, que os viram de longe, depois de descerem de bordo do seu próprio

navio. Alguns desses marinheiros correram a uma aldeia para onde os nobres moços rodenses se haviam dirigido; contaram a estes que Cimone, com Efigênia, tinha chegado à ilha a bordo do seu barco, que o vendaval impelira para aquela enseada. Os nobres moços, ao ouvirem essa notícia, sentiram-se contentíssimos; reuniram numerosos homens da aldeia; rumaram para aquela enseada; e ali agarraram Cimone, com todos os seus companheiros, bem como com Efigênia; Cimone havia elaborado o plano de se recolher, com sua gente, a uma floresta vizinha; mas todos foram conduzidos à aldeia.

Procedendo da cidade, Lisímaco, que naquele ano era o supremo magistrado da ilha de Rodes, chegou à referida aldeia com enorme companhia de homens de armas. Lisímaco, pois, prendeu Cimone e os seus companheiros; e pô-los a todos no cárcere, de acordo com a ordem emanada do senado de Rodes por súplica de Pasimunda, pois aos ouvidos deste já haviam chegado as notícias relativas ao episódio. Por essa forma, o infeliz e apaixonado Cimone perdeu a sua Efigênia pouco depois de ela ser por ele mesmo conquistada e sem lhe haver tomado coisa alguma, afora um ou outro beijo.

Efigênia foi recebida por numerosas mulheres nobres de Rodes, sendo por elas confortada, seja pela dor daquela captura, seja pela fadiga imposta pelo mar grosso; junto dessas mulheres a moça permaneceu até o dia marcado para as núpcias.

Deixou-se de aplicar a pena de morte a Cimone e seus companheiros pelo fato de, no dia anterior, eles haverem dado liberdade imediata aos jovens rodenses; mas não há dúvida de que Pasimunda desenvolveu o máximo dos esforços no sentido de que lhes fosse tolhida a vida. Cimone e seus companheiros foram condenados à prisão perpétua. Entraram na prisão, onde se mantiveram pesarosos e quietos, sem qualquer esperança de poderem auferir o menor prazer dali por diante.

Pasimunda, por seu lado, apressou quanto pôde as próprias núpcias; mas a sorte, talvez arrependida do inesperado revés imposto a Cimone, provocou outra ocorrência, dessa vez a bem de sua salvação. Pasimunda tinha um irmão menor do que ele quanto à idade, mas não quanto às virtudes e que respondia pelo nome de Ormisdas; este irmão estivera em longa expectativa de tomar, por esposa, uma nobre moça muito bonita daquela cidade e que se chamava Cassandreia; essa moça era extremamente amada por Lisímaco, magistrado supremo da ilha.

O casamento de Cassandreia com Ormisdas já havia sido adiado por várias vezes por circunstâncias diversas. Ora: Pasimunda tinha o dever de

celebrar as próprias núpcias com uma festa enorme; pensou, então, que seria interessante, para não se repetirem as despesas e os festejos, que Ormisdas também se casasse na mesma ocasião. Retomou, pois, as conversações com os parentes de Cassandreia; conduziu-as a bom termo; e ele, juntamente com o irmão, deliberou que, no mesmo dia em que Pasimunda se casasse com Efigênia, Ormisdas se casaria com Cassandreia.

Lisímaco teve informação a esse respeito, que muito lhe desagradou; aquele casamento o privaria de toda esperança; acreditava que, se Ormisdas não se casasse com a moça, esta, sem dúvida alguma, acabaria se casando com ele, Lisímaco. Prudente e esclarecido como era, o magistrado supremo ocultou o seu aborrecimento; e começou a pensar numa forma que impedisse a realização daquelas núpcias; mas não encontrou outra saída, a não ser a da efetivação de um rapto. Pareceu-lhe fácil levar a efeito o rapto em razão do alto posto que ocupava; mas o ato seria ainda mais desonesto do que se ele não estivesse exercendo função alguma.

Afinal, depois de longa meditação, a honestidade cedeu o lugar ao Amor; Lisímaco decidiu-se pelo rapto de Cassandreia, acontecesse o que acontecesse. Tratou de pensar nos companheiros que deveria ter para realizar a proeza; elaborou o plano da ordem em que os atos deveriam se suceder; lembrou-se de Cimone, que conservava na prisão com os companheiros de barco; e imaginou que nenhum outro companheiro poderia ser melhor, nem mais fiel, para semelhante empreendimento do que Cimone, de Chipre. Assim pensando, Lisímaco entrou, na noite seguinte, no cárcere de Cimone; fê-lo comparecer à sua presença; e começou a lhe falar por esta maneira:

— Cimone: assim como os deuses são ótimos e generosos doadores de coisas aos homens, assim também são eles sagacíssimos experimentadores de suas virtudes. Os homens que os deuses verificam que são firmes e constantes em todas as circunstâncias, por serem mais valorosos, são pelos deuses tornados dignos das mais elevadas recompensas. Os referidos deuses têm mais conhecimento e mais experiência de suas virtudes do que você poderia proporcionar aos olhos de quem quer que seja se tivesse ficado dentro dos limites da casa de seu pai. Conheço seu pai e sei que é dono de abundantíssima riqueza. Ao que ouvi dizer, os deuses, por meio de pungentes solicitações de amor, primeiro transformaram você de insensato animal em verdadeiro homem; depois, com árdua fortuna e, agora, com tediosa prisão, desejam ver se o seu ânimo se modifica, deixando de ser o que era quando, por pouco tempo, você se sentiu alegre devido à presa que havia conquistado. Se o seu ânimo é o

mesmo que foi, nada lhe será tão agradável nem os deuses lhe proporcionaram algo que fosse tão bom como aquilo que agora se preparam para lhe oferecer. O que se preparam para lhe oferecer é o que eu vou lhe dizer agora a fim de que você retome as energias antigas e torne a se fazer audaz. Pasimunda, satisfeito com a sua desventura e insistente solicitador da sua morte, está apressando, tanto quanto possível, a celebração das próprias núpcias com Efigênia; o que ele tenciona é gozar a presa, a mesma presa que, antes, a boa sorte havia entregue a você e que, logo depois, a má sorte lhe roubou. Quanto isso lhe possa doer, se você ama como creio que ame, eu julgo por mim mesmo, pois estou sofrendo desventura igual à sua; no mesmo dia, Ormisdas, irmão de Pasimunda, se casará com Cassandreia, que eu amo acima de todas as coisas. Para fugirmos de tanto sofrimento e de tanta perseguição por parte da sorte, não vejo caminho algum aberto, a não ser o representado pela virtude dos nossos amigos e das nossas destros; convém que empunhemos espadas com as nossas destros para podermos abrir caminho; você irá para o seu segundo rapto; eu, ao meu primeiro; mas só por essa forma conseguiremos as nossas mulheres. Sei que pouco se incomoda você com a liberdade se ela lhe for dada sem a mulher que você ama; contudo, também sei que você gostaria imensamente de reaver essa mulher. Pois bem: os deuses puseram em suas mãos a liberdade e a mulher desde que você queira me seguir no meu empreendimento.

Essas palavras todas fizeram com que o ânimo voltasse a Cimone; e ele, sem se demorar muito para formular a resposta, disse:

— Lisímaco: você não poderá encontrar companheiro mais forte nem mais fiel do que eu desde que ao ato se siga aquilo que você promete; por isso, ordene você aquilo que me caberá fazer; e verá como tudo se sucederá com força maravilhosa.

A isso, Lisímaco explicou:

— Daqui a três dias, as novas esposas entrarão pela primeira vez nas casas dos respectivos maridos; nessas casas nós entraremos ao cair da tarde; você irá com os seus companheiros, todos armados; eu irei com alguns amigos meus nos quais deposito inteira confiança; raptaremos as moças em meio às festividades; levá-las-emos para um navio que já fiz preparar em segredo; e mataremos toda pessoa que pretender interferir nos nossos atos.

Essa ordem agradou a Cimone. E este ficou quieto, em sua prisão, até o tempo marcado. Quando chegou o dia das núpcias, a pompa foi opulenta e

magnífica; todos os recantos da casa dos dois irmãos se encheram de alegria e de festa.

Lisímaco já havia preparado tudo quanto fosse preciso. Por seu lado, Cimone preparou todos os seus companheiros e todos os seus amigos; armou-os com armas postas por baixo das vestes; e, quando lhe pareceu soada a hora, entusiasmou-os e incitou-os, com muitas palavras, à realização do que levariam a termo; depois, dividiu-os em três grupos; desses grupos, mandou um, cautelosamente, ao porto a fim de que ninguém pudesse impedir o acesso dos raptadores ao navio de fuga; com os outros dois grupos, dirigiu-se Cimone à residência de Pasimunda; deixou um grupo à porta a fim de que ninguém o pudesse encerrar dentro da casa nem impedir sua saída com Efigênia; o grupo restante subiu, na companhia de Cimone e de Lisímaco, pelas escadas acima. Cimone e Lisímaco chegaram à sala onde as novas esposas se encontravam, em companhia de muitas outras mulheres; estavam todas às mesas, sentadas, em ordem, para comer. Os dois se adiantaram; atiraram as mesas ao chão; cada qual agarrou a mulher dos seus amores; os dois as entregaram aos braços robustos de seus companheiros; e ordenaram a esses companheiros que as levassem para bordo do navio já aprestado. As novas esposas começaram a chorar e a gritar; o mesmo fizeram as outras mulheres, bem como as aias e os serviçais.

De um momento para outro, tudo se encheu de barulho e de choro. Mas Cimone, Lisímaco e os seus companheiros desembainharam as espadas; sem encontrar qualquer resistência, abriram caminho aos que levavam as duas moças raptadas; chegaram perto das escadarias; ao descerem as escadas, encontraram-se com Pasimunda, que, atraído pela barulheira lá de cima, estava subindo com um porrete nas mãos; Cimone, ao ver Pasimunda assim armado, golpeou-lhe com tanta energia a cabeça que a partiu de alto a baixo pelo meio; Pasimunda caiu morto aos pés de Cimone. Ormisdas, irmão de Pasimunda, correu em auxílio deste, mas também ele foi abatido pelos golpes de Cimone; alguns outros homens, que pretenderam se intrometer naquele episódio, foram feridos e repelidos pelos companheiros de Cimone e de Lisímaco.

A casa foi deixada cheia de pranto, barulho, sangue e tristeza; e os que a deixaram não encontraram impedimento algum. Os raptadores e seus companheiros, todos carregando as duas mulheres, rumaram unidos para o navio; as mulheres foram levadas para bordo; Cimone e Lisímaco subiram também, seguidos por seus companheiros; dentro de pouco tempo, a praia

ficou cheia de gente armada, que corria para salvar as moças raptadas; mas os marinheiros deram com os remos na água e seguiram alegremente seu destino.

Em chegando à ilha de Creta, todos foram recebidos, com grandes festas, por numerosos amigos e parentes. Cimone e Lisímaco casaram-se ali com as mulheres que amavam; foram enormes as festividades comemorativas; e os dois, muito satisfeitos, puderam gozar os preciosos objetos de sua pilhagem humana.

Tanto em Chipre quanto em Rodes, a perturbação foi intensa e durou longo tempo, recordando-se todos da desusada façanha. Por fim, tanto em Chipre quanto em Rodes, os amigos de Cimone e de Lisímaco interferiram, de modo que, depois de uma temporada de exílio, Cimone, com Efigênia, pôde regressar a Chipre, sendo que Lisímaco e Cassandreia voltaram para Rodes; dali por diante, cada qual viveu agradavelmente com a mulher amada por longo tempo em sua terra.

SEGUNDA NOVELA

Constança ama Martuccio Gomito; recebendo a notícia de que ele está morto, fica desesperada; põe-se sozinha numa barca, que é levada pelo vento a Susa; ela reencontra Martuccio vivo em Túnis; fala-lhe; ele, que se tornara grande pelos conselhos dados ao rei, desposa-a; e, rico, em companhia dela, regressa à ilha de Lípari.



recebendo que a novela de Pânfilo tinha chegado ao fim, a Rainha, depois de muito louvar a narrativa que acabara de ouvir, ordenou que Emília prosseguisse na série dizendo outra. E Emília assim começou:

— Toda pessoa deve deleitar-se adequadamente em face de episódios nos quais vê que os galardões acompanham e são distribuídos de acordo com os afetos. E, visto que o ato de amar merece, com o correr do tempo, mais alegria e prazer do que aflição, eu, com muito maior boa vontade, obedecerei à Rainha, abordando o tema presente, do que obedeci ao Rei ao limitar-me ao tema anterior.

Vocês devem saber, pois, minhas delicadas mulheres, que, perto da Sicília, existe uma ilhota chamada Lípari. Nessa ilha, não faz ainda muito tempo, viveu uma linda jovem que respondia pelo nome de Constança e que nascera de gente mal-afamada do lugar. Dessa moça se enamorou um rapaz que era também da ilha; chamava-se Martuccio Gomito; era atencioso, bem-educado e de grandes méritos no seu ofício. Por seu lado, também a moça se apaixonou por ele; e o fez a tal ponto que nunca se sentia bem, a não ser quando o via.

Martuccio desejava tê-la por esposa e, por isso, fez com que a fossem pedir, ao pai dela, para ele. O pai respondeu que Martuccio era pobre e que, portanto, não nutria intenções de lhe entregar a filha. O rapaz, indignado por se ver recusado apenas devido à pobreza, jurou, perante alguns dos seus amigos e parentes, sair de Lípari e não voltar mais à ilha, a não ser quando ficasse rico. Depois, partiu. Corseando, passou a costear a Barberia e a roubar todos quantos podiam menos do que ele. Nessas atividades, muito favorável lhe foi a

sorte; e continuaria a sê-lo se ele houvesse sabido pôr limites à própria felicidade.

Entretanto, não lhe bastou a circunstância de ele e os seus companheiros se tornarem riquíssimos em breve tempo; ele e os seus companheiros procuraram enriquecer-se além de toda medida; e aconteceu, então, que todos eles foram presos e roubados por determinados barcos sarracenos; é verdade que ofereceram longa resistência; mas a maior parte de sua gente foi afogada no mar, e o pequeno navio foi posto a pique. Martuccio se viu, pois, conduzido a Túnis, onde foi metido na prisão e ali conservado por longo período de miséria.

Não por meio de uma pessoa nem de duas, mas de muitas, levou-se à ilha de Lípari a notícia de que todos aqueles que se encontravam a bordo do barco de Martuccio haviam sido afogados.

A moça muito pesar sentira por ocasião da partida de Martuccio; e, ouvindo agora a informação segundo a qual ele tinha morrido em companhia dos seus seguidores, chorou longamente; a seguir, decidiu, de si para consigo, que não desejaria viver mais; como, todavia, seu coração não suportava a ideia de ela se matar a si mesma por meio de prática de alguma violência, pensou em descobrir uma necessidade para a própria morte. Certa noite, saiu secretamente da casa paterna; dirigiu-se ao porto; por acaso, encontrou, um pouco afastada de outros navios, uma embarcação de pescadores; dessa embarcação, pouco tempo fazia que seus donos tinham desembarcado; e, por isso, ela se encontrava equipada com mastro, vela e remos. A moça subiu para dentro dessa embarcação; acionando os remos, conseguiu rumar para o mar; ali, armou as velas, porque tinha conhecimentos da arte da marinhagem, como acontecia, geralmente, com as mulheres da ilha; atirou fora os remos e o timão; e entregou a própria sorte ao vento; sua ideia era a de que, necessariamente, ou o vento viraria de borco a barca que não tinha carga nem timoneiro, ou a embarcação iria de encontro a algum escolho e de encontro a ele se romperia; assim, ainda que ela quisesse sobreviver, não o conseguiria; por imperiosidade das circunstâncias, morreria afogada.

Constança, então, envolveu a cabeça num manto; aninhou-se no fundo da embarcação; e ali se ficou, chorando.

Entretanto, tudo aconteceu de outra forma, como ela não previra. Porque o vento que soprou foi a tramontana; sendo esse vento muito suave, não havendo mar grosso e sendo a barca bem equilibrada, Constança foi aportar, na tarde do dia seguinte àquela noite em que subira a bordo, a uma praia que ficava a umas cem milhas, ou cerca de 170 quilômetros, acima de Túnis, perto

de uma cidade chamada Susa. A moça não tinha vontade alguma de ficar mais na terra do que no mar; e, assim como não erguera a cabeça, por força de nenhum acidente, durante a viagem, também não se moveu nem tinha intenção de mover-se da sua posição deitada quando o barco abicou.

Encontrava-se na praia, por acaso, quando a embarcação encalhou na areia, uma pobre mulherzinha que retirava, do sol, as redes dos seus pescadores. Essa mulherzinha, vendo a barca, ficou surpresa; não compreendia como a haviam deixado bater em terra firme estando com a vela panda. Pensando que os pescadores estivessem dormindo, foi para dentro da embarcação encalhada; mas nenhuma outra pessoa ela viu a bordo, afora aquela jovem. A moça estava dormindo profundamente; a mulherzinha chamou-a; por fim, conseguiu acordá-la; pelas roupas, reconheceu que Constança era cristã; falando, pois, em latim, perguntou-lhe como acontecera aquilo de ela chegar àquela praia, sozinha, na mencionada embarcação.

Constança, ouvindo a fala latina, imaginou que talvez outro vento a houvesse feito regressar a Lípari; pondo-se imediatamente de pé, olhou ao redor; como não reconheceu a região e se viu em terra firme, perguntou à mulherzinha onde era que se encontrava. Ao que a mulherzinha respondeu:

— Minha filha: você está perto de Susa, na Barbaria.

A moça, ouvindo isso, sentiu-se pesarosa por Deus não haver querido mandar-lhe a morte; duvidando, envergonhada, e não sabendo o que fazer, sentou-se na praia, ao pé da barca; e ali recomeçou a chorar. Diante disso, a mulherzinha apiedou-se; e tanto pediu que Constança consentiu em ser por ela conduzida à cabana em que ela morava; na cabana, a mulherzinha mostrou-se tão atenciosa que Constança acabou informando-a sobre como chegara àquela praia.

A mulherzinha ficou sabendo que a moça ainda se encontrava em jejum; preparou a mesa, na qual lhe serviu um pouco de seu pão duro, algum peixe e água; e tanto a suplicou que Constança aquiesceu em se alimentar um pouco. Constança, logo depois, perguntou à mulherzinha quem ela era para falar tão bom latim. A isso a mulherzinha esclareceu que era de Trápani; que se chamava Carapresa; e que, ali, estava a serviço de alguns pescadores cristãos. Constança, quando ouviu dizer “Cara presa”, achou que isso deveria constituir bom agouro; estava, por certo, muito pesarosa; mas, sem discernir claramente a razão do fato, começou a esperar em algo que não sabia bem o que poderia ser; e, com isso, foi aplacando-se-lhe, a pouco e pouco, o desejo de morrer. Sem revelar quem era nem de onde procedia, pediu, encarecidamente, à

mulherzinha que tivesse, pelo amor de Deus, misericórdia de sua mocidade e lhe desse algum conselho pelo qual ela, Constança, pudesse evitar que alguém praticasse alguma vilania contra si mesma.

Carapresa ouviu-a com atenção; à maneira de bondosa mulher, deixou-a em sua pequena cabana; recolheu, rapidamente, suas redes; e voltou para junto da moça. Tomando de uma manta, envolveu-se a si mesma e também a Constança; e levou-a consigo para Susa. Em ali chegando, disse-lhe:

— Constança, eu levarei você a uma boníssima senhora sarracena, para a qual, com muita frequência, eu presto serviços domésticos; ela é mulher anciã e caridosa. Recomendarei você a ela; estou absolutamente certa de que ela a receberá de boa vontade e que a tratará como filha; estando em casa dela, você, servindo-a, fará o possível para lhe conquistar as graças, até que Deus lhe mande melhor ventura.

Como disse, ela assim fez.

A mulher, que já era bem velha, ouviu o que a mulherzinha da praia lhe comunicou; depois, olhou Constança no rosto; e começou a chorar; tomou-a nos braços; beijou-lhe a fronte; a seguir, conduziu-a, pela mão, à sua casa, onde morava em companhia de algumas outras mulheres, sem homem algum. As mulheres todas trabalhavam em tarefas diversas de ordem manual; umas trabalhavam com seda, outras com palmas, outras com couros. Em poucos dias, a moça aprendeu várias daquelas tarefas; e começou a trabalhar juntamente com as outras mulheres. Constança conquistou por tal forma as graças da velha senhora e das suas companheiras que o caso causou maravilha; em pouco tempo, também com o concurso das companheiras, aprendeu a língua que se falava no lugar.

Permanecendo, pois, Constança em Susa, ela foi chorada, em sua casa, por perdida e morta.

Aconteceu que o rei de Túnis era um soberano que se chamava Mariabdelá; mas um jovem de grande parentela e de enorme poderio, que nascera em Granada, proclamou que o reino de Túnis lhe pertencia; reuniu considerável multidão de gente; e avançou contra o rei de Túnis a fim de o expulsar daquele reino.

A notícia dessas coisas chegou aos ouvidos de Martuccio Gomito lá na prisão. Martuccio conhecia muito bem o idioma berbere; ao saber que o rei de Túnis realizava ingentes esforços em defesa própria, falou a um dos homens que montavam guarda a ele e aos seus companheiros. E disse:

— Se eu pudesse falar ao rei, diz-me o coração que poderia dar-lhe um conselho por força do qual ele acabaria ganhando a sua guerra.

O guarda comunicou ao seu comandante aquelas palavras; e o comandante as levou, incontinentemente, ao rei. O soberano, então, mandou que Martuccio fosse levado à sua presença; perguntou-lhe, depois, qual era o conselho que tinha para dar; e Martuccio respondeu:

— Meu senhor, se estou bem informado, por outras vezes que tenho andado por estas suas terras, parece-me que, de maneira que o seu povo insiste em fazer a guerra, mais archeiros se empregam do que quaisquer outros soldados. Assim sendo, se se encontrar a maneira de fazer com que falem setas ao seu adversário, e com que os seus soldados as tenham em abundância, não há dúvida de que o senhor venceria essa batalha.

Ao que o rei disse:

— Sem dúvida; se se pudesse fazer isso, está claro que eu me consideraria vencedor.

Então, Martuccio disse:

— Senhor meu, se o senhor quiser, bem que se poderá fazer o que digo; e ouça como: convém que o senhor mande fazer, para os seus archeiros, cordas mais finas do que as que são normalmente usadas em seus arcos; depois, mande fazer setas cuja chanfradura não permita o lançamento delas a não ser com as referidas cordas finas. É importante que isso se faça sob o mais rigoroso sigilo para que o seu adversário não o saiba; do contrário, ele remediará a desvantagem. A razão disso que estou dizendo é a seguinte: quando os archeiros do seu inimigo esgotarem suas reservas de setas, e quando os soldados do senhor também houverem atirado todas as setas de que estiverem armados, será preciso, se a batalha prosseguir, que os seus inimigos recolham as setas que tiverem caído no seu campo, sendo que os soldados do senhor terão de fazer o mesmo. Entretanto, os seus adversários não poderão fazer uso das setas remetidas pelos soldados do senhor, devido ao chanframento pequeno, que não poderá receber as cordas grossas dos arcos deles; aos soldados do senhor, porém, acontecerá o contrário; eles recolherão, do chão, as setas remetidas pelo adversário, de chaframento folgado; essas setas poderão ser muito bem atiradas de novo, mesmo com corda fina, porque as receberão otimamente. Dessa forma, os soldados do senhor disporão de abundância de setas, ao passo que os seus adversários sofrerão falta delas.¹

Ao rei, que era soberano esclarecido, agradou o conselho de Martuccio; seguiu-o à risca; e, por isso, acabou ganhando a guerra. Em consequência,

Martuccio caiu-lhe nas boas graças; em virtude disso, ficou rico e subiu a elevada posição social.

A fama de todas essas coisas correu pelas terras em fora; chegaram, pois, também aos ouvidos de Constança, que assim ficou sabendo que Martuccio se encontrava ainda vivo, embora durante longo tempo o houvesse considerado morto. O amor para com ele já se havia arrefecido no coração dela; mas, à vista de tais notícias, reacendeu-se vigorosamente; fez-se ainda mais forte; a esperança morta ressuscitou. Por causa disso, Constança abriu-se à mulher em cuja casa morava, contando-lhe tudo quanto lhe havia acontecido; acrescentou que desejava ir à cidade de Túnis a fim de que os olhos se saciassem com aquilo de que as notícias captadas pelos ouvidos os haviam tornado desejosos.

A anciã louvou-lhe a vontade; e, como se fosse mãe de Constança, tomou uma barca, na companhia dela e de Carapresa, rumando diretamente para Túnis; ali, ela e Constança, com Carapresa, foram muito bem recebidas em casa de uma parenta. A anciã mandou, depois, que Carapresa saísse à rua com o propósito de colher as informações que pudesse a respeito de Martuccio; Carapresa verificou que Martuccio estava em excelentes condições sociais, além de ser dono de grande riqueza; e comunicou isso à anciã. Esta achou que caberia a ela a tarefa de ir dizer a Martuccio que Constança se encontrava na cidade à sua procura. Com efeito, apresentou-se um dia a Martuccio, ao qual disse:

— Martuccio, encontra-se em minha casa um seu serviçal que veio de Lípari e que aqui desejaria falar-lhe, porém em segredo; por isso, por eu não ter confiança em outras pessoas, e obedecendo à vontade dele, eu mesma vim comunicar-lhe o fato.

Martuccio agradeceu-lhe o obséquio; e, depois dela, seguindo-lhe os passos, foi para a casa onde ela se achava hospedada. Quando Constança viu Martuccio, quase morreu de alegria. Não podendo conter-se, saiu correndo ao encontro dele, com os braços abertos; abraçou-o; e logo após começou a chorar carinhosamente, seja devido aos passados infortúnios, seja em consequência da alegria do momento; não conseguiu proferir palavra. Martuccio ficou maravilhado quando viu a moça; conteve-se por alguns instantes; depois, suspirando, disse:

— Oh! Minha Constança! Então você está viva? Há muito tempo que tive notícias de que você se encontrava desaparecida; ninguém tinha notícia alguma de você e do seu paradeiro.

Ao dizer isso, ele abraçou-a enternecidamente; chorando, beijou-a.

Constança contou-lhe tudo o que lhe acontecera; e esclareceu-o sobre as honras com as quais fora recebida em casa da senhora anciã, onde morava. Depois de longa conversa, Martuccio retirou-se daquela casa; foi falar com o rei, a quem narrou tudo, isto é, tanto os seus casos quanto os da moça; acrescentou que, com a licença dele, rei, ele, Martuccio, tencionava desposar Constança, de acordo com a nossa lei. O rei maravilhou-se com a narrativa de todas essas coisas; pediu que Constança fosse levada à sua presença; e, depois de ficar sabendo, da boca da moça, que as coisas haviam realmente transcorrido como Martuccio lhe havia narrado, disse:

— Nesse caso, você, Constança, bem que o mereceu como marido!

O rei mandou que se preparassem muitos presentes, ricos e de muito bom gosto; deu parte deles à moça; a outra parte coube a Martuccio; e deu-lhes licença para que, entre si, procedessem da maneira que mais fosse do agrado recíproco. Martuccio prestou muitas homenagens à senhora anciã com a qual Constança havia morado; agradeceu-lhe o enorme serviço que prestara ao ir em sua procura; deu-lhe presentes que se condiziam com a sua condição e a sua idade; pediu a Deus que a protegesse; e ela, não sem muitas lágrimas, despediu-se de Constança.

Depois disso, Martuccio e Constança subiram a bordo de um pequeno navio do rei de Túnis; os dois se fizeram acompanhar de Carapresa; e todos, ao sopro de um vento constante e favorável, regressaram a Lípari. Na ilha, por motivo desse regresso, houve uma festa enorme, como jamais houvera. Ali, Martuccio casou-se com Constança em cerimônia nupcial imponente e nobre; a seguir, viveu com ela em paz e em repouso; e os dois gozaram longamente o próprio amor.

Nota

¹ O conselho, que aqui figura como sendo dado por Martuccio ao rei de Túnis, é tomado, por inteiro, do livro oitavo das *Histórias*, de Giovanni Villani, em que o autor fala do empreendimento de Cassano, rei dos Tártaros, contra o Sultão.

TERCEIRA NOVELA

Pedro Boccamazza foge com Agnolella; encontra-se com ladrões; a moça foge por uma selva e é conduzida a um castelo. Pedro é preso, mas foge das mãos dos ladrões; depois de algumas peripécias, vai dar no castelo em que Agnolella se encontra; casa-se com ela e, em sua companhia, regressa a Roma.



o meu espírito, viçosas mulheres, aflora a lembrança de uma péssima noite passada por dois moços indiscretos; visto, contudo, que a essa noite se seguiram muitos dias agradáveis, o caso se harmoniza com o nosso propósito; e, por isso, apraz-me narrá-lo.

Em Roma — que, como hoje é cauda, já foi cabeça do mundo¹ —, existiu um moço, faz ainda pouco tempo, que se chamou Pedro Boccamazza;² era de família muito respeitada entre as famílias romanas. O rapaz enamorou-se de uma jovem extremamente bela e graciosa chamada Agnolella, filha de um homem que teve o nome de Gigliuozzo Saullo, indivíduo plebeu, porém muito querido pelos romanos. Amando-a, soube agir por tal forma que a moça passou a amá-lo não menos do que ele a ela.

Impelido por seu amor ardoroso e não lhe parecendo que fosse justo suportar aquilo por mais tempo sem satisfazer o desejo que ela lhe inspirava, Pedro pediu-a em casamento. Assim que os seus parentes souberam do caso, todos foram ter com ele, queixando-se amargamente daquilo que ele pretendia fazer. De outra banda, os mesmos parentes mandaram dizer a Gigliuozzo Saullo que não desse, de forma alguma, atenção às palavras de Pedro; se prestasse atenção a tais palavras, nunca mais o considerariam amigo nem parente.

Pedro viu que estava fechado esse caminho, que julgava como sendo o único pelo qual conseguiria chegar à satisfação do seu desejo; e, por isso, quis morrer de dor. Se Gigliuozzo houvesse consentido, ele, mesmo contra a vontade de todos os parentes que tinha, tomaria a filha dele por esposa. Ainda

assim, achou, no seu coração, que, se o caso agradasse à moça, o casamento poderia efetuar-se. Por meio de pessoa intermediária, ficou sabendo que a moça teria muito prazer com isso; e, então, ele combinou com ela para que os dois fugissem de Roma. Puseram, pois, em ordem o plano da fuga.

Certa manhã, Pedro ergueu-se da cama muito cedo; uniu-se a ela; com ela, montou a cavalo, tomando caminho na direção de Alagna, onde Pedro possuía vários amigos, nos quais depositava grande confiança. Assim cavalgando, cada qual no seu corcel, e sem tempo para efetuar suas núpcias, porque os dois temiam estar sendo seguidos, conversavam sobre o próprio amor; de quando em quando, eles se beijavam.

Ora: aconteceu que o moço Pedro não conhecia muito bem o caminho; e, depois de percorrer umas oito milhas, ou cerca de 14 quilômetros, a partir de Roma, ele dobrou à esquerda quando, na verdade, deveria dobrar à direita. Ainda não tinham cavalgado, por ali, mais de duas milhas, ou cerca de três quilômetros, quando se viram nas proximidades de um pequeno castelo, de onde haviam sido avistados pelos que se achavam lá dentro; do castelo saíram, sem perda de tempo, 12 homens. Quando Pedro e Agnolella se aproximaram ainda mais, a moça viu aqueles homens; e, por isso, disse, gritando:

— Pedro, fuja daqui! Estamos sendo assaltados!

Como lhe foi possível, Agnolella virou o seu cavalo na direção de uma grande floresta; aplicou e sustentou as esporas apertadas contra o corpo do animal; e agarrou-se ao arção. O cavalo, sentindo-se pungido, pôs-se a correr pela selva adentro, levando a moça no seu dorso.

Pedro, no seu cavalo, ia olhando mais para o rosto da sua amada do que para o caminho que percorria. Não percebeu, tão prontamente quanto ela, os homens que avançavam; assim, enquanto ele, sem os ver ainda, procurava averiguar de que lado eles se aproximavam, foi por eles alcançado e preso, sendo obrigado a apear do seu animal. Perguntaram-lhe quem ele era; ele disse; então, os salteadores realizaram entre si uma conferência, depois da qual disseram:

— Este é dos amigos dos nossos inimigos; nada mais temos que fazer além de lhe tirar as roupas e o cavalo; depois disso, devemos enforcá-lo, por desaforo aos Orsini, num daqueles carvalhos.

Como todos os homens concordaram com esse modo de pensar, eles ordenaram a Pedro que se despisse. Pedro despiu-se, já adivinhando o mal que sobre sua cabeça se havia desencadeado; a essa altura, porém, aconteceu que um grupo de 25 outros homens caiu, de súbito, sobre os salteadores, gritando:

— A morte! A morte!

Os salteadores, surpreendidos por essa ocorrência, deixaram Pedro em paz e trataram da própria defesa; vendo, porém, que eram em menor número do que os seus agressores, os salteadores começaram a se dispersar; e os seus adversários procuraram persegui-los.

Pedro observou essa reviravolta; sem perda de tempo, apanhou as próprias coisas; montou no seu animal; e fugiu, com a rapidez que lhe foi possível, por aquele caminho por onde vira a sua amada embrenhar-se. Não discernindo, porém, na selva, nem caminho, nem senda, e também não observando sinal algum de passagem de cavalo, sentiu-se desorientado; entretanto, pareceu-lhe, em certa altura, que já se encontrava a salvo, inteiramente fora do alcance daqueles que o haviam pegado; mesmo assim, como não encontrou a sua jovem amada, ficou mais acabrunhado do que qualquer outro homem; e começou a chorar, indo ora por aqui, ora por ali, sempre a chamá-la. Ninguém lhe respondia; e ele já não ousava voltar para trás; contudo, cavalcando para a frente, não sabia para onde se dirigia. De outro lado, teve medo, por si e pela sua jovem amada, das feras que costumam habitar as florestas; parecia-lhe que, de um momento para outro, Agnolella poderia ser dilacerada por um urso ou por um lobo.

Assim, o moço Pedro, desaventurado, andou o dia todo pela floresta gritando e clamando; muitas vezes, pensando ir para a frente, percorria de volta o caminho já feito. Em determinado momento, sentiu-se vencido de tanto gritar e de tanto chorar, tudo misturado com o medo e com o jejum; e percebeu que não lhe seria possível ir mais para diante. Viu que a noite sobrevinha; não soube tomar outra decisão; assim que encontrou um carvalho enorme, apeou do cavalo e amarrou-lhe as rédeas nessa árvore. Depois, para não ser devorado pelas feras, no decorrer da noite, trepou no carvalho.

Logo depois, ergueu-se a lua no céu. A noite estava muito clara. Pedro não tinha coragem de adormecer para não cair; de resto, ainda que tivesse vontade e comodidade para dormir, não dormiria, porque a dor e os pensamentos, todos voltados para Agnolella, não lhe permitiriam; assim, Pedro, suspirando e chorando, e também maldizendo, de si para consigo, a sua própria má sorte, decidiu passar a noite em claro.

A jovem, fugindo, como ficou dito antes, não sabia para onde se dirigir; era o cavalo que a conduzia para onde muito bem lhe dava na telha; por essa forma, ela se adentrou tanto na floresta que já não conseguia identificar o lugar por onde havia entrado. Exatamente como acontecera a Pedro, ela vagou o dia

todo, ora detendo-se, ora cavalgando, ora chamando, ora chorando, e sempre se queixando da desgraça de que estava sendo objeto; assim, cada vez mais se emaranhou por aquela região inóspita. Por fim, vendo que Pedro não aparecia, e sendo já tarde, enveredou por uma azinhaga; o cavalo seguiu a senda a seu gosto; depois de cavalgar, ao léu, mais de duas milhas, ou três quilômetros, Agnolella viu, de longe, uma casinhola, à qual se dirigiu tão rapidamente quanto pôde. Ali encontrou um homem bondoso, já ancião, com a mulher, que era igualmente idosa. O casal, quando a viu só, indagou:

— Filha nossa, que é que você anda fazendo, a esta hora, por esta região?

A moça, chorando, respondeu que tinha perdido na floresta a sua companhia; e indagou a que distância se encontrava de Alagna. Ao que o ancião esclareceu:

— Minha filha, não é este o caminho para se ir a Alagna; daqui até lá há mais de 12 milhas, ou uns 18 quilômetros.

Então, a moça tornou a perguntar:

— E há habitações, por aqui, onde a gente possa se abrigar?

Ao que o bondoso ancião explicou:

— Não há nenhuma que fique tão perto que você possa se dirigir a ela durante o restante do dia de hoje.

Agnolella então indagou, súplice:

— Uma vez que não posso ir a outro lugar, será que lhes agradaria que eu passasse a noite em sua casa, pelo amor de Deus?

O ancião bondoso respondeu:

— Moça, muito nos agradará que você passe a noite aqui conosco. Mesmo assim, desejamos lembrar que, por estas bandas, de dia e de noite, muitos grupos de amigos e de inimigos costumam fazer incursões; esses grupos ocasionam, por vezes, grandes desgostos e danos enormes. Se, por desgraça, aparecer por aqui algum dos tais grupos e se, nessa ocasião, você estiver aqui, os homens, vendo-a tão bonita e tão jovem como é, lhe promoverão desgosto e vergonha; e nós não a poderemos ajudar contra eles. Nós quisemos dizer-lhe isso para que você, depois, se tal coisa acontecer, não possa queixar-se do nosso comportamento.

A moça, vendo que a hora era avançada, resolveu ficar, muito embora as palavras do velho a assustassem; e disse:

— Se aprouver a Deus, Ele nos protegerá, a todos nós, de semelhante desgraça; se, ainda assim, a desgraça acontecer, é muito menor mal ser a gente estrangulada pelos homens do que ser dilacerada, aí pela floresta, pelas feras.

Assim falando, desceu do cavalo e entrou na casa do pobre ancião. Ali, na companhia deles, jantou o que eles pobrementemente lhe puderam servir. Depois, sempre inteiramente vestida, deitou-se, na companhia do casal, num leito pequeno; em momento algum, durante a noite toda, ela deixou de suspirar e de chorar o seu infortúnio e a desgraça de Pedro; quanto a este, ela já não sabia o que poderia esperar, afora acontecimentos infelizes e maus.

Quando se aproximou a madrugada, Agnolella ouviu um tropel de gente que passava. Por isso, ergueu-se: foi para um grande pátio que existia por trás da casinhola; vendo, num dos cantos desse pátio, grande quantidade de capim, foi ocultar-se por baixo da pilha; por essa forma, se aquela gente entrasse na casinhola, por certo que não a acharia tão cedo.

Logo que ela acabou de se ocultar, os homens, que compunham um grupo enorme de gente dada à delinquência, se detiveram à porta da casinhola; bateram; mandaram que abrissem; entraram; encontraram o cavalo da moça, com a respectiva sela; perguntaram de quem era aquele animal; e o bondoso ancião, não vendo a jovem, respondeu:

— Nenhuma pessoa está por aqui, afora nós; esse cavalo, não sabemos de onde possa ter fugido, apareceu ontem à noite; e pusemo-lo dentro de casa para que os lobos não o molestem.

— Então — declarou o chefe do grupo — esse cavalo será muito bom para nós, uma vez que não tem outro dono.

Os homens dispersaram-se todos pela pequena casa; alguns se dirigiram ao quintal; estes atiraram suas lanças e seus escudos ao chão; e aconteceu que um deles, como se não soubesse mais o que fazer, atirou a própria lança ao monte de capim; e pouco faltou para que a arma assim lançada matasse a moça que ali se ocultara; pouco faltou, também, para que ela mesma acusasse a sua presença, pois a lança caiu de ponta ao seu lado, bem junto ao seio esquerdo; e caiu tão perto que chegou a rasgar-lhe as vestes naquela altura. Em consequência, quase que ela emitira um grito, de medo de ser ferida; recordando-se, porém, do lugar em que se encontrava, encolheu o corpo todo e manteve-se quieta. Os homens do bando prepararam cabritos e outras carnes; comeram e beberam; depois, foram tratar de sua vida mais adiante, levando o cavalo de Agnolella. Quando os malfeitores se afastaram bastante, o ancião perguntou à esposa:

— Que terá acontecido com a moça que ontem à noite apareceu por aqui? Não consegui vê-la desde quando nos levantamos.

A bondosa velha respondeu que não sabia; e saiu à procura dela. A moça, percebendo que os homens se haviam retirado, saiu do monte de capim.

Vendo-a, o ancião sentiu-se extremamente satisfeito, pois assim ficou evidenciado que ela não tinha caído nas mãos dos salteadores. Como o dia já estava claro, o ancião disse à jovem:

— Já agora que o dia está claro, nós poderemos acompanhá-la, se isso lhe agradar, até o ponto em que há um castelo, que fica à distância de cinco milhas, ou cerca de oito quilômetros daqui; lá, você estará em lugar seguro. Entretanto, será preciso que marchemos a pé, porque aquela gente malvada, que há pouco saiu daqui, levou o seu cavalo.

A moça não se aborreceu com esse fato; e pediu-lhes, em nome de Deus, que a conduzissem ao castelo. Puseram-se todos, pois, a caminho; e, lá pela meia da terceira hora, chegaram ao seu destino.

O castelo pertencia a um dos Orsini, que se chamava Liello di Campo di Fiori,³ Por sorte, lá se encontrava a esposa desse Orsini, que era mulher boníssima e virtuosa; vendo Agnolella, imediatamente a reconheceu; por essa razão, recebeu-a com festas, desejando saber, ansiosamente, por ordem, como havia ela chegado àquele lugar. A moça contou-lhe tudo. A mulher, que conhecia também o jovem Pedro, por ser amigo de seu marido, muito pesarosa se sentiu em face da desgraça acontecida; tendo notícia do lugar onde ele fora preso pelos salteadores, admitiu que poderia estar morto. E disse, por isso, à jovem:

— Uma vez que é assim, e que nada sabe quanto ao destino de Pedro, você ficará aqui comigo até que eu possa mandá-la a Roma com toda a segurança.

Pedro encontrava-se lá em cima, nos ramos do carvalho; e seu coração estava cheio de dor. Logo ao primeiro sono, viu que uns vinte lobos se aproximaram do lugar; assim que as feras viram o seu cavalo, puseram-se a circundá-lo. Percebendo-lhes a presença, o animal puxou a cabeça, rompeu o cabresto e tratou de fugir; estando, porém, sitiado e não podendo fugir, defendeu-se com os dentes e com os coices; por fim, todavia, foi mordido, desventrado e dilacerado; todos os lobos se alimentaram de sua carne; só deixaram, dele, os ossos; e, depois de o devorarem, as feras foram embora.

Ao assistir a semelhante espetáculo, Pedro ficou como que atarantado, porquanto se lhe afigurava que o cavalo fosse, para ele, uma companhia e um amparo em face de todas aquelas peripécias; assim, imaginou que talvez nunca mais conseguiria sair daquela floresta. Por fim, o raiar do dia se aproximou. Pedro, sempre lá em cima do carvalho, sentia-se morrer de frio.

Como olhava constantemente ao redor, percebeu, em certa direção, à distância talvez de uma milha, ou quilômetro e meio, a existência de um fogo enorme. Por isso, quando o dia clareou, ele, não sem um grande medo, desceu da árvore e para lá se dirigiu; caminhou tanto que, afinal, chegou ao ponto em que o fogo ardia; ao redor do fogo, encontrou pastores que comiam e se divertiam. Pedro foi acolhido, como que por piedade, pelos pastores; depois de se alimentar e de se aquecer, contou-lhes sua desventura, explicando como havia chegado, sozinho, até ali; e perguntou se, por acaso, havia, ali pelas redondezas, uma aldeia ou um castelo para onde pudesse dirigir-se. Os pastores informaram que, à distância de talvez umas três milhas, ou quatro quilômetros e meio, se encontrava um castelo de Liello di Campo di Fiori, onde, naquela época, estava residindo a esposa do castelão. Pedro sentiu-se contentíssimo; pediu que um dos pastores o acompanhasse até o castelo; e dois deles é que lhe fizeram companhia. Assim, Pedro chegou ao castelo, onde, desde logo, encontrou um seu conhecido; a esse conhecido indagou sobre a maneira como se poderia ir à procura de Agnolella no seio da floresta.

A notícia da sua chegada, bem como da sua intenção de voltar à selva, chegou aos ouvidos da castelã; e esta fez com que Pedro fosse levado à sua presença. Pedro compareceu incontinente; e, vendo, em sua companhia, a jovem Agnolella, experimentou uma alegria tão grande que nenhum homem jamais provou outra igual. Ardia de desejos de correr para a abraçar; mas, devido à vergonha que tinha da castelã, continha-se. Se é verdade que Pedro muito se alegrou, também é exato que a moça não se alegrou menos.

A nobre castelã acolheu Pedro em seu castelo, fazendo-lhe muitas homenagens; de sua boca ouviu o que lhe havia acontecido naquela noite; repreendeu-o pelo fato de haver tentado fazer o que tentara fazer contra a vontade dos parentes. Verificando, porém, que o moço estava realmente disposto a fazer isso, e que isso era coisa que agradava à moça, disse:

— Para que é que devo me aborrecer? Esses dois se amam; conhecem-se; tanto ela quanto ele são amigos de meu marido; o desejo que os anima é honesto; creio que o que eles querem deve agradar a Deus, uma vez que ele se salvou da forca; que ela não foi colhida pela lança atirada ao monte de capim; e que os dois deixaram de servir de pasto às feras da floresta; então, faça-se como eles desejam que se faça.

Pensando por essa forma, a castelã voltou-se aos moços e disse:

— Se é isso o que está no espírito de vocês; se vocês querem ser marido e mulher; então, faça-se o que vocês querem; ordenem-se as núpcias, a expensas

de Liello. Quanto à paz entre vocês e seus parentes, eu tratarei de a estabelecer.

Pedro sentiu-se extremamente satisfeito; Agnolella, mais ainda; e os dois ali se casaram. De acordo com as possibilidades dos que moram na montanha, a nobre castelã promoveu-lhes núpcias opulentas e honrosas; e eles provaram, ali mesmo, os primeiros e dulcíssimos frutos do amor. Depois de vários dias, a nobre castelã, na companhia dos recém-casados, montou a cavalo; e todos, muito bem acompanhados e protegidos, voltaram para Roma. Lá encontraram os parentes de Pedro profundamente perturbados devido àquilo que ele havia levado a efeito; mesmo assim, porém, tudo voltou à santa paz.

Dali por diante, Pedro, sempre com muito repouso e muito prazer, viveu na companhia de sua Agnolella até a velhice de ambos.

Notas

¹ Para se compreender a severidade da expressão de Boccaccio a respeito de Roma, recorde-se que ele escreveu esta novela em 1548; a esse tempo, havia quarenta anos que a sé pontifícia fora transferida de Roma para Avignon, França.

² Cognome histórico de uma família romana; em 1309, morreu, em Avignon, um cardeal chamado Giovanni Boccamazza, de Roma.

³ Personagem real; membro da família dos Orsini.

QUARTA NOVELA

Ricardo Manardi é encontrado pelo sr. Lizio di Valbona com a filha deste; casa-se com ela; e passa a viver em boa paz com o pai dela.



lisa calou-se e ficou a ouvir os louvores que suas companheiras teciam à novela que acabara de dizer. A seguir, a Rainha ordenou que Filóstrato narrasse mais algum episódio; e ele, rindo, começou:

— Tenho sido atacado e mordido várias vezes por vocês, por haver imposto, no dia do meu reinado, que se desenvolvessem novelas em torno de um tema de peripécias cruéis, de fazer chorar. Acho, pois, que, para aliviar o aborrecimento que causei, me cabe o dever de narrar alguma coisa por meio da qual eu consiga fazer que vocês riam. Por essa razão, pretendo contar-lhes, numa novelazinha bem pequena, o caso de um amor que chegou a fim muito feliz, sem outra vicissitude afora alguns suspiros e uma breve sensação de medo, tudo misturado com alguma vergonha.

Minhas nobres mulheres: ainda não se passou, pois, muito tempo, a contar de quando, na Romanha, existiu um cavaleiro muito abastado e muito bem-educado; chamou-se ele sr. Lizio di Valbona;¹ por acaso, nasceu-lhe, quando ele já se achava bem entrado na velhice, uma filhinha, que lhe foi dada por uma sua mulher chamada sra. Jacomina. Essa menina, crescendo, tornou-se linda e agradável, superando todas as outras do lugar, tanto em beleza quanto em maneiras. Sendo ela a única filha a permanecer em companhia do pai e da mãe, passou a ser, por estes, extremamente amada; querida além de toda medida, a menina foi criada com maravilhosa diligência; seus pais esperavam fazer, com ela, um casamento de grande projeção social.

Ora: a casa do sr. Lizio era frequentada por um moço bonito e cheio de vida, que muito se entretinha com o próprio sr. Lizio; o moço pertencia à família dos Manardi da Brettinoro;² chamava-se Ricardo; a seu respeito,

nenhuma desconfiança o sr. Lízio e sua mulher alimentavam; tratavam-no como se fosse não uma visita, mas sim um filho.

Ricardo, vendo, de quando e quando, aquela moça lindíssima e elegante, dona de costumes e maneiras louváveis, e já casadoura, dela se enamorou profundamente; mas, com grande cuidado, manteve oculto o seu amor. A jovem, todavia, bem que percebeu o que se passava com Ricardo; em vez de repelir aquela afeição, passou a amar, da mesma forma, o moço visitante. Com isso, Ricardo sentiu-se infinitamente satisfeito. Muitas e muitas vezes ele teve vontade de dizer à moça algumas palavras reveladoras; mas, duvidando do êxito, sempre se calou; de uma feita, porém, colhendo a oportunidade e armando-se de coragem, disse-lhe:

— Catarina, suplico para que você não me faça morrer de amor.

A moça logo respondeu:

— Aprouvesse a Deus que você não me fizesse morrer de amor, mais você a mim do que eu a você!

Essa resposta causou enorme prazer e inoculou grande audácia no espírito do moço, que lhe declarou:

— Por mim, nunca deixarei de fazer o que for de seu agrado; mas está em suas mãos achar a maneira para a salvação tanto da sua vida quanto da minha.

A jovem então disse:

— Ricardo, você bem vê quanto sou vigiada; por isso, não percebo o modo como você possa vir a mim; se, entretanto, você imaginar coisa que eu possa levar a efeito, sem dar motivo a vergonha, diga-me o que for; e eu a farei.

Ricardo pensou em muita coisa; depois, de súbito, resolveu:

— Minha doce Catarina, não consigo perceber maneira alguma, a não ser esta: se você dormisse ou pudesse dirigir-se, à noite, à varanda que existe do lado do jardim da casa de seu pai; e se eu soubesse que você poderia estar ali; então eu me esforçaria para ir ter consigo, sem falta, a despeito de a altura ser muito grande do chão até a varanda.

Ao que Catarina respondeu:

— Se você tem ânimo para subir até a varanda, creio que conseguirei fazer que me deixem dormir nela.

Ricardo disse que sim; dito isso, beijaram-se os dois uma única vez de fugida; e separaram-se. No dia seguinte, estando-se já no fim do mês de maio, a moça, em presença da mãe, começou a se lamentar de que, na noite anterior, em razão do calor intenso, não havia conseguido dormir. A mãe então disse:

— Oh! Minha filha! De que calor fala você? Pois eu não penso que tenha realmente feito calor.

Ao que Catarina observou:

— Minha mãe, a senhora deveria dizer “na minha opinião”; talvez, assim, diria a verdade. Em todo caso, a senhora deve pensar em como são muito mais quentes as moças do que as senhoras entradas em anos.

A mulher concordou:

— Minha filha, isso é verdade; mas eu não posso fazer o frio e o calor à minha vontade, como talvez você deseja que eu faça; a gente deve enfrentar e suportar o tempo assim como as estações o oferecem; é possível que esta noite o ar venha a ser mais fresco; então, você poderá dormir melhor.

— Queira Deus que assim seja — exclamou Catarina. — Mas não é normal que, quando se vai para o verão, as noites passem a se tornar mais frescas.

— Mas então — indagou a senhora — que é que você quer que se faça?

Catarina respondeu:

— Se agradasse à senhora e ao meu pai, de bom grado eu mandaria armar uma pequena cama na varanda, que fica ao lado do quarto dele; ali eu dormiria deliciosamente; ouvindo o rouxinol cantar, e, estando em lugar mais fresco, eu me sentiria muito melhor do que me sinto no seu quarto.

A mãe prometeu então:

— Filha minha, tranquilize-se. Eu falarei com seu pai; como ele quiser, assim faremos.

O sr. Lízio ouviu todas essas coisas da boca de sua mulher; por ser ele já bastante velho e, por isso, um pouco atrasado, disse:

— Que rouxinol é esse com o qual ela quer dormir? Eu ainda a farei dormir ao canto das cigarras!

Ao saber disso, Catarina, mais por despeito do que pelo calor, não somente deixou de dormir, na noite seguinte, mas também não deixou que a mãe pregasse olho por se queixar sempre do calor. A mãe observou tudo isso; e, na manhã seguinte, foi conversar com o sr. Lízio, a quem disse:

— Senhor, pouco amor o senhor tem para com essa moça; que mal há em ela dormir lá na varanda? Na noite passada, ela não conseguiu encontrar jeito de dormir de tanto que era o calor que sentiu. Além disso, que razão há para que o senhor se admire de ela gostar de ouvir o canto do rouxinol? Pois não vê que ela ainda é mocinha? Os moços apreciam as coisas que se assemelham a eles.

Ao ouvir isso, o sr. Lízio disse:

— Está bem. Faça-se uma cama, para ela, tal qual se lhe afigura que deva ser. Mande que se faça cortinado com alguma sarja; e ela que durma na varanda e que ouça o rouxinol à vontade!

A moça, ao saber disso, mandou logo que se lhe preparasse o leito no qual deveria dormir na noite seguinte. Tanto fez que conseguiu se encontrar com Ricardo; fez-lhe um sinal entre eles combinado; por esse sinal, ele compreendeu o que lhe cabia fazer.

O sr. Lízio notou que a filha já tinha ido para a cama; por isso, fechou a porta do seu quarto, que dava para a varanda; e foi por sua vez dormir.

Ricardo esperou até que, por toda parte, todas as coisas se tornassem quietas; com emprego de uma escada, subiu ao topo de um muro; depois, partindo do topo desse muro, agarrou-se aos tijolos de espera de outro muro; fê-lo com grande esforço; em grande perigo incorreria se de lá caísse; por fim, chegou à varanda, onde foi recebido pela moça com grandes festas, embora em atmosfera de sussurros e de cícios; depois de muitos beijos, os dois se deitaram juntos, gozando, durante quase a noite toda, deleites e prazeres recíprocos de amor e fazendo com que muitas vezes o rouxinol cantasse. Como as noites eram breves naquela quadra do ano, e os prazeres grandes, o dia aproximou-se tão rapidamente que os dois jovens mal poderiam acreditar.

Sentindo-se muito aquecidos, seja pelo tempo, seja pelo jogo do amor, os dois adormeceram em pelo, sem lençol nem coberta por cima do corpo. Catarina dormiu com o braço direito passado por baixo do pescoço de Ricardo e com a mão esquerda segurando aquela coisa que as mulheres, quando se encontram entre homens, mais se escusam de chamar pelo nome. Os dois dormiram, sem acordar, nessa posição, até que o dia sobreveio. Com o clarear do dia, o sr. Lízio ergueu-se; recordou-se de que a filha tinha ido dormir na varanda; abriu devagar a porta; e disse:

— Deixem-me ver como foi que o rouxinol fez Catarina dormir essa noite.

Avançou pela varanda com cautela; ergueu o cortinado de sarja de que a cama estava rodeada; e viu, na cama, Ricardo e a moça; os dois estavam nus, descobertos; dormiam abraçados, na posição acima descrita. O velho reconheceu perfeitamente Ricardo; depois, afastou-se dali; foi para o quarto de sua mulher; chamou-a, despertando-a, e disse:

— Levante-se logo, mulher; levante-se e venha ver que sua filha gostou tanto do rouxinol, a ponto de o agarrar e de o conservar na própria mão.

A mulher perguntou:

— Como é isso possível?

O sr. Lízio esclareceu:

— Você o verá se não se demorar.

A mulher apressou-se, tratando de se vestir o mais rapidamente possível; sem fazer barulho, acompanhou o sr. Lízio; os dois chegaram junto da cama armada na varanda; ele ergueu a cortina, fazendo com que a sra. Jacomina visse, francamente, o modo como a filha havia agarrado e conservado, na própria mão, o rouxinol que dissera que tanto desejava ouvir cantar. A mulher achou que Ricardo a havia enganado; quis gritar, xingando-o; mas o sr. Lízio lhe disse:

— Mulher, tome cuidado, se é que você leva em consideração o meu amor; não faça barulho nem diga palavra; em verdade, uma vez que ela o agarrou, ele será dela. Ricardo é moço rico e muito digno; dele não podemos ter senão boa parentela. Se ele quiser se conservar em bom conceito de minha parte, será indispensável que se case primeiramente com a nossa filha; dessa maneira, verificará que pôs o rouxinol em sua própria gaiola, e não em gaiola alheia.

A mulher tranquilizou-se, provavelmente por ver que o marido não se perturbava em presença de tal fato; ademais, levava em consideração a circunstância de a sua filha ter tido a boa noite que queria; tinha repousado bastante e estava com o rouxinol na mão; por tudo isso, a mulher calou-se.

Muito pouco tempo depois de aquelas palavras haverem sido proferidas, Ricardo acordou; notando que o dia já ia alto, fingiu-se morto; a seguir, chamou a Catarina, a quem disse:

— Ai de mim! Minha querida! Como faremos agora, que o dia já vai alto e que fui descoberto aqui?

A essas palavras, o sr. Lízio, adiantando-se e erguendo o cortinado, respondeu:

— Nós faremos tudo muito bem.

Quando Ricardo o viu, teve a impressão de que alguém lhe estivesse arrancando o coração do peito; e, sentando-se na cama, suplicou:

— Meu senhor, peço-lhe mercê, pelo amor de Deus; sei perfeitamente que, por haver sido homem desleal e perverso, estou merecendo a morte; assim, faça de mim o que o senhor bem entender; mas eu lhe peço, com profundo encarecimento, que, se lhe for possível, use de mercê para com a minha vida, para que eu não morra.

A isso, o sr. Lízio disse:

— Ricardo, você não mereceu o amor que eu alimentava para consigo nem a fé que eu depositara em sua pessoa; mas, uma vez que os fatos são os que aí estão, e uma vez que a juventude o levou à perpetrar semelhante falta, há um recurso para que você cancele, para você mesmo, a morte e, para mim, a vergonha: faça de Catarina sua legítima esposa a fim de que, assim como foi sua essa noite, assim também o seja enquanto viver. Por essa forma, você pode conquistar a minha paz e a sua salvação. Se, porém, você não desejar proceder dessa maneira, será de bom aviso recomendar sua alma a Deus.

Enquanto se diziam essas palavras, Catarina largou o rouxinol; tornou a cobrir-se; e começou a chorar copiosamente, suplicando ao pai para que este concedesse perdão a Ricardo; de outra banda, suplicava a Ricardo para que este fizesse o que o sr. Lízio desejava a fim de que, com segurança e por longo tempo, ela e ele pudessem dispor de noites tão deliciosas quanto aquela que haviam transcorrido. Para isso, porém, não foram necessárias muitas súplicas; de um lado, havia a vergonha da falta cometida e a vontade de emendar; de outro lado, o medo de morrer e o desejo de fugir à morte; acima disso tudo, havia o amor ardoroso e o apetite de possuir a pessoa amada; todas essas coisas reunidas impeliram Ricardo a, sem qualquer perda de tempo, declarar que se achava preparado para fazer aquilo que era do agrado do sr. Lízio. Em consequência, o sr. Lízio pediu em empréstimo da sra. Jacomina um dos anéis desta; e, ali, sem qualquer mudança de cena nem de trajes, na presença dos progenitores da moça, Ricardo desposou Catarina. Feito isso, o sr. Lízio e a mulher, afastando-se dali, disseram aos recém-casados:

— Já agora, tratem de repousar, pois talvez vocês tenham mais necessidade disso do que de se levantarem.

Quando os progenitores se retiraram, os moços tornaram a se abraçar; e, como não tinham caminhado mais do que seis milhas, naquela noite, percorreram outras duas antes de se erguerem da cama; e assim puseram fim à primeira jornada. Depois, puseram-se de pé.

Poucos dias após, Ricardo, tendo conversado em boa ordem com o sr. Lízio, desposou a jovem, com todos os requisitos da convenção do seu tempo, em presença de amigos e de parentes; a seguir, levou a moça para sua casa em meio a grandes festas, completando, assim, as núpcias honrosas e opulentas.

Após esses episódios, Ricardo e Catarina viveram longamente e em paz; a fim de consolar-se, Ricardo engaiolou o rouxinol, de dia e de noite, quantas vezes isso foi de seu agrado.

Notas

¹ Lizio di Valbona e Ricardo Manardi são personagens históricos; deles fala Dante, em *A divina comédia* (Purgatório, Canto XIV, verso 97). O episódio narrado nesta novela tem um fundo de realidade confirmado por vários historiadores.

² Na atualidade, é Bertinoro, cidade da Romanha, Itália.

QUINTA NOVELA

Guidotto da Cremona deixa uma sua menina a Jacomino da Pavia; e morre; Giannuol di Severino e Minghino di Mingole amam a menina feita moça em Faenza; brigam; descobre-se que a moça é irmã de Giannuol; e ela é dada como esposa a Minghino.



ada uma das mulheres do grupo tinha ouvido a novela do rouxinol; e todas elas riram tanto que, mesmo que Filóstrato houvesse deixado de novelar, ainda assim elas teriam continuado a rir, por não poderem se conter. Contudo, depois de elas rirem bastante, a Rainha disse:

— Não há dúvida de que, se você nos afligiu ontem, hoje você nos divertiu tanto que nenhuma, com justiça, pode se queixar mais.

Depois, dirigindo-se a Neifile, ordenou-lhe que novelasse; e Neifile, com alegria, assim começou a falar:

— Uma vez que Filóstrato, ao fazer a sua narrativa, entrou na Romanha, nessa terra também me agradará ir entreter-me durante o desenvolver-se da minha novela.

Digo, pois, que, outrora, na cidade de Fano, moraram dois lombardos; destes, um se chamou Guidotto da Cremona; o outro, Jacomino da Pavia. Eram homens já avançados em anos; durante a juventude, tinham estado em feitos de armas e sido soldados. Como Guidotto faleceu sem deixar descendência masculina alguma, e como ele não tinha outro amigo nem parente em quem pudesse confiar tanto quanto confiava em Jacomino, entregou aos cuidados deste uma menina, talvez da idade de dez anos. A menina não era sua filha; mas era tudo o que ele tinha no mundo. Ao entregar a Jacomino a menina, Guidotto prestou-lhe esclarecimentos sobre alguns negócios; e morreu.

Aconteceu, nessa época, que a cidade de Faenza, depois de estar longo tempo em guerra e em fase de má sorte, regressou a condições mais prósperas; assim, toda pessoa que de lá houvesse saído e que para lá desejasse voltar, teve

sua entrada livremente concedida. Por isso, Jacomino, que de outra feita havia morado em Faenza e gostado de sua permanência ali, a essa cidade regressou, fazendo-se acompanhar de todas as suas posses; levou consigo, igualmente, a menina deixada por Guidotto. Amava-a como se fosse sua própria filha e como tal a tratava.

A menina, crescendo, tornou-se moça tão bonita como a que mais bonita fosse e que então se encontrasse na cidade. Assim como era linda, era honesta e bem-educada. Por esse motivo, não tardou em ser cortejada por muitos moços; os que mais a cortejavam eram, sobretudo, dois moços muito elegantes e de boa condição social; esses dois rapazes passaram a amar a moça com amor igualmente ardoroso; a tal ponto o ardor da afeição se igualou que, por ciúme, eles, de amigos que eram, passaram a alimentar ódio um para com o outro. Um dos referidos moços se chamava Giannuol di Severino; o outro, Minghino di Míngole.

Não havia sequer um dos moços da cidade que, desde que os seus parentes a isso não se opusessem, não gostasse de receber a moça por esposa; ela não contava mais de 15 anos de idade. Cada qual se via impedido de a conseguir, e isso sempre por uma razão honesta; em consequência, cada qual, por seu lado, e da melhor maneira possível, tratou de empenhar-se em consegui-la.

Jacomino tinha, em sua casa, uma criada já idosa e um criado que se chamava Crivello, pessoa divertida e muito amiga de todos. Com esse Crivello, Giannuol fez-se íntimo; e, quando lhe pareceu oportuno, revelou-lhe todo o seu amor; e explicou-lhe que, se ele, Crivello, se mostrasse inclinado a favorecer-lhe os desejos, grandes coisas lhe proporcionaria. Ao que Crivello disse:

— Olhe: quanto a isso, não lhe posso ser útil a não ser em determinada medida; e a medida é esta: quando Jacomino se retirar para algum lugar para jantar, poderei fazer com que você entre e vá falar com a moça; e isso porque, se eu pretender dizer a ela suas palavras, em seu nome, ela não se deterá para ouvi-las. Se isso lhe agrada, está prometido; e farei; faça você, agora, o que souber e aquilo que julgar que ficará bem.

Giannuol disse que nada queria mais do que isso; e os dois se ficaram nesse acordo.

Por seu lado, Minghino havia entrado na intimidade da criada; e por tal forma se havia conduzido que a idosa mulher acabara levando à moça vários recados da parte dele; ademais, a mesma idosa mulher quase chegara a inflamar a moça de amor para com Minghino. Como se tudo isso não bastasse, a mesma

idosa mulher havia prometido a Minghino que o poria em contato com a jovem assim que acontecesse a circunstância de Jacomino sair de casa, à noitinha.

Ocorreu, pois, não muito tempo depois dessas combinações, que, por obra de Crivello, Jacomino foi cear com um seu amigo; o criado levou a notícia disso a Giannuol e combinou com ele que, no momento em que lhe fizesse determinado sinal, ele, Giannuol, deveria aproximar-se, na certeza de encontrar aberta a porta de entrada da casa.

A criada, por seu turno, nada sabia desse acordo; por isso, comunicou a Minghino que Jacomino não iria jantar em casa naquela noite; aconselhou-o a ficar nas vizinhanças da casa a fim de que, quando ela lhe fizesse certo sinal, ele pudesse acorrer e entrar.

Por fim, caiu a noite. Os dois rapazes apaixonados nada sabiam um do outro; mas um desconfiava do outro; e cada qual tratou então de andar em companhia de gente devidamente armada. Assim, Minghino, com os seus homens armados, foi ocultar-se em casa de um amigo, perto da residência da moça, para ali esperar que lhe fosse feito o sinal combinado com a criada; Giannuol, com os seus sequazes, ficou um tanto afastado da referida residência.

Crivello e a criada, visto que Jacomino não se encontrava em casa, procuraram meios de se excluírem; um fazia o possível para que o outro se retirasse. Crivello dizia à criada:

— Mas como?! Então já não é hora de você ir dormir? Que é que você anda fazendo aí pela casa?

E a criada dizia a ele:

— Mas por que é que você não vai com o amo? Que é que você espera, uma vez que já jantou?

Por essa forma, um não conseguia remover o outro dos seus propósitos. Mas Crivello, verificando que tinha chegado a hora combinada com Giannuol, disse com os seus botões:

— Por qual motivo devo preocupar-me com essa mulher? Se ela não ficar quieta, receberá o que merecer!

Fez o sinal combinado e foi abrir a porta. Giannuol, acompanhado por dois de seus homens, entrou na casa; encontrou a moça na sala; e agarrou-a para, com o auxílio dos companheiros, levá-la embora. A moça começou a resistir e a gritar com toda a força; a criada fez o mesmo. Ao ouvir essa balbúrdia, Minghino acudiu rapidamente, aparecendo também acompanhado de seus homens armados; ao ver que a moça já estava sendo arrastada para fora

da porta, desembainhou a espada e gritou, dirigindo-se a Giannuol e aos respectivos companheiros:

— Ah! Traidores! Vocês estão mortos! Isso não pode ficar assim; que emprego de força é esse?

Dito isso, Minghino e seus homens começaram a lutar contra Giannuol e seus sequazes. A vizinhança saiu à rua, atraída pelo barulho que então se produziu; havia homens que se faziam presentes com lumes; outros, com armas; todos começaram a lamentar o que estava acontecendo; mas, ao mesmo tempo, todos procuraram ajudar Minghino. Assim ajudado, Minghino, depois de longa contenda, arrancou a moça das mãos de Giannuol, reconduzindo-a à casa de Jacomino.

Antes, porém, de se separarem os contendores, apareceram os sargentos do capitão da terra, que prenderam vários dos rixentos; entre estes, foram presos Minghino, Giannuol e Crivello, sendo todos conduzidos ao cárcere. A seguir, todavia, as coisas serenaram.

Jacomino regressou à sua residência; teve notícia do acontecido; muito preocupado, examinou as circunstâncias em que os fatos se haviam dado; averiguou que a moça não tinha culpa alguma no caso; tranquilizou-se por isso; e, para evitar que episódios semelhantes viessem a se repetir no futuro, achou que o melhor seria tratar de casar a moça tão cedo quanto possível.

Em chegando a manhã seguinte, os parentes de uma e de outra parte, depois de verificar como a cena se havia desenrolado e de analisar os males que poderiam se seguir para os dois ardorosos apaixonados, foram ter com Jacomino; acharam que deveriam se utilizar dele na medida do razoável; com palavras amigas, pediram-lhe que não desse grande importância ao repente, embora molesto, dos dois moços desajuizados pelo amor; ele deveria ligar mais importância ao amor e à benevolência que nutria para com eles, isto é, para com os parentes que a favor dos rapazes estavam intercedendo naquele momento; por fim, ofereceram-se, por si e pelos moços presos, para compensar os danos causados e proporcionar a indenização que Jacomino achasse que fosse de seu direito exigir. Jacomino era homem que, no curso de seus dias, muitas coisas tinha visto; ademais, possuía coração generoso; e então respondeu:

— Meus senhores, se eu me encontrasse em minha terra, como me encontro na sua, não há dúvida de que eu não faria coisa alguma, a não ser aquilo que lhes agradasse; e isso porque me considero grande amigo de vocês. Além disso, mais ainda me devo curvar ao vosso pedido, porque vocês se ofenderam a vocês mesmos. Essa moça, ao contrário do que muita gente pensa,

não é de Cremona nem de Pavia; é de Faenza; nem eu nem aquele de quem a recebi conseguimos saber de quem ela é filha. Por isso, tanto se fará daquilo que vocês pedem quanto vocês desejarem que se faça.

Muito se maravilharam aqueles homens ao ouvir a informação segundo a qual a moça era de Faenza; agradeceram a Jacomino a sua resposta efetivamente liberal; suplicaram-lhe para que lhes dissesse como a moça fora parar em suas mãos e como soubera que ela era de Faenza. A esses rogos, Jacomino disse:

— Guidotto da Cremona foi meu companheiro e amigo; quando se viu na iminência da morte, revelou-me que, na quadra em que essa cidade foi capturada pelo imperador Frederico, tudo passou a ser objeto de assalto e de pilhagem; Guidotto entrou, com os seus companheiros, em determinada casa; a casa estava cheia de coisas, mas fora abandonada pelos seus moradores; a única pessoa que ali restava era precisamente essa moça, então muito criança, pois não contava mais de dois anos ou coisa parecida. Aconteceu que, quando Guidotto ia subindo por uma escada, a criança o chamou de “pai”. Isso lhe comoveu o coração; e, junto com todas as coisas que se encontravam na casa, levou também a menina consigo; dirigiu-se à cidade de Fano; nessa cidade de Fano, Guidotto morreu, deixando-me, com tudo o que neste mundo possuía, essa menina. Pedi-me que, quando chegasse a época oportuna, tratasse do seu casamento, dando-lhe, como dote, aquilo que fora seu. Quando a moça chegou à idade de casar-se, não me aconteceu poder entregá-la a homem que me agradasse; mas não há dúvida de que a darei em casamento, de muito bom grado agora, antes que se registre novo episódio semelhante àquele de ontem à noite.

Entre os presentes, encontrava-se um senhor Guilhermino da Medicina, que se recordava de ter estado na companhia de Guidotto quando se dera o caso de a menina o chamar de “pai”; por isso, sabia muito bem qual era a casa que Guidotto havia saqueado. Guilhermino, vendo que ali estava, entre os outros, o dono daquela casa, aproximou-se dele e disse:

— Bernabuccio, você está ouvindo o que Jacomino diz?

Bernabuccio respondeu:

— Estou. Neste momento, estava pensando no caso; recordo-me bem de que, naquela barafunda, perdi uma filhinha daquela idade agora mencionada por Jacomino.

A isso, Guilhermino esclareceu:

— Não há dúvida de que essa moça é aquela menina. Já me encontrei em lugar onde ouvi Guidotto indicar o ponto em que havia procedido à pilhagem;

reconheci que se tratava de sua casa. Por isso, procure rememorar; talvez haja algum sinal pelo qual você possa reconhecer sua filha; se houver esse sinal, será questão de verificar se ele existe nessa moça; se existir, ficará evidenciado, firmemente, que ela é sua filha.

Bernabuccio esforçou-se no sentido de relembrar; e recordou-se de que a menina tinha uma saliência, à guisa de uma pequena cruz, na orelha esquerda; resultara de uma excrescência carnosa que fizera cortar pouco antes da pilhagem.

Com essa lembrança, Bernabuccio, sem a menor demora, aproximou-se de Jacomino, que ainda ali estava, e pediu-lhe que o conduzisse à sua casa a fim de lhe mostrar a jovem. Jacomino conduziu-o de muito boa vontade; e mandou que a moça comparecesse à presença de Bernabuccio. Assim que Bernabuccio a viu, teve a impressão de ver o retrato da mãe dela, que ainda era mulher muito bonita. Contudo, não desejando apoiar-se nisso, disse a Jacomino que, se lhe fosse permitido, gostaria de levantar um pouco os cabelos da moça por cima da orelha esquerda. Jacomino concordou. Bernabuccio aproximou-se da jovem, que se mantinha em atitude retraída; ergueu-lhe os cabelos com a mão direita; e viu o sinal em cruz. Reconheceu, pois, que ela era sua filha sem dúvida alguma; e, então, começou a chorar e a abraçá-la enternecidamente, muito embora ela relutasse. A seguir, Bernabuccio voltou-se para Jacomino e disse:

— Meu irmão, esta moça é minha filha. A minha casa foi aquela que Guidotto saqueou; esta moça, quando menina, foi esquecida na casa, em meio às angústias daquele momento, pela minha mulher e sua mãe. Até agora, vivemos na convicção de que ela houvesse perecido no incêndio que, naquele mesmo dia, destruiu a nossa residência.

A moça ouviu tudo isso; viu que Bernabuccio era homem idoso; prestou fé às palavras dele; sentiu-se impelida por virtude recôndita; correspondeu aos abraços enternecidos do homem; e começou a chorar silenciosamente. Cessadas as emoções do primeiro instante, Bernabuccio, sem perda de tempo, mandou chamar a mãe da jovem, as mulheres suas parentas, as irmãs e os irmãos; mostrou-a a todos; a todos narrou os fatos; depois de outros mil e um abraços, e de grandes manifestações de alegria, Bernabuccio levou-a para casa; e Jacomino se sentiu imensamente satisfeito.

Ao saber dessas circunstâncias, o capitão da cidade, que era homem de grande valor, pôs-se a pensar que Giannuol, o moço que conservava preso desde a noite anterior, era filho de Bernabuccio; Giannuol era, portanto, irmão

carnal da moça; achou, pois, que seria humano deixar passar em branca nuvem a falta por ele cometida; foi falar, ao mesmo tempo, com Bernabuccio e com Jacomino, induzindo-os a interferir para que Giannuol e Minghino fizessem as pazes. Depois disso, o capitão, com grande alegria de todos os parentes, deu a moça, na qualidade de esposa, a Minghino; o nome da moça era Inês.

O mesmo capitão libertou, de uma só vez, Giannuol e Minghino, fazendo seguir-se a isso a soltura de Crivello e dos outros homens que se haviam engalfinhado na escaramuça da noite anterior.

Minghino promoveu festividades nupciais opulentas e belas; levou a moça para a sua casa; e, com ela, depois disso, em plena paz e em abundância, por muitos anos viveu.

SEXTA NOVELA

Gianni di Prócida é encontrado com uma jovem por ele amada, mas que fora dada ao rei Frederico; em consequência, é condenado a morrer queimado na companhia dela; e, por isso, é amarrado a um pau. É reconhecido por obra de Rogério dell'Oria; salva-se; e torna-se marido da jovem.



oncluída a novela de Neifile, que muito agradou a todas as mulheres, a Rainha ordenou a Pampineia que se preparasse para prosseguir fazendo uma narrativa de sua autoria. Pampineia, de pronto, ergueu o rosto claro e começou:

— Forças enormes, amoráveis mulheres, são aquelas de que o Amor dispõe; essas forças predispõem os seres enamorados a grandes esforços, bem como a perigos não pensados e, por vezes, esmagadores; isso bem pode ser compreendido pelas muitas coisas que hoje foram narradas e também pelas que em outros dias se disseram. Não obstante essa circunstância, agrada-me fazer nova demonstração disso com a narrativa do arrojo de um jovem apaixonado.

Ischia é uma ilha que fica perto de Nápoles. Nela viveu, entre outras, uma jovem muito bonita e muito alegre, cujo nome foi o de Restituta. Era filha de um gentil-homem da ilha que respondia pelo nome de Marino Bolgaro. Essa jovem amava, ainda mais do que a própria vida, um moço de uma ilhota vizinha de Ischia chamada Prócida. O moço chamava-se Gianni e amava a moça com ardor igual ao dela por ele.

Gianni costumava ir de Prócida a Ischia para vê-la durante o dia. Não satisfeito com isso, muitas vezes para lá se dirigia durante a noite; nessas noites, não encontrando barca disponível, ia para Ischia a nado a fim de contemplar, se não lhe fosse possível mais do que isso, pelo menos as paredes da casa dela.

Durante esse amor tão fervoroso, aconteceu que a moça, em certo dia de verão, foi sozinha para a praia. Ali, saltando de rocha em rocha, se entreteve abrindo conchas marinhas com o emprego de uma faca pequena. Pulando de

escolho em escolho, chegou a um lugar oculto entre pedras; nesse lugar, seja pela sombra, seja pela existência de uma fonte de água extremamente fresca, encontravam-se vários moços sicilianos que haviam viajado de Nápoles numa sua fragata.

Esses jovens viram a moça, que ainda não os havia visto; acharam-na belíssima; verificando que ela estava só, resolveram agarrá-la e levá-la embora; à resolução seguiu-se o ato. Os homens agarraram-na, embora ela gritasse muito; puseram-na no seu barco; e partiram de lá. Navegando, chegaram à Calábria, onde realizaram um conselho a fim de se determinar a quem a jovem deveria pertencer; dentro de poucos minutos, cada qual declarou que a queria; não foi possível chegar a acordo entre eles; assim, receando que as relações entre si pudessem piorar e que suas vidas entrassem em perigo por causa da moça, os rapazes resolveram dá-la ao rei Frederico, soberano da Sicília, que ainda então era moço e que com tais coisas se deleitava.

Rumaram para Palermo e assim procederam. O rei, vendo que a jovem era muito bonita, apreciou-a devidamente. Como, porém, se achava indisposto e enfraquecido, ordenou que a moça fosse levada para certas casas, muito lindas, que havia em um seu jardim, ao qual se dava a denominação de Cuba;¹ ali ela ficaria e seria atenciosamente servida até que ele, rei, se sentisse em melhores condições.

A notícia do rapto da moça causou, em Ischia, forte emoção; o que mais doía era o fato de ninguém poder saber quem eram os que a haviam raptado. Gianni, porém, a quem o fato acabrunhava mais do que a qualquer outro, achou que não era em Ischia que ficaria sabendo isso. Tinha conhecimento da direção em que a fragata navegara; ordenou, pois, que lhe preparassem outro barco semelhante; foi para seu bordo; e, tão cedo quanto pôde, percorreu todo o litoral, desde Minerva até Scalea,² na Calábria. Por toda parte, andou perguntando pela jovem; em Scalea, informaram-no de que ela fora levada por marinheiros sicilianos à cidade de Palermo. Assim que lhe foi possível, Gianni transportou-se para lá; e, depois de muito procurar, descobriu que a moça havia sido dada ao rei, sendo por este encerrada na Cuba. Sentiu-se, por isso, profundamente perturbado e quase perdeu todas as esperanças não só de a reaver, mas também de a contemplar.

Mesmo assim, induzido pelo amor, mandou a fragata embora; percebendo que não era conhecido de pessoa alguma na cidade, ali permaneceu e começou a passar frequentemente pela Cuba. De uma feita, por puro acaso, ele viu a moça em uma janela; ela também o viu; razão pela qual os dois se

sentiram muito contentes. Gianni observou que o lugar era solitário; aproximou-se tanto quanto pôde; falou com ela; ficou, assim, informado de como deveria proceder para lhe falar ainda mais de perto; e retirou-se, depois de analisar bem as redondezas do lugar.

Esperou que a noite caísse; deixou que as horas avançassem; voltou ao jardim; trepou pelos muros acima, superando obstáculos que nem um picanço³ superaria; entrou no recinto do jardim; ali, encontrou um tronco de árvore, que ergueu e apoiou à parede, junto à janela indicada pela moça; depois, subiu pelo tronco com grande agilidade.

A moça tinha a impressão de que a sua honra já havia sido perdida; para conservar essa honra, comportara-se, no passado, como pessoa retraída; agora, porém, passou a pensar que a ninguém se entregaria mais dignamente do que a Gianni; imaginou que poderia induzir o rapaz a levá-la embora dali; e, por isso, decidira submeter-se a todas as vontades dele; em consequência, deixara a janela aberta a fim de que ele, assim que chegasse ao peitoril, pudesse entrar no seu quarto.

Gianni encontrou a janela aberta; quietamente, entrou no quarto; e deitou-se ao lado da moça, que não estava dormindo. Antes que a conversa passasse por outros assuntos, a jovem esclareceu ao rapaz as suas intenções, suplicando-o encarecidamente para que a retirasse da Cuba e a levasse com ele. Gianni afirmou que nenhuma outra coisa lhe agradaria tanto como essa; pormenorizou que, assim que se retirasse do seu quarto, procederia, sem falta, por tal maneira que, da vez seguinte, quando fosse à Cuba, de lá a levaria embora. Depois disso, os dois se abraçaram com enormíssimo prazer, gozando aquele encantamento que o Amor proporciona e que é tão grande, a ponto de nem o próprio Amor poder proporcionar maior.

Depois de repetirem várias vezes aquele gozo, os dois, sem dar por isso, adormeceram um nos braços do outro.

O rei gostara muito da moça quando a vira pela primeira vez; recordou-se dela; sentindo-se bem-disposto, resolveu, embora a madrugada estivesse próxima, ir passar uns momentos com ela. Fez-se, pois, acompanhar de alguns dos seus serviais e rumou para a Cuba; entrou nas casas; mandou que, bem devagar, se abrisse a porta do quarto onde sabia que a jovem devia estar dormindo; e, com uma tocha de dois lumes à frente, entrou. Ao contemplar o leito, o rei viu que ela estava dormindo em companhia de Gianni e que os dois haviam caído no sono, abraçados, inteiramente nus.

A esse espetáculo o soberano sentiu-se enfurecido; não disse coisa alguma; entretanto, a muito custo se conteve, pois o animava o impulso de tomar de um punhal, que trazia consigo, para os assassinar a ambos naquele instante. Por fim, achou que seria ato muito vil a qualquer homem, e mais ainda a um rei, o de apunhalar duas pessoas adormecidas e nuas. Serenou o próprio ânimo; e planejou, então, fazê-los morrer em público pelo fogo. Voltou-se para um de seus serviçais e disse:

— Que é que você acha dessa mulher traidora, na qual eu já havia depositado a minha esperança?

Depois, perguntou-lhe se conhecia o rapaz que havia mostrado ser dono de tamanho arrojo, a ponto de não hesitar em entrar na casa do rei a fim de o ultrajar e de lhe causar desgosto. O homem interrogado respondeu que não se recordava de ter visto aquele moço. Assim, o rei, muito perturbado, retirou-se do quarto; ordenou que os dois amantes, assim nus como se encontravam, fossem presos e amarrados a fim de, quando o dia clareasse, serem conduzidos a Palermo; nessa cidade, seriam amarrados, em praça pública, a um poste de madeira; deveriam ficar um de costas para o outro; e teriam de permanecer ali até a hora terceira a fim de que fossem vistos por todos os que quisessem ver; depois disso, deveriam ser queimados, de acordo com o que haviam merecido.

Uma vez dadas essas ordens, o rei regressou a Palermo, encerrando-se nos seus aposentos com o ânimo amargurado de despeito.

Assim que o rei se retirou, muitos homens se lançaram, de súbito, contra os dois amantes; não somente os acordaram como também os prenderam e os amarraram sem a menor piedade.

Não é preciso, de tão manifesto que é, esclarecer que os dois moços, quando viram essas coisas, ficaram profundamente pesarosos; temeram pela própria vida; puseram-se a chorar; e muito lamentaram a desgraça em que se haviam envolvido.

Os dois foram transferidos para Palermo, de acordo com a ordem do rei; ali, foram amarrados a um pau, em praça pública; aos seus olhos, preparou-se o monte de lenha para a fogueira que os deveria queimar à hora que o rei designasse.

Todos os palermitanos, homens e mulheres, acorreram, de pronto, àquela praça para ver os dois amantes condenados; os homens preferiam contemplar a moça, louvando-lhe a beleza do rosto e as formas do corpo; as mulheres corriam a encarar o rapaz, afirmando que ele era bonito e bem-feito quanto a todos os aspectos da pessoa.

Os amantes infelizes, porém, sentiam-se profundamente envergonhados; conservavam-se com a cabeça baixa, chorando o próprio infortúnio; e esperavam, de hora em hora, que o sacrifício, pelo fogo, começasse.

Por essa forma e com essas circunstâncias, chegou-se à hora determinada pelo rei. Por toda parte se falava da falta cometida pelos dois amantes; assim, a notícia do ocorrido chegou aos ouvidos de Rogério dell'Oria,⁴ homem de valor inestimável e que era, na época, almirante do rei. Com o propósito de ver os infelizes, Rogério foi até a praça onde se encontravam amarrados; ali chegando, contemplou, primeiro, a moça, elogiando-lhe muito a beleza; depois, passou a examinar o moço; não precisou fazer grande esforço para o reconhecer; aproximou-se ainda mais dele; perguntou-lhe se era Gianni di Prócida. Gianni, erguendo o rosto e reconhecendo o almirante, respondeu:

— Meu senhor, eu já fui aquele pelo qual o senhor pergunta; mas estou para não o ser mais.

Então o almirante lhe perguntou pelos motivos que o haviam conduzido àquela situação; ao que Gianni explicou:

— Foram o amor e a fúria do rei.

O almirante pediu-lhe que contasse o ocorrido com muitos pormenores; e, depois de ouvir tudo, muito atentamente, fez menção de se afastar; Gianni, porém, chamou-o, dizendo-lhe:

— Ouça, meu senhor! Se lhe for possível, impetre-me uma graça junto a quem assim me condena.

Rogério indagou qual era a graça desejada; e Gianni esclareceu:

— Estou vendo que devo morrer dentro de poucos momentos; a graça que peço é esta: eu aqui estou amarrado, com esta moça, que sempre amei mais do que a minha própria vida; ela também sempre me amou com igual amor; nós aqui estamos, de costas um para o outro; a graça consistiria em permitir que sejamos colocados rosto a rosto, para que eu, morrendo e contemplando o rosto dela, possa ir-me desta vida consolado.

Rogério, rindo, disse:

— De muito bom grado procederei por tal forma que você verá o rosto dela até enjoar.

Afastando-se dele, ordenou aos que tinham recebido o encargo de realizar essa execução que não prosseguissem em sua tarefa enquanto não lhes chegasse nova palavra do próprio rei; a seguir, sem mais demora, o almirante foi à presença do rei, ao qual, embora o houvesse encontrado muito perturbado, não deixou de expor seu modo de pensar; e disse:

— Rei: em que foi que o ofenderam aqueles dois moços que você mandou que sejam queimados na praça?

O rei esclareceu-o. E Rogério prosseguiu:

— A falta por eles cometida merece essa punição; mas não de sua parte. Assim como os erros devem ser punidos, assim também os benefícios merecem recompensa, além da graça e da misericórdia. Sabe você quem são os moços que você pretende que sejam queimados?

O rei respondeu que não. Rogério então disse:

— Eu desejo que você os conheça para que veja até que ponto você se deixa arrastar pelos ímpetos da ira. O moço é filho de Landolfo di Prócida, irmão carnal do sr. Gian di Prócida; é por obra deste senhor que você se fez rei e senhor desta ilha. A moça é filha de Marino Bolgaro, cujo poderio faz, hoje, com que a sua senhoria não seja expulsa de Ischia. Além disso, os condenados por você são dois moços que longamente se amaram; impelidos pelo amor, e não pelo desejo de praticar desaforo à senhoria do rei, foi que esses moços praticaram o pecado que levaram a termo, se é que pecado se deve considerar o que eles fizeram. Por qual motivo, pois, quer você fazer com que eles morram quando honrá-los com diversões e presentes é o que você deveria fazer?

O rei ouviu isso; certificou-se de que o almirante Rogério estava dizendo a verdade; sentiu-se pesaroso pelo que havia ordenado que se fizesse; mandou, pois, incontinentemente, que os dois moços fossem desamarrados do poste de madeira e levados à sua presença; e assim se fez.

Tomando conhecimento de todas as circunstâncias do episódio, o rei resolveu que, com honrarias e presentes, aquela provação imposta aos jovens fosse compensada; ordenou que os dois fossem vestidos como se convinha à sua condição social; soube que o casamento seria o desejo de ambos e, por isso, fez com que Gianni desposasse logo a moça; mandou que lhes fossem dados presentes magníficos; e enviou-os, satisfeitos, à casa deles, onde o moço e a moça foram recebidos com grandes demonstrações festivas e onde por longo tempo viveram juntos em meio a prazeres e a alegrias.

Notas

¹ Palácio de arquitetura árabe construído pelos sarracenos no período do seu domínio sobre a Sicília.

² Minerva era uma antiga cidadezinha da Sicília; Scalea é cidade da Calábria Citerior.

³ Ave otimamente adaptada para trepar, à maneira de pica-pau.

⁴ Diz-se também de Láuria e de Lúria; foi famoso almirante de Pedro III, de Aragão, e, depois, do filho deste, tendo sido herói vitorioso de muitas batalhas navais.

SÉTIMA NOVELA

Teodoro, enamorado de Violante, filha do sr. Américo, seu amo, engravida-a, sendo por isso condenado à forca; é conduzido ao patíbulo, onde é reconhecido pelo pai e posto em liberdade; e, então, toma Violante por mulher.



s mulheres, de início, temeram sinceramente que os dois amantes fossem queimados; e, por isso, se mantiveram ansiosas; quando ouviram que a punição foi revogada, louvaram a Deus e muito se alegraram. A Rainha, observando que o fim da novela de Pampineia tinha chegado ao seu termo, outorgou a Laurinha o encargo de narrar o episódio seguinte. Laurinha, com alegria, começou a dizer:

— Mulheres lindíssimas, ao tempo em que o rei Guilherme¹ reinava na Sicília, existia, nessa ilha, um gentil-homem chamado sr. Américo Abate, de Trápani, o qual, entre outros bens temporais, havia sido muito bem abastecido de filhos. Por essa razão, tinha necessidade de numerosos serviçais.

Como chegaram galeras de corsários genoveses, procedentes do Levante, e, como esses corsários, ao costear a Armênia, haviam raptado vários meninos, o sr. Américo comprou alguns destes, julgando-os turcos. Todos os meninos por ele comprados pareciam pastores; entre eles, porém, havia um que apresentava aspecto melhor e mais educado do que todos os outros; chamava-se Teodoro.

Embora tratado como serviçal doméstico, Teodoro cresceu, naquela casa senhorial, mais na companhia dos filhos do sr. Américo do que nos serviços da mansão. E, mais por natureza própria do que pelo acaso de haver ido parar naquela família, adquiriu bons costumes e boas maneiras. Teodoro caiu tanto nas graças do sr. Américo por isso que este o alforriou. Julgando-o turco, mandou que o batizassem e que lhe dessem o nome de Pedro; depois, elevou-o à categoria de mordomo, confiando-lhe o trato de muitos dos seus assuntos pessoais.

Como os outros filhos do sr. Américo, assim também cresceu uma sua filha chamada Violante; era uma jovem bela e delicada; o pai, porém, tardava a lhe dar marido; e, em consequência, ela enamorou-se, impensadamente, de Pedro. Amando-o e manifestando grande apreço para com os trabalhos e as obras do rapaz, não se animava, mesmo assim, a lhe revelar o seu afeto.

Todavia, o Amor poupou-lhe essa revelação, porque Pedro, que a havia observado cautelosamente, por várias vezes, se havia enamorado dela; era tamanha a sua paixão que nada lhe parecia estar em ordem, a não ser quando a via. Não obstante, receava que alguém percebesse a existência de sua paixão, pois não lhe parecia correto estar adorando a filha de seu amo.

A moça, contudo, bem que percebeu o que se passava, pois não perdia de vista o rapaz; e, a fim de lhe inspirar segurança e tranquilidade, mostrava-se sempre contentíssima por notar que as coisas eram como se apresentavam. Nessas condições permaneceram os dois moços por longo tempo, porque nenhum deles se arriscava a revelar ao outro o que sentia, embora os dois o desejassem ansiosamente.

Enquanto eles ardiam, tomados por igual pelas chamas do Amor, a sorte ofereceu-lhes o recurso para eliminar o cauteloso medo que os impedia. Afigurava-se que a sorte havia deliberado que assim acontecesse. O sr. Américo possuía, fora de Trápani, à distância talvez de uma milha, ou de quilômetro e meio, uma bela propriedade rural. A essa propriedade, à guisa de recreio, costumavam ir a mulher do sr. Américo, a filha e outras mulheres, algumas amigas, outras de serviço. Num dia de grande calor, as referidas mulheres foram todas para lá. Em sua companhia, foi também Pedro.

Estando todos naquela propriedade, aconteceu, como nós vemos ocorrer, por vezes, que o céu se cobriu rapidamente de nuvens escuras. À vista disso, a mulher do sr. Américo, juntamente com o seu grupo, se pôs a caminho; tencionava regressar a Trápani antes que o mau tempo a surpreendesse. Todos se movimentaram com a rapidez que lhes foi possível. Entretanto, Pedro, que era moço, e a filha do sr. Américo, que era animosa, adiantaram-se bastante em relação à mãe desta e às outras companheiras. Talvez não se sentissem menos impelidos pelo amor do que pelo temor do mau tempo. Pedro e a moça adiantaram-se tanto que, na estrada, eles e os membros do outro grupo mal conseguiam avistar-se.

Depois de muitas trovoadas, começou a cair, de súbito, violenta chuva de pedras; em consequência, para fugir a ela, a mulher do sr. Américo, com seu grupo, se acolheu à casa de um lavrador. Pedro e a moça, não encontrando

refúgio mais próximo, entraram num igreja antiga, quase toda em ruínas, em cujo interior ninguém se encontrava. Ali, sob um pedaço de telhado, que ainda havia, os dois se abrigaram. A necessidade decorrente da pequena cobertura fez com que os dois corpos se aproximassem e se tocassem; a aproximação e o contato tranquilizaram o ânimo de cada um em relação ao outro, despertando, ao mesmo tempo, desejos amorosos. Pedro foi o primeiro a falar, dizendo:

— Aprouvesse a Deus que nunca mais esta saraivada acabasse, desde que eu pudesse ficar aqui como agora estou.

E a moça concordou:

— Bem que eu gostaria que assim fosse!

Por meio dessas palavras, abriu-se o caminho para que os dois se tomassem as mãos, apertando-as afetuosamente; daí, eles passaram aos abraços; depois, aos beijos. E a granizada, lá adiante, prosseguia. Para eu não ter de contar todos os pormenores, digo que o tempo não endireitou antes de eles conhecerem os mais inebriantes deleites do amor e de combinarem como deveriam fazer para ter novos encontros secretos de prazer.

Por fim, o mau tempo cessou. À entrada da cidade, que ficava próxima, os dois esperaram pelo resto do grupo; e todos se dirigiram para as respectivas casas. Na casa do sr. Américo, Pedro e a moça se encontraram algumas vezes, com grande satisfação de ambos, e sempre dentro da ordem mais discreta e do mais rigoroso sigilo. As coisas correram por tal forma que a moça ficou grávida, para grande desgosto dos dois amantes. A moça recorreu a muitas artes no propósito de, contra o curso da Natureza, se desfazer da gravidez; mas nunca conseguiu o seu objetivo. Por isso, Pedro passou a temer pela própria vida; deliberou, pois, fugir e revelou seu plano à moça; esta, então, lhe disse:

— Se você for embora, eu me suicidarei, na certa.

Ao que Pedro, que muito a amava, indagou:

— Como quer você, mulher querida, que eu fique por aqui? Sua gravidez revelará a nossa falta; você poderá ser facilmente perdoada; mas eu serei aquele que receberá a punição tanto pelo meu pecado quanto pelo seu.

A jovem explicou, tranquilizando:

— Pedro, o meu pecado será sempre sabido; mas fique certo de que do seu, se você não o revelar, ninguém terá notícia alguma.

Pedro, então, concordou:

— Uma vez que você o promete, ficarei; mas trate de observar a sua promessa.

A jovem ocultou tanto quanto lhe foi possível a própria gravidez; verificando, porém, que, devido ao crescimento do corpo, não lhe seria mais possível continuar ocultando, tratou de revelar tudo à mãe; o que fez, num determinado dia, em meio a muitas lágrimas, suplicando, ao mesmo tempo, o perdão materno. A mãe ficou transtornada de dor; disse-lhe palavras pesadas; e quis saber como aquilo tinha acontecido. A fim de que nenhum mal recaísse sobre Pedro, a moça contou, então, uma fantasia qualquer, de modo a contornar a verdade, sem acusar o fato de estar elaborando mentiras. A mãe deu crédito às palavras da filha; e, para ocultar a falta por esta cometida, mandou que ela se recolhesse a uma propriedade rural da família.

Ali, sobreveio a época do parto; a moça, um dia, começou a gritar, como as mulheres fazem; a mãe dela não imaginou que o sr. Américo por lá aparecesse, pois não era seu costume visitar aquela propriedade; mas a verdade é que o sr. Américo foi à caça de aves àquela propriedade; e, concluindo a caçada, entrou na casa e passou pela porta do quarto dentro do qual a filha estava gritando; o sr. Américo surpreendeu-se ao ouvir aqueles gritos; entrou no quarto; e perguntou do que é que se tratava. Sua mulher, ao notar a presença do marido, ergueu-se, extremamente pesarosa; e contou-lhe o que havia acontecido à filha.

O sr. Américo, porém, não deu tanto crédito, como a mãe fizera, às palavras da filha; disse que aquilo que se dizia não podia ser verdade; não era possível que a filha não soubesse de quem estava grávida; e quis, decididamente, saber a realidade ocorrida; esclareceu que a filha, se dissesse a verdade, poderia reconquistar-lhe as graças; mas que, se a ocultasse, então deveria começar a pensar, sem misericórdia alguma, em morrer. A mulher esforçou-se por induzir o marido a acreditar no que a filha havia narrado; mas de nada isso valeu; o marido, enfurecendo-se, desembainhou a espada e correu contra a filha, a qual dera à luz um menino enquanto o pai e a mãe tinham estado a discutir; e disse:

— Ou você diz de quem se engendrou esse parto, ou você morrerá sem mais demora.

A moça teve medo de morrer; por isso, rompeu a promessa feita a Pedro; e confessou tudo o que houvera entre ela e ele. O sr. Américo, ainda mais enfurecido, mal conseguiu conter-se e deixar a filha ilesa; disse-lhe, porém, tudo quanto, na sua ira, já havia começado a projetar; depois, tornou a montar a cavalo, dirigindo-se a Trápani. Ali, foi ter com um sr. Conrado, que era capitão do lugar, nomeado pelo rei; narrou-lhe o mal que Pedro fizera; o capitão, sem que Pedro tivesse tempo de desconfiar da realidade, mandou prendê-lo;

submeteu-o a torturas; e ele confessou tudo. Depois de alguns dias, o capitão condenou Pedro a ser, primeiro, chicoteado e, posteriormente, dependurado pelo pescoço.

A fim de que na mesma hora desaparecessem a vida dos dois amantes e a do respectivo filhinho, o sr. Américo — cuja fúria não diminuía pelo fato de levar Pedro a ser condenado à morte — procedeu da seguinte forma: pôs, numa taça, veneno com vinho; chamou um fâmulos; entregou-lhe a taça e um punhal de lâmina nua; e disse:

— Dirija-se, com essas duas coisas, à casa onde Violante se encontra; diga-lhe, de minha parte, que resolva logo quanto à morte que prefere entre essas duas; que morra pelo veneno ou pelo ferro; se ela não o fizer, eu, na presença de quantos cidadãos houver, a farei morrer na fogueira, de acordo com o que ela mereceu. Feito isso, pegue o filho que ela deu à luz há poucos dias; bata-lhe a cabeça contra a parede; e, quanto ao corpo, pode dá-lo de comer aos cães.

Uma vez dada, pelo pai enfurecido, essa cruel sentença contra a própria filha e ao próprio neto, o fâmulos retirou-se mais mal do que bem-disposto.

Pedro, depois de condenado, foi conduzido por outros fâmulos à forca, sendo chicoteado o tempo todo de sua caminhada até lá. Os que guiavam o grupo pela cidade quiseram que Pedro, naquelas condições, passasse diante de um hotel. Nesse hotel, entretanto, encontravam-se hospedados três nobres senhores da Armênia, os quais haviam sido mandados, pelo rei daquele país, na qualidade de embaixadores, a Roma;² estavam incumbidos de tratar, com o papa, de assuntos importantíssimos; eles se haviam detido naquele hotel com o propósito de se refrigerarem e de repousarem alguns dias; nesses dias, tinham sido objeto de muitas honras e festas por parte dos nobres de Trápani, e especialmente por parte do sr. Américo.

Os mencionados embaixadores, ouvindo o tumulto feito por aqueles que conduziam Pedro à forca, assomaram a uma janela a fim de ver o que se passava. Viram que se tratava de Pedro; ele ia nu da cintura para cima, e com as mãos amarradas para trás.

Um dos três embaixadores era homem idoso e de grande autoridade; chamava-se Fineu; olhando bem para Pedro, esse embaixador viu-lhe, no peito, uma grande mancha vermelha; não era mancha pintada; tinha sido naturalmente impregnada na pele, à maneira daquelas que as mulheres denominam “rosas”. Ao avistar aquela mancha, o embaixador percebeu que um relâmpago lhe atravessou a memória, avivando-lhe a lembrança de que tinha tido um filho que fora, 15 anos antes, raptado pelos corsários nas praias de

Laiazzo; depois do rapto, nunca mais tivera notícias dele. Passando a tomar em consideração a idade do rapaz que estava sendo açoitado pelas ruas, concluiu que, se seu filho ainda estivesse vivo, deveria ter a idade dele e, talvez, o mesmo aspecto geral; começou, então, a suspeitar, por aquela mancha, que seu filho poderia ser aquele rapaz; se fosse seu filho, deveria recordar-se, ainda, do próprio nome, do nome do pai, bem como da língua armênia. Nessa convicção, aproximou-se do açoitado e, quando lhe pareceu oportuno, chamou:

— Oh! Teodoro!

Ao ouvir essa voz e esse nome, Pedro ergueu imediatamente a cabeça; então o embaixador Fineu, falando em armênio, perguntou:

— De onde você é e de quem você é filho?

Os sargentos que conduziam o preso se detiveram, por via de reverência para com o embaixador; de modo que Pedro pôde responder:

— Sou da Armênia; sou filho de um senhor que teve o nome de Fineu; fui trazido ainda menino para esta terra por não sei que gente.

Ao ouvir isso, Fineu teve a certeza de que o açoitado era o filho que ele tinha perdido; em consequência, começou a chorar e, com os seus companheiros de missão, atravessou o grupo dos sargentos, correndo a abraçar o jovem aprisionado; atirou-lhe aos ombros um manto muito belo, feito de um tecido particularmente rico, que trazia consigo; suplicou, ao chefe do grupo dos sargentos, que houvesse por bem esperar, ali mesmo, até que lhe chegasse a ordem de reconduzir Pedro à casa do comando. O chefe respondeu que esperaria de bom grado.

Fineu já tivera conhecimento da razão pela qual o filho havia sido condenado a morrer, pois as notícias haviam corrido por toda parte; assim, tão depressa quanto lhe foi possível, o embaixador, com os seus companheiros de missão e com os respectivos fâmulos, foi à presença do sr. Conrado e disse:

— Senhor, aquele que o senhor mandou morrer como servo é homem livre e, ademais, é meu filho; ele está pronto a tomar por esposa aquela que se diz que ele privou da virgindade; haja por bem, pois, adiar a execução, até que se saiba se ela o deseja por marido, a fim de que o senhor não tenha de agir contrariamente à lei se ela assim o quiser.

Quando o sr. Conrado ouviu a notícia de que o moço era filho de Fineu, mostrou-se surpreso; sentiu-se um tanto envergonhado pelo ato que a sorte o induzira a praticar; verificou que era verdade o que Fineu lhe dizia; portanto,

mandou que Pedro, aliás, Teodoro, regressasse à própria casa; depois, mandou chamar à sua presença o sr. Américo, a quem comunicou tudo o que sabia.

O sr. Américo, que julgava que sua filha e seu neto já estivessem mortos, mostrou-se profundamente pesaroso pelo que havia mandado fazer; amargurou-se como ninguém jamais se amargurou neste mundo por vir a saber que, se ela não estivesse já morta, o erro todo poderia ser corrigido. Mesmo assim, mandou que um fâmulos fosse correndo ao lugar em que a filha deveria estar a fim de que, se a sua ordem anterior ainda não houvesse sido executada, fosse imediatamente suspensa. O fâmulos que para lá se dirigiu encontrou o outro que, antes, o sr. Américo havia mandado já no ato de cumprir a ordem; já tinha posto, diante da moça, o punhal e o veneno para que ela não perdesse tempo em escolher; e, visto que ela hesitava, ele, o fâmulos, lhe dizia improperios, procurando forçá-la a se decidir, e a escolher uma das duas coisas.

Ouvindo, porém, a nova ordem do senhor, o primeiro fâmulos deixou em paz a moça; e voltou à presença do amo a fim de lhe comunicar o que acontecera. O sr. Américo sentiu-se muito contente; dirigiu-se à casa em que Fineu se encontrava; quase a chorar de emoção, tratou de explicar, da melhor forma possível, como as coisas se haviam passado; escusou-se e pediu perdão; e afirmou que, se Teodoro quisesse a sua filha por esposa, ele muito satisfeito se sentiria em dá-la. Fineu recebeu de bom grado as escusas; depois respondeu:

— Eu desejo que meu filho se case com sua filha; se ele não quiser se casar com ela, que se execute a sentença contra ele proferida.

Estando, pois, de acordo, Fineu e o sr. Américo, os dois se dirigiram para o lugar em que Teodoro se achava; lá o encontraram ainda todo apavorado com a sentença de morte, embora animado por haver reencontrado o pai; interrogaram-no quanto a esse problema da sua vontade. Teodoro, ao ficar sabendo que Violante passaria a ser sua esposa, se ele o quisesse, sentiu tamanha alegria que teve a impressão de pular do inferno para o paraíso; disse que isso constituía, para ele, graça enorme, desde que o casamento fosse do agrado de cada um deles, isto é, de Fineu e do sr. Américo.

Mandou-se, então, saber da vontade da moça. Esta, quando teve notícia do que havia acontecido e do que estava para acontecer a Teodoro, ficou tão abalada que jamais se viu, no mundo, mulher igualmente sentida. Quando, porém, lhe foram levar a notícia seguinte, ela custou a prestar fé às palavras que se lhe diziam; depois, alegrou-se um pouco; e respondeu que, se o seu desejo tivesse de ser realizado, nada lhe poderia ser mais grato ao coração do que se

tornar esposa de Teodoro; ainda assim, tudo deveria ser feito de acordo com aquilo que o pai determinasse.

Nessas condições, estabelecendo-se harmonia, determinou-se que as núpcias da moça com o moço se realizassem oportunamente; promoveu-se, por isso, uma festa enorme e brilhante, com sumo prazer de todos os cidadãos. A jovem, confortando-se e dando de mamar ao seu pequeno filho, dentro de pouco tempo voltou a ser mais linda do que nunca. Quando se refez do parto, apresentou-se a Fineu, cujo regresso de Roma se esperou. Ao seu regresso, ela prestou-lhe reverência, como a um pai; e ele, sentindo-se orgulhoso por ter uma tão bela nora, determinou que se procedessem às núpcias já combinadas; recebeu a moça como se ela fora sua filha e, depois disso, como tal sempre a considerou.

Dias depois, o embaixador, com a nora, o filho e o neto, passaram a bordo de uma galera, rumando todos para Laiazzo, onde, com repouso e paz, os dois esposos permaneceram enquanto a vida lhes durou.

Notas

¹ É o rei Guilherme II, denominado O Bom, que viveu de 1152 a 1189, filho de Guilherme I e de Margarida de Navarra, sobrinho de Rogério II, da dinastia normanda dos Allavilla.

² Os três embaixadores se dirigiam a Roma a fim de organizar uma cruzada cuja finalidade era libertar os respectivos territórios do domínio turco. Essa embaixada é histórica.

OITAVA NOVELA

Anastácio degli Onesti, por amar uma Traversari, despense suas riquezas sem ser amado. A pedido dos seus, vai para Chiassi; ali vê um cavaleiro dar caça a uma jovem, que mata e deixa que seja devorada por dois cães. Anastácio convida os seus parentes e aquela mulher por ele amada para um jantar. A mulher amada vê aquela jovem ser devorada; e, temendo que semelhante coisa lhe aconteça, toma Anastácio por marido.



Assim que Laurinha se calou, Filomena, por ordem da Rainha, desta maneira se pôs a falar:

— Mulheres amáveis, assim como, em nós, a piedade é louvada, assim também, em vocês, a crueldade é vingada rigidamente pela justiça divina. Para que eu lhes demonstre essa verdade e lhes ofereça motivo para expulsar a crueldade do seu coração, agrada-me-á dizer-lhes uma novela tão repleta de motivos de alegria quanto de compaixão.

Em Ravenna, cidade antiquíssima da Romanha, existiram, outrora, muitos homens nobres e galantes; entre estes, houve um jovem chamado Anastácio degli Onesti,¹ que, devido à morte do pai e de um tio, acabou ficando incalculavelmente rico. Esse moço, como geralmente acontece com os jovens e os que não têm esposa, enamorou-se de uma filha do sr. Paulo Traversaro,² moça muito mais nobre do que ele; alimentava a esperança de que, por meio de suas obras, conseguiria atraí-la e fazer com que ela o amasse. Entretanto, a despeito de suas obras serem grandes, belas e louváveis, elas não somente não adiantavam coisa alguma, para os seus propósitos, como até parecia que o prejudicavam; por aí se vê quanto a moça amada se mostrava austera, dura e inatingível; talvez por sua singular beleza ou talvez por sua grande nobreza de estirpe, fizera-se tão ativa e desdenhosa que nem gostava do moço, nem gostava daquilo que ele gostasse.

Essa era uma situação que Anastácio suportava com tanta mágoa que várias vezes, depois de muito se queixar, devido à dor que sentia, teve o desejo

de matar-se. Depois, embora contendo-se, muitas vezes resolveu, no seu coração, desistir do seu afeto, ou, se possível fosse, transformá-lo em ódio, que era o que ela manifestava para com ele. Contudo, em vão se propunha semelhante plano; quanto mais parecia que as esperanças perdiam fundamento, tanto mais se tornava ardoroso o seu amor.

Como o rapaz perseverasse tanto no afeto como nos gastos monetários desmesurados, afigurou-se, a determinados seus amigos e parentes, que tanto ele quanto os seus haveres estavam para se exaurir. Por isso, muitas vezes lhe pediram e o aconselharam que se afastasse de Ravenna, e que fosse transcorrer pelo menos algum tempo em outro lugar; se ele assim fizesse — supunham eles —, reduzir-se-iam o amor e os dispêndios.

De semelhante conselho várias vezes Anastácio zombou; todavia, sendo por eles tantas vezes solicitado e não lhes podendo dizer sempre que não, acabou respondendo que faria o que lhe pediam. Mandou que se fizessem grandes preparativos, como se projetasse ir para a França, ou para a Espanha, ou ainda para algum outro lugar distante. Montou a cavalo e, acompanhado por muitos dos seus amigos, saiu de Ravenna; rumou para um lugar que ficava talvez umas três milhas, ou cerca de cinco quilômetros, fora de Ravenna e que se chamava Chiassi.³ Ali, ordenou que se armassem pavilhões e barracas; disse, aos que o haviam acompanhado, que desejava permanecer em Chiassi; e que, portanto, eles, que o haviam acompanhado, deveriam voltar para Ravenna.

Instalando-se, pois, naquela praia, Anastácio passou a viver a vida mais bela e mais magnífica que se pudesse imaginar, convidando ora uns, ora outros para jantar ou para cear, como sempre fora de seu costume.

Aconteceu que, quase na entrada do mês de maio, houve um dia em que o tempo esteve belíssimo; Anastácio começou a pensar insistentemente na sua cruel amada; ordenou, pois, que todos os seus servidores o deixassem só para poder pensar mais à vontade; assim, passo a passo, transportou-se, pensando, para um pinheiral. Como já se houvesse passado a hora quinta do dia, e como ele já tivesse entrado meia milha, ou cerca de oitocentos metros, no seio do pinheiral, teve a lembrança de voltar; na sua caminhada, não se recordara, sequer, de ter de comer nem de outra coisa. De súbito, porém, teve a impressão de ouvir choro convulso e alto, bem como gemidos altíssimos, emitidos por uma mulher. Interrompeu-se, assim, o curso dos seus pensamentos. Anastácio ergueu a cabeça para observar o que poderia estar acontecendo; e maravilhou-se ao perceber que se encontrava no seio do pinheiral.

Além disso, olhando para a frente, viu que se aproximava dele, correndo por uma boscagem bastante densa de arbustos e de amoreiras, uma jovem lindíssima; a moça estava toda nua, com os cabelos em desalinho e com o corpo todo arranhado pelos ramos e pelos espinhos; correndo, tropeçando, caindo e tornando a correr, ela chorava e gritava, pedindo mercê. Anastácio viu, também, aos lados da moça, dois mastins, enormes e bravios, que, correndo no seu encalço, sempre que dela se aproximavam a mordiam, aplicando-lhe dentadas brutais. Mais longe, atrás dela, Anastácio viu, montado num corcel negro, um cavaleiro moreno, com expressão de fúria no semblante; corria com um estoque na mão; e, correndo, ameaçava a moça de morte, com palavras espantosas e chulas.

Tudo isso inspirou, ao mesmo tempo, espanto e maravilha ao espírito do moço; posteriormente, inspirou também compaixão para com a jovem desventurada; Anastácio sentiu, mesmo, o desejo de livrá-la de tamanha angústia e da morte se tal empreendimento lhe fosse possível. Encontrando-se, porém, sem armas, lembrou-se de tomar de um ramo de árvore que poderia fazer as vezes de bastão; assim, colocou-se contra os cães, bem como contra o cavaleiro. Mas o cavaleiro, que lhe percebeu todos os movimentos, gritou-lhe:

— Anastácio, não interfira; deixe que os cães e eu façamos aquilo que essa mulher perversa mereceu.

Enquanto o cavaleiro dizia isso, os cães, agarrando a moça pelos flancos, detiveram-na; o cavaleiro, alcançando-a, apeou do cavalo. Anastácio aproximou-se dele, dizendo:

— Não sei quem você é, embora pareça que você me conhece; de qualquer maneira, digo-lhe que é grande vilania, da parte de um cavaleiro armado, pretender matar uma mulher nua e pôr-lhe cães no encalço, como se ela fosse fera selvagem. Não há dúvida de que eu a defenderei enquanto puder.

O cavaleiro então explicou:

— Anastácio: eu nasci na mesma terra em que você nasceu; você ainda era meninote quando eu, que fui chamado sr. Guido degli Anastagi,⁴ me enamorei muito mais dessa mulher do que você, agora, está enamorado da moça dos Traversari. Devido à soberba e à crueldade desta mulher, cresceu tanto a minha amargura que eu, certo dia, com este estoque que você agora vê na minha mão, de desespero me matei; agora, estou condenado às penas do inferno. Pouco tempo depois, esta mulher, que se sentiu infinitamente feliz com a minha morte, também morreu; pelo pecado da sua crueldade e da sua alegria em face dos meus tormentos — coisas de que não se arrependeu —, ela foi, e é,

igualmente condenada às penas do inferno. Nunca ela admitiu que o que fez fosse pecado; chegou mesmo a achar que era mérito. Quando ela desceu ao inferno, a pena que se impôs, a ela e a mim, passou a consistir nisto: em fugir ela à minha frente e em persegui-la eu, que tanto a amei outrora, como se perseguisse inimiga mortal, e não mais como mulher amada. Todas as vezes que a alcanço, eu, com este estoque, com que me suicidei, mato a ela; abro-lhe as costas; e aquele coração duro e frio, em que jamais o amor e a piedade conseguiram entrar, eu lho arranco do corpo, juntamente com outras vísceras, como você verá daqui a um instante; depois, dou tudo aos cães para que o devorem. Antes que muito tempo se passe, ela, como querem a justiça e o poder de Deus, ressurge, como se nunca houvesse sido morta; e então recomeçam, para ela, a dolorosa fuga e, para os cães e para mim, a implacável perseguição. Acontece que todas as sextas-feiras, a esta hora, eu a alcanço aqui; e é aqui que faço sempre a chacina que você vai ver. Nos outros dias, não pense que nós repousamos; alcanço-a em outros lugares, nos quais ela, cruelmente, contra mim pensou e agiu. Sendo, pois, que de apaixonado me tornei inimigo, como vê, terei de persegui-la por esta forma tantos anos quantos foram os meses que ela se mostrou desapiedada para comigo. Portanto, deixe que eu ponha em execução a divina justiça; nem lhe valeria opor-se àquilo que você não poderá sustar.

Anastácio ouviu essas palavras; sentiu-se atemorizado; quase que não tinha pelo no corpo que não estivesse eriçado; afastou-se alguns passos; contemplou de novo a jovem desventurada; e passou a esperar, cheio de medo, aquilo que o cavaleiro ia fazer. O cavaleiro, depois de terminar a sua explicação, assumiu o aspecto de um cão raivoso; com o estoque numa das mãos, correu contra a moça, que, ajoelhada, fortemente segura pelos mastins, gritava pedindo-lhe perdão; o cavaleiro atravessou-lhe, com o estoque, o peito pelo meio, com o máximo da sua força; e a lâmina apareceu do outro lado do corpo. Quando a moça recebeu o golpe, seu corpo caiu de borco, sempre chorando e gritando; e o cavaleiro, lançando mão de uma faca, abriu-lhe o corpo à altura dos rins; tirou para fora o coração e todas as vísceras anexas, dando tudo de comer aos cães; e estes, esfomeados como estavam, comeram o que lhes foi dado sem a menor perda de tempo.

Instantes depois, a moça, como se nada do que aqui vai dito lhe houvesse acontecido, se ergueu, de súbito, e começou a fugir na direção do mar; e os cães correram atrás dela, sempre lhe dilacerando o corpo. O cavaleiro, tornando a montar a cavalo e retomando o estoque, recomeçou a persegui-la.

Dentro de pouco tempo, os vultos todos se desvaneceram, de modo que Anastácio nada mais pôde ver.

Depois de assistir a todas essas coisas, o moço ficou longo espaço de tempo entre piedoso e aterrorizado; a seguir, surgiu-lhe a ideia de que aquilo, afinal, deveria valer-lhe para alguma coisa, uma vez que se repetia todas as sextas-feiras. Tomou, pois, boa nota do lugar; e regressou para junto dos seus fâmulos. Mais tarde, quando lhe pareceu oportuno, mandou chamar à sua presença parentes e amigos, aos quais disse:

— Desde muito tempo vocês me aconselham a deixar de amar essa minha inimiga, bem como a pôr fim aos meus dispêndios. Pois eu estou pronto a seguir o conselho, desde que vocês me concedam uma graça. Consiste a graça em vocês fazerem com que, na próxima sexta-feira, o sr. Paulo Traversari, com a mulher e a filha, bem como com todas as mulheres suas parentas, e outras mais, se houver, e que forem do agrado de vocês, venha jantar aqui comigo. A razão de eu querer isto, vocês a conhecerão naquela oportunidade.

Aos presentes, afigurou-se que bem pouca coisa era fazer o que Anastácio pedia; todos voltaram para Ravenna; quando chegou a época conveniente, convidaram as pessoas que Anastácio indicara; embora fosse difícil conseguir que a mulher amada por ele concordasse em comparecer, ela afinal compareceu com as outras. Anastácio mandou preparar um jantar magnífico; e ordenou que se pusessem as mesas à sombra dos pinheiros, ao redor do sítio em que assistira ao martírio da mulher impiedosa, condenada às penas do inferno. Depois de se situarem os homens e as mulheres nas diversas mesas, verificou-se que Anastácio procedera por tal forma que a jovem por ele amada ficou colocada de frente para o lugar onde a perseguição de Guido deveria se repetir.

Quando se serviu, pois, o último prato, os convidados começaram a ouvir a barulheira produzida pela jovem desesperada, que clamava contra a perseguição. Todos se mostraram surpresos com aquilo; perguntaram do que era que se tratava; ninguém soube dizer; todos se ergueram para ver o que podia ser aquilo; viram a moça gritando suas súplicas, o cavaleiro perseguindo-a, e os cães atacando-a; poucos momentos após, esse grupo se pôs entre os convidados de Anastácio.

O barulho tornou-se grande, por obra dos cães e do cavaleiro; e muitos, para ajudar a moça, se adiantaram. O cavaleiro, porém, falando-lhes como falara a Anastácio, não somente os fez recuar, mas a todos assustou, enchendo-os, ao mesmo tempo, de maravilha. E levou a termo, de novo, aquilo que praticara aos olhos de Anastácio. Em consequência, todas as mulheres que ali

estavam começaram a chorar copiosamente, como se fosse contra elas mesmas que aquilo estivesse sendo feito; em verdade, entre as convidadas de Anastácio, muitas mulheres havia que tinham sido parentas ora da moça perseguida, ora do cavaleiro perseguidor; e todas elas se recordavam tanto do amor não correspondido pela moça quanto da morte por suas próprias mãos do cavaleiro.

O martírio infernal chegou ao fim, como da vez anterior; a mulher sacrificada tornou a ir-se embora; o cavaleiro recomeçou a perseguição; e isso forçou todos os espectadores à entabulação de muitos debates e vários raciocínios.

Entre as pessoas convidadas, e que mais assustada ficou com o que viu, figurou a impiedosa moça amada por Anastácio. Esta viu e ouviu tudo o que se relacionava com aquele episódio de condenados ao inferno; percebeu que aquele exemplo se aplicava mais a ela própria do que a qualquer outra pessoa ali presente; recordou-se da crueldade que sempre pusera em prática nas suas relações com Anastácio; e ficou tão impressionada que já lhe parecia estar correndo, à frente dele, enquanto ele, enfurecido, a perseguia, tendo ela os mastins aos seus flancos.

Foi tamanho o medo que isso lhe causou que ela, no intuito de evitar que tal coisa lhe acontecesse, logo tomou sua decisão; esperou pelo momento oportuno (que naquela mesma noite lhe foi proporcionado); transformou o ódio em amor; e mandou, em segredo, uma sua camareira falar com Anastácio; a camareira, de parte de sua ama, disse a Anastácio que se desse o prazer de ir à presença da filha de Traversari, visto que ela se encontrava disposta a proceder de acordo com aquilo que mais lhe agradasse.

Anastácio informou, em resposta, que o convite dela lhe causava, de fato, grande prazer; mas que, entretanto, se isso fosse do agrado dela, ele queria o que agradasse a ele, porém com toda a honra para ela; consistia isso em de casar-se com ela para que ela se tornasse esposa dele. A moça, que sabia que não era por vontade de pessoa alguma que ela deixara de ser mulher de Anastácio, mandou dizer-lhe que concordava. Assim, ela mesma se fez disso mensageira, pois se dirigiu ao pai e à mãe, aos quais revelou que se sentiria contente em se tornar esposa de Anastácio; o pai e a mãe, por sua vez, manifestaram sua grande satisfação por isso.

No domingo seguinte, Anastácio casou-se com ela em bela festa nupcial; depois, longo tempo viveu, com a moça, em plena felicidade.

De resto, o medo que a moça teve, durante aquele jantar, não foi causa apenas desse bem; todas as mulheres de Ravenna ficaram apavoradas; a tal ponto que, dali por diante, sempre se mostraram muito mais atenciosas para com os prazeres dos homens do que o haviam sido anteriormente.

Notas

¹ A família Degli Onesti existiu, realmente, em Ravenna; a novela, todavia, é pura ficção.

² Família nobre de Ravenna, de que Dante fala na *Divina Comédia* (Purgatório, Canto XIV, verso 98).

³ Também Classe e Chiasso. Nome de praia perto de Ravenna, Itália, onde existe o famoso pinheiral igualmente lembrado por Dante em *A divina comédia* (Purgatório, Canto 28, verso 20).

⁴ Outra nobre família de Ravenna, também citada por Dante, na *Divina Comédia* (Purgatório, Canto XIV, Verso 107).

NONA NOVELA

Frederico degli Alberighi ama e não é amado; fazendo despesas em cortesias, consome sua riqueza; afinal, resta-lhe unicamente um falcão; não possuindo outra coisa, dá de comer esse falcão a uma sua mulher que lhe fizera uma visita em casa; a mulher, ao saber disso, muda de opinião; toma-o por marido e faz dele um homem rico.



ilomena já havia deixado de falar quando a Rainha observou que mais ninguém restava para novelar, afora Dioneio, em virtude de seu privilégio; por isso, com fisionomia amorável, disse:

— Já agora, cabe a mim conversar. E eu, minhas caríssimas mulheres, falarei de bom grado, dizendo uma novela em parte semelhante à precedente; e isso não somente para que vocês tenham conhecimento do que pode a beleza de que são adornadas, perante os corações bem formados, mas também para que vocês saibam que vocês mesmas são, nas oportunidades adequadas, doadoras de galardões, sem deixar que seja sempre a Sorte a sua distribuidora. Note-se, porém, que é a Sorte, não discretamente, mas via de regra imoderadamente, aquela que faz tais doações.

Vocês devem, pois, saber que Coppo di Borghese Domenichi foi, na nossa cidade, e talvez ainda o seja, homem de grande e reverenciada autoridade nos nossos dias; por seus costumes e por suas virtudes, muito mais do que pela nobreza de seu sangue, é homem extremamente esclarecido, digno de fama eterna; sendo já avançado em anos, teve, outrora, o hábito de se deleitar conversando frequentemente sobre coisas do passado. Melhor do que qualquer outra pessoa, com mais ordem, com memória mais fiel e com fala mais florida, ele sabia conduzir essas conversações.

Entre outras lindas coisas, costumava dizer que, na cidade de Florença, existiu, certa vez, um moço chamado Frederico, filho do sr. Filipe Alberighi;¹ tanto em feitos de armas quanto em obras de cortesia, era o donzel mais notável que havia na Toscana. Como acontece aos gentis-homens, ele

enamorado-se de uma nobre mulher chamada sra. Joana, que, nos seus tempos, era considerada uma das mais belas e das mais elegantes que viviam em Florença; a fim de conseguir conquistar o amor de tão nobre mulher, ele promovia torneios e encontros de armas, dava festas, oferecia presentes, consumindo os seus bens sem qualquer comedimento. Ela, porém, não menos honesta e recatada do que bonita, não se incomodava com aquelas iniciativas por ela tomadas nem com o moço que as tomava.

Frederico despendia, pois, muita coisa, além do que lhe seria dado; nada adquiria; e, como em tais casos ocorre, as riquezas escassearam; o moço tornou-se pobre; nada mais lhe restou além de uma pequena propriedade rural; e das parcas rendas dessa propriedade passou ele, então, a viver, dispondo apenas do estritamente indispensável.

Além da mencionada terra, restou-lhe em mãos um falcão, que figurava entre os melhores do mundo. Amando cada vez mais, e não lhe parecendo que pudesse ser cidadão como desejava ser, foi residir em Campi, que era onde ficava aquele seu sítio. Ali, com o seu falcão, dava caça às aves quando podia; e, como não convidava pessoa alguma, ia pacientemente alimentando a sua pobreza.

Ora: aconteceu, um dia, que o marido da sra. Joana enfermou; vendo-se ele já próximo da morte, fez testamento; sendo riquíssimo, deixou, na qualidade de herdeiro, um seu filho já grandote; por haver muito amado a sra. Joana, determinou que, depois do mencionado filho, no caso de o referido filho morrer sem herdeiros legítimos, a sua herdeira passasse a ser a citada sra. Joana; a seguir, o marido morreu. A sra. Joana ficou, então, viúva.

Como é dos hábitos das nossas mulheres, ela, no verão, dirigia-se, com o filho, ao condado, onde existia uma sua propriedade rural, muito próxima daquela de Frederico. Assim, aconteceu que o meninote, filho da sra. Joana, começou a se tornar íntimo de Frederico e, em consequência, a gostar de pássaros e de cães. O meninote viu muitas vezes o falcão de Frederico voar; e isso lhe causou um prazer extraordinário e estranho, a tal ponto que passou a desejar possuir aquela ave de caça e rapina. Entretanto, não se animava a pedi-lo ao donzel por saber o quanto lhe era caro.

Estando as coisas nesse pé, o meninote adoeceu. A mãe transtornou-se profundamente; não tinha outros filhos e amava aquele menor com todas as forças do seu coração; ela permanecia o dia todo ao lado do menino; não se dava descanso na tarefa de o servir e de o confortar; com frequência, perguntava-lhe se havia alguma coisa que desejasse possuir; se houvesse,

suplicava para que lhe dissesse, porque, se fosse possível tê-la, ela, por certo, lhe proporcionaria. O meninote, depois de ouvir muitas vezes estas súplicas e estes oferecimentos, disse:

— Minha mãe, se você fizer com que eu passe a possuir o falcão de Frederico, creio que logo sararei.

Ao ouvir isso, a mulher se pôs pensativa; e começou a meditar sobre o que deveria fazer. Ela sabia que Frederico a havia amado durante longo tempo, sem obter, jamais, da parte dela, um único olhar significativo; por essa razão, ela dizia de si para consigo: “Como poderei eu mandar alguém, ou como poderei eu mesma ir pedir o falcão, que é, pelo que ouço dizer, o melhor de quantos falcões jamais voaram e que, além disso, lhe proporciona alimento para que ele se mantenha neste mundo? E como poderei ser eu tão mal-agraçada a ponto de querer tolher, a um gentil-homem, o único entretenimento que lhe restou?” Ela sentiu-se embaraçada com semelhante raciocínio. Tinha certeza de que, se pedisse o falcão, conseguia-lo-ia; mas, sem saber o que responder, nada respondeu ao filho; contudo, prosseguiu pensando. Por fim, tanto a assoberbou o amor para com o filho que ela, para contentá-lo, se dispôs não a mandar outra pessoa, mas a ir ela própria falar com Frederico; assim, pediria o falcão; recebê-lo-ia; e dá-lo-ia ao filho. Portanto, respondeu:

— Meu filho, tranquilize-se; trate de sarar; prometo-lhe que a primeira coisa que farei amanhã cedo será ir buscar o falcão e trazê-lo para você.

A essa notícia, o menino, satisfeito, acusou melhoras naquele mesmo dia.

Na manhã seguinte, a mulher, levando outra senhora em sua companhia, rumou, como se o fizesse a título de recreação, para a pequena casinhola de Frederico; e, ali, pediu que o fossem chamar. Frederico deixara de ir à caça de aves, porque não era tempo indicado para isso; estava no horto, procedendo a consertos em seus utensílios. Ao ouvir a comunicação de que a sra. Joana se encontrava à sua porta e pedia a sua presença, Frederico muito se admirou; contudo, para lá correu, visivelmente satisfeito. A sra. Joana, quando o viu se aproximar, correu-lhe ao encontro, com feminina intuição de lhe ser agradável; e, depois que Frederico a saudou, reverente, ela disse-lhe:

— Que tudo lhe corra bem, Frederico.

E prosseguiu:

— Eu vim compensá-lo pelos danos que sofreu por minha causa, amando-me muito mais do que fora necessário. A compensação é de tal ordem que eu desejo, com esta minha companheira, almoçar intimamente consigo, esta manhã.

Ao que Frederico, humildemente, respondeu:

— Senhora, não tenho memória de dano algum que eu haja recebido por sua causa; ao contrário, recebi tantos benefícios que, se alguma coisa eu jamais pude valer, isso aconteceu pelo seu valor e pelo amor que alimentei para consigo. É certo que esta sua visita generosa me é muito mais cara, agora, do que se me fosse dado, de novo, despendar dinheiro a mancheias, como despendi em outros tempos. E isso porque a senhora veio em visita a pobre hospedeiro.

Assim dizendo, recebeu-a, modestamente, dentro de sua casa; depois, conduziu-a ao seu pequeno jardim; ali, não tendo outra pessoa que pudesse incumbir de lhe fazer companhia, disse-lhe:

— Senhora, uma vez que não existe outra pessoa por aqui, esta bondosa mulher, esposa deste trabalhador, lhe fará companhia enquanto eu vou preparar a mesa.

Embora sua pobreza fosse extrema, Frederico ainda não tinha criado noção de quanta falta lhe poderia fazer a riqueza anterior, esbanjada desordenadamente; naquela manhã, porém, formou ideia de semelhante falta, porque não encontrou coisa alguma com que pudesse honrar a mulher por cujo amor tantos e tantos homens havia recebido e homenageado. Sentiu-se angustiado; amaldiçoou a própria má sorte; comportou-se como homem que estivesse fora de si; correu de um lado para outro; não encontrou dinheiro nem coisa que pudesse empenhar; a hora avançava; era grande o desejo que ele sentia de, mesmo assim, honrar a presença daquela nobre senhora em sua casa; não queria pedir coisa alguma a ninguém, e menos ainda ao trabalhador que havia em suas terras; de súbito, seus olhos deram no manso falcão que se achava em sua saleta, empoleirado na tranca. Frederico convenceu-se de que não tinha outra coisa de que se socorrer; agarrou o falcão; achou-o bem gordinho; admitiu que constituiria digna refeição para tão nobre senhora; e, sem pensar outra vez, torceu-lhe o pescoço; mandou que uma rapariga, servidora de sua casa, preparasse a ave, depenando-a, limpando-a, pondo-a no espeto e fazendo-a corar diligentemente. A seguir, pôs a mesa, com toalhas branquíssimas, algumas das quais ainda lhe restavam; e, com semblante feliz na aparência, voltou à presença da mulher, no jardim, anunciando-lhe que o almoço, que ele pudera lhe oferecer, estava servido. Então, a nobre senhora, com a sua companheira, se ergueu; e todos se dirigiram à mesa; as duas mulheres, sem saber o que estavam comendo, juntamente com Frederico, que com grandes atenções as servia, comeram o manso falcão.

Depois, ergueram-se da mesa; as mulheres entretiveram-se algum tempo, conversando com ele; afigurou-se à nobre senhora que havia chegado a hora de lhe dizer o motivo de sua visita; e, por isso, amistosamente, começou a falar, dirigindo-se a Frederico:

— Frederico, você deve recordar-se da sua vida passada e também da minha honestidade, que, provavelmente, você considerou dureza e crueldade; nessas condições, não duvido que você se admirará da minha presunção ao ouvir a razão pela qual, principalmente, vim à sua casa. Contudo, se você tivesse filhos ou os tivesse tido, poderia formar noção da força que anima o amor que por eles a gente sente; e, nesse caso, eu estou certa de que você me desculparia. Você, porém, não tem filhos; eu tenho um; mas não posso fugir às leis comuns das outras mães. Obedecendo ao imperativo dessas leis, venho, além de qualquer prazer de minha parte, e além de qualquer convencionalismo ou dever social, pedir-lhe de presente uma coisa que eu sei que lhe é sumamente cara; e você tem razão em querê-la, uma vez que nenhum outro entretenimento, nenhuma outra recreação, nenhum outro consolo, a sua Fortuna severa lhe deixou. O presente que desejo é o seu falcão. Meu filho encantou-se com essa ave; se eu não lha levar, tenho motivos para recear que o estado dele se agrave; e receio que, agravando-se a sua enfermidade, se sigam condições pelas quais eu acabe perdendo o meu filho. Por isso, rogo-lhe, pelo amor que tem para comigo; esse amor a nada o obriga; mas rogo também pela sua nobreza de ânimo, nobreza esta que, na prática da cortesia, maior do que a de qualquer outra pessoa sempre se revelou; rogo-lhe para que me dê o falcão a fim de que eu possa dizer, no futuro, que por ele consegui manter meu filho em vida, considerando-me, por isso, eternamente agradecida para consigo.

Frederico ouviu o que a mulher lhe pedia; percebeu que não a poderia servir, pois lhe havia servido aquele mesmo falcão ao almoço; e começou a chorar em sua presença antes de conseguir encontrar palavras para responder. A nobre mulher pensou, de início, que aquele pranto decorria principalmente da circunstância de Frederico ter de se separar da ave; e esteve na iminência de declarar que já não o queria mais. Contudo, ela conteve-se; esperou que, depois do pranto, Frederico lhe respondesse; e Frederico falou assim:

— Senhora, depois que aprouve a Deus que eu concentrasse na senhora todo o meu amor, em muitas coisas a Fortuna me tem sido contrária; e dessa Fortuna me tenho queixado; mas todas as contrariedades foram leves em confronto com esta que me proporciona neste momento. Por essa razão, nunca mais terei paz nem viverei em harmonia com o meu destino; pensarei que a

senhora veio aqui, à minha pobre casa, ao passo que, enquanto minha casa foi rica, a senhora a ela nunca compareceu; pensarei que a senhora desejou de mim um pequeno presente, e que a minha sorte procedeu por tal forma que me tornou impossível a concessão de tal presente. Vou dizer-lhe, com breves palavras, o motivo pelo qual essa concessão se torna impossível. Quando eu soube que a senhora, por sua mercê, desejava almoçar comigo, levei em consideração a excelência da sua nobreza e a elevação do seu valor; achei que deveria honrá-la com a refeição mais preciosa que, de acordo com as minhas limitações, eu pudesse oferecer a fim de a diferenciar das refeições que se proporcionam a outras pessoas. Assim, recordei-me do falcão que a senhora agora me pede; recordei-me da bondade daquela ave; considerei-a alimento digno da senhora; esta manhã, pois, a senhora teve o falcão, assado, no seu prato; e afigurou-se-me que bem empregado ele fora. Vendo, agora, que a senhora o desejava de outra maneira, é com profundo sentimento que tenho de reconhecer que não a posso servir e que, por isto, nunca mais poderei estar em paz comigo mesmo.

Dito isso, apresentou à nobre mulher as penas, os pés e o bico do falcão em testemunho do que afirmava.

A nobre senhora, vendo e ouvindo essas coisas, primeiro lamentou o gesto do moço por haver tirado a vida a semelhante falcão apenas para dar de comer a uma senhora; depois, louvou-lhe a grandeza de alma, grandeza esta que a pobreza não tinha empanado nem poderia empanar. Afinal, perdendo toda a esperança de passar a possuir o falcão, e sentindo-se insegura quanto ao futuro da saúde do filho, ela retirou-se com grande melancolia no coração; voltou, pois, para junto do filho.

Seja pela tristeza de não poder ter o falcão, seja pela enfermidade que de qualquer maneira o levaria, o filho, dentro de poucos dias, trespassou desta vida, causando uma dor enorme à mãe.

A nobre senhora, depois de haver chorado longamente a perda do filho e a sua amargura, se viu várias vezes aconselhada, pelos seus próprios irmãos, a casar-se de novo, pois ficara riquíssima e ainda era jovem. Ela talvez não desejasse ir a novas núpcias; entretanto, sendo instada pelos irmãos, recordou-se de Frederico, bem como da ainda recente revelação da grandeza de sua alma; consistira a revelação em haver sacrificado aquele extraordinário falcão apenas para lhe fazer, a ela, as honras da casa; e, então, disse aos referidos irmãos:

— Se o caso lhes agradasse, de boa vontade eu continuaria viúva; mas, se preferem que eu tome novo marido, é certo que jamais tomarei outro se esse

marido não for Frederico degli Alberighi.

A isso, os irmãos, como que zombando dela, disseram:

— Tola! Que é que você está dizendo? Como é que você pretende casar-se com ele se ele nada tem neste mundo?

Então, a nobre senhora respondeu:

— Meus irmãos, bem sei que é assim como vocês dizem; mas eu prefiro um homem que tenha necessidade de riqueza do que uma riqueza que tenha necessidade de homem.

Os irmãos, percebendo a firmeza da resolução dela e conhecendo desde muito tempo o caráter de Frederico, deixaram de se incomodar com o fato de ele ser pobre; deram-lhe, pois, a irmã, com todas as riquezas de que ela era dona.

Frederico, vendo-se casado com tão bela mulher que tanto havia amado e tornando-se, além disso, riquíssimo, longos anos viveu em harmonia e encantamento com ela; tornou-se melhor homem de família; e suavemente, em companhia dela, concluiu seus anos.

Nota

¹ O historiador Giovanni Villani alude a essa família afirmando ser originária de Fiesole, mas transladada para Florença lá pelo ano 1000.

DÉCIMA NOVELA

Pedro do Vinciolo vai jantar algures; sua mulher recebe, em sua casa, um rapazola; Pedro regressa ao lar; ela esconde o rapazola por baixo de um jacá de galinha. Pedro conta que, em casa de Herculano, com quem havia tencionado jantar, se havia encontrado um moço, introduzido pela esposa dele, Herculano; a mulher de Pedro lamenta a sorte da esposa de Herculano. Um jumento, por desgraça, põe a pata em cima dos dedos do rapazola que estava por baixo do jacá; o rapazola grita; Pedro acode; vê o rapazola; toma conhecimento da infidelidade praticada pela mulher; mas com ela, por fim, volta à concórdia, para sua tristeza.



novela da Rainha havia chegado ao seu término; todos louvaram a Deus pela circunstância de Ele haver condignamente galardoado Frederico; e Dioneio, que nunca esperava ordem para falar, começou:

— Não sei se devo dizer que isto decorre de vício accidental ou de malvadez de costumes que possa ter acometido os mortais; também ignoro se provém de pecado da Natureza; mas é certo que as criaturas humanas se inclinam a rir mais das más ações do que das boas, principalmente quando aquelas más ações não as atingem. O trabalho de lhe fazer narrativas, que já outras vezes realizei e que agora estou para realizar de novo, nenhuma outra finalidade tem que não seja a de lhes dissipar toda a tristeza, proporcionando-lhes riso e alegria. Entretanto, a substância da minha narrativa seguinte, oh! moças enamoradas, é, em parte, menos do que honesta; mesmo assim, eu a farei, visto que pode oferecer diversão. Ouvindo-a, façam vocês, com ela, o que costumam fazer quando entram num jardim; no jardim, vocês estendem a mão, colhem as rosas e deixam ficar os espinhos; vocês farão a mesma coisa com a minha novela, deixando de lado o mau homem, com a sua má sorte, bem como com a sua desonestidade; poderão rir dos enganos amorosos da sua mulher; e terão compaixão das desventuras alheias, onde for o caso.

Existiu em Perúcia, não faz ainda muito tempo, um rico homem chamado Pedro de Vinciolo. Talvez mais para enganar os outros, bem como para

diminuir a opinião geral que os perusianos haviam formado a seu respeito, do que por estar apaixonado, Pedro casou-se. A sorte manifestou-se de conformidade com as suas intenções: a mulher com a qual ele se casou era uma jovem corpulenta, de cabelo ruivo, muito viva; era dessas que teriam precisado de dois maridos em vez de um. E aconteceu que ela notou a existência de um homem que havia posto seus objetivos não nela, mas em coisa muito diversa. No curso do tempo, ela apaixonou-se por esse homem; viu-se linda e cheia de vida; sentiu-se robusta e poderosa; e, por isso, primeiro começou a se amuar visivelmente; depois, passou a trocar, de quando em quando, palavras desagradáveis com o marido; mais tarde, deu de viver em desarmonia contínua com ele. Posteriormente, notando que esse seu comportamento poderia até piorar a ruindade do marido, raciocinou, de si para consigo: “Este desgraçado me abandona porque deseja, com as suas desonestidades, caminhar de tamanco sobre chão seco; mas eu farei o possível para trazer outro homem a bordo do navio, que saiba andar sobre chão molhado. Tomei para marido e dei-lhe dote grande e bom, admitindo que ele fosse homem e considerando-o apreciador daquilo que os homens são e devem ser apreciadores; se eu não houvesse acreditado ser ele homem, não o teria aceitado para esposo. Ele, que sabia que eu era mulher, por qual motivo me tomou por esposa, se as mulheres não eram precisamente o que mais o seu espírito apreciava? Isso, agora, é intolerável. Se eu não quisesse viver neste mundo, iria ser monja; mas, querendo viver neste mundo, como quero e como estou vivendo, não posso esperar que o deleite ou o prazer me sejam proporcionados por este indivíduo. Se eu esperar, poderei esperar em vão e, esperando, envelhecer. Quando eu for velha, arrepender-me-ei; e, então, inutilmente me queixarei de haver perdido toda a minha juventude. Para me ensinar a consolar-me, muito bom professor ele é; ele é também excelente demonstrador de como devo deleitar-me com aquilo que o faz ter prazer; esse defeito talvez seja louvável em mim, ao passo que é profundamente lamentável nele; pois eu, sendo assim, apenas ofendo as leis; ele, ao contrário, ofende as leis e a Natureza.”

Tendo, pois, a bondosa mulher concluído por essa forma o seu raciocínio, resolveu pôr em prática, secretamente, o que lhe ia pela alma; conquistou a amizade íntima de uma velha que, na verdade, bem que parecia uma Santa Veridiana¹ que dá de comer às serpentes; essa velha andava sempre com os padres-nossos na mão, por qualquer circunstância; nunca falava de outra coisa que não fosse a vida dos seus Santos Padres ou que não fossem as chagas de São Francisco; e era considerada santa quase por toda gente. Quando lhe pareceu

oportuno, a mulher disse à velha, com todos os pormenores, quais eram as suas intenções. Ao que a velha observou:

— Minha filha, sabe Deus, que sabe todas as coisas, que você faz muito bem; se você o fizesse, ainda que mais não fosse do que pela sua juventude, já estaria justificada; assim devem proceder, você e todas as moças, a fim de não perder a fase de sua mocidade, porquanto nenhuma dor é igual àquela que se tem quando se percebe que se perdeu o tempo. E, para que diabo podemos servir nós, depois de velhas, a não ser para contemplar as cinzas ao redor da lareira? Se há mulheres que saibam o que isso é, e que possam dar testemunho disso, eu sou uma delas. Agora que sou velha, percebo, e não sem grandes e amargos ressentimentos, o tempo que deixei passar. Sei que não há remédio. Embora eu não tenha perdido, na verdade, o tempo todo, não desejo que você pense que eu tenha sido uma estúpida; o que há é que eu não fiz tudo quanto poderia e deveria ter feito. Ao me recordar disso, e ao me ver transformada nisso que você vê, num estado em que não encontro quem quer que seja que me ponha fogo nos trapos, sabe Deus a dor que sinto. Aos homens, não é a mesma coisa que acontece. Eles nascem bons para mil tarefas, e não somente para essa; em sua maior parte, os homens são mais velhos do que moços. As mulheres, porém, só podem fazer uma coisa, e daí nascem filhos; é por isso que são consideradas preciosas. Se você não cria noção de outra coisa, disto pelo menos você deve formar ideia: nós estamos sempre prontas para esse ato, o que não acontece com os homens; além disso, uma só mulher basta para cansar muitos homens, ao passo que muitos homens podem não cansar uma só mulher; e, uma vez que foi para isso que nascemos, de novo lhe digo que você faz muito bem em retribuir, ao seu marido, pão por fogaça; por essa forma, o seu espírito, na sua velhice, nada terá a censurar à sua carne. Deste mundo, cada qual recebe aquilo que toma; isso acontece principalmente com as mulheres; cabe às mulheres, muito mais do que aos homens, o aproveitamento máximo do seu tempo. Nessas condições, bem pode você ver, quando nós envelhecemos, nem o marido, nem outro homem qualquer, deseja seja lá o que for de nós; aliás, os maridos nos atiram à cozinha, onde ficamos a narrar fábulas à gata ou a fazer a lista das caçarolas e das tigelas. Pior ainda: eles chegam até a nos fazer figurar em canções e provérbios; dizem, com efeito: “Para as moças, os bons-bocados; para as velhas, as dores dos rins.” Muitas coisas mais os homens dizem de nós quando nos tornamos idosas. E, a fim de que eu não lhe diga mais palavras, esclareço, desde logo, que nenhuma pessoa deste mundo, a quem você revelasse as suas intenções, poderia ser-lhe mais útil do que eu;

porque não existe homem que seja tão valoroso a ponto de impedir que eu me arrisque a lhe dizer o que tiver para lhe dizer; nem há, por outro lado, homem que seja tão duro ou tão grosseiro a ponto de não deixar que eu o amoleça e o conduza àquilo a que eu desejo que ele chegue. Assim, trate de me mostrar qual é o homem que lhe agrada; e deixe, depois, o caso por minha conta. Uma coisa, porém, quero recordar a você, minha filha: desejo que você me recompense bem, uma vez que sou mulher pobre; quero, ademais, que você participe das minhas rezas, bem como de todos os padres-nossos que eu disser, para que Deus os transforme em lume e vela, em benefício dos mortos que você tiver.

E pôs fim às suas palavras. A moça ficou, pois, assim acordada com a velha: se visse ir ao seu encontro um jovem, que passava muito frequentemente por aquela região, e do qual indicou todos os sinais identificadores, ela já sabia o que deveria fazer. Deu-lhe um pedaço de carne salgada; e mandou-a ir com Deus. Não se passaram muitos dias. A velha conseguiu logo introduzir, ocultamente, no dormitório da moça o moço que ela havia indicado; dali a pouco tempo, introduziu outro, e assim por diante, na sequência daqueles que mais iam agradando à jovem mulher; esta, por sua vez, por temer sempre o marido, nunca fazia o que pudesse deixar vestígio dos seus atos.

Aconteceu, contudo, que, certa noite, o marido foi jantar com um seu amigo que se chamava Herculano; por isso, a moça pediu, à velha, que lhe introduzisse no dormitório um jovem que era dos mais belos e dos mais agradáveis de Perúsia; a velha prontamente a satisfez. A moça e o moço se puseram à mesa para cear; a essa altura, porém, Pedro, seu marido, bateu à porta, pedindo que lhe abrisse.

A moça, ao ouvir isso, considerou-se morta. Querendo, entretanto, desde que fosse possível, esconder o moço, não teve a ideia de fazer com que ele se ocultasse em outro lugar; havia um pequeno terraço, perto da sala onde estavam ceando; ali, por baixo de um jacá de galinhas, mandou que ele se arrumasse; depois, atirou, por cima do conjunto, a aniagem de um grande saco que havia esvaziado durante o dia. A seguir, a moça correu a abrir a porta para que o marido entrasse. E, ao marido, assim que entrou em casa, ela disse:

— Arre! Que vocês engoliram bem depressa a tal de ceia!

Pedro explicou:

— Nem sequer a provamos.

— Como foi isso? — indagou a mulher.

Pedro então esclareceu:

— Vou contar-lhe. Estávamos sentados à mesa; éramos Herculano, a mulher e eu; ouvimos alguém esternudar perto de nós; não fizemos caso disso da primeira vez; nem da segunda; mas quem havia esternudado prosseguiu esternudando pela terceira vez, pela quarta, pela quinta e por muitas outras vezes; e isso nos causou maravilha. Herculano já não se encontrava em muito boa harmonia com sua mulher, porque ela nos fizera esperar muito tempo à porta antes de a abrir para que entrássemos; e, ao ouvir aquela esternutação contínua, disse, quase com fúria:

— Que é que isso quer dizer? Quem é que está espirrando por essa forma?

Ergueu-se da mesa; dirigiu-se para uma escada que ficava ali perto; por baixo da escada, havia um tabique, formando um recinto fechado, dentro do qual se põe o que se quiser, como vemos todos os dias que fazem os que arrumam a própria casa. Parecendo, a Herculano, que era dali de dentro que procedia o barulho dos espirros, abriu a portinhola; assim que a abriu, percebeu que saía, dali, o maior mau cheiro de enxofre deste mundo. A mulher, notando que dali se irradiava o mau cheiro e o motivo de queixa do marido, explicou:

— É que, pouco antes, alvejei os meus véus com enxofre e depois também a tábua em que o havia espalhado para que os véus lhe recebessem os vapores.² Depois, botei tudo embaixo dessa escada; e é por isso que está cheirando assim.

Depois que abriu a portinhola e que o mau cheiro se dissipou um pouco, Herculano espiou para dentro do tabique; viu, ali, o indivíduo que esternudara e que ainda continuava a espirrar, obrigado a isso pela força esternutatória do enxofre. De tanto esternudar, o homem já se encontrava com o peito oprimido pelo enxofre; pouco faltava para que ele nunca mais espirrasse e também não fizesse mais coisa alguma neste mundo. Herculano, vendo-o, gritou:

— Estou vendo agora, mulher, o motivo pelo qual, pouco antes, quando chegamos, você nos fez esperar tanto tempo à porta sem nos abrir; mas praza a Deus que eu nunca mais tenha coisa que me agrade se não fizer você pagar por isso.

A mulher ouviu essas palavras. Notou que o seu pecado era flagrante. Não apresentou escusa alguma; ergueu-se da mesa; fugiu de casa; e não sei sequer para onde foi. Herculano, sem perceber que a mulher havia fugido, ordenou várias vezes ao indivíduo que espirrava que saísse daquele tabique; mas o indivíduo já não podia sequer consigo mesmo; por mais que Herculano falasse, não se movia; então, Herculano tomou-o por um dos pés; puxou-o para fora; e

saiu à procura de uma faca para o matar. Eu, porém, temendo por mim mesmo a autoridade da Senhoria, ergui-me; não lhe permiti que matasse o homem nem que lhe fizesse algum mal; aliás, de tanto gritar e de tanto defender o infeliz, provoquei o aparecimento de muitos vizinhos; estes apanharam o moço já vencido e o transportaram para fora da casa, levando-o não sei para onde. Em consequência de tudo isso, a nossa ceia ficou estragada. Não só não a engoli mas também nem sequer cheguei a tocar nela, como já lhe disse.

A mulher de Pedro, ouvindo essa narrativa, ficou sabendo que havia outras mulheres no mundo tão sabidas quanto ela própria, embora, de quando em quando, algumas se vissem colhidas pelo infortúnio; de qualquer modo, ela de bom grado teria defendido, com palavras, a mulher de Herculano. Entretanto, afigurou-se-lhe que, se ela censurasse a falta alheia, melhor serviço prestaria às conveniências próprias; e, por isso, começou a dizer:

— Que linda coisa! Que bondosa e santa mulher deve ser aquela! Que raio de mulher honesta! Parecia tão direita, tão espiritual, que eu até me teria confessado com ela! O pior é que, sendo ela já agora velha, dá muito bom exemplo às moças. Seja maldita a hora em que ela veio ao mundo; e ela também, que seja maldita por continuar a viver assim! Mulher pérfida e ré! Vergonha universal e vitupério de todas as mulheres desta terra! Ela atirou à rua a sua honestidade! Jogou pela janela a fé prometida ao seu marido e também a honra deste mundo! E dizer que Herculano é um homem tão bondoso, um cidadão tão às direitas e que a tratava tão bem! Ainda assim, ela não se envergonhou de se desonrar com outro homem, a si mesma e a ele! Deus que me perdoe; mas, de mulheres dessa laia, não se deveria ter misericórdia; elas deveriam ser mortas; deveriam ser postas, bem vivas, no fogo e assim transformadas em cinzas!

Depois, recordando-se do seu amante, que se encontrava ali perto, por baixo do jacá de galinhas, tratou de convencer Pedro no sentido de que fosse para a cama por já ser tempo de dormir. Pedro, porém, tinha vontade ainda maior de comer do que de dormir; indagou se havia algo para jantar; e a isso a mulher esclareceu, irônica:

— Como não haveria de haver o que jantar? Pois então você não sabe que nós temos o costume de preparar ceia quando você não está em casa? Ou você pensa que eu sou a mulher de Herculano!? Vá para a cama, Pedro! Trate de dormir por esta noite. É a melhor coisa que você tem a fazer!

Aconteceu que, naquela tarde, alguns trabalhadores rurais de Pedro tinham estado na vila com alguma coisa por eles pedida; os trabalhadores deixaram os jumentos num pequeno estábulo que ficava ao lado do terraço; e não lhes deram de beber; um dos jumentos, sentindo-se com sede, conseguiu tirar a cabeça do cabresto; saiu do estábulo; e passou a farejar aqui e acolá, à procura de água; por essa maneira, aproximou-se do jacá por baixo do qual o moço se encontrava.

Ora: o moço estava de gatinhas, por ser essa a melhor posição para o caso; nessa posição, os dedos de uma de suas mãos, estendidos no chão, saíam um pouco para fora do jacá; e foi tamanha a sua má sorte que o jumento, aproximando-se, acabou pousando um pé em cima dos referidos dedos; em consequência, o rapaz emitiu um grito altíssimo, devido à inenarrável dor que sentiu.

Pedro ouviu o grito; admirou-se daquilo; percebeu, porém, que tinha sido gritado por alguém que se encontrava dentro da casa; saiu, pois, do seu quarto; e, como continuasse a ouvir os queixumes do rapaz, porque o jumento ainda não se decidia a erguer o pé que lhe pousara sobre os dedos, disse:

— Quem é que está aí?

Correu ao jacá; ergueu-o; viu o moço, o qual, além de tremer pela dor sofrida em virtude da pisadura da pata do jumento em seus dedos, tremia também pelo medo de que Pedro lhe fizesse algum mal. O moço foi reconhecido por Pedro, porquanto este muito o havia procurado em consequência de suas diabruras; e perguntou-lhe:

— Que está você fazendo aqui?

O moço não respondeu; ainda assim, suplicou-lhe para que, pelo amor de Deus, não lhe fizesse mal. Ao que Pedro ordenou:

— Levante-se! Não receie coisa alguma; não lhe farei nenhum mal; entretanto, conte-me como foi que você veio parar aqui e por quê.

O moço contou-lhe coisa por coisa. Pedro alegrou-se por haver encontrado o rapaz; e alegrou-se tanto quanto sua mulher se sentiu pesada pela mesma circunstância. Agarrou o infeliz pela mão; quase o arrastou ao seu dormitório, onde sua esposa, tomada pelo maior medo deste mundo, se encontrava à sua espera. A ela, Pedro, colocando-se bem de frente, disse:

— Agora há pouco você maldizia a mulher de Herculano; afirmava que ela deveria ser queimada viva; e clamava que ela era a vergonha de todas vocês. Então não era de você mesma que você falava? E, se não era de você que pretendia falar, como é que o seu espírito se permitia falar dela sabendo que

tinha praticado exatamente aquilo que ela perpetrara? Por certo, nenhuma outra coisa induziu você a isso, a não ser o fato de vocês, mulheres, serem feitas todas da mesma forma, de modo que umas pretendem encobrir as próprias falhas com os erros das outras. Que caia fogo dos céus, que queime vocês todas, pois vocês não passam de uma geração degenerada!

A mulher não deixou de observar que Pedro, na primeira arrancada, mal nenhum lhe fazia além de proferir palavrário inócuo; notou, igualmente, que ele se mostrava todo dengoso e satisfeito pelo fato de tomar pela mão um rapazola tão atraente; então, ganhou coragem e disse:

— Estou perfeitamente convencida de que você bem que gostaria que caísse fogo do céu e que esse fogo nos queimasse a todas, pois você gosta tanto de nós, mulheres, como os cachorros gostam de bengaladas. Mas, pela cruz de Deus, isso não acontecerá. Todavia, de boa vontade eu conversaria um pouco com você para averiguar do que é que você se queixa. Não há dúvida de que eu ficaria em boa situação se você me quisesse igualar à mulher de Herculano: ela é uma velha beata e hipócrita; recebe dele tudo quanto deseja; e ele trata-a como se deve tratar uma esposa; e não é bem isto o que se passa comigo. Embora eu seja, por você, bem-vestida e bem-calçada, bem sabe você como é que sou tratada quanto ao mais; deve você recordar-se quanto tempo faz que não dorme comigo. De minha parte, eu preferiria andar coberta de andrajos e descalça, e ser bem-tratada na cama a possuir todas essas coisas e ser alvo do tratamento que você me dispensa. Entenda claramente o que lhe digo, Pedro. Eu sou mulher como as outras e tenho vontade daquilo que as outras também têm; ora, para que eu consiga a satisfação dessa vontade, uma vez que você não a satisfaz, indispensável se torna que eu use de recursos. E não se pode falar mal de mim; de qualquer maneira, muita honra lhe faço, pois não me faço acompanhar de meninotes nem de tinhosos.

Pedro percebeu que a troca de palavras não amainaria durante a noite toda. Então, como homem que pouco se incomodava com a mulher, tratou de acomodar as coisas, dizendo:

— Agora chega de palavras, mulher; quanto a isso, bem que a contentarei; muita cortesia fará você se fazer com que tenhamos alguma coisa para cear; parece-me que este moço, exatamente como eu, ainda não ceou.

— Por certo que não — concordou a mulher. — Ele não jantou ainda, pois, quando você, pela sua má ventura, apareceu, nós nos preparávamos para ir à mesa e jantar.

— Vá então tratar disso — ordenou Pedro. — Faça com que jantemos. Depois, tomarei disposições sobre isso tudo de modo que você não tenha mais razões de queixa.

A mulher ergueu-se. Vendo que o marido se mostrava satisfeito, recompôs prontamente a mesa; mandou que se servisse o jantar que havia preparado; e jantou, juntamente com o seu péssimo marido e o rapazola.

Já não me recordo do que foi que Pedro concebeu, para satisfação dos três, logo depois da refeição; o que eu sei muito bem é que, na manhã seguinte, se viu o moço, na praça, sem muita certeza quanto a haver acompanhado, naquela noite, o marido ou a mulher. Por isso é que assim lhes falo, mulheres muito queridas: a quem o mal pratica, devolva-se o mal; se não se pode retribuir em igual moeda, guarde-se o fato na memória, até que a retribuição se torne possível; e assim se paga amor com amor ou outra coisa com outra coisa.

Notas

¹ Conhece-se, dessa santa, o seguinte episódio: a santa ouvira dizer que o abade santo Antônio tinha sido tentado, sob muitas formas, pelo diabo, mas principalmente sob a forma de diversos animais; teve, então, o desejo de sofrer iguais torturas para exercitar melhor a sua paciência; por isso, tanto suplicou ao Senhor que, por fim, foi satisfeita. Com efeito, um dia, viu que entravam, pelo postigo da sua gruta, duas enormes serpentes, que, desde logo, muito a amedrontaram; compreendendo, posteriormente, que elas eram os diabos que tanto havia pedido a Deus para que lhe mandasse, acolheu-as com júbilo; e agradeceu a Deus o fato de as haver enviado. A santa conservou sempre as serpentes em sua companhia, alimentando-as com o pouco alimento que possuía, embora da parte das serpentes nada mais recebesse do que golpes de cauda, por vezes tão terríveis que a faziam desmaiar de dor.

² É exato que os vapores de enxofre alvejam a roupa.

DESPEDIDA



concluiu-se por essa forma a novela de Dioneio, que não provocou grande riso da parte das mulheres, mais por vergonha do que por ausência de espírito. A essa altura, a Rainha observou que o término de sua soberania também havia chegado; ergueu-se, pois; tirou da própria cabeça a coroa de louros e pô-la, com semblante alegre, à cabeça de Elisa, dizendo-lhe:

— A você, senhora, cabe, agora, o comando.

Assim que recebeu o símbolo do mando, Elisa determinou que se procedesse da mesma maneira por que se havia procedido anteriormente. Tomou resoluções, em companhia do mordomo, sobre aquilo que deveria ser levado a efeito durante o seu reinado.

Depois, para contentamento de todos, ela explicou:

— Muitas vezes nós ouvimos dizer que, com belas palavras, ou com respostas prontas, ou com espertezas súbitas, muita gente conseguiu, com uma oportuna mordida, repelir os dentes alheios ou eliminar os perigos supervenientes. Visto, pois, que esse assunto é ótimo e pode ser útil, desejo que, no dia de amanhã, com a ajuda de Deus, sobre isso se elaborem narrativas; falaremos de quem, com frase elegante e acertada, conseguiu reconquistar o campo depois de ser tentado e posto em posição aparentemente inferior; de quem, com resposta pronta e grande presença de espírito, escapou da perda, ou do perigo, ou do ridículo.

Essa ordem foi louvada por todos; em consequência, a Rainha, pondo-se de pé, dispensou a todos até a hora do jantar.

O disciplinado grupo, vendo que a Rainha se encontrava de pé, também se ergueu; e, de acordo com o costume estabelecido, cada qual se entregou

àquilo que mais deleite lhe proporcionava.

Como, porém, as cigarras já haviam cessado de cantar, todos foram chamados pelo mordomo, dirigindo-se então para as mesas do jantar. E todos se entregaram à refeição, intercalando-a de agradáveis atos festivos, com cantos e músicas tocadas. Ao cabo, e por vontade da Rainha, Emília começou uma dança; Dioneio recebeu solicitação para cantar uma canção; e, sem perda de tempo, ele passou a cantarolar: “Dona Aldruda, erga a cauda, que boas notícias lhe trago.” Todas as mulheres se puseram a rir disso; a Rainha riu mais do que todas. E Dioneio disse:

— Senhora, se eu tivesse cêmbalo, eu diria: “Erga as roupas, senhora Lapa”; ou “Há erva por baixo da oliveira.” Talvez vocês preferissem ouvir cantar “A onda do mar me faz um mal tão grande!” Mas eu não tenho cêmbalo; por isso, vejam vocês qual preferem que eu cante, entre essas outras. Agradar-lhes-ia “Saia daí, pois você está cortada como uma giesta na campina”?

Disse a Rainha:

— Não. Cante outra.

— Então — disse Dioneio — eu mesmo direi: “A sra. Simona está embarrilando, e ainda não estamos no mês de outubro”.

A Rainha, rindo, observou:

— Pelo amor de Deus, isso não! Cante uma canção bela, se é que deseja cantar; essa, porém, nós não a queremos.

Disse Dioneio:

— Não, senhora; não se queixe de mim. Entretanto, qual é a que mais lhe agrada? Eu sei mais de mil. Será que querem “Esta minha concha, se eu não bato nela”?, ou “Pelo amor de Deus, vá devagar, marido meu”?, ou “Eu comprei um gajo por cem liras”?

Então, a Rainha, um pouco perturbada; embora as outras mulheres rissem, disse:

— Dioneio, deixe de lado as piadas; cante algo de belo; do contrário, você poderá ficar sabendo como eu sei reagir.

Dioneio, ouvindo essas expressões, deixou de lado as facécias; e, sem mais delongas, começou a cantar desta maneira:

*Amor: a luz encantadora,
Que se irradia dos belos olhos desta mulher,*

Fez-me escravo dela e de você.

*Partiu dos seus lindos olhos o esplendor
Que pela primeira vez acendeu no meu coração a sua flama.
Fê-lo, passando pelos meus.
Da grandeza do seu valor,
O lindo rosto dela me tornou cômico;
Imaginando esse valor,
Acabei cultivando
Todas as virtudes e submetendo-me a ela,
Que assim se tornou novo motivo dos meus suspiros.*

*Por essa forma, alinhei-me entre os seus,
Meu caro Senhor; e, obediente, espero
Que o seu poder me dê mercê.
Mas não sei bem se é conhecido, da parte dela, por inteiro
O alto desejo que você me pôs no peito
Ou a fé inteira que você me inspirou. Ela é dona,
Por tal forma, do meu espírito,
Que eu não terei paz
Se não for dada por ela;
E, se não o for, não a quereirei.*

*Por essa razão, peço-lhe, doce meu Senhor,
Que lhe mostre e a faça sentir
Um pouco do seu fogo
Em meu benefício. Pois você vê
Que eu já me consumo, amando, e que, no sofrimento,
Vou desfazendo-me a pouco e pouco;
Depois, quando julgar oportuno,
Recomende-me a ela, como lhe for possível,
Que irei de bom grado, consigo, para tal fim.*

Quando Dioneio, calando-se, assinalou que a sua canção estava terminada, a Rainha determinou que muitas outras canções fossem cantadas, ou recitadas, sem, entretanto, deixar de louvar muito a que fora cantada por Dioneio. Todavia, quando boa parte da noite transcorreu, a Rainha, observando que o calor do dia ia sendo vencido pelo frescor da noite, ordenou que cada qual fosse repousar a seu gosto até o dia seguinte.

Conclui-se a quinta jornada de O DECAMERÃO. Começa a sexta, na qual, sob o reinado de ELISA, se fala de quem, tentado com alguma frase elegante, consegue salvar-se por meio de resposta pronta ou mesmo de esperteza, escapando de perda, ou de perigo, ou de escárnio.

GIOVANNI BOCCACCIO

O DE CAME RÃO



Volume 2

Tradução RAUL DE POLILLO

3ª EDIÇÃO









SEXTA JORNADA

A lua, encontrando-se no meio do céu, tinha perdido os seus raios; em virtude da nova luz superveniente, já todas as partes do nosso mundo se apresentavam claras, quando a Rainha se ergueu; ela mandou chamar todos os membros do grupo; e todos, com passo lento, caminhando e recreando-se por cima do orvalho, se afastaram bastante da linda colina; andando, conversaram e discutiram ora sobre uma coisa, ora sobre outra; passaram em revista, ora a beleza maior, ora a beleza menor, desta ou daquela novela contada; a propósito de vários casos recitados, renovaram as risadas; até que o sol, elevando-se bastante e começando a aquecer-se, fez com que a todos se afigurasse melhor voltar para casa. Por esta razão, mudando a direção dos passos, para lá retornaram.

No palácio, já as mesas se encontravam postas; todas as coisas se apresentavam ornadas de ervas odoríferas, e semeadas de lindas flores; e, antes que o calor se intensificasse, todos, por ordem da Rainha, se puseram a comer. Uma vez concluído o desjejum, em ambiente de festa, cantaram-se algumas canções belas e galantes; e, antes de se dar início a qualquer outra coisa, uns foram fazer a sesta, outros preferiram jogar xadrez, ou damas. E Dioneio, juntamente com Laurinha, de Troilo e de Criseida¹ começou a cantar.

Quando chegou, de novo, a hora de se reunirem em consistório, a Rainha mandou chamar todos os membros do grupo; e, como era costume, todos tomaram os respectivos lugares ao redor da fonte. Ao desejar a Rainha ordenar que se dissesse a primeira novela, aconteceu uma coisa que ainda não se havia registrado: um grande barulho foi ouvido pela Rainha e por todos os demais; era esse barulho produzido pelas damas de serviço e pelos fâmulos, na cozinha. Em consequência, a Rainha mandou chamar o mordomo; perguntou-lhe quem havia gritado, e qual era a causa do barulho; o mordomo respondeu que a contenda ocorria entre Licisca e Tíndaro; acrescentou, entretanto, que não sabia qual poderia ter sido a causa, porquanto também ele estava chegando naquele momento, para ordenar que se fizesse silêncio, quando se viu convocado pela Rainha. Então, a Rainha mandou que lhe fossem trazidos, imediatamente, Licisca e Tíndaro; estes, apresentando-se, foram interrogados sobre a causa daquela barulheira que haviam feito. A isto, Tíndaro desejou responder; mas Licisca, que já era velhusca, bem mais soberba do que modesta

— e que já estava com o sangue aquecido pela gritaria —, voltou-se para ele, com cara de poucos amigos, dizendo:

— Veja você, grande imbecil, se ousa falar antes de mim, em lugar em que eu me encontre presente! Deixe-me falar.

Depois, dirigindo-se à Rainha, disse:

— Senhora: este indivíduo me quer fazer conhecer a mulher de Sicofante; e não mais nem menos do que se eu não tivesse intimidade com ela, quer demonstrar-me que, na noite anterior àquela em que Sicofante dormiu com ela, o sr. Mazza entrou em Montenegro à força, provocando derramamento de sangue. Eu afirmo que não é verdade. Ao contrário. Ele entrou pacificamente, e com grande prazer da parte penetrada. Este indivíduo é tão imbecil, que acredita que as moças sejam tão tolas, a ponto de se ficarem a perder tempo, permanecendo sob a vigilância do pai ou dos irmãos; acredita que, em cada grupo de sete moças, seis delas se conservam intactas durante três ou quatro anos mais do que é preciso para que se casem. Meu irmão: bem estariam as coisas, se elas se demorassem tanto tempo! Por minha fé em Cristo! Não há dúvida que devo saber aquilo que digo quando juro: não tenho sequer uma única vizinha que haja ido pucela ao casamento; e mesmo das mulheres casadas, de muitas sei eu quais e quantas burlas perpetram contra os respectivos maridos; e este carneirão pretende ensinar-me o que são as mulheres, como se eu tivesse nascido ontem!

Enquanto Licisca falava, as mulheres davam tantas e tão grandes risadas, que bem se poderia extrair, delas, todos os dentes. A Rainha chegou a impor-lhe silêncio, a Licisca, por seis vezes; mas de nada isso valera; Licisca não se deteve de falar enquanto não acabou de dizer o que bem entendeu. Quando, porém, ela pôs fim às próprias palavras, a Rainha, rindo, e dirigindo-se a Dioneio, disse:

— Dioneio, este assunto é contigo; assim, quando todas as novelas desta jornada houverem sido narradas, você fará o possível para dar, a isto, a sentença final.

Ao que Dioneio prontamente respondeu:

— Senhora, a sentença pode ser dada sem ouvir mais coisa alguma; eu digo que Licisca tem razão; creio que é exatamente como ela afirma; e que Tíndaro é um imbecil.

Ouvindo isto, Licisca começou a rir; e, voltando-se para Tíndaro, concluiu:

— Bem que eu lhe dizia; trate de ir com Deus; pois então você pensava saber mais do que eu, você, que ainda tem os olhos secos? Por grande mercê, eu não vivi em vão; isso é que não!

Se a Rainha, com fisionomia severa, não lhe impusesse silêncio, e não lhe ordenasse que não proferisse mais palavra, nem fizesse mais qualquer barulho, a não ser que desejasse ser surrada com o cabo da vassoura — e se, além disso, a Rainha não os mandasse embora, a ela e a Tíndaro —, nada mais fariam os membros do grupo durante todo aquele dia, do que prestar atenção àquela mulher.

Assim que Licisca e Tíndaro se retiraram, a Rainha determinou que Filomena desse início às novelas; e ela, prazerosamente, assim começou:

Nota

¹ Estes são nomes de protagonistas de *Filóstrato*, pequeno romance de amor, em oitava rima, do próprio Boccaccio.

PRIMEIRA NOVELA

Um cavaleiro diz, à sra. Oretta, que a conduzirá a cavalo, com uma novela;¹ mas, narrando-a sem qualquer compostura, é solicitado, por ela, para que a deixe ir a pé.



— **L**ovens mulheres: como, nas noites límpidas, as estrelas são o ornamento do céu; como, na primavera, são as flores o ornamento dos prados verdejantes; e como, das colinas, o são os arbustos floridos; assim também, dos costumes louváveis e dos belos raciocínios, o ornamento são as sentenças elegantes. Estas sentenças, precisamente por serem breves, muito melhor ficam na boca das mulheres do que na dos homens, pois é às mulheres, muito mais do que aos homens, que se desaconselha o falar em demasia. Seja qual for a causa, ou a malvadeza do nosso espírito, ou a inimizade particular que os céus hajam votado aos nossos séculos, a verdade é que, hoje, poucas mulheres restam — ou talvez mesmo nenhuma reste — das que sabem falar a alguém, no momento oportuno, ou das que, se se lhes fala, sejam capazes de entender como se deve; e esta é uma vergonha geral para todas nós. Visto, porém, que, sobre este assunto, muita coisa já foi dita por Pampineia, não desejo prolongar minha exposição. Contudo, para fazer com que vocês vejam quanto de beleza têm os ditos oportunos, agrada-me contar-lhes uma imposição cortês, de silêncio, feita por uma nobre mulher, a um determinado cavaleiro.

Como várias de vocês podem saber, por terem visto, ou por terem ouvido, ainda não faz muito tempo que, na nossa cidade, existiu uma nobre mulher, bem-educada e bem falante, cujo valor fez jus a que o seu nome agora representa. Ela chamava-se, pois, sra. Oretta, tendo sido mulher do sr. Geri Spina. Aconteceu, por acaso, que ela se encontrou em zona rural, como nós aqui nos encontramos; ia caminhando, de um lugar a outro, por esporte, em companhia de mulheres e de cavaleiros, pessoas estas que, nesse dia, ela entretivera em sua casa, ao almoço. Por ser o trajeto um pouco longo, entre o

lugar de onde haviam partido e o lugar para o qual se destinavam, um dos cavaleiros do grupo disse:

— Sra. Oretta: se e quando quiser, eu a levarei a cavalo, ao longo de grande parte do caminho que devemos percorrer, com uma narrativa que é uma das belas novelas do mundo.

Ao que a mulher respondeu:

— Senhor: sou eu quem lhe suplica essa fineza; e isso me será extremamente grato.

O senhor cavaleiro, ao qual, talvez, não ficasse melhor a espada à cinta do que o novelar na língua, ouviu esta resposta; e deu começo a sua novela. Esta novela, por si mesma, era, em verdade, muito bonita. O cavaleiro, porém, contava-a repetindo três, quatro e mesmo seis vezes a mesma palavra; por vezes, voltava a uma passagem já contada; outras vezes, observava “não foi bem isto o que eu quis dizer”; com frequência, errava os nomes, atribuindo a um personagem o nome de outro; assim, ele estragava tudo; e nunca acertava com a qualidade das pessoas e com os fatos que aconteciam.

A sra. Oretta, ouvindo falar por esta forma, muitas vezes começou a suar; chegou mesmo a sentir um desmaio no coração, como se estivesse enferma, ou se encontrasse na iminência de morrer. Quando ela não pôde mais suportar aquilo, porque o cavaleiro entrou a fazer confusão com tudo, e já não conseguia mais sair dela, resolveu falar; e disse, de bom grado:

— Senhor: este cavalo tem trote muito duro; por isto, peço-lhe que me permita pôr-me de novo a pé.

O cavaleiro, o qual, por acaso, era muito melhor entendedor do que narrador, compreendeu a frase; aceitando-a à guisa de festiva brincadeira, tratou de contar outras novelas, deixando de lado, inacabada, aquela que havia começado a contar, e que mal conseguira desenvolver.

Nota

¹ A expressão “... conduzirá a cavalo, com uma novela” precisa ser esclarecida. Nos tempos de Boccaccio, em Florença, os homens costumavam ir a cavalo, deixando que as mulheres (suas esposas ou não) fossem a pé. Os homens, então, entretinham as mulheres, nas caminhadas, contando-lhes, do alto dos seus cavalos, episódios novelescos. Era a isto que se dizia “conduzir a cavalo, com uma novela”.

SEGUNDA NOVELA

Com uma palavra apropriada, o padeiro Cisti faz com que o sr. Geri Spina se arrependa de uma pergunta atrevida.



falar da sra. Oretta foi muito louvado por parte de cada uma das mulheres e de cada um dos homens. Depois, a Rainha mandou a Pampineia que prosseguisse na série de narrativas. Em consequência, ela assim começou:

— Lindas mulheres: não sei, por mim mesma, discernir quem é que peca mais: se a Natureza, proporcionando, a uma alma nobre, um corpo vil; ou se a Sorte, submetendo a vil mister um corpo dotado de alma nobre, como pudemos ver o que aconteceu a Cisti, nosso concidadão, e a muitos outros. Este Cisti, dotado de alma extremamente nobre, foi feito, pelo Destino, padeiro.¹ Não há dúvida que eu maldiria tanto a Natureza, como a Sorte, se não soubesse que a Natureza é discretíssima e que a Sorte possui mil olhos, a despeito de os tolos a imaginarem cega. Admito que tanto a Natureza como a Sorte, de tão espertas que são, acabam fazendo aquilo que, muitas vezes, os mortais também fazem; incertos quanto aos seus casos futuros, os mortais costumam sepultar as suas coisas mais queridas nos lugares mais vis das casas, para que ali aguardem a própria oportunidade; julgam que tais lugares sejam os menos suspeitos; depois, na hora das maiores necessidades, de lá as retiram, porque os lugares vis as conservam com muito mais segurança do que o faria a mais linda das salas. Por esta forma, as duas referidas senhoras do mundo ocultam, muitas vezes, as suas coisas mais queridas, à sombra das artes consideradas mais vis, a fim de que, retirando-se de lá na hora da necessidade, mais notável se afigure o respectivo esplendor.

Isto vem bem exemplificado no episódio do padeiro Cisti, quando ele fez com que se abrissem os olhos do intelecto ao sr. Geri Spina. (Foi a novela agora há pouco contada, a propósito da sra. Oretta, mulher de Geri Spina, que me

trouxe este episódio à memória.) E, por isto, agrada-me contar-lhes o que se passou, por meio de uma pequena novela.

Digo, pois, que o sr. Geri Spina se encontrava em situação de grande apreço junto ao papa Bonifácio;² e que este papa havia mandado, à cidade de Florença, vários nobres embaixadores seus, com a incumbência de tratar de determinados assuntos de relevante importância. Os referidos embaixadores apearam em casa do sr. Geri, onde se hospedaram, tratando com ele dos negócios do pontífice. Aconteceu que, fosse qual fosse a razão, o sr. Geri, em companhia dos embaixadores do papa, costumava passar todas as manhãs, a pé, em frente à igreja de Santa Maria Ughi; era ali que o padeiro Cisti tinha o seu forno; e era ali onde ele, em pessoa, exercia o seu ofício.

Embora a Sorte lhe houvesse dado ofício bastante humilde, ainda assim ela se havia mostrado bondosa para com ele, fazendo com que se tornasse riquíssimo; não querendo, nunca, abandonar esse ofício por nenhum outro, Cisti vivia esplendidamente; entre outras coisas, tinha sempre os melhores vinhos brancos e tintos que se pudessem encontrar, seja na cidade de Florença, seja na sua zona rural.

Cisti via passar, todas as manhãs, pela sua porta, o sr. Geri, acompanhado dos embaixadores do papa; de uma feita, sendo o calor muito intenso, imaginou que seria grande gentileza oferecer-lhes, para que o bebessem, o seu ótimo vinho branco. Todavia, procedendo ao confronto entre a sua condição social e a do sr. Geri, não se lhe afigurou correto arriscar-se a convidá-lo; por isto, tratou de fazer algo que induzisse o próprio sr. Geri convidar a si mesmo.

Envergou um jaleco alvíssimo; pôs, à sua frente, um avental de renda; tudo isto lhe dava mais o aspecto de moleiro do que de padeiro. Todas as manhãs, lá pela hora que sabia que o sr. Geri, em companhia dos embaixadores, costumava passar, Cisti mandava que se colocasse, diante de sua porta, um balde novo, estanhado, cheio de água fresca, juntamente com um pequeno pote bolonhês, novo, contendo o seu bom vinho branco; além disto, mandava pôr ali dois copos que pareciam de prata, de tão claros e brilhantes que eram; depois, quando o sr. Geri e seus companheiros passavam, ele pigarreava uma ou duas vezes, e começava a beber com tanto gosto o seu próprio vinho, que, ao vê-lo, até os mortos teriam vontade de fazer o mesmo.

O sr. Geri viu isto, em uma ou em duas manhãs; na terceira, disse:

— Que vinho é esse, Cisti? É bom?

Cisti, pondo-se imediatamente de pé, respondeu:

— Meu senhor, sim; mas não lhe poderei fazer entender quanto é bom, a não ser que se decida a prová-lo.

O sr. Geri estava com sede, fosse devido às condições do tempo, fosse em consequência da fadiga, ou, ainda, por ver o gosto com que Cisti bebia; voltou-se, pois, para os embaixadores e, sorrindo, disse:

— Senhores: será de bom aviso provarmos o vinho deste bondoso homem; talvez seja tão bom que não tenhamos de nos arrepender!

E, juntamente com os embaixadores, aproximou-se de Cisti. O padeiro mandou que trouxessem, para a porta, de dentro do seu estabelecimento, um belo banco; pediu que todos ali se sentassem; e aos seus servidores, que já se apresentavam, a fim de lavar os copos, disse:

— Companheiros: afastem-se daqui; deixem que eu mesmo faça este serviço, pois eu sei servir o vinho não menos bem do que enfiar; e não esperem vocês saborear nem sequer uma gota.

Dito isto, ele mesmo lavou quatro copos, lindos e novos; mandou que lhe apresentassem um pequeno pote do seu ótimo vinho; com o máximo de diligência, deu de beber ao sr. Geri e aos seus companheiros. A estes senhores, o vinho pareceu ser o melhor que bebiam, desde longa data; por isto, o sr. Geri muito o louvou; e, enquanto os embaixadores permaneceram na cidade, continuou a passar, quase todas as manhãs, com eles, pela porta de Cisti, onde todos se punham novamente a beber.

Um dia, concluída a sua missão, os embaixadores tiveram de se retirar; o sr. Geri ofereceu-lhes, então, um magnífico banquete, para o qual convidou uma parte dos mais notáveis dos seus concidadãos; e convidou, igualmente, Cisti. O padeiro não quis comparecer à festa, por nenhuma coisa deste mundo. Em consequência, o sr. Geri ordenou, a um dos seus fâmulos, que fosse buscar uma garrafa do vinho de Cisti, e que servisse, desse vinho, meio copo a cada homem, nos primeiros pratos. O fâmulos, talvez irritado por não haver podido nunca beber daquele vinho, tomou de um grande botijão.

Cisti, ao ver tamanho recipiente, disse:

— Filho: o sr. Geri não mandou que você viesse a mim.

O fâmulos afirmou, vezes seguidas, que assim era; que o sr. Geri o havia mandado à casa dele; mas, como não conseguiu outra resposta da parte de Cisti, voltou à presença do sr. Geri, comunicando-lhe o ocorrido. Ao que o sr. Geri disse:

— Volte à casa de Cisti, e diga-lhe que eu mandei; e, se ele continuar a responder por essa forma, pergunte-lhe para quem é, então, que eu estou

mandando que você se dirija.

O fâmulos foi de novo à presença de Cisti, dizendo:

— Cisti: não há dúvida que é a você que o sr. Geri me manda.

Ao que Cisti respondeu:

— Não há dúvida, filho, que não é assim.

— Mas então — indagou o fâmulos — a quem é que ele me manda?

Cisti respondeu:

— Ao rio Arno!

Quando o fâmulos comunicou esta resposta ao sr. Geri, de súbito se abriram, a este, os olhos do intelecto; e, então, ele disse ao fâmulos:

— Deixe-me ver a garrafa que você levou.

E, vendo o botijão, prosseguiu:

— Cisti diz a verdade!

Depois de proferir uns tantos impropérios ao fâmulos, mandou que ele tomasse de um recipiente mais apropriado.

Quando Cisti viu a nova garrafa, exclamou:

— Agora, sim, percebo que ele manda que você venha a mim!

A seguir, com grande satisfação, encheu-lhe a garrafa. Depois, naquele mesmo dia, mandou que se enchesse, daquele mesmo vinho, um pequeno tonel; ordenou que o tonel fosse levado, suavemente, à casa do sr. Geri; logo após, para lá se dirigiu, ele próprio, em pessoa; e, encontrando o sr. Geri, disse-lhe:

— Senhor, não desejo que o senhor creia que o grande botijão, desta manhã, me tenha assustado; pareceu-me, porém, que lhe houvesse saído da memória aquilo que eu, nestes dias todos, por meio dos meus pequenos potes de barro, procurei demonstrar, isto é: que este não é vinho de família, de se beber à larga; e foi isto que pretendi recordar-lhe esta manhã. Agora, pelo fato de eu não pretender mais ser guardião deste vinho, mandei que o trouxessem todo à sua casa; daqui por diante, proceda o senhor como mais lhe agradar.

O sr. Geri apreciou muitíssimo o presente dado por Cisti; e apresentou-lhe os agradecimentos que admitiu que fossem oportunos. Daí por diante, sempre o teve na consideração de homem de bem, e também de amigo.

Notas

¹ “Cisti” é diminutivo de Bencivenisti (Benvenuto), nome então em voga na Toscana. Esta novela tem fundamento histórico; Cisti foi, de fato, um padeiro muito conhecido, naquela época, em Florença. Dele fala também o historiador Ferdinando Leopoldo del Migliore, na sua *Florença ilustrada*.

² Trata-se do papa Bonifácio VIII; a embaixada de que aqui se fala foi realmente enviada a Florença, em 1300, quando Dante Alighieri era um dos priores da cidade; o chefe dessa embaixada foi Verio dei Circoli, cardeal de Acquasparta. O objetivo de tal embaixada foi o pacificar entre si duas famílias então poderosas e inimigas: a dos Cerchi (de parte Branca) e a dos Donati (de parte Negra).

TERCEIRA NOVELA

Monna Nonna dei Pulci, por meio de uma resposta pronta, impõe silêncio ao motejar menos do que honesto do bispo de Florença.



Quando Pampineia concluiu a sua novela, todos comentaram, elogiando muito, tanto a resposta como a liberalidade de Cisti. A seguir, aprouve à Rainha que Laurinha falasse; e ela, com ar satisfeito, assim começou a falar:

— Agradáveis mulheres: em primeiro lugar Filomena, e agora Pampineia, baseando-se em episódios tomados da vida real, muita coisa puseram em relevo, da nossa pouca virtude e da beleza das frases. Não é preciso, pois, voltar a isso, para não se dizer mais do que já se disse, a respeito das frases; por isto, quero recordar-lhes que a natureza das frases é de tal ordem, que elas, como a ovelha morde, também devem morder quem ouve; não devem morder como morde o cão, porque, se assim mordessem, não seriam frases, e sim vilania. Ora: morder como a ovelha foi o que fizeram, otimamente, as palavras da sra. Oretta e a resposta de Cisti.

É verdade que, se como resposta se dá uma frase, e se o respondedor morder como cão, tendo sido, em primeiro lugar, mordido, por sua vez, como se fora por cão, já o caso não se afigurará merecedor de censura, como seria, se o contrário houvesse acontecido. Por este motivo, deve-se notar bem como, onde, quando e com quem se moteja. Por não levar em consideração bastante estas circunstâncias, um nosso prelado recebeu mordida não menor do que aquela que deu. E é isto o que eu, por meio de uma pequena novela, desejo demonstrar.

Sendo bispo de Florença o sr. Antônio d'Orso,¹ prelado esclarecido e valoroso, apareceu, na cidade, um gentil-homem catalão, chamado sr. Diego della Ratta,² capitão de armas do rei Roberto. Este senhor era bonito de corpo, além de ser grande cortejador de mulheres; e aconteceu que, entre outras damas florentinas, uma lhe agradou; esta era mulher extremamente linda,

sobrinha de um irmão do referido bispo. O sr. Diego ficou sabendo que o marido dela, sendo embora de boa família, era infinitamente avaro e mau; foi, pois, ter com ele, e combinou dar-lhe quinhentos florins de ouro, desde que permitisse que ele, Diego, dormisse uma noite com sua esposa. Para este fim, mandou dourar *popolini*³ de prata, que então estavam em curso; dormiu com a mulher do outro, embora isto fosse contrário ao prazer dela; entregou-lhe, ao marido, o dinheiro. Mais tarde todos ficaram sabendo do ocorrido; e, ao mau homem, restaram os danos e as zombarias.

O bispo, que era homem prudente, fingiu nada ouvir, de tais informações. Visto como o bispo e o capitão de armas se frequentavam mutuamente, aconteceu que, no Dia de São João, os dois fizeram um passeio, cavalgando um ao lado do outro, e contemplando as mulheres, pelo caminho onde se corre a corrida a pé; ali, o bispo viu uma mulher, que esta pestilência atual tolheu deste mundo. O nome dela era Monna Nonna dei Pulci, prima do sr. Alessio Rinucci, que vocês todas talvez conheçam. Esta mulher era, naquela época, jovem, fresca e bela, bem-falante e dotada de excelente coração; pouco tempo antes, na Porta São Pedro, ela se havia casado; o bispo mostrou-a ao capitão de armas; depois, aproximando-se dela, pousou a mão no ombro do mencionado capitão; e indagou:

— Nonna: que é que você acha deste homem? Acha que o venceria?

Nonna teve a impressão de que estas palavras lhe mordiam um tanto a honestidade, ou que lhe maculavam a reputação perante o espírito daqueles que as haviam ouvido, e que eram muitos; por isto, sem pretender limpar ou evitar esta mácula, e sim devolver golpe por golpe, respondeu prontamente:

— Senhor: ele talvez não me vença; mas eu quereria moeda legítima.

O capitão de armas e o bispo ouviram esta resposta; perceberam que haviam sido atingidos por igual: um, na qualidade de autor de ato desonesto, praticado contra a sobrinha do irmão do bispo; o outro, na qualidade de receptor de dinheiro mal ganho, através da sobrinha do próprio irmão; os dois, sem que um olhasse para o outro, se envergonharam; em silêncio, afastaram-se dali; e, durante todo aquele dia, não proferiram mais palavra alguma.

Assim, pois, tendo sido a moça mordida em primeiro lugar, não se lhe desaconselhou o morder a outrem, motejando.

Notas

¹ Este bispo foi, com efeito, estimado por todos os seus contemporâneos, por seus costumes e suas virtudes. Alguns historiadores, mesmo assinalando a frase que aqui lhe é atribuída, o consideram incapaz de a ter proferido; e acreditam que a frase foi formulada pelo seu mordomo.

² Capitão de armas e vigário, em Florença, do rei Roberto de Anjou, em 1314. Capitão de armas, naquele tempo, era grau que corresponde atualmente ao de general.

³ O *popolino* era uma moeda florentina de prata, de pequeno valor; tinha a mesma forma e as mesmas figuras do florim de ouro; as efígies eram: no anverso, a imagem de são João Batista; no verso, o lírio florentino; uma vez dourado, podia o *popolino* passar por um florim de ouro.

QUARTA NOVELA

Chichibio, cozinheiro de Conrado Gianfigliuzzi, transforma em riso, por meio de acertada palavra, para sua salvação, a ira de seu amo; e assim escapa à má sorte com a qual Conrado o ameaçara.



aurinha calara-se; por todos os presentes, o comportamento de Nonna foi louvado; a esta altura, a Rainha determinou que Neifile prosseguisse na série. E Neifile disse:

— É exato, amorosas mulheres, que a vivacidade de espírito inspira, com frequência, frases ágeis, úteis e belas, conforme as circunstâncias em que se encontram os que as proferem; mas também é verdade que a Sorte, que algumas vezes se faz auxiliadora dos tímidos, põe, na língua destes, frases que, com o ânimo tranquilo, eles nunca poderiam conceber. É isto o que eu, com esta minha novela, pretendo demonstrar.

Conrado Gianfigliuzzi, como cada uma de vocês deve ter podido ouvir ou ver, sempre foi nobre cidadão da nossa cidade; era, por índole, liberal e magnífico. Vivendo vida cavaleirosa, divertia-se continuamente com pássaros e cães; deixava de lado, no presente, as maiores obras, reservando-as para o futuro.

Certo dia, Conrado, por meio de um falcão seu, nas proximidades de Perétola, abateu um grou; achando a ave gorda e jovem, mandou-a a um seu cozinheiro, muito bom, que se chamava Chichibio, e que era veneziano; ao mesmo tempo, mandou dizer-lhe que preparasse o pássaro para o jantar, temperando-o bem.

Chichibio, que era e parecia moço abobalhado, limpou o grou; pô-lo ao fogo; e, com muito cuidado, começou a assá-lo. Estava o pássaro já quase pronto, exalando apetitosíssimo aroma, quando aconteceu que uma mulherzinha da região, que se chamava Brunetta, e por quem Chichibio se havia fortemente apaixonado, entrou na cozinha. Percebendo o aroma do grou

assado, e vendo-o tão douradinho, suplicou, carinhosamente, a Chichibio, que lhe desse uma coxa do pássaro. Chichibio respondeu cantando; e disse: “Você não a receberá de mim! Você não a receberá de mim!” Em consequência, Brunetta, bastante desconcertada, ameaçou:

— Pela minha fé em Deus! Se você não me der uma coxinha, não terá nunca, de mim, coisa que lhe agrade.

Dentro de pouco tempo, as palavras trocadas foram muitas. Por fim, Chichibio, para não deixar que a mulher por ele amada se zangasse de fato, retirou uma das coxas do pássaro assado e lhe deu.

O grou assado, sem a coxa, foi posto diante de Conrado, na mesa em torno da qual se encontravam também alguns forasteiros, seus convidados. Conrado ficou surpreso, em face daquela falta; mandou chamar à sua presença o cozinheiro Chichibio; perguntou-lhe o que havia acontecido com a outra coxa do pássaro; ao que o veneziano mentiroso respondeu prontamente:

— Senhor: os grou não têm mais do que uma coxa nem mais do que uma perna.

Conrado, então, um tanto perturbado, indagou:

— Como é isso, imbecil? Então eles não têm mais do que uma coxa e do que uma perna? Será que você pensa que eu nunca vi grou algum, afora este?

Chichibio prosseguiu:

— Entretanto, meu senhor, é como lhe digo; e, quando for de seu agrado, farei com que o senhor observe isso nos grou vivos.

Conrado, por atenção para com os forasteiros que convidara, não quis encadear discussões; mas disse:

— Uma vez que você afirma que me fará observar o caso nos grou vivos, coisa que jamais vi, nem ouvi, que fosse possível, desejo vê-la amanhã cedo; e então me darei por satisfeito. Entretanto, juro-lhe, sobre o corpo de Cristo, que, se isso não acontecer, mandarei que o castiguem de tal forma que você por muito tempo conservará memória de tamanho castigo; enquanto viver, você se recordará do meu nome.

Terminado o debate, pois, por aquela noite, esperou-se pela manhã seguinte. Assim que o dia clareou, Conrado, cuja fúria o sono dormido não atenuara, saiu da cama; sentia-se ainda tomado pela ira contra o cozinheiro; ordenou que lhe fossem apresentados os cavalos; mandou que Chichibio montasse um rocinante; e, com ele, rumou para um rio, em cuja margem sempre se viam grou, ao amanhecer; ali chegando, disse:

— Logo veremos quem foi que mentiu ontem à noite; se você ou se eu.

Chichibio, percebendo que a ira de Conrado persistia, e que seria indispensável provar que era verdade a sua mentira, ficou sem saber o que fazer; por isto, cavalgou, atrás de Conrado, com o maior medo deste mundo; e não há dúvida que, se pudesse, teria fugido, de muito bom grado. Não podendo fugir, olhava ora para a frente, ora para trás, ora para os lados; tudo o que ele via lhe parecia que fossem groux; e todos os groux se lhe afiguravam estar de pé, sobre duas pernas.

Quando os dois chegaram bem perto do rio, Chichibio verificou, antes de mais nada, que, à margem, se encontravam uns 12 daqueles pássaros, todos postos sobre uma perna só, que é como costumam ficar quando dormem. Sem perda de tempo, o cozinheiro mostrou aquilo a Conrado, dizendo:

— Meu senhor: bem pode o senhor verificar que, ontem à noite, eu lhe disse a verdade; os groux não têm mais do que uma coxa e do que uma perna; examine, se quiser, aqueles que lá estão.

Ao vê-los, Conrado exclamou:

— Espere um pouco, que eu lhe mostrarei que todos têm duas coxas e duas pernas!

Dizendo isto, Conrado aproximou-se mais das aves, gritando: Oh! Oh! Em consequência deste grito, os groux desceram a outra perna; deram alguns passos; e começaram a fugir. Então, dirigindo-se a Chichibio, perguntou:

— Que é que lhe parece, glutão? Não se lhe afigura que aqueles groux têm duas coxas e duas pernas?

Chichibio, aterrorizado, sem saber onde ele mesmo fora buscar aquela resposta, respondeu:

— Senhor: lembre-se de que o senhor não gritou Oh! Oh! ao grou de ontem à noite. Não há dúvida que, se o senhor houvesse gritado por essa forma, o grou de ontem à noite também teria posto à mostra a outra coxa e a outra perna, como agora fazem estes.

Conrado gostou tanto desta resposta, que toda a sua ira se converteu em alegria e riso; e ele disse:

— Chichibio: você tem razão. Era isso o que eu deveria ter feito.

Assim, pois, com a sua resposta, pronta e divertida, Chichibio dissipou a má sorte; e fez as pazes com o seu amo.

QUINTA NOVELA

O sr. Forese da Rabatta e Mestre Giotto, pintor, procedendo de Mugello, mordem-se reciprocamente, motejando cada qual em torno do aspecto acabado do outro.



eifile calou-se. As mulheres gostaram muito da resposta de Chichibio. E, então, Pânfilo, por vontade da Rainha, disse:

— Mulheres caríssimas: com frequência, o que acontece é isto: assim como a Sorte esconde tesouros de virtude por baixo de ofícios vis — como ficou demonstrado, há pouco, através da novela de Pampineia —, assim também se verifica que, por baixo de figuras disformes de homens, a Natureza põe talentos maravilhosos. Esta circunstância ocorreu com dois concidadãos nossos, a respeito dos quais desejo conversar brevemente com vocês.

Um deles era chamado sr. Forese da Rabatta;¹ era pequeno, quanto à estatura; tinha rosto achatado, como a cara de certos cães, a tal ponto que continuaria sendo feio, mesmo comparado com o mais feio dos Baronci;² entretanto, possuía tão profundos conhecimentos, nas leis, a ponto de ser considerado, por numerosos homens de valor, um verdadeiro armário de sabedoria jurídica.

Do outro, o nome foi Giotto;³ este foi dono de um talento de tamanha excelência, que nada a Natureza jamais ofereceu — ela, que é a mãe de todas as coisas e a determinadora de todo o contínuo girar dos céus — que ele não conseguisse, com o estilo, com a pena, ou com o pincel, reproduzir com tanta semelhança, a ponto não já de parecer semelhante, e sim de se afigurar a própria coisa tomada por modelo; tanto é assim que, muitas e muitas vezes, nas coisas por ele pintadas, se nota que o sentido da vista, dos homens, se engana, por julgar ser objeto real o que, na verdade, apenas está pintado. Assim, Giotto devolveu à luz aquela arte que, desde muitos séculos antes, fora sepultada; e o fora em consequência dos erros de alguns pintores, os quais pintaram mais para deleitar os olhos dos ignorantes do que para comprazer ao intelecto dos

esclarecidos; por isto, pode-se dizer que ele é uma das expressões da glória florentina. E tanto mais ele o é, quanto mais é verdade que, vivendo, quanto a isto, em muito maior humildade do que os outros, sempre se recusou a ser chamado mestre. Este título, por ele recusado, muito mais nele resplandecia, na medida em que ele, com maior ânsia, era, por parte dos que sabiam menos do que ele, ou por parte dos seus discípulos, cupidamente copiado e imitado.

Todavia, embora a sua arte fosse enorme, nem por isso ele era, quanto à pessoa e ao aspecto, por qualquer ângulo, mais belo do que o sr. Forese. Entretanto, chegando à minha novela, digo:

Era em Mugello que o sr. Forese e Giotto possuíam suas propriedades. Um dia, o sr. Forese foi visitar suas terras; era na época em que ocorrem as férias forenses; por simples acaso, viajando no dorso de um péssimo rocinante, encontrou-se com o já mencionado Giotto; este, depois de haver, semelhantemente, visitado suas propriedades, regressava a Florença. Giotto não se encontrava em condições melhores do que as do sr. Forese, nem quanto à montaria nem quanto às roupas que envergava; como homens idosos, os dois viajavam a passo lento; encontrando-se, resolveram fazer-se reciprocamente companhia.

Aconteceu, como com frequência se vê acontecer no verão, que uma chuva repentina os surpreendeu; para fugir dela, os dois, com a pressa que lhes foi possível, se abrigaram em casa de um lavrador, amigo e bem conhecido de ambos. Depois de algum tempo — como a chuva não desse sinal algum de pretender estiar —, e como os dois anciãos desejassem voltar, naquele dia, a Florença — pediram em empréstimo, daquele lavrador, dois pequenos capotes já bem velhos, de pano grosso, não tingido, e dois chapéus, já puídos pelo uso; o lavrador não tinha capotes nem chapéus melhores; e os dois anciãos se puseram outra vez a caminho.

Ora: depois de haverem eles percorrido certa distância, viram-se inteiramente molhados, e também salpicados pelos borrifos que os cavalos provocam, em grande quantidade, quando marcham; nenhuma destas coisas costuma diminuir a inconveniência do aspecto de quem quer que seja. Contudo, o tempo melhorou um pouco, clareando; e, então, os dois homens, que até ali haviam viajado em silêncio, começaram a conversar. O sr. Forese, continuando a cavalgar, pôs-se a ouvir Giotto, que era brilhante conversador; enquanto o ouvia, ia contemplando-o e examinando-o, de lado, da cabeça aos pés, por toda parte, da figura dele; afigurou-se-lhe que tudo, em Giotto, era horrível e consumido; e, sem manifestar nenhuma consciência do que ele

próprio era, nem das condições em que se achava, o sr. Forese começou a rir; e disse:

— Giotto: se agora aparecesse, vindo ao nosso encontro, um forasteiro que não o conhecesse, nem nunca o tivesse visto, acha você que ele pensaria que você é o melhor pintor do mundo, como, na realidade, você é?

Ao que Giotto respondeu prontamente:

— Senhor, acho que ele o pensaria, desde que, olhando para você, pensasse que você sabe o a-bê-cê.

Quando ouviu isto, o sr. Forese reconheceu o próprio erro; viu-se, então, pago, em moeda igual à mercadoria vendida.

Notas

¹ A família Da Rabatta foi das mais antigas e nobres de Florença, oriunda de Mugello; por motivos políticos, transferiu-se para a região de Friuli. Forese foi um jurista notável.

² Para se compreender bem esta alusão, leia-se a novela seguinte.

³ Trata-se, efetivamente, do célebre pintor que reformou o espírito e a técnica da pintura italiana, e que viveu de 1267 a 1337. Seu nome verdadeiro era Angiolotto di Bondone. É citado por Dante, em sua *Divina Comédia* (Purgatório, canto 11, verso 95).

SEXTA NOVELA

Miguel Scalza prova, a determinados moços, que os Baronci são os homens mais gentis do mundo, ou de marema;¹ e vence uma ceia.



s mulheres ainda riam da nítida resposta de Giotto, quando a Rainha determinou que Fiammetta prosseguisse na sequência de novelas. E Fiammetta, então, começou a falar assim:

— Jovens mulheres: o fato de os Baronci haverem sido lembrados por Pânfilo, os quais vocês não conhecem tão bem como ele, fez com que me viesse à memória uma certa novela; nesta novela, demonstra-se até que ponto chegava a nobreza dos Baronci; e nem por isto ela nos desvia do nosso roteiro assentado para o dia de hoje; por esta razão, agrada-me contá-la a vocês.

Não faz ainda muito tempo, a partir de quando, nesta nossa cidade, existiu um moço chamado Miguel Scalza; era este moço o mais agradável e o mais divertido do mundo; costumava estar sempre de posse das últimas notícias; por isto, os moços florentinos lhe queriam muito bem, e gostavam de encontrar-se em sua companhia, para com ele se entreterem.

Ora: certo dia, aconteceu que Miguel se viu reunido a vários jovens, em Mont'Ughi; e, nessa oportunidade, se começou a debater a seguinte questão: quais eram os principais e os mais antigos gentis-homens de Florença. Alguns diziam que eram os Uberti; outros, os Lamberti; cada qual apontava os que preferia, de acordo com o que lhe dava na telha. Ao ouvir isto, Miguel Scalza começou a zombar; e disse:

— Ora, vamos, moços! Como vocês são ingênuos! Não sabem o que dizem! Os homens mais gentis, e mais antigos, não só de Florença, mas de todo o mundo, e também de marema, são os Baronci; e quanto a isto estão de acordo todos os filósofos; toda a gente os conhece, como eu os conheço também. E, para que vocês não pensem que me refiro a outros, esclareço que aludo aos Baronci, seus vizinhos de Santa Maria Maior.²

Quando os moços, que esperavam que ele continuasse a falar, ouviram semelhante declaração, puseram-se a burlar-se dele; e disseram:

— Você quer enganar-nos, como se nós não conhecêssemos os Baronci, como você os conhece.

Scalza disse:

— Pelos Evangelhos, que não procuro enganar ninguém; ao contrário; o que digo é a verdade! E, se não houver, aqui, ninguém que queira sobre isto apostar uma ceia para ser paga a quem vencer, e a seis companheiros seus, que forem de seu maior agrado, eu de bom grado faço essa aposta. Farei ainda mais do que isso: aceitarei a sentença de quem quer que vocês escolherem.

Dos rapazes, um, que se chamava Neri Mannini, declarou:

— Eu estou disposto a vencer esta aposta, com a respectiva ceia!

Concordaram todos em que teriam por juiz Piero di Fiorentino, em cuja casa se encontravam os dois apostadores; foram ter com Piero, em outra sala; os outros moços os seguiram, a fim de ver Scalza perder a aposta, e zombar dele; contou-se, a Piero, tudo o que fora dito. E Piero, que era um jovem discreto, ouviu, primeiro; as razões que Neri tinha para apresentar; depois, dirigindo-se a Scalza, perguntou:

— E como é que você poderá demonstrar isso que afirma?

Miguel Scalza respondeu:

— Como? Eu o demonstrarei, com tamanha evidência, que não somente você, mas também Neri Mannini, que o nega, acabarão asseverando que eu digo a verdade. Vocês bem sabem que, quanto mais os homens são antigos, mais nobres também se fazem; e era assim que se dizia, agora mesmo, no círculo destes moços. Os Baronci são mais antigos do que qualquer outro homem; e, portanto, são os mais gentis e nobres; uma vez que eu lhes demonstre que eles são os mais antigos, terei, sem dúvida alguma, ganho a questão. Vocês devem ficar sabendo que os Baronci foram feitos por Deus Nosso Senhor, ao tempo em que Deus Nosso Senhor começou a aprender a pintar; aconteceu que os outros homens foram feitos depois que Deus Nosso Senhor aprendeu a pintar bem. De que isto é verdade, a prova está nisto: tenham presentes, em seu espírito, os Baronci e os outros homens. Assim fazendo, vocês verão que todos os outros homens têm rosto bem-composto e devidamente proporcionado; verão, igualmente, que, dos Baronci, uns têm o rosto muito comprido e estreito; outros o têm curto e alargado, fora de toda conveniência; outros, ainda, têm o nariz excessivamente comprido; outros, extremamente curto; alguns trazem o mento que se projeta para a frente e se

encurva para cima, ostentando maxilares tão grandes, que parecem de burro; por outro lado, há uns Baronci que têm um olho maior do que o outro; e há os que têm um olho mais para baixo e outro mais para cima; eles têm, afinal, as caras que são as primeiras que as crianças fazem, quando começam a aprender a desenhar. Por isto, como já disse, fica evidenciado, à saciedade, que Deus Nosso Senhor os fez quando ainda estava aprendendo a pintar; conseqüentemente, eles são muito mais antigos do que os outros; e, portanto, os mais nobres e gentis.

Piero, que era o juiz, Neri, que havia apostado a ceia, e os demais, que assistiam ao desenvolver da questão — todos se recordaram das fisionomias malcompostas dos Baronci; ouviram a engraçada demonstração feita por Scalza; e começaram a rir, afirmando que, em verdade, era ele, Scalza, quem estava com a razão; portanto, ele havia ganho a ceia. Sem dúvida alguma, os Baronci eram os homens mais nobres e gentis do mundo, e também os mais antigos que existiam, não somente em Florença, mas também no mundo inteiro e em marema.

Foi por isto que, muito apropriadamente, Pânfilo, desejando mostrar a feiura do rosto do sr. Forese, dissera que seria feio, ainda mesmo em confronto com um dos Baronci.

Notas

¹ Nome dado, em geral, aos pantanais litorâneos da Itália.

² Família que realmente morava perto de Santa Maria Maior, em Florença, e que era muito conhecida pela deformidade física das pessoas que a compunham. Recorde-se que há uma alusão a esta família, na novela anterior (a quinta da sexta jornada).

SÉTIMA NOVELA

A sra. Filipa é encontrada, pelo seu marido, em companhia de um seu amante; chamada em juízo, dá uma resposta pronta e agradável; e, por isto, livra-se da pena, fazendo, ao mesmo tempo, com que se modifique o código.



iammetta calou-se; todos, porém, continuaram rindo do novo argumento usado por Miguel Scalza, no sentido de nobilitar, mais do que a todos os outros, os Baronci; mas a Rainha ordenou a Filóstrato que novelasse; e ele começou a falar:

— Nobres mulheres: coisa muito bonita, em toda parte, é o saber falar; eu, porém, reputo-o belíssimo, quando se sabe fazer uso da palavra onde a necessidade o requer. Agir dessa forma, e muito bem, foi o que soube fazer uma nobre mulher, a respeito da qual pretendo falar-lhes. Não somente ela proporcionou motivos de alegria e de riso, aos que a ouviram, mas também se desvencilhou, a si mesma, da maranha da morte desonrosa, como vocês vão agora ouvir.

Na cidade de Prato, existiu um código, que não era menos lamentável do que rigoroso; sem estabelecer distinção alguma, mandava que fosse queimada a mulher que fosse encontrada, pelo marido, em companhia de um amante, em ato de adultério, exatamente como se se tratasse de mulher que por dinheiro se entregasse a outro homem. Durante a vigência do referido código, aconteceu que uma nobre senhora, que se chamava sra. Filipa, de resto muito bela, e mais apaixonada do que qualquer outra, foi encontrada, em seu próprio quarto, certa noite, pelo seu marido, Rinaldo dei Pugliesi, nos braços de Lazarinho dei Guazzagliotri, jovem nobre e belo daquela cidade, que ela amava tanto quanto amava a si mesma. Ao ver isto, Rinaldo ficou fortemente perturbado; e mal conseguiu conter-se, a fim de não correr ao encontro dos amantes e os assassinar. Se não ocorresse a circunstância de ele duvidar de si mesmo, teria cedido ao ímpeto da ira; e os teria matado.

Comedindo-se, todavia, quanto a isto, não lhe foi possível comedir-se igualmente quanto à vontade, que teve, de levar o código pratense a fazer o que a ele não seria lícito levar a efeito, isto é, a determinar e executar a morte da esposa infiel. Por isto, aproveitou a circunstância de possuir testemunho conveniente da falta da mulher; assim que o dia clareou, não quis saber de outro conselho; acusou a esposa; e mandou que a justiça a intimasse.

A mulher, entretanto, era dona de grande coração, como geralmente soem ser aquelas que são realmente apaixonadas; embora se visse desaconselhada a isso por muitos dos seus amigos e parentes, resolveu comparecer perante a justiça; achou preferível confessar a verdade, e morrer com grande coragem, a fugir covardemente, a viver em exílio por via de contumácia, e a proclamar-se, por essa forma, indigna de tão valoroso amante como era aquele em cujos braços fora encontrada na noite anterior. E muito bem acompanhada por mulheres e homens, todos os quais a aconselhavam a negar o fato, ela compareceu perante o podestade; e a este perguntou, com fisionomia severa e voz firme, o que desejava dela.

O podestade contemplou-a; achou-a belíssima; reconheceu ser ela dotada de muito boas maneiras; convenceu-se de que, de acordo com o que as palavras por ela proferidas demonstravam, possuía grande coragem; e começou, por isto, a sentir compaixão para com ela; mas duvidou que ela confessasse fosse lá o que fosse que o obrigasse, a ele, para conservar sua honra, a condená-la à morte. Todavia, não podendo eximir-se de fazer-lhe perguntas sobre aquilo de que era acusada, disse-lhe:

— Senhora, como vê, aqui está Rinaldo, seu marido; queixa-se ele da senhora; afirma que a encontrou com outro homem, em ato de adultério; e, por isto, pede e quer que eu, de acordo com um código que existe, a puna, faça-a morrer; contudo, não posso fazer isto, desde que a senhora não confesse; nestas condições, tome cuidado com o que vai responder-me; diga-me se é verdade aquilo de que seu marido a acusa.

A mulher, sem se desconcertar de forma alguma, respondeu, com voz muito agradável:

— Senhor, é verdade que Rinaldo é meu marido e que ele, na noite passada, me encontrou nos braços de Lazarinho, braços estes nos quais muitas vezes tenho estado, devido ao grande e perfeito amor que nutro para com ele; nunca eu negaria tal fato. Contudo, como estou certa de que o senhor o sabe, as leis devem ser comuns, aplicáveis a todos, e feitas com o consentimento daqueles aos quais devem ser aplicadas. Ora: nada disto acontece com a lei à

qual o senhor se refere; essa lei obriga tão somente as mulheres pobrezinhas e infelizes, as quais, muito melhor do que os homens, poderiam dar satisfação a muitos. Além disto, não somente mulher alguma lhe deu o seu consentimento quando essa lei se fez, mas também nenhuma foi sequer chamada a se manifestar. Por todas estas razões, pode-se dizer que se trata de lei má. Se o senhor quiser, em prejuízo do meu corpo e da alma do senhor mesmo, tornar-se executor dessa lei, está em suas mãos decidir; mas, antes que o senhor proceda ao julgamento de seja lá o que for, peço-lhe que me conceda uma pequena graça; consiste a graça em perguntar o senhor, ao meu marido, se eu me entreguei, toda, por inteiro, ou não, a ele, todas as vezes e quantas vezes ele o quis, sem jamais dizer que não.

A isto, Rinaldo, sem esperar que o podestade lhe formulasse a pergunta, prontamente respondeu que, sem dúvida alguma, a esposa, a todo seu pedido, lhe havia concedido o prazer que fora de seu agrado.

— Portanto — continuou rapidamente a mulher —, sou eu quem pergunta ao senhor podestade: se ele sempre recebeu e tomou de mim aquilo de que teve necessidade e que foi de seu agrado, que é que eu devo fazer com aquilo que lhe sobra? Devo eu atirar isso aos cães? Pois então não é muito melhor servir a um gentil-homem, que a gente ama bem mais do que a si mesma, do que permitir que se perca aquela sobra, ou mesmo deixar que se deteriore?

Naquele recinto, para o exame e julgamento daquela mulher tão nobre e tão famosa, quase todos os pratenses se encontravam; e eles, ao ouvir tão agradável pergunta, primeiro riram muito; logo depois, porém, quase que a uma só voz, gritaram que a mulher é que tinha razão e que falava bem.

Assim, antes que os presentes se dispersassem, o podestade convocou-os todos e, em seguida, eles modificaram o código cruel; consistiu a modificação em tornar aquela lei aplicável somente às mulheres que se fizessem infiéis aos respectivos maridos para conseguir dinheiro. Em consequência, Rinaldo saiu todo confuso daquele seu estúpido empreendimento; retirou-se do recinto da justiça; e a mulher, alegre e livre, quase como se realmente houvesse ressuscitado do fogo, regressou, gloriosa, à sua casa.¹

Nota

¹ Há informações que asseguram que foi neste episódio amoroso que teve origem a inimizade entre as duas famílias — a dos Pugliesi e a dos Guazzagliotri —, que durou muitos e muitos anos.

OITAVA NOVELA

Fresco recomenda à sobrinha que não se contemple ao espelho, se, como ela lhe diz, é tedioso ver pessoas desagradáveis.



novela dita por Filóstrato pungiu, primeiro, com um pouco de vergonha, o coração das mulheres ouvintes; e elas deram sinal disso, com o honesto rubor que lhes apareceu no rosto; depois, todavia, umas olharam para as outras; mal puderam conter o riso; e acabaram ouvindo tudo, com um esboço de risada no semblante. Entretanto, quando Filóstrato chegou ao fim, a Rainha, dirigindo-se a Emília, pediu-lhe que prosseguisse. Emília, exatamente como se acordasse naquele momento, suspirando, começou:

— Graciosas moças: um longo pensamento me levou, por muito tempo, longe daqui; por isto, para obedecer à Rainha, direi uma novela que talvez seja muito menor do que o seria se eu houvesse estado aqui em espírito. Contarei, pois, o erro tolo de uma jovem, em consequência de uma frase prazerosa, corrigida por um seu tio; o erro não seria praticado se ela tivesse inteligência bastante para a compreender.

Um homem, pois, que se chamava Fresco da Celático, tinha uma sobrinha, à qual, carinhosamente, chamava Ciesca. A sobrinha era dona de belo corpo, e de rosto muito bonito (não se tratava, porém, de um desses rostos angélicos, que já muitas vezes vimos); não obstante, ela considerava a si mesma tão digna e tão nobre que adquirira o costume de queixar-se de homens, mulheres e coisas que via, sem manifestar a menor consideração para consigo própria.

Tal sobrinha se fazia muito mais desagradável, fatigante e ranzinza do que qualquer outra moça; a tal ponto que, por seu arbítrio, nada se podia fazer. Além de tudo isto, ela era tão soberba que, ainda que pertencesse à casa real de França, já o estava sendo em demasia. Quando andava pelas ruas, manifestava por tal forma o desgosto que sentia pelo mau cheiro que emanava do lixo que

não fazia mais do que torcer o nariz o tempo todo; era como se tudo o que ela via, ou encontrava, emanasse fedor.

Ora: deixando de lado muitos outros modos dela, igualmente desagradáveis e repreensíveis, digo que, um dia, aconteceu o seguinte: ela voltou para a sua própria casa, onde Fresco, seu tio, se encontrava; e, toda cheia de denguiques, sentou-se junto dele, nada mais fazendo do que suspirar e bufar. Em face disto, Fresco perguntou:

— Ciesca: que é que isto quer dizer? Como é que, sendo hoje dia feriado, você voltou tão cedo para casa?

Ao que ela, toda ondulante de faceirice, respondeu:

— É verdade que voltei logo; mas isso aconteceu porque não creio que jamais tenham existido homens e mulheres tão desagradáveis e repreensíveis como esses que se apresentam hoje. Imagine que não passa sequer um indivíduo, pela rua, que não me seja mais agradável do que a má sorte. Por outro lado, não creio que haja, no mundo, mulher a quem o contemplar as coisas desagradáveis seja menos prazeroso do que a mim; portanto, a fim de não as ver, voltei logo para casa.

Depois de ouvir estas explicações, Fresco, a quem os modos afetados da sobrinha desagradavam profundamente, disse:

— Filha: se por essa forma lhe desagradam as coisas desagradáveis, como você diz, e se você quer viver contente, então trate de não se contemplar nunca ao espelho!

Ela, porém, que era mais vazia do que um gomo de bambu, embora se julgasse inteligente como Salomão, entendeu o verdadeiro sentido da frase de Fresco como um bode o poderia entender; e declarou, até, que desejava espelhar-se como as outras.

E assim permaneceu em sua estupidez, na qual ainda se encontra.

NONA NOVELA

Guido Cavalcanti profere, honestamente, com uma frase, um insulto a determinados cavaleiros florentinos que o haviam cercado.



Percebendo a Rainha que Emília se havia desincumbido de sua novela, e que ninguém mais restava para falar senão ela própria, afora aquele que gozava do privilégio de falar sempre por último, assim começou a narrar:

— Muito embora, mulheres faceiras, vocês hoje me tenham tolhido duas ou mais novelas, que contaram, dentre aquelas que eu teria desejado contar, ainda assim me sobrou uma, para referir; na conclusão desta novela, encontra-se uma frase de tal ordem que talvez não se haja proferido outra, impregnada de tamanho sentimento.

Vocês devem, pois, ficar sabendo que, em tempos passados, existiram, na nossa cidade, costumes muito bonitos e muito louváveis, dos quais, hoje, nenhum mais resta. Deve-se isto à avareza que, na mencionada cidade, cresceu com a riqueza, expulsando todos aqueles costumes. Entre os referidos costumes, existia o de se reunirem, em diversos pontos de Florença, os gentis-homens da zona rural; eles compunham seus grupos com um certo número de pessoas, tomando o cuidado de escolher elementos que pudessem cobrir adequadamente as despesas que fossem feitas. Por esta forma, hoje um, amanhã outro, todos, cada qual por sua vez, ofereciam um banquete, no dia que lhes coubesse, a todos os demais do respectivo grupo. No banquete, prestavam homenagem, muitas vezes, a gentis-homens forasteiros, quando estes por lá apareciam; e o faziam também a concidadãos. Pelo menos uma vez por ano, os membros de um grupo se vestiam todos da mesma forma; juntos, cavalgavam pelas ruas, nos dias de festividades mais solenes da cidade; algumas vezes, realizavam torneios de armas; isto acontecia, de modo particular, nos dias festivos principais, ou quando uma alegre notícia de vitória, ou de qualquer outra coisa, chegava à cidade.

Entre os vários grupos, que assim procediam, havia o do sr. Betto Brunelleschi,¹ para o qual tanto o sr. Betto como os companheiros muito se haviam empenhado em atrair Guido, do sr. Cavalcante dei Cavalcanti.² E não sem razão. Porque, além do fato de ele ter sido um dos melhores conversadores do mundo, e excelente filósofo natural (coisas estas de que o grupo quase nada se importava), ele foi homem muito elegante e muito bem educado, além de muito eloquente; tudo o que ele quis fazer, e que ficasse bem a gentil-homem, soube fazê-lo melhor do que qualquer outra pessoa. Ademais, era riquíssimo, e sabia honrar, como ninguém, as pessoas que ele, no seu íntimo, considerava que valessem.

Entretanto, nunca aconteceu, ao sr. Betto, ter Guido em sua companhia; ele e seus companheiros passaram a admitir que isso ocorria porque Guido, entretendo-se com as próprias lucubrações, se distraía dos homens. Visto que Guido defendia algumas das opiniões sustentadas pelos epicureus, dizia-se, nos círculos das gentes mais vulgares, que as suas referidas lucubrações, ou especulações, a nada mais se destinavam do que a verificar se se tornava possível demonstrar que Deus não existia.

Ora: aconteceu, um dia, que Guido partiu de Orto San Michele, pondo-se a caminhar pelo Corso degli Adimari, até San Giovanni, que era o trajeto que com frequência percorria; encontravam-se, então, ao redor de San Giovanni, as grandes arcas de mármore, que hoje se acham em Santa Reparata, afora muitas outras; Guido situou-se, ocasionalmente, entre as colunas de pórfiro, que lá estão, as referidas arcas e a porta de San Giovanni, que estava fechada. Surgiu, então, o sr. Betto, com o seu grupo — todos a cavalo —, subindo pela praça de Santa Reparata; ele viu Guido entre aquelas sepulturas; e disse, para os seus companheiros:

— Vamos provocá-lo!

Todos esporearam os cavalos e, à maneira de um assalto divertido, correram para junto de Guido, cercando-o quase antes que ele percebesse o que acontecia; e começaram a dizer-lhe:

— Guido: você recusa-se a fazer parte do nosso grupo; mas, note bem, quando você houver verificado que Deus não existe, que terá você feito?

A isto, Guido, vendo-se inteiramente cercado por eles, respondeu prontamente:

— Os senhores podem dizer, em sua casa, o que bem lhes agrada!

A seguir, pôs a mão por cima de uma daquelas arcas, todas as quais eram grandes; e, como homem ágil que era, deu um pulo, atirando-se para o outro

lado; assim, desvencilhando-se do cerco feito pelo grupo, retirou-se.

Os membros do grupo ali ficaram, a olhar um para o outro; depois, começaram a dizer que Guido não passava de um desmemoriado, e que aquilo que ele respondera não queria dizer coisa alguma, porquanto, ali, onde se encontravam, nada mais podiam fazer do que o que faziam todos os outros cidadãos, sendo que também Guido não podia ser constrangido a fazer menos do que qualquer um deles. O sr. Betto, entretanto, dirigindo-se aos seus companheiros, esclareceu:

— Os desmemoriados são vocês, se vocês não entenderam o que ele disse. O que ele fez foi, honestamente, e em poucas palavras, proferir, contra nós, a maior vilania do mundo. Vejam se não é assim: se vocês contemplarem bem estas arcas, verão que elas são as casas dos mortos, uma vez que nelas se colocam e moram os mortos; disse ele que estas arcas são as nossas casas; com isto, ele quis demonstrar que nós, bem como os outros homens idiotas e não letrados, somos, em confronto com ele e com outros homens instruídos, menos ainda do que homens mortos; é por isto que, encontrando-nos aqui, nós nos encontramos em nossa casa.

Então, todos entenderam o que Guido havia desejado significar; e envergonharam-se; daí por diante, nunca mais o provocaram; e passaram a considerar o sr. Betto um cavaleiro sutil e bom entendedor.

Notas

¹ Também chamado Benedetto; nobre de antiga estirpe florentina, ancestral de Filippo Brunelleschi, famoso arquiteto entre cujas construções, em Florença, figuram: a cúpula do Domo, a Basílica de São Lourenço, o palácio Riccardi e o palácio Pitti.

² Poeta florentino, que foi muito amigo de Dante. Este lhe dedicou a “Vita Nova”; além disto, citou-lhe o nome em sua *Divina comédia* (Inferno, canto 10, versos 60, 63 e 111; Purgatório, canto 11, verso 97).

DÉCIMA NOVELA

O frade Cipolla promete, a determinados camponeses, mostrar a pena do anjo Gabriel; em lugar dessa pena, ele encontra carvão; e diz que tais carvões são aqueles que assaram São Lourenço.



isto que cada componente do grupo já havia contado a sua novela, Dioneio percebeu que havia chegado a sua vez de falar. Por isto, sem muito esperar por ordem solene, recomendou silêncio aos que ainda continuavam louvando a frase arguta de Guido; e começou:

— Mulheres faceiras: embora eu tenha o privilégio de poder dizer o que mais me agrada, não pretendo, no dia de hoje, afastar-me do tema em torno do qual todos vocês tão brilhantemente já falaram. Seguindo as suas pegadas, tenho o propósito de mostrar-lhes com que habilidade e cautela, e fazendo uso de uma defesa pronta, um dos frades de Santo Antônio escapou do escárnio que dois moços lhe haviam armado. Acredito que não lhes pesará muito se eu, para narrar a novela toda, me estender um pouco, uma vez que, se vocês olharem para o sol, verão que ele ainda está em meio ao céu.

Certaldo, como talvez vocês tenham ouvido dizer, é um castelo de Val D'Elsa, erguido no nosso condado. A despeito de ser pequeno, esse castelo já foi habitado por homens nobres e abastados. A esse castelo, onde sempre encontrava boa pastagem, habituara-se a ir, uma vez por ano, todos os anos, a fim de recolher as esmolas dadas pelos tolos, um dos frades de Santo Antônio, que se chamava frade Cipolla. Era ele conhecido, não menos pelo nome do que por outra devoção, a cujo exercício todos o viam entregar-se de bom grado, porquanto aquelas terras produzem cebolas famosas por toda a Toscana. Este frade Cipolla era de pequena estatura, de cabelos ruivos e de rosto alegre; consideravam-no o melhor companheiro do mundo. Além disto, como não possuía ciência alguma, compensava tudo por ser ótimo orador e ter a palavra pronta; tanto era assim que a pessoa que não o conhecesse, não somente o tomaria, desde logo, por um grande retórico, mas até diria ser ele o próprio

Túlio,¹ ou mesmo Quintiliano. De quase todos os habitantes da região, ele era compadre, ou amigo, ou benquerente.

De acordo com o seu costume, o frade Cipolla dirigiu-se um dia àquele castelo, no mês de agosto, entre outras vezes. Em certa manhã de domingo, observou que todos os bons homens e todas as bondosas mulheres das vilas vizinhas haviam comparecido à missa, na igreja católica do lugar. Assim, quando lhe pareceu oportuno, ele adiantou-se e disse:

— Senhores e senhoras: como os senhores sabem, o costume que os senhores instituíram é o de mandar, todos os anos, aos pobres do senhor Santo Antônio,² uma parte do seu trigo e uma parte da sua aveia; uns mandam pouco; outros, muito; cada qual manda conforme o que pode e a devoção que tem, a fim de que o beato Santo Antônio monte guarda aos seus bois, aos seus jumentos, aos seus porcos e às suas cabras. Além disto, os senhores costumam pagar, principalmente aqueles que se acham inscritos na nossa confraria, aquela contribuição que se paga uma vez todos os anos. Para este fim, eu fui mandado pelo meu superior, isto é, pelo senhor abade. Por isto, com a bênção de Deus, quando vocês ouvirem tocar a sineta, depois da hora nona, deverão vir para cá, fora da igreja, no lugar onde eu, à maneira do costume, lhes farei o sermão; vocês beijarão a cruz; além disto, como sei que vocês todos são devotadíssimos ao senhor Santo Antônio, farei uma graça especial; mostrar-lhes-ei uma relíquia, santíssima e muito bela, que eu mesmo, em outros tempos, trouxe de terras de além-mar. Esta relíquia é uma das penas do anjo Gabriel, que ficou no quarto da Virgem Maria, quando ele Lhe foi anunciar, em Nazaré.

Dito isto, o frade calou-se e voltou à missa.

Quando o frade Cipolla disse estas coisas, encontravam-se, entre muitos outros, na igreja, dois moços muito espertos, dos quais um se chamava Giovanni del Bragoniera e o outro, Biagio Pizzini.³ Depois de rirem, entre si, durante algum tempo, da relíquia do frade Cipolla, estes dois moços, embora fossem muito seus amigos e pertencessem ao mesmo grupo, resolveram levar a efeito uma burla contra o frade, a propósito da referida pena. Os dois sabiam que, pela manhã, o frade almoçava no castelo, em companhia de um amigo; portanto, assim que perceberam que ele já se encontrava à mesa, desceram à estrada e foram para o hotel onde o frade se havia hospedado; e o fizeram com este propósito: Biagio deveria entreter, conversando, o fâmulos do frade Cipolla; e Giovanni deveria procurar, entre as coisas pertencentes ao frade, a mencionada pena, estivesse ela onde estivesse; encontrando-a, surripiá-la-ia, a fim de se verificar de que maneira o religioso explicaria o fato ao povo.

O frade Cipolla tinha um fâmulos, que alguns chamavam Guccio Balena, e alguns outros Guccio Imbratta, não faltando os que o denominavam Guccio Porco. Este fâmulos era por tal forma perverso, que não é verdade que, alguma vez, Lippo Topo haja praticado malvadeza semelhante às dele. Por isto, o frade Cipolla costumava brincar com o seu grupo, dizendo:

— O meu fâmulos tem, em si, nove coisas de tal ordem, que, se qualquer uma delas, mesmo isoladamente, houvesse existido em Salomão, ou em Aristóteles, ou em Sêneca, teria sido bastante para arruinar toda a virtude, toda a sabedoria, toda a santidade de quaisquer deles. Pensem, pois, que homem que ele é, porquanto, nele, não existe virtude, nem sabedoria, nem santidade, tendo ele, entretanto, nove coisas em si!

De quando em quando, o frade era interrogado sobre quais eram aquelas nove coisas; e ele, que as havia elencado a seu gosto, respondia:

— Vou dizê-las: ele é lento, sujo e mentiroso; negligente, desobediente e maledicente; descuidado, desmemoriado e mal-educado. Além do quê, ele possui mais alguns defeitozinhos, que não se dizem, para não se agravar o caso. E aquilo que induz a gente a rir desmesuradamente, quanto aos negócios da vida dele, é que ele, por toda parte, quer casar-se e conseguir casa e comida. Tem barba grande, negra e untada; entretanto, está convencido de que é belo e agradável; pensa que todas as mulheres que o veem se enamoram dele; e, na verdade, se a gente o deixasse livre, correria atrás de todas, ainda que lhe caíssem as calças. É certo que ele me presta grande auxílio, porque não há ninguém que me queira falar tão em segredo, a ponto de impedir que ele ouça a sua parte; e se acontece ser eu perguntado sobre alguma coisa, ele tem tanto medo que eu não saiba responder, que prontamente responde por mim, dizendo sim, ou não, como julga melhor que seja conveniente!

Era este fâmulos que o frade Cipolla havia deixado no hotel, recomendando-lhe que prestasse bem atenção, para que ninguém bulisse em suas coisas, e, especialmente, nos seus alforjes, porque era dentro destes que se encontravam os objetos sagrados. Entretanto, Guccio Imbratta gostava mais de ficar na cozinha do que o rouxinol poderia gostar de se meter por entre verdes ramos; e ainda mais gostava se percebia, na cozinha, a presença de alguma criada.

Ora: ele viu, na cozinha daquele hotel, uma criada gordinha, redonda e baixota, um pouco malfeita; ela possuía um par de seios que parecia um par de cestos para se carregar estrume, e um rosto que parecia pertencer aos Baronci; ademais, andava toda suada e enfumaçada. Assim como o abutre se lança à

carniça, assim também, deixando o quarto do frade Cipolla e todas as suas coisas em abandono, Guccio se atirou àquela mulher. A despeito de se estar no mês de agosto, ele sentou-se perto do fogo, e começou a falar com a mulher, que tinha o nome de Nuta; entrando em conversação, disse-lhe que era gentil-homem, por ser procurador do frade; assegurou-lhe que possuía mais de milcentenove⁴ florins, afora aqueles que ele tinha para dar aos outros, que eram talvez mais, e nunca menos; acrescentou que sabia fazer e dizer tantas coisas, que Deus jamais saberia quais eram; naquela altura, ele deixou de levar em consideração o próprio capuz, no qual havia tanto engorduramento que bastaria para temperar o caldeirão de Altopascio;⁵ esqueceu-se da própria indumentária rasgada e remendada, toda esmaltada de sujidade ao redor do pescoço e por baixo das axilas; não viu as manchas de sua roupa, que eram mais numerosas e de mais cores do que as que jamais apareceram em vestes de tártaros ou de indianos; também deixou de notar os próprios escarpins, todos rotos, e as próprias meias, esburacadas; e disse, à moça, quase como se fosse o sr. de Castiglione, que desejava vesti-la toda de novo, a fim de a recolocar na devida ordem; que desejava, igualmente, retirá-la daquele cativeiro de ter de estar a serviço dos outros; e que desejava, por fim, embora não tivesse propriedade alguma, incutir-lhe a esperança de melhor sorte. Disse-lhe muitas outras coisas mais; mas as suas palavras, embora proferidas afetuosamente, foram todas convertidas em vento; como acontecia com as mais belas das suas aventuras, deram em nada.

Os dois moços, pois, foram encontrar Guccio Porco ocupado ao redor de Nuta. Ficaram satisfeitos com isso, uma vez que, assim, metade da sua tarefa não precisava mais ser levada a termo. Nenhum dos dois, portanto, foi falar com Guccio; ambos entraram no quarto do frade Cipolla, quarto este que encontraram aberto; a primeira coisa que apanharam, para revistar, foi precisamente o alforje dentro do qual se encontrava a pena. Aberto o alforje, encontraram uma caixinha, envolta numa grande peça de tafetá; aberta a caixinha, dentro dela encontraram uma pena, dessas que se parecem com as da cauda de um papagaio; e deduziram que deveria ser essa a pena que o frade prometera mostrar aos certaldenses.

Não havia dúvida que, naqueles tempos, o frade Cipolla conseguiria facilmente que acreditassem nas suas palavras, porque, então, as coisas macias, procedentes do Egito, ainda não tinham sido, a não ser em quantidade muito reduzida, levadas para a Toscana; só mais tarde é que elas, em quantidades enormes, foram introduzidas, difundindo-se por toda a Itália. Sendo pouco

conhecidas por toda parte, menos ainda o eram pelos habitantes daquele lugar. Ali perdurava a honestidade rústica dos antigos, que não só nunca tinham visto papagaio algum, como também nunca haviam ouvido alguém que tivesse mencionado a existência de tal ave. Satisfeitos, pois, os dois moços, por haverem encontrado a pena, retiraram-na de lá; e, para não deixar a caixinha vazia, encheram-na com alguns carvões que viram em um canto do quarto; fecharam a caixinha e tornaram a arrumar tudo como estava antes; não foram vistos por ninguém; de lá saíram, satisfeitos, com a pena; e puseram-se a esperar aquilo que o frade Cipolla talvez dissesse, ao encontrar, em lugar da pena, pedaços de carvão.

Os homens e as mulheres simples, que estavam na igreja, ouvindo a notícia de que iriam ver a pena do anjo Gabriel, depois da hora nona, rumaram para casa, assim que a missa foi dita; um vizinho falou do caso a outro; uma comadre comunicou a informação a outra; assim, logo depois do almoço, tantos homens e tantas mulheres acorreram ao castelo, que mal nele cabiam; e ali permaneceram, com o intenso desejo de contemplar a mencionada pena.

O frade Cipolla, depois de haver bem almoçado e, a seguir, bem dormido por algum tempo, acordou e ergueu-se, um pouco após a hora nona. Observando que era enorme a multidão de camponeses que acorrera para contemplar a pena, mandou dizer, a Guccio Imbratta, que se dirigisse ao castelo, com as sinetas e com os alforjes. O fâmulosó a muito custo se separou da cozinha e de Nuta; e, afinal, com as coisas pedidas pelo frade, ao castelo se dirigiu. Guccio lá chegou ofegante, porque a muita água que bebera lhe havia feito crescer excessivamente o corpo; depois, por ordem do frade Cipolla, foi para a porta da igreja, onde começou a tocar as sinetas com toda a força.

Ali, depois que todo o povo do lugar se reuniu, o frade Cipolla, sem perceber que alguma coisa no seu alforje havia sido tocada, começou a sua prédica; e proferiu inúmeras palavras, todas tendentes a encaminhar a alma do povo para as suas conveniências próprias. Chegando, por fim, ao momento em que teria de apresentar a pena do anjo Gabriel, procedeu, primeiro, com grande solenidade, à confissão; em seguida, mandou acender duas tochas; depois, puxando para trás o capuz e descobrindo a cabeça, desenrolou delicadamente o tafetá e acabou pondo em evidência aquela caixinha. Proferiu, ainda, umas palavrinhas, em louvor e em súplica ao anjo Gabriel e à sua relíquia. Afinal, abriu a caixinha.

Ao vê-la cheia de carvões, não suspeitou que aquilo lhe pudesse ter sido feito por Guccio Balena, pois não sabia ser ele capaz de tamanha audácia;

também não amaldiçoou o fâmulos, por não haver ele mantido a vigilância, a fim de que terceiros não praticassem aquele gesto; mas blasfemou, de si para consigo, contra si mesmo, porquanto havia entregue a guarda de tão preciosa relíquia a um homem como Guccio, a despeito de saber que ele era negligente, desobediente, descuidado e desmemoriado. Mas o frade, mesmo assim, não se perturbou aos olhos do povo. Sem mudar de cor, ergueu o rosto e as mãos para o céu; e disse, de forma que pudesse ser ouvido por todos:

— Oh! Deus! Seja louvada sempre a Tua potência!

A seguir, fechou a caixinha; e, voltando-se para o povo, declarou:

— Senhores e senhoras: vocês devem saber que, ao tempo em que eu ainda era muito moço, fui mandado, pelo meu superior, para aquelas terras onde o sol se ergue; vi-me incumbido, por ordem expressa, de procurar, até encontrá-los, os privilégios de Porcelana; nada custou selar estes privilégios; mas eles são mais úteis aos outros do que a nós. Por este motivo, pus-me a caminho. Parti de Veneza; passei pelo Borgo dos Gregos; dali, rumei para o reino do Garbo, sempre cavalgando; pela via de Baldacca, cheguei a Parione, de onde, não sem sede, após algum tempo cheguei à Sardenha. Mas por que motivo estou eu indicando, a vocês, todos os países visitados por mim? Depois de atravessar o braço de São Jorge, aconteceu-me visitar Trúfia e Búfia, terras muito habitadas e possuidoras de grande povo; dali, dirigi-me à terra de Mentira, onde encontrei, em grande número, muitos dos nossos frades e representantes de outras religiões; estes andavam todos fugindo ao desconforto pelo amor de Deus; pouco se incomodavam com os esforços alheios, quando queriam que as suas conveniências fossem satisfeitas; e não utilizavam, por aquelas bandas, outra moeda que não aquela que não foi cunhada. Depois, encaminhei-me pela terra dos Abruzos, onde os homens e as mulheres sobem de tamancos as encostas das montanhas, e revestem as carnes de porco com as próprias tripas do animal. Um pouco mais adiante, encontrei gente que carregava o pão enfiado em varas, como se fosse carne ao espeto, e vinho em sacos de couro, chamados odres. Cheguei, assim, às montanhas do Bachi, onde todas as águas correm para baixo. Dentro em breve, andei tanto para o interior, que me vi na Índia Pastinaca,⁶ onde, juro-lhes pelo hábito que trago comigo, que vi voarem os emplumados, coisa incrível para quem não a tenha visto. Quanto a isto tudo, que não me deixe mentir Maso del Saggio, que é um grande mercador que por lá encontrei; este indivíduo quebrava nozes e vendia as cascas no varejo. Como, porém, eu não conseguia encontrar o que andava procurando, voltei, porque dali para diante se vai por água; assim, cheguei

àquelas santas terras, onde, no ano de verão, o pão frio vale quatro dinheiros e o pão quente é dado a troco de nada. Ali encontrei o venerável padre sr. Nonmiblasmete Sevoipiac, digníssimo patriarca de Jerusalém. Este padre, em sinal de reverência para com o hábito que sempre enverguei, do barão senhor Santo Antônio, quis que eu contemplasse todas as santas relíquias que ele tinha consigo. Eram tantas as relíquias, que, se eu quisesse contá-las todas, não acabaria antes de andar muitas e muitas milhas. Mesmo assim, para que vocês não fiquem desiludidos e desconsolados, vou contar-lhes algumas. Ele, em primeiro lugar, me mostrou o dedo do Espírito Santo, inteiro e firme como jamais o possa ter sido; mostrou-me também o topete do serafim que apareceu a São Francisco; e uma das unhas dos querubins; e uma das costelas do Verbumcaro⁷ posta às janelas; e várias vestimentas da Santa Fé Católica; e alguns dos raios da estrela que apareceram aos três Magos do Oriente; e uma ampola do suor de São Miguel, de quando combateu com o Diabo; e o maxilar da morte de São Lázaro; e muitas outras. E visto que eu o presenteei, generosamente, com várias das chagas de Monte Morello, em língua vulgar, e com alguns dos capítulos do Caprezio, coisas que ele há muito andava procurando, ele me fez coproprietário das suas santas relíquias; deu-me um dos dentes da Santa Cruz; deu-me também, numa pequena ampola, um pouco do som dos sinos do templo de Salomão; deu-me, igualmente, a pena do anjo Gabriel, da qual já lhes falei; e um dos tamancos de São Geraldo de Vilamagna; não faz muito tempo, eu, em Florença, dei esse tamanco a Gherardo di Bonsi, que o conserva com enorme devoção; deu-me também aquele patriarca alguns carvões, com os quais foi assado o mártir beatíssimo São Lourenço. Todas estas coisas, eu as trouxe para aqui comigo; e conservo-as todas. É verdade que o meu superior nunca tolerou que eu as mostrasse, enquanto não se certificou da sua autenticidade. Agora, porém, ele está convencido da sua autenticidade, seja devido a determinados milagres que tais relíquias fizeram, seja devido a cartas que ele recebeu do patriarca; por isto, concedeu-me licença para que eu as mostre; mas eu, sempre com receio de as confiar a outras pessoas, carrego-as comigo. É exato que eu trago a pena do anjo Gabriel, para que não se estrague, numa caixinha; os carvões, com os quais São Lourenço foi assado, trago-os em outra caixinha; as duas caixinhas, porém, são tão semelhantes entre si, que, com frequência, me acontece pegar numa pensando pegar na outra; e foi isto o que agora me aconteceu. Eu acreditei estar trazendo, para aqui, a caixinha dentro da qual se encontrava a pena; em vez disso, trouxe aquela dentro da qual se acham os carvões. Aliás, não considero isto um erro; ao contrário; até se me

afigura que isto obedeceu à vontade de Deus; deve ter sido Ele mesmo quem me pôs a caixinha nas mãos, a fim de me recordar, oportunamente, que o dia comemorativo de São Lourenço ocorre daqui a dois dias.⁸ Por isto, desejou Deus que eu mostrasse a vocês os carvões com os quais o santo foi assado, a fim de reacender, na sua alma, a devoção que por ele vocês devem ter; evitou que eu trouxesse a pena, fazendo com que eu pegasse e trouxesse os benditos carvões apagados pelo sangue daquele santíssimo corpo. Por esta razão, meus filhos abençoados, puxem para trás os capuzes e apressem-se a vir vê-los aqui. Antes, porém, quero que vocês saibam que seja lá quem for que venha a ser tocado por estes carvões, em sinal de cruz, poderá estar certo de que, durante o ano todo, o fogo não o tocará, sem que isso se perceba.

Depois de falar por esta forma, o frade, cantando um louvor a São Lourenço, abriu a caixinha e mostrou os carvões. A multidão estulta contemplou a relíquia com reverente admiração; a seguir, todos se apressaram a falar ao frade Cipolla, fazendo-lhe ofertas muito maiores do que aquelas que estavam habituados a proporcionar; cada qual suplicava para que o frade o tocassem com os referidos carvões. Em consequência, o frade Cipolla tomou em suas mãos os carvões; e, com eles, começou a traçar, nas camisolas brancas, nas vestes e nos véus das mulheres, as maiores cruzes que ali coubessem; afirmou que, na quantidade em que aqueles carvões se consumiam, por se traçarem aquelas cruzes, os mesmos carvões depois tornavam a crescer na caixinha, de acordo com o que ele muitas vezes havia verificado.

Desta maneira, depois de marcar com cruzes todos os certaldenses, e não sem enorme proveito, o frade, por via de grande esperteza, escarneceu daqueles que, roubando-lhe a pena, haviam pensado escarnecer dele.

Os moços que a haviam roubado tinham estado presentes à prédica do frade; depois de ouvirem o recurso de que ele se socorreu, narrando aquela viagem a terras longínquas, por meio daquelas palavras, puseram-se a rir tanto, que se pensou que iriam deslocar o maxilar. Os moços esperaram que o vulgo se retirasse dali; depois, dirigiram-se ao frade, ao qual, com a maior alegria do mundo, revelaram o que haviam feito; a seguir, entregaram-lhe novamente a pena. Esta pena, no ano seguinte, valeu, ao frade, nada menos do que lhe haviam valido os carvões.

Notas

¹ O autor alude a Marco Túlio Cícero.

² Trata-se de Santo Antônio, abade, cujo dia de comemoração é 17 de janeiro; este santo é o protetor dos animais domésticos e, particularmente, do porco.

³ Todos os nomes que aparecem nesta novela correspondem a pessoas que realmente existiram. O assunto deve ter chegado aos ouvidos de Boccaccio através das tradições orais de Certaldo, lugar que ele visitava com frequência.

⁴ O autor usou, em italiano, a palavra *milantanove*. Milentenove é a nossa tradução. O vocábulo designa quantidade puramente imaginária, para acentuar o caráter de fanfarronice do fâmulos.

⁵ Nome de castelo e de localidade da região de Lucca, Itália. Havia ali uma grande abadia, com muitos monges, que distribuía refeições aos pobres duas vezes por semana. Possuía, para isso, um grande caldeirão, que se fez famoso e que passou a constituir provérbio.

⁶ Nome puramente imaginário; *pastinaca*, em italiano clássico, quer dizer fanfarronada.

⁷ Mutilação da frase *verbum caro factum est*.

⁸ O dia comemorativo de São Lourenço é o de 10 de agosto.

DESPEDIDA



sta novela proporcionou a todos os membros do grupo grande prazer e enorme recreação; todos se riram muito do frade Cipolla, e mais ainda da sua peregrinação, bem como das relíquias — tanto das que foram por ele vistas como das que foram por ele trazidas. A Rainha notou que a novela estava concluída; estava concluída, igualmente, a temporada da sua soberania; por isto, ela ergueu-se; retirou, da própria cabeça, a coroa simbólica; rindo, pô-la na cabeça de Dioneio; e disse:

— Já é tempo, Dioneio, que você prove como é árduo o encargo de dirigir e de guiar mulheres; seja você, pois, o Rei; e procure reinar por tal forma que todos tenham, por fim, de louvar o seu reinado.

Dioneio tomou a coroa e, rindo, respondeu:

— Muitas vezes vocês devem ter visto reis muito mais preciosos do que eu. Refiro-me aos reis do jogo de xadrez. É certo que, se vocês me prestarem obediência, como se deve prestar a reis de verdade, eu os farei gozar aquilo sem o que, por certo, nenhuma festa se torna inteiramente agradável. Deixemos de lado, porém, estas palavras; eu reinarei como souber.

De acordo com o costume estabelecido, Dioneio mandou que o mordomo se apresentasse; deu-lhe instruções bem-ordenadas sobre o que deveria ser feito enquanto durasse a sua soberania; e depois disse:

— Valorosas mulheres: por diversas maneiras, estivemos falando da industriiosidade humana, bem como dos casos vários que daí decorrem; tanto é assim, que se Licisca não houvesse aparecido por aqui, poucos momentos atrás, creio que eu teria de penar longamente, antes de descobrir um tema para em torno dele novelarmos; ela, entretanto, com as suas palavras, me proporcionou a ideia da matéria que deverá servir de base para as conversações de amanhã.

Como vocês ouviram, ela disse que, em toda a sua vizinhança, não havia moça que tivesse ido virgem para a noite nupcial; e acrescentou que bem sabia quantas e quais burlas as mulheres casadas praticavam para com os respectivos maridos. Deixando-se de lado, todavia, a primeira parte, que é episódio da meninice, julgo que a segunda deva ser tema agradável para em torno dele se cavaquear. Por isto, quero que amanhã se fale — uma vez que Licisca nos proporcionou o motivo — das burlas que, por amor, ou por necessidade da própria salvação, as mulheres já praticaram em relação aos seus maridos, sem que eles o percebessem, ou mesmo que o tenham percebido.

A algumas das mulheres, afigurou-se que o novelar sobre tal assunto não lhes ficaria muito bem; e, por isto, rogaram para que Dioneio modificasse a proposição já firmada. Ao que, porém, o Rei respondeu:

— Mulheres: sei o que foi que determinei; e sei-o tanto quanto vocês o sabem; o que vocês querem demonstrar não conseguirá desviar-me desse propósito; pense-se que a nossa época é tal que, desde que os homens e as mulheres se abstenham de agir desonestamente, toda conversação é permitida. Ademais, não sabem vocês que, devido às condições péssimas desta estação do ano, os juízes abandonaram os tribunais? Que as leis, tanto as divinas como as humanas, se encontram suspensas? E que ampla liberdade se concede, para se conservar a própria vida, a quem quer que seja? Embora se amplie a demonstração da sua honestidade, com este novelar, por ficar demonstrado que, nos atos, nunca se deve seguir exemplo que não seja digno — e como o novelar se fará para proporcionar encantamento a vocês e aos outros —, não vejo com que argumento, no futuro, alguém as possa repreender. Além do mais, este nosso grupo, desde o primeiro dia, até a este momento, tem tido conduta honestíssima. Por palavra que se haja proferido, não me parece que esta conduta se haja maculado, nem virá a macular-se, com a ajuda de Deus. Ademais, quem é que não tem conhecimento da honestidade de vocês? Creio que essa honestidade não poderia ser posta em perigo por algumas conversações divertidas nem mesmo pelo terror da morte. Para dizer-lhes a verdade, se alguém souber que vocês hajam deixado de novelar alguma vez, por tal receio, então é que virá a suspeitar serem vocês culpadas daquilo sobre o qual se houverem recusado a falar. Escusado é dizer que vocês me fariam estranha homenagem, se se recusassem a falar em torno do tema por mim proposto; pessoalmente, fui obediente a todos os que aqui reinaram; agora, depois de vocês me elegerem seu Rei, e de me porem a lei nas mãos, penso poder esperar que a mesma obediência me seja devida. Deixem, pois, o mencionado receio,

que mais se indica aos espíritos perversos do que ao de vocês; e, com boa sorte, cada qual que pense em fazer uma bela narrativa.

Quando as mulheres ouviram isto, elas disseram que se fizesse como lhe agradasse. Em consequência, o Rei deu permissão para que cada qual agisse como entendesse, até à hora do jantar. Àquela hora, o sol ainda ia bem alto, porquanto o novelar fora breve. Por isto, como Dioneio e os outros moços se puseram a jogar xadrez, Elisa, chamando as outras mulheres a um canto, disse:

— Desde que aqui chegamos, tenho desejado levar vocês para um recanto, muito perto deste lugar, onde não creio que alguma de vocês haja estado. O recanto chama-se Vale das Mulheres; até agora, não encontrei tempo suficiente para conduzir vocês a esse recanto. Encontro-o hoje, por estar o sol tão alto. Desta maneira, se lhes agrada ir comigo até lá, não duvido que, quando chegarem, se mostrarão muito satisfeitas por fazerem semelhante visita.

As mulheres responderam que estavam prontas para ir. Chamaram uma das suas aias; e, sem deixar que os moços percebessem coisa alguma, puseram-se a caminho. Não caminharam muito mais de uma simples milha, e já chegaram ao Vale das Mulheres. Entraram nesse vale, por uma viela estreita; à margem desta viela, corria um regato cristalino. As mulheres viram como era lindo e encantador aquele recanto, principalmente naquele dia, em que o calor se fazia intenso; não era possível desejar paisagem mais embevecedora.

Ao que uma delas depois me contou, o leito do vale era circular, exatamente como se houvesse sido feito a compasso, embora desse a impressão de artifício da Natureza, e não da mão do homem; tinha, de diâmetro, pouco mais de meia milha; cercava-se de seis montanhazinhas de não grande altura; no topo de cada uma, via-se um palácio feito na forma aproximada de um lindo castelo de pequenas proporções. As faldas daquelas montanhazinhas desciam suavemente para a planície, à maneira dos renques de bancadas que, nos teatros, vemos descer, desde a parte superior até à inferior, em escalonamentos sucessivos e ordenados; e cada renque vai restringindo o próprio círculo. Estas faldas, principalmente aquelas que davam para o sul, se mostravam cheias de vinhas, oliveiras, amendoeiras, cerejeiras, figueiras e muitas outras árvores frutíferas; nem sequer um palmo de terreno se perdia.

As faldas que davam para o norte estavam todas cobertas de boscagens de carvalhinhos, de freixos, bem como de outras árvores muito verdes e eretas; e também não se via espaço de chão deixado ao léu. A planície, mais adiante, sem ter outra entrada além daquela pela qual as mulheres haviam enveredado, apresentava-se repleta de abetos, de ciprestes e de loureiros, bem como de

alguns pinheiros, tudo tão bem-composto e tão bem-ordenado, como se o melhor artífice desse gênero os houvesse plantado. Por entre as frondes, muito pouco sol, ou quase nada dele, mesmo nas horas em que se encontrava alto, conseguia penetrar e chegar até ao chão. Este chão era todo uma pradaria recoberta de erva miúda, inteiramente semeada de flores purpurinas e de outras flores. Além disto, o que com encanto não menor se apresentava era um riozinho, que descia por um dos vales que dividia duas daquelas pequenas montanhas; descia, caindo aos pulos, por entre a rocha viva; e, caindo, fazia um rumor muito agradável de ser ouvido; os borrifos pareciam, de longe, gotículas de prata viva, que esguichasse por ser espremida por alguma coisa. À medida que chegava ao sopé da montanha, a água recolhia-se num belo canalzinho, por onde corria, com alguma velocidade, até ao meio da planície, ali formando um pequeno lago, como esses que frequentemente são construídos, à maneira de viveiro, em seus jardins, pelos cidadãos que têm estro para isso.

O lago não era mais profundo do que a altura de um homem até ao peito; como a água não tinha, em si, mistura alguma, o seu fundo era muito claro, por onde se via ser ele feito de areia finíssima, cujos grânulos seria até possível contar, por quem, desejando, outra coisa não tivesse para fazer. E não era somente o fundo que se via, contemplando a água; viam-se, igualmente, muitos peixes movendo-se rápido de um lado para outro, por tal forma que, além de ser encantador, o espetáculo constituía uma maravilha. O lago não se apresentava fechado por outra margem, a não ser por aquela que era formada pelo chão do relvado; e este era tanto mais belo, ao redor da água, quanto mais sentia o efeito da umidade dela. A água que excedia a capacidade do lago era recebida por outro canalzinho, por meio do qual saía do vale, correndo para regiões de nível ainda mais baixo.

Chegando, pois, as mulheres, a este recanto, elas puseram-se a contemplá-lo e louvar-lhe a beleza; a seguir, como o calor era intenso, e como o lagozinho à sua frente se mostrava convidativo, deliberaram, depois de se certificarem de que não havia possibilidade de serem vistas, tomar banho naquelas águas límpidas. Deram ordem, à aia, para que montasse guarda à viela estreita por onde haviam entrado; ela deveria verificar se alguém se aproximava, e, em caso positivo, fazer-lhes sinal.

A seguir, as sete mulheres se despiram e entraram no lago; e diga-se que este lago não lhes escondia os corpos cândidos mais do que um vidro fino poderia ocultar uma rosa vermelha. Depois que as mulheres entraram no lago, e viram que nenhuma perturbação promoviam na água, começaram a correr

de lá para cá, atrás dos peixes, os quais quase que não encontravam lugar para nele se esconderem; e fizeram o possível para os apanhar com as mãos. As mulheres demoraram-se um pouco neste divertimento; apanharam alguns peixes; posteriormente, saíram da água, tornaram a vestir-se, e, sem poder louvar o recanto, mais do que já o haviam louvado, acharam que era tempo de regressar a casa; por isto, com passo calmo, e sempre falando muito da beleza do lugar, puseram-se a caminho. Chegaram ao palácio em muito boa hora; lá encontraram os moços ainda entretidos no jogo, como os haviam deixado. A esses moços, Pampineia, rindo, disse:

— Hoje, nós também enganamos vocês!

— Mas como? — indagou Dioneio. — Pois então vocês começam a realizar fatos, antes de dizer palavras?

Respondeu Pampineia:

— Senhor nosso, sim!

E pormenorizadamente lhe contou de onde elas procediam, como era feito o recanto, a que distância ficava e o que haviam feito ali. O Rei, ouvindo aquelas referências à beleza do lugar, sentiu-se desejoso de ir vê-lo; mandou que se servisse prontamente o jantar; e, depois que o jantar foi servido, com grande prazer para todos, os três moços, com os seus fâmulos, deixaram as mulheres no palácio, e lá se foram rumo ao mencionado vale. Ali, tomaram em consideração coisa por coisa; nenhum deles havia estado naquele recanto; e todos passaram a dizer que se tratava de uma das mais lindas paisagens do mundo.

Após banharem-se nas águas do lago, e tornarem a vestir-se, voltaram para o palácio, porquanto já se ia fazendo muito tarde. No palácio, encontraram as mulheres entregues a uma carola, ao som de um verso cantado por Fiammetta. Uma vez concluída a carola, os homens entraram em conversação com as moças, a respeito da beleza do Vale das Mulheres; e muitas coisas, boas e belas, proferiram a tal propósito. Em consequência, o Rei mandou que o mordomo se apresentasse; e ordenou-lhe que, na manhã seguinte, as mesas para o almoço fossem preparadas naquele recanto; também algumas camas deveriam ser para lá levadas, para o caso de alguém desejar fazer a sesta, ou deitar-se à tardinha. Depois disto, o Rei mandou que se preparassem lumes, vinhos e doces; todos se restauraram um pouco. A seguir, houve ordem para que todos os homens se entregassem à dança. Pânfilo, por sua espontânea vontade, tomou uma das mulheres; o Rei, dirigindo-se a Elisa, disse-lhe, com ar atencioso:

— Linda jovem: você me deu, hoje, a honra desta coroa; e eu desejo, em retribuição, honrá-la, esta noite, com o encargo de cantar a canção; por isto, cante a canção que mais for de seu agrado, uma vez que se faz necessário que você cante.

A isto, Elisa, sorrindo, respondeu que o fazia de muito bom grado; e, com voz muito suave, começou por esta forma:

*Amor: se eu puder fugir de suas garras,
Difícil me será acreditar
Que alguma outra garra me apanhe.
Eu entrei, ainda mocinha, na sua guerra,
Acreditando que ela fosse paz infinita e doce;
Depus todas as minhas armas no chão,
Como costuma fazer, tranquilo, quem confio.
Mas você, tirano desleal, áspero e rapace,
Logo me acometeu
Com as suas armas e com as suas cruéis fateixas.*

*Depois, circundada pelas suas correntes,
Você me entregou como presa
Àquele que nasceu para a minha morte;
E deixou-me ao léu do seu capricho,
Cheia de lágrimas amargas e de sofrimento.
E é tão desnaturado o mando dele,
Que nunca ele se comoveu
Por obra dos meus suspiros e do meu pranto.*

*Todos os meus rogos são levados pelo vento;
Nada ele ouve, nem deseja ouvir.
Por isto, o meu tormento cresce a toda hora;
Em consequência, desagrada-me viver;
E, ademais, não sei morrer.
Por Deus, Senhor; condoa-se do meu estado;*

*Faça o que eu não posso fazer:
Dê-me o meu homem, preso aos vínculos da paixão.*

*Se você não quiser fazer isto, ao menos desate
Os liames amarrados pela Esperança.
Suplico-lhe, Senhor, para que assim faça!
Porquanto, se você o fizer, ainda confiarei
Em tornar a ser bela, como foi meu costume;
Uma vez removido o sofrimento,
Ornar-me-ei de flores, umas alvas, outras vermelhas.*

Quando Elisa, com um longo suspiro, pôs ponto-final à sua canção, todos se maravilharam das suas palavras, mas ninguém pôde perceber onde estava a causa daquele triste cantar. O Rei, porém, que se achava de bom humor, mandou chamar Tíndaro; ordenou-lhe que fosse buscar a sua gaita de foles; e, ao som deste instrumento, fez com que se dançassem muitas danças. Todavia, como grande parte da noite já se havia passado, recomendou a cada qual que fosse dormir.

Termina a sexta jornada de O DECAMERÃO.

Começa a sétima, na qual, sob a soberania de DIONEIO, se fala das burlas que, seja por amor, seja pela própria salvação, as mulheres já levaram a efeito contra seus maridos, tenham ou não tenham eles percebido a sua ocorrência.







SÉTIMA JORNADA

Todas as estrelas já tinham fugido para as bandas do Oriente, com exceção única daquela que nós chamamos Lúcifer, que ainda luzia na alvejante aurora, quando o mordomo, depois de erguer-se do leito, se dirigiu ao Vale das Mulheres, levando consigo muitas caixas e bagagens. Seu propósito foi o de ali dispor tudo de acordo com a ordem e as instruções que recebera de seu amo. Após a partida dos petrechos, o Rei não tardou a erguer-se também, porquanto o barulho feito pelos carregadores e pelos animais o havia despertado. Levantando-se, fez com que as mulheres e os moços igualmente se levantassem. Ainda não despontavam realmente bem os raios do sol, quando todos já se encontravam a caminho.

A nenhum deles parecera jamais que os rouxinóis e os outros pássaros houvessem cantado tanto, e tão alegremente, como naquela manhã; acompanhados, pois, por tais cantos, caminharam até ao Vale das Mulheres, onde foram recebidos por quantidade ainda maior de aves, a ponto de eles terem a impressão de que elas se alegrassem pela sua chegada. Ali, contornaram o vale; tornaram a contemplá-lo todo, como se o tivessem vendo pela primeira vez; pareceu-lhes que tudo era ainda mais lindo do que no dia anterior, porque a hora do dia se harmonizava mais com aquela beleza do que da vez passada.

Depois de romperem o jejum por meio de bons vinhos e ótimos doces, começaram cantar, a fim de não se sentirem superados, no canto, pelos pássaros; e o eco do vale contou com eles, repetindo sempre as mesmas canções que eles cantavam. A tudo isto, os pássaros, quase como se não desejassem ser vencidos, acrescentavam novas notas de infinita doçura. Quando, porém, chegou a hora da refeição, as mesas foram aprontadas por baixo dos loureiros vivazes e de outras árvores, à beira do lindo lago; e, como aprouve ao Rei, todos por ali se sentaram. Comendo, viam os peixes a nadar dentro do lago, em grandes cardumes; e isto, como dava motivos de contemplação, dava, também, por vezes, assunto para palestras. Depois que a refeição chegou ao fim, e que as viandas foram retiradas das mesas, todos os membros do grupo, ainda mais alegres do que antes, recommençaram a cantar.

A seguir, como os fâmulos e as aias haviam armado camas por vários recantos do vale, pôde-se ir dormir, com licença do Rei. As camas haviam sido ornadas com belos cortinados, que protegiam as pessoas que as ocupassem

contra olhares indiscretos. Quem não quis dormir, teve liberdade de procurar deleite por meio daquilo que mais lhe agradasse.

Chegando, porém, a hora em que todos voltaram a pôr-se de pé, chegou igualmente a hora de se dar prosseguimento ao novelar. Como o Rei preferiu, estenderam-se tapetes sobre a relva, não longe do ponto onde haviam feito a refeição; assim, todos se sentaram ao redor do lago; e o Rei ordenou que Emília começasse. E Emília, alegremente, assim passou a falar, sorrindo:

PRIMEIRA NOVELA

Gianni Lotteringhi ouve, certa noite, que batem na sua porta. Acorda a mulher. E ela faz com que ele creia que se trata de um fantasma. Os dois procuram proceder ao encantamento por meio de uma oração; mas o bater continua.



— Senhor meu: ter-me-ia sido gratíssimo, se isso houvesse sido do seu gosto, que outra pessoa, e não eu, desse começo ao novelar em torno de tão belo assunto, como é este a respeito do qual devemos falar hoje. Como, entretanto, lhe agrada que eu tranquilize todas as outras, fá-lo-ei de bom grado. Esforçar-me-ei, mulheres caríssimas, no sentido de lhes dizer coisa que lhes possa ser útil no futuro. Creio que todas as outras mulheres têm, como eu, medo de fantasmas; Deus sabe que eu não sei o que seja fantasma, nem jamais encontrei quem o soubesse; assim, pois, como todas temos igualmente medo, vocês, ouvindo bem a novela que vou desenvolver, poderão aprender uma oração muito boa e muito eficaz para afugentar abantesmas, no caso de elas lhes aparecerem.

Existiu, outrora, em Florença, no condado de São Pancrácio, um estambreiro, que se chamou Gianni Lotteringhi, homem muito mais adiantado no seu ofício do que esclarecido em outras coisas. Sendo ele pessoa simples, era frequentemente chamado para assumir as funções de capitão dos Laudadores de Santa Maria Novella;¹ ademais, tinha de tomar conta do recinto onde os laudadores se reuniam para os ensaios; e incumbia-se também de outros pequenos encargos. Em consequência, ele julgava-se muito mais importante do que na realidade era. Mas aquilo lhe acontecia apenas porque dava, quase sempre, como homem abastado que era, bons petiscos aos frades. Destes frades, uns obtinham dele meias; outros, capas; outros, ainda, escapulários; em troca, ensinavam-lhe boas orações, o padre-nosso em língua vulgar, a Canção de Santo Alessio, o Lamento de São Bernardo, e As Laudes de Dona Matilde, além de outras coisas do mesmo estilo. Gianni apreciava muito os

ensinamentos que recebia, conservando-os todos, diligentemente, na memória, a bem da própria salvação.

Ora: Gianni Lotteringhi tinha uma esposa lindíssima e amável, que se chamava Monna Tessa, e que foi filha de Mannuccio da la Cuculia; era mulher esclarecida e muito esperta. Conhecendo a simplicidade do marido, e estando apaixonada por Frederico di Neri Pegolotti — que era moço belo e vigoroso — e, ademais, também apaixonado por ela —, Monna Tessa agiu por esta forma: combinou, com uma aia sua, a maneira pela qual Frederico poderia ir falar-lhe, num lugar muito bonito, que o mencionado Gianni possuía em Camerata; nesse lugar é que ela costumava passar todo o verão; Gianni para lá se dirigia de vez em quando, para jantar e passar a noite; logo na manhã seguinte, voltava para a sua casa de negócio, e, por vezes, para junto dos seus laudadores.

Frederico desejava precisamente isso, de maneira desmesurada; ganhou tempo, num dia que lhe foi marcado; e, à tardinha, foi lá para cima; como, naquela noite, Gianni não apareceu, Frederico jantou e pernoitou com toda a comodidade, e com o máximo prazer, em companhia da mulher; e ela, permanecendo nos braços dele a noite toda, ensinou-lhe cerca de seis das laudes do seu marido. Ela, todavia, não queria que aquela fosse a última vez, como havia sido a primeira; também Frederico pensava dessa maneira; assim, para que a aia não tivesse de ir chamá-lo todas as vezes, combinaram, entre si, o seguinte: todos os dias, quando ele fosse ou regressasse de uma sua propriedade, que ficava um pouco mais adiante, se atentaria a uma vinha que existia ao lado da casa dela; prestando atenção, veria uma caveira de burro, na extremidade superior de um dos paus da própria vinha; quando a caveira estivesse com o focinho virado para a direção de Florença, ele poderia ir ter com ela, infalivelmente, com toda a segurança; se não encontrasse a porta aberta, deveria bater suavemente por três vezes; e, então, ela lha abriria; quando, ao contrário, ele visse a caveira com o focinho virado para a direção de Fiêsole, não deveria ir ter com ela, porque Gianni se encontrava na propriedade.

Procedendo por esta forma, vezes e vezes seguidas os dois amantes se encontraram. Todavia, entre outras vezes, numa delas aconteceu que Frederico desejou jantar com Monna Tessa; por isto, ela mandou preparar dois grandes capões; e deu-se o caso que Gianni, que não devia ir para lá, por lá apareceu, embora muito tarde. A mulher ficou muito aborrecida com a circunstância; ainda assim, ela jantou com ele, seu marido; consistiu o jantar num pouco de carne salgada, que fizera cozer em separado. De outro lado, mandou que a aia

levasse, envoltos numa toalha de mesa branca, os dois capões assados e muitos ovos frescos, afora uma garrafa de bom vinho, a um seu jardim; era lá que ela gostava de jantar em companhia de Frederico, de quando em quando; e a ele se podia ir, sem necessidade de passar pela casa. Recomendou à aia que depositasse aquelas coisas ao pé de um pessegueiro, que ficava ao lado de um relvado.

Era tamanho o aborrecimento que sentia, em face daquele contratempo, que ela não se recordou de dizer, à aia, que lá ficasse à espera, até que Frederico aparecesse, a fim de lhe comunicar que Gianni estava na casa, e que ele deveria retirar-se levando consigo o que ela havia preparado para o jantar de ambos.

Monna Tessa e Gianni foram, depois, para a cama; a aia retirou-se para o próprio quarto. Pouco depois, Frederico apareceu, e bateu uma vez, bem suavemente, na porta. Esta porta ficava tão perto do dormitório do casal, que Gianni imediatamente ouviu as batidas; a mulher também ouviu; mas, a fim de que Gianni nada pudesse suspeitar da parte dela, fingiu que se encontrava dormindo. Poucos minutos após, Frederico bateu uma segunda vez. Gianni espantou-se; cutucou um pouco a esposa e disse:

— Tessa: você está ouvindo o que eu ouço? Parece que alguém está batendo na nossa porta.

A mulher, que havia ouvido tudo ainda melhor do que ele, fingiu estar despertando, e respondeu:

— Que é que você está falando, hein?

— Digo — esclareceu Gianni — que parece que estão batendo na nossa porta.

Disse a mulher:

— Estão batendo? Meu Deus, Gianni! Então você não sabe do que se trata? É o fantasma. O mesmo fantasma de que eu, nestas noites passadas, tive tanto medo. O maior medo da minha vida. Foi tamanho o medo que, quando ouvi bater, meti a cabeça por baixo dos lençóis, e não tive a ousadia de a pôr novamente para fora, a não ser quando se fez dia claro.

Gianni, então, encorajou-a:

— Vamos, mulher! Não tenha medo, se se trata de fantasmas; agora há pouco recitei o *Te lucis* e a *Intemerata*, e muitas outras boas orações; fiz isto quando viemos para a cama; e também marquei a cama, com uma cruz, de canto a canto, no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; assim, nada há a temer; por mais poderes que o fantasma tenha, nenhum mal nos poderá fazer.

Para que Frederico, por sua vez, outra coisa não suspeitasse, e não perturbasse suas relações com ela, Monna Tessa deliberou, resolutamente, sair

da cama e levá-lo a perceber que Gianni estava em casa. E disse ao marido:

— Está muito bem; diga você as suas palavras; eu, quanto a mim, não me considerarei a salvo enquanto não encantarmos esse fantasma, uma vez que você aqui está.

Gianni indagou:

— E como é que se encanta o fantasma?

A mulher explicou:

— Eu sei bem como se faz para encantá-lo; anteontem, quando fui a Fiêsole, para a confissão, encontrei uma daquelas eremitas, que são, meu querido Gianni, a coisa mais santa que por Deus se possa imaginar; ela, vendo-me tão medrosa, me ensinou uma divina oração; afirmou que já a havia provado, antes de se fazer eremita; e que sempre lhe havia valido. Entretanto, bem sabe Deus que eu nunca teria coragem de ir sozinha provar o poder dessa oração; mas, agora, quando você está ao meu lado, quero que tratemos, juntos, de encantar o fantasma.

Gianni respondeu que isso muito lhe agradava. Os dois ergueram-se da cama, dirigindo-se, bem devagarinho, à porta; do lado de fora dessa porta, Frederico, já suspeitando algo, continuava à espera. Ao chegar junto da porta, a mulher disse a Gianni:

— Agora você vai cuspir, quando eu lhe disser.

Gianni concordou:

— Está bem.

A mulher começou a oração, dizendo:

— Fantasma, fantasma, que anda de noite; você veio para cá de rabo em pé; de rabo em pé você se irá daqui. Vá para o horto: ao pé do grande pessegueiro, encontrará algo untado e besuntado, com cem excrementos das minhas galinhas; ponha a boca na garrafa e trate de retirar-se; e não faça mal a mim nem ao meu Gianni.

Depois de dizer isto, ela ordenou ao marido:

— Cuspa, Gianni!

E Gianni cuspiu. Frederico, que estava do lado de fora, e que ouviu todas estas palavras, dissipou os próprios ciúmes, bem como a própria melancolia; teve tanta vontade de rir, que quase explodiu; e, em voz bem baixa, enquanto Gianni cuspia, foi dizendo:

— Os dentes!

Depois de encantar o fantasma por esta forma, três vezes seguidas, a mulher voltou para a cama com o marido. Frederico, que fizera o plano de

jantar com ela, não tinha jantado ainda; mas entendeu perfeitamente o sentido das palavras da oração; e, por isto, rumou para o horto; encontrou, ao pé do pessegueiro, os dois capões, o vinho e os ovos; levou-os para a própria casa; lá, jantou com todo o conforto. Depois, tornando a encontrar-se outras vezes com a mulher, muito se riu, em sua companhia, daquele encantamento de fantasma.

Verdade é que alguns dizem que a mulher bem que tinha virado para o lado de Fiêsole o focinho da caveira de burro; o que aconteceu foi que um trabalhador do campo, passando pelo vinhedo, enfiou um bastão na caveira, suspendendo-a e fazendo-a girar, por brincadeira, em sua extremidade superior; quando o trabalhador a pousou de novo no lugar em que se encontrava, deixou-a com o focinho virado para a direção de Florença; por isto, Frederico, julgando ser chamado, rumou para a casa da mulher. Dizem, igualmente, que a mulher fizera a oração por esta forma:

— Fantasma, fantasma! Trate de ir-se com Deus, que não fui eu que virei a caveira do burro; deve ter sido outra pessoa, e que Deus a torne triste por isso; quanto a mim, eu aqui estou com o meu Gianni.

E concluem assegurando que Frederico dali se retirara, sem abrigo e sem jantar. Mas uma vizinha minha, que é mulher muito idosa, me afirma que uma e outra coisa realmente se deram, de acordo com o que ela havia ouvido dizer, quando moça; observou, porém, que, da última vez, o caso não se deu com Gianni Lotterighi, e sim com um senhor que se chamou Gianni di Nello, que se achava estabelecido à Porta de São Pedro, e que não era menos tolo do que Gianni Lotterighi. Por isto, mulheres minhas queridas, fica ao critério de vocês imaginar qual foi das duas orações que ela proferiu; se quiserem, podem admitir que ela proferiu as duas. Uma e outra possuem enorme virtude para encantamentos de fantasmas e episódios semelhantes, como vocês, por experiência, acabaram de ouvir. Aprendam-nas, que elas ainda lhes poderão ser úteis.

Nota

¹ Prior da confraria leiga dos Laudadores, que cantava as laudes no referido templo.

SEGUNDA NOVELA

Peronella põe o seu amante numa barrica, quando o marido regressa a casa. A barrica, porém, tinha sido anteriormente vendida, pelo marido; este, então, diz que a vendeu a um comprador que irá examiná-la por dentro, para verificar se se encontra em perfeito estado. O amante salta para fora; faz com que o marido raspe o fundo da barrica; depois, manda que a levem para a sua casa.



om muitas risadas foi ouvida a novela de Emília; e a oração dela constante foi por todos considerada boa e santa. Chegando, pois, o fim da referida narrativa, o Rei ordenou que Filóstrato prosseguisse; e ele começou:

— Minhas caríssimas mulheres: são tantas as burlas que os homens — e principalmente os maridos — levam a efeito, contra vocês, que, quando acontece que uma esposa pratica uma burla, contra o respectivo esposo, vocês não deveriam sentir-se apenas contentes pelo fato de isso ocorrer, ou de lhes ser repetido, ou de lhes chegar aos ouvidos; mais do que ficar contentes, vocês deveriam, vocês mesmas, ir contando o caso por toda parte. Assim, os homens ficariam sabendo que, se eles são sabidos, as mulheres, por seu lado, também são sabidas. Isto só lhes poderia ser útil, porque, quando alguém sabe que os outros sabem, esse alguém não se mete a querer muito facilmente enganar os outros. Ninguém duvida, pois, que o tema, em torno do qual hoje novelaremos, seja bem conhecido pelos homens. E é certo que a causa principal do comedimento dos maridos, na tarefa de burlar suas mulheres, está precisamente na circunstância de eles saberem que, da mesma forma, se as mulheres quiserem, poderão burlá-los. Minha intenção é, pois, a de lhes contar o que uma jovem — embora de baixa condição social — fez ao seu marido, para salvar a si mesma.

Não faz ainda muito tempo, desde quando, em Nápoles, um homem pobre tomou para esposa uma linda e fascinante mocinha, chamada Peronella. Ele, com o seu ofício, que era o de pedreiro, e ela fiando, ganhavam muito

modestamente o próprio sustento; assim, conduziam a vida da melhor forma que podiam.

Aconteceu que um moço, dos elegantes, vendo, um dia, esta Peronella, notou que o seu tipo muito lhe agradava, e por ela se apaixonou; assediou-a, depois, por tal forma, desta e daquela maneira, que, afinal, entrou em relações de intimidade com ela. E, para que pudessem encontrar-se a sós, os dois resolveram o seguinte: como o marido dela tinha o costume de se levantar da cama, todas as manhãs, bem cedo, a fim de ir trabalhar, ou de ir procurar trabalho, o moço elegante deveria postar-se, àquela hora, em lugar de onde pudesse ver o marido sair. Como o condado, que se chama Avorio, é muito solitário, o moço poderia, assim, entrar na casa de Peronella. Muitas vezes os dois amantes procederam de acordo com este plano.

Contudo, entre outras manhãs, uma houve em que o bom homem do marido saiu; Giannello Scignario (que era como o moço elegante se chamava) entrou na casa; deitou-se com Peronella; mas, depois de pouco tempo, o marido, que não tinha o hábito de voltar logo para casa, naquele dia voltou; encontrando a porta fechada por dentro, bateu; e, depois de bater, começou a dizer de si para consigo:

— Oh! Deus seja louvado, porque, embora me haja feito pobre, pelo menos me consolou dando por esposa uma jovem bondosa e honesta. Veja como ela não tardou a fechar a porta por dentro, logo depois da minha saída; e fechou-a para que ninguém pudesse entrar e ir causar-lhe aborrecimentos.

Peronella reconheceu a presença do marido, pelo modo de ele bater na porta; e disse:

— Meu Deus! Giannello querido! Estou morta. Aí está meu marido, que Deus o atormente! Ele voltou, e eu não sei o que isto quer dizer, pois ele nunca volta para casa a esta hora. Talvez o tenha visto, quando você entrou. Mas, por amor de Deus, seja lá como for, trate de esconder-se dentro dessa barrica que aí está; eu irei abrir a porta; veremos, então, o que quer dizer isto de ele voltar tão cedo, esta manhã, para casa.

Giannello entrou prontamente na grande barrica; Peronella foi até a porta; abriu-a ao marido e, com fisionomia carrancuda, disse:

— Ora! Que novidade é esta, de você voltar tão cedo para casa? Pelo que vejo, você hoje não quer fazer coisa alguma; do contrário, não voltaria com suas ferramentas na mão; e, se você se porta dessa maneira, de que é que iremos viver? Onde iremos nós buscar o pão? Pensa você que vou tolerar que você empenhe a minha anágua e as minhas outras roupinhas? Eu não faço mais do

que fiar o dia todo e a noite toda; tenho trabalhado tanto, que a carne já se me descolou da unha; e tudo isso para podermos ter óleo que faça arder a nossa lâmpada. E você não quer trabalhar? Pois olhe, meu marido: não há vizinha que não se admire e que não zombe de mim, por eu trabalhar desta maneira. E você volta para casa com as mãos a abanar, quando o que devia era estar trabalhando?!

Depois de dizer isto, a mulher começou a chorar e a resmungar novamente:

— Ai de mim! Infeliz de mim! Desgraçada de mim! Em que má hora nasci eu! Em que lugar vim eu ao mundo! Eu, que teria podido escolher um jovem de bem, e que não o quis, apenas para dar preferência a este marido que não pensa na mulher que levou para a sua casa! As outras esposas gozam a vida, com os seus amantes; não há uma delas que não tenha dois, e até três amantes. E gozam a vida. E fazem com que os maridos aceitem a lua pelo sol. E eu, infeliz de mim! Só porque sou bondosa, e porque não me entrego a essas novidades, não tenho sorte. Eu até nem sei mais por que é que não arranjo alguns amantes, como fazem as outras. Trate de entender bem as coisas, meu marido; se eu quisesse praticar o mal, bem que eu encontraria com quem; muitos moços elegantes existem por aí, que me amam, que me querem bem, e que já me mandaram oferecer muito dinheiro, e perguntar se o que eu mais quero são roupas, ou joias. Entretanto, nunca cedi, porque nunca fui filha de mulher que fizesse semelhante coisa. E pensar que você volta para casa quando deveria estar trabalhando!

O marido, então, disse:

— Olhe cá, mulher! Não se aborreça! Pelo amor de Deus! Você deve crer que eu sei quem você é; pois ainda esta manhã eu tive nova prova disso. É verdade que eu saí, a fim de trabalhar; mas você mostra que não o sabe, como, de resto, eu mesmo não o sabia: hoje é dia festivo dedicado a São Galeão; por isto, não se trabalha; em consequência, voltei para casa a esta hora. Não obstante, tomei providências e encontrei a maneira de termos o nosso pão por mais de um mês; eu vendi, a este homem que você vê aqui comigo, aquela barrica que, como você sabe muito bem, há muito tempo, vem atravancando a nossa casa; ele dá, por ela, cinco liriados.¹

Então, Peronella comentou:

— Tudo isto é a causa da minha tortura: pois você, que é homem, e anda por aí, e deve saber como são as coisas deste mundo, vendeu uma barrica por cinco liriados; entretanto, eu, que sou uma mocinha que nunca saiu da porta

para fora, vendo o atravancamento que ela representava, vendi a mesma talha por sete liriados a um homem que, assim que você voltou para casa, entrou dentro dela, para ver se estava em perfeito estado.

Ao ouvir isto, o marido sentiu-se mais do que contente; e disse, ao homem que havia chegado em sua companhia:

— Homem bondoso, retire-se com Deus; pois você está ouvindo que minha mulher vendeu a barrica por sete liriados, ao passo que você não me daria por ela mais do que cinco.

O bondoso homem respondeu:

— Em boa hora o faço!

E retirou-se. Então, Peronella pediu ao marido:

— Uma vez que você está em casa, vamos para lá. Trate com aquele comprador dos nossos negócios.

Giannello, que se mantinha de ouvidos alertas, para ver se tinha de temer alguma coisa, ou de tomar alguma providência, bem que ouviu as palavras de Peronella; pulou, prontamente, para fora da talha; e, como se nada houvesse percebido quanto à volta do marido para casa, começou a dizer:

— Onde é que a senhora está, bondosa mulher?

Ao que o marido, que já se aproximava, respondeu:

— Aqui estou. Que é que deseja?

Giannello indagou:

— Quem é você? Quero falar com a mulher com a qual tratei a compra desta barrica.

O bondoso marido explicou:

— Fale com segurança, porque eu sou marido dela.

Então, Giannello comentou:

— A barrica parece-me em boas condições; afigura-se, porém, que vocês hajam posto escórias dentro dela; pois ela está toda suja de não sei o quê, muito seco, que não consigo descascar com as unhas; assim, não quero levar a barrica, enquanto ela não me for apresentada bem limpa.

Peronella interferiu:

— Não. Não há de ser por isso que vamos desfazer o negócio. Meu marido limpará tudo.

E o marido confirmou:

— Está bem.

O bondoso marido pôs as ferramentas no chão; despiu o camisolão de trabalho; pediu, à mulher, que lhe desse um lume e uma raspadeira; entrou na

barrica; e começou a raspar-lhe o fundo e as paredes. Petronella, como se quisesse ver o que ele fazia, meteu a cabeça pela boca da barrica adentro; a barrica, aliás, não era muito grande; mas a mulher, além da cabeça, introduziu nela também um braço e um dos ombros, dizendo:

— Raspe aqui... e ali... e também lá... e... olhe que aqui ficou uma casquinha.

Enquanto a mulher se mantinha naquela posição, e dava indicações ao marido, que se achava dentro da barrica, Giannello se conservava de lado; lembrando-se, porém, de que, naquela manhã, ainda não havia satisfeito o seu desejo, porque o marido da sua amásia chegou antes, e vendo que, já agora, não lhe seria possível voltar à cama, para fazer o que ambicionava, achou que o melhor seria aproveitar a ocasião na medida do possível. Assim, encostou-se bem à mulher que, com o seu corpo, tapava a boca toda da barrica, de modo que o marido, de lá de dentro, nada podia ver daquilo que se passava do lado de fora; e, naquela posição que, nos grandes campos, os cavalos desenfreados, impelidos pelo amor, assaltam as éguas de Pártia,² pôs em prática os seus propósitos; este ato se completou praticamente no mesmo instante em que a barrica acabou de ser raspada; assim, Giannello desencostou-se do corpo da mulher; Peronella retirou a cabeça de dentro da barrica; e o marido saiu da mesma barrica. Então, Peronella disse a Giannello:

— Tome este lume, bondoso homem, e verifique se a barrica está limpa a seu gosto.

Giannello examinou o interior da barrica; disse que tudo estava bem, e que se sentia contente; deu, ao marido, os sete liriados; e mandou que lhe levassem a barrica para casa.

Notas

¹ Era a denominação popular do florim de ouro, que, numa de suas faces, ostentava o lírio heráldico de Florença.

² País da Antiguidade, situado a sudeste do mar Cáspio e a leste da Média. Este reino existiu cerca de 250 anos antes de Cristo até cerca do ano 190 da era cristã. Seus habitantes eram citas; possuíam exército composto principalmente de corpos de cavalaria. Foram derrotados, afinal, pelos romanos.

TERCEIRA NOVELA

O frade Rinaldo deita-se com a comadre; o marido encontra-o na alcova com ela; e ela e o frade fazem-no crer que estavam encantando os vermes do afilhado.



ilóstrato não soube falar veladamente das éguas párticas, de modo que não conseguiu evitar que as mulheres rissem, embora fingindo que estivessem rindo de outra coisa. Quando, porém, o Rei notou que a sua novela estava concluída, deu ordem para que Elisa continuasse a novelar; e Elisa, disposta a obedecer, começou:

— Prazerosas mulheres: o encantamento do fantasma de Emília fez-me voltar à memória a narrativa de uma outra encantação que, embora não seja tão bonita como a já contada, vou contar agora, principalmente porque não me ocorre outra que se prenda ao tema do dia de hoje.

Vocês devem saber que, em Siena, viveu, em outro tempo, um moço muito elegante, de família muito distinta, e que se chamou Rinaldo; ele amou infinitamente uma sua vizinha, que era mulher muito bonita, e, ademais, mulher de um rico homem; esperava, pois, encontrar a maneira de poder falar com ela, sem despertar suspeitas, com o propósito de obter, dela, tudo quanto desejava; não encontrando maneira alguma, e estando a mulher grávida, o moço pensou, então, em tornar-se seu compadre; aproximou-se, conseqüentemente, do marido dela, pela forma que mais normal e correta se lhe afigurou, e revelou-lhe a sua intenção; e assim se fez.

Uma vez que Rinaldo se tornou compadre da sra. Agnes, passou a ter motivos mais legítimos para falar com ela; revelou-lhe, pois, as suas intenções, por meio de palavras, notificando-a de que a havia conhecido muito antes, por ato e obra dos próprios olhos. A mulher não se sentiu desagradada, ao ouvir a revelação; mas isto de muito pouco valeu a Rinaldo.

Pouco tempo após, aconteceu, entretanto, fosse lá por que motivo fosse, que o jovem se tornou frade; e, conquanto ele encontrasse boa pastagem, nem

por isso deixou de perseverar na sua intenção. É verdade que, nos tempos em que se fez frade, o moço pôs de lado o amor que nutria para com a sua comadre; de lado também ele pôs algumas outras das suas vaidades; não obstante, com o correr do tempo, sem deixar o hábito religioso, retomou as inclinações anteriores; começou a deleitar-se novamente com o aparecimento em público, com o vestir-se de boas roupas e com o mostrar-se metucioso em todas as suas coisas, bem como acentuadamente elegante em suas maneiras. Voltou, igualmente, a fazer canções, sonetos e baladas, e também a cantar. Encheu-se de coisas semelhantes a estas. Mas, que é que eu estou dizendo do nosso frade Rinaldo, de que estamos falando? Quais são os frades que deixam de fazer o mesmo?

Ah! Vitupério deste mundo arruinado! Esses frades não se envergonham de aparecer gordos, de aparecer com rostos corados, de aparecer efeminados em suas roupas e em todas as suas coisas; e eles não o fazem como as pombas, e sim como procedem os galos cheios de empáfia, de crista erguida e peito empolado; e isto é ainda pior. Deixemos de lado a circunstância de eles terem suas celas repletas de frascos, de pomadas e de unguentos; nelas abundam as caixinhas cheias de doces, as ampolas e as pequenas garrafas contendo águas cheirosas e óleos aromáticos; abundam os garrafões de malvasia, de vinhos gregos, bem como de outros vinhos; tanto é assim que tais celas nem parecem mais celas de frades, e sim lojas de especiarias, ou casa de unguentários, àqueles que as contemplam. Os frades não se envergonham do fato de os outros saberem que eles são gotosos; acreditam que os outros não sabem que os jejuns frequentes, as viandas pesadas e escassas, e o viver sóbrio, fazem os homens magros e delgados, e, na maioria dos casos, sãos. Em todo caso, quando fazem também homens enfermos, não é de gota que os adoecem; aos gotosos, dão-se, para remédio, a castidade e todas as outras coisas que fazem parte da vida verdadeira de todo frade modesto e penitente. Pensam os frades que os outros ignoram que a vida de passadio moderado, as longas vigílias, as orações e as disciplinas tendem a tornar os homens pálidos e aflitos; parece que eles não percebem que os outros têm conhecimento de que nem São Domingos nem São Francisco possuíam quatro capas para cada qual, como também não faziam uso de roupas finas nem de outros tecidos delicados; ao contrário, davam preferência às fazendas grossas, de cor natural, destinadas a oferecer proteção contra o frio, e não a proporcionar elegância de aspecto. À proteção contra o frio, Deus oferecia recursos, como facilitava alimentos às almas dos simples, que precisam ser nutridos.

Assim, pois, o frade Rinaldo regressou aos seus primeiros apetites; voltou a visitar frequentemente a sua comadre; como havia ganho em audácia, passou a proceder com mais insistência do que antes; e tratou de solicitar, dela, aquilo que ele realmente desejava que ela lhe concedesse. A bondosa mulher, vendo-se requisitada com tamanha instância, e achando que o frade Rinaldo se afigurava muito mais belo do que antes, recorreu ao processo de que todas as mulheres fazem uso, quando têm vontade de conceder aquilo que lhes pedem; num dia em que foi extremamente assediada por ele, disse:

— Mas como, frade Rinaldo? Pois então os frades fazem essas coisas?

Ao que o frade respondeu:

— Senhora: na hora em que eu despir este hábito, que costume envergar muito comodamente, surgirei aos seus olhos como um homem feito à maneira dos outros homens, e não mais à maneira de frade.

A mulher fez boca de quem vai rir, e exclamou:

— Pobre de mim! O senhor é meu compadre; como é que uma coisa destas poderia dar-se? Isso representaria um mal muito grave; e já ouvi dizer, muitas vezes, que semelhante ato é pecado muito grande. E não há dúvida de que, se não fosse pecado, bem que eu faria o que o senhor deseja.

A isto, o frade Rinaldo observou:

— A senhora será tola, se proceder por essa forma. Eu não digo que não seja pecado; mas pecados muito maiores Deus perdoa, a quem se arrepende. Em todo caso, diga-me uma coisa: quem é mais pai de seu filho: eu, que o levei à pia batismal, ou o seu marido, que o gerou?

A mulher respondeu:

— Meu marido é mais pai de meu filho.

— A senhora diz a verdade — confirmou o frade. — E seu marido não se deita com você?

— Naturalmente que sim — afirmou a mulher.

— Então — concluiu o frade — eu, que sou menos pai de seu filho do que o seu marido, também devo poder deitar-me com você, como faz o seu marido.

A mulher, que não entendia de lógica, e que não precisava de mais do que um empurrãozinho para ceder, ou acreditou, ou fingiu acreditar que o frade estivesse dizendo a verdade. Então exclamou:

— Quem é que saberia responder às suas palavras?

Logo depois, não obstante o vínculo de compadrice, ela concordou em satisfazer os anseios do religioso. E não foi só uma vez que os dois se

satisfizeram; sob a capa do compadresco, sentiram-se bem mais à vontade, pois, assim, as suspeitas dos outros eram menores; conseqüentemente, muitas e muitas vezes os dois se encontraram.

Entre outras vezes, porém, aconteceu que o frade Rinaldo chegou à casa da mulher; viu que ninguém se achava ali, afora uma criadinha da família; a criadinha era muito bonita e bem agradavelzinha; o frade mandou que o seu companheiro fosse com ela para perto do pombal, a fim de lhe ensinar o padre-nosso; e ele, em companhia da mulher, que conduzia o filhinho pela mão, entrou no dormitório; lá dentro, sentaram-se numa pequena cama; e começaram a acariciar-se reciprocamente.

Como se demoravam nesta situação, aconteceu que deram tempo para que o compadre voltasse à própria casa; este compadre, sem ser notado por ninguém, se aproximou da porta da alcova e bateu, chamando a mulher. A sra. Agnes, ouvindo isto, exclamou:

— Estou morta! Meu marido chegou! Agora, ele vai perceber qual era o motivo da nossa amizade.

O frade Rinaldo estava despido, isto é, sem o hábito e sem o escapulário; encontrava-se em camisa. Ao ouvir tudo isto, ele falou:

— Você está dizendo a verdade. Se, ao menos, eu estivesse vestido, algum modo haveria para sairmos desta enrascada. Mas, se você abrir a porta, e ele me vir nestas condições, nenhuma desculpa poderá ser dada.

A mulher, auxiliada por uma súbita ideia, recomendou:

— Trate de vestir-se; e, uma vez vestido, tome nos braços o seu afilhado; ouça bem o que eu vou dizer ao meu marido, para que, depois, as palavras que você proferir concordem com as minhas; e deixe o caso comigo.

O bondoso homem ainda não havia acabado de bater outra vez, quando a mulher exclamou:

— Já vou abrir.

Ela ergueu-se; com fisionomia tranquila, foi para a porta do quarto; abriu-a; e disse:

— Meu caro marido. Digo-lhe que o frade Rinaldo, nosso compadre, veio à nossa casa, e que foi Deus quem o mandou; por certo, se ele não houvesse vindo, nós teríamos perdido, hoje, o nosso filho.

Quando o tolo santarrão ouviu isto, desconcertou-se todo e exclamou:

— Mas como?

— Olhe, marido meu — explicou a mulher —, o nosso filho teve, agora há pouco, de repente, um desmaio, que eu até pensei que estivesse morto; eu já

não sabia o que fazer nem o que dizer. Nessa altura, apareceu o frade Rinaldo; ele tomou o nosso filho nos braços; e disse: “Comadre: isto são vermes que o pirralho tem no corpo; os vermes estão aproximando-se do seu coração; e facilmente o poderiam matar; contudo, não tenha medo, porque eu encantarei os vermes, e os farei morrer a todos; antes de eu me retirar daqui, a senhora tornará a ver o seu filho tão cheio de saúde como acredito que jamais o viu.” Como era preciso que você, meu marido, proferisse determinadas orações, e como a criadinha não conseguiu descobrir onde você se encontrava, ele mandou que o seu companheiro proferisse aquelas orações, no ponto mais alto da nossa casa; depois, o frade Rinaldo e eu entramos neste quarto e visto que nenhuma outra mulher, a não ser a mãe do menino, pode servir para tais funções, nós nos fechamos aqui, a fim de que os outros não se intrometessem. Ainda neste momento, o frade está com o nosso filho nos braços; parece-me que ele está apenas esperando que o seu companheiro termine de dizer as orações; tudo o mais está feito, pois o menino já voltou a si, belo e formoso.

O marido, tolo santarrão, acreditou nestas coisas; e tanto o perturbou a afeição que nutria para com o filhinho que não teve espírito para notar o engano praticado pela mulher; ao contrário: emitindo um grande suspiro, disse:

— Eu quero ir ver.

A mulher fê-lo observar:

— Você não deve ir, porque, então, estragaria tudo o que foi feito; espere um pouco: vou ver se você já pode entrar; depois o chamarei.

O frade Rinaldo, que conseguira ouvir tudo, e que, a esse tempo, já se havia vestido com toda a comodidade, dispôs todas as coisas a seu gosto; retomou o afilhado nos braços; e chamou:

— Oh! Comadre! Não é o compadre que me parece estar presente aí fora?

O bobão respondeu:

— Sim, meu senhor.

— Então — ordenou o frade — venha cá.

O bobão foi para lá; e o frade Rinaldo lhe disse:

— Tome lá, de novo, o seu filho, que está são pela graça de Deus; faz muito pouco tempo, cheguei a pensar que você não o tornaria a ver vivo. Agora, você deve mandar acender uma estátua de cera, da grandeza do garoto, em louvor de Deus, em frente à figura do Senhor Santo Ambrósio, pois foi pelos méritos deste santo que Deus fez a graça.

O menino, vendo o pai, correu-lhe ao encontro, fazendo-lhe muitas festas, como é costume das crianças. O pai, tomando-o nos braços, e chorando

como se houvesse acabado de o retirar do túmulo, começou a beijá-lo, bem como a formular agradecimentos ao frade seu compadre, que lhe havia curado o filhinho.

O companheiro do frade Rinaldo, que não somente um padre-nosso, mas talvez mais de quatro, havia ensinado à criadinha, deu-lhe uma pequena bolsa de fio torcido, de cor branca, que uma monja lhe tinha oferecido; assim, o companheiro do frade fez com que a criadinha se tornasse sua devota. Quando ouviu o marido bobão chamar a mulher, que então ainda se achava dentro do quarto, quietamente se dirigiu para um lugar de onde podia ver e ouvir o que se passava; notando que as coisas estavam em bons termos, desceu ao andar térreo; entrou na alcova; e disse:

— Frade Rinaldo: aquelas quatro orações, que o senhor me ordenou, já foram ditas.

Ao que o frade Rinaldo comentou:

— Meu irmão: você tem boa alma e fez muito bem. De mim para comigo, estou em que, quando o meu compadre chegou, não havia dito mais do que duas; mas Deus Nosso Senhor, juntando o seu esforço ao meu, nos fez a graça de curar o menino.

O marido santarrão mandou servir bons vinhos e confeitos, prestando homenagem ao frade e ao companheiro deste; afinal, era daquilo que eles tinham necessidade, mais do que de qualquer outra coisa. Depois, saiu de casa, na companhia deles, e despediu-se, recomendando-os a Deus. Sem perda de tempo, mandou fazer uma imagem de cera; ordenou que a dependurassem, com as outras, diante da figura de Santo Ambrósio — mas não do Santo Ambrósio de Milão.

QUARTA NOVELA

Certa noite, Tofano fecha a porta, deixando a esposa fora de casa. A esposa, não podendo entrar, por meio de rogos, finge atirar-se a um poço, jogando, no poço, em seu lugar, uma pedra. Tofano sai de casa e corre para o poço; ela, então, entra em casa, fecha a porta, deixando-o ao relento; e acaba repreendendo-o e vituperando-o.



Rei, ao observar que a novela de Elisa estava no fim, voltou-se, sem demora, para Laurinha, manifestando que lhe agradaria que ela falasse; por esta razão, ela, sem delonga, assim começou:

— Oh, Amor! Quantas e quais são as suas forças! Quantos os seus conselhos e quantas as suas espertezas! Que filósofo, que artista teria podido, ou poderia, pôr em prática aquelas argúcias, aquelas ladinezas, aquelas demonstrações, que você inspira, de súbito, a quem segue os seus ditames? Não há dúvida que a iniciativa de qualquer outra entidade é lenta, em confronto com a sua, como muito bem se poderá verificar e compreender por meio das coisas até agora narradas. A essas coisas, mulheres amorosas, acrescentarei um ardil adotado por uma mulher simplória; é um ardil de tal ordem, que eu não sei quem o poderia inspirar, a não ser o Amor.

Existiu, pois, outrora, em Arezzo, um rico homem, que se chamava Tofano. A este homem, deu-se, por esposa, uma mulher belíssima, cujo nome foi Monna Guita; desta mulher, ele, sem saber o porquê, logo se tornou ciumento. A mulher, observando esta circunstância, sentiu desdém; muitas vezes lhe perguntou pelo motivo dos seus ciúmes; ele, porém, nunca soube indicar motivo algum, a não ser os de ordem geral e de má índole; assim deu, na ideia da mulher, que seria de bom aviso fazer o marido morrer do mal de que, sem razão, tinha medo.

A esposa percebeu que um moço, de muito boa situação social, ao que ela presumia, andava namorando-a; e, discretamente, começou a entender-se com ele. Entre ele e ela, as coisas se adiantaram tanto, que, um dia, nada mais faltava

do que pôr em efeito, com os atos, as palavras. A esposa pensou também na maneira de tornar isto possível. Ela notara, entre os maus costumes do marido, que ele gostava muito de entregar-se a bebidas; assim, não somente tratou de o estimular, mas também, manhosamente, passou a dar-lhe frequentemente de beber. Tanto insistiu ela nisto que, quase todas as vezes que ela queria, o conduzia até ao grau de o embriagar. Quando o via positivamente ébrio, punha-o a dormir; procedeu assim da primeira vez em que se encontrou com o amante; e, procedendo assim, com ele se encontrou muitas outras vezes.

Com o correr do tempo, a mulher adquiriu tamanha confiança na embriaguez do marido, que não somente passou a ter a audácia de levar o amante para a sua própria casa, como também, várias vezes, se decidiu a ir transcorrer grande parte da noite na casa dele, que não ficava muito longe. A mulher apaixonada prosseguiu agindo desta maneira; e aconteceu que, aos poucos, o marido começou a notar que ela, embora o estimulasse sempre a beber cada vez mais, nunca bebia coisa alguma. Isto bastou para ele alimentar suspeitas de que nem tudo se passava como presumia; era possível, pensou ele, que a mulher o embebedasse, para poder fazer o que melhor entendesse enquanto ele dormia.

Desejando obter provas disto, no caso de as coisas correrem por esta forma, passou um dia inteiro sem beber; à tarde, porém, também sem beber, fingiu estar mais bêbado do que nunca; e manifestou o seu estado de borracho, tanto no falar como nas maneiras. A mulher acreditou no que viu; achou que não era preciso que o marido bebesse mais, para dormir tão bem como das outras vezes; e colocou-o prontamente na cama. Depois disto, saiu de casa, como tinha o gosto de fazer de quando em quando; rumou para a casa do amante; e, ali, demorou-se até à meia-noite.

Tofano ergueu-se, assim que percebeu a saída da mulher; foi até à porta da casa; fechou-a por dentro; e pôs-se à janela, a fim de ver a mulher voltar para casa, e de lhe tornar manifesto que já se encontrava bem esclarecido quanto às maneiras por ela usadas. Tofano tanto ficou à janela, que, em certa hora, a mulher voltou; ela, regressando à sua residência, encontrou a porta fechada; ficou profundamente sentida com isso, e procurou ver se, com emprego da força, conseguiria abri-la. Tofano contemplou todas estas tentativas; e, por fim, disse:

— Mulher: você se cansa em vão, porque você não poderá mais voltar para dentro desta casa; retire-se; volte para onde esteve até esta hora adiantada da noite; e fique certa de que para cá não voltará nunca, enquanto eu não lhe

prestar as honras que lhe cabem, por este seu ato, em presença dos seus parentes e dos vizinhos.

A mulher começou a suplicar-lhe pelo amor de Deus, para que lhe fizesse o favor de abrir a porta; afirmou que não estivera onde ele pensava; ao contrário, fizera vigília, em companhia de uma sua vizinha, por serem longas as noites, bem como por ela não conseguir dormir as noites todas nem fazer vigília sozinha. De nada valeram as súplicas; o imbecil do marido estava efetivamente disposto a fazer com que todos os aretinos tivessem conhecimento da vergonha do seu lar, vergonha esta de que, até então, nada se sabia. A mulher, notando que a súplica não adiantava, recorreu à ameaça; e disse:

— Se você não abre a porta, farei de você o homem mais triste dentre os homens vivos.

Ao que Tofano indagou:

— E o que é que você pode me fazer?

A mulher, cuja esperteza o Amor havia aguçado com os seus conselhos, respondeu:

— Antes que eu sofra a vergonha que você quer injustamente impor-me, atirar-me-ei ao fundo deste poço que está aqui perto; quando eu for encontrada morta dentro dele, ninguém acreditará que outra pessoa me tenha atirado ali, a não ser você, por embriaguez; assim, ou você terá que fugir, perdendo o que possui e vivendo fora do alcance da justiça, ou a sua cabeça será cortada, pelo crime de ser o autor da minha morte, como na verdade virá a ser.

Estas palavras não afastaram Tofano da sua estúpida decisão. Por isto, a mulher acrescentou:

— Bem. Não suporto mais esta sua velhacaria. Deus que o perdoe; mande recolocar no seu lugar esta roca que aqui deixo.

A noite estava tão escura que mal uma pessoa conseguia ver outra na rua. A mulher, depois de falar daquela maneira, encaminhou-se para o poço; pegou uma enorme pedra que havia perto do poço e, gritando “Deus me perdoe”, deixou a pedra cair dentro do poço. A pedra, ao chegar ao fundo, na água, produziu grande barulho; Tofano ouviu este barulho; e, por ouvi-lo, acreditou, firmemente, que a mulher se houvesse atirado ao poço. Em consequência, Tofano tomou do balde e da corda; saiu rapidamente de sua casa; e correu ao poço, a fim de retirar a mulher de lá. A mulher, que se havia escondido junto da porta da casa, assim que viu o marido sair correndo para o poço, entrou em casa, fechou, por sua vez a porta por dentro e foi colocar-se à janela, de onde começou a falar:

— Põe-se água no vinho na hora em que os outros o bebem, e não depois, durante a noite.

Tofano, ao ouvir a voz da mulher, considerou-se ludibriado; e voltou à porta de sua casa; como a porta estava fechada, e ele não podia entrar, pediu, à mulher, que a abrisse. Ela, porém, deixando de lado o falar baixinho, de que até então fizera uso, começou a clamar:

— Pela cruz de Deus, bêbado nojento! Você não entrará esta noite nesta casa; eu não posso suportar mais estes seus hábitos; é preciso que eu faça toda a gente ver quem você é, e a que horas da noite você volta para casa.

Tofano, do outro lado, muito zangado, começou a proferir impropérios e a gritar. Os vizinhos, ouvindo aquela barulheira, ergueram-se da cama; homens e mulheres assomaram às janelas, perguntando o que tinha acontecido. Então, a mulher, chorando, começou a explicar:

— É este homem delinquente, que todas as noites volta embriagado para casa, ou adormece nas tabernas, e depois volta a esta hora; já faz muito tempo que suporto semelhante coisa, sem vantagem alguma; como não posso mais suportá-la, resolvi submeter esse homem a esta vergonha, deixando-o trancado do lado de fora da casa, a fim de verificar se ele decide ou não decide emendar-se.

Tofano, imbecil, tentava explicar, de outra banda, como o fato se havia desenrolado; e proferia ameaças em voz muito alta. Mas a mulher, dirigindo-se aos seus vizinhos, dizia:

— Vejam só que homem que ele é! Que é que os senhores diriam, se eu fosse encontrada na rua, como ele se acha agora, e se ele estivesse em casa, como eu estou? Pela minha fé em Deus, duvido que os senhores deixassem de acreditar nas palavras que ele diria. Por aí, os senhores bem podem aquilatar o mau gênio desse homem. Ele afirma que eu fiz exatamente o que é evidente que foi ele quem fez. Esse homem pensou que conseguiria assustar-me, atirando não sei o quê no poço; mas quisesse Deus que ele se atirasse de uma vez, e lá se afogasse! Desse modo, o vinho, que ele tem bebido em demasia, se misturaria muito bem com a água.

Os vizinhos, homens e mulheres, começaram todos a censurar o procedimento de Tofano, atribuindo a ele toda a culpa, e proferindo repreensões pelo que ele clamava contra a esposa. Dentro de pouco tempo, a barulheira correu por tal forma, de vizinho em vizinho, que chegou até aos ouvidos dos parentes da mulher; estes parentes acorreram à casa de Tofano; ouviram informações prestadas ora por este, ora por aquele dos vizinhos; e,

depois, agarraram Tofano, aplicando-lhe uma surra memorável, que lhe deixou o corpo todo moído. A seguir, os parentes entraram na casa; tomaram as coisas da esposa, e, em companhia da mesma esposa, se retiraram para a casa deles próprios, ameaçando Tofano de lhe fazerem coisa ainda pior.

Tofano viu-se em maus lençóis; percebeu a embrulhada a que o ciúme o havia conduzido; como tinha alguns amigos, que se dispuseram a servir de intermediários, conseguiu, em boa paz, reaver a mulher, à qual, na verdade, queria todo o bem deste mundo; prometeu-lhe nunca mais manifestar seus ciúmes; além disto, deu-lhe permissão para que ela fizesse o que bem entendesse, contanto que o fizesse tão habilmente, que ele nada viesse a perceber. Assim, à maneira de vilão louco, depois de causar dano, entrou em entendimento. E viva o Amor; morra o vintém; viva todo o nosso grupo!

QUINTA NOVELA

Um indivíduo ciumento, disfarçado de padre, procede à confissão da própria esposa; ela dá-lhe a entender que ama um padre que vai ter com ela todas as noites; e, enquanto o ciumento, às ocultas, monta guarda à porta de sua casa, ela faz descer, do telhado, um seu amante e com ele se entretém.



aurinha pusera fim à sua narrativa. Depois de cada qual louvar a mulher, dizendo que ela muito bem havia feito em agir por aquela forma, em relação ao mau marido, o Rei, para não perder tempo, dirigiu-se a Fiammetta; com modos agradáveis, atribuiu-lhe o encargo de prosseguir novelando; e, por esta razão, ela assim começou:

— Nobres mulheres: a novela precedente me induz a narrar, semelhantemente, o caso de um ciumento; pois considero que é bem feito o que as esposas dos ciumentos lhes fazem, principalmente quando eles se enciumam sem razão. Se os que fazem as leis levassem em consideração todas as coisas, penso que, quanto a isto, eles não cominariam, às mulheres, pena diversa daquela que cominam à pessoa que ofende outra defendendo a si mesma; os ciumentos são as insídias da vida das mulheres jovens; são os diligentíssimos provocadores da morte delas. As esposas ficam, a semana inteira, fechadas em casa; tratam de todos os afazeres familiares e domésticos; desejam, depois, como todas desejam, ter, no dia de folga, algum consolo e alguma paz. Querem, igualmente, alguma recreação, como a têm os trabalhadores do campo, os artesãos da cidade e os regedores dos tribunais.

Foi assim que Deus fez, porquanto Ele, no sétimo dia de todos os Seus trabalhos, repousou. É assim, também, que mandam as leis santas e civis, as quais, levando em consideração a honra de Deus e o bem comum, fazem distinção entre os dias de trabalho e aqueles de descanso.

Neste repouso e nestas compensações, os ciumentos não consentem; até, ao contrário, tornam, às respectivas esposas, ainda mais soturnos os dias que às

outras mulheres são os mais agradáveis; nesses dias, conservam-nas ainda mais fechadas, mais rigorosamente observadas, fazendo-as infelizes e lamurientas; somente as mulheres que já provaram essa circunstância é que sabem quanto isso concorre para destruir a vida das pobres perseguidas. Concluindo: o que uma esposa faz, mesmo sem razão, a um marido ciumento, não deveria ser condenado, e sim louvado.

Existiu, pois, em Rímini, um mercador muito rico, tanto de propriedades como de dinheiro. Possuindo, na qualidade de esposa, uma linda mulher, ele tornou-se desmesuradamente ciumento; mas não tinha, para isso, razão alguma, afora esta: como ele muito a amava, muito bonita a considerava, e bem sabia quanto ela se esforçava para o agradar, passou a achar que todos os homens a amavam, que todos a consideravam bonita, e que ela a todos se esforçava por agradar. Enciumado por esta forma, vigiava-a tanto e mantinha-a por tal maneira controlada que bem se pode dizer que muitos prisioneiros condenados à pena capital não são conservados sob tão rigorosa guarda. Deixemos de lado o caso de a mulher não poder ir a um casamento, a uma festa, ou a uma igreja, e mesmo de não poder, de forma alguma, pôr os pés fora de casa; a verdade é que ela não podia sequer assomar a uma janela nem lançar olhares para fora da casa, por motivo algum deste mundo.

Nestas condições, a vida dessa esposa era péssima; e ela tanto menos paciente se mostrava, não tolerando semelhante imposição, quanto mais se sentia inocente. Assim, vendo que sem razão concreta o marido lhe fazia tal injúria, resolveu, para consolo de si mesma, encontrar um meio — se isso fosse possível — de tornar justificada aquela mesma injúria. Visto, porém, que não podia assomar à janela, e que, portanto, ela não podia mostrar-se contente com o amor de alguém que, pela sua casa passando, o manifestasse, achou que tinha de proceder por outra maneira. Ficou sabendo que, na casa contígua à sua, vivia um jovem, bonito e maneiroso; e pensou que, se houvesse, na parede que dividia a sua casa da dele, um orifício, ela poderia espiar, por ali, tantas e tantas vezes, que um dia veria o moço em condições de poder falar-lhe; assim daria ao moço o seu amor, desde que ele o quisesse receber; e, se houvesse possibilidade, bem que gostaria de encontrar-se a sós com ele, uma ou outra vez. Por esta forma, ela conseguiria ir vivendo a sua vida desgraçada, até quando o diabo resolvesse sair das costas de seu marido.

Visitando ora um ponto, ora outro da casa, nos momentos em que o marido não estava, acabou analisando aquela parede; e descobriu, por acaso, num ponto muito escondido dessa parede, uma fresta; olhando através dela —

e embora mal conseguisse discernir o que se passava do outro lado —, notou que, desse outro lado, em frente à fresta, havia um quarto. Então ela disse, com os seus botões: “Se esta for a alcova de Filipe — isto é, do moço seu vizinho —, já terei metade daquilo que desejo ter.” Cautelosamente, mandou que uma aia, que tinha muito dó dela, se pusesse a espiar.

Ficou verificado que, de fato, o moço dormia naquele quarto, sozinho. A mulher espiava pela fresta com grande frequência; quando percebia que o moço devia estar no quarto, atirava pedrinhas e fazia pequenos rumores; e tanto procedeu por esta forma que, para verificar do que se tratava, o moço aproximou-se da fresta. Quando ele chegou bem perto, ela o chamou em voz baixa; ele, que lhe reconheceu a voz, respondeu; e ela, dispondo de tempo, logo lhe expôs os seus propósitos; o moço, muito satisfeito, agiu de maneira que o orifício, do seu lado, se fizesse maior, embora operando de modo que ninguém percebesse o fato. Ali, pois, muitas e muitas vezes os dois conversavam e trocavam apertos de mão; entretanto, não iam além disto, porque a vigilância do marido ciumento não o permitia.

Ora: como as festas do Natal se aproximavam, a mulher disse ao marido que, se fosse do agrado dele, ela gostaria de ir, na manhã da Páscoa,¹ à igreja, a fim de confessar-se e comungar, como fazem os outros cristãos; ao que o marido ciumento disse:

— E que pecado pode você ter cometido, para desejar confessar-se?

A mulher respondeu interrogando:

— Mas como? Pensa você que eu seja santa? Embora você me conserve aqui fechada, bem sabe que cometo pecados, exatamente como as outras pessoas que vivem neste mundo; mas eu não vou dizer os meus pecados a você, pois você não é padre.

O marido ciumento baseou nestas palavras a sua suspeita; ficou com vontade de saber quais os pecados que a esposa havia cometido; e imaginou o modo pelo qual isso lhe seria possível. Respondeu, pois, que se sentia contente por ela querer confessar-se; mas que não queria que ela se dirigisse a outra igreja que não fosse a sua própria capela; ela deveria ir para lá bem cedo, para se confessar, ou com o capelão local ou com o padre que o capelão indicasse; nenhum outro serviria; depois, ela deveria regressar logo para casa.

A mulher teve a impressão de perceber o plano do marido; mas, sem fazer comentários, respondeu que faria como ele determinou. Chegando a manhã da Páscoa, a mulher saiu da cama quando surgiu a aurora; arrumou-se e foi para a igreja imposta pelo marido. O ciumento, por seu lado, saiu da cama e rumou

para aquela mesma igreja, ali chegando antes dela. Depois de combinar, com o padre, lá dentro, o que desejava fazer, o marido vestiu, às pressas, uma das sotainas do padre, com capuz de grandes abas, como vemos que os padres usam; como o marido se adiantara bastante, foi sentar-se no coro. A mulher, chegando à igreja, perguntou pelo padre. O padre apareceu; e, vendo que a mulher desejava confessar-se, disse-lhe que não podia ouvi-la, mas que lhe mandaria um colega; retirou-se, e mandou o marido ciumento ouvir a mulher.

O marido aproximou-se com muita dignidade; mas, embora o dia não estivesse ainda muito claro, e ele houvesse puxado o capuz muito por cima dos olhos, não se ocultou tanto, a ponto de não poder ser logo reconhecido pela mulher. Esta, notando o disfarce, disse de si para consigo: “Louvado seja Deus pelo fato de este homem, de tão ciumento que é, ter-se feito padre! Mas deixe estar, que eu lhe darei aquilo que ele está procurando!” Fingiu, pois, não reconhecer o marido; e sentou-se-lhe aos pés. O senhor marido ciumento havia posto, na própria boca, algumas pedrinhas, para que lhe impedissem, de certa maneira, o falar; por esta forma, a mulher não o reconheceria pela fala. Ele mesmo se convenceu de estar tão bem disfarçado que por preço algum deste mundo admitiria ter sido reconhecido pela esposa.

Agora, venhamos à confissão; entre outras coisas, a esposa disse, depois de lhe revelar que era casada, que se havia enamorado de um padre; este padre ia dormir com ela todas as noites. Quando o ciumento ouviu esta confissão, teve a impressão de receber uma punhalada no peito; se não fosse a vontade de saber mais ainda, teria abandonado a confissão e ido embora. Continuando, porém, firme, perguntou:

— Mas como?! Então o seu marido não dorme com a senhora?

A mulher respondeu:

— Senhor padre, sim.

— Nesse caso — indagou o ciumento —, como é que também o padre pode ali dormir?

— Senhor padre — explicou a mulher —, não sei de que arte o padre faz uso; mas o certo é que, na minha casa, não há porta que esteja tão firmemente fechada a ponto de não ser aberta por ele, assim que ele a toque; diz o padre que, quando ele se aproxima da porta do meu dormitório, profere, antes de a abrir, algumas palavras, por efeito das quais meu marido imediatamente adormece; assim que nota que ele está adormecido, o padre abre a porta e entretém-se comigo; e isto não falha nunca.

Observou, então, o ciumento:

— Senhora: isso é malfeito; é absolutamente necessário que desista de semelhantes hábitos.

Ao que a mulher esclareceu:

— Senhor padre: creio que nunca poderei fazer isso, porque eu o amo demais.

— Pois então — replicou o ciumento — eu não a poderei absolver.

A isto, a mulher lamentou:

— Sinto muito; eu não vim aqui para lhe dizer mentiras; se eu julgasse ser isso possível, bem que lhe diria.

Esclareceu, então, o ciumento:

— Em verdade, minha senhora, sinto muito, pela senhora mesma; por esta forma, vejo-a perder a alma; entretanto, para beneficiá-la, dar-me-ei ao trabalho de fazer as minhas orações especiais a Deus, em seu nome; essas orações lhe farão muito bem; de vez em quando, também, lhe mandarei um meu clerigozinho, a quem a senhora dirá se as orações tiveram feito bem ou não; se tiverem feito bem, continuaremos orando-as.

Ao que a mulher pediu:

— Senhor padre: não faça isso; não mande pessoa alguma à minha casa; meu marido é muito ciumento; se ele souber disto, ninguém, neste mundo, lhe tirará da cabeça que essa pessoa me irá procurar para o mal; e assim eu não terei mais paz o ano todo.

O ciumento assegurou:

— Senhora: não tenha dúvidas quanto a isto. Procederei de tal maneira que a senhora não ouvirá nunca sequer uma única palavra da parte dele.

A mulher, então, concordou:

— Se o seu coração lhe diz que deve agir assim, estou satisfeita.

Fez-se a confissão; a penitência foi tomada; a mulher ergueu-se dos pés do confessor e foi ouvir a missa. O ciumento, com a sua má sorte, bufando, foi despir as vestes de sacerdote; depois, regressou à sua casa, ansioso por encontrar, juntos, a mulher e o padre que ela dizia que recebia todas as noites; tinha a intenção de pregar uma peça aos dois. A mulher voltou da igreja à sua residência; e fácil lhe foi ver, no rosto do marido, que lhe havia proporcionado a pior Páscoa; ele, porém, empenhou-se em ocultar o que havia feito e o que achava que ficara sabendo; depois de haver, de si para consigo, resolvido esperar, junto à porta de entrada, na noite vindoura, a chegada do padre, disse à mulher:

— Hoje, vejo-me obrigado a jantar em casa e pernoitar em outro lugar; por isto, você fechará bem a porta da rua, aquela da metade da escada e aquela do quarto de dormir; e, quando achar conveniente, irá para a cama.

A mulher acrescentou:

— Em boa hora.

Quando lhe pareceu oportuno, a mulher foi para a fresta na parede, onde deu o sinal costumeiro; Filipe, assim que notou o sinal, aproximou-se da fresta; e aí a mulher lhe contou o que fizera pela manhã, bem como o que o marido lhe dissera depois do jantar; por fim, disse:

— Estou convencida de que ele não sairá de casa; ficará de guarda, à porta da rua. Nestas condições, trate você de conseguir vir a mim, esta noite, por cima do telhado, para estarmos juntos.

O moço, muito satisfeito com estas circunstâncias, disse:

— Senhora, deixe o caso entregue a mim.

Ao descer da noite, o ciumento, levando consigo suas armas, quietamente se escondeu numa sala do andar térreo; a mulher, depois de mandar fechar todas as portas, e principalmente aquela da metade da escada, a fim de que o marido ciumento não pudesse subir ao sobrado, esperou que chegasse o momento oportuno; nesse momento, o moço, por processos muito cautelosos, apareceu ao lado dela. Os dois foram para a cama, proporcionando-se reciprocamente muito prazer e um bom quarto de hora. Ao raiar do dia, o moço voltou para a própria casa, pelo mesmo caminho. O ciumento, resmungando, sem alimento e morrendo de frio, ficou a noite toda, com suas armas, ao lado da porta, à espera de que o padre aparecesse. Depois, quando o dia começou a clarear, e como não conseguisse mais manter-se desperto, tratou de dormir na sala do andar térreo. Por fim, lá pela hora terceira, ergueu-se; a porta de entrada da casa já se encontrava aberta; ele fingiu estar chegando de outro lugar; subiu as escadas e almoçou.

Pouco depois, mandou que um rapazola, como se fosse o clerigozinho que o padre confessor havia prometido que a visitaria, fosse perguntar, à mulher, se aquele que ela sabia quem era havia aparecido naquela noite. A esposa, que bem reconheceu o mensageiro, respondeu que aquele não havia aparecido naquela noite; que, se aquele continuasse a proceder por essa forma, acabaria saindo do seu espírito, muito embora ela não desejasse que ele do seu espírito saísse.

Agora, que é que lhes devo dizer? O marido ciumento ficou à espera, noites e noites seguidas, a fim de apanhar o padre na entrada; e a mulher

prosseguiu entregando-se aos seus prazeres com o seu amante. Por fim, o ciumento, não podendo mais suportar aquilo, perguntou à mulher, com fisionomia visivelmente perturbada, o que é que ela havia dito ao padre, na manhã em que fizera a confissão. A mulher disse que não lhe queria revelar coisa alguma, porque isso não seria procedimento honesto nem decoroso. Ao que o ciumento disse:

— Mulher malvada, a despeito de você mesma, eu sei o que foi que você disse ao confessor; e é muito importante que eu saiba quem é o padre de quem você tanto se enamorou, e que se deita com você, todas as noites, pela virtude de encantamento das suas palavras; ou você fala ou lhe corto as veias.

A mulher esclareceu que não era verdade que ela estivesse apaixonada por algum padre.

— Como? — indagou o ciumento. — Pois você não falou assim e assim ao padre a quem se confessou?

A mulher confirmou:

— Não é que ele lhe tenha dito; se você tivesse estado presente, teria ouvido tudo; e está claro que eu lhe disse assim e assim.

— Então — exigiu o ciumento — diga-me quem é esse padre, e já!

A mulher começou a sorrir; e disse:

— Muito me agrada ver que um homem esclarecido é arrastado por uma mulher simples, como se arrasta um bode pelos cornos, ao matadouro; embora você não seja homem esclarecido, nem o haja sido nunca, menos ainda o foi desde o momento em que deixou entrar, no seu peito, o malvado espírito do ciúme, sem saber por quê. Quanto mais você é tolo e animalesco, tanto menor se faz a minha glória. Pois você crê, marido meu, que eu esteja cega dos olhos da cabeça como você anda cego dos olhos da mente? Por certo que não. Vendo, eu logo percebi quem era o padre que me confessava; e sei que o padre era você. Entretanto, resolvi, do meu coração, dar, a você, o que você andava procurando; e dei-lhe. Se, porém, você fosse esclarecido como pensa que é, não teria tentado saber, por aquela forma, os segredos da sua bondosa esposa; sem se entregar a suspeitas vãs, você teria notado que era verdade o que ela estava dizendo, sem, entretanto, incorrer em pecado algum. Eu disse, a você, que amava um padre; pois você, que eu tanto amo sem que você o mereça, não se havia transformado em padre? Eu disse-lhe que nenhuma porta da minha casa poderia conservar-se fechada para ele, quando ele desejava deitar-se comigo; e qual é a porta que jamais se conservou fechada, para você, quando você quis dirigir-se a mim, estivesse eu onde estivesse? Eu disse-lhe que o padre deitava-se

comigo todas as noites; e quando foi que você não se deitou comigo? As vezes que você me mandou o seu clérigo são as vezes que você não se deitou comigo; nessas vezes, mandei comunicar-lhe que o padre não estivera comigo. Qual é o desmemoriado — afora você, que se deixou cegar pelo ciúme — que não teria entendido semelhantes respostas? Você esteve em casa, durante a noite, montando guarda à porta da rua; e pensa que me fez crer que foi jantar e pernoitar em outro lugar. Arrependa-se do que fez, e volte a ser o homem que costumava ser; não permita que zombe de você quem conhece os seus modos, como eu conheço; deixe de lado esse ar solene, que você tem agora; juro por Deus que, se tivesse vontade de o trair, de todo o coração eu poderia entregar-me aos meus prazeres, de modo que você nada perceberia, ainda que tivesse cem olhos, em vez de dois.

O mau marido ciumento, que pensava ter, muito ladinamente, descoberto o segredo da esposa, ouviu bem isto; considerou-se zombado e ridículo; e, sem dizer mais palavra, passou a ter a esposa no conceito de boa e de esclarecida.

Assim, precisamente na ocasião em que devia ter ciúmes, de todo ciúme se despiu. Da mesma forma, na ocasião em que não precisava ter ciúmes, de ciúme se vestiu.

Por esta razão, a esperta mulher, quase que com licença para se entregar aos seus prazeres, deixou de fazer o seu amante visitá-la por cima do telhado, como fazem os gatos; passou a recebê-lo pela porta de entrada da casa, operando sempre com muita discrição; assim, muitas vezes, na companhia dele, a muitos bons quartos de hora e a muito boa vida ela se entregou.

Nota

¹ Os comentaristas de Boccaccio observam que, nos tempos do autor, o povo italiano denominava Páscoa também ao Natal e à Epifania; ainda hoje, em algumas regiões da Itália, a Epifania é chamada Pascoela.

SEXTA NOVELA

Ao estar com Leonetto, sra. Isabel é visitada pelo sr. Lambertuccio, por quem é amada; o marido dela regressa a casa; e Lambertuccio é mandado embora com um punhal na mão; depois, o marido dela acompanha Leonetto.



novela de Fiammetta agradou maravilhosamente a todos; cada um dos ouvintes afirmou que a mulher agiu otimamente, fazendo o que era preciso fazer àquele homem bestial. Mas assim que a narrativa se concluiu, o Rei ordenou a Pampineia que prosseguisse; e ela começou a falar desta maneira:

— Muitos são os que, falando com simplicidade, dizem que o Amor põe as pessoas fora de si, e que torna desmemoriadas as criaturas que amam. Tola opinião, ao que se me afigura; e que é tola, muito bem já o provaram as coisas que aqui foram ditas; e eu pretendo, por minha vez, demonstrá-lo.

Na nossa cidade, onde abundam todos os bens, existiu uma mulher, jovem, delicada e muito bonita, que foi esposa de um cavaleiro muito valoroso e homem de bem. Como frequentemente acontece que um homem não pode comer sempre o mesmo alimento, e como várias vezes ele deseja variar, assim também aconteceu à mencionada mulher: visto que o marido não lhe proporcionava muita satisfação, ela enamorou-se de um moço que se chamava Leonetto; o jovem era muito agradável e bem-educado, embora não descendesse de família muito ilustre; e ele, semelhantemente, se apaixonou por ela. Como vocês sabem que raramente fica sem efeito aquilo que as duas partes querem, não foi preciso muito tempo para que os dois apaixonados passassem a dar satisfação integral aos seus sentimentos.

Ora: aconteceu que, sendo aquela mulher muito bonita e provocante, um cavaleiro, chamado sr. Lambertuccio, também se apaixonou — e muito — por ela. O cavaleiro, porém, parecia, a ela, desagradável e tedioso; e por nenhuma coisa deste mundo se dispôs a querer-lhe bem. O cavaleiro, mesmo assim, solicitou-a muitíssimo, por meio de recados; como isto de nada valesse, e como

ele era um homem poderoso, mandou, à mulher, um recado, ameaçando-a de escândalo e vitupério, se ela não acedesse aos seus caprichos. Em consequência, a mulher, temendo o cavaleiro, e sabendo como ele era genioso, concordou em fazer o gosto dele.

Assim, a mulher, que se chamava sra. Isabel, foi, como é nosso costume no verão, passar a fase do calor em uma sua propriedade, no condado. Certa manhã, o marido dela precisou viajar a cavalo, para algum lugar, onde iria demorar-se alguns dias. Ela, então, mandou avisar Leonetto, para que fosse estar em sua companhia; e o moço, satisfeitíssimo, logo para lá se dirigiu. O sr. Lambertuccio foi informado de que o marido da moça havia partido para algures, sozinho, a cavalo; por isto, rumou para a propriedade dela, e bateu na porta. Quando a aia da mulher viu o sr. Lambertuccio, foi incontinente comunicar o fato a sua patroa, que já se encontrava na alcova, juntamente com Leonetto; chamou-a, e disse-lhe:

— Senhora, o sr. Lambertuccio encontra-se lá embaixo, inteiramente só.

A mulher, ao ouvir isto, passou a ser a mais infeliz mulher deste mundo; mas, como receava muita coisa, pediu a Leonetto que não se aborrecesse e que houvesse por bem esconder-se, por um instante, atrás da cortina da cama, até que o sr. Lambertuccio se retirasse. Leonetto alimentava o mesmo pavor que a moça, relativamente ao sr. Lambertuccio; por isto, lá se ocultou; e ela ordenou, à aia, que fosse abrir a porta ao sr. Lambertuccio. A aia foi abrir, e ele entrou, apeando, no átrio, de um seu palafrém; amarrou o animal a um gancho; e subiu. A mulher, fazendo cara satisfeita, recebeu-o no topo da escada; dirigiu-lhe as palavras mais amáveis que pôde; e perguntou-lhe o que andava fazendo por aquelas bandas. O cavaleiro, abraçando-a e beijando-a, disse:

— Alma de minha alma: vim a saber que seu marido não está em casa; e, então, vim passar algum tempo na sua intimidade.

Ditas estas palavras, os dois entraram na alcova; ali se fecharam por dentro; e o sr. Lambertuccio começou a auferir prazeres de amor com a mulher.

Enquanto isto acontecia, outro fato, inteiramente fora das previsões da mulher, ocorreu: seu marido regressou da viagem. Quando a aia viu, de longe, que o marido dela se aproximava, correu para a porta do dormitório de sua ama; e disse:

— Senhora, eis que seu marido está voltando; penso até que ele já esteja lá embaixo, no átrio.

A mulher, ouvindo isto, e sabendo que já se encontrava com dois homens estranhos em casa, logo percebeu que o sr. Lambertuccio não poderia ser escondido, devido ao seu palafrém que ficara amarrado no átrio; e, por isto, considerou-se, desde logo, morta. Mesmo assim, atirou-se de repente da cama ao chão; formou ideia do que deveria fazer; e disse ao sr. Lambertuccio:

— Senhor: se o senhor me quer algum bem, e se deseja fazer-me escapar da morte, execute o que eu lhe disser. Ponha-se de punhal desembainhado na mão; faça fisionomia de mau, revelando espírito profundamente perturbado; desça assim as escadas, e vá dizendo: “Juro por Deus que o apanharei em outro lugar!” Desta maneira, se meu marido o quiser deter, ou se ele se atrever a perguntar-lhe seja lá o que for, não diga nada mais do que isto que lhe peço; depois, monte a cavalo; e, por motivo algum deste mundo, não torne a parar.

O sr. Lambertuccio disse que faria tudo de muito boa vontade. Puxou do punhal; fez fisionomia afogueada, um pouco devido à fadiga a que se havia submetido e outro pouco devido à ira, em consequência do regresso do cavaleiro esposo da mulher; e fez tudo o mais, como a amante lhe recomendou. O marido da mulher já havia apeado, no átrio; maravilhou-se ao ver o palafrém; e, desejando subir pelas escadas acima, logo viu o sr. Lambertuccio que vinha descendo; ficou estupefato, em presença das palavras que ele proferia, bem como da fisionomia que ele apresentava; e disse:

— Que é isto, senhor?

O sr. Lambertuccio pôs o pé na estribeira; montou no seu palafrém; e não disse outra coisa, além disto:

— Pelo corpo de Deus, eu o encontrarei em outro lugar! — E retirou-se.

O marido da mulher subiu as escadas; lá em cima, encontrou a esposa, toda tomada de terror; e perguntou-lhe:

— De que se trata? A quem é que o sr. Lambertuccio está ameaçando?

A mulher, recuando para dentro da alcova, a fim de que Leonetto a ouvisse, respondeu:

— Senhor: nunca tive medo semelhante a este. Para aqui dentro veio, fugindo, um jovem, que na verdade não conheço; ele vinha sendo perseguido pelo sr. Lambertuccio, sendo que o sr. Lambertuccio apareceu de punhal na mão. Por acaso, o jovem encontrou a porta deste quarto aberta; entrou; e, todo a tremer, disse: “Senhora, pelo amor de Deus, ajude-me, para que eu não caia morto em seus braços!” Ergui-me; pus-me de pé. Desejando perguntar ao moço quem ele era e o que queria, ia dirigir-me a ele quando o sr. Lambertuccio apareceu, dizendo: “Onde está você, traidor?” Eu me pus à porta

da alcova; ele quis forçar a entrada; eu o detive; ele, no entanto, foi delicado; quando percebeu que não me agradava que ele entrasse no meu quarto, proferiu inúmeras palavras, e desceu daquele jeito que o senhor viu.

Então, o marido comentou:

— Mulher: muito bem você fez. Muito de lamentar seria se alguma pessoa fosse morta dentro desta alcova; por seu lado, o sr. Lambertuccio cometeu grande vilania, perseguindo pessoa que já se havia abrigado aqui dentro.

Depois, o marido perguntou onde se encontrava o moço perseguido. A mulher disfarçou:

— Senhor: não sei onde foi que ele se escondeu.

O cavaleiro, então, perguntou, em voz alta:

— Onde é que você está? Saia do esconderijo. Pode sair sem medo.

Leonetto, que estava a ouvir tudo, fingiu-se amedrontado como alguém que realmente estivesse sendo perseguido e houvesse de fato sentido terror; e saiu do seu esconderijo. Disse-lhe então o cavaleiro:

— Que é que você tem a ver com o sr. Lambertuccio?

O jovem explicou:

— Senhor: nada tenho a ver com ele; por isto, acredito firmemente que ele esteja fora da razão, ou que me tenha tomado por outra pessoa. Eu encontrava-me pouco distante deste palácio, na estrada; assim que ele me viu, pôs a mão no punhal e gritou: “Traidor! Você está morto!” Eu não me atrevi a perguntar a razão daquilo; comecei logo a correr; e corri quanto pude, até chegar aqui; e aqui, mercê de Deus e desta gentil senhora, consegui fugir da morte.

Disse então o cavaleiro:

— Ora vamos! Não tenha medo algum. Eu o deixarei em sua casa, são e salvo; depois, procure verificar o que é que você tem a ver com ele.

Depois de cearem todos, o cavaleiro fez com que Leonetto montasse a cavalo; acompanhou-o até Florença; e deixou-o à porta de sua casa. Leonetto, de acordo com as instruções recebidas da amante, naquela mesma noite foi falar, às ocultas, com o sr. Lambertuccio; e, embora houvesse, entre eles, longa troca de palavras, tudo ficou combinado por tal forma, que nunca o marido percebeu o logro que a esposa lhe fez.

SÉTIMA NOVELA

Ludovico revela, à sra. Beatriz, o amor que lhe tem; ela manda Egano, seu marido, para um jardim, sob disfarce, fingindo ser ela própria; nesse entretanto, ela deita-se com Ludovico; depois, Ludovico, erguendo-se da cama, vai espancar Egano no jardim.



sta esperteza da sra. Isabel, narrada por Pampineia, foi considerada maravilhosa por todos os componentes do grupo; contudo, Filomena, a quem o Rei impôs que a secundasse, começou a falar:

— Amáveis mulheres: se não me engano, creio que poderei contar um caso não menos belo; e isto sem demora.

Vocês devem saber que, em Paris, existiu, outrora, um gentil-homem florentino que, tornando-se mercador, devido à pobreza em que caíra, se conduziu tão bem nos seus negócios, que acabou fazendo-se riquíssimo. Tinha ele, de sua mulher, um único filho, a quem dera o nome de Ludovico. E visto que este filho se inclinava mais para o culto da nobreza do pai do que para o desenvolvimento dos negócios, o pai não quisera pô-lo a trabalhar em qualquer dos seus estabelecimentos; ao contrário; preferira vê-lo em companhia de outros gentis-homens, a serviço do rei de França, serviço este no qual o moço tão bem aprendeu belos costumes e boas maneiras.

Estando no mencionado serviço, Ludovico teve oportunidade de se encontrar em companhia de alguns cavaleiros que tinham regressado do Santo Sepulcro. No grupo que se formou então, surgiu uma conversa de moços; Ludovico ouviu um deles falar das belas mulheres da França e da Inglaterra, bem como de outras partes do mundo; entretanto, outro moço passou a declarar que, de todas as mulheres que jamais tinha visto, por todo o mundo onde estivera, nunca encontrara uma que, por sua beleza, se comparasse à mulher de Egano dei Galluzzi, de Bolonha, na Itália, chamada sra. Beatriz; todos os seus companheiros, que se achavam no grupo em conversa, e que com ele haviam estado em Bolonha, concordaram com essa declaração. Ao ouvir

isto, Ludovico, que ainda não se tinha apaixonado por mulher alguma, se inflamou tanto de desejo de ver a sra. Beatriz, que, dali por diante, não conseguiu mais concentrar o pensamento em outra coisa. Assim, dispôs-se, em caráter definitivo, a viajar para Bolonha, a fim de a ver, e também de ali se demorar, no caso de ela manifestar agrado para com a sua presença. Ludovico fingiu, ao pai, que desejava ir ao Santo Sepulcro; e, com grande dificuldade, obteve-lhe o consentimento. Adotando, pois, o nome de Aniquino, viajou para Bolonha; e, como a sorte o quis, logo no dia seguinte ao de sua chegada àquela cidade italiana ele viu a referida mulher numa festa; ela pareceu-lhe ainda mais bela do que lhe haviam dito; ele enamorou-se ardorosamente dela; e formulou o propósito de não sair de Bolonha enquanto não lhe conquistasse o amor. Muito pensou, sozinho, sobre o processo a adotar; depois, deixou de lado todas as outras possibilidades; e achou que, se conseguisse tornar-se amigo íntimo do marido dela — marido este que tinha inúmeros amigos —, talvez lhe fosse dado, porventura, aquilo que ele tanto desejava. Ludovico vendeu, pois, os seus cavalos; conseguiu uma situação especial, e muito boa, para os seus fâmulos; ordenou, a estes, que, quando o encontrassem pela cidade, fingissem não o conhecer; entendeu-se com o estalajadeiro, dizendo-lhe que de bom grado passaria a trabalhar na qualidade de serviçal de algum senhor de bem; se, pois, o estalajadeiro soubesse de algum senhor nessas condições, ele, Ludovico, gostaria de se apresentar. Ao que o estalajadeiro comentou:

— Você é, da cabeça aos pés, o fâmulos destinado a ser útil a um gentil-homem desta terra, que se chama Egano; este senhor tem muitos fâmulos a seu serviço; e gosta que todos sejam de boa aparência, como você é. Eu falarei com ele.

Como disse, assim agiu; antes de se retirar da casa de Egano, fê-lo admitir Aniquino a seu serviço, coisa que foi das mais gratas ao próprio Egano. Estando a serviço deste gentil-homem, Aniquino teve abundância de oportunidades de ver, bem de perto, a linda mulher; em consequência, passou a servir Egano tão bem, e com tamanha boa vontade, que Egano começou a estimá-lo de modo particular; e, afinal, deixou de poder prescindir do seu trabalho; nada fazia, nem sabia fazer, sem Aniquino. Egano entregou, a Aniquino, não somente os seus assuntos pessoais, mas também a superintendência de tudo quanto era seu.

Um dia, aconteceu que Egano foi passarinhar, e que Aniquino ficou em casa. A sra. Beatriz, que ainda não se tinha dado conta do amor dele — mas que já lhe havia observado os costumes e os modos, e que muito já o havia louvado —, se pôs a jogar xadrez em sua companhia. Aniquino, que muito

desejava agradá-la, procedeu com tanta elegância, que ela acabou ganhando sempre; e, por isto, a mulher se alegrou infinitamente. Em certa altura, todas as mulheres que rodeavam a sra. Beatriz, e que haviam assistido às partidas, se afastaram, deixando-a a sós, a jogar com Aniquino.

Este, então, emitiu um profundo suspiro. E a mulher, observando esta circunstância, perguntou:

— Que foi que se passou com você, sr. Aniquino? Será que o magoa tanto o fato de eu vencer?

— Senhora — respondeu Aniquino —, a causa do meu suspiro foi muito maior do que essa que a senhora supõe.

A mulher, então, pediu:

— Então, queira dizer do que se trata, por todo o bem que me quer.

Quando Aniquino percebeu aquela súplica “por todo o bem que me quer”, formulada por ela, que era a mulher que ele amava acima de todas as coisas, emitiu outro suspiro, bem mais profundo do que o primeiro. Em consequência, a mulher de novo lhe pediu que houvesse por bem dizer-lhe qual era a causa dos seus suspiros. A isto, Aniquino disse:

— Senhora, muito receio que, dizendo, eu lhe cause grande aborrecimento; além disto, receio também que a senhora o repita a qualquer outra pessoa.

A estas reservas, a mulher estimulou-o:

— É absolutamente certo que não me aborrecerá; fique perfeitamente tranquilo quanto a isto; acresce que, do que me disser, nada direi, nunca, coisa alguma, a quem quer que seja, a não ser quando isso lhe agradar.

Então, Aniquino disse:

— Visto que me faz essa promessa, dir-lhe-ei.

E, quase com as lágrimas nos olhos, contou-lhe quem era; onde e o que ouvira falar dela; como se havia apaixonado por ela; a razão pela qual se havia incluído no quadro dos serviços de seu marido. Por fim, com toda a humildade, suplicou-lhe para que, se lhe fosse possível, tivesse compaixão dele, condescendendo em manter o segredo e em satisfazer-lhe tão fervoroso desejo; acrescentou que, se ela não quisesse proceder por essa forma, fizesse voltar tudo ao ponto em que estava antes, e deixasse, de bom grado, que ele a amasse.

Oh, singular doçura do sangue bolonhês! Como você tem sido digna de louvores em casos como este! Nunca você apreciou lágrimas, nem suspiros; continuamente, você se tem mostrado atenciosa para com as súplicas e generosa

para com os desejos amorosos. Se eu tivesse louvor digno de você, para proferir, nunca a minha voz se sentiria saciada.

Enquanto Aniquino falava, a nobre dama o observava; deu fé plena às palavras ditas pelo moço; e recebeu, no espírito, com tamanha força, os rogos dele e do amor que ele sentia, que ela também, por sua vez, começou a suspirar; e, depois de alguns suspiros, disse:

— Meu doce Aniquino, fique com o coração tranquilo. Eu sempre fui e ainda sou cortejada por muitos homens; mas nem presentes, nem promessas, nem atenções, seja de gentil-homem, seja de senhor, seja de qualquer indivíduo, conseguiram sensibilizar a minha alma, a ponto de a induzir a amar alguém; entretanto, você conseguiu fazer, no breve espaço de tempo em que as suas palavras duraram, com que eu me tornasse mais sua do que eu sou de mim mesma. Julgo que você conquistou verdadeiramente o meu amor; e eu dou-lhe este meu amor; além disto, prometo-lhe que, de tal amor, você auferirá os prazeres, antes que a noite que vem transcorra toda. Portanto, e a fim de que isto ocorra, faça o possível para estar, à meia-noite, no meu quarto; eu deixarei a porta aberta; você sabe de que lado da cama eu costumo dormir; você irá para lá; se eu estiver dormindo, toque-me tanto, até que eu acorde; e então eu o consolarei desse tão longo desejo que vem tendo; e, a fim de que você acredite nisto, quero dar-lhe um beijo, a título de penhor da palavra dada.

A mulher atirou os braços ao pescoço de Aniquino; beijou-o amorosamente; e foi por ele beijada.

Ditas e feitas estas coisas, Aniquino afastou-se da mulher e foi tratar de alguns assuntos de ordem pessoal; assim, esperou, com a maior ânsia deste mundo, que a noite descesse. Egano voltou do campo, onde fora passarinhar; depois do jantar, sentindo-se muito cansado, foi logo dormir; e a esposa o seguiu.

Como prometera, ela deixou a porta do quarto aberta; à hora combinada, Aniquino apareceu; entrou quietamente no quarto; fechou a porta por dentro; foi para o canto do quarto, do lado da cama em que a mulher dormia; e, pondo-lhe a mão sobre o peito, verificou que ela não estava dormindo. Assim que ela percebeu a chegada de Aniquino, tomou-lhe a mão, com as suas mãos; segurou-a com grande força; virou-se no leito; e tanto fez que acordou Egano, seu marido, que dormia; e a Egano ela disse:

— Ontem à noite, eu não quis dizer coisa alguma a você, porque você me pareceu cansado. Mas diga-me, Egano, que Deus te salve! Qual é o seu serviçal

que você considera melhor, mais leal e que mais estima dedica a você, dentre todos quantos você tem nesta casa?

Egano respondeu, perguntando por sua vez:

— Que é isso, mulher, que você está agora perguntando? Pois então você não o conhece? Não tenho, nem nunca tive, um servidor em quem tanta confiança depositasse, como deposito em Aniquino, e a quem amasse como amo. Mas por que motivo você me faz essa pergunta?

Percebendo que Egano estava acordado, e ouvindo que o casal conversava a seu respeito, Aniquino procurou, várias vezes, tirar a mão de entre as mãos dela, para se retirar dali; chegou mesmo a recluir que a mulher pretendesse fazê-lo cair numa cilada. Ela, porém, segurava-lhe a mão com tanta força, que ele não podia, nem poderia, afastar-se dali. A mulher respondeu a Egano, explicando:

— Eu vou dizer a você. Sempre pensei que ele fosse isso que você diz, e que ele fosse mais fiel para você do que qualquer outro servidor. Entretanto, ele enganou-me, pois, quando você foi, hoje, passarinho, ele ficou por aqui; quando lhe pareceu oportuno, não se envergonhou de solicitar-me, para que eu consentisse em proporcionar-lhe os prazeres que desejava. E eu, para não ter que apresentar muitas provas disto a você, e para, ainda assim, fazer com que você toque e veja do que se trata, respondi que sim; que o caso me dava muita satisfação; e que esta noite, depois da meia-noite, eu iria ao nosso jardim, onde o esperaria ao pé do pinheiro. Ora: eu, pessoalmente, não tenho intenção alguma de ir até lá; mas, se você quer tomar conhecimento da lealdade do seu fâmulos, pode, com facilidade, conseguir isso; vista-se com uma das minhas vestes; ponha um véu na cabeça; e vá lá para baixo, a fim de esperar que ele chegue; estou certa de que ele aparecerá.

Egano, ao ouvir isto, concordou:

— Por certo que desejo ver isso.

O marido ergueu-se da cama, da melhor maneira que pôde, no escuro; envergou uma das vestes da esposa e pôs um véu na cabeça; depois, rumou para o jardim, e postou-se ao pé de um pinheiro, onde passou a esperar pela chegada de Aniquino. Quando a mulher observou que o marido se havia levantado e saído do quarto, também se levantou, e foi fechar a porta por dentro. Aniquino, no começo, sentiu um medo enorme; quando lhe foi possível, desvencilhou-se das mãos firmes da mulher; e por cem mil vezes amaldiçoou a amante, o amor e a si mesmo, por se haver fiado na palavra dela; por fim,

porém, percebendo o ponto ao qual ela tudo fizera para chegar, passou a ser o homem mais feliz deste mundo.

Quando a mulher, após fechar a porta, voltou para a cama, ele despiu-se, a pedido dela; e, a seguir, os dois saborearam o prazer e a alegria, durante longo espaço de tempo. Mais tarde, afigurando-se à mulher que não conviria que Aniquino prolongasse a sua permanência, ela fez com que ele se erguesse e se vestisse; e falou-lhe:

— Minha doce boca: agora, você vai pegar um bom porrete; trate, depois, de ir para o jardim; e, fingindo que você me solicitou apenas para me tentar, procure dizer palavrões a Egano, admitindo que não o reconhece e que pensa que está fazendo tudo a mim; faça cantar o porrete; porque a isto se seguirá maravilhoso prazer e deleite encantador.

Aniquino levantou-se; foi para o jardim, levando, nas mãos, um pedaço de salgueiro silvestre; aproximou-se do pinheiro; viu que Egano lhe percebera a aproximação, e que se havia erguido como que para o receber com grandes manifestações de amizade; Aniquino aproximou-se, então, mais ainda, e disse:

— Ah, mulher malvada! Então você veio, não é? E acreditou que eu quisesse, ou queira, fazer, ao meu amo, esta deslealdade? Seja você a renegada! Mil vezes renegada!

Aniquino ergueu o porrete e começou a surrá-lo. Egano, ao ouvir tais palavras, e ao ver o porrete, começou a correr, em fuga, sem dizer coisa alguma. Aniquino foi atrás dele, sempre vociferando:

— Corra! Que Deus a castigue, mulher culpada, pois eu contarei tudo a Egano, amanhã pela manhã.

Depois de receber várias pauladas, Egano tratou de regressar o mais rápido possível ao seu quarto; e a mulher lhe perguntou se Aniquino havia aparecido no jardim.

Egano disse:

— Antes não tivesse ele aparecido! Porque, julgando que eu fosse você, me vibrou numerosas pauladas, deixando-me todo moído; ademais, disse-me impropérios de toda espécie, que jamais se disseram sequer à pior das mulheres. Não há dúvida que fiquei estupefato; causara-me maravilha saber que ele houvesse dirigido a você aquelas solicitações com o propósito de me cobrir de vergonha; o que aconteceu foi que ele, por ver você sempre alegre e festiva, desejou provar a sua honestidade.

— Então — comentou a mulher — louvado seja Deus, por ter ele provado, a mim, com palavras, e a você, com fatos; e acredito que ele possa

dizer que eu suporto com mais paciência as palavras do que você as pancadas. Uma vez, porém, que ele é tão leal a você, é preciso que você muito o estime e lhe preste homenagem.

Egano concordou:

— Você está falando certo.

Tomando por base este conjunto de episódios, Egano ficou convencido de que possuía a mulher mais fiel e o mais leal dos serviçais que um gentil-homem tivesse a dita de possuir. Por esta razão — e visto que muitas vezes ele, a esposa e Aniquino se riram desta ocorrência — Aniquino e a mulher passaram a ter muito mais comodidade do que por outra forma teria sido possível para fazer aquilo que, para eles, era prazer e deleite, durante todo o tempo que Aniquino houve por bem permanecer a serviço de Egano, em Bolonha.

OITAVA NOVELA

Um homem se torna ciumento de sua esposa; ela, amarrando um barbante em um dedo, durante a noite, é avisada da chegada de seu amante. O marido percebe a artimanha. Enquanto o marido persegue o amante da esposa, esta coloca, na cama, outra mulher, à qual o marido aplica uma surra e corta as tranças; depois, o marido vai à procura dos irmãos da esposa, aos quais revela a traição conjugal; os irmãos verificam que a acusação não tem fundamento; e xingam o marido.



todos se afigurou estranho o modo de a sra. Beatriz praticar a sua malícia, no propósito de burlar o marido; e cada qual reconheceu que deveria ter sido enorme o medo de Aniquino, quando, fortemente seguro pelas mãos da mulher, a ouviu dizer que ele lhe havia solicitado prazeres de amor.

Assim que o Rei percebeu que Filomena chegou ao termo de sua narrativa, dirigiu-se a Neifile, dizendo-lhe:

— Fale você.

Neifile começou, sorrindo, primeiro, um pouco:

— Lindas mulheres: grande peso de responsabilidade recairá sobre mim se eu pretender contentá-las contando-lhes uma bonita novela, como as contentaram as que foram antes narradas. Deste peso, porém, espero aliviar-me, com a ajuda de Deus.

Vocês devem, pois, saber que, na nossa cidade, existiu outrora um mercador muito rico chamado Arriguccio Berlinghieri. Estupidamente, este mercador pensou — como fazem, nesta época, todos os dias, os mercadores — em enobrecer-se através do casamento; e tomou, por esposa, uma jovem nobre, que mal se indicava para sua mulher, e que se chamava Sismunda. Esta moça não se conformava com o fato de Arriguccio fazer como fazem os mercadores, andando muito de um lado para outro; e pouco se demorando em casa, em sua companhia. Em consequência, ela enamorou-se de um moço chamado Roberto, que desde longa data a havia cortejado, e prosseguia cortejando-a.

Entrando os dois em intimidades, passaram a praticá-las com menos cuidado, talvez, do que o conveniente, porque muito prazer lhes proporcionavam.

Devido a isso, entretanto, Arriguccio percebeu alguma coisa. Como quer que seja, transformou-se no homem mais ciumento do mundo; deixou de andar de um lado para outro; abandonou vários negócios; e aplicou quase toda a sua solicitude em vigiar bem de perto a esposa, a ponto de nunca adormecer antes de vê-la estar na cama. Esta circunstância proporcionava grandes aborrecimentos à moça, porque lhe impedia de todo os encontros com o seu Roberto. Muito bem. Depois de muito pensar e de muito andar em busca da maneira de se avistar com o amante, ela chegou à conclusão, por instâncias do rapaz, de que a melhor maneira seria a seguinte: o quarto de dormir, dela com o marido, dava para a rua; ela notara que Arriguccio custava muito a adormecer, mas que, uma vez adormecido, continuava a dormir profundamente; Roberto poderia, pois, apresentar-se, lá pela meia-noite, à porta de entrada da casa; ela iria abrir-lhe a porta; e, depois, estaria algum tempo em sua companhia, enquanto o marido, lá em cima, seguiria dormindo a sono solto.

A fim de que ela soubesse da aproximação de Roberto, e que ninguém percebesse a combinação existente, a mulher imaginou fazer uso de um barbante; uma das extremidades do barbante, lançada pela janela à rua, iria tocar o chão, lá fora; a outra desceria, pelo parapeito da janela, para dentro do quarto, e, acompanhando o assoalho, iria até à cama, por baixo dos lençóis; quando ela fosse para a cama, à noite, amarraria esta outra extremidade no dedão de um dos pés; Roberto, avisado do estratagema, deveria puxar o barbante; no caso de o marido estar dormindo na ocasião, ela soltaria o barbante e iria abrir a porta; se o marido não estivesse dormindo, ela seguraria firmemente a extremidade do barbante, e depois puxaria o barbante todo para cima, para que o rapaz não ficasse à espera de coisa nenhuma.

O estratagema agradou muito a Roberto; muitas vezes ele apareceu, à hora combinada, e puxou pelo barbante; umas vezes, esteve com ela; outras, não. Por fim, como os dois namorados continuaram na prática do mencionado artifício, aconteceu que, certa noite, a mulher adormeceu profundamente, ao passo que Arriguccio se manteve acordado; em determinado momento, ele esticou a perna para o lado da mulher, e descobriu a existência do barbante; pôs-lhe a mão em cima; acompanhou-o; verificou que se encontrava amarrado no dedão do pé da esposa; e disse, de si para consigo: “Isto, na certa, deve ser uma tramoia.” Observando, em seguida, que o barbante saía pela janela à rua,

convenceu-se de que havia dente de coelho no caso. Assim, cortou o barbante, e ligou-o ao dedão de um de seus próprios pés; e ficou de sobreaviso, para descobrir o que aquilo poderia significar.

Não esteve muito tempo à espera. Roberto apareceu, puxou o barbante, como era de seu costume, e Arriguccio o sentiu. Deu-se, porém, a circunstância de Arriguccio não haver amarrado o barbante muito bem no seu dedão; como Roberto o puxou com muita energia, o barbante se desprende daquele dedo, e desceu para a rua, como se houvesse sido solto deliberadamente; nestas condições, Roberto entendeu que deveria ficar à espera da amante, junto à porta; e assim fez. Arriguccio levantou-se sem perda de tempo; tomou de suas armas; correu à porta, para ver de quem se tratava, e também para o castigar. Ora: Arriguccio, embora fosse mercador, era homem resolutos e forte; aproximou-se da porta; mas não a abriu suavemente, como a mulher tinha o costume de fazer; então, Roberto, que estava à espera, desconfiou do que se tratava, isto é, de que era o próprio Arriguccio, e não a amante, quem se encontrava junto à porta, no escuro; em consequência, o rapaz se pôs a correr, em fuga; e Arriguccio se pôs a persegui-lo.

Por fim, depois de Roberto correr uma longa distância, e depois de Arriguccio insistir muito na perseguição, aconteceu isto: Roberto, que se encontrava armado de espada, deteve-se; virou-se para o seu perseguidor; e os dois começaram a duelar, um tentando ferir, o outro procurando defender-se.

A mulher, no seu quarto, acordou assim que Arriguccio abriu a porta; notou que o barbante fora cortado rente ao seu dedo; teve intuição, pois, de que o seu procedimento havia sido descoberto; e, percebendo que Arriguccio se pusera a correr atrás de Roberto, levantou-se da cama; concebeu, de imediato, aquilo que poderia acontecer; chamou a aia, que sabia de tudo; e tanto lhe suplicou que ela, a aia, se pôs na cama, em lugar dela, a esposa; rogou-lhe que, pacientemente, e sem dar-se a conhecer, recebesse as pancadas que Arriguccio lhe proporcionasse; prometeu, à aia, recompensar semelhante sacrifício, por tal forma que ela não teria motivo de queixas. Depois, a esposa apagou o lume que ardia no quarto; saiu dali; ocultou-se em outro lugar da casa; e passou a esperar o que estivesse para acontecer.

Quando se estabeleceu a contenda entre Arriguccio e Roberto, os vizinhos acordaram, devido à barulheira que dela resultou; estes vizinhos começaram a repreendê-los; e Arriguccio, temendo ser reconhecido, abandonou a luta e voltou para casa; voltou de mau humor e meio desconcertado, por não haver

conseguido identificar o moço com quem se desaviera; ademais, de nada o poderia acusar. Em chegando de novo ao seu quarto, começou a falar, zangado:

— Onde é que você está, mulher criminosa!? Você apagou o lume, para impedir que eu a encontre; mas desta você não me escapa!

Foi para a cama; julgando agarrar a esposa, agarrou a aia, e, na medida em que pôde movimentar as mãos e os pés, lhe aplicou socos e pontapés à vontade, a ponto de lhe deixar o rosto como que amarrotado; por fim, cortou-lhe os cabelos, proferindo sempre, contra ela, os impropérios mais desaforados que se pudessem proferir contra a pior das mulheres. A aia chorava copiosamente, pois tinha do que chorar; e, embora ela, de quando em quando, exclamasse “Ai de mim! Piedade, meu Deus!”, ou “Chega! Chega!”, os sons se faziam tão modificados pelo pranto, que Arriguccio, transtornado pelo furor, não conseguiu perceber que aquela não era a voz de sua esposa, e sim de outra mulher. Depois de a surrar e lhe cortar os cabelos, como ficou dito, Arriguccio disse-lhe:

— Mulher malvada: não pretendo fazer-lhe mais mal ainda do que já lhe fiz; mas eu irei chamar seus irmãos; contarei, a eles, as suas boas ações; depois, eles que venham buscar você; que façam o que quiserem, de acordo com o que a honra deles os aconselhar; que levem você daqui; porque, sem dúvida, nesta casa você não prosseguirá vivendo.

Dito isto, Arriguccio saiu do quarto; fechou-o do lado de fora; e retirou-se sozinho. Assim que Monna Sismunda, que tudo ouvira, percebeu que o marido se retirou, abriu a porta do quarto e reacendeu o lume; ali, encontrou a aia, em lágrimas, com o rosto todo pisado. Sismunda consolou como lhe foi possível a pobre e fiel servidora; reconduziu-a ao quarto dela, onde mandou que a cuidassem e servissem, em silêncio; recordou-se de tudo quanto Arriguccio fizera e dissera, e considerou-se muito satisfeita.

Assim, logo depois de acomodar a aia no quarto desta, a esposa voltou prontamente à sua própria alcova; tornou a pôr tudo em ordem, arrumando todas as coisas; deixou-a como se, naquela noite, pessoa alguma ali houvesse deitado; tornou a acender a lâmpada; vestiu-se de novo, arrumando-se completamente, como se ainda não houvesse ido dormir; acendeu uma lanterna; tomou de umas peças de pano; e foi sentar-se no patamar do topo da escada, onde começou a costurar e a esperar aquilo no que os fatos poderiam ir desembocar.

Arriguccio, saindo de casa, correu, tanto quanto pôde, indo à casa dos irmãos de sua esposa; ali, tanto bateu, que acabou sendo ouvido; e foi-lhe

aberta a porta. Os irmãos da esposa, que eram três, em companhia da mãe dela, vendo que se tratava de Arriguccio, ergueram-se todos das respectivas camas; mandaram acender os lumes; foram conversar com ele, a fim de verificar o que é que ele, àquela hora, estava procurando. Arriguccio, então, começou a contar tudo, a partir do encontro do barbante amarrado no dedão do pé de Monna Sismunda; e desenvolveu a sua narrativa até ao fim, incluindo tudo o que fizera de permeio. Para dar-lhes testemunho do que havia acontecido, Arriguccio pôs-lhes, nas mãos, os cabelos que acreditava ter cortado à sua esposa; acrescentou que eles poderiam ir buscar Sismunda, para fazerem dela o que bem entendessem, de acordo com o que a honra lhes ditasse, uma vez que ele, Arriguccio, não desejava mais, de forma alguma, tê-la em casa.

Os irmãos da esposa ficaram muito aborrecidos com o que ouviram, admitindo que Arriguccio estivesse dizendo a verdade; exasperaram-se contra a moça; acenderam tochas, com a intenção de lhe aplicar um castigo merecido; e, na companhia de Arriguccio, se puseram a caminho, para ir à casa deste. A mãe dos rapazes, chorando, foi atrás deles; e começou a suplicar, ora a um, ora a outro, dizendo-lhes que não deveriam dar crédito imediato a semelhantes acusações sem ver nem saber do que na realidade se poderia haver tratado; o marido, argumentava ela, podia estar, por outras razões, zangado com a mulher, e ter-lhe feito mal; e, agora, apresentava tais explicações, à guisa de desculpa pelo que fizera; acrescentou que se admirava de Monna Sismunda haver feito o que Arriguccio dizia, porquanto ela bem que conhecia a própria filha, uma vez que a havia educado desde criança; e muitas coisas mais a mãe aflita disse.

Enquanto isso, todos chegaram à casa de Arriguccio, onde entraram e começaram a subir as escadas. Assim que Sismunda percebeu a subida de toda aquela gente, gritou:

— Quem é que vem aí?

Ao que um dos irmãos respondeu:

— Bem que você o saberá agora, mulher criminosa que é.

Monna Sismunda indagou, então:

— Mas o que é que isto quer dizer? Meu Deus! Ajude-nos! — E, pondo-se de pé, exclamou: — Meus irmãos! Sejam vocês bem-vindos! Que é que vocês três andam procurando, por aqui, a esta hora?

Os irmãos, vendo Sismunda sentada, a costurar, sem sinal algum, no rosto, de haver sido surrada, muito se surpreenderam; Arriguccio afirmava que a havia pisado toda; assim à primeira vista, refrearam o ímpeto da própria ira, e

perguntaram-lhe como havia ocorrido aquilo de que Arriguccio se queixava; concluíram a exigência ameaçando-a de graves castigos, se ela não lhes contasse a verdade. A mulher, então, disse:

— Não sei o que é que lhes devo dizer, como também nada sei do que é que Arriguccio tem de se queixar de mim.

Contemplando-a, Arriguccio olhava para ela como se fosse um desmemoriado; recordava-se de que lhe havia aplicado talvez mil socos, pontapés e arranhões, fazendo-lhe todos os males deste mundo; e, agora, ela ali estava, como se nada houvesse ocorrido. Em poucas palavras, os irmãos explicaram, a Sismunda, o que Arriguccio lhes havia dito, começando pelo barbante e indo até às pancadas finais. A mulher, dirigindo-se a Arriguccio, exclamou:

— Meu Deus! Que é que estou ouvindo? Mas por que razão você me acusa de infidelidade, para sua vergonha, quando eu não sou infiel? E por que motivo você, homem perverso e cruel, se acusa daquilo que você não é? Mas quando foi que você esteve nesta casa, esta noite? Pois se você nem sequer esteve em casa, como pôde você estar na cama comigo? E quando foi que você me bateu? Eu, na verdade, não me lembro de semelhante coisa.

Arriguccio começou a exclamar:

— Mas como, esposa criminosa!? Pois então nós não fomos para a cama juntos, esta noite? Não voltei eu à cama, depois de haver perseguido o seu amante? Não lhe apliquei eu uma surra mestra? E não lhe cortei eu os cabelos?

A mulher explicou:

— Nesta casa não foi que você, ontem à noite, se deitou; em todo caso, deixemos isso de lado, porque não posso dar testemunho algum, afora o das minhas palavras; venhamos àquilo que você está dizendo, isto é, às pancadas que me aplicou, e aos cabelos que me cortou. Em mim, você nunca bateu; todos os que aqui estão, você inclusive, podem verificar se eu trago, na minha pessoa, algum indício de surra. Ademais, eu nunca aconselharia você a ser tão audacioso, a ponto de pôr as mãos em mim; porque, se isso você fizer um dia, eu, pela cruz de Deus, lhe quebrarei a cara. Também os meus cabelos; não é verdade que você os tenha cortado, pois não percebi nem vi semelhante coisa; mas talvez você os tenha cortado, sem que eu desse por isso; pois, então, deixe-me ver se os tenho cortados ou não.

Retirou os véus da cabeça; mostrou que os cabelos não estavam cortados, e sim inteiros. Vendo e ouvindo tais coisas, os irmãos e a mãe da moça dirigiram-se a Arriguccio, e começaram a indagar:

— Que é que você pretendeu dizer, Arriguccio? Não é isto o que você foi dizer-nos, quanto ao que havia feito; e não sabemos como é que você pretende provar o resto.

Arriguccio estava como que desnorteado; queria dizer muitas coisas; percebendo que já não poderia comprovar aquilo que dissera ser a verdade, não se animava a proferir palavra. E a mulher, dirigindo-se aos irmãos, disse:

— Meus irmãos: verifico que meu marido andou procurando forçar-me a fazer o que nunca desejei fazer, isto é, que eu conte, a vocês, as misérias e as perversidades dele. E eu o farei agora. Creio firmemente que isso que ele lhes contou tenha acontecido com ele; ouçam como. Esse valente homem, ao qual vocês, na minha má hora, me entregaram como esposa, se diz mercador; deseja e precisa ser acreditado; deveria ser comedido como um religioso e mais honesto do que uma donzela; entretanto, são poucas as noites que ele não anda embebedando-se pelas tabernas; ademais, entretém-se ora com esta, ora com aquela mulher de má fama. De minha parte, vejo-me obrigada a esperá-lo até à meia-noite, e mesmo até a madrugada, da maneira que aqui vocês veem. Estou convencida de que, depois de se embriagar muito, ele se deitou com alguma mulher à toa do seu grupo; deve ser nela que, acordando, ele encontrou o barbante amarrado no dedão do pé; e, depois, acabou fazendo todas aquelas proezas que diz que fez; por fim, voltou à casa dela, onde a surrou e lhe cortou os cabelos; como Arriguccio ainda não voltou completamente a si, julgou, e estou certa de que ainda julga, que fez todas aquelas coisas comigo. Se vocês o observarem bem, verão que ainda está meio ébrio. Seja como for, não quero que vocês recebam o que ele disse de mim, a não ser como palavras de um bêbado. E uma vez que eu o perdoo, vocês também o podem perdoar.

A mãe da moça, ao ouvir estas explicações, começou a fazer barulho e a clamar:

— Pela cruz de Deus, minha filha! Uma coisa destas não é de perdoar; ao contrário; seria preciso matar esse homem, aborrecedor e mal-agradecido. Nunca ele foi digno de ter por esposa uma filha como você é. Ele procede como se tivesse recolhido você da lama! Ele que vá para a má sorte, se pensa que você deve ficar ao léu das palavras de um mercadorzinho de esterco de burro; ele é desses que, aparecendo no condado, depois de saírem do chiqueiro, vestidos à romanhola, com as calças em boca de sino e com as penas¹ no traseiro, arranjam três vinténs e querem, por esposas, as filhas dos gentishomens e das nobres mulheres. Esses indivíduos aprendem a usar armas, e dizem “Eu descendo de tal gente!” e “Os meus me fizeram assim!”. Bem que

desejaria eu que os meus filhos seguissem os meus conselhos; os condes Guidi poderiam acomodar você na casa deles, com todas as honras. Ali você teria casamento condigno. Entretanto, os meus filhos quiseram entregar você a esta preciosidade de homem; a este homem que, embora você seja a moça mais honesta de Florença, não tem vergonha de sair de casa, à meia-noite, para anunciar que você é desonesta, como se nós não conhecêssemos você. Mas, pela fé em Deus, se meus filhos me tivessem ouvido, agora se lhe aplicaria um castigo de tal ordem, que ele acabaria fedendo.

Depois, voltando-se para os filhos, disse:

— Meus filhos: bem lhes dizia eu que isto não poderia ser como Arriguccio assegurava. Agora, vocês viram e ouviram como este seu cunhado trata a sua irmã. Cunhado que não passa de mercadorzinho de quatro vinténs. Se eu fosse como vocês, se ele dissesse o que disse, e fizesse o que fez, eu nunca me daria por satisfeita, nem acalmada, se não o eliminasse da face da Terra. Se eu fosse homem, como sou mulher, não quereria que outros se intrometessem no caso. Deus que castigue esse bêbado infeliz, que nem vergonha tem!

Os moços, ouvindo e vendo estas coisas, voltaram-se para Arriguccio, proferindo, contra ele, os piores xingamentos que jamais se dirigiram a homens maus; por fim, disseram-lhe:

— Nós o perdoamos por esta vez; mas tome cuidado, se quer conservar a vida; daqui por diante, não queremos mais saber de palhaçadas desta ordem; fique certo de que, se mais alguma coisa nos chegar aos ouvidos, você nos pagará por esta vez e pela outra.

Dito isto, todos se retiraram. Arriguccio continuou como um desmiolado; já não sabia se era verdade, ou se havia sonhado, aquilo que havia dito e feito; sem proferir mais palavra, deixou a mulher em paz. A esposa não somente escapou do perigo, por meio da sua sagacidade, mas também abriu e consolidou o caminho para, em qualquer tempo futuro, gozar todos os prazeres que quisesse, sem medo algum do marido.

Nota

¹ Para se compreender esta referência, convém recordar que, nos tempos de Boccaccio, as pessoas que se dedicavam ao comércio costumavam andar com o porta-penas à cintura, um pouco de lado, talvez mesmo bem para trás, para não embaraçar os movimentos. Este porta-penas era quase um emblema profissional de tais pessoas.

NONA NOVELA

Lídia, esposa de Nicóstrato, ama Pirro; para acreditar no amor dela, ele pede-lhe que faça três coisas; e ela as faz todas; além disto, na presença de Nicóstrato, aufere prazeres com ele, conseguindo fazer com que Nicóstrato considere não ser verdade o que viu.



anto agradara a novela de Neifile, que as mulheres do grupo mal podiam deixar de rir e de comentar, muito embora o Rei houvesse tentado, por várias vezes ordenar-lhes silêncio, recomendando, ao mesmo tempo, que Pânfilo contasse o que tivesse para contar. Quando, afinal, as mulheres se calaram, Pânfilo assim começou:

— Não creio, respeitáveis mulheres, que exista alguma coisa, por mais grave e incerta que se afigure, que a pessoa que ama fervorosamente não ouse fazer. Esta verdade já foi demonstrada em várias novelas; não obstante, pretendo mostrá-la com muito maior relevo, com uma novela que lhes direi; no seu desenvolvimento, vocês ouvirão falar de uma mulher em cujos atos foi muito mais favorável a sorte do que prudente a razão. Por isto, não aconselharei a mulher alguma que se arrisque a seguir os passos daquela de quem desejo falar; e isto porque nem sempre a sorte está bem-disposta, e, ademais, nem todos os homens deste mundo são igualmente cegos.

Em Argos, antiquíssima cidade de Acaia — muito mais famosa devido aos seus reis passados do que grande quanto às proporções —, existiu um nobre senhor chamado Nicóstrato. A este homem, quando ele já se encontrava perto da velhice, a sorte entregou, na qualidade de esposa, uma mulher não menos audaciosa do que bonita, que tinha o nome de Lídia. Como homem nobre e rico, Nicóstrato possuía numeroso pessoal de serviço, muitos cães e muitos pássaros; seu grande prazer era caçar. Figurava, entre os outros seus fâmulos, um juvenzinho elegante e maneiroso, bem-apegoado e hábil em tudo quanto desejava aplicar-se; chamava-se Pirro; Nicóstrato estimava-o mais do que aos outros, e nele depositava mais confiança do que em si próprio.

Foi deste moço que Lúdia se enamorou apaixonadamente, a ponto de não poder concentrar o pensamento, nem de dia nem de noite, em outra coisa, a não ser nele; desta paixão, Pirro não dava mostras de tomar conhecimento, seja porque não lhe houvesse percebido a existência, seja porque não quisesse corresponder a ela. Em consequência, a moça nutria intolerável desespero no próprio ânimo. Um dia, ela, resolutamente disposta a fazer com que ele a compreendesse, chamou à sua presença uma sua camareira, chamada Lusca, em quem depositava grande confiança; e disse-lhe:

— Lusca: os benefícios que você tem recebido de mim devem torná-la obediente e fiel; quanto ao que eu vou dizer-lhe agora, não revele coisa alguma a quem quer que seja, a não ser ao moço a quem eu lhe recomendar. Como você vê, Lusca, eu sou mulher jovem e viçosa, cheia e transbordante de todas aquelas coisas que toda mulher pode desejar; em poucas palavras: afora de uma única coisa, de nada mais eu me posso queixar. Esta coisa é que os anos de idade do meu marido são muitos, se comparados com os meus; por isto, vivo muito pouco satisfeita com aquilo de que as mulheres moças mais prazer auferem; entretanto, desejando-o, como as outras, já faz algum tempo que resolvi não ser inimiga de mim mesma; embora a sorte me haja sido pouco amiga, proporcionando-me um marido velho, não é justo que eu deixe de procurar maneira de satisfazer os meus afetos e a minha saúde. Como tenho afetos e saúde tão íntegros para o amor, como para as outras coisas, resolvi que o nosso Pirro deverá satisfazê-los com os seus abraços, uma vez que o considero mais digno disso do que qualquer outro, e tanto amor que venho dedicando a esse homem, que nunca me sinto bem, a não ser quando o vejo, ou quando penso nele. Se eu, sem demora alguma, não me encontrar com ele, penso que por certo morrerei. Nestas condições, se a minha vida lhe é cara, a você, Lusca, trate de comunicar, a Pirro, pela forma que mais indicada se lhe afigurar, a existência deste meu amor; peça-lhe, ademais, em meu nome, que tenha a bondade de vir ter comigo, quando você o for buscar.

A camareira disse que o faria de bom grado. Assim que o momento e o lugar lhe pareceram oportunos, ela chamou Pirro de um lado e, da melhor maneira que soube, se fez embaixadora de sua patroa. Ao ouvir a comunicação, Pirro muito se admirou, pois nunca havia percebido coisa alguma; e ficou pensando que, talvez, Lúdia assim procedesse apenas para o tentar; em consequência, e com certa rispidez, respondeu à camareira:

— Lusca, eu não posso acreditar que tais palavras procedam da minha patroa; por isto, tenha cuidado com o que está dizendo; se tais palavras

procedem dela, não creio que as tenha mandado comunicar com sinceridade; se o fez com sinceridade, o meu senhor me honra com muito mais do que aquilo que eu valho; portanto, eu não farei, a ele, um ultraje semelhante, em tempo algum da minha vida. Consequentemente, será de bom aviso você não voltar a falar-me de tais coisas.

Lusca, porém, sem se desconcertar, desde logo, em face de fala tão rígida, acrescentou:

— Pirro, destas e de outras coisas, desde que a minha patroa me imponha, eu lhe falarei tantas vezes quantas ela me mandar; pouco me importa o prazer ou o aborrecimento que lhe possa causar; em verdade, porém, você é uma besta.

Depois, ligeiramente perturbada pela resposta de Pirro, voltou à presença de Lídia, que, ouvindo-a, desejou morrer. Após alguns dias, tornou a falar à camareira, dizendo:

— Não é ao primeiro golpe que o carvalho tomba; acho que será bom que você volte àquele moço que deseja manter-se leal em meu prejuízo; tome o tempo que for necessário; revele-lhe inteiramente o meu amor; e empenhe-se por todas as maneiras, a fim de que a incumbência surta efeito; do contrário, se as coisas rumarem por outro caminho, eu morrerei, e ele pensará que foi burlado; assim, em vez do seu amor, que procuramos, obteríamos o seu ódio.

A camareira consolou a mulher; procurou Pirro; encontrou-o alegre e bem-disposto; e assim lhe falou:

— Pirro, eu lhe revelei, há poucos dias, em que ardor se encontra a sua patroa, e minha também, pelo amor que nutre para com você. Agora, de novo, torno a falar no caso, confirmando tudo; se você se mantiver na dureza que manifestou anteontem, tenha a certeza de que a sra. Lídia viverá pouco. Por esta razão, peço a você que tenha a bondade de ir ter com ela e proporcionar-lhe conforto naquilo que ela mais anseia. Se você continuar com essa obstinação em contrário, eu, que tão esclarecido o considerava, passarei a considerá-lo um imbecilão. Que glória maior você poderá conseguir do que a de uma mulher tão bonita, tão delicada, tão nobre, amar você mais do que qualquer outra coisa no mundo? Além disto, bem que você pode considerar-se obrigado a ser grato para com a sua sorte, pelo fato de ela lhe colocar à frente uma jovem de tal categoria, tão adequada aos desejos de sua juventude, e que, ademais, representa um refúgio maravilhoso para as suas necessidades de moço! Que homem das suas condições você conhece que, por via de amor, esteja melhor do que você mesmo estará, se se portar com sensatez e acerto? Que

outro homem poderá ficar, quanto a armas, cavalos, roupas e dinheiro, nas condições em que você ficará, se conceder o seu amor a esta mulher? Abra, portanto, o seu espírito às minhas palavras; volte ao bom senso; lembre-se de que apenas uma vez a sorte costuma ir ao encontro de alguém, com cara alegre e a mão aberta; quem não a souber receber, poderá, depois, encontrar-se pobre e mendigo; e, então, terá de se queixar de si mesmo, não da sorte. Ademais, não é preciso que exista, entre serviçal e patrão, a mesma lealdade que convém que haja entre amigos e parentes. Ao contrário: os serviçais devem tratar os seus patrões, naquilo que lhes é possível, exatamente como são por eles tratados. Se você tivesse mulher bonita, ou mãe, ou filha, ou irmã, por quem Nicóstrato se engraçasse, imagina você que ele iria pensar nessa lealdade para com você, que você pretende usar para com ele, agora, no caso de Lídia? Você não passa de um bobo, se imagina semelhante escrúpulo. Fique certo de que, se as lisonjas e os rogos não lhe bastassem para conseguir seus objetivos, ele acabaria empregando a força, a despeito de qualquer opinião que você sobre o caso pudesse formar. Tratemos, pois, os patrões, e o que é deles, como eles nos tratam, a nós e ao que é nosso; aproveite o benefício da sorte, ao invés de o atirar pela janela; vá ao encontro dela, e receba-a, a ela que corre para você, de braços abertos; se você não fizer isto, deixemos de lado a morte que, infalivelmente, se seguirá, para a nossa patroa; pensemos no arrependimento que você sentirá muitas e muitas vezes, a ponto de também desejar morrer.

Pirro havia pensado, várias vezes, nas palavras que Lusca lhe havia comunicado, da primeira feita; e, tornando a pensar, já havia resolvido que, se ela voltasse à sua presença, com recado de igual teor, daria resposta diferente, dispondo-se todo a satisfazer a patroa, desde que pudesse certificar-se de que não estava sendo atraído para alguma cilada. Nestas condições, respondeu:

— Veja, Lusca: percebo que todas as palavras que você me diz são verdadeiras; mas eu sei, de outra banda, que o meu senhor é muito esclarecido e muito esperto; como ele entrega todos os seus negócios às minhas mãos, receio muito que Lídia, a pedido dele, esteja mandando você a mim, para me fazer cair em cilada. Portanto, se ela fizer três coisas que eu pedir, para minha elucidação, será certo que, depois, não haverá ordem que ela dê e que não seja por mim imediatamente cumprida. As três coisas que desejo são as seguintes: primeiro, que ela, na presença de Nicóstrato, mate o seu excelente gavião; segundo, que ela me envie uma guedelha da barba de Nicóstrato; por fim, quero um dente dele mesmo, e dos melhores.

Estas exigências se afiguraram graves à camareira Lusca, e gravíssimas à sra. Lúdia; mas o Amor, que é bom confortador e grande mestre de conselhos, induziu-a a resolver concordar; mandou a Pirro, pois, a sua camareira, informando-o de que faria plenamente o que ele havia exigido; e não se demoraria muito. Além disto, uma vez que ele reputava Nicóstrato tão esclarecido, disse que, na presença dele, Nicóstrato, ela auferiria os prazeres do amor com Pirro e que, depois, convenceria o marido de que isso não fora verdade. Pirro, então, esperou por aquilo que a nobre mulher deveria fazer.

Dali a poucos dias, Nicóstrato ofereceu um grande jantar, como costumava fazer, a determinados gentis-homens. Depois de se retirarem as mesas, Lúdia saiu de seus aposentos, vestindo linda roupagem verde e apresentando-se muito adornada; rumou, de pronto, para a sala onde os gentis-homens se encontravam; vendo ali Pirro e vários outros varões, dirigiu-se à tranca, na qual o gavião se empoleirara; aquele era o gavião mais estimado por Nicóstrato; Lúdia soltou a ave, como se a quisesse sustentar em sua mão; segurou-a pela correia de couro com que se amarram as aves de rapina usadas na caça; bateu-lhe a cabeça contra a parede; e matou-a. Nicóstrato, dirigindo-se a ela, gritou:

— Ai de mim! Mulher, que foi que você fez?

Ela não respondeu palavra; voltando-se, porém, para os gentis-homens, que haviam jantado com Nicóstrato, disse:

— Senhores: mal poderia eu vingar-me de um rei que me fizesse alvo do seu despeito, se eu não tivesse ousadia bastante para vingar-me de um gavião. Os senhores devem saber que este pássaro me vem privando, de há muito, de todo o tempo que os homens devem dedicar ao prazer das mulheres; assim que a aurora desponta, Nicóstrato se levanta da cama; monta a cavalo; e, com este gavião na mão, ruma para as planícies descampadas, a fim de o ver voar. E eu, como os senhores veem, sozinha e melancólica, permaneço na cama. Por esta razão, muitas vezes tive vontade de fazer o que fiz agora; e o único motivo que me impediu de agir antes por esta forma foi o desejo de esperar a oportunidade para o levar a termo em presença de senhores que possam ser juízes justos da minha queixa, como eu considero que os senhores o são.

Os gentis-homens ouviram-na; acreditaram que o afeto de Lúdia, para com Nicóstrato, fosse exatamente como as suas palavras soavam; riram-se muito e, voltando-se para Nicóstrato, que se sentia perturbado, começaram a dizer:

— Não há dúvida que a mulher fez muito bem em vingar a injustiça sofrida, através da morte do gavião!

Houve muitas sentenças e observações sobre tal matéria; Lídia regressou aos seus aposentos; e a zanga de Nicóstrato se transformou em gargalhada.

Ao observar este episódio, Pirro disse, de si para consigo: “Elevados princípios deu esta mulher aos meus felizes amores; queira Deus que ela persevere!”

Uma vez morto, pois, o gavião, por obra de Lídia, poucos dias se passaram e logo aconteceu o seguinte: encontrava-se a mulher em seus aposentos, em companhia de Nicóstrato; fazendo-lhe carícias, ela começou a brincar com ele; e ele, por brincadeira, puxou-lhe os cabelos; isto lhe deu motivo para pôr em prática a segunda exigência imposta por Pirro; de pronto, ela agarrou o marido por um punhado de fios da barba dele e, rindo, puxou com tamanha força que lhe arrancou por inteiro do queixo; como Nicóstrato se queixasse por isto, ela disse-lhe:

— Que foi que você sentiu, para fazer essa cara, só porque eu lhe arranquei seis pelos de barba? Por certo que você nada sentia daquilo que eu senti, quando, agora há pouco, você me puxou pelos cabelos!

Assim, continuando a brincadeira entre uma palavra e outra, a mulher, muito cautelosamente, guardou a madeixa de pelos de barba que lhe havia arrancado; no mesmo dia, mandou-a ao seu querido amante.

Quanto à terceira exigência, a mulher ficou um pouco mais preocupada. Ainda assim, como mulher que era de elevada inteligência, e a quem o amor inspirava argúcias extraordinárias, acabou imaginando a maneira de dar-lhe também satisfação. Nicóstrato tinha dois meninos, que lhe haviam sido entregues pelos respectivos pais, a fim de que, por serem descendentes de gentis-homens, aprendessem bons costumes; um destes meninos lhe cortava os alimentos; o outro lhe dava de beber. Lídia mandou chamar estes meninos à sua presença; fez-lhes ver que a boca deles mesmos estava com mau hálito; em consequência, recomendou-lhes e instruiu-os para que, quando estivessem servindo Nicóstrato, inclinassem o máximo possível a cabeça para trás; além disto, exigiu-lhes que nunca referissem o caso a quem quer que fosse. Os rapazolas, dando crédito às palavras da sra. Lídia, começaram a portar-se por aquela forma que ela lhes havia recomendado. Estando as coisas neste pé, ela perguntou, um dia, a Nicóstrato:

— Você já notou o que estes meninos fazem, quando o servem?

Nicóstrato disse:

— Notei, sim. Até já tive vontade de perguntar por que se portam assim.

Ao que a mulher esclareceu:

— Não pergunte, pois eu sei dizer-lhe o porquê; há muito tempo que me calo, a este respeito, apenas para não lhe dar aborrecimento; agora, porém, que observo que os outros também começam a perceber o que se passa, não é mais o caso de o ocultar a você. O motivo daquele comportamento dos meninos é que a sua boca, Nicóstrato, cheira fortemente mal; não sei qual a razão disso, porque isso não ocorria em outros tempos. Não há dúvida que o mau hálito é coisa péssima, principalmente por você ter de tratar com gentis-homens; por esta razão, será preciso descobrir o modo de o eliminar.

Então, Nicóstrato indagou:

— Qual poderia ser a causa? Será que tenho, na boca, algum dente estragado?

Ao que Lídia arbitrou:

— Talvez sim.

Ela conduziu o marido para junto de uma janela; mandou que ele abrisse a boca; e, depois de olhar bem, de um lado e de outro, para dentro da boca, disse:

— Oh! Nicóstrato! Como pode você ter tolerado isso? Há um dente, deste lado, que, ao que me parece, não somente está gasto, mas também se apresenta inteiramente podre; por certo que, se você conservar esse dente em sua boca, por mais tempo, ele estragará os outros que lhe ficam ao lado. Desta maneira, aconselho-o a extirpá-lo, antes que o mal se difunda.

Então, Nicóstrato decidiu:

— Uma vez que é essa a sua opinião, e que também sou do mesmo parecer, que se mande chamar, sem demora, um mestre que me arranque este dente.

Ao que a dona exclamou:

— Não praza a Deus que para isto seja preciso vir um mestre; parece-me que o dente está em condições de, sem mestre algum, poder ser retirado otimamente, por mim mesma. De resto, esses mestres são tão cruéis, quando prestam serviços desta ordem, que o meu coração não suporta a ideia de ver você sofrendo nas mãos de um deles; assim, decididamente, eu mesma farei a extração do dente; pelo menos, se a dor for muito grande, eu o deixarei em paz imediatamente, coisa que o mestre não faria nunca.

Ordenou-se que apresentassem os ferros indispensáveis para aquele serviço; mandou-se que todas as pessoas se retirassem da sala; somente a

camareira Lusca teve permissão para ali permanecer. As duas se fecharam no quarto; fizeram com que Nicóstrato se deitasse em cima de uma mesa; puseram-lhe as tenazes na boca; apanharam-lhe um dos dentes; e, embora ele gritasse desesperadamente de dor, foi por uma delas mantido imóvel, enquanto que a outra, a viva força, lhe extraiu um dente; Lídia conservou consigo o dente extraído; tomou um outro, todo gasto e esburacado, que trazia oculto na mão; e mostrou este outro a Nicóstrato, que parecia meio morto de dor. E disse-lhe:

— Veja o que você vinha trazendo na boca desde muito tempo.

Nicóstrato acreditou. Embora fosse enorme o sofrimento por que passou, e embora muito se queixasse disso, sentiu-se como que curado, logo que viu o dente fora de seu corpo; depois de se consolar com uma coisa e com outra, porque a dor já se havia aliviado, saiu do quarto. A mulher, assim que extraiu o dente, mandou-o, sem perda de tempo, ao seu amante; este, já certo do seu amor, preparou-se para se oferecer ao gozo de todos os prazeres.

A mulher, desejando dar-lhe segurança ainda maior, e tendo a impressão de que cada hora de atraso na chegada dele correspondesse a mil horas, achou que deveria fazer aquilo que lhe prometera; fingiu estar enferma; certo dia, depois do almoço, foi visitada por Nicóstrato, que apareceu em companhia de Pirro; ela, porém, não via senão Pirro; mas pediu ao marido que, em companhia de seu fâmulos de confiança, e para lhe aliviar o mal que sentia, a ajudasse a ir até ao jardim. Nicóstrato tomou-a por um dos lados; Pirro, por outro; e os dois quase que a carregaram para o jardim, pousando-a num pequeno prado, ao pé de uma esbelta pereira. Todos se entretiveram, ali, por algum tempo; a mulher, entretanto, já havia mandado comunicar a Pirro o que deveria fazer; assim, depois do breve repouso, disse:

— Pirro: tenho grande desejo de comer umas peras daquelas; trepe na árvore, pois, e atira-me cá para baixo algumas delas.

Pirro subiu na árvore, sem a menor demora; e começou a atirar para baixo muitas peras; enquanto as atirava, ia dizendo:

— Olá, meu senhor! Que é isso que o senhor está fazendo? E a senhora, Monna Lídia: pois então a senhora não se envergonha de fazer isso na minha presença? Pensam os senhores que eu esteja cego? A senhora, há ainda pouco tempo, estava enferma; como foi que sarou quase de repente, a ponto de fazer tal coisa? Eu sei que, se a senhora quiser fazer isso, bem que dispõe de lindas salas. Mas, então, por que é que não vai a uma delas, para esse fim? Em todo caso, seria mais honesto isso do que fazê-lo na minha presença.

A mulher, dirigindo-se ao marido, disse:

— Que é que Pirro está dizendo? Estará ele maluco?

Pirro, então, indagou:

— Não estou maluco, senhora, não! Pois então não crê que eu esteja vendo tudo?

Nicóstrato mostrou-se fortemente surpreso com as expressões de Pirro; e disse:

— Pirro: na verdade, penso que você está sonhando.

Ao que Pirro explicou:

— Meu senhor: não estou sonhando nem fazendo coisa parecida; e o senhor também não está sonhando; ao contrário: bem que o senhor se remexe todo; se esta pereira se mexesse dessa forma, pera nenhuma restaria em seus galhos.

A mulher perguntou, por sua vez:

— Que é que isto pode ser? Será então exato que ele pensa que é verdade o que está dizendo? Deus que me salve! Se eu estivesse com saúde, como já estive, treparia nessa árvore, para ver que maravilhas são essas que Pirro afirma estar contemplando.

Lá de cima da pereira, Pirro continuava dizendo suas coisas; ao que Nicóstrato ordenou:

— Desça.

Pirro desceu; e Nicóstrato perguntou-lhe:

— Que é mesmo o que você diz que está vendo?

Pirro tentou explicar:

— Penso que o senhor me esteja considerando desmemoriado, ou atarantado. O que é certo é que, lá do topo da árvore, eu via o senhor posto em cima de sua esposa; e foi por isto que falei. Depois, ao descer, vi o senhor levantar-se e colocar-se aí, onde agora se encontra, sentado.

— Decididamente — disse Nicóstrato —, você é um desmemoriado, coisa que nós não somos; desde que você subiu na pereira, nem sequer nos movemos, a não ser agora, como vê.

A esta explicação, Pirro mostrou-se de ânimo conciliatório:

— Mas por que é que estamos discutindo? O que eu vi, bem que o vi; ademais, se eu vi o senhor daquele jeito, vi-o em cima do que era e é seu.

Nicóstrato ficava mais surpreso a cada minuto que se passava; a tal ponto, que disse:

— Quero ir ver se esta pereira é encantada, e se quem trepa nela descortina maravilhas!

Nicóstrato trepou na árvore; quando ele chegou lá em cima, a mulher e Pirro, cá embaixo, começaram suas carícias de amor; o marido, vendo semelhante coisa, pôs-se a gritar:

— Ah! Mulher criminosa! Que é que você está fazendo? E você, Pirro, homem em quem mais eu confiava?

Dizendo isto, Nicóstrato pôs-se a descer da pereira. A mulher e Pirro diziam:

— Nós estamos aqui sentados.

Com efeito, vendo-o descer, os dois trataram de sentar-se, voltando à posição em que Nicóstrato os havia deixado. O marido, descendo, viu que os dois se encontravam onde os deixara; e começou a dizer-lhes impropérios. Ao que Pirro disse:

— Nicóstrato: agora, na verdade, confesso que, como o senhor dizia antes, eu vi coisas inexistentes, enquanto estive lá em cima, na pereira; e nenhuma outra prova eu tenho, nem preciso, a não ser o fato de estar percebendo que o senhor viu o que não existia. Que eu lhe esteja dizendo a verdade, prova-o o fato seguinte: se a sua esposa, que é mulher honestíssima, e muito mais esclarecida do que qualquer outra, desejasse traí-lo, por certo que não se afoitaria a fazê-lo bem diante dos seus olhos. De mim, nem me animo a falar; preferiria deixar que me esquartejassem, a pensar em traí-lo, e mais ainda em traí-lo na sua presença. Não há dúvida que o mistério deste ver uma coisa pela outra está na própria pereira; nem o mundo inteiro seria capaz de me dissuadir de que o senhor houvesse estado carnalmente ligado à sua mulher, se eu não ouvisse, agora, o senhor afirmar que lhe pareceu, lá de cima, que eu estivesse fazendo aquilo que, por certo, não pensei fazer, e muito menos seria capaz de perpetrar.

A mulher, que se havia posto de pé, toda perturbada, disse, logo depois:

— Fique você com a sua má ventura, se me julga tão mesquinha a ponto de pensar que eu, se quisesse praticar semelhantes extravagâncias, que você diz que viu lá de cima, viesse praticá-las precisamente diante dos seus olhos! Tenha você a certeza disto: em qualquer momento que eu sentisse vontade de fazer isso, para aqui é que não viria; ao contrário, fingiria estar fechada numa das nossas salas, e agiria por tal forma, que grande coisa seria o fato de você conseguir obter alguma notícia a respeito.

A Nicóstrato se afigurava verdade aquilo que a mulher e Pirro diziam: que eles, ali, diante dele, àquele ato, não se entregariam nunca; deixou, pois, de lado, os impropérios e as palavras de censura; passou a conversar animadamente sobre a novidade do fato, bem como sobre o milagre daquela ilusão de óptica, que tão profundamente modificava a realidade aos olhos de quem subisse ao topo daquela árvore. A sra. Lídia, porém, continuava mostrando-se perturbada, devido à opinião que Nicóstrato manifestara a seu respeito, quando a julgara capaz de o trair diante de seus próprios olhos; e disse:

— Em verdade, uma vergonha destas ninguém mais imporá a mulher alguma; nem a mim nem a qualquer outra, se estiver ao meu alcance; por isto, Pirro, corra; vá buscar um machado; com ele, vingue-se e vingue-me ao mesmo tempo, cortando-a: muito melhor seria dar com essa árvore na cabeça de Nicóstrato, homem que, sem qualquer consideração, tão depressa deixou que se lhe ofusasse a vista do espírito. Por certo, embora aos olhos de sua cabeça, Nicóstrato, houvesse parecido ocorrer aquilo que você disse, você não deveria, por nada deste mundo, admitir que fosse verdade o que as pupilas viam.

Pirro correu; foi em busca de um machado; voltou; cortou a árvore; quando a mulher viu a pereira tombada, dirigiu-se a Nicóstrato, dizendo:

— Agora, que vejo abatido o inimigo da minha honestidade, posso dizer-lhe que a minha ira se dissipou.

A sra. Lídia perdoou Nicóstrato, que para tanto lhe suplicava com encarecimento e humildade; impôs-lhe, porém, o dever de não mais fazer suposições daquela ordem, a respeito daquela que ele amava mais do que a si mesmo.

Desta maneira, o infeliz marido, escarnecido, voltou para o palácio, na companhia da esposa e do amante dela; nesse palácio, mais tarde, muito prazer gozaram, proporcionaram e receberam, Pirro de Lídia e Lídia de Pirro. E Deus que muito prazer nos proporcione também.

DÉCIMA NOVELA

Dois sienenses amam a mesma mulher, que é comadre de um deles. O compadre morre, e, de acordo com a promessa feita, aparece ao companheiro sobrevivente, contando como é que se mora no além.



omente o Rei, agora, restava para novelar; e ele, depois de ver que as mulheres se haviam aquietado — após lamentarem a derrubada da pereira, que culpa alguma tinha no caso —, começou:

— Coisa evidente é a de que todo rei justo seja o primeiro bom observador das leis por ele feitas; se ele proceder de outra forma, torna-se merecedor de punição, e não deve julgar-se rei. Neste pecado e nesta repreensão, quase que eu, que sou o vosso Rei, me vejo obrigado a incorrer. É verdade que eu promulguei ontem a lei para as novelas ditas hoje; e assim agi, com o propósito de não fazer, hoje, uso do meu privilégio; tinha a intenção de submeter-me, em companhia de vocês, àquela determinação, novelando em torno do tema a que vocês se ativeram. Acontece, porém, que não somente já foi narrado aquilo que eu havia imaginado contar, como também, além disso, outras coisas, e muito bonitas, foram apresentadas; deste modo, eu, quanto a mim, por mais que dê tratos à memória, não consigo convencer-me de que saiba, em torno do tema proposto, novela alguma digna de ser apreciada. Por isto, vejo-me induzido a pecar contra a lei feita por mim mesmo. Tornando-me, assim, merecedor de punição, desde já me confesso preparado para toda emenda que me for imposta. E, nestas condições, volto ao uso do meu privilégio. Digo que a novela narrada por Elisa, do compadre e da comadre, de um lado, e, de outro lado, a patetice dos sienenses, representam uma força tão considerável que eu, queridas mulheres, vou deixar de lado as burlas praticadas pelas mulheres espertas contra os respectivos maridos imbecis. Tudo isso me induz a contar-lhes uma novelazinha dos mesmos sienenses; embora esta

pequena narrativa não possuía muito daquilo que não se possa crer, nem por isso deixará de ser agradável ouvi-la.

Existiram, pois, em Siena, dois jovens do povo; um deles teve o nome de Tingoccio Mini; o outro se chamava Meuccio di Tura; os dois moravam junto à Porta Salaia. Quase nunca de lá saíam, a não ser um em companhia do outro; e, por aquilo que se afigurava, eles muito se estimavam. Indo, como os homens costumam ir, às igrejas e aos sermões, muitas vezes tinham ouvido falar da glória e da infelicidade que, às almas daqueles que morriam, se impunham, no outro mundo, de acordo com os méritos que houvessem revelado neste. Os dois moços queriam ter informações positivas a tal respeito; como, porém, não houvesse possibilidade de as conseguir, prometeram-se, reciprocamente, que o primeiro deles que morresse faria o possível para aparecer àquele que sobrevivesse, a fim de lhe dar as informações que tanto desejava. Firmaram este propósito com um juramento.

Feita, pois, esta promessa, e continuando os dois a viver sempre um em companhia do outro, como se disse, algo aconteceu. Tingoccio fez-se compadre de um tal Ambrósio Anselmini, que vivia em Camporeggi, o qual havia ganhado um filho, de sua mulher chamada Monna Mita. Tingoccio, em companhia de Meuccio, visitava, de quando em quando, esta sua comadre Monna Mita. Ela era uma linda mulher, muito apeteável; e, não obstante o compadresco, enamorou-se dela. Também Meuccio se apaixonou pela mulher, depois de ouvir os elogios que a ela Tingoccio não cessava de tecer. Deste amor, um não revelava nada ao outro; mas não procediam assim pela mesma razão. Tingoccio evitava de falar nesse amor a Meuccio, porque ele próprio achava que não ficava bem amar a comadre, precisamente por ser comadre; e muito se envergonharia, se alguém soubesse, de tal amor. Meuccio não silenciava por esta circunstância; silenciava porque já havia percebido que Tingoccio gostava da moça. Em consequência, ele raciocinava lá com os seus botões: “Se eu lhe disser do meu amor, ele ficará com ciúmes de mim; como ele pode falar, a ela, a seu gosto, na qualidade de compadre, será admissível que a induza a nutrir ódio para comigo; desta maneira, nunca receberei, dela, coisa que me agrade.”

Ora: amando estes dois jovens a mesma mulher, como lhes disse, aconteceu que Tingoccio — ao qual se tornava mais fácil revelar o próprio desejo à moça — tanto soube fazer, com atos e com palavras, que recebeu, dela, o prazer a que aspirava. Meuccio bem que percebeu o fato; e, embora isso lhe fosse desagradável, ainda assim, sempre na esperança de atingir, um dia, o objetivo do seu desejo, fingiu não notar coisa alguma. Assim se portou, para

que Tingoccio não tivesse assunto, nem motivo, de lhe arruinar os planos; ou mesmo de lhe impedir a realização dos seus propósitos. Os dois companheiros prosseguiram amando a mesma mulher, sendo um mais feliz do que o outro.

Ocorreu, contudo, que Tingoccio encontrou, nos domínios de sua comadre, terreno muito doce; tanto cavou, e tanto amanhou, que um dia uma enfermidade o acometeu; a doença agravou-se fortemente depois de uns poucos dias; e ele, não podendo suportá-la, transpassou desta vida. No terceiro dia depois do transpasse — porque talvez não o pudera fazer antes —, Tingoccio, de acordo com a promessa feita, apareceu, de noite, no quarto de Meuccio; na hora, Meuccio dormia profundamente; mas a aparição de Tingoccio o chamou. Meuccio, então, acordou; e disse:

— Quem é você?

Ao que a aparição respondeu:

— Sou Tingoccio, que, de acordo com a promessa que lhe fez, volta para junto de você, a fim de lhe proporcionar notícias relativas ao outro mundo.

Muito se espantou Meuccio, ao ver a aparição; contudo, conseguiu tranquilizar-se; e disse:

— Seja bem-vindo, meu irmão!

Depois, perguntou-lhe se ele andava perdido; ao que Tingoccio respondeu:

— Perdidas são as coisas que não se acham mais; e como estaria eu aqui se andasse perdido?

— Ai de mim! — exclamou Meuccio. — Não é isso que quero dizer. Pergunto se você se encontra entre as almas danadas ao fogo punitivo do inferno.

A isto, Tingoccio esclareceu:

— Isso, não. Mas é certo que, pelos pecados cometidos, me encontro passando por penas gravíssimas e angustiantes.

Meuccio então perguntou, com sentido particular, a Tingoccio, quais as penas que se aplicavam, no além, para cada um dos pecados que se praticavam do lado de cá da vida; e Tingoccio esclareceu-o a propósito de tudo. A seguir, Meuccio perguntou, a Tingoccio, se queria que ele lhe fizesse alguma coisa, aqui na terra; ao que Tingoccio respondeu que sim. Queria que Meuccio mandasse dizer missas e orações, e mandasse também fazer esmolas, visto que missas, orações e esmolas são muito apreciadas no além. Meuccio disse que acederia de muito bom grado aos seus pedidos. Tingoccio, então, despediu-se

do amigo, começando a dissipar-se em seguida; Meuccio, nesse momento, recordou-se da comadre dele; e, erguendo um pouco a cabeça, indagou:

— Bem que me recordo agora, Tingoccio; pelo fato de você se deitar com a sua comadre, quando estava do lado de cá, que pena se lhe aplica no além?

A isto, Tingoccio explicou:

— Meu irmão: assim que lá cheguei, encontrei um indivíduo que parecia que conhecia de cor e salteado todos os meus pecados; esse indivíduo me ordenou que fosse chorar minhas culpas, e cumprir minhas penas, com grande amargura, num determinado lugar, onde me juntei a muitos companheiros condenados à mesma pena, pelos mesmos pecados. Estando eu entre eles, e recordando-me daquilo que já havia feito com a minha comadre, comecei a tremer todo, de medo; esperava, por causa daquilo, pena muito maior do que a que realmente me foi aplicada; e isto apesar de eu estar no meio de um grande fogo, muito ardente. Um pecador, que se achava ao meu lado, percebeu o que se passava comigo; e perguntou: “Que é que você tem mais do que os outros que aqui se encontram, para tremer tanto estando no fogo?” “Oh”, disse eu, “tenho muito medo da punição de um pecado muito grande que cometi do lado de lá da vida”. O outro, então, me perguntou qual era o pecado; ao que eu expliquei: “O pecado foi de tal ordem, que eu me deitava com a minha comadre; e tanto com ela me deitei, que me escorchei todo.” Então, o outro, zombando de mim, disse: “Deixe disso, tolo! Fique tranquilo! Aqui não se dispensa a menor consideração às comadres!” Ao ouvir esta afirmativa, muito me senti tranquilizado.

Dito isto, e como a aurora já se apressasse, Tingoccio ainda explicou:

— Meuccio, trate de ir com Deus, pois eu não posso mais estar em sua companhia.

E, de súbito, dissipou-se em definitivo.

Meuccio, ao ter notícia de que, no além, nenhuma consideração se dava às comadres, começou a zombar de sua própria tolice, pois havia poupado várias das comadres que tinha; deixou, pois, de lado, a tolice, e começou a agir, dali por diante, como homem esclarecido. Se o frade Rinaldo houvesse sabido de tais coisas, não teria tido a necessidade de fazer silogismos, quando converteu a sua bondosa comadre ao culto dos seus prazeres.

DESPEDIDA



zéfiro se erguera, devido ao sol que se aproximava do poente, quando o Rei, terminando a sua novela — e não havendo mais ninguém para fazer narrativas naquele dia — tirou a coroa, da própria cabeça, pondo-a, imediatamente a seguir, na de Laurinha; e disse:

— Senhora: eu coroo-a Rainha de si mesma e deste grupo; ordene, agora, aquilo que, como mulher, julgar que venha a servir de prazer e conforto para todos.

E tornou a sentar-se.

Laurinha, tornada Rainha, mandou chamar o mordomo à sua presença; e ordenou-lhe que as mesas deveriam ser preparadas, no vale aprazível, um pouco antes da hora costumeira: por essa forma, depois do jantar, seria possível regressar devagar ao palácio; depois, deu instruções, ao mencionado mordomo, a propósito do que deveria fazer, enquanto durasse o seu reinado. A seguir, dirigindo-se ao grupo, disse:

— Dioneio mandou, ontem, que hoje se falasse das burlas que as mulheres fazem contra os respectivos maridos. Se não fosse pelo fato de eu não querer que digam que pertenço à raça dos cães vira-latas, que imediatamente procuram vingar-se, eu determinaria que, no dia de amanhã, se novelasse em torno das burlas que os homens praticam contra as respectivas esposas. Deixando, porém, de lado, tudo isto, recomendo que cada qual pense em narrar burlas que todos os dias se levam a efeito, ora por obra de homens contra mulheres, ora por iniciativa de mulheres contra homens, e ora por deliberação de homens contra homens; e acredito que, nesta pauta, não será menos agradável novelar, amanhã, do que o foi no dia de hoje.

Dito isto, Laurinha pôs-se de pé, e dispensou o grupo, até à hora do jantar.

Puseram-se, pois, de pé, tanto os homens como as mulheres; alguns membros do grupo começaram a caminhar, descalços, pela água clara; outros foram entreter-se entre as árvores, belas e eretas, sobre o relvado verde. Dioneio e Fiammetta cantaram longo tempo juntos, recitando Arcita e Palemão.¹ Assim, cada qual auferindo o prazer preferido, todos passaram o tempo com grande alegria, até à hora do jantar. Quando chegou esta hora, as mesas foram postas ao longo do lago; ali, ao canto de mil pássaros, sempre refrescados por uma brisa suave que surgia das montanhas ao redor, e sem haver sequer uma mosca, todos jantaram repousadamente e com verdadeiro deleite. A seguir, as mesas foram retiradas; os membros do grupo percorreram o vale, até certa distância; e, como o sol ainda ia alto, a meio vésper, agradou à Rainha que todos se pusessem a caminho, com passo lento, na direção da morada costumeira; todos caminharam brincando e tagarelando sobre mil coisas, tanto daquelas em torno das quais se haviam desenvolvido as novelas do dia como de outras; e, já bem perto da noite, afinal chegaram ao belo palácio. Ali, dissiparam a fadiga da breve caminhada, por meio de vinhos fresquíssimos e de confeitos; depois, foram dançar junto à linda fonte, ora ao som da cornamusa de Tíndaro, ora a outros sons. Por fim, porém, a Rainha ordenou a Filomena que recitasse uma canção; e ela assim começou:

*Ai! Pobre de minha vida!
Será que jamais poderei voltar
Ao ponto de onde dolorosa partida me roubou?*

*Por certo que não sei; mas é imenso o desejo,
Que trago no peito,
De rever-me no lugar onde, infeliz, já vivi.
Oh, grande bem! Oh, único repouso,
Que me desafoga o coração;
Por Deus! Diga-me você, pois perguntar a outrem
Não ousa, nem sei a quem.
Por Deus, Senhor meu, faça-me esperar que assim seja,
Para que se conforte a minha alma desnorteada.*

*Eu não sei bem esclarecer qual foi o prazer
Que tanto me inflamou,
A ponto de não me fazer encontrar dia, nem noite, aqui.
O ouvir, o sentir e o ver,
Tudo com intensidade não costumeira,
Acenderam em mim novo fogo,
No qual inteiramente ardo.
Ninguém, afora você, pode confortar-me,
Nem devolver a virtude estupefata.*

*Por Deus! Diga-me se e quando
Outra vez encontrarei você,
No lugar em que beijei aqueles olhos, que me mataram.
Diga-me, meu grande bem, alma minha,
Quando você for para lá;
E se me disser logo, isso me confortará.
Que seja breve a demora
Quando você cai, e longa a permanência, à sua vinda,
Porque assim não me importo de haver ainda ferida pelo Amor.*

*Se acontecer que eu um dia torne a vê-lo,
Não sei se serei tola
Como agora fui, por deixar você partir;
Prendê-lo-ei junto a mim, aconteça o que acontecer.
Da sua doce boca,
Importa que eu satisfaça o desejo;
De outra coisa não quero falar agora;
Portanto venha logo; venha abraçar-me,
Pois basta esse pensamento para me fazer cantar.*

Esta canção fez com que todos os membros do grupo passassem a pensar que Filomena estivesse sendo pungida por novo e agradável amor. Pelas palavras da canção, pôde-se deduzir que ela havia ido além da simples

contemplação do bem-amado, o que a tornava ainda mais feliz; isto causou amorosa inveja a todos. Mas depois que a sua canção se concluiu, a Rainha recordou-se de que o dia seguinte era sexta-feira; então, a todos falou, amavelmente, desta forma:

— Vocês sabem, nobres mulheres, e vocês também, bravos rapazes, que o dia de amanhã é aquele que se consagra à Paixão de Nosso Senhor. Esse dia, se vocês bem se recordam, foi devotadamente celebrado, quando Neifile era Rainha; e dele fizemos objeto de encantadora conversação, coisa semelhante fizemos no sábado seguinte. Visto que eu desejo seguir o bom exemplo dado por Neifile, acho que será coisa acertada o abstermo-nos, no dia de amanhã e no dia seguinte, como fizemos nos passados dias iguais, do nosso agradável novelar. Limitar-nos-emos, nesses dias, ao culto da memória d'Aquilo que, para a salvação das nossas almas, aconteceu.

A todos agradou o falar devotado e sincero da sua Rainha; todos, logo após, foram por ela licenciados, visto que boa parte da noite já havia transcorrido; e todos foram repousar.

Termina a sétima jornada de O DECAMERÃO.

Começa a oitava, na qual, sob a soberania de LAURINHA, se conversa em torno das burlas que, todos os dias, se praticam, ora por mulheres contra homens, ora por homens contra mulheres e ora por homens contra outros homens.

Nota

¹ São personagens da *Teseida*, poemeto do próprio Boccaccio, em que se trata da luta de Teseu contra a rainha das amazonas.







OITAVA JORNADA

Já apareciam, no cume dos altos montes, no domingo pela manhã, os raios da luz que surgia; todas as sombras se haviam dissipado; reconheciam-se manifestamente as coisas; então, erguendo-se, a Rainha, com o seu grupo, caminhou, primeiro, pelas ervazinhas orvalhadas; depois, lá pela meia depois da hora terceira, todos visitaram uma igrejinha das vizinhanças e ali ouviram o ofício divino. Voltando para casa, fizeram sua refeição com alegria e festas; a seguir, cantaram e dançaram um pouco; mais tarde, sendo todos dispensados pela Rainha, quem quis ir descansar pôde fazê-lo. Assim, porém, que o sol passou o quadrante das horas mais quentes, todos foram se sentar junto à bela fonte, como agradou à Rainha, a fim de se retomar o novelar costumeiro. E, por ordem da Rainha, Neifile assim começou:

PRIMEIRA NOVELA

Gulfardo pede dinheiro emprestado a Guasparruolo; e entrega a quantia à mulher dele, com a qual havia combinado se deitar a troco de igual soma. Depois, na presença dela, diz a Guasparruolo que devolveu o dinheiro à mulher dele; e ela não pode revelar a verdade.



— e Deus dispôs dessa maneira, isto é, que eu devo dar começo a esta jornada com a minha novela, muito me agrada esse fato. Por isso, amorosas mulheres, precisamente porque muito se falou das burlas praticadas pelas mulheres contra os homens, gostarei de narrar uma que foi feita por um homem contra uma mulher. Narrá-la-ei não porque tencione, com ela, censurar o que o homem fez, nem dizer que aquilo não haja sido bem feito àquela mulher; ao contrário; contá-la-ei para mostrar que também os homens sabem burlar os que lhes prestam fé, exatamente como eles são burlados por aqueles nos quais acreditam. Dá-se o caso que, se se quisesse falar com justeza, isto que vou referir não se qualificaria propriamente de burla; ao contrário: dir-se-ia mérito, porque, precisamente por ser dever da mulher se conservar honestíssima e proteger a sua castidade como protege a sua vida, ela não deve, por motivo algum, deixar que a induzam a contaminá-la. Quando, em consequência da nossa fragilidade, não se pode conseguir aquela proteção com a inteireza que seria conveniente, então afirmo que é digna da fogueira aquela que prevarica por dinheiro. A mulher que peca por amor, impelida pelas forças enormes da paixão, merece ser perdoada por todo juiz que não seja muito inflexível. Foi isso o que, poucos dias atrás, Filóstrato mostrou que ocorreu com a sra. Filipa em Prato.¹

Existiu, pois, há tempos em Milão, um alemão a soldo cujo nome era Gulfardo; era homem de valor, muito leal à pessoa a cujo serviço se colocava, coisa que muito raras vezes sói acontecer com os tudescos. Visto como ele era ótimo e leal pagador dos empréstimos em dinheiro que se lhe faziam, sempre

encontraria, se o quisesse, numerosos mercadores que, mesmo a troco de juros reduzidos, lhe emprestariam qualquer quantidade de pecúnia.

Demorando-se em Milão, esse homem pôs o seu amor numa mulher muito bonita chamada sra. Ambruogia, esposa de um rico mercador que respondia pelo nome de Guasparruolo Cagistraccio, que era muito seu conhecido e também seu amigo. Amando-a bem discretamente, sem que nem o marido nem outras pessoas o percebessem, ele mandou a ela, certo dia, um recado; por essa forma, solicitou-lhe que houvesse por bem fazer-lhe a cortesia do seu amor; de sua parte, ele estava pronto a fazer o que ela ordenasse.

A mulher, depois de inútil troca de considerações, chegou à seguinte conclusão: estava disposta a fazer o que Gulfardo pudesse desejar desde que, daí, duas coisas decorressem. Primeiro: o fato não deveria ser jamais revelado, por ele, a ninguém. Segundo: uma vez que ela precisava, devido a circunstâncias pessoais, de duzentos florins de ouro, ela queria que ele, rico como era, lhe proporcionasse essa quantia; depois disso, ela estaria sempre a serviço dele.

Gulfardo, observando a ganância da referida mulher, sentiu-se indignado em face do aviltamento de quem ele acreditara ser criatura nobre e digna; e quase que transformou em ódio o fervoroso amor. Pensou, por isso, que seria o caso de pregar-lhe uma peça; mandou dizer-lhe que faria, de muito bom grado, tudo aquilo e tudo o mais que lhe agradasse e que estivesse em seu poder. Pediu a ela que mandasse dizer quando queria que ele fosse ter com ela; ele, então, lhe levaria o dinheiro; dessa circunstância ninguém jamais teria notícia, a não ser um seu companheiro em que ele depositava a mais absoluta confiança e que andava sempre em sua companhia em tudo quanto levava a efeito.

A mulher, que era criatura má, ao ouvir isso, se sentiu contente; e mandou-lhe dizer que Guasparruolo, seu marido, deveria viajar dali a poucos dias, devido a negócios seus, até Gênova; nesse dia, ela lhe comunicaria e mandaria chamá-lo. Gulfardo, assim que julgou oportuno o momento, foi ter com Guasparruolo e disse-lhe:

— Estou para realizar um negócio e, para isso, me faltam duzentos florins de ouro; desejo que você os empreste a mim, aos juros pelos quais você tem costumado fazer-me os outros empréstimos.

Guasparruolo respondeu que emprestava de bom grado; e, imediatamente, deu-lhe o dinheiro. Dali a poucos dias, Guasparruolo foi para Gênova, como a mulher havia dito; por esse motivo, a mulher mandou dizer a Gulfardo que devia ir ter com ela, levando, naturalmente, os duzentos florins

de ouro. Gulfardo, depois de chamar o seu companheiro, dirigiu-se à casa da mulher; encontrou-a à sua espera; e a primeira coisa que fez foi lhe pôr nas mãos os referidos duzentos florins de ouro, sendo testemunha ocular disso o seu companheiro; e disse:

— Senhora, tome este dinheiro e entregue-o ao seu marido quando ele voltar.

A mulher tomou a quantia, sem perceber a razão pela qual Gulfardo se expressou por aquela forma; julgou, por isso, que ele assim procedesse para evitar que o companheiro observasse que o dinheiro lhe estivesse sendo dado à guisa de pagamento; em consequência, ela disse:

— De bom grado lhe entregarei; mas quero contá-lo primeiro.

A mulher derramou as moedas em cima de uma mesa; e verificou que eram duzentas; muito satisfeita com isso, retomou-as, guardando-as. Voltou para junto de Gulfardo e o levou para o seu quarto; e fez isso não somente naquela noite; também em muitas outras, antes que o marido voltasse de Gênova, se satisfizesse com a pessoa do mercador.

Guasparruolo regressou de Gênova; Gulfardo veio a saber que, em determinada hora, ele se encontrava em companhia da esposa; nessa hora, foi ter com ele e, na presença dela, lhe disse:

— Guasparruolo, o dinheiro, isto é, os duzentos florins de ouro que anteontem você me emprestou não me foram necessários, porque não precisei mais fazer o negócio para o qual os pedira; por tal motivo, eu trouxe o dinheiro para cá, entregando-o às mãos de sua esposa; em consequência, queira cancelar meu débito.

Guasparruolo, voltando-se para a esposa, perguntou-lhe se havia recebido a mencionada importância. Ela, que notou estar ali presente a testemunha ocular, não soube negar; e disse:

— É verdade que a recebi; mas não me havia ainda lembrado de lhe comunicar o fato.

Então, Guasparruolo afirmou:

— Gulfardo, estou satisfeito; vá, pois, com Deus, que eu lhe cancelarei o débito.

Gulfardo retirou-se; e a mulher, que ali ficou, escornada, entregou ao marido o preço desonesto da sua perversidade. Por essa forma, o amante sagaz, sem a menor despesa, tirou proveito da sua avarenta mulher.

Nota

¹ Alusão ao episódio da sétima novela da quarta jornada.

SEGUNDA NOVELA

O cura de Varlungo deita-se com Monna Belcolore; deixa-lhe em penhor um tabardo de sua propriedade; pede-lhe emprestado um cadinho; devolve-lhe esse cadinho e manda pedir-lhe que, por sua vez, lhe devolva o tabardo, dizendo que o havia deixado a título de lembrete; e a mulher o devolve, proferindo reproches.



s homens e as mulheres comentavam, de igual maneira, o que Gulfardo praticara para com a gananciosa milanese quando a Rainha, voltando-se para Pânfilo, lhe ordenou, sorrindo, que prosseguisse; por essa razão, Pânfilo começou:

— Lindas mulheres, ocorre-me desenvolver uma novelazinha contra aqueles que continuamente nos ofendem, sem poderem ser igualmente por nós ofendidos; refiro-me aos padres; estes declararam guerra às nossas esposas; quando conseguem dominar uma delas, eles têm a impressão, ou se convencem, de haver conquistado o perdão da culpa e da pena, exatamente como se houvessem levado, de Alexandria para Avinhão, o sultão prisioneiro. Ora: os seculares, pobrezinhos, não lhes podem fazer a mesma coisa, muito embora descarreguem suas iras e se vinguem disso assaltando-lhes as mães, as irmãs e as amigas — e o façam com ardor não menor do que o revelado pelos referidos sacerdotes contra aquelas esposas. Por esse motivo, desejo contar-lhes o caso de uma anedota campesina mais talhada para se rir, em face da conclusão, do que para se fazer luxo prolixo de palavras. Desse caso vocês poderão deduzir, como ensinamento, que nem sempre se deve dar crédito àquilo que os padres dizem.

Digo-lhes, pois, que, em Varlungo, cidadezinha bem próxima daqui, como qualquer dos presentes o sabe ou pode ter ouvido dizer, viveu um padre galhardo quanto à pessoa e desembaraçado na prestação de serviços às mulheres. Esse padre, embora não soubesse ler muito, mesmo assim, aos domingos, ao pé do olmeiro, entretinha os seus paroquianos com palavrinhas bondosas e santas; e muito mais e melhor do que qualquer outro padre que por

lá houvesse passado antes visitava as esposas dos paroquianos quando eles se dirigiam para algum lugar; levava-lhes, a elas, presentes e água benta; dava-lhes, também, um ou outro toco de vela; por vezes, ia levar tudo isso à casa delas e completava o gesto dando-lhes a bênção.

Ora: aconteceu que, entre as outras suas paroquianas, de que antes ele havia gostado, ele gostou, mais do que de todas as outras, de uma que tinha o nome de Monna Belcolore; era esposa de um trabalhador que se fazia chamar Bentivegna del Mazzo. Em verdade, ela era também uma camponesinha agradável e fresca, moreneta e robusta, mais indicada, do que qualquer outra, para dar ao moinho. Além disso, era a que mais bem sabia tocar o címbalo e cantar “A água corre para o rego”;¹ era, igualmente, a que, quando necessário, sabia conduzir, melhor do que qualquer vizinha que tivesse, a roda e o balancê; e o fazia levando, na mão, um pequeno lenço, bonito e delicado.

Por todas essas coisas, o senhor padre se enamorou fortemente da moça, a ponto de ficar alucinado; andava o dia todo de um lado para o outro, na ânsia de conseguir vê-la. Quando, pelas manhãs de domingo, percebia que ela se achava na igreja, dizia um Kyrie e um Sanctus, esforçando-se visivelmente para mostrar que era grande mestre de canto, a ponto de parecer um asno que urrasse; quando, ao contrário, não a via, passava de leve por essas duas partes do ofício divino. Contudo, o padre sabia comportar-se por tal forma que Bentivegna del Mazzo nada percebia, nem também o percebia nenhum de seus vizinhos.

A fim de conseguir entrar na intimidade de Monna Belcolore, mandava-lhe presentes de quando em quando; ora lhe enviava um feixe de alhos frescos, pois ele possuía os alhos mais belos da região, que lhe eram proporcionados pelo seu horto, no qual ele mesmo trabalhava, com suas próprias mãos; ora lhe oferecia um cesto de favas frescas; e ora um maço de cebolas para conserva ou, então, de cebolinhas. Quando encontrava um momento oportuno, contemplava-a escondido; ou lhe dirigia algum galanteio; e ela, como se fosse uma selvagenzinha, fingindo não perceber coisa alguma, saía um pouco dos limites no seu comportamento; por essa razão, o senhor cura não conseguia chegar ao que desejava. Ora: aconteceu que, um dia, indo o padre, em pleno meio-dia, ao léu, pela região, se encontrou com Bentivegna del Mazzo; este seguia tendo à sua frente um burrico carregado de coisas; travando conversa, o cura perguntou ao outro para onde se dirigia; ao que Bentivegna respondeu:

— Pois olhe, senhor cura: em boa verdade, vou até a cidade para tratar de alguns negócios meus; levo estas coisas ao sr. Bonaccorri da Ginestreto para que

ele me ajude em não sei o quê que ele me fez requerer, para comparecimento a um ato de perempção, para o procurador dele perante o juiz do malefício, ou seja, do juiz penal.

O padre, satisfeito, aconselhou:

— Você faz muito bem, meu filho; então vá, com a minha bênção, e volte logo; se, por acaso, se encontrar com Lapuccio ou com Naldino, não se esqueça de lhes dizer que me tragam aqueles couros para ligação dos meus manguais de debilha.

Bentivegna disse que não esqueceria. E, rumando na direção de Florença, o padre pensou que o momento seria oportuno para ir ter com Belcolore a fim de tentar a sua ventura. Pondo-se a devorar o chão, não parou enquanto não chegou à casa dela; em chegando, entrou e disse:

— Deus que nos mande boas coisas! Olá, de casa!

Belcolore, que tinha subido ao sótão, ouviu-o e exclamou:

— Oh, senhor cura; seja o senhor bem-vindo; que é que anda procurando com este calor?

O padre respondeu:

— Pensei que, com a ajuda de Deus, eu poderia vir passar consigo alguns momentos, uma vez que eu me encontrei com o seu homem quando ele rumava para a cidade.

Belcolore desceu do sótão; sentou-se; e começou a limpar sementes de couve, que o marido havia debulhado pouco antes. O padre passou a falar.

— Pois bem, Belcolore; será que você tem de me fazer morrer continuamente desta maneira até o infinito?

Belcolore começou a rir, dizendo:

— Mas o que é que eu lhe faço?

Esclareceu o padre:

— Você não me faz nada de mau; mas o que há é que você não me deixa fazer, a você, aquilo que eu bem desejaria e que Deus ordenou.

Belcolore admirou-se:

— Ora, ora! Não me venha com essa! Ou será que os padres fazem tais coisas?

O padre respondeu:

— Sim. Nós fazemos essas coisas melhor do que os outros homens. E por que não? Digo-lhe mais ainda, pois nós fazemos trabalho cada vez mais perfeito. E sabe você por quê? Porque nós só trabalhamos na ocasião oportuna;

na verdade, porém, trabalharei para seu bem se você ficar quieta e me deixar agir.

Indagou Belcolore:

— Que benefício poderia resultar daí para mim, por isso, se vocês todos são mais avarentos do que o diabo?

Então o padre explicou:

— Eu não sei. Peça você o que deseja. Talvez queira um par de escarpins; ou um lenço de cabeça; ou uma bela fita de estambre; ou o que preferir em lugar disso.

Perguntou, então, Belcolore:

— Senhor cura, muito bem! De tudo isso que você fala, eu tenho o bastante. Mas, se você realmente me quer tanto bem, por que não me presta um serviço a troco do qual eu farei o que você desejar?

Então o padre confirmou:

— Diga o que deseja que eu o farei de bom grado.

Belcolore falou:

— Tenho conveniência em ir, no sábado, a Florença para entregar lá que fiei e para mandar consertar o meu tear. Se você me emprestar cinco liras, que eu sei que você tem, eu vou resgatar e retirar do usurário a saia cor de vinho, bem como a cinta de couro, com fivela, que usei quando me casei. Bem vê você que eu não posso ir à procissão nem a lugar algum por não ter a cinta. Depois de você me prestar esse serviço, farei sempre o que você quiser.

O padre esclareceu:

— Deus que me dê bom ano; a verdade é que não tenho as cinco liras comigo; contudo, pode você crer em mim; antes que chegue o sábado, farei, de muito bom grado, com que você as tenha.

— Sim — disse Belcolore —, vocês todos são grandes prometedores, mas depois não cumprem coisa alguma; pensa que vai fazer comigo o que fez com a Biliuzza, que ficou de mãos a abanar? Pela minha fé em Deus que não fará isso comigo, porquanto ela se tornou mulher do mundo em razão de tal fato; se você não tiver o dinheiro, trate de o conseguir.

— Mas que diacho! — exclamou o padre. — Não me faça ir agora até a minha casa; pois você bem vê que eu estou com a ventura bem rija, neste momento, em que não há vivalma por aqui; é possível que, se eu for e voltar, quando eu voltar haja alguém que nos cause embarços; e eu não sei quando é que minha ventura se apresente tão bem como agora.

E ela disse:

— Bem feito! Se quiser ir, trate de ir; do contrário, continue como bem entender.

O padre, notando que ela não se mostrava disposta a fazer coisa que lhe agradasse, a não ser a *salvum me fac*, ao passo que ele queria levar tudo a efeito *sine custodia*, resolveu:

— Olhe cá: você não acredita que eu lhe traga depois o dinheiro; mas, para que você me creia, deixarei, como penhor, ou como lembrete, este meu tabardo azul-marinho.

Belcolore ergueu bem alto o rosto e disse:

— Sim. Quanto vale esse tabardo?

O padre redarguiu:

— Que pergunta é essa! Quanto vale? Quero que você saiba que isto é de pano de Flandres, por diante e por trás; e os há também de uso do nosso povo, que são ainda melhores. Ainda não se passaram 15 dias, a partir de quando me custou bem sete libras no belchior; consegui abatimento de cinco dinheiros no seu preço, ao que me informa Buglietto, que você bem sabe que conhece de fato estes panos azul-marinho.

— Ah, é assim? — exclamou Belcolore. — Pois olhe: Deus que me ajude, mas eu não o teria acreditado nunca; em todo caso, dê-me o tabardo em primeiro lugar.

O senhor cura, que estava com o trabuco carregado, tirou o tabardo e deu-o à mulher. E ela, depois de o guardar, disse:

— Padre, vamos ali naquela cabana, que é onde ninguém nunca aparece.

E assim fizeram. Ali, o padre, prodigalizando as mais doces beijocas do mundo e tornando-a parenta de Deus Nosso Senhor, com ela se entreteve e se satisfez por longo tempo. A seguir, de lá se retirou de sobreveste, a ponto de parecer que havia acabado de fazer ofício de núpcias; e assim voltou à sua igreja.

Na igreja, convenceu-se de que todos os cotos de vela que recolhia durante um ano todo de oferendas não valiam, juntos, sequer a metade de cinco libras; arrependeu-se de haver deixado o tabardo em casa de Belcolore; e começou a pensar na maneira de recuperá-lo sem custo algum. Sendo, como era, muito malicioso, o padre logo percebeu como deveria agir para reaver o capote. Assim pensou e assim fez. O dia seguinte era de festa; por isso, o padre mandou um menino, filho de um seu vizinho, à casa de Monna Belcolore, pedindo-lhe que lhe fizesse o favor de emprestar o seu cadinho de pedra; explicou que, naquela manhã, iriam almoçar com ele Binguccio dal Poggio e

Nuto Buglietti, de modo que ele precisava preparar um bom molho. Belcolore mandou-lhe o cadinho. Quando chegou a hora do almoço, o padre esperou pelo momento em que Bentivegna del Mazzo e Belcolore estivessem à mesa; depois, chamou um seu clérigo e disse:

— Tome aquele cadinho. Devolva-o a Belcolore, dizendo-lhe: “Diz o senhor cura que muito obrigado e pede que a senhora lhe devolva o tabardo que o menino aqui deixou como lembrete.”

O clérigo rumou para a casa de Belcolore, levando o cadinho; encontrou a mulher em companhia de Bentivegna, à mesa, almoçando; ali, pousou o cadinho e comunicou o recado do padre, palavra por palavra. Belcolore, ouvindo que lhe era solicitada a devolução do tabardo, quis contestar; mas Bentivegna, de cara feia, censurou-a:

— Pois então você recebe lembrete e penhor do senhor cura? Por Deus que, ao saber disso, fico com vontade de aplicar um soco ao seu queixo, Belcolore! Vá devolver-lhe imediatamente o tabardo! Que nasça em você um câncer! E tome nota disto: seja lá o que for que ele venha a querer, ainda que seja o burrico ou qualquer outra coisa, faço questão de que nunca se lhe diga que não.

Belcolore ergueu-se da mesa, resmungando; foi abrir a arca ao pé da cama; retirou, do seu interior, o tabardo; deu-o ao clérigo e disse:

— Diga ao senhor cura de minha parte: “Belcolore disse que reza a Deus para que o senhor não prepare mais molho algum no cadinho dela, visto que nenhuma honra o senhor lhe prestou dessa vez.”

O clérigo retirou-se com o tabardo; e deu o recado ao senhor cura. Ao ouvi-lo, o padre, rindo, disse:

— Diga à Belcolore, quando você a encontrar, que, se ela não nos emprestar o cadinho, eu não emprestarei a ela a mão de pilão. Que uma coisa fique pela outra.

Bentivegna julgou que a esposa havia proferido aquelas palavras em consequência da zanga dele próprio; e não se incomodou. Mas Belcolore se aborreceu com o cura, deixando de falar com ele até a época da vindima. Depois disso, como o padre a ameaçasse remetê-la à boca do Lúcifer maior, ela sentiu muito medo; em consequência, dentro daquela mesma cabana, com o mosto e com as castanhas quentes, restabeleceu as relações com ele; a seguir, muitas vezes fizeram, juntos, muita patuscada. Em troca das cinco liras, o padre mandou que lhe consertassem o címbalo, acrescentando-lhe um guizo; e ela ficou contente.

Nota

¹ Pensa-se que se trata do primeiro verso de uma canção folclórica muito em voga na época.

TERCEIRA NOVELA

Calandrino, Bruno e Buffalmacco descem pelo Mugnone abaixo à procura da pedra heliotrópio; a certa altura, Calandrino julga tê-la encontrado; volta à própria casa carregado de pedras; a mulher o repreende; ele, enfurecido, surra-a; e vai contar aos companheiros aquilo que eles sabiam melhor do que ele.



oncluída a novela de Pânfilo, em virtude da qual as mulheres riram tanto que até hoje continuam rindo, a Rainha ordenou a Elisa que prosseguisse. E esta, rindo, começou:

— Eu não sei, agradáveis mulheres, se me será dado fazê-las rir tanto quanto o fez Pânfilo com a sua novela; contar-lhes-ei, contudo, uma novelazinha não menos autêntica do que agradável; e esforçar-me-ei para que ela lhes proporcione alegria.

Em nossa cidade, que sempre abundou de costumes variados e de novas gentes, viveu, não faz ainda muito tempo, um pintor chamado Calandrino, homem humilde e de costumes bem simplórios. Esse Calandrino passava a maior parte do tempo em companhia de dois outros pintores, dos quais um se chamava Bruno, e o outro Buffalmacco,¹ sendo ambos homens muito divertidos. Não obstante, eram também precavidos e sagazes. Esses dois gostavam da companhia de Calandrino,² porque muito se divertiam, com frequência, à vista dos modos e da simplicidade dele.

Semelhantemente, vivia em Florença, naquela época, um jovem de maravilhosa agradabilidade; astuto em tudo quanto desejava realizar; e sempre bem-sucedido. Chamava-se Maso del Saggio.³ Esse moço, depois de ouvir notícias relativas à simplicidade de Calandrino, resolveu divertir-se com o que lhe dissesse respeito, promovendo alguma burla ou induzindo-o a crer em alguma coisa nova e inverossímil.

Encontrando-o por acaso, certo dia, na igreja de São João e vendo-o atento na contemplação das pinturas e da obra de talha do tabernáculo que se encontra em cima do altar da referida igreja, e que havia sido ali instalado

pouco tempo antes, pensou na escolha do lugar e do momento para pôr em prática a sua intenção. Informou um seu companheiro sobre o que pretendia levar a termo. Juntos, Maso del Saggio e o seu companheiro se aproximaram do ponto em que Calandrino se encontrava sentado e só; e, fingindo não dar pela presença dele, começaram a conversar sobre as virtudes das diversas pedras; a tal propósito, Maso falava com tanta eficácia e com tanta eloquência, como se na realidade fosse um grande e requintado lapidário.

Calandrino prestou atenção à conversa dos dois; depois de algum tempo, pôs-se de pé; e, notando que não se falava de segredo nem de confidência, uniu-se aos dois. Isso muito agradou a Maso. Visto que Maso prosseguia em suas explicações, Calandrino perguntou-lhe onde era que se encontravam aquelas pedras dotadas de tamanhas virtudes talismânicas. Maso informou que a maior parte delas se encontrava em Berlinzone,⁴ terra dos bascos, numa região que se chamava Bengódi, onde se amarravam as vinhas com salsichas e onde se obtinha um pato pelo preço de um dinheiro e com um marreco de lambugem. Lá se via também uma montanha toda feita de queijo parmesão ralado; no topo dessa montanha, vivia gente que nada mais fazia do que macarrões e raviólis, que se cozinhavam em caldo de capões; depois de tudo feito, aquela gente atirava tudo montanha abaixo, de modo que, lá embaixo, quem mais recolhia mais possuía. Ali por perto, corria um regatozinho de vinho, do melhor que jamais se bebeu, sem existir de mistura nele sequer uma gota de água.

— Oh! — exclamou Calandrino. — Essa sim que é terra boa! Mas diga-me: o que é que se faz com os capões que aquela gente cozinha?

Maso informou:

— Os bascos comem-nos todos.

Indagou então Calandrino:

— Você já andou por lá?

Ao que Maso respondeu:

— Pergunta-me você se eu já lá estive? Claro que sim. Lá estive não uma só vez, e sim mil.

Calandrino então quis saber:

— E quantas milhas de distância há?

Maso esclareceu:

— Há mais de milanta, que a noite toda canta.

Calandrino então raciocinou:

— Logo, isso deve ficar além dos Abruzos.

— É assim mesmo — respondeu Maso. — É mais ou menos isso.

Calandrino, simplório, ao ver que Maso proferia essas palavras com semblante firme, sem rir, prestou-lhe a fé que se pode prestar a qualquer verdade claramente manifesta; assim, julgou que aquelas palavras consubstanciassem uma verdade. E disse:

— Essa terra fica muito longe e não corresponde aos meus interesses! Se, entretanto, ficasse mais próxima, asseguro-lhe que eu iria até lá, uma ou outra vez, em sua companhia, ainda que mais não fosse do que para ver aqueles macarrões rolando montanha abaixo e empanturrar-me com eles. Mas, diga-me uma coisa, pela qual Deus que lhe dê muita alegria: naquela terra não se encontram pedras tão virtuosas quanto essas?

Ao que Maso respondeu:

— Sim. Lá existem duas espécies de pedra, ambas dotadas de enormes virtudes. As de uma das espécies são os maciços de Settignano e de Montisci;⁵ a virtude delas está em que, quando com elas se fazem mós, elas produzem farinha; por isso, lá por aquelas regiões se diz que as graças procedem de Deus, mas que as mós procedem de Montisci. Existe, desses maciços, tamanha quantidade que eles, entre nós, não são apreciados; dá-se o mesmo, entre os povos daquelas terras, quanto às esmeraldas, de que há montanhas ainda maiores do que o monte Morello;⁶ ali, as esmeraldas reluzem à meia-noite. Vá você para lá, com a bênção de Deus. E fique sabendo que a pessoa que manda amarrar as mós, bem direitinho, depois de as cortar em rodas, mas antes de elas serem perfuradas, e as leva ao Sultão pode pedir o que deseja que terá. A outra espécie é de uma pedra que nós, os lapidários, denominamos heliotrópio;⁷ trata-se de pedra de grande virtude; por essa razão, todas as pessoas ali a trazem consigo; assim, enquanto essas pessoas conservam aquela pedra consigo, não são vistas onde não estão.

Então Calandrino disse:

— Grandes virtudes são essas de que você fala! Mas onde é que se encontra essa segunda espécie de pedras?

Ao que Maso informou que no rio Mugnone se costumava encontrá-la.

Indagou Calandrino:

— De que grossura é essa pedra? E qual é a sua cor?

Maso respondeu:

Ela é de grossuras diversas, sendo algumas mais grossas, e outras menos; mas todas são de cor quase negra.

Calandrino, depois de tomar bem nota de todas essas informações, fingiu que tinha outras coisas para fazer; despediu-se de Maso, decidindo-se, de si para consigo, a ir procurar a mencionada pedra; deliberou, porém, não procurá-la sem que Bruno e Buffalmacco o soubessem, por estimá-los de maneira especialíssima.

Pôs-se, portanto, a procurar os dois amigos a fim de que, sem demora e antes de qualquer outra pessoa, os três saíssem em busca; passou toda a parte restante daquela manhã procurando os dois moços. Por fim, já depois de passada a hora nona, Calandrino recordou-se de que eles trabalhavam no mosteiro das mulheres de via Faenza; e, embora o calor fosse muito intenso, ele abandonou todos os outros afazeres para ir, quase correndo, onde os dois se encontravam. Ali, chamando-os, assim falou:

— Companheiros, desde que vocês queiram acreditar-me, nós poderemos nos tornar os homens mais ricos do mundo; é que eu ouvi dizer, da parte de homem digno de fé, que, no rio Mugnone, existe uma pedra dessas que tornam invisível a todas as outras pessoas a pessoa que a traz consigo. O que me parece é que, se nós formos à cata delas, sem mais demora, antes que qualquer outra pessoa vá, seremos os primeiros a ir. Nós encontraremos a pedra na certa, porque eu a conheço; assim que a encontrarmos, nada mais teremos a fazer do que pô-la na sacola e ir aos estabelecimentos que trocam dinheiro, estabelecimentos que vocês sabem que estão sempre abarrotados de grossi⁸ e de florins; e de lá poderemos tirar quanto dinheiro quisermos. Ninguém nos verá; por essa forma, poderemos enriquecer de súbito, sem passar o dia todo a garatujar paredes à maneira de lesma.

Bruno e Buffalmacco, ouvindo o que Calandrino dizia, começaram a rir de si para consigo; e, olhando um para o outro, os dois fingiram maravilhar-se em presença de semelhante revelação; louvaram a sugestão feita por ele. Entretanto, Buffalmacco perguntou pelo nome que a pedra tinha. Esse nome, contudo, já havia saído do espírito de Calandrino, que era criatura bruta; por isso, ele respondeu:

— Que é que nós temos que fazer com o nome dela, desde que lhe conheçamos a virtude? O que me parece é que deveremos ir procurá-la sem esperar mais nada.

— Muito bem — concordou Bruno —, mas como é que ela é feita?

Calandrino disse:

— Elas são feitas de todas as formas e todas são quase negras. Ao que se me afigura, deveremos recolher todas aquelas que nos parecerem pretas, até

que, em certa altura, daremos com a que procuramos. Por isso, não percamos mais tempo. Vamos!

Ao que Bruno pediu:

— Espere um pouco.

E, voltando-se para Buffalmacco, discorreu:

— Quer parecer-me que Calandrino esteja falando como se deve; mas não acho que esta seja a melhor hora para isso, uma vez que o sol vai alto, batendo pelo rio Mugnone adentro; isso faz com que todas as pedras fiquem enxutas; assim, há pedras que agora parecem brancas, e que, pela manhã, antes que o sol as seque, se afiguram pretas. Além disso, há muita gente hoje pelo rio Mugnone, pois é dia de trabalho; vendo-nos, essa gente poderá adivinhar o que estivermos fazendo; e poderá querer fazer também a mesma coisa; e poderá também ser que a pedra venha a cair nas mãos dela, com o que nós teremos trocado o mau pelo pior. Ao que julgo, esse é trabalho que deve ser feito pela manhã, quando se diferenciam melhor as pedras negras das brancas; e melhor ainda será em dia feriado, quando não haverá pessoa que nos veja.

Buffalmacco louvou a sugestão de Bruno; Calandrino concordou com ela; e os três combinaram que, na manhã do domingo seguinte, iriam, juntos, à procura da mencionada pedra. O que, mais do que tudo, Calandrino recomendou aos seus companheiros foi que não falassem, a propósito do assunto, com nenhuma outra pessoa do mundo, porque a revelação quanto à virtude da pedra lhe fora feita em confidência. Assentado esse ponto, Calandrino comunicou aos dois amigos as notícias que tinha recebido a propósito da região de Bengódi; e afirmou, por todos os sacramentos, que assim realmente era.

Depois de Calandrino se retirar, os dois companheiros combinaram, entre si, aquilo que deveriam fazer em torno do assunto.

Calandrino esperou, com ânsia, pela manhã do domingo. Quando ela chegou, ele ergueu-se da cama logo ao raiar do dia; foi chamar os companheiros; saíram todos pela porta de San Gallo; desceram ao rio Mugnone; começaram a ir lá para baixo, sempre em busca da pedra. Por se sentir mais tomado de ansiedade do que os outros, Calandrino ia à frente; saltava, ora para aqui, ora para acolá, de imediato, assim que via uma pedra negra; quando a via, atirava-se a ela, recolhendo-a e colocando-a por dentro da roupa, à altura do peito. Os companheiros iam atrás, apanhando uma pedra neste ponto, outra naquele. Calandrino, porém, não percorreu grande distância; logo ficou com o peito cheio de pedras; então, ergueu as faldas do

camisolão de pintor, que não era dos mais estreitos à moda dos de Hainault, das Flandres, na Bélgica; e, fazendo com as mesmas faldas um receptáculo bem amplo, prendeu-as com correias por todos os pontos; pouco depois, encheu de pedras também isso. Mais tarde, fez do capote outro receptáculo, que encheu igualmente de pedras. Em certo momento, Buffalmacco e Bruno viram que Calandrino estava bem carregado; notaram, também, que a hora do almoço se aproximava; e, conforme o que tinham já combinado, Bruno disse a Buffalmacco:

— Onde é que está o Calandrino?

Buffalmacco, que estava vendo Calandrino perto de si, voltou-se para todos os lados, olhando ora para aqui, ora para ali; depois, respondeu:

— Eu não sei; o que sei é que faz pouco tempo que ele estava aqui perto, diante de nós.

Bruno disse:

— Embora ele tenha estado conosco ainda há pouco tempo, afigura-se-me certo que ele agora esteja em casa almoçando; deixou-nos sozinhos na tarefa de ir à procura de pedras negras pelo rio Mugnone abaixo.

— Afinal, fez ele muito bem — aprovou então Buffalmacco — em nos pregar uma peça, deixando-nos aqui, uma vez que fomos tão tolos a ponto de não dar crédito às palavras dele! Na verdade, quem é que, afora nós dois, seria tão ingênuo a ponto de acreditar que se poderiam encontrar, no leito do rio Mugnone, uma pedra tão cheia de virtudes e tão eficaz?

Calandrino ouviu essa troca de palavras; imaginou que já se encontrava em suas mãos aquela pedra virtuosa; e admitiu que, por efeito de sua virtude, os dois companheiros, embora ele ali estivesse presente, já não o estivessem vendo. Satisfeitíssimo em face dessa circunstância e sem dizer palavra aos companheiros, resolveu voltar para a própria casa; e começou a refazer o caminho percorrido, regressando. Ao ver isso, Buffalmacco disse a Bruno:

— Que é que vamos fazer? Por que não nos retiramos também nós?

Ao que Bruno decidiu.

— Vamos embora; mas juro por Deus que nunca mais Calandrino me pregará uma peça dessas! Se eu estivesse perto dele, como o estive durante toda a manhã de hoje, eu lhe atiraria tantos seixos destes aos calcanhares que ele se lembraria, pelo menos durante um mês, dessa burla que nos pregou.

Dizer essas palavras, abrir os braços e atirar uma pedra contra o calcanhar de Calandrino foi um ato só. Calandrino sentiu a dor; ergueu o pé bem alto e começou a soprá-lo; mesmo assim, manteve-se calado e caminhou mais para

longe. Buffalmacco, tendo na mão um dos seixos que havia recolhido do leito do rio, disse, dirigindo-se a Bruno:

— Olhe! Veja que bela pedra! Bem que gostaria que ela atingisse Calandrino nos rins!

Bruno atirou a pedra; ela atingiu com uma pancada fortíssima a altura dos rins de Calandrino. Em poucas palavras, por essa forma, ora proferindo uma palavra, ora outra, subindo pelo Mugnone acima, até a porta de San Gallo, os dois prosseguiram atirando pedras contra Calandrino. Depois, jogando por terra as pedras que haviam recolhido no rio, demoraram-se algum tempo em conversa com os cobradores de impostos municipais. Esses cobradores, informados com antecedência por Buffalmacco e Bruno, fingiram não ver Calandrino, deixando-o passar e dando as maiores risadas deste mundo devido ao que estava acontecendo.

Calandrino, sem se deter, foi para sua casa, que ficava perto do Canto alla Mácina. A sorte foi tão favorável à realização da brincadeira que, enquanto Calandrino subiu pelo rio e, depois, atravessou as ruas da cidade, ninguém deu sinal de o ver; é verdade que pouca gente, de resto, ele encontrou, porquanto a maior parte da população tinha ido almoçar.

Consequentemente, Calandrino entrou em sua casa carregado de pedras daquela forma. Lá se encontrava, por acaso, no topo da escada, a esposa dele, que se chamava Monna Tessa e que era mulher bonita e valente; um pouco alterada em seu humor, pela prolongada demora do marido, a mulher, vendo-o chegar, começou a repreendê-lo e a dizer:

— É o diabo que finalmente o traz para casa, marido meu! Toda gente já almoçou, e você apenas acaba de chegar para almoçar.

Calandrino ouviu essa exclamação; percebeu que estava sendo visto; e, cheio de contrariedade e de dor, começou a falar:

— Ai de mim, mulher malvada! Pois então você estava aí? Você arruinou-me! Fique certa, porém, que, pela minha fé em Deus, você me pagará!

Calandrino subiu para uma saleta; ali descarregou as muitas pedras que havia carregado consigo; enfurecido, correu contra a mulher; agarrou-a pelas tranças; atirou-a aos próprios pés; e, depois, movimentando ao máximo os braços e os pés, vibrou socos e pontapés por todo o corpo da esposa, sem lhe deixar cabelo à cabeça ou osso nos membros que não fosse pisado ou torcido. De nada valeu, a ela, pedir mercê com as mãos em cruz.

Buffalmacco e Bruno riram muito, junto com os guardas aduaneiros que se encontravam à porta de San Gallo; a seguir, com passo lento, começaram a

acompanhar, de longe, o ingênuo Calandrino. Quando chegaram junto à porta da casa dele, perceberam, pelo barulho, a violenta surra que ele estava aplicando na própria esposa; por isso, fingindo que estavam acabando de chegar naquele instante, chamaram-no. Calandrino, coberto de suor, todo vermelho e ofegante, assomou à janela, rogando-lhes que subissem até onde ele se encontrava. Os dois, mostrando-se um tanto perturbados, subiram as escadas e viram, lá em cima, a sala cheia de pedras; em um dos cantos, estava a mulher, com os cabelos em desalinho e as vestes rasgadas; o rosto dela apresentava-se lívido e pisado; e a mulher chorava dolorosamente; de outro lado, sentava-se Calandrino, com as roupas abertas, ofegando, como se estivesse extremamente fatigado. Depois de contemplarem aquele quadro por algum tempo, um deles indagou:

— Que é isso, Calandrino? Será que você quer erguer alguma parede, que é o que nos parece, por vermos aqui tantas pedras?

Além disso, acrescentou:

— E que é que tem a Monna Tessa? O que parece é que você bateu nela. Mas que novidade é essa?

Calandrino, cansado por causa do peso das pedras, abatido pela raiva com que havia surrado a mulher e extenuado pelo que se lhe afigurava perda da ventura mágica pouco tempo antes encontrada, não conseguiu concentrar o espírito em medida suficiente para formar uma palavra inteira para responder. À vista disso, Buffalmacco, adiantando-se, retomou a fala:

— Calandrino, se você tinha outros motivos de ira, nem por isso devia torturar-nos como nos torturou. A verdade é que você nos levou para procurar, em sua companhia, aquela pedra preciosa e, depois, sem nos dizer adeus, nem ao diabo, nos abandonou no rio Mugnone como se fôssemos dois imbecis; a seguir, você veio para sua casa. Nós levamos isso muito a mal. Em todo caso, essa é a última vez que você nos faz uma coisa assim.

A essas palavras, Calandrino realizou um grande esforço e respondeu:

— Companheiros, não se aborreçam. A realidade é muito diversa daquilo que vocês pensaram. Infeliz de mim! Eu tinha encontrado aquela pedra. E querem verificar como estou dizendo a verdade? Quando, da primeira vez, um de vocês perguntou ao outro onde é que eu poderia estar, eu me encontrava perto de vocês, a menos de dez braças de distância; vendo que vocês tratavam de ir embora de lá e que não me viam mais, eu me pus à frente; e, daí para diante, dirigi-me para a cidade, mantendo-me continuamente um pouco distante de vocês, na dianteira.

Depois, começando a contar tudo por um dos pontos, referiu tudo o que os dois companheiros haviam feito e falado; mostrou-lhes um dos flancos e os calcanhares, que as pedras por eles atiradas haviam ferido. E, afinal, prosseguiu:

— Digo-lhes ainda mais. Entrando pela porta aduaneira com todas essas pedras que vocês aqui estão vendo, nada me foi dito. Ora, vocês sabem como os fiscais de taxas são desagradáveis e amolantes; sempre querem ver tudo o que a gente carrega. Além disso, encontrei pelo caminho vários dos meus compadres e dos meus amigos, os quais, sempre que me veem, costumam saudar-me e convidar-me para beber alguma coisa; pois bem: dessa vez, não houve um que me dissesse palavra, nem inteira, nem meia; todos se portaram como se não me vissem. Por fim, quando cheguei em casa, esse diabo de mulher maldita se pôs à minha frente, conseguindo ver-me. Ora: como vocês sabem, as mulheres fazem com que todas as coisas percam a virtude que possuem. Assim, eu, que já poderia considerar-me o homem mais bem-aventurado de Florença, acabei tornando-me o mais desaventurado. Essa é a razão pela qual a surrei tanto quanto me foi possível agir com as mãos. Na verdade, nem sei o que é que me contém, evitando que eu lhe corte as veias. Que seja maldita a hora em que a vi pela primeira vez e também aquela outra em que ela veio para esta casa!

Reacendendo o próprio furor, Calandrino tentou erguer-se para tornar a surrar a esposa. Buffalmacco e Bruno ouviram todas essas explicações, fingindo profunda maravilha; com frequência, confirmaram o que Calandrino dizia; mas tinham tanta vontade de rir que quase estouravam. Contudo, vendo-o enfurecido, a erguer-se para tornar a bater na esposa, os dois lhe correram ao encontro e o contiveram; explicaram-lhe que a mulher não tinha culpa alguma quanto àquilo que havia acontecido. O culpado, no caso, era o próprio Calandrino, que sabia que as mulheres faziam com que as coisas perdessem a virtude que possuíam e que, apesar disso — ao que eles argumentaram — não avisara a esposa que ela evitasse de lhe aparecer à frente naquele dia. Essa precaução lhe fora tolhida por Deus, com o que ficava esclarecido que, ou a ventura não lhe devia pertencer, ou ele alimentara a ideia de enganar os próprios companheiros; porque a verdade é que ele, Calandrino, deveria ter revelado aos dois amigos o fato de haver encontrado a pedra virtuosa.

Depois de longa troca de palavras, e não sem grande esforço, a esposa se reconciliou com o marido. E os dois companheiros se retiraram daquela casa, lá deixando Calandrino tomado de profunda melancolia e com a residência cheia de pedras.

Notas

¹ O verdadeiro nome da pessoa que serviu de modelo para esse personagem era Buonamico di Cristoforo; trata-se de um pintor muito conhecido na época, cuja vida é minuciosamente narrada por Vasari em sua *Vidas dos artistas*.

² Também aqui se trata de personagem tomado da vida real. Na verdade, o modelo chamava-se Giovannetto di Pierino e era, de fato, pintor.

³ Personagem da vida real da época, lembrado também por Franco Sacchetti. Sua casa era o ponto de encontro de todos os boas-vidas de Florença.

⁴ Esse nome, bem como o de Bengódi, pouco depois, e o vocábulo “milanta”, mais adiante, não é mais do que composição deliberadamente cerebrina do autor no propósito de acentuar o caráter de burla do episódio narrado.

⁵ Nomes de duas localidades da Toscana, Itália, de cujas pedreiras se extraem pedras destinadas à confecção de mós para moinhos.

⁶ A montanha mais alta que se vê de Florença.

⁷ Pedra preciosa, variedade de ágata; assemelha-se à esmeralda, apresentando, porém, manchas vermelhas; na Idade Média, acreditava-se que, sob determinadas condições, ela tornasse invisível a pessoa que a tivesse em seu poder. Há uma referência a isso em Dante, em *A divina comédia* (Inferno, Canto XXIV, verso 93).

⁸ Denominação de certa moeda de prata da época.

QUARTA NOVELA

O preboste de Fiesole ama uma mulher viúva; não é amado por ela; julgando deitar-se com ela, deita-se com uma sua doméstica; e os irmãos da viúva fazem que seu bispo o encontre nessas condições.



hegara Elisa ao fim de sua novela; e não fora sem grande prazer da parte do grupo todo que ela a havia desenvolvido. A essa altura, a Rainha, dirigindo-se a Emília, deu mostras de querer que ela falasse logo depois de Elisa, narrando uma novela sua. E Emília, sem demora, assim começou:

— Nobres mulheres, recordo-me de que, em várias das novelas narradas, se mostrou quanto os padres, os frades e todos os clérigos se fizeram aliciadores do nosso espírito; visto, entretanto, que nunca se poderia falar excessivamente disso, mesmo que mais ainda já se houvesse falado, eu desejo contar-lhes, à margem daquelas narrativas, o episódio de um preboste. Esse magistrado e religioso florentino desejava, malgrado de toda gente, que uma nobre senhora, viúva, lhe quisesse bem, fosse ou não fosse isso do gosto dela. A mulher, porém, muito esclarecida, tratou-o de acordo com aquilo de que ele se tornara merecedor.

Como cada uma de vocês sabe, Fiesole, cujo outeiro nós podemos ver daqui, já foi uma cidade grande e antiquíssima, embora hoje se encontre toda desmantelada. Nem por isso, porém, deixou, em qualquer tempo, de ter bispo e ainda hoje o tem. Ali, perto da maior das igrejas, uma nobre mulher, viúva, chamada Monna Piccarda, possuiu, outrora, uma área de terra com uma casa não muito grande. Como não era a mulher mais abastada do mundo, passava nessa sua propriedade a maior parte do ano; em sua companhia, viviam dois irmãos seus, moços de bem e extremamente corteses.

Ora: aconteceu que essa mulher frequentava a igreja maior. Ela era muito jovem, muito bonita e muito apetitosa; dela se enamorou o preboste da igreja,¹ a tal ponto que nada mais via, nem para cá, nem para lá, de onde ela se

encontrasse. Depois de algum tempo, o preboste se animou de tamanha ousadia que ele próprio disse à mencionada mulher o que desejava dela; e rogou-lhe que ela se desse por satisfeita com o seu amor, amando-o por sua vez como ele a amava. Esse preboste era já velho de anos, mas muito jovem de ânimo, era também ágil, ativo e presunçoso, a tal ponto que presumia de si mesmo o máximo de todas as boas qualidades; tinha modos e costumes cheios de atenções hipócritas e de referências desagradáveis; afigurava-se, ao mesmo tempo, muito sociável, por fingir desejar a amizade alheia, mas se tornava repulsivo, porque dava a impressão de olhar para todos de alto a baixo; assim, não havia pessoa que lhe quisesse bem. Se, na verdade, muita gente o estimava pouco, aquela mulher era, precisamente, aquela que não o estimava nada; ela detestava-o ainda mais do que a dor de cabeça. Em consequência, ela, esclarecida que era, respondeu-lhe:

— Senhor: que o senhor me ame é circunstância que me é muito cara; conseqüentemente, eu devo amar o senhor e o amarei de bom grado. Contudo, entre o seu amor e o meu, nada de desonesto deve ocorrer nunca. O senhor é meu pai espiritual; ademais, é padre e já se aproxima bastante da velhice; tudo isso, meu senhor, deve torná-lo honesto, comedido e casto. De outro lado, eu não sou mais menina, a quem os namoros dessa ordem possam já agora ficar bem; acresce que sou viúva, e o senhor sabe quanta honestidade se exige das viúvas. Por tudo isso, tenha-me por desculpada; da maneira como o senhor me pede, eu não o amarei nunca, nem por essa forma desejo ser amada pelo senhor.

Daquela feita, o preboste não conseguiu obter da viúva mais do que essa resposta; mas não deu mostras de se sentir desnorteadado nem de se reconhecer vencido ao primeiro golpe; ao contrário; fazendo uso da sua negligenciada presença de espírito, voltou à carga muitas e muitas vezes por meio de cartas e de recados, e também pessoalmente, quando a via aparecer na igreja. Essa insistência se afigurou excessivamente grave e excessivamente embaraçosa aos olhos da mulher; e, por isso, ela pensou em fazer que o preboste dela se afastasse, utilizando-se da maneira que, no caso, ele bem merecia, uma vez que, de outra forma, não se lhe tornava possível agir. Entretanto, a viúva não desejou fazer fosse o que fosse antes de se entender com os dois irmãos. Disse-lhes, com efeito, como o preboste agia para com ela; revelou-lhes o que tinha em mente fazer-lhe; e, obtendo deles plena licença para fazer como projetava, foi para a igreja dali a poucos dias, como era de seu costume.

Assim que o preboste a viu, correu-lhe ao encontro; e, como era de hábito, entrou em conversa com ela usando de modos muito amistosos. A mulher, ao vê-lo aproximar-se, olhou para ele com semblante acolhedor. Os dois, assim, se puseram a um canto; o preboste disse à mulher muitas palavras, da maneira insistente das outras vezes; e ela, depois de emitir um grande suspiro, disse:

— Senhor, sempre ouvi dizer que nenhum castelo é suficientemente forte a ponto de, em sendo atacado todos os dias, conseguir deixar de ser capturado mais cedo ou mais tarde. Percebo muito bem que foi isso o que aconteceu comigo. O senhor me falou tanto, ora com palavras doces, ora fazendo-me um galanteio e ora dizendo-me expressões atenciosas — e tanto insistiu, permanecendo ao meu redor —, que acabou induzindo-me a desfazer a minha resolução anterior; agora, estou disposta a pertencer-lhe, uma vez que sou tanto do seu agrado.

O preboste, todo contente, disse:

— Senhora, grande mercê é essa de sua parte. Para lhe dizer a verdade, muito me surpreendeu o fato de a senhora resistir tanto; nunca mulher alguma me resistiu por tão longo tempo. Ao contrário: muitas e muitas vezes, tenho dito que, ainda que as mulheres fossem de prata, elas não valeriam sequer um dinheiro, porque não encontrei nenhuma que resistisse à primeira martelada. Todavia, deixemos agora isso de lado. Quando é que poderemos estar juntos?

A isso a mulher respondeu:

— Meu doce senhor, quando for a hora que mais nos agradar, uma vez que eu não tenho marido ao qual deva prestar contas das minhas noites; mas não consigo resolver o problema do onde.

Disse então o preboste:

— Não poderei eu ir à sua casa?

A mulher explicou:

— O senhor sabe que eu tenho dois irmãos moços, os quais, tanto de dia quanto de noite, costumam aparecer em casa com os seus grupos de amigos; minha casa, por sua vez, não é muito grande; por isso, não poderemos encontrar-nos nela, a não ser que concordássemos em manter-nos como se fôssemos mudos, sem fazer qualquer movimento, sem proferir nenhuma palavra, e em permanecer no escuro, à guisa de cegos. Se o senhor quiser que se proceda por essa forma, isso será possível, uma vez que os rapazes não se intrometem no meu quarto. O que há é que o quarto deles fica tão próximo do

meu que não se pode sequer dizer uma única palavrinha, por mais baixa que a voz se faça, que não seja ouvida da outra banda.

Concordou então o preboste:

— Senhora, não fará diferença se demorarmos mais uma noite ou duas antes de nos encontrarmos; enquanto isso, tratarei de pensar onde poderemos estar juntos, em outro lugar, e com muito maior comodidade.

A mulher observou, resignando-se:

— Senhor, o caso fica entregue a seu critério; entretanto, peço-lhe encarecidamente uma coisa: que tudo isso fique em segredo e que nunca se profira palavra a seu respeito.

O preboste tranquilizou-a:

— Senhora, não tenha dúvidas quanto a isso. Se for possível, faça com que estejamos juntos esta noite.

A mulher disse:

— Muito me agrada que assim seja.

Ela proporcionou-lhe indicações sobre quando e como deveria aparecer para o combinado; despediu-se e voltou para sua casa.

Essa viúva tinha uma empregada doméstica que, entretanto, não era muito jovem; tinha o rosto mais feio e mais contrafeito que se pudesse imaginar; o nariz era como que esmagado e grande; a boca, torta, com os lábios muito grossos, e os dentes mal alinhados, além de grandes; era vesga e nunca estava sem um mal qualquer dos olhos; ademais, a cor de sua pele era verde e amarela, parecendo que ela não tivesse passado o verão em Fiesole, mas sim em Sinigaglia;² além de tudo isso, era manca e aleijada do lado direito. O nome dessa doméstica era Ciuta. Por ter um rosto tão parecido ao de um cão, os homens a chamavam Ciutazza. Muito embora ela fosse malconformada de corpo, nem por isso deixava de ter seu bocado de malícia. A viúva chamou essa mulher à sua presença e disse-lhe:

— Ciutazza, se você quer me prestar um serviço esta noite, eu lhe darei uma linda camisa nova.

Ciutazza, ao ouvir mencionar a camisa, declarou:

— Senhora, se a senhora me der uma camisa, farei tudo o que quiser, ainda que seja que me atire ao fogo.

— Muito bem — disse a mulher. — Quero que você se deite esta noite com um homem na minha cama; quero que você lhe faça carícias e evite proferir qualquer palavra, que é para você não ser ouvida pelos meus irmãos;

bem sabe você que eles estão no lado do meu quarto; depois, eu lhe darei a camisa.

Ciutazza concordou:

— Sim. Dormirei até com seis homens, quanto mais com um, se for necessário.

Quando chegou a noite, o senhor preboste apareceu, como havia combinado. E os dois jovens irmãos da viúva, também como haviam combinado com ela, ficaram no respectivo dormitório, fazendo algum rumor para que se percebesse que se encontravam ali. Assim, o preboste, pé ante pé e no escuro, encaminhou-se para o quarto da viúva, onde entrou, rumando, como ela o instruía, imediatamente para a cama. Do outro lado da cama, estava Ciutazza, muito bem informada pela patroa sobre aquilo que deveria fazer. O senhor preboste, julgando ter a mulher amada a seu lado, abraçou Ciutazza, começando logo a beijá-la, sem dizer palavra; e o mesmo fez Ciutazza em relação a ele. A seguir, o preboste passou a ter prazer com ela, tomando posse dos bens tão longamente almejados.

Quando a viúva viu as coisas postas nessa situação, ordenou aos irmãos que fizessem a parte restante do plano arquitetado; os irmãos saíram, em silêncio, do próprio quarto; encaminharam-se para a praça; e aconteceu que a sorte foi mais favorável do que pensavam àquilo que desejavam fazer. Como o calor era muito intenso, o bispo se havia lembrado dos dois moços; e tivera o desejo de ir à casa deles para beber e conversar um pouco em sua companhia. Quando o bispo os encontrou pelo caminho, revelou-lhes o desejo que tivera; e tomou, em companhia deles, o caminho da casa da viúva; ali, todos passaram para um pátio onde o ar era fresco e onde havia muitas luzes acesas; com grande prazer, puseram-se a beber bom vinho e a conversar. Depois de algum tempo, um dos jovens disse ao bispo:

— Senhor bispo, já que o senhor nos fez tamanha graça, como é esta de vir à nossa modesta casa, para a qual nós íamos precisamente convidá-lo, gostaríamos que consentisse em ver uma coisa que temos vontade de lhe mostrar.

O bispo respondeu que o faria de muito boa vontade.

Então, um dos moços tomou de uma tocha acesa; e caminhou à frente, sendo seguido de perto pelo bispo e pelo irmão. O rumo foi o do quarto onde o senhor preboste estava deitado com Ciutazza.

O preboste, para chegar logo ao fim, havia cavalgado um pouco às pressas; e, antes que os dois irmãos, acompanhados pelo bispo, aparecessem no

quarto, já ele havia percorrido mais de três milhas; por essa razão, bem cansadinho, tratava, naquele momento, de repousar um pouco, sempre conservando em seus braços, não obstante o calor, sua Ciutazza. Quando o moço entrou no dormitório, com o lume à mão, junto com o bispo e o irmão, ele mostrou ao bispo o preboste, que continuava com Ciutazza nos braços. O senhor preboste teve um sobressalto; viu a tocha acesa; viu os homens ali reunidos; sentiu-se fortemente envergonhado; e, receando muito que algo de mal acontecesse, pôs a cabeça por baixo dos lençóis. O bispo então proferiu palavras de violenta censura ao preboste, forçando-o a pôr a cabeça para fora das cobertas para que ele próprio visse com quem estivera deitado. O preboste percebeu então o engano que lhe fora feito pela viúva; e, tanto por isso quanto pela vergonha que lhe estava sendo imposta, se tornou o homem mais pesaroso do mundo. Por ordem do bispo, vestiu-se de novo; e, para passar pela penitência do pecado cometido, foi mandado para sua casa sob boa escolta.

Depois, o bispo desejou saber como aquilo havia acontecido; não compreendia como o preboste tivesse ido deitar-se naquele quarto com Ciutazza; os moços explicaram-lhe, pela ordem, ponto por ponto. Ao ouvir essa explicação, o bispo louvou muito a viúva, elogiando também a ação dos moços, os quais, sem desejar manchar as próprias mãos com o sangue do preboste, que era sangue de padre, o haviam tratado como realmente ele merecera. O bispo fez o preboste chorar esse pecado durante quarenta dias; mas o amor e a raiva o fizeram chorar mais de 49. Além disso, por longo tempo, o preboste não pôde mais andar pelas ruas sem ser apontado, a dedo, pelos moleques, que lhe gritavam:

— Olhem o homem que dormiu com Ciutazza!

Isso lhe causava um aborrecimento enorme; ele chegou mesmo quase a enlouquecer. Por essa forma, a virtuosa viúva se livrou da perseguição importuna do preboste. E Ciutazza ganhou a camisa.

Notas

¹ Ao que Manni informa, que é comentador dedicado de Boccaccio, esta novela é histórica. O preboste aqui referido era conhecido em Fiesole por sua vaidade e presunção, bem como por seus costumes mulherengos. A burla aqui contada parece que lhe foi feita entre os anos de 1301 e 1306, quando era bispo de Fiesole Antonio d'Orso, que passou, em 1309, para o bispado de Florença, onde publicou suas constituições *ad reformationem cleri*.

² Localidade que, nos tempos de Boccaccio, devia ser pantanosa e insalubre, nos arredores de Florença; do contrário, não se compreenderia a alusão; hoje, é estação de veraneio e balneária, reputada por sua salubridade.

QUINTA NOVELA

Três moços tiram as calças de um juiz marquêsão, em Florença, enquanto ele, encontrando-se à tribuna, expunha suas razões.



mília pusera ponto final na sua novela; o procedimento da viúva foi louvado por todos; e a Rainha, olhando para Filóstrato, disse:

— É a você que agora cabe novelar.

Ao que ele respondeu prontamente que se encontrava preparado para isso; e começou:

— Agradáveis mulheres: o moço que Elisa, ainda há pouco mencionou, isto é, Maso del Saggio, me faz deixar de lado uma novela que eu tencionava apresentar; assim, poderei proceder à narração de outro episódio acontecido com ele e com alguns seus companheiros. Trata-se de episódio desonesto, porque nele se usam vocábulos que vocês, mulheres, se envergonham de usar; mesmo assim, provoca tanto o riso que o contarei.

Como vocês todas podem ter ouvido dizer, viajam, para a nossa cidade e com muita frequência, reitores marquêsãos.¹ Em geral, esses reitores são homens de coração pobre e de vida tão parca quão miserável; tudo o que lhes acontece assume o aspecto de autêntica piolheira. Devido a esta miséria e avareza inatas, esses reitores levam consigo tanto juízes quanto notários que mais parecem homens retirados do arado ou da sapataria do que das escolas de direito.

Ora: de uma feita, apareceu um reitor para assumir o posto de podestade; e, entre os muitos outros juízes de que se fez acompanhar, figurou um que se fazia chamar sr. Nicolau de São Elpídio, que mais parecia um serralheiro do que outra coisa, pelo aspecto. Esse juiz foi colocado entre os outros para tomar conhecimento das questões criminais.

Como frequentemente acontece, os cidadãos, ainda que nada tenham que fazer no palácio, mesmo assim para lá se dirigem algumas vezes. Deu-se o caso

que, certa manhã, Maso del Saggio, saindo à procura de um seu amigo, por lá apareceu; olhou para o lugar em que esse sr. Nicolau se achava sentado; afigurou-se-lhe que se tratava de novo imbecilão; e demorou-se a contemplá-lo. O juiz tinha um barrete de pele, todo enfumaçado, na cabeça; trazia um cartucho de penas de escrever na cintura; envergava um capote mais comprido do que a toga; e muitas outras coisas Maso observou naquele homem, todas elas estranhas num indivíduo que se presumia ser metódico e bem-educado. Entre essas coisas estranhas, a que mais notável do que todas as outras se afigurou a Maso del Saggio foi um par de calças. Encontrando-se o juiz sentado, e estando suas roupas abertas na parte dianteira, por serem bastante apertadas, Maso notou que o fundo das calças descia até o meio das pernas do homem. Sem se demorar a olhar muito para aquilo, ele abandonou a procura do amigo que estava fazendo para se entregar a uma nova espécie de busca; encontrou dois companheiros, dos quais um se chamava Ribí, e o outro Matteuzzo; os dois eram homens tão divertidos e brincalhões quanto o próprio Maso del Saggio. E disse-lhes:

— Se vocês confiam em mim, venham comigo até o palácio; quero mostrar-lhes o mais novo e o maior mentecapto que jamais se viu.

Rumou, na companhia deles, para o palácio; apontou-lhes aquele juiz com as calças caídas. Os dois companheiros, de longe, se puseram a rir daquele espetáculo; aproximaram-se mais dos bancos que davam para a tribuna na qual o senhor juiz permanecia; viram que se podia muito bem passar por baixo dos bancos e das pranchas; notaram, igualmente, que estava partida a prancha sobre a qual o senhor juiz conservava os próprios pés; a fresta era tão grande que, com muita comodidade, se podiam introduzir, por ela, a mão e o braço. Então Maso disse aos companheiros:

— O que eu quero é que nós lhe tiremos totalmente as calças, uma vez que se pode muito bem fazer isso.

Cada um dos amigos já havia percebido como se poderia levar a cabo aquele plano; assim, combinaram entre si aquilo que cada qual deveria fazer e dizer; e, na manhã seguinte, voltaram ao palácio. O tribunal estava cheio de pessoas; Matteuzzo, sem que ninguém desse pelo seu ato, entrou por baixo do banco e foi justamente para a parte inferior da prancha da tribuna, na qual o juiz apoiava os pés. Aproximando-se por um dos lados, Maso encostou-se ao senhor juiz, agarrando-o pela ponta da toga; Ribí fez o mesmo, do lado oposto; então Maso começou a dizer:

— Senhor, rogo-lhe por Deus que, antes que esse ladrãozinho que aí está desse lado fuja para outro lugar, o force a devolver-me o par de polainas que me furtou; ele diz que não; mas bem que eu o vi furtar; e sei que, há ainda menos de um mês, ele mandou consertá-las.

Ribi, do outro lado, gritava a toda força:

— Senhor, não lhe dê crédito; esse indivíduo é um aproveitador de coisas alheias; ele sabe que vim reclamar dele uma pequena mala que me furtou; agora, ele aparece e vem falar das polainas que eu tinha em casa desde anteontem. Se o senhor não quer acreditar, posso dar por testemunha a Trecca, minha vizinha; e também a Gorda, tripeira; e, além disso, um indivíduo que recolhe o lixo de Santa Maria a Verzaia, que tudo viu quando voltava da vila.

Maso, do outro lado, não deixava Ribi falar; gritava ainda mais do que ele; e Ribi procurava fazer-se ouvir gritando cada vez mais alto. E, enquanto o juiz se conservava de pé, aproximando-se dos dois queixosos para os compreender melhor, Matteuzzo, no momento oportuno, enfiou a mão pela ruptura da prancha, conseguindo, assim, agarrar o fundo das calças do juiz. Agarrando-as, puxou, com força, para baixo. As calças desceram imediatamente, pois o juiz era magro e derreado. O juiz percebeu que as calças estavam descendo; mas não conseguiu atinar com a razão pela qual isso podia acontecer; tratou, pois, de fechar as roupas, que estavam abertas na parte dianteira, a fim de se cobrir e de poder sentar-se de novo; Maso, porém, de um dos lados, e Ribi, do outro, continuavam segurando-o e gritando-lhe:

— Senhor juiz, o senhor pratica uma injustiça se não me der razão, se não me quer ouvir e se quer ir para outro lugar; sabe muito bem que, em questões tão sem importância como essa, não se dá sentença por escrito nesta terra.

Tanto seguraram o juiz pelas suas roupas que todos os que se achavam no tribunal perceberam que se haviam tirado as calças do juiz. Matteuzzo, porém, depois de segurar-lhe as calças abaixadas, por algum tempo, largou-as; a seguir, retirou-se dali, saindo do palácio sem ser visto. Ribi achou que já havia feito o bastante; e disse:

— Eu faço voto a Deus no sentido de que procurarei ser ajudado pelo sindicato.

E Maso, do outro lado, largou a toga, dizendo:

— Não. Eu continuarei a comparecer a este tribunal tantas vezes quantas forem necessárias, até encontrá-lo menos embaraçado do que esta manhã.

Depois, um de uma banda, outro de outra, os dois, como puderam, se afastaram. O senhor juiz, puxando as calças para cima, em presença de toda

gente, portou-se como se só então estivesse saindo da cama; de resto, só então é que teve noção da realidade acontecida; perguntou para onde haviam ido os rapazes que tinham aventado a querela das polainas e da maleta. Não os encontrando nem conseguindo saber coisa alguma a respeito deles, passou a jurar, pelas entranhas de Deus, que precisava descobrir e saber se era costume, em Florença, tolherem-se as calças dos juízes enquanto eles se sentavam à tribuna de audiência!

O podestade, por sua vez, ouviu as queixas do juiz e promoveu enorme barulheira. Mais tarde, alguns amigos lhe explicaram o motivo pelo qual aquela iniciativa fora levada a termo. O sentido de tal brincadeira era o de mostrar a ele, podestade, que os florentinos bem haviam percebido que, nos lugares em que devia colocar juízes, ele colocara uns bobalhões apenas porque estes eram mais baratos. O podestade, então, calou-se. E o assunto não teve seguimento por aquela vez.

Nota

¹ Reitor, aqui, equivale a podestade. Florença e outras cidades italianas tinham o costume de chamar, para chefes e magistrados de suas comunas, autoridades forasteiras por julgá-las mais passíveis de imparcialidade, uma vez que não tinham parentes nem interesses no lugar para onde se viam chamadas e também por não terem de se imiscuir na vida dos partidos políticos locais. “Marquesão” designa o homem natural das Marcas, Itália (marchigiano).

SEXTA NOVELA

Bruno e Buffalmacco roubam um porco a Calandrino; induzem-no a fazer a experiência de o reencontrar com bolotas de gengibre e vinho branco doce; dão-lhe duas de tais bolotas, uma depois da outra, mas daquelas destinadas a cães, confeccionadas com aloés; e resulta que ele mesmo havia roubado o animal. Por fim, levam Calandrino a readquirir o porco, se é que não deseja que eles contem o episódio à esposa dele.



al havia chegado ao seu termo a novela de Filóstrato, por força da qual muito se riu, e já a Rainha ordenou a Filomena que prosseguisse falando. E Filomena começou:

— Graciosas mulheres: assim como Filóstrato, por ouvir mencionar o nome de Maso, se viu induzido a proceder à narrativa que acabam de ouvir dos lábios dele, assim também, sem tirar nem pôr, eu me vejo induzida, pela menção do nome de Calandrino e de seus companheiros, a contar outro episódio ocorrido com eles; e, ao que julgo, esse episódio será do agrado de vocês.

Não será preciso indicar quem eram Calandrino, Bruno e Buffalmacco, pois vocês já ouviram bastante, ainda há pouco, a tal respeito. Por isso, indo logo mais adiante, assinalo que Calandrino possuía uma glebazine não muito longe de Florença; recebera-a a título de dote, da parte da mulher. Dessa propriedade, entre as muitas outras coisas de que se beneficiava, recebia, todos os anos, um porco. Calandrino tinha o costume de ir àquela propriedade, nos meses de dezembro, em companhia da mulher; ali, matava o porco e mandava que o salgassem.

Ora: entre outras ocasiões, uma houve em que, não se sentindo a esposa muito bem quanto à saúde, Calandrino foi sozinho tratar de abater o porco. Bruno e Buffalmacco tiveram conhecimento disso; sabendo que a esposa de Calandrino não ia para a propriedade, esses dois companheiros se dirigiram a um padre, que era muito amigo deles e que morava perto da gleba de Calandrino. Na manhã do dia em que esses três amigos lá chegaram,

Calandrino já havia abatido o porco; vendo os dois companheiros em companhia do padre, Calandrino chamou-os, dizendo:

— Sejam vocês bem-vindos! Quero que vocês fiquem sabendo o ótimo dono de casa que eu sou.

Conduziu-os todos para dentro da casa, onde lhes mostrou o mencionado porco. Todos viram que se tratava de um animal esplêndido; e ficaram sabendo, pelas palavras do próprio Calandrino, que este o desejava salgar para consumo da família. A isso Bruno observou:

— Meu Deus! Como você é burro! Venda este porco, e tratemos de gozar o dinheiro que você conseguir. À sua esposa você dirá, depois, que o porco lhe foi roubado.

Calandrino disse:

— Não. Ela não acreditaria e acabaria expulsando-me de casa. Não se preocupem, porque eu não farei nunca uma coisa dessas.

As palavras então trocadas foram muitas, mas a nada conduziram. Calandrino não se moveu. Mas este convidou os seus amigos presentes para uma ceia magra e triste; tão magra e tão triste que eles não quiseram cear. Por isso, despediram-se dele. E, então, Bruno propôs a Buffalmacco:

— Vamos roubar esta noite o porco de Calandrino?

Buffalmacco indagou:

— Mas como seria isso possível?

Bruno explicou:

— Já fiz o plano todo, que dará resultado se ele não mudar o porco do lugar onde se encontrava agora há pouco.

— Então — respondeu Buffalmacco — vamos roubá-lo. Por qual motivo não deveríamos roubá-lo? Depois gozaremos a brincadeira em companhia do padre.

O padre disse que gostaria muito de participar da iniciativa. Então Bruno observou:

— Nesse caso, é preciso que se use um pouco de arte. Você bem sabe, Buffalmacco, como Calandrino é avaro; e sabe também como ele bebe de bom grado quando os outros pagam; vamos, pois, buscá-lo para levá-lo à taberna. Na taberna, o padre fingirá pagar tudo, a fim de nos prestar homenagem; não deixará que Calandrino pague coisa alguma. Ele ficará embriagado; e isso nos permitirá agir com toda a desenvoltura, porquanto ele está sozinho em casa.

E, assim como Bruno planejou, assim se fez.

Calandrino, notando que o padre não o deixava pagar, entregou-se de coração à bebida; e, embora não sentisse grande necessidade dela, ainda assim se encharcou bem. Posteriormente, já a altas horas da noite, saiu da taberna; não quis saber de cear nem de qualquer outra coisa; foi para casa; depois de entrar, pensou que já tivesse fechado a porta e deixou-a aberta. Buffalmacco e Bruno foram cear com o padre; após a ceia, tomaram algumas precauções para entrar em casa de Calandrino; e todos rumaram, em silêncio, para o lugar da casa que Bruno havia designado de modo especial. Entretanto, encontrando aberta a porta, os três entraram; apanhando o porco, correram com ele para a casa do padre, onde o dispuseram em ordem; e depois foram dormir. Calandrino, quando o vinho lhe saiu da cabeça, ergueu-se pela manhã; ao descer para o andar térreo, não viu mais o porco; mas viu a porta aberta. Perguntou então a este e àquele a fim de averiguar se alguém sabia quem era que tinha levado o porco; visto, porém, como nada averiguou, começou a fazer enorme barulheira. Clamou para que o acudissem porque o porco lhe havia sido roubado!

Bruno e Buffalmacco, depois de se erguerem da cama, foram ter com Calandrino com o propósito de ver o que ele dizia a respeito do porco. Calandrino, quando os viu, chamou-os com voz chorosa e disse:

— Ai de mim! Meus companheiros! O meu porco me foi roubado!

Bruno aproximou-se do infeliz, dizendo-lhe com calma:

— Extraordinário isso de você ter sido esperto pelo menos dessa vez!

— Ai de mim! — exclamou Calandrino. — Eu estou dizendo a verdade!

— Isso é o que você clama — disse Bruno. — É bom você gritar bem alto para que toda gente fique pensando que foi assim que aconteceu, como você diz.

Calandrino passou a gritar então com mais força, clamando:

— Por Deus! Juro que estou dizendo a verdade, pois meu porco foi roubado!

E Bruno dizia:

— Você grita muito bem, muito bem! E é preciso que grite assim. Grite com força. Faça com que o ouçam, até que pareça verdade o que você está gritando.

Calandrino então disse:

— Você seria capaz de me forçar a entregar a alma ao diabo! Afirmo que você não acredita em mim, a não ser que me pendurem pelo pescoço; mas, na verdade, o porco me foi roubado!

Bruno então falou:

— Olhe cá! Como pode ter sido possível? Eu vi o porco aqui ontem. Será que você quer fazer-me crer que ele lhe tenha sido roubado?

Calandrino confirmou:

— Pois é como lhe estou dizendo!

— Meu Deus! Mas como pode ser isso?

— Não há dúvida — insistiu Calandrino — de que é assim! Em consequência, estou arruinado e agora não sei como poderei voltar para minha casa; minha mulher não o acreditará; e, ainda que ela venha a crer, não terei mais paz com ela este ano!

Bruno então exclamou:

— Deus que me salve! Se isso é verdade, foi muito malfeito; mas você sabe, Calandrino, que eu ontem ensinei você a gritar como está gritando agora. Eu não gostaria que você, de uma só vez, se burlasse de sua mulher e de nós.

Calandrino recomeçou a gritar e a dizer:

— Mas meu Deus! Por que é que vocês me fazem ficar desesperado e me levam a blasfemar de Deus e dos santos para afirmar que tudo se passou como estou dizendo? Eu afirmo-lhes que o porco me foi roubado essa noite.

Buffalmacco então explicou:

— Se assim é, precisamos ver qual é o melhor meio ao nosso alcance para o recuperar.

— E qual é o meio — indagou Calandrino — que vamos adotar para isso?

Buffalmacco então esclareceu:

— Por certo que ninguém veio da Índia para lhe roubar o porco; o ladrão deve ter sido algum desses seus vizinhos. E não há dúvida de que, se você os pudesse reunir, eu poria em prática a experiência do pão e do queijo que eu sei fazer; e assim poderemos verificar, de pronto, quem foi que levou o porco.

— Sim — disse Bruno. — Bem fará você em empregar pão e queijo no trato com certos cavalheiros que vivem por estas bandas. Estou certo de que um deles deve ter levado o porco; entretanto, percebendo que se vai fazer a experiência, quem o levou deixará de se apresentar!

— Mas então como é que vamos fazer? — indagou Buffalmacco.

Bruno respondeu:

— O melhor é agir por meio de boas bolotas de gengibre¹ e com excelente vinho branco e doce; a gente convida todos a beber. Ninguém

imagina do que se trata. Toda gente se apresenta. E assim se poderá fazer uso das bolotas de gengibre exatamente como o pão e o queijo.

Disse Buffalmacco:

— Não há dúvida de que você disse a verdade. E você, Calandrino, que é que pensa disso? Vamos fazer assim?

Calandrino apressou-se:

— Pois sou eu que lhes peço que assim se faça, pelo amor de Deus; porque, se pelo menos eu soubesse quem foi que levou o porco, eu me sentiria meio consolado.

— Ora, vamos! — disse Bruno. — Eu estou de acordo em ir até Florença a fim de buscar as referidas coisas para seu serviço desde que você me dê o dinheiro.

Calandrino tinha talvez uns quarenta “soldi”, que entregou a Bruno. Este tomou o caminho de Florença, onde procurou um seu amigo especiarista, em cujo estabelecimento comprou uma libra de excelentes bolotas de gengibre; mandou também que se fizessem duas bolotas daquelas que são purgativas e que se dão aos cães; determinou que essas últimas fossem envoltas em aloés hepático fresco; a seguir, mandou que se lhes aplicasse um revestimento de açúcar igual ao das outras bolotas; e, a fim de não as perder, nem trocar umas pelas outras, pediu que se lhes pusesse um sinalzinho por meio do qual ele poderia muito bem distingui-las. Comprou depois uma garrafa de bom vinho branco e doce; regressou à vila, à casa de Calandrino; e disse-lhe:

— Você tratará de convidar, amanhã cedo, para beber em sua companhia, todos aqueles dos quais você suspeita. Como é feriado, toda gente virá de boa vontade; esta noite, eu farei, juntamente com Buffalmacco, um encantamento em cima das bolotas; amanhã cedo, levá-las-ei à sua casa. E, por amor a você, eu mesmo as distribuirei, dizendo e fazendo aquilo que for necessário dizer e fazer.

Calandrino procedeu por essa forma. Reuniu, pois, um bom grupo, composto de jovens florentinos que se encontravam na vila e de trabalhadores. A reunião ocorreu na manhã seguinte, diante da igreja, ao redor do olmeiro. Bruno e Buffalmacco lá apareceram com uma caixa de bolotas e com a garrafa de vinho; e, depois de dispor todos os presentes em círculo, Bruno falou:

— Senhores, é preciso que eu lhes diga o motivo pelo qual vocês estão aqui a fim de que, se alguma coisa ocorrer que não for do seu agrado, vocês não tenham queixas de mim. De Calandrino, que aqui está presente, roubaram ontem à noite um belo porco; e ele não consegue descobrir quem o possa ter

levado; acha ele que somente um de nós que aqui estamos, e não qualquer outra pessoa, deve poder ter levado o animal; e ele, para conseguir descobrir quem foi o autor daquilo, dará a vocês, para comer, estas bolotas, correspondendo uma a cada um; juntamente com as bolotas, algo será dado para beber. Desde já, fiquem sabendo que a pessoa que tiver levado o porco não poderá engolir a bolota; a bolota lhe parecerá mais amarga do que veneno; e então a pessoa a cuspirá fora. Por isso, antes que tal vergonha seja imposta, na presença de todos, a quem praticou o roubo talvez seja melhor que esse indivíduo revele o que fez, em confissão, ao padre que aqui está; assim, não será mais preciso que eu proceda à prova das bolotas.

Todos os presentes disseram que desejavam de bom grado comer as bolotas; Bruno, então, pô-los em ordem, em fila, colocando Calandrino entre eles; depois, começando por uma das extremidades da fila, passou a distribuir a cada um sua bolota. Quando se aproximou de Calandrino, tomou uma daquelas bolotas destinadas a cães e pô-la nas mãos dele. Calandrino atirou-a prontamente à boca, começando imediatamente a mastigar; mas, assim que a sua língua percebeu o aloés, Calandrino, sem poder suportar o amargor, cuspiu tudo fora. A essa altura, cada qual estava olhando para a cara de todos os outros para ver quem é que ia cuspir, por primeiro, a sua bolota. Bruno ainda não tinha acabado a distribuição das bolotas a todos os participantes do grupo; fingiu, porém, que não estava notando o que se passava; mas ouviu que diziam atrás de si:

— Olá, Calandrino! Que é que isso quer dizer?

Bruno voltou-se prontamente; e, vendo que Calandrino tinha cuspidido a sua bolota, tentou harmonizar:

— Espere um pouco; talvez foi alguma outra coisa que o fez cuspir; tome lá outra bolota, Calandrino.

Tomou a segunda bolota para cães, pondo-a na boca do rapaz; e acabou de distribuir as outras bolotas que deviam ser distribuídas. Se a primeira bolota já havia parecido amarga a Calandrino, a segunda lhe pareceu amarguíssima. Contudo, sentindo vergonha de a cuspir, mastigou-a durante alguns momentos e conservou-a na boca; nesse ato de a reter, foi tão grande o esforço posto que Calandrino começou a verter lágrimas do tamanho de avelãs; por fim, não podendo resistir por mais tempo, atirou-a fora, como fizera com a primeira. Buffalmacco e Bruno tratavam de distribuir vinho aos outros do grupo. Os dois companheiros, juntamente com os outros presentes, passaram a afirmar que, sem dúvida alguma, Calandrino havia roubado a si mesmo; alguns até o

repreenderam severamente por isso. Depois que todos se retiraram e que Buffalmacco e Bruno ficaram a sós com Calandrino, o primeiro deles começou a esclarecer:

— Eu tinha certeza absoluta de que você havia roubado o porco e de que você estava tentando fingir e demonstrar que alguém o havia roubado de sua casa tão somente para não nos oferecer de beber com o dinheiro conseguido na venda do animal.

Calandrino, que ainda não havia cuspidado todo o amargor do aloés, passou a jurar que não havia roubado o porco. Mas Buffalmacco interrogou-o:

— Entretanto, que preço foi que você conseguiu para falar com franqueza? Será que obteve seis florins?

Calandrino, ao ouvir isso, começou a sentir-se desesperado. Então Bruno disse:

— Trate de compreender com clareza, Calandrino: houve um rapaz, no grupo, que comeu e bebeu conosco; disse-me ele que você tem, aqui por estas bandas, uma juvenzinha à sua disposição, a quem você costuma dar o que consegue arranjar; esse rapaz se mostrou convencido de que você mandou o porco a essa juvenzinha. Será que você aprendeu também a ser mentiroso? De uma feita, você nos levou pelo rio Mugnone acima a recolher pedras negras; depois, quando você nos pôs no barco, sem pão, se retirou de lá; mais tarde, você tentou fazer-nos crer que havia achado aquela pedra virtuosa! Agora, semelhantemente, você pensa que, com essas juras, consegue fazer-nos acreditar também que o porco que você deu de presente ou vendeu às escondidas lhe tenha sido roubado. Nós agora já estamos acostumados às suas burlas; já sabemos como você as arma; é inútil continuar tentando, que já não nos prega mais peça alguma! Por isso, para lhe dizer a verdade, nós realizamos um grande esforço para efetuar essa experiência das bolotas, que é uma arte mágica. Por esse motivo, achamos que você deve dar-nos dois pares de capões; do contrário, vamos contar tudo a Monna Tessa.

Calandrino, ao verificar que nada do que ele dizia merecia crédito da parte dos outros, achou que já estava sofrendo muito; não quis acrescentar a esse sofrimento também a fúria da esposa; então deu aos dois amigos os dois pares de capões. Os dois amigos, que já haviam salgado o porco, levaram-no para Florença, deixando Calandrino com o prejuízo e com a burla.

Nota

¹ Eram algo assim como almôndegas, de gosto acentuadamente picante, para uso na alimentação humana. As mesmas bolotas, acrescidas de certa quantidade de aloés, e que, portanto, se tornavam muito amargas, se destinavam aos cães quando, por estarem enfermos, se desejava purgá-los.

SÉTIMA NOVELA

Um estudante ama uma mulher viúva; esta, apaixonada por outrem, o faz esperar, em plena neve, durante toda uma noite de inverno; em compensação, o estudante, por meio de um conselho que lhe dá, faz com que ela, em pleno mês de julho, fique toda nua, um dia inteiro, sentada no topo de uma torre, exposta às moscas, aos tacões e ao sol.



Muito riram as mulheres do pobre Calandrino; e mais se ririam ainda se não lhes houvesse causado pena o fato de lhe haverem sido tirado, ademais, os capões, por obra dos mesmos que lhe haviam subtraído o porco. Quando, porém, chegou o fim da novela, a Rainha determinou que Pampineia procedesse à sua narrativa; e ela, sem perda de tempo, começou:

— Mulheres caríssimas: com frequência acontece que a arte é escarnecida pela própria arte; por isso, é sinal de pouca sensatez o deleitar-se alguém com o escarnecer os outros. Em consequência de várias novelazinhas já narradas, nós rimos muito de burlas levadas a efeito; mas de nenhuma se disse que se promoveu vingança. Eu, porém, pretendo fazer com que vocês sintam alguma piedade de uma justa retribuição efetuada a uma nossa cidadã; esta praticou uma burla; mas a burla lhe recaiu sobre a cabeça e quase lhe ocasionou a morte. Não será sem utilidade, para vocês, ouvir esta novela, porque depois vocês evitarão o ato de pregar peças aos outros; e com isso revelarão grande sensatez.

Ainda não se passaram muitos anos desde quando, em Florença, existiu certa moça, linda de corpo, ativa de espírito e nobre de linhagem. Possuía conveniente abundância de bens de fortuna. Chamava-se Helena. Tornada viúva por morte de seu marido, nunca mais quis casar-se de novo, porque se havia apaixonado por um mocinho muito bonito e muito elegante de sua escolha. Desvencilhada de todas as outras preocupações, ela, com o auxílio de uma sua doméstica, em quem depositava toda a confiança, passava, frequentemente, ótimos momentos de maravilhoso deleite na companhia dele.

Aconteceu que, por aquela mesma época, um moço chamado Rinieri¹ voltou de Paris a Florença. O moço era um nobre da nossa cidade que estivera estudando longamente em Paris; não o fizera, porém, para depois vender a sua sabedoria a varejo, como muita gente faz, e sim para saber a razão última das coisas e também para lhes conhecer a causa — coisa que, aliás, fica muito bem a todo gentil-homem. Em Florença, ao seu regresso, viu-se bastante homenageado, seja por sua nobreza, seja por sua sabedoria; passou a viver, pois, citadinamente.

Contudo, como frequentemente ocorre, isto é, como é normal que os homens que mais conhecimentos possuem das coisas profundas sejam os que mais facilmente se tornam maltratados pelo Amor, Rinieri não fugiu à regra. Um dia, esse moço, para se entreter um pouco, foi a uma festa; na festa, apresentou-se-lhe aos olhos a mencionada Helena, toda vestida de preto, como é costume que as nossas viúvas andem; ele, pois, a viu cheia de beleza, a seu juízo; considerou-a, ademais, tão dotada de características de agradabilidade, a ponto de, nisso, superar qualquer outra mulher que até então houvesse contemplado; de si para consigo, o moço achou que bem se poderia considerar abençoado o homem ao qual Deus concedesse a graça de poder tê-la, toda nua, nos braços. Rinieri contemplou-a, discretamente, várias vezes; sabendo, porém, que as grandes coisas não podem ser conquistadas sem esforço, deliberou, com os seus botões, colocar tudo — esforço e solicitude — na tarefa de cair na simpatia daquela mulher; pretendia, por essa forma, conquistar-lhe o amor; e, em consequência, gozar com ela as delícias da afeição.

A mulher, moça e viúva, não tinha os olhos fitos no inferno, isto é, não se ficava a olhar para o chão; sabendo quanto valia e considerando-se mais valiosa ainda do que era, movia os olhos com habilidade e discrição; movendo-os, olhava ao redor; e descobria, sem maior esforço, os que a contemplavam com encanto; dessa maneira, ela percebeu a existência de Rinieri; e, rindo-se de si para consigo, disse:

— Não deve ter sido em vão que vim para cá; se não me engano, já agarrei um tolo pelo nariz.

Passou então a olhar para ele, uma ou outra vez, com o rabo do olho; sempre que se apresentava a ocasião, ela empenhava-se em fazer sentir que se interessava por ele. De outro lado, a mulher pensava que, quanto maior fosse o número dos homens que fisesse e prendesse, com a enganosa promessa do seu prazer, tanto maior seria o prestígio da sua beleza, principalmente aos olhos

daquele ao qual ela, junto com o seu amor, tinha dado toda aquela mesma beleza.

O esclarecido estudante deixou de lado todos os pensamentos filosóficos; e concentrou toda a sua alma na referida viúva; achou que a sua própria pessoa devia ser do agrado dela; ficou sabendo onde se erguia a casa em que ela morava; começou a passar diante de sua porta, procurando encontrar sempre um motivo razoável para as idas e vindas. A viúva, pelo motivo já referido da sua própria vaidade, dava mostras de o ver de muito bom grado. Em consequência, o moço, assim que encontrou a oportunidade, se aproximou da doméstica a serviço da mulher, à qual revelou o amor que sentia para com a viúva. Pediu à doméstica que agisse por tal forma que ele acabasse sendo alvo das graças dela. A doméstica prometeu operar em seu favor; contou tudo à patroa; esta ouviu as suas revelações, rindo a bandeiras despregadas; depois, disse:

— Viu você onde este homem veio perder a cabeça que nos trouxe tão ilustrada de Paris? Pois bem! Vamos dar-lhe aquilo que está procurando. Você dirá a ele, assim que voltar a falar consigo, que eu o amo muito mais do que ele a mim; que, entretanto, é muito importante que eu conserve a minha honestidade para que eu possa andar sempre, entre as outras mulheres, com a fronte erguida; se ele é tão esclarecido como se diz, muito mais me estimará nessas condições.

Ai! Mulherzinha má, mulherzinha má! Ela nem sequer imaginava, minhas caras mulheres, o que significa meter-se a gente com pessoas instruídas. A doméstica foi encontrar-se com o moço e fez aquilo que a patroa mandou que fizesse. Rinieri passou então a rogos ainda mais calorosos; começou a escrever cartas e a remeter presentes; todas as coisas mandadas eram recebidas; mas de lá só lhe chegavam respostas generalizadas; dessa maneira, a viúva o conservou muito tempo em quarentena. Por fim, ela acabou revelando tudo ao apaixonado amante que possuía; várias vezes esse apaixonado se aborreceu com os atos por ela praticados em relação a Rinieri; algumas vezes, até ciúmes ele havia manifestado; e ela, para mostrar-lhe que ele chegara a suspeitar da lealdade dela, mas que sem razão o fizera, resolveu tomar uma iniciativa: visto que Rinieri a solicitava cada vez com mais insistência, ela mandou que sua doméstica fosse ter com ele. A doméstica obedeceu. E disse ao moço que a patroa não havia tido, ainda, tempo de fazer coisa que fosse do agrado dele; que, contudo, ela, a patroa, já estava convencida da sinceridade do seu amor; e que, lá pelas festas do Natal, que se aproximavam, ela nutria esperança de

poder estar com ele. Acrescentou a doméstica que, se fosse de seu agrado, o moço deveria ir ao pátio da casa da viúva, onde ela, assim que lhe fosse possível, iria encontrar-se com ele.

O moço, muito mais contente do que qualquer outro homem, dirigiu-se à casa da mulher à hora que lhe foi marcada. Lá, ele foi conduzido pela doméstica a um pátio interno, onde, fechado, sem saída alguma, passou a esperar pela mulher amada.

A viúva convidara para aquela noite, em sua casa, o seu verdadeiro amante; e, depois de cear na companhia dele, toda cheia de alegria, contou-lhe tudo o que havia planejado fazer, naquela mesma noite, em relação a Rinieri, que se encontrava no pátio; e acrescentou:

— E assim você poderá ver qual é o amor que nutro para com aquele em relação ao qual você tanto ciúme revela estar sentindo.

O amante ouviu, com grande prazer, essas palavras, mostrando-se ansioso de verificar, através dos fatos, aquilo que a mulher, com palavras, lhe dera a entender. Por acaso, no dia anterior, havia caído forte nevasca; tudo se encontrava coberto de neve; em consequência, pouco depois de estar naquele pátio, Rinieri passou a sentir muito mais frio do que poderia ter desejado; todavia, esperando poder restaurar-se logo depois, continuou esperando pacientemente. A mulher, após algum tempo, disse ao amante:

— Vamos para o quarto; e, de lá, por uma janela, veremos o que está fazendo aquele moço por quem você se fez tão ciumento; assim, ficaremos sabendo também o que ele responderá à doméstica, que mandei que fosse falar com ele.

Os dois se dirigiram, pois, a uma janelazinha, de onde, vendo sem ser vistos, ouviram a doméstica, que se encontrava em outra janela, conversar com o moço instruído e dizer:

— Rinieri: minha patroa é, neste momento, a mais entristecida das mulheres que existem no mundo; imagine que, esta noite, chegou a esta casa um dos seus irmãos, que com ela conversou longamente; depois, quis ficar para jantar em sua companhia; até este momento, ainda não se retirou; acredito, porém, que ele se retirará dentro de pouco tempo; é por isso que a minha patroa ainda não pôde ir ter aí consigo; logo, porém, ela descera ao pátio; ela pede-lhe que, neste entretanto, não se aborreça por esperá-la.

Rinieri, julgando tratar-se de uma comunicação verdadeira, respondeu:

— Queira dizer à minha amada que não se preocupe de modo algum, até que possa, com sua comodidade, vir ter comigo; mas que venha ter comigo tão

cedo quanto lhe seja possível.

A doméstica retirou-se da janela para dentro da casa e foi dormir. A mulher disse então ao amante:

— E então? Que diz você? Pensa que, se eu quisesse àquele pobre o bem que você receia que eu queira, permitiria que ele continuasse lá embaixo enregelando-se?

Dizendo isso, foi para a cama com o amante, que já em boa parte se dava por satisfeito; por longo tempo lá estiveram, entre carinhos e prazeres, rindo e zombando do infeliz Rinieri. O moço, caminhando de um lado para outro no pátio, exercitava-se a fim de se aquecer; de resto, não tinha sequer onde se sentar nem onde se abrigar da nevasca; assim, maldizia aquela demora, tão prolongada, do irmão de sua amada; todo rumor que ouvia logo pensava que fosse de porta que se abrisse para que a mulher se dirigisse a ele; mas inutilmente esperava. Por fim, a viúva, lá pela meia-noite, depois de se haver entretido bastante com seu apaixonado, disse-lhe:

— Que é que lhe parece, alma de minha alma, quanto àquele moço? Que é que você acha que é maior: a sensatez dele ou o amor que tenho por você? Será que o frio que eu faço Rinieri sofrer contribuirá para que saia de seu peito aquilo que nele entrou, anteontem, em consequência de minhas palavras?

O amante respondeu:

— Coração do meu corpo, sim. Muito bem percebo que, assim como você é o meu bem e o meu repouso, bem como o meu encanto e toda a minha esperança, assim também eu sou tudo isso para você.

— Então — disse a mulher — trate de me beijar mil e uma vezes para eu ver se você está dizendo a verdade.

Por isso, o amante, abraçando-a fortemente, beijou-a não mil, mas cem mil vezes. Depois de se demorarem em conversas dessa ordem, a mulher falou:

— Olhe! Levantemo-nos um pouco e vamos ver se está extinto o fogo no qual aquele meu novo admirador, ao que me dizia em suas cartas, ardia por mim.

Os dois se ergueram; dirigiram-se à janelazinha de costume; e, olhando para o pátio, viram o infeliz estudante de Paris andar como que saltitando sobre a neve com o propósito de aquecer o próprio corpo; e saltitava ao som do bater dos próprios dentes, provocado pelo frio excessivo; era um castanholar de dentes tão intenso e rumoroso que os dois nunca tinham visto coisa igual. Então a mulher disse:

— Que é que você diz, minha doce esperança? Afigura-se a você que eu saiba fazer com que os homens dançam mesmo sem toque de cornetas nem de cornamusas?

Ao que o amante, rindo, confirmou:

— Meu grande encantamento, sim. Afigura-se-me.

A mulher sugeriu:

— Quero que desçamos até a porta, lá embaixo; você ficará quieto; eu falarei com ele; veremos o que ele dirá; é possível que, ouvindo-o, não nos divertiremos menos do que o contemplando.

Abriram silenciosamente a porta do quarto; desceram até a porta lá de baixo; e, ali, sem abrir a mencionada porta, a mulher, com voz baixa, através de um orifício que havia, chamou o infeliz Rinieri. O estudante, ouvindo o chamado, muito louvou a Deus; acreditou que havia chegado a hora de entrar na casa; aproximou-se da porta; e disse:

— Aqui estou eu, senhora. Abra, pelo amor de Deus, pois eu morro de frio!

A mulher disse:

— Oh, sim! Bem sei que você é muito friorento; sei, ademais, que o frio é muito intenso, porque aí no pátio há um pouco de neve! Também não ignoro que há nevascas muito maiores em Paris. Infelizmente ainda não posso abrir-lhe a porta, porque este meu maldito irmão, que veio jantar comigo ontem à noite, ainda não se retirou; mas ele não tardará a ir embora; assim que ele se for, eu irei, sem mais perda de tempo, abrir-lhe a porta. Neste instante, com muito esforço me livrei um pouco dele para poder vir confortar o seu espírito a fim de que não o magoe a espera.

Então o moço implorou:

— Ai de mim, senhora! Peço-lhe que me abra a porta para que eu possa ficar aí dentro bem abrigado. Já faz algum tempo que começou a cair a neve mais espessa do mundo; ainda continua nevando; mas aí dentro eu ficarei à espera todo o tempo que for de seu agrado.

Lamentou a mulher:

— Ai de mim, meu doce bem! Não me é possível fazer isso. Esta porta faz tamanho barulho quando se abre que eu logo seria descoberta por meu irmão se a abrisse. Todavia, vou dizer a ele que se retire para que, depois, eu volte e lhe abra a porta.

O estudante apressou:

— Pois então vá bem depressa! Peço-lhe que mande acender um bom fogo para que, assim que eu entrar, possa aquecer-me. O que há é que eu estou morrendo de frio; mal consigo perceber-me a mim mesmo.

A mulher observou:

— Não é possível que seja assim se é verdade aquilo que você muitas vezes me escreveu; você me disse que arde todo de amor por mim; mas estou convencida de que você quer iludir-me. Contudo, agora me vou. Espere mais um pouco e conserve-se de bom humor.

O amante, que estava a ouvir essa conversa toda, e que com isso sentia enorme prazer, voltou para a cama em companhia da viúva; naquela noite, porém, bem pouco dormiram os dois; passaram o tempo a fazer carinhos e a zombar do estudante.

Rinieri, pobre-diabo, quase se transformou em cegonha, de tanto barulho que fazia com o bater dos dentes.² A certa altura, percebeu que estava sendo burlado; por várias vezes, tentou abrir a porta; ademais, examinou o pátio todo a fim de ver se podia sair por algum lugar. Não encontrou saída; passou, pois, a movimentar-se como um leão na jaula; maldizia a qualidade do tempo, a malvadez da mulher, o comprimento da noite e também o que havia de simplório em seu próprio espírito. Revoltou-se contra a viúva; aquele amor, prolongado e fervoroso que lhe havia dedicado, se transformou, de súbito, em ódio cru e acerbo; tratou de imaginar, de si para consigo, a forma de se desferrar daquela burla; já agora desejava muito mais a vingança do que havia desejado ter nos braços aquela mulher. Por fim, a noite, embora longa e demorada, acabou aproximando-se do dia; a aurora começou a aparecer; por isso, a doméstica da viúva, instruída por sua patroa, desceu as escadas, abriu a porta do pátio e, fingindo sentir compaixão para com o rapaz, disse:

— Que a má sorte recaia sobre aquele que para aqui veio ontem à noite! O irmão da senhora nos aborreceu a noite toda; além disso, fez com que você se enregelasse. Mas, afinal, sabe o que fazer? Fique com a alma em paz. O que não pôde ser feito essa noite poderá sê-lo em outra oportunidade; bem sei eu que poucas coisas poderiam ter acontecido que desagradassem tanto à senhora quanto isso desagradou!

O estudante, despeitado, agiu como pessoa esclarecida que sabe que as ameaças nada mais são do que armas do ameaçado; fechou, dentro do próprio peito, o que a vontade não disciplinada ansiava por atirar fora; e, com voz calma, sem se mostrar aborrecido de modo algum, disse:

— Na verdade, passei hoje a pior noite da minha vida; mas estou convencido de que a senhora não tem culpa alguma no caso, porquanto ela própria, sentindo piedade de mim, desceu até este pátio para se desculpar e, ao mesmo tempo, me confortar. De resto, como você diz, o que não pôde dar-se essa noite dar-se-á em outra oportunidade; recomende-me à senhora e fique você com Deus.

Quase todo encolhido sobre si mesmo, Rinieri encaminhou-se, como lhe foi possível, para sua casa; ali chegando, cansado e a morrer de sono, atirou-se à cama para dormir. Nessa cama, ele acordou com as pernas e os braços que quase não davam sinal de vida; em consequência, mandou chamar seus médicos; informou-os sobre o frio ao qual estivera exposto; e pediu-lhes que tomassem providências a bem de sua saúde. Os médicos, ajudando-o com grandes recursos e com aplicações imediatas, muito esforço tiveram de desenvolver antes de o curar dos nervos e de os induzir a distenderem-se de novo; se não houvesse a circunstância de Rinieri ser ainda jovem e de sobrevir a época do calor, muito sofrimento ele teria de suportar; todavia, voltou a seu estado anterior de pessoa sã e fresca; conservou, porém, dentro do seu peito, o ódio sentido contra aquela mulher; não obstante, prosseguiu fingindo estar imensamente enamorado da referida viúva.

Ora: aconteceu, depois de determinado espaço de tempo, que a sorte preparou as coisas por tal forma que o estudante passou a poder satisfazer o seu desejo de vingança. O que ocorreu foi que o moço amado pela viúva deixou de ligar importância ao amor que ela lhe dedicava; enamorou-se de outra mulher e, não querendo mais dizer, nem fazer, nem muito nem pouco, fosse lá o que fosse que pudesse proporcionar prazer à viúva, esta começou a definhar em meio a lágrimas e a amarguras.

A doméstica, porém, sentiu enorme compaixão para com a sua patroa; não lhe foi possível encontrar forma de aliviar a dor sentida pela mulher em consequência da perda de seu amante; mas, vendo o estudante Rinieri passar pelas ruas como antigamente, tal como se nada de desagradável lhe houvesse acontecido, teve um pensamento imbecil. O pensamento foi o de que, por meio de alguma operação necromântica, deveria ser possível forçar o amante de sua patroa a voltar a amá-la como antes; achou ela que o estudante, que se instruía em Paris, tinha de ser mestre em tal operação; e revelou esse seu modo de pensar à patroa. A viúva, intelectualmente pouco esclarecida, nem sequer pensou que, se o estudante conhecesse artes necromânticas, as teria usado a seu próprio favor; confiou nas palavras da doméstica; e pediu-lhe, de súbito, que

fosse ter com Rinieri a fim de lhe perguntar se queria fazer aquelas artes a favor dela; disse à doméstica que lhe promettesse que, em sinal de gratidão por isso, ela, a viúva, faria o que maior prazer lhe proporcionasse a ele, Rinieri. A doméstica desincumbiu-se de tal missão com muita inteireza e muita diligência.

Quando o moço ouviu aquilo, sentiu-se todo contente; e, de si para consigo, disse: “Deus, louvado sejais Vós! Já chegou o tempo em que, com o Vosso auxílio, poderei impor algum sofrimento à mulher malvada pela injúria que ela me fez ao dar-me aquela noite como prêmio ao grande amor que eu lhe dedicava”. E à doméstica disse:

— Vá dizer à mulher que eu amo que não se preocupe mais com o caso; ainda que seu amante estivesse na Índia, eu o faria voltar aos pés dela a fim de pedir perdão de tudo quanto lhe possa haver feito contrariando-lhe os desejos. A maneira de ela conseguir isso lhe será dita por mim quando e onde ela o quiser; transmita-lhe esse recado e conforte-a em meu nome.

A doméstica comunicou a resposta à sua patroa; combinou-se que a viúva e Rinieri se encontrariam em Santa Lucia dal Prato. Ali foram ter a mulher e o estudante, onde ficaram conversando a sós. Ela nem sequer se recordou de que quase lhe havia ocasionado a morte; revelou-lhe francamente tudo quanto lhe acontecera; esclareceu o que desejava; e suplicou-o pela salvação de sua própria alma. Ao que o estudante disse:

— Senhora, é verdade que, entre as outras coisas que eu aprendi, em Paris, se incluiu a necromancia; a respeito dessa arte, sei tudo quanto se pode saber; entretanto, como essa arte é coisa que causa enorme desgosto a Deus, eu jurei, de uma feita, que nunca faria uso dela, nem para mim, nem para os outros. É exato, porém, que o amor que eu nutro para com a senhora se anima de tanta força que não sei como poderei negar-lhe o que deseja que eu faça; em consequência, embora só por isso eu deva ir para a casa do diabo, ainda assim estou disposto a fazer o que for de seu agrado. Contudo, quero recordar-lhe que será preciso fazer uma coisa muito menos cômoda do que a senhora possa imaginar; mais incômodo ainda se torna o ato quando uma mulher deseja chamar a si um homem para que a ame ou quando um homem aspira ao mesmo fim. Um ato dessa ordem não pode ser levado a efeito a não ser com a própria pessoa que deseja beneficiar-se dele; para tanto, é preciso, de modo absoluto, que a pessoa que o leva a termo esteja com o espírito seguro de si, pois o ato tem de ser praticado durante a noite, em lugar solitário e sem nenhuma companhia. Tudo isso eu estou disposto a fazer desde que a senhora também o esteja.

Ao que a mulher, mais enamorada do que esclarecida, respondeu:

— O amor me esporeia por tal forma que nada há que eu não queira fazer para reconquistar aquele que, sem causa justa, me abandonou; entretanto, se isso lhe agrada, diga-me no que é que eu preciso estar segura de mim mesma.

O estudante, que tinha em mente o sofrimento padecido e continuava nutrindo o desejo de vingança, explicou:

— Senhora, eu terei de fazer uma imagem de estanho em nome do homem que a senhora deseja readquirir; depois, mandar-lhe-ei a imagem; então, será importante que a senhora, assim que a lua empalideça bastante, se ponha inteiramente nua; a seguir, que entre num rio de água corrente logo à hora do primeiro sono; depois, que se banhe sete vezes nessa água em companhia da aludida imagem de estanho; mais tarde, que, sempre inteiramente nua, se dirija para o topo de uma árvore ou de qualquer casa alta e desabitada; que ali se vire para o norte, sempre tendo a imagem na mão; e que assim diga sete vezes determinadas palavras que lhe darei escritas. Quando a senhora houver terminado de recitar essas palavras, irão ao seu encontro duas mocinhas, das mais lindas que já tenha visto; elas saudarão a senhora; perguntar-lhe-ão aquilo que a senhora deseja que se faça. A essa altura, a senhora dirá, às referidas moças, com toda a inteireza e com toda a clareza, os seus desejos; tome cuidado para não dizer um nome em lugar de outro; depois de ditos os desejos, as moças irão embora; então a senhora poderá descer para o lugar onde tiver deixado suas roupas; ali, tornará a vestir-se; e voltará para sua casa. Assim, é certo que, antes de se passar metade da noite seguinte, o seu amante, chorando, lhe aparecerá para lhe pedir perdão e misericórdia; e saiba que, desse momento em diante, nunca mais ele a deixará por qualquer outra mulher.

A mulher ouviu todas essas coisas; prestou-lhes fé absoluta; tinha já a impressão de estar recebendo o amante nos braços; ficou algo alegre por isso; e disse:

— Não duvide, Rinieri; farei bem-feito tudo o que você mandar fazer; além disso, disponho da maior comodidade do mundo para assim proceder; possuo uma pequena propriedade lá pelas bandas do Valdarno superior, que se situa bem perto das margens do rio; agora estamos em julho, e o banhar-se a gente é coisa agradável. Recordo-me, ademais, que, não longe do rio, há uma pequena torre desabitada; apenas, de quando em quando, pela escada rústica, móvel, feita de madeira de castanheiro que lá existe, sobem os pastores com o propósito de se postarem numa plataforma de terra batida, de onde podem ver

onde se encontram as ovelhas desgarradas; trata-se de lugar solitário, fora de mão; subirei à plataforma da torre; e ali, da melhor forma possível neste mundo, espero fazer aquilo que você me impuser.

Rinieri, que tinha perfeito conhecimento da propriedade da mulher e também daquela torre, sentiu-se satisfeito ao saber das intenções dela; e disse:

— Senhora, eu nunca estive por aqueles lados; por isso, nada sei de sua propriedade nem da pequena torre; contudo, se as coisas são como a senhora está dizendo, nada de melhor pode haver no mundo; conseqüentemente, quando chegar a época oportuna, mandar-lhe-ei a imagem e a oração; rogo-lhe, porém, para que, quando o seu desejo estiver satisfeito e quando se convencer de que eu a terei bem servido, se lembre de mim, bem como de cumprir a sua promessa para comigo.

A mulher declarou que lembraria e que, infalivelmente, cumpriria a promessa; despediu-se do estudante e voltou para casa. Rinieri, muito contente por ver que o seu conselho poderia produzir bom efeito, fez uma imagem com características mágicas; depois, escreveu uma fábula qualquer, à guisa de oração; e, quando se lhe afigurou chegado o tempo, mandou tudo à casa da viúva, informando-a de que, na noite seguinte, sem mais demora, deveria ser feito aquilo que se havia combinado. A seguir, com um seu fâmulos, Rinieri se dirigiu, em segredo, à casa de um amigo que ficava bem perto da mencionada pequena torre a fim de pôr em prática o seu próprio plano.

A mulher, de outro lado, se pôs a caminho em companhia da sua doméstica, indo para a sua propriedade; assim que a noite caiu, ela fingiu ir para a cama; ordenou à doméstica que fosse dormir; e, lá pela hora do primeiro sono, saiu de casa no maior silêncio; rumou para a pequena torre que ficava à margem do Arno; ali chegando, examinou, com o olhar, os arredores; não viu nem ouviu fosse lá o que fosse; então, despiu-se, escondendo as roupas por baixo de uma pequena moita; foi para o rio, em cujas águas se banhou sete vezes com a imagem; a seguir, sempre completamente nua e com a imagem na mão, retomou o caminho da torre.

De sua parte, Rinieri, logo ao cair da noite, em companhia de seu fâmulos, foi postar-se entre salgueiros e outras árvores, ficando, assim, escondido bem perto da torre. Nessas condições, viu tudo o que a viúva fez; quando ela passou bem perto dele, inteiramente nua, ele notou que ela, com a alvura de sua pele, vencia a escuridão da noite; observou, igualmente, os seios e as outras partes do corpo dela; achando tudo muito bonito, pensou naquilo em que aquelas lindas formas deveriam transformar-se dentro de pouco tempo; e, na verdade, sentiu

alguma pena. De outro lado, o estímulo da carne o acometeu por tal forma que ele se viu inclinado a sair do esconderijo, a ir agarrá-la e a forçá-la a satisfazer-lhe os desejos; esteve mesmo na iminência de ser vencido pelos seus instintos. Contudo, despertou-se-lhe a memória de quem ele era, bem como da afronta recebida, do motivo pelo qual lhe fora imposta e da pessoa que lhe impusera; dessa maneira, reacendeu-se em seu coração o ódio, cancelando-se a compaixão e o apetite carnal; e ele manteve-se firme nos seus propósitos, deixando-a prosseguir.

A mulher subiu ao topo da torre; virou-se para o norte; e começou a recitar as palavras da oração mandada pelo estudante. Pouco depois, o mesmo estudante entrou silenciosamente na torre e, com grande cuidado, retirou aquela escada que conduzia à plataforma lá de cima, onde a mulher já se encontrava; e ficou à espreita para ver o que a mulher iria dizer e fazer. A viúva proferiu sete vezes aquela oração e passou a esperar a chegada das duas mocinhas; a espera, porém, foi extremamente longa; ademais, a noite estava muito mais fria do que ela teria gostado que estivesse; por fim, ela viu a aurora aparecer; ficou tristíssima por verificar que não ocorrera aquilo que o estudante lhe dissera que ocorreria; e disse com os seus botões: “Receio que esse moço tenha querido proporcionar-me uma noite igual àquela que o forcei a passar; se, porém, ele me fez isso, mal terá sabido vingar-se, porque essa noite não chegou a equivaler, quanto à duração, a um terço daquela que ele teve de atravessar; além disso, o frio da noite dele foi de outra qualidade.”

A fim de que a luz do dia não a surpreendesse naquela plataforma, desejou descer da torre; verificou, todavia, que a escada já não estava ali. Então, mais ou menos como se o mundo inteiro houvesse desaparecido ou cedido por baixo de seus pés, a fortaleza de ânimo a abandonou; vencida, caiu no chão de terra batida da plataforma da torre. Quando as forças lhe voltaram, ela começou a chorar e a queixar-se; percebeu que aquilo devia ter sido obra do estudante; e, assim, passou a censurar a si mesma por haver feito mal aos outros; censurou-se, igualmente, por haver confiado em excesso no moço estudante que ela deveria considerar, na verdade, seu inimigo; nessas queixas e censuras ela se demorou longo tempo. Depois, tratando de observar se havia alguma saída por onde pudesse descer, e verificando que não havia, recomeçou o pranto e entrou em um pensamento amargo, dizendo de si para consigo: “Oh! Desventurada que eu sou! Que dirão os meus irmãos, os meus parentes, os meus vizinhos e, em geral, todos os florentinos quando se souber que eu fui encontrada nua neste lugar? A minha honestidade, tida sempre em conceito elevado, acusará a

sua falsidade. E, ainda que eu queira procurar ou apresentar escusas mentirosas, que, em todo caso, eu poderia encontrar, aquele estudante maldito, que sabe muito bem fazer o que planeja levar a efeito, não me deixará mentir. Ai! Infeliz de mim! De uma só vez acabarei perdendo o meu amante mal-amado e a minha honra!” Depois disso, foi tanta a dor que ela sentiu na alma que esteve na iminência de se atirar do alto daquela torre ao chão. Todavia, o sol já ia um pouco alto; ela aproximou-se de um dos muros da torre e, por cima dele, espiou para fora, esperando ver se algum rapazola pastor, com as suas ovelhas, se encontrava à vista ou se se aproximava daquele lugar; em caso positivo, talvez lhe fosse possível mandar avisar a doméstica; mas o que aconteceu foi que o estudante, que tinha dormido ao pé de uma das moitas, acordou; ele a viu, e ela também o viu; então, o moço perguntou:

— Bom dia, senhora! Já chegaram as mocinhas?

A mulher, vendo-o e ouvindo-o, recomeçou a chorar copiosamente; suplicou-lhe que entrasse na torre a fim de que ela lhe pudesse falar. O moço mostrou-se muito atencioso quanto a isso. A viúva deitou-se de borco no chão da plataforma da torre; deixou pender, para baixo, apenas a cabeça, na abertura de entrada, de onde se havia retirado a escada; e, sempre chorando, disse:

— Rinieri: por certo, se é verdade que eu lhe proporcionei uma noite muito má, você já está muito bem vingado; e isso porque, embora estejamos em julho, eu, permanecendo aqui a noite toda, inteiramente nua, julguei que estava congelando-me; além disso, já chorei tanto, seja pelo engano que lhe preguei, seja pela minha estupidez que me fez crer em suas palavras, que nem sei como é que ainda tenho os olhos na cabeça. Por isso, suplico-lhe, não por amor a mim, pois você já não deve amar-me, mas pelo amor de sua reputação de gentil-homem: que baste, como vingança da afronta que lhe fiz, isso que até este momento você me está fazendo. Faça com que eu receba as minhas roupas e permita que eu desça daqui. Não me tire aquilo que, depois, ainda que você o queira, não me poderá mais devolver, isto é, a minha honra. Se eu, naquela noite, não permiti que você estivesse comigo, posso agora, quando bem lhe parecer ou lhe agradar, conceder-lhe muitas noites a troco daquela única. Creio que isso deve bastar a você; como acontece com os homens de valor, dê-se por satisfeito com o fato de já haver mostrado, a mim, que pode e sabe vingar-se; não queira medir suas forças contra mim, que sou apenas uma pobre mulher; não há glória alguma para a águia que vence uma pomba; portanto, pelo amor de Deus, e de você mesmo, tenha piedade de mim.

O moço mexia e remexia, indignado, no seu espírito, a afronta recebida, de que muito amargamente se lembrava; e, vendo a mulher chorar e suplicar, sentia ao mesmo tempo prazer e desgosto: prazer devido à vingança que tinha desejado conseguir, mais do que qualquer outra coisa neste mundo; e desgosto devido à compaixão que o seu sentido de humanidade o levava a alimentar para com a infeliz. O sentido de humanidade, entretanto, não pôde levar de vencida a severidade do apetite de vingança. Então ele disse:

— Sra. Helena, em verdade, naquela noite, eu não soube banhar de lágrimas os meus rogos; por outro lado, também não os consegui tornar melados, como você agora consegue tonrar os seus; por isso, naquela noite, no pátio de sua casa, onde, em plena nevasca, eu ia morrendo de frio, aqueles meus rogos não me proporcionaram a bênção de me ver recolhido, por você, a lugar coberto; se, ao contrário, você os tivesse ouvido, nada me custaria, agora, ouvir as suas súplicas. Contudo, se você se preocupa tanto, agora, com sua honra — muito mais do que se preocupou no passado — e se lhe é desagradável ficar aí, inteiramente nua, apresente essas suas súplicas àquele homem a cujos braços você se entregou; você não teve remorso de, naquela mesma noite, de que você bem se recorda, estar com ele, inteiramente nua, mesmo sabendo que eu me encontrava no pátio de sua casa, batendo os dentes e pisando neve; pois, agora, peça a ele que a ajude; que lhe entregue as suas roupas; que a faça descer pela escada; procure inocular, no coração dele, a ternura para com a sua honra, honra esta que você nunca hesitou, nem agora, nem em mil e umas outras vezes, em pôr em perigo. Por que você não o chama para que ele venha ajudá-la? A quem é que ele pertence mais do que a ele próprio? Você é dele. Quais serão as coisas de que ele cuida ou que ele ajuda se ele não cuida de você nem a ajuda? Chame-o! Deixe de ser tola! Procure ver se o amor que você tem por ele e se o seu juízo, unido ao dele, podem libertá-la da minha estultícia; pois você não perguntou, a ele, o que é que ele achava maior: se a minha estupidez ou se o amor que você nutria para com ele? Por outro lado, não tente ser agora atenciosa para comigo, oferecendo-me o que não desejo e que, de resto, não me poderia negar se eu o desejasse; reserve para o seu amante as suas noites, se é que você ainda conseguirá sair viva daqui; que sejam suas, e dele, essas noites; quanto a mim, fiquei satisfeito de sobra com uma só; basta-me o ter sido escarnecido uma vez. Percebo que, ainda agora, você faz uso da sua astúcia ao falar; você procura louvar a minha benevolência; qualifica-me de gentil-homem; proclama que sou pessoa de valor; e tudo isso você o diz para que eu, convencido e magnânimo, me contenha, deixando de

puni-la pela sua malvadeza. Todavia, as suas lisonjas, agora, não me embaçarão a vista do intelecto, ao contrário do que já fizeram as suas promessas desleais. Bem me conheço. Aliás, não aprendi tanta coisa, a respeito de mim mesmo, enquanto estive estudando em Paris, quanto, em uma única noite, você me forçou a aprender no pátio de sua casa. Pressupondo-se, entretanto, que eu seja magnânimo, o certo é que você não é das mulheres para as quais a magnanimidade deva mostrar os seus efeitos. O fim da penitência, para as feras selvagens, como você é — e, da mesma forma, o fim da vingança — costuma ser a morte; ao passo que, para os homens, deve bastar aquilo que você lhes disse. Embora eu não seja águia, bem percebo que você não é pomba, mas serpente peçonhenta; portanto, como seu inimigo antiquíssimo, com o máximo de ódio e com a força toda do meu ser, pretendo persegui-la. De resto, tudo isso que lhe faço não pode ser propriamente denominado vingança; isto é apenas um castigo; a vingança supera a ofensa e, nesse caso, não cairá sobre sua cabeça. Se eu pretendesse vingar-me, levando em conta o jogo em que você lançou a minha alma, eu não me daria por satisfeito apenas tolhendo-lhe a vida nem tolhendo cem vidas semelhantes à sua; se eu lhe tolhesse a vida, não faria mais do que matar uma simples mulherzinha perversa e ré. E para que diabo deverei eu tolher-lhe esse palminho de cara — dessa cara que poucos anos bastarão para arruinar, enchendo-a de rugas —, uma vez que, neste momento, você é a criatura mais infeliz que existe? Você não conseguiu fazer morrer um homem de valor (como você mesma, ainda há pouco, me qualificou), cuja vida poderá, um dia, ser mais útil ao mundo do que cem mil vidas de mulheres semelhantes a você o poderão ser ao longo do tempo todo em que o mundo terá de durar. Ensino-lhe, pois, com essa angústia que você está provando, o que é o ato de escarnecer os homens que possuem algum sentimento — o que é escarnecer as pessoas instruídas; dou-lhe, assim, motivo para você nunca mais cair em tal asneira se conseguir sobreviver a isso. Contudo, se você tem tanta vontade de descer daí, por qual razão não se atira ao solo? Se se atirar, você conseguirá, de uma só vez, com a ajuda de Deus e quebrando o próprio pescoço, sair do castigo em que você pensa que se encontra e tornar-me o homem mais feliz do mundo. Bem. Agora, não vou dizer-lhe mais coisas. Eu soube fazer tudo por tal forma que a induzi a subir a essa torre; saiba você, agora, fazer tudo por tal forma que possa descer daí como pôde zombar de mim.

Enquanto o estudante proferia essas palavras, a infeliz mulher continuava chorando, e o tempo transcorria, de modo que o sol se tornava cada vez mais

alto. Quando, porém, ela notou que ele se havia calado, disse:

— Ouça cá, homem cruel! Se aquela noite maldita lhe foi tão penosa e se o meu erro se lhe afigurou tão grande, a ponto de não lhe provocarem a menor piedade a minha jovem beleza, nem as minhas lágrimas amargas, nem os meus rogos humildes, deixe, pelo menos, que o comova e que reduza um pouco a sua inflexibilidade este meu ato: o de eu haver confiado novamente em você; o de eu lhe revelar todos os meus segredos; com isso, dei vida ao seu desejo de se vingar do meu pecado; está claro que, se eu não houvesse confiado novamente em você, nenhum meio você teria para vingar-se, coisa que você bem mostra que desejou com grande ardor. Pelo amor de Deus! Deixe, pois, a ira de lado. Perdoe-me. Se você me perdoar e me fizer descer daqui, estou pronta a abandonar completamente aquele moço desleal, passando a ter unicamente você por amante e senhor, embora você lamente a minha beleza e mostre alimentar muito pouco apreço para com ela. Sei que a minha beleza, embora talvez não se diferencie da beleza das outras mulheres, deveria sempre ser apreciada, ainda que mais não fosse do que pelo fato de servir o capricho, o entretenimento e o deleite da juventude dos homens; ora, você não é velho. Embora eu esteja sendo cruelmente tratada, de sua parte, nem por isso posso acreditar que você deseja que eu tenha morte tão desonrosa quanto seria a que eu teria se me atirasse daqui de cima, por desespero, diante dos seus olhos, olhos que, quando você não era tão mentiroso como depois se tornou, tanto gostaram de me contemplar. Ouça-me! Tenha um pouco de consideração por mim, pelo amor de Deus e por piedade! O sol já começou a esquentar demais; de resto, o frio excessivo dessa noite me molestou muito; por isso, o calor de agora me está causando grande incômodo.

Ao que o estudante, que com grande satisfação a deixava falar e com grande deleite a ouvia, respondeu:

— Senhora, a sua fé não se entrega, agora, às minhas mãos, por qualquer decorrência de amor que você tenha por mim, mas pelo seu propósito de reconquistar aquilo que você perdeu; por isso, nada mais você merece do que o mal maior. Você pensa de modo simplesmente louco se pensa que essa foi a única maneira que encontrei para satisfazer o desejo de me vingar oportunamente do que você me fez. Mil outras maneiras eu já havia concebido; mil e um laços eu tinha armado aos seus pés, enquanto fingia querê-la, depois daquela noite; fique certa de que não se passaria muito tempo sem que você caísse numa das armadilhas por mim preparadas se isso, que agora está acontecendo, por acaso não acontecesse. O que é indiscutível é que você não

poderia cair em armadilha que maior sofrimento e maior vergonha lhe causasse do que essa em que caiu; e note que eu adotei essa armadilha não para lhe proporcionar mais comodidade, mas para me satisfazer mais cedo. Ainda que todos os meus planos de vingança falhassem: nunca eu deixaria de recorrer à pena; com ela, eu escreveria tanto, e por tal forma, a seu respeito que você, lendo os escritos, passaria a desejar mil vezes não ter nascido jamais. As forças da pena são muito maiores do que imaginam aqueles que, por experiência própria, não as provaram. Deus que me conserve satisfeito com essa vingança que agora estou conseguindo contra você: que me conserve satisfeito até o fim, como me fez satisfeito no começo. Mas juro que, se assim Ele não houvesse feito, eu teria escrito sobre você tais coisas de que você se envergonharia não somente das outras pessoas, mas também de você mesma; a tal ponto que, já não podendo você contemplar-se a si mesma sem horror, você acabaria arrancando os próprios olhos. Por essa razão, não censure ao mar o fato de o pequeno regato lhe haver aumentado as águas. Quanto ao seu amor ou à circunstância de você vir a ser minha, não tenho a menor preocupação, como já disse; continue sendo, pois, se quiser e se puder, daquele de quem você tem sido; a esse homem eu odiei no passado tanto quanto agora estimo em consideração daquilo que ele operou contra você. Vocês, mulheres, andam enamorando-se por aí e desejando o amor dos jovens apenas porque vocês os veem com as carnes mais vivas e as barbas mais negras; vocês os contemplam quando eles andam eretos e quando, com desenvoltura, dançam e disputam torneios; tudo o que os moços têm já foi tido por aqueles que já entraram mais em anos; e os mais velhos já sabem aquilo que os mais moços ainda precisam aprender. Além disso, vocês, mulheres, apreciam os jovens, considerando-os melhores cavaleiros e capazes, portanto, de percorrer maior número de milhas em suas jornadas do que os homens mais maduros. Sem dúvida, confesso que os moços sacodem com maior força o próprio corpo após os encontros de amor; mas os homens mais maduros, sendo mais experientes, sabem melhor os lugares onde se encontram as pulgas; e não há dúvida de que se deve preferir o pouco e saboroso ao muito e insípido; o trote intenso fadiga e derreia qualquer pessoa, por mais jovem que seja, ao passo que o andar suave, embora faça a gente chegar um pouco mais tarde à meta, faz a gente ali chegar, pelo menos, descansado. Vocês, mulheres, animais sem intelecto que são, não percebem a soma de maldade que, sob aquele pouco de boa aparência, se encontra oculta. Os moços não se contentam com uma mulher; desejam todas as que veem e de todas se julgam merecedores; o amor dos moços não pode ser estável; e você

pode ser, agora, disso veracíssima testemunha por experiência própria. Os jovens têm a convicção de que são dignos de reverência e de carinhos por parte das mulheres; e não conhecem glória maior do que a de jactarem-se das mulheres que já tiveram; esse erro dos moços, que muito falam, já fez com que muitas mulheres preferissem os frades, que nada contam. Embora você diga que, dos seus amores, ninguém jamais soube coisa alguma, afora a sua doméstica e eu, o que é certo é que você pouco sabe e mal emprega a sua crença se acredita nisso. O bairro dela, como o seu, quase que não fala de outra coisa, a não ser dos seus amores; entretanto, a pessoa a quem os diz-que-diz-que se referem é sempre a última a ter conhecimento deles. Os moços ainda roubam as mulheres, ao passo que os mais vividos as galardoam. Você, pois, que mal elegeu, continue a pertencer àquele ao qual se entregou; quanto a mim, de quem você escarneceu, deixe-me ficar com os outros, porque eu encontrei mulher muito superior a você e que me conheceu muito melhor do que você o fez. A fim de que você possa levar, ao outro mundo, uma certeza do desejo dos meus olhos, muito maior do que se afigura que você recebe das minhas palavras, atire-se daí de cima; a sua alma, ao que penso, será imediatamente recebida nos braços do diabo; e então poderá verificar se os meus olhos se perturbaram ou não ao contemplar você cair pesadamente daí de cima. Visto, porém, que você não há de querer dar-me esse contentamento, digo-lhe que, se o sol começar a aquecer-lhe o corpo, será de bom aviso recordar-se do frio que você me fez sofrer; se, ademais, você o misturar com esse calor, não há dúvida de que perceberá que o sol está bem temperado.

A mulher desconsolada, observando que as palavras do estudante convergiam sempre para um fim cruel, recomeçou a chorar; e disse:

— Aqui está. Uma vez que nada faz com que você tenha piedade de mim, tenha-a então pelo amor que você dedica àquela mulher que é mais esclarecida e ajuizada do que eu, que você diz que encontrou e por quem você afirma que é amado; pelo amor dessa mulher, perdoe-me; e entregue-me a minha roupa a fim de que eu possa tornar a vestir-me; depois, permita que eu desça daqui.

O estudante então começou a rir; e, notando que a hora terceira já tinha passado havia longo tempo, respondeu:

— Aqui está. Agora, não sei dizer que não, uma vez que por tal mulher você me suplicou; diga onde estão suas roupas; vou buscá-las; e depois permitirei que você desça daí de cima.

A mulher acreditou nessas palavras e sentiu-se algo confortada; por isso, indicou ao moço o lugar onde havia ocultado as roupas. O estudante, saindo da

torre, ordenou ao seu fâmulos que não se afastasse dali e que, ao contrário, se conservasse ali perto; ordenou, igualmente, que fizesse o possível para que ninguém entrasse na torre até o momento em que ele para ali regressasse. Dito isso, Rinieri rumou para a casa do seu amigo; ali, com grande folga, almoçou; a seguir, quando lhe pareceu conveniente, foi fazer a sesta. A mulher ficara lá no topo da torre; e, conquanto se sentisse algo reconfortada, pela enganosa esperança de que as roupas lhe seriam entregues, saiu da posição deitada para se sentar, embora sempre resmungando; encostou-se à parte do muro em que havia um pouco de sombra; e, acompanhada por pensamentos extremamente amargos, começou a esperar. Ora pensando e ora chorando, ora esperando e ora desesperando do regresso do estudante com aquelas suas roupas — e saltando, de tempos a tempos, de uma ideia a outra —, adormeceu. Fora vencida pela dor e, de resto, não havia dormido sequer um instante na noite anterior. O sol, que estava quentíssimo, por já haver subido às alturas do meio-dia, feria diretamente e a descoberto o corpo tenro e delicado da infeliz criatura; ademais, batia-lhe sobre a cabeça, completamente a descoberto, com tamanha força que não somente como que lhe cozinhava as carnes em que dardejava, mas também as abria em chagas miúdas e dolorosas; a ardência do sol foi de tal ordem que a obrigou a despertar-se, embora estivesse dormindo profundamente. Ela sentiu que estava sendo cozida ao sol; moveu-se um pouco; ao mover-se, teve a impressão de que toda a pele cozida se lhe abrisse e se lhe desgarrasse do corpo; era exatamente como a gente vê acontecer com um pergaminho queimado, desde que haja alguém que o distenda. Além disso, doía-lhe tão fortemente a cabeça que lhe parecia estar na iminência de partir-se; coisa que, de resto, não causava espanto. O chão da plataforma da torre estava tão quente que ela não podia pousar nele, nem com os pés, nem com qualquer outra parte do corpo; não podendo ficar parada, ia ora para cá, ora para lá, sempre chorando. Ademais, como não soprasse vento algum, havia moscas e tavões em grande quantidade; moscas e tavões pousavam-lhe nas carnes em chaga; e mordiam-nas tão vorazmente que cada picada parecia, à infeliz criatura, um golpe de espontão. Por esse motivo, ela não parava de agitar as mãos ao redor do próprio corpo; e agitava-as sempre maldizendo a si mesma, a sua vida, o seu amante e também o estudante que chegara de Paris.

Assim, a pobre mulher foi sendo angustiada, martirizada, pungida pelo calor incalculável, pelo sol, pelas moscas, pelos tavões e, além disso, também pela fome; contudo, a tortura maior lhe era imposta pela sede, junto com mil e um pensamentos sinistros. Em certo ponto, ela se pôs de pé; tratou de

contemplar as redondezas a fim de verificar se, ali por perto, havia pessoa que lhe pudesse valer; sentia-se, agora, disposta a tudo, acontecesse o que acontecesse, contanto que alguém surgisse para que ela pudesse chamar e pedir auxílio. Mas também isso a sorte, sua inimiga, lhe havia tolhido. Os trabalhadores dos campos se haviam retirado, todos, daquelas terras, devido ao calor excessivo; acresce que, naquele dia, nenhum deles tinha ido trabalhar nas proximidades daquela torre, mesmo porque a maior parte daqueles homens estava batendo os seus cereais ao lado das respectivas casas. Em consequência, a mulher, lá no topo da torre, não via nem ouvia fosse lá quem fosse, afora as cigarras; via, ademais, o rio Arno, que, provocando-lhe o desejo de lhe beber as águas, em vez de lhe reduzir a sede, muito mais a acentuava. Ela via, ainda, em vários pontos, a distância, bosques, sombras e casas, e tudo, da mesma forma, lhe provocava angústias por lhe provocar desejos.

Que mais diremos da desventurada viúva? O sol, que dardejava de cima, e o queimor do chão da plataforma da torre, por baixo, tudo combinado com as picadas das moscas e dos tavões, por todos os lados, a haviam posto em estado irreconhecível. Ela, que, ainda na noite anterior, vencia a escuridão com a alvura de sua pele, agora estava com o corpo todo vermelho como uma rubiácea; a figura toda se apresentava salpicada de sangue; e, a quem a contemplasse naquelas condições, poderia parecer a mulher mais feia do mundo.

Assim permaneceu ela, no topo da torre, sem conselho nem esperança; pusera-se mais à espera da morte do que de qualquer outra coisa; e, enquanto isso, já se havia passado a meia da hora nona.

O estudante, depois de sua sesta, ergueu-se da cama; lembrou-se da viúva; e, para verificar o que havia acontecido com ela, voltou à torre; ali chegando, mandou que seu fâmulos fosse almoçar, pois ainda se encontrava em jejum. A mulher ouviu a voz do moço; embora fraca e extenuada pela angústia, aproximou-se da abertura que dava para o chão e de onde se havia retirado a escada; ali, sentou-se e, chorando, começou a dizer:

— Rinieri, bem que você já se vingou além de toda medida; se é verdade que eu deixei que você se enregelasse, de noite, no pátio de minha casa, você já fez com que eu, de dia, ficasse toda assada; aliás, estou até me queimando toda; além disso, estou morrendo de sede e de fome. Por isso, peço-lhe, em nome de Deus, que suba até aqui: visto como o coração não me ajuda a dar a morte a mim mesma, dê-me você essa morte, que eu desejo mais do que qualquer outra coisa, de tão insuportável que é o tormento que eu sinto. Se você não quiser

dar-me essa graça, mande que me tragam pelo menos um copo de água a fim de que eu possa umedecer os lábios, aos quais não bastam, já agora, as minhas lágrimas, de tão grande que é a secação e de tão intolerável que é o ardor que tenho dentro do meu corpo.

Pela voz, o estudante reconheceu o grau de fraqueza da mulher que falava; contemplou, ainda, em parte, o corpo dela, todo tostado pelo sol; por tudo isso, combinado com as humildes súplicas que ela proferira, ele sentiu um pouco de compaixão para com a viúva; não obstante, respondeu:

— Mulher malvada, não será pelas minhas mãos que você morrerá; você morrerá pelas suas, se desejo de morrer você sentir; você terá, de minha parte, para lhe aliviar o calor, tanta água quanto foi o fogo que eu recebi, de sua parte, para alívio do meu frio naquela noite. Lamento que não possa deixar de ser assim; mas fique sabendo que a enfermidade que decorreu do meu frio teve de ser curada com o calor do esterco fedorento, ao passo que a doença que decorrer do seu calor poderá ser curada com a perfumada água de rosas; e, assim como eu estive na iminência de perder os nervos e a vida, assim também você, escorchada por este calor, passará a ficar tão linda como fica a serpente depois que ela muda de pele, abandonando a velha.

— Oh! Infeliz de mim! — exclamou a mulher. — Deus que dê estas belezas, adquiridas por essa forma, às pessoas que me querem mal! Mas você, que é mais cruel do que qualquer fera que conheço, como pode ter ânimo para me torturar dessa maneira? Que mais eu poderia esperar de sua parte ou da parte de qualquer outro homem se eu houvesse matado toda a sua parentela por meio de crudelíssimos tormentos? Por certo, não sei de crueldade maior do que essa que se pudesse infligir a um traidor que houvesse entregue ao massacre uma cidade inteira. Eu aqui estou, onde você me pôs, a assar-me ao sol e a debater-me contra as moscas; além disso, nem sequer um copo de água você quer me dar; e note-se que aos assassinos, que são condenados pelo tribunal, muitas vezes lhes dá até vinho quando vão a caminho da execução da pena de morte, desde que o peçam. Agora, porém, como vejo você aí, impassível em sua atroz crueldade, sem que compaixão alguma consiga balançar-lhe o coração, em face da minha tortura, vou preparar-me, com paciência, para receber a morte; assim, Deus terá misericórdia da minha alma; a Ele eu peço que considere, com olhos justiceiros, essa operação que você está levando a efeito.

Depois de dizer essas palavras, a viúva arrastou-se, com grande dificuldade e muito sofrimento, para o centro da plataforma; já não tinha mais a menor

esperança de conseguir sobreviver a tão ardente calor; não apenas uma vez, mas mil vezes, ela julgou que ia tombar de sede, além de se encontrar sob o peso de tantos outros padecimentos; mesmo assim, conseguia chorar alto e queixar-se de sua desventura.

Entretanto, tendo já chegado a tarde e acreditando já haver feito o suficiente, o estudante mandou que se buscassem as roupas da viúva; determinou que tais roupas fossem embrulhadas na capa do seu fâmulos; e rumou, com elas, para a residência da infeliz mulher; ali, encontrou a doméstica da viúva, sentada à porta da rua, desconsolada, aflita e sem saber o que fazer. Rinieri disse-lhe:

— Bondosa mulher, onde é que se encontra sua patroa?

Ao que a doméstica respondeu:

— Senhor, eu não sei. Pensei que a encontraria, esta manhã, na cama, pois foi para a cama que me pareceu vê-la encaminhar-se; entretanto, não a encontrei, nem na cama, nem em qualquer outro lugar; e também não sei o que é feito dela; é por isso que me encontro presa de intensa preocupação; mas o senhor não me saberia dizer nada a tal respeito?

Ao que o estudante respondeu:

— Bem que eu quisera ter você, junto com ela, onde eu a pus; dessa maneira, eu puniria você, pela sua culpa, como acabei punindo a sua patroa, pela culpa dela! Entretanto, é certo que você não me fugirá das mãos sem que eu lhe pague pelas suas obras; assim, nunca mais você zombará de homem algum sem se recordar de mim.

Depois de dizer isso à doméstica da viúva, Rinieri disse ao seu fâmulos:

— Entregue-lhe essas roupas e diga-lhe que vá levá-las à sua patroa se quiser ir.

O fâmulos cumpriu o que lhe foi ordenado; a doméstica pegou as roupas; reconheceu-as; e, ouvindo aquilo que lhe fora dito, recebeu, sinceramente, que os dois homens houvessem assassinado a viúva; mal conteve o desejo de gritar; contudo, começou a chorar imediatamente; a seguir, vendo que o estudante já se havia retirado, correu para a torre, levando aquelas roupas.

Por desgraça, um trabalhador agrícola, da viúva, tinha perdido, naquele mesmo dia, dois porcos; indo à procura deles, logo depois da partida do estudante, aproximou-se da pequena torre; olhando por toda parte a fim de descobrir o lugar em que seus animais se encontravam, o trabalhador ouviu o choro lamurioso vindo da desventurada mulher; em consequência, subiu pelas pedras tanto quanto pôde; e, afinal, gritou:

— Quem é que está chorando aí em cima?

A mulher reconheceu a voz do trabalhador; chamou-o pelo nome e disse:

— Pelo amor de Deus! Vá ter com a minha doméstica e mande que ela venha para cá, a fim de me atender.

O trabalhador, reconhecendo que era a viúva que lá estava, disse:

— Deus do céu! Minha senhora! Quem foi que levou a senhora para aí? A sua doméstica andou procurando-a, hoje, o dia todo; mas quem é que havia de imaginar que a senhora estivesse aí em cima?

Agarrando a escada, o trabalhador começou a erguê-la, que era como ela deveria estar, e procurou amarrar-lhe alguns degraus, que se lhe afiguravam meio soltos.

Enquanto isso, a doméstica da viúva chegou; ela entrou na torre; e, não podendo mais conter a própria voz, bateu palmas e começou a gritar:

— Meu Deus! Minha patroa! Onde é que a senhora está?

A viúva ouviu-a; e, com a voz mais forte que pôde emitir, respondeu:

— Minha querida irmã! Encontro-me aqui em cima, chorando; entretanto, traga-me minhas roupas o mais depressa possível.

A doméstica, quando ouviu a viúva falar, sentiu-se tranquilizada; subiu pela escada, que já estava quase pronta, por obra do trabalhador; e, ajudada pelo mesmo trabalhador, alcançou a plataforma da torre. Ao ver a sua patroa, notou que ela já não mais era um corpo humano, parecendo, ao contrário, mais um sarmento queimado do que uma pessoa; estava abatida, entregue; jazia por terra, nua; a doméstica, então, acabou enfiando as unhas no próprio rosto e, depois, começou a chorar, como se sua patroa houvesse morrido. A viúva, todavia, suplicou-lhe que se calasse e a ajudasse a vestir-se. Ao verificar, através da doméstica, que pessoa alguma sabia onde ela se encontrava, afora as pessoas que lhe haviam transportado a roupa e o trabalhador que ali agora se achava, a viúva tranquilizou-se. Suplicou-lhes que nunca dissessem, pelo amor de Deus, palavra sobre aquele fato.

O trabalhador, depois de muitos circunlóquios, ergueu a mulher nos próprios braços, porque ela não podia andar; e carregou-a para fora do edifício da torre. A pobre da doméstica, que ficara atrás, desceu com menos precaução do que a devida; um dos seus pés deslizou; e ela caiu da escada ao chão, fraturando o osso da coxa; e, devido à dor que sentiu, começou a rugir como se fosse uma leoa. O trabalhador, então, pousou a viúva em cima de uma faixa de ervas; foi ver o que havia acontecido com a doméstica; e, encontrando-a com a coxa fraturada, carregou-a também para aquela faixa de ervas, pousando-a ao

lado da viúva; esta notou que isso acontecera em acréscimo a todos os outros seus males; observou que justamente a doméstica, que era a pessoa por quem mais esperava ser ajudada, fraturara a coxa; e sentiu-se mais desolada do que nunca. Recomeçou, pois, o seu pranto; chorou por tal forma que o trabalhador, além de não conseguir consolá-la, acabou pondo-se a chorar também.

A essa altura, o sol já estava baixo; e, para que a noite não os surpreendesse a todos, naquele lugar, ele, o trabalhador, obedeceu às ordens da viúva; foi para sua casa pediu o auxílio de dois irmãos seus, bem como da própria esposa; os quatro regressaram, com uma tábua, às proximidades da torre; em cima da tábua, acomodaram a doméstica, transportando-a, por essa forma, para a casa da patroa naquela propriedade; ali, reconfortaram a serviçal com um pouco de água fresca e com palavras carinhosas; por fim, o trabalhador carregou-a em seus braços, levando-a para o quarto dela. A mulher do trabalhador deu, à paciente, pão ensopado em água; a seguir, despiu-a e tornou a acomodá-la na cama; depois, combinou-se que a viúva, junto com a doméstica, fosse conduzida, durante a noite, para Florença; e assim se fez. Ali, a viúva, que tinha enorme quantidade de expedientes imaginosos, armou uma história inteiramente diversa dos fatos realmente acontecidos; quanto ao que se havia passado, seja com ela própria, seja com a sua doméstica, ela contou, aos seus irmãos e às suas irmãs, bem como a todas as outras pessoas, uma narrativa de façanhas mirabolantes, de modo a induzir todos a acreditar que foi devido a uma perversa interferência de demônios que tudo aquilo se desenrolara.

Os médicos acudiram com grande solicitude; mas essa solicitude não deixou de causar inquietação e angústia à mulher, que teve de deixar várias vezes a própria pele colada aos lençóis; os médicos, porém, acabaram curando-a de uma febre tenaz, bem como de outros males; curaram, igualmente, a doméstica, que fraturara o osso de uma das coxas.

A viúva, em consequência de tantas peripécias, esqueceu-se de seu amante; dali para o futuro, deixou de zombar dos outros e, quanto a amar, tratou de fazê-lo com toda as cautelas.

Rinieri, ouvindo a notícia de que a doméstica ficara com uma coxa fraturada, achou que sua vingança já estava completada; e, sem outras preocupações quanto a isso, deu-se por satisfeito.

Foi isso, como estão vendo, o que aconteceu à jovem e estulta viúva em consequência das burlas e das zombarias que costumava promover; ela julgou que poderia fazer das suas com um homem de cultura, da mesma forma como

as fazia com qualquer outro indivíduo; não percebia a pobre que os homens, não digo todos, mas em boa parte, sem dúvida, sabem onde é que o diabo tem o rabo. Por isso, mulheres, conttenham-se quanto ao ato de promover burlas; e, de modo particular, de as promover contra gente instruída.

Notas

¹ Muitos comentadores de *O decamerão* afirmam que Boccaccio narrou, nesta novela, com o nome de Rinieri, um episódio que se passara com ele mesmo. A mulher, no seu caso, foi uma que se chamou Lepida, contra a qual Boccaccio escreveu, como vingança, o poema satírico intitulado “Il Corbaccio” [“O Corvacho”]. Esta, porém, foi a única vingança do autor. A outra, a da torre aqui narrada, é pura criação literária.

² Boccaccio lembrou-se, aqui, de uma expressão que comentara e que fora usada por Dante em *A divina comédia* (Inferno, Canto XXXII, versos 35 e 36). Dante dissera “pondo os dentes em nota de cegonha” ao referir-se aos traidores imersos no gelo, que batiam os dentes de frio.

OITAVA NOVELA

Dois homens são amigos íntimos; um se deita com a mulher do outro; o outro, percebendo o fato, combina com sua esposa e age por tal forma que o primeiro se vê encerrado numa caixa; depois, em cima dessa caixa, estando o primeiro dentro dela, o segundo se deita com a mulher desse primeiro.



s mulheres do grupo, tornou-se pesado e tedioso o fato de ouvir os episódios de Helena; contudo, por julgarem que os acontecimentos se haviam desenrolado com justiça, acabaram atravessando a narrativa toda com uma compaixão mais moderada, muito embora considerassem impiedoso, extremamente perverso, e até mesmo cruel, prestar-lhe ouvidos. Como, porém, Pampineia chegou ao fim, a Rainha determinou que Fiammetta prosseguisse na série de novelas; e ela, ansiosa por obedecer, disse:

— Amáveis mulheres, precisamente por se me afigurar que a severidade do estudante ofendido as tenha pungido, creio que será oportuno contar alguma coisa mais amena a fim de se abrandarem os espíritos exacerbados; por isso, pretendo apresentar-lhes uma novelazinha que trata de um moço que recebeu certa ofensa com o ânimo mais sereno deste mundo e que se vingou dela com o mais comedido procedimento que se possa imaginar. Por esta novela, vocês poderão compreender muito bem que deve bastar, a cada um, a circunstância de retribuir a ofensa na medida justa; porque, se alguém, levando a termo uma vingança, se excede nela, a ponto de praticar outra ofensa, então coloca a pessoa, contra a qual opera a vingança, no direito de se vingar por sua vez.

Vocês devem, pois, saber que, em Siena, ao que fui informada, existiram dois moços muito abastados, pertencentes a boas famílias do povo. Deles, um tinha o nome de Spinelloccio di Tavena; o outro se chamava Zeppa di Mino; os dois eram vizinhos de residência em Camollia. Esses dois moços costumavam andar sempre juntos; ao que se podia presumir, pelo que eles

demonstravam, os dois muito se queriam; queriam-se como se fossem irmãos ou ainda mais. Cada um deles tinha, por esposa, uma mulher muito bonita.

Ora: aconteceu que Spinellocchio, indo frequentemente à casa de Zeppa, umas vezes o encontrava, outras não; por essa forma, acabou familiarizando-se com a mulher de Zeppa, até o ponto de começar a se deitar com ela; ele e ela prosseguiram por longo tempo nessas relações, antes que qualquer pessoa desse pelo fato.

Contudo, com o correr dos meses, deu-se o caso de Spinellocchio ir chamar Zeppa em casa deste, em ocasião que ele estava em casa, sem que a mulher o soubesse. Em consequência, a mulher disse a Spinellocchio que Zeppa, seu marido, não se encontrava em casa; assim sendo, Spinellocchio subiu as escadas e foi se encontrar com a mulher na sala lá de cima; depois, verificando que não havia pessoa alguma ao redor, abraçou-a e beijou-a, sendo por sua vez abraçado e beijado por ela. Zeppa, que viu tudo isso, não tugi nem mugiu; conservou-se oculto a fim de verificar até onde iria aquela brincadeira; dentro de pouco tempo, viu que sua mulher e Spinellocchio, assim abraçados, se dirigiram para o quarto de dormir, fechando-se dentro dele; sentiu-se, por isso, profundamente perturbado. Bem pensou, entretanto, que, se promovesse escândalo ou se fizesse qualquer outra coisa, nem por isso a ofensa contra ele praticada se tornaria menor; ao contrário; se ele reagisse ali na hora, aumentaria a própria vergonha. Em consequência, pôs-se a pensar na vingança que seria melhor promover. Queria uma vingança de tal ordem que, sem que ninguém soubesse coisa alguma, nas vizinhanças, seu espírito se considerasse satisfeito. Depois de meditar longamente, achou que havia encontrado a forma de agir; e conservou-se ali escondido o tempo todo que Spinellocchio esteve com sua mulher.

Assim que Spinellocchio se retirou, Zeppa entrou no quarto, onde encontrou a mulher que, por aquela altura, ainda nem sequer tinha acabado de se arrumar de novo, porquanto não recolocara à cabeça os véus que Spinellocchio, brincando, havia feito cair; e disse:

— Mulher, que é que você está fazendo?

Ao que a mulher explicou fazendo outra pergunta:

— Pois então você não está vendo?

Zeppa revelou:

— Sim, vejo. E bem que eu vi também outra coisa que não desejaria ter visto!

Dessa maneira, entrou em discussão com a esposa, a propósito do que havia presenciado; ela, com um medo enorme, e depois de muitos rodeios, acabou confessando, uma vez que não lhe era possível negar, em face daquele flagrante, suas intimidades com Spinellocchio; contudo, pondo-se a chorar, começou a pedir perdão. Ao que Zeppa impôs:

— Olhe cá, mulher, você me fez mal. Ora, se você quer que eu lhe perdoe, trate de fazer devidamente o que lhe vou impor, e que é isto: quero que você diga a Spinellocchio que, amanhã cedo, lá pela hora terceira, ele precisa descobrir um motivo para separar-se de mim e vir ter consigo aqui em casa; quando ele estiver aqui, eu voltarei; assim que você perceber minha chegada, fará que ele entre nesta caixa; e o fechará dentro dela. Depois, quando você tiver feito isso, eu direi a você aquilo que deverá levar a termo; não tenha medo algum de agir com rapidez; prometo-lhe que não lhe farei mal algum.

A mulher, para satisfazê-lo, disse que procederia como ele ordenasse; e assim fez. Chegou o dia seguinte; Zeppa e Spinellocchio se encontraram e ficaram juntos; lá pela hora terceira, Spinellocchio, que havia prometido à mulher que iria ter com ela, disse a Zeppa:

— Esta manhã devo ir almoçar com um amigo e não quero que ele fique longo tempo à minha espera. Por isso, vá com Deus.

Zeppa observou:

— Mas ainda não é hora de almoço.

Spinellocchio disse:

— Não procure deter-me por mais tempo; ademais, tenho de falar com ele a respeito de um assunto meu, pessoal, de modo que é conveniente que eu lá chegue um pouco cedo.

Spinellocchio se separou, pois, de Zeppa; deu uma vultinha e, pouco depois, entrou na casa de Zeppa, onde se encontrou com a mulher dele; ele e ela entraram no quarto de dormir; uns momentos após, porém, Zeppa regressou à sua casa; e, assim que lhe percebeu a chegada, a mulher fingiu-se toda espavorida, induzindo-o, a ele, Spinellocchio, a esconder-se dentro daquela caixa que o marido lhe havia indicado; depois, fechou-o a chave; e saiu do quarto. Zeppa, ao chegar ao topo da escada, disse:

— Mulher, é esta a hora do almoço?

A mulher respondeu:

— É, sim.

Zeppa então explicou:

— Spinelloccio foi almoçar, esta manhã, com um seu amigo e deixou a esposa sozinha; assume à janela e chame-a; e diga-lhe que venha almoçar conosco.

A mulher, que muito receava quanto ao próprio castigo, fez-se extremamente obediente; e procedeu de acordo com o que o marido lhe impôs. A esposa de Spinelloccio, muito rogada pela esposa de Zeppa, aceitou o convite, uma vez que tivera notícia de que seu marido não iria almoçar em casa; e foi para a casa de Zeppa. Quando ela entrou, Zeppa fez-lhe galanteios e carícias; tomou-a pelas mãos, como se tivesse relações de intimidade com ela; em voz baixa, ordenou, à própria esposa, que fosse para a cozinha e que lá permanecesse; e foi para o seu quarto de dormir em companhia da esposa de Spinelloccio. Assim que entrou, fechou a porta. Quando a mulher de Spinelloccio percebeu que ele fechara a porta por dentro, indagou:

— Ai de mim! Que quer isto dizer, Zeppa? Pois então você me convidou a vir à sua casa para isto? Essa é, talvez, a estima que você tem para com Spinelloccio e nisso se resume a companhia leal que você faz a ele?

Zeppa se aproximou, com a mulher do outro, da caixa em que o outro se encontrava fechado; e, segurando-a bem, disse:

— Mulher, antes de me censurar, ouça o que lhe vou dizer. Sempre estimei e continuo a estimar Spinelloccio como se ele fosse meu irmão. Ontem, sem que ele desse por isso, verifiquei que a intimidade que ele tem comigo havia desembocado na circunstância de ele deitar-se com a minha esposa exatamente como se deita consigo. Ora: visto que muito o estimo, não desejo vingar-me, a não ser na medida justa do que ele me fez; ele possuiu a minha esposa; logo, eu pretendo possuir você. Mesmo que você não o queira, é indispensável que eu me deite consigo; uma vez que não tenho o propósito de deixar sem punição essa ofensa, ou você concorda, ou eu farei por tal forma que nunca mais nem você nem ele serão felizes.

A mulher, ouvindo essas coisas, e depois de muitas confirmações feitas por Zeppa, prestou fé às suas palavras; e disse:

— Querido Zeppa, uma vez que é sobre mim que deve cair essa vingança, e que eu me sinto contente por isso, desejo que você, depois de fazermos o que vamos fazer, aja por tal forma que sua esposa se conserve em paz comigo, assim como eu, apesar do que ela me fez, desejo conservar-me em paz com ela.

Ao que Zeppa assegurou:

— Não há dúvida de que agirei por essa maneira; além disso, vou dar-lhe uma joia tão bonita que supera todas as que você possa ter.

Assim falando, abraçou-a e beijou-a, acabando, afinal, por deitá-la em cima da caixa dentro da qual seu marido se encontrava encerrado. Zeppa ali esteve com ela, o tempo que bem entendeu, satisfazendo-se ambos reciprocamente.

Spinelloccio, que estava no interior da caixa, ouviu todas as palavras proferidas por Zeppa e também a resposta dada por sua esposa; a seguir, bem que percebeu a dança trevisana que se desenvolveu em cima da caixa; e, durante longo tempo, sentiu tamanha dor que chegou a ter a impressão de que iria morrer; se não fosse pelo medo que tinha de Zeppa, grandes palavrões teria proferido contra a esposa, mesmo estando fechado como estava. Depois, pensando e tornando a pensar no caso, convenceu-se de que a deslealdade havia começado por obra dele mesmo e de que Zeppa tinha razão para fazer o que estava fazendo; afinal — concluiu Spinelloccio —, Zeppa estava portando-se muito humanamente em relação a ele; agia como verdadeiro camarada; e então achou que, dali por diante, mais amigo ainda deveria ser de Zeppa, desde que este o quisesse.

Zeppa ficou com a mulher do outro quanto lhe agradou ficar; depois, desceu da caixa; quando a mulher do outro lhe pediu a joia prometida, ele abriu o quarto, mandou que sua esposa entrasse; e esta nada mais disse além disso:

— A senhora me devolveu pão por fogaça.

Foi rindo que ela proferiu essas palavras. Ao que Zeppa ordenou:

— Mulher, abra esta caixa.

A esposa obedeceu; Zeppa mostrou à mulher do outro o interior da caixa, onde Spinelloccio, marido dela, se encontrava. Seria longo e tedioso especificar qual dos dois mais se envergonhou: se Spinelloccio vendo Zeppa, e sabendo que ele sabia o que tinha feito; ou se a mulher, vendo o seu marido e sabendo que ele tinha ouvido e notado tudo quanto ela fizera, em companhia do outro, em cima daquela caixa. A tudo isso, Zeppa disse:

— Eis aqui a joia que lhe ofereci.

Spinelloccio, saindo da caixa, sem usar de muitos rodeios, declarou:

— Zeppa, estamos taco a taco; por isso, é conveniente, como há pouco você estava dizendo à minha mulher, que sejamos amigos como antes; não havendo, entre nós dois, coisa alguma que divida as nossas esposas, será de bom aviso que mantenhamos relações com elas.

Zeppa deu-se por satisfeito; e, na maior paz deste mundo, os quatro almoçaram juntos. Dali por diante, cada uma daquelas duas mulheres teve dois

maridos, e cada um daqueles dois homens teve duas esposas, sem que jamais surgisse, entre eles, questão ou problema por tal circunstância.

NONA NOVELA

Mestre Simão, médico, quer entrar para um bando que pratica o corso e do qual pensa que Bruno e Buffalmacco fazem parte. Para isso, é induzido a ir, de noite, a determinado lugar; então é atirado, por Buffalmacco, em uma cloaca, onde é abandonado.



Depois que as mulheres tagarelaram à vontade sobre a mancomunação de esposas promovida pelos dois sienenses, a Rainha, que era a única que restava para falar, a fim de não se cancelar o privilégio de Dioneio, começou:

— Amorasas mulheres: Spinellocchio bem mereceu a burla que contra ele foi levada a termo por Zeppa; por esse motivo, não se me afigura que se deva repreender acerbamente os que promovem zombaria contra quem a procura ou a ela faz jus. Nisso, penso em sentido contrário daquilo que Pampineia, ainda há pouco, desejou mostrar. Spinellocchio mereceu o que lhe foi feito. E eu pretendo falar-lhes de um homem que também andou à procura de ser burlado; e considero que aqueles que o burlaram, ao invés de serem merecedores de censura, o sejam de louvor. O homem contra quem a zombaria se promoveu foi um médico que, mesmo sendo uma besta, apareceu em Florença, procedendo de Bolonha, coberto de pelos de esquilo.

Assim como nós vemos, todos os dias, os nossos concidadãos que vão estudar em Bolonha voltam a nós na qualidade ora de juiz, ora de médico e ora de notário, com vestes longas e amplas. As roupagens escarlates eram dos formados em medicina; os mantos de pele de esquilo, dos advogados. As aparências eram magníficas, mas mal correspondiam à realidade dos fatos, como também vemos hoje em dia.

Entre esses que apareciam em Florença, procedendo de Bolonha, figurou um mestre Simão da Villa,¹ muito mais rico de bens paternos do que de ciência; não faz muito tempo que ele de lá chegou, vestido de escarlate e com uma espécie de grande sobrepeliz, transformado em doutor em medicina, ao que ele mesmo dizia. Chegou e foi morar na rua que hoje nós chamamos Via

del Cocomero. Esse mestre Simão, recém-chegado, como já se disse, tinha, entre vários outros costumes notáveis, o de perguntar, a quem estivesse em sua companhia, quem era qualquer pessoa que visse passar pela rua. Exatamente como se tivesse de preparar os seus remédios para os enfermos, com os atos dos homens, concentrava a atenção em todas as pessoas e guardava na memória as informações que sobre elas conseguia.

Entre os homens sobre os quais aconteceu que seus olhos pousaram, estiveram dois pintores, a propósito dos quais já se falou por duas vezes no dia de hoje: Bruno e Buffalmacco. Esses dois andavam continuamente juntos e, ademais, eram seus vizinhos. Pareceu, a mestre Simão, que esses dois eram os indivíduos que, no mundo, menos se importavam com fosse lá o que fosse; ademais, pareceu-lhe que eram os que mais alegremente viviam; em consequência, perguntou a várias pessoas como é que eles conseguiam viver assim e quais eram as suas condições; todos informaram que Bruno e Buffalmacco eram homens pobres, pintores de profissão. Ao ouvir isso, o médico pôs na própria cabeça a ideia segundo a qual não era possível que aqueles dois vivessem satisfeitos com a pobreza; como já havia ouvido dizer que os dois eram muito astutos, admitiu que eles deviam auferir proventos enormes de alguma coisa que ninguém sabia o que poderia ser. Em consequência, mestre Simão sentiu o desejo de entrar em intimidades, se lhe fosse possível, com os dois pintores ou, então, pelo menos com um deles.

Quis o acaso que ele entrasse primeiro em contato com Bruno, travando logo relações de camaradagem. Ao cabo de umas poucas vezes em que esteve na companhia do médico, Bruno percebeu claramente que ele não passava de um cavalão. Passou, pois, a divertir-se com a nova amizade, por efeito das conversações que com ela mantinha. De seu lado, o médico passou a sentir um prazer maravilhoso em estar na companhia de Bruno. Devido a isto, convidou-o várias vezes para o almoço e para o jantar; afinal, à vista dessas relações, achou que poderia falar com o pintor de modo mais íntimo. Foi assim que lhe surgiu a oportunidade de dizer a Bruno da maravilha que lhe causava o modo de viver dele com Buffalmacco; os dois eram pobres — dizia o médico — e, não obstante, viviam tão felizes, de maneira a provocar inveja; por isso, rogou que lhe revelasse como aquilo podia ser feito e levado avante. Bruno, ao ouvir a solicitação do médico e achando que a pergunta por ele feita não passava de mais uma sua estupidez insossa, começou a rir; enquanto ria, ganhou tempo para responder-lhe de acordo com o que convinha à estultícia do homem chegado de Bolonha; e disse:

— Mestre: eu não diria, como isso é possível, a qualquer pessoa dessas que encontramos todos os dias; não me negarei a dizê-lo a você, porém, porque sei que é meu amigo e que não o revelará a terceiros. É bem verdade que o meu companheiro e eu vivemos felizes e alegres, exatamente como você tem observado; aliás, mais ainda do que você tem observado; contudo, nem da nossa arte, nem de qualquer propriedade que possamos ter, conseguiríamos, jamais, o dinheiro bastante para pagar a água que consumimos; nem quero que você creia que nós pratiquemos roubos; o que há é que nós praticamos o corso; por essa forma, sem causar prejuízo a ninguém, obtemos tudo aquilo de que precisamos e tudo quanto nos proporciona satisfação. É disso que procede o nosso viver satisfeito, como você vê.

O médico, ouvindo essa explicação e sem saber o que se entendia por uma vida daquele gênero, acreditou nas palavras de Bruno; ficou mesmo maravilhado; e logo sentiu desejo ardente de saber o que seria isso de praticar o corso; com grande insistência, suplicou o amigo que lhe esclarecesse o caso, afirmando que, sem dúvida alguma, nunca o revelaria a fosse lá quem fosse.

— Meu Deus! — exclamou Bruno. — Que é que você me está pedindo? Isso que você quer saber é segredo muito profundo; revelá-lo é coisa que poderá arruinar-me, expulsar-me deste mundo e até lançar-me à boca do Lúcifer de San Gallo² se alguém vier a saber disso. Contudo, é tão acentuado o apreço que tenho para com a sua estolidez nada comum, digna de tosa, e é tamanha a confiança que deposito na sua discrição que não posso negar seja lá o que for que me pedir. Assim, vou revelar-lhe o segredo, mas com este pacto: que você, pela cruz de Montesone, me jure que nunca, jamais, como aliás já prometeu, o comunique a outros.

O mestre afirmou que não o comunicaria.

— Você — disse Bruno —, meu caro mestre adulcorado, deve, pois, ficar sabendo que, não faz muito tempo, existiu nesta cidade um grande professor de necromancia que se chamava Miguel Scotto,³ porque era natural da Escócia. Esse professor recebeu muitas honras da parte de numerosos gentis-homens, dos quais poucos ainda vivem. Um dia, desejando ele ir-se embora desta cidade, foi solicitado, por esses gentis-homens, a deixar aqui dois discípulos de valor, discípulos que deveriam estar sempre prontos a satisfazer as vontades daqueles mesmos gentis-homens que o haviam honrado. Os dois discípulos, então, depois de formados, passaram a servir os gentis-homens antes aludidos; serviam-nos, com grande generosidade de atenções, seja nos seus amores, seja em outros pequenos assuntos de ordem pessoal. Depois, como lhes agradassem

a cidade e os costumes das gentes, resolveram permanecer em Florença; travaram numerosas amizades, tornando-se íntimos de alguns senhores; não se incomodavam se os seus amigos fossem mais nobres, ou menos nobres, ou se mais ricos do que pobres; bastava-lhes que fossem homens de verdade, de acordo com os costumes deles. A fim de comprazer a esses seus amigos, compuseram um grupo de talvez uns 25 homens; esses homens assumiram o compromisso de reunir-se pelo menos duas vezes por mês, encontrando-se num lugar que vez por vez seria combinado. Ali reunidos, cada qual pediria livremente, aos dois necromantes, o que bem entendesse; e os dois necromantes satisfariam todos os pedidos por aquela noite. Ora: foi com esses dois feiticeiros que Buffalmacco e eu travamos amizade; e deles conseguimos ser amigos íntimos. Logo após, fomos admitidos a fazer parte daquele grupo — e de tal grupo ainda fazemos parte. Digo-lhe, meu amigo, que, quando acontece o fato de nós nos reunirmos, é coisa maravilhosa ver os tapetes que pendem das paredes, pela sala toda onde comemos; outro espetáculo digno de nota é dado pelas mesas, postas à maneira imperial; e outro, ainda, a quantidade de servidores nobres e belos, tanto masculinos quanto femininos, servindo tudo ao gosto de cada qual que pertença ao grupo. São lindas as bacinetas; lindos os vasos, os frascos, as taças e todos os demais recipientes, tudo feito de ouro e de prata; é nisso que nós comemos e que nós bebemos. Além disso, há a notar as viandas, que são sempre muitas e variadas, de acordo com o desejo de cada conviva; cada coisa é trazida à frente da gente a seu tempo. Eu nunca lhe conseguirei dizer quais e quantos são os sons dulcíssimos de infinito número de instrumentos; nem os cantos cheios de melodia que ali se ouvem; também não lhe poderei descrever as velas que se consomem nas nossas ceias, nem quantos são os confeitos que se devoram, nem até que ponto são preciosos os vinhos que se bebem. E não desejo, minha querida abóbora de sal que você é, que você acredite que nós ali estejamos com estas roupas comuns ou com esta capa com que me vê aqui; lá, não há homem algum que, por mais malvestido que esteja, deixe de lhe parecer autêntico imperador; isso lhe dá ideia de como são caras as vestimentas que lá usamos e de como são ricamente ornadas. Todavia, acima de todos os outros prazeres que lá se usufruem e se saboreiam, há o das lindas mulheres; essas mulheres, desde que alguém do grupo as deseje, são instantaneamente trazidas de todas as partes do mundo. Ali você pode ver a mulher dos barbanichos, a rainha dos bascos, a mulher do sultão, a imperatriz de Osbeque, a chancarona da Norrueca, a jacente de Berlinzone, a escalpedra de Nársia.⁴ Mas de que adianta estar eu aqui a especificar as coisas? Para lá

convergem todas as rainhas do mundo; e até a chinchimurra de Presto Giovanni, que tem cornos entre as nádegas. Pois veja você! Ali, depois de beber e de se encher de confeitos, depois de dançar uma dança ou duas, cada mulher se retira, para uma sala, em companhia do homem a cujo pedido ela foi trazida ao banquete. Saiba você que aquelas salas são um verdadeiro paraíso para os olhos, de tão lindas que se apresentam! Essas salas não são menos olorosas do que os botões das especiarias das lojas que vocês, os médicos, têm na hora de apiloar o cominho.⁵ Os leitos que ali se veem são mais belos do que os dos doges de Veneza; e é neles que os homens, com aquelas mulheres, vão repousar. Deixo que você imagine o espernear daquela gente; bem como o esforço que cada qual faz para conseguir o próprio prazer no propósito de aproveitar, ao máximo, o tempo e a oportunidade. Mas, entre os outros, os que melhor se situam, a meu modo de ver, somos Buffalmacco e eu. Buffalmacco manda vir, para seu uso e gozo, muitas vezes a rainha de França; e eu, para mim, a da Inglaterra. Essas são as duas mulheres mais lindas do mundo; ademais, nós soubemos agir com tamanho tato que elas não têm, na cabeça, olhos para outros homens, afora nós. Por tudo isso, você bem percebe que temos carradas de razões para viver alegres e felizes; temos motivos para nos mostrarmos muito mais satisfeitos do que todos os outros homens da terra, pensando que temos o amor de tão lindas rainhas. Além disso, quando nós queremos mil ou dois mil florins de ouro da parte delas, não precisamos fazer mais do que pedir; e os conseguimos. É a isso que nós, vulgarmente, chamamos “praticar o corso”, porque, assim como os corsários tiram as roupagens de todo outro homem, assim também nós fazemos; o que há é que somos muito diferentes deles, porque eles nunca devolvem o que tiram, e nós devolvemos tudo depois de fazer, de tudo, o uso que bem entendermos. Agora, meu caro mestre de bem-fazer, você já compreendeu o que é que nós queremos dizer quando falamos em “praticar o corso”; mas você bem pode imaginar, sem mais recomendações, como é preciso que tudo isso se mantenha em sigilo. Por isso, nada mais lhe digo nem lhe peço.

O mestre, cuja ciência não se estendia, talvez, além da arte de medicar as crianças de leite, dessas que trazem manifestações eczematosas à cabeça, depositou tanta fé nas palavras de Bruno quanta deveria depositar se elas expressassem alguma verdade. Por isso, viu-se tomado de enorme desejo de fazer parte daquele grupo exatamente como se se tratasse da coisa mais desejável deste mundo. Em consequência, respondeu a Bruno, reconhecendo que não era de admirar a circunstância de ele e seu amigo viverem alegres e

felizes; com muito custo, conteve-se no impulso de lhe pedir que o introduzisse naquela turma; conteve-se, porém, apenas até o momento em que, depois de fazer muitas honras a Bruno, ganhou confiança bastante para lhe apresentar os seus novos rogos. Com efeito, após essa confidência, passou a procurar ainda mais a companhia dele; permanecia-lhe ao lado de manhã e de tarde; levava-o para fazer as refeições à sua mesa; e manifestava-lhe desmesurada estima. A intimidade tornara-se tão grande e tão persistente que já parecia que o mestre não podia nem sabia mais viver sem Bruno.

A fim de não parecer ingrato a tantas atenções e a tantas honras prodigalizadas pelo médico, Bruno pintou, no quarto de dormir dele, a quaresma; pintou, igualmente, um “agnus dei” à entrada desse mesmo quarto; e, por cima da porta, pintou um urinol para que aqueles que precisassem do seu conselho, na qualidade de médico, pudessem distinguir o seu quarto do quarto dos outros. Num balcão do quarto do médico, Bruno pintou a batalha dos ratos e das gatas, que muito linda se afigurou aos olhos do mestre em medicina; além disso, Bruno dizia, de quando em quando, ao referido mestre, depois de uma noite em que não houvesse jantado com ele:

— Esta noite, estive com aquele grupo; e, como a rainha da Inglaterra me desagradasse um pouco, mandei que me trouxessem a gumedra do grande Cã, de Altarise.

Dizia o mestre:

— Que é que quer dizer “gumedra”? Não consigo entender esses nomes.

— Oh! Meu grande mestre! — exclamava Bruno. — Não me admira que você não os conheça; bem que me informaram que Porcogordo e Cenavã não dizem coisa alguma a respeito deles.

O mestre observou:

— Penso que você queira dizer Hipocrasso e Avicena.

Bruno explicou:

— Pouco me importa! Eu entendo tão pouco dos nomes que os médicos usam como você pode entender dos nomes que eu uso. Contudo, “gumedra”, na língua daquele grande Cã, quer dizer o mesmo que “imperatriz” na nossa. Oh! Se ela lhe aparecesse, a magnífica matrona! Posso assegurar-lhe que ela o faria esquecer-se dos remédios, dos clisteres e dos emplastros.

Falando-lhe Bruno por esta forma, a fim de mais ainda lhe estimular o desejo, aconteceu isto: uma noite, o mestre, bem acordado, a sustentar na mão o lume para o pintor que pintava a batalha dos ratos e das gatas, achou que já havia conquistado, por meio de atenções e homenagens, o ânimo do amigo; em

consequência, julgou oportuno o momento para lhe abrir o coração; estando a sós, o médico disse, pois, a Bruno:

— Bruno, como Deus sabe, não existe, hoje, pessoa alguma pela qual eu faça seja lá o que for como faço para você; tanto é assim que, se você me ordenasse ir daqui a Peretola, creio que iria; por isso, quero que você não se sinta surpreso pela circunstância de eu lhe pedir, em caráter íntimo, que deposite confiança em mim. Como talvez você se lembre, não faz muito tempo que você me falou dos costumes daquele seu grupo alegre de homens; a revelação que você me fez acendeu, no meu peito, um desejo tão grande de pertencer àquele grupo que acho que nunca mais desejarei coisa alguma com igual intensidade. Não se diga que não tenho motivos para isso; você julgará, se um dia acontecer que eu passe a pertencer ao grupo; desde já, quero que você zombe de mim se eu não fizer comparecer, à sala em que o grupo estiver reunido, a mais linda das mulheres que você já viu, de muitos anos para cá; eu a encontrei, no ano passado, em Cacavincigli;⁶ e eu quero-lhe o maior bem deste mundo; juro-lhe, pelo corpo de Cristo, que eu lhe quis dar dez bolonhinos,⁷ dos grandes, a fim de que ela consentisse em estar comigo; e não os aceitou. Por tudo isso, peço-lhe, com o maior empenho possível, que me diga o que é que tenho de fazer para conseguir o que desejo; ademais, quero que você, além disso, encontre a maneira de eu passar a fazer parte do grupo; na verdade, vocês todos terão, em mim, um companheiro bondoso e fiel, além de opulento. Você bem pode ver, desde já, como sou um belo homem e como as minhas pernas ficam bem com a minha pessoa por cima; tenho um rosto que se assemelha a uma rosa; afora tudo isso, sou doutor em medicina e não creio que vocês, lá daquele grupo, disponham de pessoa que possua título igual; acresce que conheço muitas coisas bonitas e muitas canções; pois, olhe: vou mostrar-lhe uma.

E, sem mais, começou a cantar. Bruno sentia tamanha vontade de rir que quase que já não cabia mais em si mesmo; ainda assim, conteve-se. Terminada a canção, o mestre disse:

— Que lhe parece?

Bruno respondeu:

— Não há dúvida de que, em confronto com você, até as cítaras dos saginais saíam perdendo, de tão artagoticamente que você as canta.

Observou o mestre:

— Bem que lhe estou dizendo que você não acreditaria se não me ouvisse.

— Por certo que você diz a verdade — confirmou Bruno.

O mestre acrescentou:

— Conheço muitas outras canções. Mas, por ora, deixemos isso de lado. Feito como você aqui me vê, meu pai foi gentil-homem, embora morasse na província; e eu, de minha parte, nasci de mãe natural de Vallecchio. Como você já deve ter podido ver, possuo também os livros mais belos de medicina e as roupagens mais lindas de médico que existem em Florença. Pela minha fé em Deus, afirmo-lhe que tenho roupas que custaram, tudo somado, em liras, o equivalente a cerca de cem bagatinos⁸ e mais de dez anos de trabalho! Por isso, com o maior empenho deste mundo, peço-lhe que faça o possível para que eu pertença ao grupo; e, pela minha fé em Deus, se você fizer isso, fique sabendo que, por mais enfermo que você possa estar, nunca lhe cobrarei um níquel pelo tratamento que eu lhe dispensar.

Bruno ouviu todas essas coisas; como de outras vezes, teve a confirmação de que o médico mal conseguia ser mais do que um troca-tintas; e disse-lhe:

— Mestre, ponha o lume um pouco mais para cá; e não se preocupe enquanto eu não fizer as caudas para esses ratos; depois, então, lhe responderei.

Feitos os rabinhos, Bruno fingiu que o pedido do médico lhe parecia excessivo; e sentenciou:

— Mestre ilustre, são grandes as coisas que por mim você seria capaz de levar a termo; e eu sei muito bem disso. Contudo, isso que agora você me está pedindo, embora seja pequena coisa para a grandeza do seu cérebro, mesmo assim é para mim enorme; não sei de pessoa alguma, deste mundo, para a qual eu, podendo satisfazer um pedido dessa ordem, o satisfizesse se não o satisfizesse, primeiro, para você mesmo. E isso porque eu o estimo tanto quanto possível, e também por força das suas palavras; as suas palavras são condimentadas com tanto bom senso que tirariam para fora as beatas dos seus chinelos, quanto mais a mim, dos meus propósitos; de resto, quanto mais vivo em sua companhia, mais você me parece sábio. Digo-lhe também que, se nada mais houvesse, em você, para fazer a gente querer-lhe bem, ainda assim eu o quereria, porque vejo que você é realmente um apaixonado das coisas bonitas, exatamente como me confessou. Entretanto, é preciso que eu lhe diga: nesses assuntos, eu não tenho os poderes que você imagina; por isso, não posso fazer, a seu favor, tudo o que seria indispensável empreender e levar a cabo. Se, porém, você me promete, jurando pela sua grande e perita fé, que dará crédito ao que eu lhe disser, então eu lhe revelarei a maneira pela qual você deverá agir; afigura-se-me certo que, tendo você livros tão bonitos e outras coisas muito

belas, como você acabou de referir, nenhuma dúvida haverá; tudo se fará como você deseja.

Ao que o mestre solicitou:

— Fale com segurança. Vejo que você ainda não me conhece bem; por isso, ignora até que ponto eu sei conservar um segredo. Eram muito poucas as coisas que o sr. Guasparruolo da Saliceto fazia, quando juiz na podestade de Forlimpopoli, sem me consultar, porque me considerava um secretário realmente extraordinário. E quer ver você como estou dizendo a verdade? Eu fui o primeiro homem a quem ele disse que estava para se casar com a Bergamina; por aí você pode imaginar o resto!

— Pois nada melhor do que isso — esclareceu Bruno. — Se esse juiz tanto confiava em você, também eu posso confiar. A maneira como você deverá proceder é a que lhe vou dizer agora. Nós temos, sempre, neste nosso grupo, um capitão, acompanhado de dois conselheiros; esse capitão e esses conselheiros são mudados de seis em seis meses; no começo do mês que vem, sem falta, Buffalmacco será feito capitão, e eu eleito conselheiro; tudo isso já está definitivamente assentado. Ora: quem é capitão, ali, muito pode quanto a admitir e a fazer com que se admita quem ele quer. Por isso, parece-me que seria de bom aviso você tratar de entrar na intimidade de Buffalmacco, prestando-lhe homenagens e honrarias. Ele é homem que, vendo-o tão nutrido de cultura, se enamorará de você logo à primeira vista; assim que você passar a ser amigo íntimo dele, você, com esse raciocínio claro e com essas lindas coisas que possui, poderá fazer-lhe o pedido no momento oportuno; Buffalmacco não saberá lhe dizer não. Eu já falei a ele de você, e ele já lhe deseja as melhores coisas do mundo; depois de você fazer tudo o que eu agora disse, deixe o resto comigo.

Então o mestre comentou:

— Muito me agrada ouvir o que você está dizendo; se, na verdade, ele é homem que se encanta com o trato das pessoas sábias, e se ele me falar, ainda que seja um pouco, não há dúvida de que eu agirei por tal forma que, depois, não poderá mais viver sem a minha companhia e sairá à minha procura sempre que eu não me encontrar ao lado dele; porquanto o exato é que eu tenho tanta sabedoria que poderei tornar sábia uma cidade inteira e, ainda assim, continuar a saber muito mais do que o necessário.

Combinadas as coisas por essa maneira, Bruno contou tudo a Buffalmacco pela devida ordem; e Buffalmacco passou a sentir-se ansioso por fazer aquilo que o mencionado mestre Simão Bobo andava procurando. O médico, que

desejava, de todo o coração, praticar o curso, não descansou enquanto não se tornou amigo íntimo de Buffalmacco; de resto, essa amizade lhe foi comodamente proporcionada; então, o médico passou a oferecer-lhe as ceias mais lautas, bem como os jantares mais saborosos deste mundo; e está claro que o mesmo ele fazia com relação a Bruno; os dois pintores, Bruno e Buffalmacco, portavam-se como aqueles grão-senhores que, gostando de ótimos vinhos e de magníficos capões, bem como de outras coisas muito boas, conservam tudo isso bem perto de si. Mesmo sem ser convidados, e sempre dizendo que nunca fariam coisa semelhante com outro amigo, acabavam ficando na companhia do mestre.

Entretanto, quando pareceu, a este mestre, que o tempo oportuno havia chegado, dirigiu o seu pedido a Buffalmacco, como, aliás, já o havia dirigido a Bruno; em face disso, Buffalmacco se mostrou profundamente perturbado; e, voltando-se para Bruno, lançou-lhe à cabeça a seguinte vituperação:

— Faço votos ao alto Deus de Passignano para que eu me contenha; para que eu não lhe vibre à cabeça uma tal pancada que lhe faça o nariz cair aos calcanhares! Grande traidor! Sabe Deus a quantos mais você manifestou essas coisas, uma vez que as manifestou também ao mestre.

O mestre, porém, desculpava Bruno, explicando e jurando que havia sabido daquelas coisas de outra fonte; e, depois de muito aplicar as suas palavras mais esclarecidas e sábias, conseguiu apaziguar o ânimo de Buffalmacco. Então, Buffalmacco, dirigindo-se ao mestre, disse:

— Meu mestre, bem se vê que você esteve em Bolonha e que você trouxe a boca bem fechada quando veio para esta terra. Digo-lhe ainda mais: você não aprendeu o abecê na lousa, como muitos imbecis querem fazer; ao contrário, você o aprendeu no quadro-negro, que é muito mais comprido; ademais, se não me engano, você foi batizado em dia de domingo.⁹ Bruno me referiu que você, lá em Bolonha, estudou medicina; entretanto, parece-me que o que você estudou foi a maneira de cativar os homens, uma vez que os prende, com sua prosa, mais do que qualquer outra pessoa que já conheci. São inimitáveis o seu bom senso, as suas sentenças, os seus modos.

O médico, interrompendo-lhe as palavras nos lábios, disse, dirigindo-se a Bruno:

— Veja você o que é conversar e conviver com os sábios! Que outro homem conseguiria compreender, tão rapidamente, todas as particularidades do meu modo de sentir como este valoroso amigo que aqui está? Você, por exemplo, não percebeu, tão cedo como ele, o que eu valia. Mas diga você, pelo

menos, aquilo que eu lhe disse quando você me informou que Buffalmacco se deleitava com a companhia dos homens cultos; pois então eu não lhe disse nada? Não lhe disse que ele deveria ser valoroso?

Bruno confirmou:

— Muito mais!

Então, o mestre disse a Buffalmacco:

— Mais ainda você se deleitaria se me houvesse visto em Bolonha; ali, não havia homem algum, nem grande nem pequeno, nem doutor nem aluno, que não me estimasse como se estima o que de melhor há no mundo, de tanto que eu sabia satisfazer a todos com os meus raciocínios e com o meu juízo. Digo-lhe mais ainda: nunca deixei de dizer, lá, uma palavra que não fizesse rir a toda gente, de tanto que agradava; quando saí de lá, todos choraram o pranto mais amargo do mundo; queriam que eu ficasse; e o quiseram por tal forma que eu lá permanecesse que resolveram até deixar que eu fosse o único a ler as medicinas a todos os alunos que por lá havia; eu, porém, não quis; porque eu estava disposto a vir para Florença a fim de tomar posse de enormes heranças que eu tenho e que sempre foram de pessoas de minha casa; e assim fiz.

Bruno disse então a Buffalmacco:

— Que é que lhe parece? Você não queria acreditar no que eu dizia quando lhe referia tais coisas. Pelos Evangelhos! Não existe, nesta nossa terra, médico que se compare a este no entendimento da urina de asno; e não há dúvida de que, daqui até as portas de Paris, não se encontraria outro de tamanha envergadura. Procure você não fazer, já agora, o que ele manda!

Observou o médico:

— Bruno diz a verdade; mas é que, aqui, não sou conhecido. Vocês, enfim, são pessoas mais ou menos rudes; o que eu queria é que vocês me vissem entre os doutores, que é como tenho o costume de estar.

Com isso Buffalmacco concordou:

— Em verdade, meu mestre, você sabe muito mais do que eu poderia crer; por isso, falando-lhe como se convém aos sábios de seu porte, esmiuçadamente lhe digo que procurarei fazer com que você passe a fazer parte do nosso grupo.

Depois dessa promessa, as homenagens do médico aos dois pintores se multiplicaram; e os dois, gozando-o, faziam com que ele acreditasse nas maiores tolices do mundo; chegaram mesmo a prometer-lhe, por amante, a condessa de Civillari,¹⁰ que, no dizer deles, era a coisa mais linda que se poderia

encontrar em toda a culatraria da geração humana. O médico indagou quem seria a mencionada condessa; ao que Buffalmacco respondeu:

— Meu caro pepino de sementeira, essa é uma grande mulher; são poucas as casas, neste mundo, nas quais ela não tenha alguma jurisdição; até os frades menores, afora os outros, lhe rendem tributos ao som de castanholas. Ouso dizer-lhe que, quando ela não se encontra ao alcance da mão, de longe a gente lhe sente a ausência, a despeito de ela se conservar tão fechada quanto possível. Ainda há pouco tempo, ela passou por aí, à frente de sua porta, certa noite, quando ia para o Arno, a fim de lavar os próprios pés e também para tomar um pouco de ar fresco; contudo, a sua moradia mais contínua é a Laterina. É por isso que sempre há sargentos seus pelas vizinhanças; e todos, como demonstração do reconhecimento da maioridade dela, carregam a verga e o prumo. Muitos dos seus barões se veem por aí como o Tamagnin da Porta, Dom Meta, Cabo de Vassoura, o Diarreia e outros, todos os quais penso que sejam nomes familiares ao seu espírito, embora deles você agora não se recorde. Por uma tão grande mulher, pois, deixe de lado aquela que você tem em Cacavincigli; se o pensamento não nos engana, nós lhe poremos essa esplêndida mulher nos braços.

O médico, que nascera e se criara em Bolonha, não entendia os vocábulos dos dois pintores; por isso, considerou-se satisfeito com a mulher sugerida por eles. Pouco tempo depois dessas conversações, os mencionados pintores levaram ao médico a informação de que ele fora admitido ao grupo. Em chegando o dia que precedia a noite em que todos deveriam reunir-se, o mestre convidou os dois para almoçar com ele; depois do almoço, pediu-lhes que o informassem sobre o modo como conviria que ele procedesse a fim de ingressar no grupo. A esse pedido, Buffalmacco disse:

— Olhe, mestre, é preciso que você se sinta muito firme, porque, se não se comportar com bastante segurança, poderá ser objeto de impedimento e, conseqüentemente, causar-nos um dano enorme. E, agora, você vai ouvir aquilo a cujo respeito você tem de manifestar o máximo de firmeza. Importa que você encontre a maneira de estar, hoje à noite, à hora do primeiro sono, em cima de um daqueles sepulcros emergentes que, ainda há pouco tempo, se construíram do lado de fora de Santa Maria Novella; você irá para lá envergando uma das suas roupagens mais belas e opulentas a fim de que possa comparecer de modo honroso perante os membros do nosso grupo; acresce que (ao que nos foi referido, porque não estávamos presentes na ocasião em que isso se ficou sabendo) a condessa, pelo fato de você ser gentil-homem,

pretende fazê-lo cavaleiro banhado a suas expensas; ali, em cima do sepulcro, você deve ficar esperando, até que lhe apareça a pessoa que mandaremos buscá-lo. A fim de que você fique informado sobre todas as coisas, digo-lhe que essa pessoa lhe aparecerá montada num animal negro e cornudo, não muito grande; ao chegar, passará a fazer pela praça, à sua frente, uma barulheira enorme, bufando e pulando ameaçadoramente para lhe causar medo; depois, vendo que você não se assusta, o animal se aproximará mansamente de você; nesse momento, você deverá descer, sem receio algum, do sepulcro ao chão; sem necessidade de se lembrar de Deus nem dos santos, monte no animal; e, assim que se houver acomodado em cima dele, você se porá de braços cruzados sobre o peito, como é de cortesia.¹¹ Não será mais preciso, daí por diante, tocar no animal. Ele então se moverá suavemente e o conduzirá para o lugar onde nós estaremos. Note que, se você se recordar de Deus, ou dos santos, ou ainda se sentir medo, asseguro-lhe que o animal poderá cuspi-lo para longe ou arremessá-lo a lugar que cheirá extremamente mal. Por tudo isso, se você não sente que pode agir com perfeita segurança, é melhor que não apareça; porque, do contrário, você causaria grande dano a você mesmo, sem nos proporcionar bem algum.

Então, o médico disse:

— Vocês ainda não me conhecem; alimentam dúvidas, talvez por verem que trago as luvas na mão, que uso roupagens longas. Se vocês tivessem notícia daquilo que eu já levei a efeito, de noite, em Bolonha, quando, por vezes, eu ia, com os meus companheiros, às mulheres, por certo que ficariam maravilhados. Pela minha fé em Deus: houve até uma noite em que determinada mulher não quis vir conosco; tratava-se de uma rabugentazinha, que era o pior; não tinha mais do que um palmo de altura; pois eu lhe apliquei, primeiro, uma porção de socos; depois, agarrei-a, erguendo-a no ar; creio que a carreguei a distância de um lance de balestra; afinal, ela concordou; tanto eu fiz que ela resolveu vir conosco. De outra feita, recordo-me de que eu, sem a companhia de pessoa alguma, afora a do meu fâmulos, passei, logo depois da ave-maria, ao lado do cemitério dos frades menores em Bolonha; naquele mesmo dia, fora enterrada ali uma mulher; e eu não tive medo algum. Por tudo isso, não se sintam preocupados, porque eu sou firme e valente, como poucos o conseguem ser. Digo-lhes mais: a fim de comparecer de forma altamente honrosa, envergarei as minhas roupagens escarlates, com as quais me doutorei; vocês verão como o grupo se alegrará quando contemplar a minha figura; verão, também, que eu, logo de entrada, serei elevado a capitão. Verão ainda como as coisas correrão,

depois de eu ser admitido e de estar já fazendo parte do grupo; observem que, sem aquela condessa ter me visto sequer uma vez, ela já está apaixonada por mim, a ponto de me querer fazer cavaleiro banhado. Pensam vocês que a cavalaria me ficará muito mal? Que é que vocês acham? Que eu não saberei me comportar à altura ou que me conduzirei muito bem? Seja como for, deixem o caso entregue a mim.

Buffalmacco disse:

— Você está falando magnificamente bem; mas tome o cuidado de não nos praticar burla alguma, como a de não comparecer ou a de não ser encontrado em cima do sepulcro quando chegar a pessoa que, montada num animal, deverá ir buscá-lo. Digo isso porque faz muito frio e porque vocês, os senhores médicos, costumam se proteger demais.

— Não praza a Deus! — exclamou o médico. — Eu não sou desses médicos friorentos; não me incomodo com o frio; poucas são as vezes que, durante a noite, eu saio da cama para dar satisfação a necessidades do corpo, como os homens fazem de quando em quando, e que, para isso, ponho aos ombros o capote de peles por cima da camisola. Por tudo isso, tenham a certeza de que lá estarei, firme.

Depois de os dois pintores se retirarem, o mestre esperou que a noite descesse; a seguir, deu à sua esposa, em sua casa, algumas desculpas; foi buscar, às ocultas, a sua linda roupa de médico; e, quando lhe pareceu chegada a hora, envergou-a, encaminhando-se, sem perda de tempo, para um dos referidos sepulcros; encolheu-se em cima de um daqueles mármore, porque o frio era extremamente acentuado; e ficou à espera do animal.

Buffalmacco, que era corpulento e galhardo, encomendou e conseguiu uma daquelas máscaras que se usavam em certos jogos populares que já agora não se praticam; envergou um capote de peles pelo avesso; arrumou tudo de modo que passou a parecer um urso; a máscara, que encomendara e conseguira, tinha fisionomia de diabo e era cornuda; e assim se dirigiu à praça nova de Santa Maria Novella, sendo seguido de perto por Bruno, encarregado de ver como as coisas se desenrolariam. Assim que ele percebeu que o senhor mestre médico se encontrava na praça, começou a efetuar piruetas e cambalhotas, a realizar correrias pelo espaço do logradouro, a bufar, a rugir e a promover tamanho estridor que bem se afigurava que ele estivesse tomado pelo demônio. Quando o mestre o viu e o ouviu, ficou com todos os pelos do corpo arrepiados; começou logo a tremer, exatamente como se fosse ainda mais medroso do que qualquer mulherzinha; houve um momento em que ele teria

preferido encontrar-se diante de sua casa a estar ali em cima daquele sepulcro; contudo, uma vez que já havia rumado para ali, esforçou-se no sentido de aparentar firmeza e segurança; apesar de tudo, o que predominava nele era o desejo de chegar a ver as maravilhas referidas pelos seus dois amigos pintores.

Entretanto, depois de correr e piruetar por algum tempo, Buffalmacco, como se havia anunciado, deu mostras de apaziguamento; aproximou-se do sepulcro, em cima do qual o mestre se achava; e parou. O mestre, estando a tremer da cabeça aos pés, de medo, não sabia o que fazer; hesitava em montar no animal que parara e também hesitava em desistir de fazer isso. Por fim, receando que o animal lhe causasse dano, se ele não o montasse, expulsou, com o primeiro medo, o segundo; desceu do sepulcro; murmurou “Deus que me ajude!” e montou no animal, em cujo dorso se acomodou tanto quanto possível. Sempre tremendo, conseguiu cruzar os braços, em atitude de cortesia, como lhe havia sido recomendado. Então, Buffalmacco tratou de caminhar, suavemente, na direção de Santa Maria della Scala; caminhando, de gatinhas, até perto das mulheres de Ripole, para lá conduziu o mestre médico. Naquela época, existiam, por aquelas bandas, várias fossas, nas quais os trabalhadores dos campos das redondezas faziam escoar a condessa de Civillari a fim de engordar a terra das suas plantações; quando Buffalmacco se viu perto das referidas fossas, encostou-se ao parapeito de uma delas; fingiu descansar um pouco; pôs a mão por baixo de um dos pés do médico; por essa forma, ergueu-o acima de suas costas, atirando-o, sem qualquer embaraço, de ponta-cabeça, dentro da cloaca; depois, começou, novamente, a saltar e a gritar, como se outra vez houvesse sido tomado pelo demônio; e, em suas novas correrias, rumou ao longo de Santa Maria della Scala, indo na direção do prado de Ognissanti, onde se encontrou com Bruno, que havia fugido da praça por não poder mais se conter de tamanha que era a vontade de rir. Os dois amigos se divertiram muito; de longe, puseram-se a ver o que o médico, todo lambuzado de excrementos, decidiria fazer.

O senhor médico, ao se contemplar naquele lugar tão abominável, fez o possível para se erguer e para sair dele; caindo e tornando a cair, ora aqui, ora ali, emporcalhou-se ainda mais da cabeça aos pés; ficou acabrunhado; sentiu-se furioso; engoliu alguns bocados daquela imundície; afinal, conseguiu safar-se, lá deixando, porém, o capuz. Tratou de limpar-se, com as mãos, da melhor maneira que lhe era permitida; já não sabia que conselho seguir nem que decisão tomar; em consequência, voltou para a sua casa, a cuja porta tanto bateu, até que lhe abriram. Assim que ele entrou, todo malcheiroso, a porta foi

de novo fechada; mas já ali se encontravam Bruno e Buffalmacco, que desejavam verificar como o mestre médico seria acolhido por sua própria esposa. Pondo-se a ouvir, os dois ouviram a mulher lhe atirar as palavras mais pesadas possíveis, vituperando-o como jamais se havia vituperado infeliz algum.

Dizia ela:

— Fica-lhe isso muito bem! Você tinha ido para receber em seus braços aquela outra mulher; e queria parecer muito imponente e respeitável com a roupagem escarlate. Pois então não lhe bastava ter a mim? E olhe que eu seria mulher suficiente para levar de vencida um povo, quanto mais você, um pobre-diabo! Por Deus! Que bom seria se eles o houvessem afogado, assim como o atiraram ao lugar em que você bem que mereceu ser atirado! É nisso que dá, meu caro e honrado médico, ter mulher e sair, à noite, em busca da mulher dos outros!

Com essas palavras e com outras de igual jaez, ela, mesmo ajudando o médico seu esposo a lavar-se, prosseguiu vituperando-o até lá pela meia-noite; e não dava indício de querer deixar de o atormentar.

Depois, na manhã seguinte, Bruno e Buffalmacco pintaram as próprias carnes, fazendo manchas lívidas aqui e acolá, como essas manchas que são deixadas por uma surra no corpo de quem apanha; e assim voltaram para a casa do médico, onde já o encontraram de pé; entraram; observaram que muita coisa ainda cheirava mal, porque não havia havido tempo de limpar tudo para que a casa não fedesse. O médico, notando a aproximação dos dois amigos, correu-lhes ao encontro, dizendo que Deus lhes desse um bom dia; ao que Bruno e Buffalmacco, de acordo com o que haviam combinado, responderam, com fisionomia profundamente perturbada:

— Nós não dizemos a mesma coisa a você; ao contrário; estamos pedindo a Deus que lhe proporcione tantos males quantos forem possíveis! Seja você morto a punhaladas por ter sido o mais desleal e o maior traidor vivo sobre a face da terra! Por sua causa, pouco faltou sermos assassinados e dilacerados como cães, apenas porque nos empenhamos em fazer com que você recebesse honrarias e prazer. Por sua deslealdade, nós recebemos, no curso dessa noite inteira, tanta pancada que, com muito menos, qualquer burro seria capaz de ir daqui até Roma; além disso, estivemos na iminência de ser expulsos do grupo, em cujo seio havíamos feito o possível para você ser admitido. Se você não acredita, observe o nosso corpo e veja como se encontram as nossas carnes.

Ao dizer isso, os dois amigos, aproveitando-se da pouca luz da manhã, abriram a parte dianteira das próprias roupas e mostraram ao médico o peito

todo tomado por manchas que eles mesmos haviam pintado; logo depois, porém, tornaram a fechar as roupas. O médico procurou desculpar-se; tentou narrar as suas desventuras; quis explicar como e onde fora atirado por aquele animal tomado pelo demônio; mas, a tudo isso, Buffalmacco opôs a sua própria palavra:

— Eu desejaria que aquele animal o houvesse atirado da ponte do Arno abaixo; por qual razão se recordou, você, naquela hora, de Deus ou dos santos? Pois então nós não lhe recomendamos o contrário antecipadamente?

O médico explicou que, por sua fé em Deus, não se recordava mais disso.

— Como? — exclamou Buffalmacco. — Então você não se recorda mais? O certo é que, naquela hora, lá na praça, você se recordou tanto de Deus e dos santos que até o nosso enviado nos referiu que você tremia como vara verde. Você já nem sabia mais onde se encontrava. Bem. Agora, você nos pregou uma peça extremamente desagradável; mas ninguém mais nos pregará peça semelhante; e a você ainda faremos aquelas honras que no caso cabem.

O mestre médico começou a pedir perdão e a suplicar, em nome de Deus, que os dois amigos pintores não lhe fizessem mal; depois, com as melhores palavras que conseguiu articular, tratou de apaziguá-los. Teve medo de que os dois acabassem divulgando, pela cidade, a sua sina de homem atirado à cloaca; e, se, antes daquele dia, os havia presenteado e banqueteados com generosidade, com mão muito mais larga os presenteou e banqueteceu dali por diante.

Assim, pois, como vocês acabam de ouvir, ensina-se, em Florença, a ter juízo a quem, em Bolonha, não aprendeu a tê-lo.

Notas

¹ Naquele tempo, “mestre” era título que se dava a médicos.

² San Gallo era o nome de uma igreja que, na época, se encontrava na periferia de Florença. Em sua fachada, pintara-se um diabo enorme, com várias bocas, o que explica a alusão que aparece nesta novela.

³ É nome citado por Dante, em *A divina comédia* (Inferno, Canto XX, verso 116). Alguns acham que se trata de personagem de nacionalidade espanhola; outros o consideram escocês, derivando daí seu sobrenome; todos, porém, concordam em lhe atribuir grandes conhecimentos e realizações, seja como astrólogo, seja como mago.

⁴ Todos os comentadores de Boccaccio concordam em que, nesta novela, o autor usou vocábulos puramente fictícios, intencionalmente extravagantes, vazios mas sonoros, na designação de qualidades, coisas e pessoas; o seu propósito deliberado foi unicamente o de acentuar, ao tema, o caráter de pilhéria feita contra um idiota presunçoso. Tais vocábulos foram aqui transliterados, pelo tradutor, da maneira que menos lhes tolhessem a fisionomia que têm no original italiano.

⁵ Por aqui se nota que, na época, os médicos eram uma curiosa mistura de farmacêutico, merceeiro e manipulador.

⁶ Nome de um bairro mal-afamado de Florença.

⁷ Antiga moeda divisionária, de pequeno valor, de Bolonha, Itália.

⁸ Antiga moeda divisionária, de pequeno valor, de Veneza.

⁹ Como não se vendia sal em dia de domingo, dizia-se, em Florença, que uma pessoa fora batizada nesse dia para significar que não tinha sal na cachola.

¹⁰ Assim se designava uma das grandes cloacas, ou escoadores de esgoto, de Florença.

¹¹ Era “de cortesia” se manter uma pessoa quieta, de braços cruzados sobre o peito.

DÉCIMA NOVELA

Uma siciliana subtrai, magistralmente, a um mercador o que ele havia levado para Palermo. O mercador, fingindo regressar a Palermo com muito mais mercadorias do que antes, recebe dinheiro das mãos dela; e deixa-a a ver navios.



ão é coisa que se pergunte quanto a novela da Rainha, em diversas das suas passagens, fez com que as mulheres rissem; entre elas, nenhuma se contava que, por excesso de riso, não houvesse deixado que as lágrimas aflorassem 12 vezes aos olhos. Quando, porém, a narrativa se concluiu, Dioneio, que sabia que era chegada sua vez, disse:

— Graciosas mulheres: é coisa manifesta que tanto mais agrada a artimanha quanto mais é sutil o astuto que por ela é burlado. Por isso, muito embora vocês todas tenham contado episódios belíssimos, eu pretendo narrar outro; acredito que a minha narrativa deverá lhes agradar mais do que qualquer outra já aqui feita, porque, na minha, a mulher que foi burlada se fizera grande mestra na tarefa de zombar dos outros, sendo muito mais esperta do que qualquer outra pessoa burlada entre aquelas que apareceram nos fatos que vocês contaram.

Havia, e talvez ainda hoje persista, um costume em todas as terras de marinha que têm porto. Consistia o costume em que todos os mercadores que em tais terras aportavam com mercadorias, fazendo descarregá-las, tinham de as levar para um armazém que, em muitas de tais localidades, se denominava aduana. Essa aduana pertencia à comuna ou ao senhor da terra. Ali, os mercadores entregavam, por escrito, a funcionários que lá trabalhavam, toda a sua mercadoria, indicando-lhe o valor; a seguir, designava-se um galpão, no qual o mercador depositava a sua mercadoria, fechando-a a chave. Os referidos funcionários, que eram os aduaneiros, escreviam depois, no livro da aduana, a crédito do mercador, toda a mercadoria entregue por ele; e faziam com que ele, mais tarde, pagasse por ela, a título de direitos, determinada quantia, que

correspondia a uma parte ou à totalidade da mercadoria que ele retirasse, de cada vez, da aduana. Era nesse livro da aduana que, muitas vezes, os varejistas procuravam informações sobre a qualidade e sobre a quantidade das mercadorias que chegavam ao lugar; por esse livro, ficavam também sabendo quais eram os mercadores que as possuíam. De posse de tais informações, os varejistas, depois, conforme os negócios que lhes caíam nas mãos, discutiam a respeito de trocas, barganhas, vendas e outras transações.

Esse costume, que existia em muitos lugares, existia também em Palermo, na Sicília. Nessa cidade, existiam, como ainda existem, muitas mulheres que são lindíssimas de corpo, mas inimigas da honestidade; essas mulheres seriam tomadas, por quem não as conhecesse, por criaturas honestíssimas e de bem. Tais mulheres estão habituadas não a só a espoliar mas também a escorchar os homens. Assim que põem os olhos num mercador forasteiro, recorrem ao livro da aduana, informando-se sobre o que ele possui e sobre quanto dinheiro podem conseguir; depois, com atos de carinho e de amor, bem como com palavras dulcíssimas, elas procuram fugar o aludido mercador, atraindo-o para os seus braços; muitos mercadores já foram por elas atraídos; das mãos de muitos deles, elas conseguiram subtrair mercadorias; algumas vezes, contentaram-se com um pouco; outras vezes, subtraíram-lhes tudo. Já houve também mercadores que ali deixaram a mercadoria, o navio, a carne e os próprios ossos; e isso evidencia a suavidade com que agiam.

Ora: não faz ainda muito tempo, aconteceu que chegou a Palermo, para ali mandado por seus empregadores, um nosso jovem florentino que se dizia Nicoló da Cignano, embora se chamasse Salabaetto. Ele chegou com grande quantidade de tecidos de toda sorte, que lhe haviam sobrado da feira de Salerno; ao todo, esses tecidos podiam valer uns quinhentos florins de ouro. Depois de entregar a lista dessa mercadoria aos aduaneiros, pô-la num galpão; sem manifestar grande pressa na sua venda, tratou de sair a passeio e de ir se divertir, pela cidade afora.

O moço era claro e louro; ademais, muito bem apessoado; sendo de aspecto agradável e próspero, aconteceu que uma daquelas barbeiras que se fazia denominar sra. Iancofiore, depois de se informar sobre os seus negócios, lhe pôs os olhos em cima. O rapaz notou aquilo; achou, porém, que ela devia ser uma grande dama e que ela se havia interessado tão somente pela sua máscula beleza; e imaginou, pois, que seria de bom aviso conduzir avante aquele amor com o máximo de cautela.

Sem dizer palavra, pois, a quem quer que fosse, começou a passar e a tornar a passar à frente da casa da citada mulher. A mulher percebeu essa manobra, porquanto, durante vários dias, não deixara de lhe observar os movimentos. Ela passou então a fingir que se consumia de amor por ele; em segredo, mandou que uma sua doméstica, que conhecia muito bem a arte da alcovitagem, fosse ter com ele; a doméstica, depois de muitos rodeios e preâmbulos, e já quase com as lágrimas nos olhos, disse ao moço florentino que ele, com a beleza e com a elegância de sua pessoa, havia provocado tamanha paixão em sua patroa, a ponto de ela, a patroa, não encontrar mais paz nem de dia, nem de noite; por isso — disse a doméstica —, assim que fosse de seu agrado, a sua patroa gostaria de encontrar-se secretamente com ele numa casa de banhos; aliás, a patroa ansiava por esse encontro mais do que por qualquer outra coisa. Depois de dizer isso, a doméstica, tirando de dentro da bolsa um anel, ofereceu-o ao moço em nome da patroa.

Salabatto, ao ouvir essa comunicação, considerou-se o homem mais satisfeito do mundo; apanhou o anel; esfregou-o aos próprios olhos; beijou-o; e, afinal, pô-lo num de seus dedos; a seguir, disse à doméstica que, se a sra. Iancofiore o amava, estava sendo recompensada, porquanto ele a amava muito mais do que a própria vida; acrescentou que estava disposto a ir fosse aonde fosse que agradasse à mencionada senhora — e a qualquer hora. A mensageira voltou, pois, para junto de sua patroa com essa resposta; e, por meio de comunicação após comunicação, foi dito a Salabatto em que casa de banhos, no dia seguinte, à tardezinha, poderia ir esperar aquela dama.

O moço, sem dizer palavra a ninguém, prontamente se dirigiu àquela casa na hora marcada; ali, verificou que o banho, para a mulher, estava preparado. Pouco tempo depois, o florentino viu que duas escravas apareceram completamente carregadas: uma trazia à cabeça um grande colchão de algodão em rama; a outra, uma enorme cesta cheia de coisas. O colchão foi estendido, numa sala da casa de banhos, por cima de uma armação de leito; as escravas puseram, em cima do colchão, um par de lençóis listrados muito delicados, de seda; depois, estenderam uma colcha de finíssimo tecido cipriota, de aspecto alvíssimo; afinal, colocaram dois travesseiros rendados, que constituíam autêntica maravilha. Depois disso, as escravas despiram-se, entraram no quarto de banho, varrendo e lavando a banheira. Pouco depois, a mulher, com outras duas suas escravas atrás de si, apareceu para o seu banho; ali, assim que se lhe ofereceu a oportunidade, fez muita festa a Salabatto; por fim, depois dos

suspiros mais profundos que jamais se suspiraram, e depois de muito abraçar e de muito beijar o rapaz, disse-lhe:

— Não sei quem neste mundo conseguiria me arrastar a este passo, a não ser você; é certo que você me pôs fogo na alma, toscano malvado.

Depois disso, como ela desejou, os dois se puseram nus, entrando, juntos, no banho, acompanhados pelas duas escravas. No banho, a mulher não deixou que ninguém pusesse as mãos no corpo do rapaz. Ela mesma o lavou magnificamente por inteiro, com sabonete perfumado de almíscar e de cravo. A seguir, ordenou às escravas que a esfregassem e a lavassem. Feito tudo isso, as duas escravas estenderam dois lençóis branquíssimos e extremamente finos, que emanavam perfume de rosas; porquanto aquilo que neles havia parecia serem rosas. Uma das escravas envolveu Salabaetto num dos lençóis; no outro, a outra escrava envolveu a senhora; depois, cada escrava tomou a pessoa de que tratava; carregou-a no colo até o leito que havia sido de antemão preparado. E lá se ficaram os dois — a mulher e o florentino. Ali, depois de repousarem do suadouro, os dois foram retirados dos lençóis pelas escravas; e ficaram nus nos lençóis da cama. As duas escravas tiraram da cesta pequenos vasos de prata, todos muito bonitos; uns estavam cheios de água de rosas; outros, de água de flor de laranjeira; outros, de água de flor de jasmineiro; outros, ainda, de água de cheiro; e borrifaram, com isso, o corpo da mulher e o corpo do moço. A seguir, as escravas tiraram caixas que continham confeitos e vinhos preciosíssimos; com o que a dama e o moço se recompuseram.

Salabaetto estava com a impressão de se achar no paraíso; mil e uma vezes contemplou a linda mulher, que era, de fato, esplêndida; e pareceu-lhe que cem anos se passavam, sem que as escravas se retirassem dali, a fim de ele poder, afinal, atirar-se aos braços da sra. Iancofiore. As escravas, depois de receberem da patroa ordem de se retirar, deixaram uma toczazinha acesa, na sala, e saíram de lá. A mulher abraçou Salabaetto; e ele também a abraçou. Com enorme prazer de Salabaetto, que tinha a impressão de que a mulher estivesse morrendo de ânsia do seu amor, permaneceu uma hora naquela situação, auferindo os prazeres mais deliciosos do mundo. Quando pareceu, à mulher, que chegara o tempo de se levantarem, ela ordenou às escravas que entrassem outra vez na sala; os dois se vestiram; beberam vinhos e comeram confeitos a fim de restaurarem as energias; lavaram as mãos e o rosto com aquelas águas cheirosas; por fim, desejando retirar-se, a mulher disse a Salabaetto:

— Se for de seu agrado, para mim constituiria verdadeira graça de Deus o fato de você ir esta noite à minha casa a fim de cear comigo e de lá pernoitar

em minha companhia.

Salabaetto, que já se sentia fascinado, tanto pela beleza quanto pela arte de agradar daquela mulher, acreditou firmemente que estava sendo amado por ela com todo o coração; e respondeu:

— Senhora, todo o seu prazer me é extremamente grato; por isso, tanto esta noite como sempre, desejo fazer o que lhe agradar ou o que pela senhora me for ordenado.

A mulher voltou, pois, para a própria residência; mandou que se decorasse ricamente o seu quarto de dormir, com suas roupas e suas coisas; ordenou que se preparasse uma ceia esplêndida; e esperou pela chegada de Salabaetto. Assim que as trevas desceram, o florentino rumou para a casa da sra. Iancofiore, onde foi alegremente recebido; em meio a muitos carinhos e muito bem servido, ceou. Depois, foi com ela para o quarto de dormir, onde notou logo a presença de um maravilhoso perfume de madeira de aloés; viu a cama, coberta por uma colcha toda cheia de pássaros de Chipre; e contemplou roupas muito lindas, dependuradas às traves. Todas essas coisas, em conjunto, e também cada uma isoladamente, em separado, fizeram com que ele julgasse que a mulher fosse, de fato, uma grande e riquíssima dama; embora ele tivesse ouvido sussurrar o contrário, a propósito da vida dela, não quis, por nada deste mundo, prestar ouvidos aos diz-que-diz-que; mesmo acreditando que ela já havia enganado alguém, não podia crer, por imposição alguma desta terra, que o engano, da parte dela contra ele, pudesse um dia acontecer. Ele deitou-se com enormíssimo prazer, naquela noite, em companhia dela, ardendo cada vez mais de paixão. Quando a manhã despontou, ela cingiu a cintura dele com uma linda cinta de prata, munida de uma rica bolsa, dizendo-lhe:

— Meu querido Salabaetto, peço-lhe encarecidamente que me queira; assim como a minha pessoa está à sua disposição, assim também tudo o que nesta casa existe e tudo o que se encontra ao meu alcance se acha às suas ordens.

Salabaetto sentiu-se imensamente alegre; abraçou-a; beijou-a; depois, saiu da casa dela, rumando para o lugar onde os outros mercadores costumavam se reunir.

Frequentando continuamente a casa da sra. Iancofiore sem que isso lhe custasse a menor despesa em dinheiro, o moço florentino convenceu-se cada vez mais de que a referida mulher estava apaixonada por ele. Um dia, aconteceu que ele conseguiu vender os seus tecidos, contra pagamento total à vista; e ganhou muito bem; a mulher acabou sabendo imediatamente dessa ocorrência não por meio dele, mas sim por via de terceiros. Uma tarde,

Salabaetto foi à casa dela; ela começou logo a brincar, a fazer-lhe carinhos, a beijá-lo e a abraçá-lo, dando mostras inequívocas de se sentir profundamente apaixonada por ele. Até parecia que ela desejava morrer de amor nos braços do mercador de Florença. Quis oferecer-lhe, de presente, duas ricas taças de prata que ela possuía; Salabaetto não quis receber as taças; em seu modo de ver, já havia recebido dela, tudo somado e reduzido a valor monetário, algo que poderia valer muito bem uns trinta florins de ouro; e, entretanto, não conseguira fazer que ela aceitasse fosse lá o que fosse e que representasse o menor valor. Por fim, naquela tarde, a mulher inflamou todo o rapaz, precisamente por se mostrar ardente de amor e liberal nos gastos; em determinada altura, porém, ela chamou uma das suas escravas, de acordo com o que havia anteriormente combinado; depois, a sra. Iancofiore saiu do quarto; conservou-se fora dele por algum tempo; a seguir, entrou de novo naquele mesmo quarto, chorando convulsamente; atirou-se de bruços ao leito; e começou a formular as mais dolorosas lamentações que jamais foram proferidas por qualquer mulher. Salabaetto sentiu-se surpreso; tomou-a em seus braços; comoveu-se tanto que começou a chorar na companhia dela, dizendo:

— Meu Deus! Coração do meu coração! Que é que lhe aconteceu assim de súbito? Qual foi a razão desse seu desespero? Diga-me, pelo amor de Deus, minha querida!

A mulher, depois de se fazer de rogada por longo tempo, respondeu:

— Ai de mim! Meu caro e doce Salabaetto! Já nem sei o que fazer, e menos ainda o que dizer! Acabo, neste momento, de receber cartas de Messina; meu irmão me escreve ordenando-me que venda e empenhe tudo quanto possuo a fim de lhe remeter, até daqui a oito dias, mil florins de ouro; se eu não o fizer, ele será decapitado; e eu não sei o que é que devo fazer para conseguir de imediato tamanha quantidade de dinheiro. Se eu tivesse, pelo menos, uns 15 dias de tempo, encontraria a maneira de me dirigir a um lugar onde devo ter muito mais do que isso; poderia, igualmente, vender uma das nossas propriedades; não podendo, porém, fazer nada disso, devido à premência do tempo, bem que eu desejaria ter morrido mil vezes antes que tão má notícia chegasse aos meus ouvidos.

Disse isso e fingiu-se aflitivamente atribulada; não parava de chorar. Salabaetto, a quem as labaredas do amor haviam tolhido grande parte da capacidade de bem discernir as coisas, acreditou que aquelas lágrimas fossem verdadeiras e sinceras, e que aquelas palavras exprimissem uma perfeita realidade; e disse:

— Senhora, eu não poderei servi-la com mil florins; mas, com quinhentos florins de ouro, bem que a posso ajudar, desde que esteja convencida de que poderá devolvê-los, a mim, daqui a 15 dias; a senhora tem tanta sorte, que eu vendi, exatamente ontem, os tecidos que trouxera; porque, se isso não houvesse ocorrido, eu não lhe poderia emprestar sequer um níquel.

— Meu Deus! — exclamou a mulher. — Pois então você tem sofrido falta de dinheiro? Mas por que foi que não me pediu? É verdade que agora não tenho mil florins; mas sempre tive uns cem, e mesmo uns duzentos, para dá-los a você. Assim procedendo, você me tirou toda a possibilidade de aceitar a ajuda que agora me oferece.

Salabaetto, cada vez mais enredado por essas palavras, disse:

— Senhora, não quero que, só por causa disso, deixe de aceitar o meu oferecimento; se eu tivesse tido necessidade premente, como você tem agora, não há dúvida de que eu lhe teria pedido alguma soma em empréstimo.

— Ai de mim! — exclamou a mulher. — Meu caro Salabaetto! Percebo claramente que o seu é um amor perfeito para comigo, uma vez que, sem esperar que eu lhe pedisse, você se prontifica generosamente a me ajudar com tão considerável quantidade de dinheiro. Bem sabe você que eu já era toda sua antes disso; com isso, mais sua serei ainda; e nunca deixarei de lhe reconhecer o serviço que me presta salvando a cabeça de meu irmão. Deus sabe, porém, que é com muito má vontade que tomo esse dinheiro, porque sei que você é mercador, e que os mercadores precisam de pecúnia para todos os negócios que empreendem. Visto, contudo, que a necessidade me obriga, e como tenho firme esperança de poder devolver-lhe o que me der, aceito a sua oferta. Quanto ao que ainda assim faltar, se eu não encontrar outra maneira de conseguir, empenharei todas estas coisas que aqui possuo.

Depois de dizer isso, e sempre chorando, deixou-se cair sobre o rosto de Salabaetto; o moço tratou de confortá-la; permaneceu a noite em sua companhia; e, para se mostrar servidor leal e generoso, não esperou que ela pedisse; dando cumprimento à sua promessa simplória, apresentou-lhe os quinhentos florins de ouro, que ela recebeu, rindo-se no coração, embora chorando dos olhos para fora.

Assim que a mulher obteve o dinheiro, as condições todas começaram a se modificar. Antes de entregar aqueles quinhentos florins de ouro, Salabaetto tinha livre entrada em casa da sra. Iancofiore e com ela se entretinha folgadoamente sempre que isso lhe desse prazer; depois de os entregar, começaram a aparecer motivos pelos quais, das sete vezes que a procurava por

semana, em nenhuma lhe era permitido entrar; nem aquele belo semblante se lhe mostrava tão afetuoso como antes, nem aquelas agradáveis carícias de outros tempos se repetiam.

Passou-se um mês além do prazo estabelecido para a devolução do dinheiro pela mulher ao moço. Passaram-se dois meses. O florentino aproximava-se do tempo em que precisava recuperar o que havia emprestado; pedia à mulher a devolução do que emprestara; e, em resposta, só recebia palavras. Afinal, Salabaetto percebeu a artimanha da malvada mulher, convencendo-se, ao mesmo tempo, da sua própria falta de siso. O mercador teve noção clara de que não poderia provar, de modo algum, a operação de empréstimo, porque não tinha documento escrito nem testemunha da transação; teve vergonha de ir queixar-se do seu destino a algum amigo, primeiro porque havia sido avisado, antes, que usasse de cautela com aquela mulher, e depois porque receava a zombaria que a sua estupidez bem que havia merecido; profundamente amargurado, chorou, pois, consigo mesmo o resultado da sua tolice.

Em determinado tempo, Salabaetto recebeu, de seus empregadores, muitas cartas; as missivas lhe pediam que remetesse o dinheiro para Florença. Como não podia mandar dinheiro algum, e como não desejava que, pela falta da remessa, se acabasse descobrindo o erro em que caíra, resolveu partir. Embarcou em um pequeno bote rumando, não para Pisa, como teria sido de seu dever, mas sim para Nápoles.

Vivia, nessa cidade, naqueles tempos, nosso compadre Pietro del Canigiano, tesoureiro da senhora Imperatriz de Constantinopla, homem de grande intellecto e de entendimento sutil, amigo verdadeiro tanto de Salabaetto quanto da família deste. Salabaetto foi procurá-lo; como era homem extremamente discreto, confessou-lhe, depois de alguns dias, os seus aborrecimentos; contou-lhe o que havia feito; e não lhe ocultou o infeliz incidente; pediu-lhe auxílio, solicitando, ademais, o seu conselho a fim de poder permanecer em Nápoles e de ali ganhar o próprio sustento; afirmou que nunca mais retornaria a Florença se isso dependesse do seu desejo. Canigiano, entristecido por essas ocorrências, disse-lhe:

— Muito mal fez você; muito mal você se comportou; você não obedeceu às instruções de seus empregadores; você gastou uma quantidade excessiva de dinheiro em prazeres pessoais. Mas, enfim, não adianta lamentar; o que está feito está feito. Temos que tratar de outras coisas.

Sendo homem esclarecido, logo pensou naquilo que se devia fazer, comunicando-o a Salabaetto; a este agradou muito o que foi pensado; e sentiu-se desejoso de se lançar à aventura para o realizar.

Salabaetto possuía ainda algum dinheiro; Canigiano emprestou-lhe um pouco mais; o rapaz mandou, então, que se preparassem vários fardos, bem amarrados e bem comprimidos; a seguir, comprou vinte barris de óleo, que encheu; carregou tudo num barco; e com isso regressou a Palermo. Ali, entregou os fardos amarrados aos aduaneiros; fez o mesmo com os barris de óleo, revelando-lhes o custo; determinou que se escrevesse tudo, registrando-o a seu crédito; depositou toda a sua mercadoria nos armazéns apropriados, dizendo que não tocaria nela enquanto não lhe chegasse, àquele porto, o resto da mercadoria que esperava.

A sra. Iancofiore ficou ciente quanto a essas circunstâncias; soube que a mercadoria de Salabaetto, transportada dessa vez por ele, valia bem uns dois mil florins de ouro ou talvez muito mais; havia a considerar ainda a mercadoria a cuja espera ele ficara e que deveria valer bem mais do que três mil florins de ouro. Assim, a senhora Iancofiore teve a impressão de que, ao dar o seu primeiro golpe, jogara em muito menos do que poderia obter; imaginou, pois, que seria de bom aviso restituir a Salabaetto os primitivos quinhentos florins de ouro a fim de, posteriormente, conseguir dele muito mais do que os referidos quinhentos, pois projetava abocanhar a maior parte do total de cinco mil florins de ouro que a nova remessa de mercadoria passaria a valer. Mandou, pois, chamar Salabaetto; este, já transformado em homem malicioso, compareceu; ela, então, fingiu nada saber daquilo que ele havia transportado nem daquilo de que estava à espera; recebeu-o com exclamações de prazer, de surpresa e de carinho; e disse-lhe:

— Aí está. Se você se houvesse aborrecido comigo, porque, ao expirar o prazo, eu não lhe devolvi aquele dinheiro...

Salabaetto começou a rir e declarou:

— Senhora, para dizer-lhe a verdade, desagradou-me um pouco sua impontualidade; recorde-se de que eu seria capaz de arrancar o próprio coração do meu peito para lhe dar se estivesse convencido de que isso lhe proporcionaria prazer; mas eu desejo que a senhora ouça até que ponto me encontro aborrecido consigo. É tamanho e de tal ordem o amor que nutro pela senhora que mandei vender a maior parte das minhas propriedades, conseguindo, por isso, trazer para cá tanta mercadoria que o conjunto vale até mais de dois mil florins de ouro; além disso, estou à espera de que me chegue,

do Poente, mais mercadoria ainda, que poderá valer bem mais de três mil florins de ouro. Estou projetando montar, nesta cidade, um armazém e radicar-me aqui para poder ficar perto da senhora; afigura-se-me que eu estou muito mais satisfeito com o seu amor do que qualquer homem enamorado o possa estar do amor da mulher dos seus anseios.

A isso, a mulher disse:

— Olhe cá, Salabaetto: toda decisão que você tomar muito me agradará; pois você é o homem que eu amo mais do que a minha própria vida; gosto muitíssimo de saber que você tenha voltado com o propósito de aqui se radicar, porquanto espero e desejo passar bons quartos de hora em sua companhia. O que eu agora desejo, porém, é lhe pedir desculpas pelo fato de, naqueles tempos em que você se afastou de mim, várias vezes não haver podido entrar na minha casa depois de bater à porta. Algumas vezes, você quis vir e não pôde; outras, você veio e não foi tão bem recebido como estava habituado; além disso, preciso desculpar-me pela circunstância de não lhe haver devolvido o dinheiro emprestado ao cabo do prazo prometido. Você bem sabe que, naquela época, eu me encontrava presa de uma dor enorme; estava subjugada pela aflição; e quem se acha em condições daquela ordem, embora muito ame, não pode apresentar à pessoa amada, sempre, o semblante alegre que seria de desejar; nem consegue prestar-lhe a atenção que gostaria de prestar. Ademais, você deve saber que não é fácil, a uma senhora, obter em empréstimo a soma de mil florins de ouro; todos os dias, dizem-nos mentiras; ninguém cumpre a promessa que nos faz; por isso, nós também temos que mentir para os outros. Foi daqui, e não de qualquer outra circunstância, que nasceu o fato de eu não poder lhe devolver aquele dinheiro. Afinal, porém, obtive aquela soma logo depois de sua partida; se eu soubesse para onde a deveria mandar, fique certo de que a remeteria; visto, porém, que nunca o soube, guardei o dinheiro comigo para lhe devolver quando me encontrasse de novo consigo.

A sra. Iancofiore mandou que lhe trouxessem uma bolsa, dentro da qual estavam os mesmos florins de ouro que ele lhe havia emprestado; pôs-lhe a bolsa nas mãos, dizendo:

— Conte e verifique se aí estão os quinhentos.

Nunca Salabaetto se sentiu tão contente; contou; verificou que ali estavam os seus quinhentos florins de ouro; recolocou tudo dentro da bolsa; e comentou:

— Senhora, bem vejo que a senhora me diz a verdade; mas a senhora fez muito mais do que o seu dever. Afirmo-lhe que, por isso e pelo amor que nutro

para consigo, a senhora nunca deixará de ter, da minha parte, quando se declarar a necessidade, a quantia de que precisar e que esteja ao meu alcance. E, de como estou resolvido a servi-la, poderá ter, quando bem o desejar, a prova que quiser.

Por essa forma, ele, pelo menos quanto às palavras, se reintegrou no amor da sra. Iancofiore; assim, Salabaetto recomeçou a ter relações agradáveis com ela, e ela a fazer-lhe carinhos cada vez mais apaixonados, mais prazerosos e mais embevecedores; era como se ela sentisse, por ele, a maior paixão do mundo.

Salabaetto, porém, pretendia punir, com um engano contra ela, o engano que ela lhe havia imposto. Certo dia, combinou com ela, por meio de um mensageiro, que ela fosse jantar com ele num hotel. Para esse hotel ele se dirigiu tão melancólico e tão acabrunhado que até parecia que estivesse pensando em morrer. Iancofiore abraçou-o e beijou-o; e tratou de lhe perguntar a razão daquela melancolia. E ele, depois de se fazer rogar por longo tempo, explicou:

— Estou arruinado. O barco a cujo bordo viajava a mercadoria de que eu estava à espera foi aprisionado pelos corsários de Mônaco; o resgate foi elevado a dez mil florins de ouro; dessa importância, tenho de pagar mil florins; no momento, porém, não tenho dinheiro algum, porque os quinhentos, que você me devolveu, eu os mandei imediatamente a Nápoles a fim de serem aplicados em outros tecidos que deverão chegar a Palermo. Se, entretanto, eu tentar vender agora a mercadoria que aqui tenho, pouca coisa conseguirei, por não ser esse o melhor tempo para tal negócio; por outro lado, ainda não sou muito conhecido nesta cidade, de modo que não posso procurar quem quer que seja a fim de me auxiliar: por isso, já nem sei o que fazer, menos ainda o que dizer. O pior é que, se eu não mandar logo o dinheiro do resgate, a mercadoria será levada para Mônaco; e, então, nunca mais terei parte alguma dela em meu poder.

A mulher aborreceu-se muito ao ouvir essa notícia; teve a impressão de perder, ela própria, tudo quanto ele dizia estar na iminência de perder; procurou, pois, imaginar o meio de evitar que a mercadoria tomada pelos corsários fosse parar em Mônaco; e disse:

— Deus sabe quanto isso me penaliza, pelo amor que alimento para consigo; mas que é que adianta a gente se aborrecer assim? Se eu tivesse tanto dinheiro, Deus sabe que eu lhe emprestaria sem perda de tempo; mas eu não o tenho. É exato, porém, que há uma pessoa que anteontem me emprestou quinhentos florins, de que eu precisei e que me faltavam; mas esse indivíduo

quer ágio muito pesado; imagine que ele não faz empréstimos a menos de trinta por cento. Se você quiser negociar um empréstimo com essa pessoa, será preciso apresentar muito boa garantia ou bom penhor; de minha parte, estou resolvida a empenhar todas estas roupagens e até mesmo a minha pessoa, contanto que esse indivíduo se decida a emprestar-lhe o que isso puder valer: e fá-lo-ei para servir a você. Todavia, como fará você para arranjar a parte que faltar?

Salabaetto percebeu o motivo que impelia a mulher a prestar-lhe semelhante serviço; adivinhou que deveria ser dela mesma o dinheiro que se daria como obtido em empréstimo; e muito satisfeito se sentiu com isso. Em consequência, agradeceu-lhe, em primeiro lugar, a boa vontade; depois, esclareceu que, visto que a necessidade o constrangia, não hesitava em obter empréstimo, ainda que por usura excessiva; por fim, explicou que passaria a fazer uso da sua mercadoria que se encontrava na aduana, determinando que ela fosse passada ao crédito de quem lhe fizesse o empréstimo correspondente; entretanto, mesmo assim, ele desejava ficar com as chaves dos armazéns, tanto para poder mostrar a mercadoria a qualquer momento que isso lhe fosse solicitado quanto para evitar que alguém nela tocasse, ou a removesse, ou a trocasse por outra. A mulher observou que essa decisão era correta e que aquela mercadoria representava penhor mais do que suficiente. Em consequência, assim que o dia repontou, ela mandou chamar à sua presença um vendeiro em quem depositava muita confiança. Conversou com ele sobre o assunto da penhora da mercadoria registrada na aduana; deu-lhe mil florins de ouro; o vendeiro foi emprestar os mesmos mil florins a Salabaetto e fez com que fossem passadas para o seu nome as mercadorias que o moço florentino possuía na aduana. Feitas as escrituras e as contraescrituras simultâneas, e estando todos de acordo, cada qual foi tratar de seus negócios.

Salabaetto, assim que encontrou a oportunidade, passou para bordo de um pequeno barco, levando mil e quinhentos florins de ouro para Nápoles, ao endereço de Pietro del Canigiano. De Nápoles, escreveu para Florença, aos seus antigos empregadores (que inicialmente o haviam enviado a Palermo com tecidos), apresentando-lhes explicações cabais e convincentes; pagou a Canigiano e a todos os demais seus credores o que ficara devendo; por vários dias, conservou-se em companhia de Canigiano, divertindo-se com a peça que pregara à siciliana, sra. Iancofiore. A seguir, não desejando mais ser mercador, tomou o caminho de Ferrara.

Iancofiore, não encontrando mais Salabaetto em Palermo, primeiro se surpreendeu; depois, começou a suspeitar; afinal, passados dois meses de inútil espera e vendo que ele não reaparecia, mandou que o vendeiro ordenasse a abertura dos armazéns da aduana. Em primeiro lugar, examinaram-se os barris, que se julgavam cheios de óleo; verificou-se que estavam cheios de água do mar; por cima da água, cada barril tinha um pouco de óleo, perto do tampo. Depois, desamarrados os fardos; verificou-se que, afora dois deles, que continham tecidos, todos os outros nada mais encerravam do que estopa; em poucas palavras: de tudo quanto ali havia e que se podia aproveitar, o valor não ia além de uns duzentos florins de ouro. A sra. Iancofiore sentiu-se roubada. Chorou copiosamente os quinhentos florins devolvidos e mais ainda os outros mil florins emprestados; chorando, repetia vezes e vezes seguidas: “Quem com toscano se mete a negociar muita esperteza tem de demonstrar”.

Assim, a mulher, que lá ficou, com o seu prejuízo e a sua burla, acabou encontrando quem sabia tanto ou ainda mais do que ela própria.

DESPEDIDA



Assim que Dioneio concluiu a sua novela, Laurinha percebeu que havia chegado o término de seu reinado, além do qual sua soberania não se poderia prolongar. Ela elogiou muito o conselho dado por Pietro de Canigliano, que, aos seus olhos, se afigurou muito bom; louvou igualmente a sagacidade de Salabaetto, que não foi menor também durante a execução do plano; depois, tirou da própria cabeça a coroa de soberana, colocando-a na cabeça de Emília; e disse, com graça toda feminina:

— Senhora, eu não sei se teremos, consigo, uma boa Rainha; mas bem sei que, de qualquer forma, teremos uma linda Rainha. Faça, pois, que suas obras correspondam à sua beleza.

E tornou a se sentar.

Emília, não tanto por se ver feita Rainha, mas principalmente por se ver tão exaltada em público quanto à própria beleza, que é o de que as mulheres mais se sentem envaidecidas, ruborizou-se um pouco; fez-se, no rosto, como se fazem, ao despontar da aurora, as rosas que apenas desabrocham. Mesmo assim, depois de, por algum tempo, conservar os olhos abaixados e de deixar desaparecer de suas faces aquele rubor, tratou de dar ordens ao mordomo quanto aos assuntos relativos ao conforto dos componentes do grupo; e, a seguir, assim falou:

— Agradáveis mulheres, nós vemos, muito claramente, que, depois de haverem trabalhado boa parte do dia, presos pelo jugo, os bois costumam ser aliviados e soltos para que possam se dirigir livremente aos lugares que mais lhes agradam. Rumam eles então para os bosques, onde são deixados ao léu, na pastagem. Vemos, igualmente, que não são menos belos — ao contrário, são até mais belos — os jardins dotados de várias plantas frondosas do que os

simples bosques, nos quais somente se contemplam carvalhos. Por todas essas coisas, e levando em consideração os muitos dias em que estiveram novelando com a fantasia restringida por determinadas leis, acho o seguinte: é não somente útil mas também oportuno que, esparecendo um pouco por aí, reconquistemos as forças para depois, de novo, entrar sob o jugo. Penso que estamos necessitados de vagar um pouco por aí em fora. Em consequência, não desejo, de forma alguma, restringir, nos limites de qualquer especificação, aquilo que amanhã vocês, prosseguindo no seu agradável novelar, quiserem narrar. Quero que cada qual fale sobre o que mais lhe interessar; acredito firmemente que a variedade dos episódios que se contarem não será menos graciosa e fascinante do que a obediência a uma única norma. Procedendo eu por essa forma, a pessoa que reinará depois de mim poderá verificar o que mais vantagens oferece; em consequência, saberá, com razões mais ponderáveis, se for o caso, voltar ao uso das leis restritivas.

Depois de dizer isso, concedeu liberdade plena a todos até a hora do jantar.

A Rainha felicitou cada um pelas novelas narradas, agindo, pois, com inteligência. Erguendo-se, os membros do grupo se dispersaram; cada qual se entregou ao entretenimento pessoalmente preferido. As mulheres passaram a fazer grinaldas e a brincar; os moços preferiram cantar e jogar. Assim chegaram eles à hora do jantar; ao soar essa hora, todos comeram, com muitas festas e enorme prazer, junto à fonte. Depois do jantar, à maneira do costume, todos se entretiveram cantando, dançando e brincando. Por fim, a Rainha, no propósito de seguir, quanto a isso, o estilo dos que a haviam precedido, ordenou a Pânfilo que cantasse uma canção, não obstante as canções que já haviam sido cantadas por vários participantes do grupo. E Pânfilo, com grande desenvoltura, começou:

*É tanto, Amor, o bem
Que eu por você sinto; é tanta a alegria e tanto o entretenimento,
Que me sinto feliz por arder no seu fogo.
A abundante alegria, que há no meu coração,
Sai fora dele,
Por efeito da imensa e preciosa euforia,
Na qual você me lançou.
No meu semblante claro,*

*Mostra-se este meu estado de encantamento.
Porque, estando apaixonado,
Num lugar tão elevado e recomendável,
Leve me é o estar onde me encontro.*

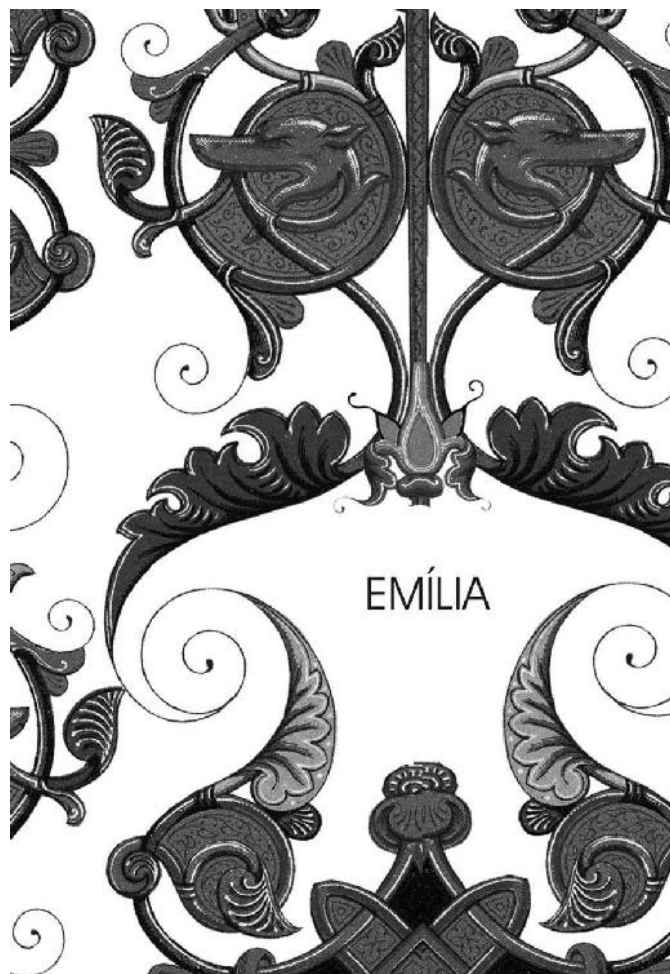
*Eu não sei revelar, através do meu canto,
Nem desenhar, com meus dedos,
Amor, o bem que eu sinto.
Ainda que o soubesse, conviria ocultá-lo;
Porque, se se viesse a saber da existência dele,
Ele se transformaria em tormento.
Encontro-me, porém, tão satisfeito,
Que toda descrição poderá parecer breve e frouxa,
Se não o revelar pelo menos um pouco.*

*Quem poderia prever que estes meus braços,
Um dia conseguissem chegar
Aonde finalmente chegaram!
Quem adivinharia que eu encostaria meu rosto
Onde, afinal, fui encostá-lo,
Pela sua graça, Amor, e para sua salvação!
Não mereceriam crédito
As minhas aventuras. Por isso, inflamo-me todo,
Ocultando aquilo de que me alegre e vibro!*

A canção de Pânfilo chegou ao fim; todos a acompanharam devidamente; mas não houve ninguém que não a acompanhasse com mais solicitude do que talvez fosse oportuna, e que não lhe salientasse cada uma das palavras proferidas, esforçando-se por adivinhar aquilo que ele, o cantor, cantando, dizia ter oculto em seu coração. Embora cada qual imaginasse várias coisas, ninguém, afinal, acertou com a realidade dos fatos. A Rainha, entretanto, assim que viu que a canção de Pânfilo havia chegado ao seu termo e que cada qual gostaria de ir descansar, ordenou aos moços e às moças que fossem dormir.

Termina a oitava jornada de O DECAMERÃO; começa a nona jornada, na qual, sob a soberania de EMÍLIA, cada qual narra; como mais lhe apraz, aquilo que mais lhe agrada.







NONA JORNADA

A luz, de cujo esplendor a noite foge, já havia mudado completamente para a cor celeste, a cor azul-escura do oitavo céu; as pequenas flores, pelos prados, começavam a endireitar-se; e foi então que Emília, levantando-se, mandou que se chamassem também as suas companheiras e os moços. Estes se apresentaram; depois, seguiram os passos lentos da Rainha, rumando para um pequeno bosque não distante do palácio.

Entrando no bosque, viram muitos animais, tais como cabritos, cervos e outros, que os esperavam não diversamente de como os esperariam, se não tivessem medo, ou se fossem domesticados; sentiam-se estes animais como que seguros, pela ausência dos caçadores, devido à pestilência que perdurava. Os membros do grupo se aproximavam ora deste, ora daquele animal, como se os desejassem apanhar; e assim os induziam a todos a correr e a saltar; por esta forma, os moços e as moças durante algum tempo se entretiveram. Como, porém, o sol já se ia erguendo, acharam todos que deveriam regressar ao palácio.

Quando encetaram o caminho da volta, estavam engrinaldados de ramos de carvalho e apresentavam as mãos cheias ora de ervas odoríferas, ora de flores; quem os houvesse encontrado, nada mais seria levado a dizer do que isto: “Ou esta gente não será nunca vencida pela morte, ou, se a morte a matar, a matará em plena alegria.” Assim, pois, caminhando passo a passo, cantando, brincando e gracejando, chegaram todos de volta ao palácio, onde encontraram tudo devidamente disposto; ademais, encontraram os seus serviçais satisfeitos, com o espírito em festa.

No palácio, os membros do grupo repousaram um pouco, mas não foram para as mesas senão depois de serem cantadas, pelas moças e pelos moços, umas seis canções, umas bem mais alegres do que outras. Após as canções, lavaram-se as mãos; a seguir, o mordomo distribuiu os membros do grupo pelas mesas, de acordo com as indicações da Rainha. Serviram-se as viandas, que todos comeram alegremente. Erguendo-se das mesas, passaram a tocar e a dançar; e, com isto, transcorreram algum tempo. A seguir, por determinação da Rainha, quem o quis foi repousar.

Todavia, quando chegou a hora habitual, todos se reuniram no lugar do costume, para o novelar. Então, a Rainha, olhando para Filomena, disse-lhe

que desse princípio às novelas do dia presente. E Filomena, sorrindo, começou por esta forma:

PRIMEIRA NOVELA

A sra. Francisco, amada ao mesmo tempo por um florentino chamado Rinuccio e por outro chamado Alexandre, mas não amando nenhum dos dois, manda que um deles entre, como se fora morto, na sepultura, e que o outro de lá o retire, como se retirasse um morto. Por não poderem eles chegar ao fim determinado, ela, muito cautelosamente, se livra deles.



—enhora: muito me agrada, porque isso é de seu gosto, ser eu a primeira a percorrer este campo aberto e desimpedido do livre novelar, no qual a sua magnificência nos situou. Não duvido que, se eu me conduzir bem, os que virão depois de mim poderão conduzir-se igualmente bem e até melhor. Muitas vezes, oh! viçosas mulheres, já se mostrou, através das nossas narrativas, quantas e quais são as forças do amor; nem por tal motivo, porém, acredito que já se haja falado o bastante; quanto a isto, não se diria o suficiente, ainda que, durante um ano, a contar de agora, não falássemos de outra coisa. O amor não só conduz os amantes ao dever da morte, por várias dúvidas, mas os impele, também, a entrar na casa dos mortos, como se mortos fossem. Por esta circunstância, agrada-me contar-lhes, a este propósito, além das narrativas que já se fizeram, uma novela, através da qual vocês não somente compreenderão a potência do amor, mas também tomarão conhecimento do claro juízo posto em prática por uma senhora que desejava livrar-se de dois homens que, contra o agrado dela, a amavam.

Digo, pois, que, na cidade de Pistoia, viveu outrora uma lindíssima senhora, viúva; esta mulher era profundamente amada por dois florentinos que, por haverem sido exilados de Florença,¹ naquela cidade moravam. Um deles se chamava Rinuccio Palermini; o outro, Alexandre Chiarmontesi. Os dois, por acaso, se haviam deixado prender nas malhas do amor, para com a mencionada viúva; mas nada sabiam um do outro. Cada qual agia, por seu lado, cautelosamente, fazendo o que mais podia, a fim de conquistar o amor daquela senhora.

Esta nobre dama, cujo nome era sra. Francisca dei Lázzari,² se via frequentemente enervada por efeito dos recados e das súplicas que cada um daqueles dois homens lhe mandava. Em relação a eles, ela já havia procedido pouco prudentemente, porquanto chegara, várias vezes, a prestar-lhes ouvidos; todavia, desejando bater em retirada, e não o conseguindo, teve uma ideia, que imaginou que a ajudasse a livrar-se deles. Consistiu a ideia em solicitar-lhes um serviço, que ela admitiu preliminarmente que nenhum deles lhe faria, embora fosse possível fazê-lo; mas resolveu que, se eles não o fizessem, ela passaria a ter uma razão honesta, ou pitoresca, a mais, para não querer ouvir-lhes dali por diante os recados e as súplicas.

A ideia que ela teve foi esta:

No dia em que ela teve esta ideia, morrera, em Pistoia, um homem que, embora os seus antepassados houvessem sido gentis-homens, era reputado como sendo a pior criatura que jamais existira, não somente em Pistoia, mas em todo o mundo. Além disto, fora, em vida, tão mal formado e de rosto tão contorcido que a pessoa que não o houvesse conhecido antes, e o visse pela primeira vez, teria sentido pavor. Este homem havia sido sepulto numa campa, do lado de fora da igreja dos frades menores. A sra. Francisca achou que, em parte, esta circunstância deveria favorecer o plano que se propusera. Em consequência, disse a uma doméstica sua:

— Você sabe do aborrecimento e da tortura que, todos os dias, me causam os recados e as súplicas daqueles dois florentinos que se chamam Rinuccio e Alexandre. Ora: eu não estou disposta a comprazê-los com o meu amor; e, para livrar-me deles, resolvi, de coração, em decorrência das grandes juras que me fazem sempre, exigir-lhes uma prova de afeto, que estou certa de que não me darão; não a dando, eliminarei este aborrecimento da minha vida. Ouça cá o que concebi. Você sabe que, hoje de manhã, foi sepulto, no adro do templo dos frades menores, o Scannadio, de quem, não somente depois de morto, mas também durante a vida, os homens mais corajosos desta terra, vendo-o, tinham pavor. (Scannadio era como se chamava o mau homem falecido, ao qual aqui se faz referência.) Você vai ter, secretamente, primeiro com Alexandre; e diga-lhe isto: “A sra. Francisca manda-lhe dizer que já chegou o tempo em que você pode conseguir o amor da parte dela, amor este que você tanto tem desejado; assim, você poderá deitar-se com ela, onde e quando quiser, sob esta condição. Ela precisa, por algum motivo que depois você saberá, que seja levado, à casa dela, por um seu parente, o cadáver de Scannadio, que foi enterrado esta manhã; ela, porém, que tem, de Scannadio,

agora que está morto, um medo horrível, não deseja que aquele corpo seja levado para lá. Por isto, ela pede-lhe um grande favor; pede-lhe que tenha a bondade de ir, esta noite, à hora do primeiro sono, àquela igreja, a fim de entrar na sepultura em que Scannadio foi posto; ali, você tratará de vestir as roupas do morto e permanecer como se fosse o próprio Scannadio, até que alguém o vá buscar. Você não deve dizer coisa alguma nem fazer qualquer movimento; deixará que o retirem da sepultura e que o carreguem para a casa dela, onde ela o receberá; depois, você se deitará com ela e, quando bem entender, poderá de lá retirar-se, deixando a ela o cuidado de todas as outras coisas”. Se ele disser que deseja fazer isto, muito bem; se, porém, disser que não deseja fazê-lo, comunique-lhe, em meu nome, que não deve aparecer mais em lugar algum em que eu me encontre, e que, ademais, se a própria vida lhe é cara, ele que não me mande mais recados nem mensageiro algum. Depois disto, você vai ter com Rinuccio Palermi, e assim lhe falará: “A sra. Francisca diz que está pronta a fazer tudo o que lhe possa dar prazer, desde que você lhe preste um grande serviço. O serviço é este: esta noite, lá pela meia-noite, você deverá ir à campa em que Scannadio foi sepulto na manhã de hoje; de lá, sem dizer palavra alguma a respeito do que possa então ouvir ou sentir, você lhe retirará o corpo, com toda a suavidade, carregando-o para a casa dela. Ali você saberá por qual motivo ela deseja ter esse cadáver; e então você receberá, dela, o prazer que for de seu maior agrado. Se você não quiser levar a termo este serviço, deixe de lhe mandar, daqui por diante, recado ou mensageiro.”

A doméstica foi ter com os dois homens; e, em boa ordem, apresentou, a cada um, a mensagem da patroa, de acordo com o que lhe fora imposto. Cada qual respondeu que não somente numa sepultura, mas também no inferno, seria capaz de entrar, desde que isso lhe agradasse a ela, sra. Francisca. A doméstica levou as duas respostas à sua dona. E esta se pôs na expectativa, a fim de verificar se os dois eram realmente loucos até ao ponto de levar a cabo o que ela pedira.

Quando, pois, chegou a noite, e soou a hora do primeiro sono, Alexandre Chiarmonesi despiu-se, ficando apenas com as vestes de baixo; saiu de sua casa, para ir colocar-se no lugar de Scannadio, no interior da sepultura. Caminhando, porém, um pensamento repassado de pavor lhe entrou no espírito; e ele começou a dizer, lá com os seus botões: “Arre! que estúpido que sou! Afinal, para onde é que me dirijo? Sei lá eu se os parentes dessa mulher, percebendo, talvez, que eu a amo, ordenam, a ela, que proceda por esta forma, para poderem matar-me naquela sepultura? Se isto acontecesse, eu ficaria com

o dano e suas consequências, mas nada transpareceria, para o mundo, que os prejudicasse. Ou, por outro lado, sei lá eu se algum meu inimigo imaginou esta armadilha, e se ela, talvez amando-o, o queira servir por esta forma?” Pouco depois, todavia, ele raciocinou assim: “Imaginemos, entretanto, que nada disto aconteça, e que, de fato, os seus parentes devam carregar-me para a casa dela. Devo presumir que eles não desejam ter o cadáver de Scannadio simplesmente para o carregar nos braços nem para o entregar aos braços dela; o que se deve admitir é que eles desejam aplicar algum castigo ao corpo morto, talvez a título de vingança por algum desserviço que Scannadio lhes haja prestado. Recomenda-me a sra. Francisca que, seja lá o que for que eu sinta, não faça movimento algum. Mas, então? E se eles quiserem arrancar-me os olhos, ou extirpar-me os dentes, ou decepar-me as mãos, ou praticar qualquer mutilação dessa ordem, sei lá? Como poderei eu manter-me quieto? Se, entretanto, eu falar, ou eles me reconhecerão e, provavelmente, me farão mal; ou eles, mesmo reconhecendo-me, não me farão mal algum; neste caso, contudo, nada terei conseguido, porque eles não me deixarão a sós com a mulher; depois, a mulher dirá que eu violei as cláusulas do nosso trato e não fará, nunca, seja lá o que for que me agrade.”

Raciocinando dessa forma, resolveu voltar para casa. Ainda assim, o grande amor o tornou a impelir para a frente, com argumentos contrários, dotados de tamanha força de convicção que, afinal, ele foi parar junto daquela sepultura. Alexandre abriu a campa. Entrou nela. Despiu o cadáver de Scannadio; vestiu-se com as roupas do morto; tornou a fechar a sepultura, sobre o próprio corpo; e colocou-se no lugar de Scannadio. Então, começou a repassar, pela sua mente, tudo o que Scannadio havia sido em vida; reviveram-se, por si mesmas, as memórias daquilo que ele havia ouvido dizer que costumava acontecer de noite, não só nas sepulturas dos mortos, mas também em outros lugares; todos os cabelos e todos os pelos começaram a arrepiar-se no seu corpo; parecia-lhe que, de um momento para outro, Scannadio iria pôr-se de pé, a fim de, ali mesmo, o enganar.

Todavia, ajudado sempre pelo fervoroso amor, Alexandre acabou vencendo estes pensamentos apavorados e outros pensamentos semelhantes; ali ficou, exatamente como se estivesse morto; e pôs-se à espera daquilo que com ele deveria acontecer.

Rinuccio, por seu lado, assim que se aproximou a meia-noite, saiu de sua casa, com o propósito de levar a termo aquilo que a mulher amada lhe havia ordenado fazer. Caminhando, ficou a pensar muitas e variadas coisas, a respeito

do que seria possível que lhe acontecesse. Pensou, por exemplo, em como seria provável que ele, carregando aos ombros o corpo de Scannadio, fosse parar nas mãos dos gendarmes da senhoria, acabando por ser condenado a morrer na fogueira, por violação de sepultura. Poderia ser, também, se se viesse a saber do fato, que ele atraísse sobre sua cabeça o ódio dos seus próprios parentes. Outras ideias, parecidas a estas, lhe fervilharam no espírito, a ponto de se ver detido por elas. Ainda assim, mudou de decisão, dizendo: “Meu Deus! Será que vou dizer ‘não’ ao primeiro serviço que esta nobre dama solicita de mim, ela, a quem tanto amei e a quem tanto amo? E vou proceder dessa forma precisamente com o serviço que me deverá proporcionar os favores dela? Não. Ainda que eu tivesse a certeza de morrer neste empreendimento, não deixaria de empenhar-me numa tarefa que prometi realizar!”

Indo sempre em frente, Rinuccio chegou à sepultura, cuja tampa ergueu um pouco. Alexandre, que se encontrava no interior da tumba, percebeu que alguém a estava abrindo; embora sentisse um medo enorme, conservou-se quieto. Rinuccio entrou na tumba; julgando agarrar o cadáver de Scannadio, agarrou Alexandre pelos pés, e puxou-o para fora; ergueu-o até aos próprios ombros, e iniciou a caminhada em direção à casa da nobre senhora. Caminhando dessa maneira, e não tomando muito cuidado, Rinuccio bateu, com o corpo de Alexandre, por várias vezes, ora em cantos de esquina, ora em extremidades de bancos que existiam à margem, pelas ruas. A noite estava tão escura e tão impenetrável que Rinuccio mal conseguia discernir por onde ia. Por fim, encontrando-se já à porta da residência da nobre mulher, Rinuccio deteve-se; a sra. Francisca achava-se, por sua vez, à janela, com a sua doméstica, com o propósito de verificar se Rinuccio carregava, de fato, Alexandre; e já estava também armada, preparada para mandar os dois embora.

Nisto, porém, aconteceu que os gendarmes da senhoria se haviam postado naquela rua, conservando-se em perfeito silêncio, porque estavam de atalaia, na expectativa de apanhar um bandido; estes gendarmes, notando o rumor de passos que Rinuccio produzia caminhando, acenderam, de súbito, um lume; queriam, por certo, verificar o que fazer e para onde ir; movimentaram, depois, os paveses e os escudos; e um deles gritou: “Quem vai lá?” Rinuccio reconheceu ser aquele o grito interrogativo dos gendarmes da senhoria; não tendo, entretanto, muito tempo para se entregar a uma deliberação demorada, deixou Alexandre cair ao chão e fugiu correndo com a maior rapidez que as pernas lhe puderam proporcionar.

Alexandre ergueu-se do chão, sem perda de tempo, muito embora estivesse vestido com as roupas do morto, que eram excessivamente longas; mesmo assim, foi embora dali, também correndo.

A mulher, em consequência do lume aceso pelos gendarmes, viu, perfeitamente, que Rinuccio caminhava carregando Alexandre às costas; observou, igualmente, que Alexandre se encontrava vestido com as roupas de Scannadio; e muito se admirou da extremada ousadia dos dois. Mesmo tomada de maravilha em face daquela coragem, muito se riu ao ver Alexandre atirado ao chão, bem como ao vê-lo, pouco depois, em fuga. A sra. Francisca sentiu-se infinitamente satisfeita com este contratempo; louvou a Deus, por tê-la livrado do aborrecimento proporcionado pelos dois referidos florentinos; saiu da janela, fechando-se na casa e dirigindo-se para o seu quarto; afirmou à doméstica que, sem dúvida alguma, os dois homens deveriam amá-la em extremo, uma vez que por ela haviam feito o que fizeram, e que o que haviam feito fora, pelo menos na aparência, e como se tornava evidente, imposto por ela.

Rinuccio, aborrecido e blasfemando contra a sua má sorte, não regressou à sua casa, apesar de tudo isto; assim que os gendarmes se retiraram daquela rua, voltou a ela, ao ponto em que havia deixado cair o corpo de Alexandre (e que pensava ser o de Scannadio); ali, começou a procurá-lo, tateando e cambaleando, a fim de ver se era possível tornar a encontrá-lo; nutria o propósito de completar, de fato, a sua tarefa. Como não encontrou o corpo, presumiu que os gendarmes o houvessem levado; então, extremamente pesaroso, voltou para a própria casa.

Alexandre não sabia mais o que fazer; não conseguira identificar o homem que o havia carregado; lamentou o contratempo que lhe aconteceu; e também rumou para a própria casa.

Na manhã seguinte, a sepultura de Scannadio foi encontrada aberta; dentro dela, não se viu o cadáver do infeliz, porque Alexandre o havia virado e empurrado para um canto, bem ao fundo; em consequência, toda a cidade de Pistoia se encheu de notícias e boatos; os tolos acharam que o corpo deveria ter sido levado pelo Diabo. Não obstante, cada um dos dois apaixonados da sra. Francisca mandou dizer, a ela, o que tinha feito e aquilo que havia acontecido; desculpam-se, os dois, por esta forma, quanto à circunstância de não haverem cumprido à risca as ordens dadas por ela; e cada qual, mesmo assim, lhe pediu as suas graças e o seu amor.

A mulher, porém, fingindo não dar crédito a nenhum dos dois, deu-lhes uma resposta drástica e definitiva; disse-lhes que não queria mais saber deles, porquanto não lhe haviam prestado o serviço que ela solicitara; e, por esta forma, ela se livrou dos dois.

Notas

¹ Tanto os Palermini como os Chiarmontesi foram, de fato, expulsos de Florença, por serem guibelinos. Isto faz admitir que esta novela tenha pelo menos um fundo histórico, ainda que não seja autêntica em seu todo.

² Também a família dos Lázzari teve existência histórica, tendo sido uma das mais nobres de Pistoia.

SEGUNDA NOVELA

Uma abadessa se levanta da cama, às pressas e no escuro, para ir surpreender uma sua monja, que havia sido acusada, em companhia do próprio amante, no leito. Quem estava na cama, com a abadessa, era um padre; e a abadessa, julgando pôr à cabeça o saltério dos véus, pôs as calças daquele padre. Vendo isto, a monja acusada fez com que ela percebesse o engano; assim, a monja foi perdoada e teve a comodidade que quis para ficar com o seu amante.



ilomena já se havia calado; o bom senso da mulher, posto em evidência no ato de se livrar daqueles que ela não queria amar, foi louvado por todos; ao mesmo tempo, e em sentido inverso, foi considerada loucura, não amor, a audaciosa presunção dos dois apaixonados. A essa altura, a Rainha, dirigindo-se graciosamente a Elisa, disse-lhe:

— Elisa, prossiga.

E ela, sem perda de tempo, começou:

— Mulheres caríssimas: muito sabiamente soube a sra. Francisca livrar-se, como se mostrou, do aborrecimento que lhe causavam; contudo, uma jovem monja, com o auxílio da boa sorte, se livrou, com toda a elegância, de um perigo iminente, pondo em prática, apenas, o seu falar. Como vocês bem sabem, são muitos os que, não passando de criaturas estultíssimas, se elevam à categoria de mestres e de castigadores dos outros; essas criaturas, como vocês poderão compreender através da minha novela, são, algumas vezes, ridicularizadas pela sorte — e bem merecidamente o são; foi o que ocorreu com a abadessa, sob cuja autoridade, e, portanto, devendo-lhe obediência, se encontrava a monja da qual vou agora falar.

Vocês devem, pois, ficar sabendo que existe, na Lombardia, um mosteiro famoso por sua santidade e por sua religião; nesse mosteiro, entre outras mulheres que ali viviam, havia uma jovem, de sangue nobre, dotada de maravilhosa beleza, e que se chamava Isabetta; esta jovem recebeu, certo dia, a visita de um seu parente, que, no momento, se fazia acompanhar de um moço

muito bonito; e ela se apaixonou por esse moço; ele, por sua vez, vendo-a e achando-a belíssima, todo se inflamou de desejos, através dos olhos, apaixonando-se igualmente por ela.

Não foi sem sofrimento que os dois sustentaram, durante longo tempo, este amor sem fruto. Por fim, como cada qual se mantinha alerta por seu lado, o jovem entreviu um recurso capaz de o fazer chegar, secretamente, junto da sua monja amada; em consequência, foi ter com ela; e ela, sentindo-se muito satisfeita, foi visitada por ele, não uma, e sim muitas vezes, com prazer enorme para ambos.

Contudo, como os encontros prosseguiram, aconteceu que ele, certa noite, foi visto, por uma das mulheres lá de dentro, quando se dirigia para o quarto de Isabetta, e também quando de lá saía; mas nem ele nem Isabetta deram por isso. A mulher que o viu se comunicou, a tal respeito, com algumas outras, suas companheiras. Estas tiveram, primeiro, a ideia de acusar a monja Isabetta à abadessa, que se chamava sra. Usimbalda, na vida civil, mulher santa e bondosa, de acordo com a opinião das mulheres monjas e de toda gente que a conhecia; depois, entretanto, pensaram que seria melhor fazer com que a abadessa surpreendesse Isabetta em companhia do rapaz, a fim de que o fato não pudesse ser negado. Assim, as mulheres se conservaram caladas e dividiram entre si a tarefa da vigilância e da guarda, com o propósito secreto de observar quando se daria o novo encontro entre a monja prevaricadora e o seu amante.

Ora, como Isabetta não suspeitava coisa alguma nem nada sabia a respeito da descoberta feita pelas suas colegas, combinou, com o moço, a ida deste, à noite, ao mosteiro; disto logo tiveram conhecimento aquelas que vigiavam e montavam guarda. As vigilantes e as guardas esperaram que chegasse uma hora alta da noite; quando lhes pareceu oportuno, dividiram-se em dois grupos; um grupo se pôs de atalaia, ficando à espreita da porta do quarto de Isabetta; outro grupo se dirigiu, correndo, ao dormitório da abadessa; bateu-lhe à porta; e, quando ela respondeu, as componentes desse grupo lhe disseram:

— Depressa, senhora! Levante-se imediatamente, pois nós descobrimos que Isabetta está com um moço em sua cela.

Precisamente naquela noite, a abadessa estava acompanhada de um padre que, com frequência, para lá se fazia conduzir, dentro de uma caixa. A abadessa, ao ouvir esta acusação, recebeu que as monjas delatoras, induzidas pela pressa, ou pelo excesso de zelo, lhe empurrassem tanto a porta, até ao ponto de ela se abrir; por isto, ergueu-se apressadamente e, da melhor maneira possível, se vestiu no escuro; julgando tomar certos véus dobrados, que as monjas trazem

à cabeça, e que denominam “saltério”, ela tomou as calças do padre; e foi tanto o seu afobamento que, em lugar do saltério, pôs aquelas calças à própria cabeça; depois, saiu da cela; fechou, com grande cuidado, a porta, atrás de si, perguntando:

— Onde é que está essa maldita de Deus?

A seguir, em companhia das outras, que se mostravam extraordinariamente ansiosas por fazer com que ela surpreendesse o crime de Isabetta, e que, por isso, nem sequer perceberam o que era que ela mesma trazia à cabeça, chegou à porta do quarto da acusada. Ajudada por todas, a abadessa arrombou aquela porta. Todas entraram na cela; todas encontraram, ainda no leito, os dois amantes, que estavam abraçados; por haverem sido tão inopinadamente surpreendidos, estes dois amantes se sentiram atordoados; não sabiam o que fazer; e, em consequência, se conservaram imóveis. Isabetta foi agarrada, sem mais demora, pelas outras monjas, e, por ordem da abadessa, levada a capítulo. O moço permaneceu na cela; vestiu-se, mas ficou à espera, a fim de verificar que fim aquilo tudo poderia ter; e formou a intenção de fazer passar por um mau momento toda pessoa que se apresentasse aos seus olhos; no seu íntimo, estava exigindo que nada de mau acontecesse à moça que ele amava; seria até capaz de, se algo acontecesse, levá-la dali consigo.

A abadessa, sentando-se em sua poltrona, no capítulo, em presença de todas as monjas, começou a proferir, contra a culpada, as censuras mais pesadas que até então se haviam dirigido a qualquer mulher; considerou-a capaz de contaminar e destruir a boa fama de santidade e de honestidade do mosteiro, desde que, lá fora, se viesse a saber da conduta e dos atos condenáveis pelos quais ela se tornara responsável. Depois das censuras pesadas, a abadessa acrescentou gravíssimas ameaças.

A moça Isabetta, tornada envergonhada e tímida, por ser culpada, nem sequer sabia o que responder; contudo, permanecendo calada, acabou inspirando compaixão às suas companheiras e acusadoras. Visto, porém, que a abadessa exagerou as suas censuras e as suas ameaças, deu-se o caso de Isabetta erguer o rosto, e de ver, então, o que era que a abadessa tinha à cabeça; identificando as tiras dos suspensórios, que pendiam de ambos os lados do rosto dela, a monja acusada convenceu-se daquilo que elas representavam e, inteiramente tranquilizada, disse-lhe:

— Senhora, se Deus a ajudar, trate de fazer o laço à touca; depois, então, poderá dizer-me o que bem entender.

A abadessa, que não conseguiu entender-lhe as expressões, exclamou:

— De que touca está falando, mulher delinquente? Será que você resolveu, agora, gracejar? Será que lhe parece que praticou um ato digno de ser levado a efeito nesta casa?

Então, a moça acusada tornou a dizer:

— Senhora, peço-lhe que dê o nó e faça o laço à touca; depois, poderá censurar-me como bem entender.

À vista desta insistência de Isabetta, as outras monjas também ergueram o rosto, dirigindo os olhares para a cabeça da abadessa; por sua vez, a abadessa levou as mãos à própria cabeça; e todas, ela inclusive, se convenceram de que a superiora do mosteiro havia incorrido na mesma falta grave de que Isabetta era acusada; notando a abadessa que estava sendo vista por todas, nem sequer se preocupou em encobrir as circunstâncias; mudou de tom e de sermão; e, de maneira inteiramente diversa da anterior, prosseguiu no seu falar; ao concluir, esclareceu que se tornava impossível a gente subtrair-se completamente aos estímulos da carne, e defender-se das suas insídias. Por isto, afirmou ela, todas as outras monjas poderiam gozar todos os bons quartos de hora que pudessem proporcionar a si próprias, desde que o fizessem tão cautelosamente como ela, a abadessa, que falava, tinha feito. Absolveu e deu liberdade, pois, à monja acusada; a seguir, a abadessa voltou para a companhia do seu padre, e Isabetta regressou ao aconchego do seu amante. Muitas e muitas vezes Isabetta fez com que o seu amante para ali voltasse, para desfeita daquelas que dela tinham tido inveja. As outras monjas, que não possuíam amante, trataram de conseguir, da melhor maneira que souberam, a própria felicidade.

TERCEIRA NOVELA

Mestre Simão, por insistência de Bruno, Buffalmacco e Nello, induz Calandrino a crer que está grávido. Calandrino dá, aos homens referidos, capões e dinheiro, a fim de que lhes comprem remédios; depois, sara, sem dar à luz.



Depois de Elisa concluir a sua novela, todas as mulheres do grupo deram graças a Deus pelo fato de a jovem monja Isabetta se haver livrado, com uma saída agradável, das garras de suas invejosas companheiras. A seguir, a Rainha ordenou, a Filóstrato, que prosseguisse. E Filóstrato, sem esperar por nova determinação, começou:

— Mulheres lindíssimas: aquele juiz marquesão, de maus costumes, de que ontem lhes falei, me impediu de lhes narrar um episódio de Calandrino, que eu estava na iminência de lhes contar. Visto, entretanto, que tudo quanto se diz de Calandrino não pode fazer mais do que multiplicar a alegria, apesar de se haver falado muito, seja dele, seja dos seus companheiros, ainda assim quero comunicar-lhes a novela que ontem eu tinha em mente, e que na minha mente permaneceu.

Já ficou claramente mostrado, em novelas anteriores, quem era Calandrino, e quem eram também os outros personagens, a propósito dos quais vou falar na presente narrativa; nestas condições, sem mais rodeios, digo-lhes que aconteceu morrer uma tia de Calandrino. A tia deixou-lhe duzentas libras, em pequenas moedas divisionárias. Por tal motivo, Calandrino começou a dizer que desejava comprar um sítio; além disto, abriu conta em todas as mercearias que existiam em Florença, tal como se ele tivesse dez mil florins de ouro para despende; mas todas as negociações se desfaziam, sempre que se chegava a falar do preço pedido pelo sítio que ele queria adquirir. Bruno e Buffalmacco sabiam destas circunstâncias; e muitas vezes o aconselharam, dizendo que ele agiria muito melhor se gozasse aquele dinheiro, na companhia deles, ao invés de andar comprando terra, como se tivesse de fazer bolinhas

com ela; contudo, não só não conseguiam induzir Calandrino a pensar dessa maneira, como também nem sequer chegaram a convencê-lo a pagar-lhes ainda que fosse uma única refeição.

Por esta razão, Bruno e Buffalmacco muito se queixaram, num determinado dia; nessa altura, porém, apareceu um companheiro deles, que se chamava Nello, e que também era pintor; os três, então, deliberaram descobrir a maneira de pôr a mão nos dinheiros de Calandrino; não perderam muito tempo em pensar; logo combinaram entre si o que cada um deveria fazer; e, na manhã seguinte, puseram-se os três à espreita, a fim de pegar Calandrino assim que este saísse de casa; mal havia Calandrino percorrido uma pequena distância, e já o pintor Nello foi ao seu encontro, dizendo-lhe:

— Bom dia, Calandrino!

Calandrino respondeu-lhe desejando que Deus lhe desse um bom-dia e um bom ano. Depois disto, Nello, detendo-se um pouco, passou a fitá-lo em pleno rosto. A isto, Calandrino indagou:

— Que é que você está olhando?

E Nello esclareceu:

— Será que você sentiu alguma coisa esta noite? Em todo caso, você já não me parece o mesmo.

Calandrino começou logo a duvidar; e disse:

— Ai de mim! Que pergunta é essa?! Que é que lhe parece que eu tenho?

Nello explicou:

— Deus meu! Não foi por isso que lhe perguntei; mas a verdade é que você me parece, hoje, inteiramente mudado. Talvez seja outra coisa.

E deixou que Calandrino se afastasse. Calandrino encheu-se de suspeitas, porque não se sentia mal, nem sofria de coisa alguma deste mundo; mas seguiu em frente. Entretanto, Buffalmacco, que se encontrava um pouco mais além, vendo-o afastar-se de Nello, caminhou ao seu encontro; saudou-o; e perguntou-lhe se, por acaso, estava sentindo-se mal. Calandrino respondeu-lhe:

— Não sei de nada. Ainda há pouco, Nello me disse que eu lhe estava parecendo inteiramente mudado. Será, afinal, que eu estou sofrendo de alguma coisa?

Buffalmacco confirmou:

— Sim. Talvez você esteja sofrendo de uma bobagem; e imagina você que isso é pouco? Você se me afigura meio morto!

Calandrino já estava até com a impressão de ter febre. E eis que aparece Bruno; e este, antes de dizer qualquer outra coisa, exclamou:

— Calandrino! Que fisionomia é essa? Até parece que você está morto! Que é que você tem?

Calandrino, depois de ouvir cada um dos três amigos falar por aquela forma, convenceu-se, de modo absoluto, de que realmente deveria estar enfermo e, todo espavorido, perguntou-lhe:

— Que acha você que devo fazer?

Aconselhou Bruno:

— Acho que você deve voltar para a sua casa e ir imediatamente para a cama, mandando que o cubram bem; será conveniente que você mande sua urina ao mestre Simão, que é uma nossa notabilidade, como você sabe. Ele examinará o material. Depois, dir-lhe-á o que você terá de fazer; nós vamos ter consigo; e, se for preciso fazer algo, nós o faremos.

Nello juntou-se ao grupo; e todos, com Calandrino, regressaram à casa dele. Calandrino entrou em seu quarto, inteiramente derreado; e disse, à esposa:

— Venha comigo, e trate de cobrir-me, porque estou sentindo-me muito mal.

Depois de se acomodar na cama, Calandrino mandou, por intermédio de uma doméstica sua, a amostra de sua urina, ao mestre Simão; este médico tinha o seu estabelecimento, naquela época, no Mercado Velho, sob a insígnia do melão.

E Bruno disse aos companheiros:

— Vocês ficam aqui com ele; eu quero ir indagar a opinião do médico; se for preciso, farei com que ele venha até aqui.

Calandrino, então, suplicou:

— Pelo amor de Deus! meu querido companheiro! Vá indagar; depois, queira vir comunicar-me a situação em que me encontro, porque estou sentindo não sei o que, aqui dentro.

Bruno rumou para a casa do mestre Simão, ali aparecendo antes da chegada da criadinha que saía levando a amostra da urina; assim, pôde combinar tudo com o mestre Simão. Quando a criadinha chegou, o mestre examinou a urina e disse à moça:

— Vá para casa; diga a Calandrino que ele deve conservar-se bem aquecido; eu irei ter com ele sem perda de tempo; então, direi, a ele próprio, o que é que ele tem, e o que é que deve fazer.

A criadinha regressou à casa e transmitiu o recado a Calandrino. Pouco tempo depois, chegaram o mestre Simão e Bruno. O médico sentou-se à beira

da cama; tratou de tomar o pulso do enfermo; após algum tempo, pediu a presença da esposa de Calandrino, e disse:

— Olhe cá, Calandrino: para lhe falar como se fala a amigo, devo dizer-lhe que você não tem outra coisa que não seja simplesmente gravidez.

Calandrino, assim que ouviu esta declaração, começou a gritar dolorosamente, dizendo:

— Ai de mim! Tessa! Foi você que me fez isto, por não querer estar a não ser por cima de mim! Bem que eu lhe dizia!

A mulher, que era pessoa muito honesta, ruborizou-se toda de vergonha, ao ouvir o marido falar por essa forma; abaixou a fronte; não disse palavra; e saiu do quarto. Calandrino, prosseguindo nos seus queixumes, clamava:

— Meu Deus! infeliz de mim! Que é que devo fazer agora? Como poderei eu dar à luz este filho? Por onde poderá ele sair? Bem estou eu vendo que me encontro morto de raiva desta minha esposa! Que Deus a torne tão desgraçada como eu desejo ser feliz; se eu me sentisse em bom estado de saúde, coisa em que não me sinto, eu sairia desta cama e iria aplicar-lhe uma boa surra, a ponto de lhe quebrar o corpo todo; enfim, muito bem feito é isto para mim, porque eu nunca a obrigava a sair de cima; entretanto, não há dúvida de que, se me livro desta, bem que ela morrerá de vontade, se não quiser mudar de modo.

Bruno, Buffalmacco e Nello tinham tamanha vontade de rir, que quase explodiam, ao ouvir as palavras de Calandrino; mesmo assim, conseguiam conter-se. Todavia, o mestre Simão (que mais era um símio grande do que Simão), ria largamente, abrindo a boca por tal maneira, que teria sido fácil extirpar-lhe todos os dentes. Apesar disto, com o correr dos minutos, Calandrino acabou suplicando o médico, para que este lhe desse alguns conselhos e bastante auxílio; então, o mestre disse:

— Calandrino, não quero que você se apavore, porque, louvado seja Deus, nós logo percebemos o fato; dentro de alguns dias, e com pouco trabalho, eu o farei dar à luz, mas será indispensável gastar alguma coisa.

Calandrino apressou-se a exclamar:

— Meu Deus! mestre Simão! Sim. Seja pelo amor de Deus! Eu tenho, aqui, duzentas liras, com as quais desejava adquirir um sitiozinho; se forem indispensáveis todas elas, leve-as todas, contanto que eu não tenha de dar à luz! De resto, nem sei como daria. Ouço dizer que as mulheres, quando estão para dar à luz, fazem uma barulheira infernal, muito embora elas tenham por onde

fazer isso; por isto, creio que, se eu vier a sofrer uma dor dessa ordem, morrerei antes de dar à luz.

O médico acalmou-o:

— Não se preocupe. Vou preparar-lhe uma determinada beberagem destilada, muito boa e muito gostosa de beber; esta bebida resolverá, em três manhãs, o seu caso; depois, você se sentirá mais sadio do que um peixe. Todavia, será necessário que você, depois, se porte com mais prudência, a fim de não se embaraçar mais nestas tolices. Agora, para que eu prepare a referida água, é preciso que você me dê três pares de bons capões, dos grandes; para as outras coisas que serão necessárias, à margem disso, você dará, a um destes seus companheiros, umas cinco libras, trocadas, para que as compre; e mandará que tudo me seja levado ao estabelecimento; eu, em nome de Deus, lhe mandarei, amanhã cedo, aquela beberagem destilada; e você começará a bebê-la, na razão de um copo grande de cada vez.

Ao ouvir isto, Calandrino resignou-se:

— Mestre meu! Deixo tudo em suas mãos!

Calandrino deu as cinco libras a Bruno, além do dinheiro para o pagamento de três pares de bons capões; e pediu-lhe que, por favor, se empenhasse em fazer bem estas coisas, muito embora tivesse de enfrentar durezas. O médico retirou-se. Em chegando à sua botica, mandou que se preparasse um pouco de água açucarada e aromatizada; e remeteu o frasco à casa de Calandrino. Bruno comprou os capões e todas as outras coisas necessárias ao prazer do paladar; e, juntamente com o médico e com os outros seus companheiros, comeu-os. Calandrino passou a beber, todas as manhãs, aquela água açucarada. Um dia, o médico visitou-o, juntamente com os outros companheiros; e, tomando-lhe o pulso, disse-lhe:

— Calandrino, você está curado, sem dúvida alguma; você pode, com toda a segurança, já agora, ir tratar dos seus negócios; pelo seu mal, que já passou, não é preciso mais que fique em casa.

Calandrino, feliz, ergueu-se da cama; foi tratar dos seus assuntos; fosse onde fosse que se encontrasse com alguém, e desde que com esse alguém entabulasse conversação, louvava extraordinariamente a bela cura a que o mestre Simão havia procedido em sua pessoa; e esclarecia que o havia curado em três dias, induzindo-o a desengravidar-se sem sofrer a menor dor.

Bruno, Buffalmacco e Nello sentiram-se satisfeitos por haverem sabido, com bastante engenho, escarnecer da avareza de Calandrino, muito embora a

sra. Tessa, percebendo a tramoia, resmungasse com insistência, junto ao marido, a tal respeito.

QUARTA NOVELA

Cecco do sr. Fortarrigo joga, em Buonconvento, todas as suas coisas, mais o dinheiro de Cecco do sr. Angiulieri; em camisa, corre atrás dele, gritando que ele o havia roubado; e faz com que ele seja preso por trabalhadores do campo; afinal, veste as roupas dele, monta no palafrém e, retirando-se, deixa-o em camisa.



om enormes risadas, da parte de todos os componentes do grupo, é que foram ouvidas as palavras que se disse que foram proferidas por Calandrino, a respeito de sua esposa. Contudo, assim que Filóstrato se calou, Neifile, como quis a Rainha, deu início à sua narrativa.

— Nobres mulheres, é muito menos cômodo e menos fácil, aos homens, mostrar, aos outros, o juízo e a virtude deles mesmos, do que a sua própria estupidez e os seus próprios vícios; se assim não fosse, inutilmente se esforçariam, muitos deles, no sentido de pôr freio às suas palavras. Esta verdade lhes foi bem demonstrada através da estultícia de Calandrino; nenhuma necessidade tinha ele de referir, em público, os prazeres secretos de sua mulher; mesmo sem isso, poderia perfeitamente curar-se do mal de que a sua simplicidade o fazia crer que estava sofrendo. Este comportamento de Calandrino me trouxe à memória um episódio a ele contrário, isto é, um episódio em que a malícia de um homem sobrepujou o bom senso de outro, com grave dano e sério embaraço do sobrepujado; e agrada-me contar-lhes como ocorreu.

Existiram, em Siena, já não sei a quantos anos passados, dois homem bem maduros quanto à idade; os dois se chamavam Cecco; mas um era do sr. Angiulieri, e o outro do sr. Fortarrigo; é verdade que os dois não se davam muito bem, em várias questões de costumes; num ponto, entretanto — isto é, no ódio que nutriam para com os respectivos pais — eles passaram a ir tão de acordo, ao ponto de por isso se fazerem amigos e de, em consequência, muitas vezes se reunirem. Cecco do senhor de Angiulieri, porém, que era homem bem

apessoado e de bons costumes, achava que não podia morar condignamente em Siena, com a mesada que seu pai lhe proporcionava; um dia, ficou sabendo que, na Marca de Ancona,¹ se encontrava, na qualidade de legado do papa, um cardeal que era grande senhor; por isto, dispôs-se a ir ter com ele, na crença de que assim conseguiria melhorar as suas condições. Cecco deu conhecimento desta resolução ao próprio pai e combinou com ele que poderia receber, numa determinada hora, tudo quanto lhe deveria ser dado, normalmente, em seis meses; e isto porque, desta maneira, ele conseguiria adquirir um palafrém e andar decorosamente vestido.

Depois, Cecco do sr. Angiulieri saiu à procura de um homem que ele pudesse levar consigo, a seu serviço. Esta circunstância chegou ao conhecimento do senhor Fortarrigo, que se apresentou ao seu homônimo do sr. Angiulieri; então, começou, da melhor maneira que soube, a suplicá-lo para que o levasse consigo; desejava servi-lo na qualidade de infante, de fâmulos e de tudo o mais; além disto, não pretendia salário algum, afora as despesas comuns do seu viver. Angiulieri respondeu que não queria levá-lo consigo, não por deixar de lhe reconhecer a capacidade para a prestação de todos os serviços, mas tão somente porque Fortarrigo jogava muito; ademais, também se embriagava de quando em quando. A estas objeções, Fortarrigo obtemperou, prometendo deixar tanto de jogar como de beber; e afirmou isto apoiando-se em muitos sacramentos. Acrescentou tantas súplicas, que Angiulieri, como que vencido, declarou que estava de acordo.

Certa manhã, os dois se puseram a caminho, indo fazer sua refeição em Buonconvento. Ali, Angiulieri, depois de haver almoçado, sentiu que o calor era muito intenso, e ordenou que lhe fosse preparado um leito, no hotel. Despiu-se, ajudado, nisto, por Fortarrigo; e foi dormir; recomendou, ao fâmulos, que, quando soasse a hora nona, o chamasse.

Enquanto Angiulieri dormia, Fortarrigo tomou o caminho de uma taberna, onde, após beber bastante, começou a jogar com alguns parceiros que ali havia; os mencionados parceiros ganharam-lhe, numas poucas horas, todo o dinheiro que ele tinha consigo; da mesma forma, ganharam-lhe todas as roupas que na hora vestia. Em consequência, Fortarrigo, ansioso de desforra e de recuperação do perdido, foi, mesmo em camisa como se encontrava, para o quarto em que Angiulieri estava; vendo que este dormia profundamente, retirou-lhe, da bolsa, todo o dinheiro que possuía; voltou à mesa do jogo; e perdeu tudo de novo, como tudo havia perdido anteriormente.

Angiulieri, acordando, levantou-se da cama e vestiu-se; perguntou por Fortarrigo; ninguém sabia onde este se achava; e Angiulieri, então, supôs que ele estivesse dormindo, bêbado, em algum lugar, como havia sido seu costume fazer em outras ocasiões. Em consequência, Angiulieri deliberou deixar o fâmulos em paz e abandoná-lo; mandou, pois, que lhe selassem o cavalo; tinha o propósito de conseguir outro fâmulos em Corsignano; antes, porém, desejou pagar o locandeiro; e, indo para retirar o dinheiro, não mais o encontrou na bolsa. Angiulieri provocou, por isto, uma barulheira enorme; pôs em rebuliço a locanda inteira; afirmou que, lá dentro, naquela casa, ele, hóspede, fora roubado; e ameaçou fazer com que todos os que lá se encontravam fossem conduzidos, presos, para Siena.

Nessa altura, entretanto, eis que apareceu Cecco do sr. Fortarrigo, que corria para a locanda, com o propósito de tomar também as roupas de Cecco do sr. Angiulieri, exatamente como havia feito com o seu dinheiro; ao ver Angiulieri na iminência de montar a cavalo, Fortarrigo exclamou, indagando:

— Mas o que é isto, Angiulieri? Será que temos de partir agora? Pelo amor de Deus, espere! Espere um pouco. Dentro de pouco tempo deve chegar a este lugar um homem que levou a minha roupa, tomando-a em penhor por 38 dinheiros; estou certo de que ele o devolverá por 35, se lhe pagarmos à vista.

Ainda durante esta conversa, apareceu um indivíduo que assegurou, a Angiulieri, ter sido Fortarrigo o homem que lhe havia tomado o dinheiro; para prova, mostrou-lhe a quantidade de dinheiro que Fortarrigo tinha perdido a seu favor. À vista disto, Angiulieri, extremamente perturbado, dirigiu, a Fortarrigo, uma série de impropérios, afirmando-lhe, ademais, que se não temesse a Deus, mais do que a todos os homens, o mataria; depois, ameaçando fazer com que Fortarrigo fosse esganado, ou recebesse condenação para morrer nas forcas de Siena, montou a cavalo. Fortarrigo, como se Angiulieri estivesse falando, não a ele, e sim a outra pessoa, prosseguiu:

— Olhe cá, Angiulieri! Deixemos, em boa hora, este palavreado que a nada conduz; tratemos de nos entender quanto a isto: nós poderemos reaver a roupa, por 35 dinheiros, desde que lhe paguemos agora; se demormos até amanhã, ele exigirá 38, como me emprestou, e não menos; então, faça-me você este favor, porque ele me concede o desconto de três dinheiros, apenas devido à circunstância de eu haver perdido o dinheiro por jogar de acordo com a indicação dele. Mas por qual razão não devemos nós tirar proveito deste desconto?

Angiulieri, ao ouvi-lo falar por esta forma, ficou desesperado; maior ainda se faria o seu desespero por ver que estava sendo olhado por toda a gente ao seu redor; percebia que aquela gente dava mostras de acreditar não que Fortarrigo houvesse jogado o dinheiro de Angiulieri, e sim que era Angiulieri que estivesse devendo dinheiro ao Fortarrigo; mesmo assim, Angiulieri dizia:

— Que é que eu tenho que ver com as suas roupas? Seja você enforcado. Porque não somente você me roubou, e jogou o dinheiro roubado, mas também embarçou a minha viagem; mesmo assim, parece que você quer zombar de mim.

Fortarrigo conservava-se firme, como se as palavras não fossem ditas para ele; e continuou:

— Mas afinal, por qual razão não quer você que eu ganhe esses três dinheiros do desconto? Pois então você não acredita que eu os possa ainda devolver a você? Pelo amor de Deus! Faça-me este favor, se você se interessa pelo menos um pouco por mim! Por que é que você tem tanta pressa de ir-se? Nós bem que chegaremos ainda esta noite a Torrenieri. Vamos! Procure a bolsa! Fique sabendo que eu poderia procurar por toda a cidade de Siena, e ainda assim não encontrar uma roupa que me ficasse tão bem como esta; e dizer que você quer que eu a entregue por 38 dinheiros! Pois vale quarenta, ou ainda mais! Assim, por esta forma, você me prejudicaria de duas maneiras.

Angiulieri sentia-se ferido por uma dor muito grande, pois tinha sido roubado por aquele fâmulos, e, não obstante, era o fâmulos que parecia estar levando vantagem na discussão. Não respondeu mais. Virou a cabeça do palafrém e retomou o caminho na direção de Torrenieri.

Fortarrigo, ao ver isto, como que se sentiu inspirado por uma certa malícia sutil; assim mesmo, em camisa como se encontrava, começou a correr, a pé, atrás de Angiulieri, que ia a cavalo; os dois percorreram, por esta maneira, a distância de umas duas milhas, ou cerca de três quilômetros; Fortarrigo ainda continuava suplicando auxílio para recuperar a roupa perdida no jogo, e Angiulieri forçava a marcha do cavalo, a fim de livrar os próprios ouvidos daquela manhosa lenga-lenga de pedinchão; a essa altura, porém, Fortarrigo avistou alguns trabalhadores que labutavam num campo próximo à estrada, adiante de Angiulieri; dirigiu-se, então, a eles; e, gritando com todas as forças, começou a dizer:

— Peguem-no! Prendam-no!

Os trabalhadores, uns munidos de enxadas, outros de sachas, postaram-se lá adiante, na estrada, em frente a Angiulieri, convencidos que estavam de que

ele, Angiulieri, houvesse roubado o infeliz que lhe corria atrás em camisa, a gritar; detiveram e prenderam Angiulieri; e nada adiantou o esforço de Angiulieri, no sentido de lhes explicar quem era e como o caso havia acontecido. Então, Fortarrigo, juntando-se aos trabalhadores, fez cara de mau, e disse, dirigindo-se a Angiulieri:

— Nem sei como não o mato, ladrão desleal, que ia fugindo com o que é meu!

Depois, voltando-se para os trabalhadores, explicou:

— Olhem cá, meus senhores, como este indivíduo me havia deixado, na locanda, sem roupas, depois de haver jogado tudo quanto eu possuía! Bem posso dizer que foi graças a Deus e aos senhores que consegui pelo menos recuperar esta roupa; e, por isto, eu lhes serei eternamente grato.

Também Angiulieri procurava explicar o caso, dizendo a mesma coisa, mas ninguém lhe dava crédito às palavras.

Fortarrigo, com o auxílio dos aldeões, obrigou Angiulieri a apear do cavalo; despiu-o ali mesmo; vestiu-se com as roupas dele; montou no palafrém; deixou Angiulieri, em camisa e descalço; e regressou sozinho para a cidade de Siena; pelo caminho, ia dizendo, a toda gente, que havia ganho, ao jogo, de Angiulieri, o palafrém e as roupas.

Angiulieri, que tivera a intenção de apresentar-se ricamente ao cardeal da Marca, voltou, pobre e em camisa, a Buonconvento; era tamanha a vergonha que sentia que, por aqueles tempos, nem teve ânimo de regressar a Siena. Houve quem lhe emprestasse umas roupas; assim vestido, Angiulieri montou no rocinante que fora antes montado por Fortarrigo e viajou para junto de uns seus parentes, em Corsignano, onde permaneceu até ser socorrido pelo próprio pai.

Por esta forma, a astuta malícia de Fortarrigo perturbou a marcha dos bons planos de Angiulieri, muito embora esta sua ação não haja sido deixada por Angiulieri sem punição, no devido tempo e no devido lugar.

Nota

¹ De início, “marca” foi um termo geográfico dos alemães, que designava os limites de qualquer região; depois, passou a designar as terras conquistadas pelo Império germânico às suas nações vizinhas; por fim, acabou sendo a denominação geral que se deu a toda região de fronteira que fosse limítrofe do Império franco, de Carlos Magno. Houve muitas Marcas, como a Marca do Norte, que deu existência à Prússia; ou a Marca de Espanha, que foi província do império de Carlos Magno, e que compreendia as regiões situadas entre os montes Pirineus e o rio Ebro. Na Itália, houve a Pentápolis, formada por cinco “marcas” que foram a Marca de Ancona, a Marca de Ascoli, a Marca de Macerata, a Marca de Pesare e a Marca de Urbino. Hoje, existe toda uma região, ou compartimento, da Itália, que se denomina “Le Marche” (As Marcas), cujos habitantes se dizem “marquesãos”.

QUINTA NOVELA

Calandrino enamora-se de uma jovem; Bruno prepara, para uso de Calandrino, um breve, ou sortilégio, com o qual, assim que ele a toca, ela se entrega a ele. Calandrino é descoberto pela sua esposa e tem com ela uma questão muito grave e desagradável.



concluída a breve novela de Neifile, o grupo passou adiante sem muito rir nem falar a seu respeito; e a Rainha, dirigindo-se a Fiammetta, ordenou-lhe que prosseguisse; Fiammetta, muito satisfeita, respondeu que o faria com prazer; e começou:

— Mulheres gentilíssimas, como penso que vocês sabem, nunca se fala tanto de uma coisa, sem que essa coisa deixe sempre de agradar, desde que a pessoa, que a respeito dela fale, saiba escolher devidamente o tempo e o lugar que para tal fim se requer. Por isto — quando considero o motivo pelo qual nos encontramos aqui — quando recordo que aqui estamos para nos divertirmos e para passarmos agradavelmente o tempo, e não para outra coisa — acho que tudo quanto possa proporcionar prazer e alegria encontra, aqui, o devido lugar e o devido tempo. Seja qual for o assunto, ainda que dele já se haja mil vezes feito uso, nada mais do que deleite ele deve proporcionar, se em torno dele se fizerem outras tantas narrativas. Em face disto, posto que numerosas vezes se haja falado dos episódios ocorridos com Calandrino, ousarei contar-lhes, além das que já foram ditas, outra novela; olho para Filóstrato, e recordo-me de que ele, ainda há pouco, disse que os referidos episódios são todos divertidos. Se eu houvesse querido, ou ainda quisesse, afastar-me da verdade dos fatos, teria sabido, ou saberia, compô-la e contá-la, dando outros nomes aos personagens. Visto, porém, que o afastar-se a gente da realidade das coisas que aconteceram, quando as narra, corresponde a diminuir grandemente o encanto dos ouvintes, eu lhes direi a mencionada novela na devida forma, ajudada pela razão acima referida.

Niccolò Cornacchini foi nosso cidadão e rico homem. Entre outras suas propriedades, figurava uma que se situava em Camerata. Nela, ele mandara

erigir uma bela e esplêndida mansão. E contratou Bruno e Buffalmacco para que a pintassem toda, de ponta a ponta. Como, entretanto, o serviço era muito grande, os dois pintores admitiram como seus auxiliares Nello e Calandrino e começaram a trabalhar.

Naquela mansão, havia alguns quartos mobiliados com leito, e munidos de tudo o mais que se tornasse oportuno; ali morava, ademais, uma velha doméstica, que fazia as funções de guardiã do lugar, porque não existiam outros serviçais. Para ali se dirigia, com frequência, um filho do referido Niccolò, que tinha o nome de Filipe; sendo moço e sem esposa, costumava ele, por vezes, levar para ali uma mulher, para seu deleite, e conservá-la em sua companhia durante um dia ou dois; depois, mandava-a embora.

Ora: entre as muitas outras vezes, houve uma em que ele levou certa jovem que se chamava Niccolosa. Era mulher que um desavergonhado, que se chamava Mangione, tinha à sua disposição, em uma casa de Camaldoli, e que a emprestava sob condições. Niccolosa era dotada de belo corpo, e andava sempre bem vestida; em confronto com as suas pares, mostrava-se muito bem educada, e falava com muita correção.

Uma tarde, ela saiu do quarto envolta num penteador branco, com os cabelos enrolados à volta da cabeça, e rumou para um poço que havia no pátio da mansão, com o propósito de lavar as mãos e o rosto. Aconteceu que Calandrino ali fora, em busca de água, e, com toda a cortesia, saudou a moça. Ela respondeu, e começou a examiná-lo, mais porque Calandrino lhe pareceu ser um homem novo e desengonçado a serviço da casa, do que por qualquer outra circunstância. Calandrino começou a contemplá-la, então, e a achou muito bonita; por isto, tratou de descobrir algo para fazer ali mesmo, nas proximidades do poço; e, assim, não voltou para junto de seus companheiros de trabalho, com a água que fora buscar. Todavia, não conhecendo a mulher, não ousou dizer-lhe palavra.

Ela, que bem percebeu a contemplação do moço, teve o desejo de o estimular, talvez para rir-se dele depois; e também se decidiu a olhar para ele, de quando em quando; e aproveitava os momentos das olhadelas para emitir alguns breves suspiros. Por esta razão, Calandrino logo se enamorou dela; e não saiu do pátio enquanto Niccolosa não foi chamada de regresso ao quarto, pelo seu amante, Filipe.

Calandrino voltou ao trabalho; mas não fazia mais do que assoprar. Bruno percebeu este fato, porque se mantinha alerta, observando tudo quanto

Calandrino fazia com as mãos; assim, como que interessado nos assuntos da vida dele, de que obtinha grande divertimento, disse-lhe:

— Que diabo tem você, sócio Calandrino? Parece que você nada mais faz do que assoprar.

A isto, Calandrino raciocinou:

— Companheiro: se eu tivesse quem me ajudasse, estaria muito bem.

— Como? — indagou Bruno.

Calandrino explicou:

— É preciso que não se diga nada a quem quer que seja. Existe uma jovem, aqui embaixo, que é mais linda do que uma fada; ela está tão apaixonada por mim que, se você visse, lhe pareceria um acontecimento extraordinário; eu percebi a paixão dela agora há pouco, quando fui buscar água.

— Meu Deus! — exclamou Bruno. — Tome cuidado! Que não seja ela a mulher de Filipe.

Calandrino esclareceu:

— Creio que sim, porquanto ele a chamou, e ela foi ter de novo com ele, no quarto. Mas o que é que isso quer dizer? Eu enganaria até Cristo, em se tratando de tais coisas, quanto mais Filipe! Bem. Vou dizer-lhe a verdade, caro sócio: eu gosto tanto dela que não conseguiria dizer-lhe quanto.

Bruno, então, disse:

— Sócio, eu vou verificar quem ela é. Se ela for a mulher de Filipe, arrumarei as coisas para você, com duas palavras, porque ela é muito minha conhecida. Como faremos, porém, para que Buffalmacco não saiba do caso? Não consigo nunca dizer coisa alguma, sem que ele se aproxime imediatamente de mim.

Calandrino especificou:

— Quanto a Buffalmacco, pouco me incomoda; é mais importante usar de cautela com Nello, por ser parente de Tessa, minha esposa; ele seria capaz de pôr tudo a perder.

Bruno concordou:

— Você diz bem.

Ora, Bruno sabia quem era aquela mulher, pois a tinha visto quando ela chegara à mansão; de resto, também Filipe lhe havia dado informações sobre a moça. Assim, num momento em que Calandrino se afastou do serviço, indo de novo ao pátio para contemplar Niccolosa, Bruno contou tudo, ponto por ponto, a Nello e a Buffalmacco; depois, os três, em voz baixa, combinaram

aquilo que deveriam fazer com o namoro de Calandrino. Quando Calandrino voltou ao trabalho, Bruno disse-lhe, com calma e voz amiga:

— Conseguiu vê-la?

Calandrino respondeu:

— Ai de mim! Sim. Ela me mata!

Bruno observou:

— Eu vou verificar se essa é a mesma mulher que penso que seja; se for, você poderá deixar o caso entregue a mim.

Bruno desceu; encontrou-se com Filipe e com a moça; referiu-lhes, em boa ordem, quem era Calandrino, e o que Calandrino havia dito deles; depois, combinou, com eles, o que cada qual deveria fazer e dizer, a fim de todos se divertirem à vontade com o enamoramento de Calandrino. A seguir, Bruno voltou para junto de Calandrino, para lhe dizer:

— A mulher é mesmo aquela que eu pensava que fosse. Por isto, é preciso que façamos as coisas com a máxima prudência, porque, se Filipe vier a perceber, nem toda a água do rio Arno nos lavará. Entretanto, que é que você deseja que eu diga àquela mulher, de sua parte, se se der o caso de eu falar com ela?

Calandrino respondeu:

— Droga! Você lhe dirá, em primeiro lugar, que eu desejo possuí-la por inteiro mil vezes; acrescentará, depois, que eu me prontifico a servi-la no que ela desejar; ela que diga o que deseja, ou se precisa de algo. Entendeu bem?

Bruno tranquilizou-o:

— Entendi, sim. Deixe o caso entregue a mim.

Quando soou a hora do jantar, os pintores suspenderam o trabalho e desceram ao pátio; ali já se encontravam Filipe e Niccolosa; e todos se colocaram como que a serviço de Calandrino. Este, então, começou a olhar para a moça, e a praticar os atos mais inesperados do mundo; os atos eram tantos e de tal ordem, que até um cego, através deles, notaria a presença do pintor. A moça, por seu lado, fazia o possível, com o propósito de o estimular, de acordo com a combinação tratada com Bruno; assim, divertiu-se a valer, contemplando os modos de Calandrino; Filipe, com Buffalmacco e com os outros, fingia estar conversando e não perceber coisa alguma do jogo entre Calandrino e Niccolosa. Contudo, depois de algum tempo, todos de lá se retiraram, para grande desgosto de Calandrino.

Rumando para Florença, Bruno animou Calandrino:

— Digo-lhe, com toda sinceridade, que você a faz derreter-se como gelo ao sol.

Pelo corpo de Deus! Se você trouxer a sua rabeca, e cantar um pouco para que ela o ouça, numa daquelas suas canções sentimentais, você fará, com que ela se jogue da janela ao chão, para vir ter consigo.

Disse Calandrino:

— Acha você, sócio, que é assim? Crê que devo trazer a rabeca?

— Sim — respondeu Bruno.

Ao que Calandrino observou:

— Você não estava acreditando em mim hoje quando eu lhe disse o que se passava. Não há dúvida, sócio: percebo que, mais e melhor do que qualquer outro homem, posso fazer o que desejo. Quem, mais do que eu, teria sabido fazer enamorar-se tão depressa uma mulher daquela categoria? Não me diga que o saberiam fazer, em boa hora, esses moços paparrotões e papa-moscas, que vão o dia todo para baixo e para cima, e que nem em mil anos são capazes de abocanhar três punhados de nozes! Agora, o que desejo é que você me veja um pouco com a rabeca; você verá, então, que lindo jogo! E note, ademais, que não sou tão velho como pareço; bem que ela o notou; mas eu farei com que ela tome conhecimento disso por outra forma, se chego a pôr-lhe as mãos no corpo. Pelo verdadeiro corpo de Deus! Procederei de tal maneira, que ela correrá atrás de mim como uma louca atrás do filho.

— Oh! — exclamou Bruno —, não há dúvida que você a terá. Até me parece que já estou vendo você morder-lhe, com esses seus dentes em forma de cavilha, aquela linda boca vermelha e aquelas faces que parecem duas rosas, para depois cobri-la, por inteiro, de beijos.

Calandrino, ao ouvir isto, tinha a impressão de já estar vivendo o que elas diziam; de tão contente que se sentia, ia cantando e pulando pelas ruas; nem cabia mais na sua própria pele.

No dia seguinte, levou para lá a rabeca; para enorme deleite do pessoal todo, cantou várias canções, acompanhando-se a si mesmo. Dentro de pouco tempo, passou a fazer tantas pausas, a fim de contemplar frequentemente aquela mulher, que já não produzia mais coisa alguma ao trabalho; ia mil vezes por dia, ora à janela, ora à porta e ora aos pátios da mansão, sempre na ânsia de a ver. E a mulher, astutamente, de acordo com as instruções de Bruno, proporcionava-lhe motivos para isso.

Bruno, de outra banda, respondia-lhe aos recados; por vezes, transmitia-lhe uma ou outra palavra da parte da mulher; quando Niccolosa não estava —

que era o que com mais frequência acontecia —, Bruno fazia chegar, às mãos de Calandrino, cartas que se diziam remetidas por ela, nas quais se lhe davam grandes esperanças quanto à satisfação dos seus desejos amorosos; dizia-se, nas cartas, que ela se encontrava em casa de parentes, onde ele, Calandrino, não podia, de modo algum, ir vê-la.

Por esta forma, Bruno e Buffalmacco, que conduziam as coisas com muita segurança, auferiam, do que acontecia com Calandrino, o maior divertimento possível. Por vezes, induziam-no a dar, à mulher, como se fora por sugestão dela mesma, ora um pente de marfim, ora uma bolsa, ora um canivetinho, e ora qualquer outra coisa de igual espécie. Em compensação, os dois pintores davam, a Calandrino, como se fossem mandados por Niccolosa a ele, anéis dourados que não valiam um caracol, ou outros objetos igualmente sem valor; com isso, entretanto, Calandrino sentia-se infinitamente feliz. Além disto, os dois pintores conseguiam, do seu companheiro, o pagamento de ótimas refeições e belos presentes; Calandrino pensava, por essa forma, torná-los ainda mais solícitos na transmissão de recados e de cartas entre ele e a moça.

Bruno e Buffalmacco mantiveram Calandrino durante dois longos meses nesta situação, sem que Calandrino obtivesse o menor resultado. Calandrino observou, um dia, que o trabalho, naquela mansão, ia chegando ao fim. Admitiu que, se não transformasse em realidade o seu sonho de amor, antes de o trabalho se concluir, nunca mais teria oportunidade de aparecer por ali. Em consequência, passou a exercer pressão sobre o espírito de Bruno, no sentido de apressar os acontecimentos. Por isto, assim que a moça tornou a aparecer na mansão, Bruno combinou, primeiro, com ela e com Filipe, tudo o que seria necessário dizer e fazer; depois, contou a Calandrino:

— Olhe cá, meu caro sócio, esta mulher já me prometeu mil vezes fazer isso que você quer; e, depois, acabou não fazendo coisa alguma. O que me parece é que ela está brincando com você. Em consequência, visto que ela não age como promete, nós vamos forçá-la a agir, quer queira, quer não, desde que você esteja de acordo com isso.

Calandrino respondeu:

— Claro! Pelo amor de Deus! Faça-se isso o mais depressa possível!

Bruno perguntou:

— Será que você terá ânimo de tocar no corpo dela, com um breve que lhe vou dar?

Calandrino apressou-se a dizer:

— Sim, sem dúvida!

— Então — explicou Bruno — trate de me arranjar um pedaço de pergaminho de cordeiro não nascido, morto ainda quando no ventre materno; arranje-me, igualmente, um morcego vivo, três grãos de incenso e uma vela benzida; depois, deixe o caso comigo.

Calandrino permaneceu toda a noite seguinte com os seus companheiros, naquela mansão, a fim de apanhar um morcego; por fim, apanhou-o; e, depois de juntar todas as outras coisas, levou tudo às mãos de Bruno. Este se recolheu a uma sala; escreveu, no pergaminho, alguma coisa; rabiscou alguns ramos, entrelaçando alguns caracteres supostamente mágicos; levou-o a Calandrino, dizendo-lhe:

— Calandrino, saiba você que, se você tocar, com este escrito, no corpo daquela mulher, ela correrá imediatamente atrás de você, e fará tudo o que você quiser. Assim, se, no dia de hoje, Filipe for a algum lugar, trate de aproximar-se dela, de qualquer maneira; trate, também, de tocar no corpo dela com isto; depois, vá para o paiol, que fica aqui ao lado; é o melhor lugar que existe, porque ninguém vai, jamais, lá dentro; verá você que ela aparecerá, à sua procura; quando ela aparecer, você bem sabe o que será preciso fazer.

Calandrino passou a ser o homem mais satisfeito do mundo; recebeu o escrito; e disse:

— Sócio, deixe o caso comigo.

Nello, contra o qual Calandrino tomava o máximo de precauções, auferia do episódio o mesmo divertimento que os outros tiravam; e juntava-se a esses outros na tarefa de o zombetear; por isto, de acordo com o que Bruno havia disposto, foi para Florença, a fim de conversar com a esposa de Calandrino, à qual disse:

— Tessa, você bem se recorda da surra que Calandrino lhe aplicou, sem razão alguma, no dia em que ele voltou com as pedras apanhadas no rio Mugnone; acho, pois, que você deve vingar-se; se você não se vingar, deixe de me considerar seu parente, e até mesmo seu amigo. Ele enamorou-se, lá em cima, de uma certa mulher; essa mulher é tão desgraçada que frequentemente se fecha com ele num paiol; há pouco, combinaram outra vez a maneira de estar juntos; quero, pois, que você venha comigo; que você veja o que se passa; que você o surpreenda; e que você o castigue com rigor.

A mulher ouviu tudo isto; o caso não lhe pareceu brincadeira; em consequência, ergueu-se; pôs-se de pé; e disse:

— Ai de mim! Pois então, Calandrino, ladrão público, é isto o que você me faz? Pela cruz de Deus, as coisas não podem continuar assim, sem que eu

faça com que você me pague!

Tomou uma capa; levou uma doméstica em sua companhia; e a toda pressa, juntamente com Nello, rumou para a mansão. Quando Bruno, de longe, a viu aproximar-se, disse a Filipe:

— Aí está o nosso amigo.

Então, Filipe foi para o lugar onde Calandrino e os outros estavam trabalhando e comunicou-lhes:

— Mestres, eu estou precisando ir já para Florença; procurem trabalhar com bom rendimento.

Saiu dali, fingindo partir, porém indo esconder-se em lugar de onde, sem ser visto, poderia ver tudo o que Calandrino resolvesse levar a termo. Calandrino, assim que sentiu que Filipe já se houvesse distanciado o bastante, desceu para o pátio, onde encontrou Niccolosa, que se achava sozinha; travou conversação com ela; e ela, que bem sabia o que tinha que fazer, aproximou-se dele um pouco mais do que costumava, manifestando intimidade maior do que antes; Calandrino tirou proveito disto, para a tocar com o escrito. Depois de a tocar, sem dizer palavra, orientou os próprios passos para a casa que servia de depósito de palha; Niccolosa caminhou atrás dele; ele entrou, e ela o seguiu; depois de entrarem, fechou-se a porta; a mulher abraçou-o; atirou-o por cima da palha que ali havia, forçando a deitar-se; colocou-se a cavaleiro dele; agarrou-lhe as mãos e as segurou por cima dos ombros; sem deixar que ele aproximasse o próprio rosto do dela, ficou a contemplá-lo como se estivesse animada de um grande desejo amoroso; e disse:

— Oh, meu Calandrino! Doçura de minha vida! Coração do meu corpo! Alma da minha alma! Meu bem! Meu repouso! Há quanto tempo venho desejando ter você junto de mim, bem pertinho do meu peito! Você, com o encanto que tem, acabou podendo fazer de mim o que bem quiser fazer. Você enfeitiçou o meu coração com a sua rabeca; será mesmo verdade que está agora comigo?

Calandrino, mal podendo mover-se, suplicava:

— Pelo amor de Deus, alma de minha alma! Deixe que eu te beije!

Mas Niccolosa o continha:

— Que pressa que você tem! Deixe, primeiro, que eu o veja à vontade! Deixe que eu sacie os olhos com a contemplação do seu doce semblante!

Bruno e Buffalmacco tinham ido ter com Filipe; os três viam e ouviam o que se passava com Calandrino e Niccolosa. Estando já Calandrino na

iminência de beijar a moça, forcejando para isso, surgiram, de súbito, Nello e a sra. Tessa. Assim que Nello chegou, exclamou:

— Juro por Deus que se encontram juntos!

Os dois se aproximaram da porta do paiol; a mulher, que bufava de raiva, pôs as mãos na porta; empurrou-a; entrou; encontrou Niccolosa por cima de Calandrino; a moça, assim que viu chegar a sra. Tessa, ergueu-se imediatamente; fugiu, saindo do paiol e indo para o lugar onde Filipe se encontrava; a sra. Tessa correu a enfiar as unhas nas carnes do rosto de Calandrino, que ainda continuava deitado; e arranhou-o todo; depois, agarrou-o pelos cabelos, e, puxando-o ora para cá, ora para lá, começou a vituperar:

— Cão, porco! Infame! Pois então é isto o que você me faz? Velho maluco! Seja maldito o bem que eu lhe quis! Pois então não lhe parece que você tem muita coisa que fazer em sua casa? E é preciso andar por aí, a enamorar-se de outras mulheres? Pois aí está o belo apaixonado! Será que você se conhece a si mesmo agora? Pois então você não se conhece, miserável? Não sabe que, se alguém o espremer todo, não conseguirá suco sequer para fazer um molho? Pela minha fé em Deus, não era eu, Tessa, quem, ainda há pouco, o estava engravidando; Deus que a torne desgraçada, seja ela quem for! Bem que ela deve ser má, uma vez que se encanta com essa bela coisa que você é.

Calandrino, quando viu a mulher aproximar-se, ficou que não se sabia se era morto ou se era vivo. Não ousou defender-se dela, de maneira alguma. Entretanto, mesmo assim arranhado, surrado e desalinhado, recolheu o capuz da própria capa; ergueu-se; e começou a suplicar humildemente à mulher, para que ela não gritasse; se ela continuasse a gritar, dizia ele, ele acabaria sendo morto e cortado aos pedaços, porque a outra moça, aquela com a qual ele se encontrava, era mulher do senhor da mansão. Mas a esposa disse:

— Pois seja! Que Deus lhe dê todos os males deste mundo!

Bruno e Buffalmacco, que, em companhia de Filipe e de Niccolosa, já haviam rido muito deste episódio, fingiram acorrer ao barulho provocado pela esposa de Calandrino; foram para o paiol; e, depois de muitas palavras, conseguiram tornar a pacificar o ânimo de Tessa; aconselharam Calandrino a ir para Florença e a não voltar, nunca mais, àquela mansão, a fim de que Filipe, se acabasse sabendo, de algo a tal respeito, não lhe fizesse mal.

Assim, pois, Calandrino, mau e infeliz, todo desalinhado e todo maltratado, voltou para Florença; nunca mais teve ânimo para ir àquela mansão, lá em cima; durante todo aquele dia e toda aquela noite, foi atormentado e afligido pelos reproches da esposa; por esta forma, pôs ponto-

final ao seu ardente amor para com Niccolosa; mas só o fez depois de proporcionar muito riso aos seus companheiros, bem como a Niccolosa e a Filipe.

SEXTA NOVELA

Dois jovens se hospedam em casa de determinado homem; um deles vai deitar-se com a filha dele; e a mulher dele, inadvertidamente, deita-se com o outro. O jovem que se encontrava com a filha vai para a cama com o pai dela e conta-lhe tudo o que se passou, mas o faz pensando contar ao seu companheiro; os dois promovem uma barulheira; a esposa, só então formando ideia da situação criada, entra no leito da filha e, depois, com certas palavras, restabelece a paz.



alandrino, que várias vezes fizera rir os componentes do grupo, tornou a fazê-lo também nesta oportunidade. Depois que as mulheres se calaram, deixando de se preocupar com as peripécias dele, a Rainha determinou que Pânfilo falasse; e ele disse:

— Louváveis mulheres, o nome da Niccolosa, amada por Calandrino, fez voltar-me à memória o episódio que se passou com outra Niccolosa, que me agrada contar-lhes agora. E agrada-me, porque vocês verão, nesta narrativa, como foi que uma esperteza repentina, de uma bondosa mulher, evitou a explosão de um grande escândalo.

Na planície do Mugnone existiu, não faz muito tempo, um bondoso homem, que dava de comer e de beber aos viajantes, a troco do dinheiro deles; por ser criatura pobre e por ter casa pequena, só de quando em quando, em face de grande necessidade, e, ainda assim, não a todas as pessoas, mas apenas a viajores conhecidos, proporcionava pernoite. Ora: este homem tinha por esposa uma linda mulher, da qual recebera dois filhos; em primeiro lugar, aparecera uma menina, que se fizera juvenzinha, bela e elegante, que agora tinha uns 15 ou 16 anos de idade, e que ainda não possuía marido; em segundo lugar, surgira um menino, que, na ocasião do episódio, era ainda pequeno, que ainda não contava um ano de idade, e que era amamentado pela própria mãe.

Quem pusera os olhos na mocinha fora um jovem, elegante e simpático, muito atencioso; era da nossa cidade, mas passava longo tempo pela zona rural; e amava ardorosamente aquela juvenzinha. Ela, que muito se gloriava, pela

circunstância de ser amada por um jovem de tal categoria, tratou de o prender a si, por meio de atenções e de outros atos agradáveis; mas acabou, semelhantemente, enamorando-se dele.

Em numerosas oportunidades, aquele amor poderia ter sido posto em efeito, por ser isso do desejo dos dois apaixonados; e só não o foi porque Pinuccio não se interessou por evitar queixas da moça nem por provocar aborrecimentos para si próprio. Pinuccio era como se chamava o rapaz, enamorado daquela juvenzinha. Todavia, aquele amor foi multiplicando, por tal forma, de dia para dia, a sua potência, que Pinuccio sentiu o irrefreável desejo de encontrar-se, em caráter íntimo, com a moça; teve, por isso, a ideia de arranjar a maneira de ir hospedar-se em casa do pai dela; pressupôs que, como conhecia a disposição dos cômodos da casa referida, em que a moça morava, poderia, se lá se hospedasse, encontrar a oportunidade de ficar a sós com ela, sem que pessoa alguma desse pelo fato.

Assim como a ideia lhe surgiu no espírito, sem mais demora, a pôs em prática. Juntamente com um seu companheiro de confiança, chamado Adriano, e que tinha conhecimento do mencionado amor, alugou, certa noite, já bem tarde, dois rocinos, desses de puxar carruagem; os dois colocaram, nas garupas, duas malas, que talvez estivessem cheias de palha; saíram da cidade de Florença; fizeram um grande giro; e chegaram, cavalgando, à planície do Mugnone, a uma hora bem adiantada da noite. Ali, como se estivessem regressando da Romanha, deram a volta pelo casario; chegaram à casa do bondoso homem; e bateram. O bondoso homem, como pessoa muito familiarizada com toda gente, abriu a porta imediatamente. A ele, Pinuccio disse:

— Olhe cá, você precisa hospedar-nos esta noite; estávamos pensando em entrar em Florença ainda hoje, mas não conseguimos acertar o caminho; tanto é assim que, como você vê, lá não chegamos nem mesmo a esta hora tão adiantada.

Ao que o locandeiro respondeu:

— Pinuccio, você bem sabe quanto eu me sentiria feliz por poder dar hospedagem a dois homens tão distintos como são vocês dois; mas a casa é pequena, e assim encontro dificuldade. Todavia, uma vez que vocês foram surpreendidos em viagem por uma hora como esta, e visto que não há mais tempo de se ir procurar hospedagem em outro lugar, eu os abrigarei como me for possível.

Os dois moços, pois, apearam; entraram na locanda; em primeiro lugar, trataram dos seus animais; depois, como haviam transportado jantar consigo,

comeram em companhia do hospedeiro. Ora, o dono da casa não tinha mais do que um pequeno quarto, dentro do qual existiam três camas de proporções reduzidas, ali colocadas como o estalajadeiro soubera colocá-las. Nestas condições, não era muito o espaço que sobrara. Dois dos leitos ficavam a um dos lados do quarto; o terceiro se encostava ao lado oposto, de modo que ninguém podia mover-se ali, a não ser como que espremido. Destes três leitos, o estalajadeiro determinou que o melhorzinho se reservasse ao uso dos dois companheiros; e mandou que eles ali se deitassem.

Depois de algum tempo, o estalajadeiro admitiu que os dois já estivessem dormindo, embora eles apenas fingissem haver caído em sono profundo; e então mandou que, num dos outros dois leitos, que haviam permanecido livres, sua filha se deitasse; no terceiro, tomaram lugar ele próprio e sua esposa; esta colocou, ao lado da cama em que se encontrava, o berço em que ficava o seu filhinho de colo.

Estando as coisas dispostas por esta forma, e tendo Pinuccio notado perfeitamente tudo o que se passara, ele deixou que mais algum tempo se escoasse; quando lhe pareceu que todos haviam adormecido, ergueu-se, com o máximo de cautela; foi para o pequeno leito em que se deitara a jovem por ele amada; e deitou-se ao lado dela. Ele foi muito bem recebido por ela, embora ela sentisse um medo enorme de que o caso acabasse sendo descoberto. E, então, na companhia da moça, o moço auferiu aquele prazer que era o que os dois mais desejavam.

Enquanto Pinuccio permanecia nestas condições, junto da moça, aconteceu que uma gata fez com que algumas coisas caíssem ao chão; a esposa do estalajadeiro acordou, ao ouvir o barulho assim feito; levantou-se da cama, para verificar o que havia acontecido, porquanto temia que se houvesse passado qualquer outra ocorrência; e, assim, no escuro, como o quarto se encontrava, rumou para o ponto em que lhe parecera que o barulho se havia produzido. Adriano, que não estava com o ânimo preparado para isto, ergueu-se; fosse por acaso, fosse devido a alguma conveniência natural, o certo é que se levantou; a fim de proporcionar, talvez, satisfação a essa exigência natural, deu de encontro ao berço ali posto pela mulher do dono da casa; não podendo ir para a frente, sem pular por cima do berço referido, tomou-o nas mãos; retirou-o do lugar em que estava; e colocou-o ao lado do leito em que ele mesmo estivera fingindo que dormia.

Depois de concluído o ato devido ao qual se havia levantado, Adriano regressou ao quarto, esquecera-se da existência do berço e tratou de entrar na

própria cama.

A mulher do locandeiro, depois de proceder à investigação que tinha em mente, verificou que o que havia caído não era o que ela receara que houvesse tombado; em consequência, nem se preocupou em acender o lume, para ver o que poderia ter sido; gritou e enxotou a gata; voltou para a saleta-dormitório, e, às apalpadelas, foi diretamente para a cama onde seu marido dormia; como não encontrasse ali o berço, disse com os seus botões: — “Ai de mim! Péssima criatura que sou! Vejam só o que eu ia fazendo. Pela minha fé em Deus, que eu ia indo diretamente para a cama dos meus hóspedes!” — Caminhou um pouco mais para a frente; encontrou o berço; e, no leito, a cujo lado o berço se encontrava, e que era o de Adriano, se deitou, acreditando deitar-se ao lado de seu marido.

Adriano, que ainda não havia caído no sono, percebeu tudo isto; recebeu a mulher, com muita satisfação; sem fazer coisa que despertasse a atenção dos outros, subiu por cima do corpo dela, e procedeu às arremetidas que lhe foram possíveis; para enorme prazer da mulher.

Estando as coisas neste pé, Pinuccio receou que o sono o surpreendesse e o deixasse ficar mais do que o conveniente ao lado da moça do seu amor; visto, pois, que já havia auferido o prazer pelo qual ansiava, saiu do lado dela, a fim de ir dormir na própria cama; ali chegando, deu com o berço; julgou, então, que aquela devia ser a cama do estalajadeiro; em consequência, foi um pouco mais para a frente, e acabou deitando-se precisamente na cama em que o estalajadeiro se encontrava dormindo. O estalajadeiro acordou, com a chegada de Pinuccio, que julgou ser a chegada de sua mulher. E Pinuccio, acreditando estar em sua cama, ao lado de Adriano, disse:

— Bem que lhe digo que nunca houve coisa tão gostosa como a Niccolosa! Pelo corpo de Deus! Tive com ela, agora mesmo, o maior prazer que jamais gozei com qualquer mulher; e confesso-lhe que estive já seis vezes na vila, depois que partimos para aqui.

O estalajadeiro ouviu estas palavras; não gostou muito delas; e, então, em primeiro lugar, disse de si para consigo: “Que diabo está fazendo este indivíduo aqui?” A seguir, mais perturbado e irritado do que tranquilo, disse:

— Pinuccio, o que você fez foi uma grande vilania; e não sei por qual razão você deveria fazer-me um ato semelhante; mas, pelo corpo de Deus, fique certo de que você me pagará!

Pinuccio, que não era o moço mais esclarecido deste mundo, notou o próprio erro; não tratou de emendar o caso, como melhor lhe fosse possível; ao

contrário, perguntou:

— Pelo que é que lhe pagarei? Que é que você me poderá fazer?

A esposa do estalajadeiro, que julgava ainda estar com seu marido, disse, para Adriano:

— Ai de mim! Ouça esses nossos hóspedes! Parece que estão brigando e trocando palavras entre si.

Adriano, rindo, aconselhou:

— Não se incomode com eles; Deus que lhes mande horas más; eles beberam muito, ontem à noite.

A mulher, tendo a impressão de ouvir o marido praguejar, e de estar ouvindo palavras proferidas por Adriano, percebeu, incontinenti, onde era que se encontrava e com quem tinha tido intimidade. Como criatura esclarecida e astuta que era, não disse palavra; levantou-se, de imediato; tomou o berço do filhinho; e, fingindo agir às tontas pelo fato de não haver lume na saleta, rumou, deliberadamente, para a cama onde a filha dormia; e nessa cama, ao lado da filha, se deitou; depois, fingiu que estava sendo acordada pelo rumor que resultava do bate-boca do marido; chamou-o; perguntou-lhe que discussão podia ser aquela; e o marido respondeu:

— Pois você não está ouvindo o que este indivíduo diz que acabou de fazer, esta noite, com Niccolosa?

A mulher, então, interferiu:

— Ele está mentindo da garganta para fora; pois não se deitou esta noite com Niccolosa. Quem com ela se deitou, aqui, fui eu, naquela hora, e, até agora, não consegui mais fechar os olhos; você não passa de uma besta, se dá crédito ao que ele diz. Vocês dois beberam tanto, esta noite, que agora, na cama, estão sonhando; sob o efeito da bebida, vocês vão de um lado para outro, sem saber o que estão fazendo, e têm a impressão de que fazem maravilhas. Grande pena é que vocês não quebrem o próprio pescoço! Mas, afinal, que é que Pinuccio está fazendo aí nessa cama, em sua companhia? Por qual razão não está ele na cama dele?

De outra banda, Adriano percebeu que a esposa do estalajadeiro estava encobrindo, às mil maravilhas, tanto a sua vergonha como a pouca vergonha da filha; e disse:

— Pinuccio, eu já lhe recomendei mais de cem vezes; é preciso que você acabe com essa mania de ir de um lado para outro; este seu vício de se levantar da cama, durante os sonhos, e de contar aos outros aquilo que você sonha,

ainda lhe causará grandes aborrecimentos; venha para cá! E Deus que lhe dê uma noite bem má!

O estalajadeiro ouviu o que sua esposa disse; ouviu, igualmente, o que foi proferido por Adriano; passou, pois, a crer que, em verdade, Pinuccio estivesse sonhando; em consequência, tomou-o por um dos ombros; sacudiu-o e chamou-o, chamando-o pelo nome:

— Pinuccio, acorde! Volte para a sua cama!

Pinuccio, por sua vez, tinha observado tudo quanto se havia passado e tudo quanto se havia dito; passou a comportar-se, de fato, como se estivesse sonhando; chegou, mesmo, a entrar em momentos de frenesi; e, por isto, o hospedeiro dava gargalhadas, de muito boa vontade. Por fim, mesmo percebendo que estava sendo sacudido e conduzido de maneira mais ou menos rude, Pinuccio fingiu que acordava naquela hora; e, proferindo o nome de Adriano, indagou:

— Olá, você que me está chamando! Está você ainda por aí?

Adriano respondeu:

— Sim, estou. Venha para cá.

Pinuccio, fingindo sempre e mostrando-se profundamente sonolento, acabou erguendo-se da cama do estalajadeiro; saiu do lado dele; e rumou para o leito de Adriano.

Quando o dia clareou, o locandeiro ergueu-se da sua cama; logo cedo, começou a rir desbragadamente, e a fazer troça de Pinuccio e dos seus sonhos.

Por esta forma, passando de umas frases para outras, os dois moços foram tratar de arrumar de novo os seus rocinantes, em cujas garupas colocaram, outra vez, as malas. Todos beberam, em companhia do dono da casa; os dois moços tornaram a montar a cavalo, viajando, em seguida, na direção de Florença; viajaram, não menos contentes quanto ao modo pelo qual o caso transcorrera, do que quanto ao resultado que a sua aventureira iniciativa proporcionara.

Posteriormente, com aplicação de outras artimanhas, Pinuccio e Niccolosa muitas vezes tornaram a encontrar-se; a moça afirmava, às indagações da própria mãe, e o fazia com o máximo de cinismo, que Pinuccio havia de fato sonhado naquela noite. Por este motivo, a mãe, recordando-se de haver abraçado e entrado na intimidade de Adriano, acabou convencendo-se de que fora ela a única que, naquela noite, se mantivera acordada.

SÉTIMA NOVELA

Talano di Molese sonha que um lobo dilacera a garganta e o rosto de sua esposa. Recomenda-lhe, por isto, muita cautela. A mulher não lhe dá ouvidos, e o sonho acontece-lhe.



stando concluída a novela de Pânfilo, todos comentaram, louvando, o expediente de que a mulher do estalajadeiro se socorreu; e a Rainha disse, a Pampineia, que narrasse a sua novela; e ela, então, começou:

— Já outra vez, minhas agradáveis mulheres, se contaram episódios, neste grupo, que puseram em destaque a verdade revelada através dos sonhos, verdade esta de que há muita gente que escarnece. Contudo, apesar de nisto já se haver falado, não deixarei de narrar, ainda que de maneira bastante breve, o que, há bem pouco tempo, aconteceu a uma vizinha da minha casa, que não quis acreditar naquilo que seu marido havia visto em sonho.

Não sei se vocês conheceram Talano di Molese, homem muito digno de respeito. Talano tinha tomado, por esposa, uma jovem chamada Margarida, mais linda do que todas as outras. Mais do que todas as outras, porém, ela era também esquisita, desagradável e teimosa, porque não queria, nunca, fazer coisa alguma que agradasse a quem quer que fosse, nem conseguia que os outros realizassem algo que se tornasse de seu agrado. Esta era uma situação que Talano suportava com extrema dificuldade e enorme desgosto; não tendo, porém, alternativa, prosseguia carregando a sua cruz.

Ora, aconteceu, uma noite, que Talano se encontrava, com a mencionada Margarida, numa propriedade sua, na zona rural. Nessa noite, ele dormiu; e, dormindo, pareceu-lhe ver, em sonho, a sua própria esposa, a caminhar por um belo bosque, que era também de sua propriedade, e que não ficava longe dali. Enquanto a contemplava assim, caminhando, pareceu-lhe que, de um determinado ponto do bosque, surgisse, de repente, um lobo, enorme e feroz; a fera, enfurecida, atirou-se, de súbito, à garganta de Margarida, derrubando-a ao

chão; ela pôs-se a gritar por socorro, esforçando-se por se livrar do lobo; por fim, conseguiu livrar-se, desprendendo-se da boca da fera; e, então, viu-se que o rosto inteiro da mulher estava como que todo dilacerado. Talano, logo que se despertou, na manhã seguinte, disse, à esposa:

— Minha esposa, muito embora o seu temperamento insociável não haja permitido, nunca, que eu passasse um dia, bom e agradável, ao seu lado, ainda assim eu sentiria infinitamente, se algo de mal viesse a acontecer-lhe; nestas condições, se você quer dar ouvidos ao meu conselho, não saia hoje de casa.

Ela perguntou-lhe pela razão de tal conselho; e ele, em boa ordem, contou-lhe o sonho que tivera. A mulher, meneando a cabeça, comentou:

— Quem lhe quer mal é quem sonha mal a seu respeito. Você finge-se apiedado quanto a mim, mas você sonha, quanto ao meu destino, aquilo que deseja que me aconteça. Por este motivo, tomarei o máximo cuidado, hoje e sempre, no sentido de nunca permitir que você se sinta satisfeito, e contente, seja quanto a isto, seja quanto a qualquer outra coisa.

Talano, então, esclareceu:

— Eu bem sabia que você acabaria falando assim; por isto, digo que recebe este gênero de gratidão quem pretende pentear gato tinoso. Enfim, creia você no que mais lhe agrada; quanto a mim, estou com a consciência tranquila. Apesar de tudo, repito o meu conselho: o melhor é ficar você em casa, no dia de hoje; ou, pelo menos, trate de não penetrar naquele nosso bosque.

A mulher investiu:

— Pois bem! É para lá que irei!

Depois, de si para consigo, começou a pensar: “Estão vocês vendo como este meu marido acredita, maliciosamente, que me mete medo, para que eu não vá hoje ao nosso bosque? É para encontrar-se lá que ele deve ter combinado com alguma mulher de má conduta; é por isso que ele não quer que eu vá ao bosque. Oh! Ele que vá para longe, se pensa que pode agir comigo como se age quando se come com um cego, que não vê o que a gente pega à mesa. Tola seria eu, se já o não conhecesse, e se ainda lhe desse crédito! Mas não há dúvida que ele não fará o que pretende! O que é importante é que eu veja, ainda que deva lá permanecer o dia todo, qual é a mercadoria de que ele pensa tirar proveito, hoje, lá no bosque!”

Assim que ela acabou de pensar isto, com os seus botões, o marido saiu por um lado da casa, e a mulher por outro. E ela, assim que surgiu a oportunidade, não perdeu tempo; rumou para o bosque, às ocultas, indo

esconder-se no seu seio, onde o arvoredo era mais denso e mais impenetrável; ficou atenta, olhando ora para uma banda, ora para outra, a fim de verificar se alguma pessoa se aproximava.

Enquanto se encontrava nesta postura, sem alimentar a menor suspeita quanto à existência de lobos, eis que, bem perto dela, emergiu, de uma densa moita, um lobo enorme e de aspecto terrível. Depois que ela o viu, não conseguiu exclamar, sequer, “Meu Deus, ajude-me!”, porque já o lobo se lhe havia atirado à garganta; a fera, acometendo-a, segurou-a com firmeza, e tratou de a arrastar para longe dali, como se não passasse de um pequeno cordeirinho, Margarida não podia gritar, porque o animal lhe apertava a garganta; e também não podia ajudar-se a si mesma, de forma alguma.

O lobo, assim, pôde arrastá-la, como bem entendeu; e poderia até estrangulá-la, sem dúvida, se não fosse pela existência de alguns pastores que por ali se encontravam; estes homens, gritando e espavorindo o lobo, conseguiram fazer com que ele abandonasse a presa e tratasse de fugir.

A infeliz mulher foi, apesar de tudo, reconhecida pelos pastores, e afinal conduzida para a sua residência; depois de longo estudo, da parte dos médicos, e de longo tratamento de sua parte, ela curou-se; mas não se curou ao ponto de não continuar desfigurada na altura do rosto e da garganta; desta maneira, nos pontos em que ela era, antes, mais linda, passou a ser, para sempre, disforme. Por tal motivo, envergonhando-se de aparecer em lugar que pudesse ser vista, muitas vezes chorou, dolorosamente, as consequências do seu temperamento arredo e abespinhado; chorou, igualmente, o fato de não haver querido acreditar nem prestar fé — o que nada lhe teria custado — à veracidade da advertência contida no sonho que o marido tivera.

OITAVA NOVELA

Biondello promove uma burla contra Ciacco, a propósito de uma refeição. Dela, Ciacco vinga-se cautelosamente, fazendo com que apliquem a Biondello uma surra memorável.



odos os membros do agradável grupo de noveladores disseram, por via de consenso unânime, que aquilo que Talano havia visto, dormindo, não fora sonho, e sim visão propriamente dita, uma vez que tudo se verificou com precisão absoluta, sem faltar o mais insignificante pormenor. Todavia, assim que todos se calaram, a Rainha ordenou a Laurinha que prosseguisse. E ela assim falou:

— Mulheres esclarecidíssimas, quase todos os que, antes de mim, aqui falaram no dia de hoje novelaram estimulados por algo já referido, em torno de alguma coisa também já tomada por tema. Da mesma forma, estimulada pela impiedosa vingança ontem narrada por Pampineia, e que foi praticada pelo homem que estudara em Paris, inclino-me a conversar em torno de uma vingança, que se afigurou muito pesada a quem lhe serviu de objeto, embora não haja sido, na verdade, excessivamente cruel.

Digo-lhes, pois, que houve, em Florença, um homem chamado Ciacco¹ que era guloso como jamais alguém o fora. Seus recursos, porém, não lhe permitiam sustentar as despesas a que a sua glotonaria o obrigava; quanto ao mais, era indivíduo muito bem educado, cheio de frases belas e de piadas agradáveis; nestas condições, foi-lhe possível tornar-se homem como que de corte, embora não de corte propriamente, e sim mordedor, ou seja, parasita. Passou, por isto, a frequentar a casa daqueles que eram ricos, e que se deleitavam comendo pratos ótimos; ia, com muita frequência, almoçar e jantar em companhia de tais amigos, ainda que nem todas as vezes fosse convidado.

Vivia, semelhantemente, em Florença, naqueles tempos, um senhor que se chamava Biondello;² pequeno quanto à pessoa, muito maneiroso e mais asseado do que uma mosca, ele andava sempre com uma espécie de touca à cabeça; tinha cabeleira loura, quase fulva, que lhe caía até aos ombros, mas nenhum fio

se via, nela, que não fosse bem cuidado; ele procedia, socialmente, pela mesma forma adotada por Ciacco, fazendo-se participante contínuo da mesa dos ricos.

Em certa manhã de quaresma, Biondello rumou para o lugar em que se vende peixe; ali, comprou duas enormes lampreias, destinadas ao sr. Vieri dei Cerchi; e foi visto por Ciacco. Este, aproximando-se de Biondello, perguntou-lhe:

— Que é que isto quer dizer?

Ao que Biondello respondeu:

— Ontem à noite, foram para lá mandadas outras três lampreias, muito mais belas do que estas; além disto, mandou-se também um esturjão, ao sr. Corso Donati.³ Isto não basta, porém, para que ele ofereça, como deseja, uma refeição, a determinados gentis-homens; por isto, pediu-me que lhe comprasse estas outras duas lampreias. Você não vai aparecer por lá?

Ciacco respondeu:

— Você bem sabe que aparecerei.

Quando lhe pareceu chegada a hora, Ciacco rumou para a residência do sr. Corso; encontrou-o em palestra com alguns seus vizinhos; ainda não havia ido almoçar. Ao ser perguntado, pelo sr. Corso, sobre o que estava fazendo, Ciacco respondeu:

— Senhor, eu venho almoçar em sua companhia, e na companhia dos seus convidados.

A isto, o sr. Corso disse:

— Você é sempre bem-vindo; e uma vez que estamos na hora, vamos.

Os dois se puseram à mesa; comeram, em primeiro lugar, grão-de-bico e atum salgado; depois, peixe do rio Arno, frito; e nada mais. Ciacco percebeu o ludíbrio que Biondello lhe aplicara; sentiu-se enfurecido por isso; e formou o plano de tirar desforra.

Poucos dias se haviam passado, a partir de então, quando Ciacco se encontrou com Biondello; este já havia feito muita gente rir, com a peça que pregara ao guloso amigo. Biondello, assim que o viu, saudou-o; e, rindo, indagou, dele, se as lampreias do sr. Corso estavam realmente gostosas. A esta pergunta, Ciacco, respondendo, disse:

— Antes que oito dias se passem, você o saberá ainda melhor do que eu!

E, sem se demorar para por em prática o seu plano, despediu-se de Biondello; foi combinar o seu preço com um negociante varejista, muito matreiro; entregou-lhe um garrafão de vidro; conduziu-o para junto do pórtico dos Cavicciuli; mostrou-lhe, ali, um cavalheiro chamado sr. Filipe Argenti,⁴

homem de grande corpulência, musculoso e forte, zangado, iracundo e bizarro, em grau muito maior do que qualquer outro homem; e disse-lhe:

— Você vai ter com aquele homem, com este garrafão nas mãos; e diga-lhe estas palavras: “Senhor: quem aqui me manda é Biondello; e manda-me rogar, ao senhor, que tenha a bondade de encher este garrafão com o bom vinho tinto que o senhor tem aqui; porque ele quer entreter-se um pouco com os seus camaradas, que são bons vivedores.” Preste bem atenção, para que ele não lhe ponha as mãos no corpo; do contrário, você terá um péssimo dia, e os meus projetos ficarão totalmente inutilizados.

O varejista perguntou:

— Devo dizer mais alguma coisa?

Ciacco esclareceu:

— Não. Pode ir. Depois de você lhe dizer o que sugeri, volte para aqui, com o garrafão; e eu lhe pagarei pelo serviço feito.

O negociante varejista pôs-se a caminho e apresentou o recado inteiro ao sr. Filipe. O sr. Filipe ouviu o recado todo; não possuía cérebro muito instruído, sendo, ademais, de temperamento irascível; sabia que Biondello, que bem conhecia, era capaz de zombar dele; por isto, ficou com o semblante completamente ruborizado, e disse:

— De que vinho tinto e de que bons vivedores está falando? Deus que ponha a você e a ele nessa mexida!

O sr. Filipe ergueu-se, e estendeu o braço, para agarrar o negociante varejista; mas o varejista, como homem que se mantinha alerta, desviou-se do bote e fugiu; por outro caminho, voltou para junto de Ciacco, que tinha assistido a tudo aquilo; e contou-lhe o que o sr. Filipe havia resmungado. Ciacco, de todo satisfeito, pagou o trabalho prestado pelo varejista; e não descansou mais, enquanto não se encontrou de novo com Biondello, ao qual perguntou:

— Andou você pelo pórtico dos Cavicciuli, esta manhã?

Biondello respondeu:

— Absolutamente, não. Mas por que é que você me pergunta?

Ciacco explicou:

— O que sei dizer é que o sr. Filipe anda à sua procura; é por isto que lhe pergunto; mas não sei por que é que ele quer vê-lo.

Biondello disse, então:

— Pois bem. Eu vou por aqueles lados. Tratarei de falar com ele.

Biondello afastou-se, e Ciacco foi atrás dele, a fim de ver como o caso se desenrolaria.

O sr. Filipe, não tendo podido alcançar o negociante varejista, ficou profundamente aborrecido e zangado; rola-se todo, por isso; e mais ainda por não poder deduzir coisa alguma das palavras proferidas por ele; o mais que conseguia inferir era que Biondello, por intermédio de quem quer que fosse, deveria estar zombeteando-o. No momento em que esta ideia mais se lhe firmou no ânimo, e em que a fúria mais se acentuou, Biondello apareceu. Em consequência, assim que o viu, correu-lhe ao encontro e lhe vibrou um soco ao rosto.

— Meu Deus! Sr. Filipe! — exclamou Biondello. — Mas o que é isto?

O sr. Filipe agarrou-o pelos cabelos, rasgou-lhe a touca que trazia à cabeça, atirou-lhe o capuz ao chão, e, surrando-o sempre, foi dizendo:

— Traidor! Você acabará vendo bem de que se trata! Que história é essa de vinho tinto e de bons vivedores, que você me mandou contar? Será que lhe pareço uma criança, para você brincar comigo por essa forma?

Enquanto formulava estas perguntas, o sr. Filipe, com punhos que pareciam feitos de ferro, quebrou a cara de Biondello; não lhe deixou, à cabeça, cabelo que estivesse em ordem; fê-lo rolar pelo chão, na lama; e acabou rasgando-lhe todas as roupas do corpo. O sr. Filipe procedeu com tamanha violência e tamanha rapidez, que Biondello não conseguiu dizer-lhe sequer uma palavra, depois daquela pergunta que lhe fez anteriormente: não pôde nem mesmo indagar o motivo pelo qual o sr. Filipe se sentia enfurecido. Bem que Biondello notou naquelas palavras relativas a “vinho tinto” e a “bons vivedores”; mas não sabia a que é que elas podiam aludir. Por fim, depois de o sr. Filipe o surrar à vontade, e havendo já muita gente reunida ao redor, alguns populares, com enorme esforço, conseguiram arrancar Biondello das mãos do iracundo senhor; arrancaram-no todo esfarrapado e extremamente maltratado.

Houve, então, quem dissesse, a Biondello, a razão pela qual o sr. Filipe o havia agredido; esclareceu que Argenti reagira ao que ele, Biondello, lhe mandara dizer; e observou que ele, Biondello, já devia saber que espécie de homem era o sr. Filipe, e que, portanto, não deveria ter tido a ideia de promover zombarias contra ele.

Biondello, ainda chorando, apresentava desculpas, afirmando que nunca mandara pessoa alguma buscar vinho, nem pedir fosse lá o que fosse, ao sr. Filipe. Entretanto, depois de se arrumar um pouco, Biondello voltou para casa, triste e queixoso; e, no caminho, teve a intuição de que aquilo deveria ser obra

de Ciacco. Esperou, portanto, que alguns dias se passassem, e que as manchas escuras do rosto, resultantes dos socos, desaparecessem; só depois disto é que recomeçou a sair de casa. Saindo, aconteceu-lhe, um dia, encontrar-se com Ciacco; e este, rindo, lhe perguntou:

— Biondello, como lhe pareceu o vinho do sr. Filipe?

Biondello respondeu:

— Muito gostaria eu que lhe houvessem parecido da mesma forma as lampreias do sr. Corso!

Então, Ciacco observou:

— O caso depende de você, já agora. Sempre que quiser dar-me de comer, como você me deu, eu lhe darei de beber, como lhe dei.

Biondello, que bem percebeu que, contra Ciacco, lhe era mais fácil alimentar apenas má vontade, do que praticar atos desagradáveis, pediu a Deus que lhe desse paz, em relação a ele; e, dali por diante, tratou, com o máximo cuidado, de não lhe pregar mais peça alguma.

Notas

¹ Personagem histórico, cujo nome verdadeiro era Jacopo; os florentinos, porém, o abreviaram para Ciacco. A este personagem, Dante faz referência, em sua *Divina comédia* (Inferno, Canto VI, versos 52 a 58), pondo-lhe, com efeito, na boca, esta frase: “... vocês cidadãos me chamam Ciacco”. Era poeta; contudo, ganhou fama apenas como glutton e motejador. Dante pô-lo entre os condenados por gula.

² Outro personagem histórico. A ele se refere o historiador Benevenuto da Imola, que diz ter o sobrenome de “Biondello”, isto é “Lourinho”, por possuir cabelos fulvos.

³ Trata-se, aqui, do famoso chefe político florentino, “de parte Negra”, ao qual Dante alude, embora sem lhe citar o nome, em sua *Divina comédia* (Purgatório, Canto XXIV, verso 82, e Paraíso, Canto III, versos 106 e seguintes).

⁴ Personagem histórico, que Dante cita em sua *Divina comédia* (Inferno, Canto VIII, verso 81), colocando-o, precisamente, entre os iracundos. O verdadeiro nome de família desse homem era Adimari Cavicciuli; fora, porém, modificado para “Argenti”, porque o seu portador, sendo riquíssimo, punha, nos seus cavalos, ferraduras de prata. Em italiano “prata” é “argento”.

NONA NOVELA

Dois jovens pedem conselho a Salomão; um deles, para conseguir ser amado; o outro, para poder castigar a mulher geniosa. Ao primeiro, Salomão aconselha que ame; ao segundo, que vá à ponte All'Oca.



Desde que se quisesse preservar o privilégio concedido a Dioneio, ninguém mais restava, para novelar, afora a própria Rainha. Assim, depois que as mulheres riram bastante do desventurado Biondello, a Rainha, com fisionomia alegre, começou a falar:

— Amáveis mulheres, desde que se tome em consideração, com espírito lúcido, a ordem das coisas, facilmente se percebe que toda a feminilidade universal, a começar pelo que há de feminino na Natureza, nos costumes e nas leis, está submetida aos homens; verifica-se, igualmente, que é de acordo com a discrição dos homens que se reina e se governa. Em consequência, toda mulher que deseja ter tranquilidade, consolo e repouso, em suas relações com os homens, e mais ainda com o homem a que pertence, deve ser humilde, paciente e obediente, além de ser honesta; a honestidade é o tesouro especial e supremo de toda mulher esclarecida. Ainda que, a este propósito, as leis, que visam ao bem comum em todas as coisas, não nos proporcionassem ensinamentos; ainda que não nos curvássemos aos usos e aos costumes, cujas forças são enormes e exigem respeito; bastaria que contemplássemos o que a Natureza nos mostra abertamente; com efeito, a Natureza nos criou delicadas e macias de corpo; fez-nos tímidas e medrosas, quanto ao ânimo; deu-nos força física bem pouco pronunciada; presenteou-nos com voz de timbres agradáveis; e proporciona-nos movimentos suaves aos membros. Ora: todas estas coisas testemunham que nós temos necessidade do governo alheio. E quem tem necessidade de ser ajudado e governado, tem de ser, pela normalidade da razão das coisas, obediente e submisso, além de reverente, em relação a quem o governa. E quais são os nossos governantes e os nossos auxiliares, senão os homens? Portanto, é aos homens que devemos

submeter-nos, prestando-lhes homenagens supremas. Toda mulher que deste preceito se afasta, se faz, de acordo com o meu modo de pensar, merecedora não somente de censura grave, mas também de castigo severo.

A este raciocínio, o que me conduziu, ainda há pouco, foi o episódio que Pampineia contou, e de que se fez protagonista a esposa abespinhada de Talano. Outras narrativas também me induziram às mesmas considerações. Mas a de Pampineia pôs em relevo uma esposa à qual Deus mandou o castigo que o marido dela não soubera aplicar. Ao meu modo de entender, como já disse, todas as mulheres que procedem por aquela forma se tornam merecedoras de castigo inflexível e áspero, porque, assim procedendo, elas se afastam da exigência de serem agradáveis, bondosas e dóceis, que a Natureza, os costumes e as leis determinam.

A este propósito, agrada-me contar-lhes um conselho que foi dado por Salomão, conselho este que é ótimo remédio para curar, daquele mal, todas as mulheres que assim procedem. A mulher que não se considera merecedora de tal castigo nem necessitada de tal remédio não deve tomar aquele conselho como se fora a ela mesma dirigido. Deve, porém, notar que os homens fazem uso de um provérbio que diz que tanto o bom cavalo, como o mau cavalo, requer emprego de espora no tacão, e que tanto a boa mulher, como a mulher má, precisa de surra de bastão. Se se interpretarem estas palavras com espírito divertido e leve, de imediato se dirá que o conceito nelas contido é verdadeiro; contudo, mesmo que se queira entendê-las sob o aspecto moral, digo que é preciso que com isso se concorde. Todas as mulheres, por sua natureza, são passíveis de docilidade e de submissão; por isto, a fim de se corrigirem aquelas que, por sua iniquidade, se deixam arrastar para fora dos limites que lhe são impostos, é indispensável que o bastão as castigue; por outro lado, para se sustentar a virtude das outras, que não se deixam arrastar por aquela forma, indispensável se faz também o bastão, para as amparar e para as atemorizar.

Deixando de lado, porém, e por enquanto, a pregação, venhamos àquilo que tenho em mente referir.

Digo-lhes que, num determinado tempo, já se havia espalhado, pelo mundo inteiro, a grande fama do miraculoso critério de justiça de Salomão;¹ espalhara-se, igualmente, a fama de ser ele extremamente liberal na tarefa de mostrar a sua sabedoria e o seu critério, a todo aquele que, por experiência própria, quisesse ter a certeza da existência de tal sabedoria e de tal critério. Em consequência, muitos homens, de diversas partes do mundo, acorriam a Salomão, a fim de lhe pedir conselhos quanto à conduta que deveriam seguir

em face de contingências particularmente difíceis. Entre outros homens, que para tal fim lá foram ter, figurou um jovem, que se chamou Melisso, e que era nobre, além de muito rico; nascera na cidade de Lajazzo, onde vivia. Cavalgou em direção de Jerusalém; em viagem, aconteceu que partiu de Antioquia ao mesmo tempo em que de lá saía, outro moço, chamado Josefo; o moço tinha de ir pelo mesmo caminho que ele planejava percorrer; então, Melisso cavalgou ao lado dele, até certo ponto; e, como é do costume dos caminantes, entrou em conversação com Josefo. Depois de saber quem Josefo era, que posição social tinha e de que lugar procedia, Melisso perguntou-lhe para onde se dirigia e qual o motivo de sua viagem. Josefo explicou-lhe que ia falar com Salomão, a fim de lhe pedir conselho sobre a conduta que deveria adotar em relação à sua própria esposa, que era mulher abespinhada e perversa em grau muito maior do que qualquer outra; nem com súplicas, nem com lisonjas, nem de qualquer outra maneira conseguia modificar-lhe o mau gênio. Depois de dizer isto, Josefo perguntou, por sua vez, a Melisso, de onde procedia, para onde se encaminhava e qual o objetivo que tinha em mente. Ao que Melisso respondeu:

— Sou de Lajazzo; e, assim como você tem uma desgraça, assim também eu tenho outra. Sou rico, jovem e passo o tempo oferecendo almoços e jantares, bem como prestando homenagens aos meus concidadãos; e é coisa estranha, e para mim nova, a de pensar que, a despeito de tudo isto, não consigo encontrar pessoa que me queira bem. Por este motivo, vou para onde você vai, a fim de conseguir conselho sobre como deverei fazer para vir a ser amado.

Cavalgaram, pois, os dois moços, juntos; chegaram a Jerusalém; e, por intermédio de um dos barões de Salomão, foram levados à presença deste soberano. A Salomão, Melisso disse, em poucas palavras, o de que precisava; e então Salomão respondeu:

— Ame.

Dito isto, Melisso logo foi conduzido para fora. E Josefo contou, por sua vez, o motivo pelo qual ali se encontrava. Ao que Salomão nada mais respondeu, além de:

— Vá à ponte All'Oca.

Assim que isto foi dito, Josefo, semelhantemente, foi retirado, sem mais demora, da presença do rei; encontrou-se, a seguir, com Melisso, que o esperava; e contou-lhe o que havia recebido como resposta.

Os dois puseram-se a pensar sobre tais palavras; não puderam compreendê-las; delas não tiraram entendimento, nem proveito, para a solução

das suas dificuldades; sentiram-se como que escarnecidos; resolveram regressar; e se puseram de novo em caminho.

Depois de viajar alguns dias, chegaram a um rio sobre o qual se estendia uma bela ponte; como, porém, estava passando, por essa ponte, uma enorme caravana de carga, a dorso de mulas e a dorso de cavalos, foi preciso que eles se resignassem a esperar até que aquilo acabasse de fazer uso daquela ponte. Quase todos os animais já haviam transposto a ponte quando, por acaso, houve um burro que estacou, como frequentemente vemos que os burros fazem; o animal não queria, de forma alguma, ir para a frente; por isto, um tropeiro, agarrando uma vara, começou a bater nele, para que ele se resolvesse a passar; primeiro, bateu de leve; o burro, porém, ora virando para um lado, ora para outro, sempre de través da passagem, e, por vezes, até recuando alguns passos, não queria saber de retomar a marcha; em consequência, o tropeiro, enfurecido, passou a vibrar, com aquela vara, naquele burro, as mais violentas pancadas deste mundo; batia ora na cabeça, ora nos flancos, ora na garupa, mas tudo em vão. Ao verem isto, Melisso e Josefo, que ali estavam a contemplar, diziam, de quando em quando, ao tropeiro:

— Olá, mau tropeiro! Que é que está fazendo? Quer matar o animal? Por que é que você não procura conduzir o burro com bons modos e delicadamente? Ele obedecerá melhor aos bons modos, do que às pauladas que você lhe aplica.

Ao que o tropeiro respondeu:

— Vocês conhecem os seus cavalos, e eu o meu burro; deixem-me agir à minha maneira com ele.

Depois de dizer isto, o tropeiro continuou a surrar o animal; e tanto bateu, seja de um lado, seja de outro, que o burro, afinal, acabou marchando para a frente; por aqui se viu que o tropeiro venceu a prova. Estando, pois, os dois moços, na iminência de retomar a viagem, Josefo perguntou, a um homem do povo, que se encontrava sentado à cabeceira da ponte, como é que aquele lugar se chamava. Ao que o bondoso homem respondeu:

— Senhor, isto aqui se chama ponte All'Oca.

Ao ouvir isto, Josefo recordou-se das palavras de Salomão; e disse, dirigindo-se a Melisso:

— Companheiro, o que lhe digo é que o conselho que Salomão me deu talvez seja bom e acertado; e isto, porque bem percebo eu, agora, que eu não sabia surrar a minha mulher; aquele tropeiro me mostrou o que devo fazer.

Após mais uns poucos dias de viagem, os dois moços chegaram de volta a Antioquia, onde Josefo reteve Melisso, em sua casa, a fim de que este repousasse alguns dias. Vendo-se recebido, pela esposa, de maneira que não era aquela pela qual se deve acolher um esposo que regressa de longa viagem, ordenou, à mulher, que preparasse a refeição como Melisso bem preferisse. Melisso, depois de perceber o que era que mais agradava a Josefo, desincumbiu-se em poucas palavras. A mulher, como estava habituada a fazer no passado, não preparou coisa alguma de acordo com as determinações de Melisso; procedeu quase que de forma contrária à pedida por ele. Josefo observou este procedimento; zangou-se; e disse:

— Não foi dito a você, minha esposa, o modo pelo qual deveria preparar este jantar?

A mulher, voltando-se para ele, com orgulho, rebateu:

— Mas o que é que isto quer dizer? Que você não janta, se não quer jantar? Pois olhe, ainda que me haja sido dito de outro modo, eu achei que devia fazer assim. Se lhe agrada, muito bem! Se não lhe agrada, é só isso o que há.

Melisso ficou estupefato, diante da resposta daquela mulher; e lamentou que ela assim se comportasse. Josefo, ouvindo isto, disse:

— Mulher, pois então você ainda é a mesma que costumava ser? Pode ficar certa de que eu a farei mudar de modos!

A seguir, voltou-se para Melisso, ao qual observou:

— Meu amigo, logo veremos se foi de algum valor o conselho dado por Salomão. Peço-lhe, porém, que não se aborreça, por assistir ao que se vai passar; peço-lhe, igualmente, que leve em conta de brincadeira, o que pretendo fazer agora. E, a fim de que você não me impeça de agir, acho bom você recordar-se da resposta que lhe deu aquele tropeiro, quando o burro empacou.

A isto, Melisso notou:

— Encontro-me em sua casa, onde não nutro o propósito de impedir que você proceda pela forma que mais lhe agrada.

Josefo procurou e encontrou um bastão roliço, tomado a um carvalho jovem; rumou, com ele, para o quarto, para onde a mulher se dirigira, resmungando, depois de se erguer da mesa, em consequência da observação feita pelo marido; agarrou-a pelas tranças; atirou-a ao chão, junto aos seus pés; e começou a surrá-la violentamente, com aquele bastão. A mulher tratou, primeiro, de gritar; depois, passou a ameaçar; vendo, porém, que nada disto fazia com que Josefo parasse, e sentindo-se toda rota, começou a suplicar, pelo

amor de Deus; pediu-lhe que não a matasse, por piedade; e prometeu, em troca disso, que nunca mais se afastaria daquilo que ele determinasse, ou fosse de seu agrado. Mesmo assim, Josefo não interrompeu a pancadaria; ao contrário; prosseguiu batendo cada vez com mais fúria, atingindo ora as costas, ora as ancas e ora os ombros, com golpes realmente severos; depois, procurou atingir as costelas; e não parou enquanto não se sentiu positivamente cansado; em pouco tempo, não houve osso, nem região, nem parte, do corpo daquela mulher, que ficasse sem o seu quinhão de pancadas.

Feito isto, Josefo tornou à presença de Melisso, a quem disse:

— Amanhã, veremos o valor que tem o conselho dado de “Vá à ponte All’Oca”!

Josefo repousou um pouco; a seguir, lavou as próprias mãos; e jantou, em companhia de Melisso; quando chegou a hora, os dois foram dormir.

A mulher, sem dúvida bem ruinzinha, só com grande esforço conseguiu erguer-se do chão; e, erguendo-se, atirou-se logo à cama, onde, como lhe foi possível, tratou de refazer-se. Na manhã seguinte, ela levantou-se bem cedo; mandou perguntar, a Josefo, o que é que desejava para o almoço. Josefo riu-se, em companhia do amigo, e deu as suas determinações. Quando chegou a hora do almoço, os dois companheiros voltaram para casa e foram à sala, onde encontraram tudo otimamente disposto, de acordo com as ordens dadas por Josefo. Em consequência, Josefo e Melisso louvaram infinitamente o conselho de Salomão, que, de início, fora tão mal compreendido por eles.

Depois de vários dias, Melisso despediu-se de Josefo, regressando à sua casa. Encontrando-se com um homem, que era muito esclarecido, comunicou o conselho que havia recebido de Salomão; e o homem lhe disse:

— Nenhum outro conselho, nem mais verdadeiro nem melhor, lhe poderia ser dado. Você bem sabe que você não ama ninguém; as homenagens e os serviços que você presta, você não os presta por amor que possa ter para com os outros, e sim por uma questão de pompa. Ame, pois, como Salomão aconselhou; e será amado.

Por esta forma, como se vê, foi castigada aquela mulher raivosa e arredia; e o jovem, amando, passou a ser amado.

Nota

¹ Rei bíblico de Israel, de 971 a 932 a.C. Grande sábio e impecável distribuidor de justiça, deixou sentenças e poesias que, em sua maior parte, se enquadraram na Bíblia (Velho Testamento), onde aparecem integrando o Livro dos Provérbios, o Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos. Foi ele quem mandou construir o templo de Jerusalém, templo este que, por muito tempo, foi o símbolo da unidade nacional do povo judeu, bem como a prova da sua eleição divina.

DÉCIMA NOVELA

Donno Gianni, por instância do compadre Pedro, faz o feitiço destinado a transformar sua esposa em égua; quando vai para aplicar a cauda, o compadre Pedro, dizendo que não quer cauda, arruína o efeito todo da mandinga.



Esta novela, desenvolvida pela Rainha, deu motivo para que as mulheres murmurassem e para que os moços rissem; mas, depois que isto passou, Dioneio começou a falar por esta forma:

— Formosas mulheres, em havendo muitas pombas brancas, um corvo negro acrescenta muito mais beleza, ao conjunto, do que um cândido cisne. De igual maneira, em havendo muitos sábios, é possível que, uma ou outra vez, um homem menos sábio seja capaz de acrescentar não somente esplendor e beleza à maturidade deles, mas também prazer e diversão. Visto e considerado que assim é; sendo vocês todas mulheres extremamente discretas e moderadas; recendendo eu mais tolice do que sabedoria; e concorrendo eu, por isto, para tornar mais luminosa a virtude de vocês, por causa dos meus defeitos — devo ser muito mais estimado, por vocês, do que se eu possuísse maior valor e com ele tornasse mais apagada a sua virtude. Consequentemente, de maior liberdade devo eu dispor, a fim de mostrar-me exatamente como sou: e mais pacientemente deve essa liberdade ser tolerada por vocês, do que se eu fosse mais esclarecido, ao dizer aquilo que agora vou narrar.

Contar-lhe-i, pois, uma novela não muito longa, através da qual vocês compreenderão até que ponto é preciso que se observem, minuciosamente, as determinações impostas por aqueles que realizam alguma coisa por meio de bruxaria; compreenderão, igualmente, como é que uma pequena falha, que ocorra durante a efetivação da mandinga, seja bastante para arruinar tudo o que deveria resultar do feitiço.

No ano passado, viveu, em Barletta, um padre chamado Donno Gianni¹ di Barolo; por encontrar-se numa igreja muito pobre, este padre, a fim de conseguir o sustento da própria vida, passou a transportar mercadorias, no dorso de uma égua; ia, assim, de um lado para outro, pelas feiras das Apulhas, com o propósito de comprar e de vender. Procedendo por esta forma, travou amizade com um homem que se chamava Pedro da Tresanti, que fazia a mesma coisa que ele, empregando, porém, um burro; em sinal de afeição e de amizade, à maneira dos apulhenses, o padre não o chamava a não ser pela designação de “compadre Pedro”. Todas as vezes que o compadre Pedro aparecia em Barletta, o padre o conduzia à sua igreja, e ali o hospedava, fazendo-lhe as honras da casa da melhor maneira que lhe era possível. O compadre Pedro, de outra banda, era infinitamente pobre; tinha uma casinhola, em Tresanti, que bastava apenas para ele, para a sua esposa, que era muito bonita, e para o seu burro; todas as vezes em que o padre Donno Gianni chegava a Tresanti, o compadre Pedro o levava para a sua casa; e, ali, da melhor forma que podia, prestava-lhe homenagens, em sinal de reconhecimento pela hospedagem e pelas honras que recebia em Barletta.

Contudo, no que se referia à hospedagem, o compadre Pedro não podia honrar o padre Donno Gianni, como desejava, porque possuía, em sua casinhola, apenas uma pequena cama, na qual ele dormia com sua bela esposa. Existia, porém, ao lado do seu burro, na pequena cocheira, um lugar que podia ser ocupado pela égua do padre; e o próprio padre poderia acomodar-se junto à sua égua, deitando em cima de uma pouca de palha.

A mulher do compadre, sabendo das honras que Donno Gianni fazia ao seu marido, em Barletta, pensou, muitas vezes, nas épocas em que o padre aparecia em Tresanti, em ir dormir em casa de uma sua vizinha; esta vizinha se chamava Zita Carapresa, do juiz Leo; por esta forma, pensava a mulher, o padre poderia dormir, em companhia de seu marido, na sua cama; chegou mesmo a manifestar este pensamento ao padre; mas o padre não concordava nunca com isto. Entre as muitas vezes em que a mulher sugeriu a hipótese a Donno Gianni, houve uma em que este lhe disse:

— Comadre Gemmata, não se atribule por minha causa; estou muito bem assim; e isto porque, quando me agrada, eu faço com que a minha égua se transforme numa linda mocinha; e então eu me entretenho com ela; depois, quando me dá na telha, torno a fazer com que ela se transforme em égua; por este motivo, não quero separar-me dela.

A moça ficou maravilhada e acreditou nas palavras do padre; mais tarde, contou tudo ao marido, acrescentando:

— Se o padre é tão seu amigo, como você diz, por que razão você não pede, a ele, que lhe ensine o modo de fazer o feitiço? Se você lhe pedisse, você poderia fazer, de mim, uma égua, e sair a negociar com o burro e com a égua; não ganharíamos o dobro, assim? Depois, quando voltássemos para casa, você poderia fazer-me novamente mulher como sou.

O compadre Pedro, que era homem mais ingênuo do que esperto, acreditou que isto poderia ser feito, e concordou com a proposta da esposa; empregando as melhores palavras que conhecia, tratou de ir pedindo, a Donno Gianni, que lhe ensinasse a mandinga. O padre fez o possível para afastar o compadre Pedro de semelhante tolice; contudo, nada conseguindo, disse-lhe:

— Está bem. Uma vez que vocês dois o querem, nós nos levantaremos da cama, amanhã cedo, como costumamos fazer, antes do raiar do dia; então lhes mostrarei como é que se faz; mas a verdade é que, nesta mandinga, a coisa menos cômoda e menos fácil de se conseguir é a aplicação da cauda; você verá como e por quê.

O compadre Pedro e a comadre Gemmata mal conseguiram dormir naquela noite, de tão grande que era a ânsia com que esperavam aquilo que desejavam; assim que o dia se aproximou, saíram da cama e chamaram o padre Donno Gianni; este apareceu em camisa; entrou no estreito dormitório do compadre Pedro, e disse:

— Não sei de pessoa, neste mundo, a quem eu ensinaria isto, afora você. Uma vez, porém, que isto é do seu gosto, mostrarei como se procede. Entretanto, é preciso que vocês dois façam aquilo que eu ordenar, se é que desejam que se verifique o que for solicitado.

Os dois se prontificaram a agir como o padre mandasse. Então, o padre Donno Gianni, tomando o lume, entregou-o às mãos do compadre Pedro e ordenou:

— Agora, olhe bem; veja como eu faço; tenha bem na memória o que vou dizer; e, desde que você não queira arruinar o efeito todo da mandinga, evite de dizer uma única palavra, sequer, seja lá o que for que você passe a ouvir, ou a ver; e peça a Deus que a cauda se prenda bem.

O compadre Pedro tomou o lume; disse que faria tudo direitinho, como lhe estava sendo determinado. A seguir, Donno Gianni mandou que a comadre Gemmata se pusesse nua como nascera; fez com que ela ficasse de pés e mãos no chão, à maneira de como ficam as éguas; deu-lhe instruções,

semelhantermente, para que ela não fizesse movimento algum, fosse o que fosse que visse acontecer; depois, passando a tocar, com as mãos, no rosto e na testa da mulher, começou a murmurar:

— Seja esta uma bela cabeça de égua.

Tocando nos cabelos, acrescentou:

— Sejam estes cabelos uma bela crina de égua.

A seguir, tocando nos braços, mandou:

— E estes braços sejam belas pernas dianteiras e belas patas de égua.

Depois, tocando no peito, e encontrando-o bem duro e redondo, sentiu o próprio corpo despertar-se todo; e, endireitando-se, acrescentou:

— E seja isto um belo peito de égua.

O padre Donno Gianni procedeu de igual maneira quando chegou às ancas, ao ventre, à garupa, às coxas e às pernas; por fim, como não lhe restasse coisa alguma a fazer, a não ser a cauda, ergueu a própria camisa, e, tomando da estaca com que plantava criaturas, introduziu-a rapidamente no sulco feito para esse fim; e disse:

— E seja isto bela cauda de égua.

O compadre Pedro, que até então havia contemplado atentamente todos os pormenores da marcha da feitiçaria, viu também este último pormenor, que não lhe se afigurou conveniente; e exclamou:

— Oh! Donno Gianni! Eu não quero cauda! Não! Eu não quero cauda!

A essa altura, já havia chegado a umidade radical, pela qual todas as plantas começam a medrar; e, então, retirando a estaca, Donno Gianni lamentou:

— Ai de mim, compadre Pedro! Que foi que você fez? Pois eu não lhe disse que não deveria fazer movimento algum, fosse lá o que fosse que seus olhos vissem? A égua já estava na iminência de ser feita; mas você, falando, estragou tudo; e, já agora, nem sequer há a possibilidade de refazer o que foi desfeito.

— Não faz mal. Eu não queria aquela cauda. Em todo caso, por que foi que você não me mandou fazê-la, dizendo “Faça-a você”? Ademais, você a estava aplicando muito para baixo.

Então, Donno Gianni esclareceu:

— Porque, da primeira vez, você não saberia aplicá-la como eu sei.

A moça, ao ouvir estas palavras, ergueu-se e, de muito boa-fé, censurou o marido:

— Meu Deus! Que besta que você é. Mas por que foi que você estragou tudo, tanto os seus negócios como os meus? Qual foi a égua que você já viu sem cauda? Deus que me ajude! É verdade que você é pobre; mas não há dúvida que mereceria sê-lo muito mais do que é.

Não havendo, pois, nenhum jeito, mais, para se transformar a moça em égua, em consequência das palavras perturbadoras da mandinga, proferidas pelo compadre Pedro, a mulher, muito pesarosa e insatisfeita, tornou a vestir-se. Assim, dali a pouco, o compadre Pedro teve de ir tratar dos seus negócios, como era do seu costume, apenas com o seu burro; rumou, juntamente com Donno Gianni, para a feira de Bitonto; e nunca mais lhe pediu que fizesse aquela mandinga.

Nota

¹ “Donno”, aqui, equivale a “dom”, em italiano, título honorífico que, em português, se traduz por “dom”. O tradutor preferiu, porém, deixar a palavra como ela aparece no original, porque o autor a usou como se fosse parte do próprio nome de batismo do personagem.

DESPEDIDA



Quanto se riu, por efeito desta novela, que foi muito mais entendida, pelas mulheres, do que Dioneio teria desejado, imagine-o aquela que ainda sentir desejos de rir. Estavam, porém, concluídas as novelas; e o sol já havia começado a fazer-se tépido. A Rainha reconheceu que o fim da sua soberania tinha chegado; em consequência, pôs-se de pé; tirou a coroa da própria cabeça, colocando-a à cabeça de Pânfilo, que era o único membro do grupo que restava para ser honrado com semelhante coroa; e, sorrindo, disse-lhe:

— Senhor meu, grande tarefa pesa sobre seus ombros; porque, sendo você o último, caber-lhe-á emendar os meus defeitos, bem como os dos outros que já estiveram no lugar em que agora você está. Para isso, Deus que lhe conceda a Sua graça, como a concedeu a mim, determinando-me que faça você rei.

Pânfilo recebeu alegremente a honra que lhe era conferida; e respondeu:

— A sua virtude, juntamente com a virtude dos outros meus súditos, fará com que eu seja digno de louvor, como os outros o foram.

E, de acordo com o costume estabelecido pelos seus predecessores, dispôs, com o mordomo, aquilo que mais imediatamente precisava ser disposto; a seguir, voltou-se para as mulheres, que esperavam, às quais esclareceu:

— Mulheres enamoradas, o arbítrio de Emília, que foi nossa Rainha no dia de hoje, permitiu que vocês novelassem a seu bel-prazer, a fim de que vocês descansassem e refizessem as suas energias. Agora, uma vez que vocês já se encontram descansadas, julgo que seja de bom aviso voltar à lei costumeira; quero, pois, que, no dia de amanhã cada uma de vocês pense em novelar em torno de quem haja operado generosamente, ou, melhor, magnificamente, a propósito de fatos de amor, ou de outro sentimento. Dizendo e fazendo isto, não há dúvida que o espírito de vocês se preparará para agir com boa

disposição e grande valor; porque a nossa vida, que não pode ser senão breve, no nosso corpo mortal, assim se perpetuará em fama digna de louvor. É isto o que deve desejar — é para isto que deve desenvolver o maior esforço — toda pessoa que não aspire a servir unicamente ao próprio ventre, como fazem os animais.

O tema agradou ao grupo todo, que dele tomou conhecimento com alegria. Com permissão do novo rei, todos os componentes do grupo se ergueram, entregando-se cada qual ao seu divertimento preferido; cada um se deixou levar para onde o seu desejo o impelia; e assim todos continuaram, até à hora do jantar. Essa hora chegou, em meio a manifestações de contentamento e de festa; o jantar foi servido, diligentemente, em perfeita ordem. Ao concluir-se o jantar, todos se ergueram das mesas, entregando-se aos bailados costumeiros; já haviam cantado, magistralmente, talvez mil canções, mais espirituosas quanto às palavras do que quanto ao canto, quando o rei ordenou, a Neifile, que cantasse uma canção especial, em seu nome. Neifile, então, com voz clara e alegre, assim começou, agradavelmente e sem demora:

*Eu sou mocinha; e, de bom grado,
Alegro-me e canto na nova estação do ano,
Mercê do Amor e dos pensamentos doces.*

*Eu vou pelos verdes prados, contemplando
As flores amarelas, brancas e vermelhas,
As rosas sobre os espinhos, e os alvos lírios;
E a todas as flores vou dando a semelhança
Do rosto daquele que, amando-me,
Me prendeu, e me prenderá sempre, como a mulher
Que a nada mais aspira do que aos prazeres dele.*

*Quando, entre as flores, encontro alguma,
Que ao meu ver bem se parece com ele,
Colho-a, beijo-a, e falo-lhe;
Como me é possível, assim a minha alma
Inteira lhe abro, dizendo-lhe o que o coração deseja;*

*Depois, ponho essa flor com as outras, na grinalda,
Amarrando-as com os meus cabelos, louros e leves.*

*E esse prazer que, por sua natureza, a flor
Aos olhos oferece, ela me proporciona;
E então é como se eu visse a própria pessoa
Que toda me inflamou com o seu doce amor.
O que a flor me inspira, com o seu aroma,
Não consigo dizer com a palavra;
Mas os suspiros são testemunhos sinceros disso.*

*Os suspiros nunca saem do meu peito
Como do das outras mulheres, ásperos e graves;
Ao contrário: saem quentes e suaves,
E vão diretamente à presença do meu amor.
E o meu amor, assim que os sente, corre a mim,
Para me dar o prazer da sua pessoa, no minuto
Em que estou para dizer: “Venha! Não me desespere!”.*

Muito comentada e louvada foi a canção de Neifile, seja pelo rei, seja por todas as outras mulheres. Depois desse canto, visto que a noite já ia alta, o rei mandou que cada qual fosse repousar, até ao dia seguinte.

*Termina a nona jornada de O DECAMERÃO.
Começa a décima e última, na qual, sob
a soberania de PÂNFILO, se fala de quem
haja levado a efeito algum empreendimento,
com liberalidade, ou mesmo com magnificência,
em relação a fatos de amor, ou de outra
coisa.*





PÂNFILO



DÉCIMA JORNADA

Ainda se apresentavam vermelhas algumas pequenas nuvens no Ocidente; as do Oriente já eram, em suas extremidades, semelhantes a ouro; tinham-se tornado fortemente iluminadas, devido aos raios solares, que, aproximando-se muito delas, as feriam; foi quando Pânfilo, erguendo-se da cama, ordenou que se chamassem as mulheres e os seus companheiros. Todos compareceram; com eles, ele deliberou que cada qual poderia retirar-se e ir por ali, entretendo-se a seu bel-prazer. Pânfilo, com passo lento, se pôs à frente, sendo acompanhado por Filomena e por Fiammetta; todos os outros os seguiram, um pouco atrás. Conversaram, juntos, sobre muitas circunstâncias relacionadas com a sua vida futura; e assim prosseguiram, ora dizendo, ora respondendo, por longo espaço de tempo, sem deixar, por isto, de brincar. Deram, assim, uma volta muito comprida; e visto que, depois, o sol começou a esquentar-se em excesso, todos regressaram ao palácio; ali, ao redor da límpida fonte, os que assim quiseram beberam quanto foi de seu agrado, depois de serem enxaguados os copos. A seguir, os membros do grupo se puseram a espairecer por entre as agradáveis sombras do jardim, até à hora da refeição. Depois de terem comido e dormido, como costumavam fazer, todos se reuniram onde aprouve ao Rei que se reunissem. Então, o Rei mandou que Neifile procedesse à primeira narrativa. E ela, satisfeita, assim começou:

PRIMEIRA NOVELA

Um cavaleiro serve o rei da Espanha; afigura-se-lhe que é mal galardoado. Por esta razão, o rei, com inegável experiência, lhe mostra que isso não decorria de culpa dele, rei, e sim da sorte perversa dele, cavaleiro; e, depois, recompensa-o generosamente.



— raça extraordinária, honoráveis mulheres, eu reputo o fato de o nosso Rei me haver chamado para tamanha tarefa, como é essa de novelar em torno de magnificências; assim como o sol é beleza e ornamento do céu todo, assim também a magnificência é luminosidade e fulgor de toda outra virtude. Direi, pois, uma novelazinha, muito agradável, ao meu modo de ver. O recordar-se alguém, dela, não poderá, por certo, ser senão útil.

Vocês devem, então, saber que, entre outros valorosos cavaleiros, que de muito tempo para cá existiram na nossa cidade, um houve que foi o sr. Ruggieri dei Figiovanni, e que era, talvez, o mais digno. Este cavaleiro era rico e de grande ânimo; considerada, porém, a qualidade do viver e dos costumes da Toscana, ele percebeu que, se na nossa cidade permanecesse, pouco, ou mesmo nada, poderia mostrar do seu valor. Em consequência, pareceu-lhe que seria de bom aviso passar algum tempo a serviço de Afonso, rei de Espanha;¹ naquela época, a fama do valor deste soberano superava, e de muito, a de qualquer outro senhor. Ruggieri dei Figiovanni foi ter com ele, na Espanha, apresentando-se muito dignamente, tanto em armas, como em cavalos e como em sequazes, e sendo recebido com grandes atenções por parte do rei. Ali, pois, o sr. Ruggieri passou a viver; vivia esplendidamente; realizava tentos maravilhosos quanto a feitos de armas; e não tardou a tornar-se conhecido pelo valor que realmente possuía.

Depois de haver permanecido longo tempo na Espanha, e de haver meticulosamente observado as maneiras do rei, afigurou-se-lhe que o soberano doava castelos, cidades e baronias com muito pouco discernimento quanto a méritos; chegava mesmo a dá-los a quem não os queria. Visto, então, que a ele,

que vivia condignamente com os seus próprios recursos, nada era dado, achou que esta circunstância poderia contribuir para lhe diminuir injustamente a fama que granjeara. Em face destas considerações, deliberou afastar-se daquele serviço, para o que solicitou permissão ao rei. O soberano concedeu-lhe a licença pedida, oferecendo-lhe uma das melhores mulas que jamais se houvesse montado, e que, além disto, era uma das mais belas. Tomando em consideração o longo caminho que deveria percorrer, muito este presente agradou ao sr. Ruggieri.

Depois disto, o rei ordenou, a um seu fâmulos, discreto e hábil, que, pela forma que melhor lhe parecesse, tratasse de conseguir cavalgar juntamente com o sr. Ruggieri; deveria fazê-lo, porém, de maneira que não se percebesse que havia recebido ordens para proceder assim; nestas condições, deveria ouvir cuidadosamente o que o sr. Ruggieri tomasse a iniciativa de dizer, a propósito do rei, a fim de lhe relatar, a ele, rei, tudo, posteriormente; na manhã seguinte, entretanto, o fâmulos deveria dar ordem, ao sr. Ruggieri, para que voltasse atrás de sua resolução, e tornasse a servir o soberano.

O fâmulos ficou alerta. Assim que o sr. Ruggieri saiu do lugar, conseguiu, de modo muito natural, fazer-lhe companhia, dando-lhe a entender que ia a caminho da Itália.

Cavalgando, pois, o sr. Ruggieri, a mula que o rei lhe havia dado de presente, e indo o fâmulos ao seu lado, os dois passaram a conversar, ora a respeito de uma coisa, ora a propósito de outra; quando se aproximou a hora terceira, o sr. Ruggieri disse:

— Creio que faremos bem se dermos estábulo a estes animais.

Os dois entraram numa estrebaria, e estabularam todos os outros animais, afora a mula. Depois, cavalgaram para a frente; o fâmulos manteve-se sempre atento às palavras do cavaleiro; e assim chegaram à beira de um rio; ali, deram de beber aos animais; a mula urinou no rio. Ao ver isto, o sr. Ruggieri exclamou:

— Deus que lhe dê todas as tristezas, mula imprestável, porque você é feita exatamente como o senhor que me deu você de presente!

O fâmulos guardou na memória esta expressão; caminhando, dali por diante, o dia inteiro na companhia do sr. Ruggieri, nenhuma outra expressão lhe arrancou, que não fosse de elevado louvor ao rei. Na manhã seguinte, todos tornaram a montar; e, como o cavaleiro desejava rumar para a Toscana, o fâmulos lhe transmitiu a ordem dada pelo rei. Em consequência, o sr. Ruggieri, sem demora alguma, voltou pelo mesmo caminho já percorrido.

O rei foi informado a respeito daquilo que o cavaleiro exclamara, referindo-se à mula; mandou, pois, chamar o sr. Ruggieri à sua presença; recebeu-o com semblante de pessoa satisfeita; e perguntou-lhe por que razão ele, cavaleiro, o havia comparado, a ele, rei, à mula, ou, melhor, por que havia comparado a mula a ele. O sr. Ruggieri, com ar franco e destemido, disse:

— Senhor meu, fiz aquela comparação porque, assim como o senhor faz doações a quem não as merece, e a quem as merece não as faz, assim também a mula não urinou no lugar próprio para isso, mas foi fazê-la em lugar que para isso não se indicava.

Então o rei disse:

— Sr. Ruggieri, o fato de eu não lhe haver feito doações, como fiz a muitos, os quais nada são, se comparados consigo, não ocorreu pela circunstância de eu deixar de o reconhecer como cavaleiro valoroso que é, e digno de toda grande doação; o que aconteceu foi que a sua sorte, que não me abandonou, é que nisso pecou; não eu. E vou mostrar-lhe claramente como estou dizendo a verdade.

Ao que o Senhor Ruggieri obtemperou:

— Meu senhor, não me queixo de não haver recebido doação alguma de sua parte, pois nada eu desejava, uma vez que não preciso ser mais rico do que sou; o de que me queixo é da circunstância de o senhor não haver dado, nunca, o menor testemunho, o menor reconhecimento, quanto ao meu valor. Ainda assim, recebo a sua explicação como sendo boa e honesta; ademais, estou pronto a assistir ao que desejar mostrar-me, muito embora eu creia não ter o senhor fundamento algum.

O rei, então, conduziu-o a uma grande sala, onde, como ele havia antecipadamente ordenado, se encontravam dois grandes cofres, fechados; e, na presença de muitos cavaleiros, disse-lhe:

— Sr. Ruggieri, num destes dois cofres, acham-se a minha coroa, o bastão real e o pomo; acham-se, igualmente, muitas das minhas belas cintas, juntamente com fivelas, broches, anéis e tudo o mais que é joia, e que eu possuo; o outro está cheio de terra. Tome, pois, um deles; e aquele que for pelo senhor tomado será seu. Assim, o senhor verá quem é que tem sido ingrato em relação ao seu valor; se eu, ou se a sua sorte madrasta.

O sr. Ruggieri, assim que verificou que o rei desejava que a prova realmente se fizesse, escolheu um dos cofres. O rei mandou que se abrisse o cofre assim escolhido; e verificou-se que estava cheio de terra. Em consequência, o rei, rindo, comentou:

— Bem pode verificar, sr. Ruggieri, que é verdade o que eu lhe disse quanto à sua sorte. Não obstante, o seu valor é tamanho, que bem merece que eu me oponha às forças da má sorte. Sei que o senhor não tem o propósito de se tornar espanhol; por isto, não quero dar-lhe castelos, nem cidades; mas desejo que aquele cofre, que a sorte perversa lhe tolheu, passe a pertencer-lhe, a despeito dessa mesma sorte; conseqüentemente, poderá levá-lo para a sua terra; e poderá, com isso, gloriar-se merecidamente, do seu valor e das suas virtudes, de que os meus presentes daria testemunho, aos olhos dos seus vizinhos.

O sr. Ruggieri tomou o aludido cofre; depois de apresentar, ao rei, os agradecimentos que se faziam oportunos, em face de tão rico presente, regressou, com tão preciosa carga, para a Toscana.

Nota

¹ Parece tratar-se, aqui, de Afonso XI, que subiu ao trono de Espanha em 1306, combateu contra os mouros, venceu o rei de Granada e conquistou a cidade de Alcalá.

SEGUNDA NOVELA

Guino di Tacco prende o abade de Cluny e cura-o do mal de estômago; depois, dá-lhe liberdade. O abade, regressando à corte de Roma, reconcilia Guino di Tacco com o Papa Bonifácio, que lhe concede a Prioria do Hospital.



ouvada já havia sido a munificência do rei Afonso, para com o cavaleiro florentino, quando o Rei, ao qual a novela anterior muito agradara, ordenou, a Elisa, que prosseguisse. E ela, imediatamente, começou:

— Delicadas mulheres, não se pode dizer que não tenha sido grande e louvável coisa o fato de um rei magnífico haver feito uso de sua magnificência a favor de alguém que lhe havia prestado serviços. Que se dirá, porém, se se contar o episódio de um prelado, que fez uso de admirável magnificência para com uma pessoa, mesmo sabendo que, se se houvesse tornado inimigo dela, ninguém repararia? Dir-se-á, por certo, que, se aquela do rei foi virtude, aquela do prelado constituiu milagre. Considere-se que, em geral, os prelados são muito mais avarentos do que as mulheres, sendo, por isso, grandes inimigos de toda liberalidade.

Não há dúvida que a todo homem apeteça, naturalmente, vingar-se das ofensas recebidas. Os prelados, como se vê, embora preguem a paciência, e conquanto recomendem, com suma insistência, a remissão das ofensas, dessa norma se desviam com muito mais animosidade do que quaisquer outros homens. Assim vocês verão abertamente, através da novela que a seguir lhes vou contar, até que ponto um prelado chegou, de fato, a ser magnífico.

Guino di Tacco fora expulso de Siena, por se haver tornado famoso em consequência do seu temperamento briguento e das roubalheiras que praticava; ademais, fizera-se inimigo dos condes de Santaflora; tomou, pois, a iniciativa de rebelar Radicófani contra a Igreja de Roma; e, permanecendo nesta localidade, determinou que fosse lá quem fosse, que passasse pelas suas redondezas, tinha de ser assaltado e roubado pelos seus companheiros de banditismo.

Ora, encontrando-se em Roma o papa Bonifácio VIII, chegou, à sua corte, o abade de Cluny, que se acredita que seja um dos prelados mais ricos do mundo; em Roma, este prelado passou a sofrer do estômago; em consequência, recebeu, da parte dos médicos, o conselho de ir aos banhos de lama de Siena, com a observação de que, se assim procedesse, ficaria curado, infalivelmente. Por este motivo, obteve permissão do papa; e, sem se incomodar com a fama de Guino, pôs-se a caminho, com grande pompa de arneses, de mercadorias, de cavalos e de criados.

Guino di Tacco, ao ser informado quanto à aproximação do abade, estendeu as suas redes; e assim conseguiu cercar, num lugar apertado e sem saída, o abade com todo o seu séquito e todas as suas coisas, sem exceção de um único meninote. Feito isto, Guino mandou que um dos seus homens, que era o mais bem falante, se fizesse acompanhar da melhor maneira possível, e fosse ter com o abade. O emissário ordenou, da parte de Guino, ao abade, com maneiras muito corteses, que fosse apear no castelo de Guino. Ao ouvir isto, o abade enfureceu-se; respondeu que não faria coisa alguma, uma vez que nada tinha que tratar com Guino; afirmou, ademais, que iria para a frente, e que bem gostaria de ver quem é que ousaria proibir-lhe a passagem. Então, o emissário, falando com humildade, esclareceu:

— O senhor chegou a um lugar em que, a não ser a vontade de Deus, e daí para cima, nada se teme, da nossa parte; neste lugar, o que está excomungado e interdito são precisamente todas as excomunhões e todas as interdições; por este motivo, queira de bom grado aceder à determinação de Guino a tal respeito.

Enquanto se trocavam estas palavras, o lugar foi inteiramente cercado pelos bandidos; o abade viu, claramente, que se encontrava aprisionado, com todos os seus; mostrou-se altivo e desdenhoso; e, em companhia do emissário, tomou o caminho do castelo de Guino; atrás dele seguiram todos os componentes do seu séquito, com as respectivas bagagens. O abade apeou no castelo; e, como Guino resolveu, foi posto, sozinho, numa pequena sala do palácio; a saleta era escura e sem conforto; todos os outros membros da comitiva do abade, cada qual de acordo com a sua qualificação social, foram muito bem acomodados pelas várias dependências do castelo; os cavalos, as armas e as bagagens foram postos a salvo, sem que ninguém bulisse fosse no que fosse. Depois de estar tudo disposto por esta forma, Guino foi ter com o abade, dizendo-lhe:

— Senhor, Guino, de quem o senhor é hóspede, manda que eu lhe peça para que tenha a bondade de especificar para onde o senhor vai, e também a gentileza de esclarecer a razão da viagem.

O abade, que era homem prudente, já havia renunciado à altivez anteriormente manifestada; especificou para onde ia, esclarecendo a razão pela qual viajava.

Depois de ouvir isto, Guino saiu, e imaginou que poderia curar o abade, sem emprego dos banhos de Siena. Mandou que se acendesse e se mantivesse aceso, naquela saleta, um grande fogo; ordenou que a saleta fosse bem guardada; e não voltou à presença do abade até à manhã seguinte. No outro dia, levou-lhe duas fatias de pão assado, sobre um guardanapo alvíssimo; levou-lhe, igualmente, um copo de vinho branco, de Corneuil, da França, que era a região onde o próprio abade havia nascido; e assim falou ao prelado:

— Senhor, quando Guino era moço, estudou Medicina; diz ele que aprendeu que, para o estômago, nenhum remédio é melhor do que aquele que ele vai preparar-lhe, e de que estas coisas, que agora lhe trago, são apenas o começo. Por isto, sirva-se destas coisas e conforte-se.

O abade estava com muito mais fome do que vontade de motejar; e, embora o fizesse com desdém, comeu o pão e bebeu o vinho branco. A seguir, proferiu muitas expressões altivas; formulou muitas perguntas; ofereceu vários conselhos; e, de modo especial, pediu que lhe fosse permitido avistar-se com Guino.

O bandido, ao ouvir tudo o que o abade disse, deixou que uma parte se perdesse, por ser vã; à outra parte, deu respostas muito atenciosas; e concluiu afirmando que, assim que lhe fosse possível, Guino o visitaria. Ditas estas coisas, Guino retirou-se. E não mais para ali voltou, a não ser no dia seguinte, com outra quantidade de pão assado, igual à do dia anterior, e com outra quantidade de vinho branco, também correspondente à da outra vez. Nestas condições, manteve o abade, durante vários dias; assim, observou que o prelado comeu também as favas secas que ele, muito de indústria, levava, às ocultas, para a saleta, e lá as deixava como que às escondidas. Por isto, perguntou ao abade, certo dia, como se fora por ordem de Guino, como é que ele achava estar, ou sentir-se, quanto ao próprio estômago. Ao que o abade respondeu:

— Eu creio que me sentiria bem se estivesse longe das mãos de Guino; afora isso, nenhuma outra vontade eu tenho, a não ser a vontade de comer; e isto comprova que os remédios me curaram de todo.

Então, Guino mandou que, com as próprias coisas do abade, e com os seus próprios criados, se arrumasse um belo salão, onde ordenou que se aprontasse um opulento banquete; a este banquete, deveria estar presente toda a comitiva do prelado, com muitos homens do castelo. Pela manhã, Guino foi ter com o abade, ao qual disse:

— Senhor, uma vez que o senhor se sente bem, é tempo de sair da enfermaria.

Tomou o abade pela mão; conduziu-o ao grande salão que havia sido propositadamente preparado; ali, deixou-o em companhia dos membros de sua própria comitiva; e foi cuidar de outras coisas, a fim de se assegurar de que o banquete viesse ser realmente magnífico. O abade entreteve-se algum tempo com os seus homens, aos quais narrou a vida acabrunhada que tinha vivido naqueles últimos dias; os outros, então, contaram-lhe justamente o contrário, informando-o de que haviam sido maravilhosamente tratados e honrados por Guino. Quando, porém, chegou a hora de se servirem os convidados, o abade e todos os outros foram em boa ordem presenteados com viandas gostosas e vinhos saborosos; ainda assim, Guino não se deu a conhecer ao abade de Cluny.

Entretanto, depois que o mencionado abade foi mantido por esta forma, ao longo de vários dias, Guino determinou que todos os utensílios e todas as bagagens dele fossem levados para uma certa sala; num pátio, que ficava logo abaixo da referida sala, ordenou que se reunissem todos os cavalos do prelado; para ali foi levado, por sua resolução, até o mais modesto dos rocinantes que fizera parte do conjunto do séquito do ilustre viajante; a seguir, Guino foi ter com o abade; perguntou-lhe como se achava de saúde, e também se se sentia bastante forte para cavalgar. O abade informou que se sentia muito forte; que tinha a ideia de estar curado do mal do estômago; e que melhor ainda se sentiria, no momento em que se visse fora das mãos de Guino. O próprio Guino, então, conduziu o abade para a sala onde se encontravam todas as coisas pertencentes à sua comitiva; mostrou-lhe o corpo completo dos serviçais que com ele haviam viajado; fez com que ele se aproximasse de uma janela, de onde podia ver o inteiro conjunto dos seus cavalos; e disse:

— Senhor abade, o senhor deve ficar sabendo que foram a circunstância de ser gentil-homem, o fato de o haverem expulso da própria casa, em plena pobreza, e a realidade que consiste em ele possuir muitos e muitos poderosos inimigos, que obrigaram Guino di Tacco, que sou eu, a transformar-se em ladrão de estrada e em inimigo da corte de Roma. Eu tive de defender minha vida e minha nobreza; nunca me animou a menor malvadeza de coração.

Visto, todavia, que o senhor me parece pessoa digna, e uma vez que eu o curei do mal do estômago, como de fato curado o tenho, não pretendo tratá-lo como trataria qualquer outro personagem; qualquer figurão, quando cai nas minhas mãos, como o senhor está agora, tem de deixar comigo a parte dos seus haveres que o meu arbítrio manda que deixe. No caso do senhor, entretanto, desejo que o senhor mesmo escolha e determine, como bem entender, a parte das suas posses que, levadas em linha de conta as minhas necessidades, possa ou deva ser deixada comigo. Todas as suas coisas, sem tirar nem pôr, se encontram aqui à sua frente; quanto aos seus cavalos, pode vê-los desta janela, pois estão lá no pátio; pode o senhor levar consigo uma parte ou o todo, como lhe agradar mais; por outro lado, fica ao léu do seu prazer o partir ou o continuar aqui, pelo tempo que for da sua conveniência.

O abade maravilhou-se diante do fato de palavras tão generosas serem proferidas por um salteador de estrada. Estas palavras, porém, lhe conquistaram a simpatia, inspirando-lhe tranquilidade; de pronto, a zanga e o desdém se lhe dissiparam do espírito; transformaram-se de súbito em benevolência; em consequência, o prelado se fez, de todo coração, amigo de Guino; correu a abraçá-lo; e disse:

— Juro por Deus que, para poder conquistar a amizade de um homem do valor que agora julgo que você tem, bem que me decidiria a sofrer ofensa muito maior do que aquela que até aqui se me afigurou que você me estivesse fazendo. Maldita seja a sorte, que o força a viver na prática de tão deplorável ofício!

Depois de dizer isto, o abade mandou que, de todas as suas coisas, pouquíssimas, e somente as de uso mais imediato, ou pessoal, fossem retiradas do conjunto; mandou, também, que se procedesse da mesma forma em relação aos cavalos; e tudo o mais foi deixado a Guino, voltando o abade, com sua comitiva, para Roma.

O papa já havia recebido notícias acerca da contingência com que o abade se defrontara; ficara profundamente sentido e preocupado com o fato; vendo-o, porém, regressar, perguntou-lhe se os banhos de lama de Siena lhe haviam feito algum bem. Ao que o abade, sorrindo, explicou:

— Santo Padre, muito mais perto do que os banhos, encontrei um médico de valor, que me curou de modo realmente ótimo.

E contou-lhe de que maneira fora curado. O papa riu-se da explicação e da narrativa. Por isto, o abade, prosseguindo na sua fala, e impelido por um sentimento magnífico, pediu, ao Santo Padre, uma graça. O papa imaginou

que o abade lhe iria pedir qualquer outra coisa; e, por isto, apressou-se a conceder, de antemão, o que lhe pudesse ser solicitado. Então, o abade disse:

— Santo Padre, o que desejo solicitar de Sua Santidade é que conceda sua graça a Guino di Tacco, meu médico, porque, dentre os muitos outros homens de valor, que tenho conhecido de longo tempo para cá, ele é, por certo, um dos de mais distinção e de maior valor. O mal que ele pratica, eu o reputo mais pecado da sorte, do que dele. Se Sua Santidade lhe mudar a sorte, com a concessão de algum recurso que lhe permita viver de acordo com o seu estado, não duvido de que, dentro de pouco tempo, ele se transformará radicalmente, a ponto de se afigurar, aos seus olhos, o que se afigura aos meus.

O papa, ao ouvir isto, e como homem de grande coração que era, além de grande apreciador dos cavaleiros dignos, declarou que concederia de bom grado a graça pedida, uma vez que Guino deveria ser, naturalmente, aquilo que o abade dizia; o abade, pois, que fizesse com que Guino comparecesse à presença do papa. Em consequência, Guino compareceu à corte de Roma, inteiramente confiante, como aprouve ao abade; não foi preciso que ele ficasse muito tempo junto do papa, para que este passasse a reputá-lo homem de extraordinário valor. Reconciliado, assim, com a corte, o papa deu, a Guino di Tacco, um grande priorado, daqueles da Ordem do Hospital, depois de mandar que o elevassem à categoria de cavaleiro dessa mesma Ordem. Guino conservou o referido priorado e manteve-se na qualidade de amigo tanto da Santa Igreja como do abade de Cluny por todo o tempo em que viveu.

TERCEIRA NOVELA

Mitrídanés sente inveja da cortesia de Natã; vai à procura dele para o matar; mesmo sem o conhecer, dá com ele; e informado, por ele mesmo, quanto à maneira de o encontrar, vai encontrá-lo num pequeno bosque, de acordo com aquela informação. Mitrídanés reconhece, em Natã, o homem que o informara; envergonha-se; e torna-se seu amigo.



odos tiveram a impressão de haver ouvido a narrativa de algo semelhante a um milagre, pelo fato de um prelado haver levado a termo determinada obra com tanta magnanimidade. Amainando, porém, o conversar das mulheres, o Rei ordenou a Filóstrato que prosseguisse com o novelar. E Filóstrato imediatamente começou:

— Nobres mulheres, foi grande a munificência do rei de Espanha; e foi coisa talvez não ouvida jamais a magnanimidade do abade de Cluny. Mas talvez lhes venha a parecer coisa maravilhosa o ouvir que um homem, ao saber que um outro lhe desejava o sangue, provavelmente até o espírito, se dispôs, por liberalidade de temperamento, a dá-las; e que os teria dado, se o outro, depois, houvesse querido tomá-los. É isto o que eu, numa pequena novela, pretendo apresentar.

É coisa certíssima a de que, se alguma fé se pode depositar nas palavras de determinados genoveses, e de outros homens que por aquelas bandas viajaram, existiu, lá pelas terras de Catai, um homem de nobre linhagem, rico além de todo confronto, e que se chamava Natã. Morava este homem perto de uma estrada pela qual passava, necessariamente, todo aquele que rumasse do Poente para o Levante, ou do Levante para o Poente.

Como tinha espírito grande e generoso, e como alimentava o desejo de se tornar conhecido por suas obras, mandou construir, ali, um dos mais belos, dos maiores e dos mais ricos palácios que até então se haviam visto; empregou, na sua construção, inúmeros mestres; e a construção se completou em breve espaço de tempo. A seguir, equipou magnificamente o palácio com todos os

recursos oportunos para nele poder receber e prestar homenagem a gentis-homens. Tornou-se também possuidor de uma criadagem enorme e bonita. E, assim, passou a receber e a honrar, com alegria e com festas, todos os que iam e todos os que vinham.

Tanto persistiu neste louvável costume que não somente o Levante, mas também o Poente, já o conhecia.

Natã já se encontrava carregado de anos; mas ainda não se havia fatigado de fazer gentilezas e de proporcionar cortesias; e aconteceu que a sua fama chegou aos ouvidos de um jovem chamado Mitrídanês, oriundo de uma terra não distante da de Natã. Mitrídanês sentia-se não menos rico do que Natã; passou, porém, a sentir inveja da fama e da virtude dele; e, por isto, formou a ideia segundo a qual deveria fazer uso de liberalidade ainda maior do que a de Natã, para lhe anular o prestígio, ou, então, pelo menos, o ofuscar. Mitrídanês mandou, pois, construir um palácio semelhante ao de Natã; começou a prodigalizar as mais desmesuradas cortesias, de que se possuía conhecimento, às pessoas que, indo ou vindo, passavam pelo lugar onde ele se instalara; e não há dúvida que, dentro de pouco tempo, se tornou amplamente famoso.

Aconteceu um dia que, encontrando-se o jovem inteiramente só no pátio do seu palácio, uma pobre velhinha entrou por uma das numerosas portas da mansão; entrou e pediu-lhe esmola; e recebeu o que pediu; posteriormente, a velhinha apresentou-se segunda vez a Mitrídanês, e tornou a receber nova esmola; ela assim procedeu, sucessivamente, até à duodécima vez. Na décima terceira oportunidade, Mitrídanês disse-lhe:

— Bondosa mulher, você é muito insistente neste seu esmolar.

Não obstante, deu-lhe outra vez a esmola. A velhinha, ao ouvir aquela observação, exclamou:

— Oh! Liberalidade de Natã! como você é maravilhosa! Eu entrei pelas 32 portas que o seu palácio tem, como este; todas as vezes, pedi-lhe esmola; nunca fui reconhecida por ele, ou, em todo caso, ele nunca mostrou reconhecer-me; e eu sempre obtive o que pedi. Aqui, ao contrário, ainda não apareci mais do que 13 vezes; entretanto, já estou sendo reconhecida, e, além disto, estou sendo objeto de observações!

Assim falando, a velhinha desapareceu e nunca mais voltou. Mitrídanês ouviu as palavras da mulher; tudo o que ele ouvia, a respeito da boa fama de Natã, era interpretado, por ele, como diminuição da sua própria; teve, pois, um acesso de ira, e disse, raivoso: “Ai de mim! Pobre de mim! Quando chegarei eu ao nível da grande generosidade dos atos de Natã? Não desejo, sequer,

superá-lo, nisso; mas será que nem nas coisas bem pequenas consigo aproximar-me daquilo que ele faz? Em verdade, estou esforçando-me em vão, desde que não me resolva a eliminá-lo da face da terra; uma vez que a velhice não o leva deste mundo, é imprescindível que, sem demora, eu o elimine com as minhas próprias mãos”.

Ergueu-se com este pensamento; não comunicou a quem quer que fosse a sua resolução; montou a cavalo, e, seguido por pequeno número de fâmulos, chegou, depois do terceiro dia, ao lugar em que Natã morava. Impôs, aos que o acompanhavam, que dessem mostras de não estar com ele, e também de não o conhecer; determinou, igualmente, que se munissem de mantimentos, até receberem nova remessa da parte dele; depois, ao cair da tarde, aproximou-se, sozinho, do palácio de Natã; ali, cavalgando pelas redondezas, encontrou-se com Natã, que também estava sozinho, pois era seu costume fazer uma caminhada, a título de exercício, sem o emprego de qualquer pompa. Mitrídanês não conhecia Natã, em pessoa; perguntou-lhe, por isso, se lhe sabia indicar onde é que Natã morava; e Natã, bem disposto, respondeu:

— Meu filho, não há pessoa que, por estas bandas, lhe possa e saiba responder melhor do que eu; por isto, quando for de seu agrado, eu o conduzirei até lá.

O moço esclareceu que ficaria muito satisfeito se ele o conduzisse; advertiu, contudo, que, desde que fosse possível, gostaria de não ser visto, nem conhecido, por Natã. Ao que Natã asseverou:

— E também isso eu farei, uma vez que lhe agrada que assim seja.

Mitrídanês apeou; e, caminhando a pé, ao lado de Natã, que com ele passou a desenvolver uma conversa extremamente agradável, percorreu o caminho, até ao palácio de Natã. Ali, Natã mandou que um dos seus fâmulos tomasse o cavalo do moço; e, aproximando-se do ouvido deste fâmulos, ordenou que comunicasse a todos os outros, do palácio, sem a menor perda de tempo, que ninguém deveria dizer, a Mitrídanês, que ele era Natã em pessoa; e assim foi feito.

Depois de entrarem no palácio, Natã mandou que o moço fosse levado e instalado numa sala belíssima, onde não lhe seria possível ver pessoa alguma, afora os criados que fossem destacados para lhe prestar serviço; ordenou que lhe prestassem todas as honras e lhe satisfizessem todas as vontades; e, por sua vez, fez-lhe companhia. Vivendo continuamente ao lado de Natã, Mitrídanês, embora reverenciando o ancião, como se fosse seu pai, perguntou-lhe quem era. Ao que Natã respondeu:

— Eu sou um modesto serviçal de Natã; sirvo-o desde a minha meninice; e ao seu lado envelheci; nunca ele melhorou a minha situação; assim, embora todos os homens o louvem, e o louvem muito, poucas razões eu tenho para o louvar.

Estas palavras despertaram alguma esperança, no espírito de Mitrídanês, de poder levar a efeito o seu perverso propósito, servindo-se de novas informações e cercando-se de maior segurança.

De conversa em conversa, Natã perguntou, a Mitrídanês, quem ele era, e qual a necessidade que o induzira a viajar até lá; concluiu oferecendo-lhe, em todo caso, o seu conselho e o seu auxílio, desde que isso lhe pudesse ser útil. Mitrídanês conteve-se um pouco, antes de responder; por fim, resolvendo confiar no ancião, fez uso de um demorado circunlóquio e acabou solicitando que jurasse sigilo; pediu-lhe, a seguir, o conselho e o auxílio; explicou quem era; revelou o motivo pelo qual viajara; expôs a razão que o havia impellido a tanto; e tudo o mais desvendou, por inteiro, ao conhecimento do ancião que tão seu amigo estava parecendo ser.

Natã, ao ouvir a argumentação e o criminoso propósito de Mitrídanês, modificou-se todo, no seu íntimo; mas, sem hesitar e sem fazer transparecer a menor perturbação, respondeu, com voz firme e semblante impassível:

— Mitrídanês, homem nobre foi seu pai, e você não pretenderá degenerar, uma vez que tomou a decisão, como ele havia também tomado, de ser liberal para com toda gente; quanto a mim, louvo-lhe a inveja que você nutre para com as virtudes de Natã; e isto porque, se o mundo, que é misérrimo, fosse feito de atos tão bondosos como os que ele realiza, logo se tornaria cômodo para a gente viver nele. O propósito que você tem em vista, e que você acaba de me revelar, será conservado em segredo; e, quanto a isto, creio que poderei proporcionar-lhe mais conselho do que auxílio. E o meu conselho é o seguinte: você bem pode ver daqui; a coisa de meia milha de distância daqui, existe um pequeno bosque, para onde, quase todas as manhãs, Natã se dirige, inteiramente só, fazendo exercício e entretendo-se durante longo espaço de tempo; ali, ser-lhe-á extremamente fácil encontrá-lo, bem como fazer dele o que mais lhe agradar. Se você o matar, e se ainda assim quiser voltar à sua casa, sem o menor impedimento, será preciso que você não regresse pelo caminho da sua vinda; deverá rumar pela estrada que está vendo, lá adiante, à esquerda, e que sai do bosque; embora aquele caminho seja um pouco silvestre, ele abrevia a distância até sua casa, e, ademais, é muito mais seguro.

Mitrídanés recebeu a informação; Natá, então, despediu-se dele; e, com toda cautela, fez saber, a todos os companheiros do próprio Mitrídanés, que também se achavam hospedados no palácio, onde é que deveriam ir esperá-lo, no dia seguinte. Quando, porém, o novo dia raiou, Natá não se sentiu de ânimo diverso daquele com o qual dera o seu conselho a Mitrídanés; não modificou, de forma alguma, os seus hábitos; por isto, foi, sozinho, para o pequeno bosque, onde sabia que iria morrer.

Mitrídanés ergueu-se da cama; tomou o seu arco e a sua espada, pois não levava outras armas; montou a cavalo; e rumou para o mesmo pequeno bosque; de longe, viu Natá, que fazia o seu passeio habitual, por entre as árvores, inteiramente só. Resolveu vê-lo e ouvi-lo falar, antes de o atacar; agarrou-o, pois, pelo capuz, que trazia à cabeça, e gritou:

— Velho, você está morto!

A isto, Natá nada mais respondeu do que isto:

— Portanto, eu o mereci.

Mitrídanés ouviu aquela voz; contemplou o velho em pleno rosto; reconheceu, imediatamente, que ele era o mesmo homem que o havia tão bondosamente recebido no palácio; que lhe havia feito companhia; e que o tinha fielmente aconselhado. Em consequência, dissipou-se-lhe do espírito todo o antigo furor; e a sua ira se transformou em vergonha. Logo após, Mitrídanés atirou para longe a espada, que já havia desembainhado para ferir o velho Natá; apeou do cavalo; e, chorando, correu aos pés do ancião, declarando:

— Reconheço, francamente, a sua liberalidade, meu pai caríssimo, ao ver com quanta cautela e com quanta modéstia você para aqui veio, no propósito de me oferecer o seu espírito, espírito este que eu, sem razão plausível alguma, desejei manifestamente eliminar. Deus, porém, mostrou-se muito mais cioso dos meus deveres, do que eu próprio o poderia ter sido. Justamente no ponto em que foi mais necessário, Ele me abriu os olhos do intelecto, que haviam sido fechados pela miserável inveja. Por isto, eu tanto mais reconheço que me encontro em débito, em relação à penitência do meu erro, quanto mais verifico a sua solicitude no propósito de não contrariar os meus desígnios, e até mesmo de os favorecer. Tome, pois, você, de mim, a vingança que acha que mais se convenha neste caso, para o meu pecado.

Natá fez com que Mitrídanés se pusesse de pé; abraçou-o, afetuosamente; beijou-o; e disse-lhe:

— Meu filho, pelo seu empreendimento, seja lá como você o prefira qualificar, perverso ou não, o que é certo é que você não precisa pedir-me

perdão; não foi por ódio que você o concebeu e tratou de o pôr em execução, e sim para o fim de ser considerado melhor do que eu sou. Viva, pois, perfeitamente seguro de mim; tenha por certo que nenhum outro homem, hoje vivo, o ama mais do que eu, porque estou levando em conta a elevação do seu espírito, uma vez que o seu objetivo não foi o de acumular dinheiro, como fazem os avaros e mesquinhos, e sim o de despendar o dinheiro já em suas mãos. Por outro lado, você não precisa envergonhar-se pela circunstância de haver desejado matar-me para se tornar famoso nem deve crer que eu me surpreenda em face do que você tentou fazer. Os sumos imperadores e os grandes reis quase que não praticam outra arte que não seja a de matar. E não apenas um homem eles matam, como você queria fazer, e sim um número infinito de criaturas humanas; incendeiam regiões; derrubam cidades; assim ampliam seus reinos, e, conseqüentemente, a sua fama. Aliás, se você, para tornar-se mais famoso, pretendia assassinar-me, a mim, e só a mim — e se chegasse a realizar o seu projeto — por certo que não faria coisa capaz de surpreender a ninguém, por ser esse um recurso muito usado.

Mitrídanês, não perdoando, a si próprio, o desejo perverso que tivera, mas apreciando devidamente a desculpa honesta encontrada por Natã, travou conversa a tal respeito; em certa altura, coube-lhe manifestar que se sentira fortemente maravilhado pelo fato de Natã se haver disposto a ser sacrificado, dando-lhe, a ele, Mitrídanês, conselho e oportunidade, para o sacrifício. Ao que Natã explicou:

— Mitrídanês, não quero que você se maravilhe em face do meu conselho e do fato de eu me dispor a ser sacrificado, porque, depois que eu formei a minha resolução, e que me dispus a fazer exatamente aquilo que você projetou levar a efeito, nenhum homem jamais se apresentou em minha casa, sem ser satisfeito nos seus pedidos, na medida das minhas possibilidades. Você apareceu, pronto para me tolher a vida; ouvindo-o pedir por ela, e a fim de não ser você o único a retirar-se do meu palácio com o seu pedido por satisfazer, imediatamente me decidi a dar-lhe. A fim de que você pudesse ter a minha vida, dei-lhe o conselho que pudesse servir-lhe para que você tomasse a minha vida e não perdesse a sua. Por tal motivo, ainda agora lhe digo e lhe peço: se tolher-me a minha vida é coisa que lhe agrada, tolha-a, e trate de satisfazer-se. Eu não sei como poderei empregar a minha vida de uma forma que seja melhor do que essa. Há oitenta anos que a estou empregando; utilizei-a nos meus prazeres e nos meus consolos; e sei que, obedecendo ao curso da Natureza, como fazem os outros homens e como acontece, em geral, com

todas as outras coisas, pouco tempo deve, já agora, restar para meu uso. Julgo que é muito melhor dar a vida, como sempre dei e despendi os meus tesouros, do que desejar conservá-la até ao ponto de ela me ser tolhida pela Natureza, contra a minha vontade. Presente modesto é a doação de cem anos já vividos; infinitamente menor, portanto, é dar-lhe os seis, ou os oito, que talvez se possa admitir que eu ainda tenha para viver! Tome-a, pois, se ela lhe agrada; peço-lhe para que assim faça. Enquanto vivi, nunca encontrei alguém que desejasse tê-la; e, se você não a tomar, não sei quando tornarei a encontrar alguém que a peça. E, ainda que acontecesse o fato de eu encontrar alguém que a desejasse, estou convencido de que, quanto mais eu conservar a vida, de menor valor ela se tornará; por isto, antes que ela se faça mais desprezível, tome-a; sou eu quem lhe pede.

Mitrídanés, profundamente envergonhado, exclamou:

— Não queira Deus que uma coisa tão preciosa como a sua vida seja separada de sua pessoa e tomada, ou ao mesmo desejada, por mim, ou por qualquer outra pessoa, como o foi por mim, poucos momentos antes! Não somente eu não quero diminuir-lhe os anos de duração, mas até gostaria de acrescentar-lhe os anos que eu mesmo tenho para viver.

Ao que Natã respondeu, de imediato:

— Se você pudesse, acrescentaria à minha vida os anos da lua; então, nesse caso, faria você contra mim o que eu nunca fiz contra quem quer que fosse, isto é: seria capaz de permitir que eu tomasse, de você, aquilo que nunca ousei tomar de pessoa alguma?

— Sim — declarou, de pronto, Mitrídanés.

— Então — disse Natã — você vai fazer o que eu lhe disser que faça. Você ficará, jovem como é, aqui na minha casa, e passará a ter o nome de Natã; eu irei para a sua casa, e farei que me chamem Mitrídanés.

Então Mitrídanés respondeu:

— Se eu soubesse agir tão bem como você sabe, e como você agiu, eu tomaria, sem maiores deliberações, aquilo que você me oferece. Como, porém, se me afigura que as minhas obras poderiam vir a ser uma diminuição da fama de Natã, e como não tenho o propósito de estragar, nos outros, aquilo que, em mim mesmo, não posso nem sei consertar, não o tomarei.

Estas e outras conversas, muito agradáveis, se desenvolveram entre Natã e Mitrídanés; e, quando foi do agrado de Natã, o, dois regressaram, juntos, ao palácio. Ali, durante vários dias consecutivos, Natã prestou honras e homenagens a Mitrídanés, a quem confortou com habilidade e saber,

estimulando-o a persistir no propósito de se esforçar para se tornar notável através de grandes empreendimentos.

Em certa altura, Mitrídanês manifestou o desejo de, em companhia de sua comitiva, regressar à própria casa; Natã, entretanto, já o havia convencido de que ele nunca o poderia sobrepujar em generosidade; e então lhe aceitou as despedidas.

QUARTA NOVELA

O sr. Gentil dei Carisendi, procedendo de Modena, retira da sepultura uma mulher casada, amada por ele, que fora sepulta como se estivesse morta. A mulher, voltando aos próprios sentidos, dá à luz um filho; e o sr. Gentil restitui a mulher e o filho a Niccoluccio Caccianimico, marido dela.



Algo de maravilhoso se afigurou a todos o fato de alguém se mostrar liberal quanto ao próprio sangue; com efeito, os membros do grupo afirmaram que Natã superou a generosidade do rei de Espanha e do abade de Cluny. Todavia, depois de feitos muitos comentários à novela, o Rei, olhando para Laurinha, deu a entender que desejava que ela falasse. Por esta razão, Laurinha começou, imediatamente:

— Jovens mulheres, episódios belos e magníficos foram os narrados; não se me afigura que algo tenha restado, para contar, a nós, que ainda temos de falar; por esta razão, podemos dar largas à fantasia, novelando, visto que tudo quanto se disser estará impregnado das altíssimas magnificências já referidas. Na realidade, nada nos restaria para contar, se não lançássemos mão dos fatos de amor, fatos estes que proporcionam abundantíssimo manancial de narrativas, próprio para se exaltar o aspecto de nobreza que se quiser. Seja por isto, seja porque a isso nos induz a nossa própria idade, agrada-me contar-lhes o caso da magnificência de um homem enamorado. A novela que lhes vou dizer não lhes parecerá, por acaso, inferior a qualquer outra das já contadas, desde que seja verdade que se dão todos os tesouros, que se esquecem todas as inimizades, e que se põem em mil perigos a própria vida, a honra e a fama, que são muito mais do que as riquezas e as amizades, a fim de se poder possuir a criatura amada.

Existiu, pois, em Bolonha, nobilíssima cidade da Lombardia, um cavaleiro que, por suas virtudes e pela nobreza do seu sangue, se fizera digno da maior consideração. Seu nome era sr. Gentil dei Carisendi. Este moço se enamorou

de uma nobre jovem chamada sra. Catalina, esposa de um homem cujo nome era Niccoluccio Caccianimico.¹ Por sentir-se o moço profundamente acabrunhado, devido ao seu amor, e por já quase não nutrir esperança alguma de ser correspondido, rumou para Módena, para onde fora chamado a fim de exercer as funções de podestade.

Nesta época, Niccoluccio não se encontrava em Bolonha; e a mulher, por se achar grávida, havia ido para uma sua propriedade rural, que ficava talvez a umas três milhas da cidade; aconteceu, assim, que um acidente severo a acometeu, surpreendendo-a de súbito. O acidente foi de tal ordem, e de tamanha gravidade, que nela se extinguiu todo sinal perceptível de vida; em consequência, foi considerada morta por um médico. A vista do que as suas parentas mais próximas diziam, e de acordo com as informações proporcionadas pela própria morta, pouco antes do falecimento, ela não se encontrava grávida tanto tempo quanto fosse o necessário para que a criança, no seu ventre, estivesse perfeita. Por força disto, sepultaram-na, sem mais preocupações, assim como ela se apresentava, porém depois de muitas lágrimas, numa das sepulturas de uma igreja das proximidades do lugar.

Este fato foi comunicado, sem a menor perda de tempo, ao sr. Gentil. Ao receber esta notícia, o sr. Gentil, embora não houvesse conseguido graça alguma da parte da mulher, muito lamentou o acontecido; mas, no seu íntimo, acabou dizendo: “Aí está, sra. Catalina! você está morta! Quanto a mim, durante todo o tempo em que você viveu, nem um único olhar me foi possível obter de sua parte; em consequência, agora que você não pode defender-se, nem subtrair-se ao meu amplexo, é justo que eu colha um seu beijo, a despeito de você estar morta, como realmente está!” O sr. Gentil disse isto, de si para consigo. E, como já era noite, dispôs tudo por tal forma, que a sua viagem permanecesse em segredo; montou a cavalo, e partiu, logo depois, em companhia de um criado; sem deter-se em lugar algum, chegou, afinal, à terra em que a mulher estava sepulta. Ali, abriu a sepultura; entrou no seu interior, com grande cuidado; deitou-se ao lado do corpo dela; encostou o próprio rosto ao rosto da morta; e, chorando lágrimas abundantes, muitas e muitas vezes o beijou.

Nós vemos, porém, que o apetite das criaturas humanas não se satisfaz dentro de limite algum; quer ir sempre além do ponto em que se encontra; e isto ocorre, principalmente, com o apetite de carinho dos que amam. Assim, quando o sr. Gentil deliberou retirar-se do interior daquela sepultura, murmurou com os seus botões: “Diabo! Por que motivo não a toco eu, já que

aqui me acho, e não lhe ponho a mão no seio? É certo que eu nunca mais terei oportunidade de lhe tocar no corpo, como, de resto, nunca lhe toquei.” Vencido, pois, pelo mencionado apetite, o sr. Gentil pôs a mão no seio da mulher morta, conservando-a ali por algum tempo; e, conservando-a, afigurou-se-lhe perceber, embora levemente, que o coração palpitava. Depois de expulsar do seu ânimo toda sombra de medo, o sr. Gentil convenceu-se de que, por certo, a mulher não estava morta, muito embora considerasse pouca e fraca a vida que ainda lhe restava. Em consequência, agindo da maneira mais suave que lhe foi possível, e com o auxílio do seu fâmullo, retirou o corpo da moça do fundo daquela tumba; colocou-o à sua frente, sobre a sela, no cavalo; e, em sigilo, transportou-o para a sua casa, em Bolonha.

Ali se encontrava a mãe do cavaleiro sr. Gentil, que era mulher esclarecida e de grande valor; depois de ouvir, dos lábios do filho, a descrição prolixa de tudo o que ocorrera, ela sentiu-se comovida e apiedada; quietamente, recorreu à aplicação de grandes calores, e também de algum banho, aquele corpo; assim, reanimou a vida que se ia desgarrando. A moça, logo que se reanimou, emitiu um profundo suspiro e disse:

— Ai de mim! Onde é que estou?

Ao que a corajosa mulher respondeu:

— Tranquelize-se. Você está em bom lugar.

A moça, voltando completamente a si, e não percebendo claramente onde se achava, muito se espantou de ver, diante dos próprios olhos, a pessoa do sr. Gentil; e pediu à mãe dele que lhe explicasse de que maneira ela poderia haver chegado àquele lugar. O sr. Gentil prontificou-se a explicar, como de fato explicou tudo quanto acontecera. Ela entristeceu-se profundamente, ao saber do que se passara; mas, depois de alguns momentos, apresentou-lhe os agradecimentos que julgou oportunos; a seguir, suplicou-o para que, em nome daquele amor que ele já havia alimentado por ela, e com base na conhecida cortesia da parte dele, não deixasse acontecer-lhe coisa alguma, a ela, em casa dele, que significasse menos do que honra para com ela e para com o seu marido. Suplicou-o, também, para que, assim que o dia clareasse, permitisse que ela regressasse à própria casa. A tudo isto, o sr. Gentil respondeu:

— Senhora, por maior que tenha sido o meu desejo, nos tempos passados, não desejo, no momento presente, nem em qualquer momento futuro, tratá-la, aqui ou em qualquer outro lugar, a não ser como se fosse uma querida irmã. Deus concedeu-me a graça de fazer com que eu a trouxesse da morte à vida novamente; a razão do seu retorno à vida foi o amor que para consigo

alimentei em tempos anteriores. Agora, por tudo isso, não saberia tratá-la a não ser como irmã. Mas esta boa ação, que se exerceu sobre a senhora, nesta noite, merece uma recompensa; por isto, quero que a senhora não me negue um obséquio que agora vou solicitar-lhe.

A isto, a moça, muito bondosamente, respondeu estar devidamente preparada, desde que o pedido estivesse ao seu alcance e fosse de categoria honesta. Então, o sr. Gentil especificou:

— Senhora, todos os seus parentes e todos os cidadãos de Bolonha acreditam e têm por certo que a senhora está morta. Nestas condições, não há, em sua casa, pessoa alguma que a espere. Por esta razão, quero que lhe agrade permanecer, sigilosamente, nesta casa, em companhia de minha mãe, até que eu regresse a Modena, coisa que se dará dentro de poucos dias. A razão pela qual lhe peço isto é a de que pretendo fazer a entrega de sua pessoa, ao seu marido, em cerimônia solene e afetuosa, na presença dos melhores cidadãos desta cidade.

A moça, reconhecendo que se sentia na obrigação moral de atender a este pedido, e também que o seu propósito era honesto, concordou em fazer aquilo que o sr. Gentil desejava, muito embora fosse extraordinária a vontade que sentia de ir alegrar, com sua vida, os seus parentes; e prometeu, por sua fé, proceder segundo os planos do sr. Gentil.

Assim que ela acabou de proferir as palavras de sua aquiescência, percebeu que tinha chegado o momento do parto; com efeito, não muito tempo depois, ajudada afetosamente pela mãe do sr. Gentil, deu à luz um belo meninote. Este acontecimento multiplicou tanto a alegria do sr. Gentil como a da moça. O sr. Gentil determinou que, de todas as coisas oportunas, nada faltasse à parturiente; ordenou que a atendessem e a servissem, exatamente como se ela fosse sua esposa; e regressou, em sigilo, a Modena.

Depois de transcorrido o tempo das suas funções de podestade, em Modena, o sr. Gentil teve de regressar para Bolonha; e, na manhã em que devia entrar em Bolonha, ordenou que se realizasse um grande e opulento banquete, em sua casa, ao qual deveriam comparecer muitos gentis-homens de Bolonha, figurando, entre estes, Niccoluccio Caccianimico. Regressou; apeou; encontrou-se com os convidados; achou, semelhantemente, que a mulher se apresentava muito mais bela e mais sadia do que em qualquer tempo anterior; certificou-se de que o filhinho estava bem de saúde; animado de alegria incomparável, pôs os seus hóspedes à mesa, mandando que se lhes servissem numerosas viandas magníficas. Antes disto, já ele havia revelado, à mulher,

aquilo que projetava fazer, combinando, com ela, a forma pela qual ela deveria proceder. Assim, quando o ágape ia chegando ao fim, ele começou a falar da seguinte maneira:

— Senhores, recordo-me de que, numa determinada época, ouvi dizer que, na Pérsia, vigora um costume que, de acordo com o seu modo de pensar, é muito agradável. O costume é o de que, quando um homem deseja prestar sua homenagem de ordem sumamente elevada, a qualquer seu amigo, ele convida-o para ir a sua casa, e ali lhe mostra a coisa ou a criatura que mais caro lhe seja: esposa, amiga, filha, ou o que quer que seja; e afirma que, se lhe fosse possível, assim como lhe mostra estes seres, ou estas coisas, com, muito maior prazer ainda lhe mostraria o próprio coração.

“De minha parte, desejo observar o mencionado costume aqui em Bolonha. Os senhores, por sua mercê, honraram o convite que lhes dirigi; e eu quero homenagear-lhes a presença; para isto, vou mostrar-lhes o que de mais querido tenho no mundo, e que é o que de mais querido eu poderei ter em qualquer tempo futuro. Contudo, antes que eu faça isto, rogo-lhes que me digam o que acham de uma dúvida que lhes formularei.

“Existe uma determinada pessoa que tem, em sua casa, um serviçal, bom e fiel, que adoeceu gravemente. Esta pessoa, sem esperar pelo fim da vida do serviçal, manda que o transportem para o meio da rua, e não se incomoda mais com ele. Aparece um estranho; este estranho, movido pelo sentimento de piedade para com o enfermo, leva-o para a própria casa; ali, com enorme solicitude e grande despesa, faz com que o doente volte ao estado anterior de saúde e robustez. Desejo eu saber, agora, se o senhor antigo, que foi o primeiro, pode, com justiça, queixar-se do segundo, e acusá-lo, no caso de este segundo, conservando o serviçal em sua própria casa, e fazendo uso de seus serviços, se recusar a satisfazer a exigência do primeiro, no sentido do retorno do dito empregado à casa a que pertencera.”

Os gentis-homens trocaram ideias e raciocínios entre si; todos, como se fossem um único homem, concordaram em encarregar da resposta Niccoluccio Caccianimico, por ser ele orador eloquente e florido. Niccoluccio louvou, em primeiro lugar, o costume que vigorava na Pérsia. A seguir, declarou que ele, como todos os outros que ali se achavam presentes, era da opinião segundo a qual o primeiro senhor nenhum direito mais tinha sobre o serviçal; no caso mencionado, não somente o primeiro senhor havia abandonado o seu serviçal, mas, o havia também atirado à rua; em consequência das beneficiais prestados pelo segundo senhor, o serviçal passara, por justiça, a pertencer-lhe; logo,

conservando o aludido serviçal em sua casa, o segundo senhor não causa aborrecimento algum, nem promove qualquer violência, nem faz injúria, ao primeiro. Todos os outros, que se achavam àquela mesa, entre os quais havia homens de inegável valor, disseram que faziam suas as expressões que Niccoluccio proferira como resposta.

O cavaleiro sr. Gentil, satisfeito com semelhante resposta, e mais satisfeito ainda por ela haver sido dada por Niccoluccio, declarou que também ele era daquela opinião. A seguir, disse:

— É tempo, já agora, de eu honrar os senhores, de acordo com a promessa feita.

Chamou dois dos seus fâmulos; ordenou-lhes que fossem ter com a mulher, que havia mandado vestir e adornar opulentamente; e transmitiu-lhe, a ela, assim, uma mensagem, pedindo-lhe que houvesse por bem ir à presença daqueles gentis-homens, a fim de os alegrar. A mulher tomou em seus braços o filhinho, que estava lindo; e, acompanhada pelos dois fâmulos, encaminhou-se para a sala do banquete. Ali, de acordo com o desejo manifestado pelo cavaleiro sr. Gentil, sentou-se ao lado de um homem de grandes méritos. E então o sr. Gentil esclareceu:

— Senhores, esta é a pessoa que me é mais querida no mundo, e que mais do que qualquer outra tenciono possuir; olhem, e digam-me se lhes parece que tenho razão.

Os gentis-homens louvaram-na muito, prestando-lhe grandes homenagens; e afirmaram que muito querida ela deveria ser pelo cavaleiro sr. Gentil. Em seguida, começaram a contemplá-la com maior meticulosidade; e vários dos presentes teriam dito que ela era quem de fato era, se já não a tivessem considerado morta. Quem, entretanto, mais a examinava, era Niccoluccio. Assim que o sr. Gentil se afastou um pouco da sala, Niccoluccio, estimulado pela mais viva curiosidade, no sentido de verificar quem era aquela mulher, não se conteve; aproximou-se dela e perguntou-lhe se era de Bolonha, ou se era forasteira. A mulher, ouvindo o próprio marido formular esta pergunta, só com enorme esforço conseguiu controlar-se, para não dar resposta; mesmo assim, no propósito de obedecer à combinação feita, manteve-se calada. Um comensal lhe perguntou se aquele filhinho era dela mesma; e outro indagou se era esposa de Gentil, ou, em todo caso, sua parenta. A ninguém ela deu resposta. Quando, porém, o sr. Gentil reapareceu, um dos seus convidados indagou:

— Senhor, pessoa linda é esta que nos mostra; todavia, afigura-se-nos que ela é muda. É mesmo muda?

— Senhores — disse o sr. Gentil —, o fato de ela não haver falado, até agora, é uma pequena circunstância que confirma a virtude de que ela é dotada.

— Diga-nos, então — prosseguiu o inquiridor —, quem ela é.

O cavaleiro explicou:

— Direi de muito bom grado, desde que os senhores me prometam que ninguém se moverá do seu lugar, seja lá o que for que eu venha a dizer, enquanto eu não concluir o que tiver para contar.

Cada um, por sua vez, proferiu a promessa pedida; visto como as mesas já haviam sido retiradas, o sr. Gentil sentou-se ao lado da mulher; depois disse:

— Senhores, esta mulher é aquele serviçal leal e fiel, de quem, ainda há pouco, falei, fazendo-lhes aquela pergunta. Esta mulher foi levada à conta de pouco querida, da parte dos seus; e, como se fosse coisa vil, e não mais útil, foi atirada ao meio da rua; ali, ela foi recolhida por mim; e eu, com a minha solicitude, com o meu esforço, arranquei-a das mãos da morte; Deus, levando em consideração o meu afeto, transformou-a, de corpo espaventoso que era, em criatura tão linda como os senhores a veem. Mas, a fim de que os senhores possam entender perfeitamente como foi que isto tudo aconteceu, em poucas palavras lhes vou narrar, com clareza, o que se passou.

Começou contando como se dera o caso de ele se enamorar dela; a seguir, expôs, ponto por ponto, como os fatos se haviam desenrolado, até aquele momento; e todos ficaram a ouvi-lo, presos do mais intenso espanto. Então, o sr. Gentil acrescentou:

— Por todas estas coisas, se os senhores não mudaram de opinião, de uns poucos momentos para cá, e se principalmente Niccoluccio continua sendo do mesmo parecer há pouco manifestado, esta mulher é, merecidamente, minha; e ninguém, com justo título, pode exigir que eu a devolva a quem quer que seja.

A isto, ninguém deu resposta; ao contrário: todos ficaram na expectativa do que se presumia que ele iria dizer logo a seguir. Tanto Niccoluccio, como os outros homens que ali se achavam presentes, e como a mulher, choravam de comoção. Todavia, o sr. Gentil ergueu-se; pôs-se de pé; tomou em seus braços o pequerrucho; tomou a mulher, pela mão; e, caminhando para junto de Niccoluccio, disse:

— Levante-se, compadre. Eu não lhe devolvo a sua esposa, que os seus parentes, bem como os parentes dela, atiraram à rua; quero, porém, oferecer-lhe, como doação, esta minha comadre, com o seu filhinho que, estou

convencido, foi gerado por você; eu levei este pequerrucho à pia-batismal, e dei-lhe o nome de Gentil. Peço-lhe que não a considere menos cara, e que não a queira menos, pelo fato de ela haver permanecido cerca de três meses em minha casa; juro-lhe, por aquele Deus que me induziu a apaixonar-me por ela; creio até que talvez Ele me haja induzido a isso, precisamente para que o meu amor se tornasse causa da salvação dela; juro-lhe, repito, que ela nunca viveu mais honestamente com o pai, com a mãe, ou mesmo consigo, do que o fez ao lado de minha mãe, em minha casa.

Depois de declarar isto, voltou-se para a mulher, e asseverou:

— Senhora, já agora, absolvo-a de toda promessa que me possa ter feito; deixo-a livre, aos cuidados de Niccoluccio.

Entregou a mulher e o filhinho aos braços de Niccoluccio; e tornou a sentar-se. Niccoluccio recebeu, com verdadeira ânsia, a mulher e o filho; sentia-se tanto mais feliz quanto menos era a esperança de que aquilo viesse a acontecer; e, da melhor maneira que pôde e soube, agradeceu o cavaleiro sr. Gentil.

Todos os presentes, que choravam de emoção, louvaram infinitamente o comportamento do sr. Gentil; e este comportamento foi também louvado, depois, por todos quantos dele tiveram conhecimento. A mulher foi recebida em sua casa, em meio a uma festa maravilhosa; e durante muito tempo foi contemplada, pelos bolonheses, com admiração e maravilha, quase como se houvesse realmente ressuscitado. O sr. Gentil continuou sempre grande amigo de Niccoluccio, bem como dos seus parentes e dos parentes da mulher.

Que é que vocês dizem a isto, bondosas mulheres? Acham vocês que o fato de um rei haver doado o cetro e a coroa — ou o de um abade haver, sem custo algum de sua parte, reconciliado um malfeitor com o papa, ou o de um velho oferecer o próprio pescoço ao cutelo do inimigo — pode ser elevado ao nível de nobreza daquilo que o sr. Gentil praticou? Este senhor era jovem e ardoroso; afigurava-se-lhe que tinha todos os direitos sobre a mulher, devido ao desleixo dos outros que a haviam jogado fora, e à circunstância de ele próprio a haver recolhido, para salvação dela; ainda assim, não somente moderou o seu ardor amoroso, mas também restituiu, generosamente, ao seu dono, depois de entrar na posse da criatura amada, aquilo que ele, costumava desejar com a maior ansiedade, e até mesmo procurar furtar. Por certo, nenhum dos nobres gestos até agora contados me parece igual, ou semelhante, a este que acabo de narrar.

Nota

¹ Em seus *Anais de Modena*, o historiador Muratori refere-se a Alberto Caccianimico, que foi podestade dessa cidade de 1254 a 1270; alude igualmente a Venédico Caccianimico, que foi capitão do povo em 1273, cujo nome Dante menciona em sua *Divina comédia* (Inferno, canto XVIII, verso 50). Entretanto, nada se assinala, nem por outras fontes se sabe, sobre Niccoluccio Caccianimico.

QUINTA NOVELA

A sra. Dianora pede ao sr. Ansaldo um jardim que seja tão belo em janeiro como em maio. O sr. Ansaldo, recorrendo aos serviços de um necromante, satisfaz o pedido. O marido dela, então, permite que ela aceda ao desejo do sr. Ansaldo; este, porém, ao ter conhecimento da liberalidade do marido, desobriga-a da promessa; e o necromante, sem querer coisa alguma para si mesmo, desobriga o sr. Ansaldo.



sr. Gentil já havia sido elevado até ao céu, pelas palavras de cada um dos membros do animado grupo, quando o Rei ordenou a Emília que prosseguisse. E ela, desembaraçadamente, como se estivesse ansiosa por falar, assim começou:

— Delicadas mulheres, ninguém, com justiça, poderá dizer que o sr. Gentil não se comportou magnificamente; contudo, se se pretender dizer que não é possível fazer mais do que ele fez, não será descabido procurar demonstrar que fazer ainda mais é possível. É isto o que tenho a intenção de contar-lhes, através de uma breve novela minha.

Fríuli é uma terra que, embora fria, se embeleza de encantadoras montanhas, de vários rios e de límpidas fontes; ali existe uma cidade chamada Údine. Nesta cidade viveu, outrora, uma dama, nobre e bela, chamada sra. Dianora; era esposa de um grande e rico homem, que se chamava Gilberto, de maneiras muito agradáveis e de aspecto muito bondoso. Pelos seus elevados méritos, acabou a dama referida sendo extraordinariamente amada por um barão, influente e nobre, que respondia pelo nome de Ansaldo Gradense; era ele homem de altos negócios, conhecido por toda parte em consequência de suas armas e de sua cortesia.

A despeito de a amar fervorosamente, e de tudo fazer, que estivesse ao seu alcance, para conseguir ser amado por ela, inutilmente ele se esforçava; de nada valia, também, o tentar aliciá-la por meio de recados e de intercessão de pessoas amigas.

De um lado, as solicitações do barão iam tornando-se incômodas à dama; de outro, a dama percebia que nem por lhe negar ela o que ele solicitava ele deixava de amá-la, ou de requestá-la; por isto, ela pensou que, se lhe apresentasse uma exigência, nova e impossível de ser satisfeita, mais fácil lhe seria removê-lo de sua frente; e, então, certo dia, assim falou a uma outra mulher, que frequentemente lhe transmitia recados da parte dele:

— Bondosa mulher, muitas vezes você me afirmou que o sr. Ansaldo me ama acima de todas as coisas; presentes maravilhosos você já me veio oferecer, em nome dele; eu quero que tais presentes permaneçam nas mãos dele mesmo, uma vez que, por efeito desses presentes, nunca serei induzida a amá-lo, e menos ainda a comprazê-lo. Se, porém, eu pudesse ter a certeza de que ele me ama tanto quanto você afirma, não há dúvida que eu iria ter com ele, e que me inclinaria a amá-lo, concordando em fazer o que ele bem quisesse. Se, pois, ele conseguir inspirar-me fé em seu amor, proporcionando-me aquilo que eu lhe pedir, então eu estarei à disposição das suas ordens e dos seus desejos.

A bondosa mulher disse:

— Que é, senhora, isso que deseja que ele faça?

A dama respondeu:

— O que eu desejo é isto: quero, no mês de janeiro que se aproxima, nas vizinhanças desta terra, um jardim cheio de ervas verdes, de flores e de mores frondosas, e que tenha aspecto florido e viçoso como se se estivesse no mês de maio. Se ele não fizer isso, ele que não me mande mais, a mim, nem você, nem qualquer outra pessoa; se, mesmo assim, ele insistir, eu, que tudo venho ocultando ao meu marido e aos meus parentes, me queixarei a eles, e assim me esforçarei para desembaraçar-me dele.

O barão tomou conhecimento do pedido e da promessa da mulher amada; embora se lhe afigurasse difícil, e mesmo quase impossível, satisfazer semelhante exigência — e embora ele estivesse convencido que ela a formulara apenas para lhe dissipar toda esperança —, ainda assim se resolveu a tentar tudo o que se encontrasse ao seu alcance. Mandou, pois, que se procurasse, por várias partes do mundo, alguém que estivesse em condições de proporcionar-lhe ajuda ou conselho. De uma feita, apareceu-lhe um homem que disse que, desde que fosse bem pago, poderia fazer o que fora pedido pela dama, por via da arte necromântica. O sr. Ansaldo prontificou-se a pagar enorme quantidade de dinheiro, combinando-se, então, que o homem levaria a efeito o prometido; e assim se ficou, tranquilo, à espera de que chegasse a época determinada pela dama.

O mês de janeiro, afinal, chegou. Os frios que ele trouxe se fizeram rigorosos. Todas as coisas se cobriram de neve e de gelo. Então, o homem necromante se dirigiu a um prado, grande e belo, que havia nas redondezas da cidade; e, por meio de suas artes, durante a noite que se seguiu às calendas de janeiro,¹ fez com que, na manhã seguinte, aparecesse um dos mais lindos jardins que jamais haviam sido contemplados por olhos humanos; isto foi testemunhado por todos quantos o viram; tinha ervas, flores, árvores e frutos de toda espécie.

Assim que o barão Ansaldo viu aquilo, sentiu-se extremamente satisfeito; mandou que se colhessem frutos dos mais belos e flores das mais encantadoras; e remeteu-os às ocultas, de presente, à mulher dos seus sonhos; ordenou, igualmente, que fossem convidá-la para ir ver o jardim que ela havia solicitado, como prova e demonstração do amor que ele nutria por ela; determinou, ademais, que se lhe recordasse a promessa formulada e sancionada por um juramento, bem como o dever em que ela passaria a encontrar-se, de se tornar mulher apegada a ele, e por todos os aspectos leal.

A dama viu as flores e os frutos; antes disto, já ouvira falar, da parte de muita gente, a respeito do maravilhoso jardim que surgira; e então começou a arrepender-se da promessa que formulara. A despeito, porém, de todo o seu arrependimento, sentiu-se desejosa de ver coisas novas; acompanhada por muitas outras mulheres da cidade, foi contemplar o jardim; não foi sem um enlevo de maravilha que o elogiou; depois, voltou para a sua casa, tornando-se mais triste do que qualquer outra mulher, precisamente por pensar naquilo a que, por causa do jardim, se obrigara. Foi tamanha a sua tristeza, tão profunda a sua dor, que, já não podendo ela ocultar o que lhe ia pela alma, e deixando ela transparecer o seu sofrimento no seu aspecto exterior, o marido acabou percebendo tudo.

Quando isto ocorreu, o marido achou justo querer saber a causa daquele acabrunhamento. A mulher, envergonhada, calou-se por longo tempo; por fim, vendo-se obrigada a isso, revelou tudo, na devida ordem, ao esposo. De início, quando Gilberto ouviu as palavras dela, sentiu-se fortemente perturbado; depois, tomando em consideração as intenções puras da esposa, ele expulsou do seu ânimo a ira, e, curvando-se a uma resolução mais ponderada, concordou:

— Dianora, não é comportamento que convenha a mulher prudente e honesta o dar ouvidos a recados da ordem desses que lhe foram comunicados. E também não o é o ato de pactuar com alguém, seja lá sob que condição for, a sua castidade. As palavras, quando recebidas através dos ouvidos do coração,

possuem força muito maior do que muitos supõem; aos que se amam, quase todas as coisas se tornam possíveis. Mal procedeu você, pois, primeiro prestando ouvidos aos recados dele, e, depois, estabelecendo com ele um determinado pacto. Como, porém, conheço a pureza da sua alma, e para livrá-la do vínculo criado pela sua promessa, vou conceder-lhe o que talvez nenhum outro marido concederia; a isto me induz, também, o medo de que o necromante nos torne infelizes, a pedido do sr. Ansaldo, se você se burlar dele. Assim, determino e quero que você vá ter com o barão Ansaldo; se lhe for possível, procure fazer com que, respeitando a sua honestidade, ele a desobrigue do compromisso assumido. Se você não conseguir que ele a desobrigue, conceda-lhe, por esta vez, apenas o corpo, e não a alma.

A mulher, ouvindo o marido expressar-se por esta forma, chorava e afirmava que não queria semelhante sacrifício da parte dele. Gilberto, porém, embora a esposa muito relutasse, determinou que se fizesse como ele achava que teria melhor. Em consequência, quando despontou a manhã seguinte, Dianora, sem ornar-se muito, rumou para a casa do barão Ansaldo. Para lá se dirigiu com dois fâmulos, que lhe iam à frente, e com uma camareira, que caminhava atrás.

Quando o sr. Ansaldo ouviu a notícia de que a mulher havia chegado, mostrou-se profundamente surpreso; levantou-se da cama; mandou chamar o necromante à sua presença; e disse-lhe:

— Quero que você veja como é grande o bem que a sua arte me levou a adquirir.

Depois, o sr. Ansaldo foi ao encontro da mulher; não manifestou qualquer apetite desordenado; ao contrário, recebeu-a com reverência e honestamente; conduziu-a a um lindo aposento, onde ela e todos os que a acompanhavam entraram, dispondo-se à frente de uma grande lareira acesa; pediu-lhe que se sentasse; e disse-lhe:

— Senhora, se o longo amor, que nutro para consigo, merece algum galardão, suplico-lhe que não se aborreça por eu lhe pedir que me exponha o motivo que a induziu a vir à minha casa, a esta hora matutina, e com semelhante companhia.

A mulher, toda cheia de vergonha, e quase com as lágrimas aflorando-lhe aos olhos, respondeu:

— Senhor, o que aqui me trouxe não é amor, que por acaso eu lhe tenha, nem fé a qualquer promessa feita; é a ordem que me foi imposta por meu marido. Ele manifestou mais respeito para com as tarefas que o senhor

enfrentou, em consequência de tão desordenado amor, do que para com a minha honra, e também do que para com a honra dele próprio. Por isto, mandou que eu para aqui viesse. Por ordem dele, estou disposta a curvar-me, por esta vez, a tudo quanto lhe possa proporcionar prazer.

Se, antes, o sr. Ansaldo já se espantava, em face do aparecimento da mulher em sua casa, mais ainda se espantou depois, quando ouviu as palavras que saíam dos lábios dela. Sentiu-se comovido, em presença da generosidade de Gilberto, esposo daquela dama; e, em consequência, começou a transformar em compaixão e simpatia o seu antigo e fervoroso amor. Disse:

— Senhora, não praza a Deus, se as coisas transcorreram como a senhora diz, que eu seja a ruína da honra de quem manifesta respeito para com o meu amor! Por isto, fique a senhora nesta casa, pelo tempo que lhe agradar, exatamente como se fora minha irmã; quando for de seu agrado, poderá retirar-se livremente; preste, ao seu marido, por tão grande cortesia como foi a dele, todas as homenagens que a senhora julgar oportunas ou convenientes; e queira, por todo o tempo futuro, ter-me na qualidade de seu irmão e de seu servidor.

A mulher ouviu estas palavras, sentiu-se mais satisfeita do que em qualquer outro instante e disse:

— À vista dos seus costumes, nunca houve coisa alguma que me induzisse a crer que outro acontecimento se seguiria à minha vinda a esta sua casa, a não ser este que agora vejo registrar-se. Por isto, sentir-me-ei sempre reconhecida.

A dama apresentou suas despedidas; alvo de todas as honras, e condignamente acompanhada, ela voltou para junto de Gilberto; contou-lhe o que havia acontecido; e do acontecido surgiu uma perfeita e leal amizade que uniu Gilberto ao sr. Ansaldo.

O necromante, a quem o sr. Ansaldo se preparava para dar o prêmio combinado, tomou em consideração tanto a generosidade de Gilberto para com o sr. Ansaldo, como do sr. Ansaldo para com a nobre dama; e disse:

— Uma vez que vi como Gilberto se mostrou liberal em relação à própria honra, e o senhor mesmo, em relação ao seu amor, não queira Deus que eu me comporte com menor liberalidade em relação ao galardão que me caberia! Reconheço, pois, que o prêmio fica bem em suas mãos; e desejo que seja seu.

O barão Ansaldo sentiu-se como que envergonhado; esforçou-se por induzir o necromante a aceitar o prêmio, no seu todo ou em parte; mas inutilmente se demorou tentando. Ao cabo do terceiro dia, o nigromante fez desaparecer o lindo jardim; e, resolvendo ele ir embora, o barão despediu-o,

mandando com Deus; mais tarde, extinguiu, no seu coração, o amor que alimentara para com a nobre dama; e imbuiu-se de honestos sentimentos de caridade.

Que diremos nós, aqui, adoráveis mulheres? Será que vamos colocar a mulher já quase morta, e o amor já arrefecido em consequência da extenuada esperança, acima desta generosidade do sr. Ansaldo, que ainda amava mais fervorosamente do que nunca — que estava com a sua esperança mais do que nunca reavivada — e que já tinha em suas mãos a presa tão ansiadamente seguida? Simples tolíce me parecerá ter de acreditar que aquela liberalidade possa ser comparada a esta.

Nota

¹ Os latinos davam a denominação de calendas de janeiro à noite de 31 de dezembro para o dia 1º de janeiro.

SEXTA NOVELA

O rei Carlos, velho vitorioso, apaixona-se por uma juvenzinha. Envergonha-se do seu sentimento aloucado e promove o casamento condigno tanto dela como de uma irmã sua.



Quem é que poderia descrever por inteiro os vários raciocínios que as mulheres desenvolveram para averiguar qual dos protagonistas dera mostras de maior liberalidade — se Gilberto, se o sr. Ansaldo, ou se o necromante — em torno do que se passou com a nobre Dianora? Excessivamente longa seria essa descrição. O Rei porém, depois de permitir que os debates se desenrolassem por algum tempo, dirigiu seus olhares para Fiammetta, a quem ordenou que, encetando sua novela, afastasse os demais da discussão. E Fiammetta, sem qualquer demora, assim começou:

— Mulheres esplêndidas, sempre fui da opinião segundo a qual, nos grupos constituídos como foi e é o nosso, se deve sempre conversar com largueza de vistas; por esta forma, não ocorre que a excessiva estreiteza das intenções das coisas narradas se transforme em matéria de debate para os outros. Essa forma de controvérsia fica muito bem nas escolas, entre estudiosos, e não no nosso meio, porquanto nós, as mulheres que aqui estamos, bastamos apenas para tomar conta da roca e do fuso.

Eu tinha, provavelmente, no meu espírito, uma grande dúvida; ela nascera de ver vocês em plena discussão; conseqüentemente, vou deixar esse problema de lado; e contarei uma novela, não que trate de homem de poucos afazeres, e sim que se refira a um rei de grande valor; tamanho era o seu valor, que, fosse qual fosse o grau de cavalheirismo com o qual ele procedesse, nenhuma alteração se verificaria em sua honorabilidade.

Cada uma de vocês deve já ter ouvido recordar a existência do rei Carlos,¹ o velho, ou, melhor, primeiro, que se fez notar pelo seu magnífico empreendimento, e, depois, pela gloriosa vitória que obteve contra o rei Manfredi. Foi em consequência de seus feitos que os guibelinos se viram

expulsos de Florença, para ali voltarem os guelfos. Por esta razão, um cavaleiro chamado sr. Nêri degli Uberti, saindo de Florença com toda a sua família e com muito dinheiro, não quis aceitar refúgio a não ser sob os braços do rei Carlos. A fim de permanecer em lugar solitário, e aí terminar sua vida, tranquilamente, rumou para Castellammare di Stabia. Ali, talvez a um tiro de balestra de distância das outras habitações do lugar, entre oliveiras, nogueiras e castanheiros, de que há grande abundância na região, comprou uma propriedade. Nesse ponto, mandou construir bela e opulenta mansão; ao seu lado, ordenou que se fizesse um grande e agradável jardim; no meio do jardim, visto que havia muita água, construiu um belo e límpido viveiro, que determinou que se enchesse rapidamente de peixes. Nêri degli Uberti não tinha qualquer outra ocupação, afora aquela de fazer cada vez mais lindo o seu jardim.

Aconteceu que o rei Carlos, na temporada de calor, costumava ir repousar um pouco em Castellammare. Ali, ouviu notícias relativas à beleza do jardim do sr. Nêri, e, por isso, desejou contemplá-la. O soberano veio, também, a saber a quem o jardim pertencia; e pensou que, por pertencer o cavaleiro a partido adversário, maior intimidade gostaria de estabelecer com ele; mandou, pois, comunicar-lhe que, na noite seguinte, juntamente com quatro outros companheiros, gostaria de jantar, em paz, como seu convidado, no seu jardim. O sr. Nêri recebeu a comunicação com infinito prazer; determinou que se preparassem todas as coisas com tanta magnificência quanto possível; e, com toda a sua família, depois de combinar tudo que seria necessário ou conveniente fazer, recebeu o rei no seu esplêndido jardim, da maneira mais opulenta e festiva que pôde.

Depois de visitar o jardim inteiro e todas as dependências da mansão do sr. Nêri, e depois de muito elogiar tudo quanto lhe foi dado apreciar, o soberano lavou as próprias mãos e sentou-se a uma das mesas que estavam todas dispostas e postas ao longo da margem do viveiro; o mesmo soberano ordenou, ao conde Guido de Monforte, que era um dos seus companheiros, que se sentasse a um dos seus lados; o sr. Nêri tomou assento do outro lado; quanto aos outros três, que haviam chegado com o rei, determinou-se que fossem servidos de conformidade com a ordem já concebida pelo sr. Nêri. As viandas apresentadas foram delicadas; os vinhos, ótimos e preciosos; e o serviço, excelente e digno de encômios; tudo transcorreu sem embaraços, nem aborrecimentos; e isto foi muito louvado pelo soberano.

O rei Carlos jantou com grande satisfação; o lugar, saudável e solitário, agradou-lhe profundamente. Em certa altura, entraram no jardim duas jovens que tinham talvez 15 anos de idade; as duas eram loiras como fios de ouro; estavam com os cabelos encaracolados; sobre os cabelos, traziam uma pequena grinalda de pervinca; quanto ao rosto, as duas mais pareciam anjos, do que pessoas, de tão delicadas e lindas que eram as suas fisionomias. As mocinhas estavam vestidas cada qual com um vestido finíssimo de linho, branco como a neve, que lhes assentava diretamente sobre as carnes do corpo; o traje era bem justo, da cintura para cima; da cintura para baixo se fazia mais largo, à guisa de pavilhão, prolongando-se até aos pés. A moça que ficava na frente trazia, aos ombros, um par de pequenas redes de pesca, que segurava com a mão esquerda; com a direita, empunhava um longo bastão. A outra, que ia logo atrás da primeira, tinha, ao ombro esquerdo, uma panela, e, sob o braço do mesmo lado, um pequeno feixe de lenha; numa das mãos carregava uma tripeça; na outra, um vaso de barro vidrado, de azeite, mais uma tochazinha acesa. Ao ver as moças, o rei mostrou-se agradavelmente surpreso; e, mantendo o espírito em suspenso, esperou que se lhe esclarecesse o que aquilo queria significar.

As juvenzinhas apresentaram-se ao soberano, em atitude honesta e decorosa; fizeram a devida reverência; a seguir, dirigiram-se para o ponto por onde se entrava no viveiro; a que tinha a panela pôs esse utensílio no chão, juntamente com as outras coisas que trazia; tomou do bastão, que a outra empunhava; e as duas entraram no viveiro, cujas águas lhes chegavam até ao peito. Um dos criados do sr. Nêri acendeu, ali por perto, sem perda de tempo, uma fogueira; pôs a panela em cima da tripeça; verteu azeite na panela; e ficou à espera de que as moças lhe atirassem peixes. Uma das jovens esgaravatava pelas bandas onde sabia que os peixes se escondiam, enquanto a outra estendia as redes; o espetáculo proporcionava enorme prazer ao rei, que, com o olhar, acompanhava tudo, com reconcentrada atenção. Dentro de pouco tempo, as jovens apanharam peixes em apreciável quantidade; atiraram-nos ao criado, que os ia pondo ainda vivos na panela; depois, as moças, como se houvessem sido especialmente ensinadas, passaram a apanhar os peixes maiores e mais belos e lançá-los à mesa, bem em frente ao rei, ao conde Guido e ao pai deste. Estes peixes espadanavam pela mesa; e, com isto, o soberano se divertia imensamente; a seguir, o rei apanhava os mesmos peixes, atirando-os galantemente de volta às mãos das juvenzinhas.

As brincadeiras desta ordem prosseguiram por algum tempo, até o criado concluir a fritada dos peixes que lhe haviam sido dados. O peixe, então, foi apresentado ao rei, mais como prato de decoração do que como manjar particularmente delicioso, de conformidade com o que o sr. Nêri havia determinado. As moças, vendo o peixe já pronto, e tendo pescado o suficiente, saíram do viveiro; suas roupas, de linho branco e sutil, embebidas como ficaram de água, colaram-se-lhes às carnes, de modo que quase nada do seu corpo delicado ficou oculto; cada uma das jovens retomou as coisas que havia trazido; as duas passaram, de novo, em atitude decorosa, em frente ao rei; e regressaram para a sua casa.

O rei e o conde, bem como os outros convivas, tinham apreciado muito o aparecimento e a atuação das mencionadas moças; e cada qual as havia louvado, à sua maneira, seja pela beleza, seja pelos atos que realizaram; além do mais, todos as consideraram agradáveis de serem vistas, e muito bem-educadas. Entretanto, a ninguém elas agradaram mais do que ao próprio rei.

O soberano havia contemplado e examinado com tamanha minúcia e tamanha agudeza cada uma das partes do corpo delas quando elas saíram das águas do viveiro que, se alguém o houvesse picado naquele momento, ele não o teria sentido. Pensando mais detidamente naquelas moças, sem saber quem elas eram nem o motivo pelo qual o seu pensamento sempre voltava a elas, notou que lhe ia nascendo no coração um desejo fervoroso de lhes agradar. Bem percebeu, por causa disto, que tinha começado a apaixonar-se, e que de fato se apaixonaria, se não agisse com cautela. Aliás, ele próprio já não sabia qual das duas mais afeição lhe provocava, de tanto que uma se assemelhava à outra, de todos os pontos de vista. Contudo, depois de meditar bastante sobre o caso, o soberano voltou-se para o sr. Nêri, e perguntou-lhe quem eram as duas juvenzinhas. A isto, o sr. Nêri respondeu:

— Senhor, estas são minhas filhas, nascidas de um mesmo parto; delas, uma se chama Genebra, a bela; a outra, Isolda, a loura.

O rei louvou-lhe as filhas, estimulando-o a obter-lhes casamento. Disto, o sr. Nêri, por já não poder mais dotá-las, se desculpou. A esta altura, como nada mais restava para ser servido, a não ser as frutas, as duas mocinhas reapareceram, envoltas em duas belíssimas capas de tafetá; traziam dois pratos enormes, de prata, cheios de frutas variadas, de acordo com os que estavam sendo produzidos naquela estação do ano; elas depuseram os pratos diante do rei, em cima da mesa. Feito isto, recuaram um pouco, e começaram a cantar uma cantiga, cuja letra assim começa:

Lá aonde cheguei, Amor,
Não se poderia dizer longamente...

Ela cantaram com tanta doçura, de maneira tão agradável, que o rei, que as contemplava e que a ouvia, tinha a impressão de que todas as hierarquias dos anjos ali houvessem descido, para cantar. Ao terminar a canção, as moças ajoelharam-se, e, reverentemente, pediram ao soberano, licença para se retirarem.

O rei, embora lhe desagradasse o despedi-las, concedeu-lhes permissão, fazendo-o de bom grado apenas exteriormente. Concluído o jantar, o rei e os seus companheiros tornaram a montar a cavalo; despediram-se do sr. Nêri; e todos, ora conversando sobre uma coisa, ora sobre outra, regressaram ao castelo real.

Ali, o rei manteve em segredo o seu afeto. Por maior que fosse o assunto que sobreviesse, ele não conseguia esquecer a beleza e a simpatia de Genebra, a bela; por amor a Genebra, ele amava também a irmã dela, que a ela se assemelhava; e por tal forma se enredou nas maranhas algumas amorosas que quase não podia mais pensar em coisa alguma.

O rei, buscando sempre novos motivos, procurava alimentar, com o sr. Nêri, uma amizade bem íntima; visitava-lhe frequentemente o jardim, embora o propósito verdadeiro que o animava fosse o de ali se encontrar com Genebra. Em certa altura, não podendo mais suportar aquele estado das coisas, entrou a pensar em tolher do pai não somente uma das filhas, e sim as duas ao mesmo tempo; não via outra maneira de resolver aquela situação; por isso, revelou o seu amor e as suas intenções ao conde Guido; e este, que era homem muito digno, lhe disse:

— Meu senhor, muito me surpreende o que o senhor me está dizendo; e tanto maior é essa surpresa que talvez nenhuma outra pessoa teria, quanto mais me parece que cheguei a conhecer, mais do que qualquer outro, os seus costumes, desde os tempos de criança até os dias de hoje. Nunca se me afigurou, jamais, que, em sua juventude, na qual o amor com maior facilidade poderia fincar as garras, o senhor tenha conhecido semelhante paixão; ao saber, pois, que sente essa paixão agora, quando o senhor se encontra tão perto da velhice, parece-me tão novo e tão estranho o fato de o senhor estar amando por amor que isso quase assume aspecto de milagre. Se eu tivesse de censurá-lo, por causa disso, muito bem sei o que teria de dizer; é preciso que leve em conta que

o senhor ainda se encontra, no seu novo reino, com a armadura no corpo e as armas na mão; que vive no seio de nação não conhecida, cheia de enganos e de traições; que se mantém intensamente ocupado com preocupações enormes e assuntos elevados; que o senhor nem sequer pôde repousar um pouco; e que, além e acima de tudo isso, o senhor possa ter encontrado lugar para tão entusiasmado amor! Isto não é ato próprio de rei magnânimo; ao contrário; mais se condiz com um juvenzinho pusilânime. Ademais — o que é muito pior —, o senhor diz que resolveu tolher as duas filhas ao pobre cavaleiro que, em sua casa, tem honrado o senhor, muito além da medida de suas posses; considere-se que, para prestar homenagem ao senhor, ele lhe mostrou aquelas filhas quase nuas, testemunhando, por essa forma, como é grande a fé que ele deposita no senhor; ele tem por certo que o senhor é verdadeiramente rei, e não lobo rapace. Será que já lhe saiu da memória o que foi a série de violências praticada contra as mulheres por Manfredi, que foi, aliás, o que lhe propiciou a entrada neste reino? Que traição já se haverá praticado que seja mais merecedora de eterno suplício do que viria a ser esta, consubstanciada no fato de o senhor tolher, ao cavaleiro que lhe presta todas as homenagens, a sua honra e a sua esperança, e também o seu consolo? Que se diria do senhor, se o senhor a praticasse? Talvez o senhor presuma que seria desculpa suficiente o dizer: “Eu a pratiquei porque ele é guibelino!” Mas então é esta a justiça dos reis? É por esta forma que se tratam aqueles que à sombra dos soberanos se acolhem, sejam eles quais forem? Eu relembro-lhe, rei, que é enorme a sua glória, por haver triunfado contra Manfredi; muito maior glória, porém, neste caso, é o senhor triunfar contra o senhor mesmo. O senhor tem o dever de corrigir os outros; por isto, trate de vencer-se a si mesmo; supere e refreie este apetite; não permita que, com semelhante mancha, se arruíne tudo quanto o senhor gloriosamente conquistou.

Estas palavras feriram amargamente o ânimo do rei; e tanto mais o afligiram, quanto mais ele sentia que elas diziam a verdade. Em consequência, depois de alguns suspiros sentidos, o soberano disse:

— Conde, afigura-se-me que todo outro inimigo, por mais forte que seja, é mais facilmente e mais comodamente vencível, para o guerreiro adestrado, do que o seu próprio anseio. Todavia, embora o sofrimento seja enorme, e a despeito de ser inestimável o esforço requerido, as suas palavras me espicaçaram tanto que cheguei a esta conclusão: importa que, antes que muitos dias transcorram, eu demonstre, por meio de atos, que sei tão bem vencer os outros, como superar-me a mim mesmo.

Poucos dias depois de serem proferidas estas palavras, o rei regressou a Nápoles; desejou, com isso, cancelar a oportunidade de comportar-se vilmente, fosse lá a que respeito fosse; desejou, igualmente, premiar o cavaleiro, por todas as honras da parte dele recebidas; não há dúvida que lhe era duro tornar outro homem possuidor daquilo que ele mais ardentemente desejava; ainda assim, preparou o próprio espírito, de maneira que se dispôs a promover o casamento daquelas duas moças, não mais como se elas fossem, como eram, filhas do sr. Nêri, e sim como se fossem suas filhas.

Com grande prazer da parte do sr. Nêri, o rei dotou magnificamente as duas jovens; a seguir, deu Genebra, a bela, ao sr. Maffeo da Palizzi, e Isolda, a loura, ao sr. Guilherme della Magna; os dois eram cavaleiros de grande nobreza e notáveis barões. Depois de as haver dado como esposas, o rei, tomado de dor incalculável, rumou para as Apulhas; ali, por meio de esforços sem conta e sem pausa, macerou o seu tremendo apetite de amor; por fim, após quebrar e romper as amorosas cadeias, conseguiu ver-se livre daquela paixão, por todo o tempo que durou o resto de sua vida.

Haverá, talvez, pessoas que digam que foi coisa de pouca importância o fato de um rei haver promovido as núpcias de duas mocinhas; e eu estarei de acordo com elas; mas eu direi que essa coisa foi grande, foi mesmo grandíssima, visto que, no caso, se tratou de gesto praticado por um rei apaixonado precisamente pela moça cujo casamento propiciou; efetuando esse casamento da mulher que ele amava, com outro cavaleiro, ele, o rei, não tomou para si nem fronde, nem flor nem fruto do seu amor.

Foi assim, pois, que o rei magnânimo se comportou; ele premiou superiormente o cavaleiro que lhe prestara tantas homenagens; honrou, de maneira louvável, as jovens amadas; e venceu-se a si mesmo.

Nota

¹ Trata-se de Carlos de Anjou, que derrotou Manfredi e, mais tarde, Corradino di Svevia, sendo, posteriormente, rei da Sicília, até aos “Vespri”, e também de Nápoles.

SÉTIMA NOVELA

O rei Pedro, ao saber do fervoroso amor que para com ele nutria a enferma Lisa, esforça-se no sentido de a confortar. A seguir, promove o casamento dela com um jovem de grandes méritos. Depois, beija-a na fronte, jurando tornar-se para sempre seu cavaleiro.



iammetta havia chegado ao fim de sua novela; a viril magnificência do rei Carlos fora comentada e muito louvada por todos os presentes; é verdade que, no grupo, figurava uma mulher que, por ser guibelina, preferiu abster-se de qualquer comentário; a essa altura, entretanto, Pampineia, depois de receber do Rei ordem para isso, começou:

— Nenhuma pessoa discreta, minhas respeitáveis mulheres, deixaria de dizer o que vocês dizem, a propósito do comportamento do rei Carlos, a não ser esta guibelina, que lhe quer mal por outro motivo. Todavia, como vai, pela minha memória, uma narrativa talvez não menos louvável do que a anteriormente feita, relacionada com o que se praticou, para com uma nossa jovem florentina, por parte de um seu adversário, desejo contar-lhes o que se deu.

Ao tempo em que os franceses da Sicília foram de lá expulsos, vivia em Palermo um nosso concidadão, florentino, merceeiro, chamado Bernardo Puccini, que era homem extremamente rico. Tinha ele, de uma sua mulher, uma filha muito bonita, já em idade de casar.

O rei Pedro de Aragão tornara-se senhor da ilha siciliana, e realizava festas maravilhosas, na cidade de Palermo, em companhia dos seus barões. Numa de tais festas, o rei procedeu a um torneio de armas à maneira catalã; aconteceu que, nessa oportunidade, a filha do florentino Bernardo, que se chamava Lisa, viu o soberano a correr; viu-o de uma janela na qual ela se encontrava com outras mulheres; o aspecto do rei caiu tanto no agrado da moça, que esta, logo após, contemplando-o vezes e vezes seguidas, por ele se apaixonou fervorosamente.

Depois de concluída a festa, e encontrando-se ela em casa do pai, Lisa não conseguia pensar em outra coisa, a não ser naquele seu magnífico e superior amor. O que, a este propósito, mais a apoquentava era a consciência da sua condição humilde, condição esta que nenhuma esperança lhe permitia alimentar quanto à possibilidade de um fim satisfatório. Nem por isto, porém, ela se mostrava disposta a desistir de amar o rei; mas, com receio de maiores aborrecimentos, não ousava revelar o seu afeto a quem quer que fosse. O rei não havia percebido o amor da moça, nem com isso se incomodava; e, por esta razão, ela se via presa de um sofrimento intolerável, muito maior do que se pudesse imaginar. Entretanto, como o seu amor crescia continuamente, e como uma tristeza se acrescentava a outra, a linda moça, não podendo mais suportar aquilo, adoeceu. Consequentemente, consumia-se a olhos vistos, de dia para dia, como neve ao sol.

O pai e a mãe da jovem, pesarosos em presença do que ocorria com ela, trataram de ver se, por meio de palavras afetuosas, de médicos e de remédios, seria possível reanimá-la; mas tudo se fazia em vão, porque ela, desesperada do seu amor, tinha resolvido não querer viver mais.

Aconteceu, de uma feita, que seu pai se lhe ofereceu para satisfazê-la em todas as suas vontades, fossem estas quais fossem; então ela teve a ideia de que, se se tornasse possível fazê-lo decorosamente, muito gostaria que se comunicasse, ao rei, o seu amor e a sua resolução, antes de se dar a sua morte. Por isto, pediu ao pai, certo dia, que fizesse comparecer à sua presença Minuccio di Arezzo.

Naqueles tempos, Minuccio era considerado finíssimo cantor e tocador de instrumento musical, sendo muito bem visto pelo rei. A Minuccio, o pai da moça comunicou que ela desejava ouvi-lo cantar e tocar. Minuccio, ao receber a informação, compareceu sem demora, por ser homem agradável e de bom coração.

Depois de confortar Lisa por algum tempo com palavras ternas e amigas, Minuccio, tomando da sua viola, tocou, docemente, uma ou outra toada de tema amoroso em ritmo especial; cantou, logo a seguir, uma ou outra canção. Mas tanto as toadas como as canções constituíam fogo e labareda para o amor de Lisa, obtendo ele, pois, um efeito exatamente oposto ao que tinha em mente. Depois disto, a moça disse, a Minuccio, que gostaria de lhe dizer apenas umas poucas palavras, mas a sós; por esta razão, todos os outros se retiraram da sala; e ela disse:

— Minuccio, eu escolhi você para fidelíssimo conservador de um segredo meu; espero, em primeiro lugar, que você não o comunique jamais a pessoa alguma, a não ser aquele que lhe direi quem é; espero, depois, que você fará tudo quanto estiver ao seu alcance, no propósito de me ajudar; e é neste sentido que o suplico. Você deve, pois, ficar sabendo, Minuccio meu, que, no dia que o senhor nosso rei promoveu a grande festa da sua exaltação, ele veio na minha direção, enquanto procedia a um torneio de armas; e foi por mim visto de tal maneira, que, por isto, minha alma se incendiou de amor por ele; foi esse amor o que me reduziu ao estado em que agora você me vê. Tendo eu consciência de como ficaria mal o meu amor a um rei; não podendo eu expulsar este sentimento do meu coração, e muito menos diminuir-lhe a intensidade; e sendo-me extremamente difícil suportar este sofrimento — eu resolvi, por efeito de tamanha amargura, deixar de viver; e assim farei. É verdade que eu partiria deste mundo desconsolada, se ele, antes, não viesse a saber disto; não encontrando forma alguma pela qual eu conseguiria fazer chegar ao conhecimento dele esta minha resolução, com segurança e decoro, a não ser por seu intermédio, Minuccio, quero entregar essa incumbência a você; rogo-lhe que não se recuse a desempenhar-se de tal encargo; depois de se desincumbir dele, faça-me saber disso, para que eu, morrendo consolada, me desembarace destas amarguras.

Disse isto; a seguir, chorando, calou-se. Minuccio sentiu-se maravilhado em presença da elevação do ânimo da moça, bem como da sua triste resolução; ficou profundamente penalizado; mas lhe surgiu, de súbito, no espírito, a ideia de como a poderia servir honestamente; e disse-lhe:

— Lisa, dou-lhe em penhor a minha fé em Deus. Você pode viver certa de que nunca será por mim enganada; louvando a elevação dos seus sentimentos, que lhe proporcionou ânimo para concentrar o seu amor na pessoa de um rei tão grande, ofereço-lhe o meu auxílio; espero que, com isto, se é que você se inclina a confortar-se, você se tranquilizará; quanto a mim, empenhar-me-ei para que, antes de se passar o terceiro dia, possa trazer-lhe notícias que lhe venham a ser infinitamente gratas. A fim de não perder tempo, quero dar começo agora mesmo.

A moça repetiu suas súplicas com renovado encarecimento; prometeu-lhe confortar-se e tranquilizar-se; e disse-lhe que fosse com a bênção de Deus. Minuccio, então, retirou-se; encontrou-se com um seu amigo, Mico da Siena, que era excelente declamador de versos, naquela época; e, por meio de muitos rogos, induziu-o a escrever a cançãozinha que se segue:

*Mova-se, Amor! Vá ter com ele,
E conte-lhe o sofrimento que padeço;
Diga-lhe que me aproximo da morte,
Ocultando, temerosa, o meu querer.*

*Piedade, Amor! De mãos postas lhe peço
Que vá ter com ele, lá onde ele mora.
Diga-lhe que a toda hora o desejo e amo,
De tão doce que é o seu encanto que me fascina.
Devido ao fogo em que toda me inflamo,
Receio morrer; e já nem sequer sei a hora
De me livrar de tamanho sofrimento
Que só por ele padeço, desejando-o.
Temendo e envergonhando-me.
Pelo amor de Deus, faça-o saber do meu penar.*

*Depois que dele eu me senti enamorada,
Você, Amor, não me deu tanta audácia como temor,
Para que eu pudesse, de uma só feita,
Revelar, pelo meu aspecto, o meu anseio,
Àquele que me mantém tão atribulada.
Morrer por esta forma, pesa-me ao coração!
Talvez não lhe seria desagradável
Saber quanta amargura eu sinto,
Desde que me fosse dada a coragem
De levar ao seu conhecimento o meu afeto.*

*Visto, porém, que não foi de seu gosto, Amor,
Proporcionar-me segurança suficiente
Para que eu abrisse, a ele, o meu coração,
Ai de mim! deixe que, por via de mensageiro, ou de presença,
Chegue a mim a sua mercê, meu doce senhor.
Que vá o mensageiro a ele, fazendo-o recordar-se
Do primeiro dia em que o vi, com escudo e lança,
Com outros cavaleiros terçar armas;*

*Naquele dia, pus-me a contemplá-lo;
E dele tanto me enameiei, que o meu coração morre!*

Estas palavras foram imediatamente musicadas, por Minuccio, numa toada suave e meiga, de acordo com o que o seu significado estava a exigir. No terceiro dia após, o cantador rumou para a corte, numa hora em que o rei Pedro ainda se encontrava à mesa, comendo. O rei pediu, a Minuccio, que lhe cantasse alguma coisa, ao som de sua viola. Em virtude disto. Minuccio começou a cantar a referida canção, tocando com infinita doçura e suavidade; de tal maneira ele cantou, que todos os que se achavam na sala pareciam enfeitiçados, de tanto que se mantinham em silêncio, com a respiração suspensa, a ouvir; e o rei parecia ainda mais possuído pelo encantamento da canção, do que os outros. Quando Minuccio concluiu o seu canto, o rei perguntou-lhe de onde era aquela cantiga, porquanto não se lembrava de a ter ouvido em lugar algum.

— Senhor — respondeu Minuccio —, ainda não se passaram três dias a partir de quando se escreveram as suas palavras e se compôs o seu ritmo.

O rei indagou, a seguir, para quem a cantiga havia sido feita; e Minuccio respondeu:

— Não ousarei revelá-lo a não ser ao senhor.

O rei, ansioso por ouvir a revelação, esperou que as mesas fossem retiradas; depois, foi para a sua sala, onde mandou que Minuccio se apresentasse; e ali Minuccio lhe contou, em perfeita ordem, tudo o que ouvira da boca de Lisa. O rei mostrou-se extraordinariamente satisfeito com a notícia; louvou muito os sentimentos da moça; e disse que, de uma jovem tão digna e recatada, era preciso que se tivesse compaixão; por isto, mandou que Minuccio fosse, em nome dele, rei, ter com a moça, a fim de a confortar e de lhe comunicar que, infalivelmente, naquele mesmo dia, lá pela tardinha, o soberano iria visitá-la.

Minuccio, contentíssimo por poder ser portador de tão boa notícia, não se demorou; retirou-se logo dali com a sua viola; e falando a sós, com Lisa, contou-lhe tudo o que se havia passado; a seguir, cantou-lhe aquela canção, acompanhando-se à viola. A jovem sentiu-se, com isto, tão agradavelmente impressionada e tão reanimada, que, de súbito, se fizeram notar sinais evidentes

e inegáveis da sua volta ao bom estado de saúde. Com grande ânsia, sem saber, nem adivinhar, se alguém da casa estava tomando conhecimento do que acontecia, ela se pôs a esperar a tardinha, o momento em que deveria ver o seu senhor.

O rei, que era senhor liberal e bondoso, pensou e tornou a pensar várias vezes nos fatos referidos por Minuccio; conhecia muito bem a moça, e também a grande beleza dela; e então se sentiu ainda mais tomado de um sentimento de simpatia; em chegando a hora propícia da tardinha, montou a cavalo; fez como se se dirigisse a um simples passeio; e assim acabou chegando no lugar onde se encontrava a casa do merceeiro. Ali, mandou que se lhe abrisse um lindíssimo jardim, que o rico merceeiro possuía; e do jardim apeou. Passados alguns momentos, perguntou, a Bernardo, o que estava acontecendo com a filha dele, e se ele já a havia casado. Bernardo respondeu:

— Senhor, ela não está casada; ao contrário; tem estado e ainda está gravemente enferma. É verdade, porém, que, da hora nona para cá, tem melhorado maravilhosamente.

O rei compreendeu, de imediato, o que semelhante melhora súbita queria significar; e disse:

— Em boa-fé, digo-lhe que grande pena seria se uma criatura tão linda fosse eliminada do mundo! O que eu pretendi fazer, com estes meus dois companheiros, foi vir visitá-la.

Assim, o rei, seguido pelos seus dois companheiros e por Bernardo, entrou, pouco depois, no quarto da moça; logo que se viu lá dentro, tratou de aproximar-se do leito de Lisa; na cama, a jovem, já ligeiramente erguida, se encontrava ansiosa à espera daquela visita; o rei tomou-lhe uma das mãos, dizendo-lhe:

— Senhora, que é que isto quer dizer? A senhora é moça; deveria até servir de exemplo e conforto às outras; entretanto, entrega-se por essa forma ao mal! Nós para aqui viemos, com o propósito de suplicar que, por nosso amor, a senhora se compraza em tranquilizar-se, consolando-se de forma que torne possível a sua cura, tão prontamente quanto ela se faz desejável.

A jovem, sentindo-se tomada pela mão por aquele a quem amava acima de todas as coisas deste mundo, teve um leve movimento de recuo, ditado pelo pudor; mesmo assim, era tanto o prazer de que a sua alma se achava possuída, que ela chegou a ter a impressão de se encontrar no paraíso. E, da maneira que pôde, respondeu:

— Senhor meu, o fato de eu ter desejado submeter as minhas poucas forças a pesadíssimas provações, é que foi a causa desta minha enfermidade; deste mal, porém, o senhor, com a sua generosa mercê, logo me verá livre.

Somente o rei compreendia o falar encoberto da jovem; e, compreendendo-a, formava, dela, um conceito cada vez mais elevado; nestas condições, mais de uma vez ele amaldiçoou a sina da jovem, que a fizera filha de um homem de tão modesta condição social. Depois de se demorar longamente junto dela, e de a haver confortado na medida do possível, o rei retirou-se.

Este gesto de solidariedade humana, do rei, foi muito louvado por todos; e foi também considerado grande honra para com o merceeiro e para com a sua filha. Lisa ficou tão contente, como nenhuma outra mulher jamais se sentiu, em relação ao homem amado. Auxiliada por uma nova esperança, ela sarou em poucos dias, fazendo-se ainda mais bela do que jamais o havia sido.

Entretanto, depois de ela se restabelecer, o rei e a rainha trataram de deliberar sobre a maneira de recompensar o mérito de tamanho amor; em consequência, o soberano, um dia, montou a cavalo, e, fazendo-se acompanhar de numerosos dos seus barões, rumou para a casa do negociante; entrou no jardim da casa dele; mandou chamar à sua presença o merceeiro e a filha; enquanto isso, chegaram ao lugar a rainha e muitas damas da corte; a jovem Lisa foi por elas todas recebida, dando-se início, assim, a uma festa magnífica. Passado algum tempo, o rei, tendo ao lado a rainha, mandou que Lisa se aproximasse; e, depois, disse-lhe:

— Digna jovem, o grande amor que a senhora tem alimentado para comigo fez com que nós passássemos a nutrir o desejo de lhe prestar as maiores honras possíveis; e, por isto, desejamos que se sinta contente conosco, por amor a nós. A maior homenagem que desejamos render-lhe consiste nisto: uma vez que a senhora se encontra em idade de casar, desejamos que tome, por esposo, o jovem que nós lhe indicaremos; fica, contudo, entendido, que, não obstante isto, eu me considerarei sempre seu cavaleiro, sem jamais lhe pedir, de tamanho amor, outra coisa que não seja simplesmente um único beijo.

A moça, que de pudor se ruborizara toda, tornou sua a vontade do rei; e, em voz baixa, assim se manifestou:

— Senhor meu, estou convencida de que, se se soubesse que me encontro apaixonada pelo senhor, a maior parte das pessoas me consideraria louca; julgaria que me encontro fora da minha própria razão: passaria a dizer que eu não tenho consciência da minha condição, e menos ainda da do senhor. Mas

como Deus o sabe, e Deus é o único que vê no coração dos mortais, no primeiro momento em que me apaixonei pelo senhor bem percebi que o senhor era rei, e eu uma simples filha de Bernardo, o merceeiro; sempre tive noção clara de que não me ficava bem elevar o meu ardor afetuoso a um ponto tão elevado. Mas, assim como o senhor sabe, muito mais do que eu, ninguém se enamora de acordo com aquilo que deve, e sim de conformidade com aquilo que os apetites de carinho e de prazer ditam. A esta lei, muitas vezes as minhas forças se opuseram; não podendo, porém, resistir por mais tempo, passei a amar o senhor; amo-o ainda; amá-lo-ei sempre. É verdade que, assim como eu me deixei tomar de amor pelo senhor, assim também me dispus, desde o início, a fazer as suas vontades. Nestas condições, pode ter a certeza não somente de que de bom grado receberei um marido, e de que me será precioso tudo o que resolver dar-me, mas também de que, se o senhor me mandasse atirar-me ao fogo, seria uma honra para mim o fazê-lo, e com real prazer, desde que isso fosse de seu agrado. Ter o senhor, que é rei, na qualidade de meu cavaleiro, é circunstância que não se ignora o quanto me convém; por isto, nada mais respondo; ademais, o beijo único que do meu amor deseja, não poderá ser-lhe por mim concedido e dado, se não houver para tanto licença da senhora rainha. Não obstante, por tanta magnanimidade manifestada pelo senhor e pela senhora rainha, que aqui se encontra, Deus que lhe dê graça e mérito, por mim, porque eu para os render não possuo.

Aqui ela se calou. À rainha, muito agradou a resposta da moça; pareceu-lhe que Lisa era realmente esclarecida e controlada como o rei lhe havia referido. O rei mandou chamar à sua presença o pai da jovem; e também a mãe dela; e, vendo a ambos contentes pelo que ele, soberano, pretendia levar a termo, ordenou que se adiantasse um moço, que era nobre, mas pobre, e que se chamava Perdicão. Entregou, ao jovem, alguns anéis; e, como ele não se recusasse ao compromisso nupcial, determinou que ele se casasse com Lisa. Ao novo casal, o rei, sem perda de tempo, ofereceu muitas joias ricas; na verdade, estas joias foram dadas mais propriamente, pelo rei e pela rainha, à jovem Lisa. Os soberanos deram-lhes, aos novos esposos, também, Ceffalu e Calatabellotta, duas terras boníssimas e de grande rendimento; e disseram-lhes:

— Estas joias e estas terras são dadas a vocês como dote da esposa; o que desejamos fazer com o esposo, ele mesmo o verá quando o seu tempo chegar.

Depois disto, o rei, dirigindo-se à moça, esclareceu:

— Agora, nós queremos que nos seja dada aquela recompensa que devemos receber do seu amor para conosco.

A seguir, o soberano tomou, com as duas mãos, a cabeça da jovem Lisa; e beijou-a na fronte. Perdição, o pai e a mãe de Lisa, e também a própria Lisa, todos infinitamente satisfeitos, promoveram grandes festas, realizando núpcias brilhantes e felizes.

Ao que muita gente afirma, o rei observou muito bem a promessa feita à moça; porque, enquanto viveu, sempre se declarou seu cavaleiro; nunca empreendeu feito algum de armas, a não ser levando, como insígnia, aquela que, vez por vez, lhe foi enviada por Lisa.

É operando por esta maneira, como se vê, que os soberanos conquistam o coração de seus súditos; é assim que eles dão o exemplo de conduta galharda e honrosa; e é assim que adquirem fama perpétua. Para tais coisas, são poucos os que ainda conservam retesado o arco do intelecto, porque, hoje, os senhores, em sua maior parte, se fizeram tiranos e cruéis.

OITAVA NOVELA

Sofrônia, julgando-se esposa de Gisippo, é esposa de Tito Quíncio Fulvo, e vai, em sua companhia, para Roma. Gisippo chega a Roma em mau estado; imaginando-se desprezado por Tito, quer morrer, e afirma ter matado um determinado homem, a fim de ser condenado à morte. Tito reconhece-o no tribunal e, para livrá-lo, declara-se a si mesmo assassino daquele determinado homem. Assistindo a esta nobre contenda entre dois inocentes, o verdadeiro assassino se apresenta. Por esta razão, Otaviano manda que sejam todos postos em liberdade; Tito, então, dá sua própria irmã, na qualidade de esposa, a Gisippo, e com ele divide todos os seus bens.



or determinação do Rei, coube a Filomena falar. Pampineia já havia concluído a sua narrativa; cada componente do grupo já tinha feito o seu comentário e o seu louvor à conduta do rei Pedro; mais do que os outros, quem comentou e louvou foi a guibelina; então, Filomena começou:

— Mulheres magníficas, quem é que não sabe que os reis, quando o querem, podem fazer qualquer coisa grandiosa que lhes surja da fantasia, e que, ademais, é deles, de modo particular, que se exige a circunstância de serem magníficos? Quem faz, pois, aquilo que lhe cabe fazer, comporta-se bem. Mas disso a gente não deve maravilhar-se, nem é preciso que em torno disso se teçam louvores altíssimos; porque muito mais meritório é o comportamento de quem, por dispor de pequeno poder, menos se pede, ou nada se espera, mas nobres atos realiza. Se, pois, vocês exaltam, com tantas palavras, as magnanimidades do rei, e se tais magnanimidades lhes parecem belas, não duvido absolutamente nada que muito mais lhes deveria agradar, e merecerão ser louvadas por vocês, as obras dos nossos pares, quando tais obras se assemelham às dos reis, ou assumem vulto ainda maior. Esta é a razão pela qual me proponho a contar-lhes o episódio de um gesto louvável e magnífico, praticado entre dois concidadãos amigos.

Na época, pois, em que Otaviano César,¹ ainda não chamado Augusto, mas já exercendo suas funções no triunvirato, regia os destinos do Império romano, existiu, na mesma cidade de Roma, um gentil-homem chamado

Públio Quíncio Fulvo. Este gentil-homem tinha um filho que se chamava Tito Quíncio Fulvo, de inteligência maravilhosa, e que por isso fora estudar Filosofia em Atenas; tanto quanto possível, o pai recomendou o filho a um nobre chamado Cremete, que era seu amigo de velhíssima data. Por isso, Tito foi hospedado na própria casa de Cremete, em companhia de um filho deste, chamado Gisippo. Tito e Gisippo foram igualmente postos, por Cremete, a estudar a doutrina, sob os cuidados de um filósofo chamado Aristipo.² Prolongando-se a convivência íntima dos dois moços, os seus costumes se identificaram, e um grande sentimento de fraternidade nasceu entre ambos. A amizade consolidou-se tanto, que os rapazes nunca se separaram, a não ser, afinal, por intervenção da morte. Nenhum dos dois se sentia bem, nem se considerava em paz, a não ser quando tinha o outro ao seu lado.

Os dois começaram juntos os estudos. Ambos eram igualmente dotados de altíssimo intelecto; um e outro subiam às gloriosas alturas da Filosofia, com passo igual e comportamento assombroso. Nessa vida eles perseveraram durante três anos, com enorme prazer de Cremete, que já não sabia qual dos dois ele mais considerava como sendo seu filho.

Ao fim daqueles três anos, como acontece com todas as coisas, aconteceu que Cremete, sendo já velho, se foi desta vida; os dois moços sofreram com isso uma dor profunda, exatamente como se houvessem perdido um pai comum a ambos; nem os amigos nem os parentes de Cremete conseguiam discernir a qual dos dois mais deveriam consolar, em consequência do doloroso transe.

Verificou-se, depois de uns tantos meses, que os amigos e parentes de Gisippo se encontraram com ele: e, juntamente com Tito, aconselharam-no a casar-se; descobriram, para ele, uma jovem de maravilhosa beleza, e que descendia de nobilíssima família; era cidadã de Atenas; chamava-se Sofrônia; e tinha, talvez, a idade de uns 15 anos. Como se aproximava o prazo das futuras núpcias, um dia Gisippo pediu a Tito que fosse, em sua companhia, ver a noiva, pois ele não a conhecia ainda. Os dois chegaram à casa da moça: recebendo-os, ela sentou-se entre os rapazes: então, Tito, quase como se fosse examinador da beleza da noiva do seu amigo, começou a contemplá-la com a mais concentrada atenção: todas as partes do corpo dela lhe agradaram muito: e enquanto ele louvava, no seu íntimo, mas com o maior entusiasmo, as referidas partes, apaixonou-se por Sofrônia; mesmo assim, nenhuma sombra deste sentimento transpareceu em sua fisionomia; contudo, sua paixão já era maior do que a que qualquer namorado possa nutrir para com a sua amada. Depois

de permanecerem algum tempo naquela casa, os dois amigos se retiraram, voltando para a própria residência.

Ali, Tito rumou para o seu quarto, onde, sozinho, se pôs a pensar na jovem de que tanto havia gostado: e tanto mais se inflamava de amor por ela, quanto mais se demorava no desenrolar-se daqueles pensamentos. Em certa altura, deu-se conta disso; suspirou várias vezes, com sinceridade: e começou a dizer:

— Ai de você! que mísera vida é a sua, Tito! Onde e em que põe você o ânimo, o amor e a esperança? Pois então você não sabe, seja pelas honras e pelos benefícios recebidos da parte de Cremete e de sua família, seja pela inteira amizade que existe entre você e Gisippo, de quem a moça é noiva, que você deve ter, para com ela, apenas a reverência que se tem para com uma irmã? Quem é, pois, essa que você ama? Para onde você se deixa arrastar pela ilusão do amor? Para onde você permite que o leve a enganosa esperança? Abra os olhos do intelecto, e reconheça-se a si mesmo, oh! infeliz! Dê lugar à razão; refreie o seu apetite concupiscente: modere os seus desejos menos sãos: eleve e dirija os seus pensamentos para outra coisa: contenha, agora, no começo, a sua libido: vença-se a você mesmo, enquanto é tempo! Isto que você deseja não está direito: não é honesto: isto que você se dispõe a realizar é coisa de que você deveria fugir, ainda que tivesse a certeza de consegui-la — certeza, aliás, que você não tem; e deveria fugir disso, desde que considerasse o que a verdadeira amizade exige, e o que constitui o seu dever. Que é que você fará, então, Tito? O certo é deixar de lado o amor inconveniente, se é que deseja fazer o que é direito que se faça!

A seguir, tornando a recordar-se de Sofrônia, passou a pensar em sentido contrário ao anterior; tudo o que dissera antes foi desdito, e ele assim raciocinou:

— As leis do amor são muito mais poderosas do que algumas outras. Elas superam não somente as leis da amizade, mas também as leis divinas! Quantas vezes já aconteceu o pai amar a filha, o irmão amar a irmã, a madrastra o afilhado? Coisas muito mais monstruosas do que o fato de um amigo amar a mulher de outro já se levaram a termo mil vezes seguidas. Além do mais, eu sou moço, e a juventude está inteiramente submetida às leis do amor. O que, portanto, agrada ao amor, deve agradar a mim também. Os atos honestos devem ser praticados pelas pessoas mais maduras; eu, por mim, não posso querer a não ser aquilo que o amor quer. A beleza desta moça merece ser amada por todos; e, se eu amo, sendo jovem, quem é que poderá censurar-me?

Eu não a amo pelo fato de ela ser de Gisippo; ao contrário; amo-a porque a amaria fosse de quem quer que ela fosse! Quem aqui peca é o Destino, que concedeu esta mulher a Gisippo, que é meu amigo, ao invés de a entregar a outro homem. Se ela deve ser amada, como realmente deve, e merecidamente, pela sua beleza, Gisippo deve sentir-se muito mais satisfeito por saber que sou eu quem a ama, e não um outro!

Deste raciocínio, zombando de si mesmo, Tito voltou de novo ao raciocínio oposto; e assim procedeu sucessivamente, indo deste pensamento para aquele, e voltando daquele para este, não apenas durante aquele dia e aquela noite, mas também ao longo de outros dias e de outras noites: enquanto isto, perdeu o apetite e o sono, acabando por ser obrigado a recolher-se ao leito, devido à fraqueza.

Gisippo, que já o havia visto preocupado no transcurso de vários dias, e que agora o via enfermo, sentiu-se muito pesaroso: pondo em prática toda a sua arte e toda a sua solicitude, e sem nunca abandonar a cabeceira do amigo, esforçou-se no sentido de o confortar; com frequência e com insistência, perguntou-lhe pela causa das suas preocupações e da sua enfermidade. Como, porém, Tito lhe dava mentiras e invencionices em resposta, e como Gisippo percebia que se tratava de invencionices e mentiras, Gisippo acabou por fazer pressão sobre o amigo, a fim de o constranger a falar; com efeito, Tito, por entre lágrimas e suspiros, respondeu por esta forma:

— Gisippo, se aos Deuses houvesse agradado, muito mais satisfação me daria a morte do que o continuar a viver, desde que se pense que o Destino fez com que você me conduzisse a um lugar onde seria preciso que eu desse provas da minha virtude, e onde por essas provas, com grande vergonha de minha parte, me deixei vencer. Não há dúvida, contudo, que eu espero para logo a recompensa que no caso me cabe, isto é, a morte; muito mais grato me é o morrer, do que o viver com a memória da vileza; esta vileza é o que lhe vou revelar agora, a despeito de não poder revelá-la sem me ruborizar; revelo-a, uma vez que não posso, nem devo, ocultar seja lá o que for, principalmente a você.

Começando pelo início, Tito mostrou a Gisippo qual era o motivo das suas preocupações: revelou-lhe os pensamentos que tivera; a batalha de raciocínios que desenvolvera: e qual a ordem de raciocínios que tinha saído vitoriosa da contenda; por fim, expôs-lhe o desejo que tinha, de morrer, devido ao amor que nutria para com Sofrônia. Afirmou que tinha plena consciência de como era desacertado o mencionado amor; era por isto que tinha imposto, a si

mesmo, a penitência da morte. Esperava, de resto, chegar logo ao fim. Gisippo ouviu tudo isto; viu o pranto chorado pelo amigo; ficou longamente pensando sobre o caso, porque se sentiu preso pela beleza da noiva, embora um pouco mais moderadamente do que o amigo; e ali mesmo deliberou que a vida do amigo lhe era muito mais cara do que o amor de Sofrônia. Assim, induzido a chorar também, em consequência do choro de Tito, entre lágrimas lhe respondeu:

— Tito, se você não estivesse necessitado de consolo, como está, eu me queixaria de você, a você mesmo, por ser você o homem que violou a nossa amizade, uma vez que conservou oculta, por tão longo tempo, esta sua desesperada paixão. O seu amor não lhe pareceu honesto, mas a verdade é que nem as coisas desonestas nem ali honestas devem ser escondidas ao amigo, porque quem é amigo auferir prazer dos acontecimentos honestos que ocorrem com o amigo; e, quanto aos acontecimentos desonestos, esforça-se por afastá-los do ânimo e da vida do amigo. Entretanto, vou ater-me agora ao presente; e desejo tratar daquilo que me parece tornar-se mais necessário neste instante. Se você, de fato, ama, com ardor, Sofrônia, minha noiva, isso não me causa surpresa; maravilhar-me-ia eu se isso não acontecesse, primeiro porque conheço a beleza dela, e, depois, porque sei da nobreza do espírito que você tem, espírito este que se inclina a ser dominado pelo amor, em medida tanto maior quanto mais excelso é o objeto de afeição. Quanto mais justamente você ama Sofrônia, tanto mais injustamente você se queixa do Destino, muito embora você não se manifeste em tal sentido, por a ter o Destino reservado para mim. A você, parece que o ato de a amar seria honesto, se ela fosse amada por qualquer outro homem, menos por mim. Contudo, se você é esclarecido, como sempre tem sido, a quem poderia o Destino tê-la reservado, senão a mim, para você lhe render graças? Qualquer outro homem, que a recebesse, preferiria ficar com ela, e não consigo, por mais honesto que fosse o amor que você sentisse. Este comportamento, você não deve esperar de minha parte, se é que você me considera seu amigo, como realmente sou. E a razão é esta: eu não me lembro de coisa alguma que, depois que travamos a nossa amizade, não tenha sido tão minha como sua. Se os fatos evoluíssem por tal forma, que, depois, nenhum outro remédio mais houvesse, eu procederia, desta vez, como das outras procedi; entretanto, os fatos se encontram, por ora, em tal situação, que eu posso fazer com que a moça seja somente sua; e assim farei. Não vejo por qual razão a minha amizade deveria ser preciosa, para você, se, por um ato que se pode realizar honestamente, eu não soubesse tornar a moça

exclusivamente sua, no caso de isso depender apenas da minha vontade. É verdade que Sofrônia é minha noiva; que eu a amava muito; e que eu esperava as núpcias com grande ansiedade, no propósito de as comemorar com grandes festas; mas, uma vez que você, que é muito mais esclarecido do que eu, deseja, com muito mais fervor, uma jovem tão linda e cara como ela é, fique tranquilo; ela virá ao meu quarto, não transformada em minha mulher, e sim em sua. Por isto, deixe de preocupações; expulse a melancolia; reconquiste o bom estado de saúde perdido; retome o conforto e a alegria; e espere, deste momento em diante, com satisfação, a recompensa dos méritos do seu amor, que é muito mais digno do que era o meu.

Ao ouvir Gisippo falar por esta maneira, Tito sentiu que a encantadora esperança de receber aquilo que lhe causava prazer se contrabalançava com a razão fria, que lhe proporcionava vergonha; a razão mostrava-lhe que, quanto maior era a liberalidade de Gisippo, tanto mais difícil e constrangedor se tornava o fazer uso dela. Em vista disto, sem deixar de chorar, Tito, com grande esforço, disse:

— Gisippo, a sua amizade, verdadeira e generosa, me mostra, com perfeita clareza, aquilo que de minha parte é dever levar a termo. Não praza a Deus que eu receba, para tê-la comigo, a mulher que Ele deu a você, por o considerar pouco digno dela! Se Ele estivesse convencido de que ela ficaria melhor comigo, é preciso convir em que nem você, nem qualquer outra pessoa, deveria presumir que ela fosse dada a você. Utilize-se, pois, da eleição de que você foi objeto; siga o discreto conselho; fique com o presente que recebeu; e deixe-me com estas minhas lágrimas que Deus, considerando-me indigno de tamanho bem, me reservou; com elas me consumirei. Ou eu superarei este pranto, e isto lhe será agradável saber; ou o pranto me vencerá, e então ficarei livre de todo sofrimento.

A estas ponderações, Gisippo observou:

— Tito, se a nossa amizade me concede licença a ponto de permitir que eu force você a curvar-se a uma circunstância que me dá prazer, e a ponto de induzir você a obedecer às minhas imposições, então lhe digo que é fazendo o que lhe vou dizer que eu pretendo fazer uso dela; no caso de você não aceder de bom grado aos meus rogos, eu, empregando aquela força que para o bem do amigo é lícito empregar, farei com que Sofrônia seja sua. Eu bem sei o que podem as forças do amor; e também não ignoro que elas já conduziram, não uma só vez, e sim muitas mil vezes, a uma não merecida morte infeliz, as pessoas que amaram e não foram correspondidas. Ademais, estou vendo você

tão perto da morte que acredito que você não poderia voltar atrás, nem vencer suas lágrimas; ao contrário: continuando nesse estado, você acabaria sendo vencido. Se você morresse, eu, sem dúvida alguma, logo iria juntar-me a você. Então, ainda que por outra coisa eu não o estimasse, a sua vida me seria sempre cara, porque ela constitui razão também do meu viver. Sofrônia, pois, será sua, uma vez que não lhe seria fácil encontrar tão cedo outra mulher que lhe agradasse tanto; quanto ao meu amor, ele, dirigindo-se a outra criatura, dará satisfação tanto a mim como a você. É possível que, num caso como este, eu talvez não me mostrasse tão liberal, se fossem tão raras as mulheres dignas de se tornarem esposas, como são os homens dignos de se fazerem amigos. Visto que eu posso encontrar, tão cedo quanto possível, outra mulher, mas não outro amigo, prefiro, antes de mais nada, trocá-la por outra moça, a perder você. Não quero dizer que prefiro perdê-la, uma vez que, dando-a a você, eu não a perderei; ao contrário, trocarei um bem por outro ainda maior. Por este motivo, se os meus rogos têm alguma influência sobre o seu espírito, peço-lhe para que se afaste de tamanha aflição, consolando, ao mesmo tempo, a você e a mim. Disponha-se, pois, com boa e justa esperança, a receber aquela alegria que o seu amor tanto deseja que lhe seja oferecida pela pessoa amada.

Tito envergonhava-se de consentir nisto, ou seja, em que Sofrônia se tornasse sua esposa; por isto, resistia a admitir a sugestão de Gisippo; de um lado, porém, instigava-o o amor; de outro, animavam-no as palavras consoladoras do amigo; e então ele disse:

— Aí está, Gisippo! Eu já nem sei o que é que devo resolver fazer: se seguir a sua opinião, ou se obedecer ao meu impulso, porque, seguindo o seu conselho, farei aquilo que você suplica que eu faça, por ser o que mais me agrada. Visto, pois, que a sua liberalidade é tamanha, ao ponto de superar a minha fraca vergonha, agirei como você sugere. Fique, entretanto, bem certo disto: de que eu não o faço como homem que ignore estar recebendo, de sua parte, não somente a mulher amada, mas também, com ela, a salvação da própria vida. Praza aos Deuses, se possível, que eu ainda lhe demonstre, com honras, homenagens e estima, até que ponto me é profundamente grato isto que você se esforça no sentido de fazer por mim; você revela ainda mais amor por mim, do que eu mesmo.

Depois destas palavras, Gisippo falou:

— Tito, neste assunto, se é que desejamos que o que estamos combinando tenha efeito, penso que devemos proceder pela forma que agora lhe passo a expor. Como você sabe, depois de longas manobras dos meus parentes e dos

parentes de Sofrônia, esta moça se tornou minha noiva. Nestas condições, se eu, neste momento, lhe fosse dizer que não a quero por esposa, enorme escândalo se originaria; eu poria em sobressalto os meus parentes, e também os dela. Nada disto me incomodaria, se por esse preço obtivéssemos a certeza de que ela se faria sua mulher. Eu, todavia, receio que, se eu a abandonar, a esta altura, os parentes dela não se prontifiquem a dá-la tão cedo a outro homem; e é também possível que, nesta hipótese, o outro homem não venha a ser você; por esta forma, você perderá aquilo que eu deixarei de ter. Por estas razões, afigura-se-me, desde que você concorde com a minha sugestão, que é melhor eu prosseguir com aquilo a que já dei início; levá-la-ei para a minha casa, como se ela fosse minha, dando curso completo às núpcias; depois, você, às escondidas, como nós sabemos fazer, se deitará com ela, como se ela já fosse sua mulher. Mais tarde, a seu tempo e em seu lugar, contaremos, a ela e aos dela, o que se houver passado. Se todos se mostrarem de acordo, muito bem; se se mostrarem descontentes, o que estiver feito não poderá ser cancelado; não será possível voltar atrás: e todos, assim, se verão obrigados a dar-se por satisfeitos.

Tito gostou deste conselho. Em consequência, Gisippo recebeu Sofrônia em sua casa, como sua mulher, numa época em que Tito já se encontrava curado e bem disposto; houve grande festa; quando, porém, caiu a noite, as mulheres deixaram a nova esposa na cama do seu marido, retirando-se logo a seguir. O quarto de Tito ficava ao lado do de Gisippo; havia comunicação entre os dois, de modo que se podia passar de um para outro. Gisippo encontrava-se no seu quarto; todas as luzes já haviam sido apagadas; ele, então, no mais completo silêncio, foi para o quarto de Tito, dizendo-lhe que fosse deitar-se na cama em que Sofrônia estava deitada. Ao ver isto, Tito sentiu-se superado pela vergonha, desejou arrepender-se e chegou a recusar-se a fazer o que lhe cabia na execução do plano do amigo; Gisippo, entretanto, agia com a mais absoluta sinceridade; suas palavras exprimiam exatamente o seu estado de alma; por isto, insistiu; e, depois de longa insistência, conseguiu induzir Tito a proceder como se havia combinado.

Assim que Tito chegou à cama de Sofrônia, tomou a moça em seus braços; sentia-se tão emocionado, que quase soluçava; mas, mesmo assim, com voz embargada pelas emoções confusas do momento, lhe perguntou se desejava ser sua mulher. Sofrônia pensava tratar-se de Gisippo, naturalmente; e respondeu que sim; então, ele lhe introduziu, num dos dedos da mão, um riquíssimo anel, declarando:

— E eu quero ser seu marido!

A seguir, consumado o matrimônio, ele auferiu, dela, longo e amoroso prazer, sem que ela, nem qualquer outra pessoa, desconfiasse não ser Gisippo o homem que com ela se encontrava.

Estando, pois, nestes termos o casamento de Sofrônia e de Tito, Públio, seu pai, se foi desta vida. Em consequência, escreveu a Tito, solicitando que ele, sem a menor demora, viajasse para Roma, a fim de ali tomar conta dos seus negócios; em face desta circunstância, Tito deliberou ir a Roma, levando consigo Sofrônia e Gisippo. Não era, porém, possível fazer isto, com desenvoltura, sem revelar como haviam corrido as coisas todas. Assim, num determinado dia, Tito e Gisippo chamaram Sofrônia para dentro de um dos quartos, onde lhe revelaram o que se passava; e, depois de muitos circunlóquios, Tito conseguiu explicar o que tinha acontecido entre ele e o seu amigo.

Sofrônia olhou com ligeiro desdém para os dois homens e, logo após, começou a chorar copiosamente; queixou-se, com infinita amargura, do engano praticado por Gisippo contra ela. Antes, porém, que se fizesse qualquer comentário, na casa de Gisippo, Sofrônia rumou para a casa de seu pai, onde contou, ao pai e à mãe, o engano que ela e eles haviam recebido da parte de Gisippo; afirmou, depois, que, pelos fatos, ela era mulher de Tito, e não de Gisippo, como todos presumiam. A revelação constituiu choque para o pai de Sofrônia; declarou-se grave querela, que durou longo tempo, entre os parentes da moça e os parentes de Gisippo; e a perturbação dos ânimos e as controvérsias se aprofundaram muito.

Gisippo passou a odiar tanto os seus parentes como os de Sofrônia; e todos diziam que ele não somente se fizera merecedor de repreensão, mas também de severo castigo. Entretanto, ele afirmava que havia feito uma ação honesta; acrescentava que os parentes de Sofrônia deveriam até apresentar-lhe agradecimentos, uma vez que, com a referida ação, ele, Gisippo, fizera com que Sofrônia se casasse em condições muito melhores.

De outra banda, Tito percebia tudo quanto se passava, ressentindo-se; era com enorme aborrecimento que assistia ao desenvolvimento das recriminações ao seu amigo. Tito sabia, porém, que era costume dos gregos o adiantarem-se tanto quanto possível, à valentona, com as palavras e com as ameaças, até que surgisse alguém que lhes desse a devida resposta; quando surgia esse alguém, eles se faziam não apenas humildes, mas até vis; e, em certa altura, decidiu que aquela troca de afrontas, de censuras e de invectivas não deveria mais prolongar-se sem que alguém por elas respondesse. Tito era dotado de espírito

romano e inteligência ateniense. Com maneiras muito corteses, reuniu, de uma feita, os parentes de Gisippo e de Sofrônia, num templo. Depois, entrou, nesse templo, acompanhado exclusivamente por Gisippo; e assim falou aos que ali se achavam, expectantes:

— Acredita-se, por obra de muitos pensadores, que o que é feito pelos mortais decorra de disposição e providência dos Deuses; por isto, querem alguns que seja decorrência de uma necessidade tudo o que se faz, ou que em qualquer tempo se vier a fazer; mas há os que reconhecem esta necessidade, esta imperiosidade, somente em relação àquilo que já se fez. Todas estas opiniões, desde que a gente as queira interpretar com alguma largueza de vistas, mostram abertamente que o fato de alguém censurar aquilo que está feito, e que não pode ser modificado, nada mais é do que uma tentativa, da parte daquele que censura, no sentido de se mostrar mais sábio do que os Deuses. Ora: nós devemos acreditar que os Deuses, com razão perpétua e sem o menor erro, dispõem e governam, tanto a nós, como aos nossos assuntos. Por isto, facilmente se pode ver o quanto é insana e brutal a presunção que aspira a subverter os atos pelos Deuses determinados; facilmente se podem ver, também, quantas e quais algemas e grilhões merecem os mortais que se deixam impelir por semelhante audácia. De acordo com o meu modo de pensar, vocês todos pertencem ao número dos referidos mortais, se é verdade que vocês disseram e continuam dizendo o que eu vim a saber que disseram e que continuam a dizer, a respeito do fato de Sofrônia se haver feito minha esposa, apesar de vocês a terem dado, inicialmente, a Gisippo. Vocês não levaram em consideração a contingência de haver sido anteriormente disposto, *ab aeterno*, que Sofrônia pertenceria a mim, e não a Gisippo; que isto fora disposto pelos Deuses, vocês estão vendo agora, pelos efeitos. Todavia, muitas pessoas consideram duro e grave o ato de compreender, quando se fala da secreta providência e da sigilosa intenção dos Deuses; tais pessoas pressupõem que os Deuses não se interessam pelos nossos assuntos. À vista disto, agrada-me descer ao entendimento mais rasteiro dos homens. Ao proceder por esta forma, vejo-me obrigado a fazer duas coisas inteiramente contrárias aos meus costumes: a primeira é a de me louvar a mim mesmo até certa medida; a outra é a de me queixar um pouco da conduta dos outros, humilhando-os. Todavia, como não pretendo afastar-me da verdade, nem fazendo uma coisa, nem fazendo outra, e visto que o assunto que aqui nos reúne o exige, farei o que é meu dever levar a termo. Vocês se têm queixado mais por estímulo da fúria, do que pelo conselho da razão; com murmúrios e até com rumores incessantes, vocês vituperam,

mordem e prejudicam Gisippo, pelo fato de ele me haver dado, na qualidade de esposa, de acordo com a decisão e a vontade dele próprio, a moça que vocês, com a sua decisão e a sua vontade, haviam entregue a ele. Por esta nobre ação, considero Gisippo altamente digno dos maiores louvores. As razões do meu parecer são as seguintes: primeiro, a de que ele fez aquilo que todo amigo deve fazer; segundo, a de que ele agiu muito mais esclarecidamente do que vocês se haviam comportado. Aquilo que as santas leis da amizade exigem que um amigo faça, em favor do outro, é coisa que não tenho intenção de explicar neste momento; dou-me por satisfeito com o simples fato de lhes haver lembrado que os vínculos da amizade entrelaçam e unem muito mais do que os liames do sangue, ou do parentesco. Tome-se em consideração que nós temos os amigos que escolhemos, ao passo que os nossos parentes são os que o Destino nos dá. Foi pelo fato de Gisippo amar mais a minha vida, do que a benevolência manifestada por vocês, que ele agiu assim; sendo eu seu amigo, como realmente me considero, ninguém deve maravilhar-se diante do que ele fez. Venhamos, porém, à segunda razão; nesta, com mais insistência devo demonstrar-lhes que Gisippo foi muito mais sábio do que vocês; não se me afigura que vocês tenham qualquer sentimento, nem ideia, do que seja a providência dos Deuses; muito menos, ainda, vocês conhecem os afetos da amizade. Esclareço que a argúcia que vocês possuem, o conselho de que são capazes, e a deliberação que tomaram, fizeram com que Sofrônia fosse dada a Gisippo, que é jovem e filósofo; a argúcia, o conselho e a deliberação de Gisippo a deram a mim, que sou jovem e filósofo. O conselho de vocês deu Sofrônia a ateniense; o de Gisippo, a romano; o conselho de vocês, a um jovem de valor; o de Gisippo, a um jovem de mais valor ainda; o de vocês, a um moço rico; o de Gisippo, a um moço riquíssimo. O conselho de vocês deu Sofrônia a um jovem que não somente não a amava, como também mal e mal a conhecia; o de Gisippo, a um jovem que já a amava acima de todas as coisas e que a queria ainda mais do que a própria vida. Para vocês se convencerem de que o que eu estou dizendo é verdade, e muito mais digno de louvor do que o que vocês haviam feito, tomem em consideração, primeiro uma coisa, e depois outra. Que eu sou jovem e filósofo como Gisippo, tanto o meu rosto, como os meus estudos, o podem demonstrar; e sobre isto não será indispensável que nos alonguemos mais. A mesma idade é sua e minha; nos estudos, sempre procedemos juntos, e juntos progredimos. É verdade que ele é ateniense, ao passo que eu sou romano. Se, porém, se quiser disputar a glória das cidades, direi que eu procedo de cidade livre, quando ele procede de cidade tributária;

eu direi que sou de cidade dona do mundo inteiro, e ele de cidade obediente à minha; direi que sou de cidade floridíssima quanto a armas, a império e a estudos, ao passo que ele só pode louvar e recomendar os estudos que se fazem na sua. Além disto, embora vocês me vejam aqui em trajes de estudioso muito humilde, eu não nasci da escória do populacho de Roma. As minhas casas e os lugares públicos de Roma estão cheios de imagens antigas, dos meus antepassados; os anais de Roma estão repletos de inúmeros triunfos conseguidos pelos Quínzi, no capitólio romano. Observe-se que a glória do nosso nome não se murchoou por velhice; ao contrário; ela floresce ainda hoje, mais do que nunca. Por uma questão de comedimento, calo-me a propósito das minhas riquezas, porquanto considero, em meu espírito, que a pobreza honesta constitui o antigo e precioso patrimônio dos nobres cidadãos de Roma; em geral, a riqueza é condenada pela opinião do vulgo que, entretanto, lhe admira e exalta os tesouros; dessa riqueza, não como ambicioso, mas como jovem amado pelo Destino, possuo grande abundância. Sei perfeitamente que seria, como deveria ser e é, coisa ambicionada, o ter Gisippo por parente aqui em Atenas; mas eu não lhes devo ser menos querido, por motivo algum, em Roma, se vocês levarem em consideração que terão em mim, lá, um excelente hospedeiro, e também um patrocinador útil, solícito e poderoso, tanto no que tange aos negócios públicos, como no que se refere aos assuntos privados. Deixando-se, pois, de lado, o capricho da vontade, e levando-se em conta apenas as razões fundamentais, quem é que haverá de apreciar e recomendar mais os conselhos de vocês, do que os do meu amigo Gisippo? Por certo, ninguém. Sofrônia encontra-se, portanto, bem casada com Tito Quíncio Fulvo, antigo, nobre e rico cidadão de Roma, e amigo de Gisippo. A pessoa que disso se queixa, não faz o que deve, nem sabe claramente o que faz. Devem existir pessoas, talvez, que digam que Sofrônia não se lamenta do fato de ser mulher de Tito, lamentando, entretanto, o modo pelo qual se tornou sua esposa; foi um modo oculto, furtivo, sem que de coisa alguma tivessem conhecimento os seus amigos, nem os seus parentes. Isto não constitui milagre nem coisa que haja ocorrido pela primeira vez. Deixo de lado, de bom grado, as moças que se casaram contra a vontade dos próprios pais; deixo, igualmente, aquelas que fugiram em companhia dos respectivos amantes, tendo sido, primeiro, amigas, e não esposas; como deixo, também, as que revelaram suas uniões com a gravidez e com o parto, antes de as revelarem por meio de palavras; nestes casos, a imutabilidade das contingências tornou necessária a aprovação do que haviam praticado antes. Ora: nada disto aconteceu com

Sofrônia; ao contrário; em plena ordem, discretamente, com inteira honestidade, ela foi dada por Gisippo a Tito. Haverá quem diga que o homem que se casou com ela é um a quem não assistia esse direito. As lamúrias desta ordem são tolas e irrelevantes, decorrentes de considerações insuficientes. Desta feita, o Destino não faz outra vez uso de vias e de instrumentos novos, para conduzir as coisas aos fins predeterminados. Que tenho eu de me preocupar se é o sapateiro, mais do que o filósofo, que dispõe, segundo o seu critério, de maneira oculta ou de forma notória, de um fato que me diz respeito, desde que a finalidade seja boa? Devo, sem dúvida, pôr-me em guarda para verificar se o sapateiro não é discreto, para observar se ele não pode fazer mais do que faz, e para agradecer-lhe o que fizer. Se Gisippo proporcionou, a Sofrônia, um bom casamento, é estultícia supérflua o sair à rua queixando-se dele e do modo pelo qual ele procedeu. Se vocês não confiam no seu bom senso, tomem cuidado, para que ele não se case mais; e apresentem-lhe agradecimentos, pelo que levou a termo desta vez. Não obstante, saibam que eu não procurei, nem com astúcia, nem com fraude, impor qualquer mancha à honestidade e à limpeza do sangue de vocês, na pessoa de Sofrônia. Embora eu a tenha tomado por esposa, às escondidas, eu não surgi como raptor, para lhe tirar a virgindade; também não pretendi possuí-la de maneira menos honesta, como se eu fosse seu inimigo, e como se recusasse o seu parentesco; ao contrário; decididamente inflamado pela sua extraordinária beleza, bem como pelas suas virtudes, tive fundado receio de que, se eu houvesse procurado obtê-la pela ordem que vocês talvez desejassem que eu a obtivesse, não a obteria; provavelmente, vocês me negariam, porque, sendo ela muito querida por vocês, vocês temeriam que eu a levasse para Roma comigo, privando-os, assim, da sua presença. Fiz, portanto, uso de arte oculta, que agora lhes pode ser revelada; e induzi Gisippo a consentir em fazer, em meu nome, aquilo que ele não se encontrava disposto a fazer; depois, embora eu a amasse com todo fervor, procurei as relações com ela, não na qualidade de amante, e sim de marido; nunca me apressei a aproximar-me dela, como ela própria pode testemunhar dizendo a verdade; considere-se que eu fiz uso das devidas palavras formais, desposando-a, igualmente, com o anel tradicional; antes disso, perguntei-lhe se ela queria ter-me por marido; a esta pergunta, ela respondeu que sim. Se lhes parece que ela foi enganada, não sou eu o merecedor de censura, e sim ela, que não me perguntou quem eu era. Este é, pois, o grande mal, o grande pecado, o grande crime praticado por Gisippo, meu amigo e extremoso cuidador da minha vida: o de Sofrônia haver sido levada a tornar-se, às ocultas, mulher de Tito Quíncio;

é por isto que vocês o assaltam, o ameaçam, o assediam. Mas que fariam vocês, além disso, se ele, ao invés de dar Sofrônia a mim, a desse a um aldeão, a um desqualificado, a um servo? Que cadeias de ferro, que cárcere, que cruces bastariam para o castigar? Entretanto, deixemos isto de lado. Já chegou o tempo pelo qual eu ainda não esperava, isto é, o tempo do falecimento de meu pai e da necessidade do meu regresso a Roma; e por desejar eu levar comigo Sofrônia, não hesitei em revelar-lhes aquilo que talvez por longo tempo conservaria oculto. Nestas condições, se vocês forem prudentes, se mostrarão satisfeitos; e isto porque, se eu quisesse enganar ou ultrajar, de nada me custaria deixar-lhes Sofrônia ludibriada e escarnecida. Não praza a Deus, porém, semelhante circunstância! E que nunca, jamais, se torne possível albergar tamanha vilania dentro de um espírito romano! Ela, pois, isto é, Sofrônia, é minha, pelo consentimento dos Deuses, pelo vigor das leis humanas, pelo bom senso louvável do meu amigo Gisippo, e também pela sua amorosa astúcia. Vocês dão mostras de se considerarem, por acaso, ainda mais sábios e esclarecidos do que os Deuses e do que os outros homens; e o fazem por duas maneiras bestiais, que me são fortemente desagradáveis. A primeira de tais maneiras é a de ficar com Sofrônia, no que, por mais que eu queira compreender o seu ponto de vista, vocês não têm razão nenhuma; a outra é a de tratar Gisippo como inimigo, ao invés de lhe apresentar agradecimentos, como justamente vocês estão obrigados a apresentar. Não pretendo agora dizer-lhes até que ponto vocês poderiam agir estupidamente; o que desejo é aconselhá-los para que se ponham por terra os ódios, para que se esqueçam todos os ressentimentos, e para que Sofrônia, que se recolheu à casa de seus pais, me seja restituída; desta maneira, partirei satisfeito; tornar-me-ei parente de vocês; e viverei como seu parente. Fiquem certos, entretanto, disto: que lhes agrade ou que lhes desagrade aquilo que já está feito, é indubitável que, se vocês pretenderem agir de modo diverso do sugerido por mim, eu lhes tomarei Gisippo e, infalivelmente, assim que chegar a Roma, reaverei aquela que é, com justiça, minha esposa, a despeito de vocês assim não desejarem considerá-la. E então farei com que vocês conheçam, por experiência, quanto pode o furor dos espíritos romanos, quando alguém deles se afoita a ser inimigo.

Depois que Tito falou por esta forma, ergueu-se, pondo-se de pé; sua fisionomia acusava forte perturbação em seu espírito; ele tomou Gisippo pela mão, mostrando pouco se incomodar com todos quantos se encontravam no templo e que, em face daquilo, meneavam a cabeça, em atitude de ameaça; caminhou por entre eles, e saiu. Os que permaneceram lá dentro se sentiram

em parte acalmados pelas razões que Tito apresentara, quanto ao parentesco que se estabeleceria, bem como quanto à amizade que se consolidaria; e em parte se sentiram espavoridos pelas últimas palavras do romano; então, pelo consenso unânime, deliberaram que seria melhor ter Tito como parente, uma vez que Gisippo não quisera tê-lo, do que ter Gisippo por parente e adquirir a inimizade de Tito. Por esta razão, saíram todos do templo, indo à procura de Tito; declararam-lhe que se sentiam satisfeitos com o fato de Sofrônia ser mulher dele, bem como com a circunstância de tê-lo na qualidade de parente, e Gisippo na qualidade de amigo. Promoveu-se, então, uma festa de todos, como se fossem parentes e amigos; ao fim da festa se retiraram, e depois tornaram a enviar Sofrônia a Tito.

Sofrônia, que era mulher esclarecida, transformou a necessidade em virtude; o amor, que alimentara para com Gisippo, transferiu-o imediatamente para Tito, e com ele seguiu para Roma, onde foi recebida com grandes honras.

Gisippo permaneceu em Atenas, sendo objeto de muito pouca estima da parte da maioria; depois de não muito tempo, e em consequência de certas questões citadinas, foi expulso de Atenas, em companhia de todos os seus; saiu pobre e acabrunhado, sob o peso de uma condenação ao exílio perpétuo. Estando no exílio, Gisippo não somente se fez mais pobre ainda, mas também se viu impelido à prática da mendicância; nestas condições, assim que lhe foi possível, tomou o caminho de Roma, que lhe pareceu ser o menor mal; e, ali chegando, quis verificar, primeiro, se Tito se recordava dele. Soube que Tito estava vivo, gozando da simpatia de todos os romanos; ficou sabendo onde se encontravam as casas dele; e postou-se diante delas, até quando Tito apareceu. Devido à miséria em que se encontrava, Gisippo não ousou dirigir-se a Tito; esforçou-se, contudo, no sentido de ser visto por ele, a fim de que o amigo, vendo-o e reconhecendo-o, o mandasse chamar; Tito, porém, olhou para Gisippo e passou, prosseguindo no seu caminho; Gisippo teve a impressão de que Tito o havia visto e o havia esbofeteado; recordou-se, então, do que havia feito em benefício dele; e afastou-se revoltado, tomado de desespero.

Era já noite; Gisippo estava em jejum e não tinha dinheiro; não sabia para onde ir; a única coisa que realmente desejava era morrer; caminhando ao léu, chegou a um ponto deserto e silvestre, nas redondezas da cidade; havia, por ali, uma gruta; ele acomodou-se dentro dela, para passar a noite. Deitado sobre a terra nua, mal coberto pelos próprios trapos, e vencido pelo pranto, adormeceu.

Logo ao romper da manhã seguinte entraram na gruta dois indivíduos que tinham estado juntos naquela noite em atividades de roubo; aconteceu que os dois se desavieram entre si; e um deles, que era o mais forte, matou o outro, retirando-se dali.

Gisippo viu e ouviu tudo quanto se passou; e, naquele momento, lhe pareceu haver encontrado o modo de morrer, o modo de ir para a morte, que tanto desejava, sem, porém, matar-se por suas próprias mãos; por esta razão, não se afastou da gruta; e tanto ficou dentro dela que os sargentos da corte — a cujos ouvidos a notícia do fato já havia chegado — apareceram no lugar; os sargentos agarraram Gisippo e o conduziram, brutalmente, à prisão. Examinado e submetido a interrogatório, Gisippo confessou haver assassinado o homem que fora achado morto no interior da gruta, acrescentando que não pudera, de forma alguma, afastar-se daquele lugar. Consequentemente, o pretor, que se chamava Marcos Varrão, ordenou que Gisippo morresse na cruz, que era como naquele tempo se costumava ordenar.

Por simples acaso, Tito aparecera naquela hora no pretório. Olhando para o rosto do infeliz condenado, e tomando conhecimento do motivo pelo qual a morte lhe era judicialmente imposta, logo reconheceu que se tratava de Gisippo; sentiu-se estupefato, ao procurar imaginar a maneira pela qual o amigo teria chegado aquela trágica situação; nem sequer concebia o modo pelo qual Gisippo se havia transferido de Atenas para Roma. Desejando, contudo, e com o máximo empenho, ajudar o amigo, e não vendo recurso algum para conseguir salvar-lhe a vida, a não ser o recurso de se acusar a si próprio, não hesitou: apresentou-se imediatamente, e gritou:

— Marcos Varrão, o pobre homem, que o senhor acaba de condenar, faz, por meu intermédio, o seu protesto, declarando ser inocente. Quanto a mim, dou-me por satisfeito com uma só culpa, com a qual muito ofendi os Deuses; essa culpa é a de haver matado o homem que os seus sargentos encontraram morto, esta manhã, na gruta; e não desejo, agora, ofender os mesmos Deuses, com a morte deste homem, que é inocente.

Varrão mostrou-se surpreso e estupefato; queixou-se da circunstância de todo o pretório ter ouvido as palavras de Tito; e, não podendo, sem prejuízo de sua honra, retrair-se, voltar atrás, e deixar de fazer aquilo que as leis mandavam, ordenou que Gisippo retornasse à sala do tribunal; e, em presença de Tito, disse-lhe:

— Como é que você resolveu ser tão louco a ponto de, sem ser submetido a qualquer tortura, confessar um crime que não cometeu e com isso

arriscar a própria vida? Você declarou ser o delinquente que matou, esta noite, o homem que os sargentos encontraram morto; agora, vem este senhor, que me afirma que não foi você, e sim ele o autor do crime.

Gisippo olhou para o homem que ali estava; e viu que ele era Tito; percebeu claramente que Tito estava fazendo aquela declaração apenas para o salvar; e que Tito desejava salvá-lo tão somente como sinal de gratidão pelo serviço que anteriormente lhe prestara; por isto, chorando de emoção, assim se manifestou:

— Varrão, na verdade, eu o matei; e o interesse de Tito, para com a minha salvação, é, já agora, extremamente tardio.

Tito, por seu lado, argumentava:

— Pretor, como o senhor vê, este homem é forasteiro; foi encontrado, sem armas, ao lado do assassinado; pode-se ver perfeitamente a miséria em que se acha, e que lhe dá razões para querer morrer. Por isto, ponha-o em liberdade, a ele, e puna-me, a mim, que o mereço.

Varrão estranhou a insistência dos dois homens; desde logo, passou a presumir que nenhum dos dois deveria ser o culpado; começou por isto a pensar, de si para consigo, na maneira de lhes dar absolvição quando, de súbito, apareceu um moço chamado Públio Ambusto; era jovem de esperança inteiramente perdida; tornara-se conhecidíssimo entre os romanos, na qualidade de ladrão; tinha sido ele, de fato, o autor do homicídio da gruta. Sabendo, de modo positivo, que nenhum era o culpado, daqueles dois que a si mesmo se acusavam perante o pretor, sentiu tamanha ternura em seu coração, para com a inocência deles, que, impellido por irrefreável emoção, se colocou em presença do pretor, declarando:

— Pretor, são os meus feitos que me induzem a resolver a complexa questão destes dois homens; não sei qual é o Deus que me impele, forçando-me a confessar o meu pecado. Saiba o senhor que nenhum destes dois é culpado daquilo que cada um deles se acusa. Sou eu, na verdade, o homem que, esta manhã, matou aquele indivíduo; este pobrezinho, que aqui está, eu o vi, lá na gruta; na ocasião do crime, ele estava dormindo; o delito ocorreu quando eu procedia à divisão do resultado dos furtos levados a termo; dividia-o com aquele que logo após matei. Quanto a Tito, não é preciso que eu o escuse; sua reputação é conhecida por toda parte; ele não é homem de condição tal que desça à prática de semelhante assassinio. Consequentemente, pode o senhor libertá-los; imponha-me a mim a pena que as leis determinam.

A esta altura, Otaviano já estava sabendo do episódio todo. Mandou, pois, que os três homens que se acusavam fossem conduzidos à sua presença, a fim de verificar a razão que cada qual tinha para agir pela maneira que agia, querendo necessariamente ser o condenado. Cada qual, então, contou os seus motivos. Otaviano pôs em liberdade os primeiros dois, porque eram de fato inocentes; e libertou também o terceiro, pelo amor dos mesmos inocentes.

Tito levou consigo Gisippo; em primeiro lugar, censurou-o sinceramente, pela circunstância de haver desconfiado de sua estima; depois, prorrompeu em grandes manifestações, em sinal de regozijo pelo reencontro do amigo; afinal, conduziu-o para a sua casa, onde Sofrônia, com muitas lágrimas de piedade, o recebeu como se se tratasse de um irmão.

Gisippo descansou um pouco; foi vestido com roupas condignas; e voltou aos hábitos antigos, consentâneos com as suas virtudes, com a sua condição social e com a sua cultura. A seguir, Tito procedeu à comunhão de todos os seus tesouros e de todas as suas propriedades com Gisippo; como se isto não bastasse, deu, ao amigo, na qualidade de esposa, uma irmã jovem, que tinha, e que se chamava Fúlvia. Por fim, disse:

— Gisippo, está em suas mãos, já agora, o continuar morando aqui, junto a mim, ou o regressar para Acaia com todos os bens que lhe doe.

Gisippo viu-se nesta situação: de um lado, estava sendo obrigado a conservar-se fora de sua terra, por força do exílio de que fora objeto; de outro, induzia-o a permanecer em Roma a grande amizade que tradicionalmente e justamente sentia para com Tito; e, por isto, concordou em fazer-se cidadão romano. Em consequência, ele, com a sua Fúlvia, e Tito, com a sua Sofrônia, passaram a viver numa só casa, muito grande; e lá viveram sempre, satisfeitos e felizes, tornando-se ainda mais amigos, se é que isso ainda se fazia possível, a cada dia que se passava.

Sentimento santíssimo, pois, é o da amizade; não somente se torna digno de singular reverência, mas também merece ser louvado com perpétuo louvor; a amizade é a mãe discretíssima de magnificência e de honradez; é irmã da gratidão e da caridade; é a inimiga do ódio e da avareza; ela está sempre pronta, sem esperar pelos rogos, a induzir que um homem opere virtuosamente em relação a outro, exatamente como desejaria que o outro operasse para com ele próprio. Os efeitos santíssimos da amizade raramente são vistos, hoje, em duas criaturas humanas; mas isto é culpa e vergonha da mísera cobiça dos mortais, cobiça esta que, só levando em conta o proveito próprio, expulsou a amizade para fora dos limites da terra, em perpétuo exílio.

Que amor, que riqueza, que parentesco poderia fazer sentir o fervor, as lágrimas e os suspiros de Tito, com tamanha repercussão, como os sentiu o coração de Gisippo, animado pela amizade? Que outro sentimento, afora o da amizade, induziria um homem a permitir que sua noiva, linda, galante e muito amada, se tornasse mulher de outro, como aconteceu de Gisippo para com Tito? Afora a amizade, que leis, que ameaças, que medo, teriam suficiência para arrancar, dos braços de Gisippo, seja em lugares solitários, seja em lugares abarcados pela escuridão, seja no próprio leito, aquela linda moça, impedindo que ele usufruísse o prazer dos seus amplexos? Que circunstâncias sociais, que méritos, que vantagens poderiam induzir Gisippo a não se incomodar com a perda dos seus parentes nem com a perda dos parentes de Sofrônia; a não se incomodar com os diz-que-diz-que desonestos do populacho; a não se incomodar com as zombarias e os escárnios — somente para satisfazer o amigo — se não a amizade? De outro lado, quem ou o que, afora a amizade, poderia levar Tito a apresentar-se, para receber uma condenação à morte, podendo, sem o menor constrangimento, fingir, decorosamente, não ver o que se passava com Gisippo? Quem o induziria a semelhante passo, para arrancar Gisippo da cruz — da cruz que Gisippo havia propositadamente procurado —, a não ser a amizade? Quem, ou o que teria levado Tito a tornar-se extremamente generoso, até ao ponto de dividir em partes iguais, com Gisippo, o seu enorme patrimônio, depois de o Destino haver tomado, de Gisippo, as riquezas que lhe havia dado — a não ser a amizade? Quem, ou o que, faria com que Tito, sem qualquer hesitação, se tornasse fervoroso partidário da ideia de se dar a sua irmã, na qualidade de esposa, a Gisippo, que se encontrava em paupérrimas condições — se não a amizade?

Desejem, pois, os homens, a multiplicação dos consortes, as turbas dos irmãos, a grande quantidade dos filhos; que aumentem, com o seu dinheiro, o número dos seus servidores; e não se preocupem — sejam eles quais forem — em temer os mais insignificantes perigos nem em procurar evitar os grandes perigos que ameaçam o pai, ou o irmão, ou o senhor — uma vez que é justamente o contrário de tudo isto o que se vê fazer para com o amigo.

Notas

¹ Foi no ano de 43 a.C., logo antes da formação do Império romano, que se constituiu e exerceu o poder o segundo triunvirato, composto por Otaviano, Antônio e Lépido. Em 27 a.C., Caio Júlio César Otaviano, assumindo o título de imperador, passou a chamar-se Augusto. A época em que transcorre a ação desta novela é, pois, a que ficou entre os anos de 43 e 27 a.C.

² Filósofo grego, porém nascido em Cirene, norte da África, foi o fundador da escola de pensamento denominada cirenaica; nasceu em 435 a.C. e morreu em 356 a.C. Discípulo de Aristóteles, reduziu a base do conhecimento às sensações, razão pela qual sua doutrina passou a chamar-se sensualista. Há, aqui, evidente anacronismo na ação da novela, porquanto os personagens, vivendo entre 43 e 27 a.C., como se verifica pela citação do nome de Otaviano, não podiam ir estudar em Atenas com um filósofo que já havia deixado de viver séculos antes. Todos os comentaristas boccaccianos, entretanto, concordam em assinalar que o Aristipo mencionado na novela é mesmo o fundador da escola cirenaica.

NONA NOVELA

Saladino, em trajes de mercador, é homenageado pelo sr. Torello. Organiza-se a cruzada. O sr. Torello estabelece um prazo para que, se ele não voltar, a sua mulher torne a casar-se. É preso, e, por tratar de amestrar pássaros, a notícia da sua prisão chega aos ouvidos de Saladino. Este o reconhece; faz-se reconhecer por ele; e muitas honras lhe presta. O sr. Torello enfermo é levado, por artes mágicas, numa determinada noite, para Pavia; durante as núpcias que se celebram, então, da sua esposa que se tornara a casar, é por ela reconhecido; interrompem-se as núpcias; e ele, com ela, volta para a sua residência.



Filomena já havia posto fim às suas palavras; a magnífica gratidão de Tito já havia sido igualmente comentada e louvada por todos; foi quando o Rei, reservando sempre o derradeiro lugar a Dioneio, assim começou a falar:

— Mulheres encantadoras, sem dúvida alguma, Filomena conta a verdade, a propósito do que se relaciona com a amizade; e foi com razão que ela, em suas últimas palavras, se queixou quanto ao fato de a amizade ser, nos dias de hoje, tão pouco cultivada pelos mortais. Se nós aqui estivéssemos reunidos para corrigir os defeitos do mundo, ou ainda mesmo para os censurar e repreender, eu prosseguiria, com um difuso sermão, no caminho já traçado pela sua narrativa. Visto, porém, que outro é o nosso fim, veio-me ao espírito a ideia de lhes falar, com uma história talvez muito longa, mas agradável por todos os aspectos, a respeito de uma das munificências de Saladino; se é verdade que se evidenciará, através das coisas que com a minha novela vocês vão ouvir, que nenhuma amizade se pode adquirir por meio de vícios, não é menos exato que auferiremos prazer do ato de servir, na esperança de que, seja lá quando for, algum mérito, por isso, nos venha a ser atribuído.

Digo, pois, que, ao que alguns afirmam, se organizou, ao tempo do Imperador Frederico I,¹ uma expedição geral, ou cruzada,² destinada a reconquistar a Terra Santa para os cristãos.

Deste empreendimento, Saladino,³ valoroso senhor, e então sultão da Babilônia, recebeu, com apreciável antecipação, várias informações; por isto, resolveu ir observar, pessoalmente, os preparativos que os senhores cristãos haviam levado a termo, para a referida expedição; seu propósito foi o de, assim, poder preparar-se melhor para os enfrentar. Saladino pôs em ordem os seus assuntos no Egito; mandou difundir a notícia de que se preparava para sair em peregrinação; e, acompanhado apenas por dois dos seus homens mais sábios e esclarecidos, mais três fâmulos, se pôs a caminho, envergando roupagens de mercador.

Depois de percorrer muitas províncias cristãs, bem como de cavalgar pela Lombardia, a fim de passar além das montanhas, aconteceu-lhe que, indo de Milão para Pavia, e sendo já tarde, Saladino e os seus companheiros se encontraram com um gentil-homem; chamava-se ele sr. Torello de Ístria, e era de Pavia; com os seus fâmulos, os seus cães e os seus falcões, o sr. Torello tencionava ir instalar-se numa sua bela propriedade, que ficava às margens do rio Ticino.⁴ Logo que o sr. Torello viu o outro grupo, percebeu que os seus componentes eram gentis-homens, e que deveriam ser estrangeiros; desejou, por isto, prestar-lhes homenagens. Quando, pois, Saladino perguntou, a um dos fâmulos do sr. Torello, qual a distância que ficava entre aquele ponto e Pavia, e se ainda era possível chegar lá a tempo de poder entrar na cidade, Torello não permitiu que o fâmulos respondesse; ele próprio se apressou a responder:

— Os senhores já não poderão chegar a Pavia em hora que lhes venha a ser permitida a entrada.

— Pois então — pediu Saladino — queira indicar-nos, visto que somos estrangeiros, onde é que poderemos hospedar-nos em melhores condições.

O sr. Torello disse:

— Indicar-lhe-ei de muito bom grado. Agora mesmo, eu estava pensando em mandar um destes meus serviçais até às proximidades de Pavia, por uma determinada circunstância; mandá-lo-ei, pois, em sua companhia; ele os conduzirá a lugar onde poderão hospedar-se muito condignamente.

O sr. Torello aproximou-se do mais discreto dos seus fâmulos; deu-lhe instruções quanto ao que deveria fazer; e mandou-o partir, em companhia dos forasteiros. O sr. Torello rumou para aquela sua propriedade à beira do Ticino; ali, ordenou que, a toda pressa, e da melhor maneira possível, se preparasse uma bela ceia, que deveria ser servida em mesas que seriam espalhadas pelo seu jardim. Feito isto, o sr. Torello foi para o portão de entrada, onde ficou à

espera. O fâmulos do sr. Torello, conversando, com os gentis-homens forasteiros, sobre vários assuntos, deu voltas por vários caminhos, para, afinal, conduzi-los, sem que eles o percebessem, aquela propriedade. Ali, quando o sr. Torello viu que os gentis-homens chegavam, caminhou, a pé, ao encontro deles, e, sorrindo, disse-lhes:

— Os senhores são bem-vindos.

Saladino, que era homem sagacíssimo, percebeu que aquele cavaleiro havia presumido que ele e seus companheiros não teriam aceitado o convite, se os houvesse convidado no momento em que se tinham encontrado; por isto, e para que não se pudessem negar a permanecer aquela noite em sua casa, como seus hóspedes, fizera com que eles fossem conduzidos à sua propriedade, sem que eles pudessem dar antes pelo fato. Saladino, depois de responder à saudação do sr. Torello, disse:

— Senhor, se o homem pudesse queixar-se das pessoas cortesias, nós nos queixaríamos do senhor; porque o senhor nos impediu no prosseguimento do nosso caminho; deixemos, porém, isto de lado; e tomemos em consideração a circunstância de nós não termos, por título algum, merecido a sua benevolência; a troco de uma simples saudação, o senhor nos obrigou a receber uma tão elevada expressão de cortesia, como é esta com a qual agora nos honra.

O cavaleiro, que era bem-falante, explicou:

— Senhores, esta, que os senhores recebem de nós, é modesta cortesia, se posta em confronto com aquela que lhes caberia, se é acertado o que eu compreendo com base no aspecto que apresentam; na verdade, porém, fora da própria cidade de Pavia, os senhores não poderiam encontrar lugar algum que fosse realmente bom. Por este motivo, não lhes seja muito desagradável o fato de eu os haver desviado um pouco do seu caminho, a fim de que os senhores tenham um pouco menos de desconforto.

Depois de o sr. Torello dizer isto, os seus fâmulos se puseram junto dos forasteiros; ajudaram-nos a apear; e acomodaram os respectivos cavalos; a seguir, o sr. Torello conduziu os três gentis-homens aos quartos que para eles haviam sido preparados. Ali, os três forasteiros se descalçaram; refrescaram-se um pouco, bebendo vinhos fresquíssimos; e foram entretidos com agradáveis conversações, até à hora da ceia. Saladino, os seus companheiros e os seus fâmulos sabiam todos a língua latina; por isto, entendiam muito bem tudo o que se lhes dizia, e eram pelos outros plenamente entendidos. A cada um dos forasteiros, pareceu que o sr. Torello fosse o cavaleiro mais agradável, mais

bem-educado e que mais bem sabia conversar, dentre quantos eles até ali haviam encontrado.

Ao sr. Torello, por outra banda, afigurou-se que aqueles forasteiros fossem homens magníficos, muito mais importantes e representativos do que os havia considerado de início; em consequência, queixava-se, de si para consigo, da circunstância de não os poder homenagear, naquela noite, com mais nobres companheiros e com mesa mais opulenta. Pensou, pois, em recolocar os fatos nos seus justos termos, logo na manhã seguinte; a um dos seus fâmulos, deu ciência do que pretendia fazer; mandou-o, depois, ter com sua mulher, que era criatura esclarecida e de espírito muito ilustrado; para que fosse ter com ela, enviou-o a Pavia, que ficava bem perto daquele lugar, e que era cidade onde porta nenhuma se fechava. Depois disto, conduziu os gentis-homens forasteiros ao jardim, onde, com grande delicadeza, lhes perguntou quem eram. Ao que Saladino respondeu:

— Nós somos mercadores cipriotas; procedemos de Chipre; devido aos nossos negócios, vamos a Paris.

Então, o sr. Torello disse:

— Quisesse Deus que esta nossa terra produzisse gentis-homens de tão elevada categoria, como estes que vejo que Chipre tem por mercadores!

Todos se entretiveram com palestras desta ordem, ou de índole parecida; e, em certa altura, chegou a hora da ceia. Então, o sr. Torello pediu aos forasteiros que lhe honrassem a mesa; e ali, de acordo com os preparativos que haviam sido feitos, eles foram muito bem servidos, na devida ordem. Pouco tempo depois de a ceia se concluir, e de as mesas haverem sido retiradas, o sr. Torello percebeu que os seus hóspedes se encontravam fatigados; mandou, pois, que fossem repousar em ótimos leitos; e ele também foi dormir.

O fâmulos enviado a Pavia fez a sua comunicação à mulher do sr. Torello. A mulher, não com ânimo feminino, e sim com ânimo principesco, mandou que se chamassem numerosos amigos e serviçais do sr. Torello; ordenou que se preparasse tudo o que fosse necessário, para uma opulenta recepção; ao lume de tochas, determinou que se convidassem os mais nobres cidadãos de Pavia: fez com que seus criados retirassem das arcas e expusessem os tecidos, os tapetes e as peles.

Quando repontou o dia seguinte, os gentis-homens forasteiros se levantaram; o sr. Torello montou a cavalo, em sua companhia; mandou que se apresentassem os falcões; conduziu o grupo a um banhado que havia ali por perto; e mostrou-lhes como os seus falcões voavam.

Como, porém, Saladino lhe perguntou por alguém que, em Pavia, o poderia conduzir, a ele e aos seus companheiros, à melhor locanda, o sr. Torello esclareceu:

— Esse alguém serei eu, porque eu mesmo terei de ir para lá.

Os forasteiros acreditaram na palavra do cavaleiro; e sentiram-se satisfeitos; mais tarde, todos se puseram a caminho, com o sr. Torello. Ao soar a hora terceira, todos já haviam chegado à cidade de Pavia; ali, convencidos de que estavam sendo enviados à melhor locanda, foram os forasteiros recebidos nas casas do sr. Torello, em companhia dele; nessas mesmas casas, já se encontravam bem uns cinquenta dos cidadãos mais representativos de Pavia, para receber os mercadores homenageados; e, com efeito, todos se colocaram, de pronto, junto aos respectivos freios e aos respectivos estribos. Quando Saladino e seus companheiros viram isto, imediatamente perceberam do que se tratava; e disseram:

— Sr. Torello, isto não é aquilo que lhe pedimos. Muito o senhor fez por nós, na noite passada; na verdade, fez muito mais do que desejávamos que fizesse; assim sendo, o senhor poderia, muito comodamente, permitir que prosseguíssemos o nosso caminho.

Ao que o sr. Torello respondeu:

— Senhores, do que se lhes fez, ontem à noite, sinto-me muito mais grato para com o destino, do que para com os senhores mesmos; foi o destino que os colocou em situação de, no caminho, precisarem abrigar-se na minha pequena casa. Do que se lhes faz esta manhã, eu é que serei grato aos senhores; comigo, são gratos todos estes gentis-homens que aqui se encontram ao meu redor. Se, entretanto, os senhores julgam que será ato de cortesia o negarem-se a fazer a refeição na companhia deles, os senhores têm plena liberdade de agir por essa forma, se o quiserem.

Saladino e seus companheiros, vencidos por tão pronunciada cortesia, apearam; viram-se festivamente recebidos pelos gentis-homens; depois, foram conduzidos aos seus aposentos, os quais haviam sido ricamente ornamentados especialmente para eles. Ali, os visitantes se aliviaram de suas armaduras e de suas vestimentas; refrescaram-se durante algum tempo; e, a seguir, entraram no salão, onde as mesas haviam sido postas com impressionante esplendor. Os visitantes receberam água para enxaguar as mãos, puseram-se à mesa e foram servidos, em perfeita ordem, com grande opulência, de numerosas viandas magnificamente preparadas.

Era tão grandiosa a homenagem que se prestava aos visitantes, que, se aparecesse ali o imperador, não seria possível prestar-lhe homenagem maior. Embora Saladino e seus companheiros fossem grandes senhores, acostumados a contemplar coisas estupendas, ainda assim muito se maravilharam em face daquele ágape; tudo se lhes afigurava ainda mais extraordinário do que era, porque eles sabiam da qualidade social do cavaleiro que os hospedava; ele era cidadão, e não membro da nobreza.

Terminado o almoço e retiradas as mesas, todos por ali se ficaram, conversando um pouco sobre vários assuntos; o calor era intenso; como agradou ao sr. Torello, todos os gentis-homens de Pavia foram repousar; o sr. Torello, porém, ficou com os seus três hóspedes; na companhia deles, entrou num quarto; e, para que nada, de tudo quanto lhe era caro, ficasse sem ser visto por eles, mandou que comparecesse à sua presença a sua bela e virtuosa mulher.

Ela era de aspecto muito bonito; ademais, era de elevada estatura, o que lhe acentuava a elegância do porte; trajava roupas ricamente ornadas; e compareceu no meio de dois filhinhos que pareciam dois anjos. Assim que entrou, saudou amavelmente os forasteiros. Ao verem-na, eles se puseram de pé, recebendo-a com reverências; fizeram com que ela se sentasse entre eles; e muitos carinhos proporcionaram aos dois lindos pirralhos. Quando, porém, entrou em conversação, já mais desenvolta, a propósito de vários temas, e quando o sr. Torello se afastou ocasionalmente do grupo, ela, usando os seus modos mais graciosos, perguntou, aos forasteiros, de onde eram e para onde viajavam. A esta pergunta, os gentis-homens responderam exatamente como haviam respondido anteriormente ao sr. Torello. Então, a mulher, com semblante animado, declarou:

— Neste caso, percebo que o meu conselho feminino lhes será útil; por isto, peço-lhes que me façam a graça especial de não recusar nem menosprezar o presente pequenino que vou mandar trazer, para lhes dar. Considerando, contudo, que as mulheres, de conformidade com o seu coração, só oferecem presentes pequenos, é preciso que os senhores o recebam, valorizando-o mais com a grandeza do seu ânimo, do que com as proporções do próprio objeto.

A mulher mandou que lhe trouxessem, para cada hóspede, dois pares de vestimentas; um, forrado de tecido; o outro, de peles; não eram vestimentas de cidadãos simples; nem de mercadores; e sim de senhores; havia, igualmente, três blusas de tafetá, e outras roupas finas; e disse-lhes:

— Recebam estas vestimentas; eu vesti o meu senhor com estas roupas, assim como visto aos senhores; quanto às outras coisas, creio que,

considerando-se que os Senhores se encontram longe de suas esposas; considerando-se, também, tanto a extensão do caminho já percorrido, como a distância ainda a ser superada; e considerando-se, afinal, que os mercadores são homens limpos e delicados — estas outras coisas, embora valham bem pouco, poderão ser-lhes agradáveis.

Os gentis-homens mostraram-se surpresos; perceberam, fora de toda dúvida, que o sr. Torello não queria deixar sem ser praticado nenhum aspecto de tudo quanto fosse cortesia para com eles; houve um instante em que eles desconfiaram, ao contemplar o luxo daquelas vestimentas que não se destinavam a mercadores, que haviam sido reconhecidos pelo sr. Torello. Ainda assim, um deles falou à mulher:

— Estas são, senhora, roupagens riquíssimas, e nós não as receberíamos tão facilmente se os seus rogos a isso não nos obrigassem; não nos seria possível dizer não ao seu pedido.

Isto já tinha acabado de passar-se, quando o sr. Torello voltou; a mulher, então, recomendou os seus hóspedes a Deus, e despediu-se, retirando-se em seguida; depois, mandou que, aos fâmulos dos seus hóspedes, também se oferecessem presentes que, dada a relação da posição social em que se encontravam, equivaliam aos proporcionados aos respectivos amos.

O sr. Torello rogou, com abundância de pedidos, para que os visitantes permanecessem todo aquele dia em sua casa. Em consequência, depois de eles fazerem a sesta, tornaram a vestir suas roupagens e foram ter novamente com o sr. Torello, em cuja companhia cavalgaram um pouco pela cidade; ao aproximar-se a hora da janta, voltaram à residência, e ali jantaram magnificamente, ao lado de nobres e honrados companheiros. Quando chegou a hora conveniente, todos foram repousar; no dia seguinte, logo ao raiar do dia, saíram da cama e encontraram, em lugar dos seus rocinantes fatigados, três excelentes palafréns; da mesma forma, ali estavam novos cavalos, bem tratados e robustos, destinados aos seus fâmulos. Saladino, ao contemplar esta mudança, dirigiu-se aos seus companheiros e falou:

— Juro por Deus que nunca existiu, em tempo algum, homem mais completo, nem mais cortês, nem mais solícito, do que este! Se os reis cristãos são reis de tamanho porte, em comparação com os quais este homem é apenas cavaleiro, então, ao Sultão da Babilônia, nenhum motivo resta para esperar sequer a chegada de um deles, muito menos a chegada de todos quantos nós vemos que se aprestam para marchar!

Sabendo, porém, que não seria possível deixar de aceitar aqueles animais, Saladino agradeceu-os cortesmente; e todos montaram a cavalo. O sr. Torello, seguido por muitos companheiros, conduziu os hóspedes ao longo de extenso trecho da estrada, até bem fora da cidade. Embora Saladino sentisse muito afastar-se do sr. Torello, de tanto que já havia passado a estimá-lo, pediu-lhe, em certa altura, que regressasse à cidade; ele via-se obrigado a prosseguir; mas era justo que o hospedeiro voltasse ao seu lar. Então, o sr. Torello, que também sentia muito ter de se despedir, disse-lhes:

— Senhores, eu vou regressar, porque isto é de sua vontade; quero, entretanto, declarar-lhes o seguinte: não sei o que os senhores são; nem lhes peço que me revelem mais do que aquilo que lhes agrada que eu fique sabendo. Seja lá o que for que os senhores sejam, contudo, é certo que, pelo menos desta vez, não me deixarão com a crença de que sejam mercadores! De qualquer maneira, Deus que os acompanhe!

Depois de despedir-se, um por um, de todos os companheiros do sr. Torello, Saladino fê-lo observar:

— Senhor, bem poderá ainda acontecer que nós lhe façamos ver a nossa mercadoria; nessa oportunidade, então consolidaremos a sua opinião! Regressem, pois, na companhia de Deus.

Saladino e seus companheiros partiram, pois, com o espírito cheio de entusiasmo; animava-o, a esse espírito, a esperança de que, se a vida lhes durasse, e se a guerra que admitiam próxima não os destruísse, poderiam prestar, ao sr. Torello, honras não menores do que as por ele prestadas. Durante o percurso, o Sultão muito conversou, com os seus companheiros, seja sobre o sr. Torello, seja sobre a sua esposa, seja sobre todas as coisas e sobre todos os atos levados a termo nos dias de sua estada em residência tão senhorial; e para tudo ele teve uma expressão sincera de louvor. Depois, porém, de palmilhar todo o Poente, e não sem grandes esforços, Saladino retomou o caminho pelo mar, voltando para Alexandria; já então plenamente informado, preparou a própria defesa.

O sr. Torello regressou a Pavia e lá ficou meditando longamente sobre o que poderiam ser aqueles homens que haviam sido seus hóspedes; nunca chegou a descobrir a verdade nem fez maior pressão para a descobrir.

Quando chegou o tempo da travessia marítima da cruzada, por toda parte se ultimaram os preparativos; o sr. Torello, a despeito dos rogos e das lágrimas de sua esposa, resolveu partir também. Pôs em ordem todos os seus negócios; a

seguir, no dia em que estava para cavalgar, disse à esposa, que amava extraordinariamente:

— Mulher, como você vê, eu vou para esta cruzada, tanto para honra do meu corpo, como para salvação de minha alma; peço que mantenha perpétua vigilância quanto às nossas coisas e quanto à nossa honra. Da minha partida, tenho, agora, certeza; do meu regresso, por maior que seja o número dos que possam sobreviver, nenhuma segurança possuo. Por isto, quero que você me faça um favor. É o de que, seja lá o que for que me aconteça, e desde que você não receba notícias bem fundadas quanto à minha vida, você esperará um ano, um mês e um dia, sem se casar de novo; comece a contagem deste dia, em que estou partindo.

A mulher, que chorava copiosamente, respondeu:

— Sr. Torello, não sei como suportarei a dor em que, partindo, o senhor me deixa; se, porém, a minha vida for mais forte do que o meu sofrimento, e se o pior tiver de acontecer ao senhor, viva e morra certo de que eu viverei e morrerei esposa do sr. Torello e da sua memória.

Ao que o sr. Torello observou:

— Mulher, estou convencidíssimo de que você fará o que me promete, no quadro do que estiver ao seu alcance. Mas você é mulher moça; você é bonita; descende de família numerosa e prestigiada; sua virtude é grande, e é, ademais, de todos conhecida; por todas estas razões, não duvido que muitos homens, nobres e poderosos, peçam você, na qualidade de esposa, aos seus irmãos e aos seus parentes, desde que nada mais se saiba quanto ao meu destino. Das solicitações de tais pessoas, por mais que você queira, não poderá esquivar-se e fugir; cedo ou tarde, será forçoso que você faça o que elas determinarem. E este é o motivo pelo qual estabeleço, com você, o prazo referido, e não maior do que o já fixado.

A mulher prometeu:

— Farei o que estiver ao meu alcance, no sentido daquilo que lhe disse, e mesmo que me surja a oportunidade de agir de modo diverso, prestar-lhe-ei obediência nisto que me impõe, sem dúvida alguma. Peço a Deus para que, nestas condições, nem eu, nem o senhor, cheguemos ao fim do mencionado prazo.

Terminadas as palavras, a mulher, chorando, abraçou o sr. Torello; tirou, do próprio dedo, um anel; deu-lhe, dizendo:

— Se acontecer que eu morra antes de tornar a vê-lo, recorde-se de mim, quando olhar para este anel.

O sr. Torello tomou o anel; montou a cavalo; e, depois de cada qual proferir o seu adeus, ele encetou a viagem. Chegou a Gênova, em companhia de numerosos outros cavaleiros; embarcou em uma galera; e partiu. Dentro de pouco tempo, chegou a Acre, onde se uniu ao outro exército dos cristãos.

Nesse exército, entretanto, começou a grassar, quase que imediatamente após, uma enorme epidemia; provocadora de grande mortandade. Durante essa peste, Saladino, seja por sua arte, seja por sua sorte, aprisionou, mesmo sem o emprego de armas, quase toda a parte restante dos sobreviventes cristãos; os prisioneiros assim conseguidos foram dispersos e encarcerados por muitas cidades.

Entre os capturados, figurou o sr. Torello, que foi conduzido à prisão em Alexandria.

Ali ele não era conhecido; e, por outro lado, temia fazer-se conhecer. Constrangido pela necessidade, entregou-se ao amestramento de pássaros, ofício este em que era grande perito. Da existência do amestrador de aves, a notícia chegou aos ouvidos de Saladino; este Sultão, pois, mandou que o prisioneiro fosse retirado do cárcere, e posto a servir na função de seu falcoeiro. O sr. Torello, daí por diante, passou a ser denominado, por Saladino, apenas O Cristão.

Nem o senhor de Pavia reconheceu o Sultão nem este reconheceu, no cristão capturado, o gentil-homem que tão bem o havia tratado; por sua parte, de resto, o sr. Torello não tinha alma se não para se recordar e pensar em Pavia; por várias vezes, ele tentou fugir, embora sem resultado.

De uma feita, alguns embaixadores genoveses foram ter com Saladino, a fim de com ele tratar do resgate de vários seus concidadãos; quando estes embaixadores se encontravam para partir de regresso, o sr. Torello pensou em escrever à sua esposa, informando-a de que ele estava vivo, pedindo-lhe que o esperasse, e declarando que, logo que lhe fosse possível, regressaria ao antigo lar. E assim fez. Suplicou, muito encarecidamente, a dois dos embaixadores, que bem conhecia, que fizessem chegar a missiva às mãos do abade de São Pedro-em-Cioldoro, que era seu tio.

Encontravam-se os acontecimentos neste pé e deu-se o fato de que, certo dia, Saladino se pôs a conversar com o sr. Torello a propósito dos seus pássaros, e que o sr. Torello começou a sorrir; sorrindo, fez, com a boca, um movimento que Saladino havia observado de modo particular, quando estivera em sua casa, como hóspede, em Pavia. O Sultão recordou-se, imediatamente, da figura do sr. Torello; tratou de observar o prisioneiro, com a possível fixidez; e, em certa

altura, pareceu-lhe que o cristão capturado era, positivamente, o seu hospedeiro de Pavia. Em consequência, Saladino abandonou o raciocínio que vinha desenvolvendo, a propósito de pássaros, e disse:

— Conte-me cá, cristão: de que país do Poente você procede?

— Senhor meu — respondeu o sr. Torello —, eu sou lombardo; procedo de uma cidade chamada Pavia; sou homem pobre e de condição social humilde.

Ao ouvir isto, Saladino teve quase certeza de que as coisas eram como ele suspeitava; e disse, satisfeito, de si para consigo: “Deus me deu tempo de mostrar, a este homem, como me foi agradável a sua cortesia!” Sem dizer mais coisa alguma, Saladino mandou que se dispusessem todas as suas roupagens numa sala; conduziu, a essa sala, o prisioneiro; e disse-lhe:

— Olhe, cristão: veja se, entre todas estas vestes, há alguma que você, por acaso, já tenha visto.

O sr. Torello começou a examinar; viu os trajes que sua esposa havia dado ao viajante que hospedara em Pavia; mas achou que não devia presumir que fossem os mesmos. Ainda assim, todavia, respondeu:

— Meu senhor, não conheço traje algum, dos que aqui estão. É bem verdade, contudo, que aqueles dois muito se parecem com roupagens com as quais estive vestido, em ocasião em que três mercadores apareceram em minha casa.

Então, Saladino, não podendo mais conter-se, abraçou enternecidamente o sr. Torello, exclamando:

— O senhor é o sr. Torello de Ístria; eu sou um dos três mercadores aos quais sua esposa deu estes trajes; e agora, pois, chegou o momento de lhe mostrar qual é a minha mercadoria, como lhe disse que poderia acontecer, quando parti.

O sr. Torello, ao ouvir isto, passou a sentir-se contentíssimo, e também a mostrar-se algo envergonhado: a sentir-se contente por ter tido um hóspede de tão elevada categoria; e a envergonhar-se porque, então, lhe pareceu que o tinha recebido, em sua casa, com honras muito inferiores às por ele merecidas. Diante disto, Saladino declarou:

— Sr. Torello, uma vez que Deus mandou o senhor para aqui, tenha a certeza de que não sou eu, mas é o senhor, quem dá ordens neste lugar.

Os dois, a seguir, festejaram grandemente o reencontro; Saladino mandou que o sr. Torello fosse vestido com trajes reais; levou-o à presença de todos os seus maiores barões; muitas palavras em seu louvor proferiu; e declarou que,

fosse lá quem fosse, que quisesse ter suas graças, deveria honrar a pessoa do cristão de Pavia; e foi isto o que todos fizeram, dali por diante; mas muito mais assim procederam aqueles dois senhores que tinham sido companheiros de Saladino, quando o Sultão estivera hospedado em casa do sr. Torello.

A altura da glória súbita em que o sr. Torello se viu lhe tolheu do espírito, por uns momentos, a preocupação do que ficara na Lombardia; e com maior facilidade isso pôde ocorrer, devido à circunstância de ele acreditar, com a máxima firmeza, que as suas cartas acabariam chegando às mãos do seu tio.

No dia em que os cristãos foram aprisionados por Saladino, morreu e foi sepulto no campo, ou, melhor, no exército dos cruzados, um cavaleiro provençal de pequena expressão que se chamava Torello de Dignes. Sendo o sr. Torello de Ístria — tendo-se tornado ele muito conhecido, por todo o exército dos cristãos, pela nobreza dos seus modos e do seu companheirismo — e confundindo-se o seu nome com o nome do cavaleiro da Provença, todos quantos ouviram dizer “O sr. Torello morreu” acreditaram que se tratasse do sr. Torello de Ístria, e nunca do de Dignes. Ademais, a ocorrência, registrada logo após a captura dos cristãos pelos muçulmanos, não permitiu que se desfizesse o equívoco; em consequência, muitos italianos regressaram com aquela notícia. Entre estes, houve alguns, tão presunçosos, que ousaram declarar que viram o sr. Torello morto e que assistiram ao seu sepultamento.

Estas notícias chegaram aos ouvidos da esposa do sr. Torello, bem como aos dos parentes dele; todos ficaram profundamente sentidos com a desgraça; o pesar se espalhou, não somente entre os amigos e parentes do cavaleiro, mas também entre todos quantos lhe conheciam a existência e sabiam da sua nobreza de alma. Seria longo dizer como foram amargas a dor, a tristeza e as lágrimas da esposa.

Depois de vários meses, que ela passou chorando a infelicidade que a acometera, seu espírito começou a serenar um pouco. Então, sendo ela solicitada pelos homens mais importantes e mais poderosos da Lombardia, foi aconselhada, pelos seus irmãos e pelos seus parentes, a tornar a casar-se. No começo, ela negou-se a isso, vezes e vezes seguidas, e sempre chorando muito; com o correr dos meses, porém, viu-se constrangida por tal forma, que concordou em proceder como lhe aconselhavam os irmãos e os parentes; mas o fez sob a condição de que, mesmo casando-se, não iria ter com o novo marido enquanto não transcorresse inteiramente o tempo compreendido pela promessa que ela fizera ao sr. Torello.

Enquanto as coisas se encontravam nestes termos, com a esposa, em Pavia — e enquanto já não faltavam mais do que uns oito dias para chegar ao fim do prazo em que ela deveria casar-se de novo —, aconteceu, em Alexandria, que o sr. Torello viu, certo dia, um homem, que já vira embarcar, em companhia dos embaixadores genoveses, na galera que os deveria conduzir a Gênova. Mandou, pois, que o chamassem; perguntou-lhe que espécie de viagem havia feito; e quis saber em que época tinha chegado a Gênova. A isto, o homem explicou:

— Meu senhor, má viagem fez a galera, ao que fui informado pelos cretenses, em cuja ilha desembarquei; nas proximidades da Sicília, ergueu-se uma tramontana, tremenda e perigosa; a tempestade de vento arrastou a galera para os baixios da Barbaria; ninguém sobreviveu, dos seus passageiros; entre os outros, pereceram dois irmãos meus.

O sr. Torello, prestando fé às palavras do homem interrogado, palavras que, de resto, eram verdadeiras, recordou-se de que o prazo dado, à esposa, chegaria ao fim dentro de poucos dias. Percebeu que nenhuma notícia, a seu respeito, deveria ter chegado, até então, a Pavia; e deu como certo que a mulher já se havia comprometido a casar-se de novo. Em consequência, o sr. Torello sentiu tamanha dor, que se recolheu ao leito e deliberou morrer.

Saladino, que muito o estimava, assim que soube da sua resolução, foi à sua presença; pediu, rogou, implorou; e, depois de muitas súplicas, ficou sabendo da causa da dor e da doença do cavaleiro de Pavia; queixou-se, a seguir, do fato de ele não lhe haver contado coisa alguma, antes; por fim, pediu-lhe que se resignasse, afirmando-lhe que, se assim procedesse, ele, Sultão, faria com que lhe fosse possível encontrar-se em Pavia antes de se esgotar inteiramente o prazo marcado; e prosseguiu explicando-lhe como isso poderia verificar-se. O sr. Torello, prestando fé às palavras de Saladino, tendo já ouvido dizer, muitas vezes, que aquilo era viável, e sabendo que aquilo já fora feito em outras ocasiões, começou a sentir-se tranquilizado; depois, tratou de exercer pressão junto a Saladino, para que ele se resolvesse a agir no sentido explicado.

Saladino tinha um necromante, cuja arte já conhecia por experiência; chamou-o à sua presença; e impôs-lhe a obrigação de procurar a maneira pela qual o sr. Torello fosse, numa determinada noite, em cima de uma cama, transladado para Pavia. O necromante assegurou que isso seria feito; mas que seria preferível que o Sultão, para bem do sr. Torello, o fizesse dormir primeiro. Depois de feito isto, Saladino voltou a falar com o sr. Torello; encontrou-o inteiramente disposto a ser transferido para Pavia, no prazo

combinado, desde que semelhante transferência fosse possível; se não fosse possível, o enfermo preferia morrer; e Saladino disse-lhe:

— Sr. Torello, se o senhor ama de fato, afetosamente, a sua esposa, e se o senhor teme que ela se veja constrangida a casar-se de novo, bem sabe Deus que eu, a nenhum título, me sinto inclinado a censurá-lo; entre quantas mulheres me foi dado contemplar, ela é aquela cujos costumes, cujas maneiras e cujos hábitos mais me parecem dignos de recomendação e de apreço. Deixemos de lado, por ora, a beleza, que é flor que murça. Visto que o destino mandou o senhor para estas bandas, infinitamente agradável seria, para mim, se nos fosse dado viver, juntos, como senhores iguais; o tempo todo que nos resta para viver, ao senhor e a mim, no governo do reino que chefiar. Uma vez que isto não me foi concedido por Deus, e uma vez que o seu espírito deveria resolver ou morrer ou encontrar-se em Pavia dentro do prazo combinado, muito gostaria eu de o ter sabido a tempo, para que eu pudesse levá-lo até sua casa com aquelas honras, com aquela grandeza e com aquela companhia ilustre que a sua virtude merece. Como, porém, isto não me foi dado, e como o senhor deseja, mesmo assim, estar presente naquela cidade, para lá o mandarei, como me é possível, na forma que já lhe referi.

Ao que o sr. Torello assegurou:

— Senhor meu, não me seriam necessárias as suas palavras, porquanto os fatos já me demonstraram, sem deixar margem a dúvidas, a sua benevolência, que nunca foi por mim merecida, ou, em todo caso, não o foi jamais em tão supremo grau; de tudo quanto o senhor me diz, por vezes sem o formular claramente, vivo certíssimo, e certíssimo morrerei. Visto, porém, que já tomei esta resolução, suplico-lhe para que me seja logo feito o que o senhor diz que me será feito. Amanhã é o último dia em que devo ser esperado.

Saladino confirmou-lhe que o prometido seria infalivelmente levado a termo. No dia seguinte, à espera de o remeter a Pavia durante a noite então próxima, Saladino mandou armar, numa grande sala, uma cama espetacular e riquíssima, com colchão e colchas feitos, de acordo com os costumes da época, de veludo e de tecidos caros, tudo bordado a ouro; mandou que se pusesse, por cima, um cobertor, todo trabalhado, em padrões especiais, em pérolas enormes e em caríssimas pedras preciosas; este cobertor foi, depois, considerado um tesouro de infinito valor; também os lençóis eram peças dignas de semelhante leito. Quando tudo ficou pronto, Saladino mandou que o sr. Torello, que já se encontrava restabelecido e forte, fosse envolto em uma roupagem, à maneira sarracena; esta roupagem era a coisa mais linda e mais rica que jamais alguém

houvesse contemplado; e mandou, igualmente, que se lhe enrolasse, à cabeça, uma faixa longuíssima, à maneira de turbante, dos costumes do seu reino. Quando a noite se adiantou, Saladino, na companhia de muitos dos seus barões, foi para o aposento em que o sr. Torello se encontrava instalado; sentou-se ao lado dele; e, quase chorando, começou a falar-lhe assim:

— Sr. Torello, a hora que deverá separar-me do senhor se aproxima; e visto que eu não posso acompanhá-lo, nem mandar que o acompanhem, porque isso não é permitido pelo gênero de caminho que o senhor deverá percorrer, devo despedir-me do senhor nesta mesma sala; e foi para despedir-me que vim ter consigo. Por isto, antes que eu o recomende aos cuidados de Deus, rogo-lhe, por aquele amor e por aquela amizade que existem entre nós dois, que se lembre de mim; que, se possível, antes que os nossos dias cheguem ao seu término, o senhor, depois de pôr em ordem as suas coisas na Lombardia, venha ver-me, uma vez pelo menos, para que eu possa, por essa forma, alegrar-me por tornar a vê-lo, e, ao mesmo tempo, sanar a falha que, agora, devido à sua pressa, me vejo compelido a cometer; que, até que isto ocorra, não lhe seja penoso visitar-me por meio de cartas, solicitando-me tudo quanto for de seu agrado, pois, o farei, infalivelmente, com muito maior prazer do que se o fosse para qualquer outro homem hoje vivo.

O sr. Torello não pôde reter as lágrimas; impedido por elas, só conseguiu responder por meio de umas poucas palavras; disse ser impossível que os benefícios recebidos, da parte de Saladino, jamais lhe saíssem da memória; nunca se esqueceria do valor do Sultão; assegurou que faria, sem hesitar, tudo quanto Saladino lhe ordenasse, desde que se lhe desse tempo para tanto. Depois, Saladino abraçou enternecidamente o sr. Torello, e, com muitas lágrimas, lhe disse: “Vá com Deus!”

O Sultão saiu do aposento; todos os barões se despediram do cavaleiro e dali se retiraram. Saladino, com os seus homens, rumou a seguir para aquela grande sala, onde havia feito montar o riquíssimo leito. Como, porém, já era tarde, o necromante procedeu ao despacho, apressando-lhe os efeitos.

A essa altura, contudo, apareceu um médico trazendo uma determinada beberarem; o médico explicou que lhe proporcionava, ao sr. Torello, para que ele se fortalecesse; e fez com que ele a ingerisse; logo depois, o sr. Torello adormeceu. Assim adormecido, foi ele transportado, por ordem de Saladino, para aquela cama opulenta; em cima da cama, foi colocada uma coroa, grande e bela, de enorme valor; a coroa foi tão bem caracterizada, que, depois, facilmente se ficou sabendo que fora oferecida, e enviada por Saladino, à esposa

do sr. Torello. Depois, o Sultão pôs, no dedo do sr. Torello, um anel ao qual estava preso um carbúnculo, pedra preciosa tão rutilante, que chegava a parecer uma tocha acesa, e cujo valor nem sequer se conseguia calcular. Depois disto, o Sultão mandou que se cingisse uma espada ao corpo do sr. Torello, com incrustações que não podiam ser avaliadas assim à primeira vista. Além disto, mandou que se lhe pusesse uma fivela, na parte dianteira, onde se puseram pérolas tão lindas que jamais se vira coisa igual; e as pérolas estavam rodeadas de pedras preciosas, tudo de valor excepcional. A seguir, mandou o Sultão que, aos lados do corpo, se colocassem duas bandejas enormes de ouro, cheias de dobrões também de ouro; que se colocassem ao seu redor, ainda, muitas redes de pérolas, e muitos anéis, juntamente com numerosos cintos e outras coisas cuja enumeração nos levaria muito longe.

Feito isto, Saladino tornou a beijar o sr. Torello; e ordenou ao necromante que se apressasse. Em consequência, sem perda de tempo, e na presença do Sultão, o leito, tendo em cima o sr. Torello, foi levado dali; Saladino ali permaneceu, com os seus barões, conversando sobre as virtudes do cavaleiro de Pavia.

O sr. Torello, com todas as joias acima referidas e com todos os adornos já mencionados, já havia sido pousado — como pedira — dentro da igreja de São Pedro-em-Cieldoro, de Pavia, quando o sacristão do templo entrou com um lume na mão. As matinas já haviam soado, e o cavaleiro ainda estava dormindo, por obra do necromante. Aconteceu, assim, ao monge-sacristão, que seus olhos deram, de súbito, com aquela cama riquíssima; não só ele se surpreendeu, em face de semelhante espetáculo, mas também sentiu um medo enorme; em consequência, fugiu de regresso à porta de entrada. O abade e os outros monges, lá fora, ao verem o monge-sacristão disparar, também se mostraram surpresos, e procuraram saber o motivo de sua fuga. O monge-sacristão explicou o motivo.

— Ah! — exclamou, então, o abade. — Mas você já não é mais criança nem se pode dizer que seja novo nesta igreja; logo, não se explica que você se espante com tamanha facilidade! Pois bem: vamos ver do que se trata. Veremos quem foi que se burlou de você.

Acenderam-se, pois, todos os lumes; o abade e todos os seus monges da igreja entraram no recinto do templo; viram aquela cama, rica e maravilhosa; e viram, também, que, sobre ela, um cavaleiro dormia; hesitantes, tímidos, cheios de dúvidas, sem se aproximarem do leito, todos se ficaram a contemplar as esplêndidas joias; nessa altura, aconteceu que, extinguindo-se o efeito mágico

da beberagem, o sr. Torello acordou, emitindo um profundo suspiro. Quando os monges viram isto, eles, juntamente com o abade, espavoridos, gritaram: “Deus! Ajude-nos!” E, gritando, fugiram dali.

O sr. Torello abriu os olhos e olhou e ao redor; percebeu, imediatamente, que se encontrava, com efeito, no lugar que havia pedido a Saladino; e sentiu-se muito satisfeito com isso. Sentou-se na cama; demoradamente, passou a examinar tudo quanto estava ao seu lado; e, embora sempre houvesse tido a certeza da invulgar munificência de Saladino, maior ainda lhe pareceu essa mesma munificência, e ainda mais palpável verificou que era a sua prova. Nem por isto, porém, o sr. Torello se sobressaltou; entretanto, ao perceber que os monges estavam fugindo, e ao considerar o motivo que os espavoria, começou a chamar o abade pelo respectivo nome, acrescentando que não havia margem alguma para dúvida, porque ele, o sr. Torello, que ali estava, era seu sobrinho. Ao ouvir isto, mais apavorado ainda se sentiu o abade, porque este já havia considerado morto aquele sobrinho, vários meses antes; mesmo assim, o abade, depois de longa hesitação, se sentiu tranquilizado por argumentos ponderáveis; ao ser chamado pelo nome, vezes e vezes seguidas, fez o sinal da cruz e aproximou-se do sr. Torello. E então o cavaleiro de Pavia lhe disse:

— Padre meu, de que é que o senhor se assusta e duvida? Eu estou vivo, por mercê de Deus; acabo de regressar de ultramar.

A despeito de o sr. Torello estar com a barba grande, por a haver deixado crescer durante o tempo que estivera no Levante, e apesar de se encontrar envolto em roupagens árabes, o abade acabou reconhecendo-o, depois de o contemplar demoradamente; o abade tranquilizou-se, então; tomou o sobrinho pela mão, exclamando:

— Meu filho! Seja você bem-vindo!

E prosseguiu:

— Você não deve surpreender-se à vista do nosso medo, porque, nesta cidade, não há pessoa que não creia, com absoluta firmeza, que você já morreu. Tanto é assim que eu posso dizer-lhe que a sr. Adalieta, sua esposa, vencida pelos rogos e pelas ameaças dos próprios parentes, e embora contra a sua vontade, tornou a casar-se; esta manhã, ela deve ir ter com o novo marido; tudo quanto se refere às núpcias e à festa que se seguirá já está inteiramente preparado.

O sr. Torello levantou-se do leito opulento; trocou saudações afetuosas e festivas com o abade e com os monges; pediu, a todos, que não dissessem sequer uma palavra, quanto ao seu regresso a Pavia, enquanto de não realizasse

uma determinada tarefa que lhe parecia ser essencial. Depois disto, mandou que se pusessem a salvo as ricas joias; e contou, ao abade, tudo quanto lhe havia acontecido até aquela hora. O abade, alegre pela boa sorte do sobrinho, rendeu, juntamente com ele, graças a Deus. Por fim, o sr. Torello perguntou, ao abade, quem era o novo marido de sua esposa. O abade disse-lhe. Ao que o sr. Torello fez notar:

— Antes que se saiba por aqui do meu regresso, pretendo verificar qual é o sentimento sincero de minha mulher com relação a estas núpcias. Por isto, embora não seja costume irem as pessoas religiosas a festas semelhantes, desejo que, por amor a mim, que sou seu sobrinho, o senhor ordene que nós lá compareçamos.

O abade respondeu que daria de bom grado aquela ordem. Assim que o dia pleno se fez, mandou dizer, ao novo marido, que ele, abade, desejaria estar presente às núpcias, e que a elas compareceria com um seu companheiro. O gentil-homem comunicou, pela volta do mensageiro, que a presença do abade e do seu companheiro lhe daria muito prazer.

Quando, pois, chegou a hora da refeição, o sr. Torello, metido naquelas roupagens árabes em que se encontrava, dirigiu-se, na companhia do abade, à casa do novo marido; foi contemplado por todos, com maravilha; mas não foi reconhecido por ninguém; o abade, então, ia dizendo que se tratava de um sarraceno, enviado, na qualidade de embaixador, pelo Sultão, junto ao rei de França. Nestas condições, o sr. Torello foi colocado a uma mesa, bem em frente à sua mulher; com enorme prazer ele a contemplava; e notava que ela, pelo semblante, parecia sentir-se desagradada por aquelas núpcias. Ela também, de quando em quando, olhava para ele; não o fazia por qualquer coisa que se parecesse a reconhecimento da sua identidade, porquanto a grande barba e o traje estranho do sr. Torello, bem como a firme convicção, em que ela vivia, de que seu antigo marido estivesse morto, tornavam impossível semelhante reconhecimento. Mas quando se afigurou, ao sr. Torello, que era chegado o momento de procurar verificar se ela se recordava ainda do antigo marido, ele mandou chamar à sua presença um juvenzinho que estava servindo a pessoa da sra. Adalieta; note-se que o sr. Torello havia levado, na mão, o anel que ela lhe dera, quando ele partira; quando o juvenzinho compareceu, disse-lhe:

— Vá dizer de minha parte à nova esposa que na minha terra se tem o seguinte costume: quando um forasteiro, como eu sou aqui, toma refeição ao banquete de alguma nova esposa, como ela é, ela, em sinal de apreço pelo fato de ele comparecer à refeição, lhe manda a taça, com que bebe, cheia de vinho;

então, o forasteiro bebe a quantidade de vinho que lhe agrada, tampa a taça, devolve-a à esposa, e a esposa bebe o vinho restante.

O juvenzinho procedeu a comunicação à nova esposa. Esta, bem-educada e esclarecida como era, julgou que o forasteiro era personagem de grande projeção; quis, por isto, mostrar-lhe o quanto lhe apreciava a presença naquela festa; mandou, pois, que se lavasse cuidadosamente uma enorme taça dourada, que ficava à sua frente; ordenou, a seguir, que a taça fosse enchida de vinho, e levada à mesa do ilustre forasteiro; e assim foi feito. O sr. Torello já havia posto, na própria boca, o anel da mulher; e procedeu por tal forma, que, bebendo o vinho da taça, o anel caiu, por sua deliberação, dentro dela, sem que ninguém percebesse o que se passava; deixou, no fundo da taça, muito pouco vinho; cobriu-a de novo; e devolveu-a à esposa. A mulher tomou a taça em suas mãos; e, para que o costume da terra do forasteiro se completasse, ela a descobriu, pô-la junto aos lábios e viu o anel. Sem dizer palavra, sem fazer um gesto, contemplou a aliança durante um instante — reconheceu que era aquele o anel que ela havia dado ao sr. Torello, quando ele partira para a cruzada; tomou o anel em suas mãos; olhou fixamente para aquele que ainda acreditava que fosse forasteiro; acabou reconhecendo-o, de fato; sentiu-se como que impelida por uma alegria alvoroçada; atirou ao chão a mesa que lhe ficava de frente, e gritou:

— Este é o meu senhor! Este, na verdade, é o sr. Torello!

Correu para a mesa em que o forasteiro se sentava; não lhe levou em consideração as roupagens sarracenas, nem coisa alguma que se encontrasse em cima da sua mesa; atirou-se ao pescoço do homem, com o ímpeto que lhe foi possível, e abraçou-o apertadamente; ninguém conseguiu arrancá-la daquele abraço; de nada valeu, em tal sentido, o que se disse, nem o que se fez; ela só se despegou quando o sr. Torello lhe pediu que se comportasse, já agora, com mais comedimento, visto que muito tempo haveria, dali por diante, para o abraçar. Só então, foi que ela se endireitou.

As núpcias já tinham ido por água abaixo; mas, em parte, a festa ficou mais brilhante do que nunca, devido à reconquista de tão valoroso cavaleiro; e visto que ele, o sr. Torello, o pediu, todos se conservaram em seus lugares, quietos. Então, o suposto forasteiro passou a narrar tudo o que lhe havia acontecido, desde o dia da partida até aquele momento; concluiu explicando que não deveria desagradar — ao gentil-homem que, julgando-o morto, havia escolhido a sua mulher por esposa — o fato de ele a recuperar, por estar bem vivo. O novo esposo, embora se sentisse contrafeito por aquela inesperada

circunstância, respondeu, com semblante bem composto e com voz amiga, que o sr. Torello tinha a liberdade de agir da maneira que maior agrado lhe proporcionasse. A mulher, então, depôs, sobre uma das mesas, os anéis e a coroa que havia recebido do pretense futuro marido; pôs no dedo o anel que retirara do fundo da taça de vinho, colocando, logo a seguir, à própria cabeça, a coroa que fora mandada por Saladino.

O sr. Torello e sua mulher saíram da casa onde se encontravam; com toda a pompa das núpcias não realizadas, rumaram para a própria residência. Ali, os desconsolados amigos e parentes, e todos os demais cidadãos que contemplavam o sr. Torello como se ele fosse produto de um milagre, se consolaram com uma festa que se prolongou consideravelmente.

O sr. Torello, com uma parte das suas preciosas joias, recompensou as despesas de quem havia promovido aquelas núpcias; deu, também, várias joias de presente ao abade e a muitas outras pessoas. Depois, por via de mais de um mensageiro, comunicou, a Saladino, o seu feliz regresso à pátria; muitas e muitas vezes se declarou seu amigo e seu servidor; e muitos anos viveu em companhia de sua virtuosa esposa, levando a efeito atos de cortesia muito mais numerosos do que antes costumava fazer.

Este foi, pois, o fim das tribulações do sr. Torello, bem como dos sofrimentos da mulher que ele amava; este foi, igualmente, o galardão das cortesias, alegres e solícitas, que o casal havia feito.

São muitos os que se esforçam por praticar atos de cortesia; mas, embora tenham de que se orgulhar, tão mal sabem conduzir a termo esses atos, que, antes de os praticar, já querem que eles sejam recompensados com um valor muito maior do que aquele que as próprias cortesias possam ter. Assim, se, nesses casos, a recompensa não se segue a tais atos, por essa forma levados a cabo, nem os que os realizam nem os outros devem surpreender-se.

Notas

¹ Frederico I, da Alemanha, apelidado de Barba-Roxa.

² Trata-se aqui da terceira Cruzada, de 1189 a 1192, daquela, pois, de que participaram o próprio Frederico Barba-Roxa, Ricardo Coração de Leão e alguns outros soberanos, inclusive Filipe II, de França.

³ Recorde-se que este soberano já apareceu como personagem na 3^a novela da 1^a jornada.

⁴ Afluente do rio Pó, na Itália; corre na direção de Pavia. Nasce na Suíça, nas faldas do São Gotardo; tem cerca de 230 quilômetros de extensão; atravessa o cantão de Ticino e o lago Maggiore, abaixo do qual é navegável. Foi às margens deste rio que Aníbal derrotou os romanos, em 218 a.C.

DÉCIMA NOVELA

O marquês de Saluzzo se vê obrigado a casar-se devido aos rogos dos seus homens; para casar-se a seu gosto, escolhe a filha de um aldeão, da qual recebe, a seu tempo, dois filhos, que ele finge mandar matar. A seguir, finge casar-se de novo, repudiando a esposa que tem e expulsando-a de sua casa, em camisa. Posteriormente, manda chamá-la, apresentando-lhe como nova esposa a própria filha, já então crescida e linda. Por fim, vendo a esposa verdadeira submeter-se pacientemente a todas as provações, o marquês fã-la voltar aos seus braços e ao seu lar; mostra-lhe, então, os filhos; honra-a como a autêntica marquesa; e faz com que como tal a venerem.



concluída a longa novela desenvolvida pelo Rei, todos mostraram pelo semblante que a narrativa lhes havia agradado; e Dioneio, rindo, disse:

— O bondoso homem, que esperava poder, na noite seguinte, abaixar a cauda ereta do fantasma, teria dado menos de dois dinheiros por todos os louvores que você teceu a favor do sr. Torello!

A seguir, sabendo que somente ele restava para falar, assim começou:

— Minhas meigas mulheres, ao que me parece, este dia de hoje foi dedicado a reis e a sultões, bem como a personalidades de condição semelhante; em consequência, e para que eu não me afaste muito do rumo por vocês traçado, vou falar de um marquês; não se trata de gesto magnífico, e sim de uma aloucada estupidez, embora tudo se conclua em paz. Não aconselho a ninguém que lhe siga o exemplo, porquanto constituiu grande pecado o fato de, mesmo assim, acontecer o bem ao citado marquês.

Faz já muito tempo que existiu, entre os marqueses de Saluzzo, o titular principal da casa, que era um moço chamado Gualtieri. O jovem não tinha esposa, nem possuía filhos; e não empregava em nenhuma outra coisa o seu tempo, a não ser em apanhar pássaros e em caçar; não nutria qualquer pensamento quanto a casar-se, e menos ainda quanto a ter filhos. A este propósito, pode-se até dizer que ele devia ser considerado esclarecido. Esta circunstância, todavia, não agradava aos seus homens, os quais várias vezes lhe

pediram que se casasse, a fim de que ele não ficasse sem herdeiro, e eles sem senhor. E cada um deles se ofereceu para lhe descobrir uma jovem, descendente de tal pai e de tal mãe, que boa esperança de prole ele poderia alimentar, ao mesmo tempo em que os seus sequazes por muito satisfeitos se poderiam ter. A todos, porém, Gualtieri respondia:

— Amigos meus, vocês querem constranger-me a fazer aquilo que eu estava resolvido a não fazer nunca. É muito difícil uma pessoa encontrar quem se habitue e se harmonize com os seus costumes; e é sabido como é grande a quantidade dos casais que dão a prova disso; ninguém ignora, ademais, como é dura a vida do homem que se encontra com mulher que com ele não se conforme. Isso de vocês acreditarem que, através dos costumes dos pais e das mães, se possa conhecer a virtude das filhas, argumentando com isso que poderão dar-me uma esposa que me agradará, é mera tolice; acresce que não sei como é que vocês poderão conhecer os pais, ou descobrir os segredos das mães das moças; além disto, mesmo conhecendo uns e descobrindo outros, importa recordar que muitas vezes as filhas se fazem diferentes dos pais e das mães. Entretanto, visto que vocês aspiram a prender-me em tais cadeias, eu desejo ser satisfeito. A fim de que eu não tenha de me queixar seja lá de quem for, a não ser de mim, no caso de o casamento desembocar em fracasso, eu mesmo quero ser o homem que irá procurar a moça; asseguro-lhes que, seja lá quem for que eu escolha, se ela não for considerada virtuosa e digna de honrarias, da parte de vocês, então vocês provarão, com grande prejuízo para vocês mesmos, como é desagradável, para mim, o ter condescendido, contra a minha vontade, e por força dos seus rogos, em casar-me.

Os valorosos sequazes responderam que estavam de acordo com semelhante proposta, ou com qualquer outra, contanto que ele, o marquês, se resolvesse a constituir um lar.

Desde algum tempo antes, tinham agradado, a Gualtieri, os costumes de uma pobre jovem que morava numa vila, nas proximidades de sua casa; achando-a muito bonita, admitiu que, em sua companhia, poderia transcorrer vida tranquila e confortável. Em consequência, sem sair em busca de mulher em lugar mais distante, assentou que deveria casar-se com a mencionada moça; mandou chamar o pai dela; e, com ele, que era paupérrimo, combinou que tomaria a filha por esposa. Feito isto, Gualtieri mandou que todos os seus amigos da região se reunissem, e disse-lhes:

— Meus amigos, agradei-lhes e agradei-lhes que eu me disponha a casar-me; dispus-me a isso, mais para comprazer a vocês do que pelo desejo pessoal

de tomar alguém por esposa. Vocês sabem o que foi que me prometeram; vocês prometeram mostrar-se satisfeitos e honrar, como senhora, fosse qual fosse a mulher que eu escolhesse; agora, chegou o tempo de eu dar cumprimento à promessa que lhes fiz, de minha parte; assim, também exijo que vocês deem cumprimento à sua. Eu encontrei uma jovem, de acordo com o meu coração; encontrei-a bem perto daqui; pretendo tomá-la por esposa, e levá-la, dentro de poucos dias, para a minha casa. Por isto, tratem de fazer com que a festa seja brilhante; preparem-se para a receber com todas as honras, a fim de que eu me possa declarar satisfeito a propósito da sua promessa, como vocês também poderão declarar-se contentes, a propósito da minha.

Os bondosos homens, muito animados, responderam que tudo isso lhes agradava sobremaneira; fosse quem fosse a mulher, eles a teriam por senhora e lhe prestariam obediência e homenagem, como se costumava agir para com as senhoras. Depois disto, todos se puseram em ação, trabalhando para que a festa resultasse grandiosa e brilhante; de sua parte, também Gualtieri pôs mãos à obra. Mandou ele que se preparassem núpcias opulentas e aparatosas; para elas, convidou inúmeros seus amigos e parentes, afora reputados gentis-homens e figuras notáveis das redondezas; além disto, ordenou que se cortassem e se costurassem vestidos ricos e lindos, de conformidade com o corpo de uma jovem que se lhe afigurou que se equivalesse ao da moça que se propusera a desposar; a seguir, encomendou cintos, anéis e uma coroa, tudo de enorme riqueza; e determinou que se aprontasse tudo o mais que a uma noiva pudesse convir.

Em chegando o dia enunciado para a realização das núpcias, Gualtieri, lá pela meia depois da terceira hora, montou a cavalo; montaram a cavalo, igualmente, todos quantos haviam chegado à sua casa, para lhe prestar homenagem; depois de verificar que todas as coisas oportunas haviam sido dispostas, Gualtieri disse:

— Senhores, já é tempo de se ir buscar a nova esposa.

Pôs-se a caminho, com a sua inteira comitiva; o grupo todo chegou à pequena vila; aproximando-se da casa do pai da mocinha, os visitantes verificaram que ela estava regressando, a toda pressa, da fonte, onde tinha ido buscar água; o que ela queria era chegar logo para, imediatamente a seguir, ir, em companhia das outras mulheres, ver chegar a esposa de Gualtieri (que ainda não sabia que ela da mesma). Assim que a viu, o marquês chamou-a pelo nome; ela chamava-se Griselda; perguntou-lhe onde estava o pai. A esta pergunta, ela, toda confusa, respondeu:

— Senhor meu, ele encontra-se em casa.

Então, Gualtieri apeou; ordenou, a todos que o acompanhavam, que o esperasse; entrou, sozinho, na pobre casinhola; lá dentro, encontrou o pai da moça, que tinha o nome de Giannúcole; e disse-lhe:

— Eu vim para desposar Griselda; antes, porém, quero saber alguma coisa da parte dela, em sua presença.

O marquês perguntou à jovem se ela, desde que ele a tomasse por esposa, se esforçaria no sentido de o comprazer; se ela ficaria sempre ao seu lado, fosse o que fosse que ele dissesse ou fizesse; se ela seria obediente; e outras perguntas mais, desta ordem, lhe formulou. A todas as indagações, ela respondeu que sim. Então, Gualtieri tomou-a pela mão; conduziu-a para fora da casinhola; e, na presença de toda a sua comitiva, bem como de toda gente que ali se achava, mandou, aos seus serviçais, que despissem inteiramente a jovem, deixando-a completamente nua; ordenou que lhe apresentassem as roupagens que ele encomendara; mandou que a vestissem e a calçassem, sem perda de tempo; e, por cima dos cabelos dela, assim desalinhados como se encontravam, fez com que colocassem a coroa. Depois disto, como todos se manifestassem surpresos em face de semelhante procedimento, o marquês Gualtieri disse:

— Senhores, esta moça é a que eu desejo que seja minha mulher, desde que ela me queira por marido.

Em seguida, voltou-se para a jovem, que se mantinha em suspenso, pela emoção, e se sentia como que envergonhada de si mesma; e disse-lhe:

— Griselda, quer-me você para seu marido?

Ao que ela respondeu:

— Senhor meu, sim!

E ele declarou:

— E eu quero você por minha esposa.

Assim, na presença de todos, desposou-a. Fez com que ela montasse num palafrém; e conduziu-a para a sua casa, honrosamente acompanhada. Em sua residência, realizaram-se as núpcias, com uma festa suntuosa e prolongada; foi uma festa que não poderia ser maior se o marquês houvesse tomado por esposa a filha do rei de França.

Afigurou-se que a moça, ao mudar de vestes, mudou também de ânimo e de maneiras. Ela era, como já dissemos, bela de corpo e de rosto; e assim como era bela, tornou-se tão graciosa, tão agradável e tão bem-educada, que já não parecia mais ser a filha de Giannúcole, nem a pastora de cabras, e sim a herdeira de algum nobre senhor; em consequência, ela punha impulsos de

admiração no espírito de toda gente que a tivesse conhecido antes. Além disto, mostrava-se tão obediente para com o marido, tão prestativa, que ele passou de imediato a considerar-se o homem mais satisfeito, mais bem recompensado, do mundo; semelhantemente, a moça se fazia tão amável e tão bondosa, para com os súditos do marido, que não havia sequer um único, entre eles, que não a estimasse mais do que a si próprio, ou que não lhe prestasse espontaneamente as maiores honras; todos, por isto, rezavam para o bem da moça, bem como para a continuação da sua felicidade e para a exaltação do seu futuro; todos diziam, nas ocasiões em que se tornava próprio dizê-lo, que Gualtieri se fingira pouco esperto, ao tomar aquela jovem por esposa, sendo, entretanto, o homem mais esclarecido e mais astuto do mundo; e isto porque nenhum outro homem, a não ser ele, poderia descobrir as altas virtudes dela, ocultas como se encontravam sob pobres roupas e sob costumes de aldeia. Dentro de pouco tempo, ela se tornou conhecida não somente no seu marquesado, mas também por toda parte; ela soube conduzir-se por tal forma, que, antes que muito tempo transcorresse, toda gente passou a reconhecer o seu valor e a nobreza da sua conduta; por via dessa conduta, ela conseguiu que se desdissesse qualquer coisa que, por acaso, se houvesse dito, contra a boa reputação de seu marido, na época em que a desposara. Pouco tempo passou ela em companhia de Gualtieri, e logo ficou grávida; quando se completou o ciclo, ela deu à luz uma menina; e, por esta razão, o marquês promoveu uma grande festa.

Pouco depois, porém, outro pensamento, muito diverso, entrou no espírito de Gualtieri; o pensamento foi o de pretender submeter a paciência da esposa a uma longa experiência dolorosa, e a intoleráveis provações. Em primeiro lugar, punziu-a com palavras, mostrando-se aborrecido, e explicando que os seus homens se achavam muito descontentes com ela, devido à baixa condição social de que ela procedia; o descontentamento se fizera ainda maior — esclareceu ele — quando verificaram que ela gerava filhos; todos, ademais, haviam ficado tristíssimos com o aparecimento de uma filhinha, ao invés de um filhinho; e ninguém fazia mais do que murmurar contra semelhante situação. A mulher, ouvindo estas explicações, não mudou de expressão, no semblante, nem pensou em agir de qualquer outra maneira que não fosse a correta e justa; e disse:

— Senhor meu, proceda pela forma que o senhor acredita que lhe faça mais honra e lhe proporcione mais consolo; seja o que for que fizer, sentir-me-ei contente, porquanto reconheço que sou de condição inferior à dos seus

sequazes; estou convencida, também, de que eu não era digna desta honra que o senhor, por sua cortesia, me ofereceu.

Esta resposta agradou muito a Gualtieri, pois punha em relevo que a mulher não fora educada com soberba, nem orgulhosa se tornara em consequência de honras que ele, ou outras pessoas, lhe houvessem prestado. Algum tempo após, depois de comunicar, à esposa, que os seus súditos não podiam suportar a presença daquela menina que ela pusera no mundo, Gualtieri deu instruções a um seu fâmulos, e mandou que ele fosse ter com ela; e o fâmulos, com fisionomia de quem estava muito penalizado, disse-lhe:

— Senhora, se eu não quiser morrer, importa que eu faça aquilo que o meu senhor ordenou. Ele ordenou que eu tome esta sua filhinha, e que eu a...

Não disse mais palavra. A mulher, ouvindo a explicação e vendo a fisionomia do fâmulos, recordou-se das declarações que já lhe haviam sido feitas pelo marido; compreendeu que ao fâmulos havia sido dada ordem de matar a criança. Em consequência, ela foi buscar a menina no seu berço; beijou-a; deu-lhe a sua bênção; sentiu uma dor dilacerante no coração; mas, mesmo sem mudar a expressão do rosto, entregou-a aos braços do fâmulos; e disse-lhe:

— Tome-a. Execute devidamente aquilo que o seu e o meu senhor lhe ordenou. Não a deixe, porém, de modo que os animais e os pássaros a devorem, a menos que ele mande que faça o contrário.

O fâmulos tomou a menina; comunicou a Gualtieri o que a mulher havia falado; o marquês ficou maravilhado, em face da constância da esposa; mandou o criado, com a criança, para Bolonha, para a casa de uma sua parenta, pedindo-lhe, entretanto, que jamais dissesse de quem a menina era filha, mas que, mesmo assim, a criasse e a educasse com o maior carinho. Aconteceu, a seguir, que a esposa do marquês engravidou de novo, e, na época devida, deu à luz um filhinho; o aparecimento do pequerrucho foi coisa que muito satisfez a Gualtieri. Todavia, não lhe bastando o que já havia feito, feriu a mulher com um golpe ainda mais severo; mostrando-se zangado, disse-lhe, certo dia:

— Mulher, a partir de quando você deu à luz este pirralho, de modo algum me vem sendo possível conviver com os meus súditos; estes sempre se queixam acerbamente do fato de um neto de Giannúcole poder vir a ser, no futuro, seu senhor. Percebo, por isto, que, se não desejo ser expulso da minha posição, devo tomar cuidado para não fazer mais o que outras vezes levei a termo; por fim, vejo-me obrigado a abandonar você e a tomar outra esposa.

A mulher ouviu tudo, com espírito paciente e humilde; e não respondeu outra coisa além disto:

— Senhor meu, pense em contentar-se ao senhor mesmo, e de fazer as coisas ao seu gosto; não se preocupe de forma alguma comigo, porque nada me agrada, a não ser que eu veja que lhe dê prazer.

Depois de não muitos dias, Gualtieri, por aquela mesma forma que havia mandado buscar a filha, mandou buscar também o filho; semelhantemente, fez parecer que o mandara matar, mandando-o, na realidade, para Bolonha, nas mesmas condições em que para lá enviara a pequerrucha. Em face disto, a mulher não manifestou qualquer alteração na expressão do rosto, nem proferiu palavras diversas das que já havia formulado da vez anterior. Gualtieri ficou estupefato, em presença de semelhante obediência conjugal; e afirmou, de si para consigo, que nenhuma outra mulher faria o que ela havia feito. Se ele não a visse tão carnalmente ligada aos filhos, fazendo, embora aquilo que mais lhe agradava, a ele, teria acreditado que ela agia por aquela forma apenas para não se incomodar mais com a sua prole, ao passo que, na verdade, tinha de reconhecer que ela assim procedia por ser mulher efetivamente esclarecida e obediente.

Os súditos de Gualtieri, acreditando de fato que ele houvesse mandado matar os próprios filhos, muito o censuraram às ocultas, passando a reputá-lo homem extremamente cruel; ao mesmo tempo, passaram a sentir enorme compaixão para com a mulher. A esposa, quando na companhia de outras mulheres, que lamentavam a morte de seus filhos, nunca disse outra coisa, a não ser que só lhe agradava aquilo que era do agrado de quem havia gerado aquelas crianças.

Depois de transcorrerem vários anos, a partir do nascimento da menina, afigurou-se, a Gualtieri, que era tempo de promover a última prova da paciência e da tolerância da esposa. Falando com muitos dos seus súditos, esclareceu que não podia mais tolerar, de forma alguma, o fato de continuar a ter Griselda por esposa; proclamou que reconhecia que seu casamento fora um ato mal praticado, obedecendo apenas aos seus impulsos juvenis; e afirmou que, em consequência, faria tudo quanto estivesse em seu poder, a fim de induzir o papa a dispensá-lo daquele casamento, permitindo-lhe que, depois de abandonar Griselda, tomasse outra mulher por esposa. Por este seu plano, Gualtieri foi muito censurado por homens de grande prestígio. A isto, ele nada mais respondeu senão que era preciso que assim se fizesse.

A esposa teve conhecimento de todas estas coisas; recebeu a impressão de que, assim, podia esperar voltar à casa de seu pobre pai; talvez voltasse a pastorear cabras, como havia feito muito tempo antes; veria, afinal, outra

mulher entrar, em sua casa, para cuidar do homem ao qual ela desejava o maior bem deste mundo; e condeu-se profundamente de si mesma. Contudo, assim como havia suportado outras provações impostas pelo destino, assim também se preparou para se submeter a este novo castigo.

Depois de não muito tempo, Gualtieri fez com que aparecessem cartas suas, falsificadas, procedentes de Roma; assim, demonstrou, aos seus súditos, que o papa, por meio daquelas cartas, o havia dispensado do casamento anterior, autorizando-o a contrair novas núpcias e a abandonar Griselda. Em consequência, ordenou que ela comparecesse à sua presença, e, à vista de inúmeras pessoas, disse-lhe:

— Mulher, por via de concessão que foi outorgada pelo papa, posso desposar outra mulher e abandonar você; visto que os meus antepassados foram todos grandes homens, ilustres e valorosos, senhores destas regiões, nas quais os seus avós, mulher, foram sempre apenas trabalhadores, desejo que você não seja mais minha esposa; você deve, pois, por minha ordem, regressar à casa de Giannúcole, com o dote que você me trouxe; depois, trarei para esta minha casa outra mulher, que já encontrei, e que mais convém à minha condição.

A esposa, ao ouvir esta declaração — e não sem enorme contrariedade — conseguiu, contrariamente à natureza das mulheres, conter as lágrimas; e respondeu:

— Senhor meu, eu sempre reconheci que a minha condição inferior não poderia harmonizar-se, de maneira alguma, com a sua nobreza; o que tenho sido, ao seu lado, sempre reconheci ser obra sua e de Deus; nunca considereei esta situação como se ela houvesse sido dada a mim; e nunca a tive por minha; sempre a levei à conta de condição concedida por empréstimo. Agrada-lhe recuperá-la? Neste caso, a mim deve agradar, e agrada, devolvê-la. Aqui está o seu anel, com o qual o senhor me desposou; tome-o. O senhor manda que eu leve comigo o dote que trouxe; para isto, nem o senhor precisa de pagador, nem eu de bolsa, e muito menos de carregador ou muladoiro, pois nunca me saiu da memória o fato de o senhor me haver recebido completamente nua. Se o senhor julga que é honesto que seja por todos vistos, agora, o corpo que trouxe dentro de si os filhos pelo senhor gerados, daqui me retirarei nua. Peço-lhe, porém, como prêmio pela minha virgindade, que trouxe e já não levo, que pelo menos uma camisa o senhor tenha a bondade de permitir que eu possa levar por cima do meu dote.

Gualtieri, que tinha vontade mais de chorar do que de qualquer outra coisa, manteve-se com a fisionomia dura; e consentiu:

— Você pode levar uma camisa.

Todas as pessoas que ali se achavam pediram, ao marquês, que desse, à esposa repudiada, um traje inteiro; queriam que a mulher, que havia sido sua esposa ao longo de 13 anos, não fosse vista sair de casa mergulhada em tamanha pobreza e em atmosfera de tamanha humilhação, como aconteceria se ela se retirasse envolta apenas numa camisa. Todavia, as súplicas foram inúteis. Em consequência, a mulher, em camisa e descalça, e sem coisa alguma à cabeça, saiu de casa, depois de recomendar a Deus todas as pessoas presentes. Dali, regressou para junto de seu pai, com as lágrimas e o pranto de todos quantos a viram.

Giannúcole, seu pai, nunca pudera acreditar que fosse verdadeiro um fato da ordem daquele pelo qual Gualtieri se havia casado com sua filha; nunca admitira que o marquês a conservasse junto de si, na qualidade de esposa; e, por isto, esperando continuamente pelo dia em que ela fosse repudiada, guardara-lhe as roupas de que Gualtieri a desnudara, no dia das núpcias; apresentou-lhes, assim que a viu aparecer, e ajudou-a a vesti-las. Logo depois, Griselda entregou-se aos pequenos serviços de sua casa, como anteriormente costumava fazer; e fê-lo, mantendo sempre altivo o espírito, em face das arremetidas da sorte adversa.

Depois de proceder por esta forma, Gualtieri fingiu, aos olhos dos seus súditos, tomar por esposa a filha dos condes de Pánago; mandou que se preparassem grandes festas, para a realização de suas novas núpcias; e mandou dizer, a Griselda, que comparecesse outra vez em sua casa. Quando ela chegou, disse-lhe:

— Eu conduzo à minha casa a mulher, que tomei para minha nova esposa, e desejo prestar-lhe homenagem nesta sua primeira chegada à minha mansão. Você bem sabe que eu não tenho, em casa, mulheres que saibam arrumar os quartos, nem fazer as coisas que uma festa de tal ordem está a exigir; visto que você conhece, melhor do que qualquer outra pessoa, este assunto de arrumação de casa, é preciso que você ponha em ordem tudo o que em ordem deva ser posto; mande convidar as mulheres que você acha que devam ser convidadas; receba-as como se a dona, aqui, fosse você. A seguir, quando as núpcias acabarem de ser celebradas, você poderá voltar para a sua casa.

A despeito de estas palavras serem outros tantos punhais introduzidos no coração de Griselda, porque ela não conseguira cancelar de sua vida o amor

que dedicara ao marquês, e porque assim o determinara o seu destino, respondeu:

— Senhor meu, estou pronta e aparelhada para fazer o que me pede.

Logo após, vestida com as suas pobres roupas de tecido grosseiro, entrou naquela casa da qual, pouco antes, havia saído em camisa; sem perda de tempo, começou a varrer as salas e a pôr tudo em ordem; ordenou que se montassem cortinas e se pusessem tapetes de banco e de mesa, por todas as dependências; determinou que se apressassem os trabalhos de cozinha; em tudo, como se ela fosse apenas uma pequena empregada da mansão, fez sentir o efeito de sua presença e de sua atividade; não repousou sequer um instante, enquanto não viu tudo preparado e nas condições mais convenientes para a cerimônia. Depois disto, mandou, em nome de Gualtieri, que se convidassem todas as mulheres das redondezas e passou a esperar pela realização da festa. Quando chegou o dia das núpcias, Griselda, embora não tivesse mais do que umas roupas pobres e rústicas para lhe cobrir o corpo, tratou de receber as convidadas, que aquelas núpcias compareceram; recebeu-as, de fato, com ânimo e maneiras que falavam bem alto de sua feminilidade.

Gualtieri, que, com muita diligência, mandara criar e educar os filhos na cidade de Bolonha, sob os cuidados de uma sua parenta que se havia casado com um membro da família dos condes de Pánago, deu, então, os seus passos; a menina, sua filha, já contava uns 12 anos de idade, e era a criaturinha mais linda que até então se havia visto; o menino, seu filho, contava seis anos; mandou, pois, um seu parente a Bolonha, pedindo-lhe que tivesse a bondade de lá buscar a filha e o filho, regressando, logo após, a Saluzzo; recomendou-lhe que organizasse uma comitiva pomposa e brilhante, para o acompanhar na viagem de regresso; nessa viagem, o mencionado parente deveria conduzir, em sua companhia, o filho e a filha; deveria, igualmente, dizer, a toda gente, que a menina se destinava a ser a nova esposa do marquês; deveria, por fim, manter em absoluto sigilo a verdadeira identidade da moça.

O parente, que era um gentil-homem, fez tudo de acordo com as solicitações do marquês Gualtieri; pôs-se a caminho; depois de alguns dias, regressou a Saluzzo, na companhia da moça, do irmão da moça e da nobre comitiva que organizara; a Saluzzo, chegou à hora do jantar. Ali, inúmeros camponeses e muitas outras pessoas, sendo todos habitantes da região e das redondezas, se encontravam aglomerados, à espera de que chegasse a nova esposa de Gualtieri. Quando esta chegou, ela foi recebida pelas mulheres da mansão, sendo imediatamente conduzida para a sala onde se encontravam as

mesas postas. Então, Griselda, assim trajada como se encontrava, foi alegremente ao seu encontro, dizendo:

— Seja bem-vinda a minha dama.

As mulheres todas tinham pedido, a Gualtieri, mas inutilmente, que ordenasse a permanência de Griselda no interior de um quarto, ou, então, que lhe emprestasse algumas das vestimentas que possuía; procuraram, com isto, mas em vão, evitar que ela comparecesse à presença de forasteiros naquelas condições extremamente modestas de indumentária.

Os convivas foram conduzidos à mesa, e os criados começaram a servir. A mocinha, que se julgava fosse a noiva, passou a ser contemplada por todos os homens; e todos eles diziam que Gualtieri havia realizado uma boa troca; todavia, quem mais a louvava era a própria Griselda; tinha palavras de apreço para ela, bem como para com o irmãozinho dela.

Gualtieri parecia ter conseguido plenamente tudo quanto desejava, a propósito da paciência de sua primeira esposa; observou, naquela oportunidade, que o que estava acontecendo não lhe alterava de forma alguma a disposição; sabia perfeitamente que isso não acontecia por estupidez, porquanto bem lhe conhecia a inteligência lúcida; teve, pois, a impressão de que já era tempo de arrancá-la à severa amargura que julgava que ela ocultasse — e que ela realmente ocultava — por trás da serenidade do seu semblante firme. Mandou, pois, que ela comparecesse à sua presença; e, diante dos olhos de todos os convidados, disse-lhe:

— Que é que você acha da nossa esposa?

— Meu senhor — respondeu Griselda —, parece-me tudo muito bem; se ela for tão esclarecida como é bela, como creio que o seja, não duvido que o senhor passará a viver, em companhia dela, como sendo o senhor mais confortado do mundo. Suplico-lhe, porém, do mais profundo do meu coração, que não dê, a ela, os mesmos espinhos dados aquela que já foi sua esposa; e faço esta súplica porque creio que mal ela os poderia suportar, por ser tão jovem como é; ademais, ela foi criada e educada em meio a coisas delicadas, ao passo que a que já foi sua esposa se acostumara, desde pequena, a fadigas e durezas.

Gualtieri, verificando que Griselda acreditava firmemente que a mocinha iria passar a ser sua esposa e que mesmo assim não dizia nada mais do que bem a respeito dela, fê-la sentar-se ao seu lado; e depois disse:

— Griselda, já é tempo de você conhecer o fruto de sua paciência; já é tempo, igualmente, de os que me reputaram cruel, iníquo e bestial, ficarem sabendo que aquilo que eu fazia se destinava a atingir um fim previsto; o que eu

desejava era ensinar, a você, a ser esposa; a eles, a escolher e a manter a mulher do seu senhor; e, a mim mesmo, criar uma paz perpétua, capaz de durar o tempo todo em que eu tiver de viver com você. Quando me aconteceu escolher esposa e com ela casar-me, receei muito que isto deixasse de acontecer; assim, para tirar a prova, eu a puni e a feri, por todos os modos a que você bem sabe que foi submetida. Visto que nunca tive a impressão de que você, por palavras ou por atos, se afastasse daquilo que, a seu critério, deveria constituir o meu agrado — e uma vez que se me afigura ter recebido, de sua parte, aquele conforto que eu desejava — pretendo devolver, numa só hora, a você, tudo quanto eu, ao longo de muitas horas, lhe tolhi; por esta forma, aspiro a adoçar, com infinita doçura, os sofrimentos que lhe infligi. Assim, receba, com espírito alegre, esta moça que você acredita que seja minha noiva; receba, igualmente, o irmão dela; e saiba que os dois são teus e meus filhos. Eles dois são aqueles que você, juntamente com muitas outras pessoas, julgou que eu houvesse mandado matar, com o máximo de crueldade; e eu sou o seu marido, que ama a você, acima de todas as coisas deste mundo; acredito, decididamente, que posso gloriar-me de que nenhum outro homem possa, como eu posso, considerar-se satisfeito com sua esposa.

Assim falando, abraçou-a e beijou-a; ela, de tanta alegria, chorava; os dois se puseram de pé; caminharam para o ponto em que a filha se encontrava sentada, mostrando-se estupefata em face do que ouvia; os dois abraçaram enternecidamente a mocinha; abraçaram também o pequeno irmão dela; desfizeram, por esta forma, o equívoco em que todos laboravam. Então, as mulheres ali presentes, todas contentíssimas, se ergueram das mesas, indo para uma sala, em companhia de Griselda; ali, apresentando-lhe os mais calorosos parabéns, a despiram de suas roupas grosseiras, vestindo-a com roupagens nobres; e, já agora como senhora, que mal e mal parecia quando se encontrava envolta em trapos, reconduziram-na ao salão. Houve cenas maravilhosas de afeto, entre Griselda e seus filhos; todos os convivas se sentiam satisfeitos com o que estava acontecendo; e prolongaram as manifestações de alegria no decorrer de muitos dias.

Ninguém deixou de opinar que Gualtieri agira como homem esclarecido, julgando, porém, ao mesmo tempo, ásperas e intoleráveis, as experiências às quais a sua esposa se submeteu; o que, entretanto, acima de tudo ficou definido e consolidado, foi o acerto absoluto do comportamento que Griselda soube manter. O conde de Pánago regressou, depois de uns tantos dias, a Bolonha; e Gualtieri, depois de retirar Giannúcole das suas labutas campesinas, colocou-o

na devida posição de seu sogro; nessa posição, viveu honradamente; grande conforto recebeu; e assim, a seu tempo, terminou a sua velhice.

O próprio Gualtieri, depois de casar condignamente sua filha, viveu longamente na companhia de Griselda, sendo sempre grandemente confortado por ela e prestando-lhe, por sua vez, as maiores homenagens que se encontravam ao seu alcance.

Que é que se poderá dizer, aqui, senão que também nas casas mais pobres descem, do céu, espíritos divinos, assim como também nas casas reais descem espíritos que seriam mais indicados para guardar porcos do que merecedores de exercer senhoria sobre os outros homens? Quem teria, afora Griselda, suportado, com semblante não somente enxuto, mas também alegre, as provas duras, talvez mesmo inauditas, impostas por Gualtieri? Ao marquês Gualtieri talvez não ficasse mal a circunstância de se encontrar com uma mulher de outra índole; com uma mulher que, logo depois de ser expulsa de casa, como Griselda o foi, em camisa, se entregasse aos braços de outro homem, e acabasse sendo um exemplo de coisa diversa do que foi a filha de Giannúcole.

DESPEDIDA



novela de Dioneio estava concluída; as mulheres já haviam comentado muito a narrativa; umas haviam pendido para um lado; outras, para outro; umas lamentavam uma coisa; outras elogiavam outra; então, o Rei, erguendo o rosto na direção do céu, e vendo que o sol ia descambando à hora do vésper, começou a falar, sem se levantar de sua cadeira:

— Prendadas mulheres, como eu acredito que vocês saibam, a virtude dos mortais não consiste somente em possuir memória dos acontecimentos pretéritos, nem em ter conhecimento dos fatos presentes, mas também em utilizar-se de uns e de outros para conseguir prever o futuro; e isto é considerado virtude grandíssima, por homens que figuram entre os mais expressivos. Como vocês sabem, completar-se-ão amanhã 15 dias que nós, com o propósito de encontrar algum entretenimento, e também para proteger a nossa saúde e a nossa vida, saímos de Florença; procedendo por esta forma, fizemos cessar, para nós, a melancolia, a dor e a angústia que perpassavam continuamente pela nossa cidade, a partir de quando teve início esta época pestilencial. Ao que se me afigura, realizamos honestamente o nosso plano; é exato que, durante o tempo da nossa diversão, se contaram novelas alegres, e talvez mesmo propiciadoras de concupiscência; nós aqui estivemos, todo este tempo, comendo e bebendo, continuamente e bem; tocamos e cantamos; tudo o que fizemos poderia estimular espíritos fracos ao empreendimento de atividades menos honestas; entretanto, ao que me é dado testemunhar, nenhum ato se praticou, nenhuma palavra se proferiu, nem da parte de vocês, mulheres, nem da parte de nós, homens, que devesse realmente ser lastimada; o que houve foi contínua honestidade, contínua concórdia, contínua camaradagem fraternal; isto foi o que me pareceu ver e ouvir. E esta circunstância vem em

honra e decoro, tanto de vocês como de mim — e muito grata me é. Assim, e para que não surja da prolongada convivência um episódio que possa converter-se em aborrecimento; para que ninguém possa tecer comentários menos próprios a propósito da nossa demora nestas condições de intimidade; e como cada um de nós já teve a sua jornada, a sua parte da honra que ainda neste momento em mim se concentra — penso, se isso também for do seu agrado, que será conveniente que, já agora, voltemos do lugar de onde partimos. Se assim não fizermos, algo acontecerá; a existência do nosso grupo já foi notada pelos habitantes das redondezas; assim, o nosso número poderá mesmo multiplicar-se, com o que nos será tolhida toda a nossa alegria. Consequentemente, se vocês aprovam o meu conselho, eu conservarei comigo a coroa que me foi dada, até ao momento da nossa partida daqui; desejo que esse momento ocorra amanhã cedo. Para o caso de vocês deliberarem de maneira diversa, já escolhi a pessoa que deverá ser por mim coroada no dia seguinte.

A troca de ideias foi intensa entre as mulheres e entre os jovens; por fim, todos consideraram útil e honesto o conselho do Rei; e então se deliberou agir como ele havia sugerido. Por esta razão, o Rei mandou chamar o mordomo à sua presença; conversou, com ele, sobre o modo de se conduzirem as coisas na manhã seguinte; depois, deu licença ao grupo para que se considerasse desobrigado de qualquer disciplina até à hora do jantar; e, a seguir, pôs-se de pé. As mulheres e os outros homens também se levantaram; e, como se não estivessem acostumados a outras normas, todos trataram de se divertir, inclinando-se cada qual para o jogo de sua preferência. Quando chegou a hora do jantar, todos se sentaram às mesas, com infinito prazer. Após o jantar, o grupo cantou, tocou e dançou. Quem conduzia a dança era a Laurinha; por isto, o Rei ordenou que Fiammetta cantasse uma canção. E ela, com muito boa vontade e grande espírito, começou a cantar:

*Se o amor viesse sem o ciúme,
Não sei de mulher já nascida
Que seria mais feliz do que eu, fosse ela quem fosse.*

*Se a juventude alegre
Deve a mulher gozar com um belo amor;
Se o prestígio da virtude,*

*Do arrojo, ou do heroísmo,
Da prudência, das maneiras, ou do falar florido,
Ou ainda das dedicações absolutas,
Assim se consegue, eu sou aquela, por certo,
Que, estando enamorada, e para sua salvação,
Tudo isso vê na sua própria esperança.*

*Visto, porém, que eu percebo,
Que as outras mulheres são tão esclarecidas como eu,
Eu tremo de medo;
Ainda assim, admitindo o pior,
Presumo que também as outras têm o desejo
Que me angustia a alma;
Desta maneira, o que é para mim suma ventura
Me faz suspirar, desconsolada,
E viver vida pecadora.*

*Se eu visse tanta fé,
No meu senhor, quanto é o valor que lhe reconheço,
Por certo não seria ciumenta;
Mas tanta coisa se vê,
Provocando a atenção dos homens que amam,
Que eu os considero todos réus.
Isto me desanima; e de bom grado eu morreria;
Suspeito de seja lá quem for que ele contemple,
E receio que ela me leve embora.*

*Peço, por Deus, portanto, a toda mulher,
Que não procure
Ultrajar-me no meu amor;
Porquanto, se houver mulher
Que, com palavras, acenos ou meiguices,
Agir, quanto a isto, em meu prejuízo,
E se eu o souber,*

*E se eu não conseguir conter-me,
Eu a farei chorar essa loucura.*

Assim que Fiammetta acabou de cantar a sua canção, Dioneio, que estava ao seu lado, disse, sorrindo:

— Senhora, a senhora faria uma grande gentileza se dissesse, a todos, qual é o seu amor, a fim de que ninguém, por ignorância, lhe tolha o privilégio, uma vez que, se lho tolherem, a senhora se enfurecerá tanto quanto diz a sua canção!

Depois desta, várias outras canções se cantaram. Como, porém, a noite se encontrava quase na sua metade, aprouve ao Rei que todos fossem repousar. No dia seguinte, ao surgir do sol, todos se levantaram; a essa altura, já o mordomo havia mandado embora tudo quanto lhes pertencia; o Rei serviu de batedor; e, atrás dele, todos regressaram a Florença. Os três moços deixaram as sete mulheres na igreja de Santa Maria Novella, de onde haviam partido na companhia delas; ali se despediram; outros prazeres os esperavam; e, quanto a elas, quando lhes pareceu oportuno, voltaram para as respectivas casas.

CONCLUSÃO DO AUTOR



obilíssimas jovens, para cujo consolo eu pus mãos a uma tão longa tarefa: acredito que, tendo-me ajudado a divina graça, como é minha convicção, mais pelos seus rogos piedosos, do que pelos meus méritos, consegui levar plenamente a termo aquilo que, no começo da presente obra, prometi fazer. Por este motivo, agradeço primeiramente a Deus; depois, a vocês; e julgo, a seguir, que se deva dar descanso à pena, bem como à mão cansada. Antes, porém, que eu conceda este repouso, desejo responder a algumas perguntas formuladas talvez em silêncio; são respostas breves, relativas a algumas coisinhas que provavelmente uma ou outra de vocês, ou qualquer outra pessoa, poderia dizer ou pensar; esclareça-se, preliminarmente, entre parênteses, que se me afigura indubitável que estas coisinhas não são privilegiadas, nem merecem atenção mais especial do que as outras; aliás, recordo-me de já o haver demonstrado no começo da quarta jornada.

É possível que, porventura, algumas de vocês digam que eu, ao escrever estas novelas, fiz uso de excessiva liberdade; consistiu esta liberdade, por exemplo, em levar as mulheres, uma ou outra vez, a proferir, e mais frequentemente a ouvir coisas que não são as mais convenientes de serem ditas, ou mesmo de serem ouvidas, por mulheres honestas. Nego, terminantemente, que eu haja feito isto. Do que eu disse, nenhuma coisa chega a ser tão desonesta, a ponto de ser desaconselhada aos ouvidos de quem quer que seja, desde que seja formulada com vocábulos honestos. Afigura-se-me que, nesta obra, levei a termo essas coisas de modo extremamente decoroso.

Imaginemos, entretanto, que assim seja, isto é, que seja como se me acusa de ter sido; não pretendo entrar em polêmica com vocês, porque vocês me venceriam; para responder e explicar o motivo pelo qual eu assim procedi,

digo-lhes que muitos argumentos, a meu favor, surgem de imediato. Em primeiro lugar, se algo de indiscreto aparece, é a qualidade de certas novelas que o exige; se o que houver de indiscreto for contemplado com olhos compreensivos, de pessoa esclarecida, logo se evidenciará que, se eu o tolhesse do contexto das narrativas que integra, não o poderia contar por outra forma. Se, ainda assim, existe alguma partícula de inconveniência nas mencionadas novelas — tal como uma ou outra palavrinha mais desembaraçada do que a que fique bem em boca de mulher hipócrita —, asseguro-lhes que culpa maior não me deve ser atribuída; as mulheres hipócritas pesam mais as palavras do que os fatos, e mais se esforçam no sentido de parecer bondosas do que no sentido de realmente o serem; ademais, nada do que eu disse fica mal em boca de homens e de mulheres que passam os dias a dizer “buraco”, “caravelho”, “pilão”, “mão de pilão”, “linguiça” e “mortadela” — e que vivem o tempo todo cheio de coisas semelhantes.

Acresce que não se deve conceder, à minha pena, autoridade menor do que a que se concede ao pincel do pintor. O pintor, sem e mais leve censura, ou, em todo caso, sem censura justa, faz com que São Miguel fira a serpente, com a espada ou com a lança, onde melhor lhe parece; e o mesmo ocorre em se tratando de São Jorge, ao ferir o dragão; mas ele, o pintor, faz Cristo macho e Eva fêmea; e o próprio Cristo, Senhor que desejou morrer na cruz para salvação da humana espécie, o pintor O pinta com os pés pregados no madeiro, ora com um prego, ora com dois.

Bem se pode ver que estas coisas não são ditas na Igreja, de cujos fatos só se deve falar com espírito e com vocábulos honestíssimos; não importa que, nas suas histórias, compostas de modo diverso daquelas que são compostas por mim, muitas das referidas inconveniências possam ser encontradas; estas inconveniências não são encontradas, igualmente, nas escolas dos filósofos, onde a honestidade é exigida tanto quanto em outros lugares; as mesmas inconveniências não foram postas, por mim, entre clérigos, nem entre pensadores, em lugar algum; foram formuladas entre jardins, em ponto de recreio, em círculo de pessoas jovens, embora ajuizadas e não influenciáveis por narrativas, numa época em que o próprio andar com as bragas à cabeça, por diversão, não constituiria motivo de desdouro, nem mesmo para os indivíduos mais honestos.

As inconveniências, se é que o são, e sejam elas quantas forem, podem ser nocivas ou úteis, exatamente como todas as outras coisas, tudo dependendo da condição de quem as ouve. Quem é que não sabe que o vinho, sendo bebida

excelente para os vivos e sãos, ao critério de Cinciglione, Scolajo e outros, é, não obstante, nocivo a quem está com febre? Deveremos, então, dizer que aquilo que faz mal aos febrentos não presta? Quem não sabe que o fogo é utilíssimo, e até necessário aos mortais? Deveremos dizer, então, que, porque ele queima casas, vilas e cidades, é ruim? As armas, de igual maneira, defendem a vida daqueles que desejam viver em paz; mas também, inúmeras vezes, elas matam os homens; entretanto, matam, não por malvadeza delas próprias, e sim por via de crueldade daqueles que delas fazem uso.

Nenhum espírito corrompido jamais compreendeu saudavelmente qualquer palavra sã. Assim como as palavras honestas não beneficiam o espírito perverso, assim também as palavras que não são honestas de mais não podem contaminar a mente bem formada; chegam a ela como ao loto os raios solares, ou como as belezas do céu às fealdades terrenais.

Que livros, que palavras, que letras são mais santos, mais dignos, mais merecedores de reverência do que os que compõem a divina Escritura? Contudo, muitas pessoas houve que, entendendo-os em sentido perverso, se lançaram à perdição, arrastando outros seres consigo. Cada uma das coisas que existem é boa para algum fim, podendo ser nociva para muita gente, quando mal empregadas.

Devo dizer o mesmo a propósito das minhas novelas. O indivíduo que quiser extrair, delas, um conselho perverso, ou uma sugestão para uma operação malvada, não poderá ser impedido por elas mesmas, porque a malvadeza já está nesse indivíduo, com toda probabilidade, e ele faz questão, a torto e a direito, de a pôr em prática. Se, porém, o indivíduo quiser extrair, das aludidas novelas, utilidade e fruto, elas, as novelas, não lhes negarão; de resto, as minhas novelas não serão julgadas e consideradas, nunca, senão úteis e honestas, se forem lidas em relação aqueles tempos e aquelas pessoas, nos quais e para as quais foram contadas. Quem tiver de dizer padre-nossos, ou de fazer chouriço de sangue de porco, ou de preparar tortas, para o seu confessor preferido, que as deixe de lado; elas não correrão atrás de ninguém, para serem lidas, embora seja necessário asseverar que os espíritos hipócritas dizem e até fazem, de quando em quando, coisas muito piores!

Haverá, semelhantemente, pessoas que dirão que existem aqui algumas novelas que, se não existissem, tornariam a obra melhor. Concorde-se com isso. Eu, porém, não podia, nem devia, escrever, a não ser as novelas contadas; se os que deviam contá-las as tivessem feito belas, eu também as escreveria belas. Mesmo, entretanto, que se queira pressupor que eu tenha sido tanto o inventor

como o escritor delas — coisas que não fui —, afirmo que eu não me envergonharia do fato de nem todas elas serem bonitas; e isto porque não se encontra mestre algum — afora Deus — que faça todas as coisas bem-feitas e definitivas; Carlos Magno, que foi o primeiro criador dos Paladinos, não conseguiu criar tantos deles, a ponto de com eles poder constituir um exército. Na multidão das coisas, convém que se encontrem diversificações da qualidade delas mesmas. Nenhum campo foi, jamais, tão bem cultivado, a ponto de nele não medrarem a urtiga, ou os trébulos, ou alguma sarça, por entre as suas melhores plantas. Acresce que, quando se tem de falar a juvenzinhas simples, como vocês são na maior parte, seria tolice esforçar-se e andar à procura de episódios altamente requintados, e também cuidar excessivamente da medida no linguajar. Todavia, quem passar por estas novelas, lendo-as, que deixe de lado aquelas que picam, e que leia tão somente aquelas que deleitam. Todas as novelas trazem, no começo, para que ninguém se engane, a indicação daquilo que elas no seu contexto possuem.

Ainda mais, creio que aparecerá quem diga que, entre estas novelas, aparecem algumas que são excessivamente longas. A isto, digo sempre que a pessoa que tem outras coisas para fazer comete uma loucura se se põe a ler estas novelas, sejam elas breves ou não. Embora já se haja passado muito tempo, a partir de quando eu comecei a escrevê-las, até a este momento em que chego ao fim do meu labor, nunca me saiu do espírito o fato de eu oferecer o produto do meu trabalho às pessoas ociosas, e não às outras; a quem lê para passar o tempo, coisa alguma pode ser longa, desde que essa coisa concorra para ele fazer o que deseja. As coisas breves se indicam mais para os estudantes, os quais se esforçam, não para passar o tempo, e sim para o transcorrer utilmente; indicam-se menos, porém, para vocês, mulheres, às quais sobra todo o tempo que não empregam em prazeres amorosos. Além disto, uma vez que nenhuma de vocês vai estudar em Atenas, nem em Bolonha, nem em Paris, a gente deve falar a vocês muito mais prolixamente do que se fala a pessoas que têm o entendimento aguçado pelos estudos.

Também não duvido ainda que existam mulheres que dirão que as coisas relatadas estão muito cheias de motejos e pilhérias, e que não fica bem, a um homem ponderado, pesado e grave, o haver escrito por essa forma. A estas mulheres, vejo-me induzido a render graças, porquanto, agindo com excessivo zelo, se interessam e se enternecem pela minha fama. Contudo, à oposição que elas fazem, respondo assim:

Eu confesso que sou ponderado; muitas vezes, em minha vida, o tenho sido; por isto, falando aquelas que não me pesaram bem, afirmo que não sou grave, isto é, dotado de grande peso; ao contrário; sou tão leve, que flutuo na água. Se se considerar que as prédicas proferidas pelos frades, para fazer com que os homens tenham remorsos de suas culpas, se apresentam, hoje, na maioria das vezes, repletas de ditos e de chanchadas, e também de brejeirices, perceber-se-á que bem andei julgando que esses mesmos ditos e essas mesmas chanchadas não ficariam mal nas minhas novelas; estas novelas foram escritas para expulsar a melancolia das mulheres. Em todo caso, se elas rirem muito por isto, o Lamento de Jeremias, a Paixão do Salvador e o Queixume da Madalena as poderão facilmente curar.

E quem se preocupa com a circunstância de poderem existir ainda mulheres que dirão que eu possuo língua venenosa e má, só por eu escrever, num ou noutro lugar, a verdade em torno dos frades? A estas que assim falarem, será preciso perdoar, porque não se pode crer que elas sejam impelidas por outro motivo, a não ser pela convicção de que os frades são boas pessoas e fogem do desconforto pelo amor de Deus; assim, eles fazem das suas, de acordo com as possibilidades, mas sem dizer nada a ninguém. Se não fosse a circunstância de um pouco de todos nós provir do que é caprino, o prato que eles oferecem seria muito mais gostoso. Confesso, não obstante, que as coisas deste mundo não têm estabilidade alguma; encontram-se sempre em movimento e em mutação; e assim pode também ter acontecido à minha língua; eu não acredito no meu julgamento; e, nos meus assuntos, procuro, tanto quanto possível, fugir da necessidade de julgar; mas, ainda não faz muito tempo, uma certa vizinha minha me disse que eu possuo a melhor e mais doce língua do mundo. Na verdade, quando isto aconteceu, poucas novelas, dentre as acima referidas, ainda estavam para ser escritas. Visto que as mencionadas mulheres discutem animosamente, desejo que o que aqui fica dito baste, a título de resposta.

Deixando já agora que cada qual entre as mulheres diga e creia o que bem lhe parece, é tempo de se pôr fim às palavras. Agradeço, humildemente, àquele que, depois de tão longo esforço, me conduziu, com o seu auxílio, ao fim desejado. E vocês, agradáveis mulheres, vivam com a paz de Deus e recordem-se de mim, se, por alguma coisa, alguma das minhas novelas lhes proporcionou a recompensa de a terem lido.

*Aqui termina a décima e última jornada do livro chamado O Decamerão,
cognominado “Príncipe Galeotto”.*

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Pedro Staite

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Frederico Hartje

Luiz Werneck

Roberto Jannarelli

Sabrina Primo

Stella Carneiro

PROJETO GRÁFICO

Larissa Fernandez Carvalho

DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

CAPA

Rafael Nobre

PRODUÇÃO DO EBOOK

Ranna Studio



Box Em busca do tempo perdido

Proust, Marcel

9788520941140

2472 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em busca do tempo perdido é uma das maiores criações da literatura mundial. Dividida em sete livros, a obra-prima de Marcel Proust foi publicada entre 1913 e 1927, e sua beleza e força vão se revelando cada vez mais impactantes com o correr dos anos. A presente edição da Nova Fronteira conta com a primorosa tradução de Fernando Py e é dividida em três partes. Uma obra monumental, que deixou marcas eternas na literatura.

[Compre agora e leia](#)



Só um minutinho

Zigg, Ivan

9788520936153

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um porquinho que quer sempre adiar as coisas, nem que para isso tenhamos que esperar só um minutinho... Você também faz isso? Um minuto é muito? É pouco? Ou o tempo suficiente para se terminar uma tarefa, acabar de se vestir para a festa ou concluir o raciocínio? Só um minutinho, do ilustrador e autor premiado Ivan Zigg, é um livro instigante para as primeiras leituras de qualquer criança. Explorando amplamente o lúdico imaginário infantil, Só um minutinho proporciona aos pequenos leitores novas descobertas sobre o tempo, sobretudo neste cotidiano tão acelerado em que vivemos. As narrativas visuais e o texto curto em letra maiúscula despertam o repertório visual e linguístico da criança.

[Compre agora e leia](#)

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
& Paulo Rónai

Mar de Histórias

ANTOLOGIA DO CONTO MUNDIAL



VOLUME 5

O realismo



O Realismo

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda

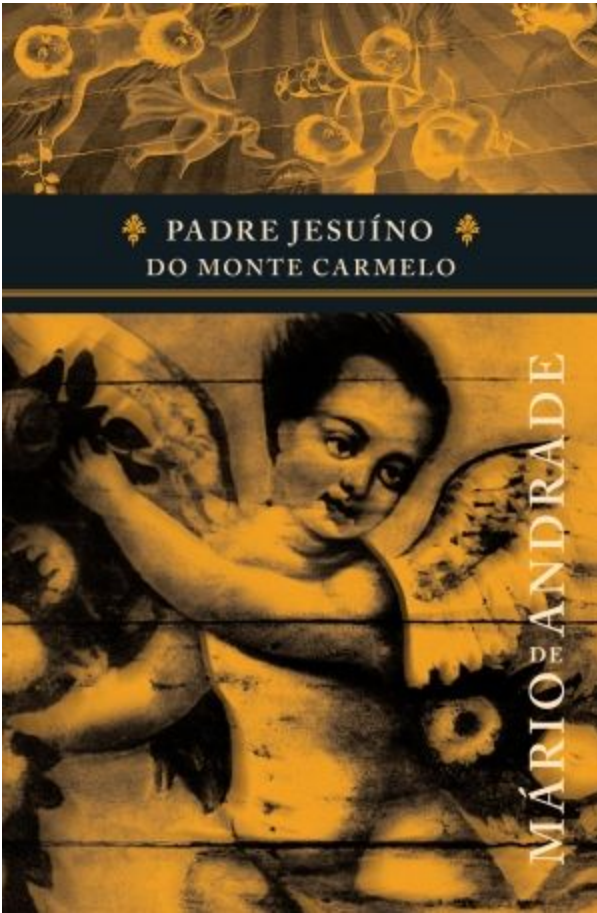
9788520937730

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Coleção Mar de Histórias: antologia do conto mundial é composta por 10 volumes independentes que contém, nada menos, que 239 contos, de 192 autores escolhidos entre os melhores de 41 países. A expressão Mar de Histórias foi tirada do título, em sânscrito, Kathâsaritsâgara, de uma antiga coletânea da Índia, do século XI. A sua tradução significa isso mesmo: "mar formado pelos rios de histórias". A obra foi organizada há mais de quarenta anos por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, dois dos maiores tradutores e estudiosos da Literatura Mundial em todos os tempos e gêneros. O leitor que fielmente vem acompanhando esta longa viagem através dos mares de histórias já foi avisado de que os rótulos em cada um dos volumes indicam apenas tendências gerais, e de modo algum representam uma classificação rigorosa. É o que se dá com o subtítulo deste volume, o realismo. O advento dessa corrente nas literaturas menores ocorre algum tempo depois de seu triunfo nas principais; daí o elemento romântico apresentar-se no conto, por exemplo, de Mór Jókai (com quem, aliás, desponta a literatura húngara, de forte veio narrativo). Por outro lado, o realismo ramifica-se em correntes: nada mais diverso de um conto de Flaubert do que um de Tchekov. Afinal, o temperamento do escritor também conta: há os que são românticos de nascimento, conquanto não o sejam de escola e de época; é o caso de um Villiers de l'Isle-Adam. Caracteriza-se o presente volume pela inclusão de gigantes do conto, os quais, por sua importância, comparecem com várias peças. Assim ocorre com Machado de Assis, grande mesmo entre os maiores. A escolha de suas quatro histórias, longamente discutida pelos organizadores da coletânea, revela a extrema variedade da sua produção novelística. O russo Anton Tchekov, criador do conto aparentemente leve e apenas esboçado, oposto ao máximo ao modelo maupassantiano, tão elaborado, tem conteúdo humano e trágico não menos forte.

[Compre agora e leia](#)



Padre Jesuíno do Monte Carmelo

Andrade, Mário de

9788520933480

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nesta obra, Mário de Andrade apresenta um estudo apaixonado sobre a obra deste homem que foi antes de qualquer coisa um artista e religioso. Considerado pelo próprio Mário como seu `maior esforço em crítica de artes plásticas`, este livro resgata minuciosamente o trabalho de Padre Jesuíno, por meio de obras conhecidas do grande público e de arquivos de família e documentos obscuros.

[Compre agora e leia](#)

*Adaptação
do romance de
Júlio Verne*

CONY

*carlos
heitor*

*Um capitão
de quinze
anos*



Um capitão de quinze anos

Cony, Carlos Heitor

9788520940044

216 páginas

[Compre agora e leia](#)

EXCLUSIVO EM EBOOK! Sobre Carlos Heitor Cony: Estreou na literatura ganhando por duas vezes consecutivas o Prêmio Manuel Antônio de Almeida. Ganhou em quatro ocasiões o Prêmio Jabuti na categoria Romance, duas vezes o Prêmio Livro do Ano da Câmara Brasileira do Livro e o Prêmio Nacional Nestlé de Literatura. Em 1998, foi condecorado pelo governo francês com a L'Ordre des Arts et des Lettres. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em março de 2000. Sobre Júlio Verne (1828-1905): Considerado um dos pioneiros da ficção científica, notabilizou-se por histórias repletas de peripécias e pela capacidade de antecipar na ficção as transformações que a tecnologia tornaria possível no mundo moderno. Em 1863, publicou seu primeiro romance, Cinco semanas em um balão. A mistura de aventura e especulação futurística resultou numa obra irresistível de 28 livros, na qual se destacam, além de Um capitão de quinze anos (1878), os romances Viagem ao centro da Terra (1864), Da Terra à Lua (1864), Vinte mil léguas submarinas (1870) e A volta ao mundo em oitenta dias (1872). Quando uma terrível tragédia se abate sobre a tripulação do brigue-galeota Peregrino, o jovem Dick Sand se vê obrigado a assumir o comando do navio e conduzir a família Weldon de volta a São Francisco, nos Estados Unidos. Mas uma conspiração nefasta pretende colocar tudo a perder. Com a competente adaptação do clássico de Júlio Verne por Carlos Heitor Cony, as novas gerações de leitores passarão a conhecer esta história repleta de intrigas, reviravoltas e muitas aventuras, passada em pleno século XIX.

[Compre agora e leia](#)